ÁSIA

DE

JOÃO DE BARROS

QUARTA DÉCADA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

ÁSIA
DE
JOÃO DE BARROS

ÁSIA
DE
JOÃO DE BARROS

ÁSIA

DE

JOÃO DE BARROS

Dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente

QUARTA DÉCADA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

INTRODUÇÃO

Três das Décadas da Ásia tinham sido publicadas quando João de Barros morreu em 1570. Quanto à Década quarta, que ele garante já ter gizado desde há longa data — «ao presente ano de 1539, onde acabámos de cerrar o número de quarenta livros, que compõem quatro Décadas, que quisemos tirar à luz, por mostra de nosso trabalho»[1] —, deixou-a, inacabada, aos cuidados do seu filho primogénito Jerónimo de Barros, assim como todo o precioso espólio literário a que faz referência especial no seu testamento. «Todos os meus papéis e tudo o que tenho escrito e composto deixo a [...] lhe peço que trabalhe para vir à luz e estime tudo segundo o trabalho que me tem custado»[2].

De todo este conjunto de papéis, que integrava peças tão importantes como a célebre Geografia, a Crónica d'África e, possivelmente, apontamentos do Comércio ou Mercadoria, só a Década quarta viria a ser publicada em Madrid, 45 anos após a sua morte.

---

[1] João de Barros, Década primeira, livro I, capítulo I, 4.ª edição, revista e prefaciada por António Baião, conforme a edição princeps. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932, p. 10. Nesta citação, assim como nas restantes, procedeu-se à actualização da ortografia.

[2] António Baião, Documentos inéditos sobre João de Barros, Lisboa, Academia das Ciências, 1917, p. 69.

DAS VICISSITUDES POR QUE PASSOU O RASCUNHO DA DÉCADA QUARTA *À PUBLICAÇÃO DE DUAS* DÉCADAS QUARTAS DA *ÁSIA*.

Jerónimo de Barros poucos anos sobreviveria a João de Barros. Procurou, no entanto, e dentro das suas limitações, dar resposta ao apelo de seu pai, no que foi apoiado por sucessivos monarcas. Sabe-se que D. Sebastião, em 27 de Julho de 1576, lhe fez mercê de 20 000 reais por ano, durante quatro anos, e de 100 000 reais «em hum alvitre ou tomadia», para recompensá-lo do trabalho de «tirar a limpo e pôr em ordem» as obras que seu pai deixara por acabar[3], *e que, posteriormente, quer o cardeal D. Henrique quer Filipe I também envidaram esforços para que ele levasse a bom termo esta tarefa*[4].

Parece que, pelo menos no que se refere à Década quarta, *Jerónimo de Barros tinha concluído o seu trabalho em 1578, tendo, inclusivamente, conseguido as licenças necessárias para a sua publicação*[5]. *Frei Mariano Azaro, carmelita descalço espanhol, que esteve em sua casa, deixou testemunho abonatório do seu labor, em carta datada de Lisboa, 9 de Outubro de 1583: «La*

---

[3] *Idem*, ibidem, *p. 108*.

[4] *António Baião, «Introdução» à ed. cit. da* Década primeira *de Barros, p. LXVI*.

[5] *António Baião,* Documentos ..., *p. 112*.

4.ª década del Ásia y escrevi a V. S. Ilustríssima que esta entera y revista del mesmo autor. Creo que presto saldra à luz»[6]. *Presumimos ser este o manuscrito que, mais tarde, é várias vezes referido na correspondência trocada entre Filipe II e D. Pedro de Castilho, vice-rei de Portugal, quando, em 1605/1606, se envidavam esforços para que Duarte Nunes de Leão devolvesse todos os materiais da* Década quarta *de Barros que lhe tinham sido confiados. Nessa correspondência, o monarca espanhol afirma que tinha informação de que fora entregue a Duarte Nunes de Leão um manuscrito contendo a* Década quarta *«inteira, escrita de boa letra, e encadernada em couro negro e que assi a tinha Jerónimo de Barros, filho do dito João de Barros, para apresentar a El-Rei meu senhor e pai que Deus tem [refere-se naturalmente a Filipe II de Espanha, I de Portugal], com um prólogo e dedicação sua»*[7]. *Não logrou, todavia, Jerónimo de Barros imprimir este texto, apesar de, para o efeito, ter solicitado um subsídio real de 3000 cruzados*[8].

---

[6] *Charles R. Boxer,* João de Barros — Portuguese Humanist and Historian of Asia; *New Delhi, XCHR Studies series, n.º 1, 1981, p. 131 e p. 135, notas 1 e 6. Citação colhida na nota 6, p. 35.*

[7] *António Baião, «Introdução», pp. LIX-LXV, especialmente doc. XII.*

[8] *António Baião,* Documentos..., *p. 112.*

Cerca de cinco anos após a morte de Jerónimo de Barros, ocorrida em 1586, sabe-se que a sua viúva vendeu parte dos inéditos de João de Barros, que, por ordem de Filipe I, foram entregues a D. Fernando de Castro Pereira, «fidalgo de grandes partes, e muito douto nas letras humanas, o qual, por falecer daí a pouco tempo, os não pode aperfeiçoar»[9]. *Com a morte D. Fernando, o espólio que lhe fora confiado foi desmembrado. Os materiais da* Geografia *foram parar às mãos dos Jesuítas de S. Roque e os relativos à* Década quarta *foram entregues a Duarte Nunes de Leão para que os preparasse para publicação*[10]. *A darmos crédito ao testemunho deste, não foi o manuscrito desta* Década *reformado pelo filho de João de Barros que lhe foi entregue, mas sim os fragmentos deixados pelo próprio autor: «obra [...] falta e errada em muitas partes e sobretudo faltada em muitas e em outras encontrada, como são borrões de quem começa uma obra e vai cuidando nela, cuja emenda haverá poucos homens que se atrevam a fazer, porque às vezes cumpre adivinhar a tenção do autor»*[11].

Mal sabia Duarte Nunes de Leão que entretanto outro homem, extremamente rápido na composição — Diogo do Couto —, se lançava paralelamente a escre-

---

[9] *Manuel Severim de Faria,* Discursos vários políticos, *Évora, 1624, ff. 32-52 v. e António Baião,* Documentos ... *p. 41.*

[10] *Idem,* ibidem.

[11] *António Baião, «Introdução», p.* LXVIII.

ver a narrativa dos feitos portugueses no Oriente no âmbito de tempo abarcado pela Década ainda inédita de Barros, portanto uma outra Década quarta da Ásia! E o que é mais curioso é que a ideia desta iniciativa não partira de Couto, mas do mesmo monarca que encarregara Duarte Nunes de Leão de pôr em estado de se imprimir a Década quarta de Barros. Sabe-se hoje que quando Diogo do Couto se ofereceu a Filipe I para o cargo de cronista da Ásia, primeiro em 1585 e depois em 1593, foi para redigir uma «Crónica Geral de todas as coisas sucedidas neste Oriente, desde o dia que Vossa Majestade [Filipe I] nele foi jurado por rei»[12]. Só que o monarca, ao aceitar a sua proposta em 1595, lhe encomendou recuasse no tempo e retomasse «a obra dos feitos dessas partes, desde o dia que os acabou d'escrever João de Barros»[13].

A formulação não é muito clara. Pode-se, em consequência, admitir que Filipe I, ao lançar este repto a Diogo do Couto tivesse em mente que este deveria arrancar no tempo da Década quinta. Não o entendeu assim Diogo do Couto, talvez porque, longe da terra natal há muitos anos, nada sabia dos esforços que, entretanto, aí se faziam para publicação do inédito de Barros.

---

[12] António Coimbra Martins, «Sobre a génese da obra de Diogo do Couto (1569-1600) — uma carta inédita», Arquivos do Centro Cultural Português, vol. VIII, Paris, FCG, 1974, pp. 131-174.

[13] «Carta de Filipe I a Diogo do Couto», pub. Década sétima da Ásia, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1616.

Por isso, lançou de imediato mãos à obra, e em bem pouco tempo, cerca de dois anos, já tinha prontas duas Décadas da Ásia — a sua Década quarta *e a* Década quinta [14].

A reacção de Duarte Nunes de Leão, quando estes manuscritos chegaram a Portugal, não se fez esperar. Primeiro porque, assevera, já tinha a Década quarta *de Barros reformulada, revista pelo jesuíta Pedro Paulo Ferrer e com licenças de impressão passadas pela Inquisição. Segundo, porque em seu entender, o autor da nova* Década quarta *— «um homem que se chama Couto» — não tinha autoridade para escrever. Terceiro, porque o trabalho produzido por Couto não tinha qualidade, valendo-se para tal afirmação do testemunho de Miguel de Moura que, segundo ele, lhe teria mostrado, indignado, os erros contidos no livro de Couto.*

Conclusão: era necessário embargar a impressão da Década quarta da Ásia *de Diogo do Couto* [15].

Os argumentos de Duarte Nunes de Leão não caíram em cesto roto, pois na correspondência remetida pelo monarca para a Índia, quer para o recém-nomeado cronista quer para os governantes do Estado, capta-se que o entusiasmo e apoio inicial foi dando lugar a uma atitude mais cautelosa e até de suspeição relativamente não só à «pureza de sangue» de Couto, como também às suas

---

[14] *«Epístola dedicatória» da* Década sétima, *ed. cit.*

[15] *António Baião, «Introdução», p.* LIX.

capacidades e competência literárias[16], *e a prova mais cabal reside no facto de que a* Década quarta, *que ele se apressara a enviar para o Reino em 1597, só em 1602 recebeu as licenças necessárias para impressão, ano em que, de facto, acabaria por ser publicada.*

Todavia, Couto não desistia, continuando a produzir a um ritmo verdadeiramente vertiginoso; por outro lado — o que talvez tenha tido mais peso — soube aproveitar-se do prestígio e poderes que lhe davam os seus novos cargos. Lembre-se que, em 1595, ele fora também nomeado responsável pela organização do arquivo da Torre do Tombo de Goa, o que significava que pelas mãos lhe passava a maior parte da documentação do Estado da Índia, por vezes até a que era confidencial, e que era a ele que competia a elaboração e confirmação das certidões de serviços tão necessárias àqueles que se deslocavam a Portugal a requerer mercês.

Por estas ou outras razões, o que é certo é que com Filipe II de Portugal a balança começou a pesar favoravelmente para o lado de Couto. Em 1602, o monarca expressa claramente apreço pelas suas crónicas — «Vi as Décadas da História da Índia que me mandastes, em que me hei por mui bem servido por vós, e do bom modo em que nisto procedeis, que vos encomendo muito vades continuando, e enviando-me tudo

---

[16] *A. Coimbra Martins,* art. cit., *p. 144 e referências documentais insertas.*

o que fores fazendo, para o mandar imprimir»[17] *— e, poucos anos depois, em 1605, Duarte Nunes de Leão vê-se confrontado com a ordem de restituição de todos os materiais da* Década quarta *de Barros que lhe haviam sido confiados.*

Recusando-se até ao final da sua vida, em 1608, a entregar o resultado do seu trabalho, ou seja, a reformulação da Década quarta *que asseverava ter concluído, Duarte Nunes de Leão acabou por devolver «dez cadernos rotos e maltratados», a que faltavam as primeiras folhas dos livros I a V*[18]. *Deduz-se, pela descrição que deles fez posteriormente João Baptista Lavanha, que estes dez cadernos constituiriam uma espécie de pasta ou «dossier» em que estavam arrumados, por anos, os materiais coligidos por João de Barros para a composição da* Década quarta, *e, eventualmente, aqueles que o seu filho carreara para o mesmo efeito. Quanto ao caderno em couro preto que conteria a versão reformulada por Jerónimo de Barros, perdeu-se-lhe o rasto. Foram várias e insistentes as ordens de Filipe I no sentido de o reaver, as quais estiveram na origem de copiosa troca de cartas entre Lisboa e Madrid, nos anos de 1605 a 1608. Debalde se tentou junto de Duarte Nunes de Leão. Chegou-se, por sugestão deste último, a admitir*

---

[17] *«Carta de Filipe I a Diogo do Couto», pub.* Década sétima, *ed. cit.*

[18] *António Baião, «Introdução», pp.* LIX-LXV.

ter ido parar a S. Roque, às mãos dos jesuítas, misturado com os papéis da Geografia, *mas também aí não foi encontrado. Um dos homens envolvidos neste processo — o vereador Dr. Francisco Cardoso — estava convencido de que o dito caderno estava em posse de Duarte Nunes de Leão e que este nunca o restituiria, porque «como tem composta outra* [Década quarta] *pretenderá que não apareça para que haja somente a sua»*[19].

Os «dez cadernos rotos e maltratados» devolvidos por Duarte Nunes de Leão foram, de imediato, remetidos para Madrid e entregues a João Baptista Lavanha, que já era depositário também da Geografia *de João de Barros, e que, a partir deles, organizou o texto suporte da daquela que viria a ser a primeira edição da* Década quarta *de João de Barros.*

Todo este acidentado processo explica que tenham sido compostas e, num breve espaço de tempo, publicadas duas Décadas quartas da Ásia, cujas narrativas cobrem sensivelmente o mesmo período da história dos portugueses no Oriente: a de Diogo do Couto, saída das oficinas de Pedro Crasbeeck, no Colégio de Santo Agostinho de Lisboa, em 1602, correspondendo ao período que vai de 1526 a 1536; a de João de Barros, reformulada por João Baptista Lavanha, publicada pela Impressão Real de Madrid, em 1615, abarcando os anos de 1526 a 1538.

---

[19] *Idem,* ibidem, *p.* LXV.

A DÉCADA QUARTA DA ÁSIA *DE JOÃO DE BARROS E DE JOÃO BAPTISTA LAVANHA*

Foi, em consequência, o cosmógrafo e cronista João Baptista Lavanha o responsável pela edição da Década quarta *que a Imprensa Nacional agora apresenta em fac-símile.*

Os materiais em que se apoiou foram inequivocamente aqueles que tinham sido restituídos por Duarte Nunes de Leão — «dez cadernos... rotos, faltos, escritos a pedaços de varia letra, e tão imperfeitos, como trabalho de que era aquele o primeiro pensamento, e em que só se pusera a primeira mão»[20].

Nas palavras introdutórias que dirige «aos que lerem esta Quarta Década», especifica, clara e concisamente, a metodologia seguida na organização da edição[21]:

— *Acrescentou, com a aprovação de um ministro régio, capítulos inteiros e grandes pedaços de outros, tendo o cuidado de assinalar, entre comas, estas interpolações*[22];

---

[20] *João Baptista Lavanha, «Aos que lerem esta quarta Década»,* Década quarta *de Barros,* p. 4 do fac-símile da presente edição.

[21] *Idem,* ibidem.

[22] *Na edição da* Década quarta *da Régia Oficina Tipográfica (Lisboa, 1777), estas comas foram retiradas. As críticas mais severas ao trabalho de Lavanha partem precisamente dos autores que se basearam nesta edição. Sobre o assunto v. C. Boxer,* ob. cit., *pp. 112 e 127, notas 33 e 34.*

— *cortou, antepôs e propôs outros e cláusulas inteiras para melhor disposição do que neles se tratava;*
— *omitiu o desnecessário e repetido;*
— *elaborou notas extra-texto da* Década *para maior informação das coisas escritas por João de Barros e para notificar as suas diferenças relativamente a autores que escreveram sobre a mesma matéria;*
— *integrou três mapas (ilha de Java, reinos de Guzarate e de Bengala);*
— *actualizou alguns vocábulos caídos em desuso.*

Ressalva, todavia, que não aplicou estas regras à «Apologia de João de Barros em lugar de Prólogo», nem aos nomes da arte militar e fortificação.

No caso da «Apologia» assim procedeu porque a achou «entre outros papeis inteira, e escrita de sua mão (que o não eram os dez cadernos) [...] por conservar intacto o que este excelente varão, e honra de Portugal deixou acabado». Note-se que Charles Boxer considera esta «Apologia» um verdadeiro testamento literário de Barros[23].

Quanto aos topónimos, que designa por «nomes de arte militar e fortificação», moveu-o a preocupação de, em futuras reedições das precedentes Décadas *de Barros, nelas se poderem colocar, «como em lugar próprio, as notas e tábuas geográficas que nesta* [Década quarta] *se não puseram, por não ser seu».*

---

[23] *C. Boxer,* ob. cit., *p. 137.*

O produto final de todo este meticuloso e notável trabalho de João Baptista Lavanha resulta numa obra que excede em muito as dimensões das demais Décadas *de Barros. Nestas, o número de capítulos em que se subdivide cada livro oscila, em média, entre os 8/10, exceptuando os livros 1.º e 2.º da* Década primeira *que têm 16 e 2 capítulos, respectivamente; ao passo que na* Década quarta, *a média é de 22 por livro (o limite mínimo é de 16, no livro VIII, e o máximo de 27, no livro IV).*

Dez livros e 218 capítulos que abarcam cerca de doze anos da História da presença portuguesa no Oriente (1526-1538), ou seja, os governos de Lopo Vaz de Sampaio e de Nuno da Cunha. Para além da sucessão de episódios bélicos, destacam-se nesta Década: *a narrativa das violentas disputas entre Lopo Vaz de Sampaio e Pêro de Mascarenhas por causa da sucessão do governo do Estado da Índia, os muitos capítulos dedicados às Molucas, a cobertura de todo o processo negocial que levou ao estabelecimento de um castelo português em Diu e, também, do primeiro grande cerco que sofreu esta fortaleza. De destacar ainda as descrições de Java e de Guzarate, com detalhada informação sobre a geografia, a história, as instituições, a vida política e económica destas duas regiões.*

Difícil, talvez mesmo impossível, é saber onde acaba o trabalho de Barros e começa o de Lavanha, até porque este procurou imitar, quanto lhe foi possível, o es-

tilo de Barros. Charles Boxer pensa que se poderá atribuir a João de Barros cerca de um meio a dois terços desta Década [24].

Releva-se, por outro lado, duma leitura ainda que perfunctória desta obra, que Lavanha nela enxertou troços da Década quarta *de Couto, da* História do Descobrimento e Conquista da Índia *de Fernão Lopes de Castanheda e dos* Anais de D. João III *de Francisco de Andrade. Na sua maioria são interpolações assinaladas e localizadas pelo editor, o que abona da seriedade do seu trabalho. É natural que uma colação meticulosa destas três crónicas e de outras narrativas coevas com o texto da* Década *em causa venha a revelar outros aproveitamentos inconfessados por parte do editor. Seja como for, não se pode deixar de reconhecer o notável esforço de restauro levado a cabo por Lavanha, que resultou numa obra que Manuel Severim de Faria considerou com justeza «um dos melhores livros que hoje temos em nosso vulgar»* [25].

Especial relevo merecem as notas por ele elaboradas à margem do texto da Década. *Remissões, chamadas de atenção para as diferentes versões dum mesmo acontecimento em várias obras, identificações de nomes e de lugares, muitas vezes completadas com a correcta localização destes, informações sobre o estado em que*

---

[24] *C. Boxer,* ob. cit., *p. 12.*

[25] *Manuel Severim de Faria,* ob. cit., *f. 52v.*

se encontravam os papéis de Barros e, o mais importante sem dúvida, esclarecimentos ou complementos de informação, uns da sua própria lavra, outros redigidos a partir de recolhas feitas em autores clássicos ou seus contemporâneos; em todos, houve sempre a preocupação de registar o nome do autor e obra utilizados. Só para dar uma ideia do trabalho de pesquisa levado a cabo por João Baptista Lavanha para a realização destes comentários e anotações, indicam-se alguns dos autores mais frequentemente citados e utilizados: Ptolomeu, Plínio o Moço e Plutarco; Ortelius e Mercator; António de Herrera; Garcia de Orta e Cristóvão da Costa; António Galvão, Lopo de Sousa Coutinho, P.e João Lucena, Fernão Mendes Pinto, frei António de Gouveia, frei João de Santos, P.e Fernão Guerreiro, para além dos já referidos, Fernão Lopes de Castanheda, Francisco de Andrade e Diogo do Couto.

Concluindo, penso que o importante e meritório trabalho realizado por Lavanha merece que o consideremos também autor desta Década quarta da Ásia, *como aliás outros o fizeram antes de nós. Recordo que Georg Schurhammer, sempre que a cita, atribui-lhe a dupla autoria [Barros/Lavanha]. Outros méritos têm de ser reconhecidos a João Baptista Lavanha — foi o primeiro erudito que se abalançou a fazer uma edição anotada e comentada de uma Década da Ásia.*

M. Augusta Lima Cruz

FAC-SÍMILE

QVARTA DECADA
DA ASIA
DE IOAÕ DE BARROS

Dos feitos que os Portugueſes fizeraõ no deſcobrimento, e conquiſta dos mares, è terras do Oriente.

**com notas de
Ioaõ Baptista Lauanha**

Em Madrid na Impreſsão Real.

M. DC. XV.

QVARTA DECADA

DA ASIA

DE IOÃO DE BARROS.

DEDICADA

A EL REI DOM PHILIPPE II.

NOSSO SENHOR.

REFORMADA ACCRESCENTADA

E ILLVSTRADA

COM NOTAS

E TABOAS GEOGRAPHICAS

POR

IOÃO BAPTISTA LAVANHA.

TASSA.

YO Iuan Gallo de Andrada Escriuano de Camara del Rey nuestro Señor de los que residen en su Consejo, certifico, y doy fee, que auiendose visto por los Señores del vn libro de la Quarta Decada de Iuan de Barros, compuesto por Iuan Bautista Lavaña: tassaron cada pliego del dicho libro a seys marauedis, el qual tiene ciento y ochenta y nueue pliegos, que a los dichos seys marauedis cada vno, monta el dicho libro, mil ciento y treynta y quatro marauedis, en que se ha de vender en papel. Y mandaron, que la tassa se ponga al principio del dicho libro, y no se pueda vender sin ella, y para que dello conste, di la presente en Madrid a diez y ocho dias del mes de Iulio de mil y seyscientos y quinze años.

Iuan Gallo de Andrada.

ERRATAS.

PAgina 7. renglon 37. pag. 34. reng. 13. y pag. 45. reng. 23. mas, mais, pag 51. reng. 25. derieta, dereita, pag. 62. reng. 1. Novbéro, Novébro, pag 71. reng. 19. Sexas, Seixas, pag 150. reng 4. oura, outra, pag. 241. reng. 16. parres, partes, pag. 257. reng. 5. nesta hũa travesta, nesta travessa, pag. 464. reng. 39. estavava, estava, pag. 467. reng 18. nao, nâo. pag. 638 reng. 32. Baiato, Baiazeto, pag. 676 reng. 24. Susa, Sousa, pag. 697. reng. .o. graode, grande, pag. 695. Faltan comas a la margen de los primeros treze renglones.

Erratas de las notas.

PAg. 5 N. a. R. 9. patnxe. pataxe, pag. 59. N. a. R. 10. Xcrez, Xerez, pag. 61. N b. R. 11. morco, morteo, pag. 174 N. b. R. 44. significão, significação, pag. 148: N. a. R 20. qno, que, pag. 519. N. a. R 3 muitso, muitos, pag. 632. N. a. R. 1. quinhentos cruzados, quinhentos mil cruzados, pag. 641. N. b. R. 19 bara, barta.

Este libro intitulado Quarta Decada de Asia de Iuan de Barros con estas erratas corresponde con su original. Dada en Madrid a 12. de Iulio de 1615. años.

El Licenciado Murcia de la Llana.

Summa dos Privilegios.

SVa Magestade concedeo a Ioão Baptista Lavanha seus Reaes privilegios pelas Coroas de Castella, & Portugal, para q̃ por espaço de dez annos possa imprimir esta Quarta Decada, e sem seu poder nenhũa outra pessoa o possa fazer na lingoa Portuguesa, nem em outra alguã, nem trazer de fora impresso, sem encorrer nas penas referidas nos dittos privilegios, hum despachado por Ioão Gallo de Andrada Secretario do Conselho Real a xv. de Novembro de 1614. E o outro despachado por Francisco Pereira de Betancor Escrivão da Camara de sua Magestade a 14. de Maio de 1615. años.

A ELREI NOSSO SENHOR.

Senhor.

QVARTA Decada da Asia de Ioão de Barros, que V. Magestade me mandou reformar, he esta, que se offerece aos Reaes Pès de V. Magestade, passados quasi cinquoenta annos, que seu Autor a escreveo, & per morte deixou imperfeita. Com a muita mercè, que de V. Magestade recebe Portugal, & a memoria de Ioão de Barros renovada com esta sua Decada, alcança elle morto, mais illustre nome, do que vivo pudera desejar: E os Portugueses, que naquellas Regiões Orientaes derramarão seu sangue, & perderão suas vidas em serviço dos Reis d'aquelle Reino Antecessores de V. Magestade, recuperão a fama de seus gloriosos feitos, que o tempo procurava sepultar no esquecimento: Que nunca o averà delles, pois lembrão à V. Magestade para os mandar escrever & remunerar. Deos guarde a Catholica & Real Pessoa de V. Magestade. De Madrid xxiiij. de Iunho de MDCXV.

Ioão Baptista Lavanha.

IOÃO BAPTISTA LAVANHA, AOS QVE LEREM ESTA QVARTA DECADA.

SABENDO el Rei Noßo Senhor q̃ deixara Ioão de Barros imperfeita a quarta Decada da ſua Aſia, querendo fazer merce à Portugal, ao nome de Ioão de Barros, & à mi, me mandou q̃ a reformaſſe, & imprimiße; para que renovandoſſe a memoria de hum tam celebre Hiſtoriador, cõ eſta ſua obra poſthuma, per meio della reviveſſe a fama dos feitos que os Portugueſes com grande valor obrarão naquella parte da Aſia, que com o tempo ſe ia eſcurecendo. Para eſte effeito me mãdou entregar S. Mageſtade dez quadernos, que ſe acharão dos dez livros deſta Decada, rotos, faltos, eſcrittos à pedaços de varia letra, & tam imperfeitos, como trabalho de que era aquelle o primeiro penſamento, & em que ſo ſe puſera a primeira mão. E aſsi faltavão folhas, avia outras em branco, ſobejavão couſas muitas vezes repetidas, eſtavão outras fora de ſeu lugar, davaſe larga relação de algũas que não pertencião à eſta Hiſtoria, mui breve noticia de outras importantes, & nenhũa de ſucceſſos notaveis, que Autores em ſeus livros eſcreverão Deſcuidos que não ouvera neſta obra, ſe à Ioão de Barros durara tanto a vida, que a pudera rever, & acabar, como outras per elle promettidas, com que ficara o ſeu nome muito mais celebrado entre todas as nações, do que merecidamente he oje, polas tres Decadas que deixou impreſſas.

Polo que com mais trabalho, & maior eſtudo reformei eſta quarta Decada, que ſe de novo a compoſera: porque (imitando quanto me foi poſsivel o eſtillo de Ioão de Barros)

rros) accrescentei, cõ approvação de hũ ministro de S. Magestade à que se cometteo, capitulos enteiros, & grandes pedaços em outros (q̃ tudo vai notado com comas) cortei, antepùs, & pospùs algũs, & clausulas enteiras, para melhor disposição do q̃ nelles se trattava, ometti o desnecessario, & repetido, & illustrei com notas as margẽs para maior noticia das cousas escrittas per Ioão de Barros, & das em que Autores delle differem. E porque nenhũa cousa dà tam perfeito conhecimẽto das descripções das Provincias, como o disenho dellas, das que nesta quarta Decada descreve Ioão de Barros (em q̃ excedeo à todos os Geographos) ordenei tres taboas da Ilha da Iaoa, dos Reinos de Guzarate, & Bengalla, segundo a mente do Autor, & as melhores informações que destas Regiões pude alcançar. Muitas outras cousas reformei de menos consideração, como forão algũs vocabulos que se usavão em tempo de Ioão de Barros, que o mesmo tempo tem desusado. Mas na Appologia que elle fez em lugar de Prologo, a qual achei entre outros papeis enteira, & escritta de sua mão (que o não erão os dez quadernos) não mudei nem hũa coma, por conservar intacto o que este excellente varão, & honra de Portugal deixou acabado; nem innovei os nomes da arte Militar, & Fortificação, por continuar cõ os mesmos nesta quarta Decada, de q̃ elle usou nas tres. As quaes se se tornarem à imprimir, nellas se poderão pòr, como em lugar proprio, as notas, & taboas Geographicas, que nesta se não puserão, por não ser seu.

APPOLOGIA

APPOLOGIA
DE IOÃO DE BARROS, EM LVGAR DE PROLOGO.

VENDO cinquoenta & tantos annos que o descobrimento & conquista do Oriente se continuava, sem os obrigados per officio de Chronistas, & per salario delle, darem à memoria tam gloriosos, & illustres feitos, como meus naturaes naquellas partes tinham acabado, & proseguiam com tanto louvor seu: pareciame que se eu acodisse à este descuido, tomádo cuidado đ as pôr em escritto, podia merecer à minha patria nome de zeloso da gloria della. Mas pois o tempo vèo à tal estado, que aos obrigados à fazerem algũa cousa, menos culpa se lhe dà quando à nam fazẽ, que à aquelles que a fazem sem tèr a tal obrigaçam, necessario he, que andemos com a mesma abusam do tempo, & que em lugar do Prologo desta quarta & ultima Decada, façamos Appologia, & defensam nossa para todas. Isto nam por respóder à algũs competidores, como se aqueixava Terencio nos seus Prologos Appologeticos, pois louvado Deos nesta parte do competir neste nosso trabalho, pacifica he a terra; mas para nos desculpar à quatro generos de homẽs censores delle. E

não he cousa nova, porque toda obra pubricamente feita, sempre teve estes tres generos de juizes, ignorantes, doctos, & maliciosos: però ser acusado de parentes, & amigos, este quarto genero de persiguiçam aconteceo sòmente à nos. Aos primeiros demos nos causa em parte, mas nam em todo: porque em a primeira Decada, & desi na segunda, que hũa apos outra tiramos à luz, com tençam de irmos emendando nestas duas ultimas, o que fosse notado nas primeiras, vieram os ignorantes, & nam se contentaram de emendar o çapato, à que sòmente chegava o seu juizo; mas como fez o çapateiro de Apelles, quiseram entender na cabeça. Os doctos (nam fallamos naquelles que o sam em solida doctrina, mas nos que seguem a mais baixa parte della) tomaram o officio de hum medico; o qual quis condenar outra tavoa de pintura, que hum grande pintor à imitaçam de Apelles, tambem punha suas obras à porta à pubrico juizo: porque nam sòmente apontava na fisionomia do rostro, postura da pessoa, & symmetria dos membros, partes que lhe competiam pela profissam que tinha: mas ainda condenou a pintura em outras fora do seu mester, por mostrar que em tudo sabia. A qual cousa nam podendo sofrer o pintor, saio donde estava ouvindo estes juizos, & disse ao Medico: As minhas obras julganse porque se vem, & as vossas nam, porque as metteis debaixo da terra, onde as ninguem pode ver, motejando delle, por matar muitos enfermos com sua errada cura. Os maliciosos, que he o terceiro genero, nunqua se prezam de dar na capa, todo o seu golpe he tirar ao rostro: cà nam se cõtentando de apontar vicios da obra, condenam a pessoa em mais grave crime, dizendo, que nam sòmente merecemos ser tachado pelos erros da escriptura: mas ainda devemos ao officio que servimos, todo o tempo que tomamos para estas nossas abusões (que assi lhe chamam elles) pois leixamos a obrigaçam, & tomamos o alheo cuidado: cà segundo a casa que servimos, he hũa roda viva, que nam da espaço pera cousa fora de si, nam se pode borrar tanto papel, senam cõmettendo roubo do tempo que devemos à casa: & ja pode ser que daqui procederà nam nos dar ella tanto de si, & do seu, quanto tiveram della aquelles à que nos sucedemos. Os parentes, & amigos, cuidando que fazem officio piadoso, vèm à ser mais crueis que os outros, pois tocam nalma ao modo dos amigos de Iob,

por

por verem que o estou eu em substancia de fazenda, em com paraçam dos vezinhos, & concorrentes no officio: dizendo, que sou melhor ama que madre, pois sei criar aos meus peitos, & braços os negocios alheos, & os proprios leixo sem criaçam. Que seria melhor estudar no que o geral da gente sesuda, & prudente faz, como com o favor do officio que sirvo, & industria de minha pessoa, poderei fazer de hum dez pera manrèr dez filhos que tenho, & ordenarlhe vida, com que nam fiquem por portas, que fazer livros, & tractados, que à elles, & à mi nam tractam bem. Porque como no tempo dagora, & principalmente neste Regno, aquelle he avido por mais prudente, & pera maiores negocios, que mais artefícios, & manhas busca pera se aproveitar do que traz entre as mãos: este he o modo da vida que se deve seguir, pois dà todo o ser della em credito, honra, & fazenda. E quem se afastar desta geral estrada, alem de perder o caminho, irà cair no mais profundo lugar que tem a penitencia, quando se achar no fim da vida com as mãos vazias. E principalmente empregando tanto tẽpo, & trabalho em escrever memorias alheas por vaidade de tèr algũa: com a qual causa damos materia de riso, & zombaria, a aquelles que professam officios pubricos como este nosso, ao qual somos obrigado, & nam à mais. Cà segundo amoesta Sam Paulo, cada hum he obrigado permanecer naquella administraçam pera que foi chamado, quasi como que nos quer dar entender, que entender em mais he abusam cousa mui abominavel ante Deos. Quanto mais, que ainda pera conseguir esta nossa inclinaçam, que he desejar saber, ou ser estimado por sabedor: os autores dos mesmos livros perque nos estudamos, clamam que primeiro convem tèr, & isto aconselha Aristoteles, dizendo: He necessario primeiro enriquecer, & despois filosofar. Porque como elle tinha experimentado em quanto andou per casas de Principes, ser genero de captiverio esperar suas esmolas, trabalhou pera enriquecer muito, por as nam mendicar delles, & pera melhor poder estudar. E segundo seu estado, foi tam sobejamente rico, que de rostro à rostro o tachou disso hum grande Filosofo Parseo, que o veio ver à Grecia por sua fama (segundo os Parseos escrevem em suas Chronicas) ao qual elle respondeo, que nam era rico por deleitaçam de tèr riquezas, mas porque nam queria que ignorantes Principes fossem

 Senhores

Senhores delle per bées de fortuna, pois elle era Senhor dos mesmos Principes per dotes de intendimento: cà era cousa contra natureza ser a ignorancia Senhora da ciencia, & a pobreza captivava a liberdade do engenho na occupaçam do necessario. E daqui disse Iuvenal, que farto estava Horacio, quando em hũa Satira disse: Ohe, & que se à Virgilio lhe falecera o necessario pera se mantèr, nam pintara elle tam poeticamente a furia infernal chamada Erynnis. E de se aver por maxima de prudencia entre os prudentes, que mais convem tèr pera saber, que saber pera tèr: trabalhou Seneca por adquirir tanta fazenda; que se escreve valer a sua sette contos & meio d'ouro da nossa moeda. Pois se estes dous Principes de toda a doctrina natural, & moral Aristoteles, & Seneca, foram tam ricos como cientes; pera que se deve abonar outra Filosofia, senam a sua, que està fundada sobre tèr, & venha donde vier. E tratando tambem o Poeta Menandro esta materia, diz: Epicarmo disse serem Deoses os Ventos, o Sol, a Terra, a Agoa, o Fogo, as Estrellas: mas eu cuido serem Deoses mais proveitosos a prata, & o ouro: cà se teverdes estes em casa, pedi o que quiserdes, que tudo alcançareis, herdades, casas, servos, baixellas, amigos, juizes, testemunhas, atè os mesmos Deoses, quem despender terà por ministros. Finalmente com estas, & outras amoestações, que nos fazem os amigos, & parentes, asi andamos atormentado no espirito, & asombrado do castigo de suas palavras, que nam temos que responder, senam converter nossa consideraçam ao estado do Mundo, & ver quam cheo està de conselheiros, & quam minguado de remedeadores de alheos trabalhos, ainda que o possam fazer. Porque em dar palavras per conselho, todos querem ganhar honra de prudentes: & em remedear com adjutorio de sua propria fazenda poucos a soltam da mão. E pois que asi he, que todos querẽ bem dizer, & poucos bem fazer, & ainda sobre isso condenar vidas, & obras alheas, fazendose censores, & juizes das cousas em que nam tem jurdiçam, que he da tençam que cada hum tem no que faz, a qual jurdiçam he de Deos, & esta tençam he a que dà nome à obra de boa, ou mà (segundo diz Sancto Ambrosio:) necessario he pera nos salvar destes juizes, & censores, proseguir adiante com nossa defensam: & continuaremos nella com outra pintura de mais vivas figuras que as duas passadas; a qual damos

por

por reposta aos maliciosos, por ser do mesmo Apelles, tambem em defensam de sua pesoa. Sendo elle acusado ante el Rei Ptolemeu per Antipsonte seu proprio dicipulo, pintou hũa tavoa com estas figuras: hum homem asentado cõ grande magestade, & compridas orelhas, à maneira de como pintam el Rei Midas, o qual homem dava a mão que viesse à elle à hũa molher chamada Calumnia, que he a falsa acusaçam. E logo junto delle juiz, estavã duas molheres, que eram a Ignorancia, & Sospecta; & a figura Calumnia estava mui afeitada per mãos de duas moças que tinha junto de si chamadas Traiçam, & Insidia, que espreita vidas alheas. A qual Calumnia estava mui furiosa, & indinada, tendo na mão esquerda hũa facha de fogo ardendo, & com a dereita tinha hũ mancebo pelos cabellos; o qual com as mãos levantadas ao Ceo pedia à Deos soccorro. E diante da Calumnia ia hũa molher ja mui velha, diforme em figura, & torpe & vil em habito, que via muito, chamada Enveja. E hum pouco afastada della vinha hũa molher mui chorosa cuberta de negras & rotas vestiduras, que avia nome Penitencia, a qual com o rostro virado para tras, & com choro, & vergonha oulhava à Verdade, que vinha contr'ella hum pouco longe, & de vagar. Cõ a qual pintura, em que Apelles representou todo o discurso de sua acusaçam, & as causas della, & a verdade sabida, nam sòmente foi julgado por inocente, mas ainda pela avexaçam que recebeo, el Rei lhe mandou dar cem talẽtos, que da nossa moeda poderam ser sesenta mil cruzados; & asi lhe mandou entregar o acusador por captivo. Nos porque nam somos acusado do aleive que era posto à Apelles, nam esperamos a satisfaçam que lhe foi dada per el Rei Ptelomeu, sòmente queriamos satisfazer aos maliciosos, & calumniadores. Mas porque per ventura elles nam ficaràm satisfeitos com esta pintura de Apelles, em que elle pintou os affectos dos maliciosos per figuras humanas: ao contrario neste papel pintaremos a figura de hum animal, que tem os affectos, & condiçam delles, per ventura pola conformidade que tem, lhe serà mais accepta que a de Apelles. Este animal a maior parte do seu destinto tem na ponta do nariz, & per faro quer rastejar, & inquirir a verdade das cousas, sem as ver, & latindo alta, & apressadamente, asi affirma a mentira, como a verdade; de maneira que muitas vezes o Senhor delle enganado

per

per ſeus latidos, chega mui canſado, cuidando que lhe tem encovado hum coelho, & acha hum lagarto. Tem mais per condiçam renger per enveja, ladrar per odio, morder per vingança, & o que pior he, que ninguem lhe ſabe em que parte ha de aſeſegar, & quietar ſeu eſpirito. Porque quãdo o quer fazer, anda em redondo atè que ſe enroſca à maneira de cobra, & de elles nam terem certa cabeceira, diſſeram os Greges aquelle proverbio: Aos cães por demais he poerlhe almofada por cabeceira. Eſtes cães (como S. Ieronimo chamava aos ſeus perſeguidores) ſe lhe nam contentar eſta cabeceira que lhe fizemos pera aſeſegarem de ſeus ladridos, polos imitar tomem eſtes noſſos, que lhe damos em reſpoſta. Dizendo, que quanto ao roubo do tempo que elles dizem ſer da obrigaçam do officio, nam à elles, mas ao proprio officio pertencem os queixumes do tempo, ſe foſſe verdade que lho roubaſſemos; mas pois elle os nam faz, parece que lho nam merecemos. E ſe no meſmo officio nam temos tanto ſer como elles dizem que teveram aquelles à que nos ſuccedemos, nam ſerà porque elle teveſſe nelles mais do que tem em nos; mas porque elles teveram delle mais do que nos tevemos, & a cauſa fique pera outro lugar, porque aqui nam o ſofre o tempo ſer manifeſta. Porem reſpondendo ao que compete ànoſſa parte, louvado Deos chea temos a noſſa obrigaçam, & nunqua por ella ſeremos citado com juſtiça. Pois nam ſomente guardamos os regimentos, & leies que nos a meſma caſa deu de como a aviamos de ſervir, & eſtendemos noſſo juizo, & poder à tanta parte, quanta ella quis que teveſſemos della os dias feriaes que ſam ſeus, como fizeram aquelles à que nos ſuccedemos; mas ainda os feſtivaes, & noites que ſam devidas ao repouſo da humanidade, empregamos em a ſervir em obras do meſmo ſer dellã, de que elles, nem outrem atè ora lançou mão. Porque as tres partes em que conſiſte todo ſeu ſer, eſtado, & gloria, ordenamos em outras tantas de eſcriptura. A primeira (como no principio diſſemos) he eſta que tracta da Melicia; a ſegunda a Geographia do conquiſtado, & deſcuberto; & a terceira do Comercio, que he o fim das duas. Pois ſe por tomarmos cuidado, nam ſomente de dar conta das couſas que tocam ao Comercio da India, & Guinè, como fizeram noſſos anteceſſores; mas alem deſta parte (perdendo o ſono) tomamos eſtoutro novo trabalho de eſcrever os Comentarios de

ſua

sua gloria, & nome que tem acerca de todalas gentes, nos faz perder os meritos do proprio officio. Deos que julga as obras & tençam de cada hum, julgue as nossas, pois o juizo dos homẽs està mais prompto em julgar à outrem que à si mesmo. Porem contra aquelles que mal sentem deste nosso trabalho, isto podemos affirmar: que as obras cujo fim he algum bem comum, passada a murmuraçam, ficam ellas vivas, & a memoria de seu Autor, por mais dentadas que em vida lhe dem. E se as materiaes tem esta regra, que serà naquellas perque (diz Tullio) passam as cousas, & ficam as escripturas: porque esta lei tem os bẽes do entendimento, nam serem sobjectos à nenhum infortunio, & os da fortuna à muitos. Da qual regra que o tempo tem mostrado per todo o seu discurso, nos fica hũa certa esperança (sejanos licito gloriar de nossos trabalhos, & nam atribuido à arrogancia, posto que como diz Valerio Maximo, nam ha hi tanta humildade, que nam seja tocada de gloria) que virà tempo em que seremos julgado por homem mais zeloso, & diligente no cuidado do bem, & gloria da Patria, que da propria pesoa. Pois pola Patria, no tempo que os outros cà, & là andam, à quem se carregarà de mais fardos às costas dos despojos da India, nos tomamos cuidado de levantar a bandeira dos triunfos della; que estes carregados leixaram jazer desemparada, & esquecida com a ocupaçam, & pressa que cada hum em seu modo traz de salvar a prea de que lançou mão, por lhe mais importar o proprio interesse, que a gloria comum da Patria. A qual bandeira mediante o adjutorio Divino, sem favor, ou esforço de quem o podia dar, & nos o esperavamos, & sem temor da artelharia dos juizos daquelles que sempre encarou em nossa face, que muitas vezes se fez vermelha com motes, & zombaria, que he hum pesimo genero de injuria, nos cabeça baixa, & paciente, com o peito per terra como leal vassallo, sem o temor de tanta lingua, nam descansamos, atè à tèr arvorada à vista de todo Mundo nestas quatro Decadas, que he o discurso de cento & vinte annos de historia, melhor recebida de estrangeiros, que aprovada, & agradecida dos naturaes. E posto que ja demos por testemunha o proprio officio q̃ servimos, nam lhe ser em obrigaçam do tempo que gastamos nesta escriptura, & querem saber qual he logo o tempo em q̃ borramos tãto papel, como temos gastado nesta obra, & em outras, que

ja nos

ja nos sairam da mão: por lhe tirar este escrupulo do peito o queremos fazer, contando aquelle caso que escreve Plinio aquecer à Furio Cresino Liberto. Este Cresino tinha junto de Roma hũa pequena herdade, em que lavrava, & de que se mantinha, & por lhe responder com mais novidade, do que aviam seus vezinhos das grandes herdades que lavravam, movidos de enveja, foi per elles acusado, dizendo, que per encantamentos das propriedades alheas roubava as novidades pera à sua. E como era lei das doze Tavoas, que todo feiteceiro, & venefico morresse; quando vèo o tempo que elle Cresino se avia de apresentar em juizo, à que era citado por este caso, levou consigo os boies, arados, enxadas, & todo outro instrumento de sua laveira, & hũa filha baroil que o adjudava neste trabalho. Perguntado elle pelo juiz que desse razam de si acerca do que era acusado, disse: Eu Senhor nam posso trazer aqui os dias, as noites, & o suor de meus trabalhos de todo o anno, sòmente trago os instrumentos delles, que sam estes q̃ aqui apresento, puidos, & gastados de minhas mãos, com os quaes eu encanto a minha propriedade, & faço que me responda com fructo. Se meus vezinhos que me acusam fizessem outros taes encantamentos às suas propriedades, ellas lhe responderiam como a minha faz à mi. Com a qual razam demostrada à vista, vendo o juiz que a acusaçam contra Cresino procedia de enveja, o ouve por absolto della. Se nos tambem ouvessemos de trazer aqui as vigilias da noite, o nam dormir sesta, nem pasear pela cidade, nem ir esparecer ao campo, nem andar em baquetes, nem jugar, caçar, pescar, & lograr outros passatempos que leixamos de fazer por condiçam, & fossemos com estes instrumentos ante o juiz de Cresino, per ventura absolveria à nos, & condenaria à quem nos acusa, polos achar comprendidos em algũa destas cousas que apontamos, usandoas elles mais sobejamente do que convem à qualidade, & idade de suas pessoas: pois segundo a lei diz, convem à republica que cada hum use bem de si, & do seu. E se o juiz de Cresino nam bastar para nos absolver, por tèr pouca autoridade, absolvãnos estes Principes com a muita que teveram. Iullio Cesar com os livros da Analogia da lingua Latina, & hum Poema chamado Caminho, que compôs ambos, fazendo dous caminhos de Italia pera França, & Espanha, indo em andas. E absolvanos Carlo

Magno

Magno com hũa arte de Grammatica que compôs da lingua Alemãa; & absolvanos o Papa Pio com a Geografia q̃ fez, desculpandose por tractar daquella materia, & nam doutra, conforme à sua dignidade. E absolvanos el Rei Dom Afonso de Castella com suas tavoas dos movimentos dos Orbes Celestes, chamadas de seu nome Alfonsis, & cõ hũa Geografia q̃ cõpôs de toda Espanha. E absolvanos o Emperador Carlo Quinto cõ o seu Comentario da guerra de Alemanha, & outras obras que ainda nam sairam à luz, posto que a primeira vai entitulada em quẽ lhe serve d'escriptor, & revedor dellas, por o grande juizo que tem em a censura da composiçam da historia. Pois se estes Principes, & outro grande numero delles, que leixamos de nomear, por nam fazer comprido Cathalogo, os quaes em magestade, potencia, cuidados, negocios, ocupações, & juizo, differem do nosso sem comparaçam algũa, nam perderam em compôr as taes obras o tempo de sua obrigaçam, & se prezaram de o gastar em tinta, & papel, por mostrarem que tãto com elles partira a natureza dos bẽes do entendimento, quanto a fortuna de suas prosperidades: & este exercicio he à elles louvor de gloria, em nos porque serà vituperio de infamia? Porque nam sòmente estes Principes em si mesmo aprovaram prevalecerem estes bẽes do engenho aos da fortuna, mas ainda em outrem o aprovou, & confirmou o Emperador Maximiliano, no que disse por Alberto Durero, que foi ora em nossos tempos hum dos excellẽtes debuxadores de toda Europa. O qual vindo muitas vezes ante elle cõ algũas obras q̃ lhe fazia, principalmẽte cõ hum portico q̃ nos temos, em q̃ està toda a sua genealogia, & feitos de guerra q̃ fez em sua idade, o Emperador lhe fazia muita honra, de que sentio elle q̃ algũas pesoas illustres que eram presentes motejavam disso, contra os quaes elle disse: Sabeis vos outros porque faço tanta honra à Alberto; porque as partes que elle tem, por cujo respecto a merece, deulhas Deos, & a natureza, & de mi nam tem algũa cousa, & vos outros as que tendes sam minhas, cà nam me custastes mais que asinar hum pequeno papel para vos dar o ser que tendes. E os Principes que fazem honra aos homẽs, em q̃ Deos pôs algũa particular, & extremada graça, honram à Deos na hora que lhe fazem por ser obra sua; & quando honram à aquelles que elles fizeram, ficam idolatras de seus proprios feitos, como

o imagi-

o imaginario que feita a imagem poése em giolhos ant'ella. Pois se hũ Emperador confessa q̃ pode fazer Duques, Condes,& dar grandes Estados, cõ asinar hum pequeno papel,& nam he poderoso para fazer hũ Alberto pintor; quem tever algum talẽto de Deos, ainda que nã seja tal como o de Alberto, porq̃ o nam darà à usura. Cà per elle serà constituido na outra vida em maiores bẽes, como fiel servo (segundo o Senhor em seu Evangelho promette) quãdo as obras se ordenam em seu louvor,& proveito comum. E o galardam que avera nesta vida, serà que se o Auctor dellas for ante Maximiliano Cesar, se lhe não fizer à honra de Alberto, ao menos responderà por elle à aquelles que o desprezarem. E per esta maneira dase à Deos o de Deos,& à Cesar o seu,& os maliciosos ficaram confusos na maldade de seus argumentos. Quanto a resposta que ainda devemos aos parentes, & amigos por as culpas que nos dam; però que as suas grandes amoestações com que nos quisseram castigar (seguindo nellas o intento do Mundo presente) pediam comprida resposta, pedimoslhe que nos ajam por escuso della, & elles por pagos com esta historia que Aristoteles traz no primeiro livro de sua Politica, pois per exemplos vou neste modo de responder à todos. O Filosofo Tales Milesio era mui zombado dos outros Filosofos, vendo que a Filosofia natural à que se elle dava, nam era de muito ganho,& proveito. Tales por tirar este obprobrio, & infamia à Filosofia, vendo per Astrologia que o anno vindoiro nam avia de aver novidade de azeite, esse pouco dinheiro que tinha deu em sinal de hũa grande copia delle que comprou:& vinda a novidade, pola carestia delle, vendeo o que tinha comprado por hũa grande somma de dinheiro, o qual amostrou à aquelles que zombavam delle, dizẽdo: que a Filosofia natural nam leixava de enriquecer aos q̃ se davam à ella, senam porq̃ elles engeitavam as riquezas,& cõ esta demostraçam animou muitos ao estudo della,& a seguirẽ a sua doctrina. Nos nesta nossa inclinaçam (ou como lhe cada hũ quiser chamar) posto q̃ nam sejamos Tales pera saber o que est à por vir, pelo passado per nos,& q̃ passa cada dia pelas mãos, tambem poderiamos cõprar do azeite, com que alumiasse à mĩ, & à meus filhos, por nam andarmos tanto às escuras do Mundo como andamos. Porem como esta claridade de azeite tem hũ certo termo de luz, que he atè a sombra da morte,

& mais

& mais por ser de azeite leixa as vezes nodas, que duram eternalmente: quando aparecer hum tractado nosso intitulado das abusões do tempo, em que particularmente escrevemos as nossas abusões de que nos t acham, & as que vimos usar ao mesmo tempo; entam se verà se permaneceo cada hũ na vocaçam à que foi chamado, & se leixou a propria pola impropria à seu estado, officio, & habito. Porque como com esta autoridade de Sam Paulo nos quiseram arguir, que leixavamos a obrigaçam de nosso officio, por este de escrever volũtario: a mesma autoridade avemos de tomar por thema cõtra aquelles que jazem nesta culpa, sem terem algum exercicio proveitoso à Republica, ou se o tem se leixam o mais polo menos. E tambẽ entam se verà, porq̃ imitamos ante a doctrina de Tales, que o seu azeite, que he o voto de nossos parentes, & amigos, cuja he esta resposta. E verdadeiramẽte Deos he testemunha q̃ nenhũa destas quatro sortes descandalo à q̃ respondemos, obrou tanto em nos, que por elle recebessemos mais trabalho, q̃ este de responder à todas; pero nam me poder aqueixar de hũ certo genero de pesoas, q̃ nam falam bẽ, nẽ mal, no juizo das quaes nos tinhamos posto o premio de nosso trabalho, aqui se perde toda a paciẽcia, sem a poder soltar do animo pera fora: por este calar delles ser hũa obra crua & pesima, & de maior dor, & tormento, q̃ se pode dar à hum homẽ. E pois cõ calar, & outras cousas à q̃ nam ponho nome por reverencia dos seus nomes, nos pagam nosso trabalho, este so premio queremos delle, ante aquelles q̃ o aceptaram de boa võtade, saber, q̃ tendo nos ante os olhos estes desenganos, pode mais o amor da Patria, q̃ o seu galardam. E porq̃ nos nam queriamos dar, nem receber escãdalo de alguem, nem menos ouvir queixumes de algũs, q̃ em nossa escriptura demos muito louvor à hũs, & nam tanto à outros, & q̃ em hũa parte fomos largo, & em outra curto, & q̃ escrevemos os bẽes q̃ cada hum fez, & nam os males, & roubos; & asi dizem outras palavras à q̃ propriamẽte podemos chamar fastios de gẽte enferma de doença de ingratidam; pedimos por merce à estes enfermos à q̃ nosso trabalho nam aprouve, q̃ lhe apraza de nos perdoar o q̃ atè aqui tomamos por elles, cuidando de lhe ser aprazivel, & nos os nam enfastiaremos mais com outra escriptura nossa. E nam nos ajam por homem que nam cumpre com sua palavra, pois no principio desta escriptura prome-

temos

temos escrever as cousas que elles fizeram em Europa, & Africa; porque quando fiz a tal promesa, pareciame que podia achar em meus naturaes aquella aceptaçam que Lucilio achava nos seus Consentinos, & Tarentinos; pera os quaes elle dizia sòmente escrever, & nam pera estranhos. Mas pois meus naturaes cõ suas palavras me desobrigam das minhas, nam me podem obrigar pola lei da obrigaçam dellas: pois a mesma lei quer, que nam aja obrigaçam, onde nam ha aceptaçam. E porque nesta parte estou mais obrigado aos estranhos, que à elles, por lhe serem meus trabalhos mais aceptos; pera os satisfazer no que esperam de mi, converto a minha pena à estes que me querem, escrevendo a Geografia de todo o Orbe descuberto, & as gentes delle. Imitando neste proposito à Sam Paulo (se he licito usar das grandes cousas pera exemplo das pequenas) o qual vendo que os Hebreus seus naturaes, à quem elle primeiro que às outras gentes era obrigado denunciar o Evangelho, nam o quisseram aceptar per elle, disse. *Ecce convertimur ad Gentes.*

***

INDICE DAS COVSAS MAIS NOTAVEIS.

O primeiro numero he das paginas, o segundo das regras.

A

¶ Babor

B.

C.

D.

Goula-

N.

Nunho

S.

T.

Tolo-

V.

X.

Z.

INDICE
DAS COVSAS MAIS NOTAVEIS DAS NOTAS.

Lopo

INDICE.

L.

M.

N.

P.

R.

S.

T.

V.

Z.

FIM DOS INDICES.

EM MADRID, MDCXV.
Por Anibal Falorsi.

LIVRO PRIMEIRO DA QVARTA DECADA DA ASIA,

DE IOÃO DE BARROS.

Governava a India Lopo Vàz de Sampaio.

CAPITVLO PRIMEIRO.

Como foi aberta a succeſsão, de quem avia de succeder à Dom Enrique de Meneſes, e ſe achou que Pero Maſcarenhas, e por elle eſtar auſente ſuccedeo Lopo Vàz de Sampaio.

DESPOIS que o Governador Dom Enrique de Meneſes foi ſepultado na capella de Santiago da Igreja de Cananor, onde falleſceo a xxiij. de Fevereiro do anno de DXXVI. como eſcreve mos no ultimo Capitulo da Terceira Decada: Abrio o Secretario Vicente Pegado a ſegunda ſucceſsão, das tres que levou à India o Conde Almirante [a] Dom Vaſco da Gama, quando foi por Viſorei d'aquelle Eſtado, & nella ſe achou nomeado Pero Maſcarenhas, que eſtava em Malaca, avia hũ anno por Capitão d'aquella fortaleza. Ficarão mui confuſos com eſta nomeação os Fidalgos preſentes; porque Pero Maſcarenhas não podia ſer aviſado, ſenão em Maio, tempo da

[a] *Forão eſtas as primeiras ſucceſſões, que el Rei D. Ioão mandou à India, a de Pero Maſcarenhas, foi feita em Evora à X. de Fevereiro de MDXXIIII.*

monção, em que se navega da India para aquellas partes, & dellas, não podia elle vir à India, senão na outra monção do anno seguinte: largo prazo para ter a India o seu Governador ausente, quando estava de guerra com os Reis de Calecut, & Cambaia, & com novas certas, que no Mar roxo aprestava o Grão Turco Solimão hũa armada, para deitar da India os Portugueses: pelo que convinha tomar breve resolução no modo do Governo. Esta dependia de varios pareceres; porque muitos votarão, que se nomeassem Regentes que governassem em quanto não viesse Pero Mascarenhas: A outros pareceo, q̃ se abrisse a terceira successão, & que governasse quẽ nella viesse nomeado; jurando solemnemente, que vindo Pero Mascarenhas, lhe entregaria o Governo; & que ao mesmo se obrigassẽ com semelhante juramento Afonso Mexia Veedor da Fazenda, o Licenciado Ioão de Osouro Ouvidor geral, Dom Simão de Meneses Capitão de Cananor, Dom Vasco Deça, Dom Enrique Deça, Rui Vaz Pereira, Antonio de Miranda de Azevedo, Dom Afonso de Meneses, Dom Antonio da Silveira, Manoel de Brito, Antonio da Silva, Lopo de Mesquita, & Diogo de Mesquita seu irmão, Diogo da Silveira, Manoel de Macedo, Dom Vasco de Lima, Martim Afonso de Mello Iusarte, Dom Iorge de Meneses, Dom Iorge de Castro, Francisco de Taide, & outros Fidalgos que estavão presentes. Contrariavão algũs este voto, & principalmente Dom Vasco Deça, dizendo, que abrirse a terceira successão, vivo o Governador nomeado pela segunda, era contra o serviço d'el Rei, & suas provisões, & grande inconveniẽte, sabendosse tanto ante mão, quem avia de succeder ao Governador, que ainda não entrara no Governo: E que o que o tivesse, o não quereria largar à Pero Mascarenhas quando viesse de Malaca, de que resultarião grandes differenças, & inquietações. Mas não approvando Afonso Mexia este acertado parecer de Dom Vasco, acabou cõ todos os mais Fidalgos, que a terceira sucessão se abrisse; causa das discordias, que despois ouve na India, que a serem menos leaes os corações Portugueses, passarão à hũa guerra civil, com que aquelle Estado se perdera. Parece que lhe revelou o Espirito os futuros desassossegos ao Governador Dõ Enrique de Meneses: porque dous dias antes que morresse, por não faltar em cousa algũa ao serviço d'el Rei, fazendo hũa prattica aos fidalgos sobre

sobre as cousas que tocavão ao Governo da India, lhes disse, que porque poderia estar ausente a pessoa que lhe ouvesse de succeder, elle deixava nomeada outra em hum papel cerrado, a qual affirmava, que tinha as qualidades necessarias para governar, em quãto o seu successor não viesse. Era este fidalgo, Francisco de Sà Capitão de Goa, a quem bastava a approvação do Governador, para occupar merecidamente maiores cargos. Mas esta provisão, por respeitos particulares não appareceo, que se fora vista, & se fizera, o que D. Enrique nella
10 deixava ordenado; por ventura que se não arriscara o estado da India, nem as partes principaes, & autores dos trattos cautelosos, que nesta nomeação ouve, não forão despois accusados, & castigados.

Determinados pois os fidalgos q̃ se abrisse a terceira successão, jurarão todos como estava asentado, que obedecerião à Pero Mascarenhas, logo que viesse de Malaca, & não à pessoa que governasse pela terceira succesão, à quem obrigarião, q̃ entregasse o governo da India à Pero Mascarenhas. Feito de tudo hũ auto pelo Secretario Vicente Pegado, em q̃ todos asi-
20 narão, abrio elle a terceira succesão,[a] na qual el Rei nomeava à Lopo Vàz de Sampaio, para governar a India por morte de Pero Mascarenhas. Afonso Mexia, à quem por razão de seu officio tocava o cargo destas succesões, com os Officiaes, & pessoas q̃ se acharão neste auto, se partio para Cochij, onde Lopo Vàz estava por Capitão, & chegados em breves dias à aquella cidade, lhe entregarão o governo da India condicionalmente, para elle a entregar à Pero Mascarenhas, quando viesse, & asi o jurou Lopo Vaz nos Evangelhos com toda a solemnidade; de que se fez outro auto, que elle asinou, com
30 os fidalgos atras nomeados, os quaes com novo juramẽto retificarão o que jurarão em Cananor.

Entregue Lopo Vàz de Sampaio da governãça, a primeira cousa q̃ fez, foi dar a Capitania de Cochij à D. Vasco Deça, filho de D. Ioão Deça, irmão de sua molher, & despachou à Iorge Cabral, (como D. Enrique tinha mandado) para às ilhas de Maldiva às presas das naos dos Mouros, q̃ fugindo da costa da India cõ temor das nossas armadas, intẽtarão aquella nova navegação, para de Cambaia, & do estreito do Mar roxo, irem, & virem à Bengalla, & à Samatra. Ficando estes Capitães pa-
40 ra Afonso Mexia os prover do necessario, & irem fazer suas

a O alvara desta succesão de Lopo Vàz foi feito em Evora a 26. de Fevereiro de 524.

Frãcisco de Andrade diz, que a succesão de Pero Mascarenhas se abrio em Cananor, onde viera de Cochij Lopo Vàz de Sampaio, cõ o aviso da morte de D. Enrique, & que de Cananor se forão todos à Cochij, aonde se abrio a succesão de Lopo Vàz. Cap. 1. & 2. da segunda parte.

viagẽs, Lopo Vàz se partio logo com hũa frotta de sete vellas, para ir corrẽdo a costa, & acabar de a alimpar dos ladrões que a infestavão. Forão os Capitães d'esta armada D. Vasco de Lima na galè bastarda em que ia o Governador, Manoel de Macedo, Enrique de Macedo seu irmão, Diogo da Silveira, Manoel de Brito, Diogo de Mesquita, Lopo de Mesquita seu irmão, & Antonio da Silva de Meneses, que era vindo de sondar a barra de Dio, onde D. Enrique o mandou, cõ cuja morte fenecerão todos os apercebimentos, que elle aprestava para aquella empresa.

Correndo Lopo Vàz de Sampaio a costa, tomou Cananor, alli recebeo cartas de D. Iorge Tello, & de Pedro de Faria (que estavão sobre a barra de Bacanor) com aviso, que tinhão dentro encerrada hũa grossa armada do Samorij, a qual os Mouros refazião à muita pressa, para navegar à Cambaia, ao que elles não poderião resistir, por ser grande o numero dos navios, & gente. Lopo Vaz lidas as cartas, & considerado o poder dos inimigos, & o pouco que levava, (que não passava de setecentos homẽs) despachou hum Catùr muito ligeiro para Goa à chamar Antonio da Silveira, & Christovão de Sousa, que com os seus galeões se viessem para elle, & os esperava na barra de Bacanor, & mandou à Manoel de Brito, que se adiantasse, & com o seu galeão se fosse juntar com Dom Iorge, & Pedro de Faria, escrevendolhes, que procurassem não saisse fora a armada inimiga, em quãto elle não chegava com a sua, & provendosse de mais bastimentos, & munições, partio para Bacanor.

CAPITVLO II.

O Governador Lopo Vàz de Sampaio cometteo a armada do Samorij que estava no rio de Bacanor, & ouve dos Mouros hũa grande vittoria.

AVISADO Cotiale Capitão mòr da Armada Malavar da partida do Governador de Cananor, & que ia com tenção de pelejar cõ elle; não se atrevendo à sair do rio de Bacanor com temor dos tres galeões q̃ estavão sobre a barra, determinou de o esperar em terra, onde lhe pareceo, que tinha a vittoria certa, se nella o quisessem cometter. Para o que se

ſe apercebeo, retirando os ſeus navios quanto pode pelo rio dentro, para lhe não poderem chegar os noſſos, & de hũa, & de outra parte do rio mandou fazer grãdes & fortes tranqueiras de madeira, terraplenadas, cõ que eſtreitou muito o canal, & nellas aſſentou muita artelharia, para que não paſſaſſe embarcação ſem perigo certo de ſer mettida no fundo; & de trãqueira à trãqueira atraveſſarão viradores groſſos cubertos de agoa, em que encalhando as embarcações, enteſandoos ſoçobraſſem.

10 Lopo Vàz chegado à Bacanor, deſpois que ſoube, que os Mouros eſtavão bem fortificados, & que ſerião mais de dez mil, determinou de entrar o rio, & pelejar com elles, poſto q̃ lho contrariarão os Capitães, repreſentãdolhe grãdes difficuldades. As quaes não o mudando de ſeu parecer, quis reconhecer per ſi meſmo a fortificação dos inimigos, não ſe confiando de outrem. E aſsi o dia ſeguinte antemanhãa, por fazer bom lũar, com tres catùres; elle em hum, & nos dous Paio Rodriguez de Araujo de Barros, & Manoel de Brito, Capitães mui esforçados, que forão de voto, que pelejaſſem; en-20 trou pelo rio dentro, & per hũa chuva de pelouros da artelharia das tranqueiras; que os Mouros ſentindo os catùres, diſpararão ſobre elles, foi o Governador reconhecendo tudo, & ſẽ dãno algum, voltou com igoal perigo. E porque Paio Rodriguez cortara à entrada hum dos viradores, que das tranqueiras eſtavão atraveſſados, mandou Lopo Vàz cortar todos para deſempedir o caminho às noſſas embarcações. E ſabendo, que n'aquelles dez ou doze mil homẽs, que alli eſtavão para defender os Paraos; avia algũs cinco mil natùraes da terra, & ella era d'el Rei de Narſinga, que tinha paz, & amizade cõ el 30 Rei de Portugal, mandou dizer à eſtes; que ſe eſpantava tomarem armas contra os Portugueſes, em defenſão de ſeus inimigos; que elle lhes requeria da parte de ambos os Reis, & pòr a paz que tinhão aſſentada, que ſe apartaſſem d'aquella gente; porque determinava de a ir caſtigar, & não queria offendellos à elles, pois os tinha por amigos. Ao que responderão, que não eſtava em razão deſempararem hũs homẽs, que ſe à elles acolhião, & que muito mais offenderião à el Rei ſeu ſeñor, em os deſemparar, que em offender à quem algum dãno, & mal lhes quiſeſſe fazer. Eſtas, & ou-40 tras diligencias fez Lopo Vàz de Sampaio, primeiro que

cometteſſe aquelle feito. O qual poſto ſegunda vez em Conſelho, foi mui contrariado pondolhe muitos inconvenientes, hum dos quaes, & o mais importante era, ſer aquella terra de el Rei de Narſinga. E poſto que elle tiveſſe feito aquelle cõprimento com os ſeus naturaes, como dezia, recebendo elles algum dãno ficavão os Portugueſes, que eſtavão em Narſinga arriſcados à lançar el Rei mão per ſuas peſſoas & fazendas: E neſta ſua ſaida en terra, não ſe ganhava mais que tomar hũs poucos de Paraos, & de Pimenta. E que não era ſerviço del Rei por tam pouco intereſſe aventurar tanta nobreza de gen- 10
„ te, & a frol da India, que alli eſtava. Não ſe fundava eſte
„ voto em covardia, (que bem entendião os que o davão, que
„ couſas maiores podia emprender o Governador, & os Capi-
„ tães que o acompanhavão) ſenão em enveja do valor de Lo-
„ po Vàz de Sampaio, cujos emulos erão muitos delles, preſu-
„ mindo pela opinião que tinhão de ſi, que puderão ſer nomea-
„ dos por el Rei, como elle, para o governo da India; & querẽ-
„ do impedir a reputação, que Lopo Vàz poderia ganhar n'a-
„ quella empreſa, ſe lhe ſuccedeſſe bem, deſprezavão a gloria
„ particular, que d' aquella vittoria, como ſoldados, lhes podia 20
„ caber; Lopo Vàz como era valeroſo, & de grande animo, pa-
„ recialhe fraqueza, & menos cabo da ſua opinião, que com os
„ Mouros queria accreſcentar, não cometter aquelle feito, pa-
„ raque alli viera, & partirſe ſem vingar as mortes & perdas, que
„ os Portugueſes d'aquelles Mouros recebião. E como os que erão de voto que não pelejaſſe, erão mais, que os do contrario parecer, não ſe reſolveo atè a vinda de Antonio da Silveira, & Chriſtovão de Souſa, que foi d'ahi à dous dias; cujos pareceres ſendo conformes com o ſeu, & ſeguidos quaſi de todos, que pela autoridade deſtes dous fidalgos ſe retratarão, teve Lopo 30
Vàz por mui certa a vittoria dos inimigos, & ſe determinou de ſaìr logo em terra, o que ordenou deſta maneira. D'aquelles bateis grandes, & mantas, que Dom Enrique tinha para cometter Dio, mandou concertar tres, com artelharia bem ordenada, & em cada hum pôs cem homẽs, para que de hũa chegada à terra, lançarẽ nella CCC. em bargantijs ião outros CCC. ſoldados, & os Capitães dos bateis, q̃ avião de ir diante, erão Manoel de Brito, & Paio Rõiz de Araujo: O Governador os avia de ſeguir, rodeado de hũa ilharga, & da outra dos outros navios de remo, nas quaes embarcações ião atè mil 40
homẽs

homẽs Portugueses afora os Canarijs, & Malavares, que remavão. Os mouros dentro do rio onde a terra fazia hũa põta, que ficava em lugar de baluarte, para defender a passagẽ, tinhão feito hũa cerca de pedra, & taipa, bẽ entulhada, & rebatida, (que daria pela barba à hũ homẽ) & em tres estancias della puserão artelharia, que jugava a travèz hũa da outra: & distancia de sete palmos entre o lugar onde os nossos poderião desembarcar, & as estacadas, tinhão feito outra estacada, & de hũa à outra estava atravessada hũa viga ao lume d'agoa,
10 que não fosse vista, & por baxo hũ virador, para embaraçar, & trabucar os nossos bateis, quando alli fossẽ ter. Sendo Lopo Vaz sabedor deste artificio, ordenou hũ Catùr mui pequeno, que fosse diante, & desse aviso aos dos bateis, que avião de ir na dianteira; que não desparassem a artelharia: & que elle poria o rostro à hũa parte, como guia, para furtar a volta aos Mouros, & desembarcar em outra parte não cuidada delles. Isto asi ordenado, cometterão os inimigos ao outro dia pela manhãa, partindo Lopo Vàz com grande estrondo, & grita de toda a gente, & com o remo tão teso, co-
20 mo quẽ ia ganhar algum pario, & permitio Deos, que não forão os perigos, que passarão, tam grandes, como forão os medos, & difficuldades, que no Conselho se puserão; principalmente quando chegarão ao baluarte; porque ainda que elle descarregou sua artelharia, como as nossas embarcações erão guiadas pelo Catùr, passarão com muito menos perigo, & forão demandar este baluarte per outro lugar, que não tinha travèz, nẽ os embaraços referidos. Neste tempo despedio o Governador à Pero de Faria, para queimar os Paraos, que estavão diante, & Antonio da Silveira per hũ lado, & o Go-
30 vernador per outro, & Manuel de Brito, & Paio Rõiz de Araujo diante às lançadas, e espingardadas, dando Santiago nos Mouros, os fizerão retirar da guarda dos Paraos, com que ouve lugar para os queimar. Foi este feito tam pelejado de hũa, & outra parte, que dos nossos morrerão quatro Portugueses, & forão feridos oitenta & cinco; & os Paraos dos inimigos, que erão setenta & tantos forão queimados, & tomada toda a artelharia do baluarte, & tranqueiras, que erão mas de oitenta peças, algũas de bronzo. No lugar não quis Lopo Vaz que tocasse, por ser del Rei de Narsinga, & asi o tinha man-
40 dado aos Capitães. E posto que elle avia amoestado aos do

lugar, que se afastássem d'aquelle perigo, os que nelle entrarão, tambẽ levarão boa parte nos mortos, & feridos; dos outros se não soube o numero: mas segũdo a cousa foi pelejada, devia ser grande: porẽ o de que se teve noticia foi, serẽ mortos algũs homẽs nobres de Calecut; por os quaes na Cidade ouve grande prãto: o que o Samorim muito sentio, por ser esta notavel perda sobre as outras, que tinha recebido. A pessoa asinalada dos Portugueses, que nesta peleja correo maior risco, foi Dom Iorge de Meneses, à quẽ se alagou o batel, em que ia com toda a gente, & como elle não sabia nadar, & ia 10 armado, andou debaxo da agoa, bebendo muita, atè que lhe acodirão outros bateis, & o salvarão.

CAPITVLO III.

Como Lopo Vàz de Sampaio chegou à Goa, & foi recebido nella por Governador da India, & das armadas que fez.

AVIDA esta vittoria em Bacanor, partio o Governador Lopo Vàz de Sampaio para Goa; 20 & entrando pelo rio de Pangin, Francisco de Saa Capitão da cidade, per conselho dos Officiaes da Camara, lhe mãdou requerer, que não passasse dalli; porque o não avia de receber como Governador da India, pois o não era; por ser eleito por homẽs, que para isso não tinhão poder, & não por el Rei, nẽ pelo seu Governador, & que Pero Mascarenhas era o Governador, & em sua ausencia elle Francisco de Saa, que fora nomeado por D. Enrique de Meneses, como atras escrevemos, & que quisesse para os outros o dereito que quis para si. Porque morrendo 30 o Conde Visorei deixou nomeado à elle Lopo Vàz por Governador da India, atè vir a pessoa, que el Rei mandava, que o succedesse, o que se cumprio. E asi que agora guardasse a mesma lei, & deixasse governar à elle. Deste requerimento fez Lopo Vàz pouca conta, & foisse pelo rio acima, atè chegar às portas da cidade, sem lhas quererẽ abrir. E despois de muitas altercações, consentio Francisco de Saa no que a Camara quis, que ja estava de outro parecer, intervindo nisso Christovão de Sousa: & asi foi Lopo Vàz de Sampaio recebido naquella cidade como Governador. 40

Decada 3. liv. 9. cap. 2.

Come-

Começou logo à entender nos negocios do Governo, & a primeira cousa que fez, foi, por hũa nao da carreira de Malaca, (que Antonio da Silva de Meneses tinha com as roupas que fingidamente Dom Enrique mandou buscar a Dio) mãdar recado à Pero Mascarenhas da sua succesſão no Goverdo da India; a qual nova lhe era ja mãdada per duas vias, como adiante se dirà. E porque Francisco de Saa, que estava por Capitão em Goa, quando partio de Portugal com o Cõde Almirante levava provisão para ir à Sunda fazer nella hũa
10 fortaleza; tiroulhe Lopo Vàz a Capitania de Goa, & deu à à Antonio da Silveira de Meneses, (que tinha desposado com D. Mecia sua filha) o qual estava provido da Capitania de Sofala, que deste Reino levou: mas não entrava ainda nella; & à Francisco de Saa mandou dar dous Galeões, hũa Galè, hũa Galeotta, hũa Caravella, & hũ Bargantim, com CCCC. homẽs, & todos os bastimentos, & munições necessarias para a Armada, & Fortaleza, que ia fazer. E à D. Iorge de Meneses, que ficara provido da Capitania de Maluco pelo Governador Dom Enrique, despachou para ir entrar nella com
20 dous navios, & cem homẽs; & em sua companhia à Simão de Sousa, Galvão filho de Duarte Galvão, que avia de servir de Capitão mòr do mar de Maluco [a]. Fez mais o Governador outra Armada de catorze vellas, de q̃ ia por Capitão mòr Antonio de Miranda de Azeuedo, para andar em guarda da costa da India, & impedir as naos do estreito de Meca levarẽ pimenta. E para guarda dos ladrões, que andavão em Choromandel, fez outra Armada de nove vellas, de que foi por Capitão mòr Manoel da Gama, o qual com ella alimpou aquella costa de Cossairos Malavares, que nella andavão, & co
30 brou toda a fazenda de hũa nao nossa muito rica, que estes ladrões tomarão em Paleacate, cõ morte de oito Portugueses. E asſi deu tres navios à Rui Vàz Pereira, com que fosse à Bengalla andar às presas [b]. E por Lopo Vàz ter recado das differenças, & discordias, que avia entre el Rei de Ormuz, & Raez Xarafo, & o Capitão Diogo de Mello; & ser chamado por el Rei, com os mesmos queixumes, que ja tinha inviados à Dom Enrique de Meneses, determinou de acodir à apaziguar aquellas revoltas, antes que viessem à mais. Não avendo por inconveniente tendo espalhado tantas armadas deixar
40 a India, & ir à Ormuz, fazendo elle poucos dias atras reque-

a Este cargo de Capitão mòr do mar de Maluco não servio Simão de Sousa, por ser pouca satisfação de seus serviços, & ficou em Malaca, & acompanhou Pero Mascarenhas na tomada de Bintam.

b Sabẽdo Lopo Vàz q̃ Iorge Cabral era partido para Malaca, mandou Martim Afõso de Mello Iusarte às ilhas de Maldiva, com hũa armada de cinco fustas, & hũa caravella; cõ aqual se pôs Martim Afonso de Mello em hũ dos Canaes daq̃llas ilhas, destribuindo as fustas pelos outros, & nelle topou hũa nao de Rumes, q̃ ia de Tanaçarim para Meca, que levava CCC. soldados, & muita artelharia: pelejou com ella Martim Afonso, & despois de hũa porfiada batalha, que durou todo hũ dia, a tomou com morte de todos os Rumes.

Fernão Lopez de Castanheda livrõ 7. cap. 3. & Diogo do Couto Dec. 4. liv. 1. cap. 6.

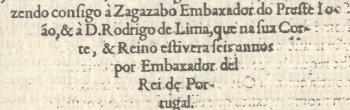
rimento à Dom Enrique, que là não fosse por el Rei o defender aos Governadores, como no precedente livro escrevemos. E assi sendo vinte dias de Março, em que a monção era quasi gastada para navegar à aquellas partes de Ormuz; partio mal acompanhado, & como não convinha à dignidade do seu cargo; porque levou pouco mais de CCC. soldados em cinco vellas, que erão hũa galè bastarda, em que elle foi, & por Capitão della Dom Vasco de Lima, & tres galeões, de que erão Capitães Dom Afonso de Meneses, Manoel de Macedo, & Manoel de Brito, & hũ bargantim, para serviço das outras vellas, de que era Capitão Ioão Ramirez, que tambem era Capitão da guarda do Governador. 10

CAPITVLO IIII.

Do que aconteceo à Lopo Vaz de Sampaio na viagem de Goa à Ormuz, e do que fez n'aquella cidade.

SENDO a partida de Lopo Vaz de Sampaio fora de monção, passou muito trabalho com as calmarias, & por as agoas correrem muito para Ceilão, andou alli mais de oito dias sem os Pilotos saberem onde estavão por navegarem per Rumo de Leste à Oeste, em que se não conhece a differença da altura de Norte à Sul, finalmente o negocio chegou à tanto, que por terem gastada a agoa, veo a gente à adoecer, & morrer, & muitos constrangidos da necessidade bebião agoa salgada, & para a adoçar lhe lançavão muito açucar, com que mais se lhe incitava a sede. Com este trabalho chegou à Calaiate, que està na costa da Arabia, & he do Reino de Ormuz, onde a gente que ia bem enferma, tornou às suas forças com a agoa fresca. E por esta viagem, que Lopo Vaz fez per esta villa de Calaiate, & pela de Mascate, tornarão ellas a obediencia del Rei de Portugal, estando levantadas contra elle, & a causa do levantamento era ter Diogo de Mello Capitão de Ormuz preso à Raex Xarafo Guazil del Rei de Ormuz; por paixões, que procedião mais de particulares interesses de Diogo de Mello, que do serviço del Rei; sobre as quaes escreverão el Rei de Ormuz, & Raex Xarafo à Dom Enrique de Meneses; & respondendo elle às suas cartas, escreveo à Diogo de 20 30 40

go de Mello, que tratasse bem à Raez Xarafo, & entre outras palavras lhe disse, q̃ lhe pedia se ouvesse n'aquelles negocios temperadamente, & não desse occasião, que os seus trinta annos fossem à Ormuz à emmendar os sesenta delle Diogo de Mello. Destas palavras se sentio Diogo de Mello, & receava muito, que Dom Enrique fosse à Ormuz, & como o vio morto, escandalizado do que Raez Xarafo lhe poderia escrever, perque obrigou à Dom Enrique escreverlhe aquellas palavras, confiado no parentesco que tinha com o Governador Lopo Vàz, o mandou prender; & bem se vio proceder a prisão desta causa, porque chegado Lopo Vàz de Sampaio à Ormuz aos tres dias de Iunho, em poucos, todas as differenças, & paxões se apaziguarão, ficando Raez Xarafo solto; & restituido à seu Guazilado, o qual, como prudente, & sagaz que era, como soube que Diogo de Mello era parente de Lopo Vàz de Sampaio, & favorecido delle, cessou de seus queixumes. Mas a fazenda del Rei de Ormuz veo à pagar todas as paxões; porque Lopo Vàz contentousse de arrecadar sesenta mil pardaos, que devia dos annos passados das Pareas; & dez mil de hũa nao de presa, que mandou vender. Deu esta venda materia de murmurações; & muito mais a arrecadação da fazenda que ella trazia. Tomara esta nao no cabo de Guardafui Francisco de Mendoça, (à quem o Governador levou na sua companhia à Ormuz achandoo na Agoada de Teive, quando por alli passou) Capitão de hum galeão da armada de Eitor da Silveira,[a] com a qual o mandou ao estreito do Mar roxo Dom Enrique de Meneses; de cuja morte sendo elle sabedor em Mascate, & que governava Lopo Vàz de Sampaio, se veo à Ormuz, aonde chegou aos xxvj. de Iunho, trazendo consigo à Zagazabo Embaxador do Preste Ioão, & à D. Rodrigo de Lima, que na sua Corte, & Reino estivera seis annos por Embaxador del Rei de Portugal.

[a] A viagem & successos desta armada de Eitor da Silveira escreveo Ioão de Barros na 3. Dec. livro 10. cap. 1.

CAPI-

CAPITVLO V.

Como Eitor da Silveira foi à Dio, & do que alli passou com Melique Saca, & do que ordenou o Governador com as novas da armada dos Rumes.

DESPOIS que Lopo Vàz de Sampaio recebeo ao Embaxador do Preste Ioão com a hóra que lhe era devida, & o mandou agasalhar, 10 & prover mui largamente do necessario; como fez tempo, (o que foi no mes de Iulho de aquelle anno de DXXVI.) logo despedio à Eitor da Silveira, para que se fosse diante delle lançar à ponta de Dio à esperar alli às naos que ião do Mar roxo à Cambaia. Nesta paragem tomou elle tres naos grossas, das quaes as duas abalroarão Manoel de Macedo, & Enrique de Macedo, ambos jrmãos, & asi tomou tambem hum Zábuco, & por elle ser o primeiro da presa, despejado da fazenda o metteo no fundo, & com as tres naos se veo esperar o Governador à Chaul. E posto q̃ 20 destas naos muitos homẽs se aproveitarão bẽ, renderão mais de setenta mil pardaos para el Rei, & partes. E Eitor da Silveira não somẽte ganhou muita hóra no modo de as tomar: mas mostrou muita limpeza de sua pessoa na entrega dellas aos officiaes del Rei em Chaul.

Cinco dias despois desta entrega, chegarão duas Atalaias de Dio com cartas de Melique Saca Capitão d'aquella cidade, filho do nomeado Melique Az, que ja era fallescido; hũa das cartas era para o Governador, & outra para Christovão de Sousa Capitão de Chaul, pedindolhe, que mandasse a elle hũ 30 homẽ de autoridade, para fallar com elle cousas que importavão muito ao serviço del Rei de Portugal; & que da sua parte lhe requeria que fosse mui em breve; & entretanto mandasse a outra carta ao Governador, para prover no mesmo negocio em prompto, tanto que elle soubesse per a pessoa que là mandasse a importancia do caso; por não ser de qualidade para o escrever. Consultada a pressa deste Mouro entre Christovão de Sousa, & Eitor da Silveira, & cõ os Capitães das naos que hi estavão, assentarão, que Eitor da Silveira se devia ver com Melique Saca; porque não podia deixar de ser algum grande 40 miste-

misterio, & cousa mui importante ao serviço d'el Rei de Portugal, pois aquelle Capitão, a requeria com tanta instancia, & com protestos. Eitor da Silveira se partio logo no galeão de Manoel de Macedo, levando mais dous bargantijs, & chegado à Dio teve prattica com Melique Saca, o qual por mostrar que o não mandara chamar sem causa, começou de lhe contar hum grande processo de historias verdadeiras com artificio, para com ellas encobrir suas mentiras. Foi a historia dizerlhe, que elle o mandara chamar por fugir a ira d'el Rei seu
10 senhor, que era tam cruel, que matara ja à seu proprio irmão, aquem vinha o Reino per ligitima succesião, & asi matara muitos homẽs notaveis, mais por lhes roubar suas fazendas, que por culpas algũas. E porque da Corte lhe tinhão escritto pessoas do Conselho Real, que se guardasse d'el Rei; porque determinava de ir contra elle, & tirarlhe a vida, & tomarlhe a fazenda; que antes que viesse aquella hora, elle determinava de entregar a cidade de Dio ao Governador da India, & sairse della à povoar hũa ilha junto da ponta de Iaquette, que distava d'alli xxxv. legoas, por fugir da morte, que lhe aquelle
20 Tyranno queria dar sem causa; & que a entrega da cidade faria ao Governador com tal condição, que elle ouvesse a metade dos dereitos que rendesse aquella alfandega em sua vida. E porque isto não se podia fazer se não com o Governador presente, que lho devia mandar dizer, & q̃ mandasse mais gente para se este negocio fazer sem alvoroço do povo da cidade. Eitor da Silveira, segundo vio a mostra, que Melique Saca dava da indinação que tinha contra el Rei, & das cruezas referidas, que usava no Reino, parecialhe que tinha a cidade de Dio nas mãos, & escreveo logo à Lopo Vàz de Sampaio, per
30 Manoel de Macedo, que enviou em hum dos bargantijs, que lhe mandasse mais gente, & navios; porque Melique Saca estava para lhe entregar a cidade; & não lhe quis dizer de elle Governador aver de estar presente, como Melique pedia; parecendolhe, que elle per si sò faria isto, & ganharia a honra de aquelle negocio. E por Lopo Vàz estar ja em Chaul da volta de Ormuz, mandoulhe o galeão S. Raphael, de que ia por Capitão Fernão Rodriguez Barba, com duzentos homẽs, & Gonçalo Gomez de Azevedo em hũ navio com cinquoẽta.

A tenção deste Melique Saca em escrever à Christovão de
40 Sousa, & ao Governador, não foi mais que para aver algũas

vellas

vellàs nossas còm gẽte, para el Rei Badur de Cambaia sospeitar, que queria dar a cidade de Dio aos Portugueses, & tomãdo disto algum receo, assentar elle com Badur seus negocios à sua vontade. E asi se fez; porque Melique entreteve à Eitor da Silveira mais de quarẽta dias, no qual tempo el Rei foi avisado, que o Capitão mòr do mar estava na barra de Dio, & o Governador em Chaul, & tinha prattica com Melique, com a qual nova lhe concedeo el Rei todos os seguros, & mais cousas que lhe pedio, com que ficou satisfeito por entam. E porque nestes tratos deu Melique a entender à Eitor da Silveira, que convinha retirarse elle hum pouco para Chaul, para sossegar o alvoroço do povo, causado de o verem alli surto tanto tempo: Eitor da Silveira dando disto conta ao Governador, com ordem sua se foi para Chaul. E não quis Lopo Vàz que elle tornasse à Dio, entendendo ser tudo artificio de Melique. O qual despois de Eitor da Silveira estar em Goa, teve poder para o fazer tornar là com importunações: mas tudo foi em vão. E a causa, & o que estas negociações custarão despois à Melique Saca, se dirà adiante, quando tratarmos da vida, & feitos de Soltam Badur.[a]

E porque pelos Mouros que Eitor da Silveira tomou nas naos da presa que vinhão de Meca, & per outros meos, soube Lopo Vàz, que os Turcos tinhão hũa armada no estreito do Marroxo, & esperavão de vir à India no tempo da primeira monção; mandou repairar a fortaleza de Chaul, levantando a torre de homenagem, & asi mandou à Ioão de Gà em hum bargantim à Adem à saber nova dos Rumes, o qual pòs nisso tanta diligencia, que tornou com recado certo, que estavão na ilha de Camaram, fazendo hũa fortaleza. Com esta nova despedio logo o Governador hum navio para Portugal, de q̃ fez Capitão Francisco de Mendoça, com cartas à el Rei como se esperavão os Turcos, & o estado em que ficava a India, & como elle a governava em ausencia de Pero Mascarenhas: mas Francisco de Mendoça não veo à este Reino, antes que as naos do anno seguinte partissem de cà. Despachou tãbem o navio do trato de Sofala, de q̃ era Capitão Nuno Vàz de Castelbranco, & por elle escreveo ao Capitão de Moçambique, que estivesse apercebido, como se os inimigos là ouvessem de ir; & per outro navio proveo Ormuz de munições, com o mesmo aviso. Escreveo tambem à Goa, & a Cochij, que

[a] Francisco de Andrade refere este caso differentemente: porque escreve, q̃ Lopo Vàz de Sampaio foi duas vezes à Ormuz: a primeira, de que tratou Ioão de Barros, no Capitulo passado, & da segunda não faz menção nenhum outro Autor, se não Francisco de Andrade, o qual diz, que tornando Lopo Vàz esta segunda vez de Ormuz em Agosto de MDXXVIII. passara de noute por defronte de Dio, que sabendoo Melique Saca lhe mandara em hũa fusta hũa carta, pedindolhe que quisesse voltar à Dio, para lhe fazer hum grande serviço, (que era a entrega de aquella fortaleza) desejado, & procurado de todos os Governadores passados, & que Lopo Vàz lhe mandara em seu favor à Eitor da Silveira com hũa boa armada, o qual chegando à Dio, soubera que Melique Saca era fugido para Iaquette. Cap. 3. & 39. da segunda parte.

que provessem algũas cousas, por ás novas que tinha dos Rumes, mandando em algũas partes fazer navios, de que tinha necessidade. Ordenou q̃ se reparaisse a fortaleza de Cananor, refazendo de pedra & cal, o que era de pedra & barro, & accrescentandolhe mais dous baluartes, com hũa boa cava.

Acabando de prover estas cousas, se partio para Cochij, & de caminho passou por Dabul, com tenção de lhe dar hũ castigo, pelo que nelle se fizera na morte de Christovão de Brito, de que atras dissemos. Este castigo não determinava o Governador fazer tanto na povoação, quanto no Tanadar; porque tinhamos n'aquelle tempo paz com o Hidalchan, cuja a povoação era; Porem o Tanadar confiado na sua innocencia, por não ser elle o culpado, tãto que vio o Governador no porto, se veo deitar aos seus pès. Lopo Vàz lhe recebeo suas desculpas, sabendo que não era elle o que agasalhara os Turcos; & o Tanadar lhe entregou hũa nao que alli estava de Mouros de Meca carregada de especearia, & sandalos, & duas fustas cõ algũa artelharia, por serem de Mouros nossos inimigos, & outra que elle tinha posta em hum baluarte, que fizera na entrada da barra, o qual se lhe mandou derribar. Com estas cousas feitas, & pagas as pareas que devia, ficou o Tanadar na graça de Lopo Vàz, o qual se partio para Goa, & no camino chegou à elle Thome Pirez em hũ catùr, que lhe vinha pedir alviceras, como erão chegadas à Cochij duas naos do Reino, nas quaes ia provisão d'el Rei, per que avia por bem, que fallescẽdo D. Enrique de Meneses, ficasse elle por Governador.

Na 3. Decada livro 8. cap. 13.

CAPITVLO VI.

Das naos que partirão de Portugal para a India, em que forão as successões, per que Lopo Vàz de Sampaio avia de governar.

N'AQVELLE anno de MDXXVI partirão deste Reino para a India quatro naos, divididas em duas esquadras, por não estarẽ juntamente prestes; das duas primeiras, que partirão ao tempo ordinario, erão Capitães Francisco de Anhaia, (filho de Pero de Anhaia) que o anno d'antes ia tambem a India, segundo atras dissemos, & se perdeo á saida da barra de Lisboa, & Tristão Vàz da Veiga, (filho de Diogo

Frotta da India do anno de MDXXVI.

As naos erão cinco, & o Capitão da quinta nao foi Vicente Gil, filho de Duarte Tristão Armador das naos. Francisco de Andrade part. 2. cap. 9. & Diogo do Couto liv. 1. cap. 9.

Na 3. Decada liv. 10. cap. 1.

Diogo Vàz da Veiga) que na entrada de Ormuz, quando esteve cercado, passou os perigos, q̃ se referirão na terceira Decada. Das duas que partirão tarde, & fora da monção à xvj. de Maio, erão Capitães Antonio de Abreu, filho de Ioão Fernandez do Arco da ilha da Madeira, que invernou em Moçâbique, & Antonio Galvão, filho de Duarte Galvão, o qual fora de toda esperança passou à India [a], Os dous que primeiro partirão, chegarão à Cochij, onde estava Afonso Mexia Veedor geral da fazenda da India, aquem entregarão as duas vias das cartas d'el Rei para o Governador, & para elle; Nas quaes vias mandava el Rei novas succesſões da governança da India, fallescendo algũs dos Capitães, que el Rei tinha nomeados nas outras, que là estavão. E porque a carta d'el Rei para Afonso Mexia foi causa de muitas revoltas, & desassossegos, (que puderão chegar à muito, se não succederão entre Portugueses, tã leaes à su Rei; que nas partes onde estão mais alongados delle, com mais sujeição & amor procurão seu serviço) porei aqui o traslado d'ella, para que se veja, que o que Afonso Mexia fez, procedeo mais da sua vontade, que da carta d'el Rei; & para exemplo aos posteriores, que quando mandarem à India succesſões da governança, seja de maneira, que não se ponha em audiencias, & alegações de procuradores, como se pòs esta, & o que pior he com artelharia cevada da hũa parte, & da outra.

Livro 7. capitulo terceiro.

a A viagẽ de Antonio Galvão escreve particularmente Fernão Lopez de Castanheda no cap. 10. do liv. 7.

CARTA D'EL REI

para Afonso Mexia.

Afonso Mexia, Eu El Rei vos envio muito saudar. Per duas vias vos envio nesta armada, que Nosso Senhor leve à salvamẽto, dous sacos de cartas & despachos das cousas dessas partes, que ouve por meu serviço, que ora fossem, & leva hum dos maços Tristão Vàz da Veiga, & o outro Francisco da Anhaia. Tomai as cartas que vão para vos, & as do Capitão mòr lhe dai, & assi todas as outras às pessoas à que vão, & não fique nenhũa que não seja dada, & aquellas q̃ estiverem fora donde vos estiverdes, mandailhas dar, & vão à todo bõ recado. E nesta armada me enviai hũ rol de como forão dadas aquellas que destes às pessoas onde vos estaes, & o modo que tevestes em enviar as outras, que vão para as pessoas que estiverem fora; & tomai disto bom cuidado, porque o ei por muito meu serviço serem dadas todas

das as dittas cartas. As provisões que vão das successões da Capitania mòr tende n'aquella boa guarda, & segredo, que cũpre a meu serviço, como de vos confio. Escrita em Almeirim à vinte de Março: Pero de Alcaçova Carneiro a fez de mil & quinhentos & vinte seis. E das outras provisões que là tendes não se ha de usar, & as terès em boa guarda, & mas trarès quando embora vierdes.

Afonso Mexia tanto que vio esta clausula derradeira, que das provisões passadas não se avia de usar (a qual ia em hũa das suas duas cartas, & na outra não) desejando de abrir a suc-
10 cessão, que de novo mandava el Rei, em caso que fallescesse D. Enrique de Meneses; fez ajuntar na Seè de Cochij o Capitão da fortaleza D. Vasco Deça, & Ioão de Osouro Ouvidor geral, Ioão Rabello Feitor, Duarte Teixeira Tesoureiro, & outros officiaes da Fazenda, & Iustiça, & outras pessoas principaes, com os Capitães das naos que do Reino forão, aos quaes noteficou, como el Rei per aquelles Capitães que erão presentes lhe escrevera hũa carta sobre as successões dos Governadores da India, a qual carta era aquella que elle tinha na mão, & ouvirião. Lida, lhes disse, que elle levava alli a succes-
20 são de D. Enrique, que a queria abrir, visto como por aquella carta que lhe el Rei escrevia, era sua vontade usar d'aquella provisão nova, & não das outras passadas. Dom Vasco Deça como Capitão de Cochij começou à contrariar abrirse a nova successão, pois as outras sobre que el Rei escrevia erão ja abertas, & que se el Rei o soubera, não provera com aquella q̃ apresentava. A Dom Vasco ajudarão com suas razões as outras pessoas que erão presentes. O que Afonso Mexia não quis conceder, & tomou por ultima conclusão, que se elle o fazia mal, que à el Rei avia de dar conta disso: & favorecendo
30 sua tenção algũas pessoas que o querião comprazer, & tambem para verem novidades, condição natural dos homẽs; abriose a provisão per Fernão Nunez escrivão da Fazenda, a qual elle leò em voz alta, cuias palavras erão estas.

PROVISÃO DEL REI DA SUCCESSÃO de D. Enrique de Meneses.

*EU El Rei faço saber à todos os meus Capitães, & Alcaides mòres das minhas fortalezas da India, Capitães das naos, dos navios,
40 & armadas, que nas dittas partes andão, & Feitores, Escrivães das*

minhas feitorias, Capitães das naos, & navios que vão para vir com carga para estes Reinos, Fidalgos, Cavalleiros, gente de armas, que nas dittas partes andão, & à todas quaesquer outras pessoas, & officiaes da justiça, & fazenda, à que este meu alvarà for mostrado. Que pela muita confiança que tenho de Lopo Vàz de Sampaio, fidalgo de minha casa, que nas cousas de que o encarregar, me sabera bem servir, me apraz, que sendo caso que fallesça D. Enrique de Meneses, que ora he meu Capitão mòr, & Governador das partes da India (que Nosso Senhor não mande) succeda, & entre na Capitania mòr, & Governança o ditto Lopo Vàz de Sampaio, com aquelle poder, & juridição, & alçada que tinha dada ao ditto Dom Enrique de Meneses, & me apraz que aja em cada hum anno, em quanto me servir na ditta Capitania mòr, & Governança, dez mil cruzados; convem à saber, cinco mil em dinheiro, & os outros cinco mil em pimenta comprada do seu dinheiro, ao partido do meo, tomando & nomeando seu risco nas naos, & navios que nomear que vierem para estes Reinos, segundo a ordenação dos partidos do meo. E entrando assi o ditto Lopo Vàz na ditta Capitania mòr, & Governança da India, entrara na Capitania mòr do mar, que elle tem Antonio de Miranda de Azevedo, com o ordenado que com ella tinha o ditto Lopo Vàz de Sampaio, & no cargo que elle ao tal tempo tever proverà o ditto Capitão mòr, & Governador até eu prover. E não estãdo na India o dito Lopo Vàz ao tempo do fallescimento de Dom Enrique, por ser vindo para estes Reinos, ou sendo fallescido, ou fallescendo despois de entrar & succeder na ditta Capitania mòr, & Governança, em qualquer destes casos entrarà por Capitão mòr, & Governador Pero Mascarenhas, que està por Capitão de Malaca. E averà o ditto Pero Mascarenhas os dittos dez mil cruzados de seu ordenado de Capitão mòr, & Governador, d'aquella maneira que os ordeno ao ditto Lopo Vàz. E entrara Pero de Faria na Capitania de Malaca, onde o ditto Pero Mascarenhas està, & averà o ordenado da Capitania de Malaca. E estando elle por Capitão em Goa, proverá o ditto Capitão mòr na ditta Capitania a pessoa que lhe bem parecer, que pertence mais a meu serviço, até eu prover, & averá o ordenado da ditta Capitania. E porem volo notifico assi, & vos mando à todos em geral, & à cada hum em especial, que vindo o ditto caso a ser, se cumpra, & guarde enteiramente este meu alvarà, como nelle he conteudo, & à qualquer dos sobredittos que entrar na ditta Governança obedeçais, & que cumprais seus requerimentos, & mandados, assi como o fazeis ao ditto Dom Enrique, & como sois obrigados de fazer, ao ditto meu Capitão mòr,

mòr, & Governador, & em todo, o deixai usar do poder, & jurdição, & alçada, que ao ditto Dom Enrique tinha dada per minha carta, sem duvida, nem embargo algũ que à ello ponhais: & mando ao meu Veedor da Fazenda, que em cada hum anno, em quanto me servir na ditta Capitania mòr, & Governança, lhe mande pagar os dittos dez mil cruzados na maneira sobreditta. Feito em Almeirim à quatro dias de Abril, Iorge Roiz o fez, de mil & quinhentos & vinte seis. Estes dez mil cruzados que ordeno que ajão os sobredittos por anno, serão n'aquelle modo, & forma, & maneira que os tenho dados à Dom Enrique; & o ordenado de Antonio de Miranda de Azevedo, entrando na Capitania mòr do mar, serão dous mil cruzados por anno; convem à saber, mil cruzados em dinheiro, & mil em pimenta, no modo sobreditto de como a ha de aver o ditto Dom Enrique, posto que diga que ha de aver o ordenado de Lopo Vàz.

Lida esta carta, foi feito hum auto per Fernão Nunez que a leo, o qual foi asinado pelos nomeados, & pelas principaes pessoas que erão presentes, que Afonso Mexia recolheo para dar razão à el Rei com que solemnidade abrira aquella via. Feito isto, despachou logo à D. Enrique Deça com a successão que a levasse a Goa, cuidando ser Lopo Vàz ja vindo, & asi escreveo hũa carta à Camara de Goa, perque lhe notificava ser Lopo Vàz de Sampaio Governador per aquella nova provisão de S. A. & sendo lhe noteficada, quis Thome Pirez ganhar as alviceras desta nova, & foi em hum seu catùr levala à Lope Vàz de Sampaio, que achou vindo de Dabul, como atras dissemos.

CAPITVLO VII.

Dos justificações que Lopo Vàz de Sampaio fez em Cochij, sobre o dereito de sua Governança, & do conselho que teve sobre a vinda dos Rumes.

LOPO Vàz de Sampaio com a nova da sua successão chegou à Goa, onde foi recebido com a festa que se costumava fazer à os novos Governadores; posto que a cidade estava dividida em dous bandos, não se praticando nella em outra cousa, se não na justiça de Lopo Vàz, & de Pero Mascarenhas: & o mesmo passava nas fortalezas, armadas, & outros ajuntamentos, & cada hum dava a sentença segundo o amor, & odio que o governava: os afeiçoados à causa de Pero Mascarenhas (de quem ja avia nova que era embarcado para vir a tomar posse do seu governo) estranhavão muito à Afonso Mexia abrir a successão de Lopo Vàz, sendo Pero Mascarenhas eleito, jurado, obedecido, & chamado para Governador; & de tal maneira ião crecendo estas duas facções, que chegavam a revoltas, & desafios.

Era ja tempo de despacho das naos que este anno avião de vir ao Reino com carga, pelo que Lopo Vàz partio para Cochij, onde os moradores lhe fizerão muita festa, porem quem se nella mais asinalou foi Afonso Mexia, como autor da successão de Lopo Vàz, a qual tornou a confirmar com novo juramento seu, & de todos os que estavão em Cochij. Acrecentava à Afonso Mexia o gosto com q̃ festejava ao Governador, o contentamento que tinha de hũa nova provisão que lhe el Rei mandou com as outras, perque o fez Capitão de Cochij, alem de Veedor da Fazenda: porque persuadirão à el Rei, que o Capitão da fortaleza de Cochij sempre traria competencias com o Veedor de Fazenda sobre a jurisdição, & que para o Veedor servir bem seu cargo, que era de tanta importancia, não podia ser senão sendo tambem Capitão da cidade.

Lopo

Lopo Vàz sabendo os movimentos, & alterações do povo, & que os mais dezião que com violẽcia usurpara o cargo de Governador, com todos se justificava, & para maior satisfação sua, mandou chamar Sebastião de Sousa d' Elvas, Francisco de Anhaia, Antonio Galvão, Filipe de Castro, & Tristão Vàz da Veiga Capitães das naos d' armada que avia de tornar para Portugal, & lhes disse diante de Antonio Rico (que aquelle anno fora de Portugal à India por Secretario) o que se praticava contra à sua successão por parte de Pero
10 Mascarenhas, & porque não queria castigar os alvorotadores do povo, que ousadamente fallavão contra elle, antes os desejava reduzir com brandura à paz, & quietação: & elles como Capitães que se ião para o Reino, não estavão debaxo de sua jurdição, nem da de Pero Mascarenhas, & assi poderião sem affeição dizer o que lhes parecesse, lhes pedia que como à fidalgos tam honrados que tinhão por obrigação fallar verdade, lhe dissessem livremente o que sentião da sua successão, & se entendião que per virtude della era Governador. E como Lopo Vàz de Sampaio lhes preguntou
20 simplezmente o que lhes parecia, assi simplezmente responderão, que não tinhão duvida ser elle ligitimo Governador, & ligitima, & justa à sua successão, & assi o jurarão, de que se fez auto pelo Secretario que aquelles Capitães asinarão. A mesma pregunta fez Lopo Vàz de Sampaio à Fr. Ioão de Haro da Ordem de S. Domingos, homem letrado, que per mandado d'el Rei de Portugal fora prégar à India, & tornava aquelle anno para o Reino: o qual affirmou ser elle verdadeiro Governador. E ao outro dia, que era da festa da Circunsição de N. Señor, na prégação que
30 fez, o disse no pulpito, provandoo com muitas razões, & allegações do dereito divino, & humano, & que quem o encontrava, comettia peccado mortal, & desobediencia contra el Rei: & que elle não affirmava aquella verdade por respeito algum, porque como Religioso, & que se ia para Portugal, não tinha necessidade do Governador, de quem não era tamanho amigo como de Pero Mascarenhas: & concluindo, requereo à Lopo Vàz da parte de Deos que castigasse gravissimamente à quem causasse alvorotos, ou movesse duvidas sobre o seu governo, & os degra-
40 dasse.

Aprestadas ja a este tempo as naos de viagem partirão de Cochij a dez de Ianeiro, [a] & quando chegarão a salvamento à Portugal, tinha el Rei ja mandado hum navio de que era Capitão, & Piloto Pedreanes Frances, cõ cartas para apagar cõ suas provisões as revoltas que se presumia poderião aver entre Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Mascarenhas, por causa das novas successões, que Francisco de Anhaia, & Tristão Vàz da Veiga levarão: por el Rei ter sabido per Francisco de Mendoça (como atras dissemos) que D. Enrique era fallescido, & Lopo Vàz governava em ausencia de Pero Mascarenhas. Mas este Pedreanes se perdeo no Mar, com que o negocio entre estas duas pessoas de tanta qualidade, cavalleria, & serviços, foi posto em differenças.

Lopo Vàz despois que as naos partirão para este Reino, por as novas que tinha da armada dos Rumes, foilhe necessario tornar à Goa, dar ordem as cousas do provimento d'armada contra elles, & repairar as fortalezas, pelo que deixando recado à Afonso Mexia, do que avia de fazer em Cochij, elle foi a Cananor, & fez alli outro tanto, encomendando as obras da fortaleza à D. Simão de Meneses, Capitão della. Chegado à Goa teve logo conselho cõ os Capitães, & principaes fidalgos sobre avinda dos Rumes, & declarandolhes que sua vontade, & determinação era ir buscalos ao proprio estreito, antes que entrassem no Mar da India, & dando para isso muitas razões, todas lhe forão desfeitas cõ outras. Porque dezião que era grande inconveniente tentar aquella jornada, visto como não tinha navios nem gente, & aventurava nella o estado da India, & que segundo se dizia a armada dos Rumes, não estava certo vir aquelle anno, porque fazendo elles fortaleza na Ilha de Camaram, como fazião, sinal era estarem de vagar, & que primeiro querião fazer o ninho em que se recolhessem, que vir à India onde o não tinhão feito. E que para o anno seguinte por a nova que se mãdara à el Rei per Francisco de Mendoça, em as naos que viessem aquelle anno, lhe mandaria S. A. gente, & munições, & que com a gente que viesse, & com os galeões, & navios que elle Governador mandava fazer, ja entam estaria apercebido para pelejar cõ os Rumes, & que quando isso fosse, a peleja não avia de ser no estreito, senão à ponta de Dio; porque quando alli chegão vem ja quebrantados do golfão

a Nestas naos embarcou o Governador a Zagazabo Embaxador del Rei da Abassia, que chegou à salvamento à Lisboa, donde foi à Coimbra dar sua embaxada à el Rei D. Ioão que estava naquelle cidade S. A. o mandou encontrar per Diogo Lopez de Sequeira Almotacè mòr, & governador que fora da India, & à entrada da cidade per o Marquès de Villa Real. El Rei o recebeo com grandes demonstrações de gosto da sua vinda, & Zagazabo lhe deu duas cartas de seu Rei, & lhe apresentou hũa Coroa de ouro, & prata. E o Padre Francisco Alvarez que vinha em companhia do Embaxador (& escreveo hũa larga relação desta viagem, & das cousas daquella grande Região) mostrou a S. A. hũa Cruz de ouro com hum pedaço do sãto Lenho da Cruz de Christo Nosso Salvador, & outras duas cartas que levava à seu cargo para o Papa Clemente VII. pelas quaes aquelle Rei mandava dar obediencia à S. Sãtidade, & pedir Patriarcha da Igreja Romana, porque os passados forão da Grega. O anno seguinte partio Zagazabo, & Francisco Alvarez para Roma, onde o Summo Pontifice ouvio á embaxada da quelle Rei com grande alegria sua, & do sagrado Collegio dos Cardenaes, emgrandecendo com muitos louvores a obediencia da quelle novo, & amado filho, ao qual concedeo com muitas graças o Patriarcha que lhe pedia, com que o Embaxador tornou à Portugal, & delle à India onde chegãdo morreo.

Diogo do Couto liv. 1. cap. 10.

são que passão, & com os aparelhos dos navios cortidos do Sol, & a artelharia abatida, & que estando elle com a gente fresca, & esperta, levemente averia vittoria, & que como quem tinha a acolheita longe todos lhe ficarião na mão. E indo à Camaram avia de chegar com a armada dividida, & destroçada, de que tinha exemplo nos desastres, & perdições que teverão Afonso de Alburquerque, & Diogo Lopez de Sequeira, quando entrarão aquelle estreito.

Estas, & outras razões forão representadas à Lopo Vàz
10 de Sampaio, com que entam desistio de seu proposito, & mudou o pensamento à outras cousas, como veremos. A gente porem não deixava de murmurar dizendo, que sua ida ao estreito era fingida, & no mais que para mostrar à gente que tinha desejo d' aquelle caminho, & que o seu intento era proverse per aquelle modo para avinda de Pero Mascarenhas, temendo que como a gente o visse na India, lhe avião de obedecer como à Governador.

Outros erão d' outra opinion, & dezião, que verdadeiramente sua tenção era ir ao estreito, & fugir de Pero Mas-
20 carenhas, & levar a frol da gente consigo, & os navios, & que quando nao pelejasse com os Rùmes, faria tanta presa, que viesse a gente contente delle. Estes, & outros juizos lançava o vulgo, de que sempre se disse ser animal de muitas cabeças, & asi dava cada hum a interpretação, segundo o amor, ou o odio que tinhão à estes dous Capitães, & ao que delles esperavão.

De Goa mandou Lope Vàz de Sampaio Manoel de Macedo em hũa caravella à Ormuz com provisões para prender Raez Xarafo, & levalo à Goa: porque per cartas d'el Rei
30 de Ormuz, & do Capitão Diogo de Mello (que mandarão per Fernão de Moraes) o avisavão dos roubos, & insultos que Raez Xarafo tinha cometrido cõtra o povo, & lhe requerião, que o mandasse levar d'aquella fortaleza: porque em quanto nella estivesse, não deixaria de intentar algũa novidade, como ja fizera em tempo do Governador Diogo Lopez de Sequeira.

CAPITVLO VIII.

Da armada que Selim Rei dos Turcos ordenou, para nella ir Raez Soleimão à India contra os Portuguefes, & do succeßo della.

AVENDO Raez Soleimão morto à Mir Hocem, pela maneira que dissemos na precedente Decada;* & vẽdo que o Soltam do Cairo, Cansor Algauri, [a] (em cujo serviço andava sendo Turco) fora desbaratado, & morto per Selim Rei dos Turcos, [b] postoque se temesse delle por o que tinha feito em Turquia sendo Cossairo, segundo attas contamos;** querendo restituirse em sua graça, lhe mandou hum homem de que confiava ao Cairo cõ hum grande presente, dandolhe conta como fora enviado pelo Soltam à empresa da India, & o que tinha feito em Zeibid, & quã leve cousa seria tomar aquelle estado da Arabia, & que elle era seu escravo, & ficava alli cõ cinco galès sòmente, que se mandasse que se fosse para o Cairo que logo o faria, & que se tambem ouvesse por seu serviço que proseguisse a empresa da India, que o provesse de mais embarcações, munições, & gente: porque com cinco galès com que elle ficava ja mui desbaratadas, & tam mal pro vido de outras cousas, por o muito que avia que dera principio à aquella empresa, não se atrevia à dar boa conta de si, & mais andando os Portugueses tam poderosos como andavão. Selim como vio, & recebeo os presentes que lhe Raez Soleimão mandava, & como se mettia debaxo de seu poder, determinou de logo o provèr de novo para entrar poderosamente na India, & à grande pressa mandou acabar vinte galès, & cinco galèos, [c] que estavão começados no porto de Suez, por ordem do Soltam, para os mãdar ao mesmo Raez Soleimão.

Provida esta armada de gente, & de todo o necessario, ja em tempo de Soleimão, filho de Selim, que lhe succedeo no Reino dos Turcos, [d] mandou elle por Capitão della à hum Haidairin, Charques de nação, homem de muita idade, & autoridade, que fora veedor da fazenda do Soltam, cõ ordem que despois que entregasse a armada à Raez Soleimão, ficasse cõ o mesmo cargo de veedor da fazẽda, sem Raez Soleimão enten-

* *Livro 1. cap. 3 onde Ioão de Barros escreveo com particularidade a vida de Raez Soleimão.*

** *No mesmo lugar.*

a. *Este Cansor Algauri Soltam do Egypto eleito pelos Mamalucos, no anno de 1505. foi pela traição de Caierbei seu Governador de Alepo, vencido, & morto junto da mesma cidade per Selim I. Rei dos Turcos, no anno de 1516. per cuja morte elegerão os Mamalucos a Tumumbeio de nação Circasso, que no anno seguinte de 1517. foi vencido, & morto do mesmo Selim, & nelle se acabou o Reino dos Mamalucos em Egypto, que se transferio aos Turcos.*

b. *Selim I. Rei dos Turcos, filho de Baiazeto II. (a quem succedeo no Reino no anno de 1512.) & neto de Mahamet II. que tomou Constãtinopla no anno de 1453. com morte do Emperador Comstantino Paleologo: pelejou com Xiah Ismael Rei dos Persas, de quem alcançou vittoria postoq̃ cõ grande perda sua & per morte dos dous Reis do Egypto Cansor Algauri, & Tumumbeio, se apoderou de Egypto, Syria, & Arabia, & morreo no anno de 1520.*

c. *A madeira, pregadura, enxarcea, & todas as mais cousas necessarias para esta armada, forão levadas de Alexandria em barcas pelo Nilo a cima atè o Cairo, & d' alli cõ excessivas despesas em Camellos atè Suez, que são 24. legoas de terra de serta, & sem agoa.*

d. *Soleimão, ou Solimão II. que succedeo a seu pai Selim, tomou Rodes, & quasi toda Vngria, cujo Rei Luis foi delle vencido, & na batalha morto, entrou em Austria, intentou tomar Vienna sua Metropoli, da qual se retirou com perda, por acudir à sua defensão o Emperador Carlos V. maximo. Apoderouse de Asyria, & Babylonia, tomou Moldavia: cometteo a empresa de Malta, & no cerco de Ziget morreo, no anno de 566.*

entender em mais que no que tocava à guerra, & governo da gente. Chegado Haidairin à Ilha de Camaram, onde Raez Soleimão estava, & tinha começada húa fortaleza, lhe entregou a armada, & sobre o governo, & despesas della ouve entre Soleimão, & Haidairin tantas differenças, que sentindo Haidairin que a gente estava descontente, & escandalizada de Soleimão, & que naõ averia quem por elle tornasse, o matou as punhaladas dentro em húa galè. A causa porque Soleimão cobrou este odio, era por naõ consentir que Haidai-
10 rin limpamente pagasse o soldo que era devido à gente da armada à dinheiro, o qual elle queria tecadar para si, & pagar a os soldados em mantimentos, pannos, & outras cousas, que ouvera do despojo das terras que ganhara em Arabia, que aos soldados não erão necessarias para seus usos, como o dinheiro. Alem disso como aquella gẽte partira cõ tenção de ir à India, & trazia sede das riquezas della de que ja fazião conta, tomavão mal a detença que Soleimão fazia em conquistar terras n'aquella parte da Arabia, de que se elle pretẽdia fazer senhor, & que por entreter a gẽte dilatava acabar a fortaleza,
20 que començara fazer na Ilha de Camaram per mandado do Turco, para ser húa escala da navegação d'aquelle estreito do Mar roxo, & defensão para os Portugueses, não entrarem nelle. A qual fazia tam de vagar, que quando Haidairin o matou avia dous annos que chegara à aquella Ilha, & tinha ganhado muitos lugares na terra firme.

Mustafà sobrinho de Soleimão, filho de húa sua irmáa, como soube da morte de seu tio, & que tanto que Haidairin o matou, se fora a cidade de Zeibid a tomar posse della, & de quanta fazenda seu tio nella tinha, ajuntandosse cõ a mais gẽ-
30 te de cavallo, & de pè que pode, o foi buscar, & ouverão batalha, na qual fugindo Haidairin ja meo desbaratado, & recolhendosse para a cidade, Mustafà o matou as lançadas. Cõ estas discordias, & mortes se desfez esta armada de Raez Soleimão: porque os Capitães que naõ quiserão seguir as partes de Mustafà, se tornarão para Suez, onde varadas as embarcações, levarão novas ao Turco do successo d'aquella sua armada, que elle sentio muito.

Mustafà ficou com cinco galès, & tomada a cidade de Zeibid, começou pacificar a gente assi a ordenada para ir à
40 India, como outra que estava posta em guarnição dos lugares

que seu tio ganhara fazendolhes grandes pagamentos,& muitas larguezas por os ter de sua mão. E vendo que antes de muito tempo lhe avia de ser pedida conta da morte de Haidairin,& que o Turco podia logo prover nisso; começou de se fazer prestes para à India, lançando fama que queria fazer o que seu tio atè entam não tinha feito, com a occupação que tivera em fazer a fortaleza em Camaram,& na conquista da terra firme, mas em seu peito não tinha tenção de ir em serviço do Turco, se não porse em salvo, & evitar a indignação delle,& seguir a fortuna em serviço d'el Rei de Cambaia, 10 que tinha guerra cõ nosco, porque sabia particularmẽte muitas cousas d'aquelle Reino,& da fraqueza da gente delle, per informação de Coge Sofar, escravo de Raez Soleimão seu tio, que elle cattivou na costa de Apulha (como dissemos na terceira Decada*) o qual residio em Dio algũ tẽpo em habito de mercador para fazer os negocios de Soleimão: polo q̃ Mustafà o tornou a mandar cõ a mesma simulação de mercador, a intentar o animo d'el Rei de Cambaia, sobre a sua ida.

*Liv. I. cap. 3.

Coge Sofar chegado à Dio, foi ter cõ el Rei Badur de quem era conhecido por feitor de Raez Soleimão, por lhe ter dados 20 muitos presentes da parte de seu amo, & dadas muitas esperanças de elle ir com hũa grande armada para lançar aos Portugueses da India,& fazer cousas grandes por seu serviço. E como era sagaz; deu conta à Soltam Badur, como Soleimão era morto, com que todos seus apparatos,& disenhos ficarão perdidos,& frustrada a esperança de nos lançarem da India. Mas que dado caso que seu senhor fosse morto per aquella traição, que se presumia ser ordenada pelo Turco, por o odio que lhe tinha por se lançar cõ o Soltam do Cairo,& quis dissimular com elle pelo modo que teve em lhe mandar en- 30 tregar a armada per Haidairin; toda via pela vingança que Mustafa seu sobrinho tomou da sua morte, matando Haidairin,& toda a gente se sometter ao seu mando, & gouerno. S. A. tinha certo poderse aproveitar, & servir delle. E asi que seu parecer era, que elle senhor lhe escrevesse que se viesse para seu serviço, promettendolhe de lhe fazer honra, & merce. Com estas,& outras cousas, asi teceo Coge Sofar o negocio, com idas,& vindas,& cartas de hũa,& outra parte, que por as grandes promessas que lhe Soltam Badur deu de si, determinou Mustafa de se ir para à India. 40

Em quanto isto se tratava quis Mustafà tentar a fortuna,[a] se poderia tomar a cidade de Adem, que tinha por vezinha, & dando suas razões còradas à este seu proposito à fim de comprazer à gente foi cercar a cidade com dez navios de remo, & quarenta gelvas da terra, nas quaes embarcações levou DCC. Rùmes, Arabios, & Abexijs. Combateo Adem per mar, & per terra cõ grossa artelharia, em que avia quatro basiliscos que derrubarão boa parte dos muros, mas os Arabios se defenderão animosamente à custa das vidas de muitos, pela salvação de suas pessoas, molheres, & filhos, & o maior trabalho que no cerco padeçerão foi a fome de que morrerão mais que à ferro. Vendo Mustafà quam mal lhe avia succedido aquella jornada, levantou o cerco (que durou cinco meses) por ser ja tempo de monção de nossas armadas, que ordinariamẽte cada anno vinhão à aquellas partes,[a] & deixando na cidade de Zeibid por Governador à Xerife Ali Turco, que lhe servia de Veedor, & na cidade de Betalfac, Escander Maus Charques, & em Gizam outro seu criado chamado Bagxij; partio para a India com dous galeões em que recolheo a flor da gente, & as melhores peças de artelharia, com muitas munições; Chegãdo à Xael, que he na costa de Arabia, onde invernou, porque hũs sete Turcos dos mais principaes que elle levava recusarão passar à India, sentindo que elle ia mais fugido do Turco, que em seu serviço, a cinco delles tirou os olhos, & a os dous cortou os braços pelos cotovellos, & em hũ batel os mandou lançar em terra. De Xael seguio sua viagem para Dio, onde fez o que adiante diremos.[b] Enisto parou a armada dos Rumes, tam receada na India; de cujo successo chegarão as novas à Chaul, na entrada de Settembro do anno M.D.XXVII. per algũas naos de Meca, que n' aquelle porto entrárão, de que Christovão de Sousa avisou logo à Lopo Vàz de Sampaio; que aliviado deste cuidado attendeo à outras cousas necessarias ao governo.

Do successo desta armada teve despois aviso el Rei Dom Ioão, per via de Ormuz, q̃ lho mandou Christovão de Mendoça, Capitão d' aquella fortaleza; o qual sabendo que os Rumes não passavão à India, determinou de avisar à el Rei per terra, jornada atè entam não imaginada, & avida por quasi imposivel (como agora ordinaria, & facil) a qual à instancia de Christovão de Mendoça, fez Antonio Tenreiro, ,, pelo ,,

a. Diego do Couto escreve no cap. 16. do liv 6. que Mustafà se ajuntarà cõ el Rei de Xael, & an.bos assediarão Adem com mais de XX. mil homẽs, & a poserão em tamanho aperto, que a tomarão senão chegara à aquelle porto hũa armada nossa de que era Capitão mòr Eitor da Silveira, com temor da qual, & que poderia ir tomar Xael desapercebida, o seu Rei, & Mustafà levãtarão o cerco.

b. Differentemente escreve desta armada Diogo do Couto (Deca. 4. liv. 3. cap. 6.) porque diz que se armarão no porto de Suez LXXVI. vellas per mandado de Solimão Rei dos Turcos, das quaes fez Capitão gèral à Soleimão (a que Couto erradamente chama Baxa, & governador do Cairo, não o sendo este Soleimão, se não o Capado, que no anno de D.XXXVIII. passou à India, & teve Dio cercada) & por seu lugar tenente à Escander Chan. Na sua companhia ião Mostafà Carmanij Elaracen, que despois foi senhor de Baroche, Acem Lan, que no Reino de Cambaia teve o titulo de Madre Maluco, & Coge Sofar, q̃ n' aquelle tempo era thesoureiro do Cairo, o qual levava sua molher, filhos, & genro. Com esta armada partio Soleimão de Suez, na entrada do Verão de M. D. XXVII. chegou à Camaram, onde fez hũa fortaleza & provida de gente, & munições, se embarcou para passar à India, & por achar na bocca do estreito os Levantes voltou para dentro, & foi esperar a monção dos Ponentes de Abril em Cobit Sarif porto de Arabia, do Reino de Zeibid, o qual tomou Soleimão, & nomeou por Governador delle à Escãder. Succederão entre ambos differenças das quaes resultou à morte a Soleimão, dada per ordẽ de Escander, q̃ ficou em Zeibid com titulo de Rei, os outros Capitães se tornarão para Suez, & Mustafà sobrinho de Soleimão, cõ os da sua valia, se passou à Xael, & d' alli Dio.

,, pelo muito conhecimento que tinha de lingoas, & de aque-
,, llas regiões, perque avia passado en companhia de Balthasar
,, Pessoa Embaxador de D. Duarte de Menesses Governador
,, da India ao Xiah Ismael. Partio Antonio Tenreiro de Or-
,, muz para fazer este novo caminho, em Settembro de 1528.
,, & chegando à Basçorá, à tempo que erão ja partidas as cafi-
,, las para Alepo, com hum Mouro piloto do deserto, o atra-
,, vessou em dromedarios, com grandes perigos de ladrões, &
,, de feras que nelle andão: o qual passado en xxij. dias chegou
,, ao lugar de Cocana, & delle em companhia de hũa cafila, à
,, Alepo, & d'alli à Tripoli de Soria, onde se embarcou para
,, Chipre, & passando à Italia veo ter à Portugal, onde el
,, Rei D. Ioão lhe fez merce pelo trabalho de hũa tam nova
,, & incognita jornada, da qual, & da primeira fez Antonio
,, Tenreiro hũa larga, & curiosa relação, que com nome de Iti-
,, nerario imprimio em Coimbra no anno de 1565. dedicado à
,, el Rei D. Sebastião.

CAPITVLO IX.

Como Pero Mascarenhas mandou Alvaro de Brito com algũas fustas à Ilha de Bintam, para que lhe não entrassem mantimentos: da nova que teve da sua succesão no governo da India, & da armada que fez para ir à Bintam.

DESPOIS que Aires da Cunha, & Iorge Mascarenhas se vierão de Bintam, por causa das enfermidades, & mortes da gente (como atras temos ditto*) tornou Pero Mascarenhas à mandar là ao mesmo effeito Alvaro de Brito com algũs navios, para estorvar que n'aquelle porto não entrassem mantimentos, & por à grande necessidade que elle tinha delles, mandou tres navios à Iaoa, de que erão Capitães Ioão Moreno, Francisco Lopez Bulhão, & Gonçalo Alvarez, & não forão à costa de Pam, donde Malaca as vezes se provia; porque estava de guerra com os Portugueses, por causa da morte de D. Sancho Enriquez,* & do dãno que por essa razão lhe fez Martim Afonso de Sousa. 2

Neste tempo Iorge Cabral, que partira de Cochij para as Ilhas

* Dec. 3. liv. 10. cap. 6.

* Da morte de D. Sancho Dec. 3. liv. 8. cap. 7.

2 Era Martim Afonso de Sousa filho de Manoel de Sousa, de quem tratta Ioão de Barros na 3. Dec. liv. 10. cap. 2.

Ilhas de Maldiva, sendo ja Lopo Vàz de Sampaio Governador, & trazia duas fustas, hum catúr, & hũa caravella (na qual ia hũ Rui Martíz cavalleiro da casa d'el Rei para ficar alli por feitor) entregou os navios à Gomez de Soutomaior, que ia em hũa das fustas por Sottacapitão, & elle se foi na outra caminho de Malaca dar novas à Pero Mascarenhas da sua successão, para ver se de alviceras podia alcançar a Capitania de Malaca. E como na felicidade achão os homẽs muitos amigos, tras elle foi Duarte Coelho com recado de Afonso Mexia, & d'ahi à poucos dias Antonio da Silva de Menesses, que
10 lhe levava a carta da governança, & os autos que sobre isso erão feitos em Cochij. Com os quaes chegado Antonio da Silva à Malaca, o Alcaide mòr, feitor, & officiaes della se forão à Igreja, & nella com sua solemnidade derão juramento à Pero Mascarenhas de seu cargo, segundo costume; & com grandes mostras de prazer, o ouverão todos por Governador, & logo proveò de Capitão da fortaleza à Iorge Cabral, por as qualidades de sua pessoa, & por a boa nova que lhe levou, & fez Secretario à Lançarote de Seixas, & Ouvidor gé-
20 ral à Simão Caeiro. Mas Aires da Cunha Capitão mòr do mar se agravou do provimento da fortaleza em Iorge Cabral por alviceras, & não nelle por justiça pela qual dezia pertencerlhe per Regimẽto d'el Rei, de que o traslado estava na feitoria. Pero Mascarenhas porem se resolveo, que a provisão se entendia quando o Capitão da fortaleza fallescesse, do que Aires da Cunha ficou mui escandalizado. Duarte Coelho tambem ouve seu quinhão das alviceras, que foi hũa viagem para a China, que não ouve effeito, senão a Capitania mór do mar da armada de Francisco de Sà, que ia para à
30 Sunda, que d'ahi a poucos dias chegou da India: a qual Capitania vagara por dom Iorge Tello de Menesses, que partio de Cochij provido della em companhia de Francisco de Sà em hum galeão velho, em que levava todas as munições necessarias para se fazer a fortaleza em Sunda: & no primeiro tempo rijo que lhe deu no golfão de Ceilam, abriò o galeão, & se foi ao fundo com mais de sessenta homẽs, & D. Iorge escapou em hum batel com algũs quarenta, & se tornou à India.

E posto que a monção de Settembro não era vinda para Pero Mascarenhas se partir para a India, por não esperar a de
40 Dezembro, & o inverno, que era mui tarde, quis em Agosto

ir

ir esperar os Levantes aos Ilheos de Pulopuar, & estando surto nelles, lhe deu hum temporal tão rijo, que com os mastos quebrados do galeão em que ia, tornou arribar à Malaca; & por hũa maré que se adiantou hum navio que ia carregado de drogas para a India, escapou do temporal, & passou à India, [a] onde deu nova como Pero Mascarenhas ia, & a causa de elle não partir na mesma maré, foi aver vista à saida do porto de navios que vinhão de Banda com Antonio de Brito Capitão q̃ fora de Maluco, & tornou a entrar no porto por saber novas d'aquellas partes, de que avia meses que as não tinha: & esta breve detença que entam fez foi causa de arribar, & de tomar Bintam, quando o seu Rei tinha maiores esperanças de occupar Malaca. Porque do tempo de Iorge de Alburquerque ficára mui desbaratada com as guerras, & fomes que nella ouve, com que muitos mercadores a deixarão, & forão habitar à outras partes, & os senhores que tinhão escravos lhes derão liberdade por os não poderem manter. Sobre esta necessidade de fome, & da guerra passada, era ja morta muita gente da que Pero Mascarenhas levou nas idas à Bintam, onde muitos acabarão de doença. Hiasse tambem Pero Mascarenhas à India à governar, & Fráciſco de Sà avia de ir fazer a fortaleza de Sunda, com que a cidade de Malaca ficava sò, & em poder de Iorge Cabral novo Capitão sem cabedal para sustentar a fortaleza sem gente. Todas estas cousas erão manifestas à el Rei de Bintam per Mouros de Malaca, que de tudo lhe davão aviso, & como todas erão em seu favor, determinou de se aproveitar da occasião, & vir tomar Malaca pondo nisso todas suas forças, & de seus amigos. Para o que mandou requerer todos seus parentes, & aliados que o socorressem com gente quando fosse tempo, & com mantimentos por seu dinheiro, & que a Malaca os denegassem, por que per fome, & ferro lhe queria fazer guerra a tè ganhar o seu que tinha perdido.

A estes pensamẽtos atalhou Deos Nosso Senhor, com o estorvo que deu à partida de Pero Mascarenhas: o qual sabendo que não podia ja partir para a India menos que na fim de Dezembro, ou entrada de Ianeiro, & que deixava aquella cidade em perigo manifesto, se não destruisse a Bintam antes da sua partida, chamou à conselho todos aquelles Capitães, & fidalgos que alli estavão, & manifestando lhes o perigo de Malaca,

a. *Este navio chegou á India no fim de Dezembro de M.D.XXVI.*

Malaca, & que o remedio delle era a ruina de Bintam, lhes disse que elle determinava cometter aquella empresa, da qual tinha por certo tornar com vittoria, porque para isso entendia aver Deos estorvado a sua ida à India, & jũtado n'aquella occasião tantos fidalgos; & Capitães, & valentes soldados. Approvarão todos a determinação de Pero Mascarenhas, o qual para que o Rei de Bintam não se apercebesse mais do q̃ estava fortalecido, usou desta cautela. Como era publico que Francisco de Sà estava ordenado para ir à Sunda, & elle esta-
10 va doente, deu Pero Mascarenhas cuidado à Duarte Coelho, que aprestasse as cousas da armada para Bintam, com voz q̃ as fazia para à Sunda, por elle estar declarado que avia de ir com Francisco de Sà servir de Capitão mòr do mar. Esta estratagema, & ardil foi mui proveitoso, porque em quanto Duarte Coelho apercebeo aquella armada, sempre os Mouros tiverão para si ser para a Sunda.

Providas todas as cousas para a jornada, embarcousse Pero Mascarenhas em hum galeão, de que era Capitão Alvaro de Brito; & das outras velas, q̃ erão vinte, em que entravão seis
20 que avião de ir à Sunda, erão Capitães Aires da Cunha, Alvaro da Cunha seu irmão, Antonio da Silva, Antonio de Brito, D. Iorge de Meneses, Francisco de Sà, Duarte Coelho, Simão de Sousa Galvão, Tristão Teixeira, Ioão Roíz, Pereira Passaro, Francisco de Vasconcellos, Iurdão Iorge, Francisco Iorge, & Fernão Serrão de Evora; todos estes ião em navios Portugueses: as outras embarcações erão lancharas da terra, & nellas ião por Capitães Iorge de Alvarenga, Diogo de Ornellas, Ioão Estevéz, Vasco Lourenço, Fernão Pirez, & Gaspar Luis. Nesta frota ião a tè quatrocentos soldados Portu-
30 gueses, em que entravão muitos fidalgos, alem dos Capitães, & outra gente nobre. Os Malaios da terra, & vassallos da cidade serião seiscentos, de que erão Capitães dous Mouros principaes, Tuam Mafamede, & Sinaia Raxa. Com esta armada, & gente partio Pero Mascarenhas hum Domingo xxiij. dias de Outubro d'aquelle anno de M.D.XXVI.

(?)

CAPITVLO X.

Como Pero Mascarenhas chegou ao porto da Ilha de Bintam, & desbaratou hũa armada d'el Rei de Pam, & do conselho que teve por onde accometteria a entrada da cidade.

SENDO todo o caminho de Malaca à Bintá cheo de Ilhetas, restingas, & baxos de muito perigo, chegou Pero Mascarenhas ao porto de Bintam com grande trabalho, & risco; & surgindo, mandou sondar a barra do rio, para ver se poderia sobir per elle acima com os navios pequenos que levava: foi Duarte Coelho à fazer esta sonda, & tornando deulhe menos esperanças da subida dos navios, das que elle levava de Malaca. Porque despois que Iorge de Alburquerque voltou de Bintam, mãdou el Rei metter no rio mais estacas, & tam retorcidas, que não podião entrar em aquelle canal, senão algũas pequenas lancharas: & porque levar a gente nellas atè a ponte, que estava na cidade, onde Pero Mascarenhas se queria ver, era offerecer a gente à morte mui certa, assentou per conselho dos que alli forão com Iorge de Alburquerque, de mandar arrancar as estacas, & despejar o caminho, & asi se fez; para a qual obra nomeou à Fernão Serrão, que era Capitão de hum navio, por ser bom cavalleiro, & homem industrioso, & deulhe cinquoenta homẽs escolhidos, & despachados para aquelle mester. Começando Fernão Serrão esta obra, forão tantos os tiros sobre elle da artelharia que estava assentada na terra, principalmente nos cotovellos della, que senão forão as grandes arrombadas que o navio levava, fora mettido no fundo. Foi esta arrancada das estacas hum trabalho tam grande, que bastava para matar os homẽs, quanto mais os pelouros da artelharia: porque como as estacas forão alli mettidas com força de masso, & sobre ellas cresceo a vasa, asi se uniò com os paos, que parecia terem criado raizes, tam firmes estavão, pelo que à força de cabrestantes se bulião, & arrancavão, pondo os homẽs nisso tanto trabalho que cospião sangue.

Sobre este trabalho lhe recresceo outro, que os metteo em maior

maior revolta, & foi o soccorro q̃ el Rei d̃ Pam genro d'elRei de Bintam lhe mandava, asi de gente, como de mantimẽtos, em trinta lancharas, q̃ fazião grande apparato, & mostra ao mar; & posto que Pero Mascarenhas ja tinha noticia desta armada q̃ el Rei de Bintam tinha mandado pedir, & não o sobresaltou a vista della, toda via fez em todos grãde alteração; de mais de verem tamanha frotta, recearem que chegada ella ao porto, saisse de dentro do rio Lacxemena, & os metesse em maior trabalho. E asi antes que se chegasse mais, mandou

10 Pero Mascarenhas à Duarte Coelho que lhe saisse com algũas vellas ao encontro, porque Aires da Cunha, que era Capitão mòr do mar, tinha engeitado o cargo por as paixões passadas com Pero Mascarenhas sobre a Capitania de Malaca que lhe não deu. Porem quando vio a revolta que ia na vista d'aquellas lancharas, elle com seus irmãos Alvaro da Cunha, & Francisco da Cunha, & algũs parentes, & amigos que se lhe chegarão, se foi à Pero Mascarenhas, dizendo: *Senhor, que mandais que faça por serviço d'el Rei, que para isso não negarei minha pessoa*; ao que Pero Mascerenhas

20 respondeo: *Acudi senhor ao encontro d'aquelles navios que vedes*; o que Aires da Cunha logo fez, mandando Pero Mascarenhas algũs navios que o acompanhassẽ, & ficou d'aquella parte descansado, vendo que Aires da Cunha se offerecia, & com elle ião seus irmãos, & pessoas, que do caso avião de dar boa conta. Os Mouros quando virão Duarte Coelho que saia da armada de Pero Mascarenhas, não fizerão delle conta, porque levava sómente quatro ou cinco navios, mas quando lhes appareceo Aires da Cunha, imaginando ser ardil de guerra, acõmetteremnos espalhados, começarão à re-

30 demuinhar, & a maior parte delles, que à Duarte Coelho que ia diante ja começavão à varejar com a artelharia, forãosse retirando para hũa Ilha que alli estava perto com fundamento de se salvar em terra, & asi o fizerão. Finalmente, a sua vinda parou em muitos delles serem tomados no mar, & muitos n'aquella Ilha, & outros deixando os navios salvarão suas pessoas, a que ajudou ser perto da noute, por razão da qual Duarte Coelho, & Aires da Cunha os deixarão de perseguir, & contentarãosse cõ lhe ficarem na mão mais de doze lancharas, com quanta artelharia, & mantimen

40 tos trazião.

Avida esta vittoria, que Pero Mascarenhas tomou por certo sinal da outra que esperava da tomada da cidade, dobrou mais gente para revesar com outra fresca o arrancar das estacas, que ainda com toda esta dobrada diligencia, durou o trabalho mais de doze dias, sendo ja n'este tempo o navio de Fernão Serrão tam esfuracado da artelharia, & tam cheo de agoa, que era outro novo trabalho esgotala, porque se não fosse ao fundo. Toda via elle acabou sua obra, & foisse por muito perto da ponte, a qual ordenada para serventia, & defensão da cidade, estava armada sobre grossos mastos de pao barbusano, que por ser forte & rijo lhe chamão pao ferro. A cidade ficava situada à mão dereita da ponte, [a] apartada della pouco mas de mil passos, toda cercada de madeira grossa, com estacada dobrada, & tam alta como hum muro feito à dentes de serra, que ficavão sendo traveses hũs dos outros, defendidos com muita artelharia. E para defensão de hũa praça que ficava entre a cidade & o rio, & servia para a embarcação, & desembarcação, avia hum baluarte terraplenado, & n'elle assentadas muitas peças de artelharia. Na outra parte da ponte, assi da banda de baxo atè a foz do rio, como acima della, tudo era hum espesso arvoredo de mangues, arvores que se crião n'agoa salgada, sem aver outra serventia, nem caminho, por tudo ser alagadiço per que se não servião. E com tudo no fim desta ponte (ainda que com este arvoredo de mangues abaxo & acima estava segura desta mão esquerda, fronteira à outra dereita, em que el Rei tinha posta a maior defensão) estava feito outro baluarte d'aquella madeira forte com muita artelharia, & por Capitão desta estancia hum Mouro por nome Tuam Raja, bom cavalleiro, com gente que elle escolheo à sua vontade. Da outra banda da cidade, que era a dereita, em que os Mouros outro si tinhão posta sua defensão, alem dos Capitães que estavão repartidos pelos lanços do muro que dissemos, ficava de fora Lacxemena, como Capitão do mar, por alli ter suas lancharas com que esperava pelejar, avendo disso necessidade. E assi o fez, porque tanto que Fernão Serrão acabou sua obra, & com grande grita & prazer chegou à ponte, ficãdo de marè chea, como hum baluarte sobre ella, acometteo Lacxemena o navio, & pelejando os Mouros animosamente, com custo de muito sangue dos nossos, & derribando à Fernão Serrão quasi por morto, ouverão

a. O sitio da Ilha, & cidade de Bintam descreveo João de Barros na 3. Dec. liv. 5. cap. 4.

ouverão de ficar senhores do navio. Mas à esta pressa acodio Pero Mascarenhas em as mais pequenas embarcações que tinha, por causa da artelharia que estava nos cotovellos de terra das torceduras do rio, & fez tal estrago em os Mouros, que despejarão o navio, & Lacxemena se tornou à recolher. Aconteceo que n'este recontro hum escravo moço, & Christão de hum Portugues que estava cartivo, tendo tempo escapou, & veo dar nova à Pero Mascarenhas do estado das cousas d'el Rei, & como estava forralecido; & per o mes-
10 mo modo tambem hum Portugues cattivo, preso com hũa grossa braga, antemanhãa mettido bem na vasa por chegar ao navio de Fernão Serrão, começou à bradar, & pelos nossos foi d'alli tirado, & levado à Pero Mascarenhas, à quem contou tudo o que passava entre os Mouros.

Vendo pois Pero Mascarenhas per sua propria pessoa a fortificação que os Mouros tinhão posta n'aquella parte da mão dereita onde a cidade estava, como em lugar de maior sospeita, por razão da praça, & serventia; & considerando tambem a outra parte da ponte onde estava o baluar-
20 te, & o grande arvoredo que avia ao longo do rio atè ir dar n'ella; disto que reconheceo, & notarão os que com elle forão, tirou o conselho do que avia de fazer, & foi mandar logo aquella noute ordenar na praia, na face do terreiro, que era serventia da cidade, hum repairo de pipas cheas de terra, guarnecido com algũs falcões, & guardado com os Malaios que vinhão n'aquella armada, Capitães Tuam Mafamede, & Sinaia Raja, com algũs Portugueses que os governassem, aos quaes elle descobrio os sinaes que avião de fazer, & aos que avião de responder; porque sua tenção era
30 acometter a entrada da cidade per outra parte, & dar à entẽder ao inimigo com aquella prevenção que por alli a queria entrar; & à este fim mandou pôr n'aquella parte os Malaios, que como gente menos fiel, não lhe servião de mais que de mostra do que elle não queria fazer. E por onde determinava que fosse a entrada da cidade, menos sospeitosa à el Rei, & mais trabalhosa aos nossos, por a grande aspereza do caminho, era pela mão esquerda, per entre os mangues, atè ir dar no baluarte da ponte. Vinda a noute, deixando os navios grandes providos de gente, & em os de
40 remo leves embarcando outra, os repartio em duas esqua-

dras, hũa deixou ao meio do rio, para que se ajuntasse com os Malaios, & a outra que fosse demandar o navio de Fernão Serrão, que correo risco de ser perdido por os Mouros lhe virem cortar as amarras, o que sentindo os nossos que vigiavão, lançarão outras guarnecidas com cadeas de ferro, que se não podião cortar.

CAPITVLO XI.

Como Pero Mascarenhas cõmetteo, & destruio a cidade de Bintam, com morte de muitos Mouros, & fugida d'el Rei. 10

DADA esta ordẽ, saio logo Pero Mascarenhas em terra abaxo da ponte espaço de hũa legoa, & cõ guias q̃ levava diante começou à caminhar per entre os mágues, & acõmetteo hũ trabalho increivel, & hum feito, q̃ em outro Capitão que não tivera o animo & valor de Pero Mascarenhas se podia chamar temerario, & inconsiderado, vista a pouca noticia que elle tinha d'aquelle lugar, & as circunstancias delle, 20 & do tempo; porque o tempo era de noute escura, o caminho entre arvores, cuja espessura fazia a noute mais escura, & ora pela vasa, ora per cima de grandes raizes, que estas arvores crião do meio do tronco para baxo, ordenadas demaneira que per cima dellas se não pode andar em pè, & tudo tam intricado com ellas, que para de dia era este caminho em estremo trabalhoso, quanto mais pelo escuro da noute. Com estes trabalhos cansados, & enlameados os nossos chegarão ao baluarte da ponte, antes que a alva rompesse, & como os 30 Mouros da vigia da noute, estavão cansados, & descuidados de serem acõmetidos por aquelle lugar, quasi não sentirão os nossos, senão quando derão Santiago n'elles, & as trombetas fizerão sinal aos q̃ estavão com Fernão Serrão, & com os Malaios na estancia das pipas, & todos arremetterão cõ tã espãtosa grita, q̃ os Mouros não atinavão aonde avião de acudir, & por ouvirẽ maior ruido de vozes na estancia dos Malaios, por ser đ maior numero de gẽte, & aver n'ella trõbetas para enlearẽ mais os inimigos, acudirão elles alli primeiro q̃ à outra parte, & como tinhão esta por mais principal estãcia, pa 40 recendolhes

recendolhes, que por ella os avia de acõmetter Pero Mascarenhas; & estava n'ella Lacximenia; ajuntousse alli a maior parte dos Mouros, mas não se sabião determinar, porque ainda a luz do dia não dava muita claridade. Fernão Serrão como lhe estava encomendado, com panellas de polvora pôs o fogo à hum baluarte pegado com a ponte, de que os Mouros com temor se afastarão. Ia à este tempo a parte que Pero Mascarenhas acõmetteo era entrada, & o primeiro que sobio por aquelle baluarte foi Aires da Cunha, cõ seus irmãos
10 Alvaro da Cunha, & Francisco da Cunha, & Ioão Pacheco, aos quaes os Mouros resistirão valerosamente: & Aires da Cunha logo ahi ouve o retorno do ferro com que matou o primeiro que se lhe defendeo, porque quando sobio lhe metterão hũ zarguncho per entre as pernas, de que despois trouxe muito tempo a ferida aberta, & manquejou. Por a mesma parte per onde Aires da Cunha entrou, foi aberto hum postigo q̃ fechava a ponte sobre si, ao qual acudirão muitos dos nossos, & entrãdo per elle começarão encaminhar pela ponte adiante atè irem entrar na cidade, que ja andava posta em
20 grande revolta, atonitos, & confusos os Mouros, sem saberẽ a que parte avião de acudir.

El Rei ficou tão cortado quãdo soube q̃ a cidade era entrada, q̃ não ousando esperar a furia da vittoria, ouve à mão hum Elefante, & sem esperar outra cousa quis salvar sua pessoa, & metteosse pelo mato ao interior da Ilha, & para mais trabalho seu, entẽdẽdo da gẽte q̃ o acõpanhava, q̃ algũs dos nossos o seguião, cõ temor se desceo do Elefãte, & se embrenhou na espessura do mato; indo algũs Portugueses no seu alcance atè se embrenhar. E cuidando Pero Mascarenhas q̃ o tinha nas
30 suas casas, cõ o maior corpo da gente q̃ o seguia, foi dereito à ellas, & hum dos Capitães d'el Rei, por nome Laxa Raja, que estava em guarda de outra parte principal da cidade, por lhe darem rebate q̃ era entrada pela ponte, acudio tãbem às casas d'el Rei, não sabẽdo q̃ era fugido, & veosse à encõtrar n'ellas cõ Pero Mascarenhas, onde pelejarão os Mouros mui esforçadamẽte em quãto não souberão q̃ el Rei era partido; mas despois q̃ lhes chegou esta nova, não somente Laxa Raja que primeiro o soube, ja ferido de duas espingardadas, mas todos os outros à quẽ melhor salvaria a vida, entregarão a cidade à
40 vontade dos nossos vittoriosos.[a]

a. Avia na cidade para sua defensão mais de sette mil homẽs de peleja, dos quaes morrerão mais de quatrocentos, sem os muitos feridos, & se cativarão dous mil: & dos Portuguses morrerão dous ou tres. Diogo do Couto liv. 2. cap. 3.

Antes que fosse mettida à saco, tres mercadores estrangeiros que n'ella tinhão muita fazenda, se vierão à Pero Mascarenhas, pedindolhe q̃ delles ouvesse compaixão, por não serẽ naturaes da terra, o que elle concedeo, com condição que lhe dessem os mantimẽtos que ouvessem mester os dias que alli estivessem, como fizerão. Despois que a cidade foi saqueada, poserãolhe o fogo. Ouve n'ella grande despojo, em que entrarão perto de trezentas peças de artelharia, das quaes muitas forão nossas, avidas per os navios das armadas que este Rei trazia contra nos. O qual vendose desbaratado, furtadamente se passou à terra firme de Malaca, à hum lugar chamado Vjantana, onde d'ahi a poucos dias com o trabalho do caminho, & nojo da sua ultima perdição acabou a vida; mas ficoulhe hum filho por nome Alaudim, que tambem seguio esta guerra cõtra nos, como adiante diremos.[a] Acabado este feito, que foi o mais honrado de quantos n'aquellas partes se fizerão; porque Francisco de Sà avia de fazer sua viagem para Sunda, Pero Mascarenhas o despedio d'alli, & elle se tornou para Malaca com honra, & triũfo de tã gloriosa vittoria.

a. Antes q̃ Pero Mascarenhas partisse de Bintam veo alli ter o senhor que fora d'aquella Ilha, a quem ó Rei morto a tomou, & pedio á Pero Mascarenhas q̃ lha restituisse, & elle lha deu com condição que ficasse vassallo d'el Rei de Portugal, & q̃ não faria fortaleza n'aq̃lla Ilha, nem traria armada no mar.

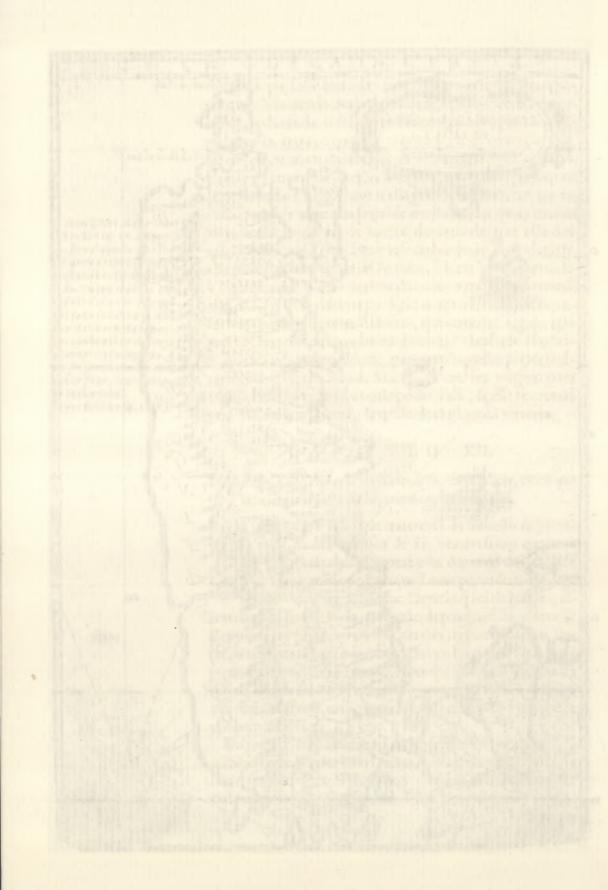
Veo tambem el Rei de Linga grande amigo dos Portugueses, q̃ vinha em seu socorro com dez oito lancharas, & foi mui bem recebido de Pero Mascarenhas.

Diogo do Couto liv. 2. cap. 3.

CAPITVLO XII.

Da descripção de Sunda, & costumes de seus habitadores, & em que lugares da India hà pimenta para carregação.

ANTES que trattemos do successo da jornada de Francisco de Sà, he necessario contar a causa della, & como esta depende da amizade & paz, que Enrique Leme per ordem de Iorge de Alburquerque Capitão q̃ foi de Malaca, assentou cõ el Rei de Sũda, por razão da pimẽta q̃ hà n'aquelle Reino; convẽ primeiro dar noticia da viagẽ de Enrique Leme, ainda q̃ na cõta dos annos tornemos hũ pouco atras do tẽpo de q̃ ao presente trattamos; & porq̃ o Reino da Sũda he hũ dos da Ilha da Iaoa, será necessario preceder à tudo a descripção desta Ilha & Reino, para se melhor entender o que sobre elle hemos de dizer.

Da terra da Iaoa fazemos duas Ilhas, hũa ante outra, cujo lãçamẽto he de Pônẽte para Oriẽte, quasi ambas em hũ parallelo em altura de sete atè oito Graos da parte da linha Equinocial para o Sul. No cõprimento destas Ilhas, segundo os mareantes

reantes d'aquelle Oriente, as assentão em suas cartas, avera distancia pouco mais ou menos de cento & oitenta legoas, não sendo na verdade tãtas, como mostraremos na nossa Geografia universal. Os mesmos Iaos não fazẽ da Iaoa duas Ilhas, senão hũa de todo aquelle comprimento. E para o Ponente, onde ella vem à vezinhar com a Ilha Samatra fica entre ambas hum canal de dez atè doze legoas de largura; [a] pelo qual se navegava todo aquelle Oriẽte com o Occidente da India, antes que Malaca se fundasse, como ja temos escritto. Esta Iaoa asi como vai em comprimento, leva pelo meio hũa corda de serranias mui altas, que serão da costa do mar da parte q̃ tem a face ao Norte, atè o mais interior da terra vinte cinco legoas, & dellas para o Sul os mesmos naturaes da terra não sabem o q̃ vai, somente dizem tèr noticia, que destas serras atè o mar do Sul avera outro tanto. Quasi no terço do cõprimento desta Ilha, na parte Occidental, està Sunda, de que avemos de trattar: a qual parte de terra os seus naturaes tem ser Ilha apartada da Iaoa per hum rio pouco sabido dos nossos navegantes, a que elles chamão Chiamo, ou Chenano, que corta do mar todo aquelle terço de terra: demaneira, que quando aquelles naturaes dão a demarcação da Iaoa, dizem que a parte do Ponente confina com a Ilha de Sunda, & se aparta della por este rio Chiamo: & da parte do Oriente com a Ilha Bale, & que do Norte tem a Ilha Madura, & do Sul mar não descuberto; porque tem elles para si que quem sae per estes canaes contra aquelle mar do Sul, esgarra com as grandes correntes, & não pòde mais tornar; & por isso o não navegão ao modo que fazem os Mouros na costa da Cafraria atè Sofalla; que não passão o Cabo das correntes por as grandes que aquelle mar tem. Os moradores de Sunda em abonação da sua terra, gloriandosse ser melhor que a Iaoa, dizem, que Deos ordenou asi esta divisão entre estas duas terras, per aquelle rio Chiamo; & logo per elle mesmo o quis mostrar nas arvores que nascem ao longo delle; porque tendo as raizes na sua margem, lanção as ramas & frutto para dentro de si, deixando o rio desasombrado deste arvoredo: a qual causa sendo conforme à razão natural, elles a atribuem à misterio; por carecerem dos principios da Philosophia: porque todas as cousas naturalmente são tam amigas de sua propria conservação, & fogem tanto das q̃ lhe podem ser perjudiciaes, que

a. Este canal q̃ se chama o Boquerão da Sunda, tem no mais largo vinte cinco legoas, & no mais estreito seis: & na saida delle da parte de Levante, fica a Ilha Macar, que se affirma ter muito ouro.

por fugirem aquellas arvores aos ventos, que correm com grande impeto pela madre d'aquelle rio, ſe inclinão à outra parte, como quem lhes foge, o q̃ he couſa mui nota aos bõos mareantes, que da inclinação das arvores, que eſtão ao longo do mar, conhecem que vento curſa n'aquella coſta o mais do anno. E tornando a repartição q̃ os naturaes d'aquellas partes da Sũda fazem, elles a apartão per aquelle rio Chiamo que diſſemos; o qual por não ſer dos noſſos navegantes mui ſabido, fazem da Sunda, & Iaoa hũa Ilha: & deixando as couſas da Iaoa para a noſſa Geographia univerſal, pois a Sunda nos trouxe à eſta deſcripção de terras, fallaremos hum pouco della.[a]

Eſta Ilha de Sunda he terra mais montuoſa por dentro q̃ a Iaoa, tẽ ſeis portos de mar notaveis, Chiamo que he o eſtremo da Ilha, Xacarara por outro nome Caravam, Tangaram, Cheguide, Pondang, & Bantam,[b] que ſão de grande trafego, por razão do cõmercio que ſe aqui vem fazer, aſsi da Iaoa, como de Malaca, & Samatra. A principal cidade que tẽ eſte Reino ſe chama Daio, mettida hum pouco no ſertão, a qual affirmão, que no tempo que foi à aquella Ilha Enrique Leme, tinha cinquoenta mil vezinhos, & no Reino averia cem mil homẽs de peleja; agora por a guerra que lhe fizerão os Mouros eſtà tudo muito deminuido. A terra he em ſi mui to groſſa, ha n'ella ouro baxo de ſette quilates, tẽ carne, & mõ teria de toda ſorte, muitos mantimentos, & tamarindos; que aos naturaes ſervem de vinagre. A gente não he muito bellicoſa, mas dada às ſuas idolatrias, para o que tẽ grande numero de templos; querem mal aos Mouros, & muito maior agora, deſpois que os conquiſtou hum Sangue de Pate de Dama. Podem aqui reſgatar quatro & cinco mil peſſoas por cattivos, por ſer muito povo, & licito por lei ſua, q̃ o pai poſſa vender os filhos por qualquer leve neceſsidade. As molheres tẽ bom parecer, & as nobres ſão mui caſtas, o que não ſão as do povo; tem moſteiros de molheres que guardão perpetua virgindade, por vaidade da honra, mais que por devação. Os homẽs nobres quando não podem caſar ſuas filhas à ſua vontade, contra a ſua dellas as mettem n'eſtes moſteiros: As caſadas quando lhes morrem ſeus maridos hão de morrer com elles por honra, & ſe temem a morte, entam ſe mettem n'aquelles moſteiros como religioſas. O Reino ſe ſuccede do

pai

a. A Ilha da Iaoa he dividida em muitos Reinos pelo maritimo Septentrional della, & dos que ſe tem noticia, começando da ſua parte Oriental, ſão Paneruca, Ovalle, Agaſai, Paniam (cujo Rei reſide no ſertão, & tem ſuperioridade ſobre os Reinos referidos, & outros) Berodam, Sodaio, Tubam, Cajoam, Iapara (à cidade principal deſte Reino ſe chama Cherinhamà, tres legoas apartada do mar, & à borda delle fica a de Iapara) Damo, Margam, & Maiarom. Nas ſerras deſta Ilha vivẽ muitos ſenhores q̃ ſe chamão Gunos, gente ſalvagem, & q̃ come carne humana. Os ſeus primeiros povoadores forão Siames, q̃ cerca do anno de DCCC. partindo de Siam em hum junco para a Ilha de Macaçar, eſgarrarão com hum temporal, & ſe perderão na Ilha de Bale, & na champana do Iunco, vierão ter à Iaoa atè entam não deſcuberta, à qual por ſua groſſura, & fertilidade veo logo povoar Paſſarà filho d'el Rei de Siam, & em hũ bom porto della fundou a cidade Paſſarvam do ſeu nome, que foi a primeira povoação deſta Ilha. São os Iaos ſoberbos, valentes, & atreiçoados, tã vingativos, que por qual quer pequena offenſa (tendo elles pola maior de todas poremlhe a mão na teſta) ſe fazem amoucos para ſe ſatisfazerem della: exercitão muito a navegação per aquelle Arcipelago Oriental, & dizem que navegarão ja pelo Oceano atè a Ilha de S. Lourenço.

b. A cidade de Bantã, ou Banta, q̃ fica no meio do Boqueirão da Sũda, eſtà ſituada no meio de hũa larga enſeada de põta à põta terá tres legoas: he limpa, de ſeis atè duas braças de fundo, ſae nella hum rio que divide a cidade em duas, per que podem entrar juncos, & galès. A hum lado da cidade hà hũa fortaleza cujo muro q̃ he de adobes terà de largura ſete palmos, & os ſeus baluartes ſão de madeira guarnecidos, cõ boa artelharia.

pai à filho,& não o ſobrinho filho de irmãa ao tio,como uſão os Malavares, & outro gentio da India. Prezãoſe de ter armas ricas, guarnecidas d'ouro, & lavradas de tauxia, & aſsi dourão os criſes,& ferros de lanças,& toda outra arma de ferro. Muitas outras couſas poderamos eſcrever deſta terra, (q̃ deixamos para a noſſa Geografia,por não fazer ao propoſito deſta hiſtoria)& de todas as que ella porduz, a de maior importancia,he a pimenta de que ſe colhe cada anno mais de trinta mil quintaes.

E porque os Reis de Portugal alem da conquiſta d'aquellas partes de Oriente,para ſuſtentação della,tem o cõmercio das mercadorias que à eſtes Reinos ſe trazem, parteſica ſendo deſta hiſtoria da India,com a occaſião da pimenta da Sunda,trattar della,(como de eſpeccaria mais principal,)& dos lugares donde vem.Dizemos por tanto, que das partes que os Portugueſes conquiſtarão na India, d'aquem, & d'alem do Ganges, em ſeis partes ſòmente ha pimenta, que ſeja couſa notavel para carregação de naos. Na terra do Malavar a hà, muito neta,na parte Occidental da Ilha Samatra,onde ſão os Reinos de Pacem,& Pedir,na coſta de Malaca onde chamão Quedà,& na outra parte da meſma terra,que tem o roſtro para Levante quaſi oppoſta à eſta,& na terra da Iaoa, por nome Sunda. A pimenta d'aqui, & do Malavar, he quaſi igoal em peſo, groſſura, & ſabor; & n'eſtas duas partes ha maior quantidade que nas outras. E antes que entraſſemos na India, todas as terras Occidentaes do mar Parſeo para nos, ſe provião da que avião do Malavar, & de Quedà, Samatra, Sunda,& Patane,todo aquelle Oriẽte atè a China. Mas antiguamente quando os Chijs conquiſtarão a India (como ja em outra parte eſcrevemos)no Malavar fazião ſuas carregações por dar ſaida à ſuas mercadorias que trazião do ſeu Oriẽte,por ſer mui vezinho à Perſia,& Arabia,& per as quaes provincias tinhão ſaida para o noſſo Occidonte; & ainda oje a Cochij onde nos fazemos a carga, ficou eſte nome que lhe os Chijs poſerão. Mas como com noſſa entrada na India todo o cõmercio, & navegação das eſpeccarias ſe mudou: a os Mouros que n'eſſe tempo erão ſenhores delle o vierão a perder,por nos o defendermos com noſſas armadas; cõ as quaes elles atormentados, deixando a coſta do Malavar, ião aos Reinos de Pacem,& Pedir, onde alem de pimenta achavão

noz, maça, & cravo, que pela via de Malaca alli vinha ter, & outras mercadorias d'aquelle Oriente, & sua navegação era per entre as Ilhas de Maldiva, vindo abocar o estreito de Meca, fugindo de nossas armadas. E algũs despois que os Portugueses forão senhores do Reino de Pacem, posto q̃ era comprida navegação, ião per fora da Ilha Samatra ao porto de Sunda, onde achavão mais copia de pimenta, & asi de outras drogas, por ser todo aquelle Oriente navegado pelos Iaos, de cujas mãos elles avião tudo.

E porque a sustancia de Malaca estava no tratto d'aquelle Oriente, por ser hũa feira a que o de là, & o de cà concorre; & por odio nosso os Iaos fugião della, & buscavão estoutras saidas, asi para à China, como para Cambaia, & estreito de Meca. Como Iorge de Alburquerque Capitão de Malaca tinha muita noticia deste cõmercio da Sunda, determinou de o mãdar tentar per Enrique Leme seu cunhado; por ser senhor delle hum Rei Gentio chamado Samiam, com o qual ja tinha cõmunicação da primeira vez que esteve em Malaca em tempo de Afonso de Alburquerque.

CAPITVLO XIII.

Como Enrique Leme partio de Malaca, & asentou paz com el Rei Samiam de Sunda, & metteo o padrão onde se avia de fazer hũa fortaleza: & da jornada de Francisco de Sà, da qual não resultou effeito.

IORGE de Alburquerque para o commercio que queria assentar com el Rei de Sunda, mãdou armar hum navio o anno de D.XXII. de que foi por Capitão Enrique Leme, bem acompanhado de gente, & com algũas cousas de presente para aquelle Rei Samiam. Chegado ao seu porto, [a] elle o recebeo com muito gasalhado, & como homẽ a q̃ importava muito nossa amizade, asi para se ajudar de nos na guerra que tinha com os Mouros, como por causa do cõmercio, assentou logo com Enrique Leme, que mandasse el Rei de Portugal fazer alli hũa fortaleza, & que lhe carregaria quãtas naos quisesse de pimenta, à troco de outras mercadorias q̃ a terra ouvesse mester. E que demais lhe apprazia dar a el Rei

a. Este porto segũdo Diogo do Couto, he o de Bantam.

Rei Dom Ioão III. de Portugal cada anno desdo dia que começasse a fabrica da fortaleza, mil sacos de pimenta, por boa amizade & paz que com elle folgava tèr, os quaes serião dos costumados em sua terra, que era cada hum de xlv. arrateis dos nossos, q̃ montão ccclj. quintaes. De tudo o que se assentou entre el Rei & Enrique Leme, se fizerão duas escritturas à xxj. de Agosto do ditto anno de D.XXII. hũa que à el Rei ficou na mão, & outra trouxe Enrique Leme, das quaes por nossa parte forão testemunhas Fernão de Almeida feitor da

10 fazenda d'aquella viagem, Francisqueanes escrivão do seu cargo, Manoel Mendez, Sebastião do Rego, Francisco Diaz, Ioão Coutinho, Gil Barbosa, & Thome Pinto, q̃ erão as principaes pessoas do navio: & por parte d'el Rei Mandari Tadá, Tamungo Sangue de Pate, & Bengar Xabandar da terra. As quaes tres pessoas que erão as principaes do Reino, mandou el Rei q̃ fossem mostrar à Enrique Leme o lugar onde queria fazer a fortaleza, & assentasse hi o padrão, por firmeza do que tinhão concertado. O padrão com grande festa, assi dos Portugueses, como dos naturaes da terra, se metteo na barra

20 do rio, à mão dereita da entrada delle, em hum sitio da terra, à que elles chamão Calapa, lugar mais conveniente q̃ à Enrique Leme pareceo para a fortaleza; o qual padrão era dos costumados, que assentavão os Portugueses nas terras que descobrião, tomãdo posse dellas, como atras escrevemos. Deste auto tambem Enrique Leme tirou seu instrumento asinado pelas testemunhas referidas, q̃ el Rei cõfirmou, & asinou. Acabadas estas cousas, & dados seus presentes de parte à parte, Enrique Leme se partio para Malaca, & de Iorge de Alburquerque foi bem recebido: o qual logo escreveo à el Rei

30 na primeira armada, que d'aquellas partes veo, dandolhe conta de como tinha feita aquella obra sem sua licença, por entender quanto importava à seu serviço por bem de Malaca ter alli aquella fortaleza. Approvou el Rei o que fizera Iorge de Alburquerque, & asi quando o Conde Almirante Visorei, no anno D.XXIIII. partio deste Reino para a India, levava em regimẽto fazer logo esta fortaleza, de que deu a Capitania à Francisco de Sà, que foi com o mesmo Conde. Mas como o Visorei logo fallesceo, Dom Enrique de Meneses q̃ lhe succedeo, proveò à Francisco de Sà da Capitania de Goa,

40 & não ouve tempo para elle partir; & como Lopo Vàz de

Sampaio

Sãpaio entrou no governo, tiroulhe a Capitania, assi para lhe dar saida a ir servir seu cargo, pois o de Capitão de Goa não era seu, como por el Rei de Portugal escrever à Dõ Enrique, que mandasse fazer a fortaleza de Sunda; pelo que Lopo Vàz lhe mandou aprestar logo hũa armada de seis vellas, de que erão dous galeões, em hum dos quaes ia Francisco de Sà, & Dom Iorge Tello de Meneses no outro, & Diogo de Sà em hũa galè, Antonio de Sà em hũa galeotta; & Francisco Mendez de Vasconcellos em hũa caravella, & Duarte Coelho em hum bargantim: Chegado Francisco de Sà a Malaca, foi à 10 tempo que Pero Mascarenhas estava de caminho para Bintam, & indo com elle se achou n'aquella empresa, & d'alli o despedio para Sunda, como atras dissemos. Partido Francisco de Sà de Bintam, deulhe hum temporal, com que Duarte Coelho acertou de ir primeiro ao porto de Calapa, & alli se lhe perdeo o bargantim da armada, o qual foi dar à Costa, onde todos morrerão a mãos dos Mouros que estavão em terra, os quaes avia poucos dias que erão senhores della, por tomarem a cidade à aquelle Rei Gentio, que era amigo d'el Rei de Portugal, & lhe dera lugar para a fortaleza. 20

O Mouro que tomou a cidade era homem de baxa sorte, por nome Faletehan natural da Ilha Samatra do Reino de Pacem. Este em tempo de Iorge de Alburquerque, quando se tomou a cidade de Pacem ao tyranno Geinal, & se entregou ao Principe erdeiro, * se partio d'alli em hũa nao q̃ ia para o Estreito de Meca com especearia, & là se deixou estar dous ou tres annos aprendendo as cousas da seita de Mafamede para seu intento. Tornando à Pacem, achou nossa fortaleza feita, & n'ella por Capitão Dom Andre Enriquez; & por a terra não estar entam à proposito para se semear à lei de Mafamede, por a vezinhança da fortaleza dos Portugueses, se passou 30 em hum navio à cidade de Iapara, onde com o nome de Caciz de Mafamede se metteo com o Rei, & com prégações o fez Mouro, & com sua licença à muitos Gentios. Ficou este Rei tam contente da nova lei que tomara, que parecendolhe que nisso servia à Deos, & gratificava à Falatehan o beneficio que lhe fizera, lhe deu hũa irmãa sua por molher: & elle como sua tenção era converter muita gente à sua seita, pedio à el Rei seu cunhado licença para ir à Bantam cidade de Sũda à fazer esta obra; onde foi recebido de hum homem prin- 40 cipal

*Decada.3.livro.5.capitulo.5.

cipal da terra, que se converteo, & lhe deu cõmodidade que fosse com a conversão adiante. Faletehan como vio a cidade aparelhada para proseguir seus intentos, & que o Rei da terra estava mettido pelo sertão, mandou pedir a elRei seu cunhado que lhe mandasse sua molher, & algũa gente para sua ajuda, o qual lhe mandou a molher, & com ella dous mil homẽs para o ajudarem no que lhe comprisse. Quando aquelle homem principal que o agasalhou vio os dous mil Iaos, fe lo saber ao Rei da terra, mas Faletehan se ouve com tanta industria, & assi trabalhou n'este negocio, que ficou senhor da cidade, & da terra; & assi quando Francisco de Sà chegou ao porto de Sunda, estava este tyranno Faletehan tam senhor, que lhe não cõsentio fazer a fortaleza, antes lhe matou algũa gente, & o desbaratou demaneira, que tomando conselho cõ os principaes da sua armada, visto os inconvenientes, & o pouco aviamento que tinhão para proseguir a guerra, se tornou para Malaca. Donde despedio logo Francisco de Mello em hũa caravella com cartas para o Governador, avisandoo do successo da sua jornada, pedindolhe mais gente & armada para tornar à intentar a empresa. Francisco de Mello fazẽdo sua viagem, sobre a barra do Achem vio hũa nao surta à carga, & com conselho dos companheiros a cõmetteo, & porque n'ella avia mas de trezentos Achẽs, & quarenta Rumes, não se atrevẽdo à abordala, se puserão à trinca, & com a artelharia a baterão, atè que com hum Camello q̃ lhe tirarão ao longo da agoa a abrirão, & chea della se foi ao fundo. Os Achẽs, & Rumes se lançarão ao mar para se salvarem, mas escaparão poucos; porque os Portugueses raivosos da perda da nao, que estava chea de fazendas, os matarão quasi todos, & seguindo sua viagem forão tarde tomat Cochij. Os quaes ora deixamos, por ser necessario darmos conta do que he feito em Maluco, do tempo em que Dom Garcia Enriquez entrou por Capitão, & assi continuaremos com a ordem que ja dissemos que tinhamos em contar os feitos que se fizerão n'estas partes, de Malaca por diante.

Diogo do Couto cap. 1. do liv. 3.

CAPI-

CAPITVLO XIIII.

Como Dom Garcia foi entregue da fortaleza de Ternate, & per morte d'el Rei Almançor tomou a cidade de Tidore, & a destruio.

*Livr. 10. capitulo. 5.

TENDO Antonio de Brito entregue à Dom Garcia Enriquez a fortaleza de Ternate, pela maneira q̃ na terceira Decada dissemos,* vindo a monção elle se partio para Malaca à xij. de Ianeiro do anno M.D.XXVI. & foi surgir ao porto da Ilha de Badham, & com a detença que hi fez em cõcertar o seu junco, à cinco de Fevereiro foi ter à Banda, & d'ahi partio à xiij. de Iulho, & chegou à Iaoa à x. do Agosto ao porto de Panarruca, onde achou Ioão Moreno, & Gonçalo Alvarez, & algũs vinte jũcos de Malaca q̃ vinhão debaxo da bandeira de Gonçalo Alvarez, per hũ alvarà de Pero Mascarenhas, q̃ ao tempo da sua partida ainda estava em Malaca, & hũs cõtra os outros estavão postos em armas. Antonio de Brito (à quẽ elles tomavão por Capitão, & o não quis aceitar, enfadado dos successos de Maluco) atalhou à tudo, & os concertou q̃ governassem às semanas, cõ juramento de estarem por este pacto; & elle se partio, & foi a cidade de Tagaçam, cujos moradores, q̃ estavão de guerra cõ os Portugueses lhe avião tomado hũ junco de cravo, q̃ elle tinha mãdado diante à Malaca, & intentarão tomar o seu em q̃ vinha, pelo que se partio logo d'aquella cidade, tomãdo primeiro hũ junco q̃ achou no porto carregado de mãtimẽtos, & chegou à Malaca à tẽpo q̃ Pero Mascarenhas dava a vella para ir governar a India, & por esperar q̃ entrasse no porto Antonio de Brito para saber delle das cousas de Maluco, não partio aquella marè, com q̃ não pode ir aquelle anno a India, como atras dissemos.

Dom Garcia Enriquez ficava em Maluco com necessidade de gente, por a muita que Antonio de Brito lhe levara, & assi de fazenda para cõprar mantimentos, & pagar a gente, perq̃ lhe foi forçado mãdar Martim Correa Capitão mòr do mar à Banda tomar algũs juncos dos q̃ ahi achasse de Malaca, o que podia fazer por esta Ilha ser da governança da sua Capitania. E partindo Martim Correa em Fevereiro, achou ainda Antonio de Brito n'aquella Ilha muito de vagar, fazendo

fazendo carrega de maça, mui pacifico por ſer conhecido na terra do tempo que hi invernara. D'ahi à poucos dias chegou de Malaca Manoel Falcão que vinha com certos juncos per mandado de Pero Maſcarenhas, & levava à Maluco o pagamento dos ſoldados, & com elle Fernão Baldaia, que ia por eſcrivão de feitoria d'aquella fortaleza. Os quaes derão nova à Martim Correa, que por entre as Ilhas virão paſſar hũa nao da feição das noſſas; & receando Martim Correa ſer nao de Caſtella, requereo à Antonio de Brito que lhe deſſe algũa gẽte, & à Manoel Falcão que foſſe com elle. Partio Martim Correa de Banda à oito de Maio, levando conſigo Manoel Falcão, & hum Gomez Aires criado do Meſtre de Santiago, & chegou à Maluco, onde achou duas couſas que o deſcontentarão, ſervir Manoel Lobo ſeu officio ſem ſeu conſentimento, & andar Cachil Daroez muito deſcontẽte, porque Dom Garcia tinha feitas pazes com el Rei de Tidore, porq̃ com a guerra era ſenhor, & eſtimado, & com a paz receava que por o não averem meſter, a Rainha mai d'el Rei, por ſer filha d'el Rei de Tidore, lhe ordenaria per algum modo a morte; & o meſmo receavão os Portugueſes, que poſtos eſtes dous Reis em liga, todos ſe levantaſſem contra elles, aſsi os de Ternate, como os de Tidore, & q̃ Cachil Daroez por tornar a amizade d'el Rei Almançor de Tidore, & da Rainha de Ternate ſua filha, ſe ajuntaria com os Mouros deſtas duas Ilhas; & ſeria tamben contra elles. Deſta ſoſpeita ſe virão logo ſinaes manifeſtos, porque Cachil Daroez tratava concertos com el Rei Almançor de Tidore, que lhe deſſe por molher ſua filha, o que Dom Garcia eſtorvava, & Cachil o ſentia muito; & em quanto andava deſcontente de Dom Garcia, não puderão acabar com elle que tornaſſe à proſeguir a guerra.

Neſte meo tempo veo à falleſcer el Rei Almançor de Tidore, deixando muitos filhos, dos quaes o maior ſe chamava Cachil Rade, & os outros erão Cachil Cheire, Cachil Daroez, Cachil Abuçaſa, Cachil Rageale, & Cachil Duquo.[a] Eſte ſò era o herdeiro por ſer filho da Rainha Cachil Mir, & os outros de mancebas. O Cachil Duquo era moço de dez annos, & tinha por ſeu Governador hum Mandarim chamado Libernhame, que era como Condeſtabre, ou Capitão da gente de guerra. Cachil Rade, q̃ em idade ſe via maior, & não Rei, nem Governador, tinha deſavenças cõ el Rei Cachil Duquo,

[a] Eſte chama Diogo do Couto Cachil Raxamira.

& queria

& queria mãdar o Reino. Dom Garcia vendoos desavindos, desejando de lhes mover guerra, mandou dizer à el Rei que lhe mandasse toda a artelharia que os de Tidore tomarão à hũa fusta de Portugueses, que pelas pazes que fizera com seu pai, estava assentado que lha restituissem dentro de seis meses, & por sua morte se acabava o tempo. Os Tidores se escusavão dizendo, que ainda não tinhão dado sepultura à el Rei, nem era levantado o novo Rei, nem os seis meses erão acabados, que lhes desse tempo para acabarem hum conselho em que estavão, que logo satisfarião a Dom Garcia. Fernão Baldaia tornou là, dizendo, que n'aquella embarcação em que elle ia, lhe mandassem logo a artelharia, & não lha entregando lhe apregoasse guerra, porque esta lhe vinha entam melhor que a paz, de que estava arrependido. Em quanto este recado foi, como quẽ em seu peito tinha assentado o que avia de fazer, se fez prestes, & Cachil Daroez com a sua gente; & na mesma noute que tornou com a resposta Fernão Baldaia, foi Dom Garcia à cidade de Tidore (que de Ternate não dista mais que hũa pequena legoa) & deu n'ella per hũa parte, sendo encaminhado de Manoel Lobo que ja là estivera; & pela outra que era mais defensavel entrou Martim Correa. Os Tidores vendosse acõmettidos tam de subito, & entrada sua cidade, & sem Rei que os defendesse, poserãose em fugida, deixando a cidade sò entregue aos Portugueses: os quaes recolhida a artelharia, poserão fogo à povoação, que por ser toda de madeira, & cuberta de ola, não tardou muito em se fazer em brasa; & asi a paz que se fez sem bom conselho, por outro não bom conselho se dezfez. Com esta vittoria se tornarão os nossos à fortaleza mui desacreditados entre as gentes d'aquellas Ilhas, & em reputação de homẽs que não guardavão sua fè, & asi no Reino de Bacham, & em outros à que de antes ião, os não recolhião, & defendião todo cõmercio, & cõmunicação.

CAPI-

CAPITVLO XV.

Como Dom Garcia soube que no porto da cidade de Camafo d'el Rei de Tidore estava hũa nao de Castella, & o que fez por a trazer à fortaleza de Ternate.

ESTANDO Dõ Garcia cõ mais repouso na fortaleza, despois q̃ destruio a cidade de Tidore, derãolhe novas os Mouros de Ternate, q̃ nas costas da grãde Ilha Batochina, onde chamão o Moro, virão passar duas naos da feição das nossas. E porque Dõ Garcia esperava por Dõ Iorge de Meneses que vinha por Capitão d'aquella fortaleza de Ternate (o qual partira de Malaca em Agosto, & escorrera de maneira q̃ fora invernar nas Ilhas Papuas, q̃ estão à Leste de Ternate) pa receolhe q̃ serião as naos suas. Tambem sospeitou q̃ poderião ser de Castelhanos, pelo que mandou là Martim Correa em hũa coracora, & com elle Diogo da Guerra lingoa para saber que naos erão. A nova que trouxe foi que em Camafo cidade d'el Rei de Tidore inimigo dos Portugueses, estava hũa nao de Castella, mas q̃ virão mais duas q̃ não puderão tomar terra por o vento lhes não servir. Avida esta nova, fez Dõ Garcia a armada prestes, & mandou por Capitão mòr della Manoel Falcão em hum navio de Duarte de Resende, em outro ia Francisco de Castro, & em hũa fusta Diogo da Rocha, & Cachil Daroez com a armada da terra. Chegados à nao, mandarão diante Francisco de Castro que servia de Ouvidor, com hũa carta de Dom Garcia, para o Capitão da nao, & cõ offerecimentos, pedindolhe que viesse à Ternate, ao que elle respondeo com cortesia, & boas palavras. E vindo todos à vella, & sendo tanto avante com hũa ponta da Batochina, a tempo que se ajuntarão à vista com os nossos, sobreveo hum chuveiro em conjunção que a nao passou sem ser vista, & foi seu caminho dereito à Tidore, com pilotos que trazia da terra, onde se recolheo; & metterão a nao em hũa calheta por estarem mais seguros, porque bem entenderão os Castelhanos com a vista da nossa armada, que os não ia demandar com bom proposito; & disto se queixavão despois; mas Dom Garcia se escusava que era armada

Està Camafo na Moratoja, cujo Sangue era vassallo d'el Rei de Tidore.

que ſempre trazia na Coſta,em guarda da terra. D'ahi à dez, ou doze dias veo à Dom Garcia hum Caſtelhano, & ſobre a vinda,& eſtada deſtes novos hoſpedes, ouve grande referta, ſe veriāo à fortaleza,& deixariāo de cōprar o cravo. Mas vendo Dō Garçia q̄ cō elles nāo avia nenhūa concluſāo, & que o cravo era per elles poſto em grande preço, deſpois de deſpedido eſte mēſageiro, com o parecer dos q̄ cō elle eſtavāo determinou de ir em peſſoa ver, ſe com boas palavras podia trazer conſigo a gente deſta nao Caſtelhana. Era Capitāo della hum Martim Inhiguez de Carquizano Biſcainho, por morte de Fr. Garcia Iofre de Loaiſa cavalleiro da ordem do Hoſpital de S. Ioāo Capitāo geral de hūa armada q̄ partira da Corunha o anno de M.D.XXV.[a] Martim Inhiguez como entendeo a tençāo de Dom Garcia, que era pelejar com os Caſtelhanos, ſe nāo vieſſem para elle à ſua fortaleza, ſe fez preſtes para o q̄ ſuccedeſſe. Davalhe animo ſaber o pouco poder, & pouca gente q̄ Dō Garcia tinha, de q̄ os da terra o informavāo, como homēs que dos Caſtelhanos eſperavāo mais proveito, aſsi por o maior preço q̄ lhe davāo pelo cravo, & mais drogas, como por as grādes promeſſas q̄ lhe faziāo, de os lhurarem, & vingarē dos Portugueſes; & aſsi a primeira couſa q̄ os Caſtelhanos fizerāo foi entupir a calheta q̄ lhe nāo podeſſem tomar a nao, & fizerāo de pedra, & barro hūa caſa, & hū baluarte da meſma materia, em q̄ puſerāo toda a ſua artelharia.

Dom Garcia vendo o eſtado em q̄ ſe os Caſtelhanos punhāo, determinou de ir à elles, deixando Manoel Falcāo por Capitāo da fortaleza, & ordenou ſua armada, mandando que Diogo da Rocha Capitāo da fuſta, levaſſe hūa bōbarda groſſa para cō ella poder entrar pela calheta, & Manoel Lobo em hum batel grādē cō hum camelo & ſua māta, & Diogo Roiz de Azevedo em hū calaluz com hūa eſpera. Na armada de Cachil Daroez ia embarcado Dō Garcia, & Martim Correa, & toda a gente, cō determinaçāo, q̄ Dom Garcia em peſſoa requereſſe ao Capitāo Caſtelhano, q̄ ſe vieſſe à fortaleza, onde lhe ſeria feita toda a corteſia, & q̄ nāo quiſeſſe eſtar em terra de ſeus inimigos, q̄ pareceria ſer hum delles, & quādo nāo quiſeſſe, per armas o obrigaſſe à vir. Nāo ouve lugar de Dom Garcia fazer eſte requerimento; porque os Caſtelhanos como ſentirāo as noſſas embarcações, & que ſe chegavāo ao recife que era a defenſāo da nao, diſpararāo a ſua artelharia,

com

a. Eſta armada mandou appreſtar o Emperador Carlos V. para mandar às Ilhas de Maluco, deſpois que ſem reſoluçāo ſe desfez hūa junta de Iuriſtas, Aſtronomos, & mareantes, entre Elvas, & Badajoz, no anno de M.D.XXIIII. ſobre a poſſe, & propriedade d'aquellas Ilhas. Era a armada de ſeis navios, & hū patnxe, da qual foi per Capitāo geral Fr. Garcia Iofre de Loaiſa, cavalleiro da Ordem de S. Ioāo, natural de Ciudad Real. Das outras naos erāo Capitāes Ioāo Sebaſtiāo del Cano (que voltou à Eſpanha por Capitāo da nao Vittoria, que foi a primeira que deu hūa enteira volta ao Mundo) Pedro de Vera, Dom Rodrigo da Cunha, Dom Iorge Manrique, Frāciſco de Hozes, & Santiago de Guevara. Partio eſta armada da Corunha em Iulho de D.XXV. fez ſua viagē pelo Eſtreito de Magalhāes, o qual deſembocou ao Mar do Sul no fim de Maio de D.XXVI & de toda ella ſò a nao Capitaina chegou a Tidore o ultimo de Dezēbro do meſmo anno, com morte de muita gente, d'aqual forāo os principaes o Geral Fr. Garcia Iofre de Loaiſa, Ioāo Sebaſtiāo del Cano, & Toribio Afonſo de Salazar, que hum tras outro ſuccedeo à Loaiſa na Capitania: & per morte de Salazar, foi eleito Martim Inhiguez. Antonio de Herrera na Hiſtoria das Indias Dec. 3. liv. 7. & 9.

Eſta armada de Fr. Garcia de Loaiſa aportou em hūa Ilha em altura de tres Graos, a quem da linha, à q̄ poſerāo nome S. Matheus, na qual ſe virāo ſinaes de ſer ja povoada per Portugueſes avia oitēta ſette annos, ſegundo os letreiros abertos nos trōcos das arvores: acharāo n'ella larāgeiras, & outros arvores de fructo, galinhas no mato, & raſtro de porcos.
Antonio Galvāo nos deſcobrimētos das Antilhas, & India.

com que matarão logo hum remeiro na fuſta de Diogo da Rocha, & lhe quebrarão a cana do leme, ferindo o q̃ a levava; & aſsi ſe começarão à esbombardear hũs aos outros; & porque a artelharia dos Portugueſes fazia pouco dãno aos Caſtelhanos, & à ſua nao, porque com o recife ſenão podia bom apontar, & da ſua erão os noſſos mui offendidos, deſpois de durar o combate quaſi tres horas, ſe afaſtou Dom Garcia, & per conſelho de Martim Correa foi dar em hũa villa dos Mouros ſituadà à borda da agoa; mas ella eſtava tam apercebida, & defenſavel, com ajuda dos Caſtelhanos, que primeiro que Dom Garcia chegaſſe à pelejar, ſaindo Martim Correa em terra com algũs vintecinco ſoldados, o ferirão per duas vezes cõ virotões; & hũa cõ hum quadrello que lhe deu em hum ouvido, de que ficou quaſi morto, & per toda a ſua vida ſurdo. E vẽdo Dom Garcia o pouco que fazia, ſe tornou para a fortaleza, onde chegando foi certificado q̃ a nao dos Caſtelhanos ficara tã aberta, aſsi por a larga viagẽ q̃ tinha feito, como da artelharia dos Portugueſes, q̃ ſe fora ao fũdo; pelo que Dõ Garcia determinou não fazer mais guerra aos Caſtelhanos, porque baſtava a do tempo, q̃ os iria conſumindo, & os faria vir à fortaleza, onde elle eſtava com deſgoſto, por lhe ſerẽ cõtrarios todos os moradores della, por o q̃ elles perdião no cravo q̃ Dõ Garcia fazia para el Rei, & porq̃ era chegada à monção para Malaca, deſpedio os q̃ avião de partir para là, q̃ forão Martim Correa, ainda enfermo da ſua ferida, no junco de Ioão Roiz, & Manoel Lobo em outro junco de Dom Garcia, & Duarte de Reſende em hum navio pequeno que comprou por nome S. Pantalião.

Martim Correa chegou à Malaca em tempo que os moradores de Lobù (porto da Ilha de Samatra, cujo Rei, & vaſſallos corrião com amizade com o Capitão de Malaca) tinhão tomado a via poucos dias hũa galè, & morto Alvaro de Brito Capitão della, & ſettẽta homẽs q̃ levava, a qual mandara Iorge Cabral Capitão de Malaca à tomar ſatisfação da morte, q̃ ſem cauſa derão os meſmos Mouros à outros Portugueſes q̃ em hum navio forão trattar ao ſeu porto de Lobù: pelo q̃ Iorge Cabral pedio à Martim Correa q̃ quiſeſſe ir vingar aquella affronta, & aceitandoo elle, cõ cento & vinte ſoldados, em algũas lancharas q̃ ſe armarão, atraveſſou à outra Coſta de noute, & foi demandar o porto de Lobù, & de madrugada

Franciſco de Andrade cap. 35. da 2. parte. Diogo do Couto cap. 4. do liv. 3. & Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 63. do liv. 7.

" entrarão pelo rio, & sem seré sentidos desembarcarão na ci-
" dade, a qual queimarão, & cõ morte de seus moradores satis-
" fizerão largamẽte o dano que alli os nossos receberão, & dei-
" xando tudo assolado; & tomada a galé que estava no rio, com
" toda a sua artelharia, & outras muitas embarcações, & pon-
" do fogo às que estavão em estaleiro se embarcarão para Ma-
" laca, onde com muita festa forão recebidos.

CAPITULO XVI.

Como Dom Iorge de Meneses partio de Malaca para Maluco, a servir de Capitão, & fez nova viagem pela Ilha de Borneo; & das differenças que teve com Dom Garcia Enriquez.

AS duas naos que os Mouros de Ternate virão q̃ não podião tomar terra, & q̃ Dõ Garcia sospeitava seré de Castelhanos, erão de Dõ Iorge de Meneses, ao qual por muitos, & asinalados serviços q̃ fizera na India (principalmente quã- 20 do matarão Diogo Fernãdez de Beja, & elle cobrio o seu corpo, & na entrada da cava de Calecut, onde o aleijarão da mão derieta*) Dõ Enrique de Meneses o proveo da Capitania de Maluco; & porq̃ antes da sua partida fallesceo Dom Enrique, confirmou a provisão Lopo Vàz de Sampaio, & chegando Dom Iorge à Malaca achou Pero Mascarenhas que estava ja com nome de Governador da India, o qual pelas qualidades da pessoa de Dom Iorge lhe passou carta da confirmação da sua Capitania, de melhor vontade. E querendo partir de Malaca à xxij. de Agosto do anno D.XXVI. cõ sesenta homẽs, 30 & dous navios q̃ trazia da India, en hũ dos quaes ia elle, & no outro Balthasar Raposo q̃ ia por Feitor; porq̃ avia dous caminhos para Maluco, hũ per via da Iaoa, & Bãda, q̃ he mais frequentado, mas mais cõprido, & outro mais curto per via da Ilha de Borneo, q̃ ainda não era descuberto, fez Dõ Iorge sua viagẽ per Borneo, por Pero Mascarenhas lho dar por regimẽto q̃ fosse per aquelle novo caminho para se saber, & se escusar à deteça q̃ se fazia em Banda, esperando por as monções. E por ser Dom Iorge o primeiro Portugues que per aquella parte navegou, diremos o discurso da sua viagem.a 40

Partin-

*Dec.3.liv.6.cap.9.& liv.9.c.10.

a. Diz Diogo do Couto (Dec.4.liv.4.cap.2.) q̃ o primeiro que intentou descobrir este caminho de Malaca a Maluco per Borneo, foi Antonio de Abreu no anno de D.XXIII. per ordẽ de Antonio de Brito Capitão de Maluco; o qual Antonio de Abreu despois de andar muitos dias perdido per entre aquellas Ilhas tornou arribar à Maluco sem acabar a viagem.

Partindo Dom Iorge de Malaca cõ pilotos Mouros, que tinhão noticia d'aquella carreira, indo costeando entrou pelo Estreito de Cincapura, que he de largura de hum tiro de berço, & tam baxo, que em muitas partes não tem de fundo seis braças, & muitas restingas que entrão hũas per outras. Aqui achou que a terra fazia hũs cotovellos, de maneira que era necessario ter grande tento para se navegar. Chegando à hũa Ilha que chamão Pedrabranca, que he mui demandada dos pilotos d'aquellas partes, fez sua derrota à Ilha que os da
10 terra chamão Pulugaia, que quer dizer Ilha do Elefante, pela figura que mostra em seu aspecto. D'aqui per outras muitas Ilhas, de que aquelle mar he muito sujo, chegou à de Borneo, ao porto da cidade, que està em cinco Graos de altura da parte do Norte, & despois de mandar presentes à el Rei, & el Rei à elle, fez seu caminho per entre muitas Ilhas, & restingas, que estão na parajem de Borneo, em sette Graos, cousa muito perigosa, & que se não pode navegar senão de dia, cõ hum marinheiro na gavea vigiando os baxos, sem ter mais noticia delles, que a que asinala a agoa onde branqueja, chegou à
20 Ilha de S. Miguel, que os da terra chamão Caguahão, & passou à Ilha Mindanao, & foi per entre ella, & à Ilha Taguima, q̃ he alem deste canal, onde se Dõ Iorge ja avia por salvo do perigo delle. E como aqui os vẽtos, & as agoas em Outubro, & Fevereiro cursão muito cõtra Leste, & os pilotos não fossem muito certos, escorrerão à Ilha do Moro, a q̃ tambẽ chamão Batochina, ao lõgo da qual jazẽ as Ilhas de Maluco, fim da sua jornada; & andãdo pela parte do Norte para tomar esta Ilha do Moro, sem os ventos q̃ vinhão per cima della lhe darem lugar, foi visto per aquelles q̃ de suas naos derão as no
30 vas à Dõ Garcia. D'ahi foi discurrẽdo atè ir âs Ilhas de hũs povos a q̃ chamão Papuas,[a] à q̃ muitos por esta ida de Dõ Iorge chamão Ilhas de Dõ Iorge, q̃ estão à Leste das Ilhas de Maluco distãcia de dozẽtas legoas. Mas aq̃lla onde elle invernou q̃ era de bõ porto se chama Versija, a qual està debaxo da linha Equinoccial. Vindo o tẽpo da mõção, estas naos de Dõ Iorge se metterão sempre debaxo da linha; porq̃ por ella vinhão à dar em Maluco, & chegarão à hũa Ilha q̃ os da terra chamão Meunsũ, & à outra à q̃ chamão Busũ, q̃ està mais à Leste, à qual poserão nome dos Grãos, por os muitos q̃ n'ella acharão.
40 D'alli vierão por a parte do Sul da Batochina à cidade Ogane, & passa-

a. Os Papuas, q̃ em lingoa dos naturaes quer dizer negros, porq̃ o são elles como os Cafres, com cabello revolto, de grãdes & crespas grenhas, são magros, feios, rijos, & aturadores do trabalho, & mui habiles para toda maldade & traição. Entre elles hà muitos surdos, & outros tã brãcos & louros como Alemães, os quaes vem mui poco. Tem todas estas Ilhas Reis, & hà n'ellas ouro, do qual não tirão os Papuas mais q̃ o q̃ hão mester para joias.

Diogo do Couto cap. 3. do lib. 7.

& passarão entre ella, & a Ilha da Garça, que he ja do senhorio dos Reis de Maluco: & indo asi ao longo da Batochina, vendo todas as Ilhas do cravo, chegarão à Ternate ao derradeiro dia de Maio de M.D.XXVII. De maneira, que poserão de Malaca atè Ternate oito meses, & nove dias; em distancia de quinhentas legoas que ha, indo per caminho dereito, & cõ estas voltas, & rodeos andarão mais de mil, tã deficil, & trabalhosa he aquella navegação.

Tanto que Dõ Iorge chegou, foi entregue da fortaleza de Ternate, & da terra, asi como estava de guerra, sem Dõ Garcia nisso ter duvida nẽ differença: mas não tardou muito que a não tivesse; por Dom Garcia querer trazer de Maluco algũs officiaes da fortaleza, & não querer vir pela via de Borneo, como Dom Iorge lhe notificara por parte de Pero Mascarenhas, para se saber, & continuar aquella navegação: o q̃ Dom Garcia recusava, por o muito q̃ ganhava vindo per Banda (q̃ era a carreira ordinaria) onde pretẽdia carregar de noz & maça. E posto q̃ Dõ Iorge importunado, & desobedecido de Dõ Garcia lhe veo à cõceder q̃ viesse per Banda, & deixasse a nova viagẽ de Borneo, não se satisfazia Dõ Garcia; porque sempre se avia de saber que não viera pelo caminho q̃ Pero Mascarenhas, como Governador, mandava.[a] Não perderão esta occasião os inquietos, q̃ da discordia destes dous fidalgos pretẽdião interesse, porq̃ asi a semearão entre elles, q̃ de altercaçóes vierão à palavras injuriosas, & de palavras à obras; prendendo Dom Iorge em ferros à Dom Garcia, & despois de solto Dõ Garcia, & serẽ ambos reconciliados, per meio de maos terceiros, & falsos conselheiros, Dom Garcia prẽdeo ao mesmo Capitão Dõ Iorge de Meneses, por tã mà maneira, & tã desonesto tratamento, como se fora hum vil malfeitor, sendo Dõ Iorge hũ fidalgo de grãdes qualidades, & mui cavalleiro, que se estivera solto, & cõ armas, o não ouverão de prender. Sobre esta prisão Simão de Vera Alcaide mòr da fortaleza, & os amigos de Dõ Iorge se retirarão aonde chamão a terra alta, que he na mesma Ilha, & mandarão dizer à Dõ Garcia, q̃ soltasse à Dom Iorge, senão que convocarião os Tidores, & os Castelhanos, & o irião tirar da prisão. Com esta determinação, foi assentado, que Dõ Iorge fosse solto, debaxo destas condições: Que Dom Iorge avia de dar à Dom Garcia o navio de Pero Botelho, para sua embarcação, & avia de deixar

a. Não querẽdo Dõ Garcia fazer sua viagẽ per Borneo, parecendo à Dom Iorge ser necessario avisar ao Capitão de Malaca das cousas succedidas em Ternate, & q̃ se fizesse a viagẽ per Borneo, para se descobrir cõ particularidade aquelle novo caminho, mãdou á este effeito em hũa coracora Vasco Lourenço, Diogo Cão, & Gõçalo Velloso, cavalleiros mui honrados, cõ ordẽ que em Borneo assentassem cõmercio cõ el Rei, à quẽ enviou hum presente: entre as peças delle avia hum panno de Raz, de figuras grandes, q̃ representavão o casamẽto d'el Rei Enrique VIII. de Inglaterra cõ a Rainha Dona Caterina sua molher. Chegarão estes Portugueses á Borneo, onde acharão hũ junco, de q̃ era Capitão hum Afonso Pirez: fallarão à el Rei, de quem forão bem recebidos, & appresentando lhe Vasco Lourenço as peças que lhe levava, abrindose o panno, vendo el Rei hũa cousa tam desacostumada, sospeitando q̃ aquellas figuras erão encãtadas, q̃ lhe querião metter em casa, para de noute o matarem, & lhe tomarem o Reino, mandou que logo lho tirassem d'alli, & os Portugueses se fossem do seu porto, q̃ não queria na sua terra outro Rei senão elle. E posto q̃ Afonso Pirez, q̃ era seu conhecido, & algũs Mouros procurarão tirar el Rei d'aquella imaginação, dizendolhe o q̃ aquellas figuras significavão, não puderão. E assi Afõso Pirez se tornou para Malaca, com quem foi Vasco Lourenço, & os seus companheiros voltarão na coracora para Maluco.

Diogo do Couto liv. 4. cap. 2. & 4. & Francisco de Andrade. 2. parte, cap. 32. & Fernão Lopez de Castanheda cap. 55. do libro. 7.

ir o mesmo Pero Botelho com quantos estavão no navio, & que avia de dar licença que todos os que erão de parte de Dõ Garcia se fossem com elle, sem lhes embargar suas fazendas, & que se avião de romper todos os autos, & devasas q̃ erão tiradas; os quaes capitulos avião de jurar solemnemente Dõ Iorge, & Dom Garcia. E que despois de ido Dom Garcia para Talangame com todos os que avião de ir com elle, viria Simão de Vera, & os outros da facção de Dõ Iorge, & o soltarião. Dõ Garcia mãdou diante seu fato, & os q̃ o avião de acõ
10 panhar; & primeiro q̃ se partisse da fortaleza, fez encravar a artelharia, para q̃ lhe não tirassem com ella.[a] Ido Dõ Garcia, entrarão Simão de Vera, & seus companheiros, & soltarão à Dom Iorge com muito prazer delles, mas não de Dom Iorge que estava mui triste, & sentido da offensa q̃ se lhe fizera: polo que mãdou logo ao Ouvidor que fizesse autos de tudo o q̃ passara, & pedio instrumẽtos de como no tẽpo que estivera preso se apoderarão os Castelhanos da Ilha de Maquiẽ, por não aver quem lha defendesse, no q̃ el Rei de Portugal recebera muita perda por aver n'ella muito cravo, & man
20 dou fazer hum requerimento à Pero Botelho, q̃ se fosse à fortaleza, porq̃ tinha muita necessidade do seu navio, por causa da guerra dos Castelhanos: mas deste, & d'outros requerimentos não fez caso Pero Botelho, nẽ Dõ Garcia, os quaes se partirão para Malaca; & Dõ Iorge mãdou fazer auto da desobediẽcia de Dõ Garcia, avẽdoo por alevãtado, & aos q̃ com elle ião, & fez protestos como lhes dera licẽça per força, estando fora de sua liberdade, & cargo preso em ferros, avendo tanta necessidade d'aquella gente por o estado em q̃ a terra ficava. Com estes autos, & instrumentos, & cõ cartas q̃ Dom Iorge
30 escreveo ao Capitão de Malaca, em que lhe dava relação dos successos de Maluco, & lhe mãdava pedir soccorro de gente, mãdou Vicẽte da Fonseca à pressa em hũ navio apòs Dõ Garcia, escrevẽdo tãbẽ, & requerẽdo da parte d'el Rei, & da sua à qualquer Capitão q̃ em Banda estivesse enviado de Malaca, q̃ tomasse à Dõ Garcia o navio q̃ levava cõtra seu mãdado, & o prẽdesse. E enviou Gomez de Sequeira buscar mantimẽtos » às Ilhas de Mindanao, o qual desgarrando com hum tempo » ral descobrio muitas Ilhas juntas, em ix. para x. Graos da » parte do Norte, que delle se chamarão as Ilhas de Gomez de »
40 Sequeira. »

a. Destas differenças entre Dõ Iorge, & Dom Garcia escrevem cõ particularidade Francisco de Andrade nos cap. 31. 32. 33. & 34. da 2. parte Diogo do Couto nos cap. 2. 3. & 4. do livro. 4. E Fernão Lopez de Castanheda, desde o cap. 54. ate o cap. 62. do liv. 7.

Diogo do Couto cap. 4. do liv. 4.

CAPITVLO XVII.

Da jornada de Vicente da Fonseca à Ilha de Banda, & successos della, & da viagem de Dom Garcia Enriquez atè Cochy.

ANTA diligencia pôs Vicente da Fonseca na viagem, que chegou à Banda primeiro que Dom Garcia, & não achando alli navios; nem Capitão à que notificasse os autos, & requerimentos de Dom Iorge, receou que chegando Dom Garcia o prendesse: mas n'esta conjunção veo Gonçalo Gomez de Azevedo (filho do Almirante Lopo Vàz de Azevedo) que o favoreceo. A causa de Gonçalo Gomez vir n'aquelle tempo foi, que sabendo Iorge Cabral, que estava por Capitão em Malaca, per Martim Correa, como os Portugueses que estavão em Maluco tinhão guerra com el Rei de Tidore, & com os Castelhanos, ordenou de lhe mandar soccorro de gente honrada, & limpa, & hũa armada de cinco navios, da qual fez Capitão mòr à Gonçalo Gomez de Azevedo; & os outros Capitães erão Gaspar Correa, Iorge Fernandez de Refoios, Manoel Botelho, & Rui Figueira. [a] Passou Gonçalo Gomez per Bintam, por mandado do mesmo Iorge Cabral; para tambem soccorrer ao senhor d'aquella Ilha, porque esperava ser cercado per Lacxemena Capitão mòr do mar d'el Rei de Campar inimigo dos Portugueses. Detevese em Bintam Gonçalo Gomez sette ou oito dias, esperãdo por Lacxemena, & vẽdo que não vinha, se fez à vella para Banda, onde chegou primeiro que Dom Garcia, & achou à Vicente da Fonseca, o qual contou à Gonçalo Gomez tudo o que Dom Garcia fizera à Dom Iorge, requerendolhe em segredo que o prendesse, & lhe tomasse o navio, que per força trouxera, cõtra os requerimentos de Dom Iorge, que delle tinha muita necessidade, por ficar de guerra com os Mouros, & com os Castelhanos. Gonçalo Gomez não deferio à prisão, dizendo, que o não podia fazer, mas que lhe tomaria o navio quando fosse tempo. E por a terra não ser segura, nem a gente fiel, fez Gonçalo Gomez hũa tranqueira onde se recolheo.

a. *Esta armada partio de Malaca na entrada de Ianeiro de M.D.XXVIII.*

 A este

A este tempo chegou Dom Garcia Enriquez, & por se segurar fez outra tranqueira, & entretanto foi hospede de Gonçalo Gomez na sua. Mas quando Dom Garcia vio Vicente da Fonseca, que sabia ser amigo de Dom Iorge de Meneses, sospeitou a causa da sua vinda, & começou temer, que Gonçalo Gomez o prendesse: & mais o temeo quando vio q̃ Manoel Falcão que ia em sua companhia se passara para a tranqueira de Gonçalo Gomez de Azevedo, a quem tambẽ contou o que passara Dom Garcia com Dom Iorge, aconse-
10 lhandolhe que prendesse Dõ Garcia, & lhe tomasse o navio em que ia, sendo elle o mesmo que fez com Dom Garcia que prendesse à Dom Iorge. E como era homem novelleiro, & q̃ não durava nas amizades mais que quanto à elle compria, lançou fama que Gonçalo Gomez avia de prẽder Dom Garcia por o que fizera à Dõ Iorge; o que Dom Garcia não creo, nem menos que lhe ouvesse de tomar o navio, porque levava cravo para el Rei. Gonçalo Gomez quando aos xxviij. de Abril se ouve de partir para Maluco, se foi despedir de Dom Garcia, & embarcado nos bateis, & alargado da terra, prepas-
20 sando pelo navio em que Dom Garcia avia de ir, lhe metteo dentro Rui Figueira, com algũs Portugueses, & não lhe achãdo vellas, as mandou pedir à Dom Garcia, que as tinha na sua tranqueira, desculpandosse de lhe tomar o navio porque o fazia a requerimento de Dom Iorge de Meneses, Capitão de Maluco, de cuja jurdição era aquella terra, & por Dom Garcia lhas não querer dar, lhe tomou hum junco seu que lhe viera de Malaca: polo que Dom Garcia mandou logo as vellas, & queixas à Gonçalo Gomez per Manoel Lobo, por quem avisou ao Mestre, & Condestabre, & à outras pessoas do na-
30 vio, que dessem à vella derradeiro de todos, & tomassem por davante, para assi ficarem na traseira, porque entre tanto iria elle com gente, y cobraria o navio. O Mestre por comprir cõ o que Dom Garcia lhe mandava, fez que se embaraçava ao dar da vella, de maneira que ja os outros navios todos navegavão quando elle deu á vella, & fez tomar o navio por davante. Dom Garcia, que aguardava este tempo, acodio logo com muita gente em paraos, & Rui Figueira conhecendo a malicia, capeou à Gõçalo Gomez que tinha os olhos no embaraço do navio, & vendo a gẽte que ia da terra para o navio, & o
40 capear de Rui Figueira, entendeo o que era, & mandou tirar

às bombardadas à Dom Garcia, o q̃ tambem fez Manoel Falcão. E por Manoel Lobo ir na dianteira, matoulhe de hũa bombardada dous remeiros, & à elle quebrou hũa perna, & Dom Garcia desesperado de cobrar o navio se tornou, & Rui Figueira seguio sua viagem apôs Gonçalo Gomez de Azevedo, que chegou à Ternate à xij. de Maio.

Dom Garcia carregou o seu junco que lhe viera de Malaca, & partio para là no mes de Iulho d'aquelle anno de D.XXVIII. & veo surgir no porto de Panaruca, que he na Iaoa, onde esteve tomando mantimentos, & d'alli fez sua derrota à Malaca, & chegando à hũas Ilhas tres legoas della, mãdou pedir seguro à Pero de Faria (que ja entam era Capitão d'aquella fortaleza) que o não prendesse à elle, nem aos de sua companhia; o qual lho deu, mas desembarcando em terra mãdoulhe embargar toda a fazenda, dizendo que lhe não dera seguro mais que para o não prender.[a]

Estando Dom Garcia em Malaca, & hũs Embaxadores d'elRei de Panaruca, que ião assentar paz, & amizade cõ Pero de Faria, se levantou hũa briga entre os criados destes Embaxadores, & os Malaios, à qual Dom Garcia com sette, ou oito Portugueses da sua cõpanhia acudio, & apazigou, & foi causa de Pero de Faria lhe mandar desembargar sua fazenda, dando fiança de certos mil cruzados, para se delle quisesse Dom Iorge de Meneses algũa cousa. Não pararão aqui as aventuras que avia de passar a fazenda de Dom Garcia; porque vinda a monção para ir à India, partirão Iorge Cabral que fora Capitão de Malaca, & Dõ Garcia Enriquez, cada hũ em seu junco, cõ outros fidalgos no mes de Ianeiro de M.D.XXIX. & chegarão à barra de Cochij, & por ser ja no fim de Março, & ventarem os Noroestes, Iorge Cabral entrou em Cochij, & Dom Garcia o não quis seguir, dizendo que avia de passar à Goa, em que pezasse ao vento, & ao mar. E por o vento ser contrario. & o junco ir muito carregado, chegou à Baticalà com grande trabalho & persia; & vendo que o vento avia de ser cada vez mais forte, por ser ja entrada do inverno, ouve por bom conselho tornarse à Cochij, & asi voltou cõ grande tormenta a barra onde surgio, porque por o junco ser grãde, & ir mui carregado não pode entrar no rio. E deixando Dom Garcia o junco surto sobre hũa amarra, se foi elle à terra; & crescẽdo o vento, o mar se fez tam grosso, que o junco

a. Fernão Lopez de Castanheda Cap. 82. & 108. do liv. 7 & Francisco de Andrade Cap. 57. da 2. parte.

se foi ao fundo, com a muita agoa que lhe entrou, em que Dõ „
Garcia perdeo mais de cinquoenta mil cruzados que valia a „
fazenda que levava, sem lhe ficar mais della que o vestido cõ „
que saio em terra. Sobre esta desgraça o prẽdeo Nuno da Cu- „
nha por o que fizera em Maluco, & o mandou preso à Portu- „
gal o anno seguinte: & asi ficarão em vão todas as diligen- „
cias que pôs por vir rico de bẽs tam fragiles, & incertos, & „
a temeraria promessa de poder mais que o mar, & o vento. „

CAPITVLO XVIII.

Como os Castelhanos elegerão Capitão per morte de Martim Inhiguez, & tomarão hũa galeotta aos Portugueses, com morte de Fernão Baldaia, & mandarão pedir soccorro à Nova Espanha, & os Portugueses destruirão a cidade de Camafo.

NESTE mesmo tempo ouve differenças entre os Castelhanos, sobre a successão da Capitania; porque fallesceo Martim Inhiguez de Carquizano seu Capitão, & hũs querião que fosse Capitão Fernando de Bustamante, que era Cõtador da armada, & dezião que trazia a successão per regimẽto; outros querião que fosse hum Fernando de la Torre, que servia de Alcaide mòr d'aquella casa forte de pedra & barro, que elles chamavão fortaleza, & como este tivesse mais votos que favorecião seu partido, prendeo à Bustamante, & teveo tanto tempo preso, atè que per partido lhe obedecceo, & ficou por Alcaide mòr em lugar de Fernando de la Torre, & hum chamado Montemaior por Capitão do mar, & Afonso de los Rios por escrivão. Vindo despois em Março de D.XXVIII. hum junco de Dom Iorge de fazer noz & maça para Ternate, encõtrou hũa nao [a] que partira da Nova Espanha, em que vinha por Capitão hum Alvaro de Saavedra, o qual não sabendo a terra em que era aportado, vendo o navio de Dom Iorge, preguntou onde estava, & conhecendo os nossos serem Castelhanos, calarãose, & forão dar nova d'aquella nao à Dom Iorge de Meneses: mandou elle logo à Simão de Vera Alcaide mòr da fortaleza em hũa fusta, & Fernão Baldaia Feitor em hum batel, que fossem requerer ao Capitão

a. Esta nao era a Capitaina de hũa armada de tres navies que Fernando Cortès mãdou da Nova Espanha à Maluco em busca da armada de Fr. Garcia de Loaisa. Era Capitão Gèral desta frotta Alvaro de Saavedra, parente de Fernando Cortès, & dos outros dous navios Luis de Cardenas de Cordova, & Pedro de Fuẽtes de Xerez: ião n'ella cẽto & dez homẽs; levavão trinta peças de artelharia, & muita vitualha: partio do porto de Zivatlanejo vespora de todos os Santos, do anno de D.XXVII. E desta armada so a nao de Alvaro de Saavedra chegou à Maluco, & foi a primeira que fez esta nova navegação, que pola conta dos pilotos foi de duas mil legoas.

Antonio de Herrera Historia das Indias, Decada. 4. libro. 1. & 3.

Capitão d'aquella nao que viesse à fortaleza. Mas n'este tempo os Castelhanos de Tidore, sabendo como a nao era entrada, tiverão mais diligencia, & fizerão com que a nao se mettesse no porto de Geilolo; & posto que Simão de Vera fizesse seus requerimentos, a resposta que lhe derão os Castelhanos forão bõbardadas, & como elle estáva sò, & a polvora q̃ tinha era molhada, & Fernão Baldaia não chegara à nao, tornousse Simão de Vera para Ternate.

A este tempo mandarão os moradores da Ilha de Moutel, que era do senhorio d'el Rei de Ternate pedir soccorro à Dõ Iorge, por o muito dáno que recebião dos de Tidore, mui orgulhosos com ajuda dos Castelhanos, & com a vinda da nao de Saavedra. E porque os Castelhanos começarão fazer navios d'armada, para irem destruir à Moutel, mandou lá Dom Iorge à Fernão Baldaia em hũa galeotta, com trinta & tantos Portugueses, & com elle ia Cachil Daroez com gente da terra: & como elles não podião passar à Moutel, senão à vista de Tidore, vendo os Castelhanos a galeotta, com grande alvoroço se embarcarão em hũa fusta que trazião prestes, da qual foi por Capitão Afonso de los Rios, & com a armada da terra, em que ião muitos Tidores, accõmetterão os nossos; & despois de duas horas de peleja foi entrada a galeotta dos Portugueses, em que morreo Fernão Baldaia: o qual por se restituir do erro passado, despois que de ferido & cansado não pode pelejar em pè, em giolhos pelejou em quanto teve mãos, & despois que se não pode valer dellas, pelejava cõ a lingoa, animando, & esforçando os seus. Com elle morrerão outros, que despois custarão a vida à muitos Castelhanos, os quaes levarão a galeotta com singular alegria & triumfo seu, & dos Mouros de Tidore.

Não avia mais que doze dias q̃ passara esta desgraça, quando chegou Gonçalo Gomez de Azevedo de Banda, com cuja vinda os Portugueses ficarão mui contentes, & per o navio que elle tomara à Dom Garcia, mandou logo dom Iorge recado à Malaca per Simão de Vera, per via de Borneo, o qual se perdeo em as Ilhas de Mindanao. Os Castelhanos aprestarão tambem o navio de Saavedra para o mandarem com recado à Nova Espanha, & o carregarão com quarenta bares de cravo: & para credito da galeotta que tomarão aos Portugueses, levava Saavedra consigo Fernão Moreira patrão da Ribeira,

Ribeira; Iacome Ribeiro comitre, & hũ eſcrivão da fortaleza, & algũs outros q̃ forão cattivos na galeotta; & porq̃ o piloto de Saavedra era morto, levou elle em ſeu lugar à Simão d̃ Brito Patalim q̃ era prattico na arte de navegar, ao qual querẽdo Dõ Iorge caſtigar por culpas q̃ tinha, ſe lãçou cõ os Caſtelhanos, cõ outros dous Portugueſes, como tãbẽ ſe lãçavão os Caſtelhanos cõ os Portugueſes, quãdo ſeus Capitães os querião caſtigar. Partio Saavedra para a Nova Eſpanha à xiiij. de Iunho, & fazẽdo ſua derrota foi tomar à Ilha Hamei cẽto & ſettẽta legoas de Tidore, onde ſurgio para ſe prover de agoa, & lenha: Simão de Brito, & Fernão Moreira o patrão arrependidos do q̃ tinhão feito, determinarão de queimar o navio para q̃ Saavedra não foſſe pedir ſoccorro, & não achando para iſſo cõmodidade, furtarão o batel da nao, & quatro eſcravos que o remaſſem, & tornarãoſe com outros algũs da companhia caminho de Ternate. Alvaro de Saavedra ficando ſem batel com que ſe ſerviſſe, foi poſto em condição de ſe tornar, porẽ cõmetteo a jornada atè tomar hũas Ilhas em altura de dez Graos da banda do Norte, as quaes por ſerem mui freſcas, & cubertas de grãde arvoredo, lhe pôs nome Beljardin.[a] N'ellas ſe deteve algũs dias em que lhe entrarão os Levantes, com q̃ foi forçado arribar à Maluco, onde chegou ja no fim de Outubro.[b] Simão de Brito, & os outros Portugueſes q̃ fugirão no batel, forão de Ilha em Ilha ſofrendo tanto trabalho, & fome, q̃ de canſados ſe deixarão ficar tres delles em hũa d'aquellas Ilhas: os outros tres ſeguirão avante atè a Ilha de Guaimelim que he do ſenhorio d'el Rei de Tidore, onde ſendo conhecidos q̃ erão Portugueſes, forão preſos, & levados à Fernãdo de la Torre, q̃ conhecendo q̃ erão os q̃ ião cõ Saavedra, tendo mà ſoſpeita delles, lhes deu tormẽto, & cõfeſſando a verdade, os condẽnou à morte por traidores ao Emperador. Simão de Brito foi arraſtrado, & degollado, Fernão Moreira enforcado, & o outro ficou cattivo. Os Caſtelhanos vẽdo o mao ſucceſſo da viagẽ do navio q̃ tinhão mandado à Nova Eſpanha à pedir ſoccorro, & q̃ Dom Iorge ſe avia de querer ſatisfazer da perda da galeotta, ſe apercebêrão cõ cuidado. Porẽ Gõçalo Gomez de Azevedo deſpois q̃ chegou não quis entẽder em mais q̃ ẽ ſua fazẽda, & em fazer cravo, ſẽ em algũa couſa querer ajudar à Dõ Iorge, q̃ determinava ir deſtruir a cidade de Tidore, & aſsi ſem fazer nada ſe partio para Malaca à x. de Fevereiro, de M.D.XXIX.

No

a. Eſtas Ilhas diſtão da Ilha Hamei quaſi duzẽtas & cinquoẽta legoas. Os naturaes dellas ſão brancos, de olhos pequenos, poucas barbas, como os Chiis: não avia n'aquellas Ilhas criação de aves, nẽ de gádos: veſtião os ſeus habitadores hũs pannos feitos d'ervas: não tinhão ferro, & em lugar delle uſavão inſtrumentos feitos de cõchas de amegeas, & oſtras: peſcavão em almadias de madeira de pinho: o ſeu pão erão cocos ſecos ao ſol, q̃ na India chamão Copra: não tinhão uſo do fogo, porque nunca o virão, ſenão deſpois que os Caſtelhanos lho enſinarão.

Antonio Galvão, no livro q̃ fez dos deſcobrimentos das Antilhas, & India, & Diogo do Couto lib. 4. cap. 8.

b. Alvaro de Saavedra arribando à Tidore, fez varar a nao, & darlhe querena, & cõcertada tornou à ſair de Tidore para Nova Eſpanha no anno ſeguinte de M.D.XXIX. Fez ſeu caminho à Lesnordeſte, chegou à hũas Ilhas q̃ diſtavão de Tidore mil legoas, & outras tãtas de Nova Eſpanha: d'alli correo à Nordeſte atè ſe pòr em altura de xxvj. Graos, ou de morco.

Proſeguirão os Caſtelhanos ſua viagem ſempre com ventos contrarios, atè hũa Ilha dos Ladrões, em altura de xxxj. Graos, mil & duzentas legoas do Maluco, de donde arribarão & chegarão à Geilolo no fim de Outubro do meſmo anno, com o navio comido de bruma, que entregarão à Fernão de la Torre.

Antonio de Herrera Hiſtoria das Indias Dec. 4. liv. 5. cap. 6.

No Novbẽro d'antes, chegou à Ternate Dom Iorge de Castro, que de Malaca veo per via de Borneo em hum junco de Diogo Chainho Feitor q̃ fora de Malaca, & em sua companhia Iorge de Brito em hũa fusta, & errando a viagem veo tèr ao lõgo da Ilha de Macaçar, & della à Ternate, sem a fusta que não appareceo mais. [a] E porque mandando Dom Iorge em busca della à algũas Ilhas do Moro à Gomez Aires em hũa coracora, os de Tolo, & Camafo o não quiserão agasalhar, nem dar de comer, mas fizerão zombaria delle, tendo agasalhado, & banqueteado aos Castelhanos avia poucos dias, vindo elles de queimar hum lugar d'el Rei de Ternate por nome Chiamo: & esta nova avia ja chegado à Dom Iorge per terra, quãdo tornou Gomez Aires, fez elle prestes hũa armada, de q̃ mandou por Capitão Dõ Iorge de Castro, com atè vinte cinco Portugueses, & com elles Cachil Daroez cõ os navios da terra; os quaes forão sobre a cidade de Camafo, que era d'el Rei de Tidore, & a queimarão de todo, posto que a gente com medo fugio, & se pôs em salvo. Tornados à Ternate, foi Dom Iorge de Castro per mandado de Dom Iorge de Meneses à Tidore trattar pazes cõ Fernando de la Torre: mas elle, & os Castelhanos que com elle estavão ficarão tam ufanos, com o bom successo da galeotta que tomarão, & da morte de Fernão Baldaia, & de seus cõpanheiros, & de outras vittorias que ouverão de algũs do Maluco, que não quiserão vir à concerto com as condições que Dom Iorge propunha a paz, & fizerão tregoas, o que elle guardou para seu tempo, como se dira ao diante; porque deixada agora as cousas do Maluco, daremos razão das que se passarão na India.

a. *Esta fusta diz Francisco da Andrade no cap. 59. da 2. parte, q̃ veo à portar à Banda.*

LIVRO SEGVNDO DA QVARTA DECADA DA ASIA,

DE IOÃO DE BARROS.

Governava a India Lopo Vàz de Sampaio.

CAPITVLO PRIMEIRO.

Como Lopo Vàz de Sampaio ſabendo que vinha Pero Maſcarenhas de Malaca, lhe mandou notificar, que não vieſſe como Governador, & que querendo entrar em Cochij foi maltratado, & ferido.

NO MES de Dezembro do anno de M.D.XXVI. na ſegunda Oitava do Natal, chegou de Malaca hum junco à Cochij, que deu nova que vinha Pero Maſcarenhas, o que ſabẽdo Lopo Vàz, teve logo conſelho, em que ſe determinou, que ſe Pero Maſcarenhas cõmo peſſoa privada quiſeſſe ſair em terra, o deixaſſem deſembarcar livremente, mas que ſe como Governador o tentaſſe, lho não conſintiſſem. Com eſta reſolução

ſolução mandou logo hum bargantim à Coulam com cartas à Enrique Figueira Capitão d'aquella fortaleza, & ao Feitor & officiaes, & com o traslado da ſua ſucceſſão, & hũa relação do que foi acordado; para q̃ tanto que Pero Maſcarenhas alli chegaſſe, lho amoſtraſſem, & lhe requereſſem da parte d'el Rei, & da ſua, que obedeceſſe à elle Lopo Vàz como à Governador, & fazendoo aſsi lhe abriſſem as portas da fortaleza, & deſſem todo o neceſſario; & não querendo obedecer, o não deixaſſem entrar n'ella. Outra tal ordem como à de Coulam deu Lopo Vàz à Afonſo Mexia, & logo ſe partio para Goa. E por ter a gente contente lhe mandou pagar muitos ſoldos; mas a paga que em retorno lhe derão os meſmos que receberão os pagamẽtos, foi murmurarem delle, & interpretarem ſua tenção, dizendo, que ſe pagava era por tèr os homẽs cõtentes para a vinda de Pero Maſcarenhas, o qual avião por Governador, & não à elle; & como a gẽte popular he varia, & inconſtante, & amiga de novidades, como peſſoas de baxo eſtado, que ſempre o eſperão melhorar com a mudança dos tempos; todos aguardavão a vinda de Pero Maſcarenhas, para verem em que paravão ſuas couſas.

Pero Maſcarenhas, que tomada, & deſtruida a cidade de Bintam, ſe partira para Malaca, chegou à ella à ſalvamẽto, & provendo em muitas couſas d'aquella fortaleza ſe partio para à India no fim de Dezembro, com tres galeões carregados de muita fazenda d'el Rei, & elle de vittorias, & triunfos, Chegando à Coulam, alli ſoube de Enrique Figueira (que como Governador o recebeo) como Lopo Vàz de Sampaio governava, & moſtrandolhe os papeis, & requerimentos que lhe mandava fazer, lhe contou o que na India paſſara deſde o tempo que o mandarão chamar à Malaca para governar. Do que Pero Maſcarenhas ficou mui anojado, & per conſelho de Simão Caeiro, que elle como Governador fizera ſeu Ouvidor geral, & de Lançarote de Seixas, à quẽ fizera Secretario, ſe determinou ir à Cochij, & uſar de todo rigor com Afonſo Mexia, por abrir a nova ſucceſſão, pelo que ſe pôs à caminho, & ao derradeiro d Fevereiro do anno de M.D.XXVII. chegou à Cochij. Antes de ſurgir na barra, Afonſo Mexia Capitão da fortaleza, que ſobre elle tinha eſpias, ſabendo per ellas que era chegado, lhe mandou notificar pelos Iuizes da Cidade, & per Duarte Teixeira Teſoureiro, & Manoel Lobato

Eſcrivão

Escrivão da Feitoria, a provisão da nova successão de Lopo Vàz de Sampaio, & a ordem que tinha sua para não receber à elle Pero Mascarenhas como Governador, & lhe requerer que obedecesse à Lopo Vàz, pois era Governador por aquel la provisão. A isto respondeo Pero Mascarenhas com muita colera, que aquella provisão não era assinada por el Rei, & por tanto a não reconhecia por sua, & que Afonso Mexia co mo seu inimigo a poderia fazer, & por essa causa lhe não avia de obedecer; & que os que com tal embaxada vinhão mere-
10 cião ser castigados, como homẽs que cõmettião traição con-
tra seu Rei, pois resistião à quem el Rei fizera Governador, & elles o approvarão, & chamarão: & per conselho de Simão Caeiro ouve Pero Mascarenhas aos Iuizes por suspensos dos officios; & lhes mandou que sob pena de perdimento das fazendas não saissem de suas casas como fossem na cidade, & feito auto da sua prisão, com esta resposta os mandou; & à Duarte Teixeira, & à Manoel Lobato; como pessoas que mais insistirão no requerimento, mandou prender em ferros em hum dos ga-
20 leões.

Sabendo isto Afonso Mexia, mandou requerer à Pero Mascarenhas, que lhe soltasse os presos, que erão officiaes da Fazenda d'el Rei, que se podia perder; & de novo lhe mandou notificar a provisão do Governador Lopo Vàz, & que se quisesse algũa cousa delle que fosse à Goa onde o acharia. Pero Mascarenhas lhe respondeo, que ao outro dia (porque era ja quasi noute) lhe daria a resposta em terra. Afõso Mexia se temeo que Pero Mascarenhas desembarcasse de noute, & entrasse na cidade por não ser cercada, polo que à som de hũ
30 sino que mandou repicar ajuntou todo o povo; & posto que a mais da gente favorecia a parte de Pero Mascarenhas, & o desejavão ver no seu cargo, porque tinhão para si, que per dereito a governança era sua, & que lha tiravão injustamente, todos porem acodirão à Afonso Mexia postos em armas, para fazerem o que lhes mandasse, o qual lhes ordenou que fossem vigiar a praia, para que nella não desembarcasse Pero Mascarenhas, o que elles fizerão, como se forão seus inimigos. No que se bem vio a lealdade de Portugueses, que „
para servirem seu Rei, não especulão se seus mandados „
40 ou de sus ministros são justos, ou injustos, mas quanto „

„ as cousas são mais difficultosas,& contra seus pareceres,& võ
„ tades,alli negão as proprias por comprir com a de seu Rei, &
„ senhor. Isto se manifestou mais nestes dous fidalgos competi
„ dores,& nos nobres que os seguião;porque cada hum delles,
„ & seus favorecedores se pegavão às provisões d'el Rei, querẽ
„ dô que se guardassem,sem contra ellas excederẽ cousa algũa;
„ sendo sò a differença,& difficuldade entre elles,o entendimẽ
„ to das provisões,& a interpretação da vontade de seu Princi
„ pe;cuidando cada hum que se abraçava com ella: & o que he
„ mais de ponderar, sendo estes dous fidalgos tam animosos, 10
„ estando em terras tam remotas, onde cada hum achara mui-
„ tos Reis,& muita gente d'aquellas provincias por si,se a cou-
„ sa viera à rompimento.

Vendo pois Afonso Mexia,que Pero Mascarenhas deter-
minava desembarcar;tornou à mandarlhe muitos recados,&
requerimentos,q̃ não desembarcasse,porq̃ per armas lhe avia
de defender a desembarcação. Ao q̃ Pero Mascarenhas respõ
deo,q̃ não queria mais q̃ entrar desarmado para ouvir Missa
em S.Antonio,confiado q̃ como fosse na cidade, tinha dẽtro
muita gente da sua facção q̃ lhe obedeceria: & asi se metteo 20
em dous bateis,com o seu Ouvidor,& Meirinho cõ varas, &
todos os seus desarmados,& sem espadas , parecendolhe que
Afonso Mexia não quereria brigar cõ elle, vendoo em terra
desarmado:mas foi ao contrario,porque chegádo Pero Mas-
carenhas à praia,vendo Afonso Mexia q̃ intentava desembar
car,lho defendeo às lançadas como à inimigo , fazendo aos q̃
o acõpanhavão(entre os quaes andava elle armado sobre hũ
cavallo acubertado)metter pela agoa,mandandolhes q̃ feris-
sem à Pero Mascarenhas, & aos seus,& os matassem se qui-
sessem desembarcar. Bradando Pero Mascarenhas, que erão 30
Christãos , & leaes à seu Rei & senhor , & que não tinhão
armas , nem querião guerra , senão paz. Polo que vendo o
perigo em que estava , & que não podia desembarcar , &
que os mesmos em q̃ elle confiava o perseguião, se recolheo,
bem escandalizado , & com duas lançadas em hum bra-
ço , & Iorge Mascarenhas seu parente com hũa chuçada;
& outros muitos feridos , & todos os mais enxovalhados,
& escalavrados. Despois que Pero Mascarenhas se reco-
lheo ao seu galeão , mandou fazer autos de Afonso Mexia,
& dos moradores de Cochij , à quem mandou apregoar por 40
levan-

levantados,& traidores,moſtrando elles naquelle acto a maior lealdade,& inteireza que podia ſer,porque os que o mais feriáo,por lho mandar ſeu Capitão da parte d'el Rei, erão os que o mais deſejavão de recolher, & obedecer.

Afonſo Mexia mandou logo Aires da Cunha à Goa com cartas ao Governador ſobre o que paſſara com Pero Maſcarenhas,o qual tambem eſcreveo pelo meſmo à Lopo Vàz,& à muitos fidalgos, pedindolhes que determinaſſem quem avia de ſer Governador. Partido Aires da Cunha, mandou Afonſo Mexia requerer à Pero Maſcarenhas que lhe entregaſſe os galeões,& fazenda d'el Rei que trazia, & ſe quiſeſſe ir à Goa lhe daria hũa caravella; & como elle ſe determinou de não proſeguir ſeu dereito per força,ſenão per juſtiça, entregou os galeões,& a fazenda d'el Rei,& ſe paſſou com a ſua à caravella que lhe foi dada: & porq̃ não era capaz de muita gente, forãoſe muitos à terra, dos quaes Afonſo Mexia prẽdeo algũs,& entre elles Iorge Maſcarenhas ferido da chuçada que lhe derão,& preſo o mandou à Coulam. E porque Pero Maſcarenhas era amigo de Dom Simão de Meneſes, foiſe à Cananor para eſperar alli a reſpoſta de Goa;mas Dõ Simão tanto que ſoube que elle eſtava no porto, lhe mandou dizer, que lhe pezava muito de o não poder ſervir como pedião as razões da amizade que cõ elle tinha; porque Lopo Vàz de Sampaio,à que todos obedecião por Governador, lhe mandara, que ſe elle Pero Maſcarenhas chegaſſe à aquella fortaleza como fidalgo tam honrado,& de tanto merecimento como elle era,que o recolheſſe cõ toda a honra & corteſia poſſivel;mas que ſe foſſe com nome de Governador,q̃ o não cõſentiſſe;& que elle por o que compria à ſua lealdade não podia fazer outra couſa,ſenão obedecerlhe. Pero Maſcarenhas lhe reſpondeo,q̃ não queria que quebraſſe ſua fè,& lealdade, que o que delle queria era hum catùr em q̃ foſſe à Goa, mais raſo q̃ na caravella que lhe deixaria.Dom Simão lhe mandou logo o catùr,no qual ſe partio para Goa, não levando conſigo mais que Simão Caeiro, & Lançarote de Sexas, & dous pagẽs que o ſerviſſem,eſperando que Lopo Vàz ſe poria cõ elle em juſtiça, & quando não quiſeſſe, que os fidalgos que com elle eſtavão lho farião fazer.

(?.)

CAPITVLO II.

Como Lopo Vàz de Sampaio mãdou prẽder à Pero Mascarenhas per Antonio da Silveira, & preso em ferros foi levado à Cananor, & do que sobre sua prisão succedeo.

LOPO Vàz de Sampaio quando soube per Aires da Cunha o que Afonso Mexia fizera à Pero Mascarenhas em Cochij, ficou descansado, parecendolhe que estava seguro na governança, & por a boa nova deu à Aires da Cunha a Capitania de Coulam, q̃ tirou à Enrique Figueira porq̃ agasalhara Pero Mascarenhas cõtra a ordẽ q̃ se lhe mandou. E cõ municando aquelle caso cõ Eitor da Silveira, & outros fidalgos, lhe persuadirão q̃ lhe não compria entrar Pero Mascarenhas em Goa; porq̃ como a mais da gente estava descontẽte de se abrir a nova successão, & tinha para si que Pero Mascarenhas era o legitimo Governador, se levantarião com elle se o là vissem. Parecendo bem à Lopo Vàz este conselho, escreveo logo ao Capitão mòr do mar per o mesmo Aires da Cunha, q̃ porq̃ compria ao serviço d'el Rei não ir Pero Mascarenhas à Goa, procurasse de o encõtrar no mar, & lhe requeresse da sua parte q̃ se fosse metter na fortaleza de Cananor, donde não sairia sem lho elle mandar; & que não querendo obedecer, despois de lhe fazer todos os protestos, & requerimentos necessarios, o prendesse, & preso o entregasse à Dõ Simão de Meneses, de quem cobraria conhecimento como o recebia. Outra carta[a] escreveo Lopo Vàz à Pero Mascarenhas em resposta das queixas que lhe elle escreveo do mao trattamento q̃ recebera em Cochij. Em que Lopo Vàz lhe dava à elle toda a culpa do q̃ lhe fora feito, pois não quisera obedecer a ordẽ q̃ o Veedor da Fazẽda lhe mandara notificar, & por isso não tinha elle razão de o castigar, do q̃ lhe pesava muito; & q̃ quanto à verse com elle, & cõ os fidalgos que cõ elle estavão em Goa, todos erão de acordo q̃ não era serviço d'el Rei por desassessegos q̃ podia aver, q̃ serião de grande estorvo ao apercebimento que se fazia para a vinda dos Rumes; & por tanto lhe pedia da sua parte, & requeria da d'el Rei seu senhor, que

a. A copia desta carta escreve Diogo do Couto no cap. 6. do liv. 2.

q̃ elle se fosse à fortaleza de Cananor, como o Capitão mòr do mar lhe diria, & d'ahi mandasse requerer o que quisesse.

Estas cartas deu Aires da Cunha ao Capitão mòr do mar, o qual nunca pode topar à Pero Mascarenhas: o que receando o Governador q̃ poderia acontecer, per conselho de Eitor da Silveira, que era o fidalgo que elle mais grangeava, asi por sua pessoa, como por tèr muitos parentes, que esperava seguirião sua parte, & com parecer de outros seus amigos, mandou por maior seguridade seu gèro Antonio da Silveira, que
10 fosse aguardar à Pero Mascarenhas à barra de Goa com hũa galè, & dous bargantijs para o prender, & da mesma maneira à Simão de Mello seu sobrinho, com outros tantos navios à barra de Goa a velha. E como os bargantijs de Antonio da Silveira andavão por atalaias, vendo o catùr de Pero Mascarenhas (que chegou à barra de Goa aos xvj. de Março) forão à elle, & o levarão à Antonio da Silveira, o qual recebeo à Pero Mascarenhas com muita cortesia, & lhe disse, que o Governador mandara que indo elle alli o não deixasse passar, & lhe tomasse a homenagẽ, & o levasse preso à Cananor, por se es-
20 cusarem inquietações. Ao que Pero Mascarenhas respõdeo, que elle não avia de dar sua homenagem, antes lhe requeria que o deixasse ir à Goa para se ver com Lopo Vàz, & requerer sua justiça. O q̃ Antonio da Silveira não consentio, & o prẽdeo em ferros q̃ lhe mãdou lãçar pelo meirinho, pedindo lhe perdão, & desculpãdose por lhe ser asi mãdado: & per Simão de Mello foi levado à Cananor, & entregue à Dõ Simão de Meneses. Forão tãbẽ presos cõ Pero Mascarenhas Simão Caeiro, & Lançarote de Sexas, & levados à Goa, onde estiverão na cadea carregados de ferros, como incitadores da revol-
30 ta de Cochij, & conselheiros de Pero Mascarenhas.

Entre tanto q̃ Antonio da Silveira era ido à encontrar Pero Mascarenhas, os da sua facção vendo ajuntar tanta gẽte q̃ se embarcava para o prẽder, em vozes altas se queixavão, & de noute o fazião em parte q̃ o Governador ouvisse. Outros se forão queixar ao Guardião de S. Francisco, q̃ era homẽ letrado, Castelhano de nação, pedindolhe estranhasse ao Governador o q̃ usava cõtra Pero Mascarenhas. O Guardião lhes respõdeo, q̃ Lopo Vàz tinha a justiça por si, & q̃ o provaria o dia seguinte na prègação. Asi o fez à outro dia, cõ muitas ra-
40 zões despois de lèr a provisão de Lopo Vàz, dizendo mais q̃

alem de lhe imporem falso testemunho,comettião deslealdade à seu Rei,cousa tam desacostumada de Portugueses, cuja lealdade para seus Principes,fora sempre maior que de todas outras nações:sobre isto fez requerimẽtos ao Vigairo géral, que ouvesse por escomungados aos que o contrario dizião. Acabada a prattica,Pero de Faria Capitão de Goa lhe pedio a successão,& a beijou,& pôs na cabeça,dizẽdo,que a obedecia,& pergũtãdo à todos q̃ estavão presentes se fazião outro tanto,responderão que si,& desta approvação,& do parecer do Guardião,mandou fazer hum auto,& per ordem do Governador o foi asinar o Ouvidor geral,por os fidalgos que se acharão na prègação,& que disserão que obedecião à provisão. E por Dom Vasco de Lima,& Iorge de Lima não quererem asinar,& se mostrarem parciaes de Pero Mascarenhas, forão presos sobre suas homenagẽs.

Com esta diligencia,& com a prisão (que à ella se seguio) de Pero Mascarenhas, se ouve Lopo Vàz por seguro,parecẽdolhe que se avião quietado os vandos,& desassessegos em q̃ a gente de Goa andava.Mas não o deixarão estar muito tẽpo quieto.Porque Christovão de Sousa Capitão de Chaul,sabẽdo como Lopo Vàz de Sampaio queria proceder com Pero Mascarenhas,& que o mandava aguardar na barra de Goa para o prenderem,com parecer do Feitor, Alcaide mòr,& officiaes da fortaleza,& dos fidalgos que com elle estavão, que erão muitos,escreveo hũa carta [a] à Lopo Vàz (q̃ lhe derão despois da prisão de Pero Mascarenhas)em que lhe dezia:que para se apagarem as dissensões que começavão à nascer sobre a preferencia da successão do governo, cõpria pôrse em justiça,por o perigo em que se punha o estado da India, principalmente em tempo em que cada dia se esperavão os Rumes,para o que era necessario accrescentar o poder,& não diminuilo dividindose a gente,que em si era pouca, cuja perdição estava certa; porque se grandes Imperios feitos, & arreigados se perderão por serem divisos, que se podia esperar de hum que entam começava, & que tinha as raizes tam pouco fundadas, & o soccorro em lugar tão remoto: & que o desengava, que elle não avia de obedecer à quem se não posesse em dereito. Era Christovão de Sousa hum fidalgo de muita qualidade, em sua pessoa mui esforçado, & mui humano,de gentil conversação, & de condição alegre, & fami-

[a] *A copia desta carta escreve Diogo do Couto no cap.7. do liv.2.*

& familiar com todos; & não sòmente esplendido na cõtinua
mesa q̃ dava, mas no soccorro q̃ do seu dinheiro fazia aos q̃ o
não tinhão; polo que em Chaul invernavão mais numero
de fidalgos, q̃ em nenhũa outra parte da India: & como elle ti
nha tanta autoridade, & tantos do seu bando, ficava muito de
vẽtagẽ a parte à que elle se acostasse; & asi a sua carta fez mui
to abalo no Governador quando a vio, entendendo per ella q̃
não estava pacifico no cargo; & per conselho de seus amigos,
à que em segredo mostrou aquella carta, escreveo à Christo-
vão de Sousa, como Pero Mascarenhas estava preso, com ap-
provação de todos os fidalgos, & Capitães da India, q̃ à elle
Lopo Vàz reconhecião por Governador, polo que lhe pedia
quisesse conformarse com os mais, & obedecelo, pois q̃ não
avia divisão, nem se podia recear, & que lhe rogava quisesse
escrever à Pero Mascarenhas, que desistisse da pretensão do
governo. Como Christovão de Sousa não pretendia mais q̃
quietação, folgou de se conseguir tam pacificamẽte. Mas por
parte de Pero Mascarenhas, pesoulhe muito ser com sua pri-
são, porque a não tinha por justa. Porem, considerando que
della resultava dano particular à elle, & não ao publico, & q̃
querendoo emendar, era contra o bem cõmũ; porque vindo
os Rumes poderião ganhar a India, achandoa dividida: de
conselho dos q̃ cõ elle estavã rescreveo [2] à Lopo Vàz de Sã-
paio, dizendolhe, que no que estava feito, não avia necessida-
de de seu parecer, q̃ sempre desejara ver quietação n'aquel-
les negocios, & asi estava contente de se acabarem tanto
em paz, que elle o obedeceria como Governador que era, &
escrevia à Pero Mascarenhas hũa carta que mandava aber-
ta, para que a visse, & mandasse se quisesse. N'ella lhe de-
zia, per muitas razões, que era serviço de Deos, & d'el Rei, &
honra sua, estar preso, & que tivesse muita paciencia na pri-
são, como de homem tam valeroso, & esforçado se esperava;
porque Deos o ordenava, para que a India se não perdesse, cõ
as sedições q̃ começavão aver, q̃ fora melhor serẽ ambos mor
tos, q̃ aver cõpetencias tã perigosas, q̃ se lembrasse que Lopo
Vàz de Sampaio estava de posse de seu governo, & q̃ alem de
ser approvada pelo juizo de muitos homẽs de são entendimẽ
to, dous frades letrados, & prègadores per juramẽto affirma-
rão nos pulpitos, q̃ a justiça estava per elle, & que não tornar
n'este caso per sua hòra, era maior hòra, & não ser Governa-

2. *As copias destas duas cartas que Christovão de Sousa escreveo à Lopo Vàz de Sampaio, & à Pero Mascarenhas, escrevem Fernão Lopez de Castanheda no cap. 31 do liv. 7. & Diogo do Couto no cap. 7. do liv. 2.*

dor era mereçer ante el Rei que lho galardoaria. Tambem escreveo à Dom Simão de Meneses, & à outros fidalgos sobre o mesmo.

Não pezou à Pero Mascarenhas com aquella carta, porque por ella entendia que Christovão de Sousa não avia sua prisão por justa, senão por não aver cisma, & divisão nos Portugueses, & asi não desconfiou de alcançar que se posesse Lopo Vàz com elle em dereito, se Dom Simão o soltasse, em q̃ via ja algũas mostras de o vir à fazer, alem de lho prometter. Polo que se atreveo à mandar ao Governador hum requerimento,[a] per hũ publico tabalião de Cananor, perque lhe pedia, que se posesse com elle em justiça, & lhe não tomasse seu officio per força; protestando pelas perdas, & dános, & interesses, & que lhe soltasse Simão Caeiro, & Lançarote de Sexas, que tinha presos sem culpa, para requererem sua justiça. Lido este requerimento, o Governador o rompeo com muita indinação, perque o taballião se foi fugindo à Cananor sem esperar resposta. E porque passando Lopo Vàz pela cadea, Simão Caeiro, & o Sexas com grande clamor lhe requererão os mandasse soltar para requerer a justiça do Governador Pero Mascarenhas, os mandou carregar de maiores ferros, & mãdou pregoar sobpena de morte que ninguẽ chamasse à Pero Mascarenhas Governador: o qual sabendo como Lopo Vàz de Sampaio rompera o requerimento, & não dera resposta, pedio ao mesmo taballião disso hum instrumẽto; & deste successo se escandalizou tanto Dom Simão, parecendolhe que Lopo Vàz tomava a governança per força, que em seu animo determinou de lhe desobedecer.

[a] A copia deste requerimento escreve Diogo do Couto no cap. 7. do liv. 2.

CAPITVLO III.

Como Lopo Vàz de Sampaio mandou prender à Eitor da Silveira, & outros fidalgos seus parentes, & amigos, & a causa que ouve para isso.

ERA tanta a autoridade de Christovão de Sousa, & o respeito que todos lhe tinhão, que como elle não reprovou a prisão de Pero Mascarenhas, todas as dissensões, & bandos que avia sobre a preferencia dos Governadores cessarão,

cessarão,& começou Lopo Vàz,como homem que jà estava quieto empregarse todo no apercebimento para a vinda dos Rumes. Mas não tardou muito que lhe não succedesse outro novo sobresalto. Porque Eitor da Silveira, que era hum fidalgo mui principal por sua nobreza, pessoa,& valor, que seguia as partes de Lopo Vàz, lhe veo à pedir a Capitania de Goa para seu primo Diogo da Silveira, à qual tinha Pero de Faria, q̃ estava provido de Malaca por el Rei. Ao que o Governador respondeo, q̃ na escolha de Pero de Faria estava ter a Capitania de Goa, ou deixala, polo que elle não o podia obrigar ir à Malaca cõtra sua vontade, mas que lhe fallaria nisso, & querendo ir à Malaca lhe daria a Capitania de Goa. E dizendo q̃ lhe fallara, respondeo á Eitor da Silveira, que Pero de Faria não queria ir à Malaca. Isto não creo Eitor da Silveira, mas pareceolhe que por a necessidade que Lopo Vàz tinha de gẽte,& de amigos, não queria alongar de si à Pero de Faria, que era seu grande amigo: & escandalizado da resposta, lhe pedio, que pois Pero de Faria não queria ir à Malaca, lhe desse aquella fortaleza para seu primo, pois como Governador a podia dar,& ella cabia muito bem nos merecimentos de Diogo da Silveira; do que se escusou Lopo Vàz, dizendo, que folgara de lha poder dar, mas que não podia, porque Iorge Cabral a servia, por lha dar Pero Mascarenhas sendo em Malaca jurado,& obedecido por Governador, por o que Iorge Cabral a não quereria largar sem provisão de Pero Mascarenhas,& indo Diogo da Silveira sem ella, seria renovar sedições em Malaca, como avia na India, & que lhe pesava muito de lhe pedir cousas que não podia fazer com justiça, a qual elle na governança em que estava determinava guardar em tudo à todos. Eitor da Silveira lhe disse, que folgava muito de lhe ver tam bõos propositos, bem differentes do que as màs lingoas andavão publicando, que elle não queria guardar justiça à Pero Mascarenhas, a qual se não guardava, daria occasião à gente de cuidar que tomava o governo per força; & assi que visse bem o que fazia, porque elle sempre avia de ser em favor da justiça. E despois de aver entre ambos algũs debates, & Lopo Vàz soltar algũas palavras com colera, Eitor da Silveira se foi anojado; & cõmunicando com seus parentes, & amigos o que passarà com Lopo Vàz de Sampaio, como algũs delles lhe não tinhão boa vontade, assentarão todos que

 elle

elle tinha usurpado o cargo ao Governador, & que era razão que se determinasse per justiça à quẽ pertencia, & que não era honra sua obedecerem à quem cõmettia força, tendo elles jurado outro Governador. Para isto convocarão outros fidalgos que tivessem sua opinião, de que forão estes os principaes, Dom Tristão de Noronha, Dom Iorge de Castro, Dõ Antonio da Silveira, Dom Enrique Deça, Iorge da Silveira, Francisco de Taide, Dõ Francisco de Castro, Iorge de Mello, Diogo de Mirãda, Aires Cabral, Simão Sodrè, Martim Vàz Pacheco, Vasco da Cunha, Nuno Fernandez Freire, & Simão Delgado Quadrilheiro môr; & como virão estes fidalgos, que os da Camara de Goa, & muitos cidadãos erão de seu parecer, logo escreverão à Pero Mascarenhas per terra, dizendo, que devia de trabalhar com Dom Simão que o soltasse, & se viesse à Goa, & sendo presente requererião ao Governador se posesse com elle à dereito, & que não querendo, o desobedecerião, & darião a obediencia à elle Pero Mascarenhas.

A carta sendo asinada per todos, que fazião numero de duzentos & sesenta, cousa que Pero Mascarenhas não esperava, elle a mostrou à Dom Simão de Meneses, & lhe deu tantas razões, que Dom Simão lhe prometteo que o soltaria se aquelles fidalgos perseverassem em seguir sua parte. Cõ esta promessa, & carta, tomou Pero Mascarenhas mais animo, & começou à frequentar requerimẽtos cõ o Governador, atè q̃ lhe respondeo, q̃ lhos não mãdasse mais, q̃ não se avia de pôr em justiça com elle em cousa que não tinha duvida. Avida esta resposta, Pero Mascarenhas a mandou à Eitor da Silveira, escrevendolhe, que pois Lopo Vàz se não queria pôr em justiça com elle, lhe pedia que elle, & os da sua valia fizessem o que lhe tinhão escritto, & offerecido, o que se com brevidade não effeituassem, que por o verão se ir chegando, verião as naos de Portugal, com que ficava Lopo Vàz de Sampaio com muito maior poder, porque os Capitães, & a mais gente dellas, não avião de obedecer senão ao Governador q̃ achassem de posse; & que estava certo, que Lopo Vàz o mandaria preso nas mesmas naos ao Reino, & asi ficarião frustradas todas suas esperanças, & os favores que lhe querião fazer na sua pretenção. E porque o Governador Lopo Vàz fazia pouco caso dos requerimentos de Pero Mascarenhas, escreveo elle à Camara de Goa, [a] os fizesse em seu nome à Lopo Vàz,

a. Estes protestos, & a resposta que à elles deu Lopo Vàz de Sampaio, se podẽ ver nos capitulos nove & dez do segundo livro da Decada quarta de Diogo do Couto.

Vàz,requerendolhe,que se posesse com elle em justiça, o q̃ fazendo,& avendo per resposta ameaços,Eitor da Silveira,& os fidalgos de sua facção fizerão outro per escritto, q̃ mandarão ao Governador per Manoel de Macedo com hum Escrivão,o qual acabando de o ler,Lopo Vàz com grande ira, mã dou prender na cadea entre os homẽs baxos à Manoel de Macedo,sendo homem fidalgo,& ao Escrivão arrepelou, & espancou.

Ao escandalo que Eitor da Silveira,& Diego da Silveira 10 tinhão do Governador,se ajuntou a violencia de que usava, não sofrendo que lhe pedissem fizesse de si justiça, & se posesse à dereito com Pero Mascarenhas. Polo q̃ elles assentarão de o prender,& o fizerão saber aos officiaes da Camara, para lhe acodirem com armas quando comprisse. Isto se publicou logo,& como o Governador o soube, determinou de prender à Eitor da Silveira,& aos fidalgos da sua valia,& asi ao dia seguinte mandou Antonio da Silveira seu genro, & Simão de Mello seu sobrinho, & outros secretamẽte armados, que fossem tomar as ruas que ião à casa de Eitor da Silveira, 20 para deter os que lhe quisessem acodir,& à Pero de Faria como Capitão da cidade que os fosse prender, & elle se pôs à cavallo na rua dereita,para mandar gente em seu soccorro,ou acodir elle em pessoa se comprisse. Como o rumor andava ja pelo povo,que o Governador queria prender Eitor da Silveira,aquella manhãa se forão os da liga à sua casa,& muita gente à sua porta,& chegando Pero de Faria à ella,Eitor da Silveira saio à janella,& perguntandolhe que queria, lhe disse Pero de Faria,que o vinha prender,que lhe desse a homenagem,ao que Eitor da Silveira respondeo,que lha não queria dar, & q̃ 30 o fizera como mao fidalgo,em aceitar aquella cõmissão. Sendo o Governador certificado disto, per recado de Pero de Faria,chegou à pressa,& da rua lhes disse que se dessem à prisão, elles responderão, que não darião, que era seu inimigo capital,por lhe dizerem que fizesse justiça de si. E vendo o Governador que se não querião dar à prisão,apeãdose do cavallo,tomou hũa lança,& hũa adarga,com muita ira quis sobir acima onde aquelles fidalgos estavão. Mas representandosse à Eitor da Silveira os grandes males que se seguirião d'aquella resistencia, & lembrandolhe o serviço d'el Rei, movido 40 mais da lealdade que lhe devia,que do odio que tinha ao Governa-

vernador, se deu à prisão, & se derão os mais q̃ com elle estavão: & Pero de Faria os levou à fortaleza, onde o Governador os foi esperar, & lhes tomou as homenagẽs. E porq̃ via q̃ algũs d'aquelles fidalgos não tinhão mais culpa que serẽ amigos de Eitor da Silveira, & por os tèr por amigos, mandou os para suas casas; sòmente à Eitor da Silveira, Diogo da Silveira, Dõ Antonio da Silveira, & Dõ Iorge de Castro por serem os principaes d'aquella opinião, deixou estar presos na fortaleza; & à Iorge de Mello, & Aires Cabral, por homẽs soltos de lingoa, & inquietos, mandou presos em ferros à fortaleza de Benasterim. E no fim de Agosto, querendo mandar à Eitor da Silveira, & aos seus tres companheiros à Cochij, elles requererão cõ grande instancia, & proclamarão, q̃ o Governador os mandava em tempo tam aspero, & tempestuoso sò para morrerem no mar, polo que deixou de os mandar, & os teve à bom recado, & assi dizem que o tinhão elles sobre si.

CAPITVLO IIII.

Como Pero Mascarenhas foi solto, & obedecido por Governador per algũs Capitães.

SABENDO Pero Mascarenhas da prisão de Eitor da Silveira & dos mais fidalgos da sua opinião, & do mao tratamento que fazia Lopo Vàz de Sampaio, à quem lhe fallava em pôr em juizo sua governança, requereo com grande instancia à Dom Simão de Meneses que o soltasse, & o reconhecesse por legitimo Governador, o que não foi muito de acabar cõm elle, pelo escandalo q̃ tinha da prisão d'aquelles fidalgos; & disse à Pero Mascarenhas, que não tinha que era honra obedecer per violencia à Lopo Vàz de Sampaio, & que à elle queria dar a obediẽcia. E para que não parecesse que sò per sua vontade soltava Pero Mascarenhas, & lhe obedecia pela de todos, o soltou, & o levou à Igreja, & juntos os officiaes da Iustiça, & Fazenda, fidalgos, & toda a mais gente, hum taballião em voz alta leo a successão de Pero Mascarenhas, que foi aberta ao tempo que Dom Enrique de Meneses fallesceo; & o auto que se fez da governança temporaria à Lopo Vàz de Sampaio, em quanto Pero Mascarenhas

não

não vinha de Malaca; & a carta do Veedor da Fazenda, perque o mandou chamar, & a successão de Lopo Vàz, com todos os autos da resistencia que se à Pero Mascarenhas fez em Cochij. Despois de lidos, disse Pero Mascarenhas, que lhes mádara lèr tudo aquillo, para que vissem, que sendo elle eleito para Governador da India por el Rei, approvado per seus officiaes, & Capitães, & chamado delles, fora sem razão despojado da governança, afrontado, ferido, & preso em ferros como traidor, quádo esperava mais favor de todos, vindo vittorioso cõ a destruição d'el Rei de Bintam. E que para mais evidencia de Lopo Vàz de Sampaio se levantar cõ a India, prendera aos fidalgos principaes della cõ tãto rigor, por lhe requererem se posesse em justiça, & castigava todos os q̃ tal lhe requerião. Causando tamanha discordia en tẽpo q̃ o Estado da India estava tã arriscado cõ a vinda dos Rumes, q̃ lhes pedia fizessem cõ Lopo Vàz q̃ se posesse cõ elle em juizo, ou lhe tirassem a obediẽcia, & a desẽ à elle, & não o fazendo, fez muitas protestações. Todos os que estavão presentes responderão, que não avia que requerer, nem que protestar, que elles à hũa voz o reconhecião por Governador, & logo o jurarão por tal com grande festa. Como esta nova se soube, muitos fidalgos, & outras pessoas q̃ lhe erão afeiçoados se vierão para elle, asśi de Cochij, como de outras Capitanias, por terẽ por mui justificada a sua causa. Quando Lopo Vàz soube q̃ Pero Mascarenhas era solto, & obedecido d'algũs por Governador, se teve por mal aconselhado, em o aver fiado de outrẽ, & tirado de Goa, ou de Cochij. Polo que receandose, que elle se viesse metter em Goa, mandou à Simão de Mello seu sobrinho, que fosse guardar a barra de Goa a velha, com tres navios, porque por alli lhe pareceo que viesse Pero Mascarenhas, ao qual mandava que prendesse, & o levasse à Goa.

Nesta conjunção aportarão na barra de Goa em xvj. de Agosto as duas naos da invernada do anno passado, de que erão Capitães Antonio de Abreu, & Vicente Gil, & em Settembro chegarão tres naos de viagem da companhia de cinco que partirão de Portugal em Março d'aquelle anno de D.XXVII. Das duas que faltarão, ião por Capitães Manoel de la Cerda, & Aleixo de Abreu, que se perderão na Ilha de São Lourenço, de cujo naufragio, & successo diremos adiante: & das tres que chegarão à salvamento, erão

Frotta da India do anno de M.D.XXVII.

erão Capitães Christovão de Mendoça, irmão da Duquesa de Bragança Dona Ioanna de Mendoça, filhos de Diogo de Mendoça Alcaide mòr de Mourão, que ia provido da fortaleza de Ormuz na vagante de Diogo de Mello, & Balthasar da Silva, & Gaspar de Paiva, & nestas naos forão embarcados Dõ Ioão Deça cunhado de Lopo Vàz de Sãpaio, q̃ levava a Capitania de Cananor, & Francisco Pereira de Berredo a de Chaul. Aos quaes Capitães fez Lopo Vàz as mesmas perguntas sobre a justificação do seu governo, que fizera aos Capitães das naos do anno passado (como atras dissemos) & elles lhe derão a mesma resposta que os outros, approvando a sua posse. 10

Pero Mascarenhas como se vio favorecido, mandou à Chaul Francisco Mendez de Vasconcellos, pedir à Christovão de Sousa da sua parte, & da de Dom Simão, & dos officiaes da Camara, que requeresse à Lopo Vàz se posesse em justiça sobre a governança; porque não convinha ao serviço d'el Rei aver dous Governadores, & que se não soccedesse à isso, que lhe tirasse a obediencia: o mesmo mandarão requerer à Lopo Vàz, & escreverão aos fidalgos presos, offerecendolhes Pero Mascarenhas, que poria a vida sobre sua soltura. 20 Chegou Francisco Mendez à Goa, & deu os requerimentos que levava ao Secretario, & as cartas aos fidalgos, & passou à Chaul, onde entregou os papeis que lhe derão em Cananor à Christovão de Sousa, pelos quaes constandolhe dos muitos requerimentos que se fizerão à Lopo Vàz de Sampaio per parte de Pero Mascarenhas, & o que fez à quem lhos apresentou; & como Pero Mascarenhas estava obedecido em Cananor por Dom Simão, & o fora ja de todos os fidalgos, & Capitães da India quando se abrira a successão, propôs tudo aos officiaes da fortaleza, & aos muitos fidalgos q̃ por sua causa invernarão em Chaul, os quaes da prisão de Eitor da Silveira, & seus companheiros estavão mui escandalizados, & de cõmun acordo se assentou, que Christovão de Sousa obedecesse à Pero Mascarenhas em quanto Lopo Vàz se não quisesse pôr com elle à dereito, & que quando se posesse, daria a obediẽcia à quem a justiça declarasse por legitimo Governador; & que isto se fizesse logo antes que Lopo Vàz adquirisse mais forças, ou succedesse a vinda dos inimigos. O q̃ Christovão de Sousa não recusou fazer per o perigo q̃ podia correr o estado 30 40

o estado da India avendo divisões, polo que escreveo à Lopo
Vàz de Sampaio, a razão porque dera a obediencia à Pero
Mascarenhas, & a condição com que o fizera. A esta carta
não respondeo Lopo Vàz, & logo lhe quis tirar a Capitania;
de que Francisco Pereira de Berredo vinha provido do Rei-
no. Para o que ordenou hũa armada, de que fez Capitão mòr
Antonio da Silveira, & lhe mandou que fosse à Chaul, & re-
queresse a Christovão de Sousa que lhe entregasse à elle a ar-
mada que là estava, & a Capitania à Francisco Pereira q̃ com
10 elle ia, por ser o tẽpo de Christovão de Sousa acabado. Chris-
tovão de Sousa resentido de Lopo Vàz não responder à sua
carta, não deixou desembarcar à Antonio da Silveira, & ao
que Lopo Vàz mandava respondeo, que o não avia de fazer;
porque tinha mandado em contrario de Pero Mascarenhas
seu Governador; & feitos muitos requerimentos per Anto-
nio da Silveira, & protestos per Frãcisco Pereira, se tornarão
sem o effeito da jornada.

CAPITVLO V.

20 *Do que Antonio de Miranda de Azevedo, & Christovão de Sousa ordenarão para Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Mascarenhas desestirem do governo, & se porem em dereito.*

DESPOIS de partido Antonio da Silveira
de Goa para Chaul; vindo Antonio de Miran
da de Azevedo Capitão mòr do mar da India,
de Cochij para Goa, foi de caminho tèr à Ca-
30 nanor, para saber o estado d'aquella fortaleza;
& estando no mar, lhe mandou dizer Pero Mascarenhas por
Dom Simão de Meneses, como elle estava solto, & obedeci-
do por Governador pelo mesmo Dõ Simão, & per Chris-
tovão de Sousa Capitão de Chaul, & pela mòr parte dos fi-
dalgos, & soldados que na India andavão, que lhe requeria q̃
lhe desse à elle tambem a obediencia, pois Lopo Vàz de Sã-
paio não queria que se posesse em juizo a preferencia da go-
vernança, & de seu absoluto poder a usurpava, & vẽdose sem
armada, veria à succeder no que era justiça. Antonio de Mi-
40 randa cõsiderando que a total ruina do Estado da India, seria

aver

aver nella eisma de dous Governadores, & divisão da gente Portuguesa, que em si era pouca, & os inimigos naturaes, & estrangeiros sem numero, respondeo à Pero Mascarenhas q̃ o não podia obedecer como Governador, atè se não ver com Lopo Vàz, & saber delle se sequeria sômetter à juizo de arbitros, & que não o querendo elle outorgar, em tal caso obedeceria à elle Pero Mascarenhas; de que lhe deu hum escritto [a] de sua mão, em que lhe fazia preito, & homenagẽ de asi o comprir.

a. A copia deste escritto, referem Fernão Lopez de Castanheda no capit. 43. do livro. 7. & Diogo do Couto no cap. 7. do livro 3.

Chegando Antonio de Miranda à Goa, sabendo Lopo Vàz como dera aquelle escritto, lho estranhou com muita aspereza, & ameaços que faria outro Capitão mòr do mar, & elle se iria para Pero Mascarenhas, porem não ousou por não accrescentar o escandalo, & as dissensões que avia, & o mandou logo à Chaul para ajudar à Antonio da Silveira que fora pedir a armada à Christovão de Sousa, & depolo do cargo de Capitão, & entregalo à Francisco Pereira. E quando chegou à Chaul partia para Goa Antonio da Silveira com a resposta que acima dissemos, à quem fez esperar atè se ver com Christovão de Sousa, ao qual mandou dizer que compria à serviço d'el Rei verense ambos; Christovão de Sousa lhe respondeo o mesmo que dissera à Antonio da Silveira, & em seu nome, & dos fidalgos que com elle invernavão, lhe mandou requerer, que acodisse à força que se fazia à Pero Mascarenhas, & que pois estava em sua mão fizesse com Lopo Vàz que outorgasse o que tantos lhe pedião, & pacificasse a India, & sobre isto lhe mandou fazer tantas protestações, que lhe pareceo à Antonio de Miranda que convinha ir à fortaleza à verse com Christovão de Sousa, & asi o fez. E como estes dous fidalgos não procuravão outra cousa que o serviço d'el Rei, & a paz, & união entre os Portugueses, determinaráose em obrigar à Lopo Vàz que desistisse da governança, atè se julgar à quem pertencia. Polo que despois de muitos discursos, assentarão que aquella causa se julgasse per juizes arbitros, & que estes fossem sette, hum delles o mesmo Antonio de Miranda, & os outros Dom Ioão Deça, Francisco Pereira de Berredo, Balthasar da Silva, Gaspar de Paiva, Fr. Ioão de Alvim da ordem de S. Francisco, & Fr. Luis da Vittoria da Ordem de S. Domingos.

Assinalados os juizes (os quaes ficarão em segredo entre estes

estes dous Capitães com juramento atè ser tempo de se declararẽ, para que os dous competidores o não soubessem) ordenarão hũas Capitulações,[a] sobre segurança das pessoas de Christovão de Sousa quando fosse à Goa, & de seus parentes, amigos, & criados, & de Lopo Vàz de Sãpaio, & de Pero Mascarenhas. Que o q̃ delles ficasse julgado por Governador, não desfaria o q̃ o outro tivesse feito, nẽ entẽderia na pessoa, & fazenda do outro, nẽ de seus criados, parentes, & amigos. E q̃ tanto que Christovão de Sousa, & Antonio de Miranda chegassem à Goa, Eitor da Silveira, Dom Iorge de Castro, & Dõ Antonio da Silveira, & todos os mais q̃ por causa de Pero Mascarenhas estivessem presos, serião soltos; & q̃ aquella causa se avia de determinar em Cochij, onde ambos os cõpetidores se ajuntarião, como pessoas privadas, tendo desistido cada hum do officio de Governador, atè se determinar per sentença qual delles o seria. E que Lopo Vàz iria desde Goa entregue à Antonio de Miranda, & em Cananor se lhe entregaria Pero Mascarenhas, & querendoo elle levar no seu galeão, se entregaria Lopo Vàz à Christovão de Sousa, ou à Dom Simão de Meneses, para o levarèm no navio em que fossem. Estas, & outras muitas seguranças, & cautelas se capitularão; as quaes ao outro dia juntos todos na Igreja, mostrarão, & lèrão ao Feitor, Alcaide mòr da fortaleza, officiaes, & fidalgos q̃ invernarão nella, dãdolhe relação da causa porq̃ as fizerão, & q̃ vissem o que lhes parecião, & o que se avia de accrescentar, ou diminuir, requerendolhes que lhe ajudassem à pòr em effeito aquella obra; os quaes todos a louvarão muito, & derão os agradecimentos à Christovão de Sousa, & à Antonio de Miranda, de que se fez auto publico, que todos asinarão.

Christovão de Sousa deixando entregue a fortaleza à Alvaro Pinto Alcaide mòr della, se partio com Antonio de Miranda, & Antonio da Silveira para Goa, onde chegados, dando conta Antonio de Miranda ao Governador Lopo Vàz de Sampaio, diante do Ouvidor gèral, & Secretario do assento que tinhão tomado, & das Capitulações que tinhão feitas, se anojou muito; porque como elle era de animo senhoril, & altivo, & estava de posse do governo à seu parecer justamente, per provisões d'el Rei, parecialhe que se lhe fazia violencia, & desacato, sem elle nisso intervir, fazerem contrattos,

[a] Estas Capitulações escreve Fernão Lopez de Castanheda no cap. 44. do livro 7.

contrattos,& determinações sobre sua pessoa; polo que com mostras de muita colera disse, que não se queixava senão de si mesmo, pois se fiara delle Antonio de Miranda despois que dera o escritto à Pero Mascarenhas,& que fizera mal de ordenar aquelle concerto para escusar sedições,& alvorotos, que per esse mesmo caminho se suscitarião maiores. Antonio de Miranda que emestremo desejava a quietação cõmũ, & evitar perigos em que o Estado da India estava que sò dependia de abrandarem a dureza de Lopo Vàz, lhe descobrio contra o juramento que fizera quem erão os juizes que estavão nomeados, com o que Lopo Vàz se desanojou. E acõselhado de seus amigos, vendo que de necessidade ja se não podia deixar de pòr em juizo, sem risco de perder a governança, pelos juramentos que estavão feitos de desobedecerem à parte que recusasse, disse à Antonio de Miranda, que consentia nas capitulações, com condição que os juizes não avião de ser mais de sette, nem outros senão os que estavão nomeados, de que lhe pedio hum asinado, que elle lhe deu, & que ficando Pero Mascarenhas por Governador, não tirasse a Afonso Mexia nenhũ dos officios que tinha,& o entregaria seguro ao Governador que fosse de Portugal. Contente Christovão de Sousa de tudo, os fidalgos presos forão soltos, & se fizerão juramentos de parte de Lopo Vàz, & de Pero Mascarenhas; & tẽdo ambos desistido do governo, vierão à Cochij,& no mar estiverão estes dous competidores em arrefẽs atè se dar sentença. Lopo Vàz entregue à Antonio da Silveira na nao S. Roque, & Pero Mascarenhas à Diogo da Silveira na nao Flor de la mar.

(∴)

CAPI-

CAPITVLO VI.

Das differenças que ouve sobre accrescentarem à causa de Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Mascarenhas mais juizes dos que forão nomeados à principio, & como se deu a sentença em favor de Lopo Vàz.

10

NÃO Querendo Christovão de Sousa que Fr. Ioão de Alvim fosse hum dos juizes, & que em seu lugar se accrescentassem cinco, que erão Lopo de Azevedo que viera aquelle anno de Portugal, Antonio de Brito, que fora Capitão de Maluco, Nuno Vàz de Castelbranco, Capitão que fora do navio do trato de Sofala, Tristão de Gà, & Bastião Pirez Vigairo gèral da India, por quam sospeitos tinha os sette nomeados em favor de Lopo Vàz, artiscou com esta innovação o effeito do que estava assentado, & ficar o negocio em pior estado, & perigo que antes. Porque Lopo Vàz quando lho disse Antonio de Miranda, não confiando dos juizes que se accrescentavão, se indinou muito contra elle, queixandose que o trouxera enganado de Goa, & o fizera desistir do governo, & sobre isso lhe disse outras palavras asperas, que Antonio de Miranda prudentemente sofreo, por os desejos que tinha de ver paz na India. Finalmente, despois de muitas altercações, que chegarão à termos de se querer averiguar aquella causa com as armas, Lopo Vàz veo à consentir nos juizes, & reconciliado com Antonio de Miranda, lhe pedio perdão das palavras que com elle passara.

20

30

Ao seguinte dia, Christovão de Sousa, & Antonio de Miranda, com o Ouvidor gèral, & o Secretario, se forão ao Mosteiro de Sãto Antonio, de Religiosos de São Francisco, & alli diante dos mais dos fidalgos que estavão em Cochij nomearão os onze juizes referidos. Antonio de Miranda, que não estava seguro da fatisfação que Lopo Vàz teria delles, polo aquietar, lhe pareceo

bem

bem que se accrecētassem mais dous juizes, & que fossem Fr. Ioão de Alvim, & Bras da Silva de Azevedo, mas Christovão de Sousa vendo a desigoaldade que avia nos votos contra Pero Mascarenhas sendo ja a seu requerimento excluido por sospeito Fr. Ioão, não queria consentir na nomeação dos dous juizes; porem cansado das novidades que cada dia naquelle negocio recrecião, obrigado dos desejos da paz, que sempre procurou, sem dar parte à Pero Mascarenhas, que estava certo que não consentiria, deu o seu consentimento. Polo que dizendose logo hũa Missa foi dado juramento aos juizes, que bem, & verdadeiramente julgassem aquella causa, & recolhidos com o Secretario, que servio de escrivão do processo, apparecerão ante elles Dom Vasco Deça procurador de Lopo Vāz de Sampaio, & Simão Caeiro procurador de Pero Mascarenhas, que com as procurações que mostrarão de ambos, offereceo cada hum as razões de dereito de seus constituintes.

Appresentouse logo aos juizes hum longo razoado [a] de Afonso Mexia, em que tratava os inconvenientes que na India se seguirião de Pero Mascarenhas governar, & nelles se conhecia tèr tanto odio contra Pero Mascarenhas, quanta amizade mostrava tèr à Lopo Vaz. Outros apontamentos se offerecerão por parte de Pero de Faria Capitão de Goa, & outros pola do Licenciado Ioão de Osouro Ouvidor gèral da India, em que requerião o mesmo. Entrou tambem hum procurador da Camara de Cochij, que em nome da cidade requereo aos juizes da parte de Deos, & d'el Rei não julgassem a governança à Pero Mascarenhas, porque era seu inimigo capital, & como tal os tinha ameaçados, pelo que sendo elle Governador despovoarião a cidade, & se irião para os Mouros, porque com nenhũas promesas, & juramentos que fizesse se terião por seguros. E asi na noute antes d'aquelle dia em que os juizes entrarão em despacho, todos os moradores de Cochij, por a offensa, & resistencia que fizerão à Pero Mascarenhas, & por as ameaças que elle lhes fez de os castigar como traidores se viesse à governar à India, andarão com suas molheres, & filhos pelas Igrejas em procissão descalços, com muitas lagrimas, & devação, pedindo à Deos inspirasse nos juizes que não julgassem a governança à Pero Mascarenhas.

a. A copia deste razoado escreve Fernão Lopez de Castanheda no cap. 49. do livro 7.

Os

Os juizes ouvidas as partes, derão seus votos, & sendo os mais em favor de Lopo Vàz, se escreveo a sentença,[a] perq̃ julgarão, q̃ Lopo Vàz de Sãpaio governasse a India, & Pero Mascarenhas se fosse para o Reino, para onde lhe seria dada embarcação cõforme à qualidade de sua pessoa: & quãto aos ordenados do officio de Governador ficasse reservado para el Rei o determinar no Reino, como lhe parecesse, & tudo o mais q̃ cada hũa das partes quisesse requerer. Esta sentẽça se deu aos xxj. de Dezẽbro d'aqlle anno de M.D.XXVII. & assi 10 nada pelos juizes Antonio de Mirãda, Dõ Ioão Deça, Bras da Silva, & Tristão de Gà, se forão à nao onde estava Pero Mascarenhas, & entrados dẽtro o Secretario lha publicou, a qual Pero Mascarenhas como magnanimo q̃ era ouvio cõ o rostro mui seguro, sem mostra de algũa alteração, o que seus amigos não fizerão, que todos ficarão mui tristes. Despois forão os mesmos publicar a sentença à Lopo Vàz de Sampaio, que a ouvio com muito prazer, & dando muitas graças aos juizes, pedio outra vez perdão à Antonio de Miranda do que passara com elle. Os de Cochij que estavão solicitos se se daria 20 a sentença ao contrario, fizerão muitas festas, o que aos da outra parte dava muita paixão, receando o tratamento que Lopo Vàz lhes faria ficando na India. E por elle os assegurar desta sospeita, antes que desembarcasse ao outro dia pela manhãa em hum catùr correo toda a frotta, pedindo à todos que se alegrassem com elle, & cressem que tinhão nelle hum grande amigo na India, & no Reino com S.A. para lhe reprẽsentar seus serviços, & que aos que forão da facção de Pero Mascarenhas, tinha em mui boa conta, por proseguirem com tanto valor o que lhes parecera que era justiça, que o mesmo 30 esperava fizessem por elle quando comprisse, & que servissem com elle à el Rei com aquelle mesmo animo, & se fossem à descansar. Do que lhe todos derão as graças; & com elle forão à terra acompanhandoo, onde foi recebido cõ muita festa, & levado à Igreja debaxo de hum palio, & alli fez muitos comprimentos aos fidalgos que lhe forão contrarios, com que se segurarão para ficar na India.

Neste tempo forão acabadas de carregar as naos que avião de vir à Portugal, & se partirão, & em hũa dellas veo Pero Mascarenhas entregue à Antonio de Brito que vinha 40 por Capitão della, & o fora de Maluco; & primeiro que

a. Traslado da sentença.
Vistos por os juizes estes autos, & o que per elles se mostra, & vistos nossos assinados, em que cada hum declarou sua tenção, julgamos por nossa diffinitiva sentença, q̃ Lopo Vaz de Sampaio governe, & seja Governador nestas partes da India, & Pero Mascarenhas se và embora para o Reino de Portugal, & lhe serà dada embarcação, segũdo a qualidade de sua pessoa. E quãto aos ordenados dos sobredittos, fique para el Rei Nosso Senhor o julgar, como lhe bem parecer, & assi tudo o mais q̃ cada hũ delles quiser requerer no Reino.
Fernão Lopez de Castanheda cap. 50. do liv. 7.

Pero Mascarenhas partisse, mandou citar ao Governador Lopo Vàz para ante el Rei por o civel, & crime que contra elle esperava alcançar, & lhe escreveo que ficavão Castelhanos em Maluco, que soccoresse à Dom Iorge de Menezes cõ gente, & munições para defensão d'aquella fortaleza. As naos chegarão em salvo à Portugal, & Pero Mascarenhas foi d'el Rei bem recebido, & lhe deu a Capitania de Azamor, onde esteve algũs annos, & vindo para Portugal se perdeo no mar.[a]

[a] Ioão de Barros escreveo as differẽças entre Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Mascarenhas, com tanta brevidade, em dous pequenos capitulos, q̃ fica sendo a noticia dellas diminuta, pelo que pareceo dalla inteira nos seis capitulos passados, porem menos dilatadamente do que as escreverão Fernão Lopez de Castanheda no livro. 7. Diogo do Couto nos livros. 2. 3. & principio do 4. & Francisco de Andrade, na 2. parte, desde o capit. 11. atè o 28. onde se poderão lèr com mais particularidades.

CAPITVLO VII.

De algũas armadas que Lopo Vàz despachou, & como soccorreo a fortaleza de Ceilam, que estava cercada, mandando a ella Martim Afonso de Mello.

VENDOSE Lopo Vàz de Sampaio fora das inquietações, & discordias em que andava com Pero Mascarenhas, & despachada a armada para o Reino; pareceolhe necessario ordenar outra para elle ir ao Estreito queimar as galès dos Rumes, que alli estavão, de cujas differenças, & poucas forças, & morte de Raez Soleimão, elle ja sabia, como atras dissemos. E pondo em conselho este seu intento, lhe foi contrariado como da outra vez, & se assentou nelle, que não convinha ir o Governador fora da India, em tempo que el Rei de Calecut tinha aprestados muitos paraos seus, & feita armação com muitos cossarios, com que podia fazer muito grande dàno, em ausencia do Governador; & que para queimar as poucas galès dos Rumes que estavão em Camaram, bastava mandar hũa armada ao Estreito. Com esta resolução aparelhou Lopo Vàz hũa armada, que entregou à Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mòr do mar da India, & despachou Pero de Faria para ir à Malaca servir de Capitão d'aquella fortaleza (na vagante de Iorge Cabral, q̃ tinha ja acabado seu tẽpo) q̃ partio em Abril d̃ M.D.XXVIII. & de que ja começamos fallar no primeiro livro, discorrendo pelas cousas de Malaca, & Maluco, para onde ia, em companhia do mesmo Pero de Faria, Simão de Sousa Galvão, em

em hũa galè, de cuja jornada adiante diremos. E asi espedio à Dom Ioão Deça para ir tomar posse da Capitania da fortaleza de Cananor, de que do Reino viera provido, & para guardar a costa aquelle verão, na qual andavão muitos paraos de Malavares.[a]

Outra armada ordenou à Martim Afonso de Mello Iusarte para ir fazer a fortaleza de Sunda, que Francisco de Sà (como temos ditto) por o mao successo que ouve, não pudera fazer. E por o Governador, & elle recearem, que para aquel-
10 la jornada não acharião gente que quisesse ir por o que là à Francisco de Sà acontecera, lançarão fama, que a armada era para ir fazer presas na costa de Tanaçarij, & Pegù, por là serem lançados algũs navios de Turcos, & naos de Mouros, que per entre as Ilhas de Maldiva fazião sua viagem à aquellas partes, fugindo de nossas armadas. Como esta nova se soube, se alvoroçou a gente com a esperança das presas, parecendolhe que seria nesta ida Martim Afonso tambem fortunado, como fora o anno passado na armada em q̃ fora às Ilhas de Maldiva, onde se fez muito proveito. Na qual
20 viagem abrio Martim Afonso nova navegação das Ilhas de Maldiva para Goa, fazendose na volta de Socotorà, & despois de escorrer todos os baxos das Ilhas arribando sobre Goa.

Aprestada a armada de oito vellas grossas,[b] & de algũs navios de remo, das quaes forão Capitães Antonio Cardoso, Francisco Ferreira, Duarte Mendez de Vasconcellos, Francisco Velho, Ioão Lobato, Manoel da Veiga, Manoel Vieira, Ioão Coelho, Vasco Rebello, & Thome Rodriguez, nella se embarcarão quatrocentos homẽs: & estando para
30 partir, vierão novas ao Governador como Boenegobago Pandar Rei da Cota em Ceilã, estava cercado de Patemarcar Capitão mòr d'el Rei de Calecut, o qual pelos seus portos de mar lhe fazia muito dàno, em odio dos nossos, & em favor de Madune Pandar irmão do mesmo Rei da Cota, polo que sendo necessario soccorrer aquelle Rei, por ser vassallo d'el Rei de Portugal, mandou o Governador à Martim Afonso, que logo partisse, & pasasse por Ceilam, & soccoresse à el Rei Boenegobago Pandar. Martim Afonso fez a viagem como se lhe ordenou, & chegou à Columbo, onde
40 ja não achou Patemarcar, que tendo novas da nossa armada

a. Aprestou outra armada de seis catùres, & fustas de que fez Capitão Manoel da Silva, para guardar a costa de Goa atè Chaul. E à Ioão de Flores mandou com hũa caravella, hũa barcaça, & tres fustas à recadar a renda da pescaria do aljofar, à quẽ accõmetterão vinte paraos de Mouros, não tendo Ioão Flores consigo as fustas; & o matarão, & à todos os Portugueses, & queimarão os navios. Francisco de Andrade cap. 30. da 2. parte.

b. Esta armada era de onze vellas de remo, das quaes hũa era galè, & outra galeotta.
Diogo do Couto cap. 5. do liv. 4.

ſe metteo pelos rios da Ilha em partes, que os noſſos navios por ſerem grandes não podião ir à elles, & o Madune Pandar levantou o cerco qui tinha poſto ao irmão.[a]

Martim Afonſo por não perder ſua monção, não ſe quis detèr em Ceilam, & com muito proveito que fez de de navios de Mouros que alli ouve, partio, & foi tèr à Calecare, onde ſe vio com o ſenhor da terra, & aſſentou com elle o trato da peſcaria do aljofar, que ſe peſca naquelles baxos de Ceilam, à hum preço certo, & com obrigação que pagaria cada anno tres mil pardaos, com que o Governador da India mandaſſe dar guarda aos peſcadores do aljofar no tempo da peſcaria, da qual entam andava por Capitão Diogo Rebello com algũs navios. E porque os moradores de Care, lugar vezinho de Calecare, onde tambem ſe peſca o aljofar, matarão à Ioão Flores Capitão da guarda d'aquella peſcaria, Martim Afonſo paſſou là, & o deſtruio, & d'alli ſe foi à Paleacate.

a. Eſtes dous irmãos, & outro que ſe chamava Reigam Pãdar erão filhos de hum irmão de Dramapracura Mabago Rei de Ceilã, per cuja morte outro ſeu irmão chamado Boenegabo Pandar, lhe matou tres filhos q̃ lhe ficarão de pouca idade, & uſurpou o Reino; & para o poſſuir ſem cõtradição, & ſer abſoluto ſenhor delle, determinou de matar à eſtoutros tres ſobrinhos, & enteados ſeus, porque eſtava caſado com a molher de ſeu irmão, cuios filhos elles erão. Os moços q̃ ja tinhão idade para entenderẽ à intenção do tio, com ajuda de quem lhes maior bem queria q̃ elle, o matarão, tomarãolhe o Reino, & o dividirão entre ſi. Boenegobago Pandar q̃ era maior ficou com o titulo de Rei da Cota, Madune Pandar com o Eſtado de Ceitavaca, & Reigam Pãdar com o de Reigam. Gozarão eſtes tres irmãos ſeus Eſtados em amizade algũs annos, atè a morte de Reigam Pandar, q̃ el Rei tomou o q̃ elle poſſuia, & Madune deſejava, ſobre q̃ ſe começarão á deſavir eſtes dous irmãos, & à contender abertamẽte, pretendendo Madune de ſobir ao ſupremo dominio d'aquella Ilha, para o que intentava todos os meos para o conſeguir. E eſta era a cauſa da guerra entre elles, na qual ſe el Rei ajudava dos Portugueſes em ſua defenſão, & Madune dos Malavares, para ſeus intentos.

Diogo do Couto Deca. 5. liv. 1. cap. 5.

CAPITVLO VIII.

Do que ſoccedeo à Martim Afonſo atè ſe perder na Ilha de Negamale, & como foi cattivo.

DETEVESE Martim Afonſo algũs dias em Paleacate (onde eſtava por Capitão Ambroſio do Rego) tomando roupas, & outra fazenda, que lhe era neceſſaria para a jornada que ia fazer; & ao tempo que naquelle lugar ſe eſtava apercebendo, acertarão de vir de Cochij per terra algũs patamares, que ſão correos de pè, que em ſeu modo andão tanto como cà os noſſos correos à cavallo; os quaes derão novas da armada de Martim Afonſo, que tanto que ſe elle partio de Cochij, ſe publicou que elle ia fazer a fortaleza de Sunda, & não as preſas de Tanaçarij. E a cauſa porque ſe rompeo eſte ſegredo, foi, que eſtando Martim Afonſo lendo entre ſi o regimento que levava, ficavalhe nas coſtas delle hũa cota que dezia: Regimento de Martim Afonſo de Mello do que ha de fazer na jornada de Sunda, aonde agora vai; a qual cota lendo quem eſtava junto delle, a di-

a divulgou, & aſsi ſe veo à publicar o lugar onde ia. Como o ſoube a gente da ſua companhia, & ſe achou enganada, ſe começou amotinar, & fugir algũa, porque quanto foi o alvoroço com qne partirão para as preſas de Tanaçarij, tanto foi o deſgoſto de os levarem à Sunda. Polo que comprio à Martim Afonſo desfazer algũa prata ſua, & buſcar dinheiro empreſtado com que fez algũas pagas aos ſoldados; porque quando partira de Cochij com a nova de irem às preſas, não lhe fora nada pago. E por mais os aquietar lhes prometteo Martim Afonſo, que de caminho irião pela coſta de Tanaçarij, & faria as preſas que alli achaſſem. Com eſte propoſito ſe partio de Paleacate, tornandoſe d'alli Antonio Cardoſo com hũa galè por não ſervir para aquella navegação que avia de fazer, & por duas fuſtas fazerem muita agoa, ſe tornarão tambem com ſeus Capitães para Cochij, os quaes parece que quis Deos ſalvar dos perigos que os outros avião de paſſar. Porque fazendo elles ſua viagem, na traveſſa d'aquelle golfão, & enſeada de Bengalla ſaltou com elles hum temporal, que os eſpalhou de maneira, que Martim Afonſo ſe achou ſò com ſeu navio junto à Ilha que chamão Negamale, que he fronteira à cidade de Sodoè, que eſtà na terra firme, onde em hum baxo ſe veo à perder, ficando a maior parte da gente ſalva.

Vendoſe Martim Afonſo no batel do navio em que ſe ſalvou com atè cinquoenta peſſoas, & com a fortuna do tempo, que poderia perder os outros navios da ſua armada, ſeguio a vontade dos mais companheiros, & mandou remar contra a ponta de Negamale, parecendolhe que por ſer parte que os noſſos navios geralmente vão demandar, quando navegão à Pegù, alli poderia achar algum remedio, porque quando não foſſe em os navios que eſperavão de achar, ſeria na gente da terra, por o muito conhecimento que tinha de nos; mas quantas couſas acometti, nenhũa lhe ſuccedia bem; porque tudo erão mudanças do tempo, que ora os lançava à hũa parte, ora à outra, ſem ouſar de tomar terra, temendo ſerem offendidos dos Barbaros da coſta, por ſer gente que não tinha cõmercio comnoſco. Finalmente vencidos da fome, & da ſede, tão que deſcobrirão hũa pequena povoação, lançaraoſe alli duas peſſoas aventuradas à morrer por dar vida à todas as outras:

Tudo iſto faltava nos quadernos de Ioão de Barros, que parece lhe tirarão a folha em que devia eſtar eſcritto.

Diogo do Couto cap. 10. do liv. 4. Francisco de Andrade cap. 36. da 2 parte, & Fernão Lopez de Caſtanheda desde o cap. 75. atè o cap. 79. do liv. 7.

„ os quaes forão hum fidalgo per nome Francisco da Cu-
„ nha, filho de Rui de Mello da Cunha do Algarve, & hũ
„ Antonio Fialho, que forão logo tomados, & levados da
„ vista dos nossos para o sertão per muitos d'aquelles Bar
„ baros que se ajuntarão. Quando Martim Afonso vio o
„ procedimento que elles tiverão com aquelles dous sol-
„ dados, (que não correrão perigo da vida, & passado al-
„ gum tempo forão resgatados) converteose aos compa-
„ nheiros, & com as melhores palavras que podè, os per-
„ suadio tivessem paciencia naquelles trabalhos, & os mu 10
„ dou de seu proposito, que era, quererem antes morrer
„ em terra cattivos d'aquella barbara gente, q̃ andar mor
„ tos de fome, & de sede, & ao cabo serem comidos dos
„ pexes. Poloque voltando ao baxo, onde ficou o navio
„ perdido, parecendolhe que o mar lançaria algũa cousa
„ delle, com que se pudessem reparar, nem alli, nem a ou-
„ tra parte acharão se não maiores trabalhos, & perigos;
„ com os quaes navegarão cinco, ou seis dias com grande
„ fome, & sede, & ao cabo delles aportarão â hũa ilheta,
„ onde descobrirão hũas tartarugas, com cuja carne, & o- 20
„ vos que cozerão em hum capacete, se deu a vida a mui-
„ tos enfermos que comerão de hũas favas peçonhetas, q̃
„ alli acharão, & os sãos se refrescarão.

„ Passados tres dias partirão d'aquella ilheta, & atra-
„ vessando a costa, chegarão â hũa praia, onde achando
„ boa agoa & palmitos, com elles, & com o que levavão
„ das tartarugas, estiverão outros tres dias: ao cabo delles
„ vierão dar com os nossos duas almadias de pescadores,
„ os quaes dizẽdo que os levarião ao porto de Chatigam,
„ que he de Bengalla mui frequẽtado dos Portugueses, os 30
„ metterão em hum rio de hũa cidade chamada Chacuriâ,
„ que era do senhorio de Codavascam vassallo d'el Rei de
„ Bengalla: Ao qual dando os pescadores novas d'aquelles
„ Portugueses que andavão perdidos, & que vinhão de-
„ sarmados, o Codavascam que sabia serem os Portugue-
„ ses homẽs esforçados, & exercitados na guerra, deter-
„ minou de ajudarse delles em hũa que tinha com hũ seu
„ vezinho, & asi os mandou logo buscar com suas gẽtes,
„ & os trouxe â si com promessas de os aviar para se torna
„ rem â India, & de outras cousas, que não comprio. Por- 40
que

que avida vittoria de ſeu inimigo,com ajuda d'aquelles Portugueſes,não lhes quis dar licença que ſe foſſem,mas os reteve como cattivos, dizendolhes que ſe reſgataſſem. O lugar onde eſte tyranno os tinha era hũa cidade ſua que ſe chamava Sorè,ſituada ao longo de hũa ribeira,que entra em hũ rio, o qual ſe vai metter no mar oito legoas da cidade.

Aconteceo,que eſtando Martim Afonſo naquelle eſtado, vierão tèr à barra d'aquelle rio hũa galeotta, & hum bargantim da ſua armada,de que erão Capitães Duarte Mendez de Vaſconcellos, & Ioão Coelho, aos quaes elle logo mandou aviſar como eſtavão alli,& que o Codavaſcam lhes pedia reſgate por ſuas peſſoas,que ajuntaſſem algũa couſa do que trazião para os livrar d'aquelle tyranno;mas como elles trazião pouco,& o tyranno pedia muito, vendo que não tinhão outro remedio,determinarão Martim Afonſo, & ſeus companheiros de fugir, tendo concertado que duas almadias irião de noute per o rio acima atè hum certo lugar que ſeria da cidade duas legoas,porque não podião ſobir mais acima, & q̃ alli os recolherião,o que ſe não pode fazer tam ſecretamente, que não foſſem ſentidos,& tomados antes de chegar ao lugar em que eſperavão as almadias, eſtando ja todos embrenhados.E o que mais ſentio Martim Afonſo foi degollarem os Bramenes diante de ſeus olhos à Gonçalo Vàz de Mello ſeu ſobrinho(mancebo mui gentilhomẽ a que entam começava a barba)em ſacrificio à ſeus idolos, porque lhes tinhão feito voto que deparãdolhe os Portugueſes,lhe ſacrificarião o mais fermoſo delles:& poſto que Martim Afonſo prometteo pelo ſobrinho grande reſgate, não o pode livrar da morte, que com grande conſtancia Chriſtãa elle padeceo. Os que eſtavão nos navios tanto que forão aviſados do eſtado em q̃ martim Afonſo ficava, partirãoſe caminho da India à dar novas do ſucceſſo d'aquella armada. Mas quis Deos provèr à tribulação d'aquelles homẽs, porque d'ahi à pouco tempo forão reſgatados por tres mil cruzados que por elles deu hum mercador Mouro que avia nome Coge Sabadim.

(2.)

CAPI-

CAPITVLO IX.

Como o Dom Ioão Deça desbaratou, & prendeo à China Cutiale Capitão mòr d'el Rei de Calecut, & do que mais lhe soccedeo.

OM Ioão Deça, que atras dissemos que o Governador mandara com armada à costa de Calecut, pôs nisso tal diligencia, que não saia navio dos lugares d'aquella costa que lhe escapasse; polo que naquelle verão que nella andou tomou cinquoenta vellas, as mais dellas carregadas de pimenta de Mouros de Calecut, no que teve muitas pelejas com elles, nas quaes os Portugueses o fizerão sempre mui esforçadamente. E não saindo ja navios d'aquelles portos, com temor de Dom Ioão, com conselho dos Capitães que com elle ião, desembarcou em Mangalor, por tèr novas que estavão alli recolhidos algũs paraos, os quaes queimou, & abrasou o lugar, & sem receber algum dáno se tornou à embarcar, & correndo a costa, encontrou cõ China Cutiale Capitão mòr da armada d'el Rei de Calecut, que era de sesenta paraos. Era este Mouro mui valente cavalleiro, & que sempre andava apercebido de grande numero de vellas, & gente limpa; & desta vez que se topou, & pelejou com Dom Ioão, posto que acõmetteo os nossos com muito animo, & durou hum bom espaço no combate por ser o numero dos Mouros mui desigual; por derradeiro o parao em que vinha Cutiale foi entrado dos nossos, & elle ferido de duas cutiladas pelo rostro, & duas arcabuzadas em hũa perna; & assi ferido, vendo que não tinha outro remedio para se salvar se deitou ao mar, por não vir à poder dos Portugueses; porem não pode escapar que não fosse tomado, & a maior parte dos seus navios, com morte de mil & quinhentos Mouros, & quasi outros tantos cattivos; dos nossos ouve muitos feridos, & vinte mortos. Dom Ioão avida esta vittoria, que foi mui grande, por ser ja no fim do verão, se recolheo à Cananor, onde desarmou os navios, mandando a galè para Cochij, em que foi Dom Simão de Meneses que lhe entregou a fortaleza. O Governador que d'aquelle feito levou muito gosto, por quam desmandados

andavão

andavão os Mouros d'aquella costa, escreveo à Dom Ioão as graças, & lho fez merce da pessoa do China Cutiale, que curado & são de suas feridas deu por seu resgate doze Portugueses dos que estavão cattivos em poder do Samorij, & quinhẽtos cruzados em dinheiro, & jurou em sua lei, & deu fiadores Mouros ricos de Cananor, de mais não fazer guerra aos Portugueses, com que ficou livre.

CAPITVLO X.

10

Como Antonio de Miranda Capitão mòr do mar partio para o Estreito, & do que passou naquella viagem, atè chegar ao porto da cidade de Adem.

ANTONIO de Miranda de Azevedo Capitão mòr do mar, a quẽ Lopo Vàz de Sampaio entregou hũa armada de vinte vellas, cõ mais de mil homẽs, para o Estreito do Mar roxo, da qual erão os principaes Capitães Antonio
20 da Silva filho de Tristão da Silva, Lopo de Mesquita, Enrique de Macedo, Fernão Roiz Barba, Rui Pereira, Dom Iorge de Noronha, Francisco de Vasconcellos, Rui Gonçalvez Capitão da ordenança. Partio de Goa aos xxv. de Ianeiro do anno de M.D.XXVIII. & fazendo sua viagem, achou hum galeão de Rumes, que ia carregado de madeira para fazer galès, & por ser velleiro não o poderão seguir senão algũs bargantijs, os quaes elle arredrava de si, com a muita artelharia q̃ levava, atè que avendo dous dias que o seguião o perderão de vista, por o tempo ser tanto, q̃ não podião sofrer vella. Che-
30 gando Antonio de Miranda à Socotorà, detevese alli cinco dias, para repairar algũs dos navios que levava, & partio à cinco de Fevereiro, & quando chegou ao Cabo de Gardafũ, & costa de Arabia; repartio as vellas que trazia em tres partes, hũa deu à Antonio da Silva Capitão do galeão Reis Magos, outra deu à Fernão Roiz Barba Capitão do galeão São Raphael, & elle ficou no meio com quatro galeões, & dous bargantijs, porque não entrasse, nem saisse navio do Estreito q̃ lhes não viesse cair nas mãos. Porem no tempo que alli andarão, que foi todo Fevereiro, tiverão tantas çarrações que pas-
40 sarão muitos navios sem serẽ vistos: mas todavia algũs cairão na

na rede aos nossos bargantijs, como foi hũa nao que mettêrão no fundo por não querer amainar. E Enrique de Macedo apartandose com as sarrações ao mar, encontrou com hum galeão de Turcos mui poderoso, & tanto que hum ouve vista do outro trabalharão por se ajuntar, atè que se afferrárão, confiados os Turcos de virẽ bem providos de armas, & de muitos artificios de fogo: dos quaes lançarão logo hũa lança no nosso galeão, a qual se apegou na vella, que sacudindose com as lufadas do vento que a calmara, despedio de si com tanta força a mesma lança, que caio no galeão dos Turcos, & não sòmente deixou ateado o fogo na vella do nosso galeão, de maneira que a queimou toda; & pôs em risco ao galeão de se queimar, mas ainda queimou os mesmos inventores do fogo. Porque receando elles que os nossos abalroassem, & entrassem no seu galeão, encherão a poppa delle de polvora; & esta lança que lançarão para os nossos, porvir dar nella, lavrou de maneira que se queimou o seu galeão, & todos os Turcos, tirando sette, ou oito q̃ se lançarão ao mar. E a causa do galeão de Enrique de Macedo não arder estando ambos tam travados, foi por chegar hum bargantim dos nossos, & Diogo de Mesquita em o batel do seu navio, & às toas o desembaraçarão, livrandoo d'aquelle perigo. E despois que o apartarão delle, tornarão sobre os Rumes, que andavão nadando, & às lançadas os matarão todos.

A Antonio da Silva coubelhe em sorte tomar hũa nao grande de Dio, & hũa cotia com especearia, & toda a gente della morreo à espada. Rui Gonçalvez Capitão da caravella Bicha abalrroou hum bargantim, & hum zambuco. Fernão Roiz Barba tomou dous zambucos carregados de especearia, & arroz. Os Capitães dos bargãtijs tomarão outros dous. Dom Iorge de Noronha encontrou hũa nao mui grossa com que andou dous dias às bombardadas, & por derradeiro ella se salvou com deixar à Dom Iorge muita gente ferida, & despois foi elle dar com hum zambuco carregado de algodões, que por a sua galé os não poder recolher, cattivou os Mouros, & pôs fogo ao zambuco. Finalmente cada hum dos Capitães teve suas aventuras, atè que se ajuntarão com Antonio de Miranda no porto da cidade de Caxem, que he na costa de Arabia, onde elle tinha dado regimento que se ajuntassem atè xv. de Março. D'ahi espedio o Feitor da armada

mada com hum bargantim, & algũa gente, com as naos tomadas que o fossem aguardar à Mascate, porque queria dar hũa vista à cidade de Adem, por lhe dizerem os Mouros que tomarão naquellas naos (que todos vinhão de Iudá) terem novas que os Rumes estavão sobre Adem, & quando não estivessem, queria chegar às portas do Estreito.

Avendo quinze dias que Antonio de Miranda estava cõ toda armada em Caxem, chegou alli hum navio a que os Mouros chamão Marruaz, de q̃ affirmarão ao Capitão mòr,
10 que ainda se esperavão por mais naos que avião de vir ao Estreito. Esta mesma nova certeficarão algũs dos Mouros cattivos. Movido com esta nova Antonio de Miranda, avẽdo conselho com os seus Capitães, determinouse nelle que era serviço d'elRei emboccar o Estreito, & ao menos dar hũa vista à cidade de Adem, quando outra cousa não fizessem, & favorecela com tam grossa armada cõtra os Rumes, por naquelle tempo estar a cidade na nossa amizade, & que alli poderião tèr certa informação do lugar, & estado em que estavão os Rumes. Partido Antonio de Miranda com esta de-
20 terminação caminho de Adem, deixou em Caxem à Rui Pereira cõ hũa galè, & hũa galeotta por ser Quadrilheiro mòr das presas, & tèr por arrecadar o dinheiro de duas naos grossas de Mouros que alli se venderão, & deixoulhe ordenado Antonio de Miranda, que como fosse despachado se fosse à via de Adem, & ahi o esperasse, o qual o comprio asi, & chegando primeiro que Antonio de Miranda, achou no porto duas naos grossas com mercadoria, às quaes não fez dáno algũ por honra dos de Adem, por lho asi tèr mandado Antonio de Miranda, & em sinal de paz salvou a cidade com sua
30 artelharia segundo seu costume. E como os Mouros por suas obras nunca se assegurão, mandarão logo os Governadores da cidade visitar o Capitão com algũ refresco, dizẽdo como aquella cidade estava prestes para o que lhe necessario fosse, por ser amiga de Portugueses, & el Rei seu senhor lho tèr asi mandado que o fizessem, vindo alli tèr algũas naos nossas. Rui Pereira lhes respondeo com boas palavras, & delles soube como el Rei estava fora da cidade, no sertão, para acodir à hum seu vezinho que lhe entrava pelo Reino: & as novas que dos Rumes lhe derão, forão aver pouco que estiverão
40 alli,[a] & delles receberem dáno por lhes defenderem a terra, & que

a. *Estes Rumes erão os da companhia de Mustafà sobrinho de Raez Soleimão.*

& que tinhão ao presente novas que estavão em Camaram.

D'ahi à dous dias chegou Antonio de Miranda com toda a armada, que pôs na cidade grande espanto, despois que ouvirão a salva da artelharia q̃ elle fez; & logo os mesmos Mouros que vierão à Rui Pereira se forão ao galeão do Capitão mòr com presentes & refresco da terra, offerecendolhe o que ouvesse mester para aquella armada, por asi lho tèr mandado el Rei seu senhor quando d'alli partio. E despois que Antonio de Miranda lhes agradeceo sua visitação, esteve inquirindo delles novas dos Turcos, & asi do Estreito, para saber o fundamento que teria na mudança de sua armada, & por as cousas que soube delles, que concordavão cõ as que tinhão ditto à Rui Pereira, pôs em conselho o que se faria. E porque os mais erão de parecer que antes que fosse sobre os Rumes, mandasse alguem que tomasse informação do q̃ passava no Estreito, mandou à este negocio o piloto mòr d'armada, contra voto de muitos que quiserão por si fazer aquella jornada. Mas como Antonio de Miranda receava, que mandando homem de maior sorte, podia atravessarse em tomar algum navio, quis antes este, pois não ia à mais que à ver os tempos que cursavão dentro do Estreito, & aver à mão algũa gelva para tomar lingoa, & que nisto se arriscava pouco. Porem como o piloto tambem desejava aver algũa boa presa, tanto que entrou dentro no Estreito, & lhe vierão à mão dous marruazes que andavão desarmados, tornouse para Adem sem ir mais adiante, dizendo que cursavão ja os tempos verdes, & que o não pudera fazer. Algũs dizião, que o temor o fez tornar, & por se ver glorioso com a presa que fez, parecendolhe que bastava saber de algũs Mouros que tomou, como os Rumes estavão em Camaram, & que serião atè seiscentos homẽs de peleja, & outra muita gente do mar, & hũa armada tam grossa, que não era a nossa que estava em Adem para pelejar com ella. Antonio de Miranda se vio envergonhado com hum recado tam incerto, que não concordava com o que os Mouros lhe tinhão ditto; & ficou anojado de confiar sua honra do piloto, & não de pessoas de mais qualidade que lhe pedião aquella jornada: & esteve quasi determinado de entrar pelo Estreito, mas faltandolhe mantimentos, receou que à tornada os Levantes o impedissem; polo que se resolveo de quebrar esta furia em Zeila, posto que outros

lhe

lhe dezião que fosse em Xael, onde elle dezia que esperava de dar quando tornasse por lhe ficar em caminho.

Assentado de ir à cidade de Zeila, que he da parte de Africa, na costa do Abexim, passou com toda a armada da outra parte, & achou a cidade despejada de todo; porque os moradores della como forão avisados da armada grossa que per alli andava, metterão logo sua fazenda pelo sertão, & estavão prestes, como a armada apparecesse, assegurarem tambem suas pessoas; polo que nesta ida de Zeila não se fez
10 mais que pôr o fogo às suas casas palhaças; & querendo voltar para a costa de Arabia, surgindo no Cabo de Guardafù, saltou com a armada tal temporal, que os fez acolher à Mascate, sem dar em Xael como desejavão. Aqui esteve Antonio de Miranda com sua armada, por ser hum porto em que as armadas que os Portugueses trazem no Estreito de Meca vem invernar, & deixando alli a armada entregue à Antonio da Silva de Meneses, se foi à Ormuz no seu galeão São Dinis, com outros dous que levou em sua companhia, para arrecadar o dinheiro das naos das presas que alli tinha
20 mandado, para se venderem, & de cinco paraòs de Malavares carregados de pimenta, que tomou vindo elles tèr à Adem, quando ahi estava, que tambem mandou vender à Ormuz, com as outras naos.

CAPITVLO XI.

Como Antonio de Miranda veo de Ormuz à Dio, & do que aconteceo nesse caminho à Lopo de Mesquita, à Diogo de Mesquita, & à Enrique de Macedo, & como chegou à
30 *Chaul toda a armada.*

TORNANDO Antonio de Mirãda de Ormuz (onde era ido com Rui Pereira sobre o dinheiro das presas) à Mascate, d'ahi partio à xxij. de Agosto d'aquelle anno de M.D.XXVIII. para Cambaia, à esperar as naos que são à Dio, aonde chegou, & ancorou, & por o tempo ser ainda verde, & o seu galeão, não poder sofrer amarra, mandou levar ancora, & deu sinal à armada, que assi o fizesse se disso tivesse necessidade, o q̃ todos fizerão, senão Antonio
40

da Silva,

da Silva,& Enrique de Macedo com seus galeões, & outras duas vellas. O Capitão mòr com o tempo que lhe deu, foi parar à Chaul, de maneira que as presas que se ouverão de fazer sobre Dio, não ouverão por essa causa effeito. Correndo com o mesmo temporal Lopo de Mesquita com o seu galeão Samorij, foi dar com hũa nao de mercadores que ia para Dio,& andava com a mesma tormenta. Lopo de Mesquita a abalroou, & com algũs dos seus entrou nella com assàs trabalho, por a nao trazer dozentos homẽs bem armados, que pelejarão mui valentemente;& posto que os Portugueses não erão mais que trinta, davãolhe bem que fazer. E andando asi os nossos neste trabalho, lhe sobreveo hum caso mui perigoso, perque se ouverão de perder; porque as balroas com que o galeão estava abalroado com a nao quebrarão, & se apartarão ambos, ficando Lopo de Mesquita com os poucos que o seguião dentro na nao, entre aquelle grande numero de Mouros: & como se virão naquelle estado de desesperação das vidas, querendo vendellas caras à aquelles inimigos, dobrandolhe a necessidade as forças, os acõmetterão com tanto impeto,& esforço, que matarão quasi todos, posto que com grande força, & resistencia se defenderão, & os outros vendose feridos se renderão. E cuidando Lopo de Mesquita,& os que com elle entrarão na nao, que por alli se acabavão seus trabalhos, sobreveolhes outro de maior temor, porque a nao dos Turcos quando esteve abalroada, dava com a tormenta tam grandes pancadas no galeão, que era mui forte, que ficou quasi de todo aberta, & começou de se encher d'agoa, & irse ao fundo; o que vendo Lopo de Mesquita, ajuntou todo o dinheiro que na nao achou,& mandou à seu irmão Diogo de Mesquita que se mettesse no batel cõ dezaseis homẽs, para que não podendo a nao escapar, salvasse aquelle dinheiro no galeão, onde recolhido mandasse pelos que ficavão na nao.

Os do batel perdendo logo de vista o galeão com o tẽpo, entendendo que a nao não poderia deixar de se ir ao fundo, não quiserão tornar à ella, receando que os que nella ficavão se quisessem metter no batel, q̃ por ser peq̃no se alagaria, & asi derão à vella governando para Chaul, levando forçado à Diogo de Mesquita, que lhes não pode resistir;& navegando forão encontrados da armada de Dio, que os tomou, & cattivos

cattivos forão levados à el Rei de Cambaia, que com grandes mimos & promessas os persuadio que se fizessem Mouros, & despois que com elles os não moveo de sua fortaleza Christãa, vierão as ameaças, & os tormentos; que a nenhũ delles mudarão. A Diogo de Mesquita mandou el Rei metter dentro em hũa grossa bombarda cevada, o qual com hũa constancia de martyr lhe disse, que tomara fora o tormento maior, & mais duravel, para padecer mais, & mostrar nelle o gosto com que o passava pela honra de Deos, & por sua Fè santa. Admirado Soltam Badur d'aquelle animo, o mandou tirar da bombarda, & forão todos mettidos em hũa aspera prisão, donde despois sairão com muita honra.

Diogo do Couto no cap. 9. do liv. 4. & Fernão Lopez de Castanheda cap 68. do liv. 7.

Lopo de Mesquita que ficou na nao, fez tanta diligencia, que se tomarão as agoas principaes, que estorvavão o governo da nao, & nella com grande trabalho foi tèr à Chaul, onde achou ja o seu galeão, & Antonio de Miranda com sua armada. Após Lopo de Mesquita veo Enrique de Macedo em seu galeão Samori j grande mui destroçado com mastos & vergas quebradas, & roto o costado per muitas partes; porque em hũa calmaria que teve de fronte de Dio, o invistirão algũas cinquoenta fustas, & tres galeottas, que o chegarão à tal estado, que esteve quasi de todo perdido, porque pelejou de pela manhãa atè a tarde, & foi tal a peleja, que lhe matarão a maior parte da gente, & a outra foi ferida de maneira que lhe não ficarão sãos mais que seis, ou sette homẽs; & por a necessidade em que esteve de gente, hũa molher servia de dar polvora aos bombardeiros; & elle foi tam queimado do rostro, que não o conhecião.[a] E alli acabara, se Antonio da Silva, Capitão do galeão Reis Magos, lhe não acodira, que à caso veo ouvindo o estrondo da artelharia com a viração; o qual o desapressou d'aquella afronta, & pressa em que estava, & tam valentemente pelejou com as fustas, que matou o Capitão dellas, que era hum filho de Xeque Gil, Capitão das fustas de Baçaim, que os nossos matarão em Chaul em tempo de Diogo Lopez de Sequeira. E com a morte de seu Capitão, as fustas se pusérão em fugida.[b] Antonio de Miranda com a chegada destes dous galeões, que lhe faltavão da sua armada, se

a. *Esta batalha està pintada nas varãdas da Igreja das chagas de Goa, & cada anno se renova por memoria de hum feito tam asinalado. Diogo do Couto: cap. 9. do liv. 4.*

b. *O Capitão destas fustas diz Diogo do Couto que era Alixiah, & que o morto foi Antonio da Silva de hũa bombardada E o mesmo escreve Fernão Lopez de Castanheda no cap. 69. do liv. 7.*

 deteve

deteve em Chaul algũs dias, repairando os navios do necessario,& tambem mandou vender a nao que tomou Lopo de Mesquita,& repartio as presas, de que à parte d'el Rei vierão cinquoenta mil pardaos. E acabado isto se partio para Goa onde chegou à xvij. de Outubro,& achou o Governador que invernara alli.

CAPITVLO XII.

Como o Governador Lopo Vàz de Sampaio partio com hũa grossa armada para Cochij,& pelejou com cento & trinta paraòs de Malavares,& os desbaratou. 10

TANTO que Antonio de Miranda chegou à Goa, determinou o Governador de ir à Cochij à dar carga às naos q̃ esperava, & de caminho visitar Cananor, q̃ não estava muito fiel; porq̃ do tempo em q̃ ouve as differenças sobre a governança, ficarão os Mouros d'aquella costa do Malavar algum tanto levantados,& inquietos, por verem que os nossos trazião mais tento nos negocios d'aquellas differenças, q̃ na guerra cõ elles. Avião os do rio de Chatuà morto, & cattivado todos os Portugueses que se salvarão nelle, de hũa armada de treze navios de remo, q̃ cõ tormenta se perderão naquella costa. A qual armada fez Afonso Mexia para impedir a saida de algũas naos que o Samorij mandava à Meca carregadas de pimenta. Com esta desgraça,& nossas discordias andavão os Mouros mui soltos por toda aquella costa,& passavão à vista de Cananor, fazendolhe muitas sobrançarias, sem Dom Ioão Deça Capitão della ousar de pelejar cõ elles, por não tèr navios para isso. Publicavão tambẽ, que os Rumes estavão em Camarã,& q̃ trazião hũa grossa armada,& q̃ a nossa não entrara no Estreito, sabendo estarẽ alli os Rumes, & q̃ o deixarão de fazer com temor delles. Tudo isto obrigou à Lopo Vàz ir em pessoa visitar a costa, despidindo diante Simão de Mello em hum galeão,& seis fustas,& elle o seguio com hũa armada de quatro vellas grossas,& sette paraòs, porque estes por sua ligeireza são os que fazem a guerra, deixando Antonio de Miranda por Capitão de Goa. 20 30 40

Fernão Lopez de Castanheda cap.88. do liv.7. Diogo do Couto liv.5. cap.3. Francisco de Andrade, cap.39. da 2. parte.

Sendo

Sendo tanto avante como à Monte Delij, àquem de Cananor duas legoas; apparecerão muitas vellas ao longo da costa, as quaes muitos julgavão ser palmeiras, por ir o galeão do Governador hum pouco largo da costa, & ser ja tarde, & o Sol ficar sobre o mar. Com esta pouca certeza se erão vellas, ou não, Lopo Vàz mandou governar ao porto de Cananor, que tomarão ja quasi noute; mas por o Capitão de Cananor lhe dizer, que aquelle dia passarão per alli muitos paraòs de Malavares, contra a mesma parte onde os nossos
10 os virão, teve por certo serem navios: polo que o Governador tanto que o soube, mandou espiar por hum catùr onde estavão, & quantos erão, com determinação de os ir demandar; o que foi escusado, porque elles ouverão vista da nossa armada, & como sabião que a maior parte della sempre são navios grandes, & não tam ligeiros como os seus, vierão demandar a armada, para ver se podião tomar algũa vella. E ainda vendo occasião que lhe dava o tempo, confiados em o numero de seus paraòs, que erão cento & trinta, determinarão de affrontar o Governador. Com esta confiança, &
20 porque o tempo lhes deu para isso cõmodidade por ser calmaria, & não servir ao Governador mais que para os paraòs que levava, ao outro dia com grande seguridade passarão pela armada do Governador, & lançaraõse por diante entre elle, & a terra. O Governador quando vio tamanha ousadia, posto que o numero dos seus paraòs era tanto menor que o dos Mouros, determinou de os acômetter, & pôs em conselho o modo que teria nisso. A maior parte foi que não pelejassem, visto como se não podião aproveitar dos navios grandes, por razão da calmaria: porem
30 elle com algũs que tomarão por afronta o que aquelles Mouros fazião, não a quis dissimular, & determinado em pelejar, com os paraòs, & fustas repartidos pelas pessoas de que confiava, acômetteo o cardume dos cento & trinta que estavão juntos, & os rompeo da maneira que os ginetes rompem a gente de pè, tornando logo a virar sobre elles, & cada vez que passavão lhes davão hũa salva de pelouros de espingardaria, & artelharia, & os Malavares com settas os seguião. Neste modo de peleja, vendo elles quanto dano lhe os nossos fazião, & que as naos gran-
40 des se fazião à vella, para vir sobre elles, & que dos

 seus

ſeus paraòs hũs erão ja mettidos no fundo, & tinhão gente morta,& muita ferida,& que com o Governador ſe ajuntarão mais tres paraòs de Cananor de refreſco, começarão à ſe retirar. Lopo Vàz os ſeguio hum bom pedaço, indo tomando poucos & poucos dos que não podião ir avante canſados da continuação do remo,& os outros a que o temor dava melhores braços para poderem continuar aquelle trabalho ſe poſerão em ſalvo. Durou eſta peleja de pela manhãa atè horas de veſpora, & foi hum dos honrados feitos que pelos Portugueſes ſe fizerão naquellas partes, por o numero dos paraòs ſer tam deſigoal. Dos quaes lhe metterão os noſſos no fundo dezoito,& tomarão vinte dous,com cinquoenta peças de artelharia. Morrerão perto de oitocentos Malavares, & forão muitos outros cattivos. Os que eſcaparão forãoſe à Calecut, donde elles vierão:& com os paraòs que o Governador aqui ouve reformou hũa armada de vinte vellas,por tèr muita falta deſtas de remo; & recolhido aos galeões, foi caminho de Cochij,no qual achou algũs dos paraòs q̃ lhe fugirão, & outros q̃ andavão pela coſta,os quaes tomou,& deſtruio.

CAPITVLO XIII.

Como o Governador Lopo Vàz de Sampaio partio de Cochij cõ toda a ſua armada,& deu no lugar de Porcà,& o desbaratou,& queimou com morte de muitos.

DESEIAVA Lopo Vàz de dar algum caſtigo ao ſenhor de Porcà (a que o vulgo chama Atel de Porcà) porq̃ ſendo confederado cõ os Portugueſes,& ſeguindo a ſua bandeira em algũas empreſas, ſe veo à inimizar cõ elles, deſpois que Dom Enrique de Meneſes o deſpedio de ſi cõ a perna quebrada,como na 3. Decada temos ditto.* E por as cauſas q outros Mouros ſe atrevião à nos (q̃ erão as referidas) ſe atrevia elle tãbẽ,&como era homẽ poderoſo,& tinha muitos navios,de cujas preſas vivia,mandava cõ algũs correr a coſta,& fazer muitos danos,& por iſto ſer couſa,que para ſe evitar avia meſter muita força,determinou Lopo Vàz de ir elle em peſſoa ſobre a cidade de Porcà,& aſsi ſendo tãto avãte como Cochij,não ſe quis detèr,& foi correndo a coſta, na qual queimou

*Liv.9.cap.5.na tomada de Coulete

queimou Simão de Mello Capitão mòr dos bargantijs doze paraòs que estavão surtos; & saio em Chatuà, & queimou catorze, & destruio o lugar, & mandando o Governador queimar quantas embarcações se encontravão, chegou à Cranganor onde estava a nossa armada, à qual ordenou que o seguisse, por ja não ser alli necessaria; & queria dar à todos parte do contentamento que avião de tèr os que com elle se achassem na tomada, & saco da cidade de Porcà, que esperava ser grande. Para esta empresa levava mil homẽs, os mais delles espingardeiros, com os quaes deu no lugar hũa manhãa, não estando o Arel nelle. Os Mouros posto que estavão descuidados d'aquelle caso, poserãose em defensão, como quem defendia a vida, molheres, filhos, & fazenda, mas como os nossos levavão boa vontade, os metterão todos à espada, & os derribavão com a espingardaria, de maneira, que os mortos impedião aos vivos desenvolverense tambem como no principio. Finalmente foi tamanho o temor da morte nos que ficavão, que esquecidos dos filhos, & das molheres se poserão em fugida. Entrada a cidade, se deu à saco, em que ouve muito ouro, prata, pedraria, sedas, & pãnos de algodão, & muitos cattivos, & entre elles a molher do Arel,[a] & outras pessoas nobres, & muita artelharia, asi da sua, como da que tinhão tomada aos Portugueses, & treze navios de remo mui bõos. Recolhido este despojo, se pôs fogo à cidade que toda ardeo; & algũs dos seus moradores que ficarão nella, & lhe decceparão as palmeiras, que he o principal mantimento d'aquella gente, com que se embarcou o Governador, sem morte de algũ Portugues, posto que algũs ouve feridos.

Partido de Porcà, chegou à Cochij à tempo que tambem chegavão duas naos, de que erão Capitães Antonio de Saldanha, & Garcia de Sà, que partirão aquelle anno do Reino, com Nuno da Cunha, que vinha por Governador da India, de quem se apartarão, & derão nova como vinha cõ muitas vellas, & grande poder de gente nobre; o q̃ deu grande contẽtamento à todos, por a falta em q̃ a India estava, & fizerão solemnes procisões, dando graças à Deos por em tal tempo lhe sobrevir tal soccorro. E porque Lopo Vàz de Sampaio desejava de entregar a India limpa dos cossairos, que infestavão aquella costa do Malavar, determinou de ir

a. Diego do Couto escreve no cap. 4. do liv. 5. que a molher do Arel se não pode sair da cidade quando lhe poserão fogo, & foi nella queimada, & toda sua familia.
Fernão Lopez de Castanheda no cap. 90. do liv. 7. diz, que esta molher do Arel (q̃ Francisco de Andrade chama Mãi) & hũa sua irmãa ficarão cattivas, & forão despois resgatadas per muito dinheiro. E q̃ o despojo desta cidade foi tã rico, q̃ hũ Frãcisco Mẽdez de Braga tomou hũ caldeirão de cobre, que levaria hũ cantaro d'agoa, cheo de pardaos d'ouro, & muitos soldados ouverão à sua parte dez, oito, & cinco mil pardaos, & sendo o numero dos Portugueses mais de mil, nenhũ ouve q̃ deste saco lhe conbesse menos de cem pardaos.

ir à Cananor com tenção de esperar alli atè que as naos da carga partissem para o Reino,[a] & despachar algũas armadas para differentes partes. Polo que mandou à Antonio de Saldanha que ajuntasse gente em Cochij, & que com ella o fosse buscar para se embarcarem em hũa armada de bargantijs, & hũa galè, que Antonio de Miranda ahi fez, em espaço do dous meses que servio de Capitão, atè que veo Dō Ioão Doça: & esta armada se avia de ajuntar à outra que se fazia em Goa, para em hum corpo irem à costa de Cambaia, & na do Malavar deixarem parte para defensão della. 10

a. *Partirão na entrada de Ianeiro de M D.XXIX. Erão as duas de Antonio de Saldanha, & Garcia de Sà, das quaes forão por Capitães Gonçalo de Sousa, & Lopo Robello. Frãcisco de Andrade. c. 41. da 2. par.*

Chegando o Governador à Cananor, mandou logo à seu sobrinho Simão de Mello com certas vellas sobre Marabia, lugar do Reino de Cananor, & distante de Cananor perto de quatro legoas, onde Simão de Mello chegou em amanhecendo, & pelejou com os paraòs q̃ guardavão o porto, dos quaes queimou doze, & os outros se salvarão à força de remo. E avida esta vittoria no mar, saio em terra, que lhe os Mouros quiserão defender, mas por fim da contenda que os nossos com elles tiverão, os desbaratarão, & lhe destroirão, & queimarão o lugar, & lhe cortarão muitas palmeiras. E feito isto em hũa 20 manhãa, se tornou para o Governador, que logo o mandou com doze vellas ao Monte Delij, à queimar hũs paraòs que alli andavão às presas. E fez outra armada de dez vellas que deu à Antonio da Silva de Meneses, mandandolhe que fosse correr à costa atè Cochij, & da volta que viesse trocasse a armada cõ Simão de Mello, & elle fosse para cima, & Simão de Mello para baxo. E em todo este tẽpo, q̃ ambos andavão corrẽdo a costa, não toparão com os paraòs q̃ costumavão andar ao salto, porq̃ o temor os fazia recolher para dentro dos rios: mas porem là onde estavão os ião buscar estes dous Capi- 30 tães, saltando algũas vezes em terra, onde fizerão muito dãno; & os paraòs que Simão de Mello veo buscar à Monte Delij os queimou com morte de muitos Mouros.

CAPI-

CAPITVLO XIIII.

Como el Rei de Cambaia moveo guerra ao Nizamaluco, & o Governador Lopo Vàz de Sampaio pelejou com Alixiah Capitão das fustas de Dio, & o desbaratou, & das armadas que fez.

NESTE tempo el Rei de Cambaia moveo guerra ao Nizamaluco senhor de Chaul, a qual lhe fazia tanto per mar como per terra, & não somente à elle, mas à todos os Portugueses que na sua terra estavão. Para esta guerra trazia no mar oitenta fustas muito bem esquipadas de gente de guerra, & com muita artelharia, das quaes era Capitão mòr Alixiah, que era hum valente, & valeroso Mouro,[a] com a qual armada corria toda a costa. E receando Francisco Pereira de Berredo Capitão de Chaul, que estas fustas o cercassem per mar, & el Rei de Cambaia per terra, por tèr tomadas as fortalezas de Caruela, & Sangaçá, que erão do Nizamaluco, por a vezinhança que tinhão de Chaul; fez de tudo per suas cartas relação ao Governador Lopo Vàz de Sampaio, pedindolhe que fosse com algũa armada, ou a mandasse contra aquella parte, para favorecer aquella fortaleza, & para aquellas fustas não se atreverem à andar tam soltamente fazendo dano, porq̃ nao entrava, nem saia de Chaul vella que não fosse tomada. De todas estas cousas avisou tambẽ o Nizamaluco per hum Embaxador seu ao Governador, pedindolhe o soccorresse cõ algũs Portugueses contra el Rei de Cambaia. Lopo Vàz despachou logo o Embaxador com cartas para Francisco Pereira Capitão de Chaul, ordenandolhe que aprestasse a gente para aquelle soccorro que lhe pedia o Nizamaluco. E com estes avisos se apercebeo para ir à Chaul, com fundamento de mãdar d'alli o soccorro ao Nizamaluco, & que não tendo a fortaleza necessidade delle Governador, iria buscar as fustas onde quer que estivessem. E porque elle ordenava que Antonio de Miranda, que entam estava por Capitão em Goa, ficasse na costa do Malavar para a guardar, por se aver de apartar tanto de Goa indo à Chaul; antes que se partisse de Cananor, mandou à Goa o Capitão de Cananor, & à Simão de Mello à Chaul

a. Alixiah vinha nesta armada por Tenente de Melique Alicer Gèral della, filho de Cumalmaluco, que neste tempo estava por Capitão da cidade de Dio, sendo fugido della para Iaquette Melique Saca, como se verá no cap. 6. do liv. 5. onde Ioão de Barros o escreve, & esta guerra que el Rei de Cambaia fez ao Nizamaluco.

Chaul com nove bargantijs mui bem artilhados, & esquipados do necessario, os quaes avia de entregar à Antonio de Miranda quando ahi chegasse, para fazer corpo de grossa armada. E deixando isto asi ordenado, foisse para Goa à esperar Antonio de Saldanha com a gente que tinha mandado que fizesse em Cochij, & espedir Antonio de Miranda com a sua armada para a costa, na qual levava dozentos homẽs todos de gente limpa, escolhida, & exercitada na guerra. E vindo Antonio de Saldanha à Goa, onde o Governador estava, acabou de se aprestar, & partio para Chaul em Ianeiro de M.D.XXIX. com hũa armada de quarenta vellas, [a] & com elle ia toda a gente nobre que entam andava na India, que serião mais de mil homẽs Portugueses, a fora a gente da terra, asi de peleja, como a do mar. E para boa ordem desta sua viagem, fez à Eitor da Silveira Capitão dos navios de remo, à que mandou que todos seguissem, & obedecessem naquella jornada, o qual cõforme ao regimento que levava, avia de ir ao longo da costa, porque lhe não ficasse cousa que não visse, onde as fustas se pudessem esconder; porque tinha por nova certa que chegarão até Dabul, que he abaxo de Chaul trinta legoas contra Goa, & não sabião se passarião mais para baxo. Mas ellas como trazião sua vigia, & souberão da vinda do Governador, começarão de se ir recolhendo para os Ilheos queimados duas legoas de Chaul.

Lopo Vàz chegou à Chaul, onde se informou do Capitão da fortaleza do estado da terra, & do que el Rei de Cambaia fazia per dentro do sertão. E sendo logo visitado da parte do Nizamaluco, com muitos agradecimentos da sua vinda, & com hum grande presente de vacas, carneiros, arroz, & outros muitos refrescos, mandou logo aperceber oitenta Portugueses, para enviar de soccorro ao Nizamaluco, & por Capitão delles hum valente cavalleiro chamado Ioão de Avelar, à que encomendou o credito & honra dos Portugueses, & com promessas de lhes fazer à todos muitas merces, os entregou ao Embaxador do Nizamaluco, que se partio cõ elles, fazendolhe pelo caminho o gasto com muita largueza. E provendose o Governador de bastimentos, se deteve alli em Chaul algũs dias; nos quaes sendo o tempo tal, que à ninguẽ dava lugar para poder sair do rio, vierão treze fustas dar hũa mostra, como que não temião aquella armada, à qual de lõje esbom-

a. Era esta armada de cinco galeões, & duas galès de q̃ forão por Capitães Antonio de Saldanha, Garcia de Sà, Antonio de Lemos, Lopo de Mesquita, Eitor da Silveira, Simão de Mello, & Enrique de Macedo, & de quarenta & quatro navios de remo, de que ião por Capitães Diogo Coelho, Gaspar Paez, Francisco Alvarez, Ioão Rodriguez o Chatim, Pedralvarez de Mesquita, Antonio Correa, Lourẽço Botelho, Christovão Lourenço Carracão, o Calafate de Chaul; Diogo Quaresma de Alcunha o Malù, Pero Barriga, Antonio Colaço, Christovão Correa, Iorge Diaz, Antonio Fernãdez, & outros. Nas fustas, & catùres q̃ pelejarão cõ os inimigos, q̃ forão xxvj. se embarcarão quatrocẽtos homẽs escolhidos, em q̃ avia muitos fidalgos, entre os quaes forão Dõ Francisco de Castro, Dõ Eitor de Mello, Paio Rõiz de Araujo, Manoel Rõiz Coutinho, Christovão de Mello de Sampaio sobrinho do Governador, Antonio Correa, Francisco de Barros de Paiva, Luis de Paiva, Duarte Dinis, Ioão de Mello, Garcia de Mello seu irmão, Fernão de Faria, Antonio da Barbuba, Ioão da Silveira, Diogo da Silveira, Nuno Pereira, Dõ Afonso de Meneses, Dõ Pedro seu irmão, Enrique de Vascõcellos, Manoel de Macedo, Gabriel de Brito, Fernão Rõiz Barba, Garcia de Brito, Pero de Mesquita, Gomez de Azevedo, Andre Casco, Luis Coutinho, Duarte Coelho, Manoel de Carvalhal, Lançarote de Alpoem, & outros, cujos nomes se não sabem.

Francisco de Andrade, cap. 42 da 2. part. & Diogo do Couto c. 5 do liv. 5.

esbombardearão. E posto que o vento era contrario, quisera Eitor da Silveira sair à ellas, por não irem sem castigo por aquella sobrançaria, mas Lopo Vàz o não consentio, dizendo, que as deixassem cevar, para as acolher em melhor tẽpo. E porque sua tenção era destroir estas fustas, & as ir buscar à Dio, & tambem dar hũa vista à cidade, teve sobre isso conselho, & nelle propôs, que bem sabião que el Rei de Cambaia andava em guerra cõ o Nizamaluco, & cõ o Hidalchã, & cõ outros Principes, com que tinha assàs em que entender, & q̃
10 Dio ao presente não tinha maior ajuda, & soccorro que aquella armada que per alli andava, que lhe parecia seria bom trabalhar por desbaratar estas vellas, & que cõ a vittoria dellas, que esperava em Deos lhe daria, poderia logo ir à cidade de Dio, que por ventura estaria en tal estado, que a poderia tomar, & segurar, por estar o soccorro d'el Rei de Cambaia occupado nas guerras que tinha, & que para se poder conseguir estas duas cousas, se devião de ordenar os meios necessarios naquelle conselho, porque as cousas providas com prudẽcia, elle as regulava à bom fim, posto que as mais vezes as da gue-
20 rra não se conformavão com a tenção de quem as propunha em seu favor. Os mais que no conselho estavão forão de opinião que o Governador se não avia de sair de Chaul, pois sua vinda alli fora à chamado do Capitão, por razão da guerra q̃ aquellas fustas fazião, & por cerco que esperavão per terra, & que isto se assegurava com sua presença. Toda via seguindo o Governador o parecer dos outros, principalmente de Eitor da Silveira, que desejava ganhar honra com as vellas que trazia à seu cargo, por serem aquellas de que neste feito das fustas se mais avião de servir, veo por derradeiro assentar no mo
30 do que teria nesta empressa, & determinou q̃ elle se faria à vella cõ os navios grossos ao mar largo, & que Eitor da Silveira fosse ao longo da terra com os de remo.

Assentado assi isto, partio o Governador de Chaul dia de Entrudo, & à outro dia amanheceo sobre Bombaim, & ouve vista das fustas do inimigo, que estavão junto de hũa ponta, detras da qual se poserão tanto que descobrirão Eitor da Silveira; o Governador vendo que ellas tomavão aquelle posto, parecendolhe que o fazião, porque succedendolhe mal, lhes ficava por remedio acolherense pelo rio de Bandorà acima,
40 que està diante meia legoa, mandou certos tatures q̃ fossem

coserse

coserse com terra, & que tomassem a bocca d'aquelle rio, para lhe tomar a entrada desta retirada. O que foi grande ardil para os melhor acolher: porque tanto que Eitor da Silveira se foi chegando às fustas, o Capitão dellas vendo sua determinação, se fez à vella & remo, recolhendose contra a bocca do rio, não ousando experimentar a fortuna em mar largo, mas Eitor da Silveira o começou à perseguir de maneira, que chegando elle ao rio de Bandorà, onde ja achou o impedimento dos nossos navios, que lhe tinhão tomada a entrada, antes q̃ se podesse salvar pelo rio de Maim, aonde se os Mouros quiserão acolher, forão cercados de muitos catùres, & à poder de fogo, & ferro foi destruida a primeira & principal fusta, & apôs esta começarão os nossos entrar pelas outras, em que ouve hum agradavel espectaculo para ver de fora; porque per hũa parte tudo erão fusijs de fogo, assi da artelharia, como da espingardaria, per outra as nuvẽs de settas; & nas fustas que ja erão abalroadas, andava o Ar cuberto de ferros das espadas, terçados, finalmente tudo erão sinaes de morte. A vista desta obra chegou o Governador de largo, & se deixou estar com o corpo da armada, animando com a presença os seus, como quem estava vendo hũa fermosa montaria. A mortandade dos Mouros foi mui grande asi dos que perecerão no mar, q̃ andava tinto em sangue, como dos que varavão em terra por salvar as vidas, onde os nossos catùres por serẽ pequenos lhes ião impedir a salvação. De todas as fustas que erão oitenta escaparão sette, em hũa das quaes se acolheo Alixiah.[a] Das restantes, as trinta & tres vierão à poder dos Portugueses, & as outras ficarão tam destroçadas, que não servirão mais que para o fogo, que os nossos lhe poserão. O despojo desta vittoria foi grande numero de cattivos, & muita artelharia, de que algũa fora nossa, que os Mouros tinhão tomada em algũs navios. Achouse grande quantidade de polvora, pelouros, & artificios de fogo. Esta foi hũa gloriosa vittoria, porque os inimigos erão muitos, & gente mui escolhida, & as vellas muitas, & mui providas de artelharia, & munições, de que chovião pelouros & settas, & sendo grande o numero dos Mouros que nesta batalha morrerão, dos nossos nenhũ morreo, algũs porem forão feridos, que logo guarecerão.

Ioão de Avelar que ia com o Embaxador do Nizamaluco sefoi informando pelo caminho do sitio da fortaleza que el

a. O Gèral Melique Alicer como vio as nossas fustas emvoltas cõ as suas, se metteo em hũa esquipada, & se tornou à bocca do rio, donde sem pelejar fugio. Seu pai Camalmaluco quãdo em Dio o soube, fez grandes demonstrações de sentimento pela deshonra do filho, & o fez buscar com muita diligencia para o entregar à Soltã Badur, q̃ o castigasse como merecia sua covardia. El Rei se ouve por satisfeito desta demonstração de Camalmaluco, & à elle por sem culpa no erro do filho, & deu a Capitania de Dio à Melique Tocão (irmão de Melique Saca, q̃ estava em Iaquette) por lhe pedir Camalmaluco que o tirasse della.

Francisco de Andrade cap. 43. & 55. da 2. parte.

Francisco de Andrade cap. 41. da 2. parte. „

10

20

30

40

el Rei de Cambaia tinha tomado, & da guarnição que nella ,,
estava. Chegando perto della, deixando seus companheiros ,,
em lugar seguro com a gēte do Nizamaluco, se disfraçou em ,,
trajo de trabalhador, & guiado per hum homem da terra, foi ,,
reconhecer a fortaleza. Estava ella assentada em hum outeiro ,,
alto, & tam ingreme, que sò com pedras que deixassem cair ,,
do muro se poderia defender de hum exercito. Ioão de Ave- ,,
lar reconhecido o sitio, voltou aos Portugueses, & com elles, ,,
& com mil homēs do Nizamaluco foi demandar a fortaleza ,,
10 ante manhãa, com tanto silencio, que não forão senti- ,,
dos dos inimigos, senão mui perto della. Levavão os Mouros ,,
escadas, & aos espingardeiros Portugueses mandou Ioão de ,,
Avelar que tolhessem chegar os inimigos ao muro à lançar ,,
pedras que nelle tinhão postas: & com esta ordem acōmette- ,,
rão a fortaleza, & a escalarão, não ousando os inimigos appa- ,,
recer no muro, porque os nossos espingardeiros matarão os ,,
que se nelle descobrirão. O Capitão Ioão de Avelar foi o ,,
primeiro que subio per hũa escada, & apôs elle outros Portu- ,,
gueses per outras, & posto que os inimigos se defenderão den ,,
20 tro cō muito esforço, forão todos mortos, & dos nossos tres ,,
sômente, & feridos muitos. Tomada a fortaleza, Ioão de Ave ,,
lar a entregou ao Capitão do Nizamaluco; o qual estava d'ahi ,,
hũa Iornada, & sabēdo deste bom successo, mandou chamar ,,
Ioão de Avelar, à que fez muita honra, & deu hũa cabaia, & ,,
mil pardaos, & outros dous mil para repartir pelos Portugue- ,,
ses, com que os despedio, & os feridos mandou levar em an- ,,
dores atè Chaul para serem curados à sua custa. ,,

CAPITVLO XV.

30 *Como avida a vittoria das fustas, quisera o Governador ir à Dio, & lhe foi contrariado. E de algũas armadas que mandou à diversas partes.*

AVIDA a vittoria das fustas de Dio, o Gover nador se recolheo com a armada das naos grossas à enseada de Bombaim, onde foi tèr Eitor da Silveira cheo de gloria, & triūfo. Lopo Vàz o recebeo com muita festa, & com palavras de
40 muitos louvores, engrandeceo o que fizera, de que cōfessava

que

que lhe tinha muita enveja, & armou cavalleiros à muitos fidalgos, & à outros que o quiserão ser, por se acharem em feito tam honroso. E antes que d'alli se partisse, quis o Governador tèr conselho com todos aquelles Capitáes, sobre o que ja em Chaul movera, acerca da sua ida à Dio, persuadindo, & facilitando entam o negocio mais que antes que desbaratassem as fustas. Porque a força d'aquella cidade, toda cõsistia naquella armada, cuja perda não sòmẽte enfraquecia à Dio, mas ainda, por ser dãno tam cõmum, avia de metter à todos em cõfusão, & desmaio, & q̃ nada se aventurava em dar hũa vista à cidade, para fazer o mais que a disposição della desse. O que alli foi ao Governador mais contrariado que em Chaul. Dezião hũs que não convinha à autoridade de hum Governador da India emprender cousa que não acabasse, porque Dio era tal, que requeria mais força, & mais gente da que elle tinha, que o deixasse para outro tempo, em que com poder igoal à empresa a podesse acõmetter. Antonio de Saldanha, & Garcia de Sà (que entam avião vindo do Reino com Nuno da Cunha, à que na chegada à India se anticiparão com o tempo que os apartou delle) o contrariavão com mais força, & liberdade; dizendo Garcia de Sà ao Governador que não roubasse a honra à Nuno da Cunha, ao qual el Rei não mandava à India à outra cousa senão à tomar Dio, polo que o deixasse à quem estava cõmettido. Vendo o Governador que não tinha por seu voto mais que à Eitor da Silveira, & que seu governo se ia ja acabando com a vinda de Nuno da Cunha, que cada dia esperava, não ousou de ir contra os requerimentos que lhe fazião. Mas segundo despois se vio pelo successo, o parecer de Lopo Vàz de Sampaio era o melhor, porque se entendeo que se à Dio fora se lhe entregara, & se escusara o sangue, & à despesa que despois custou. O Governador pedio hum instrumento do que em Chaul, & alli proposera, para se desculpar ante el Rei de se não tomar Dio, & mandou ao Secretario que guardasse hũa carta que o Nizamaluco lhe escrevera à Chaul, & della lhe desse hum traslado para o mesmo effeito, na qual lhe dezia, que avisado el Rei de Cambaia que elle ia com armada para Dio, levantara os cercos que tinha postos às suas fortalezas, para soccorrer à Dio, & que Camalmaluco sabendo o desbarato da sua armada se fora da cidade; polo q̃ lhe parecia q̃ devia

Fernã Lopez de Castanheda cap. 93. do liv. 7.
Diogo do Couto cap. 5. do liv. 5.
Francisco de Andrade cap. 44. da 2. parte.

tornar

tornar à Dio, pois estava em tempo de o poder tomar facil- „
mente, para o que elle lhe daria todos os mantimentos, & es- „
quipações necessarias pagas à sua custa, com que lhe desse „
Baçaim quando o tomasse, porque estava dentro nas suas „
terras. „

E porque no mesmo conselho se assentou, que para alim-
par aquella costa dos saltos que os Mouros nella fazião, basta-
va que ficasse alli Eitor da Silveira cõ algũs navios de remo, o
Governador o deixou cõ vinte bargantijs, & duas galeottas,
10 & trezentos homẽs, com regimento que guerreasse aquella
costa da enseada de Cambaia, per todo aquelle verão, & que
no inverno se recolhesse à Chaul. E o Governador se partio
para Goa à xx. de Março,[a] & como lá foi, despachou à Dom
Fernãdo Deça seu cunhado para Ormuz, com tres galeões ca
rregados de mercadorias d'el Rei, em hum dos quaes ia Dom
Fernando por Capitão mòr, & dos outros forão Capitães
Lopo de Mesquita, & Antonio de Lemos, & lhes mandou q̃
da vinda fossem fazer presas à ponta de Dio. Despachou tã-
bem à Garcia de Sà, que do Reino vinha provido por Capi-
20 tão de Malaca para succeder à Pero de Faria, à quem o Gover
nador mandou encarregar a liberdade de Martim Afonso de
Mello Iusarte, que estava cattivo em Bengalla, para que à vin
da o resgatasse. Garcia de Sà partio em hũa nao grande, & le-
vava mais hum junco, que se perdeo ao sair da barra, & com
a nao chegou à salvamento à Malaca, & lhe foi entregue à
fortaleza per Pero de Faria, que se veo para a India em No-
vẽbro seguinte. Outra armada de seis bargantijs, & hũa galè
fez o Governador, em que ião cem homẽs, de que era Capi-
tão Christovão de Mello seu sobrinho, com o qual forão mui
30 tos fidalgos, & pessoas nobres, para se ir ajuntar com Anto-
nio de Miranda, que andava na costa do Malavar, à quem mã
dava Lopo Vàz que seu sobrinho obedecesse, & andasse de-
baxo da sua bandeira. Antonio de Miranda tinha desbarata-
do hũs doze paraòs, & como chegou à elle Christovão de
Mello, tomarão ambos hũa nao d'el Rei de Calecut carrega-
da de pimenta, que estava no rio de Chale para ir à Meca, cu-
ja presa deu muito trabalho, por estar ẽ nella perto de oitocen
tos Mouros, com muitas armas, & artelharia. Despois toparão
ao Monte fermoso com hũa armada d'el Rei de Calecut de
40 cinquoenta vellas, a qual desbaratarão, tomandolhe treze
paraòs

a. Em Goa teve Lopo Váz de Sãpaio recado de Melique Saca (que estava em Iaquette) que fosse sobre Dio, & elle iria per mar ajuntarse cõ o Governador, & per terra lhe levarião seus cunhados quinze mil de cavallo, & cinquoenta mil de pè: & que de Lopo Vàz não queria mais, senão q̃ tomando a cidade fizesse à elle Melique Capitão della, como ja fora, & fundasse nella fortaleza com que o defendesse d'el Rei de Cambaia: & daria ao Governador as rendas do mar, & elle ficaria com as da terra. Para confirmar, & asinar o que se destes apontamentos resolvesse, trazia o mensageiro largos poderes. O Governador respondeo à Melique Saca com esperãças de fazer o que lhe pedia, & offerecia, mas que por ser entam inverno se não podia concluir aquelle negocio, no qual se tomaria resolucão no verão seguinte.

Francisco de Andrade, cap. 44. da 2. parte.

paraòs com sua artelharia, & lhe cattivarão muita gẽte, alem da que foi morta; & tornando à correr a costa, tomarão outros paraòs da mesma armada, que avião escapado da primeira. Com que tendo a costa limpa, se recolherão à invernar, Christovão de Mello em Goa, & Antonio de Miranda por mandado do Governador em Cochij.

CAPITVLO XVI.

Como Eitor da Silveira assolou muitos lugares na costa de Cambaia, & pelejou com o Capitão Alixiah, & lhe tomou a fortaleza em que estava, & da destruição que fez em Baçaim. 10

EITOR da Silveira com a armada que lhe o Governador deixou começou à correr a costa de Cambaia, na parte de Baçaim, atè chegar ao rio Nagotana, que he de Baçaim oito legoas contra Goa. Por este rio acima, pouco mais de duas legoas, està hũa fortaleza, que tem o nome do mesmo 20 rio, na qual el Rei de Cambaia tinha gente de guarnição, que fazião guerra à el Rei de Chaul. Desejando Eitor da Silveira de entrar no rio, mandou primeiro ao Piloto mòr da frotta q̃ fosse diante em hum catùr, & sondasse o rio, o qual tornando lhe disse, que elle não poderia chegar com os navios à fortaleza, porque era tam baxo, que escalamẽte poderia nadar hum catùr com gente. Vendo Eitor da Silveira que não pòdia fazer o que desejava, no proprio lugar onde estava, que era junto de hũa povoação, saio em terra com a sua gente, & foisse à ella, & pôslhe o fogo, & não sômente à este lugar, mas à ou- 30 tros cinco, sem achar nelles gente algũa; porque os Mouros com temor, antes que elle chegasse, os despejarão, como quẽ trazia os olhos em quantas voltas Eitor da Silveira dava; de maneira que tiverão tempo de se pôr em salvo, tam assombrados andavão do desbarato das fustas; porem sempre acharão gẽte que cattivar, ainda que não quisessem pelejar, nem defenderse. A fora este dãno de lhe abrasarem suas casas, lhe fazião outro maior, que lhe queimarão suas novidades de q̃ se sostentavão; para que a nova destas perdas, incitasse ao Capitão de Nagotanaà vir pelejar cõ elles, & alsi o fez; porque 40 vendo

vendo estas tam continuas injurias,& dános,que cõm lagri-
mas lhe ião contar os Mouros que escapavão, determinou
de pelejar com Eitor da Silveira,& tomar vingança delle, &
asi o veo buscar com muitos homẽs de pè, & quinhentos
de cavallos acubertados,& achou à Eitor da Silveira na derra
deira povoação que queimara.Eitor da Silveira vendo o grã
de numero de gente que este Capitão trazia, que para cada
hum dos nossos avia vinte, vèose recolhendo pela ribeira
abaxo o melhor que pode às fustas; porem quando vèo ao
10 embarcar,os Mouros de cavallo os quiserão impedir escara-
muçando com elles,para os entretèr atè que viesse a gente de
pè,cõ a qual se poderião melhor aproveitar dos nossos. Eitor
da Silveira que ficou na retraguarda,lhes fez rostro com a gẽ
te que estava por embarcar,& lhe derribou tres de cavallo às
espingardadas.Neste tempo hum soldado digno de fama que ,,
se chamava Francisco Godinho,vendo que os Mouros apu- ,,
pavão,& asoberbavão aos q̃ se embarcavão, com hũa lança, ,,
& hũa rodella se afastou dos outros,& hum Mouro de cavallo ,,
vendoo sò,remetteo à elle para o ferir com hum zarguncho, ,,
20 o soldado o esperou,& chegando à elle,que alçou o braço pa ,,
ra o ferir,metteolhe a lança per baxo delle,& deu cõ o Mou- ,,
ro morto no chão,& ainda não era caido, quando o soldado ,,
lhe tomou o zarguncho,& pondose à cavallo no do Mouro, ,,
levou outro Mouro de encontro,q̃ ia para o ferir,& passou o ,,
pelos peitos com quanto o laudel era forrado de malha:& to- ,,
mando o soldado o cavallo do segundo Mouro pela redeá, se ,,
foi com muito sossego para Eitor da Silveira,pedindolhe o ar ,,
masse cavalleiro quando fosse tempo.Com este valeroso fei- ,,
to de Francisco Godinho,merecedor de hũ notavel premio,
30 voltou Eitor da Silveira aos inimigos,& com hũa grande su-
rriada de espingardaria os fez afastar,& os nossos se acabàrão
de embarcar mui à seu salvo.

Fernã Lopez de Castanheda cap. 96. do liv. 7.
Diogo do Couto liv. 5. cap. 6.
Francisco de Andrade cap. 45. da 2. parte.

Embarcado Eitor da Silveira, se vèo à bocca do rio, &
d'ahi foi correndo a costa atè o rio de Baçaim, asi chama-
do por razão da fortaleza que està situada ao longo delle
duas legoas da sua bocca, & oito de Nagotana. E hũa le-
goa da barra em hũa povoação pequena, entre ella, &
o rio, onde se fazia hum teso de areã, tinhão os Mou-
ros fabricado hũa tranqueira de madeira entulhada,
40 em que avia muita artelharia grossa, & miuda; & era

 o desem-

o desembarcadouro de maneira, que os que ouvessem de desembarcar naquelle posto, avião de pôr as barrigas nas boccas das bombardas. Afora esta defensão da entrada do lugar, detras delle estava Alixiah (o Capitão das fustas que foi desbaratado pelo Governador) com tres mil homẽs de pè, & quinhentos de cavallo. Chegando Eitor da Silveira à bocca deste rio, tornarão à elle certos bargantijs, que mandou diante à descobrir o lugar, & estado delle, & disserãolhe que acharão dentro doze naos grandes, dellas em terra postas em estaleiro, & dellas no mar, & tres taforeas que carregavão madoira, & asi lhe derão conta do baluarte, & sitio da terra. E porque segundo o que lhe à elle parecia, o caso requeria conselho, teveo com os Capitães dos catùres no modo que terião de acõmetter. Seu parecer era, que queimassem as naos, posto que todas estivessem acima do baluarte, & porque convinha passar por elle, ordenou que toda a artelharia fosse abatida; porque segundo os navios erão rasos, & a artelharia dos inimigos estava assestada alta, por causa do sitio ser eminente sobre a praia, lhe parecia que em a passada delles pouco dãno faria, senão ouvesse mais deteñça que passar com o remo teso. E por os Mouros se descuidarem da passajem que elle avia de fazer, tomou certos Canarijs dos que hi andavão servindo, & entregou duzentos à hum Capitão delles, chamado Malù, & mandoulhe que cõmettessem sair em terra à hũa ilharga do baluarte, para que os Mouros acodissem ahi, & se descuidassem do que elle avia de fazer em outra parte; & em ordenar isto gastou quasi todo o dia. Quando veo à noute, pôs se em caminho pelo rio acima, & à outro dia às nove horas chegou à tranqueira, que disparando toda sua artelharia, no tempo da fumassa della passou Eitor da Silveira com seus bargantijs, com menos perigo do que esperava, & não somente saio em terra, & entrou a tranqueira, onde estava a artelharia, à força da espada, matando aquelles que lha defendião, mas começou de entrar no lugar.

Alixiah como vio que os nossos em tam breve tempo erão dentro nelle, saio cõ toda sua gente ao soccorrer. E posto que Eitor da Silveira não sabia q̃ este Capitão alli estava, & o impeto da força de tãta gẽte, subito, & não esperado, fosse cousa

mui

mui temeroſa, não perdeo o tento do que lhe convinha fazer. Porque cerrandoſe todo em hum eſquadrão, por o não entrarem, delle começou a eſpingardaria à ferir os cavallos, que como não erão coſtumados ao tom dos tiros, aſsi de eſpanto delles, como dos pelouros que levavão no corpo, fugião com ſeus ſenhores, & com furia davão na ſua propria gente de pè, & a atropelavão; & aproveitandoſe os noſſos da occaſião, arremetterão aos Mouros, & ferindo, & matando nelles, como em gente vencida, os puſerão em fugida. Mas Eitor da Silveira não quis qne ſeguiſſem o alcance, por a terra ſer cuberta de palmares, em que os noſſos corrião riſco de ſerem desbaratados. E por reprimir o impeto da vittoria, & os recolher, mandou pôr fogo ao lugar, para que todos acodiſſem ao roubo delle. Porem o fogo, levou a maior parte do deſpojo de Baçaim, porque como foi poſto primeiro em hũas caſas grandes, que ſervião de Almazem, & nellas avia polvora, & ſalitre, & couſas em que o fogo lavra de improviſo, aſsi ardeo todo o lugar, que em breve foi queimado, & não deu eſpaço à mais ſaco. Como Eitor da Silveira deſtroio Baçaim, foiſſe pelo rio acima onde eſtavão as naos, & por ſerem de mercadores de Ormiuz, que erão vaſſallos d'el Rei, & os termos como naturaes, não lhes foi feito dano; mas trouxe as naos, & as taforeas abaxo ao porto, & tomou as tres taforeas que carrẽgavão de madeira, & mandou à Chriſtovão Correa em hum catùr à queimar outras tres naos que eſtavão em hum rio perto das Ilhas das Vaças, que carregavão de mantimentos, & madeira para levar à Dio, & fazerem navios, por aquella comarca de Baçaim ſer a mais fertil de mantimentos, & de arvoredo de todo o Reino de Cambaia.

Sabendo o Xeque da cidade de Tanà, que eſtà pelo rio de Baçaim acima quatro legoas, o que Eitor da Silveira fizera, & o que os Portugueſes lhe podião fazer, por ſer aquella cidade povoada de gente que vive por trato de pannos de ſeda, que ſe alli tecem, de que ha muitos mil teares, temendo que ſobindo Eitor da Silveira à ſua cidade, ficaria deſtroida, mandoulhe Embaxadores, dizendo, que queria ſer vaſſallo & tributario d'el Rei de Portugal, & que lhe queria dar de tributo

cada anno quatro mil pardaos, por os deixarem em paz, & seguridade; & porque ao presente a terra por esterelidades passadas, & guerra que os Portugueses fazião pelo mar, estava Tanà mui pobre, porque não corrião as mercadorias como de antes, que daria aquelle primeiro anno tres mil pardaos, & logo mandava dous mil em começo de paga, & refées em quanto não assentavão as pazes, & não pagavão o resto. Eitor da Silveira, porque não tinha gente para cõmetter tamanha cousa como era aquella cidade, asi em sitio, como em grandeza, aceitou sem replica o que lhe offerecião, & com isso despidio os Embaxadores, dizendolhes, que elle ia para Chaul, por tèr recado do Governador que o chamava, que là podião assentar com elle seus cõtrattos. Idos os Embaxadores, antes de elle partir, mandou diante as taforeas de madeira, & despachou as naos de Ormuz, mãdandolhes q̃ fossem tomar carga à Chaul, & rogoulhes q̃ cada hũa levasse hũa jangada per poppa d'aquella madeira q̃ estava cortada para carregar para fora, & elle levou a mais madeira por ser necessaria para fazer navios. E em tres dias que alli esteve ficou o lugar de Baçaim tam destroido, & abrasado, asi as casas, como as hortas, & pomares, q̃ movia à piedade; & foi lamentado dos Mouros, porque a terra de Baçaim era toda hum jardim mui deleitoso. Chegando à Chaul, forão la tèr os Embaxadores de Tanà à comprir o que prometterão, & mandou Eitor da Silveira quatro bargantĩjs à correr a terra de Baçaim, & impedir que os Mouros tornassem à reformar algũa força, no qual tẽpo cattivarão muitos, & destroirão a costa de maneira, que não somente não ousavão os Mouros navegar per ella, mas os que habitavão os portos do mar, despejavão os lugares, & se mettião pela terra dentro. E bem sentião todos esta perda, pola muita q̃ recebião nos dereitos das mercadorias, que não acodião, nem os mercadores ousavão navegar, nem querião aventurar suas fazendas.

Lopo Vaz de Sampaio, como destas cousas era autor, por as mandar elle fazer, quando Eitor da Silveira o mandou avisar do que deixava feito, dava muitos louvores à Deos, por em seu tempo lhe deixar acabar cousas de tanto seu serviço, & d'el Rei. E como os Mouros d'aquellas partes trazem os olhos nos feitos dos Governadores, & no que lhe bem, ou mal succede na guerra, por verem que nestas em que Lo-

po

po Vàz tinha posto mão sempre lhe succedera bem, o Hidalchan, vezinho às terras de Goa, lhe mandou seus Embaxadores, cõmettendolhe que queria tèr perpetua paz com elle, por desejar tèr amizade com el Rei de Portugal. O Governador despois de lhe dar graças por sua visitação, & da vontade que mostrava acerca da paz, disse, que para firmeza della lhe avia de dar tres Tanadarias das que estavão nas terras firmes de Goa, quaes elle nomeasse, & que com esta cõdição faria paz, porque sem ellas el Rei seu Senhor averia que o não tinha ser
10 vido. Espedidos estes Embaxadores, porque a resposta do Hidalchan se deteve, não ouve esta paz effeito em tempo de Lopo Vàz, por se acabar seu governo.

Sendo dez dias de Maio, Bastião Ferreira, que Lopo Vàz de Sampaio tinha mandado à saber novas de Nuno da Cunha, chegou com cartas suas para Lopo Vàz, pelas quaes elle soube que Nuno da Cunha invernara em Melinde, donde era ja partido para Ormuz, & das vittorias que ouvera naquella costa, & nas cartas lhe pedia que lhe tivesse as mais vellas q̃ pudesse juntas, porque em chegando à India esperava de as
20 aver mester. E deixadas agora as cousas da India, daremos cõta das de Maluco, de que sempre tratamos despois das da India, ainda que acontecessem antes.

CAPITVLO XVII.

Do que succedeo à Simão de Sousa Galvão, que ia por Capitão de Maluco.

SABENDO o Governador Lopo Vàz de
30 Sampaio, per Pero Mascarenhas, ao tempo de sua partida para o Reino, & per outras pessoas, a necessidade de gente, & munições que tinha a fortaleza de Maluco, querendoa prover de Capitão, & tirar della à Dom Iorge, determinou mandar là hũa pessoa que tivesse as qualidades que convinhão para o remedio d'aquella fortaleza, & soccorro do estado em que entam estava; & porque todas concorrião em Simão de Sousa Galvão, filho de Duarte Galvão, o mandou em companhia de Pero de Faria, que
40 ia servir de Capitão de Malaca, * & lhe deu hũa galè, de

* *Como se disse atras no cap. 7.*

de que era Capitão Iorge de Abreu, & a Capitania mòr do mar de Maluco levava Dõ Antonio de Castro, & a Feitoria Antonio de Abreu Caldeira, que todos erão homẽs nobres, & escolhidos, como pedia a necessidade de Maluco. Na galè ião settẽta soldados, & trinta lhe avia de dar Pero de Faria em Malaca. Fazendo ambos sua viagem, antes de chegarẽ ao golfão, lhes sobreveo hũa tormenta, com que hũs & outros se perderão de vista. Pero de Faria foi tèr à Malaca, onde lhe entregou a fortaleza Iorge Cabral, & Simão de Sousa correo à tormenta arvore secca, & foi aportar à barra do Achem, com os soldados que levava na galè meios mortos, dos grandes trabalhos que passarão na tormenta, sem saber donde estava. E despois que o soube, se quisera fazer à vella, se o tempo o deixara, porque não tinha aquelle porto por seguro, por ser de gente inimiga dos Portugueses; parece que o espirito lhe revelava o que avia de ser. Porque tanto que el Rei soube que esta galè era chegada asi destroçada com a tormenta, mandou logo à ella hũa espia, com nome de visitador, à saber que gente vinha nella, & com palavras disimuladas offerecendo ao Capitão o que ouvesse mester, & pedindolhe que entrasse para dentro, onde estaria mais seguro do tempo. Simão de Sousa lhe deu os devidos agradecimentos, & se escusou da entrada. Espedido este visitador, ao outro dia vèo à elle hũa embarcação da terra à lhe pedir da parte d'el Rei que se fosse para dentro, & que para lhe revocarem a galè lhe mandava aquellas lancharas que atras vinhão, que não tardarão muito em apparecer, atulhadas de gente de guerra, de armas, & de artificios de fogo. As quaes chegadas à galè, vendo os Mouros que Simão de Sousa não queria entrar, o acõmetterão per tantas partes, que a galè foi entrada, travandose hũa grande peleja. Era hum triste espectaculo, & caso que aos mesmos inimigos pudera lastimar, ver aquelles poucos homẽs tam maltratados dos trabalhos que passarão, & tam rodeados de inimigos; mas como todos elles erão esforçados, ouverãose de maneira, que mais parecião liões que homẽs; & asi fazião façanhas increiveis: mas contra tantos inimigos pouco lhes aproveitava sua valentia, porque posto que fazião grande estrago nos que achavão diante, entravão outros de refresco em seu lugar. Fazendo os Portugueses maravilhas, durou a peleja tanto tempo, que

que deſeſperados os Mouros de tomar à galè, como lhe era mandado por el Rei, receando ja as mortes que os noſſos lhes davão, ſe apartarão, & aſsi desbaratados ſe forão appreſentar à el Rei, ficãdo dos Portugueſes menos os dous terços dos que erão entre mortos, & feridos.

Deſte ſucceſſo ficou el Rei mui indinado contra os ſeus, porque ſendo tantos lhe não levavão a galè; pelo que mãdou logo ao ſeu Capitão mòr do mar, que ſe fizeſſe aquella noute preſtes com toda a ſua armada, que eſtava no porto, & pela manhãa lhe foſſe buſcar a galè, com grandes ameaças de morte ſe lha não trouxeſſe. O Capitão ſe foi pela manhãa à galè (q̃ lhe não deu o tempo lugar para ſe ſair da barra) & os Mouros que o dia de antes com os noſſos pelejarão, receando de ſe chegar, por eſtarem ja ſangrados do ferro Portugues, aconſelharão ao ſeu Capitão, que tentaſſe ſe per manha podia tomar a galè, tendo por impoſsivel avela d'outro modo; & aſsi tanto que chegou à galè que o podeſſem ouvir, mandou dizer à Simão de Souſa com muitas palavras, que el Rei queria tèr paz, & cõmercio com o Capitão de Malaca, & com elle, & para iſſo lhe mandava pedir quiſeſſe ir para dentro. E porque algũs dos Portugueſes eſtavão ja taes, que ſe não atrevião a pelejar, lhes pareceo que ſe devião de concertar, & começarão de pratticar niſſo: o que ſentindo Simão de Souſa, eſtando à falla com os Mouros, lhes reſpondeo que queria aver conſelho com os ſeus; & por entender que algũs delles ſe querião entregar, por o eſtado em que ſe vião todos feridos, & ſem eſperança de ſoccorro, lhes fez hũa falla, declarandolhes com a brevidade que o tempo pedia a falſidade, & tenção d'aquelles Mouros, perſuadindoos à morrerem antes com honra confeſſando a Fè de Chriſto, que entregarenſe à aquelles inimigos della, que com grande crueldade lhes avião de tirar a vida, que eſperavão alcançar delles. Reſponderão todos à hũa voz, que o ſeguirião, & morrerião com elle. Os Mouros deſenganados, remetterão à galè com tanta braveza, que pareceo que do primeiro acõmettimento a levarião; mas os noſſos aſsi como erão poucos, & eſtavão desfallecidos do ſangue, & das forças, lembrandolhes que morrião pola Fè de Chriſto, & contra tam grandes inimigos della, cobrando novos eſpiritos, fizerão proezas quaes

ſe contão nos livros fabuloſos,& que de homẽs que eſtavão naquelle eſtado ſe não poderião crèr:de maneira que os Mouros ſe afaſtarão da galè,com morte, & deſtroição de muitos, & com tenção de ſe recolherem,não ſabendo que os noſſos erão quaſi todos mortos,& os vivos tam feridos que ja não podião pelejar.

Neſte tempo ſe deitou à nado hum Mouro dos forçados da galè,o qual deſcobrio ao Capitão das lancharas,o eſtado em que a galè eſtava,& que ſe não foſſe,que à pouco que perſeveraſſe os acabaria de conſumir. O Capitão mòr mandou 10 eſte Mouro à el Rei,o qual à grande preſſa proveo os ſeus cõ mais gente de refreſco,& mais polvora. Com eſte ſoccorro tomarão atrevimento de entrar na galè,onde ja não avia quẽ a podeſſe defender, & começarão de novo à pelejar cõ eſſes poucos que nella eſtavão vivos, os quaes vendo que aquelle era o ultimo de ſuas vidas,por as venderem caras fizerão maravilhas, como ſe de novo vierão à peleja, atè que pregarão as mãos com ſettas à Dom Antonio de Caſtro em a haſtea de hũa alabarda que tinha nellas cõ que pelejava,& das muitas feridas que tinha eſgottou todo o ſangue atè q̃ caio mor- 20 to. A Simão de Souſa Galvão derão com hum zarguncho de arremeſſo com tanta força,que paſſando as couraças lhe pregou o coração, & deſte modo acabou Simão de Souſa Galvão,hum dos quatro filhos,[a] com que Duarte Galvão paſſou à aquellas partes;& aſsi acabarão os mais que na galè avia, & algũs poucos que com vida ficarão(dos quaes erão Antonio Caldeira,& Iorge de Abreu, tão feridos, que mais ſe podião contar por mortos que por vivos) forão levados com a galè à el Rei,como em triunfo de tamanha vittoria,& o corpo de Simão de Souſa feito em pedaços lançarão ao mar. A os feri- 30 dos fez el Rei muito gaſalhado,& mandou curar,por diſsimular ſua maldade, moſtrando que lhe pezava muito da morte de Simão de Souſa,& dos outros Portugueſes, que elle mandava chamar para lhes fazer gaſalhado,& honra,como deſejava fazer à todos,& lhes diſſe que como elles foſſem ſãos,eſcolheſſem entre ſi algum,que foſſe dizer da ſua parte ao Capitão de Malaca que mandaſſe por elles,& pela galè, & artelharia,& por o mais que là tiveſſem, & fora dos Portugueſes; porque tudo daria de boa vontade. Porem a tenção deſte Rei infiel era tomar o navio, & gente que o Capitão de Malaca 40 mandaſſe

[a] Os outros tres ſe chamavão Iorge, Manoel,& Rui Galvão.

mandasse como fez, & se dira adiante. E para mais enganar aos nossos, mandoulhes dar muito boas pousadas, & todo o necessario, com muita largueza, como mui amigo.

CAPITVLO XVIII.

Como Dom Iorge de Meneses tomou a cidade de Tidore, & assentou pazes com os Castelhanos que nella estavão.

10

ESTANDO Dom Iorge de Meneses Capitão de Maluco, em tregoas com Fernãdo de la Torre Capitão dos Castelhanos que estavão em Tidore, vindose acabar, & querendo as renovar Dom Iorge, não quis Fernando de la Torre per conselho do Governador de Geilolo; & a causa era porque el Rei de Tidore pretendia ser senhor de todo o Estado do Moro. E porque elles estavão prestes, mandarão logo sua armada, para q̃ fosse tomar os lugares que là tinha el Rei de Ternate; & posto que Cachil Daroes tinha os lugares bem providos, mandou tambẽ sua armada em que ião algũs Portugueses, que forão desbaratados per Cachil Rade Governador de Tidore, que matou, & ferio muitos delles, & prendeo hum Capitão dos Mouros, que despois mandou matar. Os Ternates, & Portugueses que escaparão, acolhendose em terra, avisarão à Dom Iorge do seu desbarato, pedindolhe soccorro, porque os de Tidore erão muitos, & com elles Fernãdo de la Torre, & quarenta Castelhanos que consigo tinha. Dom Iorge que estava escandalizado de Fernando de la Torre de não querer com elle paz, pareceolhe que tinha boa occasião de se vingar delle, & d'el Rei de Tidore, para o que disse à Cachil Daroes, que era necessario destroirem aquellas armadas, & ajuntarẽ para isso seu poder, & dos amigos. Cachil Daroes mandou recado aos Sangages, & à el Rei de Bacham, que acodissem com sua gente, o que logo fizerão. Dom Iorge não lhes manifestando seu intento, mandou armar cento & vinte Portugueses todos escolhidos. E como as armadas forão juntas, se apartou com os officiaes da fortaleza, & com el Rei de Bacham, & Cachil Daroes, & lhes disse, que bem sabião as offensas que tinhão recebido dos Tidores, poderosos,

 & for-

& fortalecidos com a companhia dos Castelhanos, & sua artelharia: & q̃ para sua destroição nũca ouvera melhor tempo, nem mais desposto que o presente, por muitos andarẽ na guerra do Moro, & ficar a Ilha com poucos, & asi sendo pouca a defensão, os poderião destroir, com que ficarião em paz: porque el Rei de Geilolo sem ajuda d'el Rei de Tidore, & dos Castelhanos não lhes podia fazer guerra. El Rei de Bacham primeiro, & despois Cachil Daroes, & os Ságages, & Capitães dos Mouros, todos approvarão o parecer de Dom Iorge. Os Portugueses respeitando mais sua quietação, & proveito da sua fazenda, derão muitas razões dissuadindo aquella empresa; mas replicando Dom Iorge, consentirão nella, ainda que contra suas vontades.

Entregue a fortaleza ao Alcaide mòr Gomez Aires, pedio Dom Iorge à el Rei de Bacham, & à Cachil Daroes, q̃ se embarcassem logo com sua gente, porque avião de partir aquella noute, antes que se publicasse aonde ião, porque queria tomar os inimigos descuidados. Embarcarãose todos, passadas algũas horas da noute, Dom Iorge em hum batel grande bẽ artilhado, & Dom Iorge de Castro em hum paraò Malavar. Ao outro dia, que era da festa dos santos Apostolos Simão, & Iudas, chegarão rompendo a manhãa ao porto de Tidore, cuja cidade he grande, cercada de hũa tranqueira de duas faces, & fica afastada hum pouco do mar. Como forão no porto ordenou Dom Iorge de Meneses, que Dom Iorge de Castro ficasse no paraò em que ia com quinze Portugueses, & algũs Ternates, para com hum camelo que levava bater hum baluarte que alli estava, & elle com a outra gente avia de ir dar na cidade; & porque o caminho era per entre arvoredo, mandou diante descobrir a terra per Vasco Lourẽço, que era mui esforçado cavalleiro, com doze Portugueses, & nas suas costas, Dinis Botelho com outros tantos, & elle abalou com toda a gẽte para a cidade, onde asi nos Mouros, como nos Castelhanos ouve grande sobresalto, & medo: porque el Rei não tinha idade para pelejar, & Cachil Rade seu Governador, q̃ era mui esforçado Capitão, & experimentado na guerra, andava no Moro com a principal gente de Tidore. Fernando de la torre mandou com presteza assentar algũs berços sobre o muro, & postos nelle os Castelhanos com suas espingardas, começarão à defender cõ ellas, & cõ a artelharia a tranqueira

animo-

animosamente. Dom Iorge conhecendo o dáno que poderia receber tardando, arremetteo com sua gente à hum portal da tranqueira per onde os de dentro se servião, & animando os seus, sobio elle dos primeiros pela tranqueira, & ajudou à sobir à outros. Os Castelhanos, & Tidores vendo que os entravão, se puserão em defensa com valor, poré não puderão resistir à furia com que forão acõmettidos dos Portugueses, & Ternates; & asi desemparadas as tranqueiras, se retirarão os Castelhanos ao seu forte, quasi todos feridos, dous mortos, &
10 quatro presos, & os Tidores à cidade; os quaes seguio Dom Iorge atè os lançar fora della, matando, & ferindo muitos, & da volta com elles se foi seu Rei, sem em toda esta peleja aver dos Portugueses mais q̃ tres feridos. Tomada a cidade, mãdou D. Iorge de Meneses vir D. Iorge de Castro, & dos Portugueses q̃ ficarão cõ elle, para q̃ todos jũtos saqueassem a cidade, a qual saqueada a mandou queimar. Ficava por cõbater a torre „ dos Castelhanos, & primeiro q̃ D. Iorge o cõmettesse, escre- „ veo hũa carta ao Capitão Fernãdo de la Torre, na qual lhe ro „ gava da sua parte, & requeria da do Emperador, q̃ considetã- „
20 do com prudencia, & sem paixão, o estado em que estava, & „ pouca defensão que tinha, se entregasse à elle, & não desse oc- „ casião de se matarem hũs Christãos com outros. A esta carta „ respondeo de palavra Fernando de la Torre, que não se avia „ de entregar por mais segurança que lhe desse, mas que lhe en- „ tregaria a galeotta que fora tomada à Fernão Baldaia com tõ „ da sua artelharia, & a Ilha de Maquiem, & que não ajudaria „ mais aos Reis de Tidore, & Gilolo contra Portugueses, nem „ lhes faria guerra. Dom Iorge lhe replicou, que não fora à Ti- „ dore por tam pouco, & pois asi queria que seu fosse o danno. „
30 Partido o mensageiro, Dom Iorge foi apôs elle com sua gen- „ te, & diante algũas peças d'artelharia, & muitas panellas de „ polvora, & escadas. Temendo Fernando de la Torre tanto „ apparato, avendo seguro de Dom Iorge, lhe saio à fallar com „ a gente que tinha, & apartado hum pouco della, & Dom Ior- „ ge da sua, se fallarão, & assentarão, que Fernando de la Torre „ se fosse para a cidade de Camafo, com os Castelhanos que o „ quisessem seguir, & alli estarião sem fazer guerra aos Portu- „ gueses, nem aos Reis de Ternate, & Bacham seus amigos, „ contra os quaes não ajudarião à el Rei de Geilolo, & restitui- „
40 rião a Ilha de Maquiem à el Rei de Ternate, & q̃ não farião „ cravo,

Fernão Lopez de Castanheda cap. 6. do liv. 8.
Diogo do Couto liv. 6 cap. 11.
Francisco de Andrade cap. 59. da 2. parte.

cravo, nem irião à algũa das Ilhas em q̃ o avia; & para sua embarcação lhes daria Dom Iorge o bargantim que fora d'el Rei de Geilolo, & tres coracoras, para o acompanharem atè Camafo. E que Dom Iorge lhes não faria mais guerra, nẽ aos Reis de Tidore, & Geilolo. E isto se guardaria atè el Rei de Portugal, & o Emperador mandarem o contrario. E despois de cada hum destes Capitães dar conta aos seus, do que todos forão contentes, assentarão as referidas capitulações de pazes, que jurarão de comprir, & guardar, & as asinarão com algũas pessoas principaes. Dos Castelhanos que com Fernando de la Torre estavão, dezoito que disserão que querião ficar com Dom Iorge, Fernando de la Torre lhos entregou, & com os que lhe ficarão se tornou à sua torre, & ao outro dia partio para Camafo. Donde per persuasão dos Castelhanos que andavão em Geilolo, deixando Camafo, quebrando a promessa que fizera, se foi para elles. O que lhe Dõ Iorge mandou estranhar, ao que elle respondeo, que forçado o fizera, porem que em o mais guardaria as capitulações, & asi o fez.

Dom Iorge antes de se partir para Ternate, fez paz com el Rei de Tidore, com condição que elle pagaria de parias à el Rei de Portugal cada anno certos bahares de cravo, & que em Tidore avião de estar algũs Portugueses para ensinarem seus costumes aos Tidores, & não avia mais de ajudar aos Castelhanos, nem à Mouros contra Portugueses.

Fernão Lopez de Castanheda liv.8.cap.7. Francisco de Andrade cap.59. da 2.parte.

Estando ainda Dom Iorge em Tidore, vio ao mar hũ junco q̃ vinha de Banda, & de Amboino, em q̃ vinhão cinquoẽta Mouros com mercadorias para levar cravo de Tidore, cuidando que estava em sua prosperidade. Sabendo Dom Iorge donde era, mandou à Dõ Iorge de Castro que o fosse tomar; & entendendo os Mouros da destroição de Tidore, & a ida dos Castelhanos, não ousando de pelejar, se entregarão. Deste junco fez Dõ Iorge de Meneses merce em nome d'el Rei de Portugal à Dom Iorge de Castro, porque avia de ficar em Tidore para cobrar o cravo d'el Rei, & deixando com elle quarenta Portugueses, & Cachil Daroes com a armada, se partio para Ternate, levando consigo duas galeottas dos Castelhanos, & a galeotta que elles tomarão ao Baldaia, com sua artelharia, com muita polvora, & munições, & satisfeito das offensas passadas, entrou vittorioso em Ternate.

Os

Os Castelhanos que à Ternate forão com Dõ Iorge de Meneses, se embarcarão com Dom Iorge de Castro no Ianeiro seguinte para a India.

CAPITVLO XIX.

Da morte d'el Rei Bohaat, & prisão de seu irmão, & successor Cachil Daialo, & da injuria que fez Dom Iorge à Cachil Vaidua parente d'el Rei.

10

NESTE tempo que Dom Iorge de Meneses destroio a cidade de Tidore, & lançou della aos Castelhanos, fallesceo na fortaleza el Rei Bohaat,[a] não sem sospeita de peçonha, que dizião algũs lhe mandou dar Cachil Daroes, por entender que el Rei lhe tinha odio por elle aconselhar ao Capitão que o tivesse como preso na fortaleza, onde avia muito tempo que estava, & de quem se tambem temia por tyrannias, & extorsões que fazia no governo. Pela morte d'el Rei, que foi mui sentida de todos, porque era bom Principe, foi levãtado por Rei hũ seu irmão mais moço, por nome Cachil Daialo, que tambẽ Dõ Iorge metteo na fortaleza. A Rainha como lhe não ficava outro filho, receando que na fortaleza lhe morresse este como o outro, pedio com muita instancia à Dom Iorge lho deixasse tèr comsigo; mas Dom Iorge não quis, temendose que se os Ternates vissem el Rei livre se levantassem contra os Portugueses. O que tambem dizem que lhe aconselhava Cachil Daroes, que por estar el Rei recolhido na fortaleza tinha elle todo o mando do Reino absolutamẽte, & estando fora della, & em sua liberdade não avia de ser asi, por a Rainha lhe querer grande mal, q̃ ella disimulava, por saber que nelle estava a liberdade d'el Rei seu filho. E por esta causa Cachil Daroes tinha grande odio à toda pessoa que fallava sobre a liberdade d'el Rei, & muito maior à Cachil Vaiaco, de quem Dom Iorge era muito amigo, polo que temia Daroes, que Dom Iorge fizesse Governador à Vaiaco, & à elle tirasse do cargo, por lhe não tèr tambem boa vontade desde o tempo que Dom Iorge tivera as differenças com Dom Garcia Enriquez.

a. Diogo do Couto chama à este Rei Baiano, & à seu irmão Aialo.

20

30

40

Sendo

Fernã Lopez de Castanheda liv.8. cap.18.
Francisco de Andrade cap.60.da 2.parte.

„ Sendo por esta causa grandes inimigos Cachil Daroes, & „ Cachil Vaiaco, aconteceo que vindo hũa armada d'el Rei de „ Geilolo dar vista à fortaleza, mandou Dom Iorge contra ella „ Cachil Vaiaco com algũs Portugueses, o qual se embarcou „ em hũa coracora em que Daroes soia andar, de q̃ elle não foi „ sabedor. E tornando Vaiaco mui contente, por fazer reco- „ lher os Geilolos, & tomarlhe hũa coracora, Dom Iorge o fes- „ tejou muito, & Cachil Daroes ouve grande enveja do bom „ successo de seu inimigo, & quando soube que fora na sua co- „ racora tomou grande indinação, que descobrio o odio que „ lhe tinha, & começou d'ahi em diante de o vexar em tudo o „ que podia. Temendose Vaiaco delle, & não se atrevendo esca par com a vida estando entre os Mouros, se acolheo à forta- leza. Cachil Daroes determinando de o aver às mãos, o pedio à Dom Iorge, dizendo, que tinha feitos muitos deserviços à el Rei Cachil Daialo, & que convinha castigalo, pelo que lho devia de entregar; porq̃ el Rei de Portugal não avia de aver por bem, que seus Capitães amparassem, & acolhessem os q̃ deservião à el Rei de Ternate. Dõ Iorge como era amigo de Vaiaco, & desejava sua salvação, pôs em conselho se o entre- garia à Cachil Daroes, mas Vaiaco receando que a determi- nação fosse, que o entregassem, & que entregandoo, Daroes o avia de matar deshonradamente, & que o não pedia senão à esse fim, querendo antes matarse à si, que morrer por man- dado de seu inimigo, subitamente se lançou de hũa torre aba- xo, do que logo morreo. Com este successo ficou Cachil Da- roes vingado, & Dom Iorge mui triste, & ambos em grande odio.

Os Mouros como virão Cachil Daroes descubertamente aggravado, alem do odio que naturalmẽte tinhão aos Portu- gueses, tinhãolho por respeito de Daroes, & em tudo o que lhes podião anojar o fazião disimuladamente, por o medo que tinhão à Dom Iorge, atè verem a sua; & por lhe darem desgosto lhe matarão hũa porca da China que trazia em ca- sa, & estimava muito. E posto que se fez encubertamente, fazendo Dom Iorge diligencia, achou quem culpasse na morte da porca à Cachil Vaidua tio d'el Rei, & Caciz mòr, homem entre elles per o sangue, & per a dignidade de gran- de autoridade, sem respeito da qual Dom Iorge o mandou prender. Desta prisão ouve tanto alvoroço na cidade, que se

não

não fora o muito medo que à Dom Iorge tinhão, se levantarão. Cachil Daroes com os principaes da cidade se foi à fortaleza; & pedio à Dom Iorge mandasse soltar Cachil Vaidua, estranhandolhe prender hũa pessoa de tanta qualidade, por hũa cousa tam vil como era hũa porca. Dom Iorge, q̃ era homem de poucos comprimentos, não curando de desculpas, lhes disse, que o não avia de soltar, senão pagandolhe a estimação da sua porca anoveada. Trazendolhe penhores atè se avaliar a porca, mandou Dom Iorge à Pero Fernandez seu criado
10 que os tomasse, & soltasse ao Vaidua; & como homem baxo, que parece ser no nome, & na obra, ao tempo que soltou Vaidua, lhe untou o rostro com hũa posta de toucinho, que entre Mouros he gravissima injuria. O Vaidua à quẽ aquella offensa, & desprezo foi mais que a morte, com muitas lagrimas que lhe corrião pelo rostro, que ainda levava untado, se foi à Cachil Daroes, que com muitos mandarijs ficara à porta, aos quaes contou d'aquella affronta, & com magoa delle chorarão todos, & muito mais de o não poderem logo vin-
20 gar; & entenderão que per mandado de Dom Iorge se faria aquella offensa, porque nem castigou o criado, nem se desculpou. E o desprezo da prisão feita à hum homem de sangue Real, à quem Dom Iorge por mais grave delicto ouvera de tratar conforme à sua pessoa, lhes dava maior indicio de elle o mandar. A indinação dos que virão aquella injuria foi maior quando os Portugueses que alli estavão em lugar de a estorvarem, ou consolarem à Vaidua, & à Cachil Daroes, se rirão muito, como de cousa de grande graça. Cachil Vaidua se foi de Ternate por todas aquellas Ilhas, manifestando aos Mouros a injuria que lhe fora feita a elle, & à toda a nação,
30 & à sua lei, pedindolhes que a vingassem, para que se começarão logo de aperceber. Dos excessos deste Capitão, succedeo a tragedia que se verà despois, & que sempre soe acontecer quando os Principes, ou ministros seus tratão sem clemẽcia, & humanidade aos vencidos, fazendose senhores dos corpos, & não das vontades. Porque nenhũ presidio, nem prisão ha, que mais faça tèr os subditos em obediencia, & alegre servidão, que o suave tratamento; & pelo contrario, per nenhũ caminho se perdem, & se arriscão mais os Estados, & vem à deminuição, que per aspereza, & insolencia dos senhores pa-
40 ra os vassallos, mormente quando são de outra nação, ou novamente

vamente ganhados. Cachil Vaidua, como dissemos, se foi morar fora de Ternate, & não tornou à Ilha, ate que veo Antonio Galvão por Capitão, que dos Mouros, & dos Portugueses foi igoalmẽte amado por sua mansidão, & Christandade.

CAPITVLO XX.

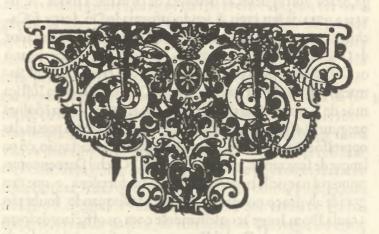
Como Dom Iorge mandou lançar à dous lebrès o Regedor de Tabona, dos quaes foi cruelmente morto, & mandou degollar à Cachil Daroes. 10

Fernão Lopez de Castanheda liv.8.cap.20.
Diogo do Couto liv.7.cap.7.
Francisco de Andrade, cap.60. da 2. parte.

A MVITA inquietação de Dom Iorge, que não procurava paz, & sossego para si, nem para os seus, por as offensas que à todos os vezinhos fazia, era causa de estarem os Portugueses muito pobres, como homẽs que não tinhão cõmercio, nem lhes pagavão soldo, polo que com necessidade tomavão aos Mouros os mantimentos que avião mester per força, sem lhos pagarem. E queixandose disto os Mouros, Dom Iorge não lhes dava mais remedio que dizerlhes, que lhos dessem elles per vontade, & que os Portugueses lhos não tomarião per força. E indo com seus queixumes à Cachil Daroes, como à Governador que era do Reino, não soube mais que fazer para evitar brigas, que mandarlhes que não vendessem mantimentos, nem os tivessem em casa, para os Portugueses os não tomarem. Polo que, ficando elles em grande aperto, querendo prover à isso Dom Iorge, mandou Gomez Aires Alcaide mòr, que com algũs Portugueses que lhe deu fosse pela Ilha buscar mantimentos, os quaes no primeiro lugar à que chegarão, que se chama Tabona, incitados da fome, & da soberba, parecendolhes que a terra era sua, se mettião pelas casas dos Mouros sem respeito algum, & lhes tomavão os mantimentos que lhes achavão. Os Mouros resistindo à esta força, como os Portugueses erão poucos, os tratarão mal; Gomez Aires que ficava detras com outros poucos, cuidando o Regedor da villa, que era gente que vinha de soccorro, acodio ajudar os seus, & tomando os Portugueses entre si, os espancarão, & ferirão, & à algũs tomarão as armas que levavão, & assi os fizerão tornar à fortaleza. Indinado Dom Iorge por aquella afronta, mandou logo dizer à Cachil Daroes,

roes, que mandasse ir à fortaleza ao Regedor de Tabona, & "
os principaes que forão naquella offensa, porque d'outra ma "
neira não o teria por amigo d'el Rei de Portugal, nem seu. "
Daroes como tinha Dom Iorge à el Rei na fortaleza, fez o "
que lhe mandou requerer, & com o Regedor de Tabona vie "
rão dous homẽs principaes, à que logo Dom Iorge mandou "
cortar as mãos, & com ellas cortadas os mandou levar à Ta- "
bona. Ao Regedor mãdou atar as mãos, & deitalo à dous cães "
de filhar mui feros, jũto cõ a praia q̃ estava cuberta de gẽte q̃ "
10 saio à ver tam nova justiça. Foi piadoso espectaculo ver arre- "
metter os cães à elle, & começar à esfarrapar lhe a carne às den "
tadas, mordendoo cruelmẽte, & os gritos q̃ elle dava cõ as do- "
res. O Regedor q̃ era animoso se foi chegãdo para o mar, cui- "
dãdo q̃ nelle o largarião os cães, mas encarniçados nelle o se- "
guirão, & vẽdose elle em tamanho tormẽto, andando ja nadã "
do cõ os pès, q̃ cõ as mãos não podia por as tèr atadas, fez vol "
ta aos cães q̃ o seguião, & cõ muito esforço, & acordo, se co- "
meçou à defender cõ os dentes, mordẽdo aos cães, assi como "
elles o mordião, de q̃ todos estavão attonitos, & andãdo cõ as "
20 carnes espedaçadas, afferrou hũ dos cães per hũa orelha, & af- "
ferrado se metteo cõ elle debaxo d'agoa, onde se afogou, dei- "
xando à todos cõ grande espãto, & maior magoa, chorãdo de "
verem morrer tam cruelmente hum homẽ tam esforçado. "

D'alli por diãte teve Cachil Daroes mortal odio à Dõ Ior
ge, & aos Portugueses, & desejava de os matar à todos, & li-
vrar a terra de seu jugo. E sendo informado Dõ Iorge q̃ Ca-
chil Daroes tinha assentado paz cõ Catabruno Governador
de Geilolo, para Daroes matar os Portugueses, & Catabruno
os Castelhanos, & q̃ nesta conjura entrava tambẽ Cachil Sa-
30 marao, q̃ era Almirante do mar, & Cachil Boio, q̃ era Iustiça
mòr de Ternate, mandou chamar à todos tres, & fazẽdolhes
preguntas, cõfessarão q̃ determinavão de livrar sua patria das
oppressões q̃ lhe elle Dõ Iorge, & os Portugueses fazião, cõ os
lançar de suas terras, ou matar à todos. Cachil Daroes como
principal naquelle negocio, foi preso na fortaleza, o que fez
grande alvoroço nos principaes da cidade quando souberão
a causa. Dom Iorge aconselhandose com os officiaes da forta
leza, o que faria de Cachil Daroes, acordarão que devia ser de
gollado publicamente, porq̃ tendoo preso, poderia levãtarse
40 a terra contra a fortaleza, com esperança de o livrar, & vendo

que era morto se aquietarião. Approvado este conselho, foi Cachil Daroes degollado em hum cadafalso da maneira que em Espanha se degollão os grãdes senhores, como autor d'aquella conjuração. A morte de hum homem tam asinalado, " Governador d'aquelle Reino, & filho de hum Rei delle, & de " quem os Portugueses, asi delle, como de seu pai, tinhão rece- " bidos tantos beneficios, & a pena da morte que em Maluco " se não dà à homẽs fidalgos, por os delictos que cõmettem, " senão desterro; & a lembrança que tomando elles aos Portu- " gueses por hospedes, & amigos, se lhe tornarão senhores, & 10 " contrarios, & que chamavão traição quererem proclamar a " sua liberdade, fez tanto espanto, & indinação em todos, que a Rainha, & os principaes se forão da cidade para hum lugar que chamão Turucò, que està hũa legoa de Ternate. Por causa desta morte principalmente, vèo Dom Iorge preso à India, & da India à Portugal, & de Portugal degradado para o Brasil, onde acabou a vida, como adiante diremos, quando tratarmos de Gonçalo Pereira, que lhe succedeo na Capitania. E deixando agora as cousas de Maluco, tornaremos à tratar as da India, & de Nuno 20 da Cunha que a vinha governar.

(∴)

LIVRO TERCEIRO DA QVARTA DECADA DA ASIA, *DE IOÃO DE BARROS.*

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITVLO PRIMEIRO.

Como el Rei Dom Ioão mandou por Governador da India à Nuno da Cunha, & do que passou atè chegar à Ilha de S. Lourenço

O ANNO de mil & quinhentos & vinte sette, pelas naos que entam vierão da India, [a] soube el Rei Dom Ioão em quanta necessidade ella ficava de gente, & de outras cousas necessarias para a conservação & governo d'aquelle Estado, & das differenças que entre Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Mascarenhas se receavão aver, por o modo que se teve no abrir das successões. Pelo que lhe pareceo que convinha acodir à isso com mandar outro Governador. E porque em Nuno da Cunha Veedor de sua Fazenda concurrião muitas qualida-

a. *Destas naos vierão por Capitães Tristão Vàz da Veiga, & Francisco de Anhaia.*

qualidades, asi de sua pessoa, como de muita experiencia do governo da India, por o tempo que nella andou com seu pai Tristão da Cunha, & por causa do officio que tinha, determinou de o mandar no anno M.D.XXVIII. por Governador d'aquellas partes. E por el Rei à aquelle tempo estar na cidade de Coimbra, & a armada avia de ser grande, em que esperava mandar muitos fidalgos, & criados seus, para despachar seus requerimentos, se passou à Almeirim, que está xiiij. legoas de Lisboa pelo Tejo acima, de fronte da notavel villa de Santarem. Nesta armada mandou mais de dous mil & quinhentos homẽs de armas, para ficar na India, afora a gente sobresalente do mar, & a que avia de marear as naos, que erão onze, cujos Capitães erão, elle Nuno da Cunha, Simão da Cunha, & Pero Vàz da Cunha, seus irmãos, Antonio de Saldanha, Garcia de Sà, filho de Ioão Roïz de Sà de Meneses, Alcaide mòr do Porto, & Senhor das terras de Sever, Dom Fernando [a] Deça, filho de Dom Pedro Deça o velho, Dom Fernando de Lima, filho de Duarte da Cunha, Bernardim da Silveira, filho do Coudel mòr Francisco da Silveira, Senhor das Cerzedas, Francisco de Mendoça Guedez, filho de Pero Guedez Senhor de Murça, & Afonso Vàz Azambujo piloto da Mina, Capitão & piloto de hũ navio pequeno, para serviço de toda a armada, asi para recados, como para às entradas dos portos, Ioão de Freitas Capitão de hũa nao Biscainha, & Gaspar Moreira, & Luis de Araujo, [b] Capitães de duas caravellas carregadas com mantimentos para proverem as naos, atè a costa de Guinè, & para tornarem com as novas da sua viagem atè passarem a Linha Equinoccial, termo de que se poderia julgar que a armada ia bem navegada, por partir de Lisboa tarde à xviij. de Abril.

Frotta da India do anno de M.D.XXVIII.

a. A este chama Diogo do Couto D. Francisco.

b. Francisco de Andrade chama à este Luis Doria.

Seguindo esta frotta sua derrota, à seis de Maio, antes de chegar às Ilhas do Cabo Verde, querendo a nao de Ioão de Freitas salvar a de Simão da Cunha, embaraçouse de maneira que deu hũa por outra, com que a de Ioão de Freiras começou de se ir ao fundo, por ser Biscainha, & velha, & não tam forte como a nao Castello de Simão da Cunha; & approuve à Deos que em hum dos navios dos mantimentos se salvou Ioão de Freitas, que ia por Feitor de Malaca, & onze homẽs com elle; & Dom Fernando de Lima no esquife da sua nao, recolheo poucos & poucos, atè cento & cinquoenta homẽs,

homẽs; com o qual soccorro quasi toda a gente se salvou. [a] Por causa deste desastre com q se perderão muitos mantimẽtos, para animar a gente com nova provisão delles, mandou Nuno da Cunha governar à Ilha de Santiago, onde surgio à ix. de Maio. E nella se deteve tres dias, refazendose de muitas cousas que se perderão. D'alli despedio hũa das caravellas, & outra despois que passou a Linha à ij. de Iunho. E porque as naos não erão todas companheiras na vella, & algũas com os ventos geraes, que começavão à refrescar, não podião manter companhia das outras, como atè lli fizerão, por os tempos serem bonanças: Apartouse Nuno da Cunha com seu irmão Simão da Cunha, & com o navio de Afonso Vàz Azambujo, & às outras vellas deu regimento do que avião de fazer: & dando pela manhãa toda a vella ao vento, quando veo a tarde tinha ja perdido de vista as outras naos. Com bom tempo chegou em poucos dias às Ilhas que se chamão do nome de seu pai Tristão da Cunha, por as elle descobrir quãdo foi à India (como ja dissemos*) na qual paragẽ lhe deu hũ tẽporal cõ q se apartou delle Simão da Cunha, & ficoulhe a cõpanhia de Afonso Vàz. Corrẽdo cõ este tẽpo, vèo à dar cõ elle Antonio de Saldanha, & despois Pero Vàz da Cunha, & perdendo oje hũ, & à manhãa outro, segũdo cursava o vẽto, passou o Cabo de Boa esperãça, avendo vista delle o derradeiro de Iulho, onde andou em calmarias, atè q vèo tẽpo q o levou ao rostro da Ilha de S. Lourẽço, & chegou à ella à xxiij. de Agosto; mas o vẽto lho não servio para poder tomar o Cabo de S. Maria, onde quisera fazer agoada, por ir tã falto d'agoa, q em tres naos q ião jũtas, a sua, a de seu irmão Pero Vàz da Cunha, & à de D. Fernãdo de Lima, não avia mais q sesenta pippas della, sendo as pessoas mil cẽto & quarẽta & quatro. Cõ esta necessidade, aos xxiij. dias de Agosto, tomou na mesma Ilha da banda de Oeste o porto de Santiago, q està em altura de 21. Graos da parte do Sul, & antes de entrar neste porto quasi tres legoas foi dar em hũs baxos em q se ouvera de perder, & onde se tinhão perdido Manoel dela Cerda, & Aleixo de Abreu, como despois soubo. Passado este perigo, entrou no porto d Sãtiago q he hũa Baia, a qual logo na entrada he tã espaçosa q podẽ entrar per ella muitas naos à vella, porẽ despois q entrão para dẽtro da terra, vaise fazẽdo hũa maneira d saco, & no fim delle hũa cõcha chea de muitos alfaques, assi alcãtilados, q està à poppa

a. Entre os que perecerão, que forão cento & cinquoenta pessoas, diz Diogo do Couto, q foi hũ homẽ casado q ia na nao com sua molher, & tres filhas donzellas, q vendo a nao aberta, abraçandose todos cinco, com lastimoso pranto se forão ao fundo.

* No capit. 1. do liv. 1. da 2. Decada.

da nao em oitenta braças, & a proa em doze. Toda esta concha he cercada de hũa terra alta, & soberba, & sòmente em hũa parte faz hum escampado, per meio do qual corre hum rio de agoa doce, o qual se faz de dous que vem de dentro da terra de partes diversas, & este ajuntamento he mui perto donde se elle mette no mar, & traz tanta agoa que podem bateis grandes ir per elle acima hum bom espaço.

Surto Nuno da Cunha, porque aquella terra era mui povoada de Negros de cabello retorcido como os de Moçambique, começarão logo descer à ribeira muitos delles, trazendo carneiros, galinhas, grãos, lentilhas, & outros mantimentos, que davão aos nossos à troco de pedaços de ferro, & de outras cousas de pouco preço. Com este cõmercio, & bõ tratamento q̃ lhes os nossos fizerão, ficarão tam contentes, que d'ahi à dous dias trouxerão hum Portugues, o qual vinha tam deforme, com a grenha que trazia de cabellos, & cortimento dos couros despidos, que era mui mais feo à vista que os proprios Negros. O prazer deste homẽ foi tamanho quando se vio dentro na nao, que estava diante de Nuno da Cunha como pasmado, sem lhe poder dar razão do que lhe perguntava. Despois q̃ entrou mais em si, cõtou como alli se perderão Manoel de la Cerda, & Aleixo de Abreu, dãdo de noute em seco, & estiverão atè o outro dia pela manhãa q̃ se salvarão em jangadas cõ algũa pouca fazẽda, & q̃ a gente de Manoel de la Cerda, segũdo soubera dos Negros, se mettera pela terra dẽtro, mas q̃ lhe não sabião dar razão onde pararão, porque os Negros não costumavão sair das comarcas dõde erão naturaes: & que a gente de Aleixo de Abreu, segundo elles dezião, andava pela Ilha; & a causa de elle ficar alli, fora, porq̃ quãdo Aleixo de Abreu (cõ quem elle vinha) determinou de ir per terra cõ a gente q̃ se salvara, buscar algũ porto, dõde cõ jangadas, ou cõ algũ outro modo se passasse à Moçambique, elle estava tã doente, & manco, q̃ não podia dar hũ passo, & q̃ em quãto teve algũa cousa sobre si, os Negros entre quem ficou, lhe forão cõtrarios, & não se fiavão delle, mas q̃ despois q̃ o virão despido, & de todo nuo como elles, & não tinhão que cobiçar, ficarão seus amigos, & o tratação mui bẽ, por ser gente pacifica, & q̃ vive à modo de cõmunidades, sẽ terẽ senhor à quẽ obedeção. Estas, & outras cousas dos costumes d'aquelles Cafres cõtava este homẽ, o qual segundo dezia era criado

de

de Dom Antonio de Noronha Conde de Linhares. E escapá do de tantos trabalhos, vèo à morrer d'ahi à poucos dias em Mombaça de sua infirmidade,[a] onde morreo muita gente outra, como adiante se verá.

[a] Escreve Diogo do Couto, que este homem viveo despois muitos annos casado em Goa, & foi nella meirinho

CAPITVLO II.

Da perdição das duas naos de Manoel de la Cerda, & Aleixo de Abreu, & do que aconteceo aos que dellas se salvarão.

10

AS DVAS naos de que se salvou este Portugues que levarão à Nuno da Cunha, erão da companhia de cinco que partirão de Portugal no anno de M.D.XXVII. da qual armada ia por Capitão mòr Manoel de la Cerda, & das outras quatro naos forão os Capitães Aleixo de Abreu, Christovão de Mendoça, Balthasar da Silva, & Gaspar de Paiva. Estas tres ultimas chegarão à salvamento à India em Settembro (como se atras escreveo*) & as duas de Manoel de la Cerda, & de Aleixo de Abreu, se perderão na costa Occidental da Ilha de S. Lourenço, nos baxos da Baia de Santiago (na qual estava Nuno da Cunha) onde saio em terra toda a gente destas duas naos, & feitas hũas tranqueiras, dentro dellas se recolherão com as armas que escaparão do naufragio, & outras cousas, que cõmutando per mantimentos (de que aquella parte da Ilha não he mui abundante) com os naturaes da terra, se forão sustentando miseravelmente, esperando que passasse algũa nao, que com sinaes que lhe fizessem os viessem tomar. Estiverão naquella Baia hum anno, no fim do qual chegou à aquella paragem Antonio de Saldanha na sua nao, que era da companhia da armada do Governador Nuno da Cunha, a qual vista por esta gente perdida, como foi noute fizerão grandes fogos em cruzes, para per elles mostrarem aos da nao que estavão alli Portugueses perdidos. Vistos os fogos, mandou Antonio de Saldanha tomar os traquettes, & puserãose à trinca, & como amanheceo forão na volta da terra, à que não ousavão chegar, por não ser sabida, esperando que della viesse em algũa almadia quẽ lhe disesse que gente era aquella; & assi afastandose de noute da terra, & voltando à ella de dia,

Diogo do Couto cap. 5. do liv. 3. & cap. 2. do livro. 5. da 4. Decada.

*No cap. 4. do liv. 2.

(line numbers in margin: 20, 30, 40)

,, dia, andou alli Antonio de Saldanha oito dias, & no cabō delles; dandolhe hum temporal rijo, desappareceo, continuando sua viagem. Os Portugueses perdidos, vendose sem o remedio que esperavão da nao, se determinarão de passar à outra banda da Ilha, onde poderião achar algũa embarcação da terra, em que passassem à Sofalla, ou à Moçambique, & divididos em duas esquadras, se metterão pelo sertão, onde desaparecerão, ficando alli doente aquelle homē que achou Nuno da Cunha, de quem soube o successo da perdição d'aquellas naos. 10

Francisco de Andrade cap.64.da 2.parte.

,, Per cartas de Nuno da Cunha teve el Rei Dom Ioão noticia da perdição destas duas naos, & mandou buscar a gente dellas, no anno M.D.XXX. com dous navios, de que erão Capitães dous irmãos, Duarte da Fonseca, & Diogo da Fonseca. Chegarão ambos à Ilha de S. Lourenço, Duarte da Fonseca entrou em hũa grande Baia, onde se afogou com dez homēs que levava no batel do seu navio; & Diogo da Fonseca correndo a costa, surgio em hum porto onde vio grandes fumos, & mandando o batel à terra à saber a causa delles, acharão quatro Portugueses que os fazião, tres da nao de Manoel 20 de la Cerda, hum de Aleixo de Abreu, & hum Frances de hũa nao Francesa que alli fora parar, de tres, q̃ os annos atras passarão à India. Estes homēs recolhidos no navio, dissérão q̃ avia muitos vivos da sua companhia, mas que andavão tam espalhados pela terra dentro d'aquella Ilha, que seria impossivel achalos; pelo que Diogo da Fonseca se foi com elles à Moçambique, levando o navio de seu irmão, & deixando alli hũ delles por fazer muita agoa, partio para a India, em Abril de M.D.XXXI. E na paragem de Sacotorà se devia de perder com algum temporal, o que se despois soube, por algũa fazen 30 da, & arcas que forão dar à costa d'aquella Ilha, & pelos papeis que nellas se acharão, se entendeo que erão deste navio de Diogo da Fonseca, & o successo de sua viagem.

Fr. Antonio de Gouvea, ora Bispo de Sirene, no ultimo capitulo do 3. livro da relação das guerras de Persia, & transmigração dos Armenios,

,, Da gente destas mesmas naos de Manoel de la Cerda, & Aleixo de Abreu devem de proceder os Portugueses que hũs Hollandeses acharão nesta Ilha de S. Lourenço, onde se perderão na ponta de S. Lucia vindo da Iaoa em hũa nao carregada de drogas: os quaes andando cortando madeira para fazer algũa embarcação em que voltassem à Bantam, forão vistos da gente da terra, a qual parecendolhe que erão Portugueses, 40 se

ſe vierão à elles com muito alvoroço, & abraçandoos, & fal- ,,
lando Portugues, lhe diſſerão que tambem elles erão netos ,,
de Portugueſes (poſto que o não parecião nas cores, & trajos) ,,
& com muita inſtancia perguntavão ſe trazião conſigo pa ,,
dres. E deſenganados que não erão Portugueſes, ſenão Hol- ,,
landeſes, de que elles não tinhão noticia, lhes contarão como ,,
em tempos paſſados hũa nao tam grande como aquella ſua ,,
alli ſe perdera, ſalvandoſe a gente, & o Capitão della conquiſ- ,,
tara parte d'aquella Ilha, de que ſe fizera ſenhor, & q̃ os mais ,,
10 ſe caſarão com as molheres da terra, de que tiverão grande ,,
geração, da qual elles deſcendião; & que aſsi como ſeus pais, ,,
& avòs deſejarão ſempre tèr padres que os doutrinaſſem, aſsi ,,
elles vivião nos meſmos deſejos. Feita a embarcação volta- ,,
rão eſtes Hollandeſes para Bantam, onde relatarão eſte ſuc- ,,
ceſſo aos companheiros, & à Fr. Athanaſio de IESV, frade ,,
Agoſtino Portugues, que eſtava cattivo entre elles, acreſcen- ,,
tando como notarão naquella gente erros intoleraveis na Fè ,,
por falta de doutrina; nos quaes ſe parecião mais à aquelles ,,
20 barbaros com que ſe criarão, que aos Portugueſes de que pro ,,
cedião. Frei Athanaſio aviſou de todas eſtas couſas à Dom ,,
Fr. Aleixo de Meneſes Arçebiſpo q̃ entam era de Goa, & go- ,,
vernava a India, & agora he Arçebiſpo de Braga, & Viſorrei ,,
đ Portugal; o qual cõ a vigilãcia, & cuidado q̃ coſtuma tèr em ,,
ſemelhantes caſos, & grande zelo na converſão das almas, ,,
(como o moſtrou na redução dos antigos Chriſtãos de S. Tho ,,
me, à Fè Catholica, & obediencia da ſanta Igreja Romana, ,,
da qual avia mais de mil annos que eſtavão apartados, em ,,
que eſte Illuſtriſsimo Arçebiſpo com perigos continuos, & ,,
incãſaveis trabalhos, imitou os Prelados da primitiva Igreja) ,,
30 encomendou aos Padres da Cõpanhia de IESV, que forão ,,
com Dom Eſtevão de Taide à conquiſta de Monomotapa, ,,
de Moçambique, ou de outro algum porto vezinho, tra- ,,
balhaſſem por alcançar mais clara noticia deſta ,,
gente, para a poder ſocorrer como ,,
a ſua neceſsidade ,,
pede. ,,

CAPITVLO III.

Como a nao de Nuno da Cunha se perdeo com hum vento travessão, salvandose elle, & sua gente, & do que lhe aconteceo atè chegar à Ilha de Zanzibar.

NVNO da Cunha por se melhor informar do sitio & qualidades da terra, em quanto a gente do mar fazia sua agoada, deu licença à Dom Pedro Lobo, à Luis Falcão, & à Manoel Lobato, & à algũas outras pessoas nobres, que com algũs soldados à bom recado fossem atè a povoação dos Negros, mas que não entrassem nella, somente vissem o que lhe parecia do sitio, & disposição da terra, & levassem mostras de cravo, canella, & de toda outra especearia, ouro, & prata, para saber se entre os Negros avia algũa d'aquellas cousas, & se era delles estimada. Idos estes fidalgos, porque o tempo que lhe Nuno da Cunha limitou era mui estreito para o q̃ avião de fazer, tornarão logo à tarde mui contentes da disposição & fertilidade da terra, & assi de seus moradores, por ser gente pacifica, sem cautelas, & sem aquella malicia propria dos Negros de Guinè, & trouxerão dos mantimentos q̃ entre elles avia, a troco de algũas cousas q̃ levarão, & quanto às mostras de ouro, & prata, & especearia, não davão razão como gẽte q̃ não sabia mais da terra que atè onde chegava o termo da sua aldea.

Avendo tres dias q̃ Nuno da Cunha alli estava provendo se do necessario, & esperando tẽpo para sairem d'aquella angra, sobreveo vento do mar, q̃ ficava em travessão na costa, & como o porto èra cheo de alfaques, asi descõpassados em partes (como dissemos) começou a nao de Nuno da Cunha saluçar de maneira, que trincou logo duas amarras, & vindo logo outras duas, ou tres novas, apena forão lançadas ao mar quando se fizerão em pedaços, & a causa de durarem tã pouco, não foi tanto por razão dos saluços da nao, como por estarem recozidas da quentura & humidade dos paioes onde vinhão, com a qual falta a nao foi levada à terra do impeto do mar, & a pôs em tres braças, onde cõ tres, ou quatro pancadas abrio de todo, assentandose no fundo da area, quando ja o vento

vento não era tam rijo. E posto que a nao foi logo chea de agoa, ficou tam perto da terra, que nadando sairão muitos homẽs, & chamarão todos os bateis que erão na agoada, que lhe viessem soccorrer sem as outras naos, que estavão mais ao mar o poderem fazer. Porque na primeira estrupada de vento tanbem ellas tiverão assàs trabalho, principalmente à nao S. Caterina de Pero Vàz da Cunha, que caçou hum grande pedaço, & Deos milagrosamente a salvou para recolhimento de tanta gente como ia com Nuno da Cunha: a qual como
10 vio a nao chea d'agoa, sem esperar que viessem os bateis que dissemos, começou de se lançar ao mar, avendo isto por menos perigo, que estar nella. Ao que Nuno da Cunha acodio não o consentindo, & consolando à todos, promettendolhes que salvaria primeiro as pessoas delles, que a sua propria, como viessem os bateis, & asi o fez: porq̃ vindo elles sem pressa nem desordem, mandou passar toda a gente à terra, & algum fato que sobre a cuberta se pode salvar, deixandose estar na nao atè o outro dia às dez horas, que toda a gente desembarcou, a qual repartio pelas duas naos que com elle erão naquel
20 le trabalho. A de seu irmão Pero Vàz, onde se elle recolheo, se ajuntarão settecentas pessoas, & à de Dom Fernando de Lima quinhentas. Terça feira, à noute que forão tres de Settembro, mandou Nuno da Cunha pôr fogo à nao, a qual ardeo atè a agoa defender o que estava debaxo della, onde se perdeo muita fazenda d'el Rei, & de partes, & com a artelharia hum basilisco de metal, que Nuno da Cunha muito sentio, & as armas de que os homẽs tinhão necessidade, por ser cousa que tam cedo se não podia reformar.

Ao dia seguinte partio d'alli com determinação de ir à Me
30 linde à se prover de algũas cousas, & ver se por aquella costa apportara algũa das naos da sua armada, ou se achava navio do tratto de Sofala, para baldear da gente que levava. Mas ainda a fortuna o quis neste tam curto caminho tentar: porque João de Lisboa piloto môr o foi metter entre muitas Ilhas, q̃ erão as que comumente chamão do Commoro, [a] dizendo elle serem novamente achadas. As quaes passadas com assas perigo, por razão das grandes correntes, foi metter a nao em hũs baxos pegados na Ilha de Zanzibar, onde correo muito maior risco, não indo ja cõ Nuno da Cunha, a nao de Dõ Fer
40 nando de Lima, por se apartar da sua esteira nas correntes das

a. A principal, & maior Ilha destas, q̃ se chama do Commoro, jaz entre a Ilha de S. Lourenço, & a terra firme de Ethiopia, tem o meio della 11. Graos & tres quartos de altura Austral, & 16. legoas de comprimento, & oito na maior largura. He povoada de Cafres Gentios, & Mouros Baços, que são os principaes senhores della, & os do Estreito de Meca, & da costa de Melinde cõmercẽão nesta Ilha, na qual ha muita criação de vacas, carneiros, & cabras. He terra montuosa, & de serras altas, entre as quaes hũa o he tanto, que passa a altura das nuvẽs, das quaes a maior parte do anno se vè cuberto o seu cume, & delle baxão muitos arroios de agoa, que regando os valles desta ilha, a fazem fresca, & fertil.

Ilhas do Commoro: Nuno da Cunha vendo a nao mettida em hum ſacco, dõde não podia ſair, & q̃ o Piloto não conhecia a terra, nẽ avia peſſoa na nao, que ſoubeſſe dizer onde eſtava, mandou à ſeu irmão Pero Vàz, que no batel com algũa gente armada ſaiſſe em terra, & cõ todo o reſguardo viſſe ſe podia achar algum povoado de que pudeſſe ſaber onde eſtavão. Partido Pero Vàz da Cunha, como aquella terra era a Ilha de Zanzibar, [a] à eſpaço de cinco legoas, foi dar cõ a povoação, donde por ſer de hum Rei amigo dos Portugueſes, trouxe dous Zambucos, & Pilotos da terra, que levarão a nao à cidade. [b] El Rei recebeo à Nuno da Cunha cõ grande prazer, mandandoo logo prover de muitos mantimẽtos, com que deu a vida à todos, por trazer ja muita gẽte doente. E vendo Nuno da Cunha q̃ eſtava em parte tã ſegura, & abaſtada, ordenou por lhe não morrer aquella gẽte enferma, deixar alli atè dozentos homẽs, & por Capitão delles Aleixo de Souſa Chichorro, & por Feitor Manoel Machado criado d'el Rei, que ſabia bẽ o tratto & o modo da terra, & algũa couſa da lingoa della, porque avẽdo eſtado em Moçambique quatro ou cinco annos, viera alli negociar algũas vezes. Deixou tambem Nuno da Cunha dinheiro & fazenda à eſte Feitor, & ordem à Aleixo de Souſa, que como agente eſtiveſſe em diſpoſição, ſe foſſe com ella à Melinde em Zambucos da terra, porque alli acharia recado ſeu do mais que avia de fazer.

Partido Nuno da Cunha de Zanzibar, à viij. de Outubro chegou à Melinde, onde achou Dom Fernando de Lima cõ cento & ſeſenta peſſoas doentes, & aſsi à Diogo Botelho Pereira filho de Ioão Gago com hum navio & hũa caravella, ao qual o anno paſſado el Rei mãdara de Lisboa à correr aquella coſta deſde o Cabo de Boa eſperança atè o das Correntes, & aſsi a Ilha de S. Lourenço, em buſca de Dom Luis de Meneſes, [c] & de Ioão de Mello da Silva, os quaes ſe perderão vindo da India, & avia preſumpção, que podião andar naquellas paragẽs entre os Negros, & por os ventos lhe ſerem contrarios tinha Diogo Botelho arribado alli da Ilha de S. Lourenço, & eſtava eſperando tempo.

***

CAPI-

a. A Ilha de Zanzibar he adjacẽte à Ethiopia, tem de altura Auſtral vj. Graos, & fica no meio das Ilhas de Pẽba, & Monfia, & todas tres mui arrimadas à aquella coſta, entre Mõbaça, & Quiloa. São todas tres povoadas de Mouros Baços, & Cafres Gentios. Reſgatãoſe nellas ambar, tartaruga, marfim, cera, milho, & arroz, de q̃ ſão mui abũdãtes. Fazẽſe nellas muito cairo, & bõos pãnos de ſeda, & algodão. Cada Ilha deſtas tẽ Rei, & todos ſão vaſſallos del Rei de Portug. Fr. Ioão dos Santos no ſeu livro da Ethiopia Oriental.

A Ilha de Zãzibar deſcobrio Rui Lourẽço Ravaſco Capitão de hũa nao de viagẽ, no anno de MDIII. & fez tributario ao Rei della em cẽ miticaes d'ouro, & trinta carneiros cada anno, como eſcreve Ioão de Barros na primeira Decada liv. 7, cap. 4.

b. Franciſco de Andrade no cap. 47. da 2. parte, & Diogo do Couto no cap. 1. do liv. 6. da 4 Decada, & Caſtanheda no cap. 86. do liv. 7. eſcrevẽ, q̃ mandou Nuno da Cunha deſcobrir a terra em hũ batel à Manoel Machado ſeu Capitão da guarda. & por os Negros lhe defenderẽ a deſembarcação, mandou à Pero Vàz da Cunha ſeu irmão cõ cinquoenta ſoldados, q̃ viſtos dos Negros, deſpejada a povoação fogirão para o mato: & para tomarẽ algũ, ficarão em terra eſcõdidos dous fidalgos irmãos, Diogo de Mello, & Triſtão, ou Ioão de Mello, filhos do Abbade de Põbeiro, os quaes tomarão hũ Mouro, q̃ por boa ſorte era piloto d'aquelles canaes, & delles tirou a nao, & a levou ao porto da cidade de Zanzibar.

c. Dõ Luis de Meneſes vindo da India embarcado na nao S. Caterina de Mõte Sinai, em cõpanhia do Governador Dõ Duarte de Meneſes ſeu irmão, apartouſe delle na Agoada de Saldanha, & porq̃ nella deu ao Governador hũa tormẽta cõ q̃ eſteve perdido, & Dõ Luis não appareceo mais; teveſe preſunção, q̃ cõ a meſma tormenta ſe perderia naquella paragẽ. Porem elle paſſou, & chegou à coſta de Portugal, onde foi tomado per hũ coſſairo Frances, q̃ deu a morte à todos os Portugueſes, & queimou a nao, porq̃ ſe não vieſſe à ſaber. Deſpois no anno de M.D.XXXVI. andando Diogo da Silveira por Capitão mor da armada da coſta, tomou hũ navio de outro coſſairo Frances, de cuja companhia deſcobrirão algũs à Diogo da Silveira, q̃ aquelle ſeu Capitão era irmão do coſſairo q̃ tomara a nao de Dõ Luis de Meneſes. Franciſco de Andrade no cap. 67. da 1. parte.

CAPITVLO IIII.

Do que Nuno da Cunha fez em Melinde.

DESPOIS que Nuno da Cunha foi visitado d'el Rei de Melinde, & provido do necessario, ouve conselho cõ os pilotos, & gente do mar, se passaria à India, & posto que à muitos pareceo, que não podia, por ser ja passada a mon-
10 ção, toda via determinou de pôr o peito ao mar, & tentar o tempo; & porque não tinha consigo mais que Dom Fernando, quis levar Diogo Botelho Pereira, por a necessidade que podia tèr de seus navios em qualquer porto à que chegasse, pois ia fora de tẽpo, fazendo fundamento de tanto q̃ fosse na India o tornar à enviar ao negocio à que ia, pois naquelle tẽpo, em nenhũa cousa podia mais servir à el Rei, q̃ em ir com elle. E antes que Nuno da Cunha partisse d'aquelle porto de Melinde, que foi à xiiij. de Outubro, mandou à Ormuz Duar-
20 te da Fõseca em hũ navio de Diogo Botelho, avisando de sua vinda à Christovão de Mendoça Capitão d'aquella fortaleza, & q̃ poderia ser invernar em Melinde, onde deixou atè cẽto & cinquoẽta doẽtes, & por seu Capitão Iurdão de Freitas, hũ homẽ fidalgo da Ilha da Madeira, filho de Ioão de Freitas, & cõ elle hũ Feitor para provimẽto, & despesa do q̃ avião de fazer. Mas aq̃lla partida q̃ Nuno da Cunha d'alli fez, não foi mais q̃ forçar o tempo, & aventurarse à muito perigo para passar à India. E quãdo vio q̃ não podia surdir mais avãte q̃ hũ Grao & meio da Linha Equinoccial da parte do Norte, à vj. de Novẽbro arribou à Melinde, cõ determinação de invernar na-
30 quella costa, onde o melhor pudesse fazer. E do caminho mãdou Diogo Botelho q̃ fosse ao lugar do Iubo, q̃ corta a Linha Equinoccial, dezaseis legoas quasi aquẽ da cidade đ Brava, onde, segundo lhe disserão, estava hum bargantim, em que andavão Portugueses alevãtados, que da India, no tempo das differenças de Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Mascarenhas partirão para andarem às presas per aquella costa de Melinde. Aos quaes mandou seguro para que se viessem à elle para servir à el Rei, & não querẽdo, que por força os obrigasse à vir. Diogo Botelho os não achou, & tornou à Melinde com hum
40 navio que d'alli partira avia quinze dias, de que era Capitão

Barthola-

Bartholameu Freire, que Antonio da Silveira Capitão de Moçambique mãdava em busca do Capitão Leonel de Taide, que tambem indo para a India arribou por causa do tempo; & este deu por nova que pelejara com hũa nao Francesa em saindo de Quiloa, de que era Mestre hum Portugues de alcunha Brigas, o qual ia com pensamento de passar a India, que de feito foi, como adiante diremos.

Nuno da Cunha vendo que Melinde não era lugar para passar nelle o inverno, nem o poder mantèr, por ser lugar falto de mantimentos, teve conselho sobre o que farião; & assentouse, que desse na cidade de Mombaça, & à destruisse. E o q̃ obrigou à Nuno da Cunha acõmetter este feito, forão algũas palavras que soltou publicamente contra o Rei de Mombaça, dizendo, que folgara de ir de vagar, & não tam de pressa, por passar à India aquelle anno para o castigar: porque quando passou por Zanzibar, o Rei d'aquella Ilha lhe fez queixume da mà vezinhança que recebia d'el Rei de Mombaça, fazendolhe muitos dános, sòmente por elle ser servidor d'el Rei de Portugal. E por cõtentar à el Rei de Zanzibar, & não mostrar fraqueza ao de Melinde, se determinou nesta empresa.[a] E posto que el Rei de Melinde offereceo à Nuno da Cunha oitocentos homẽs, elle os não quis aceitar; porque na detença de os ajuntar perdia tempo, & dava espaço à el Rei de Mombaça que se apercebesse melhor; aceitou porem cento & cinquoenta homẽs que tinhão juntos dous Moros principaes da terra, à hum chamavão Sacoeja, & ao outro Cide Bubac, para os levar por guias naquella viagem, & tambem porque de hum delles tinha necessidade. Porque quando assentou de tomar aquella cidade de Mombaça, logo com os fidalgos & Capitães com que teve conselho, se determinou, que dandolhe Deos vittoria. & tomando a cidade, a desse à hum Mouro por nome Munho Mahamed, filho de Sacoeja Rei de Melinde, que reinava no tempo que Dõ Vasco da Gama Conde Almirante per alli passou, em remuneração do gasalhado que nelle achou; & asi per outras cousas em que elle mostrava a lealdade que tinha com os Portugueses. E como as boas novas todos folgão de as dar, foi revelado à Munho Mahamed esta determinação; pelo que se foi logo à Nunho da Cunha à lhe dar as graças do que ordenava delle, por os serviços de seu pai, dizendo mais, que elle tendo mais respeito ao serviço d'el Rei

a. Diogo do Couto. cap. 1. do liv. 6. & Castanheda no cap. 86. do liv. 7. dizem, que o que obrigou à Nunho da Cunha ir sobre Mombaça, foi, aver mandado recado à el Rei della, pedindolhe licença para ir invernar no seu porto, & el Rei parecendolhe que era invenção do Governador para lhe tomar a cidade, mandouselhe escusar, de q̃ se resentio Nuno da Cunha, & determinou de o castigar, como fez.

Rei de Portugal, que à merce & honra que lhe queria dar, lhe manifestava que elle era pouco aparentado, porque el Rei seu pai o ouvera em hũa de suas escravas, de geração Cafre, & que seu irmão Cide Bubac, & sobrinho d'el Rei que entam reinava, ainda que era mais moço, era do sangue dos Reis de Quiloa, que à elle devia dar o Reino de Mombaça, porque per sua pessoa, & posse, poderia ser mais obedecido: & que se à elle quisesse fazer algũa merce fosse em lhe dar o officio de Governador do Reino, no qual cargo elle confiava que avia
10 de merecer à el Rei de Portugal, a merce que lhe fizesse. Nuno da Cunha espantado da pouca cobiça, & menos ambição deste fidalgo Mouro, sendo dos affectos que trastornão os mais dos homẽs, & sua muita prudencia, perque lhe pareceo digno de outro Reino, o louvou muito, & deixou a determinação d'aquelle negocio para quando fosse senhor da cidade. Este Mahamed foi com elle com sesenta homẽs em hum zãbuco, & asi Cide Bubac em outro zambuco com outros tantos homẽs. Dos nossos era à gente da nao de Pero Vàz da Cunha, & a de Dom Fernando de Lima, & a dos dous navios de
20 Diogo Botelho Pereira, & a do navio de Lionel de Taide, & a do bargantim de Barthalomeu Freire, & a que levava Iurdão de Freitas em hum zambuco da terra, com parte da gente enferma que lhe ficara, por estar ja convalescida, que por todos fazião oitocentos homẽs, com que partio Nuno da Cunha de Melinde à xiiij. de Novembro.

CAPITVLO V.

Como Nuno da Cunha foi sobre a cidade de Mombaça,
30 *& a tomou.*

NVNO da Cunha chegado de fronte de Mõbaça, em hũa Ilheta que tem de fora a barra, hũa sesta feira ao meio dia, xvij. de Novembro, vèo tèr com elle hum Mouro honrado em hũ zambuco bem acompanhado de gente, o qual era senhor de hum lugar chamado Otondo, vezinho de Mõbaça, & vinhasse offerecer à Nuno da Cunha para o acompanhar naquella empresa. E porque elle se escusou de o levar,
40 dizendo, que bastava a gente Portuguesa que tinha, & que se

levava

levava de Melinde a que elle via, era por serem offendidos d'el Rei de Mombaça, por causa de serem servidores d'el Rei de Portugal. Ao que respondeo este senhor do Tondo, que tambem por essas mesmas razões, elle podia ir no conto dos outros: Porque vassallo d'el Rei de Portugal elle o era no animo, mas que fora de tam humilde fortuna, que núca os Portugueses de sua terra se quiserão servir: & se por razão de offensas recebidas d'el Rei de Mombaça, por desejar servir el Rei de Portugal, admittia outros, ninguẽ as tinha recebido por essa causa, mais que elle: & que não podia ser maior offensa, que ir el Rei de Mõbaça sobre elle, & despois que vio que per armas o não podia vencer, assentara paz com elle, & estando seguro por as condições, & juramento da paz, à traição o prendera, indo elle á sua casa visitalo, onde o teve muito tempo em prisão, atè que os povos Sopangas por razão de parentesco, & amizade que com elle tinhão, fizerão por seu respeito guerra à el Rei de Mombaça: & por cõdição de pazes, que cõ elle assentarão, fora elle solto da prisão, & se tornara para seu Senhorio: & por memoria da injuria que d'el Rei de Mombaça recebera em o ter preso em ferros elle trazia aquella cadea de prata, que lhe elle Nuno da Cunha via nos pès, a qual não avia de tirar atè que prendesse a el Rei de Mombaça em outra tal prisão como elle o tivera, & que por estas razões de servidor d'el Rei de Portugal, & como tal offendido d'el Rei de Mombaça o podia levar consigo. Nuno da Cunha lho concedeo vendo a dòr & magoa com que lhe contava esta sua offensa.

A cidade de Mombaça, como dissemos na primeira Decada,* quando o Visorrei Dom Francisco de Almeida a destruio, tinha hum baluarte em hũa das boccas do esteiro, o qual agora neste tempo estava muito mais forte, & melhor provido de artelharia, por el Rei tèr recolhido toda a que se pode aver de naos nossas que se perderão naquella paragem, de que erão Capitães Dom Fernando de Monroy, & Francisco de Sousa Mancias, & asi de muitas munições, porque el Rei de Mombaça era ja avisado per Mouros de Melinde, como Nuno da Cunha ia sobre elle. A qual nova não sòmente o fez provèr de toda defensão nesta entrada, onde elle tinha toda sua força, mas ainda da terra firme tinha mettido na cidade cinco, ou seis mil frecheiros dos Negros, à que elles chamão

** No capitulo.7. do livro.8.*

chamão Cafres gente solta & leve na maneira de seu pelejar, & ousada em cõmetter.

Despois que Nuno da Cunha surgio na barra deste rio, posto que trazia consigo Mouros de Melinde, que sabião mui bem a entrada, por não confiar delles tamanho negocio, mandou primeiro à Pero Vàz da Cunha seu irmão em hum batel grande, & Diogo Botelho Pereira no seu, com os Pilotos da armada, & algũs dos Mouros, que entrassem pelo rio, & fossem sondando atè o surgidouro ante a cidade, onde esperava entrar com as naos por serem grandes, dandolhe aviso que era o fundo para isso, & para não aver muita detença na tornada, logo de dentro lhe fizessem sinal, para deferir as vellas, & entrar. O que elles fizerão com assas perigo de suas pessoas, porque à entrada, & à saida, forão bem servidos de artelharia que estava sobre o rio no baluarte que dissemos; mas approuve à Deos que não receberão dãno algum. Feito o sinal que Nuno da Cunha esperava, pôs se em caminho, dando às trombetas, & à todo outro genero de instrumentos, & de envolta com grandes gritas, como que davão Santiago cõmettendo os inimigos. Os navios ião nesta ordem, Iordão de Freitas ia diante em hum zambuco, que logo recebeo do baluarte duas bombardadas, das quaes hũa levou a perna à hum Antonio Diaz natural do Crato, de q̃ logo morreo. Atras Iurdão de Freitas seguia Lionel de Taide em seu navio, & posto que as obras mortas lhe forão desfeitas cõ pelouros, não perigou alguẽ. A Diogo Botelho Pereira, que ia apos elle, matarãolhe o seu despẽseiro, & quebrarãolhe hũa peça da sua artelharia. E no zambuco em q̃ ião os Mouros, quebrarão a mão dereita à Cide Bubac, sobrinho d'el Rei de Melinde. E as naos em q̃ ião Nuno da Cunha, & Dom Fernando de Lima, como fazião maior pontaria, & dellas ao baluarte não avia mais distancia que hum tiro de pedra, forão bem varejadas da artelharia, & se não acontecera quebrar hũ tiro da nao de Nuno da Cunha hũa peça grossa do baluarte, que embaraçou os Mouros, cõ que se detiverão hum pouco, em quãto as naos passarão, sempre ouverão de receber maior dãno, porq̃ elles erão prestes, & certos no tirar per industria de dous renegados que com elles estavão. Finalmente, não ficou algũa das nossas vellas, sem nella aver lenha, & sangue, que fez este baluarte. E porem à seu pezar Nuno da Cunha foi tomar

o pouſo de frõte da cidade ja quaſi Sol poſto, em oito braças de fundo. E por o eſpaço do dia ſer pequeno, não ouve mais tempo, que em quanto tinha luz metterſe elle logo em hũ eſquife cõ algũas peſſoas que para iſſo chamou, & andou rodeãdo a cidade, para ver per q̃ parte a podia cõmetter. Chegado à hũa ponta, onde os Mouros tinhão hũs zambucos varados, que era per onde o Viſorei Dom Franciſco entrou, quando deſtruio aquella cidade, achou alli por reſguardo de hũa porta do muro que era baxo, feitos hũs andaimos de madeira, cõ algũas defenſões, para que os noſſos não fizeſſem per alli entrada. E porq̃ Nuno da Cunha não ficou ſatisfeito de todo do que vira por ſer ja bocca de noute, como ſaio o Lũar; mandou Dom Fernando de Lima no ſeu eſquife, que lhe foſſe ao redor da cidade ver o ſitio della; & viſſe ſe os Mouros fazião algũa obra nos lugares que elle notou, na qual ida lhe ferirão o ſeu Meſtre em hũa mão com hũa frecha ervada, & à outro homẽ com outra, & ſegundo a força da erva de que uſão, foi ventura eſcaparem. E porque os Mouros, alem de terẽ vigia no que os noſſos fazião, ſentirão a ida do batel; toda a noute lançavão ſettas perdidas ſobre as naos, que parecia que chovião, tantas, & tam continuas erão. E o que fazia pontaria aos Mouros, era, que das meſmas naos para terror tiravão à cidade, aos lugares onde vião luzir candeas, & com o fuzilar dos noſſos tiros; frechavão os Mouros melhor, & mais dereito. Tornando Dom Fernando, teve logo Nuno da Cunha conſelho, & aſſentouſe nelle o modo que ſe avia de tèr para ante manhãa ſairem em terra, & aquelle eſpaço da noute q̃ ficava hũs o deſpenderão em concertar ſuas armas, outros em fazer confiſſões, & teſtamẽtos, & outros em foliar, & cantar, moſtrando o alvoroço que tinhão para vir o dia.

Em rompendo a manhãa eſtava ja Nuno da Cunha poſto em terra, afaſtado hum pouco do roſtro da cidade, avendo ſer aquelle lugar a melhor parte, perque a podia cõbater.[a] Seria a gente cõ q̃ elle cõmetteo eſta empreſa quatrocentos & cinquoenta homẽs, em q̃ averia ſeſenta eſpingardeiros; & deſta gente, tanto q̃ ſe vio em terra, apartou cento & cinquoẽta homẽs fidalgos, & nobres, & trinta eſpingardeiros, cõ os quaes mandou à ſeu irmão Pero Vàz da Cunha diante caminho do muro da cidade, q̃ diſtaria d'aq̃lle lugar mil paſſos, & Nuno da Cunha nas ſuas coſtas cõ o reſto da gẽte o começou à ſeguir.

a. Eſcreve Franciſco de Andrade, q̃ Nuno da Cunha deſembarcou junto de hũa meſquita, pouco abaxo da cidade, onde avia bom deſembarcadouro, o qual lhe moſtrou hũ Mouro piloto que viera com Iurdão de Freitas. E Diogo do Couto diz, que eſte Mouro vèo da cidade fogido à nado: & o meſmo diz Caſtanheda.

Pero Vàz,como quem desejava ganhar a honra da dianteira que lhe fora dada, posto que topou algũs Mouros fora das portas da cidade,que per entre hũs vallos, & sepulturas dos seus,de que alli avia muitas,lhe frechassem a gente,não curou de se embaraçar com elles, senão ir avante atè topar com o muro,& alli deu Santiago,onde ja os Mouros erão muitos,& tinhão feridos dos nossos algũs cõ frechas d'erva. Os Mouros quando sentirão a dos nossos,q̃.lavrava mais de improviso,q̃ erão as espingardadas, & lançadas cõ que logo ficavão
10 estirados,encomendavão a vida aos pès,& afastavãose do perigo o mais q̃ podião;& o q̃ os fez retirar mais sem tento, foi, q̃ como esperavão por Nuno da Cunha,por serẽ avisados de Melinde que ia sobre elles,tinhão posto suas molheres, & filhos,& a melhor fazenda em salvo entre o arvoredo da Ilha, & sòmente ficou algũa gente frecheira, cõ que trabalharão o que puderão por entretèr os nossos. Mas quando os virão sobir per cima dos muros como aves,largarão a cidade de maneira,que Pero Vàz por sinal que ja era dentro, mandou em hũa casa alta arvorar hũa bandeira,para que a visse seu irmão,
20 & asi a gente que ficava nas naos, os quaes tanto que ouverão vista della,logo responderão à este sinal de vittoria com grandes gritas, & tiros de artelharia, para maior terror dos Mouros: & asi alvoroçou os nossos que estavão em terra, que vendo Nuno da Cunha que os não podia tèr, em chegando onde Pero Vàz o esperou,deu lugar à Dom Fernando que com a gente da sua nao tomasse outra rua, & Pero Vàz seguisse a que levava,& elle caminhou dereito aos paços d'el Rei,que estavão no alto,onde todos se avião de ajuntar,mandando tambem abrir as portas da ribeira à gente do mar,que
30 entrasse na ordenança que elle tinha assentado.

E posto q̃ à Nosso Senhor aprouve q̃ esta cidade se entrou tam levemente, & a quis dar aos nossos sem sangue aquelle primeiro dia,não sòmente da erva,mas de algũs votos,que os Mouros tinhão feitos,q̃ não se avião de sair da cidade,correo algũa gẽte nossa grãde perigo,entre os quaes foi Dõ Fernando de Lima,cõ hũ Mouro homẽ mancebo, filho de Munho Mototo parente d'el Rei,& seu Regedor. Este mancebo era bem desposto, & andava de amores com hũa sobrinha d'el Rei,& o dia de antes que os nossos chegassem quãdo a cidade
40 se despejava, saindose esta donzella com outras molheres,

 acertou

acertou estar o seu servidor em cõpanhia d'outros homẽs mã cebos,& nobres;& perpassando per elles, disse ella: *Que fraque za he esta cavalleiros de Mombaça, que cõsentis que nosoutras molhe res sejamos asi lançadas de nossas casas, & repouso, & nos vamos metter em poder dos Negros Cafres?* Estas palavras asi envergonharão o seu servidor, que chegãdose à ella, em voz alta, disse: *Pois que asi me afrontas em minha face, eu juro por o amor que te tenho, que antes de dous dias me chorẽ muitos que me querem bem, & tu se mo quiseres não me teràs para me dar o galardão delle.* Este ajuramentado, com outros mancebos, fizerão voto de morrerẽ per gloria de algum honrado feito, & cada hum se ajuntou com parceiros de que se ajudasse;& o ardil que aquelle mancebo teve, foi metterse em hũa casa,& acertou de ser per onde ia Dom Fernando de Lima,& quando nas armas, & companhia que levava, conheceo ser pessoa notavel, em Dõ Fernando, passando pela porta, saio de dentro como hum lião q̃ està esperando a prea, para fazer assalto,& remetteo em dous pulos,& o levou nos braços,& o derribou no chão. Dom Fernando, posto que era homẽ de boa estatura,& forçoso,& mãcebo, foi este sobresalto de maneira, que no instante delle não pode mais fazer, que abraçarse bẽ cõ o Mouro, por lhe atar as mãos, no qual tẽpo por parte de cada hum acodirão muitos valedores,& ninguẽ naquelle conflicto o fez melhor, que hũ criado do mesmo Dõ Fernando, com cuja ajuda o Mouro foi morto,& asi o forão outros em outras partes, q̃ cõ o mesmo proposito cõmetterão semelhantes casos para morrer.

Finalmente a cidade foi de todo despejada dos vivos, porque os mortos ficarão pelas ruas:& quis Deos que dos Portugueses, posto que forão mais de vintecinco feridos, não ouve algum morto, nem que corresse perigo de morte, senão Luis Falcão filho de Ioão Falcão, & Antonio da Fonseca filho de Ioão da Fonseca Escrivão da Fazenda d'el Rei, por causa da erva. E quem vira a grandeza desta cidade, a multidão do povo della, o agro sitio em que està situada, a estreiteza das ruas, que as molheres às pedradas a podião defender das janellas,& dos terrados,& matar os nossos; parecerlhe ha que milagrosamente Deos a quis dar nas nossas mãos, & cegar aquelles Mouros para a despejarem tam levemente.

***

CAPI-

CAPITVLO VI.

Do que Nuno da Cunha fez despois de tomar a cidade de Mombaça, com algũs Mouros que tornarão à ella, & das novas que lhe vierão de Simão da Cunha, & de outros Capitães da sua armada.

10 TANTO que Nuno da Cunha se vio em posse de Mõbaça, mandou arvorar a bandeira da Cruz đ Christo, na mais alta torre das casas d'el Rei, que erão grãdes, & fortes à modo de Castello, & d'ahi deu licença aos Capitães que fossem dar hũa cevadura à gente d'armas no esbulho da cidade, o qual de cousas ricas foi pequeno, por os Mouros terem o principal posto em salvo, sòmente de mantimentos estava abastada, que foi a vida à muitos, por a necessidade em q̃ esta vão delles, cõ a perdição da nao de Nuno da Cunha; & satisfeita 20 a gẽte aq̃lle dia, como a cidade era grãde, & derramada, ficou Nuno da Cunha recolhido naq̃llas casas d'el Rei, põdo os Capitães em suas estancias em cada hũa das boccas das ruas, que alli vinhão dar, & asi nos lugares de sospeita per onde os Mouros podião cõmetter.

Quando vèo o outro dia, q̃ era Domingo, mandou à Dõ Fernando de Lima[a] com atè dozentos homẽs que fosse ao baluarte da entrada do rio, à lhe trazer as peças d'artelharia com que os Mouros lhe tirarão; as quaes elles ja tinhão enterradas, de que algũas não apparecerão, & entre ellas, & ou30 tras peças que se acharão na cidade assentadas em partes per onde aos Mouros parecia que os nossos avião de entrar, que era per onde entrou o Visorei Dom Francisco d'Almeida, serião por todas vinte, de que a maior parte erão de metal, em que avia algũas grossas, & com as armas Reaes de Portugal, por serem das naos perdidas que atras dissemos. A tornada desta ida que Dom Fernando fez, vindo per fora da cidade entre hũs ervaçaes, & lugares encubertos de moutas, em que bem poderião estar mil homẽs, lhe saio hum grande golpe de Mouros às frechadas, & como o lugar era pata elles 40 defensavel, por serẽ mui leves no saltar, & os nossos vinhão

a. Francisco de Andrade, & Diogo do Couto, & Castanheda, dizem, q̃ era Dom Rodrigo de Lima, irmão de Dõ Fernando, & q̃ nesta entrada do baluarte foi ferido de hũa frechada, de que morreo. E João de Barros diz no fim do cap. 7. que foi ferido na peleja da nao de Meca, de que morreo em Calaiate.

muito armados, & despeados do caminho, por a grande calma que fazia, frechavão os à seu prazer, em que Dom Fernando ouve tres frechadas, & seu irmão Dõ Rodrigo de Lima oura, & àsi outros, q̃ forão mais de vinte, de q̃ logo alli ficou morto hum Ioão Ribeiro, criado do Cardeal Infãte Dõ Afonso, & despois fallescerão algũs de peçonha da erva q̃ os Mouros alli usão. Ao repique desta revolta Nuno da Cunha mandou seu irmão Pero Vàz, & posto que ao tempo que elle chegou, Dõ Fernãdo era ja dentro dos muros da cidade, andavão os Mouros tã ousados por aquelle dãno q̃ tinhão feito, q̃ 10
em vendo à Pero Vàz o forão demandar sem temor, & lhe ferirão logo muitos homẽs; mas como os nossos espingardeiros acodirão, respondendo às suas frechadas, começarão derribar algũs, com que os outros se poserão em salvo.

Ao outro dia seguinte, pela ousadia do passado, chegarãose tanto às casas onde Nuno da Cunha estava aposentado, que começarão de as frechar, como quẽ provocava aos nossos q̃ saissem à campo; mas custoulhe este atrevimento sangue, & vidas, & aos nossos que os fizerão retirar dous mortos, & ficar Pero Vàz da Cunha com hũa perna atravessada de parte 20
à parte, & ferido Dom Simão filho de Dom Diego de Lima, & outros homẽs de sorte. Por esta causa mandou Nuno da Cunha à Lionel de Taide com gente queimar algũas casas pela Ilha, por a despejar dos Mouros, que cada dia vinhão dar rebates, nos quaes os nossos padecião muito dãno, por o grande ervaçal, & arvoredo, que asi de fora, como de dentro da cidade avia, que peava muito os Portugueses, & encobria os Mouros, para mais à seu salvo os ferirẽ. Polo que Nuno da Cunha mandou decepar algũ arvoredo q̃ fazia estas encubertas, & não consentio q̃ a gente fosse fora da cidade. Os Mou- 30
ros como sentirão este receo dos nossos, cõ mais algum atrevimento, por a cidade ser grande, em magotes saltavão dentro, & ião à algũas casas à furtar mantimento, & o que sabião ficar escondido nellas, & em tres, ou quatro dias que isto continuarão, sempre ião deminuidos, ficando algũs mortos pelas ruas do ferro dos nossos.

Neste tempo vèo Aleixo de Sousa,[a] que Nuno da Cunha deixara com a gente doente em Zanzibar, ao qual mandara chamar, para que com a gente sãa se achasse na tomada d'aquella cidade, o que elle não pode fazer antes, por tempos 40
contra-

a Diogo do Couto escreve, que quando Simão da Cunha chegou á Mombaça, vinha cõ elle Aleixo de Sousa.

contrarios que teve, com tudo ainda vèo em cõjunção q̃ ga-
nhou muita honra. Porque saindo Nuno da Cunha à cortar
hũs laranjaes, onde se vinhão metter os Mouros, & estando
ja com os machados aos pès delles, derãolhe rebate, que pela
outra parte da cidade entravão muitos Mouros à roubar,
contra os quaes elle mandou Aleixo de Sousa com algũa gen
te da sua, & Dom Rodrigo de Lima, que ia ainda ferido da
frechada do dia atras, & Diogo Botelho, os quaes matarão al-
gũs Mouros, & ferirão muitos, que là forão morrer entre os
10 seus, segundo se despois soube; por cuja causa ouve grande
pranto entre todos, principalmente por hum delles, que era
dos principaes, o qual de proposito se vèo offerecer à morte
por fazer algũa boa sorte, avendo que se neste cõmettimen-
to morresse, que salvava sua alma; & a sorte que fez foi che-
garse tanto à Aleixo de Sousa, que lhe deu hũa cutilada per
hum braço, & outra acima da sobrancelha, por o qual atre-
vimento elle ficou morto às estocadas aos pès de Aleixo de
Sousa, por sua mão, com ajuda de Luis Doria, que acodio à
esta revolta. A morte deste Mouro causou tanta tristeza,
20 & terror entre os seus, que afloxarão aos nossos, sem mais
vir à cidade, & principalmente por lhes Nuno da Cunha
mandar queimar quantos barcos avia ao redor da Ilha,
por os quaes elles da terra firme se passavão à Ilha, & asi
mandou vedar hum passo, perque de marè vazia passava mui
ta gente.

Estando as cousas neste estado, soube Nuno da Cunha
per hum zambuco que vèo de Moçambique, com cartas de
Simão da Cunha seu irmão, como fora alli tèr à ix. de Settem
bro, & como despois vierão tèr ao mesmo porto Francisco
30 de Mendoça, & Dom Francisco Deça, Capitães de duas
naos, & que o navio de que era Capitão Afonso Vàz Azam-
bujo, se perdera em hũa Ilha à que os mareantes chamão
de Ioão da Nova, que dista de Moçambique quarenta &
seis legoas, na qual toda a gente se salvou, & tirados algũs
mantimentos do navio, se sustentarão com elles, & com
grajaos, rolas, & codornizes, de que a Ilha he muito chea, &
tam mansas que as tomão à mão. Desta gente logo foi
hũa batelada para Moçambique, em que ia o Piloto,
& Mestre do navio: & Simão da Cunha, tanto que es-
40 tes chegarão, mandou à Nicolao Iusarte, hum fidalgo
mui

mui prattico na arte de navegar, que trouxesse a outra gente que lá estava avia cinquoenta & dous dias, mantendose da maneira sobreditta. E asi soube mais Nuno da Cunha que o galeão de Bernardim da Silveira per indicios entendião ser perdido no parcel de Sofala, como de feito se perdeo, mas não se soube onde. Nuno da Cunha ficou algum tanto consolado com estas novas, presumindo que as naos de Antonio de Saldanha, & Garcia de Sà, por elles terem mais experiencia da navegação, & levarem bõos pilotos, & officiaes, irião per fora da Ilha de S. Lourenço à India, dos quaes despois teve nova ser asi. 10

CAPITVLO VII.

Como Nuno da Cunha mandou convidar certos senhores Mouros, que mandassem gente para povoar Mombaça, & como o Rei della se fez vassallo d'el Rei de Portugal com lhe pagar pareas.

VENDO Nuno da Cunha como Mombaça era hũa cidade mui grande, & a pouca gente q̃ tinha, & os rebates que os Mouros lhe davão cada dia, & como os naturaes da terra, nos pès erão mais leves em cõmetter, & fugir, & usavão da erva em suas frechas, com que fazião tanto dãno, determinou de mandar vir gente da terra leve, & solta, & costumada à aquelle seu modo de pelejar, para com os nossos fazerem mais effeito, lançando os Mouros de toda a Ilha. Sobre isso escreveo à el Rei de Melinde, o qual logo mandou hum seu sobrinho irmão do Principe herdeiro, com muitos Mouros honrados, & atè quinhentos homẽs, que foi para elles hũa nova de muito contentamento. Porque asi por razão de cõpetencia que tinhão, como por saberem que a cidade ficava ainda com muita fazenda, vinhão mui alvoroçados para se vingarem, & fazerem proveito. Nuno da Cunha os recebeo com muita festa, & grande estrondo de trombetas, & atabales para entristecer aos Moradores de Mombaça. E como a cidade estava despejada, forãose estes novos hospedes aposentar à sua vontade, & mui contentes por acharem esbulho, que para elles era boa fazenda, da qual mandarão logo carregados 20 30 40

gados os navios em que vierão. Da mesma maneira, & com a mesma boa vontade, vèo per recado de Nuno da Cunha el Rei de Montangane, que he hũa pequena terra vezinha à Mombaça, & mui vexada da vezinhança della, por a amizade que com nosco tinha, com atè dozentos homẽs, por elle ser mui fraco, & desbaratado por el Rei de Mombaça. E por a mesma causa el Rei da Ilha de Pemba, que he fronteira à Mõbaça, por ser mui abastada de carnes, & refresco da terra, mandou grandes presentes à Nuno da Cunha; & outro tanto fez 10 el Rei de Zanzibar, & todo o contorno de Mombaça, por todos estarem offendidos d'el Rei, como de hum tyranno poderoso, que os queria sobjugar; & todos por esta causa se mostravão contentes da sua destroição, & nossos amigos.

Com estes vezinhos costumados à pelejar, & aos àres da terra, em companhia dos Portugueses, que lhes davão animo, os Mouros de Mombaça despejarão a Ilha, passandose à terra firme, de fronte de hũ passo, que de marè vazia o podião passar à vao, & não mais longe delle, que distancia de hum tiro 20 de bombarda, pelo qual como era de noute fazião entradas algũs delles à vir buscar à suas casas do que lhe ficara nellas, & mantimentos, porque morrião de fome. A este lugar, que tinha forma de arraial, mãdou Nuno da Cunha Lionel de Taide, & Dom Fernando de Lima, & como os Mouros tinhão boa vigia, forão sentidos, & fizerão menos do que esperavão; toda via de caminho queimarão na Ilha algũas casas à maneira de quintãas que estavão ermas. Nestas entradas ꝗ os Mouros fazião mais com fome, que com vontade de pelejar, vierão à desavergonharse tanto por entrarem na cidade, ꝗ sáio à isso Pero Vàz da Cunha; & posto que no campo ficarão estirados 30 vintecinco Mouros, foi Pero Vàz ferido de hũa frecha que lhe atravessou hũa perna abaxo do giolho, & quis Deos que não perigou, sòmente morreo da erva hum Figueiredo criado de Dom Luis de Silveira Conde da Sortelha. Nuno da Cunha alem da ordem de pelejar, & saquear a cidade, que deu aos Mouros que vierão de Melinde, & aos outros que dissemos, tambem lhes mandou que derribassem as casas, & destruissem tudo; porque sua tenção era não deixar cousa em pè, pois tanto dãno recebia d'aquella terra.

Quando el Rei de Mombaça entendeo que Nuno da Cu 40 nha determinava invernar nella, & que os Mouros seus ve-

zinhos derribavão as casas,& cortavão seus palmares,que era parte de sua vida,por ser seu mantiméto,mandou dizer à Nuno da Cunha que lhe pedia,que folgasse antes de o aver por vassallo d'el Rei de Portugal, que destruirlhe aquella casa de sua vivenda,& berço de seus filhos,& lhe desse licença,& seguro para hũa pessoa de qualidade,que elle mandaria,à fallarlhe em pazes.E passados algũs recados,primeiro vèo à Nuno da Cunha hum Mouro honrado por nome Munho Mototo, que era parente d'el Rei,& asientou com Nuno da Cunha, q̃ el Rei se fazia vassallo d'el Rei de Portugal, com tributo de mil & quinhentos miticaes d'ouro cada anno(val cada mitical d'ouro trezentos & sesenta reacs) & logo pagaria tres annos;& por resgate da cidade,por a não queimarem,& destroirem, daria doze mil miticaes, & ficaria obrigado servir à el Rei de Portugal,& de não recolher Turco, nem inimigo de Portugueses em suas terras,tornando o Mouro com este concerto,em sinal que el Rei era contente, vèo com mil & quinhentos miticaes em prata,& ouro,dizendo, que o mais veria logo, por quanto se juntava por todos os moradores da cidade,pois todos participavão desta merce, & beneficio. 10 20

Neste tempo vèo alli tèr hum Andre Coelho, que andava levantado em hum bargantim,[2] com dezasette Portugueses,que Nuno da Cunha recolheo,com lhe dar perdão da culpa do levantamento,visto como se elle viera offerecer ao serviço d'el Rei.E despachou à Diogo Botelho Pereira para Portugal,com recado à el Rei do que passara em sua viagem, & o estado em que ficava, & como determinava ir invernar à Ormuz, o qual Diogo Botelho partio à xxvij. de Dezembro,de M.D.XXVIII.& chegou à Lisboa em Iunho, de M.D.XXIX.de quem el Rei soube as novas da India,& da Iornada de Nuno da Cunha. 30

2. D'outro levantado faz menção Francisco de Andrade no cap.48. da 2.parte,o qual se chamava Pero Peixoto, que indo Nuno da Cunha de Melinde para Mombaça,o achou cõ catorze Portugueses em hũa fusta. recolhido em hũa enseada d'aquella costa,& perdoados, os levou consigo.

* *
*

CAPI-

CAPITVLO VIII.

Do que fizerão os Mouros de Mombaça nos dias que se tratava á paz, & como Nuno da Cunha ainda que dos Portugueses morrião muitos, se não quis ir da cidade, & a destroio, & queimou.

NAquelles primeiros dias, em que se trattavá
10 da paz, confiados os Mouros na prattica della,
vinhão à cidade com algũas cousas da terra fir-
me à vender aos nossos, & conversavão os
Mouros que de fora alli erão vindos; mas des-
pois que Nuno da Cunha apertou com elles, que cõprissem
o que tinhão promettido, apartarãose da cõmunicação dos
Portugueses, & passados algũs recados entre Nuno da Cunha,
& el Rei sobre este caso, tornou à mandarlhe hũa correição
per toda a Ilha, derribandolhe casas, & queimando palmares;
& porque elles acodirão logo à este dano, em recompensa
20 delle, ouve Nuno da Cunha por bem de lhe abater o preço
dos doze mil miticaes em sette, de que logo el Rei man-
dou quinhentos, & para pagarem este dinheiro, mandou
algũs homẽs principaes à cidade, que vissem as casas nobres
que estavão em pè, para per seus donos fazerem o lançamen-
to do que avião de pagar, & acharão que estavão ainda por
derribar mais de novecentas casas principaes, lamentando
com muitas lagrimas a ruina das outras. Mas cõ a cõmunica-
ção que tiverão com os Mouros, per os quaes souberão que a
maior parte dos Portugueses estavão doentes, esfriarão do ne
30 gocio à que vinhão, fazendo conta, que Nuno da Cunha por
fugir o perigo da doença despejaria a cidade.

E na verdade os nossos estavão em estado, para elles terẽ
esta esperãça. Porque homẽs que de dia, & de noute nunqua
deixavão as armas, & dormião pouco, & comião sômente os
mantimentos da terra, que era arroz, & milho, & sendo o lu-
gar naquelles meses doentio aos naturaes, quanto mais aos
estrangeiros, & mais vindo ja a maior parte delles doentes do
mar, não podião deixar de cair em grandes infirmidades: & o
que pior era, que so a natureza tinhão por mezinha, carecen-
40 do dos remedios, à que erão acostumados em taes tempos. E
asi

asi morrerão de doença mais de dozentas pessoas, de que os principaes forão Pero Vàz da Cunha, irmão de Nuno da Cunha, & o menor de seus irmãos, mancebo de grandes esperanças, muito esforçado, humano, & ornado de outras muitas virtudes, Dõ Pedro da Silva, filho de Dõ Philippe Lobo, Enrique Furtado de Mendoça, filho de Afonso Furtado, Dõ Rodrigo de Noron ha, filho de Dõ Sancho, Gonçalo Pereira, Iorge Brãdão, filho de Duarte Brãdão, Alvaro Pestana escrivão da moeda de Lisboa, q̃ por amizade q̃ tinha cõ Nuno da Cunha se foi cõ elle à India, Gaspar Moreira estribeiro pequeno que fora d'el Rei, & hum irmão seu, & outros homẽs desta qualidade criados d'el Rei, cõ as quaes mortes q̃ assombrarão a gente, foi Nuno da Cunha por vezes requerido pelos fidalgos q̃ cõ elle estavão, que a vida delle importava mais ao serviço d'el Rei, que a de todos, q̃ lhe pedião que posesse sua pessoa em lugar menos enfermo, & elles ficarião alli, com a ordem q̃ elle mandasse. Ao que Nuno da Cunha respondeo, que Deos per elles lhe dera aquella cidade, q̃ a não avia de desamparar, que apercebido estava para o q̃ Deos delle disposesse, & q̃ conta daria elle à Deos, & à el Rei, & à sua honra, pondose elle em salvo, deixandoos à elles no perigo? & asi cõ muito animo, & constancia esperou todos os successos do tempo. E porque os Mouros per aviso dos q̃ vierão sobre as pazes q̃ estavão na cidade, sabião destes requerimentos q̃ se fazião à Nuno da Cunha, tinhão esperança q̃ o poderião mover algũ dia, & não tomavão conclusão. E para os espertar mandou Nuno da Cunha cõmetter a estãcia de Munho Mototo, q̃ estava mais perto do passo da Ilha para à terra firme. Ao que foi Dõ Fernando de Lima, q̃ ja èra são das feridas q̃ ouvera, com dozentos homẽs, porq̃ a mais gente toda andava enferma, & ficava em guarda da cidade. Porem porque os Mouros forão avisados per hum escravo da terra, não ouve effeito esta sua ida; mas de outra vez q̃ elle foi tèr à outra parte contra a terra de Melinde, de que os Mouros estavão descuidados, deu em hum lugar, onde matou muitos, & trouxe algũs cattivos.

Chegado o fim d̃ Ianeiro, do anno de 1529. vèo tèr à Mõbaça hũ Portugues per nome Pãtalião Pinto, q̃ vèo da India em hũa atalaia cõ mercadoria à Melinde, o qual deu relação à Nuno da Cunha das differẽças entre Lopo Vàz de Sãpaio, & Pero Mascarenhas. Apôs este, vèo Bastião Ferreira Alcaide mòr

de Goa

de Goa em hum navio, que lhe deu nova como Antonio de Saldanha, & Garcia de Sà passarão ambos à India, pelos quaes Lopo Vàz de Sampaio, & Afonso Mexia Veedor da Fazenda, souberão da sua vinda, & com sospeita que podia invernar naquella costa, o mandavão à elle com cartas, que lhe deu. D'ahi à poucos dias vèo de Ormuz hũa caravella, de que era Capitão hum Pedralvarez do Soveral, o qual mandava Christovão de Mendoça Capitão d'aquella cidade à visitar Nuno da Cunha com refresco, & cousas para doentes, q̃ deu
10 vida à muitos, que das febres andavão mui mal tratados. Sendo mortos quasi no mesmo tempo de hum desastre mais de vintecinco homẽs, em que entrava Lionel de Taide de hũa frechada, & Dom Rodrigo ficou ferido de outra, de que morreo despois em Calaiate. E o caso foi, que sendo Nuno da Cunha avisado, que os Mouros esperavão naos de Cambaia, que com mercadorias vinhão fazer resgate à Mombaça, por querer aver à mão hũa nao que alli vèo tèr, mandou là dous bateis grandes com espingardeiros, em hum delles ia Dom
20 Rodrigo de Lima, & no outro Lionel de Taide. Esta nao cõ temor delles, & de hum bargantim que foi diante, de que era Capitão Andre Coelho, se metteo em hum esteiro, que causou a morte à estes dous fidalgos, & aos que com elles ião. E asi aos do bargantim, por ser o esteiro tam estreito, que os Mouros das ribanceiras da terra os frechavão, principalmente de hũa tranqueira que fizerão de pès de palmeiras, onde poserão certas peças d'artelharia. E vendo os nossos, que não podião tirar d'alli a nao, nem menos ardia com o fogo que duas vezes lhe poserão, a deixarão.[a] E indo ja os bateis bem frechados, para maior desastre com a marè vazia ficou o bar-
30 gantim atravessado onde toda a gente pereceo às frechadas; escapando sòmente hum remeiro do bargantim, que vèo dar nova da desgraça.

Passados estes trabalhos, teve Nuno da Cunha conselho sobre o que faria d'aquella cidade, por tèr ja ditto, que dando lha Deos a avia de entregar à Munho Mahamed sobrinho d'el Rei de Melinde, por gratificar os meritos de seu pai, na lealdade que sempre tivera; & por as razões que com elle passou, que a entregasse antes à Cide Bubac seu irmão. E porque este pedia à Nuno da Cunha cento & cinquoenta homẽs
40 Portugueses, porque sem elles não se atrevia à defendela, assentou

a. Esta nao foi entrada dos nossos; cõ morte de muitos Mouros, que a defenderão esforçadamente, na qual achatão muita fazenda, que com a pressa de a recolberẽ, se desemaarao da marè q̃ vazava, com q̃ os bateis, & bargantim ficarão em seco, sobre os quaes acodirão tantor Mouros, q̃ às frechadas matarão todos os do bargantim, que ficou mais perto de terra. Os bateis não receberão tanto dãno, por estarem mais afastados, & com a enchente da marè se sairão cõ algũs mortos, & muitos feridos. Francisco de Andrade. 2. parte, capitulo. 48.

assentou Nuno da Cunha de a queimar antes, visto quanto dáno lhe podia causar esta gente. Chegado o tempo da monção para poder partir, mandou repartir a cidade entre todos os Mouros, q̃ erão vindos em odio d'el Rei della, os quaes como estavão magoados dos seus moradores, para destroir tudo enchião os vãos das casas de madeira, & palha das outras casas da gente pobre, & punhãolhe o fogo, de maneira q̃ com a força delle, caindo a maior parte da cidade, ficou toda feita cinza.

De xv. de Março por diante começão nesta costa à ventar os Ponentes, que he a monção para sair della, & navegar à Ormuz.

Na entrada de Março, porque o requeria ja o tempo, mandou Nuno da Cunha à Ioão de Freitas em hum batel grande das naos com peças d'artelharia ao passo da Ilha à entretèr os Mouros, que não passassem à ella, à dar nas costas dos nossos quando quisessem embarcar: & em quanto là esteve Ioão de Freitas, mandou metter muita lenha nas casas d'el Rei, onde elle pousava, & darlhe fogo, & asi per muitas outras da cidade, onde ainda não chegara, cujo ruido, fumaça, & estrondo da ruina dos edificios, tinhão hũa semelhança do inferno. Nesta conjunção se embarcou Nuno da Cunha para Melinde, sem contraste, nem impedimento algum, com os Portugueses q̃ escaparão da guerra & das infirmidades de Mombaça, & com a gente de Zanzibar, de Pemba, & dos outros lugares, que alli erão vindos. Outros da mesma costa o vierão vèr, dizendo, que todos querião ser vassallos d'el Rei de Portugal: & o mesmo fizerão os moradores da cidade de Brava, os quaes tanto que Nuno da Cunha chegou à Melinde, lhe mãdarão Embaxadores de suas Cabildas, com settecentos & cinquoenta miticaes d'ouro, em pagamẽto de pareas de tres annos, & que cada anno lhe pagarião dozentos & cinquoenta, com mais outras obrigaçoẽs, o que lhes Nuno da Cunha folgou de aceitar por razão de ja serem destroidos do tempo que seu pai Tristão da Cunha per aquella cidade passou, de que Nuno da Cunha que com elle ia foi testemunha.*

Aqui em Melinde vèo tèr seu irmão Simão da Cunha, que invernara em Moçambique.[a]

***

[a] Simão da Cunha, Dom Francisco Deça, & Francisco de Mendoça, Capitães de tres naos da armada de Nuno da Cunha, que invernarão em Moçambique, partirão d'alli com a monção dos Ponentes, com quatrocẽtos homẽs menos que lhe morrerão naquella cidade. E diz Diogo do Couto, que chegarão em fim de Março à Mombaça, onde acharão á Nuno da Cunha de caminho para Ormuz. E o mesmo escreve Castanheda liv. 7. 21.

** A destruição desta cidade escreveo Ioão de Barros no cap. 3. do 1. liv. da 2. Decada.*

CAPI-

CAPITVLO IX.

Como Nuno da Cunha aßentou de ir à Ormuz, & do que fez antes que partiße de Melinde, & do que ordenou em Calaiate, & Mascate, atè chegar à Ormuz.

EM Melinde teve Nuno da Cunha conſelho com os Capitães, Meſtres, & Pilotos, ſe faria ſua viagem em dereitura à coſta da India, por o tempo ainda parecer algum tanto verde, & foi aſſentado per todos, que era couſa mui perigoſa cõmetter aquella coſta naquelle tempo cõ tamanhas naos, que a mais ſegura viagem era ir invernar à Ormuz. Aſſentada aſsi a jornada, deſpedio d'alli Baſtião Ferreira cõ cartas para Lopo Vàz de Sampaio, & Afonſo Mexia, em que lhe dava conta da ſua partida para Ormuz, donde logo como a monção vieſſe ſe partiria, & que ſua tẽção era naquelle meſmo anno ir à Dio, que lhes pedia, que tiveſſem feito todos os apercebimentos, aſsi de navios de remo, como de munições, & mantimentos, por ſe não detèr niſſo quando foſſe, com outras couſas que importavão à aquelle negocio. Baſtião Ferreira chegou à Goa em Maio com aquellas cartas, & Nuno da Cunha partio de Melinde à iij. de Abril, deixando primeiro poſta a terra em paz, & preſos dous homẽs que andavão levantados à roubar, com ordem que os enforcaſſem, porem elles ſe acolherão antes da ſua partida para os Mouros. E à Luis de Andrade mandou em hũa caravella de que era Capitão, à hum lugar perto d'alli, que ſe chamava Iubo, em buſca de hum galeão de Rumes, que viera tèr à aquelle porto com tempo; o qual fez Luis de Andrade dar à coſta, pelejando cõ elle, & lhe tomou muita pimenta que trazia de Iaoa, & levava para o Eſtreito, & lhe matou gẽte, não ſem ſangue da ſua.

Deixou tambem o Governador em Melinde Triſtão Homẽ, filho de Pedro Homẽ eſtribeiro mòr que fora d'el Rei Dom Manoel, com oitenta homẽs enfermos, & que como vieſſe Settembro ſe embarcaſſe com elles para a India. Os quaes defenderão à el Rei de Melinde não ſer deſtroido por el Rei de Mombaça, que logo partido Nuno da Cunha, vèo contra el Rei de Melinde. E neſta ſua defenſão ſe acharão entre

tre os Portuguefes com Triftão Homẽ, eftas peſſoas principaes, Iurdão de Freitas, Duarte de Miranda, Baftião Monteiro, Bartholameu Freire Feitor, & Ioão de Mattos.

Partido Nuno da Cunha de Melinde, paſſou pela Ilha de Socotorà, onde fez ſua agoada, & deu proviſões ao Xeque d'alli, para a navegação de ſeus navios, por elle ſer fiel amigo dos Portugueſes. Paſſados tres dias que ſe deteve naquella Ilha, com bom tempo chegou à x. dias de Maio à Calaiate, que he o primeiro lugar do Reino de Ormuz na coſta de Arabia, onde ſoube o deſbarato das fuſtas, que fez Lopo Vàz de Sampaio na enſeada de Cambaia, que atras eſcrevemos, & achou Aires de Souſa de Magalhães, ſobrinho de Lopo Vàz, que per ſeu mandado, como Capitão mòr do mar de Ormuz andava com hũa fuſta, & dous bargantijs, guardando aquella coſta infeſtada dos Nautaques, que às vezes ſalteavão nella os navios que vinhão da India. Eſtava tambem em Calaiate por Feitor Gomez Ferreira criado do Duque de Bragança, o qual tomava as fianças aos Mouros que carregavão de cavallos para Goa. E porque o Guazil, & os Mouros da terra ſe vierão queixar à Nuno da Cunha, que recebião delle algũs aggravos, mandou elle lançar pregão, que qualquer peſſoa que tiveſſe recebido aggravo algum de Portugueſes, ſe vieſſe à elle, que o mandaria deſaggravar, como fez, mandando pagar à muitos, couſas que tinhão mal levadas, & aos que erão officiaes d'el Rei ſuſpendeo de ſeus officios, & os levou preſos à Ormuz, o que fez grande eſpanto nos Mouros, por não terem viſto aquelle caſtigo, no que deu eſperança à todos, q̃ à falta de juſtiça, não avião de receber mal, & dano, & niſto ſe deteve tres, ou quatro dias.

Ao meſmo lugar vèo tèr Dom Fernando Deça, que ia para Ormuz por Capitão mòr dos navios que andão naquelle tratto para a India, os quaes Nuno da Cunha levou conſigo à Maſcate, onde chegando à xix. de Maio, foi logo viſitado do Guazil d'aquella villa, que ſe chamava Xech Raxit, que era o que no tempo do levantamento de Ormuz, ergueo bandeira por el Rei de Portugal, & livrou muitos dos noſſos. E porque elle tinha morto Raez Delamixà, irmão de Raez Xarafo, pela maneira que atras contamos, * deſde entam atè a chegada de Nuno da Cunha, trabalhava Xarafo por o aver em Ormuz, & vingarſe delle: & quando per ſuas manhas não pode,

*Decada. 3. liv. 7. cap. 6.

pode, disse à el Rei, q̃ este lhe devia mais de vinte mil xerafijs, por não aver dado conta avia muito tẽpo; que per qualquer via que fosse o fizesse vir à Ormuz; o q̃ não quis Xech Raxit fazer, & se despôs à padecer tudo o que lhe viesse, antes que ir là; porque sabia que indo, não avia de viver muitos dias. Disto, & de outras cousas deu elle conta à Nuno da Cunha, dizẽdo, q̃ se vinha metter preso em suas mãos, & assi à seus filhos, & fazenda. E que debaxo de seu amparo iria à Ormuz, & daria sua conta, a qual elle sempre disse que queria dar, & não
10 queria q̃ a desse outrẽ por elle; mas porq̃ querião mais tirarlhe a vida, q̃ tomarlhe conta, avia deixado de ir à Ormuz; & q̃ como Deos sabia sua innocẽcia, & não ser elle merecedor de morte, o provera com S.S. vir por alli para o livrar de seus inimigos, & gratificar os serviços q̃ tinha feitos à el Rei de Portugal. Nuno da Cunha por ja estar informado da lealdade deste Xech Raxit, o consolou, & segurou de seus temores, promettendolhe de lhe guardar justiça, & fazer merce em nome d'el Rei seu Senhor, por os serviços que lhe fizera.

E porque lhe pareceo melhor não ir à Ormuz com tan-
20 tas naos grossas, entregouas à Dom Fernando de Lima, com mil homẽs que nellas podião ficar, que mais servirião alli onde estavão para favor d'aquella costa; & elle se foi caminho de Ormuz, cõ todos os fidalgos, & Capitães que não tinhão cargo das naos que ficavão. Sua chegada foi mui festejada, & celebrada, porque entrou com mais pompa na cidade, do que atè entam entrara Governador, com sua guarda de alabardeiros diante, vestidos de sua librè, com trombetas, atabales, & charamellas, no que deu muito contento à el Rei, & à gente da cidade. Os fidalgos que levava ião vestidos de varias sedas,
30 & tambem ornados de espadas, punhaes, cadeas, pontas, & arreos d'ouro, que parecia que ião mais para dar à aquelles Persas, que para tomar delles, o que em tanta abundancia elles não tinhão visto. E como em chegando succedeo caso per que lhe foi necessario por em effeito algũas cousas mais prestes do que elle levava em regimento, convem fazermos hum pequeno discurso das cousas que erão passadas em Ormuz despois do levantamento delle, & do estado em que estavão, para se melhor entender o que Nuno da Cunha fez.

* * *

CAPITVLO X.

Do que era passado com Xarafo Guazil de Ormuz, & como foi preso per cartas d'el Rei Dom Ioão, que Manoel de Macedo levou deste Reino, & do que Nuno da Cunha passou com el Rei de Ormuz.

ESPOIS que Lopo Vàz de Sampaio deixou em Ormuz à Raez Xarafo, restituido no seu officio de Guazil, & amigo com Diogo de Mello Capitão d'aquella Fortaleza, como atras dissemos,* cõmetteo Xarafo taes cousas na administração do seu Guazilado, que por ellas mandou Lopo Vàz à Ormuz à Manoel de Macedo com provisões para o prender, & dar o Guazilado à Raez Hamed. Manoel de Macedo chegou à Ormuz, prendeo Xarafo, & o levou à Goa, onde o Governador o mandou metter na torre de homenagem, & despois lhe deu a cidade por prisão. Mas Xarafo usando de suas cautelosas manhas, se livrou de todas as culpas, & Lopo Vàz o tornou à mandar à Ormuz, confirmandolhe de novo o cargo de Guazil, em cõpanhia de Christovão de Mẽdoza q̃ ia à servir de Capitão d'aquella cidade, na vagante de Diogo de Mello. Nesta viagẽ de maneira grangeou Xarafo a amizade de Christovão de Mendoça, q̃ chegando à Calaiate, usando de seus poderes em favor de Xarafo, mandou hum recado à el Rei de Ormuz, ordenado per Xarafo, de q̃ resultou o mesmo dia q̃ Christovão de Mẽdoça chegou ao porto de Ormuz, matar el Rei Raez Hamed seu Guazil, que o servia em ausencia de Xarafo: sendo hum homem de quem se elle avia por bem servido, por sua lealdade, & inteireza, & de quem todos os Portugueses recebião mui boas obras. A causa desta morte, dizem que foi Xarafo; porque tal foi o recado que à sua instancia mandou Christovão de Mendoça à el Rei, que para elle viver, lhe foi forçado matar à Hamed. Porem el Rei calando esta causa, dava por razão da morte de Hamed, descortesias que lhe dissera, & que o quisera matar, quando ouvio dizer que Raez Xarafo desembarcava, & que avia de servir de Guazil.

*Liv. 1. cap. 4.

Sabendo

Sabendo el Rei Dom Ioão estas cousas que em Ormuz passavão, & outras que contra Christovão de Mendoça, & Xarafo se punhão, encõmendou à Nuno da Cunha quando deste Reino foi, que tirasse de todas devassa. E querendoo elle fazer, avendo quatro dias que à Ormuz chegara, lhe deu hum homẽ hũa carta de Manoel de Macedo, dizendo, que ficava em casa d'el Rei, & lhe manifestou de palavra o segredo que vinha na carta, que era ir prẽder ao paço d'el Rei à Raez Xarafo, que lhe mandasse gente de soccorro para o fazer. Da
10 nova, & vinda de Manoel de Macedo, ficou sobresaltado Nuno da Cunha, & a grande pressa, por não acontecer algũa desordem, entrou na Fortaleza, & mandou à Christovão de Mẽdoça Capitão della, que de sua parte fosse às casas d'el Rei, & lhe chamasse Raez Xarafo, & que em toda maneira não viesse sem elle; & avendo algum impedimento por parte d'el Rei que secretamente lho avisasse: & para isso mandou com elle o Secretario Simão Ferreira, & algũa gente. Xarafo sòmente per palavra do Secretario se foi com elle, sem nenhũ assombramento, ficando Christovão de Mendoça, & Manoel de
20 Macedo fallando com el Rei. Esta novidade de Manoel de Macedo vir prender Raez Xarafo, procedeo de elle o trazer preso de Ormuz à India, como atras dissemos;* & parece que naquella viagem vèo Xarafo contando à Manoel de Macedo, & confessando culpas alheas, & não as suas. E quando Manoel de Macedo vèo à Portugal o anno M.D.XXVIII. com Pero Mascarenhas, porque elle se achara presente às differenças, que Pero Mascarenhas tivera com Lopo Vàz de Sampaio, chegando às Ilhas Terceiras, foi eleito para vir à el Rei diante das naos, com as novas de ellas alli se-
30 rem chegadas, por ainda a armada, que as avia de ir buscar, não ser lá, & para dar conta à el Rei do estado das cousas da India. Porque tinha elle muitas qualidades para isso, & saber bem as cousas d'aquellas partes, por aver andado muito tempo nellas. E alem disso, tinha hũa soltura em as contar, segundo elle queria, & com ser bom cavalleiro, não tinha no que dezia primor de segredo, nem resguardo da honra alhea; de maneira que por elle ficou el Rei cheo de cousas de Ormuz: & prometteo à S. A. que lhe traria preso à Raez Xarafo, & delle poderia tèr infor-
40 mação de todas as cousas que Capitães cobiçosos tinhão

* Liv. 1. cap. 5.

feito; & lhe deu esperanças que per o mesmo Xarafo podia aver hũa grande soma de dinheiro. Cheio destas informações mandou el Rei à Manoel de Macedo, em Settembro, com grandes poderes, exempto do Governador da India, & do Capitão de Ormuz, à fazer aquella obra, não parecendo à el Rei que Nuno da Cunha neste tempo podia estar em Ormuz. Este favor que Manoel de Macedo levou d'el Rei, como elle era homem solto, & descuberto, & não muito attentado, indo mui encarregado de não revelar o segredo da sua jornada, primeiro que partisse publicou ao que ia. E chegado à Moçambique, soube como Nuno da Cunha ia caminho de Ormuz. D'alli foi fazer sua agoada à Socotorà, & no cabo de Rosalgate, que he na costa de Arabia, deixou o navio escondido, & em hũa terrada da terra se embarcou, & em hum dia, & hũa noute chegou à Ormuz, à vij. de Iunho, & se metteo em casa de hum criado seu, & d'ahi saio à outro dia pela cidade, sem dar conta à Nuno da Cunha, & foi à casa d'el Rei fazer o q̃ acima dissemos. E posto que à muitos pareceo que o Governador o devera castigar, por cõmetter aquelle negocio sem lhe dar conta, deixou o castigo para el Rei lho dar em Portugal, & somente lhe disse algũas palavras de reprehensão.

Entrando Raez Xarafo na Fortaleza, foi mettido em hũa torre,[a] & entregue à Manoel de Macedo, & Nuno da Cunha foi visitar à el Rei cõ sua guarda de alabardeiros, & fidalgos, todos vestidos de festa. El Rei tambẽ se pôs de festa em hũa sala grande alcatificada de riquissimas alcatifas, segũdo o uso dos Reis Mouros da Persia, por esta ser a sua tapeçaria. E tãto que Nuno da Cunha chegou à porta, elle se levantou de hũa cadeira lavrada de madre perola, em que estava assentado, & o vèo tomar à porta. Feitas suas cortesias, ambos mão por mão se forão assentar, el Rei em sua cadeira, & Nuno da Cunha em outra, que para elle estava posta junto d'el Rei. Por festa tinha el Rei hũa cabaia de beatilha mui delgada, por terem ser esta mais nobre veste para os Reis, que se fosse de brocado, & cingido com hum cinto d'ouro, & pedraria, & hum terçado da mesma sorte mui rico, & os dedos cheos de aneis com ricas pedras, na cabeça tinha hum carapução dos da divisa do Xiah Ismael, com hum penacho de pẽnas dos passaros de

[a] A prisão de Raez Xarafo escrevẽ mui particularmente Francisco de Andrade no cap. 50. da 2. parte.

de Maluco, com muitas perolas, os pulsos dos braços, & dos pès, segundo seu uso, tinha cubertos de bracellettes d'ouro, & pedraria, & os pès descalços sobre hum coxim de velludo de Meca. Despois que ambos forão assentados, mandou Nuno da Cunha assentar em hũs bancos que para isso estavão ordenados à Christovão de Mendoça Capitão da Fortaleza, & à seu irmão Simão da Cunha por Capitão mòr do mar, & asi outros fidalgos principaes, segundo suas qualidades. Passadas as primeiras palavras, de se verem hum ao outro, Nuno da Cunha lhe deu as cartas que levava d'el Rei Dom Ioão, perque lhe notificava mandar Nuno da Cunha à aquellas partes por Governador dellas. E asi lhe deu outras que levava Manoel de Macedo, em que lhe fazia à saber, que por comprir à seu serviço, & ao bem d'aquelle Reino de Ormuz, elle mandava vir à Portugal Raez Xarafo seu Guazil. E que alem de Nuno da Cunha, por bem de seu officio, ser à isso obrigado, elle particularmente lhe encomendava as cousas delle Rei de Ormuz, & que tratasse sua pessoa, & o contentasse em tudo como à seu filho, porque teria disso muito prazer: & que com esta confiança, elle Mamud Xiah o podia requerer à Nuno da Cunha, porque elle o faria asi, por seu cõtentamento, bem, paz, & assessego do Reino.

CAPITVLO XI.

Do que Nuno da Cunha passou com el Rei de Ormuz, & como pesadamente aceitou o que lhe deu, & o mandou entregar ao Feitor d'el Rei de Portugal.

LIDAS estas cartas d'el Rei de Portugal pelo Secretario Simão Ferreira, & interpretadas per Francisco Munhoz lingoa, Nuno da Cunha pelos tèrmos dellas, se começou offerecer à el Rei à tudo o que fosse bem, & serviço seu, & lhe pedio não tivesse pejo de lhe dizer, se tinha recebido desprazer, ou escandalo de algũa pessoa, porque elle proveria nisso, como el Rei seu Senhor lhe mandava. E que quanto à vinda de Raez Xarafo à Portugal, o não devia ter por estranho, nem lhe desse sospeita algũa,

algũa, que era em dano, & offensa delle Mamud Xiah, antes era por seu bem, & accrescentamento de seu Estado, & assessego d'aquelle Reino, por tèr el Rei seu Senhor informação quam inquieto, & tyrannizado estava. Com estas palavras de esforço, & consolação, tambem lhe disse, como tinha sabido, que elle matarà à Raez Hamed seu Guazil, & Governador d'aquelle Reino, per autoridade d'el Rei de Portugal seu Senhor, a qual morte não sendo per via judicial, como costumão fazer os Principes, & Reis Christãos, se tem entre elles por cousa mui criminosa, a que são obrigados dar conta, não somente à Deos, mas ao mundo, & à algum Senhor se o ha na terra sobre elles. E por aquella morte ser mui publica, & do que estava o mundo esperando a punição della, elle como Governador da India, que provia em todos os bẽes, & males della, em pessoa d'el Rei seu Senhor, como ministro de sua justiça, avia à elle Rei Mamud Xiah por condẽnado por matador d'aquelle Governador do Reino de Ormuz, que era d'el Rei Dom Ioão seu Senhor; que se elle tivesse algũas causas justas, & manifestas, que as mostrasse, porque diante d'aquelles Capitães, & fidalgos que erão presentes, elle proveria nisso, como compria à bem da justiça, & serviço d'el Rei, polo que sem temor podia dizer o que quisesse. El Rei lhe respondeo, que quanto às offertas que lhe fazia per carta d'el Rei seu Senhor, elle as recebia como de seu Rei, & Senhor, & que quanto à morte de Raez Hamed, elle o matara, porque o quisera matar à elle, & pois tivera tam justa causa, não se lhe devia estranhar defender sua vida, com morte de quem lha queria tirar, & mais sendo seu vassallo, & official, cujo officio era olhar por sua pessoa, & não procurar sua morte, & per suas mãos. Nuno da Cunha por o não afrontar muito, lhe disse, que ello tinha sabido, que ao tempo que Raez Hamed fora morto, não tinha outra arma, mais que hũa faca, que costuma todo homẽ trazer para cortar o Betele,[a] & que elle Rei estava armado, & apercebido, como cousa que fora cuidada, & não accidental. E que por quanto as mortes dos homẽs são para se sobre ellas fazer todo exame, el Rei não ouvesse por mal, proceder nisso cõ devassas, & testemunhas, segundo as leis d'el Rei seu Senhor. Nuno da Cunha, posto que el Rei dizia que elle fora autor desta morte, & que a não fizera constrangido per outrẽ, senão per sua propria vontade, bem

entendeo

a. O Betele à q̃ os Malavares chamão Betre, os Guzarates, & Decanijs Pam, os Malaios Ciri, & os Arabios Tambul; he hũa arvore q̃ arrimada a outras trepa por ellas como a Era, cujas folhas são mais compridas, & ...s estreitas na ponta q̃ as da Larangeira. He o çumo destas folhas aromatico, cordial, confortativo do estomago, resolutivo das ventosidades, restaurativo dos dentes, q̃ se bolem, & faz bõ anhelito. Vsão das folhas do Betele todas as gentes Orientaes, com Areca (que he hum frutto semelhante à Noz noscada) & pouca quantidade de Cal feita de cascas de Ostras, & os ricos lhe mesturão Canfora de Borneo, & algũs Calambac, & Almiscar, ou Ambar. Garcia d'Orta no livro dos simples, & drogas da India.

entendeo nelle, posto que Xarafo estava preso, que temia dizer quem o movera à isso.

Mudada a prattica em outras cousas, querendose Nuno da Cunha despedir, mandou el Rei trazer hum cinto d'ouro, & pedraria, & hum terçado, & adaga da mesma sorte, & algũas peças de brocado, & pãnos ricos de seda, & os deu à Nuno da Cunha, pedindolhe que tomasse aquella pouquidade por seu amor, por não perder o costume dos Reis d'aquellas partes. E porque Nuno da Cunha se escusava cõ boas palavras, elle se
10 ouve por injuriado disso, com que lhe convẽo aceitar as peças. E à todos os fidalgos deu el Rei as suas, segundo as qualidades das pessoas. Com isto se despedirão delle, & à porta achou Nuno da Cuha hum fermoso cavallo sellado, & enfreado, & ornado ao uso dos Persas, que lhe tambem el Rei mandou appresentar, o qual cavallo, & asi todas as outras peças, elle mãdou entregar na Feitoria, & carregar em receita sobre o Feitor, segundo o seu regimento, que era não tomar para si os presentes que lhe dessem.

20 CAPITVLO XII.

Como Nuno da Cunha entendeo na devassa cõtra Raez Xarafo, & do que fez sobre sua vinda à Portugal, & condẽnou à el Rei de Ormuz por a morte de Raez Hamed.

FEITA aquella primeira visitação à el Rei, começou Nuno da Cunha entender nas cousas do governo da terra. E porque Raez Xarafo se avia de vir para este Reino, quis logo
30 entender na devassa que el Rei mandava tirar, para a mandar per Manoel de Macedo, como mandou. E como com esta devassa tambem tirou a da morte de Raez Hamed, em que achou el Rei o matar sem causa justa, sòmente induzido, & por comprazer à outros que isso ordenarão, em modo de sentença o condẽnou em pena de dinheiro, atè a merce d'el Rei de Portugal. A pena foi accrescentarlhe que pagasse mais em cada hum anno de pareas quarenta mil xerafijs, alem dos sesenta que pagava, & a taxação deste accrescentamento ia de cà do Reino por as infor-
40 mações que el Rei tinha de quanto aquelle Reino rendia,

& que tudo o que sobejava das despesas ordinarias qne el Rei tinha, lhe roubavão seus Guazijs. Mas Nuno da Cunha, como prudente, por menos escandalo, quis dar à entender que o fazia per via de pena d'aquelle excesso que el Rei fizera. E isto atè que el Rei seu Senhor provesse nisso, visto como a pena d'aquelle crime de morte per outra via se não podia executar na pessoa d'el Rei de Ormuz: o que elle sofreo por mais não poder, & conhecendo que o excesso merecia muito castigo. O que dos Mouros foi mui louvado, vendo que entre Portugueses avia tanta justiça, que nem os Reis ficavão sem pena dos crimes que cõmettião contra seus vassallos. Alem disto começou de entender nos aggravos que erão feitos à Diogo de Mello de algũas sentenças em que o condẽnarão mal, sendo accusado per Xarafo, o qual tanto que vio Diogo de Mello fora do cargo de Capitão, entre outras cousas justas, demandava outras injustas, com que lhe tinhão tomado muita fazenda. Quando os Mouros virão que Nuno da Cunha administrava justiça, sem respeito de pessoas, & que logo dava a execução os dãnos, & perdas que algum tinha recebido; ousadamente começou cada hum requerer contra aquelles de que tinhão recebido aggravos. Com que Ormuz ficou tam acreditado, que per mar, & per terra corrião as mercadorias mais seguramente, & os moradores ouverão que podião estar seguros de muitos roubos, & offensas que nos annos atras recebião; o que se vio logo no rendimento das alfandegas, & outros dereitos da terra.

El Rei de Ormuz quando vio tanta inteireza, & prudencia de Nuno da Cunha, assi na administração da justiça, como no governo da terra, & que nelle não avia cobiça, tomou ousadia de lhe requerer que lhe fizesse justiça de Raez Xarafo, porque rendendo seu Reino mais de trezentos mil xerafijs, tirados os sesenta mil que pagava de pareas, & que as vezes se ficavão devendo de hum anno para outro, tudo consumia em peitar à quem lhe sofria seus roubos, que o obrigasse à dar razão dos rendimentos do seu Reino. Ao que Nuno da Cunha respondeo, que esta era hũa das principaes causas porque el Rei seu Senhor o mandava ir à Portugal, onde S. A. lhe mandaria dar o castigo que merecesse, & que por Manoel de Macedo podia mandar as queixas que delle tinha; porque elle Nuno da Cunha, não avia de entender em mais que

em

em tirar devassa das cousas d'aquella cidade,& que pertẽciáo aos Capitáes,& officiaes d'el Rei seu Senhor, & castigar aquelles que o merecessem. E quanto às que pertenciáo à elle Rei Mamud Xiah; que tambem as podia requerer contra elle,porque entenderia nellas,sòmente as de Xarafo remettia à el Rei seu Senhor.

E porque Nuno da Cunha(como atras dissemos)mandou ao Guazil de Mascate Xech Raxit,que se viesse logo tras elle, para o negocio da sua conta,de que se el Rei queixava delle,
10 & era chegado à Ormuz,deu Nuno da Cunha conta à el Rei, como fizera vir aquelle homẽ,o qual estava alli para dar razáo de si,que mandasse ajuntar os officiaes que lhe aviáo de tomar conta,para logo o fazer pagar se devesse.El Rei mandou ao seu Tesoureiro Coge Abrahẽ, que estivesse à conta com elle,& vindo cada hum com seus papeis, sendo presente o Secretario Simáo Ferreira, como testemunha, & arbitro das duvidas quando as ouvesse,achousse que Xech Raxit, tinha entregue tudo quanto recebera das rendas d'el Rei, sem ficar devendo cousa algũa,& ouve sua quitaçáo asinada por
20 el Rei nas costas de hum auto,que Nuno da Cunha desta cõta mandou fazer. Vendo el Rei que Nuno da Cunha dava logo a execuçáo,o que justamente lhe requeria,lhe fez queixume do mesmo Coge Abrahem,dizendo,que fora Tesoureiro de dous Reis passados, & tivera toda a fazenda, & joias d'el Rei Torum Xiah que mataráo,de q̃ náo appareceo mais que hum terçado,& hũa cinta, & hũs bracelletes, & hũa adaga, sendo este Rei rico de dinheiro,& joias,por ser muito acquiridor, & conservador do que lhe caia na máo, & que nunca em tempo deste Rei dera conta. Antes que Abrahẽ fizesse al-
30 gũa cousa de si,Nuno da Cunha o mandou prender, sòmente por saber,que sendo filho de hum homẽ muito pobre, & de parentes pobres,& baxos,despois que entrou na alfandega por Escriváo,& servio de Tesoureiro,tinha acquirido muita fazenda,& feitas hũas casas as mais sumptuosas, & nobres da cidade. Coge Abrahẽ como se vio preso, começou de se contratar com el Rei,dizendo, que lhe queria dar vinte mil xerafijs; mas como Nuno da Cunha estava informado da grossura deste Mouro,náo cõsentio nisso,atè que deu à el Rei quarenta mil,com que el Rei pagou dividas que devia,& asi
40 as pareas,& elle ficou sem officio.

Tambẽ lhe pedio el Rei, que lhe mandasse entregar a rẽda da casa das Orracas, que poderia render dous, ou tres mil xerafijs, a qual elle tinha dada contra sua vontade ao Capitão da Fortaleza, por estar ja tanto em costume darẽ os Reis esta renda aos Capitães polos contentar, que fazião elles disto hũa obrigação ordinaria, a qual renda despois que Nuno da Cunha se foi para à India, el Rei tornou à dar ao Capitão, mais por temor, que por vontade. Pediolhe mais el Rei, que lhe tirasse o Guarda mòr que lhe punhão Portugues, porque recebia nisso grandes oppressões, & estava como cattivo, de maneira que não tinha vida, nem podia dar hum passo, que logo não fosse molestado, ou avia de comprar a liberdade por muito, porque nunca cessavão os taes officiaes de tirar delle. Este officio levava de Portugal Manoel de Alburquerque, filho de Lopo de Alburquerque, homem que no que despois fez (como no discurso desta historia se verà) mostrou que por sua cavalleria, & pessoa, era para maiores cousas que para Guarda mòr d'el Rei de Ormuz. E como era homem virtuoso, & bem costumado, & q̃ sabia el Rei era mancebo vicioso, & que entrando elle naquelle cargo, para tèr vida lhe compria consentir usar elle de seus vicios, disse à Nuno da Cunha, que elle não queria tal officio; pelo que avendo Nuno da Cunha respeito à muitas cousas, por entam lhe pareceo escusado aquelle officio, & o satisfez à Manoel de Alburquerque.

Requereo mais el Rei à Nuno da Cunha, que lhe mandasse entregar a Ilha de Baharem, na qual estava avia ja seis, ou sette annos, hum Raez Barbadim, sobrinho de Raez Xarafo, da qual Ilha o mesmo Xarafo lhe tinha dado o Guazilado, & ambos a comião, sem della aver rendimento, antes todos os annos lhe contavão muitas despesas de mantimento, de arroz que ia de Ormuz para mantèr a gente que là estava, sendo certo que rendia cada anno quinze mil xerafijs, assi por razão da pescaria do aljofar que se nella fazia, como da grande novidade que nella avia de tamaras, de que avia carregação para muitas partes.[a] E como isto era cousa de Raez Xarafo apertava el Rei muito à Nuno da Cunha, que lha mandasse entregar, o q̃ para Manoel de Macedo era grãde enfadamẽto, porq̃ tinha promettido à el Rei Dõ Ioão, q̃ elle ordenaria cõ q̃ Xarafo viesse de Ormuz cõ muita riq̃za, polo q̃ man-

[a] *Esta Ilha de Baharem descreve Ioão de Barros na 3 Dec. liv. 6. c. 4.*

mandando Nuno da Cunha, quando prendeo Raez Xarafo,
escreverlhe a fazenda toda, Manoel de Macedo clamou, que
o não escandalizasse, porque compria levalo mimoso, & ao
mesmo Xarafo fazia crèr, que levando bem que peitar tudo
acabaria, de que ja tinha experiencia. E aconselhava à el Rei
de Ormuz, que mandasse o seu terçado à el Rei de Portugal,
porque por elle lhe quitaria el Rei os quarenta mil xerafijs,
que Nuno da Cunha lhe accrescentara. O que Nuno da Cu-
nha disimulou per honesto modo, por não infamar a nação
10 Portuguesa mais do que estava infamada em Ormuz pelas
cousas passadas. Mas Xarafo era tam sabedor, que deu pouco
pelos conselhos que lhe dava Manoel de Macedo, & levou o
que tinha, que era ja bem pouco, por as crestas que lhe davão
à meude, & a maior substancia de sua fazenda era hum pou-
co de patrimonio de palmares, & terras em Baharem, que lhe
grangeava seu sobrinho Raez Barbadim, que podião render
oito, ou dez mil xerafijs, & hũas casas honradas em Ormuz, &
tam pouco movel como devia tèr hum homẽ que se vigia-
va, parecendo à Manoel de Macedo, q̃ trazia elle muitas cou-
20 sas para este Reino. Polo que Nuno da Cunha por algũs in-
convenientes, mandou à Manoel de Macedo saìr de Ormuz,
& que viesse esperar à Raez Xarafo à Mascate.

Alli se embarcarão ambos para este Reino, & porque ao
tempo da partida se descobrirão no navio algũas agoas, que
se abrirão cõ a carga das drogas que lhe metterão, & aos offi-
ciaes pareceo que não podia chegar à Portugal, mandou o
Governador, que fosse Manoel de Macedo à India, & la to-
masse qualquer embarcação que quisesse, pelo que chegado
à Cochij, Afonso Mexia lhe deu outro navio, em q̃ Manoel
30 de Macedo trouxe à Xarafo à este Reino, onde elle esteve al-
gũs annos, sem sua vinda trazer mais frutto que descobrir cul
pas alheas, as quaes Nuno da Cunha per devassa q̃ em Ormuz
tirou per apontamentos que o mesmo Manoel de Macedo
levava, mandou mais na verdade, do que Raez Xarafo podia
dizer, por serem testemunhadas per os principaes Mires, &
pessoas notaveis que el Rei de Ormuz teve. E no fim destes
annos tornou Xarafo à India, como da India à Ormuz,
quando a outra vez foi preso, & servio seu officio, salvan-
dose per as leis da India, como todos os culpados se salvão,
40 quãdo fazem o que elle fazia, porque à natureza dos homẽs,
posto

posto que mudem o Clima, não mudão a inclinação, principalmente em casos de proveito.

CAPITVLO XIII.

Como Belchior de Sousa Tavares foi à Bascorà, & do sitio d'aquella cidade, & da Ilha de Gizaira.

ESTANDO Nuno da Cunha fazendo o que dissemos em Ormuz, chegou de Bascorà Belchior de Sousa Tavares, que o Capitão Christovão de Mendoça tinha là mandado cõ dous bargantijs, & quarenta homẽs de peleja, à requerimento de Ale Mogemez Rei d'aquella cidade, para o ajudar à defender d'el Rei de Gizaira seu vezinho, que lhe fazia guerra. E porque Belchior de Sousa foi o primeiro Capitão, que com mão armada entrou pelos dous rios Tigris, & Eufrates, onde não entrou o poder dos Gregos, & Romanos com seus exercitos, quando contendião com os Reis de Babylonia, & de Persia, não he fora do intento da nossa historia escrevermos da jornada de Belchior de Sousa, em que assentou paz entre estes dous Reis, & despois fez guerra ao de Bascorà, por não comprir com elle o que lhe prometteo. Tã temido era o nome Portugues naquellas partes, que hum Capitão de dous bargantijs, com quarenta homẽs, fez o que adiante veremos; & não na costa de Guinè entre Negros barbaros, mas na mais celebrada terra, de que as escrituras fazem menção, que he nas correntes dos dous illustres rios Eufrates, & Tigris, onde elles dão de beber aos povos Babylonios, & Chaldeos, & onde oje os Mouros tem sua celebre cidade de Bagadad, & as sepulturas de Ali,[a] & de algũs filhos seus, que são a cabeça de sua seita. E para mais clareza do que hemos de dizer, serà necessario trattar primeiro da situação de Bascorà.

Dista esta cidade quasi trinta legoas da barra dos rios Eufrates, & Tigris, quando ambos juntos se mettem no mar Parseo, não ao longo da corrente delles, mas afastada hũa legoa no fim de hum esteiro feito à mão, que para serviço da mesma cidade se abrio, em que podem entrar navios de remo.[b] Esta povoação, segundo se diz, se fundou ha poucos annos,

a. Ali, foi filho de Abiltaleph, com cujo conselho, & ajuda promulgou Mafamade a sua maldita seita, & o casou com sua filha Fatima, & nomeou por successor no Reino & Caliphado, a qual dignidade usurpou como mais poderoso Abubecher outro Conselheiro & companheiro de Mafamade. Foi Ali, V. Calipha, & autor de outra nova seita, que professão os Persas. Teve por contrario à Moavia, com o qual pelejou com varia fortuna E ultimamente per ordem de Moavia foi morto perto de Cufá cidade de Arabia, entrando em hũa mesquita no anno de DC.LX.

b. Tem per tradição os vezinhos de Bascorà, que lhe foi alli prègar a Fè, & converteo muitos o Evangelista S. Ioão.
O Padre Ioão de Lucena, na vida do Padre Francisco Xavier, liv. 1. ca. 13.

annos,& era a tem os Turcos mui forte, cõ temor de nossas armadas. Ptolemeu nas suas Tabóas de Asia; situa naquella parte de Babylonia, ao longo das ribeiras d'aquelles dous rios, duas povoações, à hũa chama Thalatha, & à outra Batracharta,[a] seja qualquer que for, o que podemos affirmar, he, que esta que està em pè, nestes tempos proximos à nos se fundou: & junto della mettida mais no sertão espaço de oito legoas està hũa cidade despovoada, cujo circuito tem andadura de mais de hum dia; & hum Turco natural do Cairo, que se tomou quando Dom Fernando de Noronha ouve vittoria do Capitão dos Turcos, que erão lançados em Bascorà; o qual oje he meu cattivo, homem prudente, & de grande juizo, & memoria, me contou, que o seu Capitão se pusera à cavallo hum dia, & elle em sua companhia, & forão ver esta antiguidade, como em romeria, por estar alli hũa mesquita sumptuosa de Alì, & para verem a grandeza da cidade se subirão em hũa torre, & que não podião sair com a vista fora das casas, & jurava por sua lei, que lhe parecera duas vezes maior que o Cairo. A qual dezia que era toda despovoada, sem aver nella mais que hum Mouro na mesquita, com tres filhos, & tres filhas, que tinha cargo de duas alampadas que ardião nella, sem naquella grande povoação, que não era cercada, aver outro moradot. As casas todas erão terreas de pedra & cal, as pedras mui grandes todas engatadas com ferro, & cobre, o que dezião ser por o tremor da terra, que naquella parte muitas vezes avia: & os telhados (por alli chover raramẽte) erão eirados ladrilhados, & muitas das casas ricamẽte fabricadas, & ladrilhadas cõ azulejos: & q̃ cõtava aquelle Mouro q̃ alli estava, que à aquella cidade chamavão Bascorà a velha. Da grandeza desta cidade andão pela terra contos increiveis. Hum Geographo Parseo escreve, que esta Bascorà a velha foi fundada em tempo de Alì, tio & gẽro de Mafamede, per hum Mouro chamado Atabad, filho de Garvan; & que no tempo de Bibal filho de Abibardaà, avia nella cento & vinte mil esteiros, que se derivavão dos rios Eufrates, & Tigris, por virem ambos alli concorrer. E que sendo tamanha se despovoara, porque a terra era muito salgada, & não tinha agoa que beber, & lhe vinha de mui longe, & os poços que tinha erão mui salobros. E por a terra ser mui calmosa no tempo do verão, que não se podia sofrer o fervor do Sol, & no inverno o rigor do frio, por

a. *Ptolemeu no liv. 5. da sua Geographia cap. 20. poẽ Thalatha em 32. Graos, 10. Min. de altura, & Batracharta em 32. Graos, 40. Min. & Bascorà està em 31. Graos.*

por os ventos que vinhão per aquellas campinas que matavão a gente, & por carecerem de lenha com que ſe aquentar. E que antiguamente quando aquella cidade proſperava, trazião a agoa per vallas do rio Euphrates, as quaes deſpois ſe taparão com as cheas, & agoas do mar no tempo das marès, perque aquelle ſitio ſe vèo todo ſalgar, & aſsi ſe deſpovoou; & que os moradores d'aquella cidade ſe paſſarão hús à Bagadad, & outros à Baſçorà a nova. E porque Ptolemeu afaſtado do rio Euphrates quaſi naquella diſtancia ſitua húa cidade, per nome Beththana, [a] ja pode ſer que foſſe eſta, que ſendo o ſeria reedificada, & povoada por Atabad.

A Ilha de Gizaira fazem os dous famoſos rios Euphrates, & Tigris. Naſce o Euphrates na Turcomania, & o Tigris em Adilbegiam, [b] & fazendo ambos aquelle gram cerco, à que os Geographos chamão Meſopotamia, que quer dizer, terra entre dous rios; quando o Euphrates vem dar na Provincia à que Ptolemeu chama Babylonia, lançaſe do Sul para o Norte, & faz hum agudo cotovello de fronte da cidade Bagadad, per que paſſa o Tigris, & entre hú & outro rio não fica mais eſpaço que ſette legoas, as quaes nas grandes creſcentes delles todas ſe cobrem d'agoa. Deſte cotovello volta Euphrates ao Sul, & rompendo com grande impeto, ſe parte em dous braços, hum ſe vai metter no Tigris, & o outro correndo com o meſmo curſo, alaga toda à terra de Baſçorà, atè ſe juntar com as outras agoas ſuas, & do Tigris em Corna, que he húa Fortaleza que os Turcos fizerão no canto da terra deſte ajuntamento. D'aqui vão ambos os rios em hum corpo atè entrar no mar Parſeo, per duas boccas que fazem húa Ilha, à que os Parſeos chamão Murzique, & Ptolemeu, & Plinio ſituão nella o lugar Teredon: [c] Neſta Ilha vivem algús peſcadores, por ſer toda cuberta de canaveaes, & tam baxa, que eſtão quaſi ſobre a barra deſte rio quando vèm do mar, & não a vèm, nem ſe toma ſe não per Pilotos que eſtão alli perto em outra Ilha chamada Cargue. E porque o Euphrates deſpois que a primeira vez ſe junta com o Tigris, ambos retalhão toda aquella terra. A que he aſsi cercada, & cortada dos rios; chamão os Perſas Gizerà, & os Arabes Leziras, vocabulo que entre muitos outros nos ficou delles do tempo que ſenhorearão Eſpanha. E a principal, & maior dellas, à que os naturaes chamão Vacet, & nos Ilha de Gizaira, que he vezinha de Baſçorà, &

a ultima

a. Em altura de 32. Graos, 52. Min. no livro 5. cap. 20. & na Taboa 4. de Aſia.

b. O rio Euphrates naſce naquella parte da Armenia maior que ſe chama Turcomania, do monte Pariades, do qual tem tambem ſeu naſcimento o rio Araxes. Eſte corre à Levante, & entra no mar Caſpio, & o Euphrates faz ſeu curſo per hum eſpaço à Ponente, donde volta à Meiodia, atraveſſando o nomeado monte Tauro, para ſe ajuntar como Tigris. Antes de paſſar aquelle celebre monte, ſe chamava antigamẽte Pyxirato, & deſpois de paſſado Omira, como eſcreve Plinio no cap. 24. do livro 5. E no capit. 26. do livro 6. diz, que os Aſſyrios lhe chamavão Armalchar, ou mais propriamente Naarmalcha, como lhe chama Am. Marcellino, que ſignifica rio Real, que he o meſmo que Baſilio, nome que pela meſma cauſa lhe dà Ptolemeo na 4. Tab. da Aſia; & por ella conſta ſer hum braço do meſmo Euphrates, q̃ rega a provincia & cidade de Babylonia, pela qual paſſa. O nome Hebreo que tem na ſagrada Eſcritura, he Pharath, que quer dizer Fortificativo: & Ioſepho no cap. 2. do livro 1. das Antiguidades lhe chama Phora, & oje os Armenios Frat, & os Turcos Murat.

O rio Tigris naſce em húa Provincia da Armenia maior, que Ptolemeo chama Gordene, & oje Curdi: o ſeu nome antigo foi Sollax, como affirma Plutarcho o Moço no trattado dos Rios. No ſeu naſcimento ende co... vagaroſamente, ſe chamou Diglito, como eſcreve Plinio no capit. 27. do livro 6. E quando ſe apreſſa, & correm com impeto ſuas agoas, por razão d'elle lhe poſerão os Medos o nome de Tigris, que entre elles quer dizer Setta, & por a meſma cauſa & ſignifição tem na ſagrada Eſcritura o nome de HideKel, que he Siriaco. Diglath lhe chama Ioſepho, & os nomes modernos ſão varios, ſegundo as Provincias per que paſſa: porque lhe chamão Hidecel, Derghele, Sir, & Set.

c. Eſte lugar querem Mercator, & Ortelio que ſeja Baſçorà, em que ſe enganão, porq̃ Teredon ſitua Ptolemeo no meo da Ilha, & Baſçorà não eſtà nella, ſenão trinta legoas das boccas do rio, & fica à mão dereita da ſua corrẽte, & não à eſquerda, como eſtes Autores a poẽ em ſuas Taboas Geographicas.

à ultima que estes rios fazem, onde està a fortaleza de Corna, terà de circuito mais de quarenta legoas, & toda chea de castellos, pola maior parte de madeira, em que cada hum vive sobre si, & de dentro de suas abertas tem sua fazenda, onde ninguem lha vai devassar. Estas povoações, que todas estão pela terra dentro, afastadas d'agoa, mais são para se defenderẽ hũs dos outros, que dos estrangeiros, por elles serem tam bellicosos, que em suas contendas tem que fazer toda a vida. O Rei he pouco obedecido, & por isso quem mais pode tẽ mais 10 justiça no que quer, & não ha outra entre elles. He gente bẽ disposta, & ligeira, não tem uso de cavallos, somente el Rei os tem para sua pessoa; polo que suas guerras são sempre à pè, suas armas principaes são frechas, & asi avia naquella Ilha Gizaira quarẽta mil frecheiros. Antiguamente obedecião todos ao Senhor de Bagadad, mas despois que o Turco começou à contender com o Xiah Ismael, hum Mouro poderoso que alli presidia, naquellas differenças se intitulou por Rei, sobre o qual o Xiah Tamas quisera vir, & sabendo que toda a Ilha era retalhada de esteiros, & que cada vez que querião 20 seus moradores alagavão toda a terra, o deixou de fazer. Este Mouro que se levantou por Rei, que era Pai, do que neste tempo vivia, & contendia com o Senhor de Bascorà, tinha posto de sua mão à este Ale Mogemez, naquelle lugar, como Feitor seu, para lhe recadar os dereitos das cousas que per alli passavão, & elle em quanto aquelle Senhor de Gizaira contendia com o Senhor de Bagadad, fez se forte, & como era Arabio da seita de Mahamed, & inimigo dos da opinião de Alì, que são aquelles de Gizaira, levantandolhe de todo a obediencia se intitulou Rei, como este de Gizaira fez ao Senhor 30 de Bagadad. E com tudo por obediencia pagava este Ale Mogemez ao Rei de Gizaira passado, certas pareas, em sinal de subjeição, & vassallagem. E a causa porque o de Gizaira lhe fazia agora guerra, era, que avendo annos que Ale Mogemez não queria pagar este tributo, alem desta rebellião, lhe mandou matar hum filho andando à caça na terra firme da parte da Arabia, onde elle tinha tomado dous lugares à Ale Mogemez. Polo que por medo d'el Rei de Gizaira, mandou Ale Mogemez pedir ajuda à Christovão de Mendoça. E porque os Capitães de Ormuz tem muita necessidade da amizade do 40 Senhor de Basçorà, & nella tem sempre hum Feitor, que lhes admi-

administra sua fazenda, & ordinariamente cada anno vão d'alli settecentos, & oitocentos cavallos à Ormuz, & d'ahi para à India, q dão muito rendimento à el Rei de Portugal nos dereitos q pagão, favorecẽ muito as cousas d'aquelle Mouro.

CAPITVLO XIII.

Como Belchior de Sousa foi recebido d'el Rei de Basçorà, & foi com elle contra el Rei de Gizara.

AO Tempo que Belchior de Sousa chegou à Basçorà, andava el Rei no campo à caça, & em dous dias que elle tardou, deixouse estar Belchior de Sousa no bargantim meia legoa da cidade, sendo visitado do seu Governador com muito refresco, & fruttas de nossa Europa. Vindo el Rei, mãdou ao seu Governador, & aos principaes de sua casa, q̃ fossem acompanhar à Belchior de Sousa: & elle foi com parte de sua gẽte a mais luzida sem armas, sò dous homẽs levou armados com espadas de ambas as mãos, para dar mostra à el Rei; o qual por lhe fazer honra o estava esperando em hum terreiro grande ante suas casas, q̃ seria de quarenta braças em quadra, com as costas em hũa parede, assentado em hum coxim de seda, sobre hũa alcatifa d'ouro, & junto com elle estava outra de lãa para Belchior de Sousa. De longo das paredes do pateo, era tudo esteirado, em que estavão assentados em cocaras mais de dous mil homẽs. No meio do terreiro andava hum estribeiro d'el Rei encima de hum fermoso cavallo passeando, & dez, ou doze homẽs à pè trazião outros tantos cavallos pela redea, por esta ser a maior honra com que elles recebem os Embaxadores, dandolhe mostra dos cavallos de suas pessoas. Alem destes, andavão outros homẽs à hũa parte do terreiro esgrimindo com lanças de canna, & cosos por estado; & tudo isto era ao som de hũas doçainas ao seu modo, que aos nossos parecerão bem. Iunto d'el Rei estavão sette, ou oito musicos, cantando per livros com vozes acordadas per arte, que foi aos nossos cousa nova; porque os Arabes da nossa Berberia não usão della, o que parece estes de Basçorà aprenderão dos Persas. El Rei assentado naquella almofada, com suas pernas cruzadas, tinha vestida hũa camisa de linho

linho tinta de azul, & sobre ella húa algerevia de láa, & na cabeça húa grande, & não mui delgada touca, sem mais outro arreo, mostrandose mui Arabe no trajo, de que se elles muito prezão. Entrando Belchior de Sousa acõpanhado do Guazil, foi atè onde el Rei estava, o qual saio fora da alcatifa, & o levou pella mão à assentar na que estava posta para elle. Passada a primeira prattica de seus comprimentos, mãdou el Rei chegar para si os dous homẽs que Belchior de Sousa levava armados, & apalpou todas as armas, & chamando à hum seu ar-
10 meiro, lhe perguntou se lhe faria outras d'aquella maneira, porque lhe parecião bem, & pedio à Belchior de Sousa que os mandasse jugar das espadas; o que elles fizerão mui bem, & el Rei folgou muito de os ver.

Despedido Belchior de Sousa d'el Rei, para ir à repousar, ao outro dia o mandou vir per o proprio Guazil, & lhe deu cõta de seus trabalhos & guerra, que avia dez annos que lhe el Rei de Gizaira fazia; & que quanto à morte de seu filho, de q̃ se elle mais sentia, jurava em verdade que elle lho não mandara matar; & que a morte fora per desastre, & não per outra
20 via: que verdade era, que elle mandara aquelle seu Capitão, q̃ trabalhasse de o cattivar, para sobre seu resgate fazer algũa paz. Belchior de Sousa como trazia instrucção do que avia de requerer à el Rei de Basçorà, despois de o consolar em seus trabalhos, & dizer que para lhe valer nelles, o mandarà o Capitão de Ormuz: começou de o culpar em ter consigo Turcos inimigos dos Portugueses, & os recolher, sabendo que nos offendia, & tinha fustas, que ião ao mar de Persia fazer algũas presas em os navios que levavão mantimentos & mercadorias à Ormuz. Vltimamente desta prattica, & de outras cousas
30 que lhe Belchior de Sousa propòs sobre amizades, & boa vezinhança, que com nosco lhe compria tèr em Ormuz, de q̃ tanto bem & proveito recebia: elle Ale Mogemez prometteo, que em satisfação d'aquella ajuda, que lhe vinha dar, lhe entregaria as fustas que tinha, que serião sette, pois dezia descontentarse o Capitão de Ormuz de as elle ter. E que na sua terra não consintiria Rumes, que os que ao presente alli estavão, passada aquella necessidade os despidiria. Mas q̃ o q̃ delle Belchior de Sousa sòmente queria, era fazer com el Rei de Gizaira fosse seu amigo, ou o ajudasse à cobrar duas fortalezas, q̃
40 lhe tinha tomadas na terra da Arabia, ao lõgo do rio Eufrates.

 Con-

Concertando que fossem contra el Rei de Gizaira, se fez prestes o de Başçorà em espaço de quinze dias, & partio com dozentas dalaças, que são hũas barcas grandes ladas, & rasas, em que levou cinco mil homẽs de pè, seiscentos dellos espingardeiros, & as sette fustas mui bem artilhadas, de que a menor levava sette bombardas, en ellas ião cinquoenta Rumes vestidos todos de vermelho, & outros tantos homẽs da terra, dos mais principaes, nas quaes ia el Rei. Per terra ao longo do rio, mandou hum sobrinho seu com atè tres mil homẽs encavalgados em egoas, (porque os cavallos vendem elles para Ormuz) dos quaes os quatrocentos erão acubertados ao modo da Persia; armados com saias de malha, todos mui bem concertados, segundo seu uso. E porq̃ ao longo do rio, vẽtou Noroeste, q̃ sempre alli cursa, se detiverão no caminho tres dias em chegar ao lugar aonde ião, sendo poucas as legoas. Assentando el Rei seu arraial na terra firme da banda da Arabia, de fronte donde el Rei de Gizaira tinha assentado o seu, em que dizẽ que avia doze mil homẽs os mais delles frecheiros, estiverão espaço de nove dias em silencio, sem travarem escaramuça hũs com os outros.

Belchior de Sousa vendo esta dilação, & que nestes dias se não fizera mais que ir dar mostra à el Rei de Gizaira, & esbõbardear pelos àres, apertou com el Rei Ale Mogemez, que não deixasse passar mais tempo, porq̃ se perdia conjunção, ao q̃ elle respondeo, que se não agastasse, & o deixasse fazer: porque elle sabia como as cousas d'aquella terra querião ser tratadas. Atè que hum dia vèo à fusta de Belchior de Sousa, & disselhe, que era necessario escrever elle Belchior de Sousa à el Rei de Gizaira, & que elle daria a forma da carta, para o negocio vir à bom effeito. A carta se escreveo em lingoa Arabiga, & se mandou à el Rei de Gizaira, cuja substancia era, que Belchior de Sousa viera alli per mandado do Capitão de Ormuz, por saber que elle, & el Rei de Başçorà andavão em guerra, sobre as differenças que tinhão. E por ambos serem vezinhos de Ormuz, elle queria usar officio de bom vezinho, & asi mandava à elle Belchior de Sousa para os metter em paz, & amizade, & que aquelle que a recusasse o tivesse por inimigo, & lhe fizesse o mal, & dano que pudesse, & à todos seus naturaes; & q̃ para esta paz se effettuar trouxera logo consigo à el Rei de Başçorà, o qual era contente de estar

estar por o que elle Belchior de Sousa nisso fizesse, tendo informação do caso. Mandada esta carta per hum Mouro mercador, vèo logo a resposta della, em que dezia el Rei de Gizaira, que pois elle era o offendido, que razão fora de ir primeiro fallar com elle, que com Ale Mogemez, que o poderia informar como convinha à seu proposito. Porem por elle ser o primeiro Portugues que fora à aquelle seu Reino, & tal pessoa, & tambem por ser aquelle o primeiro requerimento do Capitão de Ormuz, com quem desejava tèr amizade, elle era cõtente de fazer paz com Ale Mogemez, & que para isso mandaria logo dous criados seus para a assentarem, & que tudo o que fizessem, elle a asinaria.

CAPITVLO XV.

Como Belchior de Sousa asentou pazes entre os Reis de Basçorà, & de Gizaira, & como do de Basçorà vèo desavindo por lhe faltar da promessa que lhe fez.

NO fim de quatro, ou cinquo dias q̃ os procuradores d'el Rei de Gizaira estiverão com el Rei de Basçorà, assentarão com elle pazes, cõ estas condições: Que el Rei de Gizaira entregasse ao de Basçorà as duas fortalezas, q̃ lhe tinha tomadas na terra firme, & por ellas lhe daria logo o de Basçora cinquo mil cruzados, & cinquoenta covados de velludo preto, & doze cavallos, & q̃ cada anno lhe pagasse o tributo que lhe soia pagar. E porq̃ Belchior de Sousa quãdo soube do concerto da paz, disse à el Rei de Basçorà, q̃ elle não viera alli para fazer pazes per tãto preço, senão francamente, & cõ honra sua, & se mostrava disso descontente. El Rei de Basçorà se agastava, como quẽ desejava verse seguro no Reino q̃ usurpara, & pedia à Belchior de Sousa cõ grande encarecimẽto se contentasse, porq̃ o partido lhe vinha muito bẽ, & nũca cuidara q̃ el Rei de Gizaira viesse à cõcerto cõ elle. E porq̃ sabia q̃ el Rei de Gizaira aguardava q̃ elle Belchior de Sousa lhe mãdasse os agradescimẽtos do q̃ fizera, lhe pedia lhe desse hum Portugues para ir cõ os seus, q̃ avia de mãdar à asinar o que tinhão assentado, pelo que Belchior de Sousa, mandou à hum Gaspar do Casal, cõ o sobrinho d'el Rei de Basçorà, q̃ foi à esse negocio.

Acabadas de cõfirmar estas pazes, & el Rei Ale Mogemez posto em sua casa, determinouse em não cõprir a promessa q̃

fizera à Belchior de Sousa de lhe dar as fustas q̃ tinha,& temẽdo q̃ lhas tomasse per força, quãdo lhas negasse, mãdou as met ter pelos esteiros, em parte onde os Portugueses não podessem ir, nẽ Belchior de Sousa soube parte dellas; & requerẽdo à el Rei q̃ cõprisse com elle, escusavase, dizendo, ser cousa mui afrontosa para elle dar suas fustas, q̃ lhe daria em lugar dellas mil xerafijs, q̃ podião valer. Belchior de Sousa vẽdo q̃ per nenhũ modo lhaspodia tirar da mão, dissimuladamẽte mãdou recolher hũ Fernão Mendez, q̃ lá estava feitorizando fazẽda do Capitão de Ormuz, & assi outros Portugueses, & como os teve cõsigo, saiose fora do esteiro da cidade, & véose ao rio, onde tomou hũa dalaça, & sem fazer nojo à gẽte, per hũ dos marinheiros della, mãdou dizer à el Rei, q̃ pois lhe quebrava sua palavra, & lhe não cõpria a promessa, elle lhe avia por quebrada a paz q̃ tinha cõ Ormuz, & q̃ mãdasse guardar sua terra, por q̃ lhe avia de fazer quãto mal & dáno podessẽ. Denũciada esta inimizade, sem lhe el Rei mãdar resposta, vèose pelo rio abaxo, & deu em hũ lugar q̃ seria de trezẽtos vezinhos, em q̃ averia cinquoẽta de cavallo, os quaes vierão receber aos nossos à praia, mas como elles virão tres, ou quatro derribados, recolherãose ao lugar entre a gẽte de pè. E como a tẽção de Belchior de Sousa era queimar este lugar, foi dar ainda nelles, onde tãbẽ derribou cõ as espingardas cinco, ou seis, cõ q̃ o lugar foi despejado, & cõ bõbas de fogo o mãdou queimar, por se não derramar a gẽte, sendo os q̃ sò tinha cõsigo trinta & cinco homẽs, q̃ os mais ficavão nos bargantijs. Queimado este lugar, passouse da bãda da Persia, & foi dar em outro de cem vezinhos, que tambem queimou. O que feito, tornou dar vista à Basçorà, & andou na bocca do seu esteiro tres, ou quatro dias, por não dizerem os Mouros que fugia às suas fustas que podião mandar sobre elle armadas com os Turcos.

E vendo q̃ isto bastava, & q̃ não tinha ja polvora para alli andar mais tẽpo, partiose via de Ormuz ao longo da costa de Persia, por dar hũa vista à villa de Rexet, q̃ seria de dous mil vezinhos, cercada de muros de pedra & cal, & de casas mui nobres, como na Persia costumão. O Senhor q̃ entam era desta terra, avia pouco, q̃ por ser Senhor della, não esperando o q̃ o tempo lhe poderia dar, matara à seu pai às frechadas. Com este concertou Belchior de Sousa em odio d'el Rei de Basçorà, que d'alli mandasse os cavallos à Ormuz, que ião per via de

Basçorà,

Basçorà,porque lhos tomarião là de melhor vontade: o que elle aceitou por o muito proveito q̃ d'ahi lhe vinha, & aquelle anno forão per sua ordem mais de trezentos cavallos à Ormuz. Mas isto durou pouco,porque dous irmãos deste parricida,à que elle quisera matar como à seu pai, o matarão à elle às punhaladas,per juizo de Deos,que he justiça universal de todas as gentes.

CAPITVLO XVI.

Como Belchior de Sousa vèo à Ormuz, & provendoo o Governador da Capitania mòr do mar, o mandou à Baharem, & do que là fez.

EM chegãdo Belchior de Sousa à Ormuz, deu razão à Nuno da Cunha do q̃ deixava feito, do q̃ elle ficou mui contente, por ver quã bẽ compria, o q̃ lhe Christovão de Mendoça mãdara, & assi por aq̃lle serviço, como por as qualidades de Belchior de Sousa, o fez Capitão mòr do mar de Ormuz. Desta Capitania ia do Reino provido por elRei Manoel de Sousa, filho de Gonçalo de Sousa de Evora, q̃ estava alli cõ Nuno da Cunha, & elle a renunciou em suas mãos, para della prover à quẽ lhe parecesse. Porq̃ como esperavão de ir aq̃lle anno sobre a cidade de Dio, & elle era homẽ de maiores pẽsamentos, que de ser Capitão mòr do mar de Ormuz, quis aventura do que o Governador lhe podia là fazer, & a honra que esperava ganhar naquella empresa, antes que ficar alli. Parece que o chamava o lugar, & a hora em que avia de acabar, como despois acabou na mesma cidade de Dio, com tanta sua honra, como veremos em seu lugar.

Nuno da Cunha por comprir o requerimento d'el Rei de Ormuz, que era darlhe a posse da Ilha de Baharem, determinou de mandar là Belchior de Sousa, com quatro bargantijs, & algũa gente à prender Raez Barbadim, & deixar por Guazil naquella fortaleza, per ordem d'el Rei de Ormuz, hum Mouro chamado Mir Aberus, por ser pessoa de que elle confiava. A ordem que levava para o poder fazer, era chegar ao porto de Baharem, com fama que tornava à Basçorà fazer guerra à el Rei, por o que tinha passado com elle, & alli fingir estar mal deposto, & mãdar chamar da parte d'el

Rei, & de Nuno da Cunha à Raez Barbadim, que lhe queria dizer algũas cousas da sua parte, que lhe pedia pois elle com sua doença não podia sair em terra; que lhe quisesse alli vir fallar. Chegado Belchior de Sousa à Baharem, foi logo mandado visitar per Raez Barbadim com refresco de carneiros, & fruttas; ao que elle respondeo com agradescimentos, & que muito mais folgara de os ir comer em terra com elle, mas por vir doente o não fazia. E que por elle trazer recados para elle d'el Rei de Ormuz, & do Governador da India Nuno da Cunha; & serem cousas q̃ se não podião cõmunicar per terceira 10 pessoa, lhe pedia viesse ao bargantim, para lhos dar. Raez Barbadim como ja estava avisado de tudo o que passava em Ormuz, respondeo à este recado, q̃ não curasse de artefícios com elle, q̃ fallasse claro, q̃ bem sabia ao q̃ era vindo, q̃ se trazia cõsigo Mir Aberuz, q̃ o mandasse sair em terra, q̃ elle lhe entregaria a fortaleza. Belchior de Sousa quãdo nestas palavras, & em outras claramente entendeo q̃ elle era sabedor da causa da sua vinda, mandou vir Mir Aberuz, q̃ estava em outro bargãtim, & cõ elle Ioão Pessoa, & Antonio Diaz, ambos criados d'el Rei, per os quaes mandou hũa carta de Nuno da Cunha à 20 Raez Barbadim, em q̃ lhe dezia, q̃ el Rei Dõ Ioão seu Senhor mandara ir Raez Xarafo à Portugal, para delle saber algũas cousas de seu serviço, & bem, & assessego d'aquelle Reino de Ormuz. E sabẽdo o parẽtesco, & razão q̃ ambos tinhão, avia por bẽ q̃ elle Raez Barbadim ficasse em Ormuz cõ el Rei por seu Governador, em quanto Raez Xarafo andasse em Portugal. E q̃ para se poder vir cõ Belchior de Sousa entregasse a fortaleza à Mir Aberuz; pedindolhe elle Belchior de Sousa por razão de hũ regimento q̃ levava do Governador Nuno da Cunha, & asi d'el Rei de Ormuz q̃ se viesse embarcar cõ elle, & 30 não o querẽdo fazer, o avia por traidor, & levãtado, & quãtos estavão cõ elle, se lhe obedecessem. Ao q̃ respõdeo Barbadim, q̃ elle via seu cunhado preso, & levado à Portugal, & por tãto não ousava entregar sua pessoa em poder alheo, & muito menos dos q̃ querião mal à seu cunhado. E quãto ao despejar da fortaleza, q̃ se fosse elle Belchior de Sousa em boa hora, & lhe despejasse o porto, para elle livremẽte se passar à viver à bãda de alẽ da Persia, q̃ à Ormuz nũca o Deos levasse, pois nelle tudo erão revoltas, & inquietações. Belchior de Sousa posto q̃ o segurava destes receos, nũca o pode trazer à cõclusão, sòmẽte 40 dezia,

dezia, que se o avião por dizer que devia dinheiro à el Rei, sem embargo de não ser assi, por viver em paz, & sem sobresaltos, daria à el Rei trinta mil xerafijs. Despois que Belchior de Sousa provou todos os meios sem frutto, escreveo à Nuno da Cunha o que passava, & que Raez Barbadim estava posto em se defender, porque tinha consigo oitocentos homẽs Parseos em hũa fortaleza, que do mar lhe parecia mui bem, que lhe enviava Ioão Pessoa, & Antonio Diaz, que elle per vezes là mandara com recados, os quaes lhe poderião dar larga relação de tudo, porque o virão, & tratarão: & que elle se deixara ficar naquelle porto, defendendo o soccorro de mantimentos, & gente da costa de Persia, donde se elle provia, & que os pescadores não fossem pescar, que se lhe bem parecesse, mandasse mais gente, & as munições necessarias, que elle cõmetteria a fortaleza. A esta carta respondeo logo Nuno da Cunha per Ioão Pessoa, dandolhe as graças do que fizera, & encomendandollie que defendesse a entrada d'aquelle porto, como fazia, porque atras isto lhe iria recado do que se avia de fazer.

Posto este caso em conselho, & dadas muitas razões, por diversos respeitos, forão todos de parecer, que para aquella empresa se avia mester muita gente, pelo que ordenou Nuno da Cunha, que seu irmão Simão da Cunha, que avia de servir de Capitão mòr do mar da India fizesse aquella jornada; para ella lhe mandou Nuno da Cunha fazer prestes oito vellas, com quatrocentos homẽs, de que erão Capitães Dom Fernando Deça, Dom Francisco Deça, Aleixo de Sousa Chichorro, Lopo de Mesquita, Manoel de Alburquerque, Francisco de Mendoça, & Tristão de Taide, & mais algũas terradas d'el Rei de Ormuz, em que ia gente para serviço, mais que para pelejar.

* * *

CAPITVLO XVII.

Como Nuno da Cunha se partio para a India com a gente que tinha consigo em Ormuz da sua armada, & de algũas cousas que deixou feitas para quietação do Reino.

ESPOIS da partida de Simão da Cunha para a Ilha de Baharem, que foi aos viij. dias de Settembro, quando se celebra o nascimento de N. Senhora, começou Nuno da Cunha entender em sua viagem para a India. E porq̃ temia q̃ por el Rei de Ormuz ser moço, & inclinado à vicios, & q̃ despois de elle partido, como ja ficava mais senhor de si, podia cõmetter algũas cousas contra o serviço d'el Rei de Portugal, determinou de o refrear, & tirarlhe antes que partisse algũas occasiões. A primeira foi, que por elle tèr hũ seu irmão preso, dizendo que o quisera matar, não o quis deixar em seu poder, mas por boas razões o mandou levar à Fortaleza, & o entregou ao Capitão Christovão de Mendoça com guarda nelle; porque com este moço em nosso poder, temesse el Rei, que fazendo algũa cousa que não devesse, o poderião os Portugueses levantar por Rei, por ser moço bem inclinado, & nosso amigo. Tambẽ mandou desterrar de Ormuz hũ irmão de Raez Barbadim, homẽ que era perjudicial na cidade. Assi mesmo lhe tirou de casa outro sobrinho de Raez Xarafo, que lhe servia de Guarda mòr, à que el Rei era inclinado por lhe consentir em algũas desordẽs, & deixar cũprir seus appetites. E posto q̃ elle cõsentio perder a conversação deste homẽ, era ja tamanho o odio que tinha às cousas de Raez Xarafo, que o sofreo bem. Vltimamente Nuno da Cunha não deixou em Ormuz homẽ, de que se pudesse presumir q̃ aconselharia à el Rei algũa maldade. Por Guazil lhe deixou aquelle fiel & leal à nossas cousas Xech Raxit, que estava em Mascate, cousa q̃ os Mires, que são os fidalgos d'el Rei sofrerão mal, por ser Arabio, à que os Persas não tem boa vontade. E posto que el Rei pôs esse inconveniente à Nuno da Cunha, movido per algũas pessoas que disso se descõtentavão, toda via como em Ormuz não avia homẽ de tanta qualidade como aquelle, &

10 20 30 40

os

& os que avia todos erão parentes,& chegados à Raez Xarafo,que era gente ſoſpeitoſa, ouve Nuno da Cunha por mais ſeguro ficar Xech Raxit por Guazil. E porque o officio era tam cobiçado,& o maior que Raxit podia deſejar,elle o não queria aceitar,& fallou niſſo à Nuno da Cunha em ſegredo, dizendo, que o pejo que tinha à ſervir aquelle cargo era tèr elle morto Raez Delamixà,irmão de Raez Xarafo, pela maneira que elle ſabia,por ſervir niſſo à el Rei de Portugal, & q̃ ficando naquelle cargo tam honrado,& envejado entre os parentes de Xarafo,ſempre avião de embicar nelle,como gente magoada,que elle queria antes hum repouſo, que vida tam temida. Nuno da Cunha viſtas as razões de Xech Raxit,& q̃ não erão fingidas,o ouve por homẽ para muito, & digno de maiores cargos,& não lhe aceitando as eſcuſas, com grande ſolẽnidade o entregou à el Rei,dandolhe juramento, que bẽ, & verdadeiramente ſerviſſe aquelle officio, & foſſe leal à el Rei. Deſte modo de entrega ficou el Rei contẽte, & d'ahi em diante não deu cargo algum ſem aquelle juramento. E logo mandou vir hũa cabaia de brocado,& ſeu carapução,& fota à ſeu uſo,que he o trajo dos Reis, & Governadores d'aquellas partes,com que veſtio à Xech Raxit, como em poſſe, & inveſtidura do officio de q̃ folgava de o encarregar. Vẽdo el Rei quãtas couſas Nuno da Cunha fizera em tã pouco tẽpo, & q̃ todas erão em proveito do Reino,& q̃ o tratava como à filho,& ſem nenhũa moſtra de cobiça,hum dia eſtãdo ja em veſporas de partida, lhe metteo na mão hum fio de perolas, pedindolhe que por amor delle o tomaſſe. Nuno da Cunha o tomou por o não eſcandalizar,& porẽ elle as mandou à Portugal à el Rei per Manoel de Macedo.

Acabadas eſtas couſas,à xv. de Settembro ſe partio de Ormuz,& d'ahi vèo tèr à Maſcate, onde tinha deixado as naos que atras diſſemos. De Maſcate partio com aquellas vellas, de que ião per Capitães Antonio da Silveira de Meneſes, que viera de Moçambique, deixando de ſervir a Capitania de Sofala, por ſe vir a India com elle por ſerem cunhados,& Dom Fernando de Lima, Antonio de Lemos, & Luis de Andrade,com a qual frotta com tempos contrarios, não podẽdo tomar Chaul,foi tèr jũto de Dabul, onde achou Fernão Martĩz Evangelho, que o andava alli eſperãdo com hũa galeotta,& quatro bargantĳs que fizera à ſua cuſta para

ſervir

servir el Rei. Cõ esta cõpanhia chegou Nuno da Cunha à barra de Goa, à xxij. dias de Outubro, onde logo vierão à elle Frãcisco de Sà, Lopo de Azevedo, & outros fidalgos, per os quaes soube como Lopo Vàz de Sãpaio estava em Cananor fazendose prestes para se vir ao Reino, & levara d'ahi consigo Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mòr do mar, com toda a armada que trazia para andar na costa do Malavar. E que do Reino erão vindas quatro naos[a] da carreira de que viera por Capitão mòr Diogo da Silveira, filho de Martim da Silveira, cunhado delle Nuno da Cunha, irmão de D. Maria da Cunha sua primeira molher. Das outras tres naos erão Capitães Enrique Moniz, Rui Gomez da Gràm, & Rui Mendez de Mesquita, & asi soube como Eitor da Silveira estava em Chaul, onde invernara. Nuno da Cunha antes que desembarcasse, per navios de remo proveo logo no que cõpria. A Diogo da Silveira escreveo que se viesse à elle com as cartas que d'el Rei trazia. A Lopo Vàz de Sampaio, que lhe mandasse o galeão S. Dinis, para ir nelle, porque em Goa não faria detença por ser ja tarde. A Antonio de Miranda mandou que trouxesse toda a armada; & o mesmo escreveo à Eitor da Silveira, deixando sômente a ordenada da fortaleza de Chaul. Despedidos estes recados, ao outro dia, quãtos navios de remo avia na cidade se vierão à elle, que ia na galeotta de Fernão Martiz Evangelho. A festa do mar foi grande d'artelharia, musica, & bandeiras, & com este apparato, & estrondo chegou às portas da cidade, que estavão cerradas, & se abrirão, sendo presente Dom Ioão Deça Capitão da cidade, & os Vereadores, & officiaes della; os quaes lhe appresentarão seus privilegios dados por el Rei Dõ Manoel, & confirmados por el Rei Dom Ioão, pedindolhe jurasse de os comprir, & guardar, o q̃ Nuno da Cunha jurando, segundo costume, lhe forão entregues as chaves das portas da cidade per Dõ Ioão Deça, à quem as elle logo entregou. E mettido debaxo de hum palleo de brocado, foi levado por os mais principaes officiaes da cidade, & per o Vigairo cõ toda a clerezia em procissão à See; com o canto de Te Deum laudamus, com tanta solemnidade como se podera fazer à pessoa d'el Rei. Feita sua oração, se foi aposentar às casas do Sabaio, por ser o aposento dos Governadores. Passados cinquo dias de sua chegada à Goa, chegou Antonio de Saldanha de Cochij, sem saber da vinda de Nuno da Cunha.

Frotta da India do anno de M.D.XXIX.

a. Estas quatro naos chegarão à barra de Goa dia de S. Bartholomeu. Enrique Moniz Capitão de hũa dellas morreo no mar. Levava consigo dous filhos de pouca idade, Aires Moniz, & Antonio Moniz Barreto, que despois foi Governador da India. Diogo do Couto Dec. 4 liv. 6. cap. 6.

E porque

E porque de Mombaça (como atras dissemos) tinha Nuno da Cunha escritto à Lopo Vàz de Sampaio, & à Afonso Mexia, que lhe tivessem feitos grandes apercebimentos para a ida de Dio,[a] de que não achou cousa que lhe desse esperança para aquelle anno poder lá ir, fallou sobre isso cõ Antonio de Saldanha, por vir de Cochij, onde algũas cousas d'aquellas se apercebião, & cõ algũs Capitães, & pessoas notaveis, & officiaes de Goa, & assentou que se devia elle partir para Cochij, assi à isso, como à dar ordem à carga das naos q̃ avião de partir para o Reino. E antes q̃ partisse chegou Diogo da Silveira cõ as cartas que lhe el Rei escrevia, nas quaes lhe dezia, que se o negocio de Dio não era acabado, lhe tornava à encõmendar, que o não cõmettesse senão mui provido de tudo, para q̃ por falta de algũa cousa, se não deixasse de acabar, com todo o resguardo, & segurança da gente. Com esta lembrança que el Rei fez, se pôs em mais duvida de ir aquelle anno, & com este pensamento se partio para Cochij.

a. Lopo Vàz de Sãpaio tinha aprestado hũa armada para Nuno da Cunha, de catorze galeões, oito galès, dez galeottas, seis caravellas, dozentas fustas, & bergantijs; dos quaes navios elle fez de novo nò tempo do seu governo seis galeões, hũa taforea de quinhentos toneis, seis galès, oito galeottas, quatro caravellas, cinquoenta bargantijs, & fustas q̃ se fizerão dos paraòs que se tomarão aos Malavares nas armadas que se lhe desbaratarão.
Francisco de Andrade part. 2. c. 46.

CAPITVLO. XVIII.

Do que Simão da Cunha passou em a Ilha de Baharem, & despois de a combatter se recolheo por a doença geral que vèo à todos.

SIMÃO da Cunha partindo (como atras dissemos) de Ormuz, à viij. dias de Settembro, para ir à Ilha de Baharem, por razão dos tempos contrarios, chegou à vinte do mesmo mes, sendo o caminho no mais que de cento & vinte legoas; & antes de chegar ao porto se vèo à elle Belchior de Sousa, que o andava guardando, para Raez Barbadim se não prover de gente da Persia: posto q̃ em quarenta dias que alli andou, atè Simão da Cunha chegar, Raez Barbadim recolheo, alem dos que ja d'antes tinha, seiscentos homẽs, que lhe entrarão per outros portos que a Ilha tem. A fortaleza em que Barbadim estava, era situada em hum teso sobre o porto, o qual tinha por abrigo hũa Ilheta pequena, em que se recolhião pescadores. No circuito desta fortaleza avia dezasette cubellos com sua cerca de pedra & cal, & barbacãa, & per tudo suas ameas, & setteiras, & hũa torre de homenagem mui fermosa; & em

& em hum dos cubellos estava a porta da entrada da torre mui bem requestada. A barbacãa era torneada de húa grande cava, com sua ponte levadiza. E porque em modo de arrabalde avião neste circuito algũas casas de gente pobre, Raez Barbadim as mandou derribar, & queimar, antes que Simão da Cunha viesse, como homem que esperava tèr cerco: & estava tam determinado de se defender, que atè hús Arabios principaes, com suas molheres & filhos, dos quaes se temia por as tyrannias que lhes fazia, recolheo consigo, receando que se levantassem contra elle com a outra gente cómum, & estando dentro os tinha em modo de refées. E tanto que Simão da Cunha surgio, o Barbadim mãdou arvorar na torre da homenagem, húa bandeira vermelha,[a] que não era sinal de paz; & sem embargo disso, mandou logo visitar Simão da Cunha com carneiros, & refresco da terra, & dizerlhe, que sua vinda fosse boa, que elle era vassallo d'el Rei de Portugal, & d'el Rei de Ormuz, & que como tal, que era o que mandava delle? que lhe pedia que mandasse là à pratticar com elle húa pessoa de qualidade, porque elle faria tudo o que fosse razão. Simão da Cunha lhe mandou os agradescimentos de sua visitação, & q̃ para là mandar húa pessoa tal como pedia, era necessario, que mandasse elle outra que ficasse em reféen; & que prazeria à Deos que tudo se acabaria bem, como se confiava de pessoa tam leal como elle era. Simão da Cunha deteve se aquelle dia, esperando que Raez Barbadim lhe mandasse a resposta pelo seu visitador, & vendo que não vinha, nem recado seu, desembarcou ao dia seguinte, com duas peças d'artelharia grossas, que entregou à Francisco de Mendoça, com todos os bombardeiros. Na avanguarda ião Belchior de Sousa, & Tristão de Taide, com oitenta homés, & elle com a bandeira Real levava toda a mais gente, deixando boa guarda nos navios. Com esta ordem se passou da outra banda da fortaleza, por lhe dizerem que per aquella parte erão os muros mais fracos para lhe darem bateria.

Tinha Simão da Cunha em sua companhia dous Mouros honrados, hum delles era Arabio de nação, chamado Barnegaez, & Xeque de muita gente, à quem este Raez Barbadim tinha desterrado de Baharem; & sabendo como Nuno da Cunha mandava sobre elle, vèose à Ormuz com algũa gente, pedindolhe por merce, que para se vingar da offensa que tinha recebido

a. A primeira bandeira que Barbadim arvorou na fortaleza, foi branca, & como refresco mandou dizer à Simão da Cunha, que elle se fizera forte naquelle castello por causa da prisão de seu cunhado Raez Xarafo: mas ja que el Rei de Portugal o mandara fazer, que elle, como vassallo leal, queria estar à obediencia do seu Gouernador da India, q̃ se elle Capitão mòr queria aquella fortaleza, elle lha largaria livremente, & se iria com sua molher & familia para outra parte. Simão da Cunha, como prudente, quisera aceitar o offerecimento, porem os Capitães & fidalgos, levados da cobiça da fazenda de Barbadim, o contrariarão: o qual vendo que se lhe engeitara o partido, quo elle não movia de medo, pòs a bandeira vermelha, & se defendeo: & continuando o cerco, mandou dizer à Simão da Cunha, q̃ lhe aconselhava que se fosse d'aquella terra, porque era chegada a monção das febres, de que todos avião de [illegible] & morrer. E despois quando com muito trabalho se embarcou a gente, & a artelharia, lhe mandou outro recado, que se embarcasse em bora, & muito à sua vontade, porque lhe não daria nenhũ estorvo. E assi por se não aceitar o offerecimento de Barbadim, & por falta de polvora, foi tam desgraciado o successo desta empresa.

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 102. do livro 7. Diego do Couto cap. 4. livro 6. & Francisco de Andrade cap. 51. da 2. parte.

recebido d'aquelle tyranno, lhe desse licença q̃ elle se fosse pa
ra Simão da Cunha. O Governador lha concedeo, & lhe deu
as graças do offerecimento, fazendolhe por isso honra, por-
que alem deste odio, era muito amigo dos Portugueses, & sen
do Simão da Cunha partido avia tres, ou quatro dias diante,
tanta pressa se deu, que estava ja com elle antes que saisse em
terra. O outro Mouro era hũ Capitão de nação Baluche. Este
estando na fortaleza com cem homẽs à soldo d'el Rei de Or-
muz, quando vio q̃ Raez Barbadim não se queria entregar
10 per mandado d'el Rei, saiose da fortaleza dizendo, q̃ não era
elle homẽ q̃ avia de ser traidor ao Principe de q̃ recebia soldo,
& passouse à Ilheta q̃ està de fronte da fortaleza, onde esteve
cõ favor de Belchior de Sousa atè a chegada de nossa armada.

Simão da Cunha por o recado q̃ Raez Barbadim lhe man
dara, ainda com elle quis usar de mais cortesia, para ver se po
dia levalo per modo de concerto, & asi mãdou lançar hũ pre
gão sob graves penas, q̃ ninguẽ tirasse à fortaleza cõ setta, ou
espingarda, nem mostrasse em algum auto q̃ a queria offen-
der. Mas quando vio q̃ na sua desembarcação tirarão da forta
20 leza tiros de bõbardas, & de espingardas, com que lhe ferirão
dous homẽs, entendeo q̃ era necessario respõderlhes ao mes-
mo tom: & logo mandou à grande pressa desembarcar mais
cinco tiros grossos, com que se começou à bater a fortaleza,
& se continuou tres dias, & querendo proseguir a bateria, &
mudala à outra parte onde o muro era mais fraco, achouse
sem polvora, de que ficou em estremo sentido, por tèr muita
obra feita cõ ella, & se outra tanta tivera, fora entrada a forta
leza. Neste mesmo tẽpo tinha elle mandado fazer escadas de
mastos & vergas de navios, q̃ Belchior de Sousa alli tinha to-
30 mado; porq̃ de Ormuz partio sem este apercebimẽto, q̃ tam
pouco era de effeito, faltãdo à polvora para despejar o muro
quãdo a gẽte subisse per ellas. Determinou porẽ de entrar per
aquelle rõpimento do muro, & para o poder fazer com a gen
te da terra, & Mouros q̃ ajudavão, mãdou entulhar a cava de
palmeiras, & terra, na qual obra lhe frecharão de cima do mu
ro muita gẽte, em q̃ entrarão estes fidalgos Belchior de Sousa
Tavares, Frãcisco de Mẽdoça, Martim de Freitas, Frãcisco Go
mez Pinheiro, Antonio de Noronha, & outros homẽs honra
dos, & criados d'el Rei, porq̃ dẽtro da fortaleza Raez Barbadĩ
40 tinha mais de seiscẽtos frecheiros Persas, & algũs espingardei

tos,

ros, & sua artelharia posta no muro nos lugares de sospeita. De maneira q̃ entrar a escala vista per cima da cava, sem ter com que despejar o muro, era matar toda aquella gente, de q̃ a maior parte erão homẽs nobres, que nestes casos são os primeiros. Finalmente posto o caso em conselho com os Capitães, & pessoas principaes, foi assentado, que o cerco se continuasse, & que à gram pressa mandassem à Ormuz buscar polvora para acabar aquella empresa. Quãdo a polvora chegou, em dezaseis dias que Álvaro Sardinha pôs em ir, & vir à força de remo em hũa terrada, não servio; porque naquelles dous meses de Settembro, & Outubro são os ares d'aquella Ilha tã pestilenciaes, q̃ os proprios moradores naturaes se saem della; & assi em tres dias adoecerão dozentos homẽs, & vinha a febre tam furiosa, que não dava muito espaço ao enfermo, & erão mortos cem homẽs, & os mais doentes. E aconteceo q̃ dando o mal à hum homem que tinha vestida hũa saia de malha, despindoa subitamente caio morto. Toda via vindo a polvora Simão da Cunha mandou bater a fortaleza, & derribou hum bom lanço do muro; mas a gente estava tal, que nem cõ paz avia quem tomasse posse da fortaleza quando se lhe entregara, quanto mais avendo quem tanto a defendia cõ polvora, & frechas, porque em pè não avia sesenta homẽs Portuguezes, & dozentos frecheiros Persas, que andavão todos com as forças tã relaxadas, que se não podião tèr nas pernas. Pelo que determinou Simão da Cunha de se recolher, & assi o fez de noute, & por encobrir seus trabalhos, com muitas folias, & tangeres, fez recolher toda a artelharia, & a mais da gẽte por os Mouros o não sentirẽ, & elle se embarcou de dia cõ Belchior de Sousa, Martim de Freitas, Tristão de Taide, & outros que forão os derradeiros, q̃ ainda andavão em pè; & neste recolhimento lhe fez honra Raez Barbadim, em os deixar embarcar sem rebate, q̃ segundo todos andavão tocados d'aquelle mal, qualquer impedimento os acabara.

**
*

CAPI-

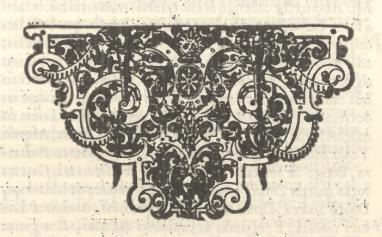
CAPITVLO XIX.

Como Simão da Cunha adoeceo do mal geral, & morreo delle. & algũs fidalgos, & o vierão em terrar à Ormuz.

RECOLHIDO Simão da Cunha ao mar, achou outro tal trabalho nos mareantes, por serem tantos mortos, & doentes, que não avia quem pudesse marear os navios, polo que lhe conveo tomar os mareantes das terradas que andavão à pescar per cõselho de Belchior de Sousa, que sabia bem onde ellas andavão, & com elles fez tambem sua agoada, de que tinha muita necessidade. E porq̃ em os navios por o grande numero dos doentes, não avia q̃ lhes dar, & muitos perecião à falta, disse Belchior de Sousa à Simão da Cunha q̃ Mir Aberuz lhe dissera, q̃ se elle quisesse mandaria hũ recado à Raez Barbadim, porq̃ elle se offereceo à dar o que fosse necessario para os doẽtes; & per esta via, ouverão muitas passas, amendoas, galinhas, farinha, & arroz, q̃ consolou a gente em algũa maneira. Mas ao terceiro dia da sua partida sobreveo hũa tam grande calmaria, que durou nove dias, em que os doentes morrerão, & dos sãos adoecerão muitos. Entre os mortos forão o mesmo Capitão Simão da Cunha, Afonso Tellez filho de Tristão da Silva, Francisco Gomez Pinheiro, Diogo de Mesquita, Dom Simão de Lima; & à Ormuz forão morrer Dom Francisco Deça, Francisco de Mendoça, Diogo Soarez, Dom Afonso de Sotomaior, & outros homẽs nobres. E segundo as calmarias durarão, & a gente mareante andava fraca, se Christovão de Mendoça Capitão de Ormuz, não mãdara ao caminho muitas terradas, para marearẽ os navios, & muitos mãtimẽtos para enfermos, & sãos, por vẽtura todos ficarão naquelle Estreito; porq̃ a provisão q̃ mãdou lhes deu força, & vida para chegarẽ à Ormuz, onde forão do Capitão agasalhados, & curados, como se cada hũ delles fora seu irmão. Simão da Cunha foi enterrado em Ormuz,[a] cõ muitas lagrimas, não sòmẽte dos Portugueses, que o conhecião, & conversarão mais tempo, mas d'aquelles Arabios q̃ andavão em sua companhia. Porque era Simão da Cunha sobre

a. Diogo do Couto escreve no cap. 4. do liv. 6. q̃ Nuno da Cunha estava ainda em Ormuz quãdo chegou esta armada de Baharẽ, em q̃ vinha o corpo de Simão da Cunha, & q̃ o levara o Governador à India, onde o enterrara em hũa Capella q̃ lhe mandara fazer na See de Goa.

O q̃ não pode ser, partindo Nuno da Cunha de Ormuz para à India em xv. de Settẽbro, & Simão da Cunha chegando à Baharem aos xx. como diz Ioão de Barros nos Capitulos passados 17. & 18.

ſobre mui esforçado, & prudente, brando, & cortés, & para todos mui humano, & mui alheo de em obras, ou palavras eſcandalizar à alguem. Com a nova de ſua morte, que Nuno da Cunha teve na India, ficou em eſtremo anojado, por perder taes dous irmãos, como Pero Vàz da Cunha em Mombaça, & Simão da Cunha em Baharem; porque ainda que morrerão com tanta honra; achavaſſe deſamparado delles, principalmente de Simão da Cunha, que erá de mais idade, & maduro conſelho, & de que ſe eſperava ajudar no trabalho do governo da India, onde ja perdera ſeu irmão Manoel da Cunha, de que no principio deſta hiſtoria fizemos menção.

LIVRO QVARTO DA QVARTA DECADA DA ASIA,

DE IOAO DE BARROS.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITVLO PRIMEIRO.

Do que Nuno da Cunha fez no primeiro anno de seu governo, & o que passou com Lopo Vàz de Sampaio, quando lho entregou.

ENDO Nuno da Cunha, que para o muito que tinha que fazer, era o tempo breve, partio de Goa para Cochij, & passou per Baticalà, onde esteve dous dias provendo algũas cousas, & proseguindo sua viagem, tanto avante como à Monte Deli, cinquo legoas antes de chegar à Cananor, encontrou Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mòr do mar da India, que andava guardando aquella costa com hũa galè bastarda, & vinte bargantijs, & catùres, o qual tirada sua bandeira da gavea, como quem estava perante o Go-

 vernador

verdador da India o salvou com sua artelharia, a que foi respondido com outra, & o vèo ver à nao, do qual foi recebido com muita honra, asi por o cargo que tinha, como por as qualidades de sua pessoa, & grandes serviços que naquellas partes tinha feitos; com cuja companhia Nuno da Cunha chegou à Cananor à xviij. de Novembro, onde achou Lopo Vàz de Sampaio, que se estava fazendo prestes, esperando por elle para se vir à este Reino. Nuno da Cunha o mandou visitar, fazendolhe saber que ia muito de pressa à dar aviamẽto às cousas que tinha para fazer; & que se saisse em terra, per força el Rei de Cananor o avia de detèr com sua visitação, que elle guardava para tempo mais cõmodo, & de mais vagar, que lhe pedia que ao mar lhe viesse fazer a entrega da India, ou se embarcasse, & lha faria em Cochij. Lopo Vàz posto que replicou à isso, toda via por a pressa que Nuno da Cunha levava, vèo à sua nao em tres bargantijs embandeirados, & em hum delles a bandeira alta como Governador. Despois que se receberão hum à outro, Lopo Vàz, posto que no mar fosse, sendo presentes todos os fidalgos que com elles vinhão, lhe fez a entrega da India com as solemnidades costumadas. Acabada a festa que a artelharia nos taes tempos soe fazer, Lopo Vàz se embarcou com seu genro Antonio da Silveira de Meneses na nao Castello, por Nuno da Cunha o obrigar que fosse à Cochij à hum negocio, que lhe el Rei mandava que fizesse com elle. E Nuno da Cunha antes que d'alli partisse mandou visitar à el Reì de Cananor pelo Ouvidor Pero Barreto, disculpandose de não sair em terra para o ver, por a grande pressa que levava por causa do despacho das naos que avião de partir para Portugal, que despachadas ellas, avia de tornar à Goa, & entam o visitaria, & que entretanto visse aquella carta d'el Rei seu Senhor. El Rei lhe respondeo com palavras de muito contentamento de sua vinda, disculpandose tambem de o não ir ver ao mar, por a mà disposição que tinha. Atras este recado d'el Rei, vèo seu Guazil, que era hum Mouro mui conhecido, & mui leal servidor d'el Rei de Portugal, & bom homem, & se offereceo à Nuno da Cunha, & lhe pedio, que o ouvesse debaxo de seu amparo, & proteição, porque andava atormentado por os desmanchos d'el Rei, o qual por ser Gentio estava entregue à Bramenes, com os quaes, & com seus Pagodes gastava

mais

mais do que tinha, & queria que elle lhe suprisse as necessidades em que o mettião seus appetites. Estando nesta prattica fingio que lhe queria fallar cousas de segredo à parte, & como se vio sô com elle, tirou do seo hum rico collar d'ouro, & pedraria, dizendo à Nuno da Cunha, que aquillo era tam costumado offerecerse aos Governadores, que não devia aver por estranho fazerlhe aquelle serviço, que lhe jurava por sua lei, que nunca à pessoa do mundo o diria. Nuno da Cunha fazendo que o não entendia, chamou a
10 lingoa, & disselhe, que dissesse ao Guazil, que os collares que delle queria, era servir com muita lealdade à el Rei de Portugal seu Senhor, do qual avia de receber maiores cousas que ouro, & pedraria, que quanto ao que lhe pedia do amparo, confiasse delle, que em tudo lhe guardaria sua justiça; por elle tèr fama entre os Portugueses de quam lealmente se avia nas cousas do serviço d'el Rei seu Senhor.

CAPITVLO II.

20

Como Nuno da Cunha partio de Cananor, & foi à Cochij, & do recebimento que lhe fizerão, & como prendeo Lopo Vaz de Sampaio, & o mandou à Portugal.

NVNO da Cunha partido de Cananor, chegou à Cochij, aos xxv. de Novembro, onde logo na nao foi visitado de Afonso Mexia Veedor da Fazenda, & de Iorge Cabral, que era chegado de Malaca, & de outros Capi-
30 tães, & fidalgos que presentes se acharão. Ao outro dia foi recebido da cidade em terra, com todo o modo de festa, que se pode fazer, & assi foi levado à See, & d'ahi se foi apo-sentar no Castello, que para elle estava despejado. E porque o pensamento que trazia nas cousas de Dio, o não deixava aquietar, logo ao outro dia quis saber de Afonso Mexia, & dos officiaes à que o negocio competia, o estado dos apercebimentos que mandara fazer para a empresa de Dio, que lhe el Rei tanto encomendara; & achou, que asi as mu-
40 nições, como os mantimentos, & tudo o mais que lhe era

 necessa-

necessario para aquella jornada, estava mui de vagar. E por lhe comprir dar destas cousas razão à el Rei pelas naos que estavão para vir à este Reino, teve conselho com os Capitães, & officiaes da Fazenda, & foi assentado, despois que se vio o pouco que estavá feito, & o muito que se avia mester, que de nenhũa maneira podia naquelle anno ir à Dio, com o poder que el Rei mandava que levasse. E que para o outro se podia mais levemente, & à menos custo aperceber, & que bastava naquelle anno prover na costa do Malavar com algũa armada, & na carga da pimenta, que estava de vagar, se el Rei de Cochij não fizera muita diligencia em amizade de Nuno da Cunha. Porq̃ nas visitações, q̃ entre ambos ouve, se achou elle differentemente trattado, do q̃ fora nas differẽças de Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Mascarenhas, de que estava escandalizado. E com Nuno da Cunha lhe pareceo que era Rei, por a muita autoridade com que o trattou, como adiante veremos.

Em quanto as naos estavão à carga, a primeira cousa em que Nuno da Cunha entendeo, foi mandar Diogo da Silveira (que deste Reino fora com a Capitania mòr das quatro naos que dissemos) por Capitão de hũa armada de trinta vellas para andar na costa do Malavar; & asi fez outra para a costa de Cambaia, que tinha ordenada para Simão da Cunha seu irmão, como Capitão môr do mar, a qual entregou à Antonio da Silveira de Meneses seu cunhado. Outra mandou ao Estreito do Mar Roxo, cuja Capitania deu à Eitor da Silveira, posto que andava bem cansado das armadas passadas.[a] E no meio do fervor destas cousas teve Nuno da Cunha outra que o mais atormẽtou, que foi prender à Lopo Vàz de Sampaio, per hũa provisão que el Rei de cà mãdou, não sômẽte por culpas de Ormuz, de que Manoel de Macedo levou a devassa, mas ainda por outra que elle tirou alli em Cochij. O qual preso sobre sua homenagem, vèo com Dom Lopo de Almeida, que estava na India esperando embarcação para se vir para este Reino. E em sua companhia com a carga da pimenta vierão outras duas naos sômente,[b] de que erão Capitães Antonio de Miranda de Azevedo, & Rui Mendez de Mesquita, que tambẽ trouxe consigo preso à Diogo de Mello Capitão q̃ fora de Ormuz, por culpas do officio. Os quaes todos vierão à Portugal à salvamẽto, onde despois

a. A armada de Diogo da Silveira era de hum navio em que elle ia, de duas galeottas, & hũa caravella, de que erão Capitães Nuno Fernandez Freire, Manoel de Vasconcellos, & João da Silveira, & de seis fustas.

A armada de Antonio da Silveira era de cinquoenta & tres fustas, em que ião novecentos soldados.

A armada de Eitor da Silveira era de quatro galeões duas caravellas, & quatro fustas.

Diogo do Couto liv. 6. cap. 6. & Francisco de Andrade cap. 54. da 2. parte.

b. Estas tres naos erão da armada de Nuno da Cunha, q̃ por estarẽ gastadas, & no Reino poderião tèr o concerto necessario, q̃ não podião tèr na India, o Governador as mandou com a carga da pimenta, & ordenou q̃ ficassem as quatro naos da armada de Diogo da Silveira, asi porq̃ não avia carga para ellas, como porq̃ podião passar sem cõcerto, & irião invernar à Ormuz carregadas de fazendas, polo q̃ aprestadas fez Capitães dellas Rui Vàz Pereira, Lopo de Azevedo, Pero Gomez da Grãa, & Dõ Fernãdo de Lima, q̃ se forão à Baticalà carregar de mercadorias, em que se ....erão tanto, q̃ quando partirão para Ormuz era ja em Fevereiro do anno de M.D.XXX. & como a monção era ja gastada acharão tãtas calmarias, q̃ as tres dellas desaparecerão, de cuja perdição devia ser causa a sede: & sô a de Rui Vàz Pereira por andar menos ficou atràs, & chegouse mais para a costa da India, cõ que lhe não durou tanto a calmaria, & com muito trabalho de sede chegou à Ormuz.

Francisco de Andrade 2. parte, cap. 54. & Castanheda cap. 27. do liv. 8.

despois forão livres das culpas, com seus encargos de justiça.[a] E não pode aquelle anno vir mais carga de especearia, que aquella que occupou as tres naos, por muitas causas procedidas das cousas passadas, que Nuno da Cunha não pode emendar em chegando, como fez despois.

CAPITVLO. III.

Do muito dãno que Diogo da Silveira fez na costa de Calecut, pelo que o Samorij mandou pedir paz à Nuno da Cunha, a qual lhe concedeo com taes condições que elle a não aceitou.

EM Quanto as naos que avião de vir ao Reino estavão à carga da pimenta, soube o Governador, q̃ na costa de Calecut dous galeões de Rumes se carregavão de pimenta para o Estreito do Mar roxo, pelo que mandou avisar à Diogo da Silveira que andava em guarda d'aquella costa, que tivesse grande vigia, não lhe escapassem; porque segũdo a informação que tinha per Malavares de Cochij, que vinhão de dentro da terra, o fundamento d'aquelles Rumes era na Lũa de Ianeiro, ou Fevereiro partirem, por não perderem sua monção. Mas Diogo da Silveira, alem da vigia ordinaria que nisso tinha, fez tanto mais, que atè os barcos de pescar não deixava ir ao mar. E vendo o Samorij quam estreitamente a sua costa era guardada, & vigiada, & que à gente dos portos de Calecut, Cale, & Capocate, que são dos mais notaveis de seu Reino, se lhe impidia o cõmercio, & o povo clamava, não vendo outro remedio para tirarse d'aquella oppressão, determinouse em mandar pedir pazes à Nuno da Cunha. A este negocio mandou tres Naires, que são dos mais nobres da terra, q̃ trouxerão sua carta de creẽça à Nuno da Cunha, & outras taes cartas de dous estados da gente que naquella terra ha, que são Mouros, & Chatijs. Estes são hum genero de mercadores Gentios, differente do outro cõmum do Malavar, que he mechanico. Dando os Naires estas cartas à Nuno da Cunha, forão per elle bem recebidos, & ao outro dia os ouvio. A substancia da embaxada era: Que no tempo dos Governadores passados, principalmente de Dom Duarte

 de

a. Lopo Vàz de Sampaio esteve preso dous annos, & foi condẽnado q̃ perdesse os ordenados do tempo que governou a India, & que pagasse dez mil cruzados de pena, & fosse degradado por certos annos para os lugares de Africa. Porem el Rei Dõ Ioão avendo respeito aos muitos, & bõos serviços de Lopo Vàz, lhe fez merce de lhe perdoar toda esta cõdenação. Assi o escreve Francisco de Andrade na vida del Rei Dom Ioão, na 2. parte, cap 54.

E Diogo do Couto na 4. Decada, lib. 6. cap. 7. & 8. refere hũa falla q̃ Lopo Vàz fez à el Rei em relação, & os cargos que lhe poserão, & a sua resposta, & descargo à elles: onde hũa cousa, & outra se pode ver, & assi outras particularidades que estes Autores escrevem da prisão de Lopo Vàz de Sampaio. O qual foi muito esforçado, constante na justiçà, riguroso no castigo dos malfeitores, casto, cortès, & afabil. Aos fidalgos em quãto governou fez muitas merces, & aos soldados mandou pagar seus soldos, & mantimentos: & com todas estas boas partes; & boas obras, foi mal quisto de todos, pola mà vontade que lhe tomarão por causa das differenças que teve com Pero Mascarenas sobre a governança da India.

de Meneses,estando elles de paz, receberão muitos aggravos, & sem razões dos Portuguefes, assi em sua terra, por causa da fortaleza que nella tinhão, como no mar em suas naos, & zambucos,que levavão cartas de seguros, os quaes lhe quebravão, tomandolhe suas fazendas. E pedindo elles justiça, & boa conservação da paz, tal como a elles guardavão, à nenhũa cousa destas lhes responderão com obras, nem com palavras. Os quaes males, & dános não podendo elles soffrer, se levantarão contra a fortaleza,sendo os mesmos Portugueses autores disso,tomando por remedio antes descuberta guerra,que simulada paz. E querendo antes de Dõ Enrique derribar a fortaleza, assentar paz com elle, mais em favor, & serviço d'el Rei de Portugal, que em honra do Samorij, Dom Enrique a não quis aceitar, donde procedeo buscarem elles todo o modo de vida, pois lhe querião tirar a sua, tolhendolhe dar saida à suas novidades. E que posto que per Lopo Vàz de Sampaio lhes fora cõmettida paz por seu sobrinho Simão de Mello, que estava por Capitão em Cananor, não lha quiserão conceder,sendo as condições della mais honestas das que elles offerecião à Dõ Enrique. E que a causa disso foi,por terem sabido que o tempo de sua governança não se estendia à mais, que atè a vinda delle Nuno da Cunha, de que ja tinhão nova, & da tomada de Mombaça. E pois elle era presente, & tinhão sabido quanta justiça à todo genero de gente administrava, & que a guerra que fez per onde vèo era justa, & não voluntaria, se demoverão à lhe pedir paz, sendo com justas, & honestas condições, a qual inteiramente guardarião. E que lhe lembravão, que a guerra do Malavar, ainda q̃ aos naturaes fosse perigosa, & custosa, tudo redundava em não tèr saida suas novidades, & que tambem não era folgada aos Portugueses, nem custava pouco à fazenda de seu Rei. Por tanto lhe pedião considerasse hũa cousa, & outra, & conformandose com o bem, & mal de ambas as partes, lhes respondesse o que avia por bem que se fizesse.

Nuno da Cunha lhes disse, que el Rei Dom Ioão seu Senhor estava tam escandalizado de quantas vezes o Samorij lhe tinha quebradas as pazes, que com seus Governadores tinha assentado, que hũa das principaes cousas que lhe encomendou foi a guerra do Malavar, & que offerecendolhe o Samorij algũa paz, lha não concedesse, pois a não guardava

mais

mais que em quanto os Mouros querião, por ser governado per elles; aos quaes dava mui pouco das mortes, & perdas q̃ o povo Gentio recebia, por não pretenderem à paz, & repouso do Reino alheo, senão seu particular interesse; mas que toda via elle proporia esta sua pretensão em conselho das principaes pessoas, & Capitães que erão presentes, com quem lhe el Rei seu Senhor mandava consultar as cousas de tanta importancia, como erão paz, & guerra; & tomado seu parecer lhes responderia ao dia seguinte. E asi o fez, respondendo, conforme ao que no conselho se assentou, que lhe concederia a paz, & amizade com estas condições: Que o Samorij entregasse toda a artelharia que tinha dos Portugueses, que elle ouvera os annos passados, & asi todos os paraos de guerra; & pagasse a perda q̃ dera aos Portugueses, & que desse em suas terras lugar conveniente para fazer hũa fortaleza, & toda a especearia q̃ ouvesse em seu Reino por os preços q̃ valia quã do a nossa fortaleza estava em pè. E que entregasse dous galeoẽs dos Rumes q̃ estavão em seus portos, & não avia mais de consentir em seu Reino Rumes, por serem inimigos dos Portugueses, & mais que per nenhũ modo avia o Samorij innovar cousas à el Rei de Cochij que fossem causa de guerra, porque logo à paz com os Portugueses seria quebrada. E que com estas condições elle Governador mandaria cessar a guerra: & que para o anno seguinte pelas naos que fossem à Portugal, mandaria à el Rei seu Senhor a relação desta paz que com elle Samorij fizera, & as cousas que à isso o moverão, mã dandolhe elle o contrario em seu regimento. E que elle esperava que S. A. ouvesse tudo por bem. Esta resposta ouverão os Naires escritta per apontamentos, os quaes Nuno da Cunha mandou à Diogo da Silveira, & recado à Duarte Barbosa Escrivão da Feitoria de Cananor, que se fosse para Diogo da Silveira para entrevir neste negocio com elle, por ser mui versado nos modos, & costumes dos Malavares, & saber bem sua lingoa. Diogo da Silveira se foi ao rio de Challe, que distà de Calecut tres legoas, onde vindas algũas pessoas notaveis per mandado do Samorij, despois de irem & virem recados foi a conclusão, que elles darião as especearias por o preço, & modo passado, & das outras condições se escusarão.[a]

a. Diz Frãcisco de Andrade no cap. 65. da 2. parte, q̃ se fizerão as pazes, restituindo el Rei de Calecut toda a artelharia nossa que tinha em seu poder, & os Portugueses & escravos q̃ forão cattivos na guerra: E que destas pazes se resentio muito el Rei de Cochij, por se assentarem sem lhe dar o Governador conta dellas, cõtra hũa provisão del Rei de Portugal, em que mandava que nenhũ Governador da India fizesse paz com o Samorij sem consentimento d'el Rei de Cochij. E queixandose à Antonio de Saldanha de lhe quebrar o Governador esta provisão, vèo Nuno da Cunha à Cochij, & desculpouse com tam boas razões, q̃ el Rei se mostrou cõtente das pazes, & concedeo ao Governador licença para levantar gente em Cochij; a jornada de Dio.

Diogo do Couto no cap. 9. do liv. 6. escreve, que esta paz se concluio quando o Governador fez a fortaleza de Challe, como se dira adiante no cap. 17. & q̃ não se effettuãdo desta vez, Diogo da Silveira mandou per algũs marinheiros pòr fogo à cidade de Calecut de q̃ queimou mais de dozentas casas, & do mar fez cõ a artelharia hum grande estrago na gente q̃ acodia ao fogo.

O mesmo affirma Castanheda no capitulo. 12. do livro. 3.

Diogo da Silveira por resposta deste seu concerto, saltou tres, ou quatro vezes em terra, de fronte de Calecut, em differentes

rentes lugares,& queimou algũas Macuarias(como lhes elles chamão)que são habitações de pescadores, & cortou muitos palmares,que elles tem por grande mal.Os Mouros, & Gentios indinados deste segundo dáno, cessarão por entam de fallar na paz;polo que cairão em tanta necesſidade, por a muita guerra que lhe Diogo da Silveira fazia, que morrião à fome:porque o arroz que he seu ordinario mantimento, & lhe vinha de fora, chegou à valer o fardo à seis, & sette tangas, que da nossa moeda são quatrocentos & vinte reaes, valendo ordinariamente hũa tanga,com que a gente pobre perecia,& não podião ir ao mar à pescar,de que vivem,nem os galeões que estavão carregados para o Estreito de Meca,ousarão sair donde estavão.E para mais perseverarẽ em sua contumacia, & obstinação de não concederem a paz com as condições q̃ lhes pedia o Governador, succederão duas cousas em seu favor.A primeira foi sobrevir hum temporal tam rijo, & travessão na costa,que desamarrou algũs bargãtijs nossos, hum dos quaes de que era Capitão hum mancebo fidalgo por nome Simão de Sousa,natural de Guimarães, foi tèr junto da terra; o qual ficando sò naquelle lugar, passada a tormenta, vierão à elle algũs paraòs de Mouros da terra, com os quaes andando às bombardadas, lhe saltou per desastre o fogo na polvora,com que a cuberta do bargantim voou para o Ar,& o Capitão com os mais forão queimados,& outros cõ o casco do bargantim derão em terra,cõ grande prazer dos Mouros.A outra causa,& mais principal,foi,que sabendo os Mouros de Cananor esta fome de Calecut,por os soccorrer, & tãbem por fazerem seu proveito,os provião de arroz, & de todo mantimento per o rio Tramapatam, que divide o Reino de Calecut do de Cananor.De maneira, que Diogo da Silveira andava guardando que não fossem providos de outros rios, & elles o erã deste. Esta provisão durou atè que Nuno da Cunha vindo em Fevereiro de Cochij invernar à Goa, passou per Cananor, & sabendo como Calecut era provido d'alli,ameaçou aos Mouros com grande castigo se o mais fizessem. O que tambem el Rei de Cananor defendeo com penas de perdimento de todos os bẽes, & castigo nas pessoas,com a qual defesa os de Calecut tornarão à mesma necesſidade de fome.

CAPI-

CAPITVLO IIII.

Como o Governador mandou Gaspar Paez à Melique Saca à seu requerimento, & do que com elle passou.

NESTE tempo estava Melique Saca, filho de Melique Az Capitão de Dio, na terra dos Resbutos em casa de seu sogro, com temor d'el Rei de Cambaia, & d'alli tinha ja per vezes mandado recado à Lopo Vàz de Sampaio, antes que Nuno da Cunha viesse. Do que Lopo Vàz fazia pouca conta, por causa das mentiras que à Eitor da Silveira tinha dittas, quando o entreteve na barra de Dio, para fabrica de seus artificios com el Rei de Cambaia, atè que a cousa parou em elle fugir para seu sogro. E como este Mouro nas malicias, & astucias parecia bem ser filho de seu pai, tanto que teve nova de Nuno da Cunha, & do que fizera em Ormuz, & que todo seu intento era ir tomar Dio, pareceolhe que aquelle era o Governador que elle avia mester para seus negocios com el Rei de Cambaia: polo que quando Nuno da Cunha chegou à Goa, ja achou hum seu messageiro [a] com cartas para elle, nas quaes lhe dava a boa hora de sua chegada. E que porque desejava fallar com elle cousas que importavão muito ao serviço d'el Rei de Portugal, & Estado da India, mandara logo à elle antes que começasse de ordenar algúas cousas, que per ventura despois que o ouvisse, veria ser escusada a despesa dellas. E que avendo elle por bem de se verem, lhe mandasse seguro Real para sua pessoa, & familia, & algúa pessoa que o trouxesse, & levasse navios, & larga embarcação para sua fazenda; & que folgaria, que essa pessoa que lá ouvesse de ir fosse Gaspar Paez, que ja estivera em Dio por Feitor, por ser seu amigo, & homem com quem se podia melhor entender, que com outro algum. Nuno da Cunha o ordenou asisi, & mandou o messageiro de Melique com Gaspar paez em húa galè sua, em que andava, & lhe deu mais

a. Francisco de Andrade escreve no cap. 52. da 2. parte, que este messageiro de Melique Saca era o q̃ elle tinha enviado à Lopo Vàz de Sampaio, como se disse atras na nota do cap. 15. do liv. 2.
E Diogo do Couto no cap. 6. do liv. 6. diz, q̃ por chegar este messageiro de Melique à tempo q̃ Lopo Vàz aguardava por Nuno da Cunha, não se determinou na proposta de Meliq..., deixando a resolução della para Nuno da Cunha, q̃ mandou o Enviado de Melique mui contente com peças em hũa galè: a qual chegada à Iaquette, o Capitão della se vio com Melique, & lhe deu hũa carta do Governador, em que lhe pedia que naquella galè se fosse ver com elle à Goa. Ao que respondeo Melique Saca, que se tornasse elle Capitão embora, & disesse ao Governador, que não queria que lhe fizessem o q̃ à Raez Xarafo.

quatro bargantĳs com boa artelharia, & muitos espingardeiros com todo o mais provimento necessario. E à Melique Saca escreveo palavras mimosas, doendose de quam mal el Rei de Cambaia o trattava, tendo tantos merecimentos por seus serviços, & por os de seu pai, para lhe fazer merce, & tambem lhe fez offerecimentos de o tornar à seu Estado, & outras palavras semelhantes, à fim de o provocar mais ao que elle dava à entender no que lhe escreveo de sua vinda à Goa. E porque Gaspar Paez tornou desta ida na entrada de Ianeiro, de M.D.XXX. que era no tempo em que se practicava nas pazes de Calecut, iremos continuando com elle atè o trazer com a resposta que achou. 10

Partido pois Gaspar Paez à xij. de Novembro, chegou à Chaul, onde ouve Pilotos que soubessem bem a enseada de Iaquette, onde Melique estava, que he aquella em que o rio Indo vem descarregar todas suas agoas no mar.[2] E por não ser visto da costa de Dio atravessou a enseada de Cambaia, bem largo ao mar, & passada a ponta de Dio algũas dez legoas, foi tèr entre Patane, & Mangalor, cidades principaes d'aquella costa, onde tomou hũa nao que vinha de Gogà cidade da enseada de Cambaia, carregada de algodão, que ia para o Sinde. Della tomou sòmente a gente, & a nao metteo no fundo, por ser mercadoria de grande volume, & pouca valia, & a gente mandou d'alli em hum dos bargantĳs para Chaul. Tornando à seu caminho mais largo da costa, achou catorze fustas de hum Senhor della, que andavão alli esperando as naos que vinhão de Ormuz, com as quaes pelejou, & fez recolher ao rio Pormeane. Passada a ponta de Iaquette, que he aquelle nomeado templo dos Resbutos, fez agoada em hũa Ilheta chamada Bette, que em outro tempo fora bem povoada de Gentios, & Melique a destroiò. Atravessando d'alli, em dous dias, & hũa noute foi tèr à hũa enseada onde estava Melique Saca mettido per hum rio dentro, em hum lugar chamado Cinguilim, onde logo acodio gente à praia saber quem era, & disseraolhe que aquelle lugar era de Melique Saca, o qual não estava ahi, mas dentro pela terra firme mais de seis legoas de caminho, & que elle deixara ditto, q̃ vindo alli algũ recado do Governador da India lho levassem logo. E posto que 20 30 40

2. Os Geographos modernos errão em seus mappas, & taboas Geographicas na situação da foz do rio Indo, descrevendoa na enseada de Cambaia, & os que menos errão, mettẽ hũ braço deste rio na enseada de Cambaia, & outro na de Iaquette, sendo assi que sòmente na de Iaquette entrão as suas agoas no mar per muitas boccas, que Ptolomeo affirma serem sette situadas por elle no seno Canthi, que he o de Iaquette, chamãdo a enseada de Cambaia seno Barigazeno, no qual mette os rios Goari, & Binda, que parece serem os de Barocho, & Surat, à que os naturaes chamão Narbanda, & Taptĳ.

que Gaspar Paez quisera là mandar hum homem, estes de Melique lho não consentirão, & lhe levarão elles o recado, sendo tudo artificio de Melique por o entreter. E tornando d'ahi à dous dias, por mostrar que estava em outra parte, encaminharão à Gaspar Paez pelo rio acima em hum catur (deixando os navios em baxo à bom recado) onde achou Melique Saca. Gaspar Paez lhe deu as cartas do Governador, & lhe appresentou o seguro Real que levava sellado com as armas de Portugal, como se costuma em cousas de semelhante importancia. Melique despois de dar graças à Gaspar Paez d'aquelle trabalho que levara por elle, perguntou por o Governador que homem era, & que valia tinha em Portugal, ao que elle respondeo como convinha na verdade, & à honra de Nuno da Cunha, por ser seu parente, porque Gaspar Paez era neto de Ioão Roiz Paez Contador mór que fora de Lisboa, com que Nuno da Cunha tinha muito parentesco. Passada aquella primeira prattica, dilatou Meliq a resposta para outro dia, a qual foi de pouca conclusão, dizendo, que para elle fazer tamanha mudança de si, como era ir ao Governador, primeiro avia de ver tres cousas. A primeira, vir aquelle seguro em lingoa Parsia, & não na Portuguesa, & que o avia de segurar o Governador de o não levarem à Portugal, como fizerão à Raez Xarafo. A segunda, que no seguro lhe avia de nomear o Governador a parte que lhe avia de dar das cousas que ganhasse em Cambaia. E a terceira, que quando se ouvesse de embarcar com elle, avia de ser em companhia de mais navios, & mais gente: porque a costa de Dio andava chea de navios de armada, & não queria aventurar sua pessoa em cousa tam singella como elle trazia. Ao que Gaspar Paez respondeo, que aquelle seguro, como vinha em nome d'el Rei de Portugal, não era decoro, nem costume que se desse em outra lingoagem, senão na Portuguesa, por ser a lingoa propria que el Rei fallava, & na forma em que vinha, era tam firme, & valioso, como se o mesmo Rei Dom Ioão de Portugal o asinara por sua mão: & que as suas armas representavão seu nome, & sinal. E que quanto à parte que lhe avião de dar do que se tomasse em Cambaia, quando elle Melique Saca desse algum modo para se tomar algũa cousa, entam elle a averia.

Mas que se ainda atè entam elle não tinha trattado com o Governador cousa d'aquella materia, como avia o seguro de fallar nella, pois estava por fazer? E que elle não mandara pedir mais, que seguro, & navios, & que isso lhe trazia alli. E que se receava a costa de Dio, por lhe parecerem poucos os seus navios, que com esses poucos tomarà elle hũa nao, & fizera recolher no rio de Pormeane catorze fustas. Em fim vendo Gaspar Paez as simuladas razões de Melique Saca, & que lhe não quis tornar o seguro despois que o teve na mão, dizendo que o queria ver com algũs dos seus, & tomar delles seu parecer, entendeo que aquella invenção de o fazer alli vir, fora como o que tinha feito à Eitor da Silveira, para fazer seus negocios com el Rei de Cambaia, & asi se vio pelo successo: porque d'ahi à pouco tempo se tornarão à reconciliar, como el Rei soube que Gaspar Paez fora tèr com Melique, & lhe levara o seguro, que Melique mostrava em abonação de sua lealdade, temendo el Rei, que se o mais indinasse, ordiria algũa trama com o Governador que lhe custasse muito.

CAPITVLO V.

Como Gaspar Paez se partio desavindo de Melique Saca, & lhe queimou algũas fustas, & se tornou à Cochij.

GASPAR Paez despedido, & bem escandalizado de Melique, se recolheo à seus bargantijs, & a noute seguinte ao tempo da marè com dous delles somente pelo rio acima lhe foi queimar nove fustas, & tornouse à sair com determinação de na seguinte noute ir queimar quinze que erão de seu sogro; & estavão mais acima meia legoa. Mas vendo o Mouro o dano do fogo das outras debaxo, pôs em salvo as de cima, com que Gaspar Paez não pode pôr em effeito seu proposito. E partido d'ahi vèo correndo a costa atè chegar à cidade de Mangalor, onde achou muitas naos de Cambaia, & algũas de Ormuz com seus cartazes para poderem navegar, & deixou de fazer dano à outras que os não tinhão, porque estavão em companhia das que erão de amigos nos-

sos-

sos. E ao tempo que Gaspar Paez chegou desta viagem à Cochij, que foi em Janeiro, sabendo delle o Governador que hi estava, o que passara com Melique, & que tudo erão enganos, & astucias, para fazer bem seu negocio, ficou mui indinado, & com o fundamento desfeito da esperança que aquelle Mouro dava das cousas de Dio; pelo que mudou de proposito, & determinou de ir o anno seguinte com hũa grossa armada sobre aquella cidade.[a] E porque em Choromandel andavão muitos Portuguezes, por ser terra abastada, em que os homẽs à pouco custo se mantinhão, mandou là hum cavalleiro per nome Ambrosio do Rego com poderes bastantes, para fazer vir aquella gente, & perdoar à algũs que là andavão homiziados, vindo à servir à el Rei naquella jornada de Dio, & asi ordenou, que Antonio de Saldanha ficasse alli aquelle inverno para provèr as cousas necessarias à armada.

Atè aquelle tempo, sendo ja perto da sua partida para Goa, não se tinha visto com el Rei de Cochij, por elle estar doente de bexigas, posto que o tivesse mandado visitar per recados; & mandandolhe dizer, que se queria partir, & quanto sentia sua enfermidade, pois fora causa de o não poder ver. El Rei lhe respondeo, que nenhũa cousa lhe poderia dar saude senão sua vista. E que não ousava de lhe pedir que o visitasse, tendo muitas cousas de importancia que trattar com elle, por sua enfermidade ser contagiosa, & recear que temesse elle de o ver. O qual receo Nuno da Cunha lhe tirou com ir à elle, que não foi pouco consentir el Rei ser visto naquelle estado de enfermo, & de tal enfermidade, posto em mão de hum Bramane, que o curava, por serem aquelles Gentios mui supersticiosos, & de grandes agouros em suas obras, & não quererem os Grandes, que os vejão em suas enfermidades, por lhes não verem suas fraquezas. Toda a prattica da visitação foi queixarse el Rei, & contar à Nuno da Cunha os aggravos que recebera de Afonso Mexia no tempo das differenças entre Lopo Vàz de Sampaio, & Pero Mascarenhas. Na qual prattica Nuno da Cunha conheceo d'el Rei ser homem prudente por a paciencia que teve nas cousas que lhe forão feitas em modo de desprezo, fazendo pouca conta delle. Ao que Nuno da Cunha respon-

a. Escreve Francisco de Andrade no cap. 55. da 2. parte. q̃ estando Melique Tocã, irmão de Melique Saca, por Capitão de Dio (despois q̃ deixou aquella Capitania Camalmalmo, como se disse atras na nota do cap. 14. do liv. 2.) mandara Nuno da Cunha segunda vez Gaspar Paez à Dio, escrevẽdo à Melique Tocã os parabẽs da Capitania, & offerecendolhe sua amizade para tèr Feitoria em Dio; & cõ ordẽ à Gaspar Paez, q̃ reconhecesse cõ particularidade a cidade, & destramente persuadisse à Melique q̃ desse nella hũa Fortaleza à el Rei de Portugal, cõ q̃ se asseguraria das tyrannias de Badur.

Partio Gaspar Paez de Goa cõ tres fustas em Fevereiro, de M.D.XXX. chegou à Dio, foi bẽ recebido de Melique Tocã, deulhe a carta do Governador, & hũ presente q̃ lhe mandava; & tratando da Feitoria, mãdou Melique avisar à el Rei Badur, como o Governador a offerecia: à q̃ respondeo, q̃ despois q̃ visse as condições com q̃ se avia de assentar, mandaria o q̃ lhe bem parecesse. Em quanto foi, & veo este recado à el Rei, vio, & notou Gaspar Paez tudo dentro, & fora da cidade, & despedido de Melique (a q̃ "não fallou na fortaleza, por se lhe "mostrar mui obrigado, & fiel ao "serviço de Badur) com hum presente rico para o Governador, & resposta da sua carta cõ grandes agradecimentos da amizade q̃ lhe offerecia, tornou à Goa em salvamento.

respondeo de maneira que lhe curou sua paixão,asi em secre to,como em publico;& por o que importava ao serviço d'el Rei de Portugal,& conservação da paz,& amizade que tinha cõ elle,o tratava com toda a reverencia que podia: & algũas cousas lhe concedeo acerca dos dereitos das mercadorias que lhe não pagavão,com que Nuno da Cunha o deixou conten te,& satisfeito.

CAPITVLO VI.

Como Nuno da Cunha foi à Goa, & o que fez em Challe, onde achou Diogo da Silveira, à que encomendou que destroisse o Chatim do rio de Mangalor.

TANTO que Nuno da Cunha deu fim ao que tinha que fazer em Cochij, partio para Goa,& chegado à Challe achou Diogo da Silveira com a maior parte da sua armada, por ter sabido que per aquelle rio avião de sair os galeões dos Rumes que dissemos. Neste rio se deteve Nuno da Cunha hum dia, onde foi visitado d'el Rei, & Principe de Challe por estarem de paz com nosco: & por isso acodião à Diogo da Silveira com os mantimentos da terra que lhe erão necessarios, posto que este Rei desse obediencia à el Rei de Calecut. Polo que à seus mensageiros Nuno da Cunha fez merce,& deu licença para el Rei poder mandar vir mantimentos de fora, por estarem na mesma necessidade delles » que Calecut. E porque soube que hum Chatim que estava » em Mangalor mui rico,& poderoso, fazia muitas offensas à » Portugueses, principalmente em dar favor aos de Calecut, » que tirassem per aquelle porto suas especearias para os Mou» ros, sob color de ser vassallo d'el Rei de Narsinga, encomen» dou muito à Diogo da Silveira que fosse à aquelle lugar, & » podendo dar hum castigo à aquelle Chatim sem perigo seu, » o fizesse. E primeiro que se despedisse de Diogo da Silveira, fez merce aos Capitães,& pessoas notaveis que com elle anda vão na sua armada,& mandou pagar soldo à gente de armas, por todos andarem gastados, & bem agastados, por aquella guerra do Malavar ser de muito trabalho,& pouco proveito, cousa que os soldados mal soffrem.

Despe-

Despedido o Governador de Diogo da Silveira, partiose via de Cananor à xij. de Fevereiro de M.D.XXX. onde estava Dom Ioão Deça por Capitão, & no lugar onde se os Reis costumão ver com os Governadores, que he ante a fortaleza nossa, se vio el Rei com Nuno da Cunha, vindo com sua pompa, & apparato de Naires postos em ordem de guerra. E como elles são homẽs de grandes ceremonias, & vãos em seu trattamento, & mais este que era homẽ mui velho, & da condição mimoso. Nuno da Cunha satisfez tanto à sua vaidade,
10 que ficou elle mui contente. E à troco de algũs requerimentos que lhe Nuno da Cunha concedeo, por serem justos, lhe pedio o bom trattamento do seu Guazil, por ser nosso amigo, & fiel, o qual andava fora da sua graça, como atras dissemos. E por ser costume geral, quando os Reis se vem com os Governadores, appresentarlhe sempre algũa peça, fez el Rei presente à Nuno da Cunha de hũs bracelletes lavrados de pedraria, que elle aceitou por o não escandalizar, por elles averem por injuria engeitarlhe o que offerecem. Nuno da Cunha os mandou logo entregar ao Feitor da armada para os
20 mandar à el Rei quando as naos viessem ao Reino, por comprir com sua condição, que era alhea de toda cobiça, & com as leis de seu officio, com as quaes cumprem poucos. Despedido Nuno da Cunha d'el Rei, proveo nas cousas da fortaleza, mandando fazer algũas obras para mais segurança della, alem de hum baluarte que Lopo Vàz de Sampaio tinha mandado fazer. E por causa das novas que alli soube das cousas de Calecut, alem das amoestações, & defesa que pôs nos que d'alli o provião com mantimentos, mandou recado à Diogo da Silveira, que em se levantando de Calecut, deixasse alli al-
30 gũs Capitães, para tolher entrarenlhe mantimentos, & elle o fez asi, deixando Nuno Fernandez Freire com hũa galeotta, & hum bargantim com sesenta homẽs, com os quaes gastou bem o tempo que se alli deteve, vindolhe de Cananor os mantimentos.

***

CAPI-

CAPITVLO VII.

Como Diogo da Silveira entrou no rio de Mangalor, & destruio o Chatim que alli vivia.

FICOV Diogo da Silveira, despois da partida de Nuno da Cunha para Goa, visitando todos os rios d'aquella costa, sem deixar entrar, nem sair vella algũa, com que metteo em grãde opressão os lugares della, por levar dezaseis vellas, de que erão Capitães Ioão da Silveira seu irmão, Francisco da Cunha, Manoel de Vasconcellos, Ioão Penalvo, Diogo Quaresima, Aires Cabral, Antonio de Sousa, Nicolao Iusarte, Gomez de Sotomaior, Antonio de Sotomaior, Afonso Alvarez, Lourenço Botelho, Antonio Mendez de Vasconcellos, Frãcisco de Sequeira, & Antonio Mendez Malavares; & em que ião quatrocentos & cinquoenta homẽs. Com esta armada foi à Mangalor, que he hum lugar mettido per hum rio do mesmo nome, per que podem entrar navios de carga. Este lugar he d'el Rei de Narsinga, com que os Portugueses tinhão paz, & amizade, por a qual razão se recolheo naquelle rio hum tam grosso mercador em substancia de fazenda, que por excellencia era chamado & conhecido por Chatim de Mangalor, porque entre elles ao mercador chamão Chatim, que ja he recebido entre os Portugueses, que naquellas partes trattão. Este de Mangalor, porque com a guerra de Calecut, que durou annos, não podia negociar seus trattos, tomou por remedio arrẽdar à el Rei de Narsinga aquelle rio, & d'alli carregava muitas naos para o Estreito de Meca, parecendolhe que o salvava desta obra, estar elle naquelle lugar, que era de hum Rei nosso amigo. Porem como homẽ que sabia offendernos naquelle tratto que tinha com nossos inimigos, por se segurar de nossas armadas fez per dentro deste rio hũa fortaleza de pedra & cal onde se recolhia. E como el Rei de Calecut per este cãno surdo dava saidas à suas espeçarias, escondidamente o favorecia com munições, & artelharia, para se defender de nos se là quisessemos entrar. E por à Nuno da Cunha ser ditto o procedimento deste Chatim, & o favor que lhe dava el Rei de Calecut, & quam forte estava, encomendou

dou à Diogo da Silveira o castigo delle.

O Chatim como per via de Cananor, teve aviso que avião de ir sobre elle, na entrada do lugar em algũas partes fez hũas tranqueiras em modo de baluartes com artelharia, para fazer dãno à quem entrasse pelo rio contra sua vontade. E diante da sua casa forte tinha feita hũa força de madeira com dobrada artelharia, & as vigas mais espessas, porque naquelle lugar era necessaria maior resistencia. Diogo da Silveira nas mais pequenas embarcações, deixando as outras à bom recado na bocca do rio, sobio per elle acima com dozentos, & quarenta homẽs, de que ametade erão espingardeiros. A cujo encontro saio hum esquadrão de gente frecheira, & algũa com espingardas, cuidando que como empregassem os primeiros tiros, farião embarcar os poucos nossos: mas como elles começarão à sentir o fogo, & o ferro dos Portugueses tanto se forão retirando, atè que se recolherão de todo, os nossos forão tras elles, & os seguirão atè que a ligeireza dos pès os salvou. Despejado o lugar, foi Diogo da Silveira demandar a casa forte, que estava junto do rio, no cõmettimento da qual os nossos começarão à sentir mais resistencia com tiros de espingarda, frechas, panellas de polvora, & todo outro artefício de boa defensão; atè que à pesar della, & delles, os nossos chegarão à porta, amparada de hum baluarte, em que tinhão os inimigos assestada muita artelharia; & os primeiros que cõmetterão querer entrar nesta casa forão Diogo Alvarez Tellez, Francisco de Barros de Paiva, Ioão de Sousa Lobo, Gomez de Soutomaior, Francisco Brandão, Diogo Tiznado, Duarte de Paiva, Ioão Quaresma, & Antonio Mendez de Vasconcellos, tomando todos hum berço de ferro dos que estavão no baluarte, & feito delle vaivem, foi a porta aberta, & a casa entrada; & a melhor fortuna que os nossos tiverão em seu favor, foi, que à hum bombardeiro dos Mouros, que governava hũa peça de artelharia grossa, com que lhe pudèra fazer grande dãno, hum espingardeiro Portugues o matou. Tanto que a casa foi entrada, vendo o Chatim que não podia salvar a fazenda, procurou salvar a vida, & foi tam desditoso, que indose acolhendo entre algũs seus que o acompanhavão,

vão, outro espingardeiro nosso o derribou. E porque os mais delles iáo buscar o rio para se salvar à nado da banda de alem delle, acharão os nossos bargantijs, & catùres, que às lançadas matarão tantos, que as agoas andavão tintas com o seu sangue; & asi hũs no mar, & outros na terra acabarão as vidas,[a] & os nossos posto que ouverão vittoria delles, não ouverão sua fazenda: porque Diogo da Silveira despois que mandou recolher toda a artelharia, da qual algũa fora tomada à navios pequenos de Portugueses, quando passavão per aquella costa, mandou pôr fogo à toda à fazenda que estava na casa do Chatim, que era muito cobre, azougue, vermelhão, coral, & outras mercadorias, q̃ pela navegação do Mar roxo os Mouros levavão à aquellas partes, as quaes mercadorias o Chatim avia à troco da pimenta, porque temeo Diogo da Silveira que os seus soldados se quisessem entregar naquella fazenda em recompensa de seu trabalho, & carregala nos navios da sua armada, que erão de remo, para pelejar, & não para carregar com semelhante presa. Tambem mandou queimar treze navios que alli estavão varados para carregar de pimenta, & decepar os palmares, cousa que aquella gente mais sente. 20

a. Erão os Mouros mais de quatro mil, dos quaes entre mortos & feridos forão mais de mil, dos nossos morrerão treze, & das frechas forão feridos muitos.
Francisco de Andrade 2. parte, capit. 57.

Acabado este feito, por ser ja no fim do verão, fez Diogo da Silveira sua viagẽ para Cananor, despedindo de si oito ou nove vellas, por ja não tèr necessidade dellas, parecendolhe que não podia vir cousa para que as ouvesse mester. Mas não succedeo asi; porque chegado à Cananor, estando descarregando algũa d'aquella artelharia que tomou ao Chatim, aceitou de passar hum Capitão d'el Rei de Calecut, por nome Pate Marcar, de que nesta historia ao diante se farà muita menção por a guerra que nos fez. Este levava hũa armada de sesenta paraòs, & ia à Mangalor, que Diogo da Silveira deixava destruido, à buscar arròz, por a necessidade que Calecut tinha delle. Diogo da Silveira asi carregado como estava, vendo passar aquellas vellas, as quis seguir, por não perder tam boa occasião, ainda que tinha menos as vellas que despedio, & que erão as que lhe ficarão poucas, & pejadas, & asi não lhe succedeo bem; porque Pate Marcar como era Capitão, & as suas embarcações iáo despejadas, melhorouse colhendo o balravento à Diogo da Silveira; & hum dos nossos catùres q̃ ia diante,

por

por ser ligeiro per desastre çoçobrou, & de hũa bombardada quebrarão os inimigos hum braço à Ioão da Silveira seu irmão. E vendo que o vento por ser contra elle lhe não dava lugar para ir ao Mouro, se tornou à Cananor à descarregar, com fundamento que voltando mais leve, & o Mouro carregado se vingaria delle. E como o cuidou, assi foi: porque Patemarçar tornando de Mangalor tam carregado de medo, por a destruição q̃ vio naquelle lugar, como de arroz que foi buscar à outra parte, chegando à Monte Deli, onde Diogo da Silveira o estava esperando, perdeo seis vellas, que os nossos lhe metterão no fundo, & com esta perda se acolheo à Calecut, & Diogo da Silveira se foi invernar à Cochij.

CAPITVLO VIII.

Do que fez Antonio da Silveira com hũa armada na enseada de Cambaia, onde tomou Surat, & Reiner, cidades principaes d'aquella costa.

SEGVINDO a ordem que o Governador Nuno da Cunha teve em mandar as armadas de Cochij, como à elle chegou, de que a primeira foi a de Diogo da Silveira, diremos agora o que fez Antonio da Silveira com a sua na costa de Cambaia. O qual partio de Cochij à xvj. dias de Dezembro de M.D.XXIX. para Goa, à recolher os navios que o Governador mandava que levasse, & d'ahi se foi à Chaul, onde tambem tomou os que alli estavão, & partio para a enseada de Cambaia à xxj. de Ianeiro de M.D.XXX. & logo em Bombaim, que são cinco legoas de Chaul, fez alardo, & achou que levava cinquoenta & hũa vellas, de que tres erão galès, hũa em que elle ia, & em outra ia Francisco de Vasconcellos, que andava na costa do Malavar, & por ser homem de muita conta para aquella guerra de Cambaia, mandou o Governador que fosse com Antonio da Silveira; d'outra galè era Capitão Ioão Rodriguez Paez, irmão de Gaspar Paez, & de duas galeottas erão Capitães Fernão de Lima, & Ioão de Magalhães, irmão de Fernão Mĩz Evangelho. Todas as

mais vellas erão fustas, bargantijs, & catùres, embarcações de remo, & pequenas, nas quaes por o alardo que fez, achou que levava novecentos homẽs Portugueses, em que entravão muitos fidalgos mancebos, & criados d'el Rei, que aquelle anno forão com Nuno da Cunha.

Saido de Bombaim, foi correndo a costa atè Damam, & no caminho achou algũas naos carregadas de madeira, que atravessavão para a cidade de Dio, & asi achou hum barco pequeno, que vindo dar com elle o tomou, no qual ia hum Mouro honrado que vinha de Dio, mandado de Melique Tocam. D'alli foi ter à barra do rio de Taptij, pelo qual acima estavão duas cidades as mais notaveis d'aquella enseada. A primeira chamão Surat à tres legoas da foz, & à outra Reiner, da outra banda do rio, meia legoa da sua ribeira, de tras de hũa ponta que a terra faz. Esta era mais sumptuosa em edificios, & policia de gente bellicosa, todos Mouros costumados à guerra do mar, & de que as mais das fustas, & navios da armada d'el Rei de Cambaia se provião. Surat era povoada de gente fraca, a que chamão Baneanes, homẽs dados à officios mechanicos, principalmente à arte de tecer pannos de algodão. Este rio Taptij, posto que he dos dous mais notavois que aquella enseada tem, & atravessa toda aquella parte de Cambaia, que jaz na costa do Oriente, não podem entrar nelle vellas grandes: & porque os nossos Pilotos não sabião a entrada delle, nem o fundo que tinha, posto que Antonio da Silveira levava algũs Mouros de Chaul, não se quis fiar delles, nem de olhos alheos, senão dos seus; & por si mesmo em dous bargantijs foi sondando o rio: nelle vio, que não podião entrar senão fustas, & bargantijs, porque de marè vazia, todo outro navio de maior porte ficava em seco, sòmente tinha hũs poços ao modo de pègos, que parecia serem feitos de industria, para quando algũa nao se achasse dentro, tèr alli cama na vasa. Reconhecido o rio, metteosse com toda a gente que avia mester nos bargantijs, & catùres, & na foz do rio deixou as maiores embarcações, & com ellas Francisco de Vasconcellos: & por ser da barra donde elle partio à cidade quatro legoas, não pode no primeiro dia chegar à ella, por razão da vazante da marè, com que lhe ficarão algũas embarcações em seco com o peso da gente: & asi quando vèo às doze

horas

horas do dia seguinte chegou ante a cidade, que na vista lhe
pareceo mais defensavel do que os nossos a acharão, por ser
hũa povoação de dez mil vezinhos com casas nobres de la-
drilho, & no cabo hũa fortaleza junto d'agoa, com seu caez
mui bem feito. Antes da cidade avia hũa praia limpa, em que
Antonio da Silveira determinou de desembarcar, parecen-
dolhe que mais seguramente o podia alli fazer: & porque
pegado à esta praia, estava hum teso, que occupandoo os ini-
migos, podia receber delles muito dáno, mandou Manoel
10 de Sousa com algũa gente que lho fosse tomar, em quanto
elle desembarcava, & ordenava a outra; o que Manoel de
Sousa fez sem resistencia. E posto que quando Antonio da
Silveira cõmetteo a desembarcação, lha quiserão defender
os inimigos com algũas frechadas, & espingardadas, nenhũ
destes que as tirava esperou o retorno dos nossos, avendo
nesta gente hum corpo de mais de dez mil homẽs, em que
entravão trezentos de cavallo, tomando todos por salva-
ção virar as costas aos nossos à quem mais corria: porque
esta gente Baneane he tam fraca, que o temor lhe faz não
20 tèr conta com a honra, mas tem por prudencia salvar
a vida como puderem. Finalmente a cidade se despejou
de toda a gente, avendo tres dias que tinhão tirada sua
fazenda, por saberem que a armada vinha per aquella
costa, & estavão cada dia esperando serem visitados. E
como os Portugueses não acharão nella fazenda, de mi-
lhor vontade lhe poserão o fogo per muitas partes, co-
mo Antonio da Silveira mandou, & asi à hum galeão
novo, & à outras vellas que estavão em estalleiro, so-
mente ficarão por queimar algũas vellas de Malavares de
30 Cananor, & Cochij, que alli estavão à carga, que nesta
entrada puserão bandeiras brancas: & sabendo Antonio
da Silveira serem de nossos amigos, escaparão do incendio
das outras.

Acabado este feito, sem custo nosso, mandou Antonio da
Silveira Manoel de Sousa que fosse diante delle sondando
o rio da banda de Reiner, que era a outra cidade que distava
desta queimada hũa legoa com a torcedura do rio, mas per
caminho dereito pouco mais de meia legoa: & indo com
Pilotos sondando, quasi ja na frontaria da cidade, co-
40 meçarão de lhe tirar com algũas bombardas, que esta-

vão postas em hũa estancia, da qual esperavão defender a desembarcação aos nossos. Sondado o rio, tornou Manoel de Sousa, onde deixara Antonio da Silveira, que sem detença com toda a gente sobio pelo rio acima, atè de fronte da cidade. A qual estava situada em hum teso ao longo do rio, & todo o circuito della era campina, & a sua casaria ao modo de Espanha de pedra & cal, com portaes & janellas lavradas de macenaria. [a] Do rio se servião per tres caezes de pedra, nas quaes partes como sospeitosas, perque os nossos poderião cõmetter a desembarcação, tinhão assestada muita ar- 10 telharia, com suas tranqueiras, & defensões. Afastado hum pouco da cidade, no lugar onde tiravão as naos em estalleiro, estavão todas juntas, tambem com sua defensão de catorze bombardas grossas, temendo que lhas fossem queimar. Seria aquella cidade de seis mil vezinhos, quasi todos Mouros Naiteas, [b] gente mui valente, & destra na gueara do mar, geração avorrecida dos naturaes da terra, por serem homẽs maliciosos, & atraiçoados, & quasi toda sua valentia estava mais em manha, que em esforço, & forças. Estes nas guerras de Cambaia erão avidos por os primeiros, & prin- 20 cipaes, & com a grossura do tratto da cidade erão ricos, & a riqueza os fez soberbos, como pela mòr parte são os que estão em estado prospero; & quasi toda a navegação para Tanaçarij, & Estreito de Meca era desta cidade, que das mercadorias d'aquellas partes estava chea. Antonio da Silveira vendo que se saisse em algum dos caezes, seria causa de lhe morrer sua gente, por a muita defensão d'artelharia que nelles avia, quis antes desembarcar em hum teso, & mandou à Manoel de Sousa, que com a gente que levava, que serião sesenta homẽs, os mais delles espingar- 30 deiros, fosse tentar hũa estancia, que os Mouros naquella ilharga da cidade tinhão feita. A qual Manoel de Sousa cõmetteo com tanto impeto, que fez aos Mouros despejar o lugar às espingardadas, & lançadas; & algũs quinhentos de cavallo que andavão no campo ao redor d'aquelle sitio, quando virão que os nossos erão senhores da estancia, como gente que tinha alli pouco que fazer, poserãose em salvo. Manoel de Sousa vendose desempedido da gente d'aquelle lugar, foisse ajuntar com Antonio da Silveira, que com o corpo de toda a gente 40 foi

a. Esta cidade de Reiner, diz Diogo do Couto, que foi fundada pelos Gentios Reineis, que ja forão Senhores de todo o Reino.

b. Estes Naiteas são grandes cossairos, & todos usão a arte, & guerra do mar; he a mais baxa casta dos que seguẽ a lei de Mafamede, segundo a seita dos Arabes. E por elles entrou aquella falsa lei no Reino de Cambaia, & d'alli se estendeo per todo Oriente, assi nos Reinos da terra firme, como nos das Ilhas de Samatra, Iaoa, Borneo, Banda, Maluco, aonde estes Naiteas chegarão cõ suas naos, & como zelosos da sua seita a prègarão, & converterão à ella grande multidão d'aquella Gentilidade. Diogo do Couto. 4. Dec. liv. 8. cap. 9.

foi dar em outra estancia acima, da parte do rio, que tambem foi logo despejada, sem nella achar a valentia, que lhe dezião d'aquella gente; antes no primeiro cõmettimento, sem cuidado de molheres, filhos, ou fazenda, começarão de irse recolhẽdo per hũa rua larga, tam de pressa, que os não podião os nossos seguir. Os primeiros que se acharão nesta entrada, forão Gonçalo Vàz Coutinho, Balthasar Lobo de Sousa, Ioão Iusarte Tição, Diogo Varella, Francisco da Silva, Rui Boto de Lima, Dom Diogo Valençuela, Pero de Taide, Duarte de 10 Mello, & outros: os quaes como virão que a vittoria era sua, despejando a cidade, não quiserão sair della para seguir mais os inimigos, porque podia vìr gente de cavallo, que os poderia enxovalhar estando cansados. Antonio da Silveira deu a cidade à saco aos soldados, & se ouvera embarcações em que recolher parte das muitas mercadorias, de que ella estava bẽ chea, ficarão todos ricos; pelo que o Capitão mòr mandou pôr fogo à cidade per muitas partes: a qual por estar posta em campina, assi lhe assoprava o vento, que era hũ terror ouvir os estrallos, & estrondo que fazião os madeiramentos, & pa-20 redes das casas; cousa certo, ainda que a cidade era de inimigos, muito para doer aos mesmos gloriosos da vittoria. Alem da fazenda que ardeo na cidade, tambem arderão muitas naos,[a] & fustas, que estavão na agoa, & em estalleiro, entre as quaes estava hũa que entre elles era afamada, porque nas partes de Malaca, em companhia de outra, tomou hũa nao nossa, em que andava por Capitão Alvaro de Brito, de que atras dissemos.

a. *As naos erão vinte, & muitas cotias carregadas de fazẽdas, mantimentos, & madeira, & a artelharia das tranqueiras por não aver dõde a embarcar, a mandou Antonio da Silveira lançar no pego do rio.* Diogo do Couto, Dec. 4. liv. 6. cap. 9. & Fernão Lopez de Castanheda, cap. 8. liv. 8.

CAPITVLO. IX.

30

Como Antonio da Silveira tomou Agacim, & a destruio.

ACABADO o feito de Surat, & Reiner, que foi hum dos hõrados que naquella enseada atè entam se fizerão, deixando estas duas tam nota veis cidades destroidas, & queimadas con tam pouco custo dos vencedores, tornouse Antonio da Silveira recolher à seus navios, os quaes achou postos 40 em grande festa, porq̃ em quanto elle ganhou aquella honra,

tomarão elles seis vellas que ião carregadas de mantimentos para Dio. E ao Mouro que tomou de Melique Tocam despedio, mandãdolhe dar sua embarcação, que fosse em boa hora, & lhe perdoasse, porque quando o tomara ia com determinação de destroir aquellas duas cidades, & o entretivera para ver o que os Portugueses nisso fazião. E pois ja o vira, podia levar esse recado à seu Senhor, do que o Mouro ficou mui cõtente, & teve que contar à Melique.

Saido Antonio da Silveira da barra donde estava, foisse outra vez à Damam, que he hum lugar grande, que tem hum rio, onde não podem entrar galès. E para sua defensão tinha húa fortaleza com quatro cubelos, & muro de oito pès de largo. Mas os seus moradores ficarão tam assombrados com a destroição das cidades de Surat & Reiner, que não ousarão experimentar o ferro dos que vinhão triunfando dellas, & despejarão o lugar de todo. Polo que não tiverão os nossos mais que fazer nelle, que tomar algús mantimentos, & porlhe o fogo, & em bateis pequenos forão à cattivar algús Mouros pelas aldeas, que estavão ao longo do rio [a].

a. Esta tomada de Damam escreve mais largamente Francisco de Andrade no cap. 56. da 2. parte, onde se podera lèr. E diz que de caminho destruiò Antonio da Silveira a Ilha de Bombaim: màs não faz menção da tomada v de Agacim.

D'alli veo Antonio da Silveira caminho de Agacim, que dista de Chaul catorze legoas, com determinação de dar nelle. E por o rio não ser para isso, desembarcou na costa brava, meia legoa do lugar, que era grande & rico de fazenda, posto que pobre de edificios, em que averia cinquo mil homés de pè, & quinhentos de cavallo, que servião de guarnição, por ser perto de Chaul; os quaes não despejarão o lugar, por lhes parecer, que os nossos não quererião ir à elle, porque tinhão muito caminho que andar à pè; & confiando na gente de cavallo, que os podião empedir. Antonio da Silveira como tudo atè o lugar era cãpo, & lhe pareceo ser mais perto do que era, saiò em terra, & mandou diante caminho do lugar por descobridor hum Capitão Canarij, chamado Malù, homem costumado à andar em nossas armadas ganhando soldo. Nas costas deste Canarij mandou tambê à Francisco de Vasconcellos, & Fernão de Lima, ambos com algús espingardeiros, & elle com à mais gente os seguio na retraguarda. Caminhãdo todos nesta ordem, forão dar os dianteiros na gente do lugar, que à modo de encuberta estavão lançados no baxo de hum cabeço, os quaes em os nossos chegando sairão muito rijo, dando grande grita. Neste comettimento materão cinquo

Por-

Portugueses, cõ que os mais se poserão em virar as costas aos inimigos: Mas forão logo entretidos per Francisco de Vasconcellos, & per outros fidalgos, & chegou Manoel de Sousa, que vinha detras com mais de cem espingardeiros, que fizerão aos Mouros voltar caminho do lugar. Chegado Antonio da Silveira aonde foi este desmancho, não se quis deter, nem levar o passo tam vagaroso como levava, mas tomãdoo mais apressado chegou ao lugar, & antes de entrar nelle deixou a bandeira acompanhada d'aquelles que avião mester to mar algum folego: Na parte onde deixou aquella gente, era em hũa de duas entradas que o lugar tinha de sua serventia, porque o mais era o rio, & da outra banda hũa vasa, que no tempo de baxamar era peor que a mesma agoa, & assi do rio, & da vasa era este lugar cercado ao modo de ilha, o qual estava cheo de muita arrelharia, & mercadoria de pannos de algodão, & grande quantidade de madeira, por a muita que cada anno d'alli se tirava para diversas partes; o que tudo foi à força de ferro pelos nossos entrado. E como este lugar não tinha mais que aquellas duas servẽtias, & hũa lhe tomou Antonio da Silveira com a bandeira Real, não se pode salvar tãta gente, & forão cattivos mais de dozentos, & muitos mortos, & o lugar queimado, & os navios que estavão no rio. a. Destroido este lugar, tornousse Antonio da Silveira à recolher, & veose à Bombaim, que dista cinquo legoas de Chaul, para mandar recadar as pareas dos de Tanà, Bandorà, & Caranjà, que erão obrigados à pagar em cada hum anno por as pazes que fizerão com Eitor da Silveira. Mas não o pode fazer, por ir soccorrer ao Capitão de Chaul, como diremos.

a. Nesta guerra queimarão os Portugueses trezentas vellas entre naos grossas, zambucos, & cotias, carregadas de fazenda, de madeira, & mantimentos.

Fernão Lopez de Castanheda cap. 9. do livro. 8.

CAPITVLO X.

Como Francisco Pereira de Berredo Capitão de Chaul, mandou recado à Antonio da Silveira, que o viesse soccorrer em hũa pressa em que estava com os Capitães d'el Rei de Cambaia.

NESTE tempo que Antonio da Silveira andava correndo a costa de Cambaia, Soltam Badur Rei della fazia guerra ao Nizamaluco, que era Senhor das terras de Chaul, o qual se ia retirando da potencia de Badur, que era

Senhor do Campo, & entre algũs Capitães seus que nas terras do Nizamaluco fazião entradas, era hum Popaterao que fora seu vassallo, & se lançara com o Soltam Badur, & por melhor saber a terra, vèo contra aquella parte de Chaul per seu mandado, & a estragou quanto pode atè chegar à povoação dos Mouros, que he acima da nossa fortaleza. Os quaes com algũs Portugueses que com elles estavão, & outros que acodirão com Fernão de Moraes, que hi estava com hum galeão que Nuno da Cunha mandava para Ormuz, todos juntos pelejarão com os Mouros de cavallo entre hũs vallos das hortas 10 do lugar, & derribarão quatro delles, com que escarmentarão os outros, & se forão com esta perda. Quando vèo ao outro dia, movido Francisco Pereira de Berredo, per conselho de algũs homẽs, & importunado dos Mouros, & gente da terra, pedindolhe que os fosse amparar antes que aquella gente tornasse aos destroir, porque como ião escandalizados, temião que de proposito tornassem à se vingar, se armou com parte da melhor gente que tinha, em que entravão cinquoenta de cavallo, & cento & cinquoenta de pè, & saio da fortaleza, & passando a povoação destes Mouros, foisse à hum passo alem 20 della, que he como entrada, o que chamão Argao, que serà da fortaleza meia legoa, o qual por ser entre hũas serras, he tam forte, & tam estreito, que cinquoenta homẽs podião defender a entrada à cem mil. E porque alli não acharão os Mouros que ião buscar, algũs da companhia começarão de requerer à Francisco Pereira, que fosse mais avãte, porque d'outra maneira pareceria aos Mouros de Chaul covardia. Elle movido com estas razões, começou seguir o caminho, & à outro passo apartarãose quatro de cavallo dos seus à descobrir terra, os quaes lhe mandarão dizer, que andasse mais que tudo estava 30 seguro. Chegando à hum campo, no fundo delle jazia em repouso o Capitão Popaterao, & outros que aquella noute vierão à se ajũtar com elle, os quaes serião per todos cinquo mil de cavallo, & dez, ou doze mil de pè. Francisco Pereira, como vio tam grossa gente, & que começava abalar contra elle, & travar escaramuça com os de cavallo que ião diante, quis voltar ao passo recolher a gente de pè; mas ella ia tam cansada, & a calma era tam grãde, que como homẽs que se não atrevião na força dos pès, começarão de se espalhar, & metter pelo mato, a qual desordem os matou, porque os Mouros hum & hũ 40 os

os forão derribando à todos. Francisco Pereira o melhor que pode no passo entreteve os de cavallo, mas como vèo a gente frecheira dos Mouros, que erão de pè, fizerão recolher os nossos à fortaleza, a maior parte delles feridos, & deixando no campo mortos mais de oitenta.[a] Com este desbarato, ficou a fortaleza tam desamparada de gente, & sujeita à todo desastre, se os Mouros tiverão animo para logo vir sobre ella, que por este receo escreveo Francisco Pereira à Antonio da Silveira o perigo em que estava: o qual acodio logo, & sabendo o caso, & quam perto el Rei de Cambaia andava, temeo, que sabendo a destroição que elle Antonio da Silveira deixava feita naquella costa, em vingança disso quisesse vir sobre aquella fortaleza, tanto mais tendo nova do que estes seus Capitães deixavão feito à pouco custo seu. Pólo que por esta causa Antonio da Silveira em chegando mandou fazer muitas estancias, & assentar nellas sua artelharia, provendo na terra, & no mar, como quem esperava de se defender à todo o poder do Sóltam Badur, que andava mui soberbo pelas terras do Nizamaluco. O que aproveitou muito, porque como estes Capitães que fizerão aquelle estrago, souberão que Antonio da Silveira era alli com a armada que trazia, & o que deixava feito, recearão de pagar o dáno que fizerão, & converterão sua indinação em tomar hũa fortaleza per nome Palle do Nizamaluco, que he das mais fortes que elle tem, & tal que não se pode tomar senão per fome. Esta fortaleza està em hum passo per onde da terra firme vem todos os mantimentos à Chaul, & se o Capitão della a não entregara, nunca fora tomada: & sómente com o estrago da terra, & tomada desta fortaleza, por se vir o inverno, el Rei Badur se tornou para Cambaia, mas a fortaleza esteve pouco tempo em seu poder, por a cobrar o Nizamaluco.

Antonio da Silveira deu conta destas cousas de Chaul ao Governador, & as cartas o tomarão passando elle per Baticalà, & quisera ir à Chaul, se a doença que lhe sobrevèo, & o inverno lho não impedirão. E mandou logo que Francisco Pereira fosse preso sobre sua homenagem, & levado à Goa; & que Antonio da Silveira ficasse por Capitão na fortaleza, pà ra que vissem os Mouros como se castigavão os Capitães que deixavão suas fortalezas, de que avião feito homenagẽ, & saião fora dellas sem mui grande necessidade. E tirandose devassa

a. Escreve Francisco de Andrade (no cap. 44. da 2. parte) este successo de Chaul no tempo do governo de Lopo Vàz de Sampaio, & q̃ tendo o Governador nova desta desgraça, mandou à Chaul Antonio de Miranda com os seus poderes, o q̃ual quando chegou achou ja em Chaul Eitor da Silveira, q̃ sabendo do q̃ acontecera acodira logo alli com a sua gente. E no cap. 56. diz, q̃ o Governador Nuno da Cunha ordenou à Antonio da Silveira (despois da destruição de Damã, & Agacim) que fosse à Chaul, & tomando posse da fortaleza, lhe mandasse preso Francisco Pereira polas culpas do successo do Argao.

Fernão Lopez de Castenhada no cap. 10. 11. do liv. 8. & Diogo do Couto no cap. 9. do 6. liv. em tudo se conformão com Ioão de Barros, differe sòmẽte Diogo do Couto no numero dos inimigos, porque escreve que erão mais de dozentos de cavallo, & dous mil de pè.

devassa do caso, castigou algũas pessoas por incitarem à Francisco Pereira ir aonde foi. Antonio da Silveira como teve recado do Governador que ficasse na fortaleza, despedio as mais das vellas da sua armada, que fossem invernar à Goa, deixando somente hũa galeotta, & algũs bargantijs para serviço da fortaleza, & seiscentos & cinquoenta homẽs para guarda della.

CAPITVLO. XI.

Do que Eitor da Silveira fez com a sua armada, atè chegar à Mete, & despois à cidade de Adem, & como fez tributario o Senhor della.

NO principio deste livro dissemos das tres armadas que o Governador Nuno da Cunha aprestou em Cochij, das quaes hũa avia de ser para o Mar Roxo, de que fez Capitão Eitor da Silveira, o qual partio de Goa à xxj. de Ianeiro, do anno de M. D. XXX. com quatro galeões, duas caravellas, & quatro bargantijs, em que ião seiscentos homẽs, & fez sua viagem à Ilha de Socotorà, para nella fazer sua agoada, a qual feita dispôs seus navios de maneira, que não passasse vella de Mouros sem dar nas suas, estendendoas quasi hũas à vista de outras ao modo de rede, desde o cabo de Guardafũ, que he na costa de Africa contra Xael na costa de Arabia. Estando nesta ordem, hũa nao que ia de Mangalor carregada de especearia, foi dar com Eitor da Silveira, a qual era do Chatim de Mangalor, & era ja partida d'aquelle porto quando Diogo da Silveira destroio ao Senhor della; mas se a fortuna a livrou de hum Silveira, vèo ser tomada destoutro, com morte de quanta gente trazia, & foi grande ventura, porque aquelle anno somente saio do Malavar com especearia para Meca. Alem desta, tomarão outras vellas, posto que não de muita substancia. A Martim de Castro Capitão de hum galeão, na parte onde andava, coubelhe em sorte outra nao, que ia de Dio, & levava dozentos homẽs, que quando os nossos abalroarão com elles, se defenderão tam valerosamẽte, q̃ se ouvera de perder Martim de Castro, & dez, ou doze homẽs q̃ saltarão cõ elle dẽtro na sua nao; mas

mas na fim da peleja à custa de muitas feridas, principalmente das de Martim de Castro, ouverão vittoria delles, com morte da maior parte dos Rumes, ficando a nao em poder dos nossos, a qual ia carregada de ricas mercadorias. E por Eitor da Silveira pela gẽte desta nao, & de outros navios que tomou, ter sabido que as naos que aquelle anno carregarão em Cambaia, partirão de là cedo, com receo dos Portugueses, temendo fossem à Dio, & erão ja todas passadas ao Estreito, elle se foi ajuntar com toda a armada em o lugar de Mete, onde tinha mandado per regimento à todos, que no fim das presas fossem fazer agoáda.

E porque Nuno da Cunha lhe mandara, que feitas as pressas, dandolhe o tempo lugar, desse hũa vista à cidade de Adẽ, & achando no porto naos de pouca valia, mandasse dizer à el Rei, que por amor delle lhe não fazia dano, & o cõmettesse amorosamente, que se fizesse vassallo d'el Rei de Portugal; como ajuntou toda a frotta, mandou d'alli as naos que tomara para Mascate, & elle se partio para Adem, aonde chegou à iiij. dias de Abril d'aquelle anno. Foi logo visitado da parte d'el Rei com muitas vacas, & carneiros, & outros refrescos, com palavras significadoras de muito contentamento da sua vinda, & per retorno ouve el Rei outras cousas que avia de estimar em muito. Passadas as visitações, mandou el Rei dous homẽs Arabios dos principaes, saber de Eitor da Silveira a causa da sua vinda, & a correspondencia que o Governador da India queria tèr com elle. Ao que Eitor da Silveira respondeo, que o Governadot sabendo que os Rumes o tinhão cercado o mandara com aquella armada soccorrer: & por em Socotorà achar nova serem ja idos,[a] espalhara a armada às presas: & pois o Governador se movia à esta boa obra por desejar sua amizade, por lho el Rei de Portugal seu Senhor encomendar, elle tambem devia de folgar de se obrigar à el Rei cõ algũa demõstração, para o Governador da India tèr mais vivo cuidado das cousas delle Rei de Adem, & que esta demonstração devia ser fazerse vassallo d'el Rei seu Senhor, cõ algum reconhecimento de pareas, para o Governador da India o defender dos Rumes. Ao que el Rei respondeo, que antes por razão de elle entreter aquella mà gente nossa inimiga, el Rei de Portugal lhe devia muito, pois não pretendião outra cousa os Turcos senão tomar aquella sua cidade de Adẽ, & alli

a. Diogo do Couto escreve, que os Rumes com o seu Capitão Mustafà, em companhia d'el Rei de Xael, estavão ainda sobre Adem, com mais de vinte mil homẽs, quando Eitor da Silveira chegou, & que temẽdo q̃ elle fosse à tomar Xael, levantarão o cerco de Adem. Cap. 10 liv. 6.

& alli se fazerem fortes para d'ella conquistarem a India. Eitor da Silveira disse à estes homẽs que ião, & vinhão, que nenhũa cousa o Governador da India mais desejava, que ver os Turcos tomarem algum lugar, para os ir desbaratar nelle, & que soubesse que muito mais certo tinha tomar aquella cidade de Adem da mão dos Turcos quando a elles tivessem, que da dos Arabios, mas como andávão escondendose em buracos, não os podia castigar. Que agora visse el Rei se queria a sujeição d'aquelles que conhecião por gente sem lei, & sem verdade, & atraiçoados, & crueis em todas suas obras, ou a amizade dos Portugueses, com a lealdade com que tratavão seus amigos, & os vassallos de seu Rei, & Senhor. Estes, & outros recados vierão, & forão tantas vezes, atè que el Rei concedeo fazerse vassallo d'el Rei de Portugal, com lhe pagar cada hum anno dez mil xerafijs, & deu logo mil & quinhentos mortos para se fazer em Ormuz hũa coroa d'ouro, de que lhe fazia serviço. Deste assento de paz, & vassallagem se fizerão duas escrituras asinadas per el Rei, & per Eitor da Silveira, de que cada hum ficou com a sua, & à rogo d'el Rei deixou Eitor da Silveira hum bargantim com trinta homẽs, de que ficou por Capitão Antonio Botelho.[a]

Antes que d'alli partisse Eitor da Silveira, lhe escreveo el Rei de Xael, que tambem se queria fazer vassallo d'el Rei de Portugal, & lhe entregaria toda a artelharia que tinha alli, & em Dofar que fora nossa, & a ouvera os annos passados. Disto ficou el Rei de Adem mui contente, vendo que todos desejavão a amizade dos Portugueses em odio dos Turcos, de que estava escandalizado, não tanto por a guerra que lhe fizerão, quanto por a pouca verdade que nelles achava, & maldades que cõmetterão. O Capitão destes que cercarão à cidade de Adem, de que ella ficou mui desbaratada, foi Mustafà, sobrinho de Raez Soleimão Capitão mòr da armada do Turco, de que atras fallamos.* Estas novas, & as da vassallagem d'el Rei de Adem, mandou Eitor da Silveira à Nuno da Cunha,

*No cap. 8. do liv. 1.

a. Esta jornada de Eitor da Silveira divide Frãcisco de Andrade em duas, & em differẽtes tempos: porq̃ escreve no cap. 47. da 1. par. q̃ em fim de Janeiro do anno de MDXXIIII. partio Eitor da Silveira de Goa para o estreito do Marroxo, per mandado do Governador D. Duarte de Meneses em busca de D. Rodrigo de Lima, q̃ não levou à India por o não achar em Maçuà. E que desta viagem aportãdo em Adẽ, fizera à el Rei della vassallo d'el Rei de Portugal, cõ hũa coroa de ouro de dous mil xerafijs de pareas, & que entã lhe deixara o bargantim para sua guarda, & per Capitão delle Fernão Carvalho, à quẽ el Rei matara (logo q̃ Eitor da Silveira se partio para a India) & aos Portugueses do seu bargantim, & à outros q̃ com a segurãça da paz vierão à seu porto. O q̃ soube despois no anno de XXVIII. Antonio de Miranda (como diz Francisco de Andrade no cap. 66. da 1. parte) quãdo foi ao Estreito: pelo q̃ tomando de fronte de Adem hũa nao de mercadores ricos d'aquella cidade, q̃ vinha de Cambaia, despois q̃ a mandou despejar da fazenda q̃ trazia, & lhe pagarão os mercadores por seu resgate trinta mil xerafijs, os fez queimar vivos cõ sua nao.

E no cap. 63. da 2. parte, escrevẽdo esta jornada de Eitor da Silveira do anno de M.D.XXX diz, q̃ chegou à Adẽ com desejo de tomar vingança da falsa paz q̃ el Rei fizera com elle quãdo lhe dera a coroa de ouro de pareas: & q̃ el Rei em satisfaçõo, lhe offerecera nova paz, & por vassallo d'el Rei de Portugal, cõ as mesmas pareas dos dous mil xerafijs, & q̃ refaria a quebra da outra paz passada, q̃ fora quebrada pelos muitos males, & grandes roubos, & insultos q̃ fazião os Portugueses q̃ alli deixara no bargantim, no q̃ se não tomou resolução, porq̃ se partio logo Eitor da Silveira para a India.

João de Barros não escreve a jornada de Eitor da Silveira do anno de XXIIII. senão do anno de D.XXVI. em tempo do Governador Dõ Enrique, no cap. 1. liv. 10. da. 3. Decada, quãdo trouxe Dõ Rodrigo de Lima, & o Zagazabo Embaxador do Preste João. E no cap. 9. do liv. 7. da mesma Decada, trata da jornada q̃ Dõ Luis de Meneses fez ao Estreito em busca de Dõ Rodrigo, que não trouxe: & assi parece que Francisco de Andrade se enganou, fazendo de Eitor da Silveira a viagem de Dõ Luis de Meneses. E Diogo do Couto no cap. 10. do liv. 6. diz, q̃ quãdo Eitor da Silveira chegou à Adẽ, estava ainda cercada per Mustafà, o qual como vio a nossa armada levantou o cerco, & foise para Xael. E no mais se conforma cõ João de Barros neste capitulo, como tambem Castanheda.

Cunha per Martim Vàz Pacheco Capitão de hũa das caravellas que levava. Tambem deixou hum bargantim em Mete com a nao da presa para a levar à Mascate antes que fosse à Adem. Com este bargantim vèo tèr hũa fusta de Turcos, & cuidando o Capitão ser algũa das da nossa armada, saio à ella, & em chegando; & conhecendo que se enganara; não pode deixar de pelejar, sendo os Portugueses somente doze; & os Turcos trinta; os quaes todos despois que cansarão de pelejar se assentarão para descansar, & tornando de novo à requesta, ficarão os nossos com a vittoria, bem feridos, & tres delles mortos; & os Turcos morrerão todos, & com a fusta tomada se forão à Mascate, & desta viagem que Eitor da Silveira fez, se levarão à Goa para el Rei trinta & dous mil pardaòs das presas.

Este fim ouverão as tres armadas que Nuno da Cunha armou chegando à India; per tres Capitães de appellido de Silveira. Per Diogo da Silveira, filho de Martim da Silveira Alcaide mòr de Terena, pai de D. Maria da Cunha, primeira molher do Governador Nuno da Cunha: & per Antonio da Silveira, filho de Nuno Martiz da Silveira, Senhor de Goes, & dos Morgados da Silveira, & Lemos, & pai de Dona Isabel de Vilhena, segunda molher do mesmo Governador Nuno da Cunha, com quem entam era casado: & per Eitor da Silveira, filho de Francisco da Silveira, Senhor das Cerzedas, & de Sovereira fermosa, Coudel mòr deste Reino. Todos tres parentes per descendencia de Nuno Martiz da Silveira o velho, que foi rico homem, Escrivão de puridade d'el Rei Dom Duarte, Aio d'el Rei Dom Afonso V. & Coudel mòr, & Veedor mòr das obras do Reino.[a]

Frotta da India do anno de M.D.XXX.

a. Em Settembro deste anno de MDXXX. chegarão à Goa cinco naos do Reino, de seis que partirão delle sem Capitão mòr. Destas cinco erão Capitães Manoel de Brito, Luis Alvarez de Paiva, Fernão Cam.llo, Vicente Pegado, & Francisco de Sousa Tavares provido da Capitania de Cananor. A cuja paragem chegou no fim de Outtubro: à outra nao (de que ia por Capitão Pero Lopez de Sampaio, q̃ levava a Capitania de Goa) com tanta gente morta & doente, q̃ não avia quem mareasse as vellas. E perderasse, se a não encontrara Diogo da Silveira Capitão mòr d'aquella costa; que metteo dentro na nao gente da sua armada, com que foi surgir no porto de Cananor, onde os doentes forão curados, a nao despejada, & levada à Cochij.

Francisco de Andrade cap. 64. da 2. parte.

Fernão Lopez da Castanheda capit. 28 livro 8.

Nestas naos mandou el Rei à Nuno da Cunha, q̃ embarcasse para o Reino Afonso Mexia, & lhe fizesse inventario da fazenda, pelas culpas & capitulos que Pero Mascarenhas deu contra elle. A fazenda, que era de muita pedraria, perolas, peças de ouro & prata, & outras cousas ricas, se entregou aos Capitães das naos, em q̃ Afonso Mexia se embarcou em Ianeiro de MDXXXI.

Diogo do Couto cap. 2. do livro 7.

CAPITVLO. XII.

Como Nuno da Cunha partio para Dio, & das novas que soube per mercadores Arabios que na fortaleza de Damam achou.

NVNO da Cunha por o muito que trabalhou em mandar fazer muitos apercebimentos para a jornada de Dio, era tam grande o apparato destas cousas, assi de navios, munições, mantimentos, que por não poder partir juntamente de

de Goa com toda a armada, mandou Antonio de Saldanha com algũas vellas que estavão prestes, que o fosse esperar à Bombaim. Elle partio de Goa o primeiro dia de Ianeiro, do anno de M.D.XXXI. com parte da frotta, & para o mais que ficava deixou à Francisco de Sà que a levasse. Chegado à Chaul,[a] deu a Capitania d'aquella fortaleza à Gaspar de Teive, que era Alcaide mòr della, porque levou consigo Antonio da Silveira, & chegado à Bombaim, onde estava Antonio de Saldanha esperando por elle, ajuntou alli toda a armada,[b] a qual era de cento noventa & nove vellas; naos, galeões, & navios redondos erão vinte seis, galès & galeottas doze, fustas & bargantijs sesenta & seis, catùres quarenta & dous, seis naos grandes de Mouros, & quatro juncos, & quarenta & tres navios, à que chamão cotias, em que ia o Gentio da terra, Canarijs, & Malavares, que erão dous mil. Os principaes Capitães da frotta erão Antonio da Fonseca do galeão S. Matheus, em que ia o Governador Nuno da Cunha; das outras vellas erão Antonio da Silveira, Diogo da Silveira, Eitor da Silveira, Antonio de Saldanha, Francisco de Sà, Iorge Cabral, Francisco de Vasconcellos, Dom Antonio da Silveira, Vasco Pirez de Sampaio, Nuno Fernandez Freire, Manoel de Brito, Rui Vàz Pereira, Manoel de Alburquerque, Enrique de Macedo, Antonio de Lemos, Iorge de Lima, Martim Afonso de Mello Iusarte, Iurdão de Freitas, Martim de Freitas, Dom Tristão de Noronha, Fernão de Moraes, Manoel de Vasconcellos, Gomez de Soutomaior, Fernão de Lima, Paio Rodriguez de Araujo, Tristão de Taide, Ioão de Magalhães, Luis Falcão, Luis da Veiga, Gonçalo Baião, Fernão Roiz Barba, Iorge de Sousa, Paio Guedez, Gaspar Preto, Gregorio de Abreu, Francisco de Brito, Gonçalo Vàz Coutinho, Galvão Viegas, & outros cujos nomes não vierão à nossa noticia.[c] Partido o Governador de Bombaim

a. Escreve Fernão Lopez de Castanheda, que de Chaul mandou o Governador descobrir a costa de Cambaia per Dom Manoel de Meneses Tello com tres catùres, o qual chegando perto da Ilha dàs Vaccas, encontrou cõ Hag Mamude, q̃ disuadio à Melique Saca entregar Dio à Eitor da Silveira, o qual andava guardãdo aquella costa cõ vinte fustas bẽ armadas, que vendo os catùres os acõmetteo, & elles se forão retirando concertadamente, & chegando a Capitaina de Mamude, por ser mais ligeira, à hum dos catùres zorreiro, Dom Manoel voltou à voga arrancada ao soccorrer, & abordando a fusta, querendo saltar dentro os Portugueses, os Mouros com medo se deitarão ao outro bordo, com que a fusta coçobrou, & ficarão os Mouros n'agoa, onde os nossos matarão muitos, & entre elles a Hag Mamude: & porque as outras fustas se vinhão chegando, Dom Manoel se contentou de salvar o catùr, com o qual se foi à Chaul, onde foi bem recebido do Governador, assi por salvar o catùr de tamanha armada, como pola morte de Hag Mamude,

Cap. 29. liv. 8.

b. Dos grandes apercebimentos desta armada (que foi a maior que atè entam se fizera na India) fazem particular relação Diogo do Couto no cap. 2. do liv. 7. & Francisco de Andrade no cap. 66. da segunda parte, onde escreve, que afora os navios que muitos homẽs particulares fizerão a sua costa, avia nesta armada oito naos do Reino, catorze galeões, duas galeaças, doze galès, dezaseis galeottas, dozentas & vinte oito vellas meudas de remo, entre bargantijs, fustas, & catùres, vinte cinco juncos grandes de Malaca, carregados de mantimentos, & muitas naos, zambucos, & cotias, de taverneiros q̃ ião vendendo mantimentos & vinhos da terra, com q̃ fazião numero de mais de quatrocentas vellas.

c. Francisco de Andrade, & Diogo do Couto nomeão mais os seguintes, Garcia de Sà, Dom Vasco de Lima, Tristão Homem, Antonio de Sà o Rume, Nuno Pereira de la Cerda, Manoel de Sousa, Miguel Carvalho, Dom Roque Tello, Manoel de Miranda, Manoel Rodriguez Coutinho, Christovão de Paiva, que ia por Feitor da armada, Rui de Mello, Lopo Pinto, Pero Botelho, Antonio da Cunha, Francisco de Sousa, Antonio da Silva de Meneses, Lopo de Mesquita, Martim de Castro, Vasco da Cunha, Francisco da Cunha, Nuno Fernandez de Macedo, Dom Fernando Deça, Ambrosio do Rego, Nuno Barreto, Gonçalo Gomez de Azevedo, Ioão da Silveira, Enrique de Sousa, Dom Manoel de Lima, Tristão Gomez da Gràm, Ioão Mendez de Macedo, Diogo Botelho Pereira, Lourenço Botelho, Antonio Pessoa, Antonio Correa, Ioão Iusarte Tição, Vicente Correa, & Gaspar Correa de cujos escrittos diz Frãcisco de Andrade q̃ tomou o mais do q̃ escreve das cousas da India, por elle se achar presente à todas, de que dà relação.

Bombaim,[a] com toda sua armada, foi tèr à fortaleza de Damam, que era d'el Rei de Cambaia, & com temor se despejou logo, & todos os bargantijs entrarão dentro do rio à fazer agoada por ser pequeno, & não para maiores embarcações. Aqui saio Nuno da Cunha em terra, onde mandou dizer Missa solenne, & fez hum Sermão o Comissario da Ordem de S. Francisco, & na fim delle deu hũa absolvição geral. O que acabado, mandou o Governador lançar pregão, em que o primeiro homem que subisse os muros de Dio, averia
10 de mercê d'el Rei quinhẽtos pardaos, & o segundo trezentos, & o terceiro cento, & escala franca à todos, tirando a artelharia, & cascos das naos que erão d'el Rei per seu regimento. E per algũs mercadores Arabios que alli achou fazendo seus cõmercios, soube como Mustafà, de que atras fallamos, sobrinho de Raez Soleimão, era entrado em Dio avia poucos dias, em tempo que ninguem atè alli atravessou de Caxem, donde elle partio, para Dio, por ser em Ianeiro fora de monção. E a razão de vir em tempo tam perigoso, era por fugir das armadas Portuguesas, que temiã vindo em tempo ordinario.
20 Tambem soube o Governador, como na Ilha de Beth (que dista sete legoas de Dio para à enseada de Cambaia, & mil passos apartada de terra firme) estava hum Capitão Rume com algũs Rumes, & Arabios, & outras nações de Mouros, que serião por todos dous mil homẽs, os quaes fazião hũa fortaleza, alem da que a mesma Ilha tinha. Esta Ilha seria em redondo de legoa & meia, & sobre a penedia de que era cercada, tinha em torno feito hum muro antigo de pedra, & cal, com baluartes, & cubellos de maneira que ficava como hũa cidade bem cercada. D'aquella fabrica era
30 algũa renovada, como obra que se fizera, temendose que tomassem os Portugueses posse della, com que ficaria Dio destroida, & despovoada. Sua entrada era hũa calheta entre hum arrecife de pedras, sobre o qual estava hum baluarte para defender a desembarcação, & logo junto delle duas portas dobradas enfiadas hũa em outra, & o caminho para subir acima era amparado de dous muros hum bom pedaço, atè entrar em terra chãa, porque sòmente os baluartes & estes muros estavão sobre a penedia, & encima no chão avia hum templo antigo, final que em algũ tempo aquella povoação fora cousa mais nobre do que agora era. Neste lugar avia
40

a Nesta Ilha de Bombaim se fez resenha geral da gente q̃ ia na armada, & acharãose tres mil & quinhentos & sesenta & tantos homẽs de peleja, contando os Capitães, mil & quatrocentos & cinquoenta & tantos homẽs do mar Portugueses com os Pilotos & Mestres, dous mil & tantos Malavares & Canarijs de Goa, oito mil escravos homẽs que podião pelejar, quatro mil marinheiros da terra q̃ remavão, & mais de oitocentos mareantes dos juncos.

tanta artelharia, que Nuno da Cunha o não creo, senão despois que o vio.

CAPITVLO XIII.

Como Nuno da Cunha chegou à Ilha de Beth, & a destroio, & da crueldade que o Capitão della executou em sua familia, por dar exemplo de sua constancia.

ALVOROZADO com aquellas duas novas Nuno da Cunha partio de Damam, atravessando à outra costa da enseada de Cambaia, & foi demandar à Ilha de Beth, onde chegou à sette de Fevereiro, & em quanto a armada se agasalhava, mandou à Antonio de Saldanha com todos os navios de remo que fosse tomar a travessa do mar, que avia entre à Ilha, & a terra firme, & andasse em vigia, & visse a disposição que a Ilha tinha per aquella parte, para ver per qual seria melhor cometter a entrada della. Porque em a armada surgindo, com grita, & artelharia a salvarão os inimigos de maneira, que bem mostravão serem homẽs que defenderião a terra em que estavão. E como Nuno da Cunha vio esta sua determinação, tomou algũs fidalgos, & em bargantijs, & catures foi dar hũa vista à parte onde estava Antonio de Saldanha. E despois de reconhecer todos os lugares de dentro, & de fora da Ilha, & avido conselho sobre o que farião, forão todos de parecer, que não devia deixar aquella ladroeira atras, o que Nuno da Cunha approvou. E entre muitas razões que deu para se dever fazer, foi, que tomava aquelle acerto por bom pronostico, lembrando lhe que indo o Visorei Dom Francisco de Almeida à Dio desbaratar os Rumes, que de feito desbaratou, saio primeiro em Dabul, que destruio, & despois alcançou hũa mui illustre vittoria,* & outra tal esperava elle naquella Ilha, & não me-
» nos gloriosa em Dio. Sò à Eitor da Silveira, à que não faltava
» animo, nẽ cõselho, pareceo q̃ a Ilha se não avia do acometter,
» porq̃ estãdo a gẽte della cõ determinação de se defender, não
» se podia entrar sem algũa perda de gente, que para a empre-
» sa de Dio não se avia de arriscar o mais pequeno homem
» d'aquella armada, porque tudo lhe era necessario. No que pa-

* A tomada de Dabul escreve Ioão de Barros no cap. 4. do liv. 3. da 2. Dec.

rece

rece que adivinhava sua morte, & a falta que podia fazer.
Determinado o acômettimento da Ilha, por não aventurar Nuno da Cunha, nem dous grumettes que nella podião perigar, disse, que primeiro avia de ver se aquella gente se queria entregar à partido, & per hum homem de hum barco que se alli tomou da terra, mandou recado ao Capitão, dizendo, que elle via bem como estava cercado, & que nem pelo àr podia sair d'alli, senão per via de concerto, o qual parecia convirlhe se queria viver, despejando a Ilha de todo
10 com sua fazenda. Ao que o Mouro respondeo, que lhe mandasse hum seguro para ir fallar com elle, & vindo disse, que elle era hum homem sò, & que não sabia se poderia acabar com a gente que deixassem suas armas, & fazendas, & que dando elle seguro à tudo, trabalharia nisso o que pudesse. Nuno da Cunha lhe respondeo, que o que tocava à sua pessoa, molher, & filhos, se os tinha, & propria fazenda; que era contente, & com isso o despedio para o outro dia tornar com à resolução. A qual foi, que elles não erão homẽs para tam levemente alargarem o que lhes era en-
20 tregue, que onde se perdesse a fazenda, là fossem as vidas; & segundo se despois soube, os estrangeiros erão de parecer que se dessem, mas os Guzarates naturaes temião tanto a crueldade de Soltam Badur, que não consentirão no partido. E como gente determinada à morrer, toda aquella noute se raparão as cabeças (que he hũa superstição de que usão os que desprezão a vida, aos quaes chamão na India Amaucos) & se forão à sua Mesquita, & alli offerecerão suas pessoas à morte, ou ao que a ventura delles disposesse, pois querião mantèr à fè que tinhão dada; & em sinal deste vo-
30 to, o Capitão por dar exemplo de sua determinação, mandou fazer hũa grande fogueira onde lançou sua molher, & hum filho pequeno que tinha, & toda sua familia, & fazenda entregou ao fogo, temendo que algũa cousa sua podia vir à nosso poder. Outro tanto fizerão algũs tam desesperados como este Capitão.

Nuno da Cunha como teve o seu desengano, para o outro dia ordenou as pessoas que avião de cômeter a entrada onde elles estavão. A Fráciſco de Sà, & à Manoel de Alburquerque deu hũa parte à Antonio da Silveira, & à Diogo da Sil-
40 veira, & à Manoel de Sousa outra, à Eitor Silveira, Iorge

Cabral, & à Rui Vàz Pereira outra, à Martim Afonſo de Mello com algũs Capitães dos navios outra: & elle com Antonio de Saldanha, & todos os outros Capitães tomou outra. Vindo a luz da manhãa cada hum acodio à ſeu lugar com grande animo. Os Mouros como eſtavão offerecidos ao Demonio, aſsi ſe vinhão metter nas armas dos noſſos, como que na ſua morte, eſtava a ſalvação da Ilha, & dando, & recebendo de ambas as partes, ouve aſſaz ſangue, & algũs ficarão logo onde os ferirão. E outros morrerão deſpois das feridas que ouverão, aſsi como Eitor da Silveira que de hũa eſpingardada que lhe atraveſſou hũa perna morreo d'ahi à ſeis dias, ao que ajudou ſua mà diſpoſição, que dezião ſer » quaſi ethico. E como nelle avia hum animo invencivel, » & de ſuas obras lhe reſultava tanta gloria, & fama, & era » tam neceſſario ao ſerviço d'el Rei, não lhe impedia a doen» ça trattar as armas, & offerecerſe aos maiores perigos: & » aſsi acabou com univerſal ſentimento, & notavel perda. Tambem morreo Dom Franciſco de Caſtro, filho de Dom Antam de Almada Capitão de Lisboa, Ian'Alvarez de Azevedo, Enrique de Souſa, & outros que fazião numero de doze peſſoas; os feridos forão mais de cento, de que os principaes erão Rui Vàz Pereira, & Ioão da Silveira. Os Mouros como ſe virão entrados per tantas partes, começaraõſe de recolher ao lugar de ſeu juramento, que era a Meſquita, a qual eſtava no meio da Ilha, onde ſem ſe querẽ entregar morrerão com hũa braveza de animaes brutos à cuſta do ſangue dos noſſos. Muitos delles por fugirem o ſeu ferro, lançaraõſe pelas barrocas da Ilha abaxo, & vinhão tèr ao mar, onde os bateis noſſos os andavão fiſgando às lançadas, com que acabarão como os outros: os quaes per ditto delles meſmos forão mil & oitocentos; forão tomadas ſeſenta peças d'artelharia de toda ſorte. A cerca, & baluartes ficarão apottilhados; principalmente a obra nova, que era menos forte: & por eſte feito ſer hum dos mais perigoſos, & bem pelejados da India, & em que morrerão tantos Mouros, algũs chamarão à eſta Ilha, a dos mortos, & outros lhe chamão de Santa Apollonia, por ſer tomada em ſeu dia, nove de Fevereiro.ª

a. *Eſcreve Diogo do Couto, & Fernão Lopez de Caſtanheda, q̃ na tomada deſta Ilha, arremettendo hum ſoldado Portugues com hũa lança à hũ d'aquelles amoucos, elle ſe metteo per ella, & correndo pela aſtea atè chegar ao ſoldado, lhe deu hũa cutilada per hũa perna, que lha cortou, & ambos cairão mortos à hũ tempo.*

E Franciſco de Andrade refere, q̃ tomada a Ilha, rodeandoa Gaſpar Correa em hũ catùr, vio ſobre hũ penedo quatro molheres, & hũ homẽ, & indo para os tomar, o Mouro com hũa adaga degollou duas, aparando ellas voluntariamente as gargantas, & querendo degollar as outras o matarão com hũa eſpingardada, & ellas ſe deitarão ao mar para ſe afogarẽ, por não virem à poder dos Portugueſes, & tomadas dos remeiros do catùr, o intentarão deſpois algũas vezes.

Nuno

Nuno da Cunha acabando de se recolher a gente à seus navios, a primeira cousa que fez foi em hum catùr andar de navio em navio visitando todos os homẽs principaes feridos: & após isso mandou ao Secretario Simão Ferreira, & com elle o Patrão mòr que fosse de fronte desta Ilha à terra firme à hũa ribeira d'agoa, ver se era para fazer agoada nella. E por acharem que o era, tornou là Simão Ferreira à isso, & Francisco de Sà em sua guarda, aos quaes os moradores de hum pequeno lugar que estava à borda d'agoa, vierão pedir seguro para o irẽ pedir ao Governador que lhes não mandasse fazer dano algum, & elle lho concedeo, & lhe mandou dar certos covados de velludo cremesim, de que ficarão contentes.

CAPITVLO XIIII.

Como Nuno da Cunha visto o sitio, & baluartes de Dio, se determinou em o combater.

DA Ilha de Beth partio Nuno da Cunha aos xij. de Fevereiro, mandando diante de toda a armada à Simão Sodrè à hum rio que se chama Madrefabat, para defender que quando a armada per alli passasse, não entrasse algũa das vellas dentro para elle ancorar com toda a frotta junta, & dar della hũa grande mostra, como fez meia legoa da face de Dio. E tambem por evitar o perigo da artelharia, de que logo teve experiencia, porque lhe tirarão com hum basilisco, cujo pelouro andava saltando entre as vellas, & emendandose a pontaria, parecendolhes que não chegava bem, sobrelevou toda a frotta. Nuno da Cunha visto o sitio da cidade, os baluartes, & villa dos Rumes, & toda sua disposição, ouve que não tinha informação de homẽs, nem pintura de papeis, que podessem demonstrar o que elle sentia com a vista, & que quantas informações erão dadas à el Rei em Portugal, & regimento que para aquella empresa lhe dera, tudo era pouco mais de nada, para o que elle via, & convinha fazerse. E segundo elle despois dezia, se nelle sò estivera a execução d'aquelle caso, &

não ouvera de dar conta ao mundo, elle não gastara nisso hum arratel de polvora. Porem como era necessario satisfazer ao mandado d'el Rei, & à opinião das gentes, convinha fazer experiencia, & acabar de desenganar tanto enganado.

E posto q̃ ja atras * em algũa maneira escrevemos a postura, & sitio desta cidade, toda via primeiro que digamos o modo de como foi combatida, daremos hũa breve noticia de algũas cousas della. O lugar em que esta cidade està situada he terra firme, mas porque hum esteiro do mar à rodea fica em Ilha. Este esteiro faz duas boccas, hũa da parte do Norte, que por ser baxo, & aparcelado, não se servem per elle; & a face desta Ilha, q̃ fica da banda do mar, & corre atè a outra bocca do esteiro da parte do Sul, he tudo hũa rocha de penedia mui aspera; principalmente onde a propria cidade tem seu assento, que he na bocca do esteiro do Sul, & quasi toda a povoação, & o principal serviço della, jaz ao longo deste esteiro, que serà de largura de hũa milha. Da outra banda d'elle, na mesma parte do Sul, està hũa povoação à que chamão villa dos Rumes, * & aqui espraia o mar, de maneira por ser aparcelado, que não pode nadar hum barco, que he mui differente do canal, que vai ao longo da cidade, que tem fundo perque entram os navios, & de cima della se pode defender, à quem quiser entrar per elle; & para esta entrada ficar mais defensavel, à meio esteiro, entre o aparcelado da banda da villa dos Rumes, & a cidade, fizerão hum baluarte baxo mui forte, que joga ao lume d'agoa, & como està no meio, serve de travès à outros tres baluartes que ficão da parte da cidade, hum junto às casas da alfandega, onde se descarrega a fazenda que entra, & outro mais abaxo contra o mar, fronteiro quasi ao do meio do esteiro, & o que chamão de Diogo Lopez, que jaz abaxo de todos. Deste baluarte que està no meio, ia hũa grossa cadea ao outro baluarte fronteiro, sostentada sobre barcos, & da outra parte contra a villa dos Rumes corria outro lanço da cadea tambem sobre barcos, atè dar em hũa ponte de madeira que ficava em lugar de estancia atè a villa. Alem desta cadea, que fechava aquella entrada, estavão entre bargantijs, & fustas mais de oitenta vellas, com muitos frecheiros, & espingardeiros para acodirem à parte onde necessario fosse. Na villa dos

*No cap. 9. do 2. livro da 2. Decada, escreve da fundação de Dio, & de seu sitio no cap. 5. do livro. 3. da mesma Decada.

*O seu proprio nome he Gogalà.

dos Rumes estava gēte da terra, com suas molheres, filhos, & fazenda, para os obrigar à não desamparar o lugar se cōmettidos fossem. A cidade estava atulhada de gente de diversas nações, & todos os muros, & eirados, & partes de que podião ver a nossa armada estavão cheas, & com grandes grittas, mostrando que a tinhão em pouco. Porem a verdade he (segundo despois se soube) que Melique Tocam, quando vio o mar coalhado de vellas, & soube que na Ilha de Beth erão mortos mil & oitocentos homēs, os quaes estando em hum lugar tam defensavel forão entrados à poder de ferro, esteve mui abalado para deixar a cidade, ou ao menos fazer algū partido d'elle ficar com a vida, & fazenda seguro. Mas (segundo tambem se disse) Mustafà, que era chegado de poucos dias,[a] vendo a disposição da cidade, & que em todas as cousas que tinha visto em Italia, & Turquia, não avia algūa que per natureza, & arte fosse tam defensavel como ella, & sobre isso a muita artelharia, asi a que avia na cidade, como a que elle trouxe por ser mui grossa, em que entravão basiliscos & outras peças mui furiosas, & muitos generos de artificios de guerra, & com tanta gente,[b] não desconfiava de poder defenderse, com que todos se determinarão à esperar a primeira bateria.

a Chegou Mustafa à Dio com dous galeões carregados de soldados, artelharia, & munições tres dias antes que o Governador. Diogo do Couto cap. 4. do lir. 7.

b. Avia na cidade dez mil homēs que podião tomar armas.

Nuno da Cunha despois que notou o que pode ver do estado, & disposição da cidade, teve conselho com os principaes Capitães, declarandolhe a vontade d'el Rei, sobre o cōmettimento della, & o que lhe tinha escritto pela informação que lhe tinhão dado, que era cōmetter a entrada da cidade pela villa dos Rumes, por ser combate mais seguro, tendo sempre diante a vida dos homēs. E pois todos tinhão ante os olhos o que avião de acōmetter, lhes pedia que cada hum desse seu voto, perque lugar seria, conformandose com a tenção d'el Rei seu Senhor. Posto este negocio em prattica, despois que foi altercado per final conclusão, per muitos inconvenientes, & pouca disposição para isso; ouverão que não podia ser pela villa dos Rumes, se não per a mesma cidade, & assentado per onde a avião de combater, não se fiando Nuno da Cunha d'outrem, o dia antes da bateria per si mesmo com o piloto mòr d'armada, andou sondando os lugares onde se devião pôr os que a batessem. E per pessoas que

para isso ordenou, dando à cada hum seu rol, se notificou aos navios pequenos, que Capitania cada hum delles avia de seguir da repartição que fez.

CAPITVLO. XV.

Como Nuno da Cunha cõmetteo a cidade de Dio, & por a principal artelharia lhe rebentar, & aver outros impedimentos, não perseverou no combate.

VISTA a disposição da cidade, & determinação do conselho, que se acõmettesse per mar, o Governador ordenou as estancias em tres partes, pelo baluarte que estava no meio do rio, & per outro da terra de fronte delle, & por o que chamavão de Diogo Lopez. Para este, por causa de hũa calheta à maneira de concha onde se podia desembarcar, & parecia que derribando algum pedaço do muro, & pondose escadas, poderia à gente subir per aquella parte, ordenou Iorge Cabral, Manoel de Sousa, Martim Afonso de Mello, cada hũ em sua galè, & em hũa galeaça Manoel de Alburquerque cõ hum basilisco, Francisco de Vasconcellos em hũa galè com outro, & Iurdão de Freitas com outro em hũa albetoça, Fernão de Lima, Manoel de Vasconcellos, Ioão de Magalhães, Enrique de Macedo, & Gomez de Sotomaior em galeottas: Alem destes navios, ião algũs bateis grandes, cada hum com sua peça grossa, & mantas, de q̃ erão Capitães Iorge da Azambuja, Vasco da Cunha, & sobre elles Antonio de Saldanha cõ sua taforea, da qual tirava hũa salvagem à cidade à matar gente, & fazer o dáno que acertasse: & elle andava em hum catùr (em que lhe matarão hum homem com hum pelouro de bombarda) correndo os navios da gente d'armas, que tambẽ alli era repartida, para que avendo algum modo de entrada saissem. Contra o baluarte do mar, ordenou o Governador tres bateis grandes, & poderosos, que para isso forão feitos, com mantas, & tiros mui grossos, de que erão Capitães Dom Vasco de Lima, Iorge de Lima, & Tristão Homem. Contra o baluarte da terra à este fronteiro, ordenou Francisco de Sà em hũa galè bastarda, que tirava hum basilisco, & dous liões, & Antonio de Sà em hũa galè com outro basilisco, & dous

camelos,

camelos, Nuno Fernandez Freire levava outra, de que tiravão outros tres tiros grossos com suas mantas, & arrombadas, & amparo para a gente correr menos perigo. E Nuno da Cunha ficava com toda a outra gente, asi Portuguesa, como Canarij da terra de Goa, pela qual repartio as escadas, & munições, com que avião de acodir se necessario fosse saltar em terra. E para que a mais frotta ficasse segura detras, & os que dessem a bateria estivessem seguros de oitenta fustas que os Mouros tinhão dentro da cadea, que como são ligeiros em
10 suas remettidas, podião fazer torvação, ordenou que Antonio da Silveira com duas galeottas, & vinte bargantijs estivesse em sua guarda, para acodir quando fosse necessario, & que se posesse hum pouco afastado para segurança da gente, por serem navios rasos.

Dada esta ordem à todos os Capitães, quando vèo ao outro dia, que forão xvj. de Fevereiro, dia de Santa Iuliana virgem, cada hum estava posto em seu lugar; & dado por sinal no batel de Dom Vasco de Lima hum tiro com hũa peça, à que os nossos chamão espalha fato, por ser mui furioso, come
20 çarão o mar, a terra, & àr à tremer, & mudar a quietação que tinhão: porque o mar fervia saltando para cima as suas agoas com o cair dos pelouros que vinhão da cidade, & fustalha, onde avia grande numero de espingardaria, de maneira que os pelouros fazião hũa chuiva: & n o àr, & agoa se encontravão. A terra era toda posta em poeira que levantavão os nossos tiros das estancias que batião. O àr era hum fumo de enxofre asi escuro, & grosso, que afogava os homẽs, & os cegava, & entre elle hũs relampados de fogo, que parecião vir do inferno. Tudo era hũa escuridão sem algũa luz, sómente hum te-
30 rror, & espanto aos olhos, tormento aos ouvidos, & hũa confusão de animo, que não sabião os homẽs onde estavão, & se era sonho o que vião, ou verdade.

Neste tempo andava Nuno da Cunha em hum catùr, por ser manhãa fria, vestido de hũa roupeta d'escarlata, & chapeo de seda de felpa, & encima o cobria hum sombreiro da China grande tambem de seda de còr; tudo porque fosse visto, & conhecido, & desse animo aos homẽs. Neste catùr trazia sómente o Secretario Simão Ferreira, & perpassando pela taforea em que estava Antonio de Saldanha, vio nella à Tris-
40 tão de Gà, ao qual por ser seu amigo, & com que folgava, lhe

P 5 disse:

disse: *Ah galante entrai aqui com nosco, não aveis vos de levar essa vida.* E porque despois de ser dentro no catùr chovião pelouros d'artelharia,& hum delles passou per junto de Tristão de Gà, com cujo vento se assombrou, disse à Nuno da Cunha: *Ah senhor à isto me trouxe V.S. aqui?* & elle respondeo muito enteiro, & seguro estas palavras da Igreja: *Humiliate capita vestra*. E porque elle corria tudo, ora à hũa parte, ora à outra, chegando à Iorge de Lima, achou que lhe erão mortos quatro homẽs, & tinha o batel arrombado, & como se não podia tèr sobre a agoa, o rebocou, & levou à seu galeão ao concertar. Neste tempo, estando Dom Vasco de Lima no seu batel em pè, lhe levou hum pelouro a cabeça do corpo. Os que estavão na bateria do baluarte da terra à este fronteiro com sua artelharia lhe não fazião dãno: porque como maciço não obrava mais o pelouro que amassar hum pouco o lugar onde dava, & maior dãno fazia com o repuxo à quem tirava que ao baluarte. A Francisco de Sà rebentoulhe o seu basilisco, & o que tinha Antonio de Sà fez hũa fenda na bocca com que não podia tirar mais. A serpe que estava na galè de Nuno Fernandez Freire tambem arrebentou. Os que estavão da banda do baluarte de Diogo Lopez de Sequeira, que batião com tres basiliscos, & outras peças, por o muro ser dobrado, & a bateria ser do mar, & o repuxo da furia dos tiros não ser em cousa fixa, & immobil, fazião muito pouco dãno, sòmente hum basilisco que tirava à montão dentro na cidade (segundo se despois soube) fez muito mal na gente. Os Mouros que estavão no baluarte do meio do rio, como virão os bateis retirados, convertetrão os tiros às galès, & aos outros navios que lhe caião em põtaria, com que fazião muito mal aos nossos, matando alguũs, sem delles poderem receber algum dãno. E nisto gastarão todo o dia atè a noute, sendo toda a perda nossa, assi da gente, como das peças d'artelharia, que arrebentarão; porque alem das nomeadas, tambem arrebentou hum basilisco à Francisco de Vasconcellos, & à Iurdão de Freitas outro, & à Martim Afonso de Mello hum lião.

O Governador como sempre andava visitãdo estas estãcias dõde se dava a bateria, sabia particularmẽte o q̃ acõtecia à cada navio. E porq̃ o tẽpo não dava mais lugar, mãdou afastar os cõ batentes,

batentes; & para se determinar o que farião ao seguinte dia, aquella noute teve conselho com todos os Capitães, & altercado o caso, visto que o maior dáno d'aquelle dia fora dos nossos, & não dos inimigos, & que das peças da nossa artelharia, as mais importantes erão quebradas, & que quanto acõmetter a cidade pela villa dos Rumes, como el Rei mandava, per mà informação que lhe derão, era imposivel, assentou, que nenhũa outra cousa podia fazer dáno à aquella cidade, & ao Reino de Cambaia, senão trazer boa armada no mar, & não lhe deixar entrar, nem sair cousa algũa: porque era regra certa, que quem era senhor do mar, tambem o era da terra; & asi se resolveo que o Governador se tornasse para Goa, & que Antonio de Saldanha ficasse com boa armada para fazer todo o mal, & dáno que pudesse na enseada de Cambaia. Polo que logo aquella noute mandou Nuno da Cunha que todos se fizessem à vella, afastandóse o mais largo que podessem da cidade. Este successo teve esta jornada, que fora prospero se o Governador se não detivera na tomada da Ilha de Beth, & navegara dereito à Dio, ou se despois de tomada partira logo, & chegara à aquella cidade antes de entrar nella Mustafà, que persuadio à Melique Tocam que se defendesse. O que mais espantou aos Mouros neste combate, foi a cõstancia com que os nossos em todo hum dia, recebendo, & não fazendo dáno, durarão, atè que a lúz do dia lhes faltou, & os despedio, com morte sómente de trinta pessoas, que pareceo cousa milagrossa, segundo a multidão dos pelouros chovia sobre elles. Tambẽ ouverão por muito tornar tam grãde armada tam enteira como veo sem algũ desastre.

O Governador despedido d'Antonio de Saldanha, foise para Chaul, onde se deteve algũs dias ordenando hum baluarte, muros, & cava, & outras cousas para defensão da fortaleza. Providas estas cousas, partiose para Goa, & seguindo seu caminho, veo ter com elle Bastião de Faria, que vinha de Calecut com nova que o Samorij lhe queria dar lugar para fazer hũa fortaleza. Chegado à Goa à xv. de Março esteve na cidade, atè q̃ chegarão duas naos que forão deste Reino,[a] para irem à China. De hũa vinha por Capitão Manoel Botelho, & da outra Manoel de Britto, as quaes não forão à China, mas o Governador as tornou mandar com carga para o Reino, como adiante se dirà.

Frotta da India do anno M.D.XXXI.

a. Estas naos erão de hũa armada de seis naos que partirão do Reino em Março de M.D.XXXI. hũa dellas arribou à Lisboa, em q̃ ia Pero Vàz do Amaral Corregedor da Corte, cõ officio de Veedor da Fazenda, & Capitania de Cochij. Das cinquo erão Capitães Aquiles Godinho, Diogo Botelho Pereira, Manoel Botelho, Ioão Guedez, & Manoel de Macedo, que levou preso à Portugal Raez Xarafo, & vinha provido da fortaleza de Chaul. A nao de Manoel Botelho por erro do seu Piloto, foi parar às Ilhas de Nicobar, donde voltou à Cochij. A de Manoel de Macedo errando tambẽ o seu Piloto a navegação, metteose do cabo de Comorij para dentro, sem saber donde estava, & foi varar a nao na restinga da Ilha dos Iogues, defronte do lugar de Calecare povoado de Mouros Naiteas. Manoel de Macedo desembarcou na restinga, & em hũa ponta de area se fortificou com a artelharia da nao; & como mui esforçado Capitão se defendeu doze dias dos Mouros, que em muitos navios que ajuntarão, os combaterão com muitas peças d'artelharia de dia, & de noute, atè que chegou o soccorro de Cochij (aonde Manoel de Macedo com o esquife avisou ao Capitão do seu naufragio) com q̃ os Mouros se retirarão, & embarcada toda a gente, artelharia, munições, & fazenda nos navios que vierão de Cochij, poserão fogo ao casco da nao, & chegarão à salvamento à aquella cidade. Tres destas naos vinhão ardenadas do Reino para fazerem viagem à China, & por aquella Provincia estar levantada, o Governador as tornou à mandar à Portugal em Ianeiro de M.D.XXXII. aonde não chegarão as duas de Manoel Botelho, & de Diogo Botelho, nem apparecerão mais.

Francisco de Andrade, cap. 75. da 3. parte, & Diogo do Couto cap. 11. do livro. 7.

CAPI-

CAPITVLO. XVI.

Como Mustafà foi recebido de Soltam Badur com muitas honras, & merces, & dos nomes de honra, & titulos com que se nomeão os Principes, & nobres do Oriente.

LOGO que partio o Governador de Dio, se partio Mustafà com todos os da sua companhia para onde estava Badur, de quem foi recebido cõ muita honra, & gasalhado, asi por a fama q̃ delle tinha, como por o grande presente que lhe fez de muitos cavallos Arabios, & armas de toda sorte, & peças ricas de seda & ouro, & o que era mais principal, muita artelharia, em que entravão basiliscos, & outras peças de bater, que forão causa de se defender Dio dos Portugueses, o que el Rei muito estimou; & por mostrar a vontade com que o recebia, & galardoar à Mustafà o presente de sua pessoa, & do mais, lhe fez merce da Capitania de Baroche, que he na enseada de Cambaia, & de grande rendimento, & asi d'outras terras, & juntamẽte o nome de Rume, & o honroso apellido de Chan. 10 20

O Rume lhe chamou por ser natural Grego: porq̃ os Mouros da India como não saibão fazer divisão destas Provincias de Europa à toda Tracia, Grecia, Esclavonia, & ilhas circunvezinhas do Mar Mediterraneo, chamão Rum, & aos homẽs dellas Rumij, sendo este nome proprio dos naturaes d'aquella parte de Tracia em que està Cõstantinopla, que do nome que ella teve de nova Roma, tomou a Tracia o de Romania. E asi são differentes nações Rumes & Turcos: porque estes tem a sua origem da Provincia Turchestan, & os Rumes da Grecia & Tracia, & como taes se tem por mais honrados que os Turcos, fazendolhes ventajem nos costumes & valor, & tendo por afronta chamarenlhe Turcos. E posto q̃ nas mesmas Provincias de Grecia, Tracia, Esclavonia ha Christãos, não são dos Mouros aborrecidos, como os das outras partes de Europa, à que elles chamão Frangues. A origem deste vocabulo, & deste odio he do tempo em que Gotfredo de Bulhon conquistou a Terra Santa. Porque como elle, & os mais dos Principes, que forão as cabeças d'aquella expedição erão Francescs, 30 40

Franceses, que forão grande terror dos Arabes, Persas, & Egipcios, de que fizerão grande estrago, & lhe tomarão suas terras, chamarão sempre Frangues, por dizerem Franceses à todos os Christãos de França, Espanha, Alemanha, & das outras Provincias do Norte. E como os homẽs destas nações raramẽte se tornão Mouros, & obedecẽ à Igreja Romana, tẽ elles à todos por verdadeiros Christãos, & por o odio que lhes tem, & aborrecimento ao nome de Frangue, por vituperio chamão aos Christãos destas partes Frangues, como nos à

10 elles impropriamente chamamos Mouros.

O Chan que acrescentou el Rei Badur ao Rumi, he denotação de dignidade tomada dos Tartaros, & que entre os Guzarates, & outros Povos do Oriente, se costuma dar por estado, ou merecimentos de pessoa, que denota entre elles hũa dignidade como em Espanha a de Duque. E porque em diversas nações d'aquellas Orientaes ha muitas differẽças destas adjecções, & additamentos, que se fazem aos nomes proprios, segundo he a dignidade da pessoa, asi para entendimento do que nos escrevemos nestes livros, como para os que tra

20 duzem de hũa lingoa em outra, saberem fazer a distinção do nome, cognome, & agnome como os Latinos, será necessario darmos disso a noticia que alcançamos, por ser cousa que muitos não sabem.

Os Persas, como gente mais politica que todos os Orientaes (excepto sempre os da China) derão entre os Mouros à elles vezinhos diversas denotações de honra, & tudo exemplificaremos conforme aos attributos dos ditados, & dignidades de Espanha, donde as outras nações o podem applicar à seus usos. Este nome Xiah, que em lingoa Arabiga significa

30 Governador, ou Capitão, junto à qualquer nome proprio, dão os Persas à seus Reis, & acerca delles denota Emperador, donde vem chamarẽlhe Xiah Ismael, Xiah Tamas. Bec, responde à dignidade de Conde. Emir, que quer dizer Capitão, he titulo que se dà ao fidalgo. Xech em Arabigo, & Cogia em Turquesco, significão homẽ velho d'autoridade. Raez, denota em Arabigo Principe, & Capitão que manda navio, pelo que vsão delle os Governadores dos Reinos. Os Turcos chamão à seu Rei Paderxa: & Vazir, que quer dezir Conselheiro, he dignidade igoal à do Duque, & Baxa à do Conde:

40 Sãgiac, he o mesmo q̃ Capitão de bãdeira; Chiaus, Cavalleiro

da

da casa d'el Rei; Ianglichiari escravos d'el Rei, a que nos chamamos Janiçaros. Os Arabios no tempo de sua potencia chamavão Soltam ao Rei do Cairo, o qual nome os Turcos tomarão delles.

Destas nações dos Mouros tomarão outras seus appellidos de honra, como os do Reino de Cambaia, o nome de Soltam, que derão ao seu Rei. Os Capitães do Reino do Decan acrescentão à seus nomes proprios outros de honra, de que se mais prezão, chamandose Iniza Malmulco, que quer dizer, lança da terra, Cota Malmulco fortaleza da terra, Adilchan da justiça senhor; & nos corrompendo estes nomes, lhe chamamos Nizamaluco, Cota Maluco, & Hidalchan. Os Mouros Malaios tem hum termo que he Raja, que quer dizer d'el Rei, o qual acrescentão à seus proprios nomes, cõ que ficão, significando cavalleiro d'el Rei, braço d'el Rei. Entre os de Maluco ha hum prenome de honra que he Cachil, como entre nos Dom, & dizem Cachil Daroes, Cachil Vaidua. Finalmente não ha lugar na terra em que não aja esta ambição de nomes honrosos, no fim, ou no principio do seu proprio: & o mais comum naquelle Reino de Cambaia he o de Chan, q̃ Soltam Badur deu à Mustafà, chamandolhe Rumechan: & como à homem à que melhor cabia o governo de quantos Rumes, & Christãos avia em seu Reino, lhe deu a Capitania delles.

CAPITVLO. XVII.

Do que fez Antonio de Saldanha com a armada que lhe ficou; & como o Governador ouve à mão hum irmão d'el Rei de Cambaia, & do sucesso d'armada de Dom Antonio da Silveira, & da sua morte.

ANTONIO de Saldanha ficou com sesenta vellas, as mais dellas de remo, & com mil & quinhentos homẽs, à quem o Governador mandou que primeiro q̃ entrasse na enseada de Cambaia, estivesse no porto de Dio algũs dias, como esteve oito, sem as oitenta fustas de Meliquè que dentro da cadea tinha ousarem sair. Partido d'alli entrou na cidade Madrefabat, que dista cinco legoas de Dio, contra a Ilha de

de Beth, com tenção de fazer alli agoada, porque tem hum
esteiro em que bem podia entrar toda a armada, & foi à tem
po que estava toda despejada de gente, temendo que os Por-
tugueses fossem à ella. Esta cidade era toda cercada de muro,
& da parte da terra firme tinha serventia de duas portas, on
de Antonio de Saldanha em quanto os nossos andavão reco-
lhendo hum pouco de despojo que acharão assaz pobre, man
dou pôr à hũa das portas Fernão Roïz Barba com trinta ho-
mẽs; & na outra Iorge de Sousa com vinte cinco. Per ambas
10 cõmetteo entrar muita gente de cavallo dos Mouros, & pos-
to que entrarão, custou a vida à dezasete que alli ficarão mor
tos, sendo algũs dos nossos feridos. E vendo que entrar den-
tro era sua perdição, quiserão tornar à sair per onde entrarão,
& por acharem as portas defendidas, como gente ja desespe-
rada, vierão demandar as portas da ribeira, por ser lugar mais
espaçoso, perque podião fugir. E neste caminho que fizerão
pelo terreiro, ficarão alli algũs derribados às lançadas. Quei-
mada esta cidade, & Talajà, entrou Antonio de Saldanha pa-
ra dentro da enseada, ao longo da costa d'aquella parte de Cã-
20 baia, & foi à hũa cidade grande, & antiga, chamada Gogà, a
de muito tratto, que distarà de Madrefabat vinte quatro le-
goas, pouco mais, ou menos. Neste porto achou dezoito pa-
raòs de Malavares carregados de especearia, que erão os me-
lhores de todo o Reino de Calecut, por serem de tres merca-
dores ricos, Pate Marcar, Cutiale, & de seu filho. Estes tanto
q̃ ouverão vista da armada de Antonio de Saldanha, se mette
rão per hum esteiro dentro quasi meia legoa, cuidando que
os nossos navios por demandarem mais fundo, não poderião
sobir onde elles estavão. Mas Antonio de Saldanha com as
30 vellas mais sutìs & leves os foi demandar com oitocentos ho-
mẽs, porque se puserão elles em defensão com muita artelha-
ria: & em os quererem os nossos cõmetter, tiverão assaz tra-
balho, porque lhes conveo sair em terra, onde os vierão rece-
ber mais de trezentos homẽs de cavallo, & oitocentos de pè
em que entravão muitos espingardeiros dos Malavares, que
como gẽte que defendia o seu, derão bem q̃ fazer aos nossos,
mas à custa de mais de dozentos delles que alli ficarão mor-
tos, desampararão os catùres, & estancias, q̃ logo forão quei-
madas, & asi entrarão na cidade, à que tambem foi posto fo-
40 go, & à sette, ou oito naos que estavão em baxo no porto,
ficando

a. Esta cidade era hũa das maiores, & mais opulentas em trato, riqueza, & poder de todas as da enseada de Cambaia. Iaz quasi no cabo della da banda do Ponente, estendida em hum largo campo, & de algũas ruinas de edificios, que ainda oje se vèm, mostra que foi antiguamente cousa mui grande, vendose em muitas partes pedaços de grossos muros de cantëria, de pedras bem lavradas de quatro palmos de comprido, tres de largo, & outros tantos de alto, liadas sem betume, nem cal, & assentadas com tanta igualdade, que parece parede de hũa so pedra. E se os Romanos chegarão com suas cõquistas à aquellas partes, poderase presumir que era fabrica sua, pela semelhança que tem com as que elles deixarão feitas: & deve ser dos Chijs, cujos edificios de semelhante fabrica se vèm em algũs d'aquelles Reinos, de que elles forão senhores, como nos Pagodes da Ilha de Salsete, & outros.

Diogo do Couto livro. 7. cap. 5.

ficando tudo assolado, & feito em cinza. Dos nossos forão muitos feridos,& algũs mortos,de que foi hum Paulo de Sà do Porto.Destes paraòs Malavares se ouve muita artelharia da qual algũa era de bronzo.

Acabado este feito,passouse Antonio de Saldanha à outra costa de fronte,[a] & foi demandar a cidade de Surat, por tèr nova que dentro do seu rio estavão algũs navios, principalmente paraòs Malavares carregados de pimenta, & gẽgivre, mas não achou mais que sette q̃ queimou. E posto q̃ o anno passado fora aquella cidade destroida per Antonio da Silveira,porq̃ se começava outra vez à reedificar,antes de fazerem maiores raizes,nas embarcações pequenas forão queimar o q̃ estava em pè.Tornado Antonio de Saldanha à sair do rio, se foi invernar à Goa,deixando tam assombrada aquella costa,que mandado Nuno da Cunha algũs catùres à Dio tomar lingoa, a tomarão pegados na cadea, & a esbombardearão, sem algum navio da cidade ousar de vir à elles.

Neste tempo andavão dous irmãos d'el Rei de Cambaia fugidos delle temendo que os mandasse matar, como fizera à outros, os quaes vindo tèr à casa do Nizamaluco, elle os quisera mandar à el Rei seu irmão,por lhos mãdar pedir.Pelo que vendose elles tam perseguidos,apartarãose,& hum delles foi morto por se não deixar prender de quem o ia buscar, cuja cabeça foi levada à Soltam Badur seu irmão. Outro foi tèr com o Hidalchan,que com temor de o irmão tambẽ lho mãdar pedir,lhe deu dinheiro, & o despidio de si, dizendolhe, que se fosse segurar à outra parte.E indo caminho de Dabul, para d'alli se passar per mar para outra parte, seus proprios criados lhe derão peçonha,& o deixarão per morto,roubandolhe o que levava.E estando alli por Feitor hum Lopo Toscano,o fez saber à Nuno da Cunha,& elle lhe mandou seguro,& que lho enviasse logo; & por ir mui desbaratado, o fez mui bẽ curar,& darlhe todo o necessario, & o tinha por gran de joia,por ser o legitimo herdeiro do Reino de Cambaia,esperando com elle fazer algum bom negocio.[b]

Em Chaul despedio Nuno da Cunha à Dom Antonio da Silveira para o Estreito, com seis vellas, hũa galeaça em que elle ia, & cinco galeões, de que erão Capitães Iorge de Lima, Martim de Castro, Antonio de Lemos, Enrique de Macedo,& Ioão Rodriguez Paez. Chegado Dom Antonio da

a. Onde destruio os lugares de Belsà, Tarapor, Maĳ, Quelme, Agacim, atè o rio de Bandorà.

b. Deste irmão de Soltam Badur escrevẽ variamente Francisco de Andrade,& Diogo do Couto.Porq̃ Francisco de Andrade diz no cap. 85. da 2.parte, q̃ fugindo elle de Badur em trajos de jogue,viera à Dabul, onde Ioão Criado q̃ alli estava por Feitor o recolhera, & em hũa fusta, que para isso mandara pedir à Chaul a Manoel de Macedo, o levara à Goa,& q̃ o Governador o fora receber à Pangim em hũa galè, & o hospedara, & tratara como irmão d'el Rei de Cambaia, o qual com os ciumes deste irmão mandara ao seu Regedor mòr q̃ tratasse com Tristão de Gà (q̃ entam estava na Corte) algum concerto entre elle Rei, & o Governador, com que a guerra se acabasse.

Diogo do Couto escreve no cap. 3. do liv. 8. q̃ quando Nuno da Cunha partio para Baçaim, q̃ a destruio, entregara ao Ouvidor geral Simão Caeiro hũ irmão de Soltam Badur, q̃ Antonio da Silveira Capitão de Ormuz tomara naquella cidade, que ia fugindo de seu irmão q̃ o quisera matar; & q̃ deste Principe não podera saber o nome, nem quando, & onde morrera, mas que alcançou homẽs velhos em Goa, q̃ o virão aquelle inverno do anno M.D.XXXII. andar pela cidade bebado encima de hum elefante, o que fazia de ordinario.

da Silveira com toda sua armada à salvamento, à paragẽ onde avia de esperar as naos da presa, repartio os seus navios para o que lhe era necessario, onde avia de andar atè a fim de Maio; & d'ahi foi tèr à cidade de Adem, onde soube que os homẽs que Eitor da Silveira alli deixou, & os outros Portugueses q̃ despois cõ mercadorias ahi forão tèr, erão mortos por el Rei de Adem. A causa da sua morte, foi a cobiça que el Rei teve de hũa nao carregada de pimenta, q̃ alli levarão certos Portugueses que lhe elle tomou. Dõ Antonio da Silveira, porq̃ não levava força para o castigar, dissimulou o melhor que pode aquella culpa. E porq̃ certas naos estrãgeiras q̃ hi estavão surtas ouverão medo delle, se acolherão, & elle se foi à Ormuz onde fallesceo em Agosto. E em seu lugar foi feito Capitão mòr Iorge de Lima: o qual partindo de Ormuz na saida do mesmo mes de Agosto, de caminho na costa de Cambaia tomou duas naos de presa tã ricas, q̃ valerão para el Rei, & partes cinquoenta mil cruzados, & com ellas chegou à India.

CAPITVLO. XVIII.

Como Nuno da Cunha à requerimento d'el Rei de Calecut fez a fortaleza de Challe, & o modo que teve com elle primeiro que a fizesse.

EL Rei de Calecut assombrado da guerra que lhe Nuno da Cunha mandava fazer, & quanto dano seu Reino nisso recebia; porque sòmẽte o anno passado avia perdido com nossas armadas que andavão na costa de Cambaia vinte sette vellas carregadas de especearia, que estavão para ir ao Estreito de Meca, escreveo à Nuno da Cunha sobre concerto de pazes. E que por evitar a dilação de idas, & vindas de messageiros, mandasse là hũa tal pessoa, q̃ conforme à seus apontamentos podesse logo dar seguro, cõ q̃ os mercadores livremẽte navegassem suas mercadorias, por ser o tẽpo da moção. Para este negocio mãdou Nuno da Cunha a Diogo Pereira, por ser homẽ q̃ tinha mui antigua experiẽcia das cousas do Malavar, & d̃ grãde autoridade ante os Reis, & Principes delle, por a prattica q̃ ẽ negocios passados cõ elle tiverão: o qual alem

alem de ser hum varão prudente, & de muita capacidade para semelhantes cousas, tinha à outros ventagẽ, q̃ era saber a lingoa da propria terra de maneira, q̃ não tinha necessidade de interprete, parte mui importãte à Embaxadores, & pessoas q̃ hão de negociar cõ gẽte estranha: porq̃ alẽ de todo o segredo dos dous q̃ contratão, & fallão ficar no interprete, como a lingoa he hũ vinculo q̃ muito obriga para ambos se convirẽ bẽ, se a sabẽ, estão seguros de aver mẽtira na falla, & de não se trocar hũa cousa per outra, como muitas vezes acontece por malicia, ou ignorãcia do interprete, & quando he sem estes, està o negocio seguro de tal perigo, & acabasse mais cedo, & melhor, como entre naturaes pela cõmunicação da lingoa, q̃ soe causar benevolẽcia. E porq̃ a tenção, & fundamẽto de Nuno da Cunha era tèr hũa fortaleza em hũ porto de Calecut, todo o regimento q̃ Diogo Pereira levou vinha acabar nesta cõclusão, apõtãdolhe a parte onde a queria, q̃ era no porto de Challe, mas q̃ não sentisse elRei q̃ elle a desejava alli, & q̃ para mais dissimulação sempre lhe apontasse o proprio lugar onde estivera a outra nossa fortaleza, q̃ Dõ Enrique de Meneses mandara desfazer, por elle Governador tèr sabido q̃ em nenhũa maneira elRei avia de cõsentir q̃ alli fosse, o qual requerimẽto assi succedeo, & el Rei lhe deu logo disso hũa provisão. Diogo Pereira como teve este recado d'el Rei, secretamẽte o mãdou logo à Nuno da Cunha, porq̃ conhecia bẽ a natureza, & incõstancia destes Principes Malavares, & ja elRei avia de sofrer ou per bẽ, ou per mal q̃ o Governador fizesse a fortaleza. Nuno da Cunha em quanto mandava fazer cal, & outras provisões para a obra, entreteve na Corte d'el Rei de Calecut à Diogo Pereira quasi todo o inverno fazẽdo outros negocios de pouca importãcia, para neste tẽpo practicar cõ dous, ou tres Principes de Challe, & aver seu consentimẽto, principalmẽte cõ o q̃ era senhor da terra onde Nuno da Cunha pretendia fundar a fortaleza, por ser o mais conveniente lugar. E para se melhor entẽder o que dissermos, he necessario declarar o sitio da terra, & a vezinhança que tem.

Esta terra chamada Challe he hũa Ilheta pequena que faz hũ rio dos notaveis d'aquelle Malavar, q̃ està abaxo de Calecut tres legoas contra o Sul. He este rio navegavel cõ catùres atè o pè da serra de Gate onde nasce; porque tambem entrão nelle outros rios, que o fazem grande: hũs vem da parte de Calecut,

Calecut, & outros da parte de Tanor. De maneira que mui-
ta parte das terras à Challe vezinhas vão repartidas, & reta-
lhadas em leziras com esteiros, perque se os moradores servẽ.
Porem quando todos estes rios, & esteiros se querem metter
no mar, he per tres partes, hũa decima da banda do Norte, à
que chamão Challe. Outra que sae à baxo meia legoa, chama
da Caramanlij: & logo mais abaxo legoa & meia entra outro
braço, à que chamão Parengalle, vezinho à el Rei de Tanor.
Da terra de Challe era Senhor hũ Gẽtio chamado Vnirama,
q̃ se intitulava Rei, & vezinhava com elle da parte de baxo
contra o Sul el Rei de Tanor, ambos subditos d'el Rei de Ca
lecut. Ambos desejavão muito a amizade dos Portugueses,
por se livrarẽ do Samorij. Cõ elles tinha Diogo Pereira pratti
cado este negocio, & elles mesmos o provocavão à se fazer es
ta obra, esperando q̃ nossa fortaleza os avia de fazer ricos, &
poderosos, como tinhamos feito à el Rei de Cochij. Avido
conselho sobre o sitio da fortaleza, cõ as principaes pessoas cõ
q̃ Nuno da Cunha o pratticou, foi assentado que se fizesse em
Challe, porq̃ seria hũ freo para todo o tẽpo enfrear a soberba
do Samorij, & os Mouros de Meca não poderẽ navegar a pi-
menta, q̃ tiravão de Calecut, & seus portos, senão cõ risco de
se perderẽ, & outros muitos proveitos q̃ da Feitoria da forta-
leza dependião, sendo os Portugueses Senhores d'aquelle rio,
em que os seus navios podião invernar.

Provido o necessario para esta obra, o Governador partio
de Goa [a] à xx. de Outubro, d'aquelle anno de M.D.XXXI. [b]
& quãdo chegou estava ja o Samorij arrepẽdido de permittir
fazerse a fortaleza per cõselho dos Mouros mercadores, aos
quaes ella era hũ pesado jugo sobre o pescoço. Toda via entre
a promessa, & o arrepẽdimẽto, Nuno da Cunha fundou a for-
taleza, na qual gastou muita pedra de hũa mesquita de Mou-
ros antigua, q̃ estava junto della, & de algũas casas velhas, q̃
foi grande ajuda, & asi à pressa cõ trabalho das mãos de quã
tos fidalgos se ahi acharão, em espaço de vinte seis dias foi
posta em defensão, com muro de doze palmos, com seus ba-
luartes, & torre de homenagem, & casas para o Capitão, &
soldados, almazẽs, & Igreja: & he hũa das bem acabadas for-
talezas d'aquellas partes, mui proveitosa, de bom porto, &
tam pegada na area do mar, que não se pode minar, por-
que à meia braça achão logo agoa doce que se pode beber.

a. Antes q̃ Nuno da Cunha partisse de Goa para Challe, mandou Antonio de Saldanha q̃ fosse à Cochij recolher a armada, & gente que alli estava prestes, ordenãdolhe q̃ com ella o esperasse por todo Novẽbro sobre o porto de Calecut. Chegou Antonio de Saldanha ao rio de Panane, & soube q̃ dẽtro estavão duas naos do Samorij à carga, & porq̃ não saissem deixou sobre aquella barra Dõ Roque Tello Capitão do galeão Lambeamorim cõ seis fustas, & elle passou à Cochij.

O Samorij mandou armar quarẽta navios para q̃ o fossem render, & despois q̃ os Mouros o cõbaterão com muita artelharia, & arcabuzaria determinarão de o investir, & commetterão a entrada, q̃ lhe foi defendida dos nossos cõ tanto valor, que se retirarão os inimigos, com mais de doze navios menos, & os outros destroçados, & muita gente morta & ferida, & assi se tornarão à recolher no rio, levãdo para dẽtro as duas naos, que ião ja saindo para fora. Dõ Roque Tello posto que lhe ferirão algũs homẽs, não recebeo outro dãno, & tornou à sorgir no mesmo posto, onde esperou per Antonio de Saldanha, que vindo de Cochij com a armada, se foi com elle à Calecut esperar o Governador como lhe ordenara.

Diogo do Couto cap. 11 do liv. 7.

b. Levava o Governador hũa grande armada de cento & cinquoenta vellas, nas quaes ião embarcados tres mil Portugueses, & mil Lascarijs da terra.

Para esta obra derão o Rei, & Principe de Caramanlij, & el Rei de Challe todo o favor, & ajuda que delles se ouve mester. E porque antes de Nuno da Cunha fazer aquella fortaleza os dereitos das mercadorias que entravão per aquelles rios se partião igoalmente entre estes dous Principes, concedeolhos Nuno da Cunha, o qual requerimento negou ao Samorij. Esta era hũa das principaes cousas que elle requeria, & apõtava no contrato das pazes, que os dereitos da entrada, & saida d'aquelles portos fossem seus. Ao q̃ Nuno da Cunha respondeo, q̃ tendo el Rei de Portugal seu Senhor fortaleza em Cochij, os taes dereitos erão do Rei da terra, como Senhor q̃ era della; & q̃ à el Rei de Calecut, q̃ não era Senhor d'aquella, não se devião pagar, pois nunca os levara antes da fortaleza; & q̃ a justiça era darense ao Senhorio da terra. Disto ficou o Samorij anojado, & muito mais quando hũ Senhor da Serra, chamado Baluari Lambeadorim, q̃ tem vinte mil naires, per contemplação d'el Rei de Tanor, se confederou cõ estoutros dous, em favor da fortaleza, & odio delle Samorij, para não consentirẽ q̃ elle viesse per suas terras, & muito menos o Principe de Calecut, q̃ por ser muito amigo dos Mouros, & por os cõprazer, insistia muito q̃ se não fizesse a fortaleza. A qual como foi acabada, deixou o Governador nella dozentos & cinquoẽta homẽs, & por Capitão & Feitor à Diogo Pereira, por elle o merecer por sua pessoa, & por o trabalho que levou em quanto andou no negocio della; & à Francisco da Yora fez Alcaide mòr. E para mais seguráça, deixou à Manoel de Sousa q̃ andasse naquella costa atè a entrada do inverno, cõ hũa galè, hũa galeotta, dez bargátijs, & dez catùres, asi para guarda da fortaleza, como para favor d'aquelles nossos amigos novos, cõ q̃ el Rei de Calecut por nossa causa estava de quebra. Manoel de Sousa andou naquella costa pouco tẽpo, porq̃ lhe deu hũ temporal tã forte, q̃ todas as vellas q̃ trazia se recolherão per esses portos q̃ poderão tomar, & não podẽdo elle sair de hũa enseada cõ a galè, sofreo o tẽpo sobre a amarra atè que abrio por ser velha, mas a gente se salvou cõ a artelharia toda, sòmente hum basilisco q̃ aboiarão, & despois o vierão tirar, & cõ o tẽpo se recolheo à Goa, onde o Governador estava.[a]

El Rei de Calecut como Nuno da Cunha se partio, começou fazer guerra à aquelles Principes nossos aliados aos quaes custou muito trabalho sua defensão, principalmente à el Rei de

a. Nesta jornada de Challe, diz Diogo do Couto no cap. 12. do liv. 7. que Nuno da Cunha fez pazes com o Samorij, à instancia d'el Rei de Tanor, à quem o Samorij tomou por medianeiro para que o Governador lhas concedesse.

de Challe, no que elle mostrou tanta lealdade, & fè, como el Rei de Cochij, quando por nossa causa sofreo os trabalhos q̃ ja escrevemos.* E quando per guerra o não pode vencer, movialhe partidos de grande tentação; & pela mesma maneira tentou à el Rei de Caramanlij, & à el Rei de Tanor, mas todos se mostrarão nossos amigos. Cõ estes desprezos se ouve o Samorij por tã injuriado, da pouca conta em que estes Princi pes o tinhão, por o favor que lhes davamos, que esteve para morrer. No tempo de sua doença, o Principe herdeiro fez da necessidade virtude, & escreveo à Diogo Pereira cartas de grande amizade, promettendo nellas, que se seu tio fallescesse elle avia de assentar pazes com o Governador, & que quando se fosse à coroar, como verdadeiro amigo avia de ir pela porta de Cochij, & não per caminhos furtados, como seu tio fizera.

*No livro. 7. da 1. Decada.

CAPITVLO. XIX.

Do que Manoel de Vasconcellos, & Antonio de Saldanha fizerão em Xael, & como chegarão à Mascate.

O Governador Nuno da Cunha, porq̃ tinha determinado de mãdar Antonio de Saldanha ao Estreito do Mar roxo, tanto q̃ a fortaleza de Challe esteve em boa altura, o despedio que se fosse à Goa dar ordẽ à sua partida, por ser ja tarde. E para melhor aviamento, quis Antonio de Saldanha por causa da monção q̃ se passava, q̃ fosse diante delle Manoel de Vasconcellos, & o esperasse em Xael, dãdo primeiro hũa vista à Ilha de Socotorà, q̃ era o ordenado curso das nossas armadas para aquellas partes. Manoel de Vasconcellos partio à xxviij. de Fevereiro, de M.D.XXXII. cõ duas galeotas, elle em hũa, & Enrique Mendez de Vasconcellos em outra, & oito bargantijs, & de algũs erão Capitães Fernão Lourenço de Lima, Christovão Rangel, Thome Baião, Diogo Vàz, & Tristão de Horta, & em espaço de xiiij. dias foi na Ilha de Socotorà onde fez agoada. D'ahi foi caminho de Xael, como lhe Antonio de Saldanha mandara, & tambem por tèr nova que no porto estavão muitas naos. Na travessa deste caminho achou hũa nao de Dabul, a qual como ia bem artilhada, & levava muita gente, começou de se pôr em ordem

de querer pelejar, o que ella não fez como se vio rodeada dos nossos, & pondo hũa bandeira na quadra, sinal de paz, disse ser de Dabul, & mostrou o cartaz que trazia, que lhe foi guardado, posto que era antigo, & passado o tempo delle. O respeito que Manoel de Vasconcellos teve em alargar esta nao, foi termos em Dabul hũ Feitor, q̃ podia receber dano, se esta nao o recebesse; sómente lhe servio de lhe dar novas, que em Xael ficavão muitas naos, & entre ellas hũa muito rica, & nomeada Cufturca, que avia muito tempo que navegava, & nunca fora tomada dos nossos. E asi lhes custou muito trabalho de a aver quando chegarão à Xael: porque tanto que ella vio a nossa armada, temendo o que veo à ser, alargou as amarras, & deixouse ir à costa atè encalhar, & a gente della fugio para terra onde esperava de salvar à si, & à ella com a artelharia que poserão na praia para a defender. Os nossos querẽdo a cõmetter, tiverão logo recado dos Mouros da cidade com presentes q̃ lhe mandarão, dizendo serem nossos amigos, & não lhe merecerẽ fazerẽlhe algum dano no porto d'aquella cidade. Mas quando virão que toda via entravão dentro na nao, & para a poderem tirar ao alto à nado, alijavão algũs fardos de mercadorias, começarão os Mouros de se servir da sua artelharia, de q̃ hũ dos nossos foi morto, & algũs feridos. E por muito q̃ alijarão, & a nao estava ja em nado, não avia remedio de a tirar d'aquelle lugar à poder de cabrestantes, atè q̃ hũ Mouro cattivo q̃ andava nas nossas galeottas descobrio à Manoel de Vasconcellos q̃ tinha per baxo rajeira dada na quilha, & a tacada em terra, como de feito asi era. A qual cortada a nao, vèo logo onde as galeottas estavão. Alem desta nao q̃ era bẽ rica, tomarão hũ marruaz de Turcos q̃ tinha muita fazẽda, & escorcharão outras tres naos, cõ a fazenda das quaes carregarão a Cufturca em lugar da q̃ lhe tinhão alijada. El Rei de Xael temendo por o q̃ vio fazer, q̃ se não cõtentasse Manoel de Vasconcellos cõ esta presa q̃ tinha feita, o mãdou visitar cõ hum presente de vaccas, carneiros, galinhas, tamaras, & outros mãtimẽtos da terra, dizẽdo q̃ era nosso amigo, & queria estar em nossa amizade, & q̃ a artelharia q̃ se tirara na praia fora per Turcos do marruaz, de q̃ elle não fora sabedor; mas despois q̃ o soubera os mandara prender. E q̃ quanto às naos q̃ tomarão, pois erão de seus inimigos, q̃ o pagassem, q̃ se mandasse algũa cousa delle, q̃ folgaria de o fazer. Estes cõprimẽtos gratificou

Manoel

Manoel de Vasconcellos à el Rei de Xael, com lhe mandar al gũas cousas, & sette cascos das naos que alli tomara vendeo à seus naturaes por mil pardaos. E porq̃ Antonio de Saldanha lhe tinha dado em regimento, não sendo com elle atè dez do Abril no cabo de Fartaque onde o mandava esperar que se fosse à Mascate, & o tempo era ja passado, determinou de se partir, & de todas as vellas que levava tirou à dous, & à tres marinheiros com que proveo de gente do mar a nao Custur ca com trinta Portugueses; porque os mais erão da terra, com
10 a qual presa chegou à Mascate.

Antonio de Saldanha que ficou em Goa, não se pode fazer prestes para partir mais cedo que à dez de Março, em que deu à vella com dez navios, elle em hum galeão, de que era Capitão Antonio da Fonseca, por ser costume que o Governador, & Capitães mòres levão em a nao em que vão hũa pessoa que sirva de Capitão da mesma nao para entender no governo della, ao modo que serve hum Veedor da casa, & o Capitão mòr fica desoccupado para o governo de toda a armada. Os outros Capitães erão Dom Fernando Deça, Dom
20 Roque Tello de Meneses, Enrique de Macedo, Antonio Cardoso, Gonçalo Vàz Coutinho, Antonio de Lemos, Gaspar de Lemos, Ioão Correa, & Francisco Mendez. Partido com esta frotta, chegou à Ilha de Socotorà vespera de Pascoa, & em fazer sua agoada se deteve quatro dias, d'aqui foi tèr à Xael, onde foi visitado d'el Rei com algum refresco, que lhe Antonio de Saldanha não quis aceitar, que foi causa de se temer de sua vinda. Com este temor, parecẽdo aos de Xael que queria sair em terra, começarão logo de despejar a cidade das molheres, meninos, & fato, que carregarão em camelos, que
30 os nossos vião ir pelo caminho da Serra. Aqui acharão algũas naos de Chaul, & Dabul com seus cartazes, & assi à ellas, como à outras que estavão em seco que se apercebião para defensão, não lhes foi feito mal algum: porque a tenção de Antonio de Saldanha, era dar hũa vista à Adem, & não achando Turcos com quẽ pelejar, andar às presas. Mas como se pôs em caminho atè chegar ao cabo de Fartaque, não poderão ir mais avante, por serem ja xxvj. de Abril, com grandes çarrações, & tormenta, que o fez arribar á Masca-
40 te.

CAPITVLO XX.

Do que Antonio de Saldanha fez em Mascate, & dos trabalhos que passou na paragem de Dio, atè Diogo da Silveira tomar entrega da armada, & como veo ao Reino por Capitão mòr das naos de viagem.

TANTO que Antonio de Saldanha chegou à Mascate, que foi à seis de Maio, achou hi Manoel de Vasconcellos com sua presa, & Ioão Roiz Paez, Vasco Pirez de Sampaio, & Antonio Fernandez, que não poderão vir em sua companhia, & rota batida vierão demandar este porto, & tirou, & pôs Capitães, & officiaes novos, por os outros se quererem entregar das presas que tinhão tomado, & segundo o regimento dellas, as repartio pela gente que erão novecentos homẽs. E vindo o tempo partio d'alli, & veo aver vista do cabo de Rosalgate, & por achar os mares grandes com tempo novo, foise à costa de Dio, & forão contando as pedras ao longo da praia de Pate, & Patane, atè se lançarem na ponta de Dio. Aqui vierão dar com elle sette, ou oito naos; de que sòmente tomarão tres, & às outras derão consigo à costa, onde a gente se salvou. Chegado mais à vista da barra de Dio appareceo hum galeão de Rumes, que determinou de se salvar correndo tam junto da praia por escapar às nossas vellas grandes, que foi necessario que o seguissem as galeottas, & bargantijs, que se lhe tiravão hum tiro, tirava elle dous, & da praia lhe fazia a gente de Dio sinaes, que não ouvesse medo, & cõ a artelharia que nella tinhão posta, tiravão aos nossos bargantijs que o perseguião, atè que querendose metter quasi no porto de Dio, coseose tanto com a terra, q̃ foi dar em hũa pedra, & com a pancada lhe saltou logo o masto fora, & virouse de hũa ilharga, onde ficou. Mas os nossos não ousarão de o ir esbulhar por estar em lugar perigoso, nem menos os da terra que estavão à vista de tudo, sòmente ouverão os nossos delle o que o mar lhe lançou na praia, & parte da gente se salvou.

E porque Antonio de Saldanha tinha ordem de Nuno da Cunha, que se não partisse de sobre a barra de Dio, atè elle mandar Diogo da Silveira com hũa armada de navios de re-

mo,

mo, à que elle Antonio de Saldanha avia de entregar os outros que trazia, para ficar naquella costa, deixouse andar esperando por elle, & cõ muito trabalho: porque os ventos erão tam rijos, que se não podia hum homẽ ter em pè nos galeões, & os bargantijs estavão arrasados d'agoa, & não dormia a gẽte, & o menos que os navios grandes estavão surtos, temendo ir dar comsigo em terra era em sesenta braças, mudando muitas vezes as ancorages, em que os homẽs andavão mortos, & dos bargantijs ficarão somente tres, & os outros arribarão à Chaul. Finalmente com o trabalho, fomo, & sede, começou a gente adoecer, per que foi necessario mandar Antonio de Saldanha no galeão de Ioão Roiz Paez caminho da India, os doentes, & muita fazenda que se tomou, com o qual foi Antonio Fernandez no seu catùr. E per Ioão Roiz Paez mandou Antonio de Saldanha dizer à Nuno da Cunha o que tinha feito, & como ficava naquelle trabalho esperando Diogo da Silveira.

As fustas de Dio neste tempo estavão apercebidas para como vissem sua hora sairem aos nossos navios grandes, & assi tanto que ellas virão ir descaindo sobre os alcoroẽs da cidade, que he na barra della, o galeão de Antonio de Saldanha, & dous outros, hum de Dom Fernando Deça, & outro de Dom Roque, sairão à elles vinte sete vellas, & poserãose em lugar, & ordem, que descarregarão quanta artelharia trazião na Capitaina, & assi nos outros dous galeões: mas como o galeão S. Matheus, em que Antonio de Saldanha andava, era como hũa rocha forte, como davão no costado caia o pelouro no mar sem fazer dano, somente algũs entravão dentro per cima do bordo, quando ião fazendo saltos, & chapelettas pelo mar. Dos quaes hum quebrou hum braço à hum fidalgo per nome Ioão Tellez, & outro foi dar no galeão de Manoel de Vasconcellos, que matou dous escravos. Neste cometimento, tambem os Mouros levarão seu castigo em gẽte que a nossa artelharia ferio, & matou. E ao tempo que batião os galeões estavão as suas fustas sobre o remo, & os nossos navios surtos, que foi causa de não irem melhor castigadas: & a principal foi serem os nossos tres bargantijs idos em caça de hũa nao, que os Mouros lançarão pela barra fora em modo de ardil. à qual encaminharão de maneira que forão dar com ella na costa em Madrefabat, achandoa vazia os nossos bar-

gantĩjs,se detiverão là em fazer agoada.

Neste tẽpo chegarão dous catùres da India, em q̃ vinhão Martim de Castro, & Fernão de Moraes, com recado do Governador para Antonio de Saldanha, como Diogo da Silveira vinha logo. Os quaes vindo na paragem de Baçaim, toparão Fernão Lourenço de Lima, Christovão Rangel, Francisco Mendez, & Ioão Correa Capitães dos bargantĩjs da armada de Antonio de Saldanha, que erão os que dissemos serem arribados à Chaul, & ajuntaraose estes dous catùres com elles, & tomarão hũa nao de presa, & a levarão à Chaul. Com esta nova que os catùres trouxerão à Antonio de Saldanha, por se não ir d'aquella costa sem fazer algũa cousa notavel, determinou de ir dar em a cidade de Pate, que fica detras de Dio, para o que mandou dous catùres diante, que lhe fossem dar hũa vista, para saber o estado em q̃ estava, & que desembarcação tinha, mostrando que arribarão alli com tempo, & que elle ia de vagar tras elles. Os catùres toparão hũa nao mui rica que vinha para Dio, & começarão de ir ladrando tras ella às bombardadas, & como Antonio de Saldanha ia de caminho para là, & as ouvio, entendendo o que seria deu mais velas: mas quando chegou, ja os catùres com os bargantĩjs que forão diante tinhão tomada a nao, q̃ foi a mais rica de quantas tinhão tomado, à custa de muito sangue dos nossos, por pelejarẽ hũa grande hora, em que morrerão muitos Mouros, & outros carregados de muita soma de moeda d'ouro & prata se lançarão ao mar, cujo peso os levou mais cedo ao fundo. E segundo algũs dos Mouros cattivos della dizião, somente em moeda de zequĩjs Venecianos trazia mais de sesenta mil, afora muitos brocados, sedas, pannos, & outras mercadorias, & conservas de todo genero, atè de espargos, que valião grã de preço. Como estes que entrarão na nao tomarão o que poderão, se tornarão à seus navios, antes que Antonio de Saldanha chegasse, o qual mandou metter nella officiaes para se pôr em boa arrecadação o que nella vinha: & dando com esta vittoria hũa vista à Dio, navegou para Chaul. Mas primeiro que là chegasse, na paragem de Baçaim achou Diogo da Silveira, ao qual entregou os navios q̃ Nuno da Cunha mandava, & elle foise à Chaul, onde mandou fazer grande cata em todos os navios & catùres que tomarão a nao na costa de Dio, de q̃ ouve grande soma de dinheiro, & fazẽda, de

de que deixou algũa parte alli, por tèr maior valia que em Goa, & partiose para là, onde foi recebido com grande prazer; porque importarão às presas que naquella viagem fez mais de cento & oitenta mil cruzados, em ouro, prata, sedas, pannos, cobre, & outras mercadorias que destas partes de Europa se levão à India pelo Estreito do Mar roxo.

Naquelle anno de M.D.XXXII. foi a armada que partio deste Reino dividida em duas Capitanias mòres,[a] de hũa era Capitão mòr Dom Estevão da Gama, filho do Conde Almirante, com quem ia por Capitão de hũa nao Vicente Gil. E da outra era Capitão mòr Dom Paulo da Gama, irmão do mesmo Dom Estevão, & com elle por Capitão de hũa nao Antonio Carvalho. Dom Estevão invernou em Moçambique, & porque avia de ficar na India para ir por Capitão à Malaca, & quando elle acabasse lhe avia de succeder Dom Paulo seu irmão, vèo Antonio de Saldanha ao Reino por Capitão mòr d'aquella armada, com a carga da especearia.

Frotta da India do anno M.D.XXXII.

a. Esta armada do anno de XXXII. era de cinquo naos; da qual ia por Capitão mòr Pero Vàz do Amaral, que arribara o anno passado. Na nao de Vicente Gil foi embarcado Dom Fernando Vaqueiro Bispo Aurense, da Ordem dos Menores, varão mui religioso, & o primeiro Bispo que el Rei Dom Ioão mandou à India, o qual fallesceo o anno de XXXIIII. estando em Ormuz, aonde jaz enterrado na Igreja da Fortaleza. A nao de Dõ Estevão (com quem ia Dom Christovão da Gama outro seu irmão) errando Moçambique, & não podendo tomar Melinde para fazer agoada, nem Sacotorà, foi à Xael, em cuja praia desembarcou Dõ Estevão, com Dõ Manoel de Lima, & Dõ Fernando de Lima. E estando nella em quãto se fazia agoada, sobreveo hum Levante tam rijo, que não o podendo sofrer a nao que andava às voltas cõ o traquette, lhe foi forçado correr em popa, & ir demandar a costa de Melinde, & não podendo ferrar terra, passarão avante, & forão tomar Moçambique com muito trabalho, & perigo. Dom Estevão passada a primeira furia do temporal, embarcouse ao outro dia no batel, & foi ao mar buscar a nao, parecendolhe que andasse per alli às voltas, & não a achando, chegou à Sacotorà, onde não sabendo novas della, aportou em Magadaxò, el Rei da terra lhe deu hũa embarcaçaõ maior, & Pilótos que o levarão à Melinde, onde soube que a sua nao estava em Moçambique, & em hũa fusta que lhe aprestou Nuno Fernandez Capitão de Melinde, em poucos dias chegou à Moçambique, & alli esperou a monção de Agosto, a qual o levou à India.

Diogo do Couto liv. 8. cap. 2.

CAPITVLO. XXI.

Como Diogo da Silveira entregue da armada de Antonio de Saldanha, destroio as cidades de Patan, Pate, & Mangalor, & as queimou, & as naos que em seus portos estavão.

SENDO passado o inverno, fezse prestes Diogo da Silveira, & partio de Chaul caminho de Dio à fazer guerra naquella costa, como o Governador lhe mandava: mas nella não avia ja que fazer, por Antonio de Saldanha a deixar destruida, & amedrentada, por o que atras dissemos: polo que passou avante com tenção de dar na cidade de Patan, que està na costa, doze legoas de Dio. Era esta cidade cercada de bõ muro, & baluartes que defendião a desembarcação que està ao longo de hum arrecife, da qual tinha novas Diogo da Silveira, que estava bem provida, asi de Rumes, como d'artelharia, com que se determinava defender. Com tudo elle a foi demandar, & chegando ao porto desembarcou com a melhor gente da que levava, & tomou hũa tranqueira que os

Mouros

Mouros tinhão feita muito forte, & bem artilhada, a qual foi acõmettida pelos nossos com tanto esforço, que lha fizerão largar, & se recolherão com morte de muitos. A isto acodio o Capitão da cidade com muitos Rumes que pelejarão mui animosamente, atè lhe os nossos matarem o Capitão cõ muitos dos seus, com que foi entrada a cidade de Patan, saqueada, & queimada, & com ella perto de quarenta naos que estavão no seu porto. Embarcado Diogo da Silveira, com muito contentamento de todos, com esta vittoria que ouverão, à pouco custo seu, com tanta brevidade, & de que ouverão grande despojo, se partio caminho da cidade de Pate. Esta cidade estava tambem muito forte, asi de gente d'armas Guzarate, como d'artelharia; mas nada lhe valeo, posto que o seu Capitão a defendeo mui valerosamẽte, porque com sua morte, & de muitos dos seus, foi a cidade tomada, saqueada, & entregue ao fogo, & todas as naos que no porto estavão. Com esta segunda vittoria andava a gente tam contente, & gloriosa, que tudo lhe parecia leve de acõmetter. E asi se foi Diogo da Silveira à cidade de Mangalor, que dista vinte legoas de Dio, & posto q̃ em costa brava, não deixou de a acõmetter, & queimar, & as naos do seu porto, sem resistencia de seus moradores, por todos à terem despejada com temor de Diogo da Silveira, o qual andou destroindo aquella costa, & queimando muitos lugares, & vèo à dar vista à cidade de Dio, sem aver quem lho defendesse, tanto era o temor que delle tinhão. [a]

a. Antes desta jornada fez Diogo da Silveira outra em Settembro de M.D.XXXI. com vinte navios, em q̃ levava trezentos espingardeiros, cõ que atravessou de Chaul à ponta de Dio, à esperar as naos de Meca, & por ellas serem ja entradas em Dio, antes q̃ elle chegasse, voltou d'alli no fim de Outtubro para a enseada de Cambaia, & foi demandar Bandorà, cidade d'aquelle Reino mui rica, por o trato, & cõmercio de seus habitadores, & posto q̃ elles a defenderão bem, foi tomada per os nossos, & despois de saqueada lhe poserão o fogo. De Bandorà se passou Diogo da Silveira ao rio de Bombaim, & entrou per elle atè a cidade de Tanà, q̃ com o favor de hum Capitão de Melique Tocam, que estava cõ dous mil homẽs em Baçaim, se rebellara, & não pagava as pareas que se obrigara pagar quãdo là fora Eitor da Silveira. Defenderão os Mouros a desembarcação aos nossos, & com grande resistẽcia a entrada da cidade: porem com morte de muitos Rumes, & Guzarates foi entrada, & destruida como Bandorà. Saidos os Portugueses do rio, forão atè Surat asolando todas as aldeas, & povoações maritimas, em q̃ cativarão, & matarão muita gente. E não avendo naquella costa mais em q̃ empregar o ferro, & o fogo, se pasarão à outra de Dio, onde fizerão igoal dãno nos lugares de Castellete, Talajà, & Madrefavat, queimando naquelles portos muitos navios carregados de fazendas, polo que todos os moradores da costa despovoarão os lugares, & Diogo da Silveira acabado o verão, em Abril, de M.D.XXXII. se recolheo vittorioso à Goa (onde ja estava o Governador da volta de Challe) com mais de quatro mil cattivos, & seus soldados ricos de despojos.

Francisco de Andrade cap. 76. da 2. parte. Diogo do Couto cap. 13. do liv. 7. & Fernão Lopez de Castanheda cap. 45. & 46. do liv. 8.

CAPITVLO XXII.

Como Nuno da Cunha tomou a fortaleza de Baçaim, & a mandou destroir, com morte de muitos Mouros, & fugida de Melique Tocam seu Capitão.

ENDO Nuno da Cunha que não se podia tomar a cidade de Dio, por sua grande fortificação, determinou de lhe fazer tanta guerra per mar, tolhendo que ao porto della não fossem naos, cõ que a destroisse. Por esta razão deixou Antonio de Saldanha naquella costa, & apôs elle mandou Diogo da Silveira, que fizerão o q̃ temos escritto. Bem sentio o dãno

o dãno Soltam Badur no pouco rendiméto que aquelle anno teve de suas alfandegas. E posto que Nuno da Gunha lhe mãdou fazer esta guerra, não lhe descansava o espirito, em quanto não via hũa fortaleza feita na cidade de Dio, & asi buscava todos os modos que podia, para a apertar de maneira que se lhe viesse à entregar. E porque tinha per informação, que Baçaim se ia fazendo outra Dio, antes que mais crescesse determinou de a destruir. Deste pensamento deu conta à cinco, ou seis Capitães dos mais principaes, & experimentados, pedindolhe conselho se cõmetteria esta empresa por as causas que à isso o movião. As quaes erão ser aquella cidade de Baçaim grande escala de naos, onde carregavão para Meca muita madeira, de que se provião as galès dos Turcos, & todo aquelle Estreito, no qual ella tinha muita valia, & que se ia fazendo aquelle porto outra Dio, com a fortificação que nelle começara Melique Tocam. E que se os Turcos alli se recolhessem vindo à India (de que avia presunção) seria notavel dãno para aquelle Estado, polas cõmodidades, que elles para suas armadas naquelle lugar tinhão. Polo que lhe parecia que convinha deitar os Mouros de Baçaim, & fazer nelle hũa fortaleza, asi para lhes impedir o trato da madeira, & os intentos de Melique, & estorvar q̃ os Turcos o occupassem, como para tèrem nelle as nossas armadas porto mais vezinho de Dio, donde saissem à fazer guerra ao Reino de Cambaia. Pareceo aos Capitães desnecessario fazer fortaleza em Baçaim (como se despois fez por as causas referidas) sendo a de Chaul tam vezinha, & que para se atalharẽ os dãnos que se receavão, bastava arrasar o lugar, & pôr per terra tudo o que Melique nelle tinha fortificado.

Approvada a jornada, se fez prestes o Governador, & partio de Goa na entrada do anno de M.D.XXXIII. com oitenta vellas,[a] indo elle em hũa galè bastarda, & levando por Capitães das mais galès Manoel de Alburquerque, Dom Pedro de Meneses, Martim Afonso de Mello Iusarte, Pero de Faria, Nuno Barreto, Tristão de Taide, Francisco da Cunha, Vasco da Cunha, Manoel de Vasconcellos, & Fernão de Lima. Dos galeões ião por Capitães Dom Fernando Deça, Dom Paulo da Gama, Antonio de Lemos, Vasco Pirez de Sampaio, Enrique de Macedo, Antonio Cardoso, & asi outros, cujos nomes não vierão à nossa noticia. A gente que ia nesta armada

a. Era esta armada de mais de cento & cinquoenta vellas, nas quaes avia vinte galeões, muitas gales, & galeotas: os Capitães sem os que nomẽa Ioão de Barros, erão Garcia de Sà, Antonio da Silva, Iorge de Lima, Francisco de Sà, Rui Vaz Pereira, Antonio de Sà o Rumẽ, Nuno Pereira de la Cerda, Tristão Homẽ, Iorge Cabral, Francisco de Vasconcellos, Martim do Freitas, Dõ Roque Tello, Manoel de Miranda, Manoel Rodriguez Coutinho, Cristovão de Castro, Luis Coutinho, Francisco da Silva, Paio Rodriguez de Araujo, Lopo Pinto, Pero Botelho, Iorge de Sousa, Antonio da Cunha, Francisco de Sousa, Pero de Mesquita, Afonso Figueira, Antonio Ribeiro, Francisco da Costa, Gaspar Luis, Bartholameu Vàz, Ioão Fernandez o Taful: ião embarcados nesta armada mais de tres mil soldados Portugueses.
Diogo do Couto cap. 3. do liv. 8.

armada (à qual se ajuntou a de Diogo da Silveira, que tinha mandado chamar Nuno da Cunha) erão mil & oitocentos Portugueses, & dous mil Canarijs. Melique Tocam Capitão de Dio, que estava entam em Baçaim, [a] & avia muitos dias que a fortificava, sabendo que o Governador vinha sobre ella com tamanho poder, metteo na cidade cõ este receo mais de doze mil homẽs de guarnição, & acabou de a fortificar o melhor que lhe foi possivel, & quis ver se podia per algũ ardil livrarse de Nuno da Cunha, para o que lhe mandou per hum Mouro cometter paz com algum bom partido. O Governador respondeo, que aceitaria a paz, & mandou à Melique com arrefẽs que deu, à Martim Afonso de Mello, o qual não assentou nada, porque Melique não quis cõceder a paz, como nos convinha. Polo que assentou o Governador com os Capitães, & Fidalgos, que com elle vinhão, de sair em terra antes que Melique ajuntasse mais gente. E tambem porque foi avisado per o Secretario Simão Ferreira, que os soldados se queixavão d'elle ja não acõmetter a fortaleza. Para o que ordenou sua gẽte em tres esquadrões: No dianteiro ião Diogo da Silveira, Manoel de Alburquerque, Martim Afonso de Mello: No outro Dom Paulo da Gama, Dom Fernando Deça, Vasco Pirez de Sampaio, Antonio Cardoso, Enrique de Macedo, Antonio de Lemos: Na retraguarda ia Nuno da Cunha, com os dous terços da gente. E porque Melique tinha feito hũa tranqueira bem fortificada para defender a desembarcação, [b] & em hũa ponta della estava hum baluarte, & a outra ia entestar em hũa Mesquita, à qual era mui forte, com seus baluartes de terra & madeira, com muita & boa artelharia, & sua cava ao redor, mandou Nuno da Cunha chegar à ella todos os bateis, & embarcações, com suas mantas, & artelharia para a baterem. E ante manhãa dado o sinal que tinha posto, forão todos juntos, & sendo confessados & absolutos per hum Religioso de S. Francisco, & encomendandose à Deos, partirão, & chegando à tranqueira, começarão a batela, à que os Mouros respondião della com outros tantos tiros. Passando os nossos per este perigo forão desembarcar no cabo desta trãqueira, onde acharão Melique cõ a mais da gente, em q̃ avia muitos de cavallo, & tãtos tiros de espingarda, & artificios de fogo, que parecia temeridade acõmettelos; o que os nossos fizerão com tanto esforço, q̃ não poden- do

a. O que estava em Baçaim diz Frãcisco de Andrade, que era sobrinho de Melique Tocam Capitão de Dio, do seu mesmo nome. Cap. 77. da 2. par.

b. A fortificação desta cidade, & a peleja que os nossos teverão com os Mouros, escreve mai particularmẽte Francisco de Andrade no cap. 78. da 2. parte.

do os Mouros sofrelos, se começarão a desordenar, & recolher para à fortaleza, seguidos dos nossos, fazendo Melique per algũas vezes entretèr os seus pelejando cõ os Portugueses por muito espaço, atè que a vittoria se declarou por nos. O que vendo Melique, se pôs em fugida, & todos os mais com elle, morrendo muitos.[a] Dos nossos morrerão sòmente dous homẽs de nome Diogo de Mello, & Bartholomeu Drago, & seis, ou sete soldados, o que os Gentios da terra tiverão por milagre entre tantos tiros, & artificios de fogo; que foi causa de 10 algũs se fazerem Christãos. Passada esta trãqueira, caminhou Nuno da Cunha para à fortaleza, mandando diante Simão Ferreira com poucos que a fosse reconhecer, em quãto elle se detinha em esperar por artelharia para a bater. Mas os nossos vendo ir Simão Ferreira, se forão todos apôs elle; o que visto pelos Mouros, & como Melique se acolhera, & era tanta gente morta, não se atreverão defender a fortaleza, & começarão à fugir, & os nossos aos seguir matando nelles. Avisado Nuno da Cunha per Simão Ferreira, abalou logo atè chegar à fortaleza, & despois de entrado nella, deu muitas gra 20 ças a Deos por lha dar. E louvando muito à aquelles Capitães & fidalgos seu muito esforço, armou algũs cavalleiros cõ muito prazer de todos em dez dias que alli esteve, no qual tempo a gente destroio a terra, & Nuno da Cunha mandou derribar a fortaleza atè os aliceces, por entam não ser necessaria.[b]

a. *Forão mortos mais de quinhentos & cinquoenta Mouros.*

b. *Recolherãose da fortaleza, baluartes, & tranqueiras mais de quatrocentas peças d'artelharia, & hũa grande quantidade de munições. Fernão Lopez de Castanheda, cap. 63. do liv. 8.*

Em quanto esteve em Baçaim, mandou Diogo da Silveira ao Estreito do Mar roxo, por Capitão mòr de hũa armada de quatro galeões, de que forão Capitães elle, Vasco Pirez de Sampaio, Antonio Cardoso, & Antonio de Lemos, & de duas galeottas, das quaes erão Capitães Francisco de Sousa, & Fer 30 não de Castro, & de quinze bargantijs. Tambem despachou Martim Afonso de Mello Iusarte para Bengala, de cujo successo daremos conta em seu lugar. E por lhe darem novas q̃ a fortaleza de Damam estava despejada, mandou tambem d'ahi à Manoel de Alburquerque que a fosse derribar com hũa armada, de que o fez Capitão mòr, com elle ião Dom Pedro de Meneses, & Manoel de Vasconcellos, & trezentos homẽs, em doze bargantijs, & catures. Antes de Manoel de Alburquerque chegar à Damam, achou novas, que não estava despejada a fortaleza; & sendo requerido de todos que se tor- 40 nasse, porque o Governador sòmente a mandava derribar,

cuidando que estava desamparada da gente, & não lha mandava conquistar; elle per comprir com sua honra não quis deixar de chegar à ella, & informarse per si do que podia fazer. E achando que estava mui bem artilhada, & com muita gente de guerra Abexijs, & Fartaquijs, todos homẽs de feito, & que elle não levava o necessario para a acõmetter, & sobre isso a pouca vontade dos seus soldados a deixou.

Diogo do Couto cap. 5. do liv. 8.

„ Partido Manoel de Alburquerque de Damam, foi que„ mando, & assolando todas as povoações que avia de Baçaim „ atè Tarapor, tomando muitas embarcações, com fazendas, 10 „ & da volta entrou no rio de Bombaim, dando em algũs luga„ res da Ilha de Salcete, que ja se tornava à povoar; & porque „ o dãno não crescesse, offereceo cada hum dos Tanadares del„ la, quatrocentos pardaòs de parias, pagando logo os d'aquel„ le anno; & o mesmo fizerão os de Tanà, Bandorà, Maij, & Bõ„ baim: & por se chegar o inverno, recolheose Manoel de Al„ burquerque à Chaul, como o Governador lhe tinha man„ dado.

Diogo do Couto, & Francisco de Andrade no cap. 80. da 2. parte.

„ Diogo da Silveira que partio para o Estreito de Meca às „ presas no principio de Fevereiro, chegou ao cabo de Guarda 20 „ fù; onde tomou hũa nao com algũa resistencia da muita gen„ te q̃ ia nella. Vasco Pirez que se adiantou da armada na para„ gem de Sacotorà, rendeo hũa grande, & poderosa nao de Ru„ mes, com morte da maior parte delles, & de algũs dos nossos. „ E no cabo de Fartaque tomou outra que levava muita fazen„ da. Diogo da Silveira queimou despois duas no porto de „ Adem, & deu com outra que amainando o Capitão della, se „ foi no batel ao galeão, & lhe apresentou com muita confian„ ça hũa carta de hum Portugues, que estava cattivo em Iudà, „ a qual trazia o Mouro por salvoconduto. Diogo da Silveira 30 „ a abrio, & leo nella estas palavras. *Peço aos senhores Capitães* „ *d'el Rei que encontrarem esta nao, que a tomem de presa, porque he de* „ *hum muito roim Mouro.* Vendo o Capitão mòr a confiança cõ „ q̃ o Mouro trazia aquella carta de sua perdição, & consideran„ do a ruindade do Portugues; por conservar o nosso credito, „ aprovoulhe o falso seguro, & rompendolho, porq̃ não conhe„ cesse o engano, nẽ lhe fizesse mal encontrandoo cõ elle algũ „ Capitão cobiçoso, passoulhe outro em forma, cõ que o Mou„ ro se foi mui contẽte, & Diogo da Silveira quis antes perder „ hũa nao carregada d'ouro, que quebrar a fè enganosa de hum 40

Portu-

Portugues,em q̃ o Mouro vinha tã cõfiado. D'ahi emboçou o Estreito da Persia,& deixãdo os galeões em Mascate, se passou aos navios de remo,& nelles foi à Ormuz onde invernou. Na entrada de Agosto partio com toda a armada para Goa, nesta hũa travessa,tomarão duas naos de Meca, com que chegarão à Chaul. Despedindo alli Diogo da Silveira os navios grossos,para se concertarẽ,embarcouse na galè de Manoel de Alburquerque,& cõ os navios de remo voltou à cõtinuar a guerra de Cambaia,& se pôs na enseada onde vèo tèr com elle Vasco da Cunha,& lhe deu hũa carta do Governador, com a qual se recolheo à Goa no fim de Settembro.

CAPITVLO. XXIII.

Como o Governador mandou Vasco da Cunha à Melique Tocam, sobre se fazer a fortaleza em Dio.

DEstruido Baçaim, partio o Governador para Goa, onde foi recebido com grande alegria [a] pela vittoria cõ que vinha de Melique Tocã, porem elle não se dava por satisfeito do successo de Dio, & sò em tomar aq̃lla cidade,& fazer nella hũa fortaleza trazia occupados todos seus pẽsamẽtos. Incitavão el Rei D. Ioão cõ continuas lẽbranças, como fez aq̃lle mesmo anno de M.D.XXXIII. pelas duas armadas de sette naos q̃ mandou, de hũa das quaes vèo por Capitão mòr Dõ Gõçalo Coutinho, & com elle por Capitães das naos Nuno Furtado de Mendoça, Diogo Brandão do Porto, & Simão da Veiga. E da outra armada era Capitão mòr Dom Ioão Pereira, que levava a Capitania de Goa, & os Capitães das outras naos Lourenço de Paiva, & Dõ Francisco de Noronha, q̃ se perdeo na viagẽ. Poloq̃ determinou Nuno da Cunha de fazer tanta guerra à Cambaia, atè que el Rei de cansado della lhe desse a fortaleza.

Neste tẽpo estãdo Meliq̃ Tocã mui receoso de lhe el Rei tirar a Capitania de Dio, para a dar à Mustafa, escreveo hũa carta ao Governador, q̃ lhe mãdasse hũa pessoa de qualidade cõ quẽ cõmunicasse algũas cousas de muito serviço d'el Rei de Portugal. Nuno da Cunha posto que não ignorava as astucias, & manhas de que os Mouros se valẽ para seu proveito, não deixou tãbem de cuidar, que por algum respeito lhe queria Melique conceder a fortaleza que pretendia. E fazendo conselho sobre aquelle

a. De Goa despachou o Governador para Maluco Tristão de Taide, q̃ estava provido d'aquella Capitania, & para Malaca Dõ Paulo da Gama, por não aver novas de Dõ Estevão seu irmão. Estes Capitães partirão em Abril.
Diogo do Couto cap. 5. do livro. 8. & Castanheda cap. 64. do liv. 8.

Frotta da India do anno de M.D.XXXIII.

Estas duas armadas chegarão em Settẽbro à India, & cõ ellas Dõ Estevão da Gama, q̃ invernara em Moçãbique. Partidas as duas armadas do Reino, chegou à elle a da India, pela qual soube el Rei Dõ Ioão do roim successo q̃ tevera Nuno da Cunha na jornada de Dio, & per via de Levãte, q̃ se apercebião os Turcos para irem à India. Pelo q̃ mandou S. A. aprestar cõ diligencia outra armada de doze vellas, q̃ erão dous galeões, hũa naveta, & nove caravellas. Esta frotta ia ordenada para ficar na India, levava mais de mil & quinhentos soldados: foi por Capitão mòr della no galeão Salvador Dõ Pedro de Castelbrãco, filho de Dõ Pedro, despachado com quatro annos da Capitania de Ormuz. Do outro galeão era Capitão Andre de Castro, da naveta Nicolao Iusarte, & das caravellas Antonio Lobo, Balthasar Gonçalvez, Lionel de Lima, Eitor de Sousa, Ioão de Sousa, Antonio de Sousa, Frãcisco Pereira, Gonçalo Fernandez, & Francisco Fernandez Leme. Partirão na entrada de Novembro, tiverão trabalhosa viagẽ atè chegar em Fevereiro à Moçãbique: alli se ajuntarão todos os navios & se aparelharão, & reformarão do q̃ lhes faltava, & em Março partirão para a India, onde chegarão no principio de Maio.
Diego do Couto cap. 7. & 10. do liv. 8. & Francisco de Andrade cap. 87. da 2. parte, & 2 da terceira.

negocio, no mesmo parecer forão todos; & se assentou fosse Vasco da Cunha, porque alem de ser esforçado, & sesudo, era mui versado nas cousas d'aquelles Mouros, como homem antigo na India, & lhe deu instrucção do que avia de fazer com Melique Tocam, & o que lhe avia de prometter se desse a fortaleza, que era a metade do rendimento da alfandega de Dio de juro; & mandarlhe o Governador fazer hũa fortaleza em qualquer dos rios de Cambaia que elle quisesse, para que nella estivesse seguro d'el Rei, contra quem o favoreceria, & ajudaria cada vez que fosse necessario. E para qualquer successo que isto tivesse, encarregou o Governador muito à Vasco da Cunha trabalhasse por ir à cidade, para ver se avia nella algũa entrada per onde se podesse tomar, & per onde melhor se bateria. E para este effeito mandou com elle hum Condestabre da artelharia mui experto em seu officio, & em sua companhia hum Iao Christão, casado em Goa, irmão de hum bombardeiro que estava em Dio no baluarte do mar, para se informar do irmão como se poderia per aquella parte bater, & tomar a cidade.

Vasco da Cunha se partio em hũa fusta à entrada de Agosto, chegado à Dio, & arvorado hũa bandeira branca, porque Melique entendeo que seria pessoa perque esperava, mandou saber per hum homem de confiança quem era, o que vinha na fusta. Vasco da Cunha lho disse, & que trazia hũa carta do Governador para Melique Tocam, mas que não sairia em terra atè se lhe mandar em arrefẽs o Capitão do baluarte do mar, o que logo se fez, & deixandoo em poder de Antonio Borges que com elle ia, se foi desembarcar na cidade, onde de praça fallou à Melique Tocam em sua casa. Sendo noute, foi tèr Melique com Vasco da Cunha, & por saber bem fallar Portugues, não levou interprete; elle lhe deu hũa carta do Governador, em que lhe escrevia o que queria delle, & o partido que lhe faria. Alem desta carta, lhe disse Vasco da Cunha as muitas razões que tinha para se vingar d'el Rei de Cambaia, por os aggravos que delle tinha recebidos, querendolhe tomar Dio, para a dar à Mustafà homem estrangeiro, que sem causa algũa fora traidor ao Turco seu Senhor, & que agora tinha occasião, & com muito proveito seu, para se satisfazer, & mais ficando em sua natureza seguro

d'el Rei de Cambaia, Melique Tocam lhe pedio tempo para se deliberar, no qual Vasco da Cunha se foi ver com Diogo da Silveira (que viera do Estreito, & andava na ponta de Dio) & lhe deu a carta do Governador (de que atras dissemos) em que lhe mandava que não fizesse guerra à Dio, em quanto Vasco da Cunha lá estava, & o Embaxador que elle mandara à el Rei Badur. Tornado à Dio Vasco da Cunha, Melique Tocam lhe mostrou a cidade, & nem elle, nem o Condestabre virão modo para se poder entrar per mar, sem tambẽ acõmetterẽ per terra, para o q̃ era necessario hum grande exercito, & armada. A ultima resolução de Melique foi dizer à Vasco da Cunha, que lhe parecia bem o que lhe dezia & escrevia o Governador, o qual iria de armada naquelle verão à Dio, & que atè entam se resolveria, & lhe daria aviso do que determinasse, & com hũa carta para o Governador, despedio à Vasco da Cunha.

CAPITVLO. XXIIII.

Como o Governador mandou Tristão de Gà à el Rei de Cambaia, sobre a fortaleza de Dio que lhe pedia, & como el Rei mandou ir o Governador à Dio para se verem; & as vistas não ouverão effeito & Manoel de Macedo desafiou à Rumechan.

NO mesmo tẽpo q̃ o Governador Nuno da Cunha mandou Vasco da Cunha à Melique Tocam, mandou Tristão de Gà à el Rei de Cambaia, cõmettendoo q̃ lhe desse a fortaleza em Dio, & faria paz cõ elle, & seria seu amigo, & escreyeo à algũs Capitães d'el Rei, & privados seus lhe acõselhassem quã bẽ lhe vinha a amizade, & favor d'el Rei de Portugal para cõtra seus inimigos, & para segurãça de seu Estado. A embaxada de Tristão de Gà mostrou el Rei folgar de ouvir, mas a verdade era q̃ elle não tinha võtade de dar lugar para se fazer a fortaleza. Porq̃ como Rumechan q̃ andava muito seu privado, tinha olho em aver a cidade de Dio; & fazela tirar à Melique Tocam, à quem tinha grande odio, & sobre que trazia espias, como soube que Vasco da Cunha viera à Dio verse com elle, acusavao ante el Rei, dizendo, que aquellas vistas

erão trattos em que andava para dar a fortaleza ao Governador. Persuadido el Rei desta acusassão, determinou de tirar a Capitania à Melique Tocam, & dalla à Rumechan. Poso que assi para impedir o que sospeitava, como para entretèr ao Governador que lhe não fizesse guerra aquelle verão, ou para o matar se pudesse, despedio à Tristão de Gà, que com instancia lhe pedia a resposta da sua embaxada, mandando per elle pedir ao Governador quisesse ir à Dio para se verem ambos, & assentarem pazes. O Governador, que das manhas, & condição d'el Rei não sabia tanto, pôs a causa em conselho, não para se trattar se avia de ir, senão como avia de ir, & foi assentado, que fosse à Dio com hũa boa armada, mas apercebido tanto para a guerra, como para as vistas. Os fidalgos, & mais gente que à ellas ião mui contentes, se aperceberão de muitas louçainhas, & vestidos ricos, & com elles partio Nuno da Cunha de Goa, em fim de Outtubro, com sua armada, que com a de Diogo da Silveira, que achou em Baçaim, levava cem vellas, em que ião dous mil Portugueses, que todos erão mui nobre, & luzida gente. Os galeões erão oito, de que afora a nao Capitaina, ião por Capitães Diogo da Silveira, Antonio de Lemos, Manoel de Macedo, Dom Estevão da Gama, Antonio de Sà o Rume, Diogo Alvarez Tellez, Dom Gastão Coutinho. Das galès, & galeottas erão Capitães Manoel de Alburquerque, Vasco Pirez de Sampaio, Dom Pedro de Meneses, Manoel de Vasconcellos, Ferrão de Lima, Dom Fernando Deça, Antonio da Silva de Meneses, Vasco da Cunha, & outros fidalgos. Chegado o Governador de fronte de hum lugar chamado Danù, soube que el Rei de Cambaia passara o dia de antes com nove galès para Dio, & logo d'alli lhe mandou dizer per Simão Ferreira, que onde mandava que se vissem, se em Madrefavat, ou no mar, & com elle mandou à Ioão de Santiago por lingoa, que fora Mouro, & se tornara Christão. E proseguindo sua viagẽ, chegou à Ilha dos Mortos, & nella esperou Simão Ferreira q̃ não tardou, & com elle vinha Coge Sofar, que lhe disse da parte d'el Rei de Cambaia, q̃ lhe pedia fosse à Dio, & q̃ là se verião. Desta Ilha se foi o Governador à Dio, & da barra tornou à mãdar Simão Ferreira com Coge Sofar à el Rei à saber delle em que lugar queria que se vissem. Entretanto que vinha a resposta,

resposta, saio o Governador em terra, com algũs Capitães, & fidalgos, onde chamão o Palmarinho, para ver se podião proar alli as galès; para que querendo el Rei que se vissem naquelle lugar, fazer chegar à elle as galès, para ficar seguro com sua artelharia, se lhe el Rei de Cambaia quisesse fazer algũa violencia. Estando nisto, veo Simão Ferreira ao Governador, & disse, que el Rei não acabava de se resolver onde se avião de ver, mas que lhe mandava pedir, que entretanto se não vião, lhe mandasse là os Capitães
10 dos galeões, & da galè bastarda para os ver: o Governador os mandou, & forão mui gentis homẽs, & ricamente vestidos, el Rei os recebeo com muita honra, & agasalhado, mostrandolhes que folgava muito de os ver.

Manoel de Macedo, que era hum dos Capitães, sabendo que Rumechan procurava de aver a Capitania de Dio, que era de Melique Tocam, com quem elle tinha amizade, & que el Rei determinava de lha dar, se chegou à el Rei com muito acatamento, & pedindolhe licença para fallar, lhe disse: Que se espantava muito de ouvir dizer, que S.A. sen-
20 do hum Principe tam prudente, & valeroso, & tam grande remunerador dos serviços que recebia, queria tirar a Capitania de Dio à Melique Tocam seu vassallo, & que tambem o tinha servido, & filho de tam singular Capitão como fora Melique Az, que tantos serviços fizera à seu pai, & à elle, & que tanta honra ganhara ao Reino de Guzarate; & dala à Rumechan, homem estrangeiro, & de que não tinha mais experiencia, que fazer traição ao Turco seu Senhor, & que por essa causa viera à Cambaia, mais que para o servir, poloque não se devia fiar delle:
30 & por hum homem tam sem verdade aggravar à quem com tanta lealdade, & verdade o servira. E que se Rumechan alli estava (que elle o não conhecia) & lhe negasse o que elle dezia, lho faria conhecer pelas armas, & o desafiava, & pedia para isso licença à S. A. Rumechan que alli estava, & ouvio aquellas palavras ao interprete, não respondeo por si cousa algũa. El Rei o olhou com olhos torvos por elle não responder por sua honra; & entendendo Manoel de Macedo que era Rumechan aquelle para quem el Rei olhava, outra vez o tornou à
40 desafiar por a mesma causa, dizendo mais, que podia metter

consigo outro; porque com ambos se mataria. Vendo el Rei que nem à isto respondia Rumechan, lhe disse com ira, que como não respondia ao desafio? Ao que Rumechan disse, q̃ por o não tèr em conta; porem que pois assi queria, elle aceitava o desafio sò por sò: & assi foi assinado por campo o mar, para cada hum pelejar de sua fusta. Sabendo o Governador do desafio de Manoel de Macedo, folgou muito, & lhe deu licença para o fazer, & lhe mandou esquipar hum bargantim em que se metteo, & foi surgir junto da Lagea. Tardando Rumechan, por parecer ao Governador que com medo da 10 sua frotta não vinha, se fez ao mar hum espaço; & logo sairão oito fustas toldadas, & embandeiradas, & hũa diante da outra, forão demandar o bargantim de Manoel de Macedo, & dando todas hũa volta ao redor delle, se recolherão ao porto donde sairão, & não voltou mais algũa, o que parece foi por não querer el Rei que Rumechan saisse ao desafio. E vendo o Governador que tardava muito, fez sinal à Manoel de Macedo com hum tiro que se recolhesse, o que elle fez com muita honra.

A resolução que el Rei tomou sobre as vistas, foi mandar 20 dizer ao Governador que se queria ver comelle, estando à janella de hum baluarte, & o Governador no mar em hũa galè. Vendo o Governador o desproposito que el Rei queria tèr nas vistas, lhe mandou dizer, que per aquella maneira se não queria vèr com elle. Tudo isto erão persuasões de Rumechan, que receava de se dar a fortaleza em Dio, de que elle pretendia ser absoluto Capitão, & Governador, o que não podia ser cõ a vezinhança dos Portugueses. Tambẽ fazia à el Rei não querer ver ao Governador as esperanças em que estava de fazer pazes, & aliança com Omaum Patxiah Rei dos Mo 30 goles, com que ja começava à ser ufano, & cuidar que lhe não farião dãno os Portugueses, mas que elle os poderia com ajuda dos Mogoles lançar da India, o que tudo lhe succedeo ao contrario.[a]

Quando o Governador Nuno da Cunha vio que a sua vinda fora em vão, & a pouca verdade, & desprimor d'el Rei, lhe mandou fazer cruel guerra per toda a costa, & escreveo logo à Omaum Patxiah Rei dos Mogoles, per via do Sinde, offerecendolhe sua amizade, & fazer toda a guerra per mar à Soltam Badur, por ser homem sem verdade, 40

& de

a. Esta jornada do Governador escreve mui particularmẽte Francisco de Andrade nos capitulos. 86. 87. 88. 89. da 2. parte. E dà outra causa do desafio de Manoel de Macedo.

Fernão Lopez de Castanheda em tudo se conforma com o que escreve Ioão de Barros.

E Diogo do Couto refere no cap. 8. do liv. 8. que este desafio foi por outra causa, & com outro Rumechan, q̃ era genro de Coge Sofar, chamado Tigre do mundo: & que o desafio foi tantos por tantos, cujo numero não affirma Diogo do Couto, mas diz q̃ os q̃ achou nomeados forão Manoel Rodriguez Coutinho, Antonio de Sà o Rume, Ioão Iusarte Tição, Gonçalo Vàz Coutinho, Ioão Velho, & Francisco Gonçalvez das Armas. E não faz menção da ida de Vasco da Cunha à Dio, nem da embaxada que o Governador mandou per Tristão de Gà à Soltam Badur, o qual diz que mandara pedir per hũa carta à Nuno da Cunha que se vissem, & que o portador da carta era hum pagẽ de Badur, à que encontrara Diogo da Silveira na paragem de Surat em hum navio ligeiro, & o levara ao Governador, que movido das palavras da carta, fizera esta jornada à Dio.

& de que se não devia fiar. Ao que Omaum respondeo mostrando tèr grande desejo de sua liança, & amizade. De Dio se vèo Nuno da Cunha à Chaul, onde despachou algũas armadas para diversas partes. Hũa de nove vellas entregou à Antonio da Silva de Meneses para ir à Bengalla: outra de tres galeottas, & treze fustas levou Vasco Pirez de Sampaio para o Estreito, em que ião trezentos homẽs. Os Capitães das galeottas erão Vasco Pirez, Dom Pedro de Meneses, & Dom Manoel de Lima. Outra armada para o mesmo Estreito man-
10 dou de cinco galeões, de que ia por Capitão mòr Diogo da Silveira; & os outros Capitães erão Dom Gastão Coutinho, Antonio de Sà, Diogo Alvarez Tellez, & Antonio de Lemos, & là se avião de ajuntar com elles Vasco Pirez de Sampaio.[a]

[a] Em Fevereiro partirão estas armadas para o Estreito, & chegadas à costa de Arabia, tomarão algũas naos de Cãbaia, & do Achem, & com a fazenda dellas se forão invernar à Ormuz, & d'alli à Chaul, onde Diogo da Silveira entregou as armadas à Martim Afonso de Sousa, como se dirà no ultimo capitulo deste livro Diogo do Couto cap. 10 do liv. 6.

De Chaul se foi o Governador à Goa, & della despachou „ Dom Estevão da Gama para Malaca, por ser primeiro em „ tempo que seu irmão Dom Paulo que là estava, dandolhe po „ deres de Veedor da Fazenda, & hũa provisão para seu irmão „ Dom Paulo ficar por Capitão mòr do mar todo o seu tem- „
20 po, atè lhe tornar à caber a Capitania, que era apos elle; por- „ que estava o Rei de Vjantana de guerra, & era necessario „ acudir à ella; para o que deu Nuno da Cunha à Dom Este- „ vão tres galeões, de que erão Capitães elle Dom Estevão, „ Simão Sodrè, & Antonio de Brito, que avia de ir à Banda, & „ algũs navios ligeiros em que ião Andre Casco, Ioão Rodri- „ guez de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa, & Dom „ Francisco de Lima. Nesta armada levava Dom Estevão qua „ trocentos Portugueses, & seu irmão Dom Christovão da „ Gama, com provisão para servir de Capitão mòr do mar, se „
30 Dom Paulo o não quisesse ser. E nesta conserva foi tambem „ Vasco da Cunha na nao S. Cruz, para em Malaca ca- „ rregar de drogas, & de pimenta da Iaoa, & irse „ para Portugal, fazendo sua via- „ gem pelo boqueirão „ da Sunda. „

De Diogo do Couto cap. 9. do liv. 8.

***

CAPITVLO XXV.

Como Cunhale Marcar tomou hum bargantim, & outros navios de Portuguezes, & da morte que lhes deu: & como Antonio da Silva de Meneses desbaratou este cossairo, & lhe tomou as fustas.

Francisco de Andrade cap. 91. da 2. parte.

ANTES que o Governador partisse para Dio, deixou Manoel de Sousa em guarda da costa do Malavar, da qual por pouca vigia dos nossos, saio de Panane Cunhale Marcar, Mouro cossairo, sobrinho de Pate Marcar, com oito fustas bem armadas, & navegando para Choromandel, no cabo de Comorij, achou de noute surto hum bargantim nosso, com hum falcão, & seis berços, em que avia dezoito Portugueses, & tres bombardeiros, & saia de Coulam à dar guarda as naos dos mercadores d'aquella terra, que vinhão carregadas de arroz. E como os nossos descuidadamente dormissem, não sentirão os Mouros dentro no bargantim, senão quando lhes atarão as mãos. A todos mandou Cunhale machucar as cabeças na proa do bargantim, com hum marrão de bombardeiro, em pena de dormirem tam descansadamente sem medo delle. Aos bombardeiros, & comitre levou presos, & d'alli foi salteando toda aquella costa atè Negapatam, onde sempre estavão muitos Portugueses, & Mouros mercadores. Estes receando que entrando Cunhale naquelle porto, os roubasse juntamente com os Portugueses, por se segurarẽ delle, lhe mãdarão dizer, que viesse à aquelle lugar, onde acharia boa presa na fazenda dos Portugueses, que estava à borda do rio, pelo qual poderia entrar sem dificuldade.

Deste trato foi sabedor o Digar da terra, & esperando de ser seu o maior, & melhor quinhão da presa, escreveo à Cunhale que viesse seguramente, porque elle ajuntaria gente para o ajudar, fingindo que era para defender o lugar, & os mercadores que nelle estavão, como lhe mandava seu Senhor. Polo que o cossairo se pôs logo com sua armada na barra de Negapatam, que sabendoo os Portugueses, que erão quarenta, enterrarão o dinheiro onde lhes pareceo que poderia estar mais escondido, & se concertarão com as armas que tinhão

nhão o melhor que puderão para se defenderem. E não tendo noticia do trato dobre do Digar, que os segurava, promettendolhe de os defender, lhe requererão que lhes guardasse suas fazendas, de que protestavão lhes avia de dar conta: & com algum fato, & mantimento que levavão seus escravos, se sairão do lugar com tenção de se passarem à terra de outro Senhor que estava d'alli perto: porem não lho consentindo o Digar, se metterão em hũ pagode cercado de muro, o qual terraplenarão, & cerrarão a porta que estava na borda de hũa
10 lagoa grande, com determinação de se defenderem nelle. O Digar que vio os Portugueses encerrados, pôs sobre elles muita gente de guarda, porque não fugissem, para os entregar à Cunhale, que era ja entrado no rio; mas não saira em terra, porque o Digar o não fora receber à praia: o qual vendo os nossos fortificados, temendo que mandassem algum recado à seu Senhor, não se quis mostrar descubertamente em favor do cossairo, mas mandoulhe dizer, que desembarcasse, & tomasse as fazendas que achasse dos Portugueses, & os fosse matar ao pagode, que estava d'alli meia legoa.

20 Avia neste lugar hum Mouro mercador mui rico, conhecido, & amigo dos Portugueses chamado Coge Marcar, que ainda tinha algum parentesco com Cunhale. Este procurado salvar os nossos, foi vesitar ao parente com hum presente, & lhe disse, que por ser seu sangue o ia avisar que se não fiasse do Digar, que estava concertado com os Portugueses, que mandara de proposito metter no pagode, para lhe ir queimar a armada, em quanto elle com a sua gẽte os fosse combatter. Ao que o cossairo, como era recatado, deu credito, & ao parẽte graças pelo aviso. Coge em se apartando de Cunhale, se foi
30 ao Digar, & em grande segredo lhe disse que se não fiasse de Cunhale, que à elle sô queria tomar, porque tinha entendido q̃ o enganava, & que por tèr ja roubado o dinheiro aos Portugueses, lhe mandara dizer que os fosse mattar ao pagode, para entretanto lhe queimar as fustas: de que o Digar cobrou tamanho medo, que nunca se quis ver com o cossairo por mais recados q̃ lhe mandou, & assi temendose, & vigiandose hum do outro, os Portugueses por este meio se salvarão. Cunhale porem saio em terra com sua gente, & queimou as casas dos Portugueses, & algũs navios que estavão varados, &
40 tomou algũs zambucos nossos carregados com fazendas que

„ vierão tèr à aquelle porto nos dias que nelle se deteve, & à
„ oito Portuguefes que vinhão em hum navio, os mandou le-
„ var à terra, & atados em paos matar às frechadas.
„ Da tomada do bargantim, & mais navios, & mortes dos
„ Portuguefes, & roubos que efte coffairo andava fazendo, deu
„ el Rei de Cochij aviso à Pero Vàz Veedor da Fazenda, & Ca
„ pitão da cidade, para que vingasse tantos males, & dânos, &
„ se segurassem as naos dos feus mercadores que esperava. Pero
„ Vàz apreftou logo oito fuftas, & quatro catùres: com duzen
„ tos efpingardeiros, de que fez Capitão Antonio da Silva de 10
„ Menefes. Defta armada, & da partida della de Cochij, foi logo
„ avisado Cunhale: & porque os ventos erão contrarios para
„ fe tornar para a India, metteose em hũa enseada da mefma
„ cofta, chamada Canhameira, com groffas peitas que deu ao
„ Senhor da terra que o recolheffe, & metteo as fuftas por hum
„ efteiro que entrava para dentro hũa legoa, cuja bocca fez ce-
„ rrar com vallados de terra, & rama, de maneira que parecia
„ não aver alli efteiro, & na entrada delle armou hũa trâqueira
„ com a artelharia das fuftas.
„ Antonio da Silva fabendo que Cunhale eftava naquella 20
„ enfeada entrou nella, & defembarcada toda a gente em terra,
„ à que fe ajuntou à do lugar, foi dar nos Mouros que eftavão
„ na tranqueira, os quaes com pouca refiftencia a defempara-
„ rão, & fe puserão em fugida, feguidos dos da tera, que os fo-
„ rão matando, & defpindo; & tornados ao lugar, defentopi-
„ rão o efteiro, & tirarão da vafa o noffo bargantim, & as fuf-
„ tas de Cunhale, que limpas & lavadas com a marè fairão pa-
„ ra fora do efteiro, & queimadas tres por eftarem quebradas,
„ com as outras, & com o bargantim, em que fe recolheo a ar-
„ telharia, & múnições do coffairo, fe tornou Antonio da Sil- 30
„ va para Cochij. Cunhale Marcar em trajos de pedinte,
„ fe foi per terra à Calecut, onde eftava feu
„ tio Pate Marcar, com quem tor-
„ nou à continuar o offi-
„ cio de coffairo.

**
*

CAPI-

CAPITVLO. XXVI.

Como Antonio da Silveira Capitão de Ormuz mandou Dom Iorge de Castro, & despois Francisco de Gouvea à castigar el Rei de Raxet, por se levantar contra el Rei de Ormuz.

ESTANDO Antonio da Silveira por Capitão de Ormuz,[a] mandou à Dom Iorge de Castro com hũa galeotta, & duas fustas, com cem homẽs espingardeiros, que fosse castigar à el Rei de Raxet (cidade na costa da Persia) porque sendo vassallo d'el Rei de Ormuz, com hũa armada que trazia naquelle mar, roubava quantos vinhão para Ormuz, no que el Rei muito perdia nos dereitos. E por Dom Iorge achar os tempos muito contrarios no cabo de Orfacam, & lhe matarẽ, & cattivarem os remeiros da galeotta em que ia, & oito Portugueses, em hũa silada que os Mouros lhe armarão em terra, querendo elle fazer agoada em hũs poços de hum lugarinho de dez, ou doze casas de palha, foi forçado tornarse a Ormuz. Continuando el Rei de Raxet na rebelliāo, & queixandose muito el Rei de Ormuz à Antonio da Silveira, & pedindolhe mandasse castigar aquelle Mouro, Antonio da Silveira tornou aprestar a armada, & mãdou Francisco de Gouvea por Capitão mòr della em hũa galeotta, & Ioão Ribeiro em hum bargantim, & Rui Gomez em outro, & Nuno Vàz em hũa fusta, & cinco catùres, com dozentos homẽs; & sem tèr na viagem os trabalhos que passou Dom Iorge, chegou Francisco de Gouvea ao porto da cidade de Raxet, & surto nelle, foi logo visitado per hum Mouro da parte d'el Rei, cõ refrescos, & palavras de comprimento, dizendo que queria dar os nossos cattivos que là tinha, & assentar paz cõ nosco; & reduzirse à obediencia d'el Rei de Ormuz, para o q̃ elle Capitão mòr saisse em terra ordenar as Capitulações das pazes; & asinalas com o seu Guazil. Francisco de Gouvea se mostrou contente deste recado: & sabendo pelo aviso que lhe tinhão dado, quam differente era a tenção d'el Rei, que estava com o animo dànado contra nos; & que por tèr mandado q̃ estivesse prestes soma de gente de pè, & de cavallo, para que em

[a] Desta Capitania proveo o Governador a Antonio da Silveira o anno passado de XXXII. a qual servia Belchior de Sousa Capitão mòr do mar, & Alcaide mòr d'aquella fortaleza, per morte de Christovão de Mendoça Capitão della. Onde chegando Antonio da Silveira, el Rei de Ormuz se lhe queixou de Raez Ale seu irmão, que o quisera matar per induzimento de sua mãi, pela qual razão o tinha preso, & lhe não quisera dar a morte que merecia, por não aver dissensões no Reino.

Antonio da Silveira por satisfazer à queixa d'el Rei, embarcou à Raez Ale, com toda sua casa, no mesmo navio em que fora, & o mandou à Goa ao Governador, escrevendolhe a causa porque o mandava: o qual o recebeo cõforme a qualidade de sua pessoa, & lhe tomou a hemenagẽ, de que se não tornaria à Ormuz sem sua licença, o que Raez Ale cõprio. Fernão Lopez de Castanheda cap. 50. do liv. 8. & Francisco de Andrade cap. 75. da 2. parte.

em lhe fazendo sinal saissem aos nossos, & os cattivassem. Polo que o dia que Francisco de Gouvea saio em terra assentar a paz, como ia avisado, mandou pôr todas suas embarcações com os esporões em terra, & a artelharia toda sevada, & os murrões accesos, & elle con cinquoenta homẽs armados desembarcou diante da cidade, & se foi à hũa tenda onde estava Frajula Guazil do Reino, que vinha em lugar d'el Rei cõ poderes seus para asinar as pazes; & vendo o Guazil os nossos tam cautelosos, não se atreveo à executar o que estava ordenado, asi as Capitulações das pazes se escreverão, & asinadas por ambos, Francisco de Gouvea se recolheo aos seus navios, & o Guazil se foi dar conta à el Rei do que se fizera: o qual se indinou tanto contra elle, que com hum terçado que tinha na mão o matou, & mandou hum Capitão seu cõ muita gente à guardar hũs poços onde os Portugueses avião de fazer agoada, no que ouve algũs recontros sobre os nossos quererem tomar agoa, & por não custar sangue, & Francisco de Gouvea tèr pouca gente, encaminhou à hũa Ilha vezinha à Raxet. No caminho ouve vista de hũas fustas da armada d'el Rei de Raxet, à que mandou logo arribar, & ellas se acolherão à hum rio, & duas que ficarão de fora, hũa varou em terra, & outra foi tomada dos nossos, que vinha carregada de especearia que os Mouros tomarão de navios que ião de Ormuz para Basçorà, & nella cattivarão hum sobrinho d'el Rei de Raxet. Isto acabado, tornou Francisco de Gouvea à seguir seu caminho, & chegando à Ilha achou a povoação despejada, & em hũa Mesquita algũs sesenta homẽs d'armas em guarda, pela devação que os Mouros nella tinhão, que devia de ser pouca, pois a desampararão por se não terẽ por seguros, & se forão para hum forte, parecendolhe, que nelle se salvarião, & por derradeiro se entregarão à Francisco de Gouvea, prometendolhe as vidas; & feita sua agoada, à requerimento do sobrinho d'el Rei, tornou à Raxet, onde o Rei por resgate do sobrinho lhe mãdou dar os cattivos, & deu a obediencia à el Rei de Ormuz, & assentou de novo a paz, dando desculpas ao passado das que os Mouros costumão dar em semelhantes casos. Francisco de Gouvea foi correndo aquelle Estreito, atè a Ilha de Baharem, donde escreveo à el Rei de Basçorà o que fizera, & lhe mandou a especearia que tomara, o qual a estimou muito, & ẽ retorno mãdou muitos

manti-

mantimentos, & offerecimentos à Francisco de Gouvea, que deixando o Estreito seguro, se foi invernar à Ormuz, onde chegou à salvamento, & achou que el Rei era fallescido, & levantado por Rei hum filho seu de idade de oito annos, que despois foi morto com peçonha, que dizem lhe mandou dar seu tio Raez Ale, que estava em Goa, o qual succedeo no Reino, em que fez muitos serviços à el Rei de Portugal.

CAPITVLO XXVII.

Como Martim Afonso de Sousa foi de Portugal por Capitão mòr do mar da India, & tomou Damam, & o destroio. E como el Rei de Cambaia pedio paz à Nuno da Cunha, & lhe deu por ella Baçaim com todas suas rendas.

Frotta da India do anno de M.D.XXXIIII.

ESTANDO o Governador em Goa, chegou neste anno de M.D.XXXIIII. hũa armada, de que ia por Capitão mòr Martim Afonso de Sousa, que el Rei mandava com cargo de Capitão mòr do mar da India, com elle ião por Capitães das outras naos Simão Guedez para Capitão de Chaul, Diogo Lopez de Sousa, Antonio de Brito, & Tristão Gomez da Grãa. [a] O Governador entregou logo à Martim Afonso a Capitania mòr do mar, & hũa armada, em que lhe mandou que fosse sobre Damam: com elle ião Manoel de Sousa de Sepulveda, Martim Correa, Fernão de Sousa de Tavora, Dom Diogo de Almeida, Francisco de Sousa, & Ioão de Sousa Lobo, que ião por Capitães das galès, & galeottas. E em Chaul lhe entregou Diogo da Silveira sua armada, [b] & a de Vasco Pirez de Sampaio, que erão vindos de Ormuz onde invernarão: fazião estas vellas numero de quarenta, todas mui bem artilhadas, em que ião quinhentos homẽs. Chegádo Martim Afonso à Damam, achou o lugar todo destroido pelo mesmo Capitão delle, que se recolhera à fortaleza com quinhentos homẽs que tinha Turcos, & Resbutos, de que muitos erão espingardeiros. E porque Martim Afonso soube que desembarcando no rio avia de tèr muito impedimento, por causa da artelharia que estava em certas estancias posta ao longo delle,

a. Diogo do Couto chama à este Capitão Tristão Gomez da Mina.

b. Entregue a armada, se passou Diogo da Silveira à Goa, onde despedindose do Governador se foi para Cochij, & d'alli se vèo para Portugal por Capitão mòr da armada que levou Martim Afonso de Sousa, em que tambem se embarcou Iorge Cabral, & outros fidalgos. Diogo do Couto lib. 9. cap. 1.

delle, deſembarcou de noute na coſta ſem entrar no rio, poſto que foi muito trabalhoſo, & tomou o caminho de que ja eſtava aviſado q̃ ia dar da outra bãda da fortaleza, onde chegou ainda antemanhãa, & cõ os muitos eſpingardeiros q̃ levava, forão logo os muros della deſpejados da muita gente q̃ por elles eſtava, & foi poſta nelles hũa eſcada, & o primeiro q̃ per ella ſubio foi Frãciſco da Cunha; por ſer homẽ q̃ em todas as partes, em q̃ aſsi elle, como ſeus irmãos, ſe acharão, ſempre forão os primeiros nos perigos; por não degenerar de ſeus avòs Rui de Mello da Cunha Almirãte deſtes Reinos, & Diogo de Barros Adail delles, os quaes ambos forão mui esforçados cavalleiros. E indo Frãciſco da Cunha ja para lãçar mão das ameas dos muros, quebrou a eſcada cõ elle, por ſer velha, & podre, & elle grãde de corpo, & à quantos ião tras elle levou ao chão, & ſe eſcalavrarão. A eſte tẽpo abrirão os Mouros hũa porta da outra banda da fortaleza para ſe irẽ, aonde os noſſos logo acodirão, & ouve hũa brava peleja, os Mouros por ſairẽ, & os noſſos por entrarẽ. O primeiro q̃ entrou foi Diogo Alvarez Tellez, & apos elle outros, q̃ tomarão os inimigos em hũ terreiro q̃ eſtava dẽtro da fortaleza, em q̃ avia mais de cinquoenta de cavallo, eſtes pelejarão mui esforçadamente, atè que a vittoria ſe declarou por os noſſos, com morte de muitos dos inimigos. Acabado iſto, mandou Martim Afonſo de Souſa arraſar a fortaleza de todo, & ella arraſada, ſe embarcou, & foi corrẽdo a coſta atè Dio.

E por Damão ſer hũa fortaleza de q̃ el Rei de Cãbaia fazia muita cõta, ſentio muito a perda della, & as muitas vittorias q̃ cada dia dos lugares da coſta de Cãbaia avião os Portugueſes. E porq̃ lhe era forçado acodir à guerra q̃ lhe fazia el Rei dos Mogoles (como diremos adiante) receando q̃ ſe deſamparaſſe Dio, q̃ lho tomaria Nuno da Cunha, para o ſegurar em quãto ia à guerra dos Mogoles, quis fazer pazes cõ elle, & darlhe Baçaim; & para iſſo mãdou por Embaxador à Xacoez, [a] o qual foi tèr à Goa com Nuno da Cunha, & lhe deu ſua embaxada. E avendo de parte à parte trattos, & capitulações, tornou Xacoez com procuração de ſeu Rei, & ſe fez hũa publica eſcrittura das pazes, cuja ſubſtancia era.

[a] Xacoez era per ſua prudencia, & conſelho peſſoa de muita autoridade na caſa d'el Rei Badur: & eſcreve Diogo do Couto, q̃ elle chegou em tres navios ligeiros à barra de Baçaim, na qual eſtava o Governador ſurto cõ grande armada, onde viera cõ pẽſamento de paſſar à Dio, & de a occupar, tanto q̃ Badur ſaiſſe de Cambaia à guerra do Mogol, & q̃ recebera, & ouvira à Xacoez no ſeu galeão cõ grande apparato, & que aſſentadas as Capitulações das pazes, & juradas por ambos, o Governador eſpedira logo o Secretario Simão Ferreira para ir à Cambaia à vélas jurar por Sultam Badur, q̃ as jurou com grande ſolemnidade; & deſpachado o Secretario, partira Nuno da Cunha para Goa, levando conſigo Xacoez em refẽs de Simão Ferreira.

Capitulo. 2. do livro. 9.

Que Nuno da Cunha como Governador da India, & Procurador d'el Rei de Portugal ſeu Senhor concedia pazes perpetuas em ſeu nome à Soltam Badur Rei do Guzarate, com eſtas condições.

Que

Que o ditto Rei do Guzarate daria à el Rei de Portugal para sempre Baçaim, com todas suas terras firmes, & mar, com toda sua juridição mero & mixto imperio, com todas as rendas, & dereitos Reaes, assi como elle, & seus passados, per seus Capitães, & Tanadares ou verão, & que de tudo podessem logo mandar tomar posse per seus officiaes.

Que todas as naos que partissem dos Reinos, & Senhorios do Guzerate para o Estreito do Mar roxo, partissem de Baçaim, & alli viessem tomar seus cartazes do Capitão da fortaleza, & que da tornaviagem, tornassem ao mesmo porto de Baçaim à pagar seus dereitos.

Que todas as outras naos que navegassem para outras partes, levarião cartazes dos Capitães das fortalezas d'el Rei de Portugal, com q̃ poderião navegar livremente, sem outra algũa obrigação. »

Diogo do Couto no cap. 2. do liv. 9.

Que em nenhũ porto d'el Rei de Cambaia se faria navio de guerra, & os feitos não navegarião mais. »

Que Soltam Badur não recolheria em seus portos Rumes, nem lhes daria favor, mantimentos, nem cousa algũa que ouvesse em seus Reinos. »

Que todo o dinheiro que estava por arrecadar das rendas de Baçaim, desde o tempo de Melique Az, o pudesse mandar cobrar o Governador. »

Que os cavallos que viessem do Estreito de Meca, ou de Arabia, os primeiros tres annos despois da fortaleza de Baçaim acabada, verião à ella, para Badur mandar comprar alli os que quisesse, pagando os dereitos que delles se pagavão em Goa. »

Que vindo algũa nao de Soltam Badur, com cavallos para elle, não pagaria dereitos de sesenta. »

Que vindo algũa nao de qualquer parte (como não fosse do Estreito de Meca) para o Reino de Cambaia, & desgarrando com temporal, se tomasse Baçaim, poderia sairse do porto livremente quando quisesse. »

Que cinco mil tangas de Larijs, que nas rendas de Baçaim estavão aplicadas para as Mesquitas, se pagarião sempre das mesmas rendas. »

Que se pagarião das mesmas rendas duzentos pardaos aos soldados das fortalezas Aceira, & Coeja, como de antes se pagavão. »

Mas despois que Soltam Badur deu a fortaleza em Dio, se distratarão algũas destas condições, concertandose o Governador, & el Rei de Cambaia, que as naos de Meca, que necessariamente avião de ir, & vir à Baçaim, fossem à Dio se quisessem, & assi todas as mais naos, cõ algũas declarações sobre os

os cavallos que vinhão de Ormuz, & da Arabia. Alem disto, por virtude do ditto contratto, prometteo el Rei que entregaria os cattivos que estavão presos em Champanel, & Nuno da Cunha muitas vezes lhe pedio. Confirmadas, & assinadas estas pazes, o Governador se foi à Baçaim, onde o Embaxador d'el Rei de Cãbaia lhe deu posse d'aqlla cidade,[a] & das mais terras, Ilhas, & rendas; conforme aos contrattos que tinhão feitos. E logo o Governador mandou fazer húa Feitoria,[b] em que pôs Gaspar Paez, para à seu tempo se fazer fortaleza, & se tornou para Goa, porque se vinha o inverno. Onde nos ora o deixamos por dar razão no livro seguinte da descripção, & cousas do Reino de Guzarate, por o muito que delle avemos de trattar ao diante.

a. *Esta posse diz Frãcisco de Andrade no cap. 2. da 3. parte, q̃ a tomou Martim Afonso de Sousa, per ordem do Governador q̃ ficara em Goa, & não faz menção da sua vinda à Baçaim.*

b. *Escreve Diogo do Couto nos cap. 2. & 3. do liv. 9. q̃ no mesmo dia em q̃ Nuno da Cunha tomou posse de Baçaim, elegeo o sitio em q̃ queria fundar hũa fortaleza, cujos alicesses se abrirão logo, & q̃ aos xx. de Ianeiro deitou o Governador nelles a primeira pedra, & posta em defensa a proveo d'artelharia, & os almazẽs de mantimentos, & munições. & deu a Capitania à Antonio da Silveira, q̃ à aquelle tempo chegara de Ormuz.*

Mas isto encontra o q̃ escreue Ioão de Barros no cap. 17. do liv. 6. Francisco de Andrade no cap. 17. da 3. parte, & Fernão Lopez de Castanheda no cap. 126. do liv. 8. affirmando todos q̃ o Governador começou a fortaleza de Baçaim quando voltou de Dio, deixando naquella cidade feita fortaleza. E q̃ a Capitania da de Baçaim deu à Garcia de Sà que alli estava, & defendera dos Mogoles à Feitoria, & cidade, com as tranqueiras que ordenou, Antonio Galvão, como se escreve no cap. 16. do mesmo liv. 6.

DESCRIPÇÃO DO REINO DE GVZARATE
REINO DE CHITOR
REINO DE PALE
REINO DE MANDOV
REINO DOS COLLIIS
MADRE MALVCO
NIZA: MALV:
CO.
R. GANGA
ANDANAGVER
DOLTABAD
ABMADABAD
CAMBAIET
Sepulturas dos Reis de Cambaia
R. Narbanda e Tapetij
EN: SEA: DA DE CAMBA: IA.
GOGA
DAMAN
BAÇA
CHAVL
S. GRINAL
DIO
S. VOLO R: E: S: B: V: T: O: S.
MAR INDICO
22
21
20
19
273

LIVRO QVINTO DA QVARTA DECADA DA ASIA, *DE IOÃO DE BARROS.*

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITVLO PRIMEIRO.

Em que se descreve o Reino de Guzarate, & as gentes de que he habitado.

SENDO as cousas da India, & das outras Provincias Orientaes, que os Portugueses descobrirão, & conquistarão tam novas, & incognitas aos homẽs de Europa, & tam dignas de virẽ à noticia do mundo, & de que os Gregos, & Romanos antigos tam pouco deixarão escritto. Os Romanos por não chegar seu Imperio àquellas partes; & os Gregos por não lhes durar muito o dominio que em algũas dellas tiverão: Não deve parecer fora da materia que emprendemos, de escrever os feitos que os Portugueses nellas fizerão, referir algũa cousa do sitio das terras, da origem de seus povos, & de seus

ſeus Reis, & Principes, dos coſtumes, & ſeitas delles, & do modo de ſua milicia, para aſsi ſe vir em mais facil conhecimẽto deſta Hiſtoria, & ſe poder collegir a eſtima em q̃ ſe devem tèr os Portugueſes, q̃ tantas, & tam feras nações tantas vezes vencerão, & trouxerão à ſeu jugo; & recebendo delles as parias, & tributos, como vencedores, & ſenhores ſeus, lhes dão as leis, a lingoa, & à muitos a Religião. Sendo pois noſſas couſas tam travadas com aquellas gentes, aſsi por a guerra, como por o cõmercio que com elles temos, não podemos eſcrever de couſas noſſas, que não ſeja tambem das ſuas. E alem da neceſsidade que temos de trattar parte de ſuas couſas para melhor entendimento das noſſas, não fica ſendo pequeno ornamento, & utilidade da hiſtoria, para exẽplo, & aviſo de noſſa vida, recontar variedades de empreſas, & cauſas perque ſe intentarão, & os ſucceſſos dellas, para com ſua noticia alcançarmos juizo, & prudencia, para nos governarmos em outras ſemelhantes, que he o principal fim, & frutto da hiſtoria. Polo que avendo nos ora de trattar de algũas couſas de muito peſo, & maior conſideração, q̃ os noſſos fizerão no Reino de Cãbaia, deixamos para eſte lugar a deſcripção do Reino todo, & a origem dos Reis, que à noſſa noticia poderão vir, como faremos de outras Provincias, & de outros Reis nos livros que ſe ao diante ſeguem, & fizemos nos paſſados.

O Reino do Guzarate à q̃ geralmente chamão Cãbaia (como diſſemos na deſcripção geral do maritimo da India*) começa na ponta de Iaquette, & acaba no rio Nagotana, q̃ he o limite do ditto Reino, & das terras de Chaul, q̃ ſão do Senhorio do Nizamaluco. E para ſe melhor entẽder a ſituação deſte Reino, uſaremos de noſſa mão eſquerda, ſegundo ja em outras partes figuramos a coſta maritima da India: virada eſta mão cõ a palma para baxo, juntos os dedos, & afaſtado delles o pollegar, fica feita a enſeada de Cambaia. E na parte mais curva pegada na juntura deſte dedo pollegar, da banda de dẽtro, eſtà ſituada a cidade de Cambaiet, à que chamamos Cambaia, q̃ por ſer a mais nobre, & populoſa, & como Metropoli d'aquelles lugares maritimos, dà nome não ſomẽte à meſma enſeada, mas a todo o Reino. Porẽ eſta nobreza, & tratto que antes tinha, perq̃ era celebrada, perdeo quando a cidade de Dio ſe fundou, pela maneira q̃ adiante diremos. Porq̃ a navegação d'aquella cidade he tam perigoſa por cauſa do grande

* Cap. I. do liv. 9. da primeira Decada.

macarco

macareo q̃ tem, que quando a marè enche, & vaza, ſe çoço-
brão muitas naos. Eſte macareo, ou fluxo da marè, he tam ve
loz, que não ha cavallo por ligeiro q̃ ſeja à que a marè não
alcance quãdo entra pela planicie da praia, cõ q̃ ſe perde mui-
ta gente, & fazenda no rio Carcarij, q̃ ſe vem metter no ulti-
mo ſeo deſta enſeada, acima da ditta cidade de Cambaia. Na
foz deſte rio, para ſe não perder gente, per ordenança dos que
regem a terra, em hum lugar alto, eſtà ſempre hũa vigia, q̃ vè
vir a marè de mui longe, à qual vem ſempre tam levantada,
10 & ſoberba, q̃ parece hũa montanha d'agoa: & como começa
apparecer, aquella vigia tãge hũa bozina, perq̃ dà aviſo q̃ nin
guem paſſe o rio, porque vem a marè tam repentina, & furio
ſa, & mette tam grande quantidade d'agoa naquella paſſagẽ,
q̃ alagã tudo. E ainda q̃ eſta vigia não enxergue com os olhos
a marè, tem outro mui certo ſinal d'ella vir, que he o grande
numero de aves, q̃ andão naquella campina da praia mariſcã-
do na iſca que achão do mar: as quaes per hũ inſtincto natu-
ral, ainda q̃ não vejan a marè, quando ha de vir, he tanta a gra
lheada, & apitar q̃ fazem, fugindo todas para à terra, q̃ as ou-
20 vem mui longe, poſto q̃ as não vejão. E por razão deſte maca
reo tam perigoſo, na cidade de Cambaia eſtà hum eſteiro on
de os navios ſe recolhem, furtandoſe do impeto da marè, que
vai dereita correndo buſcar a garganta do rio, onde faz o dã-
no que diſſemos. Eſte perigo não tem a cidade de Dio, antes
he mui proveitoſa ſua navegação: porq̃ eſtà aquella cidade
ſituada ſobre a ponta do dedo pollegar que puſemos por figu
ra, q̃ fica mais à Ponente, & aonde concorrẽ todas as naos q̃
vão d'ambos Eſtreitos, de Ormuz, & de Meca, & aſsi de toda
a coſta de Melinde. As quaes quando querem paſſar à India,
30 que he toda a parte do dedo index, q̃ corre da ſegunda junta
atè o fim delle, fica eſta cidade de Dio quaſi como hũa eſcala
de aquelle Levante, & do Ponẽte; por neſte Reino aver mais
copia de mercadorias de entrada, & ſaida, que en toda a India,
tirando pimenta, & outras eſpecearias, que naſcem da terra
do Malavar para o Oriente.

E tornando à noſſa diviſão deſte Reino do Guzarate, do
noo do meio do dedo index, q̃ figuramos ſer o rio Nogatana,
termo Oriental deſte Reino, atè à cidade de Dio, podera aver
neſta coſta aſsi curva como ſe moſtra oitenta legoas, & corrẽ
40 do atè à ponta de Iaquette cento & vinte cinco. Per dentro

 pelo

pelo sertão da parte do Ponẽte, q̃ he o dedo pollegar, vezinha cõ os povos Resbutos. Estes habitão em hũa corda de Serranias, & matas, q̃ começão do cabo Iaquette, & correm para o Norte, & Nordeste, atè o Reino Mãdou, q̃ està sobre a jũtura deste pollegar, cõ o qual Reino tãbẽ por a parte do Norte vai vezinhar este do Guzarate, & pola do Nordeste cõ o Reino de Chitor, & do Leste cõ o de Pale, tomando toda a costa da enseada q̃ dissemos, onde tẽ muitas cidades, & povoações. [a]

Deste Reino quasi todo o maritimo, principalmente o da parte do Oriente, alẽ de ser terra chãa, he regada de dous notaveis rios Taptij, & Tapetij, & de muitos esteiros d'agoa salgada, q̃ a retalhão à maneira de Ilhas: he mui fertil de mantimentos de todo genero, & de grandes criações de gados q̃ pastão a fertilidade das suas cãpinas. Eo mesmo he da outra parte da costa do Ponẽte, ainda q̃ não tẽ aquella abundancia d'agoas; & ao longo do mar se levanta a terra algũa cousa, & se abaxa, cõ q̃ fica montuosa em respeito da outra. Saindo deste maritimo, atè ir dar nas Serranias dos Resbutos pela parte do Ponẽte, & do Norte, & Nordeste, onde este Reino parte cõ os Reinos q̃ dissemos, quasi tudo são cãpinas tã chãas, q̃ todo o serviço da gente he em carros q̃ levão bois, que não andão tam pesadamente como os nossos de Espanha, nem são tam grandes, mas são muito mais vivos na andadura, q̃ asnos Mouriscos, & tem no andar mais assento que as facas de Irlanda. De maneira, que segundo dizem, algũs dos nossos que provarão estes dous modos de caminhar, menos trabalho sentem os que vão nestes carros de Cambaia, que os que vão nos carros de Italia, & Flandres, tirados por cavallos; & tem melhor curso principalmente em jornadas curtas.

Todo este Reino de Guzarate he mui povoado de quatro generos de gẽte, de povo natural da mesma terra, à q̃ chamão Baneanes de duas sortes: hũs são Bagançarijs, q̃ comẽ carne, & pescado: outros Baneanes, que não comem cousa que tivesse vida. Outros são Resbutos, que antiguamẽte erão os nobres d'aqlla terra, tambẽ Gẽtios. [b] Outros Mouros chamados

Luteas,

a. Para accõmodar a verdadeira descripção presente destas regiões Oriẽtaes, com a antigua de Ptolemeo, que per erradas informações, com grandissima differença da forma da costa, & das alturas de seus cabos, & lugares elle descreveo, he necessario usar de conjecturas: porque a costa da India, desde a ponta de Damam, atè o cabo de Comorij, que corre do Norte ao Sul, situa Ptolemeo de Ponente à Levãte: & se elle a descrevera desde o promontorio Simylla, que he a ponta de Damam, atè o de Cory, que he o de Comorij, como na verdade ella corre, & os promontorios Baleo, & Simylla estiverão postos na altura que elles tem, viera à situar o cabo de Comorij quasi na altura em que elle està: porque o Promontorio Simylla dista do de Cory, segundo Ptolemeo, quinze Graos de Ponẽte à Levante, & dous menos ha de Norte à Sul, desde a ponta de Damam ao cabo de Comorij. E assi per conjecturas parece que os dous sinos Canthi, & Barigazeno de Ptolemeo, são as duas enseadas de Iaquette, & Cambaia: o promõtorio Baleo, he a ponta de Iaquette. A Ilha Barace que elle situa arrimada à este cabo, querem algũs erradamente que seja a Ilha de Dio, descrevendo Ptolemeo à Barace na entrada do sino Canthi da parte de dẽtro; & ficando a de Dio arrimada à costa, que corre da ponta de Iaquette para a enseada de Cambaia, & tam junta à terra firme, que hum esteiro mui estreito a divide della. O promõtorio Simylla onde se termina o sino Barigazeno, parece ser a ponta de Damam, & o rio Nanaguna, pola semelhança dos nomes, & distancia o rio Nagotana, termo per aquella parte do Reino de Cambaia.

b. Ha neste Reino de Cambaia quatro castas de Gentios, que são os Bramenes, em que està o sacerdocio (como em todo Oriente) os Baneanes, que são mercadores, os Catheris, que tem armas & as exercitão na guerra, & Vices, que se occupão em officios mechanicos. Tẽ tambem certo modo de religiosos que chamão Vertias, contrarios da seita dos Bramenes, os quaes andão cubertos com hũ panno branco, & não o podem lavar, nem tirar, sem primeiro se fazer em pedaços, sobre elle se assentão, ou no chão: vivem de esmolas, & não podẽ guardar cousa algũa de hum dia para o outro. O que com mais cuidado procurão para sua salvação, he não matar cousa viva, & assi não consentẽ fazerense tanques, porquẽ podem nelles morrer os peixes; & não accendẽ de noute candea por não morrer nella algũ bicho. Trazem todos nas mãos hũas vasouras compridas, para irem varrẽdo o chão per onde passão, por não acertarem de pisar, ou matar com os pès algum bicho.

O Padre Fernão Guerreiro na sua relação Annal das cousas da India dos annos DC.VI. & DC.VII. liv. 3. cap. 12.

Luteas,q̃ são naturaes da terra,convertidos novamēte à seita
de Masamede. Outros são Mouros que vierão de fora,& con-
quistarão a terra,lançando della os Resbutos. A gente popu-
lar he mui dada ao trabalho,asi da agricultura, como da me-
chanica. E nesta parte he tam subtil, & industriosa, q̃ tem cõ
o trato das obras que fazem enriquecido aquelle Reino: porq̃
mais seda,& ouro fiado se gasta nelle em pannos tecidos de di
versas sortes,q̃ em toda a India. E a cidade de Patã pode cōpe
tir em numero de teares cõ as cidades de Florença, & Milão.
De marfim,de madreperola,concha de tartaruga, laquequa,
cristal,lacre,verniz,pao preto,& amarelo,& de outras cousas
q̃ servem para leitos,cadeiras,vasos,& armas de toda sorte,sò
deste Reino saem mais obras,que de todo o restãte da India.
E d'aqui vem ser elle abastado de todas as cousas necessarias:
porq̃ as q̃ naturalmente,ou artificialmente não tem,lhas tra-
zē os q̃ vem buscar as q̃ elles tem,que são muitas. A gente do
povo he naturalmente fraca,& cattiva de cõdição,por serem
da linhagem Baneane: a qual guarda cõ grãde religião a seita
de Pythagoras,de não comerem cousa q̃ seja viva. E são tam
supersticiosos na observancia deste preceito não matarás, q̃
as immundicias q̃ em si crião,as sacudē em parte q̃ não sejão
maltratadas. Poloq̃ quando os Mouros querē delles aver al-
gũa cousa,trazenlhe diante hum passaro, ou outro qualquer
animal,ainda que seja hũa cobra,& fazendo q̃ a querem ma-
tar,elles a comprão,& soltão por não verē sua morte, & tem
q̃ fazem nisto grande serviço à Deos. Atè hũa carreira de for-
migas se atravessão per hũ caminho per onde algum Banea-
ne va,ou à pè,ou à cavallo,ha de rodear por não passar por ci-
ma dellas.[a] Per preceito de sua religião,não podem tèr arma
algũa em casa. E he a gente mais delgada, & engenhosa em o
negocio do cõmercio,q̃ quantas temos descuberto, tirando
os Chijs, q̃ nisso, & na mechanica leva ventagem à todas as
nações do mundo. A outra gente deste Reino, ja convertida
à seita dos Mouros,posto q̃ seja tambem fraca,como he mes-
turada d'estas ambas nações,por a parte q̃ tem dos Mouros,
q̃ são estrangeiros,& trazem origē de gente mais robusta,fa-
zem à estes Gentios muita vētagē: & de todos elles,os homēs
mais valentes na guerra,são os Resbutos,q̃ habitão as Serra-
nias que dissemos,os quaes forão ja senhores deste Reino do
Guzarate,& com a vinda dos Mouros se forão recolhendo ao

a. Vsão de tanta cõpaixão,& humanidade cõ os brutos, q̃ para curar os passaros ha no Reino de Cambaia hũ hospital,cuja maquina de enfermeiros,& fabricas de enfermerias, não são menos dignas de espanto,que de riso: porq̃ ha muitos homēs salariados das rendas do mesmo hospital, q̃ tē por officio andar pelas cidades,& lugares,& correr o campo em busca das aves,& passaros doentes; & aleijados,para serē alli curados,& sustētados. Outros andão pelas praças,onde os Mouros caçadores lhes vendem os passaros,q̃ elles não deixão de cõprar per nenhum preço,somente para q̃ lançados logo à voar,os tornē à pôr em sua liberdade. Da mesma maneira tem currais deputados para e gasalhado,& cura de toda a sorte de alimarias, q̃ por doentes, ou velhas seus donos deitão ao almargē. E para q̃ se conheça bē o autor desta sua misericordiosa bestialidade,se encõtrarem hũ homē morrendo ao desamparo, ou o virem lançado per terra pisar dos q̃ passão,nem o ajudarão a levãtar,nem porão os olhos nelle, & não lhes ficara passaro q̃ não resgatem, & deixarão morrer ao proprio pai em duro cattiveiro.

O Padre Ioão de Lucena, cap. 12. do liv. 2. da vida do Padre Francisco Xavier.

alto

alto das Serras; como fizerão os Espanhoes quando os Mouros entrarão em Espanha, que se recolherão aos Montes Pyreneos, & às Montanhas de Oviedo. E desde aquelle tempo sempre entre os Resbutos, & os outros ficou hum capital odio, & contenderão entre si. E como estes Resbutos erão da mais nobre gente que senhoreava aquella terra do Guzarate, & são homẽs grandes, & forçosos, & não tem a religião dos Bancanes, armados, & em bõos cavallos, descem das montanhas, & vẽm ao baxo às povoações onde fazem grandes presas. Governãose os Resbutos ao presente em Republica per os mais velhos, repartidos em Senhorias, & se todos se conformassem em amizade, & não contendessem entre si, ja forão senhores do Guzarate, que seus avòs perderão. Porẽ com esta divisão, & com o poder da artelharia, de que elles carecẽ, por não terem cõmercio do mar, não lhes aproveitão suas forças, & animo para mais que para estas entradas que dissemos. E o que principalmente fez aos Reis Mouros, que conquistarão aquelle Reino, poderosos contra esta robusta & guerreira gente, foi fazerense logo senhores dos portos de mar, perq̃ forão mettendo muita gente Arabia, Persa, & Turquesca, & de nação Grega, & Levantisca, à que elles chamão Rumes; os quaes vem cada anno à aquelle Reino buscar mercadorias, & ganhar grandes soldos, que estes Reis Mouros lhes dão, com que tem cõquistado o que ora possuem, & defendido de nos despois que conquistamos a India. A nossa entrada foi causa destes Resbutos perderem de todo as terras chãas que possuião: porque como os Reis Mouros por se defenderem de nossas armadas, tinhão grande necessidade de recolher aquella gẽte estrangeira que dissemos, ella mesma lhes deu a industria, & animo para se defender dos Resbutos: de cuja religião, & creença de tres pessoas, & hum sò Deos, & veneração da Virgem Maria Nossa Senhora, & outras cousas, que parece averem seus maiores recebido dos Apostolos, em a nossa Geographia o escrevemos particularmente.

* * *

CAPI-

CAPITVLO II.

Como, & em que tempo os Mouros começarão à ganhar o Reino do Guzarate aos Gentios.

EM que tempo, & perque maneira os Mouros entrarão no Reino do Guzarate, & se senhorearão delle, elles mesmos em suas historias se cõfutão, & encontrão em quẽ foi o primeiro.
10 Mas nesta nossa narração seguiremos a mais cõmum opinião dos escrittores do mesmo Reino do Guzarate. E segundo elles escrevem, no anno de DCC. da Era de Mafamede, q̃ he o de Christo nosso Redẽptor de M.CC.XCII. reinava no Guzarate um Principe Gẽtio por nome Galacarnà, homẽ mui poderoso, & esforçado de sua pessoa. O qual posto que com a maior parte de seus vezinhos estava em paz, por temerem de o anojar, sempre viveo em differenças com hum seu irmão mais moço. A causa desta discordia, era, porque seu pai de ambos, deixou hum Estado q̃ tirou da Coroa do Rei-
20 no, & o deu à este moço, & com elle titulo de Rei, cuja cabeça era a cidade de Champanel, que per sitio era a mais forte do Reino do Guzarate. E como este Galacarnà arguia q̃ seu pai não podia desmẽbrar do Reino tãta parte delle para o dar à seu irmão, & mais cõ titulo de Rei, & elle lho queria tirar, como cousa q̃ lhe pertencia, succedeo d'aqui, q̃ por se fazer poderoso hum contra outro, ambos ficarão fracos para o q̃ lhes sobrevèo. E o caso foi, q̃ tẽdo este Galacarnà dous Capitães ambos irmãos, & os mais principaes do seu Reino, postos na frõtaria contra aquelles cõ q̃ tinha guerra: o maior delles q̃ cha-
30 mavão Madanà tinha hũa das mais fermosas molheres do Reino, a qual era da linhagẽ d'aquellas q̃ elles chamão Padaminij, q̃ segũdo affirmão, alẽ de serẽ molheres mui perfeitas em seus feitos, & fermosas em suas pessoas, per natureza lhes cheira mui suavemente toda a roupa que vestem, como que da compreissão, & boa proporção de humores proceda este cheiro à sua carne, & della às vestiduras q̃ trazẽ, como contão q̃ fazia à Alexãdre Magno.* E por isso erão aq̃llas molheres mais estimadas entre aq̃lle Gentio: das quaes dizẽ elles agora, que com difficuldade se acha algũa naquelle Rei-
40 no do Guzarate, mas que no de Orixà ha muitas.

* *Plutarcho na vida de Alexandre Magno, referindo os Cõmentarios de Aristoxeno.*

„ Vendo el Rei Galaçarnà esta molher de Madanà seu Capi
„ tão, asi por a fermosura de sua pessoa, como por ser d'aquella
„ boa natureza, & cõpostura, tanto se lhe affeiçoou, q̃ buscou
„ todos os meios para gozar della; mas ella resistindo às impor
„ tunações d'el Rei, & à suas promessas, em nada consentio, in-
„ do el Rei desconhecido à sua casa. Poloq̃ como ella era de pro
posito castisima, & amiga da pureza de sua pessoa, & da hon
ra de seu marido, lhe deu aviso q̃ secretamente se viesse logo
ver cõ ella, porq̃ asi importava à honra de ambos. Chegado
o marido, deulhe conta do q̃ passava, & como chegara el Rei 10
à tanto, q̃ hũa noute viera ter à sua casa, ao qual ella despedira
fingindo certos inconvenientes, pelos quaes não podia entã
fazerlhe a võtade, o q̃ faria d'ahi à poucos dias; as quaes escusas
elle aceitou, & lhe prometteo de a tomar por molher. Madanà
despois q̃ particularmẽte soube o procedimẽto q̃ el Rei tive-
ra naq̃lle negocio cõ sua molher, mandoulhe q̃ se fizesse pres-
tes o mais secretamente q̃ pudesse, porq̃ elle ia dar conta à seu
irmão d'aquelle caso, para pôr em ordẽ suas cousas em quãto
elle tornava por ella. Finalmente os irmãos ambos se fizerão
em hũa vontade, & tomando secretamente suas molheres, & 20
o mais precioso de suas fazendas, ajuntarão suas gentes, & fi-
zerão seu caminho ao Reino do Delij: & tanto pode a persua
são delles, & a cobiça de Xiah Nosaradim [a] Rei d'aquelle Rei-
no, q̃ cõ grande exercito se ajuntou cõ estes dous irmãos, &
vèo cõquistar o Reino do Guzarate: & por se desviarẽ do po
voado do Reino de Mandou, q̃ se mette entre o Reino do De
lij, & o do Guzarate, cõ grandes montanhas, cõmetterão de
passar hũa tam aspera, q̃ parecia cousa imposivel, mas à força
de braços, & de ferro rõperão hũa penedia tam maravilhosa
de ver, q̃ por memoria d'aquelle feito, mandou el Rei do De- 30
lij edificar alli hũa cidade mui populosa, à q̃ pôs nome Māda
nai, por hõra do maior d'aq̃lles irmãos. Mas como não era es-
trada Real, nẽ caminho para outras partes, & ninguẽ ia à aq̃l-
la cidade, senão quem tinha negocio nella, vèose perder, &
diminuir, & oje he mui pequena, & obscura.

Entrādo aquelle grãde exercito no Reino do Guzarate, co
mo a maior parte d'aquella gente em aquelle tẽpo era dos Ba
neanes, q̃ como dissemos por sua religião não tinhão armas
em casa, levemẽte foi cõquistado, & el Rei Galacarnà morto
em hũa batalha. Seu irmão porque sabia q̃ a entrada de Xiah 40
Nosaradim

a. Deste Rei do Delij Xiah Nosaradim trattou Ioão de Barros no cap. 2. do liv. 5. da 2. Decada.

Nosaradim fora por industria dos dous irmãos pola injuria re
cebida, pareceolhe q̃ não receberia dãno delles, & deixouse es-
tar na sua Serra do Chãpanel, sem querer ajudar ao irmão: mas
não tardarão muitos dias, q̃ morto o irmão na batalha, Nosara
dim o foi buscar, à quẽ não ousando esperar por o pouco po-
der q̃ tinha em respeito de seu inimigo, deixou a terra, & com
o mais precioso q̃ tinha de sua fazenda, & cõ algũs q̃ o quise-
rão seguir, atravessou a Serrania de Pale, a qual he tam aspera,
que atè agora nestes nossos tẽpos, q̃ o Senhor d'aquella terra
10 se fez vassallo de Soltam Badur Rei de Cambaia, nunca foi
conquistada, avendo tanto tempo que isto passou.

El Rei Xiah Nosaradim, fazendo deste Rei de Pale pouca
conta, o deixou, & o Estado q̃ ganhou entregou à hũ seu Ca-
pitão chamado Habedxiah, q̃ naquella guerra, & em outras cõ
quistas lho tinha merecido; para segurãça do qual lhe deu par
te do exercito q̃ trazia, & lhe mandou q̃ conquistasse o mais
q̃ ficava do Reino. Aos dous irmãos Mãdanà, & Cacanà, q̃ o
trouxerão à ganhar aq̃lle Reino, & o ajudarão, deu dobrado
Estado do q̃ tinhão em vida d'elRei Galacarnà. E em memoria
20 de sua vinda à aq̃llas partes, fũdou hũa cidade de seu nome, q̃
oje està ẽ pè, & os Guzarates lhe chamão Nozcarij, q̃ dista da
cidade d Chãpanel 20 legoas pouco mais, ou menos ao Levãte

Os Reis de Mandou, & de Chitor, temendo q̃ quando este
Principe Xiah Nosaradim tornasse para o Delij, lhes roubas-
se, & destroisse suas terras de passagẽ, ou com o favor da vitto
ria q̃ ouve dos Guzarates, quisesse intentar a cõquista de seus
Reinos, mandarãolhe Embaxadores com grandes presentes,
entregandose por seus vassallos, com obrigação de certo tri-
buto por anno. Com esta offerta ficou Nosaradim satisfeito,
30 & sem lhes fazer dãno passou per suas terras, & se foi ao Delij.
Atè aqui contão as historias do Guzarate deste Principe
que os conquistou.[a]

As Chronicas dos Persas, de quẽ nos tomamos algũas cou
sas dos Reis della para esta nossa historia, dizẽ, q̃ no anno de
DCC.VIII. de Mafamede, que são M.CCC. de nossa Re-
dempção, reinou na Tartaria Oriental hũ Principe Tartaro,
por nome Tara Mexernij Chan, filho de Doa Chan, em cu-
jo tempo poucos Tartaros ouve que não abraçassem a falsa
lei Mahometana. Este sendo Principe mui guerreiro, en-
40 trou na India, & ganhou o Reino do Delij, & desceo ao do

a. Pelos annos C. do Nascimento de Nosso Salvador, baxarão dos ultimos termos Septẽtrionaes, innumeraveis gentes repartidas em Tribus, q̃ vierão conquistando tudo o q̃ jaz do mõte Caucaso para baxo atè Cambaia. Erão estas gentes Mogoles, Tartaros, Chacatais, & Resbutos. Estes se apoderarão do Guzarate, & forão senhores de todo o Indostan, q̃ repartirão entre si, tomando as cabeças titulo de Rajas, q̃ he o mesmo q̃ Governadores, atè cerca dos annos de M.CCC. q̃ vierão todos à serem conquistados de hum Rei do Delij, chamado Soltam Nosaradi (q̃ he o mesmo à q̃ Ioão de Barros chama Xiah Nosaradim neste capitulo) cujo Imperio se estendeo desde o rio Indo atè o Ganges, & recolhẽdose para o Delij, onde fallesceo brevemente, deixou em todos os Reinos do Decan hum Governador, & outro por nome Mahamed (q̃ Ioão de Barros no capitulo seguinte chama Hamed) no Reino do Guzarate, com o qual elle se alçou tomando titulo de Rei, quãdo soube da morte de Soltam Nosaradi.
Diogo do Couto Dec. 4. liv. 1. cap. 7.

Guzarate,o qual fez seu tributario: & tornãdose para seu proprio Estado,deixou no Reino do Delij hũ seu irmão chamado Doa Chã,como seu pai, & no Reino do Guzarate hũ seu Capitão. E segundo a conveniencia dos tẽpos, q̃ he a cousa q̃ na historia se mais deve cõsiderar pera a verdade della,parece q̃ o Xiah Nosaradim,& este TaraMexernij era hũ mesmo Rei,posto q̃ os nomes sejão differentes, pois ambos segundo dizẽ,quasi em hũ mesmo tẽpo cõquistarão o Reino Guzarate.Xiah Nosaradim nos annos de Mafamede de DCC.VII. & Tara Mexernij posto q̃ põtualmente a Chronica q̃ temos dos Reis de Persia não diga em q̃ anno conquistou os Reinos doDelij,& do Guzarate,sabemos q̃ despois d̃ ser tornado à sua propria patria,foi morto no anno deMafamede DCC.VIII. por hũ seu sobrinho chamado Purõ, filho de Taimu Chã em hũa batalha jũto da cidade de Chàta.E porq̃ per morte delle, segũdo a mesma Chronica dos Persas, foi levantado por Rei Daiagàn Chã seu filho,o qual por vingar a morte de seu pai, matou muitos Senhores q̃ forão na conjuração desta morte: revolveose o Imperio de maneira,que muitos Capitães que estavão em diversas Provincias governando por elle, se levantarão por Reis,dos quaes seu tio Doa Chan ficou Rei do Delij,& o Capitão do Reino do Guzarate.

E posto q̃ a Chronica dos Persas diga, q̃ poucos Tartaros ficarão q̃ se não fizessem Mouros em tẽpo de Xiah Tara Mexernij:ou q̃ estes dous Principes q̃ elle deixou noGuzarate,& Delij,não serião tã cõfirmados naquella seita, q̃ permanecessem nella,ou porq̃ a terra era toda de Gentios, os Reis q̃ despois succederão à estes primeiros Cõquistadores,forão Gentios.E querer enfiar a linhagẽ de hũs em outros elles mesmos o não podẽ fazer por as mortes, levantamẽtos,& mudanças, q̃ os Estados tẽ,quãto mais nos q̃ disso não temos mais noticia q̃ a q̃ delles recebemos.Basta para cõtinuar nossa historia, q̃ o Reino doDelij per algũs annos teve o imperio dosReinos de Guzarate,de Mãdou,de Chitor,& Canarà,& de toda à terra,q̃ jaz entre aquelles celebrados rios Indo, & Ganges, à q̃ propriamẽte chamamos India,& os naturaes Indostã. E que estes Reinos, & seus Principes se isentarão despois da morte de Xiah Nosaradim, que com a gente que naquellas Provincias mettia d'aquellas partes do Norte, que naturalmente he conquistadora,os enfreava.

CAPI-

CAPITVLO. III.

Como Hamed Mouro Tartaro de nação vèo ser Rei do Guzarate, de que procederão todos os Reis que atè agora forão, & o que passou sobre sua successão.

NO anno de M.CCC.XXX. de nossa redempção, hũ Mouro Tartaro, chamado Hamed, homẽ rico, & poderoso, q̃ vivia na cidade de Cambaiet, à q̃ nos chamamos Cãbaia, cõ favor dos Arabios, Persas, & gẽtes de Europa, principalmente Gregos, & Turcos, à q̃ elles chamão Rumes, q̃ à aquelle Reino ião por causa do cõmercio, se levantou cõ parte do Reino Guzarate, tomando per força d'armas ao Rei Gentio q̃ entã reinava, q̃ se chamava Desingue Rao, muitos lugares, & a cidade de Madrefavat, q̃ naquelle tẽpo era mui grande, & populosa, & dista cinco legoas de Dio, q̃ despois seu neto Peruxiah ennobreceo, como adiãte diremos. Este Hamed posto q̃ era cavalleiro de sua pessoa, quãto bastava para esta empresa, q̃ tomou de se intitular por Rei em Reino alheo, era elle tã prudẽte, q̃ isso lhe deu maior ser para o q̃ foi, q̃ as armas cõtra o Rei Gentio. E asi cõsiderando elle, q̃ o q̃ faz os Reinos, & as Republicas mais florentes, são homẽs, & riquezas, recolhia todos os estrãgeiros, asi da Europa, como de Africa, Egypto, Arabia, & da Persia, aos quaes dava grandes soldos, cõ q̃ fazia muita guerra ao Rei Gentio, & cõ todos usava de muita justiça, & liberalidade, q̃ são as partes cõ q̃ os Principes se fazẽ bẽ quistos, & reverẽciados. E para enriqcer seu Reino, não somẽte recolhia nelle toda sorte de mercadorias q̃ tinhão valia, & de sua mão se repartião pelos que as avião mester, sem dellas querer mais ganho q̃ terem todos necessidade delle, mas ainda todo genero de moeda estrangeira, quer fosse de Mouros, quer de Christãos da Europa, ou de Gẽtios d'aquelle Oriẽte, mandava q̃ corresse em seu Reino por mais do q̃ valia nas terras donde vinha, causa q̃ entrasse nelle grãde quãtidade d'ouro, & prata. Teve tãbẽ outras partes mui principaes para ser bẽ quisto, q̃ aos Principes custão pouco, & lhe rendẽ muito. Alem disto, o q̃ o fez mui poderoso para conquistar aquelle Reino do Rao, foi viver elle muito, & tèr vinte filhos de diversas molheres, que quasi todos vio homẽs em seus dias.

Por

a. A este chama Diogo do Couto Daudarchan, & q̃ foi o fundador de Dio, & não faz menção de Peruxiah, se não de Mahamed, q̃ diz foi filho de Daudarchan, & seu successor. Liv. 1. cap. 7.

Per morte deste Principe, reinou seu filho Ale Chan.[a] Este acrescentou ao Estado herdado muitas terras, q̃ tomou ao Rei Gentio, mas em hũa batalha que lhe deu junto da cidade de Cambaia, foi vencido do Gentio, com perda de muita gẽte, & despojo de duas naos ricas que derão à costa, com q̃ ficou o Rei Gentio mui rico, causa de elle despois perder em outra batalha dez mil homẽs: porq̃ como ouve a riqueza d'aquellas naos, q̃ erão muito ouro, prata, sedas, & cousas de grãde preço, desceo do sertão às povoações da ribeira do mar, q̃ erão do Mouro à lhe fazer guerra, esperando aver outra tal presa, & Ale Chan lhe mandou armar cõ outras duas naos lãçadas à costa, como em cilada, cõ que foi desbaratado, & perdeo aquella gẽte q̃ era a melhor q̃ tinha. Este Ale Chan viveo cẽto & seis annos, dos quaes reinou cinquoẽta & nove, & teve quarenta filhos de muitas molheres, de q̃ tres forão Reis.

O q̃ lhe succedeo foi o maior q̃ se chamou Peruxiah: o segundo por nome Azeide Chan, casou cõ hũa filha d'el Rei do Mandou seu vezinho, & per morte do sogro por não tèr filho herdou aquelle Reino per via da molher. O terceiro se chamou Ale Chan como o pai, q̃ tambem pola molher veo à reinar em Agimar, hũ pequeno Reino q̃ confina cõ Chitor, & com Galer. Peruxiah foi homẽ pacifico, & humano, como se vio nos trattos q̃ tinha, & nos favores que fazia aos mercadores, & navegantes q̃ à seu Reino ião, que foi causa de se fazer rico, & poderoso. Fez moeda de cobre, & de prata, de que oje se acha ainda algũa: foi o primeiro q̃ naquellas partes fez navios de guerra ao modo dos de Levante, per industria de Gregos, & Italianos, & de outras nações q̃ ião à aquellas terras, cõ cuja ajuda ouve muitas vittorias do Gentio, & a principal foi de dous juncos dos Chĩjs: os quaes como naquelle tẽpo navegavão a costa da India, per ella tinhão suas Feitorias, por razão do tratto da especearia. E posto que Peruxiah ouve vittoria destes juncos, na peleja lhe matarão dous irmãos, & cinco tios, cõ muita gẽte nobre, & elle ficou mui ferido. E em quãto se curava, em memoria da vittoria, q̃ foi onde oje està edificada a cidade de Dio, elle fez alli hũa povoação (não sendo antes mais q̃ acolhimẽto de pescadores) & mãdou q̃ o tratto de Madrefavat, q̃ era a cidade principal d'aquella costa, se passasse à Dio. Mas isto durou o tẽpo q̃ elle viveo. De maneira que ao tẽpo q̃ a ouve Melique Az, ja era tornada quasi à seus prin-

principios,& elle a reedificou,& ennobreceo.

A este Peruxiah succedeo seu filho Soltã Mahamud,[a] por appellido Begra, q̃ em lingoa dos Guzarates quer dizer cavalleiro,porq̃ assi o foi elle,& mui astuto,& dado ao governo de seu Estado,& à administração da justiça. Este Principe tomou ao Gentio da terra de Mangalor cõtra o cabo de Iaquette mais de vinte cinco villas, & povoações, & teve em cerco a cidade de Chãpanel tres annos,no fim dos quaes a tomou, & assi a Serra della,sendo a cousa mais forte de todo aq̃lle Reino do Guzara 10 te. Nesta cidade achou grãdissimos tesouros dos Reis antigos. Reinou Mahamud 55. annos,& deixou doze filhos; O maior delles chamado Modafar,foi grãde edificador,& ennobreceo muito seu Reino; lavrou hũa moeda d'ouro,q̃ ora corre,chamada do seu nome Modafarxao,q̃ da nossa de Portugal val 1270. reaes, da qual vẽo muita à poder dos nossos per morte de seus filhos. Reinou Modafar catorze annos. Os filhos q̃ delle ficarão estimados,& de q̃ se faz mẽção,forão Scãder Chã,Latifà Chã, Badur Chan,Chãde Chan,Iangri Chan,& Mamud Chan,& outros.

Scãder Chã mais velho succedeo à seu pai,& não reinou mais 20 q̃ nove meses,porq̃ por ser homẽ aspero,& por querer tirar de Dio à Melique Saca,filho de Melique Az,por as razões q̃ adiãte diremos,foi morto per conjuração dos seus. Porq̃ como este Melique era homẽ sagaz, & poderoso como seu pai, cõ seu dinheiro,& astucia grãgeou muitos dos principaes,q̃ à elRei por sua cõdição não tinhão boa võtade. E todos cada hũ per sua parte à força de dinheiro,moverão à Madre Maluco Governador do Reino,q̃ elle per sua mão matasse à el Rei,& q̃ tãto q̃ isto fizesse lhe acodirião todos cõ seu poder. O Madre Maluco matou à el Rei,& logo tomou no collo à Mamud Chan seu irmão o 30 mais moço,q̃ era de dous annos,intituládoo por Soltã,à fim de elle Madre Mamaluco ficar mais tẽpo por Governador do Reino,como ja era,& cõ os outros de sua parcialidade comerẽ os rẽdimẽtos do Reino. E por mostrar q̃ elRei não fora morto por odio q̃ os Grãdes lhe tivessẽ,senão por evitarẽ as asperezas q̃ cõ o povo usava,cõ grãde solẽnidade,& põpa, acõpanhado de alguns Senhores de sua facção,o levou à enterrar onde seu pai el Rei Modafar estava sepultado. E o novo Rei levou à cidade de Chãpanel,q̃ era a mais forte cousa do Reino,onde estava o tesouro dos Reis. Alli fez vir todos à obedecer ao menino,gover 40 nãdo elle absolutamẽte,porẽ cõ prudẽcia,& vigia d̃ sua pessoa.

a. Este foi o que deu a Ilha de Dio à Melique Az,& em seu tempo descobriò a navegação da India o grande Dõ Vasco da Gama Conde da Vidigueira, Almirante do mar da India. Diogo do Couto liv. 1. cap. 7.

Mas não tardarão muitos dias q̃ Latifa Chan, segundo filho de Soltam Modafar, à quẽ pertencia o Reino por morte de Scandar, vèo do Reino do Mandou, onde era casado cõ hũa filha d'el Rei delle, & cõ a gẽte q̃ trouxe, & a q̃ seguia sua parte, que era a da justiça, foi levantado por Rei na cidade de Abmadabad, & logo se pos à caminho para Champanel. Porẽ a fortuna devolveo o Reino ao terceiro filho de Modafar, que era Badur Chan, q̃ andava em habitos vijs de Calandar peregrinando per Reinos estranhos, indigno da herença de seu pai, por o q̃ tinha cõmettido, como se adiante verà, cõ cujo processo de vida, & feitos, nos pareceo q̃ convinha ir cõtinuando, não somente porq̃ tocavão aos feitos dos Portugueses, & ao proposito de nossa historia, mas ainda porq̃ no discurso da vida deste Principe, & de outros que cõ elle contenderão, se verà hum curso de tempo de varias tragedias de Estados, para exemplo d'aquelles que os governão.

CAPITVLO. IIII.

Como por el Rei Modafar dar certas cidades aos filhos de Melique Az, se aggravarão seus filhos, & o terceiro delles Badur Chan se foi do seu Reino para el Rei de Chitor, & o que lhe là aconteceo.

D'AQVELLE Melique Az tam celebrado nesta nossa historia, que fallesceo no anno de M.D.XX. lhe ficarão tres filhos, Melique Saca, Melique Liaz, Melique Tocam. E querẽdo el Rei Modafar satisfazer à estes seus filhos os serviços de seu pai, repartio per elles as terras que seu pai tinhà em sua vida, que erão Baçaim, Madrefavat, Dio, & Iaquette, q̃ he hũa cidade posta em hũ cabo, que faz a enseada chamada do seu nome de Iaquette, na qual entra o rio Indo. Cada hũa destas cidades tinhão muitas povoações, q̃ lhe erão subjeitas, perque ficavão de grande rendimento, de q̃ a maior parte dava Melique Az à el Rei, o mais lhe ficava à elle para defensão, & governo d'aquellas terras, como Capitão dellas, q̃ se elle nomeava, & não Senhor. A repartição que el Rei fez destas terras foi dar à Melique Saca, que era o mais velho, as cidades de Dio, & Iaquette, à Melique Liaz a cidade de

de Baçaim,& à Melique Tocam,que era o mais moço,à cida de de Madrefavat,que era somenos das outras. Algũs dizem, que a tenção d'el Rei Modafar em repartir estas terras per estes irmãos,não foi tanto por lhes fazer merce,como por tirar competencias entre o Principe Scandar, & Badur seus filhos: os quaes quãdo virão feita a doação dellas,se queixarão muito à seu pai,dizendo, que como avia elle de dar aos filhos de hum seu escravo como foi Melique Az,as terras com que os podia à elles mantèr:as quaes dezia cada hum delles que estarião mais seguras em sua mão,q̃ na dos filhos de Melique,que ja em sua vida estivera duas vezes para entregar a cidade de Dio aos Portugueses,com artificios que para isso usara.

Melique Saca quando soube deste requerimento,pareceo lhe que o Principe Scandar não pedia estas terras tanto por cobiça,por o grande custo que ellas tinhão nas armadas, que fazia seu pai Melique Az, quanto por a mà vontade que lhe tinha por algũas paixões que entre elles avia. E como era criado nas sagacidades de seu pai,& elle tambem era homem naturalmente malicioso,começou peitar grossamente à Madre Maluco Governador do Reino, & à todos os privados d'el Rei,com que fez que el Rei as repartio da maneira que dissemos;porq̃ sabia q̃ se seus filhos desejavão aquellas terras, era para comer o rendimento dellas.E como erão maritimas,onde elles não avião de residir para as defender dos Portugueses, ficavão mui apparelhadas para as elles tomarẽ,& elle Rei não teria dellas rendimẽto algum:das quaes em tẽpo de Melique Az avia elle em cada hum anno cento & cinquoenta, & duzentos mil pardaòs: & anno ouve q̃ por se Melique Az assegurar ante el Rei dos males q̃ algũs seus cõpetidores delle dezià,lhe levou quatrocẽtos mil pardaòs. Finalmente el Rei cõ repartir estas terras pela maneira referida,& com razões,que deu à seus filhos, se escusou de lhas dar à elles: o que despois foi causa de muitos trabalhos, & de Soltam Modafar correr risco de morte. Porq̃ Badur Chan, que era seu terceiro filho, como não esperava por sua morte a herença do Reino, q̃ era do irmão maior(posto q̃ el Rei desenganou ao Principe, dandolhe algũas razões cõ q̃ o satisfez,sobre a pretensão d'aquellas cidades)insistia muito no seu requerimento,ao qual el Rei se escusava com o aver negado ao Principe. Algũs dizem q̃ el Rei aborrecia à este seu filho Badur,porque em nascendo,ou

por

por Astrologia, ou por feitiçaria, lhe disserão que elle avia de ser causa da destroição d'aquelle Reino. O qual por sua mà inclinação, & por se ver desfavorecido do pai, & sobre tudo mal despachado neste seu requerimento, dizem que deu peçonha à seu pai, cõ conselho, & ajuda de sua mãi que lhe queria grande bem: da qual peçonha, porque ouve algũs indicios na pessoa d'el Rei, que foi disso curado, temendo Badur que o pai o quisesse prender, fugio, levando consigo algũs criados que o seguirão. E por mostrar que fazia esta ida por algũs particulares desgostos que tinha de seu pai, & não temor do que fizera, neste mesmo tempo teve outros requerimentos, & com voz de paixão do mao despacho delles se partio, & foi tèr ao Reino de Chitor, vezinho do de Guzarate, que era de hum Gentio por nome Sanga.

El Rei de Chitor, por Badur ser filho d'el Rei Modafar, o recebeo com muita honra, & gasalhado, & por lhe fazer festa, a noute seguinte de sua chegada teve serão, ao modo que cà na Europa costumão os Principes, & Reis. E vindo à bailar certas moças, que segundo o ellas fazem naquellas partes com destreza, parecem volteadores, gabou Badur à hum homem dos nobres do Reino que estava junto delle o bailar, & soltura dellas. O qual em modo de desprezo, disse cõtra Badur: *Pois aquellas moças que vos alli vedes, são filhas de homẽs nobres de vosso Reino Guzarate, as quaes nos cattivamos quando tivemos guerra com vosco, & el Rei Nosso Senhor as mandou ensinar à bailar para seu gosto.* Mas Badur por estas palavras lhe parecer que se dezião em sua injuria, levou de hum punhal que trazia na cinta, & deu duas punhaladas à aquelle fidalgo, de que logo ficou morto. E Badur tambẽ o fora per mãos dos parentes do morto, se a Rainha Crementij molher d'el Rei o não defendera delles, & d'el Rei, que o queria mandar castigar. E sobre o livrar d'aquelle perigo, o mandou secretamente com guarda pôr em salvo fora do Reino do Delij, o que lhe elle despois mal pagou, como adiante diremos.

(?.)

CAPI-

CAPITVLO. V.

Como Badur se fez Calandar, & da maneira, & costumes d'aquella religião; & como sabendo da morte de seu pai, & da d'el Rei Escandar que lhe succedeo, vèo ao Reino de Guzarate, & se levantou com elle, com morte de seus irmãos, & de outros muitos.

TANTO que Badur se vio fora do Reino de Chitor, & da afronta em que foi posto, & em terras estranhas, determinou fazerse religioso, por remedio de vida, & desbaratãdo tudo o q̃ consigo trazia, & repartindoo pelos criados, ao modo de homẽ q̃ entrava em religião de pobreza, tomou habito de Calãdar, despedindose de todos, dizendo, q̃ deixava o Mũdo, & se offerecia todo ao serviço de Deos, & a peregrinar, pedindo esmola por salvar sua alma. Este uso de religião não sò mẽte tẽ os Mouros, mas tãbẽ os Gentios, & estes tomão este modo de vida mais estreitamente, aos quaes elles chamão Iogues. Os quaes não sò desprezão todo o mimo, & delicias de comer, & vestir, mas ainda fazẽ vida de grãde aspereza, & tal q̃ faz espãto, & move à cõpaixão, porq̃ andão nuos com hũas grossas cadeas de ferro ao pescoço, & ao redor de si à maneira de cilicio, sòmẽte as partes vergonhosas trazẽ cubertas com hũas peles, & comẽ mui miseravelmente. E posto q̃ pareça q̃ cobrẽ algũa parte de seu corpo por vergonha, tem elles em o mais mui pouca) porq̃ em todas as cousas naturaes ao homem onde quer q̃ lhe toma vontade, logo obedecẽ à natureza, sem terẽ pejo à serẽ vistos de alguẽ, dizendo (como tambẽ os Philosophos Cynicos [a] dezião) q̃ a natureza não faz cousa torpe. São estes na vida hũs martyres do Demonio, & nas maldades os mesmos Demonios; porq̃ como são acreditados em toda a parte, cuidão aquelles povos q̃ quando fallão cõ hũ destes, fallão cõ hum Santo, nẽ se vigião delles. E porq̃ como homẽs santos, não são buscados, nẽ os tocão. Nos tẽpos das guerras, elles são os q̃ de Reino à Reino levão todas as cartas, & avisos, & os q̃ passão pedraria furtada aos dereitos dos portos. E posto q̃ estas cousas, & outras peores se saibão delles, tem para si, quẽ lhes fizer mal, q̃ fica excomũgado, & perdido do corpo, & da alma. A parte onde se acha mais numero d'estes he no Rei-

a. Antisthenes Atheniense Philosopho Socratico, deu principio à seita Cynica, assi chamada da escola Cynosarge, hũa de tres que avia fora de Athenas, na qual ensinava Antisthenes, como Platão, & Aristoteles nas outras duas Academia, & Lyceo. Foi Antistenes mestre de Diogenes Cynico, & de outros Philosophos que seguirão à sua seita. Escreveo dez livros de varias materias, como refere Laertio na sua vida, liv. 6.

do Delij, porque he como hum centro d'aquellas Provincias de Asia, aonde concorrẽ de todas as nações, & muitas vezes andão em hũa cõpanhia mais de dous mil, os quaes posto q̃ sejão de differentes lingoas, cõ a conversação q̃ hũs cõ outros tem nestas suas peregrinações, q̃ he hum dos votos de sua regra, todos se entẽdem. Não entrão nas cidades, mas ao modo dos Cyganos q̃ andão nesta parte de Europa, pousão fora do povoado, & alli lhe traz a gente do povo sua esmola. E quando asi anda grande numero delles, elegem hum à q̃ obedecẽ à maneira que os Cyganos fazem à seu Conde. Cada hũ destes traz hũa corneta, principalmẽte quando andão sòs, a qual tangem em chegando ao povoado, para que se saiba que està alli, & lhe trazerem de comer, & esmola.

Andando asi Badur neste habito de Calandar nas terras do Reino do Delij, teve novas como seu pai Soltam Modafar era fallescido, & sem mais esperar outra cousa, naquelle mesmo habito se veo ao Reino do Guzarate, onde tambẽ soube da morte de Soltã Escandar seu irmão q̃ succedera à seu pai, & a maneira della, & q̃ o Governador do Reino Madre Maluco levantara por Rei à Mahamud Chan seu irmão mais moço, menino de pouca idade: & asi soube como Latifa Chan legitimo herdeiro do Reino, por ser o segundogenito, era vindo com gente grossa do Reino do Mandou, onde era casado, para se apoderar do Reino de seu pai, q̃ de dereito era seu, & depôr o menino q̃ o Governador mal levãtara. [a] E porq̃ este irmão Latifa Chan caminhava para Champanel à se apoderar do tesouro de seu pai, Badur desceo para as fraldas do mar, para se metter nas cidades de Surat, & Reiner, onde tinha dous mercadores grossos ambos irmãos grãdes seus amigos, aos quaes escreveo do caminho, q̃ secretamente sem Destar Chan Capitão d'aq̃llas cidades o saber (porq̃ fora na morte de seu irmão Escandar) lhe fizessem a mais gẽte q̃ podessem à soldo, & que em quanto a levãtassem, elle pelo caminho per onde fosse cõ o seu nome iria ajuntando algũa. Finalmẽte Badur entrou na cidade de Reiner per industria dos dous irmãos, & cõ o poder, & favor da gente q̃ lhe tinhão junta foi levantado por Rei.

A nova deste levãtamẽto foi logo tèr à noticia dos outros seus irmãos, q̃ os metteo, & à toda a gẽte em grãde confusão, não sabẽdo à qual das partes acodissẽ, principalmente Destar Chan, q̃ estava fora das cidades. Este parecẽdolhe q̃ grãgeava Badur,

a. Escreve Diogo do Couto, que Badur (à que elle chama Bador) era o primogenito d'el Rei Modafar, o qual por querer dar o Reino ao filho segundo mostrava mà vontade à Badur, polo que elle se fizera Calandar, ausentandose do Reino. E o que aqui diz João de Barros de Latifa Chan, que com soccorro d'el Rei de Mandou veo à pretẽder o Reino do Guzarate, Diogo do Couto o refere de Badur. Capitulo. 1. livro. 7.

Badur,lhe foi beijar a mão, mas nelle começou Badur de encetar com morte a nobreza d'aquelle Reino mandãdoo logo matar,com titulo de traidor à seu irmão,dizendo,q̃ fora participante no conselho de sua morte. Isto dizia o pregão;mas a causa era por lhe tomar toda a fazenda, como tomou. E por se acreditar com a gente, & mover à todos que o seguissem, logo alli galardoou aos dous irmãos que o ajudarão, ao que se chamava Naitia deu aquellas duas cidades de Reiner, & Surar,& ao outro seu irmão chamado Coje Babù fez Veedor de
10 sua fazenda,que era grande cargo.

Partiose logo Badur em busca de seu irmão Latifà Chan, mandando diante muitas cartas aos Capitães que com elle andavão,prometendolhe grandes merces se o deixassem, & se viessem para elle.E como a fortuna as mais das vezes nos primeiros amores que tem com a pessoa que quer levantar a grã de estado,lhe faz a entrada leve, & despejada de todos os inconvenientes,asi ordenou as cousas de Badur, que venceo ao irmão em hũa batalha que lhe deu, ficando desamparado de todos os seus,& foi achado morto sem ferida algũa entre dez,
20 ou doze homẽs que lealmẽte o seguião,& dizem que morreo de abafado das armas,por ser homem muito grosso.* D'aqui foi Badur à cidade de Champanel,onde se lhe entregou o Governador Madre Maluco,com o menino Mamud que levantara por Rei,& outros dous irmãos tambem de Badur, a qual entrega elle fez de si,& d'aquelles Infantes,com grandes seguros jurados porBadur,per os ossos de seu pai,& per o Moçafo de sua lei,que lhes não faria mal: mas a fim de sua verdade foi dissimular algũs dias com Madre Maluco, por lhe acolher a fazenda. E no tempo que elle estava com menos sospeita, &
30 mais favorecido de Badur,o prendeo,& mandou esfollar vivo.O qual dizem que esteve inteiro fallando sempre atè lhe chegarem ao embigo,& lhe foi tomada toda a fazenda.D'ahi à poucos dias mandou vir ante si os tres Infantes seus irmãos, & per sua propria mão degollou o Mamud que era levantado por Rei, sendo criança que ainda não sabia sair dos braços de sua ama,& asi degollou os outros dous irmãos,por lhe dizerem, porque tingia as mãos em seu proprio sangue,sendo aquelle seu irmão menino innocente,em idade,& em culpa.

Succedio isto no anno de M.D.XXV. Diogo do Couto.

CAPITVLO. VI.

Com el Rei Badur determinou de matar todos os q̃ em tempo de seu pai o tinhão offendido, & entre elles à Melique Saca Capitão de Dio, & da manha que elle usou para lhe escapar. E como naquelles dias veo à Dio hũa nao de Franceses que partira de França, de que era Capitão, & Piloto hum Portugues.

OBEDECIDO Badur por Rei d'aquelles Senhores, & gente que tinha consigo, & rico com os tesouros de seu pai, começou logo à entender no modo q̃ avia de tèr para matar asi aquelles à que tinha odio antes que fugisse de casa de seu pai, & à aquelles que em sua vinda lhe forão causa de algum impedimento, como os que forão na morte d'el Rei Escandar seu irmão; asi per suas pessoas, como per seu conselho: & isto mais por lhe tomar o seu, que por lhe doer a morte de seu irmão. Em Melique Saca Capitão de Dio, filho de Melique Az, concorrião todas estas causas de odio, asi por os modos que teve em peitar, para que Soltam Modafar não desse aquelle Estado de Dio à elle Badur (como dissemos) como por lhe não emprestar algum dinheiro que lhe elle pedio, & ser mui rico, & hum dos principaes autores que urdirão a morte d'el Rei Escandar. Polo que para effettuar este desejo, Badur o mandou chamar, como à homem dos principaes do Reino, à quem ainda não tinha visto, para lhe beijar a mão, & o reconhecer por Senhor à seu modo, fingindo tambem q̃ a causa principal porq̃ o chamava, era tèr sabido quanto dano as armadas dos Portugueses fazião por toda a costa de seu Reino, & querer consultar cõ elle o modo q̃ se teria para aquella defensão. Melique Saca alem de estar avisado pelas mortes d'aquelles que el Rei matava, com voz que forão autores da morte de seu irmão, em q̃ elle se achava culpado, temia muito ir ante el Rei, porq̃ secretamente lhe mandarão cartas de aviso, q̃ sua vida não seria mais q̃ atè chegar à el Rei, & q̃ por isso olhasse por si. E como elle era homẽ sagaz, & criado nas manhas de seu pai, q̃ cõ nosco fazia as vezes seus negocios ante el Rei Modafar seu Senhor, usou tãbẽ destas artes, escusandose à el

à Soltam Badur com nossas armadas, que andavão naquelle tempo pela costa de Cambaia, & que se não atrevia deixar Dio à risco de o tomarmos em quanto elle fosse ausente. El Rei que não era menos malicioso que elle, & incitado do odio que lhe tinha, apertavao mais que fosse, & deixasse algum homem de recado por Capitão, em quanto o là detivesse. Quando Melique Saca se vio tam apertado, mandou chamar à Eitor da Silveira, que o entreteve em Dio, como atras escrevemos,* à fim de se desculpar à el Rei, & fazerlhe crèr a necessidade que avia de sua pessoa em Dio.[a] Mas como el Rei per outra parte sabia ser elle o mesmo autor de os nossos irem à Dio, & o modo que tinha com elles, apertouo tanto, que ellè se determinou em fugir para Iaquette.

Esta he hũa cidade que està em hum cabo asi chamado, por causa de hum antigo, & sumptuoso templo de Gentios, ò mais celebre d'aquellas partes, onde começa a outra enseada, q̃ por causa do mesmo templo, se chama de seu nome de Iaquette, a qual enseada he asi penetrante na terra com hũ cotovello como a de Cambaia, & se esta tem os perigos do grãde macareo que nella ha, com que muitas naos ou ficim em seco, ou çoçobrão com a soberba da agoa, que entra do mar à encher o que vazou, asi a de Iaquette tem grande numero de Ilhas de areas levadas da agoa que se mudão, à que os navegantes chamão alfaques, com as cheas do grande rio Indo, & de outros que descarregão suas agoas nella. Nesta parte esperava Melique de se salvar, por duas razões: a hũa por ser perigosa a navegação per aquelle mar, & per terra não podèr ir el Rei là, por as grandes montanhas que lhe era necessario atravessar, que são dos Resbutos, com que aquelle Reino de Cãbaia tem continua guerra: a outra razão, por ser elle casado cõ hũa filha de Lacazamo, Senhor da comarca de Cache, Resbuto de nação, que està no interior da enseada que dissemos, & homem poderoso entre aquella gente, onde esperava achar favor.

Determinado Melique em effettuar sua partida, mandou passar muita artelharia que estava na cidade às naos em que esperava de fugir, & asi proveo toda a fustalha do necessario, como que avia de pelejar com nossa armada, se nos quisessemos cõmetter entrar no porto, com fundamento de não somente levar sua pessoa, familia,

T 3 & fazenda,

* No cap. 5. do liv. 1.

a. Diogo do Couto escreve, q̃ a tenção de Melique Saca, foi de entregar cõ effeito a fortaleza de Dio aos Portugueses, de que Agà Mahamud seu parente o disuadio, descõfiando da verdade & fè de Eitor da Silveira, que tendoo em seu poder, com a cobiça do tesouro que tinha, o prẽderia, & asi ficaria, sem fortaleza, sem fazenda, & sem liberdade. O que este Mouro traçou maliciosamente, para lhe ficar o governo da cidade. A qual diz Couto que lhe deu Badur vindo à Dio em busca de Melique Saca, que ja era fugido para Iaquette. Decada. 4. liv. 1. cap. 8. & Fernão Lopez de Castanheda liv. 7. cap. 6. 7. & 13.

& fazenda, mas ainda todos os principaes mercadores que alli residião, per vontade, ou per força, para com elles ennobrecer a povoação, & fazer della outra escala tam principal como Dio, por o sitio em que estava. A principal pessoa com q̃ Melique Saca tinha cõmunicado este seu proposito era Agà Mahamud, aquelle seu Capitão das fustas que muito perseguio os nossos em Chaul, quando fazião a fortaleza: *porque alem de ser homem de sua pessoa, & prudente, tinha nelle cõfiança que lhe manteria segredo. E porque esta mudança se não entendesse, nem menos no embarcar fosse sentido, foisse Melique à hũa quintãa sua, que he na terra firme da Ilha de Dio obra de cinco milhas, alem da villa que chamão dos Rumes, que he hum arrabalde da cidade, entre a qual, & o arrabalde, se mette o braço da agoa salgada, que faz a terra ficar em Ilha. Nesta quintãa tinha elle sua molher, & seu filho, & fazẽda, & mandando diante algũs navios, com disimulação, por não arrancar com tanta familia, nelles mandou a molher, & parte da fazenda. E a noute em que esperava de se acolher, mandou à Agà Mahamud, que fizesse grande revolta na cidade, dizendo que vinha nossa armada para a tomar, & q̃ no alvoroço de todos acodirem aos lugares de defensa, elle acodiria tambem da quintãa aquella ante manhãa, como quem se vinha metter dentro, & ao passar do rio se embarcaria, & daria à vella caminho de Iaquette.

* Como escreve Ioão de Barros nos capitulos. 8. 9. 10. da Decada. 3.

Agà Mahamud lançando outras contas, fezse em outro bordo, & deu conta à certos Capitães Arabios, & outros que servião à Melique, & examinado bem o negocio, assentarão de não consentir à Melique que se embarcasse, nem entrasse na cidade, & estivessem levãtados cõ voz de Soltã Badur, atè saber delle o q̃ mandava. E começarão pelo proprio ardil de Melique, de noute cõ tãbor, & grãdes gritas, dizẽdo, q̃ vinha a armada dos Portugueses, & despejarão muita artelharia que estava nas naos, & navios q̃ Melique queria levar, & a poserão no muro, cõ outras munições q̃ avião mester para defensão da cidade. Melique foi logo avisado dos seus da grande revolta que avia nella, dizendo que vinhão os Portugueses, que acodisse: & como elle tinha cuidado o ardil d'aquella revolta, pareceolhe que o fazia Agà Mahamud polo seu mandado, & todo seu trabalho era mandar carregar suas carretas com o fato, dizendo q̃ o queria recolher na cidade antes q̃ nos chegassemos.

gaſſemos. Vindo elle em rompendo a alva, para embarcar ſeu fato, a gente, que ja eſtava apellidada por parte de Agà Mahamud, tanto que o vio à borda da agoa, começarão de lhe tirar às frechadas & eſpingardadas, com grandes apupadas, chamandolhe traidor, que queria dar a cidade aos Portugueſes, com mil doeſtos, quaes a gẽte popular junta, ſoe ſoltar em ſemelhantes mudanças de tempos.

Quando Melique ſe vio aſsi ſobreſaltado, não ſómente deſeſperou de ſe poder embarcar, por lhe terem tomada a embarcação, más ainda temeo perder a vida, parecendolhe, que tam grande couſa, como aquella, não podia vir de Agá Mahamud, ſenão induſtriada d'algum Capitão, por mandado d'el Rei, que lhe pareceo não poderia muito tardar, que não vieſſe ſobre elle. E pedindo hum pelouro dos que lhe tirarão com a artelharia, o tomou na mão, & diſſe: *Eu te mandei fazer, & não para mi, ſe não para meus inimigos, & pois os amigos te mandão cà, como ſinal que ja o não ſão, eu te levo comigo, como teſtamunha para algũa hora (ſe Deos quiſer) te moſtrar á elles, que mal me pagávão o bem que lhes fiz.* Tornado para ſua quintãa, avendo quatro dias que não fazia outra couſa, ſe não carregar, & aperceberſe de cavalgaduras & de carretas, para ir per terra onde eſtava ſeu ſogro nos Resbutos, veolhe nova, que el Rei abalava para vir ſobre elle, por o recado que lhe mãdou Agá Mahamud. Melique Saca como a nova o apreſſou levando de ſua fazenda o mais principal, ſe pôs em caminho, em que paſſou aſſas de trabalho em hum paſſo jũto da cidade de Novanaguer, em que ja eſtavão dous Capitães d'el Rei, que lhe forão atalhar a eſtrada, onde lhe conveo partir o ouro, prata, & joias, que levava pelos alforges da gente de cavallo, não eſperando de ſe poder ſalvar. Com tudo elle o fez de maneira, que rompeo o grande numero de gente que os Capitães trazião, & mais ſalvou grande parte de ſua recovagem diãte de ſi, o que elle não eſperava. Paſſada eſta afronta, elle ſe vio em outra maior: porque el Rei o alcançou, mas elle ſe pôs à eſpora fita, dizendo aos ſeus, que não avia de ver o roſtro de ſeu Senhor, nẽ levantar arma contra elle: & aſsi ſe ſalvou d'aqlla furia d'el Rei por entam.

Em quanto el Rei foi no alcanço de Melique, Agà Mahamud com os conſelheiros deſte caſo mandarão á grã preſſa chamar Melique Tocam irmão de Melique Saca, q̃ eſtava

em Madrefavat, ao qual disserão que lhe entregavão aquella cidade, atè el Rei prover, por quanto seu irmão fazia aquella traição que elles não consentirão. ElRei como desesperou de poder aver à mão Melique Saca, vèose à Dio, & mandou matar como traidores os mais d'aquelles principaes, que forão no conselho de se levantar contra elle, & de todo esteve julgado à morte Agà Mahamud, por ser autor disso, se o não defenderão algũs Capitães privados d'el Rei. E tambem por rogo de Codamo Chan, que era o principal do Reino, que tinha o sello, como acerca de nos o Escrivão da puridade, deixou Badur de matar à Melique Tocam com peçonha secreta, dizendo que o merecia por aceitar a Capitania da cidade de mão dos traidores. Com tudo elle o levou consigo, & asi à Agà Mahamud, para Champanel, como presos. Tambem levou quantos Rumes avia na cidade, por se não fiar delles, & os mãdou pôr em guarda da Serra, da qual era Capitão hum chamado Tearchan, & em Dio deixou outro por nome Camalmaluco, homem que elle fez de pouco, por o acompanhar, & servir nos seus principios.

Avendo poucos dias que el Rei era partido para Champanel, na entrada de Iulho do anno de M.D.XXVII. chegou ao porto de Dio hũa nao Francesa, que se armara no porto de Diepa, [a] de que era Capitão, & Piloto hum Estevão Diaz Brigas de Alcunha Portugues, com atè quarenta Franceses, o qual por travessuras que tinha feitas neste Reino, se lançou em França, para cõmetter esta maldade, que lhe custou a vida. Porque despois de lhe dar o Capitão de Dio seguro para alli fazerem seu cõmercio, os prendeo à todos, & os mandou à el Rei à Champanel, parte dos quaes se fizerão Mouros, & o Estevão Diaz acabou mal, como tambem acabarão os Franceses.

***

a. As naos Francesas forão tres. Hũa aportou na Ilha de S. Lourenço, da qual era o Frances que nella achou Diogo da Fonseca, como se disse no capitulo. 2. do livro. 3. Outra era esta de que tratta aqui Ioão de Barros. E da outra era Capitão, & Piloto hum Portugues natural de Villa do Conde, que se chamava o Rosado, a qual nao se perdeo em hũa Bahia da costa Occidental da Ilha Samatra, perto de Panaajù cidade do Rei dos Batas, que ouve desta nao algũa artelharia, com que foi pelejar com elRei do Achem no anno de MDXXXIX. Fernão Mendez Pinto no livro das suas peregrinações, cap. 16. & 20.

CAPITVLO. VII.

Da embaxada que Babor Patxiah Rei do Delij mandou à el Rei de Cambaia, o qual armando gente contra elle, foi contra o Nizamaluco, & como mandou esfollar hũs Collys, & da vingança que elles disso tomarão.

TORNADO Soltam Badur à Champanel, da viagem que fez à Dio, vierãolhe alli Embaxadores de Babor Patxiah Rei dos Mogoles, & do Reino do Delij. A sustancia de sua embaxada era, que por quanto aquelle Reino do Delij, de que elle era Senhor, fora antiguamente a cabeça do Imperio de todo o Indostan, & todos os Estados q̃ nelle ha, erão governados per Capitães do mesmo Imperio: os quaes em tẽpos passados, cõ infortunios, & guerras que aquelle Imperio teve, se rebellarão contra elle, & se intitularão por Reis, sendo vassallos, elle Babor Patxiah queria tornar restituir à aquelle Imperio o poder, & jurisdição que tinha em todos aquelles Estados, como verdadeiro Senhor que era delles. E porque o Reino do Guzarate, de que elle Badur se chamava Rei, era hum dos principaes, & mais vezinho à elle Babor, lhe mandava dizer, que tomasse a sua divisa, & na Mesquita fosse o seu nome cantado, em sinal de obediencia, & vassallagem. Soltam Badur como era homem assõmado, & tam soberbo, que lhe parecia ser mais digno d'aquellas cousas que Babor pedia delle, quisera logo mandar matar aos Embaxadores, se seus Capitães lho não estorvarão. Poloque lhes respondeo, que disessem à quem os mandava, que ante de muito tempo esperava de lhe dar a resposta dentro do Reino do Delij. E com isto os despedio, ficando tam indinado da soberba do Patxiah, que logo mandou fazer grandes apercebimentos, q̃ forão cem mil homẽs de cavallo, & quatrocentos Elefantes, & grande somma d'artelharia.

Estando para partir contra o Delij, lhe mandou pedir Madre Maluco, hũ dos Capitães do Reino do Decan, o soccorresse contra o Nizamaluco seu vezinho, q̃ lhe tinha tomada à cidade de Doltabad, cabeça de seu Estado, & pretẽdia conquistarlhe o restante delle. E que por este beneficio se queria

fazer ſeu vaſſallo. El Rei Badur deixando para outro tempo a jornada contra o Delij, ſe foi à cidade de Doltabad, de que o Nizamaluco ſe apoderara, & eſteve em cerco ſobre ella tres meſes, atè que a tomou, nos quaes aos cinco de Outubro d'aquelle anno, que foi o M.D.XXVIII. choveo pedra tã groſſa como laranjas, que lhe matou muita gente, & cavallos, & atè Elefantes, perque lhe conveo tornarſe ſem fazer mais, cõ tamanho apparato como levou, que reſtituir à Madre Malucõ aquella cidade que tinha perdida.*

**Deſta guerra ſe eſcreveo no cap. 14. do liv. 2.*

Tornado Badur à Champanel, com perda de outra muita gente que lhe morreo no caminho, por ſer tempo de inverno, acertou à ver na caſa onde ſe arrecadavão ſeus dereitos naquella cidade, certos homẽs, que erão Gentios, & do Reino dos Collijs, que fica entre o Reino de Mandou, & Champanel, os quaes tambem arrecadavão dereitos para ſeu Rei. E poſto que elle ſabia bem a cauſa porque alli vinhão pedir, & cobrar àquelles dereitos, fez que não ſabia parte diſſo, & perguntou que dereitos erão aquelles que ſe davão de ſua fazenda à aquelles Gentios, responderãolhe, que avia muitos annos que os tinhão, & a cauſa era, porque avendo entre o Reino dos Collijs, & aquella cidade de Champanel guerra, era mui perſeguida delles, por lhes virem todos os annos à queimar os pães, & as mais novidades. E que vendo el Rei ſeu biſavò, que era menos mal darlhe algũa couſa por anno, que a perda que o povo d'aquella cidade recebia, ouve entre elles concerto, que lhes pagaſſem em cada hum anno a quarta parte do rendimento d'aquella cidade, & que iſto era o que aquelles homẽs alli arrecadavão. Soltam Badur, que era homem ſem nenhũ diſcurſo no que fazia, mandou prender aquelles Gẽtios, & porque ſe não quiſerão tornar Mouros, os mandou esfollar vivos, dizendo, que aquelle era o tributo que de Champanel avião de levar os Collijs. Sabido eſte feito pelo Rei d'aquella gente, mandou hũa noute dar em hum lugar cinco leguas de Champanel, & tomarão delle cinquoenta peſſoas, que mandou esfollar vivos, & ficarão pendurados cada hum em ſeu pao como carneiros. Em vingança foi Soltam Badur ſobre aquelle Reino, & por ſer ja no inverno, ſem fazer couſa algũa, ſe vèo, com determinação de tornar ſobre elle como vieſſe o verão.

Mas ſobrevèo couſa que o impedio, & foi, que hũ Senhor

do

do Reino do Decan chamado Baamane, o mandou chamar para lhe entregar duas fortalezas, & muita fazenda que tinha em seu poder do Nizamaluco, por aggravos que lhe fizera. Poloq̃ em o mes de Settembro do anno de M.D.XXIX. partio el Rei Badur de Champanel com setenta mil de cavallo, & dozentos mil de pè; dos quaes lhe morrerão dous mil na passagem do rio de Baroche, & asi outros muitos de pedra q̃ choveo, & de frio, por causa das neves. E primeiro que entrasse nas terras do Nizamaluco, combateo hũa Serra mui aspera, 10 onde estava hum Gentio chamado Largiz, homẽ poderoso, & tributario do Nizamaluco. O qual vendo o grande poder de Badur, se entregou à elle, mas mais se entregou Badur à hũa irmãa de Largiz, de que se namorou tanto que a tomou por molher, & aquella foi a primeira q̃ recebeo, & logo d'alli a mandou mui acompanhada à cidade de Champanel. Proseguindo seu caminho, pôs cerco à cidade Patarij, que era tam forte, que a não pode tomar (a qual fora do Madre Maluco, & o Nizamaluco lha tinha tomada) polo que se determinou em ir destroindo ás terras chãas do Nizamaluco, antes que deterse em cercar cidades, & fortalezas. Tanto que chegou às te- 20 rras do Hidalchan, com quem tinha amizade, mandou alvorar hũa frecha, segundo seu costume, para que fosse notorio à todos, que não avião de fazer mal, nem dano à cousa do Hidalchan.

Sabendo o Nizamaluco do estrago que Soltam Badur ia fazendo, não lhe quis ir ao encontro, temendo o grãde poder que levava: mas chamando em sua ajuda o Verido, que he outro Capitão dos do Reino de Decan, foisse caminho das terras de Emir Mahamed Xiah, sobrinho do Soltam Badur, por ser 30 vezinho à ellas. Badur quando soube desta sua ida, partio seu exercito em duas partes, & deu à seu sobrinho trinta mil de cavallo, & elle ficou com o mais; mandandolhe que acodisse à suas terras. E acertou q̃ que vindo o Verido desavindo do Nizamaluco, sobre o modo que avião de ter naquella guerra, & tornandose para seu Estado, vèo à se encontrar com Emir Mahamed Xiah que o ia buscar. Verido, posto que seu exercito era mui desigual, porque não levava mais que cinco mil de cavallo, & doze mil de pè, era tam esforçado, & a sua gente tal, que acõmetteo o arraial de Mahamed, passando para isso 40 hum rio à vao, & não se contentou, senão com lhe ir cortar

as cordas das tendas. Com o ſubito impeto deſte inimigo ſe virão os Guzarates tam embaraçados, que ſe começarão desbaratar. E ouvera o Verido de fazer grande eſtrago nelles, ſe não uſarão de hũa ſtratagema, que foi, levantar hum ſombreiro de pè, o qual ningem pode trazer ſenão a peſſoa d'el Rei: para darem à entender que era vindo Soltam Badur em ſeu ſoccorro. E aſsi tanto que aquella inſignia appareceo, os Guzarates, que não ſabião do caſo, cobrarão animo, & o que era fingido, ficou ſendo verdade: porque naquella conjunção veo el Rei, que fez a Verido recolherſe, dizendo, que não avia de levantar arma onde eſtiveſſe a peſſoa d'el Rei. Porem com todo ſeu animo perdeo alli ſua bãdeira, & quatrocentos de cavallo, que erão a flor de ſua gente: & elle matou grande numero de Guzarates, & ſe não perdera a bandeira, & ſe não retirara por reverencia d'el Rei, ficara com a vittoria. Mas elle o fez na peleja tam esforçadamente, & com tanta prudencia, & moſtras da diſciplina militar, que deſejou Soltam Badur de o ter por amigo, & lhe eſcreveo, que o quiſeſſe ſer: & per cartas ficarão grandes amigos, recolhendoſſe cadahum para ſeu eſtado.

Deſta ida deixou Soltam Badur tres Capitaẽs com doze mil homẽs de cavallo ſobre as terras do Nizamaluco, q̃ erão vezinhas de Chaul, onde tinhamos noſſa fortaleza. Alli andavão eſtes fazendo guerra, & erão aquelles, com quem Frãciſco Pereira de Berredo Capitão de Chaul teve o recontro que atras diſſemos. * E por acodirem aos dannos q̃ Antonio da Silveira fazia na deſtroição das cidades de Reiner & Surat, & das outras povoações d'aquella enſeada, deixarão os Capitaẽs aquella parte de Chaul.

* No cap. 10. do liv. 4. do ſucceſſo de Argao.

Chegado Soltam Badur à cidade de Champanel, lhe derão nova, que ſeu irmão Iangri Chan era morto, o qual eſtava na cidade de Abmadabad, com o Capitão della, que o tinha encuberto, & negado à el Rei Badur, temendo que o queria matar, como fizera aos outros ſeus irmãos. E porque Badur entendeo que eſta nova era falſa, ſe foi à Abmadabad, & com peçonha fez matar ao Capitão, tendolhe feito juramento de lhe não fazer mal; & a Capitania deu à um privado chamado Carija, que era Senhor de Cambaiet. E o q̃ ſe fez deſte irmão d'el Rei, & d'outro per nome Chande Chan, à quem de dereito pertẽcia o Reino de Cambaia, que

que neste tempo estava no Reino do Mandou, por ser casado com húa filha d'el Rei, dissemos atras.*

*No cap. 17. do liv. 4. no qual se escreveo q̃ hũ destes irmãos de Badur foi morto, & o outro levado à Goa.

CAPITVLO VIII.

Como Babor Patxiah Rei dos Mogoles, indo para fazer guerra à el Rei de Cambaia, lhe saio ao caminho el Rei de Chitor, & da batalha que ambos tiverão.

NESTE tempo Babor Patxiah Rei dos Mogoles, & do Delij, por causa da resposta que Soltam Badur deu à sua embaxada, com grande exercito abalou do Delij, com tẽção de entrar nas terras do Guzarate. Mas esta determinação lhe foi impedida por lhe sair ao caminho elRei de Chitot, que he hum dos tres mais poderosos Principes d'aquellas partes: à este por excellencia os Resbutos chamão Sanga, que entre elles quer dizer Emperador: & os outros dous Principes são o Samorij no Malavar, & el Rei de Bisnagà no Canarà, os quaes tem a mesma dignidade Imperial. O Sanga dizem que pode pôr em campo dozentos mil homẽs de cavallo: & se he verdade o que se diz de seu Estado, que tem cento & cinquoenta mil povoações de cinquoenta vezinhos para cima, não se averà por muito tèr dozentos mil de cavallo. Este vèo ao encontro de Babor Patxiah, por saber que para ir ao Reino do Guzarate forçadamente avia de atravessar gram parte do seu Reino de Chitor. Nesta resistẽcia ouve entre ambos os exercitos húa mui cruel batalha, em que de húa parte, & outra morreo muita gente; della ficou o Mogol tam afrontado, por cuidar que não acharia naquella gente tanto animo, que se recolheo à seu Reino, à se refazer, para cõmetter a passagem com mais poder, como fez.

O Sanga como soube que Babor se apercebia para tornar, o escreveo à Soltam Badur, o qual como sabia que Babor não pretendia mais das terras do Sanga, que a passagem, para entrar nas suas, por causa dos messagẽs que entre elles erão passados, mandou húa soma de dinheiro ao mesmo Sanga, para ajuda d'aquella resistencia: porque por o esforço da sua gente sabia ser elle mui poderoso. Tanto que o Sanga se fez prestes, não quis esperar em suas terras aos Mogoles, mas com cem mil

mil de cavallo os foi buscar alem da cidade de Chader no fim do Reino do Mandou, que os Mogoles lhe ja tinhão tomada. E antes de se encontrar com elles, por ser homem de idade, cõ o trabalho d'aquella jornada fallesceo. Morto elle, não deixarão por isso seus Capitães de seguir seu caminho em busca dos Mogoles; & para os governar elegerão hum que era o mais principal vassallo do Sanga, que chamavão Salahedin, que era Senhor de hum Estado que chamão Raosinga, ou segundo outros Rausina, & punha em campo vinte mil homẽs de cavallo. Chegado Salahedin aos Mogoles, romperão suas batalhas, em que cada hũa das partes perdeo muita gente, assi de pè, como de cavallo. E por os Mogoles trazerem menos gente da que era a dos Resbutos, com a grande quebra que ouverão, não quiserão ir mais avante. Nesta batalha dizem que o Salahedin foi preso; & outros, que elle se carteou com Babor Patxiah, & que na revolta da peleja se lançou com elle. Em fim elle se fez Mouro, & ficou em serviço do Babor, que lhe deu muito dinheiro por o tèr de sua mão, por suas terras serẽ a entrada para vir ao Reino do Mandou, per onde elle determinava de acõmetter a entrada para o Guzarate, & não per Chitor.

Tornado Babor para o Delij, o Salahedin se foi para suas terras, & por temer que seu povo o não receberia por Senhor, por se tèr feito Mouro se tornou ao estado do Gentio: & a ceremonia que nisto tem, he esta. Este Gentio tem a vaca por cousa santa,[a] & por isso não comem a carne della, nem a matão, & as mais das suas ceremonias fazem com a ourina, ou esterco della: & quando se querem tornar ao estado de Gentio, por averem aceitado algũa outra seita, mettem hũa vaca em hũa casa muito limpa, & dãolhe alli à comer milho, & tanto que a vaca esterca, tomão aquella bosta, & despois de seca a lavão, & tirão della o milho que fica enteiro, & este desfazem em farinha, & della fazem certo numero de bolos, os quaes comem em modo de jejum, & penitencia. Isto fazem per espaço de quarenta dias, & despois se lavão em hum rio d'agoa corrente, com certas ceremonias feitas per seus Bramenes, no fim das quaes ficão no estado do Gentio que de antes tinhão.

a. Como per todo Oriente seja comũ o sonho Pythagorico da trespassação das almas à varios corpos de brutos animaes, hũa das causas porque as vacas são tam respeitadas d'aquella Gentilidade, he por averem que no corpo desta alimaria fica hũa alma melhor agasalhada, que em nenhum outro despois que sae do humano. E assi poem sua maior bemaventurança em os tomar a morte com as mãos nas ancas de hũa vaca, esperando que se recolha logo a alma nella.

(?)

CAPI-

CAPITVLO. IX.

Como Soltam Badur com ſeu exercito foi contra el Rei Mamud de Mandou, & o venceo, & matou ja cattivo; & encontrando no caminho o novo Sanga de Chitor, fez com elle alianças; & o que paſſou com Salahedin.

SENDO acabado o inverno, perque aſsi os Mogoles, como os Resbutos ſe recolherão à ſuas terras, Soltam Badur ajuntou hum grande exercito, & caminhou contra Baguer, que he hum Senhorio de Gentios Resbutos, que jaz da banda da cidade de Abmadabad cõtra o Reino de Chitor; na qual ida não fez couſa algũa de ſuſtancia, ſomente algũas eſcaramuças com os Gentios da terra, que o vinhão afrontar, & ſe tornarão logo à Serra. E porque entre aquella grande Serrania avia hum paſſo eſtreito, perque os Mogoles podião entrar, com o grande poder de gente que levava fez alli hũa fortaleza, em que ſe deteve tres meſes. Acabada a obra, lãçou fama que ſe ia para ſeu Reino de Cambaia, & caminhou para o Reino de Mandou, & encontrandoſe com o novo Sanga de Chitor (que entam ſuccedera à ſeu pai, eleito pelos Resbutos por ſeu Emperador, paſſada a batalha que tiverão com os Mogoles, de que atras fizemos menção, o qual ia caminho da cidade de Chanderij, que lhe os Mogoles tinhão tomada) ouve entre elles viſtas, & novas alianças, por cauſa dos Mogoles inimigos cõmũs de ambos, & ſe deu hum à outro muitos preſentes, & peças ricas, em ſinal de amizade, & principalmẽte dinheiro que Soltam Badur deu ao Sanga para ajuda da defenſão, que avia de fazer contra os Mogoles, por não entrarẽ pelas terras de Chitor. E porque Soltam Badur deu conta ao Sanga, como ia ſobre as terras del Rei Mamud de Mandou, em ſinal de amizade, mandou o Sanga em ſua companhia à Salahedin ſeu vaſſallo (que eſtava com elle reconciliado) com algũa gente, & elle ſe foi ſeu caminho para Chanderij. Mas o Salahedin naquella jornada, como vio tẽpo, fugio ao Badur, & foiſe para el Rei Mamud do Mandou, moſtrando que o ia ajudar contra Badur. El Rei o recebeo mui bem, mas foi para mais

mais ſua deſtroição: porque por meio do Salahedin muitos Capitães do Mamud ſe rebellarão contra elle, lançandoſe cõ Salahedin na Serra do Mandou, que per ſua aſpereza ſe não pode entrar.[a] Mas Badur corrompeo com dinheiro aquelles Capitães, & fez que lhe abriſſem as portas da entrada da Serra. Acodindo el Rei Mamud à eſta entrada, hũs Capitães ſeus que eſtavão em outro paſſo vezinho, nos quaes ouve mais lealdade que nos outros, entretiverão a gente de Badur tanto eſpaço, que el Rei Mamud teve tempo para ſe acolher à ſeus paços, que erão no alto da Serra, à ordenar algũas couſas, pois não tinha outro remedio contra tam poderoſo inimigo; & chamados ſeus filhos, mandoulhes que ſe poſeſſem em ſalvo, porque elle em ſua peſſoa queria fazer a experiencia da verdade, ou traição de Badur. Mas nenhum de ſeus filhos o quis fazer, ſòmente Chande Chan ſeu genro, irmão do Badur, por o perigo que corria de morte, ſe acolheo por detras da Serra cõ algum dinheiro que lhe o ſogro deu, o qual ſe foi para o Reino do Decan. Tambem ſe foi para o Reino do Delij hum ſobrinho de Mamud, que algũs dizem que era ſeu filho. Poſtos eſtes em ſalvo, chegou às portas do paço d'elRei hum Senhor do Guzarate chamado Cancanà, & apôs eſte chegou outro por nome Cadamo Chan, homem de muita autoridade, & q̃ muito tẽpo fora Governador do meſmo Guzarate. Os quaes com palavras, & promeſſas juradas aſsi moverão ao Mamud, que deu a entrada ao Badur. Mas elle não comprio com o que eſtes da parte de ſeu Rei prometterão, que era não lhe aver de tomar ſeu Reino, mas tornarlho à entregar como ſeu pai delle Badur lho entregara ja hũa vez, quando o tomou ao Sanga paſſado Rei de Chitor, que o tinha uſurpado ao meſmo Mamud: porque em lugar de comprir ſua promeſſa o mãdou prẽder em ferros, & metter em hum andor cerrado, & entregar à hum ſeu Capitão chamado Dacaſo Chan, com voz que o levaſſe à Champanel, & no caminho ſe fez per ordem d'el Rei Badur hum arroido feitiço, & dentro no andor matarão à el Rei Mamud às eſtocadas. Os filhos forão tambem levados preſos à Serra de Champanel, & mettidos em tal parte, que mais era para os mattar, que para os tèr em guarda, ſendo moços innocentes. A molher deu à hũ ſeu privado chamado Minao Chan, & de tres filhas q̃ tinha, elle tomou a maior, outra deu à ſeu ſobrinho Emir Mahamed Xiah, & a outra à outro.

a. Eſta Serra rodea ſette legoas, & tem meia de altura. A cidade eſtà ſituada no mais alto della, & na qual eſtà cortada ao picão a entrada da cidade. Nella tinhão os Reis hũs paços mui grandes com hũa horta do tamanho de hũa boa villa, & dẽtro della tres grandes tanques d'agoa, com bargantijs para ſua recreação, no cabo eſtrebarias com dez mil cavallos. Antes de chegar à eſtes paços, ſe avia de paſſar por tres fortalezas que guardavão Capitães com muitos ſoldados.
Fernão Lopez de Caſtanheda capit. 97. do liv. 8.

Feito

Feito Soltam Badur Senhor de todo o Reino do Mandou, lhe vierão dar a obediēcia todos os Principes do Reino: & logo começou dar o pago aos Capitães d'el Rei Mamud, por a traição q̃ contra seu Senhor cōmetterão; porq̃ metteo entre dous mais principaes tal zizania, q̃ hũ matou ao outro, & elle mādou degollar ao matador, mostrādo que fazia delle justiça por se mostrar Rei justo. E per outros modos, & artificios, por cōprir cō sua mà inclinação, à todos castigou com morte. Ao Salahedin, porq̃ foi o q̃ ordio a traição dos Capitães, mādou-
10 lhe dar todo o tesouro q̃ se achou d'el Rei, q̃ erão quinze colores, q̃ valē de nossa moeda tres contos d'ouro. Mas como Salahedin não era menos malicioso q̃ el Rei, & entendeo q̃ aquillo era para o segurar, disimulou cō elle, & pediolhe licēça para mādar seu filho herdeiro chamado Botiparao ao Reino de Chitor à casar cō hũa irmāa do Sanga, dādolhe entēder, q̃ era para elle Badur fazer suas cousas naq̃lle Reino mais levemēte, tēdo seu filho tāta razão nelle, como era ser casado cō hũa irmāa d'el Rei. Avida esta licença, & posto o filho em salvo cō grande apparato de noivo, para melhor encobrir seus intē-
20 tos, acolheose tambē o Salahedin para o Senhorio de Raosinga, q̃ he hũa Serra inexpugnavel, onde tinha hũa cidade, asi por sitio, como por arte mui defensavel, q̃ era a cabeça de seu Estado. Badur como era homē astuto, & q̃ em todas suas cousas usava de artificio, & manha, não mostrou sentimento da ida do Salahedin, antes lançou fama que o avia de deixar por Governador d'aquelle Reino do Mandou.

CAPITVLO X.

30 *Como Salahedin por engano do Soltam Badur, vindo ao Reino de Mandou, foi preso, & Badur se foi à Raosinga em busca de Botiparao, que lhe escapou, & como quis dar batalha ao Chitor menino irmão do Sanga, com quem tinha feitas lianças, & amizade.*

SOLTAM Badur como esperava tēpo per algum engano aver às mãos o Salahedin, aproveitouse da occasião que se lhe logo offereceo, & foi andar nova entre os do seu arraial,
40 que os Portugueses vinhão sobre Cambaia.

Polo que escreveo ao Salahedin, encomendandolhe muito q̃ se viesse para Mandou, porque elle tornava à suas terras contra o mar, por aquella vinda dos Portugueses. Salahedin confiado nos mimos das cartas, & vendo que Badur fizera ja duas jornadas de caminho para a parte que lhe dizia, ajuntou hum bom exercito, & com elle se vèo dereito ao Mandou. Mas Badur que trazia espias sobre elle, lhe furtou a volta, & hum dia amanheceo sobre seu arraial de improviso, poloq̃ vendo Salahedin que lhe não podia escapar, por lhe serem os caminhos tomados, se entregou à Badur. O qual o fez Mouro per força, & mandou hũ de seus Capitães sobre Raosinga, cuidando q̃ se lhe entregasse. Mas Botiparao filho herdeiro do Salahedin, vendo que fizera Mouro à seu pai, não lhe quis obedecer, nẽ menos os seus subditos de Raosinga, que por o mesmo respeito lhe tinhão odio.

A este mesmo tempo chegou recado à el Rei Badur, como o Governador Nuno da Cunha com grande armada ia sobre Dio, com esta nova espedio com grande pressa dous Capitães com muita gente, & munições. Alli lhe vèo tambem nova, q̃ o Sanga novo Rei de Chitor, com quem elle poucos dias avia assentara grandes amizades nas vistas que tiverão, morrera naquelle caminho que fazia para Chanderij, & que levantãdo por Rei hum seu irmão moço de pouca idade, por o qual governava sua mai a Rainha Crementij, que livrara da morte à Badur, se forão os grandes para suas terras. Per aq̃lle mesmo tempo era vindo onde Soltam Badur estava Tear Chan, homem de muita confiança, & autoridade, que lhe tinha el Rei dado a Capitania da Serra de Champanel, que era a mais forte cousa de seu Reino, onde elle tinha todo seu tesouro, & muitas vezes deixava suas molheres, quando fazia algũa comprida jornada, ao qual mandou chamar q̃ viesse para elle com gente, porque esperava fazer o que fez com a nova que lhe derão. E foi mandar logo d'alli Madre Maluco seu Capitão cõ doze mil de cavallo à Raosinga per hum caminho, & elle tomou outro menos usado, cuidando que pudesse acolher à Botiparao filho de Salahedin. Mas como elle trazia espias no arraial de Badur, tanto que soube destes seus caminhos, entregou a Serra de Raosinga à hum seu Capitão, & com seu exercito se foi caminho de Chitor. Està ida fez elle, porque sabia que Badur levava seu pai preso, & que o avia de cercar à elle

naquella Serra, & que se lha não entregasse, como determinava fazer, lhe mataria seu pai ante seus olhos. Mas Soltam Badur como soube do caminho que Botiparao levava, à gran de pressa mandou à Madre Maluco seu Capitão que lhe fosse tomar hum passo de aspera montanha per onde elle avia de passar: mas Botiparao era ja passado quando elle chegou ao passo.

Soltam Badur, deixada a maior parte de seu exercito em Raosinga, o entregou à Tear Chan, & foi com outra parte delle ao passo onde estava Madre Maluco, & juntos ambos os exercitos, foi caminho das terras do novo Sanga moço de poucos annos, mais com tenção de o tentar se o achava tam descuidado, & desapercebido, como lhe dezião que estava, que de o consolar pola morte de seu irmão, & à Rainha Crementij (à quem elle tinha tanta obrigação) pola de seu filho. Mas o moço ainda que não tinha idade para governar, tevea para defender seu Reino, vindo à impedir ao Badur que não lhe entrasse nelle com quinze mil de cavallo, governados por mui bõos Capitães. Badur trazia dez mil, & duzentos Elefantes, & algũa artelharia. Chegados ambos à vista, em parte que lhe ficava hũa ribeira no meio, cada hum fortaleceo seu arraial esperando q̃ viesse a manhãa para darem a batalha; a qual não ouve effeito, por vir recado à Badur, que o Sanga fugira aquella noute, sem ficar no campo mais que hũas poucas de tendas velhas, & outras cousas de pouco preço. Hũs dizem, que o Badur sentio o ardil do Sanga, que se fez fugido, para elle Badur o seguir atè que caisse na cilada que lhe tinha armada. Outros affirmão, que Badur foi avisado per pessoas que o Sanga trazia no seu conselho, que o avisavão de tudo o que passava. Porque Badur trabalhava muito que lhe custassem as vittorias dinheiro, & não sangue, & nisto gastava grande parte do seu. Finalmente por qualquer causa que fosse, elle não seguio o caminho que levava, & deixou alli em hũ certo passo ao Madre Maluco, com quatro mil de cavallo, como homem que temia virem lhe dar nas costas, & tornouse à Raosinga, onde chegou Mustafà, que el Rei mandou ir de Dio, à que deu o nome de Rume Chan, & fez as merces que atras escrevemos, & para fazer experiencia de sua pessoa, & industria, lhe mandou que combatesse a cidade com

os seus Rumes que levava, & com os Franceses da nao do Brigas, de que atras escrevemos, com oito Portugueses que andavão no seu arraial. A cidade estava assentada no alto da Serra, em sitio tam ingrime, & aspero, que às pedradas se podião defender os passos perque se entrava nelle, nos quaes avia baluartes com muita artelharia. O primeiro foi entrado pelos Portugueses, & o que se delles adiantou foi hum mácebo por nome Francisco Tavares, que na tomada do segundo baluarte matarão, & seus companheiros forão bem feridos. Durarão estes combates quatro meses, atè que ganhando todos os 10 baluartes, el Rei chegou à dar hũa bateria à cidade, com que derribarão hum grande lanço della.

CAPITVLO XI.

Como o Soltam Badur tomou a cidade de Raosinga à partido, & da verdade, & diligencia que usou, para que os vencidos não recebessem offensa. E do valeroso feito de Salahedin, & de suas molheres.

20

NÃO querẽdo Botiparao esperar em Raosinga ao Soltam Badur, & pôr em perigo seu pai se se defendesse, foi cõbater hũa cidade notavel de seu Estado, q̃ confinava cõ o Delij, q̃ hum Rei d'aq̃lle Reino chamado Alamo lhe trazia usurpada; ao qual venceo Botiparao, & cobrou sua cidade. Alamo em odio de Botiparao, & pretẽdendo recuperar a mesma cidade, se vèo para Soltã Badur, ao tẽpo q̃ elle estava ja em partido cõ a gẽte da cidade de Raosinga, q̃ tivera em cerco. O Badur quãdo vio hũ Principe tã grãde, q̃ trazia cõsigo doze mil de 30 cavallo, q̃ se vinha offerecer para o servir naq̃lla guerra, fezlhe muita hõra, & como era vão, & mui altivo, por mostrarse magnifico, & grãdioso, lhe deu muito dinheito, cavallos, & grandes atavios, & terras q̃ lhe rẽdessem em quãto andasse cõ elle.

O partido q̃ os da cidade moverão ao Soltã Badur, foi despois de não terẽ polvora, frechas, & munições, cõ q̃ se defendesse, q̃ entregarião a cidade, cõ q̃ lhe segurasse as vidas, & fazẽdas, & a despejarião, por quãto se querião ir habitar à outras partes, & q̃ os q̃ quisesse ficasse livremẽte. Feito este cõcerto, hũa antemanhãa vèose a maior parte da gẽte da cidade assẽtar 40 em

em hũa fralda da Serra em modo de arraial, para d'alli seguirem seu caminho. E de quam pouca fè Soltam Badur gardou com juramento à outras pessoas, com esta gente, succedendo o negocio contrario à esperança que delle se tinha (como se verà) teve tanta conta em comprir o que prometteo, que receádo que os seus soldados lhe fizessem algum dáno, mandou à hum seu sobrinho, q̃ com sua gente estivesse em guarda d'aquella que se lhe entregava. E porq̃ elle cuidou que as primeiras pessoas q̃ saissem fossem as molheres, filhos, & familia de
10 Salahedin, que elle trazia preso consigo, vendo q̃ era já muita gente em baxo, & ellas não desciáo, mandou trazer Salahedin ante si, & pergũtoulhe porque não vinhão suas molheres, ao que elle não soube responder, sòmente disse que mandasse là algũa pessoa que viesse em guarda dellas; que per ventura com temor de receberem algũa offensa da gente de guerra, não ousavão de vir. Para o que el Rei mandou logo hum privado seu chamado Alicer, q̃ era aquelle Capitão q̃ perdeo as fustas em tempo de Lopo Vàz de Sampaio,* dandolhe aviso q̃ tivesse grande recado no tesouro de Salahedin; porq̃ como
20 avia pouco tempo que elle avia dado à Salahedin o q̃ tomara à el Rei do Mandou, & mais sabia ser elle muito rico, & q̃ avia grande tempo q̃ entesourava, parecialhe tèr alli hũa mui grande presa. Chegando Alicer ao muro da cidade, lhe vèo recado das molheres de Salahedin, perque lhe faziáo saber, que ellas não se aviáo de entregar à pessoa algũa, senáo ao mesmo Salahedin. E quãdo elle fosse morto, à propria pessoa d'el Rei. Trazido este recado à Badur, mandou à Salahedin que fosse là para virẽ em sua companhia, & o mesmo Alicer em guarda delle, com pouca gente, por não fazer estrondo, com que as
30 molheres se assombrassem.

*Como se referio no cap. 14. do liv.

Entrando Salahedin onde ellas o estavão esperando apercebidas para o que determinavão fazer, começarão de lhe lembrar sua honra, & quam mal o tinha feito em se tornar Mouro, porq̃ isto procedia da vontade, & os casos da guerra, & sua prisão da fortuna, cõ outras palavras taes, que não teve Salahedin que lhe responder, senão q̃ de vontade nunca fora Mouro, & o que nisso fizera fora por salvar a vida, & a vir alli offerecer por salvação dellas, ou para morrer cõ ellas juntamẽte. Erão estas molheres com suas escravas por todas quinhentas Gẽtias, afora algũas Mouras que na guerra forão cattivas,
40

As quaes molheres, segundo seu costume Gẽtilico, de se quei marẽ quando morrẽ seus maridos, estavão offerecidas à esta morte, antes q̃ ir à poder de Soltam Badur, & para isto tinhão em hum pateo grãde muita madeira junta, de sandalo, pao de aguila, beijoim, & outras cousas odoriferas, & vasos de azeite, & manteiga para melhor arder. O Salahedin quando per ellas lhe foi mostrado aquelle instrumento de sua fim, chamou todos os parentes, & criados, que estavão em guarda dellas, que serião cento & vinte homẽs, & despois de lhe fazer hũa arenga, em q̃ tratou da hõra, & louvor que ganharião em morrer 10 todos juntamẽte por não cairẽ nas mãos de seus inimigos, & virẽ à baxeza, & cattiveiro. Todos se forão à hũ tãque d'agoa que tinhão das portas adentro, onde se lavarão, & feitas suas ceremonias naquelle lavatorio, em remissão (segundo elles crião) de seus peccados, vestindose cada hum hũa camisa lavada, & os cabellos soltos, per honra da liberdade, se vierão às molheres com suas espadas nas mãos, com palavras, & ceremonias de sua religião. O Salahedin foi o primeiro que sobre aquelle ajuntamento de madeira, começou de degollar suas molheres, indo ellas ornadas de muitas joias d'ouro, & pedra- 20 ria, & de todo o melhor que tinhão, para cevo do fovo.

O Capitão Alicer, que com o Salahedin viera, como não estava poderoso para o estorvar, posto q̃ nisso lhe fallou em modo de piedade, & compaixão, temendo que aquella furia viesse à quebrar nelle, tornouse com grande pressa dar conta à Soltam Badur d'aquelle estranho auto, à que devia de acodir, ao menos quando não podesse salvar às pessoas, para salvar a riqueza antes de se queimar. O que elle logo fez, pondo se à cavallo, & mandando certos Capitães que estavão mais prestes, que fossem diante à entretèr que não ouvesse tanta 30 perda. Mas quando chegarão à hũs baluartes que estavão no meio da Serra, acharão o Salahedin, que com os seus tinhão morto à espada muita gente que guardava aquella entrada da Serra: & os paços do Salahedin parecião o mesmo inferno de chamas de fogo, entre fumo de mil cores, segundo a materia que o fogo queimava. Finalmente o Salahedin com os seus, como quem queria vender sua vida à troco de muitas, andando todos armados, fizerão cousas, que não parecião de homẽs, senão de Demonios q̃ andavão revestidos nelles: porque sendo sós cento & vinte homẽs, matarão mais 40 de

de quinhentos, atè que mais cansados, que vencidos, à ferro forão mortos. E se o Salahedin não morrera logo de hũa espingardada na primeira furia, ainda o dãno fora maior. E entre os feridos d'aquelle insulto, que forão muitos, foi hũ Portugues, & dous Franceses.

E porque o sobrinho de Soltam Badur, q̃ elle mandara pôr em guarda da gente, q̃ se saira da cidade sobre sua fè, não podia retèr os soldados, que não fossem a roubar, por a indinação q̃ tomarão deste feito do Salahedin, acodio o mesmo Badur à esta furia por mantèr sua palavra: & esta foi a primeira que guardou. E ainda lhe foi isto mais louvado, porq̃ temẽdo se q̃ toda via os soldados se desmandassem, mandou avisar aos principaes da gente que era saida, que aquella noute se fossem caladamente em boa hora, & fizessem fogos, & deixassem algũas tendas velhas armadas, para terem tempo de se ir escoando pela outra fralda da Serra: porque elle mãdaria ao Capitão da guarda delles, que ninguem fosse ao seu arraial, & em quãto vissem algũas tendas, & fogos, presumirião não serem partidos. Elles o fizerão asi, & se salvarão, hũs fazendo caminho para o Reino de Chitor, outros para o de Delij. E de quanto tesouro Badur esperava de aver do Salahedin, achou somente quasi hum milhão & meio de valor, entre ouro, prata, & cousas de casa, porque o mais se queimou, & avia levado Botiparao quando se d'alli foi.

CAPITVLO. XII.

Como Badur mandou dar honrada sepultura à Salahedin, & aos que com elle morrerão, & como fez afogar Alicer seu privado em hum rio, & da visitação que lhe fez Melique Tocam, & como tomou o Reino de Chitor ao Sanga, & das condições com que se lhe fez vassallo.

REcolhido o despojo da cidade de Raosinga, mãdou el Rei fazer hũa nobre sepultura à Salahedin, & aos Mouros q̃ com elle morrerão ao seu modo: & aos mais principaes Gẽtios mandou queimar os corpos, & levar suas cinzas ao rio Gãga, q̃ he o Ganges, segũdo seu costume. A cidade, & toda a Serra deu à Soltã Alamo, q̃ novamẽte era vĩdo ao servir naqlla

guerra, a qual logo foi povoada de gente da terra. E em quanto se el Rei alli deteve, mandou à Tear Chan, que com sua gẽte, & outros algũs Capitães fosse tomar a fortaleza de Doçor no Reino de Mandou, que o Sanga passado tinha tomada, a qual levemente cobrou por se despejar, & deixando nella Capitães, se veo caminho do Mandou, onde ja achou el Rei que esteve alli atè o fim do inverno. E como Badur era homem q̃ seu espirito não assessegava sem fazer algum mal, passeando hum dia à cavallo ao lõgo do rio Narbanda, que se vem metter na enseada de Cambaia junto da cidade de Baroche, por nascer naquellas Serras do Mandou, entrou em hũa fusta que mandou fazer para seu passatempo, & em hũa almadia muito pequena fez entrar o Capitão Alicer, & como tinha ordenada a morte deste, os remeiros que remavão a almadia derão com elle na agoa em modo de folgar, como que queria el Rei ver se sabia nadar. E ouvindo os brados, & lastimas que Alicer dizia, pedindo que lhe acodissem, Badur se matava de riso, atè que o miseravel se afogou. Era este Alicer naquelle tempo mui privado d'el Rei, & de ninguem confiava sua mai, & quãtas molheres tinha senão delle, como ja fiara sua armada das fustas de Dio, & de seu pai Camalmaluco a Capitania da mesma cidade.

Neste tempo vèo Melique Tocam, que estava em Dio, visitar à el Rei com grandes presentes, & darlhe conta como tinha nova mui certa da vinda dos Rumes, para el Rei ordenar o que nisso avia de fazer, & outros assombramentos das armadas dos Portugueses, para mostrar a muita necessidade que avia delle ser sempre presente naquella cidade; por a qual razão el Rei o despedio logo, & lhe deu algũs Portugueses, & Franceses que là andavão, por os aver por mais fieis q̃ os Turcos, temendo que viessem como Melique Tocam lhe dezia. E avendo ja dias que elle era partido para Dio, & estando el Rei em Champanel ordenando hũa grande festa, à que elles chamão Bacharij, em que matão grande numero de gado de toda a sorte, em memoria d'aquelle sacrificio que Abraham fez do carneiro em lugar de seu filho Isac, lhe chegou recado deste Melique Tocam, em que lhe fazia saber que sobre Dio era chegada hũa grossa armada, & que ainda não tinha sabido se erão Rumes, se Portugueses. Com esta nova desamparou el Rei a festa, & à grande pressa se vèo à Dio. Aquella armada

mada era a de Antonio de Saldanha, de que atras escrevemos.* E como el Rei achou recado em Dio, que a armada não fizera mais dáno, que tomar algũas naos que vinhão do Estreito do Mar roxo, sem acómetter a cidade, ficou descansado, & sem alli fazer detẽça; porq̃ esperava de ir fazer guerra ao Sanga Rei de Chitor, mandou levar de Dio seiscentas peças d'artelharia, em que entravão cinco basiliscos, & cõ cem mil de cavallo, & gente de pè sem numero, da qual a que sómente servia no arraial enchia os campos, se abalou.

*No capitulo. 17. do livro. 4.

O Sanga o esperou jũto de Doçor, mas como viò aquella grande potencia de gente, armas, & artelharia, não ousando esperar mais, se recolheo para Chitor,[a] em cujo alcance mandou Badur atè o encerrar na cidade. Està da mesma maneira de Raosinga està situada sobre hũa grande Serra mui aspera de sobir, sómente de fronte tem hum pico, que lhe fica quasi igoal em altura, que por ser vezinho à cidade, por causa della se chama Chitorij, como diminutivo. Deste pico se começou à bater a cidade, & delle, & d'outras partes, em que el Rei como chegou mandou assestar a artelharia, foi tam grande a bateria dos basiliscos, & d'outros tiros grossos, que derribarão hum grande lanço do muro da cidade. Os de dentro se virão em tanto perigo, & aperto, avendo dous meses que durava o cerco, em que se defenderão mui esforçadamente, que vierão à concerto, & foi: Que el Rei de Chitor lhe alargasse todas as terras que tinha tomadas do Reino do Mandou, & todas as pessoas que tinha em arrefés, por o resgate que o Soltam Mamud do Mandou lhe ficou devendo; & asi hũa coroa de pedraria, & certas joias outras, que o mesmo Soltam dera em pagamento de seu resgate quando foi vencido na batalha q̃ lhe o Sanga velho deu; & que hum irmão mais moço do Sanga o servisse com dous mil de cavallo, & que o Sanga no fim do anno fosse à Corte delle Soltam Badur à lhe fazer à salema como seu vassallo; & que Botiparao filho do Salahedin morto q̃ estava casado com hũa sua irmãa, viesse à servir à elle Rei Badur como seu vassallo. Feitos sobre este concerto seus contratos ao seu modo, Badur foi entregue de tudo: & entre algũas villas, & cidades que o Sanga entregou, a que mais sentio foi a cidade de Renatambor, que està nos confis do Reino do Delij, situada em hũa Serra redonda, que tem doze legoas em torno todas de cãpina sem agoa, perq̃ não pode ser cercada.

a. Chitor na lingoa da terra quer dizer Sombreiro do mundo, & asi o era esta cidade, por ser a mais nobre, & rica do Indostan, na qual avia sumptuosos edificios dos seus pagodes, & de seus moradores, cujas paredes erão forradas de taboas douradas, ou branqueadas com hum betume mui alvo, & rijo, que parecia vidro.

Fernão Lopez de Castanheda capitulo. 96. do livro. 8.

„ Desta maneira pagou Badur o beneficio que a Rainha Cre-
„ mentij de Chitor lhe fez quãdo o livrou da morte, que el Rei
„ seu marido lhe queria dar, pola que elle deu sem causa em sua
„ presença à hum seu fidalgo principal. E nisto pararão as ami-
„ zades, & lianças que o Sanga mancebo, & elle contratarão. E
„ com esta vittoria ficou Soltam Badur Senhor de tres grandes
„ Reinos, do Guzarate, do Mandou, & do Chitor, cujos Reis de
„ cada hum per si era potentisimo, & riquisimo avia pou-
„ cos dias.

CAPITVLO XIII.

Como vèo nova à Soltam Badur, que Babor Rei dos Mogoles era fallescido, & da vinda do Principe Mir Zaman, cunhado do novo Rei, à Corte do Badur, & como elle intentou diminuir os soldos & quantias que a gente de guerra tinha delle.

ACabadas estas cousas com os deChitor, Soltam Badur se partio para a cidade do Mandou, onde lhe vèo nova que Babor Patxiah Rei dos Mogoles era fallescido, & que hum filho seu per nome Omaum Patxiah reinava, ao qual elle logo ordenou mandar visitar per hum Capitão seu Mouro de nação Coraçone, por saber bem os estilos dos Mogoles, & com elle hum Caciz homem mui religioso de sua seita. A substancia desta visitação, & embaxada, era alegrarse com elle do novo Estado que herdara, & offerecerlhe sua amizade, & que como amigos, & aliados assentassem pazes; para o que o Caciz levava os livros de sua lei, para serem juradas nella, avendo que os Mogoles não erão tam doutrinados nas cousas della, como erão os Mouros do Guzarate, por a vezinhança, & cõmercio que tinhão com a casa de Meca.

Nesta conjunção chegou à Corte de Badur Tristão de Gà, que Nuno da Cunha mandara sobre concerto de pazes, como dissemos atras.* E no tempo que estavão na Corte do Mogol os Embaxadores de Soltam Badur, vèo à sua hum Principe chamado Mir Zaman,[a] cunhado de Omaum Patxiah, que era casado com hũa sua irmãa. Sua vinda era com temor d'el Rei, q̃ sospeitava que Mir Zaman intentava traição para

*No cap.23. do livro.4.

a. Dos progenitores deste Zaman escreve Diogo do Couto no capitulo.13. do liv.1. da 5. Decada.

para o matar. Trazia est Principe consigo mil homẽs de cavallo,& grande apparato,como à seu estado convinha,posto que sua partida fora apressada,como quem fugia. Soltam Badur,sobre muitas hõras que lhe fez,lhe deu logo dinheiro para se provèr de cousas necessarias à sua casa, & para seu susten to a cidade de Borodà, que rendia cento & oitenta mil pardaos. Omaũ Patxiah seu cunhado, como soube ser elle acolhido à Cambaia,escreveo à Soltam Badur que lho mandasse entregar, & em quãto não teve resposta delle,não quis despa 10 char de todo o Embaxador, poloque lhe conveo deixar là o Caciz,& hum Melique,que era a segunda pessoa da embaxada,& virse à Soltam Badur sobre o caso. Badur o tornou logo à inviar mais à intentar amizade entre Omaum,& seu cunhã do,que à dar promessa de lho entregar.

Estando estas cousas asi movidas, succedeo para Badur não assentar paz com o Governador da India, & cõ Omaum Patxiah,que lhe veo nova,que hum seu tio irmão de sua mai se levantou por Rei, com favor de hum Capado Capitão da cidade de Mambadabad,& de outros Capitães,no que entra 20 va Mujatte Chan. Soltam Badur como soube deste alevantã mento (de que o avisou o mesmo Capado, temendo que se não succedesse o caso bem,que despois viesse elle à pagar esta traição com a vida) acodio logo com mão armada,& não somente matou o tio,mas duas pessoas principaes,que publicamente favorecerão aquella rebellião; & com Mujate Chan disimulou,por ser hũ dos mais antigos Senhores do Guzarate. E à Tear Chan,q̃ era seu principal Regedor,& Capitão da Serra de Chãpanel,onde tinha seus tesouros,& molheres,per algũs indicios que de algũs seus criados,& pessoas à elle chega- 30 das,teve de elle favorecer este caso do tio,o suspendeo por algũs dias do cargo,atè elle ir em pessoa à Chãpanel ver se achava algum rastro,para acrescentar o castigo; & ao Capitão Capado fez honra, & merce. E como ficou desassombrado da principal gente que tinha morto, & se vio Senhor do Reino do Mandou,& o de Chitor estava à sua obediencia, parecialhe que estava seguro de nossa parte, & da do Mogol, por as pazes que determinava tèr com elle, & com o Governador Nuno da Cunha. Poloque se resolveo despedir a gente de guerra,& encurtar as comedias que tinha ordenadas aos Ca- 40 pitães,por estarem prestes com gente quando os chamasse. E chegou

chegou à tanto este negocio, que disse aos Senhores que tinhão terras, & rendimentos para esta despesa, que lhes avia de descontar certos annos que comerão os rendimentos, sem aver guerra, & sem elles terem a gente obrigada. E asi começou à mover húa cousa, que se antes lhe tinhão odio por suas crueldades, & por quam vario, & subito era em suas acções, com isto se dobrou, & logo se passarão para o Mogol quatro mil homẽs nobres escandalizados desta novidade.

CAPITVLO. XIIII.

Como Soltam Badur por Mujate Chan lhe contrariar que não tirasse as comedias aos nobres que o servirão na guerra, o mandou à Dio para Melique Tocam o matar: & do valeroso feito que fizerão, Melique em descobrir aquelle segredo à Mujate, & Mujate em se ir a presentar à el Rei para que elle o matasse.

VENDO Mujate Chan, que era hum dos mais antigos, & poderosos Senhores do Reino de Guzarate, a desordem que el Rei intentava cõ aquelles nobres que o servirão nas guerras, dizia em publico, que não avia de consentir, q̃ à gente nobre lhe fosse tirado o que tinha, por o averem merecido per serviços de seus avòs, & seus. Poloque Soltam Badur que tinha sospeita que favorecera à seu tio no alevantamento que fez contra elle, & desejava de o castigar, & não ousava por a grande qualidade de sua pessoa, por contrariar aquella sua ordem, determinou de o matar per manha, como era seu costume. Para o que chamandoo hum dia, lhe disse, que elle sabia bem como tinha assentado com Nuno da Cunha Governador da India, de se verem em Dio: & porque temia, que vindo o Governador poderosamente, achasse Dio desapercebida, lhe rogava se fosse para là, para favorecer com sua pessoa, & gente à Melique Tocam, em quanto elle não fosse, & que hi o esperasse. Partido Mujate Chan para Dio, despedio logo Badur hum seu Secretario por nome Mula Mamed, com húa carta para Melique Tocam, em que lhe mandava, que tanto que Mujate Chan fosse na cidade, por lhe fazer festa o levasse hum dia em húa fusta ao mar, & o lançasse

nelle

nelle com hũa pedra ao pescoço:& que quando desta manei-
ra o não podesse matar,fosse de qualquer outra,com que não
escapasse de morte.

Na noute que este Mula Mamed chegou à Dio, deixou a
sua tenda na quintãa de Melique,& vèo embuçado à cidade
darlhe conta do negocio à que vinha,& como trazia hũa car
ta d'el Rei,à que elles chamão formão, a qual tambem com
o seu fato deixara na quintãa,& por não se pôr à desenfarde-
lar logo per ante os seus, se viera sem ella antes que Mujate
10 Chan chegasse,que devia ja vir perto.Melique Tocam,quan
do ouvio esta maldade d'el Rei,ficou assombrado, & respon-
deo à Mula Mamed que se tornasse à sua tenda, & como ho-
mem que vinha cansado repousasse atè o outro dia ja tarde,
pois Mujate Chan não era chegado. Despedido Melique de
Mula Mamed,mandou logo chamar algũs homẽs, de q mui-
to confiava à que deu cõta do que lhe el Rei mandava fazer,
pondolhe diante quam grande Senhor era Mujate Chan,que
sòmente de parentes,criados,& vassallos tinha dez mil de ca-
vallo,& que bem sabião quam leal sempre fora aos Reis. E
20 que segundo o que tinha sabido,que a causa de o el Rei man
dar matar procedia de lhe elle ir à mão por hum dano tam no
tavel como era querer tirar as comedias aos homẽs que as ti-
nhão merecidas ao Reino,& à elle proprio Badur.Mas como
elle era homem perverso,que per mui leves cousas se movia
à pôr em effeito qualquer grande maldade, & nascera para
derramar quanto nobre sangue avia no Reino de Guzarate,
elle Melique estava determinado em não fazer o que Badur
lhe mandava,mas que com tudo queria o parecer delles. O
voto de Melique approvarão todos, & ainda acrescentarão
30 muitas mais razões,para lhe não aver de obedecer, tam abo-
rrecida,& descontente estava a gẽte da vida, & feitos d'aqlle
Rei.Pola qual razão Melique Tocam espedio logo hum des-
tes homẽs à grande pressa à Mujate Chan,perque lhe manda
va dizer o que passava,por isso visse o que fazia; & como elle
vinha ja muito perto de Dio,aquella noute teve este recado:
o qual da gente que trazia mandou logo trecentos de cavallo
que ante manhãa fossem dar na tenda de Mula Mamed, & o
prenderão, & lhe buscarão o fato que trazia, atè acharem a
carta d'el Rei para Melique Tocam, a qual logo foi levada
40 à Mujate. E tanto que pela carta d'el Rei vio ser verdade o
que

que Melique lhe mandara dizer, sem fazer mais detença, da mais limpa gente, & escolhida que trazia, tomou quinhentos de cavallo, & com elles se tornou à Cambaia, onde el Rei estava. E como homem confiado em sua pessoa, por ser mui cavalleiro, & amado de todos por suas qualidades, se foi à el Rei (que se vinha chegando à Dio para se ver com Nuno da Cunha) & tanto que esteve ante elle, tirou de hum terçado que trazia na cinta, & lançouse aos pès de Badur, dizendo: *Se te eu mereço a morte, aqui està o traidor, & o ferro para lhe cortares a cabeça; & ainda que o eu não mereça, se disso tës contentamento, que maior honra posso eu desejar, que perder a cabeça per tua mão, por satisfazer à teu appetite. Mas mandaresme matar por hum teu escravo, filho d'outro, isto não posso eu sofrer, sendo innocente. Outra cousa te mereciamos meus avòs, & meu pai, & eu, por quantos serviços temos feitos aos teus, & à ti. E se isto mandavas fazer, ou não, ex aqui a tua carta.* El Rei quando vio que Mujate Chan lhe apresentou a sua carta, ficou confuso, & tam envergonhado, que lhe não soube responder, sòmente o levantou nos braços. E por custumarem os Principes d'aquellas partes, quando querem fazer honra à alguem, ou mostrarenlhe sinal de amor, mandarenlhe dar hũa veste, à que elles chamão Cabaia, despio el Rei hũa que tinha mui rica, & lançoua nos hombros à Mujate Chan, com grandes palavras de amor, & confiança, & algũas desculpas. E por o mais contentar, lhe disse, que tomava o terçado, como de mão de hum seu vassallo mui leal, & em retorno delle lhe mandou dar hũa espada, que lhe Nuno da Cunha com outras cousas mandara de presente, quando concertarão as vistas em Dio, que não ouverão effeito.

***

CAPI-

CAPITVLO. XV.

Como Badur Rei de Cambaia mandou secretamente à Rume Chan tomar Dio, & se Melique Tocam se quisesse defender, que o matasse. E que homem era Ioão de Santiago, o que foi por lingoa à Cambaia.

10 TANTO que el Rei satisfez com afagos, & merces à Mujate Chan, pedindolhe que se fosse para as cidades de Palitanà, & Talajà, que erão suas vezinhas, na enseada de Cambaia. E porque entendeo que Melique Tocam fora o descobridor da morte que lhe mandava dar, determinou de o ir per si castigar. Para o que teve grãde incitador em Rume Chan, o qual desejava muito tèr Dio, & queria grande mal à Melique. A causa deste odio era, porque ordenara com el Rei que lhe tirasse a cidade de Baroche, que lhe dera quando à elle 20 vèo, fazendo crèr à el Rei q̃ Baroche era húa cidade mui forte, & importante à seu Estado, & que sendo posta em poder de Rume Chan, recolheria alli todos os Rumes que viessem à aquellas partes, & como homem que era livre, & aventureiro, daria despois muito trabalho à aquelle seu Reino. Este cõselho lhe pagou Rume Chan em a mesma moeda à Melique, dizendo à el Rei, que homem que descobria os seus segredos tam importantes, que o devia de aver por traidor: & que não seria muito tèrse concertado com os Portugueses para lhe entregar Dio, que elles tanto desejavão de aver, para se assegurar 30 de S.A. por o delicto que fizera: polo que seu parecer era, que logo antes de Melique se prover per algúa maneira, fosse pôr cobro sobre Dio. El Rei como neste tempo era governado per Rume Chan, pareceolhe melhor o seu conselho, que o d'outros seus aceitos, à que tambem deu parte deste caso. Porque os Principes que se deixão governar por homẽs que lhes fallão à vontade, são como os homẽs fralcarios, & sujeitos à molheres, que aquella que he mais nova na conversação, lhes he mais aceita. Assi Badur governado polo novo privado Rume Chan, o mandou logo d'alli de Cambaia onde estava com 40 algũs navios de Remo, & deulhe húa provisão per elle asinada

da, que todos em Dio lhe obedecessem como à sua propria pessoa sob pena đ morte,& per outra provisão secreta lhe mã dou,q̃ se metesse em Dio,& trabalhasse de qualquer modo de matar à Melique Tocam.Chegado Rume Chan à cadea que està atravessada no porto de Dio, sendo Melique Tocam na sua quintáa,não lhe quis o Capitão q̃ elle deixou em seu lugar na cidade abrir,atè q̃ Rume Chan lhe mostrou o formão d'el Rei,& como foi dentro na cidade, apoderouse della aquella noute.Sendo esta nova dada à Melique, por não fazer estron do,se vèo cõ pouca gente ao outro dia,como homẽ seguro,ca minho da cidade, & chegando ao Caez que estava da banda onde elle avia de embarcar para passar, os criados de Rume Chan q̃ estavão nas fustas em que elle vèo, lhe defenderão a passagẽ. A este reboliço acodio Rume Chan,para naq̃lla volta matar à Melique;mas os Arabios q̃ elle trazia em sua guar da o defenderão como leaes,& valentes homẽs que erão. Me lique vendo o caso,entendeo ser mandado d'el Rei, & temen do q̃ viria logo per terra,tornouse à sua quintáa, & sem fazer nella detença,tomou o mais dinheiro, & joias q̃ pode levar, & sua molher,& duas escravas que a servissem, & fugio cami nho de Sinde.El Rei q̃ ficava em Cambaia,partio per mar,& vèo desembarcar em Gogà,& d'alli per terra vèo tèr à Dio.E tanto q̃ soube o q̃ era passado,escreveo à Melique Tocã gran des amores,& mandoulhe hum seguro, cõ o qual,& cõ a palavra de Cancanà (q̃ era o principal Senhor do Guzarate em sangue,& renda,à q̃ el Rei tinha grande respeito,& o mesmo Melique)se tornou.E ja neste tẽpo tambẽ era vindo Melique Saca seu irmão,cõ outro tal seguro,& promessa de Cancanà: o qual estava em Cambaia com Mir Mamud Xiah,sobrinho d'el Rei,que ficou alli com a Corte toda em seu lugar.

De Dio(onde neste tẽpo vèo Nuno da Cunha para as vistas cõ Badur,q̃ não ouverão effeito)se foi Soltam Badur para Champanel,levando consigo à Ioão de Santiago, q̃ fora por lingoa de Simão Ferreira,quando foi à Dio sobre as vistas de Nuno da Cunha com el Rei.E para que se saiba os costumes d'aquelles Reis do Oriente,& de quam baxos homẽs se servẽ muitas vezes no governo de seus Estados,& lhes dão as maio res dignidades delles,& quanto no do Guzarate pode este, daremos delle algũa noticia.Este homẽ era Arabio de nação,escravo de hum marinheiro Portugues, q̃ andava na armada da

India,& por saber bẽ algũas lingoas, se servia delle Nuno da Cunha de interprete em algũas cousas de pouca sustancia,ma iormente nas q̃ não requerião segredo: como tal o levou por lingoa Simão Ferreira quando foi à Cambaia ao negocio das vistas q̃ dissemos.E por a sagacidade q̃ esto homem tinha, & hũa descrição aprazivel na conversação, cõ q̃ se accõmodava à vontade de muitos,todos se lhe affeiçoavão.Tanto se contẽ tou Soltam Badur delle as vezes que o vio fallar,que mandou dizer à Nuno da Cunha(quando vèo tèr à Dio) q̃ levava San
10 tiago consigo,para per elle lhe mandar certos cattivos que là tinha,& Nuno da Cunha lhe pedia,& por esse respeito ficou cõ el Rei,à opinião de algũs,tam Mouro como o mesmo Badur,dando à entẽder à Nuno da Cunha q̃ Badur o entretinha cõtra sua võtade,& q̃ seu coração estava em Goa,& nos sacrificios da Igreja.E a cousa per q̃ se mais insinuava na benevolencia d'el Rei,era as muitas lisongerias q̃ lhe dezia, apoucãdo as cousas de Nuno da Cunha,& dos Portugueses, q̃ não erão mais poderosos q̃ para espancar o mar,roubando a pobre gen te q̃ navegava,& q̃ todo o poder da Christãdade,não se podia
20 cõparar cõ o delle Badur,em Estado,& riqueza,& q̃ levemẽte podia lãçar da India aos Portugueses.E como era discreto, & entẽdeo a arte de Badur,& sabia darlhe razão de qualquer cou sa,ganhoulhe a vontade de maneira,q̃ a primeira cousa q̃ Badur fez por elle,como se fora hom̃ẽ de grande experiencia, & qualidade,foi fazerlhe merce de dez mil pardaos,para se aperceber do necessario,como hũ de seus Capitães, & cada anno quarenta mil pardaos de renda de assentamẽto, cõ obrigação de o servir cõ quatrocentos & cinquoenta de cavallo,& o fez Capitão dos Portugueses, & Franceses q̃ là andavão, & lhe
30 pôs nome Frangue Chan;Frãgue,porq̃ era Christão;& Chan, por ser nome de honra,como atras dissemos. E de sua pessoa, & conselho se ajudava nas cousas que tocavão ao Estado da India,como de hum dos seus mais aceitos Capitães.[a] Deste genero de homẽs escravos,& muitas vezes de Capados se ser vem os Reis d'aquelle Oriente,quãdo per suas pessoas se avẽ tajão dos outros na guerra,ou os servem em cousas de suas rẽ das,ou appetites, sem fazerem differença de servo à livre, ou de natural à estrangeiro,& assi como muitas vezes os levan tão da terra em hũ dia,assi em hũa hora os tornão à derribar
40 por leve causa.

a. *Outros varios successos de Ioão de Santiago,escreve Diogo do Couto no cap.10.do 1 liv.da Dec.5.*

CAPITVLO. XVI.

Como Soltam Badur, & Omaum Patxiah se vierão à desavir, & começarão fazer guerra entre si, por Badur lhe não querer entregar Mir Zaman.

SOLTAM Badur Rei de Cambaia, posto q̃ era hum dos mais poderosos, & ricos Principes de todo o Oriente, sempre se temeo das armas dos Mogoles, como de gente mais esforçada q̃ a sua, & de mais valor que as outras de que elle avia triunfado, & nenhũa cousa mas desejava que fazer pazes & lianças com Omaum Patxiah Rei do Delij, com as quaes lhe parecia lhe seria facil lançar os Portugueses da India, & alcançar a quietação com que gozasse das boas venturas que ouvera. E ja na esperança d'aquella liança, alem dos conselhos de seus privados, que o lisonjeavão, refusara as vistas com o Governador Nuno da Cunha, de que fez menos caso do que devera não duvidando de trazer Omaum cõ bõos partidos à sua amizade. Mas isto lhe não succedeo como elle cuidava: por que Omaum Patxiah, assi por a entrega que Badur lhe não fazia de Mir Zaman seu cunhado, como por a informação que teve, que os Embaxadores que Badur à elle mãdava, levavão muito dinheiro para peitar, & corromper seus conselheiros, & privados, provocandoos à fazer traição, & muitos finaes em branco para lhe fazer merces de terras, rendas, & honras, se se passassem à elle, sentioo muito, & tevelhe à grande baxeza querer com preço como mercador, & não polo valor das armas, & de sua pessoa aver delle vittoria, que ouvera de procurar per guerra guerreada, & limpa, como cavalleiro; polo que elle não ouvia bem aos Embaxadores, nem os queria consentir em sua Corte. E como homem escandalizado de Badur, assi por esta causa, como por os favores que fazia à Mir Zaman, se desavèo com elle, & lhe negou as pazes.

Badur sentio muito esta desavença, por muitos respeitos; de que era o principal, o mascabo em que caia com o Governador Nuno da Cunha, à que não quisera ver, fazendoo ir à Dio para isso, como quem estava insolente com a liga que ja cuidava q̃ tinha feita cõ Omaum Rei tam temido de todos.

Polo

Polo q̃ instava mais na concordia cõ elle, & lhe mandou outros Embaxadores. Mas elles partidos, lhe vierão novas, que à terra do Sinde, vezinha aos Resbutos, com os quaes elle tinha guerra, erão vindos algũs Capitáes de Omaum, & ouvera entre elles, & os da terra algũas escaramuças, como gente q̃ queria atravessar as Serras, & entrar no Guzarate. Com esta nova, mandou à Sadar Chan com dez mil de cavallo à Morbij, que he contra aquella parte, para retèr os Mogoles q̃ não entrassem mais pela terra; & elle tãbem se fez prestes em Chápanel, lançando fama que queria ir sobre a nossa fortaleza de Chaul. E para mais acreditar esta fama, mandou levar suas tendas, & apparatos de guerra à hum lugar chamado Olor, que està no caminho para Baroche, & que d'ahi se iria à Chaul, no qual lugar todos os Capitáes, & Senhores estiverão atè fim de Iunho. Entre tanto mandou lançar ao mar em Cambaia sette galès, & algũas fustas, & outros navios de remo, dizẽdo, que nestas embarcações avia de mandar muita artelharia, & munições, para per mar pôr cerco à Chaul. E despois de ser tarde, que nossas armadas lhe não podião fazer dáno, mãdou estes navios caminho de Dio, dizendo, que alli estarião mais seguros de os Portugueses os poderem queimar.

Partida esta armada, mandou hum Capitão chamado Albergij, que era seu cunhado, que levasse toda esta artelharia, q̃ elle ajuntara para a ida de Chaul, caminho do Mandou, porq temia nesta cõjunção mais a vinda dos Mogoles para aq̃lla parte, & a voz de vir à Chaul era fingida, por causa delles, mostrando q̃ mais lhe lembravão nossas armadas d'aquella costa de Cambaia, que a vinda de Mogoles. Cõ tudo por as novas que cada dia tinha delles, & de quã pouco là fazião seus Embaxadores, de Olor onde estava junto todo seu exercito, partio na primeira vista da Lũa de Iunho, tempo mui observado delle por sua religião; posto que elle na verdade andava assombrado no seu animo, receando muito romper guerra com os Mogoles, por tèr experiencia que a gente de Cambaia era fraca, & não costumada ao curso d'aquella gente valente, sofredora de grandes trabalhos, & experta na guerra. E se algũa cousa com seus Guzarates tinha ganhado, era porque os inimigos erão tambem fracos, & porque de suas vittorias, muitas ouvera mais per sua industria, & peitas, que à força de braço; & a gente estrangeira que consigo trazia de Portugueses,

 Rumes,

Rumes, Parsios, & Arabios erão mui poucos.

Finalmente, per idas, & vindas de seus Embaxadores, a resolução destes dous Principes foi, que Omaum Patxiah pedia à Soltam Badur, que lhe entregasse seu cunhado Mir Zaman, & soltasse o Principe do Mandou, & seus irmãos, & lhe restituisse o Reino que lhes tinha tomado. Ao que respondeo Badur, que quando elle Omaum restituisse o Reino do Delij à cujo era, que entam soltaria elle o de Mandou: & que milhor seria, pois ambos erão irmãos na lei, que o fossem em amor, & paz, estando cada hum em seu Reino, fazendo guerra ao Gentio sem lei, & aos Christãos, à quem tam odiosas erão as cousas de seu propheta Mafamede. E quanto à seu cunhado, visto como entre elles avia parentesco de primos, & ser casado com sua irmãa, de que tinha filhos, & ao escandalo q̃ delle tinha não ser cousa indigna de perdão, seria melhor apartalo de si, dandolhe algũa cousa com que vivesse conforme à seu estado, & elle lhe daria tambem naquella parte à elle vezinha algũas terras para se ajudar à mantèr, & asi viveria entre os dous estremos de seus Reinos sem escandalo algum, & que ficasse livre, sem tèr obediencia de vassallo à hum, nem à outro. Sobre estes recados ouve outros, em que ja se começavão esquentar em palavras, atè mandar dizer Soltã Badur à Omaũ, que não curasse de se pôr em caminho, & vir buscar seu cunhado, que elle o levaria consigo ao Reino do Delij, & que là lhe faria a entrega delle. Com este recado lhe mandou de presente hum vestido de molher de grandes ornamentos, como em desprezo; porque os Mogoles são homẽs que se prezão de andarẽ na guerra mui ataviados nos vestidos de suas pessoas, & ornamentos de seus Cavallos. Em retorno d'aquelle presente, com outras palavras que respondião às de Badur, o Mogol lhe mãdou hum cão, & hum açoute com que açoutão os cavallos; porque os Guzarates não tem uso de esporas, & asi lhe mandou hum dromedario, & hum cavallo, dizendo palavras perque o provocava à ir encontrarse com elle tam à pressa como dizia: porque destas allegorias, & figuras usão muito aquelles Mouros do Oriente em semelhantes negocios.

* * *

LIVRO SEXTO DA QVARTA DECADA DA ASIA, DE IOÃO DE BARROS.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITVLO PRIMEIRO.

Em que se descreve a origem dos povos Mogoles, & que parte da terra habitarão.

PORQVE a guerra dos Mogo- ,,
les com el Rei de Cambaia, & o que ,,
della succedeo, foi cousa mui nota- ,,
30 vel, & de que coube grande parte ao ,,
Estado da India, & que aos Portu- ,,
gueses causou muito trabalho: con- ,,
vem darmos noticia particular desta ,,
gente, & em que parte da terra esta- ,,
va escondida: dos quaes atè aquelle tempo, em que vierão ,,
tèr guerra com o Soltam Badur Rei de Cambaia, os nossos ,,
que na India andavão não tinhão conhecimento algum. E ,,
para maior satisfação dos que se deleitão em saber historias, ,,
40 repetiremos de longe a origem delles. Esta gente à q̃ cõmun- ,,

 mente

mente os nossos chamão Mogores,& propriamẽte Mogoles, elles entre si se chamão Chacatais,[a] por virẽ de hũa linhagẽ antiga,& nobre dos Tartaros,assi chamada, de q̃ elles se glorião muito,como os Espanhoes se jactão (sem razão) de vir dos Godos,como se os Godos,& os Chacatais não fossem dos Barbaros q̃ povoão as terras frias do Norte. A região q̃ estes Chacatais habitão,he chamada Chacatà,[b] vezinha à Provincia Turquestan,mai natural, de q̃ procederão os verdadeiros Turcos. E posto q̃ todos os Chacatais sejão Mogoles, os nobres somẽte se nomeão Chacatais, aos quaes he grande injuria chamarlhe Mogoles,tãto como se lhe chamassem villãos; o que não he no povo,que por isso se não escandaliza.

a. impropriamente são chamados Zagatais,& a Provincia em que habitão Zagatai.

b. Diogo do Couto escreve q̃ à esta Provincia Chacatà, deu nome Chacatai,filho de Chingischan, Senhor das Provincias Sogdiana, Bactriana, Aracosia, Aria, Parthia, Persia, & Armenia.

Os Persas q̃ foi a gente d'aquellas partes Orientaes q̃ mais cedo recebeo a seita de Mafamede,por as vittorias q̃ delles ouverão os Arabios,& q̃ cõ a seita tambẽ receberão a Escrittura,escreverão em suas Chronicas,q̃ estes Mogoles descẽdẽ de Magog neto de Noe Patriarcha das gẽtes,filho de Iaphet.[c] E assi dizem,q̃ Magog foi hũ Rei poderoso naquellas partes de Tartaria,de q̃ procederão muitas & diversas familias,& linhagẽs,como diremos em nossos Cõmentarios da Geographia, em q̃ fallamos da origẽ dos Tartaros Asiaticos. Em vida deste Magog,& despois per todo o tempo q̃ reinou seu filho Tarahan,as gẽtes q̃ estavão debaxo de seu Imperio guardavão a religião,costumes, & adoração de hũ sò Deos, segundo tinhão recebido de Noe seu progenitor. Mas fallescidos estes dous Reis,succederão outros Principes q̃ seguirão suas proprias inclinações, cõ q̃ os povos se derão à varias seitas, & opiniões cõtrarias aos preceitos d̃ seus antigos padres. D'aqui se causou derramarẽse per diversas partes,& habitarẽ novas Provincias. E posto q̃ esta gẽte per aqlla grande Tartaria tinha este nome de seu primeiro Principe Magog, & fosse avida por vagabunda,como aqlla q̃ discorre per diversas partes,onde se mais cõservou esta geração foi na região q̃ ora he chamada Mogalia, ou Mogostã do nome delles,à q̃ Ptolemeu chama Paropanisus,posto q̃ elles se extendão mais:porq̃ vão vezinhar ao presente cõ o Reino Horacan,chamado per Ptolemeu Aria, de hũa cidade sua Metropoli,à q̃ oje chamão Here. E pela parte do Norte vão beber as agoas do rio Geũ,* chamado dos Geographos Oxo,q̃ passa pela Provincia Bactriana, nomeada de sua Metropoli Bactria,q̃ ora se chama Bohàra, Estudo mui celebre,

c. Faz Diogo do Couto larga relação dos Mogoles, & de sua descendẽcia,a qual deduz, seguindo as historias Tartaras, de hum Turc neto de Noe filho de Iaphet (do qual não fazem menção os historiadores) como se pode ver nos capitulo. 1. & 2. do liv. 10. E no capitulo. 7. do livro. 1. escreve, q̃ quando no anno de C. de nossa Redempção baxarão do Norte os Mogoles,com as outras gentes,ficarão elles povoando o Reino de Mãdou,& que naquella cidade se vèm ainda oje tres sepulturas de Reis Mogoles,como consta dos letreiros dellas:& he presunção bem fundada,q̃ forão estes povos antiguamẽte senhores de toda a India,onde no maritimo della fundarão as duas cidades de Mangalor, hũa na costa de Dio, & outra na de Canarà, & nesta ha sepulturas de muita antiguidade, per cujos epitafios se conhece q̃ jazẽ nellas Reis Mogoles.

** Outros chamão à este rio Abia.*

bre, & antigo, como reliquias do grãde Zoroastres,[a] à q̃ os Persas chamão Zoac. Nesta Boàra estudou Avicenna, Medico celebrado, por ser natural da terra, segũdo escrevẽ os Persas. O q̃ lhe não tira ser natural de Cordova, conforme a opinião de algũs; porq̃ pode ser q̃ por tèr estudado em Bohàra o queirão os Persas fazer seu natural. Tẽ mais os Mogoles da bãda do Nordeste a região Sogdiana, à q̃ elles ora chamão Queximir, & asi o monte Caucaso, que divide a India d'outras Provincias, & regiões Boreaes. He verdade que nesta nossa idade, como he gente bellicosa, correm da parte de Meiodia atè os montes à que Ptolemeu chama Parveti, & Bagous, * & elles Angon.

Este Estado era de hũa gente chamada Patane, que senhoreava estas montanhas, & como os q̃ habitão nos confijs dos montes Pyreneos, d'aquem, & d'alem delles, são senhores dos passos perque passamos de Espanha à França, & de là para cà, asi estes povos Patanes são senhores de duas entradas que a India tem, para aquelles que per terra querem ir à ella. Porq̃ os que vão da Persia do Reino Horacam, de Bohàra, & de todas as partes Occidentaes, caminhão atè a cidade à que os naturaes chamão corruptamente Candar, avendo de dizer Scandar, nome perque Persas chamão Alexandre; por elle (como escreve Arriano[b]) edificar esta cidade, & do seu nome se chamou Alexandria, situada ao longo do rio Aria. Esta cidade he hũa das mais Illustres, & celebres d'aquellas partes, por ser ponte, & porto perque se caminha para a India: porque as Serranias da Provincia Cistou, q̃ vem cortando para o Meio dia, atè os desertos de Mazeran, deixão no meio hũa aberta, onde como porto està Scandar situada. Nella se tomão dous caminhos, quem quer ir pelos desertos de Mazeran, vai passar o rio Indo na cidade Batcar, situada nas correntes delle (a qual por a situação que tem, podemos dizer ser aquella à que Ptolemeu chama Aristobatia, *) & querendo della ir ao Reino de Cambaia, tomão a mão dereita pelo rio abaxo, & vem entrar nelle pelas Serranias dos Resbutos, & vão tèr à grande cidade delles chamada Patane, & d'ahi à Lavara. E querendo ir ao Reino do Delij, vão pelo rio acima atè a cidade de Moltan Metropoli dos povos Moltanes. E deixando à esquerda o rio Indo, caminhão per terra chãa a mais povoada de toda a India, atè chegar à cidade de Delij, que he a cabeça d'aquelle Reino, q̃ della se nomea, situada nas correntes do rio Iamona,

a. Zoroastres, como refere Suidas, foi Persa Medo, viveo em tẽpo de Nino Rei dos Assyrios, antes da guerra Troiana D. annos: persuadio aos Aßyrios q̃ despois de sua morte, q̃ foi cõ fogo do Ceo, guardassem as suas cinzas se querião q̃ se perpetuasse o Reino delles. Escreveo quatro livros da natureza, hũ de pedras preciosas, & cinco de Astrologia judiciaria.

Plinio escreve no cap 16. do liv. 7. q̃ rio Zoroastres no mesmo dia q̃ naceo: & no cap. 1. do liv. 30. q̃ foi o inventor da Arte Magica, & o primeiro que a pratticou em Persia.

Outros Autores affirmão q̃ foi Zoroastres Rei de Bactriana, & q̃ teve guerra com Nino, na qual foi morto. E não pode ser viver Zoroastres antes da guerra Troiana D. annos, & em tempo de Nino, como diz Suidas: porq̃ Nino morreo no anno do Mundo MM.XLVIII. & Troia foi destroida DCCC.XXIIII. annos despois, no anno do Mũdo MM.DCCC.LXXII.

** Ptolemeu na nona taboa da Asia.*

b. Arriano faz menção de quatro cidades q̃ Alexandre Magno fundou, & à q̃ deu seu nome. A primeira em Egypto, na bocca Occidental do rio Nilo. A segunda nas fraldas do monte Caucaso, não longe da cidade de Bactra. A terceira no rio Iaxartes, chamado de Arriano Tanais (outro do que divide Asia de Europa) A quarta ao pè do monte Paropaniso, & esta parece q̃ quer entender Ioão de Barros que seja Scandar.

** Na taboa nona de Asia.*

*Na taboa. 10. de Asia.
*Liv. 6. cap. 17. 19. & 20.

à que Ptolemeu chama Diamuna,* & Plinio Iomanes.*

Estes caminhos de que fallamos, são as estradas geraes das Cafilas, q̃ às vezes são de tres, & quatro mil homẽs; porq̃ a terra alẽ de ser deserta, & em muitas partes mõtuosa, he de muito perigo, por causa da gẽte mõtanhes, & cãpestre q̃ vai buscar as estradas para roubar os caminhantes. O caminho de Cãdar à Batcar, não o seguẽ as Cafilas senão em tẽpo de guerras, por ser muito deserto, & tèr quatro, ou cinco jornadas sem agoa, & de muita area, temendo q̃ se forẽ pelo de cima, q̃ està à parte do Norte, alẽ dos mõtes Angon dos Patanes, por ser per meio do Reino dos Mogoles, podẽ ser delles roubados. Este caminho de cima, para quẽ quer ir ao Reino do Delij, he mais breve, & povoado, posto q̃ mui fragoso em partes; & na cidade de Cãdar poẽ o rostro quasi à Leste, atravessando toda a terra Hozara, & vai tèr à antiquissima cidade Cazrij, meia arruinada, & d'ahi à cidade Cabol Metropoli dos Mogoles. A qual tãbẽ por causa das mõtanhas, & serranias he outra põte q̃ vão demandar, não somente as Cafilas, q̃ vẽ de Candar, mas ainda as de Camarcant, & de toda a Provincia de Turquestã, & Caxcar. E desta cidade Cabol, atè outra por nome Ingoxan, em q̃ averà tres dias de jornada, tẽ as Cafilas bõ caminho; mas como chegão à hũa villa chamada Haibar, d'ahi atè a cidade de Nilao, & della atè as portas per onde entrão na India, q̃ serà caminho de cinco dias, he elle tã estreito, & fragoso, q̃ se não pode ir por elle senão à fio, & olhar para o cume das Serranias, & pôr os olhos nas nuvẽs. E chegãdo à porta per onde os Persas dizẽ q̃ entrou Alexandre Magno, a qual elles chamão Darbande, q̃ quer dizer porta fechada, & os Indios com a mesma significão Dangalij. Descobrese o cãpo da comarca chamada Guzar, onde està situada a cidade de Beera, nas corrẽtes do rio Bet. Esta cãpina he ja da terra da India. E como quãdo da assomada de hũa mõtanha se veẽ grandes cãpinas, em q̃ a vista se perde, assi passada esta porta, q̃ fica soberba, apparecem aq̃llas do Reino do Delij, povoadas de muitas cidades, & lugares, sẽ achar nẽ hũa sò pedra em q̃ tropecẽ. Esta terra he em si fertil, & graciosa à vista, por ser regada destes cinco notaveis rios, q̃ fazẽ o corpo do Indo, Bet, Satinague, Chanao, Rauè, & Bea.

Desta porta atè a cidade de Cãdar, q̃ fica atras, onde se estremão os dous caminhos q̃ dissemos para a India, tudo são Serranias, & terra aspera, parte da qual era do Estado dos Mogoles, prin-

principalmẽte a q̃ està mais ao Ponente,& Norte,q̃ he a menos fragosa. E a q̃ està ao Sul dos montes Bagous,ou Parveti, como lhe Ptolemeu chama,& a q̃ està ao Oriente atè a porta Darbande,q̃ he dos povos Patanes,tudo são Serranias asperas. E posto q̃ as Cafilas q̃ per estes dous povos passavão lhes pagavão seus dereitos,segũdo seu costume antigo,quãdo vião aq̃llas riquezas Orientaes q̃ vinhão da India,& as Occidentaes q̃ entravão nella,onde se cõmutavão hũas cousas por outras, fazialhes grãde cobiça do Senhorio della;& por duas causas crecia a esperãça q̃ tinhão de cõseguir seu desejo. A primeira por serẽ elles Mouros,& os povos da India Gẽtios,quasi atè o maritimo da India baxa,cuja costa nos navegamos, muita parte da qual he ja subjeita aos Mouros. A outra causa era, serẽ elles todos gente bellicosa,& bẽ armada,& sofredora de trabalho, costumada à pelejar à cavallo,por a grãde copia q̃ delles tẽ. O q̃ tudo vião pelo contrario nos Gentios da India,por ser gẽte fraca,& imbelle,mais industriosa,& inclinada ao uso mecanico,& de cõmercio,q̃ ao exercicio das armas,& as de q̃ usão serem fracas,& sem cavallos,& esses q̃ tem de sua terra serem fracos,& poucos,& os q̃ vem de fora de tanto preço,q̃ os não podem tèr senão Senhores,& pessoas de muita fazenda.

Mas ao desejo destes dous povos,avia dous incõvenientes q̃ os impedião. Aos Patanes, q̃ erão os mais vezinhos da porta Darbãde,tèr el Rei do Delij posto nella hũ Capitão de muita fidelidade cõ muita gente d'armas para guarda della,& assi para a recadação dos dereitos q̃ se pagavão das mercadorias que per ella entravão.& saião. E os Mogoles,q̃ erão mais cõquistadores q̃ estes Patanes,alẽ de terẽ o impedimẽto da entrada, tinhão cidades,villas,& lugares dos mesmos Patanes,q̃ lhe cõvinha cõquistar primeiro q̃ chegassẽ às portas Darbãde. Por a qual causa erão os Patanes mui ciosos desta entrada,& bem entẽdião q̃ todas as cõtẽdas,& guerras q̃ os Mogoles cõ elles tinhão, mais erão per se fazerẽ senhores desta entrada, q̃ por terẽ cobiça đ suas terras,& Estado,por ser mui fragoso,& esteril,& differẽte do seu đlles. Cõ este receo q̃ os Patanes tinhão, quãdo das partes da Persia,de Bohara,de Camarcãt,& Caxcar vinha algũa grande Cafila para entrar na India, como era de quatro,ou cinco mil homẽs,não os deixavão entrar em suas povoações, nem passar avante, sem primeiro darem arrefẽes,& outros seguros,perq̃ ficassem delles satisfeitos,& cer-

tos,não ser aquella gente algum artificio,& ardil dos Mogoles. Outras taes cautelas tinha el Rei do Delij na entrada da sua porta,& por causa destas sospeitas, & vigias, & guerras em que os Mogoles andavão com os Patanes, perque algũas vezes as Cafilas erão roubadas, ou ao menos lhes fazião pagar dereitos dobrados,como ellas chegavão à cidade de Candar deixavão este caminho de cima, & tomavão o de baxo, que era deserto,posto que mais comprido,& esteril fosse.

CAPITVLO II.

Dos costumes,& trajos dos Mogoles, & da seita que tem, & de sua lingoa.

IA Que tratamos da origem, & habitação dos Mogoles, pareceonos necessario dizer de suas pessoas,de sua lei,& de seus costumes,& trajos, & da ordẽ da sua milicia.Os Mogoles são da lei de Mafamede,sua lingoa he Turquestan,por là terẽ sua origem,& por a vezinhança que tem com os Persas tambem fallão a sua lingoa;geralmente são homẽs bẽ dispostos,alvos,& de olhos algũ tanto pequenos,ao modo dos Tartaros,& Chijs:tratãose todos muito bem, vestindose os nobres de sedas,brocadilhos,& lãas finas,& o povo de algodão, & no inverno de acolchoados, & de feltros para a chuva. A maneira de seus vestidos he semelhante à dos Persas, que são saios compridos abertos por diande de pouca fralda,cingidos por cima,como se cingem os Venecianos. As barbas trazem compridas,& as cabeças rapadas,nellas trazem barretes altos de feltro teso redõdos,& não agudos,recheados de algodão, ou de outra cousa,com que andem sempre irtos, & ao redor das cabeças sobre os barretes toucas de algodão brancas, asi postas,que do meio para cima ja fora do casco da cabeça lhes fique o barrete descuberto, por o qual trajo do barrete lhe chamão os vezinhos Cachabax,que quer dizer cabeça de feltro;como chamão mais propriamẽte aos que vivẽ na comarca de Camarcát,na cidade Metropolitana da região Caxcar, à q̃ as outras nações chamão cabeça de feltro, porq̃ o trazem na cabeça mais alto que o dos Mogoles.Os homẽs nobres se tratão cõ muita policia,servẽse de baxellas de prata, alumiãose

ſe com velas de cera. Quando caminhão levão o fato que tẽ em arcas encouradas,malas,& almofrexes cubertos cõ repoſteiros,ou alcatifas,ſobre Camelos,& levão mui boas tendas para ſe agaſalharem no campo. Fora da guerra,em ſuas terras ſão gente pacifica,branda, & de bom gaſalhado aos eſtrangeiros,& verdadeira em ſeus negocios. As molheres deſta nação ſão fermoſas,& para apparecerem em toda a parte.

As armas de que uſão,aſsi as offenſivas, como as defenſivas,coſtumão de trazer mui ricas,principalmente os nobres, 10 trazem pelotes forrados de laminas douradas, que lhe dão por baxo do giolho hum palmo com cravações douradas, & muito bem guarnecidas,nas cabeças trazem celadas, & capacetes guarnecidos d'ouro com ſuas plumagẽs. As offenſivas ſão lanças,terçados,maças de ferro,machadinhas, que levão penduradas nos arções das ſellas,arcos,& frechas,que he a ſua natural arma para pelejar; & tirando os Tartaros Vzbeques de Camarcant,& da Provincia Caxcar,& d'ahi para cima,atè contra o Norte,nenhũa nação que à noſſa noticia vieſſe chega aos arcos,& ao modo de tirar dos Mogoles; & quanta ven 20 tagem os Perſas fazem neſtes arcos aos Turcos de Grecia, & da Natolia noſſos vezinhos,tanta fazem os Mogoles aos Perſas. Toda ſua guerra fazẽ à cavallo,porq̃ o eſtilo,& curſo delles não ſofre trazerem gente de pè, porque andão tanto que anoutecendo aqui,ao outro dia amanhecem d'ahi à dez, & quinze legoas. Os cavallos ſão como quartaos, correm pouco,mas andão muito,& pelejão com elles acubertados. Não he gente que ſitue cidades,& dem combates com artelharia, & artificios que cà uſamos neſtas partes. Todo ſeu feito ſão corridas,talhando os fruttos,& novidades dos campos, rou- 30 bando povoações,& com aquelle furor do primeiro impeto tudo acõmettem, no que ſão tam preſtes,que não dão lugar à algũ apercebimento. E quando ſe cuida q̃ ſe poem em fugida,muitas vezes ficão vittorioſos;porque aſsi frechão fugindo,como quando cõmettem. Coſtumão fazer ciladas,& tem niſto grandes modos,& ardijs. E fazem mais conta de ſerem ſenhores do campo,q̃ das povoações, & eſta ſòmente he à ſua maneira de cerco,porq̃ ſabem q̃ quẽ do campo for ſeñor, que o ſerà do mais. Finalmente elles,& os cavallos em q̃ andão ſão grandes aturadores,& ſofredores do trabalho. Tra- 40 zem artelharia em carretas, cada peça de comprimento de

de hum covado, as grossas tirão pelouros de tamanho dos de falcões, os das meudas como nozes.

Com esta gente anda muita de diversas nações, como Tartaros, Turquimães, Coraçones, & outros, aos quaes tambem chamão Mogoles por andarem com elles. O seu Rei tratase com muita magestade, & deixase ver poucas vezes; tem gran de guarda em sua pessoa, assi na paz, como na guerra, na qual o guardão dous mil de cavallo â cada quarto, em que entrão cem Senhores principaes, & todos comē de sua cozinha. Dos mais usos, & abusos desta gente, diremos em nossa Geographia, quãdo escrevermos de sua região, & das â ella vezinhas, basta o que aqui temos ditto, para se saber o valor desta gēte. 10

CAPITVLO. III.

Da causa que os Mogoles tiverão para entrar no Reino do Delij, & como el Rei Babor se fez Senhor delle, & do mais que nelle succedeo.

ESTANDO os Reis dos Mogoles, & Patânes tam intentos em hum mesmo pensamēto de se fazerem Senhores na India, para gozarem as riquezas della, como os estados do Mundo estão postos em casos que o tempo traz, aconteceo que hum Rei do Delij chamado Babul, vèo à tèr guerra com outro seu vezinho, contra o qual elle mandou pedir ajuda de gente de cavallo à Abrahemo Rei dos Patanes, cuja Metropoli he Nilão, que distarà da porta Darbande quinze legoas. Abrahemo como nenhũa cousa desejava mais que entrar naquelle Reino do Delij, vèo à elle o mais poderosamente que pode, & em lugar de soccorrer à Babul, lhe tomou o Reino, & fazendose Senhor delle, mandou vir do seu Reino muita mais gente; que foi despois causa de o perder, como adiante diremos. 20 30

Vindo este à morrer, dixou dous filhos, o maior q̃ ficou por successor do Reino se dizia Escandar, o menor Alamo Chan. Fallescēdo Escãdar, ficou o Reino à seu filho Abrahemo, este por ser homē cruel, & đ mao governo, sētindo Alamo seu tio q̃ elle lhe ꝓcurava a morte, fugio cõ sua molher & filhos para o 40 Reino

Reino do Guzarate, em tempo de Modafar Rei delle, que lhe fez muita honra,& lhe deu terras,& renda com que se podesse sostentar,como filho de quẽ era. E despois de estar em Cambaia, não tardou muito que seu sobrinho Abrahemo fez taes cousas,que muita parte dos Grãdes escreverão à Alamo,que se tornasse ao Delij,que o querião levantar por Rei: porq̃ ainda q̃ não ouvera mais razão que as cruezas, & maldades q̃ Abrahemo usava,era bẽ que o desposessem do Reino, quanto mais ser elle filho legitimo de Abrahemo primeiro,à 10 quẽ mais pertencia q̃ à Abrahemo segundo,q̃ tinhão por certo ser adulterino,& não filho de Escandar. Alamo avidas estas cartas,as foi mostrar à Soltam Modafar, pedindolhe licença, & ajuda para ir cobrar aq̃lle Reino,q̃ com tã justas causas lhe offerecião,perq̃ se via ser elle o verdadeiro successor. Modafar trabalhou muito por o desviar d'aq̃lle proposito, dãdolhe para isso muitas razões:mas quando vio q̃ Alamo toda via se determinava ir,por cada dia lhe virẽ recados,& cartas dobradas, tornando elle Alamo à lhe dar conta da pressa que os do Reino lhe davão,consentio q̃ se fosse;mas usou cõ elle de hũa 20 cautela,acõselhandolhe que não levasse sua molher,& filhos, dizendo,que o negocio à que ia estava mui incerto, & como podia succeder bem,podia succeder ao contrario, como cousa que dependia da vontade da gente do povo, q̃ sempre foi varia,& inconstante;por isso seu parecer era, que deixasse sua molher,& seus filhos comendo as terras que lhe elle tinha dadas:& que quando estivesse pacifico,elle lhe mandaria a molher, & os filhos como quem erão.

Este cõselho,posto q̃ foi proveitoso à Alamo,por os trabalhos em q̃ se vio,a tenção d'el Rei era, parecerlhe q̃ se Alamo 30 cobrava aquelle Reino do Delij,por a vezinhança q̃ tinha cõ elle,q̃ era bom penhor tèrlhe a molher,& os filhos em poder, para qualquer negocio,& cõ a licença lhe deu boa soma de dinheiro,por não ir escãdalizado delle:& quãto à gẽte q̃ Alamo lhe pedia,disse q̃ lha não dava por não rõper as pazes, & amizade antiga q̃ avia entre seu Reino,& aq̃lle do Delij. Alamo satisfeito d'el Rei cõ aquellas razões,& cõ outras, deixãdo sua molher,& filhos como lhe acõselhou,partio caminho do Delij cõ seus servidores sòmente:mas cõ o dinheiro q̃ levava fez hũ bõ exercito de gẽte solta do Guzarate,& Mandou,& d'ou 40 tra que se à elle ajuntou pelas terras per onde passava.

Os

Os Grandes do Delij, quando souberão de sua ida, o vierão receber, & levantarão por Rei, intitulãdose por este nome de Soltam Laudij, & acrescentando mais seu exercito, começou fazer guerra à Abrahemo; o qual por algũas vezes q̃ pelejou com o tio, sempre o venceo, atè q̃ na derradeira batalha, ven dose Laudij desamparado da maior parte da gente, que logo no principio o seguia, cõ algũs poucos foi pedir socorro à Babor Rei dos Mogoles, por razão do parentesco que tinha cõ elle. O qual ja à este tempo tinha tomado parte do Reino à Abrahemo: porq̃ como estes dous Principes, o dos Patanes, & o dos Mogoles, desejavão de tomar aquella porta Darbãde para entrarem no Reino do Delij, tãto q̃ Abrahemo o velho o tomou pela traição que cõmetteo contra el Rei Babul, descerão os Mogoles sobre as terras dos Patanes, & começarão de os conquistar. E ja no tempo que Soltam Laudij lhes foi pedir soccorro, lhes tinhão tomado estas cidades, Ingoxauz, Haibar, Haibarij, Senarà, & a sua Metropoli Nilào, que estão no caminho das Cafilas que entrão na India por a porta Darbande, entrada tam desejada delles.

A causa porq̃ estes Mogoles em tam breve tempo conquistarão estes, & outros lugares do Reino dos Patanes, aven do tanto tempo que o desejavão, foi, que Soltam Abrahemo o velho, tanto que tomou a cidade de Delij, começou à despe jar o seu proprio Reino de gente, por a necessidade que tinha della para a cõquista do outro, q̃ elle mais estimava, por a diffe rença que avia de hũ Estado ao outro. Com q̃ ficou tam despovoado, que tiverão os Mogoles azo de entrar nelle, & em breve cõquistarão a maior parte das povoações de baxo. Por que as que estão nas montanhas ainda oje as não entrão, mas se defendem os Bagounes fortemente, & muitas vezes descẽ do cume das Serras, & vem aos passos fragossos per onde passão as Cafilas, as quaes não deixão passar atè que lhe dem hũ tanto por isso, como gente que não quer perder a posse dos dereitos, que lhe as Cafilas pagavão d'aquella passagem.

Babor Patxiah vendo o requerimento de Laudij, por o desejo q̃ tinha de entrar naquelle Reino. Despois de o receber cõ muita honra, & gasalhado como parẽte, em poucos dias se vèo cõ elle trazẽdo quinze mil homẽs de cavallo, ao qual se ajũtarão algũs Capitães q̃ andavão cõ Laudij, & o deixarão no desbarato da derradeira batalha. El Rei Abrahemo junta sua

ſua gente algũas vezes pelejou cõ ſeu tio em lugares q̃ delle ſe podia ajudar, atè q̃ em hũa batalha cãpal q̃ ambos tiverão, em q̃ Abrahemo trazia dous mil elefantes, cuidando q̃ elles baſtavão para lhe darẽ vittoria, foi elle vencido, & morto dos meſmos ſeus elefantes. Porq̃ querendo com elles romper a batalha dos Mogoles, aſsi como vinhão furioſos para rõper, aſsi tornarão à virar, tanto q̃ ſe ſentirão feridos de hũa chuva de frechas dos Mogoles, q̃ os não conſentirão chegar à elles. Cõ eſte impeto de fugida, & frechadas com q̃ os ião perſeguindo, 10 trilharão, & romperão a batalha em que Abrahemo vinha, com q̃ puſerão tudo em desbarato. Eſta vittoria confirmou à Laudij ſer avido dos Patanes por ſeu Rei. Mas porq̃ Abrahemo ſeu pai não tinha pago a maldade q̃ cõmetteo contra Babul em lhe tomar o Reino, chamandoo elle para o ajudar à defender, a juſtiça divina diſsimulou cõ elle para o pagar eſte ſeu filho per o meſmo modo, & ainda com maior dãno.

Porque Babor Patxiah como a maior parte de ſeu Eſtado era montuoſo, & aſpero de ſofrer nos temporaes do anno, & não tinha a fertilidade, ares, & riqueza, & tam grande nume- 20 ro de povoações como o Reino do Delij, do qual boa parte elle vio, & paſſeou naquella guerra, quis tomar por premio de ſeu trabalho o proprio Reino. Para effectuar eſte propoſito, pegavaſe Babor à tres razões que à iſſo o movião. A primeira o exemplo de Abrahemo, no que fez à Babul, à quem aquelle Reino fora roubado, & não pertencia à quẽ o poſſuia. A outra razão era dizer, que ſabia que os Capitães de Laudij lhe aconſelhavão q̃ lançaſſe mão delle Babor antes q̃ ſe foſſe, atè lhe entregar as cidades que lhe tinha tomadas do Eſtado de ſeu pai, q̃ era a entrada do Indoſtan, de q̃ eſtava em poſſe, 30 & q̃ por eſte modo ficaria ſeguro delle. A terceira, & principal razão, era dizer, Babor tèr mais dereito no Reino q̃ o meſmo Laudij, porq̃ dezia q̃ o grande Tamur Lang natural Chacatai, em ſua vida dera o Reino de Cabol que elle conquiſtou atè o rio Indo, à ſeu neto Pir Mahamed Ianguir, & eſte caſarà deſpois hum filho ſeu com hũa filha d'el Rei do Delij, por a vezinhãça q̃ tinhão, o qual foi avò delle Babor Patxiah.[a] E hũa das peſſoas que à Babor deu muito animo, & ajuda para totalmẽte ſe fazer Senhor d'aq̃lle Reino, foi hũ Mouro de nação Patane, per nome Xer Chan, de q̃ fazemos eſta lẽbrança 40 por o muito que nos livros ſeguintes delle hemos de dizer.

Final-

[a] *Foi o Tamur Lang, o Langar (como lhe chama Diogo do Couto) que quer dizer felice manco, natural de Quex, cidade vezinha à Samarchãde, o qual deſpois que com as armas ſe fez Senhor das Provincias de Horacan (ou Coraçone) Perſia, Armenia, & todas as mais que jazem perto do Mar Caſpio (à q̃ os Turcos chamão Tanguis Xor, q̃ quer dizer Mar Salgado, & os Armenios Xor Guilan, Mar de Guilan, cidade ſituada nas ſuas praias) ſaio à conquiſtar o Indoſtan, & do q̃ ganhou nelle, cõ vittoria de hũ Rei do Delij, deixou por Rei à Pir Mahamed ſeu neto, filho de Iãguir ſeu filho mais velho, que ja era morto, o qual pòs a ſua Corte em Cabol.*

Por morte de Tamur, q̃ foi no anno de M. CCCC. V. lhe ficarão tres filhos. Omar Miruxiah com o Imperio de Samarcãt, com tudo o q̃ ſe cõprehẽde entre os rios Oxo, & Iaxartes. Miraxàroc cõ o Reino de Coraçone, & Haomar Xiab, à q̃ chamarão Balobo, q̃ ficou ſem Eſtado. Eſte ſe paſſou ao Delij feito Calandar, matou ao Rei d'aquelle Reino, & apoderado do ſeu Eſtado, ſaio à conquiſtar outros do Indoſtan. Herdouos por ſua morte Abuſſeir ſeu filho, à quem ſuccedeo Babor ſeu filho, pai de Omaum Patxiah. E ſegundo eſta relação de Diogo do Couto, era Babor biſneto de Tamur Lang.

Cap. 2. do liv. 10 & no cap. 13. do liv. 1. da 5. Decada, faz outra relação dos ſucceſſores de Tamur Lang, que differe em algũa couſa deſta, como nella ſe pode ver.

Finalmente Babor per força de suas armas, se foi entregando do Reino, atè de todo se fazer Senhor delle. Poloque vendose Laudij despojado, & cattivo, como homem abatido da fortuna, & desconfiado do remedio, pedio à Babor usasse cõ elle de clemēcia, pois o chamara para o ajudar à cobrar o que restava do Reino, que fora de seu pai, & não para lhe tomar o acquirido, & quisesse darlhe liberdade, por quanto queria ir acabar o reste de sua vida na casa de Meca; porque lhe parecia que por seus peccados o quisera Deos castigar. Babor lho concedeo, respeitando ser seu parente, & lhe mandou dar largamente o necessario para seu caminho, & pôr nos confijs do Reino de Guzarate, onde deixara sua molher, & filhos em poder de Soltam Modafar, que naquelle tempo fallesceo. E não querendo Laudij ir à Meca, se deixou estar no Guzarate em serviço de Soltam Badur, que à seu pai Modafar succedera.

„ Do exemplo destes Principes, & d'outros q̃ o tempo mostrou, se pode tèr quasi por regra geral, que os Principes que saem do seu Reino por conquistar o alheo, muitas vezes perderão o proprio, & o que quiserã conquistar; & que todo o Principe que mette em seu Reino ajudas d'outro mais poderoso, em lugar de se defender d'aquelle contra quem pede o favor, vem ser vencido do que chamou para soccorro.

CAPITVLO. IIII.

Como el Rei Badur de Cãbaia começou fazer guerra à el Rei Omaum dos Mogoles, & a Rainha de Chitor lhe negou a obediencia, & a deu à Omaum.

OS Mogoles com estas suas vittorias, & cõquistas dos Reinos de Bagou, & Delij, forão terror à quelles povos da India não costumados à guerra da gente do Norte dura, & animosa, & por esta razão receava Badur Rei de Cambaia romper com Omaum Patxia filho de Babor, & asi instou muito na concordia com elle, como atras dissemos, * que não podendo conseguir, & vindo à rompimento de guerra, a primeira cousa q̃ ordenou contra Omaum, foi mandar hum Capitão seu per nome Terca Chan, com vinte mil de cavallo, & muita gente de pè, que entrasse nas terras do Mogol.

* Livro. 5 capitulo. 16.

A causa

A causa porq̃ mãdou esteCapitão,& não outro,sendo elle ainda muito moço,era por ser hũ dos filhos de Soltã Laudij, q̃ elle deixou em Cãbaia por cõselho d'elRei Modafar,o qual deu à Laudij terras q̃ comia,alẽ das q̃ lhe tinha dado, quando Babor o deixou em liberdade,& o mãdou pôr nos confijs do Guzarate;& neste tempo ainda era vivo, & servia à Soltam Badur. E por o dereito que este mancebo tinha ao Reino do Delij,o mandava Badur com aquelle poder à dous fijs,asi pa ra elle com maior animo pelejar cõ os Mogoles, que o deser-
10 darão do seu,como porque a gente Patane sua natural em o vendo cõ tanto poder o ajudasse,rebellandose contra Omaũ, pois era Senhor estrangeiro,& não natural.

Espedido este Capitão,escreveo Badur à Rainha Crementij molher do Sanga velho,mai do moço que entam reinava, que lho mandasse com a gente cõ que era obrigado vilo servir na guerra,porque entam tinha muita necesidade delle,& de sua gente. A isto respondeo a Rainha,q̃ de mui boa vontade,& q̃ logo o fazia prestes: mas por não ficar orfãa de dous filhos q̃ tinha,lhe pedia por merce, que para sua consolação
20 lhe mandasse o outro que andava em sua Corte. O q̃ lhe Badur cõcedeo,& lho mandou à Chitor mui honradamente per dous Capitães,dos quaes hum era Cuja Chan,& outro Mina Hocen. Appresentando elles este Infante à sua mai, pedirãolhe que lhe entregasse o herdeiro Sanga,porque vinhão para o levar,& que com elle tambem fosse Botiparao seu cunhado delle Sanga, que era filho do Salahedin. A Rainha mandou muito bem agasalhar os Capitães,& tratalos com muita hon ra,dizendolhes que repousassem, porque em breve tẽpo aca baria de aperceber seu filho; & à gram pressa mandou fazer
30 prestes muita gente de cavallo,& de pè,com todo o apparato de guerra,dando à entender que era para ir com el Rei seu filho à servir à Soltam Badur.

Entretanto teve a Rainha Crementij algũs conselhos com os principaes Capitães,& com elles assentou que muito mais proveitosa cousa lhe era obedecer à Omaũ Patxiah Rei dos Mogoles,que à Soltam Badur,por muitas razões que para isso forão apontadas. E antes que se determinasse à dar este desengano à Badur,secretamente mandou seu Embaxador à Omaum Patxiah, noteficandolhe sua tenção, & que
40 querendo aceitar a proteição,& defensão d'aquelle Reino de

 Chitor,

Chitor, ſeu filho lhe daria a obediẽcia de vaſſallo, como à Emperador de todo o Indoſtan, que elle era. Tanto que a Rainha teve certa a acceptação de Omaum, mandou dizer aos dous Capitães do Badur, que ſe foſſem em boa hora, que ſeu filho era moço, & mal diſpoſto, & não podia por entam ſair de ſeus braços para o curar, & como eſtiveſſe em boa diſpoſição, ella faria niſſo o que lhe bem pareceſſe. Os Capitães porque inſiſtião em não ſe partir ſem levar elRei, mandoulhe a Rainha dizer, que ſe foſſem logo, ſe não que os mandaria deitar fora do Reino, o que elles fizerão ſem eſperar outra reſpoſta. Soltam Badur tanto que ſoube que a Rainha, & os do ſeu Conſelho ficavão naquelle propoſito de lhe não obedecer, & que mandava arraſar aquelle monte, de que a cidade fora combatida; para delle outra vez não tornarem à receber dãno, bem ſentio que iſto era algũa confiança que tinha em Omaum Patxiah.

Paſſado aq̃lle inverno, em ſe Badur aperceber para ir buſcar eſte ſeu inimigo, tãto que foi tempo, ſe pôs em caminho. Mas Rume Chan o tirou de ir buſcar o Mogol, & lhe aconſelhou que foſſe primeiro à Chitor, dandolhe ſuas razões perque devia caſtigar eſta deſobediencia, por lhe não ficar nas coſtas aquelle Reino rebellado, que lhe podia fazer dãno, ſe algum tratto tinha com Omaum Patxiah. Movido el Rei cõ as razões de Rume Chan, partio com cem mil de cavallo, & quinze mil eſpingardeiros; a gente de pè à que pagava ſoldo ſerião quatrocentos mil homẽs. D'artelharia levava mais de mil peças, dellas groſſas de bateria, em que entravão tres baſiliſcos, & tres meios, & outros canhões groſſos, & outra leve de campo, & ſeiſcentos elefantes, todos armados de laminas de aço, com ſeus caſtellos, para de cima pelejarem, & em cada caſtello quatro homẽs, & dous berços: levava ſeis mil carretas, em que ſòmente ia a fardagem d'el Rei, d'ellas tiravão bois, & dellas cavallos. Alem deſta fardagem d'el Rei, ia a dos Capitães, que era outro grande numero. Per ordenança dos que governavão aquelle exercito, no lugar onde ſe cada Capitão agaſalhava, tinha propria praça, à que acodião todos os mantimentos, que os ſeus regatães erão obrigados à trazer. E aſsi todo official mecanico, ſem o ir buſcar à outra parte. A qual ordem era mais eſpantoſa, que o numero da gente, & abundancia de todas as couſas.

CAPI-

CAPITVLO V.

Como Soltam Badur foi cercar a cidade de Chitor, & de algũas vittorias que os Mogoles ouverão de seus Capitães, tendo elle cercada a cidade, que tomou, & do que despois disso fez.

APressousse elRei no caminho de Chitor, por lhe vir nova q̃ Terca Chan, que elle tinha enviado ao Reino do Delij cõ vinte mil de cavallo, pelejara cõ os Mogoles, & em hum recõtro q̃ teve cõ elles, ficara no campo cõ a vittoria, pondose elles em fugida. Com esta nova, chegando à Chitor, a situou com a mais da gente q̃ levava: a outra mandou com Soltam Laudi, pai de Terca Chan: & com Mompalrao, & outros, cõ hũa copia de gente, ao extremo do Reino do Delij, para que vindo os Mogoles per aquella parte, que era mais sospeitosa, os entretivesse, atè per elle ser avisado da vinda delles, por o não tomarẽ de improviso occupado naq̃lle cerco. Pola qual razão, cercada a cidade, começou à dar os combates tã apressados, cõ a muita gente que tinha, que dava muita oppressão aos cercados, que tambem com grande animo se defendião, no que elle perdia muita gente; & forãolhe mais trabalhosos estes combates, que os da outra vez, por falta do monte Chitorij fronteiro da cidade, que a Rainha mandou arrasàr, & tãbem por ella tèr muita artelharia que Badur lhe deixou, quando da outra vez combateo a cidade, para se defender se os Mogoles a viessem cercar. E como Badur era accelerado, & não tinha paciencia para esperar o tempo, & conjunção das cousas, & diante dos seus olhos via que os cercados cõ esta artelharia, & grandes artificios de fogo, matavão muita gente, & não consentião chegarem à combater o muro, mandou per ante si pôr hũa mesa com muito dinheiro em ouro, & lançar pregão, que por cada pedra do muro que lhe trouxessem daria hum tanto, com o qual partido a gente pobre se aventurava de maneira, que de cento não ganhava hum, ficando là os outros mortos, & feridos. E com tudo vendo a gente logo o pagamento na mão, tornavasse à venturar, com o que el Rei gastava algũas mil peças d'ouro cada dia.

Estando neste entretenimento,por ser ja hum pedaço do muro desfeito,por a bateria,& despejo das pedras que a gente tirava , vieráolhe novas que Terca Chan , que elle mandara com vinte mil de cavallo , & ouvera húa vittoria dos Mogoles,& com o favor della,entrara tanto pela terra das campinas do Delij,que ia ja mui perto da cidade de Agara,q̃ era a mais notavel do Reino,como homem que se ia empossando d'aquelle Reino , de que elle era Principe herdeiro , como filho de Soltam Laudij , Rei despojado delle ; & tendo ja andado seis jornadas sem algum contraste , se lhe appresentarão atè dous mil Mogoles de cavallo,que consigo trazião algúa gen te de pé da terra,os quaes fingindo temor de Terca Chan começarão de se recolher em húa batalha cerrada para hum certo lugar,em que se pudessem amparar. Terca Chan alvoroçado com a mostra de temor que nelles sentia , & com a vittoria que ja d'outros ouvera,os rompeo. Mas elles não curando de lhe resistir, forãose recolhendo concertadamente , como gente destra naquelle mester,defendendose segundo seu uso, tirando com seus arcos per cima das ancas dos cavallos , atè entrarem em hús valles de entre húas serras .Os Guzarates co mo ião naquelle alvoroço,seguirão sua corrida,atè irẽ dar em duas ciladas q̃ os inimigos lhes tinhão encubertas , nas quaes os Mogoles matarão tãtos,q̃ de vinte mil homẽs de cavallo, sómente escaparão quatro mil. Neste desbarato morreo Terca Chan,não fugindo,mas pelejando como esforçado cavalleiro que elle era,com algũs que o quiserão seguir nas voltas que fez,& com elle muitos homẽs nobres,& Capitães Guzarates. E porque os Mogoles seguirão o alcance quatro dias, ainda esses poucos que escaparão , foi com favor de Soltam Laudij,o qual por estar naquella parte por onde estes fugião acodio com seis mil de cavallo aos recolher , & se foi per húa Serra q̃ era de hum Principe Gentio , q̃ o favoreceo , sem atè entam saber se era seu filho morto. Mas despois q̃ de sua morte foi certificado per pessoas que o virão matar,mandou esta nova à Soltã Badur,perq̃ elle ficou mui triste,& receoso, assi por a pessoa de Terca Chan, & por os Capitães conhecidos, como porq̃ neste desbarato conheceo o poder dos Mogoles. Logo mandou cessar dos cõbates da cidade,por entender nas exequias de Terca Chan,q̃ mandou fazer mui solẽnes , por a nobreza de seu sangue,& amor grande que lhe tinha, & não sómen-

ſómente elle, que de todos era amado por ſuas boas qualida-
des; mas os outros que com elle perecerão, forão de todos mui
chorados per todo o arraial, & fez mui grande eſpanto à mor
te deſta gente, & a perda da riqueza do arraial, que ſegundo
ſeu coſtume, ſoem levar os Guzarates, de que os Mogoles fi-
carão ricos.

Os cercados quando virão que ſe lhes não davão aquelles
continuos combates dos dias atras, & ouvirão o rumor dos
prantos, que no arraial ſe fazião, parecendolhe por elles, que
10 ſerião mortas algũas peſſoas notaveis, deſcerão à baxo à ou-
tra cerca onde eſtavão os inimigos, & derão nelles com gran
de grita, em que fizerão muito eſtrago, por eſtarem ſeguros
d'aquelle ſobreſalto. Indinado diſto Soltam Badur, mandou
logo à grande preſſa dar combates, como que nelles ſe queria
vingar da vittoria que os Mogoles ouverão. Eſtando neſta fu
ria, lhe vèo outra nova, que Mompalrao ſeu Capitão ouvera
outro recõtro na parte onde eſtava com os Mogoles, em que
lhe matarão tres mil homẽs, os mais delles Decanijs, que era a
melhor gente que elle trazia d'aquellas partes, entre os quaes
20 morrera hum Capitão Gentio d'aquella meſma gente cha-
mado Bargi, que elle muito ſentio; & aſsi toda eſta indina-
ção que tinha contra os Mogoles, convertia contra os cerca-
dos. E tanto fez com dadivas, & promeſſas de rẽdas, & acreſ-
centamentos à quem o bem fizeſſe, atè que a cidade foi poſta
em ſeu poder, à cuſta das vidas de muita gente nobre, & Capi
tães de nome, em que entrarão quatro Portugueſes. Neſte
cerco morrerão, ſegũdo dizião, quinze mil homẽs, dos quaes
os quatro mil erão de cavallo. O Sanga, & ſua mai, com toda
ſua caſa, & familia, & gente nobre que os quis ſeguir, ſe ſairão
30 hum dia antes da entrada da cidade per hũa porta que nella ha
da parte da Serra, pelo qual caminho elles ſeguramente ſe po
ſerão em ſalvo, deixando queimado quanto movel tinhão, q̃
não puderão levar.[a] Soltam Badur não entrou na cidade cõ
tenção de matar, & roubar a gẽte que nella ficou, como vitto
rioſo, antes a mandou reformar logo de muros, & ſegurar to-
da a gente que andava fugida pela Serra, & na cidade deixou
per Capitão Minao Hocem com doze mil homẽs, a maior
parte de cavallo.

Acabadas todas as couſas que tocavão ao ſoſſego, & ſegu-
40 rança da cidade, & feitas grandes exequias por os que alli

a. Neſta guerra de Chitor, eſcreve Diogo do Couto, que ſe acharão Diogo de Meſquita, Lopo Fernandez Pinto, Manoel Mendez, Duarte da Gama, & todos os mais Portugueſes q̃ Badur tinha cattivos, aos quaes deu armas, cavallos, & criados, & tudo o mais neceſſario com largueza, & os fez da guarda de ſua peſſoa, confiandoa mais delles, que de ſeus vaſſallos. E no cerco da cidade de Chitor Diogo de Meſquita, & ſeus companheiros moſtrarão bem o coſtumado valor Portugues: & que na tomada de Chitor forão cattivados a Rainha, & o Sanga ſeu filho. Cap. 3. do liv. 9.

 morre-

morrerão, partiose el Rei d'alli, levando seu exercito repartido em tres batalhas, como homem que à cada encuberta esperava de lhe sair hũa cilada dos Mogoles. Porque el Rei asi como para cõmetter qualquer cousa ardua, seu espirito era audaz, & sem medo, asi em recear virlhe algum mal, era timido, como são os tyrannos. O temor dos inimigos se lhe dobrava cada dia, & ja naquelle caminho que ia fazendo lhe chegou outra nova, como os Mogoles tinhão tornado à tomar a cidade de Chandarij, que o Sanga velho cobrara delles, & destroido muita parte do Reino de Mandou, atè tomarem a cidade de Sarangue, que dista quarenta legoas do Mandou, cousa mui notavel.

Indo seu caminho com o exercito em boa ordem contra hũa comarca que chamão Doçor, por causa de hũa cidade do mesmo nome, alli assentou seu arraial, sem querer ir mais avante, per conselho de Rume Chan, per quẽ entam se governava naquellas cousas. Neste lugar em què el Rei assentou seu arraial, de hũa parte estava hum rio grande; & da outra hum tanque d'agoa, que elles costumão fazer naquellas partes: porque como ha poucas ribeiras, para recolhimento das agoas do Inverno, fazem estes tanques (à que mais propriamente podião chamar lagoas) todos empedrados. Estes são tam grandes, que muitos delles passão de legoa em circuito, dos quaes beve a gẽte, & o gado, & este que el Rei tomou para defensa de seu arraial, era hũ d'aquelles: & da outra parte onde estava o rio obra de duas legoas & meia, per duas partes, fez duas cavas, perque mettia o rio atè o levar ao tanque; demaneira que de todas as partes ficava cercado d'agoa, que lhe servia de força, & provisão para o arraial; & per aquella parte per onde os Mogoles o poderião acõmetter, fez hum baluarte, no qual mandou assentar mui grossa artelharia.

Neste tempo os Mogoles tomada a cidade de Neranguepor, & vindo caminho do Mandou, foilhes dada nova como Soltam Badur tinha tomada a cidade de Chitor,[a] que muito sentirão, porque vinhão para a soccorrer, & asi com esta nova, deixando o caminho do Mandou que levavão, vierãose dereitamente onde el Rei estava, atè assentarem seu arraial, duas legoas delle, à vista hum do outro, por a terra ser chãa.

a. A esta cidade diz Diogo do Couto que chegara Omaum Patxiah, vindo em seguimento de Soltam Badur, a qual logo se lhe entregou: & que della passara ao Reino do Mandou, no qual não achara resistencia. Cap. 5 do liv. 9.

CAPITVLO VI.

Como Omaum Patxiah teve por perdido à Soltã Badur, por a maneira em que tinha assentado seu arraial, & como foi morto o Capitão Coraçan Chan.

TENDO Soltam Badur, & Omaum Patxiah assentados seus arraiaes hum à vista d'outro, cada hum começou de entender como seu inimigo estava, para se melhorarem, & saberem per que modo melhor poderião acómetter. Omaũ como vio que Badur estava fortalecido em seu arraial, ouveo por perdido, vendo que fazia mais conta da segurança de ser acómettido, que do campo, do qual elle se fez senhor, à dous fijs; hum mandando às vezes sua gente à escaramuçar, à ver se podia provocar os Guzarates à sairẽ â batalha; outro à lhe tolher que não lhe viessem mantimentos de fora; entendendo, que tanta gente avia de comer, & não se avia de manter do vento, & que não podião tèr consigo tanta provisão que em poucos dias se não gastasse: na qual necessidade Badur se vio dentro de hum mes. E para remedio della, mandou hum seu Capitão à hum Rao, que era Principe Gentio, que não reconhecia superior, & confinava com as terras do Sanga, & de outra parte cõ o Reino de Guzarate, q̃ o provesse de mantimentos, mandãdolhe hũ presente de cavallos, armas, & outras cousas. Mas como elle naq̃lle tẽpo tãto temia à Omaũ, como à Badur, respõdeolhe, q̃ se elle quisesse passar per suas terras, q̃ o caminho aberto estava, q̃ elle o não podia tolher à hũ tã grãde Principe como elle era, mas q̃ ajudalo não podia, porq̃ não cõprava inimigos cõ fazer boas obras à outros; & sem querer tomar algũa cousa espedio o messageiro de Badur. Desta resposta ficou elle mui enfadado, por ver q̃ ja no seu arraial era tãta a falta dos mãtimẽtos, q̃ assi para a gente, como para as bestas, valia tudo em muito grãde preço, cõ q̃ os pobres perecião. E se algũa pouquidade vinha para o arraial, era tomada pelos Mogoles, os quaes por lhes escaparẽ dous Capitães q̃ cõ hũa pouca de vitualha entrarão seguros no arraial, trouxerão d'ahi em diãte melhor vigia, elles per hũa parte, & o Sanga de Chitor, que era vindo em sua ajuda contra Badur, per outra. De

maneira que atè os homẽs que ião segar hũa pouca de er va, erão logo tomados.

El Rei Badur vendo à destroição, & mortes de tanta gente, & alimarias d'aquelle arraial, & que muitos desesperados se saião delle à buscar que comer, & se podião de noute, ou de dia fugião, querendo antes cair na mão dos inimigos, que morrer de fome; mandou lançar grandes pregões, defendẽdo aos Capitães que não consentissem alguem de sua Capitania sair do arraial sob pena de morte. E por animar a gente, & a não desesperar, mandou Coraçan Chan buscar mantimentos à hũa fortaleza que hi estava perto: era Coraçan Chan hum seu Capitão de muita autoridade, o qual tinha debaxo de sua bandeira todos os Coraçones, Mogoles, & Persas que em seu Reino andavão, & asi gente da terra, com que fez dous mil de cavallo. Partido de noute, foi sentido dos Mogoles, & deixarão o caminhar atè hum certo passo, per onde entendião que elle avia de ir, & alli lhe armarão hũa cilada entre hũs matos. E saindolhe de rostro com atè seiscentos homẽs, forãolhe alargando o campo atè os metterem nella, onde lhe matarão a mais da gente, & elle muito ferido foi levado ante Omaum Patxiah, hũs dizem que foi morto por não querer confessar o estado em que Soltam Badur estava, outros que por dizer algũas palavras descorteses à Omaum, o matarão, & lançarão seu corpo pelo rio abaxo, para ir tèr onde os seus estavão, & ser conhecido por o vestido que levava. Esta morte de Coraçan Chan, & dos outros homẽs de preço que com elle forão, foi mui sentida, porque postoque quanto à nação fossem estrangeiros, erão ja avidos por naturaes, & sentião a falta que farião ao Reino, por serem muito cavalleiros, & valerosos.

* * *

CAPI-

CAPITVLO. VII.

Como Soltam Badur, por a morte de Coraçan Chan, & outras perdas, desamparou seu arraial, & se pôs em salvo, & o arraial foi saqueado; & das riquezas que se nelle acharão.

SOLTAM Badur vendo as muitas vittorias que seus inimigos tinhão avidas delle, & que o tinhão em cerco com fome, & que de cem mil de cavallo que trouxe, não tinha cinquoenta mil, & para pelejarem não serião quinze mil, & que de seiscentos Elefantes não teria ja cento, & os bois erão mortos, & comidos, como homem desesperado, determinou de pôr sua pessoa em salvo. Porque alem de lhe faltarem tantas cousas como avia mester para sua defensão, foi avisado, que algũs Capitães seus, offendidos delle, tinhão ordenado de o entregarem aos Mogoles. E ou isto fosse verdade, ou temor delle, ou artificio para se acolher, elle o pôs em effeito. De q̃ deu primeiro cõta à Rume Chan, & à Frangue Chan, ordenandolhes que logo aquella noute mandassem carregar bem a artelharia grossa para arrebentar. E no tempo do estrõdo, por não ser sentido, se saio com algũs do seu Conselho, o que foi à xxv. de Abril, de M.D.XXXV. & por ser grande escuro, & não se poder ver o caminho, levou ante si hũa tocha baxa, que o encaminhou atè sair de todo fora do arraial.

Tanto que nelle ouve rumor que el Rei era ido, cada hum trabalhou de se pôr em Salvo. E algũs Portugueses que alli andavão se forão para os Mogoles, & algũs Guzarates, entre os quaes foi Melique Liaz, por desgostos que tinha d'el Rei, porque alem de em sua pessoa receber muito mal, & dano na fazenda, mataralhe com peçonha seu irmão Melique Saca, & à Melique Tocam mandara degollar, per conselho de Rume Chan, que lhes queria grande mal. Forão nesta fugida tomados muitos Capitães, & Senhores Guzarates: & outros por se disfraçarẽ em trajos pobres, se salvarão, não sendo conhecidos dos Mogoles, q̃ delles não fazião caso. El Rei não parou menos de Mãdou, levãdo em sua cõpanhia Rume Chan, Frãgue Chan, & Duarte da Gama, & Frãcisco Vàz Portugueses.

Omaum Patxiah tanto que foi avisado de noute, q̃ el Rei era partido, por lhe parecer que sua ida seria para a Serra de Mandou, por ser a colheita que mais perto tinha, mãdou apôs elle hum Capitão com dez mil de cavallo, que lhe fosse tomar a diantera, o qual neste caminho matou grande número de gente da que ia fugindo; & quando soube que el Rei não era là, deixousse estar à vista da cidade, que està ao pè da Serra, o que deu grãde trabalho à Badur, porque o fez rodear por outra parte, & foi entrar na cidade per hum postigo falso encuberto aos Mogoles. E tanto que foi dentro na cidade, mãdou fazer à porta della hũa torre, de q̃ fez Capitão à Rume Chan. Mir Mamud Xiah, sobrinho d'el Rei, não sabendo que caminho levava seu tio, foisse para a cidade de Chãpanel, & neste caminho foi roubado dos povos Collijs, & ferido hũ seu Capitão per nome Suja Chan, & foi tam desbaratado, que escapou cõ cinco de cavallo somente, com q̃ chegou à Chãpanel.

Omaum Patxiah, quando vèo a manhãa, apôs a noute que Soltam Badur fugio, mandou entrar no arraial, & indo todos dereitamente às tendas d'el Rei, que erão de riquissimo brocado, & tamanhas, que occupavão hum grande espaço, onde esperavão de achar maior presa; acharão muitos Abexĩjs, & Arabios, os mais delles seus escravos, os quaes se poserão em defensa, não se deixando entrar, atè todos morrerem, & com elles os Mogoles, que lhes derão a morte. Desta maneira o arraial de Soltã Badur foi posto em poder dos Mogoles; os quaes por mandado de Omaum à todo Guzarate davão a vida, & nenhum outro algum dãno lhe fazião, que rouballos, se lhes achavão algũa cousa de preço; porq̃ o arraial tinha tãto ouro, & prata em moeda, afora as baixellas, & vasos de serviço, & tanto movel, de que estava cheo, assi dos que erão mortos à fome, como dos vivos que fugirão, & dos que ficavão, que gastarão muitos dias em o saquear. E por ser cousa sẽ estima, nem conto o que se achou, não se pode escrever, somente se pode affirmar, que parecia ser igoal ao despojo que avia no arraial de Dario, quando Alexandre o venceo, este q̃ Omaum Patxiah ouve do Soltam Badur. E quando adiante dermos razão da riqueza que este Principe Badur tinha ao tempo que começou à reinar, & o que despendeo, & perdeo neste arraial, se verà a sua potencia.

CAPITVLO. VIII.

Como Rume Chan temendose que Soltam Badur o queria matar, se passou à el Rei dos Mógoles, & el Rei Badur sendo lançado da Serra do Mandou, fez levar de Champanel suas molheres, & tesouro para Dio.

TANTO que Omaum Patxiah Rei dos Mogoles cevou os seus no despojo do arraial de Soltam Badur, & soube que elle se recolhera à Serra do Mandou, vèo em busca delle, & assentou seu arraial tres legoas da cidade, em duas partes, onde concorrião dous caminhos, por impedir algum soccorro do Guzarate, se viesse à Badur. E sabendo elle como Omaum Patxiah assentara seu arraial tam perto, como homẽ que lhe tinhão custado caro os conselhos de Rume Chan, & estava arrependido de tèr mortos os filhos de Melique Az, que per seu conselho matara, & por tambem ter suspeita que se carteava com os Mogoles, determinou de o matar. A determinação desta morte foi practicada com quem a avia de executar, que era hum Abexij criado do mesmo Badur. Este vindo Rume Chan chamado d'el Rei, para o mandar matar, o avisou no caminho, por aver recebido delle boas obras. Rume Chan sem ir mais adiante, nem tornar à casa, tomando consigo algũas pessoas à elle mais aceitas, disimuladamente deu consigo no arraial de Omaum Patxiah, que o recebeo como à homem com quem ja tinha prattica sobre sua ida.[a] Soltam Badur quando o soube, ficou mui anojado, porque quisera tomar vingança d'aquelle homem que lhe fora traidor. Alem disso receava, que por o muito que sabia de seus segredos, & cousas que com elle cõmunicava, & das do Reino, lhe perjudicasse em algũas com seus inimigos.

a. Escreve Diogo do Couto, que antes da fugida de Soltam Badur do seu arraial, delle se passára Rume Chan com oito mil de cavallo para Omaũ Patxiah.

E antes que Rume Chan provesse em suas molheres, filha, & fazenda que tinha em a cidade de Champanel, mandou Badur à grande pressa que se recolhesse tudo, & estivesse à bom recado. Mas se el Rei se quis vingar de Rume Chan, mais se vingou elle d'el Rei, porque tanto andou induzindo, por seus meios, & promessas de Omaum Patxiah, certos Capitães da Serra,

Serra, que tinhão de guarda as portas principaes, que elles lhe abrirão a entrada hũa noute; & primeiro que pelos cercados se sentisse, erão ja dentro dous mil homẽs. E acodindo Badur à isso, matou à Botiparao filho de Salahedin, por lhe dizerem que elle fora naquella traição; & asi à Soltam Alamo que era Capitão de Raosinga; mas entendeose que nenhũ delles teve culpa, & que el Rei, como suspeitoso que era, & vingativo, & grãde executor de seus appetites, os matara. Outros affirmavão, q̃ este Soltam Alamo morreo pelejando cõ os Mogoles, defendendo a entrada, & asi morreo nella Recenal Maluco Capitão da mesma cidade de Mandou. A pressa d'elRei foi tãta nesta entrada dos inimigos, q̃ sòmente levou consigo estes cinco Senhores Malu Chan, Baergij seu cunhado, irmão de sua molher, Cancanà filho do grande Cancanà, o mòr Senhor do Guzarate, q̃ era ja fallescido de nojo das cousas d'el Rei, & Somandar Chan, & hum seu filho naturaes do Mandou.

Chegando cõ estes Senhores à Chápanel à mata cavallo, vierão despois Madre Maluco, Mujate Chan, & Alu Chan, homẽs de grande casa, & renda, & outros, cada hũ como se podia acolher. Soltã Badur, sem mais detença, mandou logo tirar todo seu tesoro,[a] q̃ na Serra tinha, & sua mai, & molheres, & as mandou com a fazenda caminho de Dio, & Sofa Chan cõ gẽte para sua guarda. Feito este despejo, sòmẽte das molheres, ouro, prata, & pedraria, por irẽ mais à ligeira, temẽdo o grãde curso dos Mogoles, começou de ordenar para guarda da Serra, onde ainda deixava todo seu movel, à Tear Chan por principal Capitão, & outro q̃ era Gẽtio chamado Rao Barsinga cõ cinco mil de cavallo. Estãdo neste trabalho, lhe sobrevèo nova, q̃ os Mogoles estavão em hum lugar chamado Lunipor, q̃ era de Champanel quatro legoas, cõ o qual aviso mãdou arrebentar quãta artelharia grossa tinha em baxo no pè da Serra, para q̃ os Mogoles a não levassem acima, & se aproveitassem della. Tambẽ pôs fogo à hũas casas que tinha em baxo, & as molheres velhas de seu pai, q̃ nellas se agasalhavão, & outras escravas, soltou, que se fossem onde quisessem.

Passado hum quarto da noute, por ninguem ver para onde ia, partio para a cidade de Barodar,[b] q̃ dista seis legoas de Chápanel, onde chegou ja alta noute com trezentos de cavallo, & hi se deteve atè pela manhãa, que partio para Cambaia, à qual chegou no mesmo dia, sendo treze legoas de caminho. E por-

a. Este tesouro era o que Badur tomara ao Madre Maluco, em q̃ avia cento & vinte cofres de cobre, cada hum delles com trezentos mil pardaos, q̃ montavão trinta seis milhões, & hũ cofre com mil adagas d'ouro, & pedraria, & outro que pesava quatro quintaes cheio de perolas, & aljofar, afora muito mais que se não levou, por ser em moedas de prata, o q̃ tudo o Madre Maluco tirara de hum tesouro o mais pequeno de tres muito antigos que avia no Reino.
Francisco de Andrade cap.3.part.3. & Diogo do Couto Dec.5.liv.1.c.11.

b *A esta cidade chamão os Portugueses corruptamente Berdorà.*
Diogo do Couto cap.5.do liv.9.

E porque ainda alli achou suas molheres com seu tesouro, logo as mandou passar hum rio, que està alem de Cambaia contra Dio, o qual de marè chea se não pode passar, & tẽdoo passado, vindo os Mogoles estariáo em seguro, & elle deixouse ficar na cidade. E por os inimigos se não aproveitarem da armada que alli tinha, a mandou queimar.

No dia que Badur chegou à Cambaia, chegarão os Mogoles à cidade de Champanel. E como Rume Chan soube que Badur lhe levava suas molheres, & filha, pedio à Omaum Patxiah que lhe desse cinco mil de cavallo; porq̃ com elles queria ir tomar sua molher, o que Omaũ lhe concedeo. Rume Chan seguindo à el Rei, com o desejo de cobrar suas molheres, & filha, sendo ja junto de Cambaia, achou muita gẽte que seguia à el Rei, com a qual pelejou, & entre outros foi morto Iamperus Rei do Sinde, que era sogro d'el Rei Badur. E por Rume Chan levar o tento nas molheres, como se desembaraçou deste impedimento que o entreteve, seguio seu caminho tam apressado, que entrando a sua gẽte que ia na dianteira per hũa porta de Cambaia, saia el Rei per outra. De maneira que travarão alli os Mogoles com elle, & lhe convèo arrancar, & ferir, atè que se espedio, & se pôs em corrida por alcançar suas molheres. E por escapar, & salvar sua pessoa, mandou entretèr as molheres, & filha, & familia de Rume Chan, porque seguindo elle o seu alcance, achando isto que buscava, o deixasse de seguir; & à suas molheres, & tesouro mandou ir per outro caminho desviado, & não pela estrada de Dio per onde iáo. E ainda por se mais despejar, mandou pôr fogo à duas, ou tres carretas d'aquellas que dissemos que andavão muito, em que levava muitas joias, & pedraria, por lhe não ser impedimento à sua corrida, & para que se os Mogoles chegassem, não tomassem o que vinha nellas; & desta maneira escapou em Dio.

Porque Rume Chan tanto que chegou à suas molheres, & fazenda, não curou de ir mais avante, & tornouse com à gente da sua guarda. E querendo os Capitães della saquear à cidade de Cambaia, os mercadores que nella avia por a não metterem à saco, lhe derão quantidade de dinheiro: mas recebido o preço, os Rumes começarão de a roubar; ao que Rume Chan acodio, mostrando ser desmando de gente de guerra. D'ahi se partio Rume Chan para Champanel, onde jà estava

tava Omaum Patxiah com seu arraial assentado ao pè da Serra,porq̃ à seu parecer bastava a vista della para perder toda a esperança de a tomar,se não fosse por algum ardil não cuidado,ou traição:mas determinou de acabar per dinheiro,o q̃ se não podia acabar per guerra,& asi o fez,peitando, & dando tanto ouro,& promessas aos Capitães que guardavão esta Serra,que de alta,& aspera que era, a fizerão branda, & facil de subir ; & desta maneira entrou nella Omaum Patxiah, & ficou espantado de ver cousa tam inexpugnavel.Alli foi cattivo Frangue Chan,que antes se chamava Ioão de Santiago,& carregado bem de ferros.Omaum Patxiah nesta segunda vittoria quis usar de liberalidade,asi do ganhado, como do que estava por ganhar;& deu o Reino do Mandou à hum filho do Rei passado,que andava com elle,& o Reino de Cambaia deu à hum irmão seu, ao qual espedio com quarenta mil de cavallo para ir invernar à Amadabad,& as terras de Baçaim deu à Melique Liaz,& à Rume Chan Surat,& Reiner, & pedindolhe elle à Dio,se escusou,por o tèr guardado para os Portugueses em sua vontade,como adiante se vera.

CAPITVLO. IX.

Dos respeitos perque el Rei de Cambaia se não defendeo na Serra de Champanel d'el Rei dos Mogoles,& do sitio,& fortaleza, & sumptuosidade dos edificios della.

SENDO natural dos Principes que não tem clemencia temerẽ muitos, asi como elles são temidos de muitos, Soltam Badur por as obras que usava,como temia todos, não achava de quem se fiasse,nem lugar que lhe parecesse seguro.Polo que sendo a Serra de Champanel lugar tam forte, per natureza,& per arte,que nelle se podia defender per muito tempo de todo o Mundo,& muito mais dos Mogoles que não sitião cidades,nem se detem muito nos lugares à q̃ vão, não se fiou de ficar alli, tomando mais desconfiança dos homẽs que consigo trazia, que confiança naquelle lugar com quam inexpugnavel era:porque como elle tinha mortos tantos dos nobres,& escandalizado tanta gente, temiase que se os

os ſeus o viſſem em algum aperto,ou neceſsidade, o deſampa raſſem,& à todos tinha por ſoſpeitos, não ſabendo de quem ſe fiaſſe:por tanto teve por mais ſeguro ir à Dio, porque alli tinha os pès em terra,& as mãos no mar,para fugir ſe lhe cũpriſſe. E para que ſe ſaiba quãto enfraquece o medo, que tem hũa conſciencia culpada:& como eſte Principe eſtava ſeguro naquella Serra todo o tempo que ſe quiſera defender, deſcreveremos a forma della,& tambem por ella em ſi ſer couſa mui notavel.

10 Eſta Serra por razão de hũa cidade ſituada ao pè della, chamada Champanel,tem o meſmo nome,eſtà em meio de hũas campinas,& levantaſſe dellas em tanta altura,[a] que de dezoito,& vinte legoas ao mar apparece aos navegantes, eſtando ella trinta legoas afaſtada da coſta. A maior parte della he tam à pique,& de viva penedia,que ſò para aves he ſubida.De outra parte onde ha algũas quebradas, he cercada de muro, & perto delle eſpaço de meia legoa eſta ſituada em hum lugar chão a cidade de Chãpanel, cuja povoação ſerà de vinte mil vezinhos,de edificios mui nobres,em que ha grande traſago de mercadores,& não he cercada de muro. Iunto deſta cidade corre hum rio que ſe vai metter no rio Narbãda, hum dos maiores que entrão na enſeada de Cambaia, & ſe mette no mar na cidade de Baroche. Saindo de Champanel para ir ao pè da Serra,que he o lugar por onde ſe à ella ſobe, eſtà hum templo grande,& ſumptuoſo, que foi de Gentios, & agora ſerve de Meſquita aos Mouros.Deſte templo ſae hũa muralha,de hũa banda,& da outra,que ſerve de rua para ir tèr à primeira cerca que a Serra tem pelo pè.No qual lugar pela parte de dentro da primeira cerca, eſtà hũa povoação tamanha como hũa honrada villa,na qual eſtão dous mil Soldados que guardão aquella entrada,& a vigião de dia,& de noute: & pelo muro deſta primeira cerca em lugares convenientes, eſtão cem peças d'artelharia groſſa,& dozentos bombardeiros para ella, os mais delles eſtrangeiros, os quaes tem ſuas molheres,& filhos em cima na Serra,como em arreſẽs. Acima deſta cerca,em outra parte,vai outra por nome Reguiguir,onde ha outra povoação do tamanho da outra villa atras, em que ha mil & quinhentos Soldados, & cinquoenta peças d'artelharia,& vinte bombardeiros,que tambem tem as molheres, & filhos encima. O muro della tẽ tres guaritas, & todo o modo de

a. A altura deſta Serra,diz Diogo do Couto q̃ he de quatro legoas & meia de ſubida.

de boa defensão com sua artelharia, & doze trabucos, & dous quartaos, porque o sitio o requere. Indo pela Serra mais acima, ha outro muro, cercado de hũa cava aberta na viva pedra, a qual no inverno se enche d'agoa, & sobre esta cava està hũa pont elevadiça de madeira, a qual colhem per cadeas com cabrestantes, & vaise retèr em argolas grossas de latão, que estão embutidas nas pedras do muro. A porta per onde entrão, & se servem per esta parte, he tam grande que cabe per ella hum Elefante carregado com seu castello, he forrada de chapas de cobre com grandes laçarias de dentro, & de fora, sem apparecer o pão em que estão pregadas. Neste muro ha cinco cubellos grandes, em cada hum dos quaes ha seis peças d'artelharia do tamanho das nossas esferas, & pelo muro vão postas outras peças pequenas, como os nossos falcões, & quatro quartaos grandes, & dezoito trabucos. Aqui ha de guarda tres mil homẽs, em que entrão quinhentos espingardeiros, & cẽ bombardeiros, que todos são Rumes, Mouros Garabijs desta Africa nossa vezinha, & Ianiçaros. Estes tem seus aposentos em casas baxas, ao longo do muro. Pela maneira destas tres cercas primeiras, vão mais outras tres, hũa acima da outra, cõ que fazem o numero de seis que ha nesta Serra, cuja subida cada vez he mais defensavel: cada hũa dellas tem cavas, baluartes mui bem artilhados, bombardeiros, & gente ordenada para sua guarda, & hũa povoação com muita abundancia d'agoa, & todas estão providas de mantimentos para mais de tres annos, se hum cerco tanto durasse. Na ultima destas seis cercas ha hũa grande povoação, & à hũa parte os paços dos Reis, que occupão hum pedaço de terra tam grande como o de hũa boa cidade, os quaes são riquissimamente lavrados de obras antigas de Mosaico, & relevo, com muito ouro, & prata, & ladrilhadas muitas das casas de azulejos, de estranhas pinturas, & cores. Nestes paços ha muitos banhos, & jardijs, com toda diversidade de arvores, & plantas, ervas cheirosas, & flores que no Mundo ha, & todo o modo de delicias, & passatempos: à hũa parte ha estrebarias, em que tem muitos cavallos para el Rei, & os seus se desenfadarem quãdo là vão, com mui ricas sellas, & arreos para elles. Alli tem os Reis suas molheres, & seus tesouros, & os armazẽs das armas, & de sua artelharia, & as casas da fundição della, & mantimentos em grande abundancia. Destes paços d'el Rei vai hũa serventia

secreta

secreta para o pico da Serra, sobre o qual pinaculo està outra fortaleza grandemente artilhada, com todas as munições, & artificios de guerra necessarios para sua defensão, & gente de guarnição, em que os Reis tem outros seus aposentos. Finalmente este he hum dos mais fortes, defensaveis, & deleitosos sitios do Mundo, assi per natureza, como per artificio, & riqueza que nelle tem os Reis de Cambaia. Tudo isto não bastou à Soltam Badur para se aquietar, & defenderse alli, tanta inquietação tem hum espirito culpado, que não sem razão o comparão as Santas Escritturas à hum mar picado, & asi se foi metter em Dio, onde ja tinha mandado suas molheres.

CAPITVLO. X.

Do que fez Soltam Badur em Dio: & como Martim Afonso de Sousa quisera ir verse com elle, & Nuno da Cunha lho estorvou, & mandou Simão Ferreira ao mesmo Soltam sobre a fortaleza de Dio.

EL Rei Badur, posto que tam desbaratado, consolouse quando chegou à Dio cõ a vinda de suas molheres, & de seu tesouro, tomando esperança que ainda cobraria seu Estado, considerada a condição, & costume dos Mogoles, que mais trattão de roubar as terras, andando em suas corridas, q̃ de as possuirem, & guardarẽ habitando nellas. E para que se o Mogol viesse, o não podesse entrar, mandou logo fortificar a cidade, & fazer dous baluartes em dous passos da terra firme para à Ilha, que se podião passar de marè vazia. A Damam, & à aquella comarca que con fina com Chaul, mandou seu sobrinho Mirao Muhmald à fazer gente, & defendela do Nizamaluco, se lhe quisesse fazer guerra, ordenãdolhe que se se visse em algum aperto, se fosse à Chaul, & se entregasse à Martim Afonso de Sousa Capitão mòr do mar, que sabia que invernava ahi. Mirao Muhmald para saber o acolhimento que acharia em Martim Afonso de Sousa, tanto q̃ chegou à Damã, lhe mãdou pedir seguro, para se lhe cõprisse ir à Chaul com suas molheres, & fazenda, se se visse apertado dos Mogoles, ou do Nizamaluco. Martim Afonso de Sousa, & Simão

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 98. do liv. 8.

Z Guedez

Guedez Capitão da fortaleza lho mādarão mui largo. E Martim Afonso lhe escreveo hũa carta de muitos cōprimentos, & sobre elles, que seria el Rei de Cambaia bem aconselhado em obrigar ao Governador Nuno da Cunha para o ajudar na necessidade em que estava, cō lhe dar hũa fortaleza em Dio, & não ganharia pouco em tèr tam boa amizade como a sua. E que d'outra maneira não avia o Governador de confiar nas pazes que fizessem, pois tam mal comprira a principal condição das que tinhão feitas, que foi mandarlhe logo os cattivos que là tinha que não mandara. E que para desfazer suspeitas, lhe devia dar a fortaleza, com que el Rei de Cambaia ficaria livre de seus inimigos. Tudo isto escreveo logo Mirao Muhmald à seu tio, & as boas palavras, & vontade que achara em Martim Afonso de Sousa.

Castanheda no mesmo capitulo.

Alem desta carta, escreveo Martim Afonso outra à Soltā Badur de consolações sobre seus trabalhos, & offerecimentos de sua pessoa, & armada para o que lhe comprisse. E ao Governador escreveo o estado em que ficava Soltam Badur, & lhe pedio licença para ir com sua armada à Dio na entrada de Agosto, por a boa occasião que avia de impetrar a fortaleza, estando el Rei assi desbaratado, por o que folgaria com a amizade dos Portugueses, & juntamente receaia de se ajuntarem com os Mogoles seus inimigos; & por Dio estar mui falto de gēte, & artelharia. E que estādo elle Martim Afonso no mar, o poderia pôr em grande aperto, tolhendolhe os mantimentos, & virlhe soccorro do Mar roxo.

Nuno da Cunha como de Portugal viera encarregado de tomar Dio, ou aver nella hũa fortaleza, & tinha ja tomada sobre si esta obra, como de empreitada, à que elRei per todas as armadas que de Portugal vinhão, o incitava, & q̃ ja lhe tinha custado tanto, não queria que ninguē nisso posesse as mãos, nē ganhasse honra nessa empresa, senão elle. E quanto mais valor via em Martim Afonso, & mais autoridade tinha ante el Rei de Cambaia, que lhe era mui affeiçoado, tanto mais se ceava delle. Polo que o Governador mostrou a carta de Martim Afonso à algũs fidalgos seus parentes, & amigos, dandolhes algũas razões para el Rei de Cambaia naquelle tempo mais que em outro negar a fortaleza, das quaes era hũa, por ser Dio o lugar principal em que se podia salvar, & tèr nelle suas molheres, & tesouros.

E que

E que ainda que Badur lha quisesse dar, primeiro avia de fa- „
zer a fortaleza de Baçaim com que se contentava, cuja segu- „
rança era o maior proveito que queria das perdas que Soltã „
Badur ouvera. Deste parecer forão todos aquelles fidalgos a- „
migos de Nuno da Cunha: mas outros dos quaes erão Alei- „
xo de Sousa Chichorro, Francisco de Sousa Tavares, & algũs „
mais, votarão que Martim Afonso de Sousa devia de ir por a „
mesma razão, que o Governador dava para o contrario. Por- „
que por não tèr Soltam Badur outro lugar para sua salvação „
10 mais conveniente que Dio, & nelle tèr suas molheres, & te- „
souro, avia de querer conservalo, & telo seguro, o que não po „
dia ser sem amizade dos Portugueses, & sem lhe dar a fortale- „
za que pedião nella, para o defender dos Mogoles; & saben- „
do que pelo mar lhe podião tolher os mantimentos, que lhe „
não vinhão per terra. E que em tempo estava Badur, para de „
seu offerecer a fortaleza, quanto mais sendolhe pedida. Polo „
que a ida de Martim Afonso lhes parecia de muito serviço „
d'el Rei de Portugal, & não ir, o contrario. Como os deste vo „
to erão menos em numero, assentouse, que Martim Afonso „
20 não fosse à Dio, & asi lho escreveo o Governador.

Porem, tanto que Agosto vèo, & o tempo deu lugar à na-
vegação d'aquella costa, despedio o Governador à Simão
Ferreira, que fora seu Secretario, para Dio em hũa fusta, com
tres catùres que o acompanharão, com embaxada à el Rei
Badur, mandandoo visitar, & offerecerlhe sua ajuda contra
seus inimigos, com esperanças que el Rei lhe daria a fortale-
za, por a adversa fortuna em que se achava. E à esse fim deu
procuração bastante à Simão Ferreira, para fazer todos os
concertos que comprissem na acceitação da fortaleza.
30 E com Simão Ferreira foi Coge Xacoez Em-
baxador de Soltam Badur, que an-
dava em Goa.

***

CAPITVLO. XI.

Como Soltam Badur mandou pedir soccorro ao Turco, & sabendo da tomada de Champanel, se quisera ir à Meca; & mudado o conselho, escreveo à Martim Afonso de Sousa se fosse logo ver com elle. E como os Reis Badur, & Omaum escreverão ao Governador, offerecendolhe ambos Dio.

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 100. do liv. 8.

VENDOSE Soltam Badur em Dio fora dos perigos, & medos de q̃ escapara, & q̃ naquellas comarcas não avia movimentos algũs de guerra, & o q̃ Martim Afonso de Sousa escrevera à Mirao Muhmald, & despois à elle, tomou animo, & tevese por mais seguro, do q̃ cuidou q̃ seria quãdo partio de Chãpanel fugindo. E por a certeza q̃ tinha para si de os Mogoles não poderem entrar naquella Serra, parecialhe q̃ tã impossivel era tomarẽ elles Dio, & outros lugares q̃ tinha fortes na costa de Cambaia, como era tomarẽ Champanel. E assi se persuadia que bem se poderia sostentar contra os mesmos Mogoles, sem cõ os Portugueses fundar novas amizades para lhes dar fortaleza em Dio, parecendolhe, q̃ assás era terlhe dada a de Baçaim, com q̃ elles se terião por satisfeitos. Polo q̃ para effeito de cobrar seu Reino, se determinou em mandar pedir soccorro ao Turco, tendo por certo que lho daria, & com elle cobraria seu Estado, & deitaria os Portugueses fora da India, & se faria Senhor della. E para provocar ao Turco, que com melhor vontade, & brevidade o soccorresse, lhe mandou hum presente de joias, armas, & roupas ricas, que dizem foi avaliado em seiscentos mil cruzados.[a] E para dez, ou doze mil homẽs que lhe mandava pedir, affirmão que mandou mais de tres milhões. Isto tudo entregou à hum seu Capitão principal chamado Saf Chan, de quem confiou esta embaxada, mandandolhe que fosse per mar atè Iudà, & d'ahi per terra ao Cairo, & do Cairo se iria aonde o Turco estivesse, & para ir em sua companhia lhe deu hum Portugues arrenegado, per nome Iorge, que era seu patrão mor. E posto que era ainda o tempo verde, quis que partisse Saf Chan na entrada de Settembro, porque ouve medo, que

a. De muito maior preço foi este presente, segundo o q̃ escreve Diogo do Couto no cap. 11. do liv. 1. da 5. Decada: porq̃ diz q̃ era hũa cabaia de fio d'ouro, lavrada toda de perolas de tanto preço, q̃ a menor valia quinhẽtos pardaos d'ouro, & os botões della de diamantes do tamanho de tremoços. Hũa cinta d'ouro, & pedraria, cõ hum terçado, & adaga do mesmo feitio, & riqueza q̃ a cabaia. Hũa coroa Imperial d'ouro, & pedraria, q̃ dezião os q̃ a virão q̃ valia mais de dous contos d'ouro.

que partindo mais tarde, os encontrasse Martim Afonso de Sousa Capitão mòr do mar, que corria a costa com sua armada. E porque as cousas que Sof Chan levava erão de tamanho preço, deulhe tres galeões, em que elle fosse por Capitão de hum, & do outro Iorge o arrenegado, & em sua companhia duas caravellas, & duas fustas, todas estas vellas mui bem artilhadas. [a]

Enviada esta embaxada, logo vèo nova à Soltam Badur como Omaum Patxiah estava apoderado da Serra, & cidade de Champanel, com a qual ficou mui confuso, & desesperado de se poder restituir à seu Estado: porque para elle era caso não imaginado tomarse a Serra, que por natureza, & arte parecia inexpugnavel. E por se ver entallado entre seus inimigos, que erão de hũa parte os Mogoles, & da outra os Portugueses, q̃ o potião per mar em cerco, em tempo de tanta falta como tinha de gẽte, d'artelharia, & de mantimentos, q̃ lhe não podião vir senão per mar, & q̃ cõ suas armadas lhe poderião tolher todo o soccorro q̃ pelo Mar roxo lhe viesse, se determinou em fugir para Meca, & deixar seu Reino, & tornar à elle se impetrasse o soccorro q̃ mãdara pedir ao Turco. Querendo pôr em effeito a partida, sua mai, Nina Rao Capitão de Dio seu tio, Coge Sofar, & outros, lhe derão tantas razões q̃ deixou de fazer a jornada. E Coge Sofar lhe aconselhou que desse a fortaleza em Dio ao Governador, que o ajudaria, & q̃ com sua ajuda se poderia restaurar, & q̃ despois que cobrasse seu Reino, ahi lhe ficava poder tomar a fortaleza, & lançar della os Portugueses, se quisesse.

Com este proposito pareceo bem à el Rei dar a fortaleza, & logo escreveo à Martim Afonso de Sousa, que vista sua carta se fosse à Dio, para trattar com elle hũa cousa de muito serviço d'el Rei de Portugal, & lhe mandou outra carta para o Governador Nuno da Cunha, em q̃ lhe dezia o mesmo, porq̃ lhe queria dar a fortaleza. E com o Embaxador que levou estas carras, mandou à Martim Afonso Diogo de Mesquita, Lopo Fernandez Pinto, Diogo Mendez, que tivera presos em Champanel, & os mais cattivos que era obrigado à mandar pelas Capitulações passadas. [b]

Pouco tẽpo antes q̃ o Embaxador d'el Rei Badur chegasse à Chaul, & desse as cartas à Martim Afonso de Sousa, lhe foi dada outra carta d'el Rei dos Mogoles, para o Governador,

a. Diogo do Couto, & Francisco de Andrade, escrevem, que mandou Badur a mais principal de suas molheres com Saf Chan, o que reprova Castanheda.

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 101. do liv. 8.

b. Estes cattivos diz Diogo do Couto, q̃ os mandou Soltam Badur ao Governador Nuno da Cunha por Simão Ferreira quãdo foi à Cambaia à ver jurar as pazes passadas.

Cap. 3. liv. 9.

E Frãcisco de Andrade escreve, q̃ despois de desbaratado Badur dera liberdade à Diogo de Mesquita, & à seus cõpanheiros, & que por Diogo de Mesquita escrevera ao Governador q̃ o viesse soccorrer, offerecẽdolhe a fortaleza em Dio. Ca.p. 3. da 3. parte.

„ nador, em que lhe offerecia a fortaleza em Dio: porque como
„ Nuno da Cunha vio à el Rei dos Mogoles fazer guerra à el
„ Rei de Cambaia, & o grande poder q̃ tinha, perq̃ lhe parecia
„ tomaria o Reino de Cambaia, como ja tinha tomado o de
„ Chitor, & o de Mandou, secretamẽte lhe mandou pedir Dio.
„ Polo q̃ tanto q̃ se el Rei dos Mogoles vio Senhor da Serra de
„ Champanel, escreveo ao Governador hũa carta, que mandou
„ à Martim Afonso, q̃ elle logo enviou à Nuno da Cunha an-
„ tes de se partir para Dio, per Ioão de Mendoça, que tambem
„ levou o Embaxador de Cambaia. E ao Governador escreveo 10
„ Martim Afonso de Sousa de sua ida à Dio.

CAPITVLO. XII.

Como Martim Afonso de Sousa foi à Dio, & elle, & Simão Ferreira Procurador do Governador, assentarão pazes com el Rei de Cambaia, & lhes deu a fortaleza em Dio, entregando à Martim Afonso o baluarte do mar.

20

Este Capitulo, que em Ioão de Barros he breve, se acrescentou com o q̃ escreve Fernão Lopez de Castanheda no cap. 102. do liv. 8.

ENDO Martim Afonso de Sousa a carta d'el Rei de Cambaia, & quãto importava ao serviço d'el Rei ir elle à Dio, por não se lhe ir das mãos tã boa occasião, q̃ às vezes despois de ida não se cobra, posto q̃ o Governador lho tivesse defeso, & por o negocio estar em outros termos, sendo elle à pressa chamado de Badur, partiose logo com tres catures, em que levou sessenta homẽs, em hum delles ia elle, em outro Simão Guedez Capitão de Chaul, deixando recado à Vasco Pirez de Sampaio que se fosse apos elle cõ a outra armada. E pro 30
seguindo sua viagẽ, perto de Dio achou Simão Ferreira, de q̃ ambos ficarão espantados, Simão Ferreira de ver Martim Afonso de Sousa ir à Dio, ordenandolhe o Governador que não fosse, q̃ não avia para que, & Martim Afonso de ver Simão Ferreira, porq̃ passou sem tomar Chaul, & de saber ao q̃ ia, por o pouco fundamento que Nuno da Cunha mostrava de se lhe dar a fortaleza em Dio, na carta que lhe escrevera. Mas Martim Afonso disse à Simão Ferreira como ia chamado d'el Rei, & com esperanças de lhe dar a fortaleza, que sem ella não assentaria nada com elle. 40

Chega-

Chegados ambos à Dio,[a] el Rei mostrou grande gosto de ver Martim Afonso,& lhe deu conta do estado em que estava,& q̃ o que queria do Governador era, q̃ o ajudasse contra seus inimigos,assi para se defender delles, como para lhes fazer guerra,& q̃ a maior ajuda q̃ queria delle era,q̃ elle Martim Afonso fosse seu cõpanheiro, por a confiança q̃ em o valor de sua pessoa tinha,& q̃ em recompensa disto, queria dar ao Governador húa fortaleza em Dio. E por o Governador estar em Goa, que era lugar mais remoto, mandara chamar à elle Martim Afonso,asi para o ajudar à defender se os Mogoles fossem contra elle, como para assentar com elle a data da fortaleza, & Capitulações das pazes, atè o Governador as aver por boas. E que pois Simão Ferreira trazia procuração para fazerem pazes em nome do Governador, que logo as assentassem. E que a fortaleza se faria da banda dos baluartes do mar,ou da terra,onde o Governador elegesse, quã grãde quisesse,porq̃ em ambos lugares lha daria, & na parte do mar lhe parecia melhor, porq̃ era o mais forte da cidade. E cõcertando el Rei com Martim Afonso cõ q̃ condições se as pazes avião de fazer,o mandou logo metter de posse do baluarte do mar,& alli se aposentou com os Portugueses.[b]

Os Capitulos forão estes: Que el Rei de Cambaia era contente de dar lugar à el Rei de Portugal na cidade de Dio, para fazer húa fortaleza em qualquer lugar que o Governador quisesse, da banda dos baluartes do mar, ou da terra, & da grandeza que quisesse: & asi lhe dava o baluarte do mar. E que avia por bem de confirmar a doação que lhe fizera de Baçaim, com suas terras, & rendas, & tanadarias, como tinhão contrattado.

Com condição que todas as naos de Meca, que por virtude do contratto das pazes passado, erão obrigadas ir à Baçaim, fossem à Dio asi como de antes, sem lhes ser feita força algũa. E quando algũa per sua vontade quisesse ir à Baçaim, o pudesse fazer, & as naos d'outras partes poderião ir, & vir para onde quisessem; porem que húas, & outras navegarião com cartazes.

Que os cavallos de Ormuz, & de Arabia, que pelo contratto passado erão obrigados ir à Baçaim, viessem à Dio, & pagarião os dereitos à el Rei de Portugal, segundo o costume de Goa, & não os comprando el Rei, seus donos os levarião onde quisessem. Mas que os cavallos que fossem do Estreito para dentro, não pagarião dereitos algũs.

a. Chegarão à Dio à xxj. de Settembro.
Francisco de Andrade cap. 4. par. 3.

b. Martim Afonso mandou cortar húa ponta q̃ fazia a cidade, desde o rio ao mar, onde abriò húa cava de largura de duas braças, & húa de altura, recolhendo para dentro a pedra, & terra q̃ da cava se tirava, cõ q̃ se fez hum vallo assas alto, & lançou sobre ella húa ponte de madeira. E per hum Iudeu mercador do Cairo escreveo logo à el Rei Dõ Ioão, q̃ Badur dera em Dio lugar para se fazer a fortaleza, tanto de S. A. desejada. E pelo mesmo Iudeu escreveo Badur à el Rei, dandolhe conta de suas desgraças, & pedindolhe soccorro: & para assegurar a jornada, porque poderia morrer nella o Iudeu, mandou Badur em sua companhia hum Armenio morador, & casado em Dio.
Francisco de Andrade cap. 4. par. 3.

Outra condição era, que el Rei de Portugal não teria em Dio dereitos, nem rendas, nem mais que sò a ditta fortaleza, & baluartes, & todos os dereitos, rendas, & juridição da gente da terra, seria do Soltam Badur.

Poserão mais por condição, que el Rei de Portugal, nem seu Governador por seu mandado, farião guerra, nem dano no Estreito do Mar roxo, nem nos lugares da Arabia, nem se tomaria nao de presa, & todos navegarião seguramente. Porem, que avendo no Estreito, ou em outra parte armada de Rumes, ou Turcos, poderião ir pelejar com ella, & destroila. 10

E que el Rei de Portugal, & Soltam Badur serião amigos de amigos, & inimigos de inimigos, & se ajudaria hum à outro per mar, & terra, com tudo o que podessem, com suas gentes, quando lhes comprisse.

A ultima condição foi, que se algũa pessoa que devesse dinheiro, ou fazenda à el Rei de Portugal, se passasse às terras do Badur, elle os mandasse entregar, & outro tanto faria o Governador quando se passasse aos Portugueses alguem que devesse à Soltam Badur.

Feitas estas Capitulações, & asinadas por el Rei, Martim Afonso as mandou ao Governador por Diogo de Mesquita, 20 & com elle mandou el Rei à Xacoez com hũa carta,[a] ao Governador, em que lhe rogava que se viesse logo à Dio.

a. *A copia desta carta escreve Fernão Lopez de Castanheda no cap. 103. do liv. 8. & Diogo do Couto no cap. 8. do liv. 9.*

CAPITVLO. XIII.

Como o Governador Nuno da Cunha foi à Dio verse com el Rei de Cambaia.

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 103. do liv. 8. onde escreve a copia da carta d'el Rei dos Mogoles.

" NVNO da Cunha quando vio as cartas dos " Reis de Cambaia, & dos Mogoles, nas quaes 30 " ambos lhe offerecião Dio, Badur porque receava " de a perder, & Omaum porque esperava " de a ganhar, posto que o Mogol lhe fazia largas " promessas, pareceolhe melhor tomar a fortaleza da mão d'el " Rei de Cambaia que tinha Dio, que d'el Rei dos Mogoles q̃ " a esperava tèr, & avendoa, lha daria, ou não, & porque lhe vi- " nha melhor a amizade d'el Rei de Cambaia, por quam pou- " co podia, que a d'el Rei dos Mogoles, que andava tam pode- " roso, & pretendia conquistar a India, & daria mais que fazer " aos Portugueses, que nenhum Rei della, & quanto menos 40 elle

elle pudesse, tanto o Estado d'el Rei de Portugal na India ficava mais seguro. Por tanto determinou de se liar com el Rei de Cambaia, & ajudalo contra os Mogoles. E sem mais se detèr que o dia em que Ioão de Mendoça chegou, se partio ao outro [a] em hũa fusta, levando sómente em outras Garcia de Sà, Francisco de Sousa Tavares, Diogo Lopez de Sousa, & Antonio Galvão, deixando recado à Manoel de Sousa que o seguisse com a armada o mais prestes que pudesse. [b] Passando por Chaul, foi tèr à Baçaim, onde achou Vasco Pirez de Sampaio com a armada que levava à Martin Afonso de Sousa, que trouxe consigo. D'alli partio para Dio onde chegou com novecentos homẽs, sendo ja o mes de Outubro. A barra o mandou el Rei receber per Nina Rao Capitão de Dio seu parente, acompanhado de muita gente nobre, que com elle ia em hũa galè; & despois de o visitar da parte d'el Rei, & lhe dar o parabem de sua chegada, o acompanhou atè onde elRei o estava aguardando, que era em hũa casa sem armação alg͂ua, parece que por a desgraça passada. E elle jazia deitado em hum Catle, que não tinha outro paramento, nem riqueza mais que serem os pès d'ouro, & vestido em hũa cabaia de algodão branco. Com elle estavão dez, ou doze Senhores, dos quaes hum que parecia de idade de settenta annos fora irmão d'el Rei do Delij, & outro filho de outro Rei assentados no chão alcatifado junto com o Catle, & os outros em pè, porque diante d'el Rei de Cambaia, se não assentavão senão Reis, ou filhos de Reis. Com o Governador entrarão quarenta fidalgos, & tanto que vio elRei lhe fez hũa mesura, & outra entrando mais na casa, & asi fizerão os fidalgos q̃ cõ elle ião. A cortesia que lhe el Rei fez, foi agasalhalo bem cõ os olhos, como à pessoa que muito folgava de ver: & passando entre elles palavras geraes, Nuno da Cunha se despidio d'el Rei, & se foi aposentar no baluarte do mar, que estava aparelhado de festa, & embandeirado com as insignias de Portugal. [c] Despois deste dia se vio o Governador com el Rei algũas vezes, nas quaes el Rei pedio ao Governador lhe mandasse per hum de seus Capitães tomar hũa fortaleza que os Mogoles lhe tomarão à elle no rio Indo, que se chama Varivene. Para isso mandou logo o Governador Vasco Pirez de Sampaio com hũa armada de doze fustas, & algũs bargantijs, em que levou dozentos & cinquoenta Portugueses, de que forão Capitães

Frotta da India do anno de M.D.XXXV.

a. Antes do Governador partir de Goa chegarão à ella sette naos que este anno de M.D.XXXV. partirão do Reino, das quaes era Capitão mòr Fernão Perez de Andrade, & os Capitães das outras naos erão Martim de Freitas, Thome de Sousa, Iorge Mascarenhas, Luis Alvarez de Paiva, Fernão Camelo, & Fernão de Moraes: levarão estas naos muita & boa gente, & muito cabedal.

Fernão Lopez de Castanheda cap. 108. do livro. 8. & Diogo do Couto cap. 8. do liv. 9.

„ Francisco de Andrade diz, que „ chegarão estas naos à Goa estando o Governador em Dio, onde lhe „ levarão a nova; & seiscentos Soldados dellas.

„ Cap. 8. da 3. parte.

b. Escreve Diogo do Couto, que o Governador partio de Goa cõ cem navios, em q̃ ia embarcada muita & mui lustrosa gente, & todas as cousas q̃ lhe parecerão necessarias para a fabrica da fortaleza, & q̃ parara em Baçaim, aonde o foi encontrar Xacoez cõ hũa carta do Badur, & cõ os Capitulos do contrato da fortaleza de Dio, com que o Governador se partio logo para aquella cidade.

Cap. 8. do liv. 9.

c. Da desembarcação do Governador, do vestido q̃ levava, do recebimento q̃ lhe fez Soltam Badur, & das palavras q̃ lhe disse, escreve com particularidade Diogo do Couto no cap. 9. do liv. 9. E que de novo forão renovadas as Capitulações, & juradas as pazes por el Rei, & pelo Governador com grande solemnidade, & magestade.

Miguel de Aiala, Rodrigo Alvarez Vogado, Afonso Figueira, & outros, cujos nomes não vierão à nossa noticia: & em sua companhia, & debaxo de sua bandeira ia Coge Sofar Capitão d'el Rei de Cambaia cõ trezentos Turcos. Tambẽ lhe pedio el Rei q̃ mandasse defenderlhe a cidade de Baroche, q̃ està dez legoas da cidade de Cãbaia; por quanto se temia que os Mogoles se apoderassem della: para o que o Governador mandou logo fazer prestes Dõ Gonçalo Coutinho cõ outra armada para a defender. E estãdo para partir, chegou Manoel de Macedo, à quem o Governador deu a Capitania, ficando Dõ Gonçalo.[a]

a. Manoel de Macedo chegou à Baroche à tempo q̃ Ascan Mirza irmão de Omaum Patxiah, cõ dez mil cavallos entrara na rica cidade de Barodar, q̃ seus vezinhos despejarão com medo dos Mogoles: & com o mesmo, sem os verem, fugirão os moradores de Baroche, & a deixarão deserta, posto q̃ Manoel de Macedo os animava, & com elles, & cõ os Portugueses q̃ tinha se offerecia à defendella: pelo que vendose sò, deixousse ficar na cidade, atè aparecerem os inimigos; & não a podendo defender com os poucos Portugueses, por tèr mais de hũa legoa de circuito, se embarcou, & voltou à Dio.

Diogo do Couto cap. 9. do liv. 9. & Francisco de Andrade capit. 16. da 3. parte.

CAPITVLO XIIII.

Da notavel façanha q̃ fez Diogo Botelho em vir da India à Portugal em hũa fusta, por mostrar sua lealdade à el Rei, ante quem fora calumniado falsamente.

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 105. do liv. 8.

A nação dos Portugueses, quam natural seja, mais que d'outras gentes, serẽ leaes à seu Rei, & quãtos exẽplos ha de muitos, q̃ por guardar incorrupta sua lealdade morrerão, & passarão trabalhos increiveis, cousa notoria he aos q̃ de suas cousas sabẽ: mas o admiravel, & audaz feito q̃ Diogo Botelho fez, para mostrar como falsamẽte o calumniarão ante el Rei, não sòmente de cõmetter deslealdade, mas de a imaginar, he digno q̃ entre todas as gẽtes, & em todos tẽpos ouvesse delle memoria. Sendo pois este cavalleiro filho bastardo de Antonio Real (Capitão q̃ fora de Cochij em tẽpo do Visorei Dom Francisco de Almeida) & de Iria Pereira molher Portuguesa, & servindo elle na India, onde nasceo, à el Rei Dom Manoel nos primeiros annos de sua milicia, & despois à el Rei Dom Ioão seu filho, vindo à Portugal à requerer satisfação de seus serviços, por elle ser muito curioso, & prattico na Geographia, & saber fazer cartas de marear, fez hũa grande, em que descreveo tudo o que do Mundo era descuberto, & a appresentou à el Rei Dom Ioão. Tendoo el Rei em boa conta, & querendo lhe fazer merce, & servirse delle, como nesta terra sempre ouve boa novidade de homẽs envejosos, & maldizentes, que

que à todos bõos espiritos, & utiles à Republica procurão acanhar, & estorvarlhe o bem, & melhoramento, aos quaes parece doer mais o bem alheo, que o mal proprio, ouve quem disse à el Rei, que Diogo Botelho trazia pensamento de o deservir, & irse à el Rei de França. Polo que movido el Rei per aquelles interpretes de pensamentos, na armada em que Martim Afonso de Sousa foi o anno de M.D.XXXIIII. o mandou degradado para a India.[a] Diogo Botelho, que sentia por maior afronta a causa do degredo, que o mesmo degredo, como foi na India, pedio ao Governador Nuno da Cunha licença para fazer hũa fusta, para andar nella servindo à el Rei, com proposito de se ir na mesma fusta à Portugal, para manifestar à el Rei sua innocencia, & lealdade, & a maldade dos que ante elle o accusarão, & que como se ia da India para Portugal, se pudera ir para França, se quisera. Com esta determinação fez hũa fusta em Cochij de vinte dous palmos de comprido, doze de largo, & seis de pontal, que he da quilha atè a primeira cuberta. Acabada a fusta, como tambem na India avia Portugueses, & os que andão as terras, & passão o mar, não mudão por isso a condição, nem a natureza, que sempre levão consigo, não faltarão na India outros maldizentes, que affirmavão que Diogo Botelho fizera aquella fusta para ir nella ao Estreito do Mar roxo, & d'ahi ao Turco. Ouvindo isto o Doctor Pero Vàz Veedor da Fazenda que entam era, lhe tomou a fusta, do que Diogo Botelho se queixou muito, & lhe disse, que atentasse bem o que fazia, que aquillo montava mais, que tomarlhe sua fusta; porque sabendo el Rei, que avia delle tam mà sospeita, lhe mandaria cortar a cabeça. Pero Vàz lhe tornou a fusta, com elle primeiro jurar solemnemente, que se não iria à parte algũa onde deservisse à el Rei de Portugal. E por não esperar outro encontro, que lhe tolhesse effettuar sua determinação, & por a boa occasião de naquelles dias se conceder à el Rei Dom Ioão a fortaleza de Dio, que elle tanto desejava, de que lhe podia levar novas primeiro que outrem, se foi à Dabul, para d'ahi fazer sua viagem. E por elle entender mui bem a arte de marear, não levou consigo outro que della soubesse, por não aver entre elles dous contradição, que seria causa de se perder. Nem para marearem a fusta levou mais que seus escravos, & cinco Portugueses, tres delles criados seus, & o Comitre da fusta, & hum Manoel Moreno; & com

[a] Francisco de Andrade escreve que el Rei mandou prender Diogo Botelho, & que esteve preso atè q̃ foi à India por Visorei o Conde Almirãte, que o pedio à el Rei para o levar consigo, & S.A. lho cõcedeo, com que não tornasse mais à Portugal.
Cap. 13. da 3. parte.
O mesmo affirma Diogo do Couto cap. 2. do liv. 1. da 5. Decada.

& com boa provisão de mantimentos se partio de Dabul o primeiro dia de Settembro do anno de M.D.XXXV.[a] dizẽdo à todos que se ia ajuntar com nossa armada, que andava na costa de Cambaia. E porque ao atravessar do golfão se ia afastando muito da terra, & lhe aconselhava o Comitre que o não fizesse, lhe descobrio à elle, & aos outros Portugueses sua determinação: & receando que se rebellassem quando o soubessem, levava vestida debaxo hũa saia de malha, & na cinta hũa espada. E esforçou à todos para aquella viagem, dizendolhes quanto lhe compria fazela, & promettendolhes grande satisfação de seu trabalho. E ao Comitre deu dinheiro, & pagou tudo o que na India lhe ficava. Contentes com isto, & com verem que tomou terra na costa de Arabia ao tempo q̃ disse que a avia de tomar, sendo cousa em que os Pilotos que per alli navegão não atinão, por causa das grandes correntes, se aquietarão.

Feita a agoada, & carnes em hum porto chamado Iubo, se partio, & foi surgir no cabo das Agulhas, duas legoas de terra, onde lhe deu hum tã rijo temporal do Sul, que arribou duas vezes; & se vio de todo perdido, por serẽ os mares mui grossos, que entravão per hũa parte da fusta, & saião pela outra, & milagrosamente escapou. Com este mesmo temporal dobrou o cabo de boa Esperança à xx. de Ianeiro do anno seguinte de XXXVI. Despois passou maiores trabalhos de tormẽtas, de fome, & de sede, por não poder tomar a Ilha de Santa Elena com nevoas.[b] Os marinheiros não podendo ja com tantos trabalhos, determinarão de matar à Diogo Botelho, & aos outros Portugueses, & irense à terra. Pelo que quando se virão na costa de Guinè, levantarãose hũa noute,[c] hũs com machados, & outros cõ espetos, & fisgas, & derão em Diogo Botelho, & nos outros Portugueses, de que logo morreo hũ, & ferirão mal à Diogo Botelho, & ao Comitre, os quaes com os outros dous companheiros, de tal maneira apertarão com os marinheiros, que se lançarão ao mar, onde algũs se afogarão, & outros perdoados se recolherão à fusta. A qual com este levantamento ficou sem marinheiros, sem Piloto, & sem Comitre, & sem terem os feridos com que se pudessem curar. Diogo Botelho esteve catorze dias sem poder fallar, & per escritto mandava governar, polo que muitas vezes estiverão em risco de se perder, ao que se ajuntou a falta da agoa, & por a estreiteza

a. *Escrevendo de Dio o Governador ao Veedor da Fazenda, q̃ lhe mandasse navios, & gente, cõ esta occasião fez Diogo Botelho a fusta para vir nella à Portugal, publicando q̃ era para levar nella gente à Dio, & recolhendo vinte Soldados, & outros tantos escravos seus, partio de Cochij, & chegou à Baçaim, onde deixou a fusta, fingindo q̃ fazia muita agoa, & em hum catùr passou so à Dio, onde foi bẽ recebido do Governador, & tomando cõ disimulação a planta da fortaleza q̃ se fundava, & a copia das Capitulações das pazes, para dar enteira relação em Portugal à el Rei, voltou escondido à Baçaim, & dizendo ao Capitão q̃ o Governador o mãdava cõ muita pressa à Chaul, se embarcou na sua fusta, & partio para Portugal em Novembro de M.D.XXXV. Francisco de Andrade no cap. 13. da 3. parte.*

b. *Diogo do Couto diz, que tomou a Ilha de Santa Elena, na qual varou a fusta, & concertou, em que se deteve algũs dias.*

c. *Este levantamento diz Francisco de Andrade que foi antes de chegar ao cabo de boa Esperança.*

a eſtreiteza da regra que era neceſſario fazerſe, padecerão inmenſo trabalho: com o qual chegarão à paragem das Ilhas Terceiras, que Diogo Botelho não tomou, com medo de o prenderem. Mas com força de vento arribou à Ilha do Faial, onde à caſo acertou de eſtar o Corregedor das Ilhas, que Diogo Botelho teve por outro infortunio maior, por o perigo que corria ſua vida, & ſua honra, podendoſe entam acabar de tèr por certo que vinha fugindo do degredo que lhe derão, com tenção de irſe à França, & ficar avido por traidor, & deſleal, onde cuidava que ſe ſalvava diſſo. E como ſe não podia encobrir, deſembarcou, fingindo que levava à el Rei hum recado do Governador da India de grande importancia, & para que ſe lhe creſſe fez hum maço de cartas feitiço.

Ao deſembarcar o foi receber o Corregedor com toda a gente da terra, como couſa eſtranha, & milagroſa, ſabendo q̃ vinha da India, em húa tam pequena embarcação. E aſsi lhe fizerão feſta, & correrão touros. Eſtandoos Diogo Botelho vendo de húa Ianella, foi conhecido do Corregedor que eſtava com elle: & porque ſabia que Diogo Botelho fora degradado para a India, pareceolhe que vinha fugindo, & que por iſſo ſe aventurara à vir naquella fuſta: & determinado de o prender, perguntoulhe ſe era elle parente de hum Botelho que fora degradado para a India, fingindo que lhe não ſabia o nome, porque ſe negaſſe que era aquelle, teria ſua preſunção por verdadeira, & prendelo ia logo. Diogo Botelho ſoſpeitando a tenção do Corregedor, diſſelhe que elle era o meſmo Diogo Botelho que fora degradado, & que Nuno da Cunha por não achar outrem que ſe offereceſſe à tamanho perigo o mandara, por não eſtar bem com elle, & que fizera aquella viagem por o recado que levava ſer de grande importancia, & de tanto ſegredo, que de ninguem fiava as cartas, ſenão de ſi meſmo, & moſtroulhe o maço que conſigo trazia. O Corregedor crendo o que lhe dezia, o não prendeo, mas rogoulhe lhe diſſeſſe que recado levava, ao que elle reſpondeo, que de nenhũa maneira lho podia dizer, porem que por amor delle, poſto que foſſe contra juramento lhe deixaria húa carta em que lho referiſſe, com tanto que lhe deſſe ſua fè, que a não abriria ſe não oito dias deſpois de ſua partida, & aſsi o fez.

Na carta que lhe deixou, dezia o modo de que ia, com que o Corregedor ficou mui deſgoſtoſo por o não prender, &

muito

„ muito mais o foi quando no dia que abrio a carta chegou às
„ Ilhas Simão Ferreira Secretario da India, que por mandado
„ do Governador trazia a nova à el Rei Dom Ioão da fortale-
„ za que Soltam Badur dera em Dio. E posto que Nuno da Cu
„ nha espedio à Simão Ferreira com grande pressa em hum na-
„ vio ligeiro, logo apos Diogo Botelho, quando soube que era
„ partido, para que por elle não soubesse el Rei primeiro a no-
„ va da fortaleza que per Simão Ferreira, succedeo porem asi,
„ porque Diogo Botelho chegou em Mayo à Lisboa muitos
„ dias primeiro que Simão Ferreira, & se appresentou à el Rei,
„ que estava em Almeirim,[a] indo na fusta pelo Tejo acima
„ atè Salvaterra, & lhe disse a causa perque viera da India d'a-
„ quella maneira, para mostrar sua lealdade, & lhe deu as novas
„ da fortaleza de Dio, que lhe Soltam Badur dera. El Rei se ma-
„ ravilhou d'aquella viagem, & as novas festejou muito, & seu
„ leal animo, & o tornou à sua graça, mas não com a satisfação
„ que aquella façanha merecia,[b] (ao costume da terra, na qual
„ raras vezes se pagarão bem serviços asinalados) & foi tama-
„ nho o espanto della, que muita gente, asi naturaes, como es-
„ trangeiros, forão ver aquella fusta à Salvaterra, como cousa
„ admiravel. A qual despois foi levada à Sacavem, onde se man
„ dou queimar, por não ser vista, & se divulgar pelo Mundo,
„ que em tam pequeno navio se podia navegar à India.

a. Francisco de Andrade escreve, que el Rei estava em Evora, aonde fora logo Diogo Botelho.

b. Diogo do Couto diz, que Diogo Botelho esteve algũs annos em Portugal, sem el Rei lhe fazer merce, & à cabo delles lhe deu a Capitania de S. Thome, polo ter fora do Reino: & despois o despachou para a India com a de Cananor. Escreve mais Diogo do Couto, que el Rei logo mãdou fazer solemnes procissões por as novas de Dio, & as escreveo ao Summo Pontifice Paulo III. que as celebrou com outra solemnissima procissão, & Missa Pontifical, na qual fez hũa oração Fr. Theophilo da ordem de S. Agostinho, em louvor d'el Rei D. Ioão, & da nação Portuguesa, a qual traduzida em Portugues refere Diogo do Couto, no cap. 2. do 1. liv. da 5. Decada, onde se pode lèr.

CAPITVLO. XV.

Como o Governador Nuno da Cunha fundou a fortaleza de Dio, & como Vasco Pirez de Sampaio tomou aos Mogoles a fortaleza de Varivene no rio Indo.

TANTO que Nuno da Cunha se vio entregue do baluarte, & do sitio em que se avia de fundar a fortaleza, pôs grande diligencia em ajuntar os materiaes para ella necessarios, no que se deteve atè Novembro, & hum Domingo, xx. dias d'aquelle mes, acabando de ouvir Missa solemne, acõpanhado de todos os Capitães, & fidalgos, & mais gente, com muita festa, deu elle a primeira enxadada nos alicesses que se começarão abrir, o que se continuou com tanta pressa, que quando foi aos xxj. de Dezembro (dia do Apostolo S. Thome,

S. Thome, padroeiro da India) assentou Nuno da Cunha a primeira pedra da fortaleza, com muitas moedas d'ouro debaxo della; & por comprazerem ao Governador, os fidalgos lançarão outras muitas, no que todos mostravão contentamento, & alvoroço, & se festejou com grande estrondo d'artelharia, & de trombetas, atabales, & charamelas. Soltam Badur para mostrar que tambem lhe cabia à elle parte d'aquelle contentamento, & que a obra se fazia por sua vontade, mandou logo à Nuno da Cunha quinze mil pardaos d'ouro, em nome de almorço para os servidores da obra, dos quaes elle mandou muitos. Mas não menos trabalhavão os fidalgos que a outra gente, & todos erão repartidos per quartos, & os Capitães delles andavão à enveja, de quem daria melhor mesa aos do seu quarto, & como cada hum lha dava, assi se lhe ajuntava a gente, & crecia a obra. E por essa causa hum baluarte que Garcia de Sà tinha à cargo (que tem o seu nome, posto que lhe poserão o de Santiago) cresceo mais que todos, porque o fez todo, & gastou nelle muito. E tanta pressa se deu à obra, que antes de se acabar o mes de Fevereiro, era a fortaleza acabada, à qual foi posto nome S. Thome, & provẽdoa o Governador de muita artelharia, & munições, fez Capitão della à Manoel de Sousa fidalgo, de sua pessoa mui valeroso, & esforçado, como na vida, & morte mostrou, & lhe deu para guarda della novecentos homẽs Portugueses. E porq Nuno da Cunha em tudo desejava de comprazer à Soltam Badur, & por lho elle rogar, mandou pedir ao Nizamaluco que lhe não fizesse guerra, porque estando seguro de lha não fazer, tiraria da sua fronteira à Mirao Muhmald, com a gente que nella tinha, que lhe era necessaria para outra parte. Com esta embaxada mandou à Gaspar Preto, que era homẽ para muito, & de grãde recado, o que negociou tambem, que não somente Badur ficou seguro do Nizamaluco lhe fazer guerra, mas ainda deu gente à Mirao Muhmald para a fazer à outros. O que sabendo Badur do Governador, ficou agradecido, & desalivado.

Entre tanto Vasco Pirez de Sampaio proseguindo sua viagem, tambem em serviço de Soltam Badur, chegou à fôz do rio Indo, hum dos mais famosos da Asia. Surto aqui Vasco Pirez, vazou à marè mais de meia legoa, & ficarão os navios em seco, pelo que foi avisado que os despejasse, para que ficassem

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 109. do liv. 8. E Frãcisco de Andrade no cap. 16. da 3. parte.

„ cassem leves quando tornasse a montãte d'agoa; porque se
„ estivessem carregados, se perderião, por trazer grande força,
„ enchendo com macareo: & por tanto elle mandou aboiar a ar
„ telharia, para o que forão postos sobre ella os mastos, & ver-
„ gas dos navios. E quando a marè tornou, vinha o macareo
„ tam alto, & com tamanho impetu, & rugido, que os Portu-
„ gueses recearão que os çoçobrasse, & asi derão os navios tã
„ grandes pancadas na praia, que parecia que se espedaçavão.
„ Passada esta furia foi recolhida a artelharia com o mais, &
„ apparelhados os navios, entrou a armada no rio, onde achou 10
„ Vasco Pirez, o Capitão d'el Rei de Cambaia, a que os Mogo-
„ les tomarão a fortaleza; o qual sabendo que Vasco Pirez ia, o
„ foi alli esperar com a gente que tinha embarcada, & lhe con-
„ tou como os Mogoles sabendo de sua vinda queimarão logo
„ a povoação de Varivene, & se recolherão na fortaleza, a qual
„ era pequena posta à borda d'agoa, com quatro, ou cinco ber-
„ ços. Os Mogoles que nella estavão erão cento & cinquoen-
„ ta. Vasco Pirez levãdo este Capitão, foi pelo rio acima, & sen
„ do ja noute chegou à fortaleza, & sem querer saber mais da
„ disposição della, pela manhãa cedo começou de a cõbater, re 20
„ partindo o cõbate per tres estancias, hũa q̃ elle tinha cõ os Por
„ tugueses, outra Coge Sofar cõ os Turcos, & a outra o Capi-
„ tão d'el Rei de Cambaia com os seus, que erão espingardei-
„ ros, q̃ não avião de fazer mais q̃ tirar aos Mogoles q̃ appare-
„ cessem sobre o muro, para os Capitães sobirem por escadas.
„ Os Mogoles, posto q̃ fossem tam poucos, se defenderão mui
„ valentemente cõ essa pouca artelharia q̃ tinhão, & cõ sua arca
„ buzaria, & muitas frechas, cõ q̃ ferirão oitenta Portugueses,
„ q̃ não puderão chegar as escadas ao muro, salvo Miguel de Aia
„ la, q̃ foi o primeiro que subio, & foi lançado delle, cõ grande 30
„ perigo seu; & asi Martim Afonso de Mello o punho, Manoel
„ Machado, & Ioão de Freitas, q̃ ião apos elle, q̃ forão mal feri-
„ dos, & Ioão Ferreira que caio abaxo morto de hũa frechada.
„ Vendo Vasco Pirez o dãno que os seus recebião, mandou os
„ afastar, determinando de descoroar as ameas do muro, para
„ a gente poder melhor subir, & asi se fez logo com a arte-
„ lharia que mandou tirar em terra. E por esta bateria se aca-
„ bar perto dà noute, deixou de cõmetter a entrada para o
„ outro dia. Mas não esperando por isso os Mogoles, fugi-
„ rão aquella noute, & desampararão a fortaleza. E sendo 40

Vasco

Vasco Pirez avisado de sua ida, desembarcou, & foi apos elles, & matou os que alcançou, & tomada a fortaleza a entregou ao Capitão d'el Rei de Cambaia, & por não tèr mantimentos, & entre elle, & Coge Sofar aver algũa desavẽça, não fez mais guerra aos Mogoles, & se tornou à Dio.

CAPITVLO. XVI.

Como querendo Soltam Badur ir visitar algũas partes de seu Reino, pedio ao Governador lhe desse por companheiro à Martim Afonso de Sousa. E como indo os Mogoles sobre Baçaim, se tornarão com temor dos Portugueses, & Mirao Muhmald os foi lançando de Cambaia.

Fabricandose a fortaleza de Dio, vierão novas à Soltam Badur, que el Rei dos Mogoles despois de tèr tomado Champanel, tomara Amadabad, cidade pricipal de Cambaia, por lha entregar o Capitão della, a qual elle pretendeo, com tenção de ir logo tomar a cidade de Dio, & dala ao Governador Nuno da Cunha, por lha tèr promettida. E por saber que ja estava nella fazendo a fortaleza, deixou de vir. Polo que conhecendo el Rei de Cambaia o favor que ja achava com a fortaleza, & que à sombra della podia defender sua pessoa, & Estado, & muito mais com a asistencia de Nuno da Cunha em Dio, determinou de ir dar hũa vista à algũas partes de seu Reino de Cambaia, asi por dar aos seus mostra de si que era vivo, & com esperança de os poder soccorrer, com favor dos Portugueses, & cobrar seu Estado, como para saber as fortalezas, & lugares que estavão de sua devação. Para o que tomou conselho com o Governador, que lho approvou; & para esta jornada lhe pedio ouvesse por bem que Martim Afonso de Sousa fosse com elle, porque alem do valor de Martim Afonso nas armas, & conselho na guerra, & aprazivel conversação, & outras boas qualidades, eralhe el Rei Badur mui affeiçoado, & dezia, que tanto estimaria levar consigo Martim Afonso, como levar mil Portugueses. O Governador lho concedeo, & mandou mais algũs fidalgos que o acompanhassem.[a]

a. Escreve Diogo do Couto, q̃ os Portugueses q̃ forão cõ Martim Afonso de Sousa, erão quinhentos. E os fidalgos q̃ o acompanharão forão Fernão de Sousa de Tavora, Francisco de Sà dos ocolos, Dõ Diogo de Almeida Freire, Martim Correa da Silva, Manoel de Sousa de Sepulveda, Antonio Moniz Barreto, & outros.
Cap. 10. do liv. 9.
Francisco de Andrade diz, q̃ os Soldados espingardeiros erão cento, & de cavallo cinquoenta fidalgos, & gẽte nobre, a que Badur mandou dar os cavallos.
Cap. 11 da 3. parte.

El Rei se partio, deixando encomendadas ao Governador suas molheres, & sua mai, & familia, & correo alguũs lugares de seu Reino, de que achou alguũs serem leaes, & estarem as fortalezas por elle, & dos que estavão pelos Mogoles soube que tinhão mui fracos presidios, & que os poderião facilmente cobrar. Porque como os Mogoles não fazem longa habitação nos lugares, assi não occupão gente militar, de que tem necessidade em presidios, & os que deixarão erão de pouca gente, & essa mal provida, por não serem elles senhores do campo, & terem longe o soccorro. Mas como el 10 Rei não ia fazer guerra, nem à restituirse d'algũa maneira, senão à dar vista de si à seus vassallos, nem levava campo formado, & lhe derão novas que os Mogoles abalavão contra elle com grande exercito de pè, & de cavallo, não se atrevendo à pelejar com elles, determinou retirarse à Dio. Mas animado per Martim Afonso de Sousa, cõ seu conselho, se sobio à hum monte vezinho, para onde se recolhia grãde multidão de gente q̃ vinha fugindo dos Mogoles, a qual Martim Afonso fez retèr, & alojar ordenadamente, & no cume do monte mandou plantar as insignias Reaes, porque vendoas o inimi- 20 go, & cuidando q̃ aquella gẽte era de guerra, não ousaria cõmetter o monte. Respondeo o successo ao discurso de Martim Afonso; porque logo appareceo no campo hum irmão d'el Rei dos Mogoles com oito mil de cavallo, que estando em Abmadabad teve aviso de como Badur andava pelo Reino com pouco poder, & vinha com aquella gente escolhida para o prender. E como chegou à aquelle campo, & vio sobre o monte as insignias Reaes, & tanta multidão de gente, parecendolhe que toda era de guerra, foi dando vista pelo pè do monte, & saindose do campo. Martim Afonso contra 30 vontade d'el Rei com os poucos da sua companhia desceo à baxo para reconhecer o caminho que levavão os inimigos, & os vio entrar per algũas aldeas, & queimalas; & não podendo remedear aquelles dános, por não tèr gente, tornouse à el Rei, que ficou no monte aquella noute com grandes vigias. E sabendo que os Mogoles se ião recolhendo, mandou alguũs Capitães que os seguissem, atè de todo se sairem do Reino. E receandose de outra volta, se recolheo à Dio, mui satisfeito dos Portugueses que o acompanharão, aos quaes fez muitas merces. 40

Diogo do Couto no capit. 10. do livro 9.

Sabendo

Sabẽdo o Governador, que os Mogoles ſe movião, receou q̃ foſſem ſobre Baçaim, & o tomaſſem, pelo q̃ mãdou Garcia de Sà que foſſe para là, & lhe deu quatrocentos Portugueſes que foſſem com elle, & aſsi lhe mãdou, q̃ entretanto juntaſſe os materiaes neceſſarios para elle ir fazer naquelle lugar hũa fortaleza como ſe acabaſſe a de Dio. Eſtando Garcia de Sà em Baçaim chegou Gaſpar Preto que vinha do Nizamaluco, ſobre deixar a guerra de Cãbaia; o qual lhe deu novas, que vindo de lâ para Dio ſoubera que ia hum Capitão d'el Rei dos Mogoles ſobre Baçaim com vinte mil de cavallo, & gente de pè ſem conto para o tomar, & dalo à Melique Liaz, que ſe lançou com el Rei dos Mogoles, como fica ditto atras. E que os corredores deſta gente chegarão tam perto delle, que lhe cattivarão algũas peſſoas de ſua companhia; pelo que lhe fora forçado deixar o caminho que levava, & ir à Damam, & d'alli viera per mar à Baçaim. Garcia de Sà que ja ouvira eſta nova, ficou mui triſte, quando vio que a confirmava Gaſpar Preto, com cujo parecer, & d'outros muitos determinou de não eſperar os Mogoles, vindo ja tam perto, porque lhes parecia temeridade, não ſendo mais de quatrocẽtos, & os inimigos ſem conto, eſperalos em cãpo, polo que ſe apercebeo para embarcarſe, & irſe. A gente da terra, & os mercadores eſtrangeiros que hi reſidião, & ſe tinhão por ſeguros cõ a preſença de Garcia de Sà, ſe derão por perdidos, & tudo erão lamentações, & alaridos das molheres, & meninos, quando vião entrouxar os Portugueſes.

Antonio Galvão que alli eſtava, vendo a grande quebra, & deſcredito que era para os Portugueſes irẽſe d'aquella maneira, principalmente em tempo em que toda a cõfiança d'el Rei de Cambaia eſtava nelles, parecendolhe mal aquella determinação, fez hũa falla à Garcia de Sà, dizendolhe, que não lhe podia negar, que quando alli vèo para defender Baçaim dos Mogoles não ſabia q̃ os homẽs que trazia não erão mais dos que agora erão em reſpeito dos inimigos. E que neſſe tẽpo imaginara mui bẽ quantos avião de ſer, pois querião tomar aquella terra, à que o Governador o mandara para lhes reſiſtir. E que tambem lhe não negaria, que bem ſabia quando alli o mandarão, que não tinha onde ſe defendeſſe, ſenão no campo pelejando. E que pois ſe entam não eſcuſara de aceitar eſſa empreſa, podendoo fazer ſem deſonra, pois ninguem

Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 122 do liv. 8. E Franciſco de Andrade no cap. 12. da 3. parte.

„ o sabia, que não era decente escusarse agora com ficar deshonrando à si, & aos Portugueses com tamanho descredito, pois era em publico: & que por sostentar o credito que seus passados tinhão ganhado na India à custo do sangue de tantos, cõpria à serviço de Deos, & d'el Rei, & da sua Patria, não degenerar delles, & alli perder as vidas, que durão tam pouco. E q̃ assi lho requeria o fizessem. Quanto mais, que sem as perder, se poderião defender com a artelharia, & espingardaria, que tinhão, que lhe defenderião a dianteira, & as costas o mar: & brevemente farião hũa tranqueira da muita madeira, que alli tinhão, que com hũa cava ficaria fortisima. A gente plebeia não approvava o que Antonio Galvão dizia; mas primeiro que Garcia de Sà lhe respondesse, começarão de dizer, que o que Antonio Galvão dizia, era escusado: o q̃ elle sentio muito, vendo que se não punha em prattica, o que avia proposto. Mas Garcia de Sà, à quem aquelle conselho pareceo bem, lhe louvou as razões que deu, & lhe pedio, tomasse à seu cargo fazer a metade da tranqueira: & asi a fez. A gente da terra, & os estrangeiros, se ajuntarão com Garcia de Sà, & o ajudarão. O Capitão dos Mogoles sabendo quam fortalecidos os Portugueses estavão, deixou a ida de Baçaim, & tournouse: no que os Portugueses ganharão muito credito, & honra, a qual toda se attribuio à Antonio Galvão, que deu o conselho.

Vindo à noticia de Mirao Muhmald sobrinho d'el Rei de Cãbaia, que os Mogoles não ousarão ir à Baçaim, & que elle não tinha ja que fazer na frontaria de Damam, estando amigo com o Nizamaluco, & que el Rei dos Mogoles era ido caminho de Bengalla, & a gente, que deixava em algũas forças de Cambaia, não era bastante para lhe impedirem andar pelo Reino, com a que elle tinha, & com outra que lhe Soltam Badur mandou, & com a que lhe Nizamaluco deu, lhe fez logo guerra, & lhe tolheo os mantimentos, de que tinhão muita falta, por não estarẽ senhores do campo, de maneira que forão alargando as fortalezas, & se forão hũs para suas terras, outros para Emirzaman cunhado de seu Rei, que se passou a el Rei de Cambaia: & acodindolhe d'ahi adiante mais gente, pôs a cousa em estado, com que Badur despois cobrou todos os seus senhorios.

(***)

CAPI-

CAPITVLO XVII.

Como Soltam Badur se arrependeo de dar a fortaleza de Dio aos Portugueses, & quisera fazer entre ella & a cidade hum muro, com que a cegara, & como o Governador o pacificou, & se foi à Goa.

SENDO Soltam Badur naturalmente de sua condição inquieto & inconstante, que lhe não durava muito hũa vontade, & estava ja desapressado do Nizamaluco, & em esperanças de o ser dos Mogoles, quando vio a fortaleza de Dio acabada, arrependeose em grande maneira de a ter concedida aos Portugueses, & ja que a não podia desfazer, determinou de a cegar, com mandar fazer hum muro entre ella & a cidade, de maneira que a cidade não ficasse subjugada da fortaleza, com tenção, que ido Nuno da Cunha, faria no muro baluartes, com que podesse batter a fortaleza, & tomala. Com esta determinação, mandou dizer ao Governador por Nina Rao Capitão de Dio, que avia de fazer o muro. O Governador, avendo conselho com seus Capitães, assentarão, que Fernão Roiz de Castellobranco lhe fosse dizer, que a fortaleza era sua, & elles seus, que por isso era escusada aquella parede. El Rei lhe respondeo, que aquella parede queria fazer para evitar escandalos entre os seus, & os Portugueses, & não se quebrar a amizade que tinha com el Rei de Portugal. E passando algũs recados de parte à parte, mandou dizer ao Governador, que elle não se obrigara pelo contratto das pazes à ser sujeito à Portugueses, se não à darlhe lugar para hũa fortaleza, & que elles o querião forçar à que não fizesse hũa parede em sua terra: & porque Fernão Roiz levava ordem do Governador, que insistindo el Rei em fazer a parede, o desenganasse, que o Governador lho não avia de consentir, elle o fez assi: de que Badur ficou mui resentido, parecendolhe que era grande quebra sua, tam secco desengano, & bẽ se entendeo delle, que se pudera, logo se vingara do Governador. Mas como tinha pouco poder, & ainda os Mogoles andavão em Cambaia, disimulou este odio, determinando de tomarlhe a fortaleza à seu tempo.

 E estan-

Estando algũs dias que de arrufado se não vira com o Governador, lhe mandou dizer por Nina Rao, que lhe desse a gente que lhe prometera para ir contra os Mogoles, & escusandose elle disso, por ser inverno, & dilatandoo para o verão seguinte, com receo que dandolha, a matasse à traição. Queixouse el Rei muito de lhe o Governador não comprir o contrato, dizendo, que elle buscaria seu remedio, & fez com Nina Rao que dissesse ao Governador em segredo, como de seu, que el Rei Badur queria irse para Meca, para que entendesse o Governador que sua ida seria para trazer soccorro do Turco. E posto isto em conselho, crendo todos que seria asi, segundo el Rei era voluntario, & determinado, assentarão, que convinha detelo por a divisão que avia em Cambaia. E fazendo o Governador que se vissem ambos, por el Rei estar na quintãa de Melique Az, virãose na ponta de Dio, aonde o Governador foi em hũa fusta, & com elle Martim Afonso de Sousa, Manoel de Sousa, Dõ Gonçalo Coutinho, Fernão Rodriguez de Castellobranco, & Ioão da Costa Secretario do Governador. El Rei o esperou em outra fusta, acompanhado de quatro, ou cinquo Senhores Grandes de seu Reino.

O Governador se metteo na fusta d'el Rei, & ambos na poppa, ficando os fidalgos, & Senhores de fora. Alli fez el Rei hũa longa prattica ao Governador toda de queixumes de lhe não comprir o contratto, como elle comprio. E por o Governador estar doente, pedio à el Rei, que permitisse responder por elle Fernão Rodriguez que sabia bem d'aquelle negocio. O qual lhe disse, que S. A. era o que não compria o contratto, porque lhe concedera hũa fortaleza, & a vira fazer, & agora lhe tirava os olhos, & a vista, pois com a parede ficava cega, & imperfeita, & differente das outras fortalezas, & que as doações que os Principes fazião se entendia per dereito de todas as gentes, que avião de ser largas, & liberaes, & não diminutas, & inutiles, que não hõrassem à quem as dava, nem aproveitassem à quem as recebia. E que a fortaleza era para S. A. tam proveitosa, como para os Portugueses, que ja erão seus, & estavão alli para o servir, & morrer em sua defensão quando comprisse. E que a gente que lhe pedia, que ainda que lha agora desse, não podia fazer com ella cousa algũa, porque por ser inverno não podia estar em campanha, que no verão quando lhe poderia servir, lha daria quanta quisesse. E

que

que o mesmo fizera ainda q̃ não estivera capitulado no contratto, por a vontade que tinha de o servir. E que não cuidasse outra cousa. Com aquellas razões, & outras se abrandou el Rei, & prometteo de se vir para a cidade, dizendo, que não ia logo porque não cuidassem os Mouros que o levavão forçado. E o Governador se tornou, & ao outro dia se foi el Rei para a cidade como tinha promettido, & se reconciliou com o Governador, ainda que não de coração, porque determinava de lhe tomar a fortaleza como visse tempo.

10 Avendo pois o Governador fundada a fortaleza, & estando de acordo com Soltam Badur, & deixando Manoel de Sousa bem provido de gente, mantimentos, & munições, & do mais que compria para sua defensa, [a] antes de se partir para Goa, teve com el Rei todos os comprimentos devidos, dizendolhe, que alli deixava Manoel de Sousa com toda aquella gẽte, & armas, mais para o servir, que para guarda da fortaleza: & que isso era o que lhe deixava mais encarregado; & que todas as vezes que fosse necessario acudir elle Nuno da Cunha em pessoa com todo o Estado da India, o faria por o servir. E 20 que ia contente de si, por ver que ja tinha cobrado parte de seu Reino; & que esperava em Deos, que por aquelle serviço que fizera à el Rei seu Senhor, em lhe dar lugar para aquella fortaleza em Dio, seria causa para elle Soltam Badur tèr mais seguro, & mais quieto d'ahi em diante o seu Estado. Com estes offerecimentos, & outros necessarios ao tempo, se despedio d'el Rei, ficando ambos muito amigos. Nina Rao o tio d'el Rei Capitão de Dio, receandose que não faltasse hũ acha que com que el Rei hum dia o mandasse matar, como tinha feito à muitos, pedio à Nuno da Cunha em muito segredo, 30 que deixasse ditto à Manoel de Sousa, que sendolhe necessario o recolhesse à elle com sua molher, & filhos, & familia na fortaleza; porque se temia da inconstancia d'el Rei, & que elle o serviria. Nuno da Cunha o deixou mui encarregado à Manoel de Sousa, folgando muito de tèr por amigo hum homem tam principal como aquelle. Ordenadas todas estas cousas, partio Nuno da Cunha de Dio à xx. de Março do anno de M.D.XXXVI. & foi à Baçaim onde chegou cõ toda sua armada, & vendo a tranqueira que se fez por conselho de Antonio Galvão, gabou a muito, & foi ver o sitio onde se avia de 40 fazer a fortaleza, a qual começou logo: & por fazer honra à

a. Deixou o Governador por Capitão do baluarte do mar à Lionel de Sousa de Lima cõ trinta espingardeiros. Fez à Antonio da Veiga Feitor, & Alcaide mòr. A Pedralvarez de Almeida Ouvidor. No rio deixou duas albetoças, hũa caravella, hũa galè, & quatro catùres para o serviço: & na fortaleza sesenta peças d'artelharia, a melhor q̃ entã avia na India. Na Igreja (q̃ se fez no alto da fortaleza, & tam forte, q̃ della podia jugar a artelharia, sendo necessario) pòs Vigairo com seis Sacerdotes. Fez pagamento à toda a gente de seis meses, & entregou ao Feitor dez mil pardaos para o que fosse necessario, & para se continuar cõ as obras da fortaleza.

Francisco de Andrade cap. 17. da 3. parte.

Antonio Galvão quando ſe abrirão os aliceces, mandoulhe que deſſe elle as primeiras enxadadas, & poſeſſe a primeira pedra, & deixando Garcia de Sà para acabar a obra, partioſe para Goa, onde foi recebido cõ muita alegria, por deixar mais duàs fortalezas de hũa viagem, tam importantes, como a de Dio, & a de Baçaim, accreſcentadas ao Eſtado da India.

CAPITVLO. XVIII.

Como Garcia de Sà Capitão de Malaca, por engano d'el Rei de Achẽ, lhe mandou Manoel Pacheco em hum galeão à boa fé, & elle, & os que levava forão mortos à traição.

GVardando a ordẽ com q̃ começamos de tratar das couſas de Malaca, & Maluco apos as da India, das quaes por as não interrõper, ha muito q̃ não fallamos; he tẽpo de relatarmos o q̃ naquellas partes ſuccedeo. Ditto temos atras, como em tẽpo de Lopo Vàz de Sampaio, foi morto Simão de Souſa Galvão, indo para ſervir de Capitão mòr do mar de Maluco, com a maior parte dos que levava, & outros ficarão cattivos, & entre elles Iorge de Abreu, & Antonio Caldeira. Feita aquella maldade por el Rei de Achẽ, & fingindo elle q̃ lhe peſava d'aquelle ſucceſſo, não ſatisfeito cõ tam pequena preſa, mandou dos cattivos tres à Pero de Faria Capitão q̃ entã era de Malaca, dizendo, q̃ elle folgaria de tèr paz com Malaca, & queria tornalhe a galè, & os cattivos q̃ là tinha, para o q̃ lhe enviaſſe algũa peſſoa para aſſentar eſta paz cõ elle, & lhe fazer entrega de tudo.[a] Pero de Faria vendo quãto importava à navegação de Malaca tèr paz cõ aquelle Rei, q̃ ia creſcendo em poder, & q̃ não lhe faltava mais para fazerſe Senhor da maior parte de Samatra, q̃ tomar o Reino de Arù vezinho de Malaca, cõ o qual elle entã eſtava de guerra, ouve q̃ Deos lhe movia o animo para noſſo beneficio na paz q̃ cõmettia. E logo mãdou armar hũa lanchara cõ algũs Portugueſes ſomente para ſaber ſe era verdadeira aq̃lla ſua tenção, para niſſo prover cõforme ao q̃ achaſſe nelle. Os quaes Portugueſes forão mui bẽ tratados delle, & lhe deu grãdes dadivas, q̃ cõfirmavão o q̃ elle mandara dizer à Pero de Faria. Mas como elle era traidor, & ſem

a. Tendo o Achem aviſo que em Malaca eſtava hũ Embaxador d'el Rei de Arù, amigo dos Portugueſes, que vinha pedir ſoccorro contra elle ao Capitão Pero de Faria, & ſabendo q̃ ſe apreſtava o ſoccorro, receando q̃ cõ elle lhe faria muita guerra el Rei de Arù, para o eſtorvar mandou Antonio Caldeira, offerecẽdo a paz, cõ as condições referidas., q̃ parecendolhe à Pero de Faria q̃ dellas gaubava mais que no ſoccorro d'el Rei de Arù, deixou de lho dar, poſto q̃ com grande cõtradição de Martim Correa, que conhecendo as traições do Achẽ, lhe acõſelhava q̃ não deixaſſe de dar ſoccorro ao Arù, pelas falſas promeſſas do Achẽ. Mas perſuadido Pero de Faria de Antonio Caldeira, eſpedio ao Embaxador d'el Rei de Arù ſem ſoccorro, & mãdou dous homẽs à Malaca à tratar das pazes, q̃ aportarão à hũa Ilha na coſta do Achẽ, onde forão mortos. E ao Arù mandou Fernão de Moraes em hum galeão, à darlhe ſatisfações de o não ajudar naquella occaſião contra o Achem, que forão d'el Rei mal recebidas.

Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 83 do liv. 7.
Diogo do Couto Dec. 4. liv. 5. cap. 8.
Franciſco de Andrade 2. parte. c. 37.

& sem fè, mádou saltar com elles ao caminho, & forão todos mortos, & a láchara mettida no fúdo, porq̃ não apparecesse.[a]

E avendo seis meses q̃ tinha isto feito, sendo ja Garcia de Sà Capitão de Malaca, q̃ succedeo à Pero đ Faria, escreveolhe este Mouro húa carta cõ sobrescritto para Pero de Faria, em q̃ lhe dezia, q̃ avendo tãto tẽpo q̃ là mãdara húa lanchara cõ certos homẽs sobre o negocio da paz q̃ queria tèr cõ elle; estãdo esperando por sua resposta atè entam não vira seu recado. E porq̃ elle estava na mesma vontade, lhe pedia mandasse là algúa pessoa notavel para isso, por não irem, & virẽ recados, & fez escrever à Iorge de Abreu, & aos outros Portugueses que là tinha cattivos, quanto elle desejava a paz, & que logo os soltaria. E que a causa principal porque a desejava, era por tèr guerra com el Rei de Arù, & queria favorecerse com Malaca, & tèr os Portugueses por amigos. E como homẽ falso que era, neste tempo trattava estes cattivos com muito mimo, para elles escreverem à Garcia de Sà este bom tratamento, & debaxo desta simulação armava a traição mais à seu proposito, como aconteceo, posto q̃ o caso mais foi descuido, & simplicidade dos nossos, que astucia sua.

Porq̃ vendo Garcia de Sà este recado, parecendolhe q̃ não avia outra maior verdade, segúdo lhe os nossos escrevião, mãdou apparelhar o galeão S. Iorge, que era de dozentos toneis, armado cõ sette bombardas grossas, tres falcões, & vinte berços, & muitas panellas de polvora, com oitẽta & cinco Portugueses, os principaes de Malaca, ordenado tudo cõ cautela de as lãcharas deste Tyranno lhe não poderẽ fazer dãno. Deste galeão mãdou Garcia de Sà por Capitão à Manoel Pacheco, q̃ era mui bõ cavalleiro, o qual cõ seu descuido o foi entregar às lancharas de Achẽ, asi como ia armado. Porq̃ chegado ao porto de Achẽ, hũ pouco ao mar, por lhe calmar o vento, vierão logo à elle algúas lãcharas da parte d'el Rei saber quẽ erão, & o q̃ querião. Ao q̃ elle respondeo o à que vinha, & q̃ ao outro dia, se não ventasse, lhe mandasse lancharas para o rebocarẽ, & metterẽ no porto. El Rei como isto lhe vinha à poppa do q̃ tinha ordenado, mandou logo soltar suas lancharas, com algũs baileus altos, q̃ andão no meio dellas, donde pelejão, à maneira das redes q̃ cà usamos, & os remeiros ficão per baxo, & todos cõ grandes festas, mostrando q̃ o fazião por hõra dos nossos. Muitos que não erão acostumados à guerra das

a. Estes Portugueses diz Diogo do Couto q̃ forão mandados por Garcia de Sà, em cõpanhia de hum Embaxador do Achem, per quem elle mandou pedir pazes à Garcia de Sà, com as condições q̃ offerecera à Pero de Faria. O qual Embaxador entrou com grande apparato em Malaca, sobre hum Elefante, com hum prato d'ouro nas mãos, em que levava a carta d'el Rei do Achem, para o Capitão, & diante delle ia hum homem como Rei d'armas, q̃ ao som de algũs instrumentos publicava em alta voz q̃ el Rei do Achem mandava cõmetter pazes, & amizades aos Portugueses.

Diogo do Couto cap. 9. do liv. 5.
Francisco de Andrade cap. 46. da 2. parte.
Fernão Lopez de Castanheda cap. 99. do liv. 7.

lancharas, quando as virão, espertarão ao Capitão, dizendo, que lhe não parecia bem aquelle modo de festa, que por qual quer maneira q̃ fosse os devião de receber armados, & postos em ordem de peleja. O Capitão Manoel Pacheco, à quem parece que sua hora o enganava, & asi a de muitos q̃ alli erão, começou à bradar que se não armassem, que dãnavão todo o concerto, & ordẽ q̃ levava de assentar a paz, q̃ o não desonrassem, & se deixassem estar, nẽ fizessem alvoroço, porque na descõfiança q̃ mostravão, dãnavão o à q̃ vinhão. E como homem q̃ recebia irmãos, & não inimigos, deixouse estar cego, & contumaz naquella perfia. De maneira, que o galeão ficou per todas partes cercado, & dos baileus saltarão os Mouros dẽtro, ferindo algũa gente: quando Manoel Pacheco acordou d'aquella modorra que tinha, foi o primeiro que os Mouros matarão às frechadas, sem elle tèr arma na mão com que se defender. O mesmo aconteceo aos outros, que estavão na propria cegueira. Os q̃ se poserão em defensão, erão tã poucos em respeito do grande numero dos inimigos, q̃ quasi todos morrerão.[a] O galeão foi appresentado à el Rei cõ muita festa, q̃ para os cattivos que estavão esperãdo sua redempção foi a mesma morte, & entam entenderão que o bom trattamento que lhes d'antes fizerão, era para aquelle fim.

a. Os que escaparão vivos forão levados com o galeão à el Rei, que os mãdou matar, & aos outros Portuguesses da galè de Simão de Sousa, que tinha cattivos.

Fernão Lopez de Castanheda cap. 99. do liv. 7.

O Tyranno como vio que por fabricar aquella maldade avia de ficar perpetuamente em nosso odio, assentou pazes com el Rei de Arù, com fundamento que com seu favor, & com ajuda d'outros Mouros vezinhos, com que naquelle tempo estavamos de guerra, podia tomar Malaca. Esta pretensão lhe facilitava hum Mouro honrado de Malaca, por nome Sinaia Raja, que acerca dos Malaios tinha muita autoridade, com quem este Rei de Achem se carteava, & por cujo conselho, & instrucção tomou o galeão per aquelle engano. O qual lhe mandou dizer, que buscava tempo para lhe dar nas mãos a fortaleza de Malaca, como lhe dera o galeão, & a galè. E correo muito risco de ser assi, se a cousa se não descobrira por os mesmos Malaios. „ Porque andando muitos Mouros de Achem d'armada ao lõ„ go da costa de Malaca, ajuntarãose algũs Malaios cõ os Achẽs „ onde chamão o Tanque, & alli fizerão hum banquette, em q̃ „ os Achẽs despois de se esquentarem cõ o vinho, contarão aos „ Malaios como por instrucção de Sinaia, el Rei de Achem tomara

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 10 do liv. 7.

E Diogo do Couto no cap. 7. do liv. 5.

tomara o galeão, & como mandara matar no mar secretamē te o Embaxador de Pero de Faria para mais disimulação, & tinhão concertado de tomar a fortaleza em hum certo dia, ao tempo que Garcia de Sà estivesse na Igreja com toda a gente. Disto foi logo avisado Garcia de Sà per algũs d'aquelles Malaios, que erão seus amigos, & assentou de matar Sinaia com o menos alvoroço que pudesse ser. Polo que logo o mandou chamar, & vindo com hũ seu enteado por nome Tuam Mahamed, & dandolhe razão do que tinha sabido da sua traição, lhe mandou atar as mãos atras, & lançalo da torre de homenagem abaxo, & assi foi morto. A Tuam Mahamed que não tinha culpa consolou, & acompanhado o mandou para sua casa, o qual com sua mai, & com toda sua fazenda o mais secretamente que pode se saio de Malaca, & se foi para el Rei de Vjantana. Os Malaios ficarão espantados, & comparavão aquelle caso ao de Vtimuta Raja, em tempo de Afonso de Alburquerque, & dezião, que os Portugueses sabião muito, que não se lhes escondia nada. E desta morte de Sinaia Raja ficou el Rei de Achem muito triste, por se descobrir o què tinha feito, & o que pretendia fazer.

CAPITVLO. XIX.

Como Gonçalo Pereira indo à Maluco mandou visitar à el Rei de Borneo, & como chegando à Ternate, a Rainha lhe mandou pedir justiça de Dom Iorge de Meneses, & que soltasse seu filho.

Gonçalo Pereira, q̃ el Rei D. Ioão mandou deste Reino provido da Capitania de Maluco, avēdo de fazer sua viagē, o Governador Nuno da Cunha lhe deu regimento, q̃ de Malaca fizesse seu caminho pela Ilha de Borneo; para de sua parte visitar à el Rei, & tomar alli algũa mercadoria necessaria para Maluco. E partindo elle de Malaca em Agosto de M.D.XXX. & fazendo seu caminho per entre muitas Ilhas, chegou ao porto da cidade dBorneo, da qual como mais principal se denomea toda a Ilha, & logo mandou hũ presente à el Rei per Luis de Andrade, q̃ ia por Alcaide mòr da fortaleza de

Este Capitulo, & os dous seguintes, & o Capitulo vintequatro, se ampliarão quanto pareceo necessario, por deixar Ioão de Barros escrita a substācia delles em mui poucas regras.

de Ternate, & dizerlhe, que el Rei de Portugal, & o ſeu Governador da India o mandava alli para o ſervir no que lhe mandaſſe, porque deſejava muito ſua amizade, & que ſeus vaſſallos foſſem trattar à Malaça, como iáo d'antes, onde ſeriáo mui bem recebidos, & tratados, & que os Portugueſes foſſem à ſeus portos, & tiveſſem nelles cõmercio. Com o recado do Governador moſtrou el Rei muito goſto, & reſpondeo à elle com muitas palavras de agradecimentos, & offerecimentos de ſua amizade, & de fazer tudo o que ſe lhe pedia, & deſpachado em breve Luis de Andrade, mandou com elle dous Mandarĳs viſitar à Gonçalo Pereira, & levarlhe hum preſente.

Era eſte Rei de Borneo na ſeita Mouro, como tambem eráo os ſeus, rico, & poderoſo, & que ſe ſervia com grande eſtado; tinha hum Governador, que por elle regia o Reino, à q̃ em ſua lingoa chamáo Xabandar. Sáo os d'aquella Ilha gente baça, mas bem diſpoſtos; no trajo dos veſtidos, & lingoa ſáo como os Malaios. He terra mui abaſtada de carnes, arroz, & outros muitos mantimentos, & de mercadorias da terra de muito preço. Naſcẽ nella pelas praias do mar junto da cidade de Tãjapura diamãtes mais finos, & de maior valia q̃ os da India,[a] & per toda ella naſce a verdadeira canfora em arvores, como na Europa naſce a reſina, & eſta he a q̃ na India tẽ gran de preço, q̃ a q̃ là vai da Perſia he falſificada.[b] A cidade de Borneo he grãde cercada de muro đ ladrilho, de nobres edificios, onde os Reis reſidẽ, & tẽ hũs paços ſumptuoſos. Habitáo em Borneo, Lave, Tãjapura, Modurò, Ceravà, portos principaes deſta Ilha, muitos, & mui ricos mercadores q̃ trattáo em Malaca, Samatra, Siáo na China, & outras partes, à q̃ leváo diamãtes, canfora, pao de aguila, & mantimentos, & hum vinho q̃ chamáo Tampor, que he o melhor que ha entre os artificiaes.

D'aquella cidade partio Gonçalo Pereira, deixando el Rei muito amigo, & chegou à Ternate em Outubro do anno de M.D.XXX. Dom Iorge de Meneſes, quando ſoube q̃ Gonçalo Pereira ia provido da Capitania de Ternate por el Rei, & que levava conſigo Lionel de Lima, q̃ era ſeu inimigo, temeo que per elle ſeria mexericado cõ o Governador, & ſe deu por preſo; & para não ficar tam afrontado ſe o foſſe, ſaindo receber à Gonçalo Pereira, deſpois de lhe entregar a fortaleza, & as chaves della, & à el Rei Cachil Daialo, tomou na máo hũs

a. Em duas partes da India ſe achão Diamantes, em Biſnagà, & no Decan na terra de hum Senhor gentio, perto do Eſtado do Madre Maluco. Em Biſnagà ha duas, ou tres rocas, ou minas delles: & no Decan hũa, que chamão a Roca velha, cujos Diamantes ſão melhores, poſto que não tam grandes como os de Biſnagà. Eſtes de Tanjapura na Ilha de Borneo ſão de muita eſtima por ſua perfeição, como diz Ioão de Barros, mas peſão muito. Criãoſe neſtas rocas os Diamantes em eſpaço de tres annos. Os Arabios, & Mouros lhe chamão Almaz: os Gentios de Biſnagà & Decan, Irà: & os Malaios, Itam. Não ſe abranda, nem ſe lavra o Diamante com ſangue de cabrão, não tira a virtude à pedra de Cevar, com qualquer martello, & pouca força ſe quebra, & os ſeus poos não ſão peçonha, nem matão: cõtra o que eſcrevem autores graves, & a vulgar opinião.

Garcia d'Orta no livro dos ſimples, & drogas da India colloquio 43.

b. A Canfora à q̃ chamão os Arabios Capur, & Cafur, he hũa goma de arvores grandes, altas, & eſpaçoſas da feição da Nogueira, q̃ tem a folha brãca como a do Salgueiro, & a madeira como a da Faia. Achaſe na China, & em Borneo: eſta não ſe traz à Europa, por aver della mui pouca, & ſer dos Borneos tam eſtimada, q̃ val hũa livra della, quanto val hũ quintal da Canfora da China. Eſta vem à Europa em pães q̃ peſa cada hum delles quatro onças, & a de Borneo he toda em grãos, apartados por hũa joeira de cobre, per que ſe joeira o Aljofar, & o maior delles peſa hum adarme. Tambẽ ſe acha Canfora em Pacem, & em Bairros perto de Malaca.

Garcia d'Orta, Colloquio. 12. & Christovão de Acoſta no tratado das Drogas, cap. 33.

hũs grilhões q̃ lhe levava hũ criado debaxo da cappa, & disse à Gonçalo Pereira, q̃ se tinha necessidade d'aquelles ferros pa ra lhos lançar, alli os trazia, & estaria mui obediente para os re ceber. Ao que respõdeo Gonçalo Pereira, que elle não vinha para o anojar, senão para o servir no que pudesse, comprindo a obrigação de seu cargo. Com isto entrarão na fortaleza, on de Dom Iorge banqueteou à Gonçalo Pereira, deixandoo nella se foi para sua pousada, que ja tinha fora della.

Tanto q̃ a Rainha soube da vinda de Gonçalo Pereira, ella 10 & os Mandarĩjs q̃ com ella se sairão da cidade, lhe mandarão hum Mandarin, homẽ prudente, & q̃ bẽ fallava a lingoa Portuguesa. O qual lhe fez hum grave razoamento sobre as gran des injurias q̃ os Portugueses lhe fizerão, recõtando juntamẽ te os beneficios que dos Ternates receberão, recolhendoos elles com muito favor, & amizade, por a fama q̃ delles avia de esforço, & justiça; pelo q̃ el Rei Boleife lhe deu sitio para faze rẽ sua fortaleza, sem outro interesse mais que o gosto da sua amizade. E q̃ em pago destas boas obras, a molher, & filhos do mesmo Rei, & seus vassallos, vierão ser tam perseguidos 20 dos mesmos Portugueses, q̃ deixadas suas casas, & a terra em que nascerão forão buscar outras, de maneira que cuidando q̃ mettião amigos cõsigo, se acharão com inimigos, & como taes os trattarão. Porque à el Rei Bohaat filho maior do mesmo Rei Boleife, q̃ os agasalhou, contra dereito da hospitalidade, q̃ todas as gentes por feras, & barbaras q̃ sejão reconhecẽ, sendo moço, & innocẽte, o prẽdeo Antonio de Brito sem causa, & despois succedẽdo Dõ Garcia Enriquez não quis soltar, & Dõ Iorge de Meneses prosegulo na prisão do ditto Rei, atè q̃ morreo nella. E para q̃ sempre tivesse preso hum Rei de Ter 30 nate, morto Bohaat, prẽdeo à el Rei Cachil Daialo seu irmão, sẽ mais culpa, q̃ averẽ agasalhado os Portugueses. Do qual Dõ Iorge receberão tantas injurias, q̃ não as podendo sofrer, mudarão a terra, & o estado: porq̃ à Cachil Vaidua tio d'el Rei, & Caciz mòr despois de D. Iorge, o prender por hũa cousa tã vil, como he hũa porca, sẽdo do sangue Real, & de tãta dignidade, por menospreço de sua pessoa, lhe untarão seu rostro cõ hũa posta d̃ toucinho, por ser carne entre elles abominavel, o q̃ foi injuria cõmun de todo o povo, por ser cõtra os preceittos de sua lei, & para lhe não faltar genero de crueza, q̃ não fizesse, sẽ 40 do o Regedor de Tabona homẽ de tãta estima, & autoridade, o man-

o mandára o mesmo Dō Iorge cō as mãos atadas deitar à seus cães,q̄ cō espāto dos q̄ o virão morrera hũa morte cruel,& para magoar à seus mesmos inimigos. E q̄ sobre este, & outros muitos excessos q̄ fizera,matara à Cachil Daroes irmão d'el Rei,& Governador do Reino,& a pessoa principal delle,que tanto fizera por os Portugueses se conservarē em Ternate,dō de per muitas vezes forão lançados,se os elle não defendera. E q̄ temendo a Rainha,& os nobres do Reino,q̄ tambē matasse à elles,se ausentárão da terra. Poloq̄ a Rainha,& os Mandarijs se mandavão queixar à elle Gonçalo Pereira, & pedirlhe lhes fizesse justiça de Dō Iorge de Meneses, & lhes desse seu Rei,para os governar,& mãter em justiça,& para o casarē,& aver filhos q̄ lhe succedessem. E a Rainha particularmēte lhe pedia com grande instancia lhe deixasse lograr seu filho esses poucos dias q̄ avia de viver,pois não tinha outro, & o maior lhe tiverão na prisão atè à morte,sem aver delinquido.

Ouvido o Embaxador, Gonçalo Pereira pôs em conselho a soltura d'el Rei,em q̄ ouve differētes pareceres. Hũs tinhão, q̄ lhes não compria soltalo,porq̄ a Rainha,& os Mandarijs sentirão muito a prisão d'el Rei,afora os mais aggravos que lhes erão feitos,de que muito se escandalizarão; & q̄ como tivessem solto el Rei,se levantarião, para se vingarē dos aggravos passados,& evitarem outros de futuro. Outros dissérão, que antes para os desaggravar,& apaziguar,se devia soltar el Rei: porq̄ se Gonçalo Pereira continuasse na prisão d'el Rei, cuidarião que todos os Capitães lhes prenderião seus Reis, & os avião sempre de aggravar,& como desesperados trabalharião de lançar fora os Portugueses,que erão tam poucos, que não poderião resistir aos Mouros se se ajuntassem em hũa vontade. O que estava certo ser, ainda que entre si estivessem discordes, por ser contra Christãos, inimigos de sua lei, que os querião dominar,& opprimir. E que em fim nenhum Imperio violento era muito duravel, & a longa paciencia dos males, que aquelles padecião tantas vezes offendida, se lhes tornaria em furor. E que se vissem, que elle Gonçalo Pereira lhes soltava seu Rei, & não perseveravão nas sem razões dos Capitães passados, crerião que entre os Portugueses avia homēs humanos, & clementes, de quem podião esperar boa vezinhança, & bom tratamento, & asi lhes ganharião as vontades, & terião a terra pacifica, & quieta.

Este

Este parecer contentou à Gonçalo Pereira, mas assentouse, que a soltura d'el Rei se dilatasse com algum pretexto honesto, atè se acabar a fortaleza, para segurança dos Portugueses. E asi a respòsta q̃ o Capitão deu ao Embaxador da Rainha foi, que era contenre de soltar à el Rei seu filho, & lho entregar, & fazerlhe a vontade, em tudo o posivel, que asi o queria el Rei de Portugal, & lho mandava o Governador, & que lhe pedia muito, que logo se tornasse com seus Mandarijs à Ternate, & que estivesse na amizade que antes tinhão.

10 A Rainha não se aquietou com esta resposta, mas replicou que lhe desse primeiro seu filho, & entam se iria para à cidade. E avendo sobre isto muitas altercações de parte à parte, por remate dellas se assentou, que el Rei se entregasse como os navios partissem para à India, & que Gonçalo Pereira jurasse de o comprir asi, o que fez nas mãos do Vigairo sobre hũa Cruz, sendo presentes os officiaes da fortaleza, & os principaes Mandarijs de Ternate. Com esta promessa, & juramento fizerão os Ternates grande festa, por a esperança da liberdade de seu Rei, & a Rainha com seus Mandarijs se tornou

20 logo à cidade. Gonçalo Pereira mandou visitar a Rainha cõ hum bom presente, & os Mandarijs principaes com outros, & recado que folgaria de os conhecer, & servir, pedindolhes que o fossem ver à fortaleza. Aos quaes indo là fez muita hõra, & gasalhado, & por contentar a Rainha, vestio à el Rei de velludo de cores à Portuguesa, & com certos Portugueses que lhe ordenou para sua guarda, fez que o levassem pela cidade à se desenfadar, do que todos se alegrarão, parecendolhes que Gonçalo Pereira compriria seu juramento, à quem mostravão tèr amor. A este contentamento se acrescentou fazer-

30 lhes Gonçalo Pereira hũ Governador do Reino à vontade da Rainha, & dos Mandarijs, que se chamava Cachil Ato, da geração dos Reis. Neste mesmo tempo, por se queixar el Rei de Tidore, q̃ não podia pagar as pareas do cravo que lhe Dom Iorge de Meneses imposera, porque não lhe ficava de que se mantèr, lhas levantou Gonçalo Pereira, atè vir recado de Nuno da Cunha, por o que ficou muito seu amigo; & tambem ratificou as pazes com Fernando de la Torre, Capitão mòr dos Castelhanos, mandandoo elle visitar da boa vinda.

40 (***)

CAPI-

CAPITVLO XX.

Como Gonçalo Pereira prendeo à Dom Iorge de Meneses, & o mandou preso à India, & executou hum regimento que o Governador lhe deu, sobre a compra, & venda do cravo, & como a Rainha de Ternate, o mandou matar.

VENDO Gonçalo Pereira a terra assessegada, & em paz, mostrando hũa carta do Governador à Dom Iorge, em que mandava lhe tomasse a homenagem, & preso sobre ella se fosse appresentar ante elle na India, & tirasse devassa do tempo que fora Capitão de Maluco; lhe tomou a homenagem per ante os officiaes da fortaleza, pedindolhe perdão, & desculpandose de não poder al fazer, por lhe ser mandado. Quando os Portugueses virão a prisão de Dom Iorge, feita com tanta quietação, & silencio, os que de si sabião culpas, recearão de se trattar delles, & muito mais quando ao Feitor, & à outros officiaes passados, recensearão suas contas. E per esta visita que se fez dos officiaes, se vio quam disipada andava a fazenda d'el Rei; mas Gonçalo Pereira disimulou entã com tudo, por não aver outra gente para guarda da fortaleza. E como estes forão desenganados q̃ aquelle anno não avião de ir à India, mandou apregoar o regimento que levava de Nuno da Cunha, sobre o cravo, que na substancia era o mesmo que Dom Iorge de Meneses levara quando foi à Ternate, do que se causou grande escandalo nos Portugueses, & nos Mouros: nestes por se lhes tirar a liberdade de venderem suas novidades, como, & à quem quisessem: & nos Portugueses, por lhes defenderem comprar aos Mouros, & ficarem necessitados, comprarem da mão dos officiaes d'el Rei per certo preço, sem lhes ficar o ganho que antes tinhão. Mas como per a discordia que sempre avia entre o Capitão que entrava, & o que saia, se tratavão as cousas de maneira, que este regimento se não executava, vendo elles que por esta causa se não deixaria de executar, pela amizade, & conformidade que avia entre Gonçalo Pereira, & Dom Iorge, determinarão de metter entre elles tal zizania, que entendendo en si, se descuidassem dos outros

outros, & da execução do Regimento. Asſi o fizerão, & com tanto artificio tramarão eſta tea, que vierão Gonçalo Pereira, & Dom Iorge à grande odio, & à temerſe cada hum do outro. Polo que quando vèo Fevereiro de M.D.XXXI. tempo para partir para a India, entregou Gonçalo Pereira preſo Dom Iorge de Meneſes à Lionel de Lima, â quem deu as devaſſas que tirou, & carta para Nuno da Cunha, à quem tambem a Rainha de Ternate eſcreveo per dous criados que à iſſo mandou, pedindolhe juſtiça de Dom Ior-
10 ge. Elle foi tèr à India, & Nuno da Cunha o mandou à Portugal, onde foi condenado em degredo para o Braſil, & nelle morreo pelejando contra o Gentio. E eſte foi o primeiro caſtigo dado per culpas d'aquellas partes, ſendo eſte fidalgo hum dos principaes que na India mereceo outro galardão.

Gonçalo Pereira como ſe vio deſembaraçado com a partida de Dom Iorge de Meneſes, entendeo com muita diligencia em acabar a obra da fortaleza, de que os Capitães paſſados ſe deſcuidarão.[a] Tambem executava a
20 pragmatica do cravo com mais rigor, do que demandava tam pouco numero de Portugueſes em terra tam remota, poſtos entre tantos inimigos; para o que avia meſter telos contentes, & concordes. Polo que indinados com eſtes rigores, & inſtigados de ſeu intereſſe, & ganho, que per tantos perigos, & tam longa peregrinação forão buſcar, não ſomente deſamavão ao Capitão, & lhe deſejavão a morte, mas lha procurarão: para o que perſuadirão à Rainha, & aos Mandarijs, que ſe não mataſſem à Gonçalo Pereira, elle tinha em tenção deſtroir à todos, &
30 que fora eſtava de ſoltar à el Rei.

A Rainha vendo que Gonçalo Pereira lhe não ſoltava ſeu filho como avia jurado, (o que elle deixava de fazer, por não tèr acabada a obra da fortaleza, & receava que a eſtorvaſſe a ſolturra d'el Rei, & que tendoo preſo o ajudarião os Ternates) creo o que os Portugueſes lhe dizião, & determinou de mandar matar à Gonçalo Pereira. Para iſto lhe pareceo boa occaſião eſtar el Rei ſeu filho na fortaleza, & com elle ſeus irmãos, & muitos Mandarijs mancebos que ião à folgar com elle, & o Governador Cachil
40 Ato, aos quaes pola cõtinuação de irem, & eſtarem, não buſ-

a. Para eſta obra mandou Gonçalo Pereira Luis de Andrade pedir madeira à elRei de Tidore, q̃ elle lhe deu com boa vontade. E porque o Regedor de Maquiẽ eſtava levantado, & não queria pagar as pareas q̃ Dom Iorge lhe puſera, mandou Gonçalo Pereira contra elle Vicente da Fonſeca, & Cachil Ato, com armada, & gente. O Regedor fugio para Geilolo, cujo Rei, & Fernão de la Torre o reconciliarão com o Capitão, & tornando à ſeu Eſtado, pagou as pareas q̃ devia. Francisco de Andrade cap. 72. da 2. parte.

cavão ſe levavão armas, polo que as podião levar ſecretas. Vindo o dia da veſpora de Pentecoſte d'aquelle anno de XXXI. em que eſtava aſſentado de matarem à Gonçalo Pereira, & à todos os Portugueſes, para ſe livrarem do ſeu jugo, que lhes era mui peſado; ſendo horas de ſeſta, & Gonçalo Pereira recolhido na ſua camara à repouſar, Cachil Ato ſe foi à fortaleza, com Cachil Cabalou ſeu ſobrinho, & outros nove mancebos conjurados para aquelle feito. O porteiro conhecendo à Cachil Ato, & ſabendo que ia muitas vezes à aquellas horas à fallar à Gonçalo Pereira, o deixou entrar, ſem o buſcar ſe levava armas, nem à algum dos outros.

Neſte tempo ia da fortaleza para a cidade hum Portugues, o qual vendo na Meſquita junto da fortaleza gente d'armas, que alli eſtava recolhida para acodir à Cachil Ato, & à ſeus companheiros, parecendolhe que não era ſem algum miſterio, fez volta à fortaleza. Os Mouros temendo que foſſem per elle deſcubertos, ſairão algũs ao matar, & andando com elle às cutiladas, hũa eſcrava do Capitão que aſſomou à hũa janella, & o vio, bradou que matavão os Mouros à hum Portugues. Aos brados acordou Gonçalo Pereira, & com hũa eſpada, & adarga abrio a porta da camara para ſair fora, & achou Cachil Ato, & os mais companheiros com ſeus criſes arrancados para o matar; & poſto que Gonçalo Pereira defendeo a entrada mui esforçadamente, os Mouros entrarão pelo repartimento da camara que derrubarão, & com muitas feridas matarão ao Capitão. Aos meſmos brados da eſcrava, acodirão ſeus criados, dos quaes hum per nome Dinis de Araujo deu com hũa chuça pelos peitos à Cachil Cabalou, que aſsi ferido, & atraveſſado o ferio à elle de maneira que ambos cairão mortos à hum tempo. Iſto ſe fez tam de repente, que os Mouros não tiverão tempo de fazer o ſinal que eſtava entre elles ordenado aos que eſtavão eſcondidos na Meſquita, & nos mattos que cercão a povoação dos Portugueſes, que foi cauſa de ſe elles ſalvarem, & a fortaleza, & de ſerem mortos todos os Mouros que ſe acharão dentro, tirando el Rei, & tres irmãos ſeus, & Cachil Ato, para ſe ſaber por elles, como fora a morte de Gonçalo Pereira, & ficarem em arrefés, para os Mouros

não

não fazerem guerra à fortaleza, da qual logo Luis de Andrade tomou as chaves, & se metteo em posse por ser Alcaide mòr della.

CAPITVLO XXI.

Como Vicente da Fonseca foi feito Capitão de Ternate pelos inimigos de Gonçalo Pereira, & por a necessidade de mantimentos em que o pòs a Rainha de Ternate, vèo à soltarlhe seu filho el Rei Cachil Daialo.

SENDO Luis de Andrade Alcaide mòr, & Feitor da fortaleza de Ternate, & tendo as chaves, & posse della, & Bras Pereira Capitão mòr do mar, & parente do Capitão Gonçalo Pereira, contenderão ambos aquelle dia do insulto, qual avia de ficar com a Capitania, allegando cada hum suas razões. Mas como homẽs sesudos, que procuravão o serviço d'el Rei, concertarãose, que delles dous fosse Capitão qual per mais votos fosse elegido, o que se determinaria o dia seguinte, que era do Espirito Santo. Tanto que os inimigos de Gonçalo Pereira souberão da eleição que se avia de fazer, ajuntarãose aquella noute com o Vigairo da fortaleza, chamado Fernão Lopez, que era homem inquieto, & atrevido, & determinarão de elegerem por seu Capitão à Vicente da Fonseca, que era hum delles. Porque se fazião Luis de Andrade, que era grande amigo de Gonçalo Pereira, & executor da pragmatica do cravo, ficarião perdidos, pobres, & destroidos; & se elegião Bras Pereira, era peor, por ser parente mui chegado de Gonçalo Pereira, que avia de querer vingar sua morte, & devassar della, no que elles passarião mal, por serem os que incitarão à Rainha à que o mandasse matar. Polo que não tinhão outrem que mais proveitoso Capitão lhes fosse que Vicente da Fonseca, por elle ser o principal que contradizia a pragmatica do cravo, & que na morte de Gonçalo Pereira fora mais parte que elles. Com a qual eleição ficarião seguros de devassas d'aquella morte,

& do proveito, & ganho do cravo que pretendião. E elegẽdo algum dos dous oppositores, estava certo seu dáno, & o risco de suas pessoas.

Iuntos ao outro dia Luis de Andrade, & Bras Pereira, & jurando nas mãos do Vigairo de obedecer cada hum delles ao que dos dous fosse eleito. E começando o Ouvidor Pero Moreira tomar os votos, por aver algũs à que parecia que a Capitania per dereito era de Luis de Andrade, por ser Alcaide mòr. O Vigairo, & os do bando de Vicente da Fonseca, temendo que se acabassem de votar, Luis de Andrade sairia por Capitão, metterão a cousa à vozes. Impedido o Ouvidor cõ este tumulto, sem lhe valer muitos protestos, & requerimentos, não desistirão, & sem deixar ir a eleição ao cabo, nomearão Vicente da Fonseca, & todos em hum corpo abrirão as portas da fortaleza com grande arruido de trombetas, & vozes, que dezião: Viva, viva Vicente da Fonseca. O qual despois de hum banquete que deu aos da sua facção, pedio à Luis de Andrade as chaves da fortaleza, que lhe elle não quis dar; & não avendo d'aquella parcialidade quem se atrevesse tomarlhas, o Vigairo remetteo à Luis de Andrade, & ajudado d'outros homẽs, & per força lhas tomarão, sem o Ouvidor ousar bolir consigo. Isto cõmetterão aquelles Portugueses, por os mais delles serem homẽs plebeios, que à aquellas partes tam remotas leva o interesse de trazerem dellas aquelle ganho do cravo que se lhes tirava, com o averem de comprar aos officiaes d'el Rei, & por o preço que elles querião. A estes desconcertos, & outros semelhantes, dão causa os ministros dos Reis, mais zelosos de sua fazenda, que de sua honra. Não entendendo quanto mais ganhão os Principes quando à seus subditos alargão, & quitão os tributos, que quando lhos impoem, & de quantos trabalhos, & rebelliões foi causa não lançarem conta, qual importa mais se a receita dos dinheiros, ou a perda dos corações, & das vontades dos vassallos.

A Rainha que estava com grandes esperanças da liberdade de seu filho, & de sua cidade, & verse exempta da subjeição dos Portugueses, com a morte de Gonçalo Pereira, ficou mui anojada vendo seus intentos frustrados, & so a consolou a esperança que tinha em Vicente da Fonseca, que lhe promettera se se visse Capitão d'aquella fortaleza, lhe entre-

entregaria seu filho. E para se mais segurar, mandou logo recado às Ilhas de Moutel, & Maquiem, que lhe prendessem todos os Portugueses que là estavão. Mas quando là foi seu recado, ja os Mouros por terem sabido da morte de Gonçalo Pereira se avião levantado contra os Portugueses que là andavão negociando cravo, & matarão algũs, dos quaes o primeiro foi aquelle que em tempo de Dom Iorge fez a injuria à Cachil Vaidua. E chegado o recado da Rainha cessarão de os matar, & prenderão os que acharão, & lhos levarão. Per hum
10 destes mandou a Rainha visitar à Vicente da Fonseca, significando o contentamento que tinha de elle ser Capitão, por entender que sempre fora seu amigo, & dos Mouros, & confiar delle se averia melhor com suas cousas do que os Capitães passados o fizerão, & pedindolhe comprisse sua palavra, entregandolhe seu filho, & offerecendolhe sua paz, & amizade. Vicente da Fonseca respondeo à Rainha, que desse ella primeiro os Portugueses que tinha presos, & pagasse a perda que os Mouros lhe derão na nossa povoação, quando matarão Gonçalo Pereira, & que elle lhe daria seu filho. A Rai-
20 nha que esperava outra resposta de Vicente da Fonseca, por a promessa que lhe fizera, ficou mui escandalizada, & soltando hum Portugues, lhe mandou por elle dizer, que sem aquellas condições lhe devera elle logo soltar seu filho: porque maiores penhores erão para aquellas perdas tres irmãos d'el Rei, & Cachil Ato, q̃ lhe ficavão presos em seu poder, & q̃ se aquillo lhe mandava dizer cõ tenção de lhe não dar el Rei, lhe não mandasse mais recado algũ. E anojada se passou cõ seus Mandarijs à hũa villa q̃ chamão Limatão, & defendeo com grandes penas que não levassem mantimentos à cidade. Com a
30 falta de mantimentos que começou aver, se vio Vicente da Fonseca mui atribulado, não achando remedio, sò tinha esperança em hum junco que avia de vir de Banda com roupa, & mantimentos. Mas hum Francisco de Sà, que delle era Capitão, chegando à Ternate, & ouvindo a maneira perque Gonçalo Pereira fora morto, parecendolhe que Vicente da Fonseca era levantado, não quis ir à fortaleza, temendose que lhe tomasse o junco, polo que se foi à Tidore, para vender, & fazer emprego do que levava. Estando naquelle porto, a Rainha de Ternate mandou pedir à el Rei
40 de Tidore seu sobrinho, que fizesse represa naquelle

navio, & na fazenda delle, & nas pessoas dos Portugueses que nelle vinhão, parecendolhe que por aquella presa, & por os Portugueses que ella tinha, lhe daria seu filho Vicente da Fonseca. A quem mandou dizer a razão porque fizera tomar aquelle navio, & gente. Mas Vicente da Fonseca a resposta que à isto deu foi prender à el Rei, & mettelo em hum sotão per ante o messageiro da Rainha, & com elle seus irmãos, & em ferros os mancebos fidalgos que com el Rei estavão, & as molheres que os servião. E constrangido da muita necessidade que a gente padecia, mandou pedir à el Rei de Geilolo que por seu dinheiro mandasse que em sua terra lhe dessem mantimẽtos. Com esta occasião el Rei de Geilolo, & Fernão de la Torre que là estava, acabarão com Vicente da Fonseca que desse à Rainha seu filho, & com a Rainha que soltasse os Portugueses, & desse arrefẽs à Vicente da Fonseca, atè lhe satisfazer os dãnos, que erão feitos aos Portugueses, para o que deu quatro Mandarijs dos principaes de Ternate. El Rei de Tidore mandou soltar Francisco de Sà, & os mais Portugueses, & restituirlhe o seu junco. E na villa de Limatao onde a Rainha estava se ajuntarão Fernão de la Torre, & o Governador de Geilolo, & Vicente da Fonseca, que levou el Rei para o entregar à sua mai, despois de jurarem de comprir o que tinhão assentado. E logo el Rei foi solto com grande prazer de todos, & assi ficarão em paz.

CAPITVLO XXII.

Como Pate Sarangue Regedor de Ternate, com ajuda de Vicente da Fonseca, fez que Cachil Daialo fosse despojado de seu Reino, & posto em seu lugar Tabarija seu irmão. E como fizerão que a mai de Tabarija casasse com Pate Sarangue, & a molher de Cachil Daialo fogisse ao marido para casar com Tabarija.

A Grande soltura que os Mouros vião naquelles poucos Portugueses que na Ilha de Ternate estavão, & quam pouco castigo avião por os excessos que fazião, & a pouca reputação em que os Reis estavão, lhes deu causa de tentarem cousas novas, mòrmente na Capitania de

de Vicente da Fonseca, homem audaz, q̃ não receava dizer, & fazer o q̃ queria. Polo q̃ se ordenou outra rebellião cõtra a pessoa d'el Rei, como a que se fez contra Gonçalo Pereira. Avia em Ternate hum Mandarim per nome Pate Sarangue, homem velho, & sabedor, & que acerca do povo tinha muita autoridade, à que Vicẽte da Fonseca fez Regedor do Reino, por o tèr de sua mão em quanto el Rei Cachil Daialo não governava por sua menor idade. Este por ver que el Rei se ia chegando á sua legitima idade para governar seu Reino, & que seu cargo de Regedor expirava, como homem ambicioso que era, determinou de tirar o Reino à Cachil Daialo, & dalo à hum seu irmão bastardo, per nome Cachil Tabarija, [a] moço de catorze annos, para elle entretanto governar por elle, atè ser de idade divida. Dando conta deste pensamento à Vicente da Fonseca, & propondolhe os proveitos que se lhe seguirião, & quã mais absoluto seria no q̃ quisesse, não sendo Cachil Daialo Rei; não ouve muito que fazer em Vicente da Fonseca approvar o conselho instigado de avareza, & ambição, & do odio que elle tinha à aquelle Rei, ou receo q̃ el Rei lho tivesse à elle, por o aver preso, & maltratado. Avido este consentimento, com ajuda de hum Travanelo, homẽ velho, avisado, & de muita autoridade, começou Pate Sarãgue à ordir a traição, desacreditando primeiramente à pessoa d'el Rei, & diffamando delle, não sòmente em Ternate, mas em os outros lugares de seu Estado, q̃ era homẽ no saber mui fraco, & na condição mui forte, & não para governar, assacandolhe alem disso outras muitas faltas, perque fizerão creer à muitos que não era habil para Rei, & que devião privalo do Reino, & levantar em seu lugar à Tabarija seu irmão.

Não parando aqui, forão grandes as persecuções q̃ Pate Sarangue, & Vicente da Fonseca fazião à el Rei, & os falsos testemunhos q̃ lhe levantavão. E qualquer homicidio, o delicto de que se não sabia autor, que fosse feito contra Portugueses, tudo carregavão sobre el Rei, & lho davão em culpa, sendo disso innocente. Polo que Vicente da Fonseca desejava de tornar el Rei à prisão, & o fizera, se el Rei não se guardara de ir à fortaleza. E vendo que o não podia prender, determinou de o matar, com conselho de Pate Sarangue, o que sendo descuberto à el Rei, por furtar o corpo à tantos trabalhos, se foi com sua mai à Turutô meia legoa da cidade.

a. Tabarija era filho ligitimo d'el Rei Boleife, irmão enteiro dos Reis Bohaat, & Daialo, & filhos todos tres da Rainha Neachile Pocaraga, filha d'el Rei Almansor de Tidore, como consta do testamento de Tabarija, q̃ està registado nos contos de Goa.

Assi o escreve o Padre Ioão de Lucena no cap. 6. do liv. 4. conde trata da conversão desta Rainha Neachile, mai de Tabarija, per meio da doutrina, & orações do B. P. M. Frãcisco, à q̃ no Bautismo elle pôs nome Isabel.

Fernão Lopez de Castanheda cap. 56. do liv. 8.

E sabendo que Vicente da Fonseca não desistia de seu mao
proposito, se foi mais longe onde chamão a Terra alta. Vicen
te da Fonseca fazendo disto culpa, & publicando que el Rei
se fora à Terra alta para d'alli fazer guerra à fortaleza, o foi bus
car com muita gente, & podendose el Rei defender, por não
fazer offensa à Portugueses, com quem se criara, & à que era
mui affeiçoado, & mui leal à el Rei de Portugal, lhes fugio,
pondo à cura destes males nas mãos do tempo, & esperando
que se acabasse a furia à Vicente da Fonseca, ou o tempo da
sua Capitania. E asi se passou à Tidore com sua mai, onde el
Rei seu primo, & ja cunhado, o consolou, & prometteo de tra
balhar por o reconciliar com Vicente da Fonseca, & que tam
bem escreveria aos Reis de Bacham, & Geilolo que o ajudas-
sem nisso, com as quaes palavras, & promessas ficou com al-
gũa esperança.

Mas seus inimigos não quiserão mais que vello fora da
Ilha, para levantarem por Rei à Tabarija. E para mais confir
mação d'aquelle levantamento, andarão com Tabarija ao lõ
go da costa pelos lugares della, publicandoo por Rei levanta-
do, & por desposto à Cachil Daialo, dando por causa d'aquel-
le levantamento ser Cachil Daialo com a Rainha sua mai cul
pado na morte de Gonçalo Pereira, & não tèr qualidades de
sua pessoa para ser Rei. E receando Pate Sarangue que com o
favor d'el Rei de Tidore, Cachil Daialo tornasse à cobrar seu
Reino, fez com Vicente da Fonseca que com hũa grossa ar-
mada fosse sobre el Rei de Tidore, o que elle mui em breve
fez, & chegado à Tidore, mandou dizer à el Rei as causas aci-
ma dittas, porque elle, & os seus privarão do Reino à Cachil
Daialo, & levantara por Rei à Tabarija. E que por Daialo ser
inimigo dos Portugueses, era elle Vicente da Fonseca vindo
alli à requererlhe que lho entregasse, & o tesouro que levava
consigo, que era do que fosse Rei, & não seu: & que não o fa
zendo, o avia por inimigo d'el Rei de Portugal, pois lhe aga-
salhava, & favorecia seus inimigos. El Rei de Tidore que era
moço, lhe respondeo, que se aconselharia com os seus, & lhe
daria à resposta. Mas Vicẽte da Fonseca sem esperar por ella,
com a furia que levava, saio em terra sobre a cidade de Tido-
re, & fez nella grande destruição, matando muita gente, com
que el Rei, & Cachil Daialo se acolherão à hũa Serra que es-
tava sobre a cidade, & com esta vittoria de pouca honra

sia se tornou Vicente da Fonseca à Ternate.

Estàva neste tempo preso na fortaleza de Ternate hum Mouro principal Regedor de Toloco, o qual vendo as grandes sem razões que se fazião à Cachil Daialo, & quam injustamente pela maldade d'aquelles homẽs era despojado do Reino, desejando de vingar o mal que lhe era feito, determinou de matar à Tabarija que estava na mesma fortaleza. A quem arremettendo com hum cutello que trazia escondido, escapou Tabarija fugindo, & não o podendo alcançar o Re-
10 gedor, por estar carregado de grossos ferros, alcançou hum filho de Vicente da Fonseca moço de sette annos, & o degollou, vendo que se não podia vingar de quem quisera, & acodindo gente o matarão. Vicente da Fonseca que com a morte de seu filho ficou mais encruado, & indinado contra Cachil Daialo, & porque muitos dos principes de Ternate não querião obedecer à Tabarija, & por desprezo lhe chamavão o Rei de Vicente da Fonseca, fez outra armada, & Capitão mòr della à Pate Sarangue, com que todos lhe obedecerão, & ouve o tesouro de Cachil Daialo, que estava em mão de Ou-
20 robachela seu Tesoureiro, o qual foi entregue à Tabarija.

Finalmente tanta vexação foi a que fizerão à Cachil Daialo, que atè el Rei de Tidore seu primo, vendo suas cousas irẽ de mal em peor, & às de Tabarija serem cada vez mais prospe ras, & q̃ Vicente da Fonseca tambem o perseguia, em odio de seu primo, vèo assentar paz com elle. Mas vendo Cachil Daialo que esta paz lhe era à elle suspeitosa, & pouco segura, por a conversação que os Portugueses cõ el Rei de Tidore avião de tèr, dos quaes se não fiava por o que nelles vira os dias passados, que tomava por mestres dos presentes, & futuros, deter
30 minou de viver em Geilolo. E antes que para là se fosse, foi el Rei cõmettido de Vicente da Fonseca que lhe entregasse Ca chil Daialo. E por não cõmetter tam grande traição, & entre gar seu primo, & hum Rei que se acolheo à sua casa para lhe valer, concedeolhe toda via per importunação darlhe a mai de Tabarija, que andava com a mai de Cachil Daialo para ca sar com Pate Sarangue. Não contente com isto Vicente da Fonseca, tratou com a Rainha molher de Cachil Daialo, que era irmãa d'el Rei de Tidore, que fugisse ao marido, & lhe levasse o dinheiro que tinha, & se fosse à Ternate, & casaria cõ
40 el Rei Tabarija, & seria Rainha, o que nũca avia de ser sendo

molher de Daialo, que ja mais seria Rei. A Rainha guardãdo pouca fè à seu marido, se foi secretamente à Ternate, levandolhe a maior parte do tesouro que lhe ficava, & chegando à Ternate a casou Vicente da Fonseca cõ el Rei Tabarija. Algũs dizião, que neste concerto consentio el Rei de Tidore, por ver sua irmãa Rainha, & creer que Cachil Daialo ja não cobraria o Reino. O qual sentio menos perder o Reino, que a molher, por o amor que lhe tinha, & tambem sentio levarlhe o tesouro, porque ficava vivendo do que pedisse á outros, avendo sido Rei, & rico, que à outros dava, & sem tèr com 10 que sostentar aquelles que o acompanhavão. E como de sua natureza era magnanimo, não desmaiou com todos seus infortunios, nem se mudou da determinação de ir viver à Geilolo. E porque sua mai avia de ficar em Tidore, deixou com ella aquelles que o acompanhavão, encomendandolhos muito, & pedindolhes à elles perdão de os não levar consigo, & de lhes não poder fazer merces como costumava. E fazendo asi el Rei como elles grande pranto por o apartamento, elle se partio para Geilolo sò, & tam pobre, que não tinha mais do que lhe el Rei dava para comer, onde esteve, atè que tornou 20 outro tempo, como se dirà adiante.

CAPITVLO. XXIII.

Como Vicente da Fonseca mandou à India preso à Bras Pereira, & de là veo por Capitão de Maluco Tristão de Taide, o qual mandou preso à India à Vicente da Fonseca. E como Fernão de la Torre, & os Castelhanos se vierão para os Portugueses, & da morte d'el Rei de Geilolo. 30

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 55 do liv. 8.

„ SENDO Bras Pereira homem fidalgo, & parente do Capitão Gonçalo Pereira, & Capitão mòr do mar, como pretendera a Capitania da fortaleza de Ternate, que se deu à Vicente da Fonseca per mera força, & não per justiça, estava em odio com elle. Ao que se ajuntou pedirlhe Bras Pereira a Capitania de hum junco que avia de ir para Malaca, & elle negarlha por a dar à Afonso Pirez seu amigo. Polo que sofrendo Bras Pereira mal, não lhe dar Vicente da Fonseca 40

tam

tam pequena Capitania, tendo usurpada a da fortaleza, que à elle Bras Pereira era mais devida, alem do escandalo de ser elle grande parte na morte de seu parente Gonçalo Pereira, d'alli por diante não se fallarão mais. E de tal maneira se accẽdeu o odio entre elles, que Bras Pereira soltou muitas palavras contra Vicente da Fonseca, & fez requerimentos que o prendessem por traidor por aconselhar aos Mouros que matassem o Capitão Gonçalo Pereira, & que como à Capitão não legitimo lhe não obedecia. Polo que Vicente da Fonseca
10 prendeo à Bras Pereira, & algũs outros da sua valia, & por se não aver seguro delles, os entregou presos à Gaspar Velloso, que ia por Capitão do bargantim para Malaca, para d'ahi os levarem à India. Os quaes partirão de Maluco no anno de D.XXXII. & per elles soube Nuno da Cunha os desconcertos que ião em Maluco, polo que mandou logo por Capitão à Tristão de Taide, filho bastardo de Alvaro de Taide, que chegou em Outubro de M.D.XXXIII. & d'el Rei Tabarija, & de Vicente da Fonseca foi recebido com muito prazer, & muito mais de Vicente da Fonseca, per o aperto em que
20 andava, em casa com os Portugueses, & fora com os Geilolos, que lhe fazião guerra. Mas como elle era mal quisto de muitos, logo foi mexiricado delles à Tristão de Taide, dizendolhe, que como Vicente da Fonseca soubera que elle chegava, recolhera em sua casa quanta fazenda d'el Rei avia na Feitoria, para se pagar à si, & à seus amigos de seus ordenados. Por a qual nova Tristão de Taide lhe mandou buscar a casa, onde se achou ser verdade o que lhe disserão, & por isso o mãdou prender, & a fazenda foi tomada à Feitoria. Sobre esta culpa, & sobre a morte de Gonçalo Pereira, & sobre despo-
30 jar do Reino à Cachil Daialo, & outros casos, em que os mais dos Portugueses o culparão, começou Tristão de Taide à devassar. E pela residencia o prendeo, & preso o mandou entregar ao Governador da India por Iurdão de Freitas.[a]

Estava neste tempo el Rei de Geilolo de guerra com a fortaleza de Ternate, em que mostrou querer perseverar. Porque sendo costume entre aquelles Principes que estão de paz com os Portugueses, quando chega algum novo Capitão, mandarlhe os parabẽs da vinda, & mandando visitar à Tristão de Taide os Reis de Tidore, & de Bacham, & outros, o
40 de Geilolo o não fez. E porque Fernão de la Torre Capitão dos

,, *a. No principio do governo de Tristão de Taide duas coracoras de*
,, *Mouros saquearão, & destruirão*
,, *hũa cidade da Ilha do Moro, chamada Momoja. Indo de Ternate*
,, *pouco despois deste successo à aq̃lla cidade hũ Portugues chamado Gõçalo Velloso, o Sangage della (q̃ era Gentio, como todos seus vassallos) se lhe queixou d'aquelles Mouros seus vezinhos, pedindolhe cõselho, & ajuda para a vingança. Para o q̃ Gonçalo Velloso lhe offereceo a amizade dos Portugueses, com q̃ seguraria seu Estado, & o persuadio à q̃ se fizesse Christão. Determinado o Sangage de o ser, por as razões de Gonçalo Velloso, com q̃ Deos o moveo, embarcouse em algũas coracoras cõ os principaes da cidade, & foi à Ternate, onde Tristão de Taide lhe fez hũ grande recebimento, & o entregou à hum virtuoso Sacerdote chamado Simão Vàz para o catechisar, & à todos os seus, & como estiverão instruidos nos artigos de nossa Santa Fè, forão com grande solemnidade bautizados, & ao Sangage foi posto nome Dõ Ioão, & mui cõtente se tornou para Momojà, levãdo cõsigo algũs Portugueses q̃ Tristão de Taide lhe deu para o acõpanharẽ, & guarda de sua cidade, & ao Sacerdote Simão Vàz, q̃ viveo naquella cidade algũ tẽpo, exercitãdo cõ grande charidade o officio de bõ Pastor d'aquellas novas ovelhas. E porq̃ ellas crecião em numero, & elle era sò, & não podia acodir aos muitos Gentios q̃ pedião o Bautismo, mandoulhe Tristão de Taide o Padre Francisco Alvarez para o ajudar, & ambos em poucos dias acabarão de fazer Christãos todos os moradores de Momojà, & de outros lugares, derribãdo os pagodes, & purificando os principaes, fazẽdo das casas de abominação, Tẽplos em q̃ Deos começou à ser venerado, & louvado.*
Este foi o principio, & primeiro fundamento da Fè naquellas Ilhas.
Diogo do Couto cap. 13. do liv. 8. & Francisco de Andrade cap. 7. da 3. parte, & Fernão Lopez de Castanhe da cap. 93. do liv. 8.

dos Castelhanos que em Geilolo estavão, mandara pedir à Nuno da Cunha per hum Pero de Montemaior embarcação para se irem à India,& d'ahi para Portugal nas naos da Carreira,& Nuno da Cunha mandara Pero de Montemaior com Tristão de Taide,& o encarregara que tirasse os Castelhanos de Geilolo,& os embarcasse;& elle se temia que el Rei os não deixaria vir por causa da guerra, para o ajudar nella, & lhes não consentiria tirar sua artelharia, nem lhes daria as armas que tinhão empenhadas à el Rei,por lhes dar que comessem; foi necessario usar de manha,que cõmunicou com o Pero de Montemaior,para a dizer à Fernão de la Torre,que estivesse avisado;& foi este o ardil: Mandou pedir seguro à el Rei para lhe mandar hum recado,o que el Rei lhe concedeo,& per Antonio de Teive,com quem foi o Pero de Montemaior, mandou dizer publicamente à Fernão de la Torre da parte do Governador Nuno da Cunha,que el Rei de Portugal,& o Emperador erão concertados sobre a posse d'aquellas Ilhas,[a] & q̃ o Emperador mandara pedir à el Rei de Portugal que desse embarcação aos Castelhanos q̃ naquellas partes estivessem, para virem à Portugal,& d'ahi se irem à Castella,& que o Governador da India per seu mandado estava prestes para lha dar,& que à elle Tristão de Taide fora mandado,que quando per sua vontade não quisessem ir,os fizesse ir per fôrça. Portãto lhe notificava da parte do Governador, que logo se passasse à Ternate,para d'ahi se embarcarem.

a. *A copia do cõtratto que el Rei Dõ Ioão fez com o Emperador, sobre as Ilhas de Maluco, escreve Diogo do Couto no cap.1.do liv.7.*

Com este recado,fingio mostrarse Fernão de la Torre mui queixoso à el Rei de Geilolo,dizendo,que não se avia de ir para os Portugueses,& que antes se deixaria matar, quãto mais que com o favor d'el Rei se esperava defender. El Rei, & os de seu conselho lhe disserão,que não se agastassem,que elle os ajudaria à defender. Com esta determinação appellidou Tristão de Taide aos Reis de Ternate,& de Tidore, & de Bachã, para todos irem com hũa grande armada à Geilolo tirar os Castelhanos que là estavão. E foi a cousa tambem ordenada, que quando se elles avião de defender dos nossos, se recolherão,& embarcarão com elles,com toda a sua artelharia,& armas que tinhão.[b] E quando foi para entrarem em a cidade de Geilolo,acharão que el Rei, & a gente a despejarão toda com temor,& entrada por Tristão de Taide,a mandou queimar. Alli deixou Tristão de Taide à Diogo Sardinha Capitão

b. *O modo q̃ tiverão os Castelhanos para se ajuntarẽ cõ os Portugueses, escreve particularmente Fernão Lopez de Castanheda no cap.71.do liv.8. & Francisco de Andrade no cap.94.da 2.parte.*

mòr

mòr do mar com hũa armada, & Antonio de Teive com atè sesenta Portugueses, & muitos Mouros Ternates, & elle se partio com esta vittoria para a fortaleza, donde Fernão de la Torre, & os Castelhanos partirão para a India com Iurdão de Freitas, que levava Vicente da Fonseca.

Diogo Sardinha, & Antonio de Teive asi fizerão guerra aos de Geilolo, que lhe tiravão o seu principal mantimento, que era ir pescar ao mar. Polo que Cachil Catabruno Regedor de Geilolo per conselho dos do Reino pedio paz à Diogo
10 Sardinha. Para esta paz foi o mesmo Catabruno fallar à Tristão de Taide, & à tornada à Geilolo deu peçonha à seu proprio Rei, mas de maneira que durasse algũs dias, o que dizem que tinha assentado com Cachil Daroes em tempo de Dom Iorge de Meneses. E algũs dizião, que desta morte fora sabedor Tristão de Taide, por Catabruno cõmetter isto logo quando foi de Ternate. E por este Rei ser muito moço, & não tèr filhos, nem outros erdeiros, Catabruno se metteo de posse do Reino.

20 ## CAPITVLO. XXIIII.

Como Tristão de Taide per calumnias de Samarao prendeo à el Rei Tabarija, & à sua mai, & outros, & os enviou presos à India ao Governador, que os mandou para Maluco soltos, & livres. E como Tabarija se fez Christão em Goa, & morrendo em Malaca, deixou o Reino à el Rei de Portugal.

NESTE tempo contra võtade d'el Rei de Ter-
30 nate, & de Pate Sarangue seu Governador, & dos de seu conselho, levantou Tristão de Taide o degredo à Samarao, que fora criado de Cachil Daroes, & Almirante do mar, o qual Dom Iorge degradou por dizer que fora participante nas culpas, perque Cachil Daroes seu amo fora degollado. Deste perdão do degredo, à el Rei Tabarija, & ao Pate Sarangue muito pezou, por ser homem de mao animo, & se temerem que por elle lhes viesse algum mal, como despois vèo. E como este Samarao era muito sagaz, asi se metteo na benevolencia, & fami-
40 liaridade de Tristão de Taide, cuja feitura confessava ser, &

tantos

tantos ardijs lhe dava para acrescentar fazenda que elle lhe dava muito credito. E para elle tèr juntamente o favor d'el Rei de Ternate, como tinha o do Capitão, imaginou de fazer tirar o Reino à Tabarija como se tirou à Cachil Daialo, & que se levantasse por Rei Cachil Aeiro seu irmão mais moço de idade de catorze annos, confiando da amizade de Tristão de Taide, que o faria à elle Regedor do Reino, atè Cachil Aeiro ser de idade para governar. Polo que assacou à Tabarija que elle per conselho de sua mai, & Pate Sarangue seu padrasto, & de Ragabao Iustiça môr do Reino, tratavão de matar à Tristão de Taide, & à todos os Portugueses, & tomar a fortaleza. Persuadido disto Tristão de Taide, dando conta à algũs Portugueses, determinou de prender el Rei. E para que em sua prisão não ouvesse alvoroço, ordenou que dous Portugueses fizessem hum arroido feitiço, & que mandandoos elle prender, pedirião à el Rei rogasse por elles à Tristão de Taide que os soltasse, & que indo el Rei sobre isto à fortaleza o prenderia, com a mãi, & os outros. Asi o fez Tristão de Taide, & per conselho de Samarao levantou logo por Rei à Cachil Aeiro, filho bastardo d'el Rei Boleife, irmão de Tabarija.[a]

[a] Mandou Tristão de Taide hũs criados seus à casa da mai de Cachil Aeiro, à pedir que lho entregasse para o levantarem por Rei. Vendo ella o infelice fim q̃ os passados Reis tiverão despois q̃ os Portugueses entrarão naquella Ilha, cõ muitas lagrimas, & lastimas, não alargava o filho, querendoo antes seguro em humilde estado, q̃ arriscado no Real. Os Portugueses lho tirarão com força dos braços, & à ella com deshumanidade de feras, lançarão per hũa janella fora, do que logo morreo.
Diogo do Couto cap. 13. do liv. 8.

Como a prisão d'el Rei, & d'aquellas pessoas tam principaes se soube, muitos fugirão da cidade, & entre elles os do Conselho d'el Rei, cuidando que tambem serião presos, ou mortos. E foi cousa lastimosa ver naquelle subito rebate a pressa, & desatino com que fugião, & como os seguião as molheres, filhos, & criados, desamparando suas casas, que deixavão abertas: & os gritos da gente popular, quando via fugir os maiores. Ouro Bachela Tesoureiro que fora d'el Rei Daialo, por ser do Conselho, querendose ir desculpar à Tristão de Taide, o matarão à porta da fortaleza, o que foi causa de a cidade se despovoar mais. Deste caso se desculpou Tristão de Taide de palavra com os presentes, & per cartas com os Reis vezinhos, os quaes responderão, que là se aviessem os Ternatès, pois per sua vontade quiserão receber Portugueses, & entregarlhes sua terra, & ajudallos contra elles seus parentes, & naturaes, & de sua lei. Dada esta desculpa, publicou Tristão de Taide o levãtamẽto de Cachil Aeiro, & o teve na fortaleza, dõde não saia em figura de hũ cattivo mimoso, porq̃ era servido dos seus, & tratado em tudo como Rei; mas

mas ſem juridição algũa, nem liberdade. E os officiaes todos d'el Rei proveo de novo, & ao Samarao deu o officio de Regedor do Reino, por cuja pretenſão elle ordio eſta maldade.

Quando vèo o tempo de averem de ir navios à Malaca, & d'ahi para a India, de que ia por Capitão Lionel de Lima, Triſtão de Taide lhe entregou el Rei Tabarija, & ſua mai, & à Pate Sarangue, & Ragabao preſos, com os autos que mandou fazer de ſuas culpas. Os quaes vendoſe tirar da
10 priſão para os levarem de ſua terra para outra tam remota, donde não eſperavão tornar, ſendo innocentes da culpa que lhe impunhão, fazião grande pranto, & dezião muitas magoas. Entam conheceo Pate Sarangue que pagava a maldade que cõmettera em fazer tirar o Reino à ſeu Rei Cachil Daialo injuſtamente. Sendo eſtes preſos na India, Nuno da Cunha vio as devaſſas que contra elles forão, & os achou ſem culpa, polo que os deu por livres, & julgou que o Reino de Ternate ſe reſtituiſſe à Tabarija. O qual converteo a injuria que lhe foi feita em maior bem que tornaremlhe ſeu
20 Reino. Porque na demora que fez em Goa, Deos inſpirou nelle, & de ſua propria vontade ſe tornou Chriſtão, & no Bautiſmo tomou o nome de Manoel, em memoria d'el Rei Dom Manoel, que as Ilhas de Maluco mandou deſcobrir, & que foi cauſa de ſua converſão. Tornando para ſeu Reino, adoeceo, & falleſceo em Malaca à xxx. de Iunho do anno de M.D.XLV. onde fez ſeu teſtamento, & nelle por não tèr herdeiros, deixou per herdeiro de ſeu Reino de Ternate à el Rei Dom Ioão de Portugal, como diſſemos na terceira Decada.* *Liv. 5 cap. 6.

30 CAPITVLO. XXV.

Como Triſtão de Taide ſem cauſa fez guerra à el Rei de Bacham, & como os Reis do Maluco ſe conjurarão contra elle, & do que ſobre iſso ſuccedeo.

Riſtão de Taide como vio que tinha à el Rei Cachil Aeiro como ſeu cattivo, & ao Regedor de Ternate por tam familiar, determinou de aver para ſi todo o cravo que ouveſe na terra
40 por o preço da Feitoria, que era à mil reaes o bahar.

bahar, que he hum peso de quatro quintaes. Para o que o Samarao mandou pregoar per todo o Reino de Ternate sob graves penas que nenhum Mouro, nem Gentio vendesse cravo se não à Tristão de Taide, ou à quem elle ordenasse. Com este pregão cresceo o preço do cravo à tanto que chegou à
» valer hum bahar cinquoenta, & sesenta cruzados. Porque co-
» mo os Portugueses tinhão muita fazenda para empregar, &
» vião o Maluco em risco de se perder por as desordés dos Ca-
» pitães, todos compravão cravo, & como os Mouros de Ter-
» nate se aventuravão à grandes penas se Tristão de Taide o 10
» soubesse vendião o risco que nisso corrião por grande preço.
Por rogos de Tristão de Taide mandarão pregoar a mesma defesa em suas terras os Reis de Tidore, & de Geilolo. O que el Rei de Bachã sendo requerido por elle, não quis fazer, posto que era mui leal servidor d'el Rei de Portugal, & amigo antigo de Portugueses, & que para acodir à suas necessidades nunca aguardou ser rogado, porem parecialhe injusta à postura do cravo, & muito mais a prisão d'el Rei Tabarija, & por estas, & outras desordés avia dias que não ia à fortaleza de Ternate como de antes fazia. Mas Tristão de Taide escan 20 dalizado de lhe não fazer a vontade no negocio do cravo, tentou fazerlhe guerra, & mandou hũa armada contra elle, à cujos Capitães el Rei fez muitos requerimentos, que lhe não fizessem guerra, pois sempre fora, & era leal servidor d'el Rei de Portugal, & não cõmettera cousa porque lha fizessem Porem não querendo elles se não insistir, o que nisso ganharão foi morrerem algũs Portugueses, & os outros tornarem com pouca honra.

Indinado disto Tristão de Taide, quis ir elle em pessoa, & levar consigo em seu favor os Reis de Ternate, & de Tidore, 30
» & foi com hũa grossa armada, de que ião por Capitães Dio-
» go Sardinha Capitão mòr do mãr, Antonio de Teive, Baltha-
» sar Vogado, Antonio Pereira, Balthasar Velloso, Lisuarte
» Caeiro, Fernão Enriquez, Iorge Goterrez, Afonso Pirez, &
» outros, & asi aquelles Reis, & seus Regedores, & Sangages.
» Como os de Bacham souberão que os Portugueses ião con-
» tra elles, lhe atopirão o rio com muita madeira, & desatopin-
» doo os nossos, os Bachões lhe mudarão a corrente per hũa ma
» dre antigua perque ja correra, & asi ficarão os navios dos Por
» tugueses em seco; mas mandando Tristão de Taide dar nos 40

Fernão Lopez de Castanheda no cap.95 do liv.8
Francisco de Andrade no cap.7. da 3.parte.

que

que trabalhavão no rio, deixarão a obra, & tornou à correr ,,
por onde antes ia. Desconfiado el Rei de poder resistir à ,,
Tristão de Taide, despejou a cidade de todo, de gente, & ,,
fazenda, & foise para o sertão. Os Portugueses porque não ,,
acharão vivos com que pelejar, pelejarão com os mor- ,,
tos, quebrando as sepulturas dos Reis Mouros que alli ,,
avia, & à tudo poserão o fogo. E querendo Tristão de ,,
Taide entrar pela Ilha, o não fez, por a terra ser alagadiça,
& se tornou para Ternate, deixando Diogo Sardinha com
10 parte da armada, & com elle o Samarao com a de Ternate,
para lhe tolher o serviço do mar, polo que el Rei de Bacham
lhe cõmetteo paz com dar cada anno dozentos bahares de
cravo à el Rei.

Mas posto que elle fez esta paz, ficou em seu animo em
viva guerra, & mui escandalizado da mà paga que ouve por a
grande lealdade que sempre teve à el Rei de Portugal, & pe-
los beneficios que fizera à Portugueses, à que tam affeiçoado
era. Polo q̃ sabendo elle como os outros Reis de Maluco esta-
vão escandalizados de Tristão de Taide, & dos Portugueses,
20 posto q̃ o disimulavão, per cartas, & mensageiros se vierão à
concordar que se vissem, & em casa de Cachil Mir Rei de Ti-
dore se ajuntarão, el Rei Cachil Daialo que fora de Terna-
te, el Rei Cachil Catabruno de Geilolo, & el Rei de Bacham,
onde cada hum em particular recontou as causas do odio que
tinha, para procurar a total destruição de Tristão de Taide,
& dos Portugueses, & alli jurarão todos sobre hum Moçafo,
que he o livro de sua lei, de fazerem guerra â fortaleza de
Ternate, atè a tomarem, & matarem à Tristão de Taide,
& à todos os Portugueses. A este juramento, & vistas
30 destes Reis, não foi presente o Samarao Regedor de Ter-
nate, mas sendo o principal dos conjurados, com simulada
amizade que mostrava tèr à Tristão de Taide, ficava fa-
zendo maior guerra, sabendo seus disenhos todos, & se-
cretos, para avisar delles aos Reis. Naquellas vistas assen-
tarão duas cousas, hũa que a guerra avia de começar em
Ternate, & que atè não irem bem com ella por diante, os
Reis a não avião de mover. A outra foi, que o Samarao com
seu conselho, & industria fizesse divertir à Tristão de Taide
com mandar armadas à outras partes, para asi se gastar, & fi-
40 car com menos gente.

A primeira cousa que o Samarao nisso fez, foi fazer crer à Tristão de Taide que nas Ilhas dos Celebes, & dos Maçares, & na de Mindanao avia muito ouro, para que com a cobiça delle mandasse algũs navios à este descobrimento, para asi ficar com menos gente. E como o cobiçoso, & o tramposo (como diz o proverbio) se concertão facilmente, com este conselho do Samarao, & por lhe dizerem que à Geilolo chegarão certas coracoras que vinhão de Mindanao, perque se soube que là avia muito ouro, mandou logo armar hum navio, de que fez Capitão à hum Ioão de Canha Pinto, o qual não achou o ouro que ia buscar, mas hum perigo em que se elle por sua culpa quis metter, de querer cattivar hũs Mouros na Ilha de Siriago, que como amigos vierão à seu navio, tendo feito paz com elle. Polo que os da terra correrão apôs elle, & alli com hum temporal que lhe deu, lhe foi necessario lançar a artelharia ao mar, & sem fazer outra cousa tornou à Ternate.

Quando os Reis conjurados virão quam poucos Portugueses forão à Mindanao, ordenarão outro modo, & foi, que el Rei de Geilolo concertou cõ hũs povos que chamão Tanares que fizessem guerra ao Senhor de Bonacora, & ao Moro, por andarẽ là muitos Portugueses, ao que estava certo q̃ Tristão de Taide avia de acodir, como logo acodio, mandando à Bonacora hũa armada, & por Capitão della à Iorge de Taide seu sobrinho, & outra ao Moro, de que ia por Capitão Diogo Sardinha. Com esta despedida de gente, algũs dos Ternates secretamente se forão em seus navios à Batochina do Moro, junto de Geilolo, onde algũs Portugueses andavão com Vicente Correa mestre de naos cortando madeira para navios que Tristão de Taide mandava fazer. E mandando elle hum batel carregado d'aquella madeira para a fortaleza, estes Ternates matarão a gente do batel, de que não escapou mais que hum Arabio à nado, que levou a nova à Vicente Correa: o qual com temor se acolheo em outro batel para Ternate, & achou no caminho os mesmos Ternates que matarão os que elle mandara. Mas elles disimularão, & passarão à Geilolo. El Rei Catabruno sabendo per elles o que deixavão feito, por mais segurar à Tristão de Taide na sua amizade fingida, mandoulhe logo hum recado, perque

lhe fazia à ſaber como entendera que os Ternates fizerão aquelle inſulto, para que não cuidaſſe que couſa ſua fora niſſo. E por moſtrar mais amizade, mandou certas coracoras apôs Vicente Correa, para que o acompanhaſſem, & levaſſem ſeguro dos Ternates. Não ſabendo Triſtão de Taide deſte conluio, mandou agradecer à el Rei o que fizera, & ficou mui confuſo por não ſaber a cauſa que moveo aos Ternates fazer aquella traição.

Mas muito mais ficou quando d'ahi à poucos dias a cidade de Ternate foi deſpejada de todos ſeus moradores ſubitamente em hũ ſò dia, tendo ja tirado della ſuas fazendas, & quando acodio achou ja mui poucos, aos quaes rogando que ſe não foſſem, & ſe tinhão aggravos lhos emmendaria, o não quiſerão ouvir, & por os não eſcandalizar, não lhe quis fazer força. Como a cidade ſe deſpejou, o Samarao ſeu Governador, que era ido fora com grande armada, vèo, & tanto que deſembarcou com os de ſua caſa, os Mouros que ficavão nos navios, como gente que eſtava fallada, virarão as proas, & forãoſe. Chegado o Samarao à noſſa fortaleza, moſtrouſe mui eſpantado à Triſtão de Taide do levantamento da gente da cidade de Ternate, & como homem que fingia não ſaber parte deſte caſo, começou de lhe contar os medos que tivera d'aquelles que atè alli o trouxerão, dizendo que o querião matar, como gente indinada delle. E que cria que ſe o deixarão de fazer, fora porque ſeu filho ſe fora com elles. E per taes termos fallou com Triſtão de Taide, que ſe enganou com elle, & parecialhe tèr nelle hum grande amigo, & como tal per ſeu conſelho fez hũa armada de quantas vellas eſtavão no porto, & das d'el Rei de Geilolo, que ainda eſtavão nelle, como eſpia do que Triſtão de Taide fazia. Na qual armada levavão à el Rei Cachil Aeiro, para que vendo os Mouros dos lugares maritimos ſeu Rei, ſe moveſſem ao obedecer, & ſe tornaſſem à povoar a cidade. Mas elles eſtavão tam indinados contra Triſtão de Taide, que quando lhe dizião que obedeceſſem à ſeu Rei, & que ſe tinhão queixas do Capitão, ſe remediarião à ſeu contento, reſpondião todos, que não tinhão, nem conhecião tal Rei, & ſe algũa hora lhe obedecerão, fora per força, & não per vontade, que ſeu Rei natural era Cachil Daialo,

& quẽ quanto a amizade com os Portugueſes a tinhão como d'antes, & que ſe elles mataſſem à Triſtão de Taide, ſe ajuntarião com elles, & ſem iſſo, não.

Finalmente não fez outro effeito a armada, & os Ternates q̃ fugirão da cidade fizerão hũa povoação afaſtada donde os Portugueſes podeſſem ir, & de noute vinhão dar rebates na noſſa povoação, & andavão tam frequentes neſtes aſſaltos q̃ cõprio à Triſtão de Taide fazer repairos, & vigias para ſua ſegurança. Acabado de ſe divulgar per outras partes eſte levãtamento dos Ternates cõtra a noſſa fortaleza, onde avia Portugueſes, os cattivavão, & matavão, & aſsi foi morto o Vigairo Simão Vàz,[a] que na Ilha de Chião, principal do Moro, eſtava fazendo algũs Chriſtãos, & com elle os que o acompanhavão, & os novamente bautizados, & outros em bateis que ião buſcar mantimentos.

Em quanto eſtas couſas ſe fazião, Cachil Daialo tinha ja quaſi toda a Ilha de Ternate por ſi, & o reconhecião por Rei, & tinha mandado fazer gente à Banda cõtra os Portugueſes. Com eſta nova, em hũ junco q̃ alli foi tèr de Portugueſes fazer noz, de q̃ era Capitão Lopo Alvarez, forão mortos elle, & a gente toda, & tomado o junco, & a artelharia delle levada à Cachil Daialo. O qual indo à requerimento d'el Rei do Geilolo, à fazerlhe entregar certos lugares que tinha perdidos no Moro,[b] em tomando o primeiro lugar, logo os moradores de Sugalla o mandarão chamar para lhe entregar hũ clerigo per nome Franciſco Alvarez, q̃ alli bautizara algũs Gẽtios, & aſsi algũs Portugueſes q̃ hi eſtavão fazendo hũ junco. O q̃ entendendo Franciſco Alvarez fugio em hũa coracora, levando cõſigo os ornamẽtos cõ q̃ dizia Miſſa. Mas como a armada d'el Rei de Geilolo que alli eſtava o ſentio, foi tras elle, & o alcançarão, & na revolta q̃ ouverão lhe derão dezaſete cutiladas, pelejando elle, & os companheiros mui valentemente, & o q̃ os ſalvou forão os ornamentos que o clerigo alijou ao mar, na preſa dos quaes os inimigos ſe detiverão, & neſſe tempo por ſer ja de noute ſe ſalvarão na noſſa fortaleza.

Sabendo deſte ſucceſſo Triſtão de Taide ficou mui triſte, & agaſtado em perder a amizade d'el Rei de Geilolo, q̃ ſempre o achara mui leal, & logo entendeo q̃ os outros Reis ſeus amigos ſe avião rebellado. Os quaes vendo como el Rei Cachil Daialo ſe ia apoderando do Reino, & que el Rei de Geilolo ſe avia

a. Hum Mouro dos q̃ matarão Simão Vàz, & aos novos Chriſtãos, quebrou em pedaços hũ retabolo de Noſſa Senhora, q̃ o Vigairo tinha, & não ſofrẽdo Deos eſta ofenſa feita à ſua ſagrada Mãi, ſubitamente ſe lhe aleijarão às mãos ao Mouro, & morreo brevemente, & dentro de hũ anno toda a ſua geração, de deſaſtres: & o lugar q̃ era mui grande em poucos annos ſe conſumio per guerras, de maneira que delle não ha memoria algũa.
Diogo do Couto cap. 4. do liv. 9.

b. Tomados eſtes lugares, foi Cachil Daialo ſobre a cidade de Momoja, de que era Senhor Dõ Ioão (como atras diſſemos) o qual determinou de ſe defender cõ os Portugueſes q̃ tinha em ſua cõpanhia, para o q̃ ordenou hũa forte tranqueira, q̃ ſendo cõmettida polos inimigos, os Portugueſes ſem reſiſtencia ſe paſſarão à elles, deſamparando cõ grande infidelidade à Dom Ioão, q̃ os perſuadia q̃ quiseſſẽ antes morrer como Chriſtãos, q̃ entregarſe à Mouros, & cõ ajuda de algũs poucos dos ſeus defendeo a tranqueira todo hũ dia: & ſaindo da briga cõ muitas feridas, & ſem eſperança de ſoccorro, determinou de perder antes a vida, q̃ a liberdade: & porq̃ ſua molher, & filhos, q̃ erão Chriſtãos, deſpois de ſua morte não vieſſem ao poder dos Mouros, q̃ os converteſſem como fracos à ſua perverſa ſeita, lhes deu à todos a morte. Os ſeus o entregarão à Cachil Daialo, & foi levado à el Rei de Geilolo, q̃ ſabendo o que Dõ Ioão fizera, & perguntandolhe a cauſa porq̃ matara ſua molher, & ſeus filhos, lhe reſpõdeo com eſtremado valor, que lhe dera a morte, porq̃ melhor era q̃ foſſem reinar cõ Chriſto morrendo, que não ſervirem vivendo à Maſamede, & que elle não avia de deixar a Fè de Chriſto por todas as ſuas ameaças, & tormentos. Eſpantado el Rei de hũa tam rara cõſtancia, o deixou livre ſem caſtigo.
Franciſco de Andrade cap. 29. parte. 3.
O Padre Ioão de Lucena no cap. 16. & 17. do liv. 3.

avia descuberto,os Reis de Tidore,de Bacham,de Maquiem, & de Moutel se declararão cõ Tristão de Taide que lhe querião fazer guerra,lançando fora os Portugueses que em seus Reinos andavão. E sabendo os Ternates esta despedida que os Reis davão aos Portugueses , os saltearão, & matarão todos. Em vingança disto,foi logo Tristão de Taide sobre hũ lugar chamado Mongue,perto da fortaleza,& o tomou, mas se não forão Antonio de Teive,Iorge de Taide, & Balthasar Vogado , & outros, ouvera de custar a vida à muitos Portu-
10 gueses, & forão mal feridos Iorge de Brito, Enrique Iorge, Afonso Teixeira, & Andre Pinto.

Neste tempo chegou de Malaca Simão Sodrè em hum navio,o qual mandou Dom Estevão da Gama, que là estava por Capitão,que animou muito à Tristão de Taide por a gẽte fresca q̃ trazia. E logo per Simão Sodrè mandou fazer guerra aos Ternates, à que tomou Turutò,Palacia, Calamata, Gico,& outros lugares, cujos moradores se ião ajuntar com outros mais longe,& algũs delles forão fazer hũa povoação em sitio afastado,& aspero, que Tristão de Taide não podia
20 ir à elle,atè que ouve cattivos à mão, que lhe insinarão o caminho, & dando no lugar per duas partes, foi entrado, & queimado,& muitos Mouros mortos. A tomada deste lugar, por sua aspereza,sentirão os inimigos muito,polo que despovoarão todos os lugares vezinhos da fortaleza, & forão fazer outros lõge della da banda de Levãte,cõ q̃ a fortaleza ficou algũ tãto desapressada de rebates,mas à maior guerra q̃ os Mouros fazião,era tolher os mantimẽtos. Para o q̃ os Reis conjurados mandarão suas armadas , com que os Portugueses se não atrevião sair à buscalos,principalmente despois que os Mou-
30 ros ouverão à mão hum paraò, de que ficarão mui orgulhosos por ser a primeira vittoria que contra Portugueses ouverão no mar.

Tristão de Taide por isto ser cousa tam nova, quis logo vingala, & se embarcou em hũa armada, & foisse à Tidore com proposito de destroir a cidade. Os Mouros confiados na vittoria que ouverão,o vierão receber,de que os Portugueses se espantarão,porẽ posto q̃ o numero delles era grande, & cõ sua artelharia,que era poucar,responderão à dos Portugueses,que era mais,deixarão de abalroar com os nossos por suas
40 embarcaçoes serem mui leves,& temerão serem mettidos no

 fundo.

fundo. Mas como erão muitos andarão esbombardeando cõ os Portugueses tanto tempo, que vendo Tristão de Taide q̃ lhe faltava a polvora, começou de se recolher, & os Mouros tambem mui contentes, porque não ficarão vencidos, como soião à ser, posto que forão bem escalavrados.

CAPITVLO. XXVI.

Como Tristão de Taide proseguio a guerra com os Reis do Maluco com varios successos, atè a vinda de Antonio Galvão, que vinha por Capitão de Ternate. 10

Estava per aquelle tempo no porto de Talangame, q̃ he da Ilha de Ternate, hũa nao de Francisco de Sousa, q̃ tambẽ andava cõ Tristão de Taide nestes trabalhos de guerra, & em terra se acabava hum junco de Francisco Enriquez, os quaes navios estavão naquelle porto, porque nelle podião estar vellas grandes, & não em o de Ternate, por causa do recife, como ja dissemos. E por estes navios terem mui pouca guarda, determinarão os Mouros de os queimar cõ jangadas de fogo, entremettido pela madeira, breu, & alcatrão, & em quãto aperceberão estas cousas cessarão da guerra, como homẽs q̃ estavão cãsados della. E como tiverão tudo apercebido, subitamẽte appareceo sobre o porto de Talangame hũa armada de trezẽtas vellas, q̃ cobria o mar, cousa não esperada dos nossos, nẽ parecia q̃ entre Mouros podia aver tãto navio. Tambẽ per terra appareceo muita gente de guerra, cõ proposito q̃ em quãto os do mar queimassem a nao, elles rõperião a tranqueira, & darião sobre o jũco, à q̃ tãbẽ porião fogo. Frãcisco de Sousa vẽdo tãto apparato de vellas, & hũ cardume dellas mui espesso, onde vinhão jãgadas, como era Soldado prattico, entendeo o caso, & incontinente cercou sua nao de vigas, lançadas na agoa de maneira, que as jangadas tivessem impedimento para não chegar à nao, & nisto gastou a maior parte do dia, em que se os Mouros deriverão em chegar ao porto. Como foi noute, mandou Francisco de Sousa recado à Tristão de Taide, fazendolhe saber o estado em que estava, pedindolhe que lhe acodisse. Tristão de Taide mandou logo por Capitão mor de hum navio, & de outras embarca- 40

çoes

20

30

ções à Estevão de Chaves, hũ fidalgo de autoridade, & idade, & cõ elle estes Capitães, Antonio de Teive, Antonio Pereira, Iorge de Brito, Ioão Figueira, Balthasar Vogado, Balthasar Velloso, & Iorge Goterrez, q̃ como foi noute partirão. E em chegando à tiro de berço, começarão à varejar naquelle cardume de vellas. Francisco de Sousa cõ a gente q̃ tinha, & seus paraòs ajudou aos outros. E como as jangadas dos Mouros cõ a marè ficarão em seco, os Portugueses lhe puserão o fogo, & elles se defenderão de maneira, que entre todos ouve hũa grã
10 de requesta. Por derradeiro os Mouros desesperando de fazer algum dãno, & vendo que o recebião, se forão recolhendo para suas casas, & os Portugueses para à fortaleza.

Tristão de Taide vendo q̃ a fortaleza estava em tãta necessidade, q̃ vierão os nossos à comer cães, gatos, & bogios, & valer hum alqueire de arroz cinco cruzados, & hũa jarra de sagù mantimẽto da terra vintecinco, & tinta cruzados, hũa cabra vinte cruzados, hũ porco cinquoẽta, hũa galinha quatro, hũ ovo trinta reaes, & asi đ todas as outras cousas era tamanho o preço, q̃ não avia homem q̃ tivesse cabedal para cõprar o co-
20 mer, pareceolhe q̃ como os Mouros do recõtro passado ficarão quebrados de sua opinião, era boa conjunção para lhe cõmetter paz, q̃ elle antes tã pouco procurava, & q̃ entã lhe cõvinha mais q̃ a guerra. O medianeiro q̃ nisto metteo foi o traidor Samarao, q̃ era o q̃ mais impedia a paz, & asi como os inimigos per elle sabião o estado de Tristão de Taide, não lha concederão, & ficarão na inimizade em que estavão.

Nesta necessidade dos nossos, vèo de Bãda em socorro Dõ Fernando de Montoi fidalgo Castelhano, q̃ o Capitão Enrique de Vascõcellos mandou em hũ junco, & Luis Froez Pilo
30 to em outro, em q̃ trouxerão mantimẽtos, & gente, & outras provisões q̃ Tristão de Taide mandara buscar. Cõ este soccorro renovou a guerra com os Mouros, & lhes tomou dos portos os melhores q̃ tinhão, q̃ erão Toloco, & Tabanga. E porq̃ os Mouros mudarão a cidade de Toloco de jũto do mar para dentro do sertão, pegada à hũa Serra, elle foi à ella per mar, & Francisco de Sousa per terra, & lhe deu nas costas tã subitamẽte, que tomarão a cidade, & ouverão os mantimentos della, q̃ foi o melhor despojo q̃ entã desejavão. Despois mandou Tristão de Taide à Geilolo, & o mais que alli fizerão foi queimar
40 hũa Mesquita, & querendo ir mais adiante à hum lugar,
 não

não poderão por acudir tanta gente, que causou embarcarense de pressa.

Os Mouros porque desejavão de despejar de todo a Ilha de Ternate, & iremse para Geilolo, & não o podião fazer sem grande perigo seu, por Tristão de Taide lhe tèr pejado com seus navios os portos onde avião de embarcar, lhe mandarão cõmetter pazes pelo Samarao, mostrando estarem cansados de continuar a guerra, & que lhes convinha juntarense por andarem todos derramados. Tristão de Taide foi disso contente, não advertindo o engano, & desembaraçados os portos, poucos, & poucos se recolherão nas embarcações que lhe levavão os de Geilolo, & sòmente se deixou ficar Poio filho de Samarao, com algũs de sua valia, mostrando que queria ficar com os Portugueses. E para melhor ordenar, & corar sua maldade, mandou pedir à Tristão de Taide, que para se virem para a cidade de Ternate lhe mandasse algũs Capitães seus que lhe dessem guarda. Para isto lhe mandou Tristão de Taide dous bargantijs, & por Capitães delles Francisco de Sousa, & Balthasar Vogado, os quaes forão em tal ora, que a armada d'el Rei de Geilolo que estava em cilada, saltou de subito com elles, & foi tomado o bargantim de Balthasar Vogado, que ia diante, & morto elle, & quantos levava consigo. Francisco de Sousa vendo que lhe não podia valer, & que se offerecia à morte sem frutto, se tornou para a fortaleza. Deste successo ficarão os Mouros tam soberbos, & atrevidos, por serem os primeiros que ousarão abalroar navio Portugues, que levarão o bargantim à el Rei de Geilolo. Os de Tidore tendo grande enveja desta vittoria, forão tomar hum navio de remo em que ia Francisco Enriquez de Talangame buscar hum leme, & como estavão em cilada, sairão à elle, & matarãolhe logo dez Portugueses, & quarenta escravos, & se a sua tranqueira não fora tam perto, onde se acolheo a mais gente, toda perecera. Tristão de Taide saio sòmente à saber deste desastre de Francisco Enriquez, & hũa armada de Tidore o vèo esperar ao caminho, da qual elle metteo no fundo hum navio, & recolhido, não quis mais sair, nem mandar fora da fortaleza pessoa algũa, & se deixou estar, atè que vèo Antonio Galvão successor no cargo, que o tirou d'aquelles trabalhos.

LIVRO

LIVRO SEPTIMO DA QVARTA DECADA DA ASIA,

DE IOÃO DE BARROS.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITVLO PRIMEIRO.

Dos Principes que ficárão no Reino do Decan per morte d'el Rei Mamud Xiah, & das guerras que entre elles ouve.

M Quanto passavão no Reino de Cambaia, & nos à elle comarcãos, as cousas que atras escrevemos, ouve outras entre os Principes do Decan, em que tambem interveo suor, & sangue dos Portugueses, o que querendo nos escrever, convem repetir algũas de longe, para entender as que succederão, atè chegar ao tempo de Nuno da Cunha, que he o fim de nosso intento. Escrevendo nos na segunda Decada destes livros,* como o Reino de Decan, per morte d'el Rei Mamud Xiah, ficou repartido em sette Capitães seus, contamos como todos se fizerão tyrannos das terras, & comarcas que tinhão

*No cap. 2. do liv. 5.

à seu

à ſeu cargo,& não ſómente cõquiſtarão dos Gentios outras, mas ainda hús com outros contenderão quem ſe faria maior. De maneira que de ſette, ficarão em cinco, cujos nomes, & Eſtados ſão eſtes. O Hidalchan, filho do Sabaio, que morreo quando Afonſo de Alburquerque tomou Goa. Eſte foi ſempre o principal deſtes Satrapas, porq̃ ſe fez tyranno da peſſoa d'el Rei, que per morte de ſeu pai Mamud Xiah ficou moço de doze annos, poſto que no acatamento, & reverencia o Hidalchan o tratava como à ſeu Rei, & Senhor. E para ſe fazer maior, & tèr mais autoridade, & aução para o que pretendia, tomou per molher húa ſua irmáa, para que falleſcendo elle, moſtraſſe que per ella lhe pertencia o Reino, & a herança. E tendo elle nas ceremonias apparentes poſto em muita mageſtade à el Rei, para enfrear os outros, lhe deu peçonha, mas de tal maneira, que de vagar o foſſe conſumindo, & que pareceſſe doença, da qual vèo à morrer. E aſsi lhe ſoccedeo no Eſtado, o qual he ao longo da coſta do mar, que corre de Norte à Sul, & começa no rio Domel, que fica oito legoas de Dabul, & acaba em Cintàcola abaxo de Goa onze legoas, em que avera ſeſenta legoas, pouco mais, ou menos de diſtancia, & na maior largura cinquoenta. Da parte do Norte confina com o Nizamaluco, que he o ſegundo Capitão, cujo Eſtado terà de coſta maritima quinze legoas, começando no meſmo rio Domel, & acabando pará o Norte no de Nagotana, termo cõmũ ſeu, & do Reino do Guzárate. Da parte do Sul vai enteſtar o Hidalchan com o Reino de Canarà, que he d'el Rei de Narſinga, com quem a maior parte do tempo anda em guerra. E pela de Levante cèrcão ao Hidalchan, & ao Nizamaluco os outros três Capitães Madre Maluco, Melique Verido, que fica em meio, & Cota Maluco mais ao Sul. Eſte por tèr tomado muitas terras ao Rei de Orixà ſeu vezinho, & por a ſua terra ſer mais montuoſa, & aſpera que a dos outros, & tèr de ſeu muitos Elefantes, he muito temido, & quer competir em poder com o Nizamaluco. Aſsi que de dezoito Capitães perque Mamud Xiah tinha repartido o governo, & defenſão de ſeu Reino, quãdo elle proſperava, vèo à ficar em ſette, atè que per morte de hús, & per violencia d'outros, que ſe fizerão mais poderoſos, ficarão eſtes cinco de que fallamos, cujos animos, & odios verèmos no que ſe ſegue.

Eſtes todos em algúa maneira ſempre tiverão algum reconhecimento

nhecimento de ſuperioridade ao Hidalchan, o qual tambem tinha algũa reverencia, & reſpeito ao Nizamaluco, como rico que era, por cauſa da noſſa fortaleza de Chaul, per onde tinha entrada de cavallos, & de noſſas mercadorias, & por eſſa cauſa lhe dera a irmãa por molher. O Madre Maluco era caſado com a irmãa do Hidalchan, o qual trattava à eſte ſeu cunhado, & à Melique Virido como à ſeus vaſſallos, principalmente ao Virido, à que dera algũas terras por vaidade de vaſſallagem. Eſte ao tempo que falleſceo el Rei Mamud
10 Xiah, era guarda, & governador de ſuas molheres, & eſtava ſempre com ellas na cidade de Bider, onde as tinha el Rei. Morto Mamud Xiah, & ſeu filho que em poder do Hidalchan eſtava, uſava dellas como Mamud Xiah fazia. O Cota Maluco vindo tèr differenças com elle, como com vezinho com quem partia ſuas terras, deſejando de lhas tomar, per cartas lhe eſtranhou muito a traição que naquillo fizera à ſeu Senhor, & lhe eſcreveo, que não ſem razão ſe diſſera, que elle por ficar à ſua vontade com ſuas molheres, & o Hidalchan por lhe uſurpar, & tyrannizar ſeu Eſtado, matarão
20 com peçonha à el Rei Mamud Xiah, & outras palavras com que culpava ambos de traidores, & por ellas ſe lhe tornarão ambos inimigos, & com a reſpoſta que o Virido mandou ao Cota Maluco, vierão romper em guerra, em que o Cota Maluco perdeo muita gente, & desbaratado ſe tornou para ſuas terras, tendo entrado pelas do Virido, poſto que ajudado do Hidalchan, que o ſoccorreo com gente como à vaſſallo ſeu: mas a principal cauſa era para ſe vingar das palavras do Cota maluco, que o infamava de traidor.

(?)

CAPI-

CAPITVLO II.

Como o Hidalchan foi cercar a cidade de Goulacondà do Cota Maluco, que a defendeo com grande estrago da gente do Hidalchan, per conselho, & ajuda de doze Portugueses seus cattivos, & da morte do Hidalchan, & prisão de Abrahemo seu filho segundo, que se queria levantar com o Estado.

NESTE tempo que Cota Maluco provocara cõ palavras ao Hidalchan, acertou elle de adoecer, cuja doença dezião ser peçonha, industriada per hũa de tres pessoas, pelo Açadachan seu Capitão, & vezinho nosso de Goa, ou per Cota Maluco, ou per Melique Abrahemo filho do mesmo Hidalchan, mancebo ousado, & temerario, ao qual o Cota Maluco dizem corromper com promessas, que matando à seu pai com peçonha, o casaria com hũa sua neta, indose para elle, & o metteria em posse do Estado de seu pai. O Hidalchan entendendo sua doença, & sendo certo q̃ hũa destas tres pessoas lhe dera a peçonha por o odio q̃ tinha ao Cota Maluco, creo mais q̃ elle seria o autor. E tanto q̃ foi são, por lhe acodirẽ logo, sem mais esperar, com todo seu poder, foi pôr cerco à Cota Maluco na sua cidade de Goulacondà, que he hũa das cidades mais inexpugnaveis, de todo o Reino do Decan, por razão do sitio, estando assentada no alto de hũa Serra mui ingreme, & aspera, onde em hum pico tem hũa fortaleza cercada de tres cercas, em que se podem agasalhar quatro mil homẽs, que fica como torre de homenagem da cidade, que està ao pè da fortaleza, & he de grande povoação. E alem da defensão natural que tinha por causa do sitio, era ainda mais defensavel, por a muita artelharia, & munições de guerra que nella avia.

O poder que o Hidalchan ajuntava, era tam grande, que o Cota Maluco se não esperava defender, porque segundo fama, tinha cem mil de cavallo, & quatrocentos mil de pè. E por ser ajudado de Madre Maluco, & de Melique Verido, & do Açadachan, que erão tam poderosos, tinhão muitos para si, que aquelle apparato era para ir contra

contra el Rei de Bisnagà, posto que com elle estava entam de paz. Mas el Rei de Bisnagà por a grande amizade, & vezinhança que tinha com Cota Maluco, lhe mandou muita gente; por se dizer, que o Hidalchan, não ia com tam grande exercito para sòmente lhe tomar aquella cidade, que era a cabeça de seu estado, mas toda a mais terra que tinha, o que não podia ser sem grande perjuizo do Reino de Bisnagà. O Cota Maluco vendo sua pessoa, & Estado em tanto perigo, buscava todos os meios para se defender: & porque elle tinha doze Portugueses cattivos que comprara à el Rei de Orixà, mandou os trazer ante si, & se aconselhou com elles, que modo teria para defender aquella cidade, em que consistia sua honra, & seu Estado. Elles lhe derão taes modos, & traças para assegurar a cidade, que Cota Maluco lha entregou, mostrando ter mais fè em sua lealdade, & esforço, que nos seus Capitães. Mas os Portugueses a não quiserão aceitar sem lhes dar Capitão para mandar a gente, porque à elles que virão avia tam pouco em estado servil, não avião de obedecer, polo que Cota Maluco lhes deu hum Capitão de que mais se fiava. Vindo o Hidalchan com todo o seu exercito, pôs cerco à cidade, & a começou à combater: mas os de dentro se defenderão de tal maneira, que nos primeiros tres combates lhe matarão mais de vinte mil homẽs Do que o Hidalchan ficou tam indinado, que determinou de se não mover d'alli sem tomar a cidade, em cuja defensão os doze Portugueses fizerão cousas maravilhosas, & entre elles acertou de estar hum d'aquelles à que Afonso de Alburquerque em Goa mandou cortar os narizes, & orelhas, por se lançar com os Mouros, o qual era grande artilheiro, & andava ganhando soldo com o Cota Maluco.

Em quanto a cidade se combatia, andava o Cota Maluco no campo tomando todos os mantimentos que ao Hidalchan vinhão, com que o pôs em tanta necessidade, que de fome, & do trabalho dos combates que se derão, lhe morrerão mais de cem mil pessoas, em que entrarão quinze mil de cavallo: & no arraial andavão mais de dez mil homẽs sem orelhas, & sem narizes d'aquelles que ião buscar mantimentos, & os mais delles erão de Melique Virido, aos quaes o Cota Maluco mandava soltar, & que se fossem appresentar de sua parte ao Hidalchan, & lhe dissessem que mandasse à Melique Virido que lhe posesse outras orelhas, & outros narizes, dos que

que elle mandara cortar aos ſeus quando com elle tivera guerra.

Neſte tempo do nojo que o Hidalchan trazia do mao ſucceſſo d'aquella guerra, que elle não eſperava, & de indiſpoſições ſuas, lhe vẽo naſcer hũa apoſtema de que morreo. Sua morte dous meſes eſteve encuberta ſem ninguem do arraial o entender. A cauſa de ſe encobrir, era tèr elle dous filhos, hũ mais velho chamado Maluchan, que ouvera em Aresbabà ſua primeira molher, filha d'el Rei Mamud Xiah, & outro menor por nome Melique Abrahemo, de outra ſua molher Chandebibij, irmãa do Nizamaluco, mancebo atrevido, & leve, & apparelhado para cõmetter qualquer feito por traveſſo que foſſe, & com iſſo mui apprazivel ao povo, cujas mãis de ambos eſtiverão à morte do Hidalchan ſeu marido. E porque na morte dos Reis, & Principes d'aquelle Oriente, he couſa mui cõmum aver alevantamentos de gente, que anda à roubar a terra do Senhor morto, per tempo de tres meſes, & mais, ſe lhe não acodem; por terem por opinião, que naquillo moſtrão a dor, & ſentimento que tem de ſeu Rei, para que todos ſaibão que perderão nelle o amparo de ſuas couſas, & a paz da terra, naquelle arraial não ſe atreverão os filhos denunciar a morte de ſeu pai, por eſtar tanta gẽte junta, & a tiverão aquelles dous meſes encuberta. Os irmãos entre ſi eſtavão tam receoſos hum do outro, que nem da tenda de ſeu pai ouſavão ſair, por cauſa de algum teſouro que ſeu pai tinha conſigo, porque o mais groſſo tinha elle na cidade de Biſapor, que era a cabeça de ſeu Eſtado.

Finalmẽte ſabendo Maluchan de ſua mãi, como ſeu pai o deixava por herdeiro de ſeu Eſtado, & ao Açadachan por ſeu Governador, elle em ſegredo o deſcobrio ao Açadachan: & deſpois de algũas diligencias que ſe fizerão para evitarem o alevantamento, de que a principal foi ſegurar o teſouro que eſtava no arraial, & a cidade de Biſapor cõ algũas forças principaes, forão todos os Capitães chamados à tenda, onde lhe foi denunciada a morte do Hidalchan. E ſendo aberto o teſtamento, perque ſe vio como o Açadachan [a] ficava por Governador, ouve em todos muita indinação, dizendo, que como podia ſer que hum eſcravo os avia de governar, avendo tantos homẽs notaveis, & de limpo ſangue? Toda via a couſa ſe diſſimulou por medo do Açadachan: & elle fez logo que antes

a. O cargo de Açadachan correſponde em dignidade ao de Condeſtabre, & he de tamanha preeminencia no Reino do Hidalchan, q̃ quẽ o tem ſe aſſenta a ſua mão dereita acima de todos os Senhores, & Capitães do Reino, aos quaes precede em tudo, & cõ differença notavel faz a corteſia (à q̃ elles chamão Sũbaia) à el Rei: porq̃ os outros Capitães a fazem todas as Lũas novas em hũ cãpo grande, pondo a mão dereita no chão, & deſpois ſobre ſuas cabeças, ſignificãdo q̃ ſobre ellas poem a terra que el Rei piſa, o qual eſtà em hũa varãda vendo eſta ceremonia, & paſſar cada hũ delles cõ ſeus Camelos, & Elefantes, & cõ as inſignias, & inſtrumentos de guerra. E o Açadachan em dias aſsinalados chega com dez, ou doze mil cavallos q̃ juſtẽta à hũa caſa de prazer fora da cidade, onde el Rei vai, & alli lhe faz o Açadachan à ſumbaia à cavallo, ou à pè, como el Rei eſtiver.

O proprio nome deſte Açadachan era Cufo (à q̃ Ioão de Barros chama Sufo) & por ſer natural do Reino de Lara, vezinho ao de Ormuz, ſe chamava Cufo Larim. Sẽdo mãcebo, vèo ao Reino do Hidalchan, à quem ſervio com tanto valor nas guerras cõtra os Portugueſes, que vagãdo naquelle tempo o cargo de Açadachan do Reino, lho deu o Hidalchan, & o governo do Concan, onde elle para ſua eſtãcia fez a fortaleza de Põdà. Diogo do Couto cap. 6. do liv. 7. da 4. Decada.

tes que d'alli saissem, fosse obedecido Maluchan por Senhor do Estado de seu pai. E segundo seu costume, os mais lhe vierão fazer sua çalema, que he como entre nos beijar a mão ao Rei per reconhecimento de Senhorio.

Quando Melique Abrahemo vio o testamēto de seu pai, & que seu irmão ficava Senhor de todo seu Estado como elle era pouco prudente, & impaciente em seus desejos, & achou disposição, começou logo à metter o arraial em revolta, buscando valias, & ajudas para romper em guerra com seu irmão, aproveitandose entam do que lhe custava pouco, que » erão palavras, & promessas que fazia da governāça que tinha » Açadachan, a qual promettia à cada hum que o ajudasse, co- » mo fazem homēs que pretendem aver Reinos, ou Estados » que lhes não pertencem, os quaes se alcanção, ficão mal quis- » tos de muitos, porque não podem dividir o Estado, ou officio » que prometterão à todos. Andando Abrahemo nestes subor » nos, lhe escreveo o Cota Maluco hũa carta em que lhe dizia, que se lançasse com elle, como lhe ja outras vezes cōmettera, & que o casaria com sua neta, & lhe faria aver o Reino do Decan. E que o que elle vira naquelle cerco, lhe dava por fiador, & as perdas de gente, & de fazenda que seu pai o Hidalchan recebera delle: & que trabalhase por grangear algũs Capitães, & avelos de sua parte, & logo alli cōmettesse o negocio. Melique Abrahemo, como não desejava outra cousa, não ouve para elle necesfidade de mais esporas, & avocando à si dous principaes Capitães Albocane, & Melique Cuf Sarandinà,* começou ajuntar hum grande numero de gente de cavallo. Porem sabendo Açadachan do levantamento que elle intentava, antes que à mais procedesse, foi Melique Abrahemo preso em ferros, & os dous Capitães Albocane, & Melique Cuf, & forão logo entregues à hum Capitão dos principaes chamado Corgetechan, o qual com vinte mil homēs os levou à cidade de Panella, que tem hum mui forte castello, onde os metteo, ficando elle em sua guarda.

* *Xandivar lhe chama Diogo do Couto.*

Diogo do Couto tratta do principio, & successão dos Reis do Decan, & da rebellião dos Capitães d'aquelle Reino mui differente do que Ioão de Barros escreve nestes Capitulos primeiro, & segundo, & no segundo do livro quinto da segunda Decada. Porque diz Couto no cap. 4. do livro 10. da 4. Decada, que pelos annos de M.CCC.XII. ouve hum Rei do Deliŋ, que com grande exercito baxou à India, & conquistou a maior parte do Canarà, povoado naquelle tempo de Gentios, & tornando vittorioso para seu Reino, deixou naquella Provincia que ganhara hum parente seu, cujo nome foi Thogalaça, primeiro Rei della da seita de Mafamede. Este assentou sua Corte na cidade de Vltadab, & per

sua morte lhe succedeo seu filho Soltam Singabupa, o qual pôs o nome de Decan à aquelle Reino, de que os naturaes delle se chamárão Decanijs. Soltam Perù filho de Singabupa, mudoù a Corte para a cidade de CabunBarguì, onde residirão sette Reis seus descendentes, Singa, Mahamed, Mugerdar, Daul, Mahamed II. Xadom, & Dilager. Morreo este cerca dos annos de M.CCCC.XV. & soccedeolhe seu filho Soltam Piros, q̃ foi Rei moralmente virtuoso, fundou duas cidades, hũa chamada Piroszobat (que he oje das principaes do Reino do Idalxiab) & outra XarBedar, ou Bider, para a qual mudou sua Corte. A este Rei succederão outros sette Reis, Mahamed III. Homahù, Hamed, Homèm, Mahamed IIII. Valebar, & Daudar, homem fraco, & de pouco governo, que repartio o Reino do Decan em Capitanias, hũa deu à Adelchan (à quem chamamos Hidalchan) que era Iustiça maior de seus Reinos, cuja Capitania se estendia pola costa do mar quasi sesenta legoas, desde Angediva atè Cifardam. De Cifardam atè Nagotana, que são pouco mais de doze legoas de costa, deu à Nizaman Moluc (que he o Nizamaluco) pagẽ da sua lança. Na terra que fica ao Levante destas duas Capitanias, na comarca dos Talingas, que confina com o Reino de Canarà polo Norte, & polo Oriente com o de Orixà, pôs Soltam Daudar à Coth Moluc seu Tesoureiro mòr, à que erradamente chamamos Cota Maluco. E aquella parte de Hadavetar (que quer dizer terra de casamentos, porque alli vão todos os Gentios do Decan fazer suas vodas) que fica ao Noroeste do Estado do Cota Maluco, & confina com o do Miram, & Virgi, que ja são de Cambaia, deu à Idmad Moluc, Condestabre mòr do Reino, q̃ com a mesma corrupção chamamos Madre Maluco. Reinou Soltam Daudar sette annos, ficoulhe hum filho de pouca idade, debaxo da tutoria de hũ Capitão chamado Virido, Vngaro de nação, Armeiro mòr d'el Rei. Ene tempo deste nos annos de M.CCCC.XC. se levantarão os quatro Capitães cada hum com as terras que governava, & o Virido se entregou do moço Rei, & da pequena parte do Reino de Decan, que lhedeixarão os Capitães rebellados, na qual ficou a cidade de Xarbedar. E como este Rei teve idade, Virido o casou com hũa filha sua, de que ouve hum filho, que despois foi casado com hũa filha do Idalxiab, & he o verdadeiro herdeiro de todos estes Estados usurpados, dos quaes possue o menor quinhão.

O Hidalchan pôs a sua Corte na cidade de Bisapor, andava nella hum Turco chamado Cufo, que em tempo de Soltam Daudar foi ter à Xarbedar, mancebo, & pobre, em hũa cafila de mercadores; & quando se levantarão os Capitães, se passou Cufo para o Hidalchan, que se lhe affeiçoou tãto, que era por elle governado. Matarão ao Hidalchan seus vassallos, justo castigo de sua traição, como o tiverão os outros Capitães, cujos Estados não lograrão seus herdeiros, & vierão à poder de outros Tyrannos. Deixou o Hidalchan hum filho de poucos annos, apoderouse Cufo delle, & do Estado per sua morte, que succedeo hum anno despois que matarão ao Hidalchan. Este titulo tomou tambem Cufo: estendeo os limites de seu Senhorio, & conquistou a Ilha de Goa, que possuia hum Senhor Canarà chamado Savay, vassallo d'el Rei de Canarà. E por não ser verdadeira a informação que destas cousas derão à Ioão de Barros, confundio o nome do Gentio Savay com o de Cufo Hidalchan, que era ja Senhor de Goa, quando as armas Portuguesas entrárão na India. Viveo Cufo atè o anno de M.D.V. ficarãolhe dous filhos, Ismael, & Meale, Ismael como maior herdou o Estado, & titulo de Hidalchan, à quem o grande Afonso de Alburquerque tomou Goa. Morreo Ismael Hidalchan no anno de M.D.XXXIIII. succederãolhe dous filhos, Maluchan, & Abrahemo, que são estes dous de que tratta Ioão de Barros nos dous Capitulos passados.

Affirma Diogo do Couto, que tirou esta relação das Chronicas dos Reis do Decan, & o soube per informação que lhe derão Embaxadores destes Principes, & Mealechan filho de Cufo Hidalchan.

(.?.)

CAPI-

CAPITVLO. III.

Como levando Maluchan o corpo de seu pai à sepultar, lhe vèo ao caminho Cota maluco, & ouve batalha com Melique Verido: & como Abrahemo foi solto por Cogertechan, & soccorendoo Nizàmaluco seu tio, foi preso Maluchan.

10

TANTO que à Maluchan vèo nova como Abrahemo, & os Capitães Albocane, & Meli que Cuferão presos em Panella, partio com o corpo de seu pai para lhe dar sepultura na villa de Gogij, oito legoas de Bisapor, contra as terras do Cota Maluco, onde tinha seu jazigo. E porque o corpo avia de passar necessariamente per hum passo entre hũas Serras tam aspero, que se não podia ir per elle senão à fio, alli vèo Cota Maluco esperar à Maluchan, & como na
20 avanguarda do exercito ia Melique Verido, & no corpo da batalha Maluchan com o corpo de seu pai, & suas molheres, & familia, & o Açadachan na retaguarda, deu Cota Maluco na avanguarda com quatro mil homẽs escolhidos para este feito, & conhecendo a devisa que era de Melique Verido seu grande inimigo, com maior impeto rompeo a gente, & foi de maneira que logo ferio à Verido de hũa frechada em hum braço, & com hum zarguncho lhe passarão hum ombro. Tanto que esta nova vèo tèr ao Açadachan, ainda que vinha longe, acodio, & querendoo as
30 molheres do Hidalchan entretèr, pedindolhe que não passasse adiante, & que fossem rodear per outra parte, elle respondeo: *Nunca Deos queira, que levando eu aqui o corpo de meu Senhor, & suas molheres, que he a minha honra, deixasse de ir àvante. Porque, que maior gloria posso eu desejar, que morrer diante dellas, por defender o corpo de meu Senhor, & suas pessoas?* E não se detendo, passou adiante. E a revolta se acabou com o Cota Maluco perder mil homẽs, em que entrarão quatro Capitães, hum era seu genro, & hum Abexij seu Capitão geral, & elle foi ferido levemente. Com este dàno se retirou Cota
40 ta Maluco pela espessura das matas, que per alli ha mui

grandes,como quem sabia as veredas della,por serem em sua terra, & ou para o não buscarem, ou para algũa estratagema que determinava ordenar, fez que lançassem os seus fama, que naquelle recontro fora morto. E maior foi o dáno que alli recebeo, que o que teve na cidade Goulaconda, que lhe defenderão os Portugueses: mas elle tambem se vingou, matando da gẽte do Verido, & do Açadachan tres mil & quinhentos homẽs, afora os feridos, em que tambem o Açadachan entrou.

Tornandose ajuntar, & ordenar o exercito, quisera Maluchan com aquella nova da morte do Cota Maluco, que antes que fossem mais adiante, tornassem à cidade que tiverão cercada para lha tomar, & asi todo o Estado. Mas este conselho não approvou o Açadachan, porque como sagaz que era, & tinha tratado o Cota Maluco muito tempo, & sabia ser manhoso, & cheo de astucias, disse que sua morte era fingimento, que fossem em boa hora seu caminho. E asi se fez, deixando aquella empressa para outro tempo mais conveniente, porque naquelle primeiro anno assas tinha que fazer Maluchan em assentar as cousas de seu Estado. Chegados à Gogij, onde sepultarão ao Hidalchan, & lhe fizerão suas exequias segundo seu uso, foisse Maluchan à cidade de Bisapor, & d'alli despedio à Madre Maluco, & Melique Verido, para irem pôr cobro em suas terras. E porque com os alevantamentos que em as proprias avia andava tudo revolto, & não ousava ninguem caminhar, mandou à Açadachan com hum grosso exercito à pacificar os levantados.

Neste tempo Melique Abrahemo, que estava preso, começou à cartearse com seu tio o Nizamaluco, & sua mãi Chandebibij, que com elle estava, fazia o mesmo, chorando com muitos queixumes a prisão de seu filho, pedindolhe como à bom irmão que o viesse tirar della, dizendo, que não faltava para ser livre mais que moverse elle à isso, segundo o tinha entendido de Cogertechan, que sò com quatrocentos homẽs d'armas estava em guarda de seu filho. O Nizamaluco que desejava succeder caso para se fazer Senhor do Estado que Abrahemo pretendia, se fez prestes, com pretexto que o queria ir livrar da prisão em que estava: mas quando chegou, ja Cogertechan o tinha solto, com as

promessas

promessas que lhe Abrahemo fez de lhe dar o governo do Estado,& outras cousas,afora o que a mãi de Abrahemo lhe deu em dinheiro,& joias,como molher rica que era. E ao tempo que o Nizamaluco chegou à cidade de Panella,ja Abrahemo tinha mais de quatro mil homẽs tomados à soldo, com o dinheiro que lhe a mãi dera,& outra mais gente que Corgetechan ajuntou,della à soldo,& della que vinha à seguir a ventura d'aquelle Principe,por ser conhecido por benigno, & liberal. Partes que mais ganhão os corações dos homẽs, & per »
10 que muitos Principes de pequenos principios vierão à ser »
mui grandes,& celebrados. A causa porque Cogertechan sol- »
tou à Abrahemo,& aos dous Capitães que com elle estavão, alem das dadivas, & promessas q̃ lhe forão feitas, foi porque receava que o Nizamaluco lho tomaria per força,& perderia elle o beneficio de o soltar,alem de perder na defensa o Estado,& a vida,polo que se quis anticipar.

O Nizamaluco chegou com grande exercito junto à cidade de Bisapor,onde Maluchan estava,cujos Capitães o entregarão preso ao Nizamaluco,por temerem o grande poder cõ
20 que vinha: o qual logo fez levantar por Senhor à seu sobrinho Abrahemo, com as ceremonias que entre elles usão. E em pago da prisão de Cuf,que por amor delle Abrahemo teve,lhe entregou à seu irmão Maluchan preso em ferros, para que ficasse com elle alli em Bisapor, & o guardasse com tres mil homẽs d'armas.

Melique Verido como soube que o Nizamaluco soltara seu sobrinho Abrahemo,& o mettera em posse do Estado,parecendolhe,que asi o tio,como o sobrinho poderião tèr necessidade delle, por as cousas se armarem de maneira, que se
30 podia esperar guerra, escreveo ao Nizamaluco, que elle seria em seu favor, quando lhe comprisse, & ajudaria com todo seu poder à Melique Abrahemo,com tanto que lhe desse sua irmãa Chandebibij por molher. Quando Chandebibij soube da carta de Melique Verido, ficou tam indinada por aquelle atrevimento de hum vassallo de seu marido, & ao presente de seu filho,à pedir per molher, que pondose ante seu irmão, & seu filho, com muitas lagrimas lhes pedio, ambos juntamente fossem logo vingar aquella grande injuria. O Nizamaluco, que (como dissemos) mais se mo-
40 veo à vir soltar seu sobrinho para tomar para si o Estado

 do

do Hidalchan, que para o pôr nelle, apazigou a irmãa com palavras, dizendolhe, que tudo tinha seu tempo, & que assi o averia para aquelle castigo tambem merecido: mas que o que cumpria entam, era disimular todas as offensas, atè segurar seu filho naquelle Estado. E por não desesperar da pretensão à Melique Virido, lhe respondeo brandamente, dandolhe esperança de o contentar no que fosse nelle: & que sua irmãa não tinha ainda enxugado as lagrimas pola morte do Hidalchan seu marido, & polos trabalhos em que vira, & via à seu filho, que por isso a deixava satisfazer à seus nojos, 10 atè passar algum tempo, que cura todas as paixões d'aquella qualidade, & que entretanto elle aceitava seu offerecimento, & o punha à sua conta, para o pagar quando lhe comprisse.

CAPITVLO IIII.

Como indo o Açadachan à Bisapor livrar da prisão d Maluchan, Melique Cuf, que o guardava, lhe arrancou os olhos, & com elle, & com o tesouro se foi para Abrahemo. E das differenças que trouxerão muitos Capitães do Decan, & da morte de Melique Cuffo Cocheca. 20

O Açadachan antes q̃ partisse para ir assentar os levantamentos do Reino do Decan, tirou do tesouro do Hidalchan quatrocentos mil pardaos d'ouro, dizendo serem necessarios para despesa da guerra que ia fazer. E o primeiro caminho que fez, foi para as fraldas da Serra de Gate (que he aquelle grande espinhaço, & corda de Serranias, que vai do 30 Norte para o Sul, ate acabar no cabo de Comorij) que caem para o mar, nas terras de Curale, Salsim, Parvolide, & Banda, que ficão acima de Goa. Nestas terras andavão salteando tres Capitães Gẽtios, Berugij, Verugij, & Ramugij, que erão da geração d'aquelle Comogij, que antiguamente fora Senhor dellas, como na terceira Decada dissemos, *quando Rui de Mello Capitão de Goa as tomou ao Gentio desta linhagem. Estes trazião quinze mil homẽs de pè, & por a terra ser mui aspera, & de Serrania, se emboscavão de maneira, que 40

* Capitulo. 5. do livro. 4.

o Açadachan

o Açadachan andava em busca delles, como quem andava monteando, dando ora em hús, ora em outros.

Andando neste trabalho, lhe derão novas de como Melique Abrahemo era solto, & levantado por Senhor do Decan, & preso Maluchan, & posto em guarda de Melique Cuf. A qual nova o intristeceo tanto, que deixada a montaria em que andava, partio logo caminho de Bisapor à soltar Maluchan, para o que ajuntou a mais gente de cavallo que pode. Melique Cuf que o tinha em guarda, temendo esta ida 10 do Açadachan, & que lhe podia tomar Maluchan, por o muito poder que levava, com tamanho atrevimento, como crueldade, lhe arrancou os olhos, & tomando o à elle, & ao tesouro que tinha consigo, foisse tèr com Melique Abrahemo à cidade de Calberga. O Açadachan, como teve nova que Maluchan estava cego, & elle, & o dinheiro em poder de Abrahemo, deixado o caminho de Bisapor, tomou o de Calberga.

Sabendo Abrahemo da ida de Açadachan, & parecendolhe, que por aver sido feitura do Hidalchan seu pai, folgaria 20 de o servir, ja que à Maluchan o não podia fazer, lhe mandou ao caminho muitas cartas com todos os mimos, & branduras com que podia aplacarse, dizendolhe, q̃ pois Deos aquillo ordenara per mão d'aquelle mao homem, cegãdo seu irmão, enganado por lhe parecer q̃ com aquelle feito se escusavão muitas mortes de entre elles, ouvesse por bem de lhe ir obedecer, porq̃ elle lhe promettia de o fazer seu Governador, como era de seu irmão, com mais acrescentamento de honra, & Estado do q̃ elle tinha; dizendo mais, que se não castigara logo à Melique Cuf, por o grande crime q̃ cõmetteo, era porque an 30 davão as cousas tã revoltas como elle sabia, polo q̃ não cõpria buscar novos odios, senão paz, & concordia: mas q̃ elle lha tinha guardada para seu tempo, como veria. O Açadachan, como homẽ q̃ se não fiava de tantos mimos, & cõprimẽtos, tanto q̃ chegou à Calberga, assentou seu arraial, segundo o uso q̃ elles tem, asi na paz, como na guerra. Porq̃ como os tyrannos todo o tẽpo, & lugar, & pessoas lhe são suspeitas, tinha Açadachan sua tẽda sò no meio de húa grãde praça despejada ao redor hũ bõ espaço de todas as outras tendas, em torno della em modo de cerca estava toda a gẽte de cavallo, & esta tãbẽ 40 apartada đ toda a outra gẽte outro espaço: & alẽ deste, estavão

os Elefantes pela mesma maneira de cerca; & na mesma ordem, & distancia ficava agente de pè, de maneira que quem quisesse ir fallar ao Açadachan na tenda, avia de passar por todos estes muros,& escampados para ser visto de todos.

Tendo o Açadachan alojado o seu arraial nesta ordem, cinco legoas do de Abrahemo, mandou per hum seu criado, chamado Cacem,pedirlhe hum seguro para ir à elle, ao qual Melique Abrahemo recebeo com muita honra, & gasalhado. E passadas muitas cousas entre elles,por Abrahemo achar disposição em Cacem, lhe cõmetteo que matasse ao Açadachan, & que elle lhe prometia de lhe dar todo o seu Estado, alem de outras merces: & que per este modo ficava livre de ser escravo de hum escravo. Aceitado o partido, & tornado Cacem ao Açadachan,despejou a tenda por ser de noute, & ficou sò com elle ouvindo o que passara com Abrahemo, & o contentamento que mostrara tèr delle, & desejo de se verem ambos. Hũs dizem,que o Açadachan foi avisado per via de algum amigo que tinha no conselho de Abrahemo, com quem elle cõmunicou este caso. Outros, que o Açadachan era tam agudo de engenho,& sospeitoso de sua condição,que nos meneos,& prattica de Cacem entendeo que trazia o animo danado:& como era ja alta noute,o matou cõ suas mãos com hum punhal. E ao outro dia, sem disso dar conta à ninguem,deixando seu arraial assentado como estava, se partio à grande pressa sò com doze de cavallo,que levou para guarda de sua pessoa. E sendo ja alongado do arraial espaço de hũa legoa, mandou ao Capitão que tinha cargo de o assentar, o levantasse, & o seguisse com boa ordem caminho de Bilgan, onde tinha seu assento. Melique Abrahemo como teve nova que o arraial era levantado, & o Açadachan desaparecido, & que Cacem fora achado em sua tenda morto, entendeo que o que com elle passara fora sabido pelo Açadachan, & mandou algũa gente que fosse em seu seguimento, a qual não o podendo alcançar, degollou algũa da retaguarda.

Melique Abrahemo com a partida do Açadachan, se foi à Bider, que era de Melique Virido, para o castigar da ousadia que tivera, em mandar cõmetter ao Nizamaluco, que lhe desse por molher a mãi delle Abrahemo. Para esta guerra o vierão ajudar o Madre Maluco, & Cota Maluco,

Maluco, que era o que mais desejava destroir à Verido, por serem inimigos antigos, & vinha tambẽ por a pretensão de tèr Abrahemo por genro. Melique Verido sabendo que estes dous Capitães vinhão em companhia de Abrahemo, & q̃ o Nizamaluco se fora fingindo hũa necessidade subita, entẽdeo que o não queria defender: & não se atrevẽdo esperar o impeto d'aquelles seus contrarios, desamparou a cidade de Bider, & fugio sò, levando o mais dinheiro que pode aver. Abrahemo foi o primeiro que chegou à Bider, & tomou posse della, 10 onde achou muitos cavallos, & elefantes, de que se forneceo, tendo delles necessidade. Avendo ja tres dias que estava na cidade, chegarão Madre Maluco, & Cota Maluco, & assentarão seus arraiaes duas legoas da cidade, por saberem tèr ja tomada Abrahemo posse della sem peleja, & que o Verido desapparecera. Estes Principes ambos pretendião tèr por genro à Melique Abrahemo, querendo Cota Maluco darlhe hũa neta, & o Madre Maluco hũa filha, mas Madre Maluco se anticipou, & quando o outro o soube, calouse sem fallar nisso à Abrahemo, tendolhe ja fallado avia dias, como temos ditto 20 atras. Porem Abrahemo quando vio que lhe não fallava Cota Maluco, o cõmetteo: mas elle se escusou, dizendo, que sua neta era menina, mais para criar, que para casar, que elle para isso a criava, que entretanto bastava a filha de Madre Maluco, & que por esta causa, & ser seu amigo deixara de lhe fallar nisso. Melique Abrahemo, porque desejava de se liar com estes dous homẽs per casamẽtos, por lhe comprir asi para suas cousas, tanto apertou com Cota Maluco, que lhe prometteo sua neta, como tornasse para seu Estado. Acabados estes concertos, Melique Abrahemo se partio para Bisapor, mas não 30 quis alli estar mais que em quanto deu ordem para deixar naquella cidade seu irmão preso, asi cego como estava, onde lhe deixou guardas de sua pessoa, & o necessario em abundancia para seu sustento, & d'aquelles que o servissem, & d'ahi se tornou à Calberga, & o Madre Maluco, & Cota Maluco para suas terras.

Cogertechan per o beneficio que à Melique Abrahemo fizera de o soltar, & lhe dar o ser que tinha, esperava que fizesse delle muita conta, & lhe desse o governo de seu Estado, como lhe promettera. Polo que vendo que o fazia ao con 40 trario, indinado d'aquella ingratidão, secretamente se foi

para o Açadachan,& se confederou cõ elle em odio de Abrahemo, & se forão contra a cidade de Calaçà. Era ainda vivo hum irmão do Hidalchan, * & tio de Melique Abrahemo, ao qual escreverão ambos, animandoo que se quisesse levantar,& vir para elles, que o farião Senhor do Estado que fora de seu irmão, de que elle era mais digno, que seu sobrinho, que per tam mao titulo o ouvera. Mas como elle sempre fora de fraco animo,& froxo, não respondeo ao proposito delles. Polo que declarados o Açadachan, & Cogertechan por inimigos de Abrahemo, determinarão de metter em sua liga à Melique Cuffo Cocheca, & para isso forão buscalo à cidade de Calarà, de que era Senhor, & achando nova que era ido contra a parte da Serra de Gate, que cae sobre Dabul, cõ proposito de ir roubar aquellas terras, folgarão muito, por ser elle tambem levantado,& fora da obediencia de Abrahemo. E logo ambos estes novos amigos lhe escreverão, que o vierão buscar para tratarem algũas cousas que lhe à elle relevavão, que asinalasse o lugar onde queria que se vissem ambos. O fundamento com que Melique Cuffo saio de Calarà, foi escorchar Mujatechan Tanadar de Dabul de algum dinheiro. Ao qual de cima da Serra mandou dizer, como andava na guerra servindo o Hidalchan, & que elle Mujate era rendeiro, q̃ estava mui descansado em Dabul enchendose de dinheiro, que lhe mandasse logo hũa certa quantidade para pagar o soldo à quatro mil homẽs que trazia consigo. Mujatechan sabẽdo que saia elle de Calarà para o vir destroir, se lhe não respondesse à sua vontade no que lhe pedia, & que tambem vinha em proposito de ir tomar as terras de Parvolide, que entam erão de Aga Mustafà, mandoulhe aviso da determinação de Melique Cuffo, & que se fizesse prestes. E posto que antes não estavão correntes na amizade, se fizerão entam amigos na cõmum defensão,& em odio de Cuffo, & se virão na terra de Chaporan, & jurada sua amizade, com dez mil homẽs se forão ao cume da Serra do Gate em busca de seu inimigo. Melique Cuffo, ou porque os temeo, ou porque naquelle tẽpo lhe derão o recado que dissemos do Açadachan,& de Cogertechan, deixou os com seus apercebimentos, & foise ver com o Açadachan, & com Cogertechan: & indo primeiro ao arraial de Cogertechan, elle lhe saio ao caminho, & encontrandose ambos, & abraçandose, Cogertechan arrancou de hũa

* Este era Mealechan.

hũa adaga,& lhe deu duas adagadas, de que logo lhe caio aos pès morto;& ſem mais eſperar, nem o fazer ſaber à Açadachan, à grande preſſa ſe foi metter de poſſe da cidade, & de quanta fazẽda Melique Cuffo tinha. O Açadachan que com elle eſtava contrattado; que o ganho que naquella empreſſa à que iáo ouveſſem, foſſe repartido entre elles igualmente, por Cogertechan o náo querer comprir,& ſe eſcuſar, dizendo,que como lhe avia de dar parte do que elle por ſi ſò ganhara,ſem ajuda ſua,ſe anojou muito delle, mas ſoffreo a indina-
10 çáo d'aquelle caſo,por ná aver tẽpo para ſe vingar,& deixando o caminho que levava,ſe tornou às fraldas do mar.

CAPITVLO. V.

Como o Açadachan fez que o Achandegij vieſſe à tomar as terras que foráo de ſeus a vòs, dandolhe para iſſo favor, & ajuda, & do que elle fez com outros Capitáes.

LOGO que o Açadachan foi da outra parte
20 da Serra,mandou recado à Achandegij, que fora filho do Senhor de Parvolide, & andava em Cambaia,que vieſſe tomar as terras que foráo de ſeu pai,& avòs, & que elle o favoreceria cõ gente,& dinheiro para as cobrar.O que logo Achandegij fez, & chegado à aquellas terras,achou recado do Açadachan, & dinheiro,com que logo fez dous mil homẽs, com os quaes começou de roubar as Tanadarias dos Mouros.E por elle ſer natural Senhor da terra,o Gentio ſe ajuntou à elle, de maneira que em pouco tempo lhe vieráo mais de outros mil homẽs.
30 Aga Muſtafà,que era Capitáo d'aquellas terras por o Hidalchan, acodio com gente groſſa à eſte dáno, mas náo pode dar batalha à Achandegij, por lhe andar fugindo per lugares aſperos, & montuoſos, na qual retirada ia roubando, & deſtruindo a terra, & per eſte modo matou à Muſtafà mais de dez mil homẽs. E foi correndo do Norte para o Sul per toda aquella fralda do mar,atè as terras de Cural, & Antruz, que ſáo ja das terras firmes de Goa. Aqui ſe ajuntou com os outros Capitáes Gentios Berugij, Verugij,& Ramugij, que tambem per aquellas partes andaváo fazendo outro tanto
40 dáno.

Neste tempo estava ja Açadachan recolhido na sua cidade de Bilgan, & d'alli escreveo muitas vezes à Mujatechan Tanadar de Dabul, que entrasse na sua liga, fazendo guerra per aquella parte, & elle faria per baxo outro tanto, & ficarião ambos Senhores dos portos de mar, & dando obediencia ao Governador da India, ficarião seguros, do qual não serião tam despeitados, como erão de Melique Abrahemo. E que fazia fundamento de lhe entregar as terras firmes de Goa. Desta confederação se escusou Mujatechan, dizendo, que o Governador Nuno da Cunha não 10 avia de aceitar tal cousa, por tèr assentadas pazes com o Hidalchan, nem elle avia de desobedecer à seu Senhor, por não ser avido por traidor. Vendo Açadachan este desengano, o fez logo saber à Cogertechan, que estava na cidade de Calarà, tornandose à reconciliar com elle, provocandoo que fosse sobre Mujatechan. O que elle logo determinou fazer: mas primeiro mandou dizer à Mujatechan, que bem sabia como lhe dera a vida em o livrar de Melique Cuffo Cocheca, que elle matara, & pois com aquella morte tudo o que tinha elle lho dera, lhe mandasse os seus elefan- 20 tès, & algũs bõos cavallos Arabios, & algũa ajuda de dinheiro, para pagar a gente que trazia, com que se averia por satisfeito, senão que se apercebesse ao castigo, que lhe logo iria dar, como à homem ingrato. Cogertechan não contente da resposta de Mujatechan, mandou dizer à Ioão Criado Feitor d'el Rei de Portugal em Dabul, que posto que lhe dissessem que elle ia sobre Dabul, que não temesse, por quanto elle não avia de tocar em pessoa algũa, nem cousa d'el Rei de Portugal, & sòmente ia à castigar ao Tanadar Mujatechan. Ioão Criado lhe respondeo, que não fi- 30 zesse tal caminho, porque elle avia de defender o Tanadar de quem mal, ou dano lhe quisesse fazer, como se fosse natural Portugues. E porque entre elles ouve outros mais recados, mandou Ioão Criado pedir soccorro à Chaul, que està d'alli dezoito legoas, com que ajuntou vinte bargantijs, & algũas fustas que Nuno da Cunha lhe mandou de Goa para aquelle caso. Com este favor Mujatechan foi esperar Cogertechan no lugar onde elle esperara à Melique Cuffo: mas Cogertechan não ousou vir buscalo, por saber que estava favorecido do Feitor. 40

Passados

Passados algũs dias, & partido Ioão Criado, por acabar seu tempo da Feitoria, tornou Cogertechan repetir a mesma cõtenda, atè que vierão à batalha no lugar onde Mujatechan o foi buscar da outra vez. Neste rompimento perdeo Mujatechan quatrocentos homẽs de cinco mil que levou, & outros favorecerão o vencedor, lançandose com elle, que este he o costume d'aquellas gentes, por a pouca lealdade que nelles ha: & o vencido se acolheo à unha de cavallo à sua fortaleza de Chaporan seis legoas de Chaul, onde tinha a maior parte 10 de sua fazenda. Cogertechan com esta vittoria se foi logo caminho de Dabul, mandando dizer diante que ninguẽ fugisse, porque elle não ia mais que à tomar a fazenda do Tanadar, por os roubos que fazia na terra: mas não querendo experimentar sua verdade os Guzarates, & outros mercadores ricos, se recolherão. E Cogertechan o comprio tambem, que não fez nojo à pessoa algũa, sòmente se contentou com tomar a fazẽda de Mujatechan, alem do mais q̃ trazia do seu arraial, que erão elefantes, & cavallos. E por assi entrar sem offensa de alguem, & usar de muita temperança, foi recebido de to-20 dos de boa võtade, a qual elles não tinhão à Mujatechan por os despeitar mui cruamente. O qual desbaratado, & recolhido na sua fortaleza de Chaporan, esteve nella todo o inverno, sem ousar de ir à Melique Abrahemo, que se ja chamava Hidalchan como seu pai, porque lhe era forçado passar por as terras de seu inimigo Cogertechan. Nem tambem ousava ir per mar buscar o Governador Nuno da Cunha, em que elle tinha muita confiança, por causa do inverno, em que se não podia navegar.

Cogertechan passados algũs dias, despois desta vittoria, 30 foise para a cidade de Calarà, & segundo dizião ja perdoado da morte de Melique Cuffo Cocheca. O qual Cuffo tinha hum filho, & vendo que por duas peitas que este matador de seu pai deu, o Hidalchan o tornou em sua graça, andou hum dia ao redor de Calarà vendo se achava azo de o matar, & quãdo não pode, com algũa gente que ajuntou andou à roubar as terras, como os outros fazião. Cogertechan tomada posse de Calarà, & de todas suas rendas, & perdoado do Hidalchan dos males que tinha feitos, determinou de com grande apparato de casa, & gente ir à Bisapor à fazer çalema ao Hidalchan, 40 & ao servir. Mas porque ao tempo que chegou soube que

avia

avia dous dias, que elle mandara cortar as orelhas à Melique Cuf Sanadinà, que era aquelle que cuidando que nisso o servia, arrancara os olhos à Maluchan; não quis experimentar em sua pessoa outro tal galardão, como o que o Hidalchan deu, à quem lhe deu a vida, & o Estado, & d'ahi à poucos dias, fingindo certa necessidade, se tornou à Calarà, lembrandolhe o que tinha feito. Como foi em Calarà, se carteou com o Nizamaluco, cõmettendolhe que o recolhesse em seu serviço: & como teve seu recado, com toda sua fazenda se foi para elle. O Nizamaluco com a lealdade, & fè que naquella nação ha, como com elle foi, lhe tomou quarenta elefantes que levava, & dozentos cavallos, & grande movel de casa, & muito dinheiro, sem lhe deixar mais que quanto tinha vestido. Outros dizẽ, que algũa cousa lhe deu por o que lhe tomou, principalmente por os elefantes, & cavallos, dizendo que os avia mester, mas que foi tam pouco, que elle o não quis aceitar. E porque Cogertechan com temor pedio ao Nizamaluco licença para se embarcar para Meca, o Nizamaluco mãdou cõ elle hum seu Capitão per nome Coscam com quatrocentos de cavallo à Chaul, para hi se embarcar, mandando à aquelle Capitão que se não viesse sem o deixar embarcado. 10 20

Simão Guedez, que estava por Capitão da fortaleza de Chaul, como soube que elle estava no Argao, que serà da fortaleza hũa legoa, por a informação da pessoa, & qualidade de Cogertechan, lhe mandou dizer, que se ouvesse por bem de se recolher naquella fortaleza, que elle o agasalharia nella de boa vontade, atè se determinar no que queria fazer de si. Elle com palavras de homem que vinha en tam triste estado, lhe mandou agradecer muito aquella offerta, & a aceitou, & Simão Guedez per sua pessoa o foi buscar, & o trouxe à fortaleza, onde lhe mandou dar o milhor aposento que avia, com todo o necessario para seu serviço. E tendo Nuno da Cunha, que entam estava em Dio, recado de Simão Guedez, do estado em que Cogertechan alli chegara, & quem era, o mandou levar à Dio para lhe fazer algum bem, como fez, provendoo do necessario. E porque elle estava de caminho para Goa, & Soltam Badur era ido à visitar algũas partes de seu Reino, como atras dissemos,* lhe escreveo sobre Cogertechan, pedindolhe ouvesse este homem por hum dos seus aceitos, por quem elle era, & por lhe fazer à elle merce, & assi o encomen- 30 40

*No cap. 16. do liv. 6.

dou

dou à Manoel de Sousa Capitão da fortaleza de Dio, & ao Rao Capitão da cidade. E quando el Rei veo por a recomendação que lhe fez Nuno da Cunha, & por saber quem era Cogertechan, o recolheo por seu Capitão, como os outros mais principaes. E como naturalmente era magnifico, & liberal, logo de boa entrada lhe mandou dar para se aperceber do necessario vintesette mil pardaos d'ouro, & elle foi despois hum dos principaes Capitães de cambaia.

CAPITVLO. VI.

Como o Hidalchan mandou rogar ao Açadachan que se fosse para elle, & como o Açadachan trabalhou porque Nuno da Cunha tomasse as terras firmes de Goa.

ANdavão neste tempo os tres Capitães Gentios que dissemos, Berugij, Verugij, & Ramugij nas terras de Goa mui prosperos, destroindo, & roubando as cousas dos Mouros, sem perdoar à algũa, com cujo temor os Tanadares Mouros deixavão as terras, recolhendose em Goa. Os Mouros Naiteas, que são os naturaes da terra, fugião com suas molheres, & filhos para às terras de Goa, somente ficou na fortaleza de Pondà hum Tanadar por nome Genetechan, homem principal, & bom cavalleiro, ao qual poserão cerco, & tam apertado foi delles, que esteve para deixar a fortaleza, como elles fazem quando se vem em algum aperto destes ladrões, ou para milhor dizer, destes seus Senhores naturaes, & antigos d'aquellas terras. Neste cerco não somente Genetechan perdeo gente, mas os agressores muita mais. E porque em hũa cilada que Genetechan lhes armou, morrerão algũs dos principaes, elles se forão à outras partes, onde não esperavão achar tanta ressistencia, fazendo muito dano por o muito que receberão em Pondà, & com desejo de se vingarem, tornarão sobre Genetechan, o qual se vio tam apressado delles, que lhe vèo à mover concerto, que deixassem elles as terras de Pondà, & Salsete, & se fossem para as terras de Singuiçar, Cacorà, & Bailim, & as tomassem com a Tanadaria de Cintacora, & as comessem livremente para sempre, com o qual partido se forão cõtentes. Genetechan, & os Mouros que estavão recolhidos nas

Ilhas,

Ilhas, tornárãose para suas casas, o que não ousarão fazer os Tanadares, temendo que como a gente estava levantada, por ser quasi toda Gentia, não lhe quisessem obedecer. Os Gança res dellas, que são as cabeceiras obrigados aos pagamentos das rendas das Tanadarias, vendo que as terras ficavão asi desamparadas de Tanadares, enviarão muitos recados ao Go vernador Nuno da Cunha, que mandasse tomar posse dellas, porque elles as querião entregar, antes à elle, que aos Mouros, por serem delles mais vexados, & roubados. Nuno da Cunha disimulou com este requerimẽto, não o aceitando, nem en- 10 geitando a offerta, esperando vir occasião para as elle aver com mais causa, por não romper a paz que tinha assentada com o Hidalchan.

O Açadachan, como quem de algum lugar alto, & seguro està olhando algum grande fogo que anda nos cãpos alheos, asi elle da sua fortaleza de Bilgan estava olhando em q̃ avião de parar todas estas cousas que ardião per tantas partes, cujo fogo elle accendera, atè que o negocio vèo à parar no termo que elle mais desejava. Que foi, escreverlhe o Hidalchan car- tas mui mimosas, rogandolhe nellas muito que se fosse para 20 elle, porque com seu conselho, & prudencia esperava gover- nar melhor aquelle Estado; q̃ lhe pedia por a obrigação que tinha aos ossos de seu pai, folgasse de lhe fazer aquelle prazer, & que elle lhe promettia mostrarlhe logo per obras quanto isto estimaria. O Açadachan, que era mui astuto, & disimula do, toda a sua resposta foi, pedir ao Hidalchan o ouvesse por escuso, por ser ja mui cansado dos trabalhos da vida, & essa q̃ tinha por passar, que seria mui pouca, segundo sua idade, que- ria despender em se encomendar à Deos, sem entender em outro negocio. E mais q̃ elle tinha promettido de ir morrer à 30 Meca, para là fazer penitẽcia de seus peccados. Que lhe pedia por merce ouvesse por bem não lhe estorvar este caminho de sua salvação. E para o melhor poder fazer, lhe fizesse mer- ce de hũa carta para o Governador da India o recolher em Goa, para à hi embarcar para Meca: & que esta licença averia por maior merce que quantas delle tinha recebidas. Por tan- to, que mandasse tomar posse das terras que seu pai lhe dera, porque elle com esta sua ida as despejava. O Hidalchan o tor nou outras vezes apertar, sem poder delle tirar outra cousa: de q̃ indinado determinou de o ir destroir. Avisado o Açadachã 40

por

por algũa pessoa com quem o Hidalchan cõmunicou o caso, escreveo logo à Nuno da Cunha, fazendose grande seu amigo: & por lhe Nuno da Cunha tèr escritto antes disto sobre as terras firmes, & como os Guançares o importunavão que mandasse tomar posse dellas, por estarem devolutas, & perdidas, o que elle deixava de fazer por amor delle Açadachan, & por a amizade que tinha com o Hidalchan. Nesta carta lhe respondeo, que elle as devia tomar, porque o Hidalchan não estava em tempo que as podesse defender do Gentio: & por-
10 q̃ melhor seria tèr el Rei de Portugal o rendimento d'aquellas terras, que estarem em poder de quem as tinha. Nuno da Cunha vendo esta conjunção, que era a principal causa com que se podia desculpar com o Hidalchan, que não mandara tomar aquellas terras por cobiça de seu rendimento, mas por estarem desamparadas: para atar bem este negocio, & mais à seu proposito, mandou ao Açadachan Christovão de Figueiredo, que era hũ cavalleiro da casa d'el Rei, morador em Goa, de que ja fallamos, por ser mui conhecido, & amigo do Açadachan, & mui aceitto de todos os Senhores do Balagate. Ao
20 qual o Açadachan entre outras cousas lhe descobrio, que o Hidalchan, como homem ingrato, & vario que era, estava mal com elle, carregando sobre elle muitas culpas, & que por isso fazia muito fundamento da amizade de Nuno da Cunha. Que lhe dissesse de sua parte, que lhe pedia por merce, que sen dolhe necessario recolherse à Goa, o quisesse receber como amigo, & servidor seu. Porque elle se achava mui velho, & cãsado, & não queria experimentar condição de novo Senhor, que logo começou seu reinado, tirando os olhos à seu irmão, & despois matou ao autor disso, & fazendo outras cousas de
30 mancebo cruel, & de pouco governo. E quanto às terras, se o Governador Nuno da Cunha quisesse delle algũa ajuda para as tomar, elle a daria. E para mais confirmação da amizade com Nuno da Cunha, fez logo voto que sempre seria em favor dos Portugueses, & nunca per modo algum consentiria serem aquellas terras tiradas à Goa, por serem erança da mesma cidade. Vltimamente indo, & vindo Christovão de Figueiredo com recados, assentou com o Açadachan per escrittura, que visto o estado em que aquellas terras estavão, & a grande destruição, que os Gentios nellas tinhão feita, sem o
40 Hidalchan à isso acudir, por tèr muitas occupações, & trabalhos,

balhos, que o Açadachan como vezinho mais chegado, à quẽ competia defendelas, per muitas razões, que o movião, desistia dellas. Polo que o Governador as podia tomar, & que em elle as aceitar fazia hũa grande amizade ao Hidalchan: porque mais lhe importava o favor, & boas obras que recebia d'el Rei de Portugal, que o rendimento d'aquellas terras, que não era igoal à despesa que o Hidalchan fazia em as defender dos ladrões. E q̃ por este serviço que elle Açadachan fazia ao Hidalchan seu Senhor, era digno de o tornar à sua graça, da qual ao presente estava fora, por se querer aquietar na velhice, & não o poder ir servir à sua Corte em cargos, & officios que requerião forças de homem mãcebo, & mais são do que elle era. Assentado isto asi, Nuno da Cunha mandou tomar as terras,[a] como lhas tambem os Ganzares offerescião.

a. Estas terras firmes de Goa forão ja do Estado, em tempo do Governador Diogo Lopez de Sequeira, & de Rui de Mello Capitão de Goa, q̃ as tomou, & os Mouros as cobrarão governando a India Dom Duarte de Meneses, sendo Capitão de Goa Frãçisco Pereira Pestana.

Ioão de Barros na 3. Decada, no cap. 5 do livro. 4. & no cap. 10. do livro. 7.

CAPITVLO VII.

Como o Açadachan se foi para el Rei de Bisnagà, por descontentar ao Hidalchan, & Melique Verido foi perdoado.

SENDO a natureza, & estudo do Açadachan inventar enganos, & buscar escapulas de hũas culpas, com a fabrica d'outras, tratou de insinuarse na benevolencia d'el Rei de Bisnagà, à fim de metter o Hidalchan em grandes necessidades, & fazer que o temesse à elle. Para o que mandou hũ messageiro com cartas à el Rei de Bisnagà, perque lhe pedia seguro para se ir ver com elle sobre cousas que importavão muito à seu Estado. E para metter mais em suspeita de sua lealdade ao Hidalchan, & lhe dar mais em que cuidar, esperou a melhor occasião que podia ser. Esta era hum ajuntamento que el Rei de Bisnagà faz mui grande em cada hum anno, levando hum seu Idolo principal com muita solemnidade, com o qual corre com aquelle seu grande exercito por as partes principaes do Reino. A este Idolo se ajuntão todos os outros do Reino, & feitas suas ceremonias, deixando o Idolo principal em seu templo, os outros se tornão para seus pagodes. E porque este anno quis el Rei celebrar esta festa com maior exercito, do que levava quando ia à guerra, dizia

dizia o povo,que esta sua ida sob especie de festa, era para tomar a cidade de Rachol,que o Hidalchan lhe tinha tomada, tendoa o de Bisnagà ganhada ao Hidalchan,como na terceira Decada dissemos.*O Açadachan como teve o seguro d'el Rei,& cartas de muito contentamento de sua ida, partio de Bilgan com treze mil homẽs,de que os tres mil erão de cavallo,& dozentos elefantes.E ainda neste caminho quis enganar à Nuno da Cunha,à que mandou dizer, que enviasse cõ elle Christovão de Figueiredo,porque faria com el Rei de Bisnagà, que por razão do Senhorio quẽ tinha antiguamente nas terras de Goa,fizesse doação dellas à el Rei de Portugal. Nuno da Cunha,posto que o dereito dellas se fundava no poder das armas contra os Mouros,quis comprazer ao Açadachan, & para ao adiante tèr mais hũa causa,ainda que fraca,& mandou com elle Christovão de Figueiredo.

*Lu

O Açadachan como não queria perder aquella conjũção da offerta d'el Rei de Bisnagà, & para dar mais suspeita de si ao Hidalchan,appressouse tanto,que quando Christovão de Figueiredo chegou à Bilgan,era ja partido, & o foi tomar ao arraial d'el Rei de Bisnagà,de quem o Açadachan foi recebido com grande honra, & de boa entrada lhe deu logo duas cidades Tungè,& Turugel,vezinhas hũa da outra, & pegadas no estremo da sua cidade deBilgan,& lhe fez presente de cem mil pardaos d'ouro,& peças que valião outros tantos. Alem disso lhe fez a maior honra que elle soe fazer aos mais principaes seus acceitos,que he darlhe a primeira entrada, quando pela manhãa lhe vão fazer çalema,que he a adoração que fazem à seus Reis,& o antepôs nesta honra à todos os seus, do que os Senhores da Corte muito se anojarão por elle ser Mouro,& que fora escravo do Hidalchan, & determinarão de o matar.Mas el Rei se achou grande cõ sua vinda,& se avia por o maior Rei do mundo,em o Açadachan o vir servir,deixãdo o Hidalchan,porq̃ entendeo delle q̃ por causa de aggravos o fazia,& esperava que com a indinação que trazia, o serviria lealmente na guerra.Tambem o Açadachan fez presente à el Rei de cavallos Arabios mui fermosos,& de elefantes.

O Hidalchan como soube da ida do Açadachan àBisnagà,se deu por morto,& sem Estado,& chamados cõ diligẽcia o Madre Maluco,& Cota Maluco ajũtou quatrocẽtos mil homẽs, em q̃ entravão nove mil de cavallo,& settecẽtos elefantes,& foi

foi tèr à hum lugar doze legoas donde estava el Rei de Bisnagà, o qual tinha consigo quinhentos mil homẽs, dos quaes os doze mil erão de cavallo, & mil settecentos & trinta elefantes, & o Açadachan cõ seu arraial estava apartado do d'el Rei, mas perto delle. O Hidalchan enviou hũ messageiro à el Rei, q̃ à elle lhe foi ditto, q̃ o Açadachan seu escravo era fugido para sua Corte, & porq̃ nas pazes q̃ tinhão assentadas se cõtinha, q̃ todo o escravo, ou devedor q̃ fugisse de Reino à Reino, se restituisse, lhe pedia lho mandasse restituir, & entregar. El Rei sem responder ao messageiro, o mandou ao Açadachan, para q̃ elle desse a resposta, & que essa averia por sua. O Açadachan o reteve como preso, & passados algũs dias o despachou, sem se saber o que por elle mandou dizer ao Hidalchan, & enganou à el Rei, dizendolhe o recado que deu ao contrario do que o mandou, do que el Rei ficou mui contente.

Por este mesmo tempo Melique Verido, como fugio de Bider à furia do Hidalchan, per conselho que lhe derão o Madre Maluco, & o Cota Maluco, estando ambos com o Hidalchan, se vèo metter em suas mãos. E entrando na sua tenda em habito vil, com hũa machadinha ao pescoço, se lançou aos seus pès, & em voz alta que todos ouvião, disse: *Vees aqui Senhor o teu escravo Verido, à quem o Demonio enganou em fallar cousa, que quando agora que estou em meu siso, caio nella, me foge a terra debaxo dos pès. Mas pois estou ante os teus confessando meu peccado; aqui trago neste ferro o algoz delle, que me pode tirar a cabeça fora dos ombros. E se eu não sou digno de tam honrada morte, seja qual tu mandares, que para isso estou aqui appresentado: porque nunca Deos queira que eu viva, se minha vida te desaprouver, que à mi não seria vida, a que eu tivesse, estando fora de tua graça. E assi a não tenho eu, pois offendi tuas orelhas com minha ousadia de palavras, porque de entam para cà ando conversando com as alimarias, comendo, bebendo, & dormindo nos campos, sem ousar de apparecer entre a gente.* O Madre Maluco, & Cota Maluco, ainda que seu inimigo, interrompendo estas palavras, que ja vinhão com muitas lagrimas, intercederão por elle com o Hidalchan de maneira, que lhe não soube responder, senão: *A bom tempo vèo pedir perdão.* Per este modo foi Melique Verido perdoado do Hidalchan, & logo se começou à servir delle naquelle arraial por ser avido por cavalleiro, & industrioso. Mas não viveo muitos dias de

de paixão, segundo dizião, de se ver deserdado do seu, & o Hidalchan por comprazer aos Capitães que com elle o servião, deu à seu filho que era menino de quatro annos o seu Estado, de que mandava recolher os rendimentos para lhos tèr em deposito, atè ser de idade para se governar.

CAPITVLO. VIII.

Do engano que o Açadachan fez à el Rei de Bisnagà, & à Christovão de Figueiredo, & como se vèo fugido para o Hidalchan, que por outros taes enganos o desejava matar.

TANTO que el Rei de Bisnagà assentou seu arraial ao longo do grande rio Nagundin, vendo que o Cota Maluco se viera para o Hidalchan, sendo elle antes grande inimigo de seu pai, por lhe querer tomar o Estado, & elle Rei o favorecera como amigo, lhe mandou dizer, que hũa das causas perque se deixava de chegar mais ao Hidalchan, & appresentar batalha, era, por saber que elle hi estava para o ajudar naquella guerra; o que elle não acabava de crer, por duas razões: a primeira, por ser filho de seu pai, que em quanto vivera fora sempre perseguido do Hidalchan passado, & que o presente despois que viera ao Estado que tinha por tam maos meios, ainda não sabia se lhe faria outra tal perseguição. A outra razão era, por elle Rei de Bisnagà ser tanto seu amigo, & mais certo que o Hidalchan, como tinha experimentado. E que do que mais se espantava, era, darlhe sua neta por molher, sendo ainda criança: & que se temia de a não poder casar por falta de dote, que elle lhe prometia tal ajuda, com que a casasse honradamente. Sobre estas razões lhe mandou dizer outras, para o tirar d'alli, & o metter em odio com o Hidalchan. A este recado respondeo Cota Maluco em poucas palavras, dizendo, que estava em outro tempo, & que elle mudava as cousas. Como el Rei ouvio este desengano, & soube que do Açadachan ião, & vinhão recados ao Hidalchan, ouveo logo por suspeito, não que lhe tirasse a entrada honrosa que tinha, mas mandou à hum seu Capitão que tivesse olho nelle.

Neste tempo o Açadachan pedia à el Rei, que da muita gente que alli tinha lhe desse algũa escolhida, porque com ella, & com a sua se atrevia tomar todo o Estado do Hidalchan em quanto o elle entretinha alli. El Rei lha não deu, & se pôs em caminho para a cidade de Rachol à lhe pôr cerco, como ja fizera outra vez, quando a tomou ao Hidalchan velho, & indo ja duas jornadas, & o Açadachan com elle, quando vèo à terceira, que el Rei levantou seu arraial, d'ahi à duas horas levãtou o Açadachan o seu. E como ja tinha mandado ver o lugar per onde o rio Nagundin se podia vadear, chegouse à elle, & mandou passar a sua gente da outra banda, para ir tèr com o Hidalchan. Vendo isto o Capitão que o trazia em olho, foi à grande pressa avisar el Rei, que logo fez volta, cuidando que o podesse alcãçar; mas como o Açadachan levava grande ventagem de tempo, era ja mui alõgado do vao. Com tudo mandou el Rei algũs Capitães que o seguissem, como fizerão per espaço de algũas legoas, em que lhe matarão, & cattivarão muita gente, & tomarão grande parte de sua recovagem. E o Açadachan se vio em tanta pressa, que à unha de seu cavallo escapou, ao qual elle despois teve tam mimoso, por o perigo de que o livrou, que lhe mandava fazer a cama de colchões. Quando determinou de fugir, tres dias antes despedio à Christovão de Figueiredo, à quem trazia enganado, detendoo em palavras sobre o negocio das terras firmes de Goa, que avia de trattar com el Rei de Bisnagà, como promettera à Nuno da Cunha. Per esta maneira se salvou o Açadachan no arraial do Hidalchan, que logo em chegando lhe fez merce das terras de Curale, & Salsete, que começão em Banda, & chegão atè as de Ceptapor, & Sarapatam, com que lhe ficavão terras, que pela costa do mar tomavão vinte oitto legoas.

El Rei de Bisnagà tornado do caminho que levava contra o Açadachan, encaminhou seu exercito para Rachol, & mandou dizer ao Açadachan, que estava triste por aver dado gloria à seus Capitães de ficarem verdadeiros, & elle Rei enganado, porque quando o recolheo, o avisarão, que se não fiasse delle, porque homem que não tinha fè com o Senhor cujo escravo era, menos a teria com elle: mas que a desculpa que tinha era, que como elle vinha fugido, & buscava amparo de sua vida, & era proprio dos Principes soccorrerem à

pessoas

pessoas miseraveis, & condoeremse dos necessitados, quanto lhe dezião seus Capitães contrariava. E que nenhũs homẽs »
são mais faciles de enganar que os Reis, & homẽs de espiritos »
generosos, porque as vilezas, & astucias de que não usão, »
não as entendem quando outros lhas fabricão. E que se sua »
vinda à elle fora para provar o seu dinheiro, mais honesto lhe fora mandarlhe pedir merce, & elle lha fizera maior, & não per aquelle modo de traição. O Açadachan lhe respondeo, que não avia Deos de permitir polo em tan-
10 ta necessidade, que fosse servir à quem não tinha conhecimento do mesmo Deos. E que quanto ao dinheiro, que muito mais lhe devia do que lhe dera, por fazer com o Hidalchan passado seu Senhor que se tornasse do cerco que lhe ia pôr à sua cidade de Bisnagà, onde ouvera de gastar a vida, quanto mais tam pouco dinheiro, & assi iria hũa cousa per outra.

O Cota Maluco, porque queria grãde mal ao Açadachan, vendo que sendo tantas vezes traidor ao Hidalchan, em chegando donde o fora offender, lhe fazia merce de terras,
20 que podia dar à hum filho, fingindo tèr recado, que el Rei de Bisnagà lhe mandava entrar em suas terras, se despedio do Hidalchan, dandolhe ainda hum remoque sobre as merces que fazia ao Açadachan, dizendo, que não queria perder o que tinha ganhado com tanto sangue, pois atè aquelle tempo não tinha medrado mais que o que elle ganhara pela lança. El Rei de Bisnagà como soube que o Cota Maluco era partido para suas terras, parecendolhe que o fizera por razão do recado que lhe mandara, envioulhe cem mil pardaos d'ouro, com os quaes elle fez gente, & foi pôr cerco à cidade de Naiteguir,
30 que era do Hidalchan.

Neste tempo abalou o Hidalchan do lugar onde estava, & tanto que chegou ao rio Nagundin, não ousou de passar, nem menos tornar atras, sabendo que el Rei tinha posto em grande aperto a cidade de Rachol, porque concurrião duas cousas, que o fazião não se mover d'alli, saber que el Rei estava mais poderoso que elle, & tèr experiencia do que acontecera naquelle mesmo caso, & lugar, quando lhe tomarão aquella cidade de Rachol. E o principal era ver o Cota Maluco partido, & não se fiar elle do Açadachan, por suas
40 malicias, & artificios. E temia que hum, & outro tivessem

ordenado algũa cousa com el Rei, de quem tinhão recebido dinheiro, & boas obras, com que perdesse o Estado, & a vida. Pola qual razão se concertou com el Rei per esta maneira, que a cidade de Rachol estivesse por elle Hidalchan como estava, & tivesse todas as terras que lhe pertencião da parte de Oeste atè Sudueste, & que el Rei de Bisnagà as de Leste atè Sueste, que erão de maior rendimento, em recompensassão do corpo da cidade que ficava com elle Hidalchan. E com este concerto ficarão em paz, & cada hum se foi para sua parte. 10

O Açadachan, porque não ousava de ficar com o Hidalchan ocioso, temendo que o matasse, por quantas maldades tinha cõmettidas contra elle, andava sempre ao longe, & offeresceose que queria ir contra o Cota Maluco, que alem de tèr tomada a cidade de Naiteguir, por cerco que lhe posera, andava destroindo outras cidades que não estavão providas. O Hidalchan lho agradeceo, & lhe mandou que fosse diante, que elle em pessoa queria ir sobre a cidade de Bichocondà. E como o Açadachan ia à este negocio de boa vontade, apertou tanto com o Cota Maluco, que o fez 20 sair logo da cidade: & asi como o Hidalchan ia de caminho, o Cota Maluco se foi metter em suas mãos, levando consigo sua neta, que lhe tinha promettida por molher, & asi mesmo seu filho maior, para casar com hũa irmãa do Hidalchan. Com estes casamentos cessou toda a furia da guerra, & ficarão em paz; mas com todo este parentesco, em hum passo de Serras per onde se entra no Estado do Cota Maluco, mandou o Hidalchan da parte das suas terras fazer hũa fortaleza, como freo contra o Cota Maluco.

(:.)

CAPI-

CAPITVLO. IX.

Como el Rei de Cambaia mandou ao Hidalchan as insignias Reaes, para que se intitulasse Rei, & lhe desse obediencia, & como não quis tal titulo, & das inquietações em que andou o Açadachan, atè que com medo do Hidalchan se lhe vèo metter nas mãos com hum grande presente de dinheiro.

10 NESTE tempo, que por os casamentos, & amizades com os Principes vezinhos, o Hidalchan estava quieto na sua cidade de Bisapor, Soltam Badur Rei de Cambaia, que como altivo, & ambicioso se prezava de tèr grandes Senhores por vassallos, & o Hidalchan era tam grande em Estado, & riqueza; desejava de o trazer à sua amizade, & obediencia. Polo que para o provocar mais à isso, o tentou com lhe offerecer titulo de Rei, que o Badur como maior 20 Rei do Indostan dizia poder dar. Para este effeito lhe mandou hũa embaxada per Xacoez (que ja à Nuno da Cunha mandara por Embaxador) mandandolhe por elle hũa cabaia, hũa touca, & hum sombreiro de Sol vermelho, que são insignias Reaes, pedindolhe que por amor delle, como de amigo, acceitasse aquellas peças, pois cõ ellas ficava intitulado Rei, por o poder que elle como Rei de Cambaia tinha; segundo o costume do Indostan. E tambem lhe pedia quisesse chamarse Badur, em memoria de receber de sua mão o titulo de Rei, & que cõ isto ficarião todos liados, & para sempre amigos, pois 30 seu tio o Nizamaluco, & Madre Maluco tinhão acceitado sua amizade, & lhe desse tambem sua obediencia, como a elles derão. Ao Embaxador, fez o Hidalchan muita honra, & lhe deu grandes dadivas, & d'aquellas peças tomou a cabaia, & a touca, & não o sombreiro, por não ficar cõ titulo de Rei, respõdendo à Soltam Badur, q̃ elle se contentava cõ o nome de seu pai, q̃ era o de Hidalchan, & acceitava as outras peças como seu servidor, & amigo, em cuja amizade, & graça queria, & desejava estar, cõ outras palavras de grãde agradescimẽto. Procurava Soltã Badur esta nova amizade do Hidalchan em 40 odio dos Portugueses, como adiãte se verà, & logo aproveitou

ao Hidalchan; porque o Nizamaluco estava para lhe fazer guerra, de que cessou por esta nova liança. E o indicio disto foi, que naquella conjunção o Nizamaluco mandara dizer à Nuno da Cunha, que lhe pedia por merce lhe desse licença para tomar a cidade de Dabul, mandando sair della seu Feitor, & como a tomasse, o mandasse estar outra vez de assento nella como estava, & ficarião na mesma cidade as pareas que de antes pagava, & tudo o mais que elle ordenasse se faria. Nuno da Cunha lhe respondeo, que elle não consentiria tal, por ser amigo do Hidalchan, & que per nenhum interesse quebraria a paz, & amizade que com elle tinha, antes o ajudaria muito como bom amigo. E que outro tanto faria por elle Nizamaluco, mas não em offensa, & dãno do Idalchan, nem de qualquer outra pessoa à que estivesse obrigado por lei de paz, & amizade; por a natureza dos Portugueses ser guardar verdade à quem o promettem. Com a qual resposta, & com a liança de Soltam Badur, o Nizamaluco não procedeo em seu proposito.

» Entretanto o Açadachan, como se não segurava em seu » animo, com aquella inquietação, que os homẽs que não se- » guem virtude, consigo tem, trazia sempre diante as testemu- » nhas de sua consciencia, que são os maiores algozes que hũa » alma pode tèr. E como tal, temia que o Hidalchan tomasse vingança de seus feitos, como se visse sem necessidade delle. Pelo que persuadio ao Cota Maluco, que se fosse para suas terras, & começasse fazer guerra ao Hidalchan, em pagamento de quanto mal lhe tinha feito & que elle faria outro tanto per sua parte, & assi averião satisfação de suas perdas. Cota Maluco assi o fez, & o Hidalchan entendendo que tudo procedia da maldade do Açadachan, & não o podendo acolher para o matar, como desejava, teve conselho com algũs seus privados, que remedio teria para isso, propondolhes as escapulas q̃ o Açadachan buscava para o não acolherem, porque era tam manhoso, que quando lhe avia de ir fazer a çalema, ninguem sabia a hora, por variar elle os tempos, & sempre avia de ser quando elle Hidalchan estivesse sò, & à ida, & à vinda era cõ muita gẽte, como quem se temia: & que não se podia cõmetter descubertamente, porque era mui poderoso em gente, & não era bem que por castigarem hum homem roim, perecessem muitos bòos, & a gente de cavallo que trazia era melhor que

que a delle Hidalchan, porque como estava em Bilgan, vezinho de Goa, escolhia os melhores cavallos q̃ vinhão de Arabia. Finalmente apontando outras muitas cousas, vèo assentar, com o parecer d'aquelles seus conselheiros, q̃ devia despachar ao Açadachan para ir defender dos ladrões as terras que lhe tinha dadas Genetechan, & as que o Governador da India tinha tomadas. E que antes que o Açadachã partisse, mandasse ao Capitão de Merique, q̃ era seu criado, & tinha aquella cidade por elle desdo tempo que lha dera Maluchan, que quãdo o Açadachan per hi passasse (o que de necessidade avia de ser) o prendesse, & quando o não pudesse fazer, lhe não obedecesse, posto que seu Senhor fosse. E que tãto que o Açadachan passasse a Serra, & andasse na fralda do mar occupado na guerra com os Portugueses, elle Hidalchan fosse com todo seu poder, & lhe tomasse Bilgan sua acolheita, & despois os passos da Serra, para não poder tornar acima. E que per esta manera hũa de duas cousas, o avião de matar, ou a fome, porque lhe não irião do Balagate mantimentos, ou morreria em algũa batalha, se com os Portugueses pelejasse. Para melhor corar esta partida, despois que o Hidalchan teve este cõselho particular, & secreto, teve outro geral, para que mandou chamar ao Açadachan, & diante delle propos à todos, como elle tinha feito merce ao Açadachan da maior parte das terras firmes de Goa: & por isso à elle pertencia recuperalas de qualquer mão em que estivessem: & que isto era para que os mandara chamar, & asi à elle Açadachan, para logo ordenar de se partir antes que mais dãno se fizesse. Approvado de todos esta proposta do Hidalchan, ficou o Açadachan mui cõtente por se alongar delle, cuja presença muito receava: & como homem que avia de fazer a guerra per aquella fralda do mar, & avia de pelejar com os Portugueses, quis levar d'alli algũa gente à soldo; para que mandou pedir algum dinheiro ao Capitão de Meriche seu criado. O qual como estava ja amoestado do Hidalchan, não respondeo ao Açadachan ao q̃ pedia, dando por escusa, que nas obras da fortaleza que lhe mandara fazer tinha gastado muito. No modo desta resposta, o Açadachan como era suspeitoso, & astuto, pareceolhe q̃ fallar este seu criado tam seccamente, vinha de algũa confiança que tinha em outrem; que o podia livrar do castigo. Com esta suspeita tanto trabalhou, que os privados do Hidalchan,

à que dava parte de seus segredos, à quem elle grossamente peitava, lhe vierão à descobrir que o Hidalchan desejava de o acolher para o castigar, mas não lhe disserão quando, nem o modo, sòmente que se guardasse. E para descobrir mais a vontade do Hidalchan, hum dia pela sesta, sabendo que estava sò, entrou com elle, & com dozentos mil pardaos que levava, se lançou à seus pès, dizendo: *Senhor dizem me que me queres prender, & matar, não sei porque? Se meus inimigos to aconselhão, isso serà por enveja dos serviços que te faço, & verem que no tempo que estàs mais escandalizado de mi, me vou eu offerescer com a pessoa, & fazenda. E tem razão, porque outro tanto não fazem elles. Se me tens algum odio por cousas que passarão despois do fallescimento de teu pai, & differenças entre ti, & Maluchan teu irmão, tirado o pezar que entam tiveste, por isso sou eu digno de merce, por comprir o testamento de teu pai, & querer tér mais conta com sua alma, que com teu contentamento. Despois que quis Deos que ficasses no Estado que ora tens, sempre te servi. Verdade he que algũas cousas cõmetti por me assombrarem homẽs que desejavão verme posto em odio contigo. E eu por fugir tua indignação buscava todo o modo, & cautela para salvar minha pessoa, mais que por te deservir, porque cousa natural he aos filhos fugirem a indinação dos pais, & aos servos a dos Senhores; porque o temor este sò amparo, & refugio tem de ausentarse do lugar do perigo. Porem sempre com estas mudanças que fazia, sempre perseverei em te servir com toda a lealdade, obediencia, & fè. Se te dezião que tinha muito dinheiro, & que vendote em necessidades, não te servia como era obrigado, eu não tenho filhos, nem parentes para quẽ o aja de entesourar, essa pouquidade q̃ possuio tua he, pois sou teu escravo. E o engano que tinha feito à el Rei de Bisnagà, mostrando que o ia servir, acabou em tirarlhe da mão esses dozentos mil pardaos d'ouro que te aqui apresento, delles em moeda, & delles em joias.* O Hidalchan em quanto lhe o Açadachan dizia estas cousas, lãçado à seus pès, esteve sempre mui prompto ao ouvir, & tanto que vio o presente, o levantou nos braços, dizendo: *Açadachan eu tenho ouvido vossas razões, & verdadeiramẽte q̃ eu as recebo em meu animo por justas, & honestas. Verdade he que com algũas cousas q̃ cõmettestes despois que eu estou neste Estado, mais accidẽtal, que prudentemẽte, me escandalizastes, lẽbrandome vosso saber, & idade, mas no fim dellas, como vos dizeis, entẽdi, & vi que podia mais em vos a lealdade, que a paixão, por me acodirdes no tempo em que maior necessidade tinha de vossa pessoa. Terdes inimigos, não vos espanteis, porque cousa he mui costumada*

aos

aos homẽs que tem vossas qualidades, moverem à enveja os que não são taes. Tende bom animo, & não vos agasteis, certificandovos que nunca poderei creer de vos se não muita lealdade. E posto que tambem de mi vos vão dizer algũa cousa que vos assobre, serà per bocca de homẽs que desejão de vos pòr em odio comigo: por tanto ivos em boa hora, onde vos Deos darà tantas vittorias, per que vos eu faça mais merce do que importão as terras que is conquistar. Com isto o despidio.

CAPITVLO X.

10

Como o Hidalchan mandou hum messageiro ao Governador, que lhe alargasse as terras firmes, à quem dilatou a resposta para Dio, para onde estava de caminho, & como Soleimão Agà per mandado do Hidalchan as vèo correr, & cobrar, & lhe foi resistido.

Açadachan como de sua natureza era inquieto, & infiel à todos, tendo antes tramado com Nuno da Cunha, como atras dissemos, que ouvesse as terras firmes de Goa, là negociou com o Hidalchan que as cobrasse, & impedisse averem as os Portugueses, parecendolhe que ficava desculpado com elle, do que com Nuno da Cunha tratara. E do que asi com o Hidalchan ordenou, procedeo enviar logo o Hidalchan hum Mouro por nome Suzaga à Nuno da Cunha, estãdo em Goa, no mes de Settembro do anno de M.D.XXXV. per quem lhe mandou hũa carta de crença, & dizerlhe de sua parte, que Genetechan seu Capitão que estava em Pondà, lhe escrevera como as terras firmes de Goa, elle Nuno da Cunha as acceitara dos ladrões que lhas tinhão tomadas, & que Genetechan lhas pedira da sua parte, à que elle respondera, que não via recado delle Hidalchan, que quando o visse entam responderia, & que para isso mandava Suzaga à pedirlhe que as mandasse entregar. E que tambem lhe pedia que desse entrada aos cavallos para os levarem à sua Corte, por a necessidade que tinha delles. Nuno da Cunha que à aquelle tempo era chamado à pressa d'el Rei de Cambaia, & estava ja quasi embarcado, respondeo ao Mouro, que elle se partia para Dio, por a necessidade que de sua presença tinha Soltam Badur, para negocio que não sofria dilação, pelo q̃ não podia entam respon-

responder, que se podia ir em boa hora, & que de Dio mandaria seu messageiro ao Hidalchan.

Despedido este Suzaga, não tardou muito que hum Soleimã Agà Turco de nação, Capitão dos Pages do Hidalchan, (que he officio como acerca de nos Capitão dos Ginettes) arrendou ao Hidalchan as terras de Goa, dizendo, que à sua custa as queria ir tomar das mãos dos Portugueses, pois o Governador da India as não queria soltar. O Hidalchan lhas concedeo, & lhe deu comissão para prender Genetechan, por quam mal o tinha feito em não defender aquellas terras aos ladrões, & consentir que os Portugueses as tomassem. Partido este Soleimam da Corte do Hidalchan, trouxe cõsigo cem Turcos, & tornou com elle o Suzaga que dissemos, & pelo caminho veo ajuntando gente atè chegar à fortaleza de Pōdà, onde estava Genetechan, ao qual logo prendeo em ferros, & à seus officiaes, & alem de o asi tèr preso, o vituperava cada dia de fraqueza, & covardia, que não fora para defender aquellas terras. Ao que respondia Genetechan; que o tempo dava por testemunha se o fizera bem, ou mal, despois que elle tivesse algum reconrro com os Portugueses, que elle fallava como homem que os não experimentara. A gente vulgar como vio Capitão novo, & que se jactava de suas valentias, começou de se chegar à elle, parecendolhes terem nelle boa comedia. Com isto ajuntou quatro mil homẽs, afora mil que estavão em Pondà, & quinhentos que trazia em sua companhia com os Turcos.

Dom Ioão Pereira Capitão de Goa, por Nuno da Cunha ser ido à Dio, per hum Capitão Gentio (à que elles chamão em sua lingoa Naique) mandou visitar à Soleimam, como à homem vindo de novo à ser seu vezinho tres legoas de Goa Soleimão lhe não quis responder, antes quisera prender ao messageiro, mas despois per intercessão de Suzaga o despedio sem resposta algũa. E logo mandou lançar pregões, que sob pena de morte ninguem levasse mantimẽtos à Goa, nem lenha, nem outra cousa algũa, & com quatro mil Soldados, de que cento & cinquoenta erão de cavallo, se partio logo, & foi correr as terras de Cocorà, que os Gẽtios comião por lhas Genetechan tèr dado pelo concerto que atras escrevemos. O primeiro lugar que tomou foi hũa aldea chamada Curturij, despois tomou Margam, que he hum templo, & pagode

de

de Gentios cercado à maneira de fortaleza.

Neste tempo mandou Christovão de Figueiredo, que era Tanadar mòr, & estava no pagode de Mardor, recado à Dõ Ioão Pereira, como erão entrados Mouros nas terras firmes, & que parecia que não vinhão à pelejar: mas tãto que forão na aldea de Vernà meia legoa de Mardor; mandou à Dom Ioão outro recado ja mais apressado, como homẽ que sabia a tenção da vinda dos Mouros. Com este recado mandou logo Dom Ioão o Feitor Miguel Froes, genro de Christovão
10 de Figueiredo, com seis de cavallo, & algũs piães, & dizer à Soleimam que se saisse d'aquellas terras, pois não mostrava escrittura do Hidalchan, perque pedisse à Nuno da Cunha q̃ lhe soltasse as terras que tinha tomadas ao Gentio, polo que lhe amoestava, que se não mettesse na conquista dellas, por não dizer despois o Hidalchan que o Governador quebrara as pazes em pelejar cõ seus vassallos. Chegado Miguel Froes â Mardor, acertou de ir à aldea Vernà hum homem da terra, ja feito Christão, que por amor de Nuno da Cunha tomou seu apellido, & se chamou Manoel da Cunha, & era tam fiel,
20 & tam cavalleiro de sua pessoa, que servia de Capitão. Este indo com algũa gente à Vernà (que antiguamente fora hũa cidade de Gentios) estava nella gente de Soleimam Agà, que como ouve vista delle, o foi cõmetter. Manoel da Cunha como homem prudente se fez em hum corpo, & despedio logo hum pião à grande pressa à Christovão de Figueiredo, que elle ficava pelejando com aquella gente. Christovão de Figueiredo acodio com brevidade, mandou seu genro Miguel Froes com seis de cavallo, & vinte homẽs de pè, & por a gente que acodia sobre elle ser muita, o mais que Miguel Froes
30 pode fazer, foi recolher à Manoel da Cunha, antes que o matassem, & aos que com elle ião, & todos em hum corpo com boa ordem se forão retirando para o pagode Mardor, onde estava Christovão de Figueiredo. E porem erão ja tam apertados dos Mouros por serem muitos, que se Christovão de Figueiredo lhes não acodira ao caminho com cem homẽs, alli perecerão todos. E neste tempo tinha ja Miguel Froes duas frechadas, & seu cavallo muitas; erão feridos Thome Velloso escrivão do Tanadar mòr, & muita gente de pè. Finalmente primeiro que todos se recolhessem, nas voltas
40 que Miguel Froes fez com Amador Monteiro, & Francisco

Monteiro

Monteiro(que erão as principaes pessoas que mostrarão valor naquelle feito) matarão os Mouros oito Portugueses, & entre elles Antonio Cardoso, & hum Naique da terra. Tambem dos Mouros ficarão muitos no campo, & Soleimam Agà tambem fora morto de hũa espingardada que lhe deu na cabeça, se às voltas da touca que trazia o não salvarão.

Tanto q̃ os Portugueses se recolherão em Mardor, Christovão de Figueiredo mandou Diogo Gonçalvez de Figueiredo, & hum seu meirinho, à Soleimam Agà per modo de tregoa, noteficandolhe o que Dom Ioão Pereira mandou dizer. 10
Mas o Mouro como quem fazia pouca conta disso, virou as costas, levando estes dous homẽs cõsigo, & foisse alojar perto d'alli como em cilada, para que se os nossos com temor se quisessem ir para Goa, lhes desse aquelle folego, & despois dando sobre elles, lho tirasse com a vida. Mas Christovão de Figueiredo, que esperava ser logo cercado per elle, espedio hũ homem de pè com recado à Dom Ioão Pereira, fazendolhe saber o estado em que ficava, & o que tinha passado com Soleimam Agà. Com este recado que à Dom Ioão foi, à noute seguinte dos dezoito dias de Novembro, mandou lançar pregões, que pela manhãa todos, assi de pè, como de cavallo, cõ suas armas se fossem ajuntar no passo de Agacim. Neste lugar se ajuntarão dozentos homẽs de cavallo, & aos trinta delles mandou que se passassem logo alem do rio com Iurdão de Freitas que era Tanadar mòr de Goa, para soccorrer à Christovão de Figueiredo antes que recebesse algum dáno maior. Os Mouros como sabião que o soccorro avia de vir, estavão postos em atalaia: & avendo vista de Iurdão de Freitas, porq̃ para ir à Mardor avia de ser per hum passo estreito, forão à elle. Mas entendendo Iurdão de Freitas o que elles avião de fazer, deixou algũs dos que levava com a fardagẽ de pè, ordenandolhes que como elle descesse ao baxo, se mostrassem todos em hũa assomada em maneira que parecesse muita gente: o que vendo os Mouros do lugar do passo onde estavão espiando aos nossos, temendo que vinha muita gente, o desampararão, & forão dar nova à Soleimam Agà: o qual à este tempo estava com a mais gente sua ao redor de Mardor, como quem fazia fundamento de os não deixar sair d'alli. Mas tanto que lhe derão a nova, disimulando a causa porque o fazia, pôsse à fallar com Christovão de Figueiredo, dizendo, 40
que

que não queria pelejar com elle, mas a sua tenção era assentar paz com o Capitão de Goa, & que asi lho podia mandar dizer, & com isto se despedio, levando ainda consigo Diogo Gonçalvez de Figueiredo, & o Meirinho. E levava tanto o olho sobre o ombro, receando que a gente que virão fosse tras elles, que como desapparecerão de hũa assomada, donde podião ser vistos dos nossos, indo atè alli seu passo cheo, derão os mais delles à correr, & tanto, que algũs de temor por não rodearem algũs caminhos se mettião per lagoas d'agoa
10 que avia na terra do tempo do inverno, & não pararão d'aquella corrida menos do pagode de Margam, onde dormirão essa noute, & lhes morrerão algũs homẽs dos que levavão feridos do dia passado.

CAPITVLO XI.

De algũas duvidas que ouve entre os Portugueses que estavão com Christovão de Figueiredo, que cessarão com a vinda de Dom Ioão Pereira, o qual seguio à Soleimam Agà,
20 *atè se lhe acolher desbaratado.*

IVrdão de Freitas chegando onde Christovão de Figueiredo estava, ouve grande contenda entre os moradores de Goa casados, com a outra gente d'armas. Os casados querião q̃ Christovão de Figueiredo se recolhesse com toda a gente, & se fosse para Goa, & deixasse aquellas terras, porque estarem com ellas de guerra, era grande oppressão da mesma
30 cidade, & não se podião mantèr. E porque Iurdão de Freitas tinha sabido de Dom Ioão Pereira, que logo ia tras elle aos soccorrer; & tambem à dar de si mostra à aquelles Mouros, desviou esta prattica por tirar perfias, dizendo, que esperassem recado de Dom Ioão Pereira, que elle determinaria o que devião fazer, que entretanto elle se não avia de mover d'alli. A este tempo Bade hum Gentio, que era hum dos Capitães que comião as terras de Cacorà, & Bailin, mandou hũa carta à Iurdão de Freitas, dizendo, se queria dar nos Mouros, que elle os iria esperar em hum passo, em que lhe podia fazer mui
40 to dàno. Ao que lhe respondeo, que estava esperando por

Dom Ioão Pereira, que como viesse lhe mandaria a resposta, agradecendolhe a offerta.

Ao outro dia à noute, que Soleimam Agà dormio em Margan, mandou Diogo Gonçalvez de Figueiredo, & o Meirinho, que tinha reteudos, com recado que elle não queria outra cousa senão paz, & isto podião affirmar ao Capitão, antes que entre elles ouvesse algum dáno de mais sangue. E despedidos os dous Portugueses, entre os seus começou à dizer grã des feros, que não sòmente nos avia de lançar das terras firmes, mas de Goa, no primeiro dia que lhe vissem o rostro. E q̃ o sinal que para isso dava, era ternos alli encerrados entre quatro paredes do pagode, com morte de muitos, que os Portugueses tinhão perdido, sem ousar sair d'alli. E que o recado q̃ mandara per aquelles homẽs que soltara, era para melhor os enganar. Iurdão de Freitas respondeo à seu recado, que se paz queria, que o esperasse, que o iria buscar, & entam assentarião as condições della.

A este tempo chegou Fernão de Lemos, Escrivão da matricola de Goa, com recado de Dom Ioão Pereira à Iurdão de Freitas, que o esperasse, porque o avia de tèr consigo por hospede, & asi o fez. Estando os nossos armados no campo para o receber, tanto que elle appareceo à hũa assomada perto dõ de elles estavão com hũa grande grita de prazèr, arremetteo com cento & cinquoenta de cavallo que levava, & ajuntandose com os outros começarão todos de escaramuçar, chegã dose ao pagode. Apeado Dom Ioão assentouse em hum poial ao pè de hũa grande arvore, posta em hum largo & limpo terreiro, como tem os Gentios ante seus pagodes, para fazerẽ sombra à gente que vem à celebrar suas festas, nos quaes ha algũas arvores tam grandes que se podem agasalhar debaxo quinhentos homẽs de cavallo, porque com artificio estendẽ os braços dellas para fazerem grande copa. Soleimam Agà, que parece tinha atalaia sobre o que os nossos fazião, quando soube da muita gente de cavallo que era vinda, entendeo que era o Capitão de Goa. E apenas Dom Ioão tinha descansado da festa, & escaramuça em que andara, quando chegou hum messageiro de Soleimam, perque lhe mandou dizer: Que o Hidalchan seu Senhor mandara dizer ao Governador Nuno da Cunha per Suzaga seu criado, que lhe entregasse aquellas terras, que tomara das mãos dos ladrões Gentios, por ficarem desampa-

desamparadas da gente que alli tinha, ao que elle per suas occupações não pudera soccorrer naquelle tempo, & que Nuno da Cunha respondera à Suzaga, que lhe não respondia por estar embarcado para Dio, que de là lhe responderia, o que atè entam não tinha feito: por a qual razão o Hidalchan dera à elle Soleimam Agà aquellas terras de arrendamento, & que por isso era vindo à recadar o que dellas era devido, o que elle Senhor Dom Ioão não avia de impedir por razão da paz que o Governador tinha assentada com o Hidalchan.
10 A isto respondeo Dom Ioão, que ao tempo que o Governador Nuno da Cunha se partira para Dio, nenhũa cousa lhe mais encomendara que a guarda, & defensão d'aquellas terras. E pois o Governador não era presente, & elle Soleimam entrara nellas com mão armada, avendo paz entre elles, que lhe requeria que dentro de hũa hora & meia se fosse. E não o querendo fazer, elle o iria logo lançar. O messageiro vendo tam estreito termo, lhe replicou, que dava mui breve espaço sendo ja passada a maior parte do dia. Dom Ioão o despedio, & quasi nas suas costas se pôs à cavallo com sua gente, &
20 quando chegou junto de Margam soube que Soleimam era ja partido sendo Sol posto, & mui alongado d'alli. E segundo a nova que lhe a gente da terra deu do caminho que levava ser mui aspero, & fragoso, per que não podião ir senão à fio, era sinal do temor com que partira, & levava. Por a qual razão hum Enrique de Meneses Gentio, que se fez Christão em tempo do Governador Dom Enrique de Meneses, foi dar na retraguarda de Soleimam Agà, no estreito do passo, por saber bem a terra; & despois de fazer grande estrago nos Mouros, que ião à grande pressa fugindo, tornou com a lança
30 quebrada, & o cavallo ferido: mas Dom Ioão bradou muito com elle, & o quisera castigar, dizendo, que em quanto Soleimam Agà, & os seus caminhavão, ião seguros delle, pois comprirão o que lhes mandara.

Soleimam, asi por o dãno q̃ lhe este fez, como porq̃ soube q̃ hũs Naiques Gentios se adiantarão para lhe ir tomar outro passo estreito, onde poderia receber muito dãno, mandou dizer à Dõ Ioão Pereira, q̃ para q̃ era perseguir à hũ caminhãte, q̃ não podia ir mais đ pressa, q̃ lhe pedia por merce mãdasse dizer ao Bada Naique, o deixasse passar seguro. O q̃ D. Ioão fez,
40 & não se partio para Goa, senão despois q̃ soube q̃ Soleimam

Agà estava em Pondà com menos cem homẽs dos que levara d'alli (de que os dezaseis erão de cavallo) & outros feridos. Deste dano que Soleimam recebeo, ouve grande prazer Genetechan, por as cruezas que com elle tinha usado, porque não fora homem para lançar os Portugueses fora da terra, ao que elle respondia, que outra cousa sentiria quando tivesse experiencia dos Portugueses: & com ella tornou Soleimam mais manso do que vèo.

CAPITVLO XII.

Como Soleimam Agà vindo à Pondà, fez algũas cousas em rompimento da paz que o Governador tinha com o Hidalchan, & Dom Ioão Pereira lhe deu batalha, & o venceo.

TANTO que Soleimam Agà foi em Pondà, mandou dizer à Dom Ioão Pereira, que elle tinha comprido com o que lhe mandara dizer, & que agora fizesse elle outro tanto, que lhe mandasse despejar as terras dos Portugueses que estavão nas Tanadarias, cujo rendimento era do Hidalchan seu Senhor, protestando se o não fizesse, de aver por rõpida a paz. Ao que Dom Ioão respondeo, que elle o não avia por Capitão do Hidalchan, antes o tinha per hũ homẽ alevãtado, por não mostrar chapa sua, nem carta para o Governador Nuno da Cunha, em q̃ o Hidalchan lhe escrevesse q̃ o enviava à aq̃lle negocio. E q̃ elle escreveria logo à Nuno da Cunha, q̃ fizesse saber ao Hidalchan o modo q̃ elle Soleimã Agà tivera na entrada d'aquellas terras, para o castigar por isso. Soleimam Agà vendo esta resposta, mãdou pregoar sob graves penas, q̃ ninguẽ levasse à vender à Goa mantimentos, ou outra cousa algũa. Deste mãdado o reprendeo Genetechan, que elle tinha preso, dizendo: *Eu não tenho razão de te amoestar isto, pois mo não mereces tendo me sem causa desta maneira ha tantos dias, posto que ja deves estar certificado à tua custa, quanto mais duro he o ferro dos Portugueses do que tu cuidavas, como te eu disse. Mas por serviço do Hidalchan meu Senhor, não calarei o q̃ me parecer desta defesa q̃ fizeste. Quem te aconselha tolheres que não levem à Goa cousa algũa? Tu sabes que destas terras o Hidalchan não teria rendimento algum,*

algum, se Goa não fosse. Que ha Goa mester dellas mais q̃ hũa pouca de lenha, & betele de q̃ os Portugueses não usão? Porq̃ arroz, & trigo, & outras cousas de q̃ ella he abastada, lhe vem de Ancola, Baticala, Baudà, & de Chaul, & os moradores destas terras à troco de lenha, & ervas, trazem de là ouro, prata, & cobre com q̃ pagão ao Hidalchan. E pela mesma Goa lhe vem os cavallos, que he todo o seu governo da guerra. Soleimam por não dar gloria à Genetechan, q̃ apontava bem o que cõpria ao serviço do Hidalchan, o desviou cõ palavras em contrario, dizendo, que bem parecia ser amigo dos Portugueses, pois cõ razões apparentes, que parecião ser em proveito do Hidalchan, queria q̃ fossẽ providos do q̃ avião mester.

Dom Ioão como soube desta prohibição de Soleimã mandou que andassem algũs catùres per os passos per onde costumavão da terra firme trazer o Gentio algũas cousas à Goa, para q̃ o defendessem. Os Gançares da terra tanto q̃ virão q̃ Soleimam Agà se acolhera à Pondà cõ temor dos Portugueses, enviarão logo pedir à Dõ Ioão, que mandasse Tanadares para recolher a renda, antes q̃ os Mouros lhe dessem algũa cresta contra sua vontade, como costumavão fazer. Sòmente os de Margam, que sempre forão reveis, não mandarão recado algum. Para aquella recadação, mandou Dom Ioão o Feitor Miguel Froes com quarenta de cavallo pela semana de Natal. E como Soleimam Agà não vio correr o cõmercio, & quam estreitamente Dom Ioão defendia a passagem dos Portos, ouve por melhor conselho o que lhe dava Genetechan, & mandoulhe pedir tregoas atè o mes de Abril, que esperava recado do Hidalchan, à quẽ tinha escrito, as quaes lhe Dõ Ioão concedeo por aquelle tẽpo sòmente, porq̃ teve recado de Nuno da Cunha despois que soube d'aquella revolta de Mardor, q̃ lhe fizesse guerra à fogo, & à sangue. E vendo Dõ Ioão como o Governador por aquelle recado queria sostèr aq̃llas terras, teve conselho se seria bõ fazer hũa força na bocca de hũ rio, em hũa põta da terra; a qual cortada ficasse em Ilha, porq̃ atè alli podião ir os nossos por mar, & era o caminho mais breve, & seguro para as Tanadarias em q̃ os Portugueses avião de residir. A qual obra sendo approvada per todos, se começou, & cresceo de maneira q̃ ficou cõ quatro baluartes de pedra, & cal, & se chamou a fortaleza de S. Ioão de Rachol:[a] mas a obrigação de a defẽder custou despois caro, como adiãte diremos. Soleimam Agà vẽdo o muito q̃ importava não ser alli

a. Escreve Diogo do Couto, q̃ D. Gonçalo Coutinho (que soccedeo à Dom Ioão Pereira na Capitania de Goa) desfez a tranqueira de Mardor, à q̃ se deu fogo, & sobre hum teso q̃ caia sobre o rio fundou de madeira grossa de duas faces terraplenada, esta fortaleza de Rachol, da qual o Governador fez Capitão Alvaro de Caminha.

Cap. 5. do liv. 10.

Fernão Lopez de Castanheda diz, q̃ Dõ Ioão fez a fortaleza, & q̃ a fundou no Rio de Salsete, seis legoas de Goa, & hũa do passo de Borĩ sobre hũ morro grande pegado quasi com terra firme, a qual era de forma triangular, com tres baluartes entulhados atè o andar das ameas do muro: no meio hũa torre de homenagem, & que a acabou em espaço de tres meses, & deixou nella por Capitão à Miguel Froes.

Cap. 108. do liv. 8.

feita

feita aqlla força, mandou defronte, ficando o rio em meio, fazer hũa parede em modo de amparo, para que estivesse sua gente escudada, & com tiros impedissem os nossos no serviço da obra, & os barcos que ião, & vinhão de hũa, & outra parte. Esta parede lhe foi logo desfeita com hũa peça d'artelharia, com que lhe matarão algũs homẽs, & com os nossos saltarem em terra, despejarão os mais.

Neste tempo sendo quatro dias de Ianeiro do anno de M.D.XXXVI. chegou hum Coge Hamed criado do Hidalchan à Dom Ioão, & lhe disse, que elle era vindo à Soleimam Agà com recado de seu Senhor, em que lhe mandava dizer, q̃ não fizesse guerra, & deixasse estar aquellas terras no estado em que estavão, atè vir o Governador à Goa, por razão das pazes que cõ elle tinha assentadas. Ao q̃ Dõ Ioão respondeo, que por a mesma razão de pazes, não fizera elle guerra, somẽte acodira à ousadia de Soleimam, & q̃ sempre lhe pareceo q̃ este seu atrevimento não procedia da vontade do Hidalchan. O Mouro lhe disse, que Soleimam Agà ficava ja amoestado per elle, & seguro de se mais mover d'alli. O message deste Mouro foi fingido per Soleimam, para que dandolhe credito, por vir do Hidalchan, se descuidassem os nossos da obra, & elle entretanto se aperceber do que lhe convinha, como logo mostrou. E para maior disimulação, mandou lançar grandes pregões per toda a terra, que fossem à Goa como soião à comprar, & vender. Tambem mandou algũs Capitães com gente que fossem às terras de Bailin, & Cinguiçar, onde andavão Verugij, & Berugij. Os quaes Gentios, com ajuda de dozentos piães Portugueses de que era Capitão Francisco Falleiro, em hũ lugar onde os forão esperar, matarão mais de tres mil homẽs à Soleimã: & gloriosos cõ a vittoria, lhe mandarão dizer, q̃ viesse elle em pessoa à elles, & não lhe mandasse outrem por si. Ao q̃ Agà respõdeo, q̃ se elle tivera licẽça do Hidalchan não esperara este recado. Mas por lhe elle mandar q̃ não saisse de Pondà, não tinhão elles razão de se gloriar. Outros quinhẽtos homẽs mandou Soleimam Agà às terras de Bardès, de que ia por Capitão hũ Turco chamado Sarnabote, contra os quaes foi Iurdão de Freitas Tanadar mòr de Goa, cõ cinquoẽta homẽs somente, & saindo em terra de hũs bargantijs em q̃ foi per hũ rio dẽtro, lhe queimou hũas tranqueiras q̃ tinha feitas, & matou, & ferio, & cattivou muitos delles, & q̃brou hũs vallos,

vallos,com que a marè lhe alagou muita parte das sementeiras de arroz em hũa varzia. Manoel de Vasconcellos tambem per outra parte lhe foi desfazer hum baluarte que começava fazer no passo do Borij,queimando algũas casas que estavão ao redor com morte de algũs delles.

Soleimam Agà por mostrar à gente da terra q̃ elle não estava encurralado dentro em Pondà com temor dos Portugueses,vendo que a gente começava de o não estimar, por levar sempre na cabeça,ajuntou a mais gente que pode, & fez seu
10 caminho à Margam:& per outra parte mandou à Sarnabote cõ outros quinhentos homẽs,que fossem à Bardès. Dõ Ioão Pereira,vendo que Soleimam começava descobrir a fraude de sua fingida paz,com a mais gente que pode se passou alem das terras firmes,contra aquella parte aonde Soleimam fazia seu caminho,& mandou à Iurdão de Freitas cõ vinte de cavallo,& oitẽta de pè,que fosse lançar à Sarnabote das terras de Bardès,em quanto elle ia buscar à Soleimã Agà. Mas Sarnabote como trazia vigia em si,tanto que soube da passagem de Iurdão de Freitas,se pòs em salvo, não ousando de o espe-
20 rar, com a qual fugida foi Iurdão de Freitas em busca de Dõ Ioão,q̃ achou ja no pagode de Margam,cõ toda a gente q̃ levava,& cõ a q̃ tinha Christovão de Figueiredo,no qual ajuntamento avia quinhentos Portugueses,de que os cẽto & cinquoenta erão de cavallo,& setecentos Canarijs da terra,em q̃ entravão dozentos espingardeiros. Estando Dõ Ioão duvidoso do q̃ faria,chegou de Bailin o Capitão Gentio Verugij, & lhe deu nova como Soleimã Agà estava em proposito de vir queimar o pagode de Margam, para os Portugueses perderẽ aquella acolheita,& que quãdo soubera que elle Dõ Ioão alli
30 estava tam perto,se tornara para outra parte.

Andando assi em mudanças Soleimã, & não assentando em hũ lugar certo,cõ medo dos Portugueses,tornou o Capitão Verugij,q̃ andava por mandado de Dõ Ioão tras o rastro de Agà,à lhe dizer,q̃ o tinha amalhado ao pè de hũa Serra,que cõ dous braços que saião della, fazia hũ seo à maneira de Lũa em hum campo chão mui disposto para pelejar. Dõ Ioão informado d'aquelle sitio,concertou cõ Verugij(q̃ à isso se offereceo)que se fosse à hum passo, per onde Soleimam avia de passar quando fogisse, & elle se foi à este lugar onde estava
40 Soleimam. O qual como homem que receava aquelle dia,

tinha as costas na Serra que dissemos. E quando soube que os nossos erão tam perto, que não tinha tempo para se d'alli sair, começou logo de se ordenar, se lhe quisessem dar batalha. Dõ Ioão como soube da gente da terra, que Soleimam estava ja posto em ordem de se defender, ordenou a gente que levava per esta maneira. A Iurdão de Freitas Tanadar mòr deu a gente Canarij da terra, & os espingardeiros à Galvão Viegas, & mais a gente da terra que consigo tinha. E Christovão de Figueiredo, & Dom Ioão ficarão na retaguarda, com a maior parte da gente de cavallo, & de pè. Soleimam Agà tinha tam bem repartida sua gente en tres batalhas, hũa era de dozentos de cavallo, de que os quarenta erão acubertados, & entre hũ, & outro, ao seu modo, cinquo homẽs de pè frecheiros, outra parte era gente de cavallo, que tomou para si, & a outra era de pè. Tanto que lhe os Portugueses derão vista, por o não tomarem entallado, quando chegarão à tiro de espingarda, Soleimam arremetteo, na qual furia os piães de Dom Ioão, que erão da terra, começarão à remuinhar, & pôrse em fugida, cousa que entre elles se não tem por infamia. Os espingardeiros de Galvão Viegas, porque elle se pôs à cavallo, tambem se desordenarão de maneira, que poucos acertarão tiro. E o que à hũs, & outros mais desordenou forão foguettes, & bõbas de fogo que os Turcos usão no primeiro rompimento, com que embaraçarão a gente, & os cavallos não acostumados à isso fugião com seus Senhores, sem darẽ por freo. Quando Dom Ioão vio que estes se retiravão, arremetteo não como Capitão, mas como cavalleiro de hũa lança, que queria ganhar honra, dizendo: *Sigame quem quiser, que eu com vittoria espero em Deos de lançar estes inimigos d'aqui.* Com as quaes palavras asi o seguirão todos, que naquella primeira arremettida começarão logo os acubertados alijar as peças dos cavallos para ficarem mais leves. E quem fazia maravilhas cõ os instrumentos de fogo, era hũa feiticeira em trajos de homem, à quem matarão seu marido os Portugueses, quando correrão os Mouros à Christovão de Figueiredo em Margam, & tinha ditto à Soleimam Agà, que confiadamente podia acõmetter aos Portugueses, porque ella cõ seus encantamentos lhes ataria as mãos, & os pès, cõ q̃ elle ficasse Senhor delles, & de suas fazendas. Mas ella ficou mentirosa, porque parece que Deos deu dobradas, & mais desempedidas mãos aos nossos, porque segundo

ſegundo no primeiro acõmettimẽto, o temor os encolhia, aſsi ſe ouverão deſpois q̃ Dõ Ioão começou à pelejar, q̃ logo Soleimã Agà foi de repẽte desbaratado, & deſamparou ſeu arraial como eſtava inteiro, & ſe pôs em ſalvo. E não ſômente o deſpojarão os q̃ o vencerão, mas os Gentios moradores da terra ſe carregarão bẽ de fazẽda. Neſte deſpojo ſe ouverão duas tẽdas mui ricas, hũa de Soleimã Agà, & outra de Abedechan Tanadar mòr das terras de Pangij, q̃ o vèo ajudar, q̃ cõ a tẽda tambẽ perdeo a vida. Dos ſeus ficarão alli mortos paſſante de cinquoẽta todos homẽs principaes, & outros tantos cattivos da gente cõmũ. E Fernão de Lemos, Diogo Mendez, Afonſo Pico, & Criſnà hũ Gentio honrado, q̃ forão no alcance quaſi legoa & meia, à paſſagẽ de hum rio, & pelo caminho matarão mais de cẽto & cinquoenta, afora mais de trezẽtos q̃ ſe afogarão, mettendoſe pela agoa, q̃ por ſer o lugar eſtreito, & a marè chea, não ſe poderão ſalvar. Alẽ deſte dano q̃ aqui receberão os dous Naiques de Bailin, no paſſo onde os forão eſperar lhes tomarão cinquoenta cavallos, porq̃ nelle hũ homẽ de pè podia desbaratar quatro de cavallo. Finalmẽte Soleimã Agà chegou à Pondà cõ perda de hũ ſobrinho q̃ lhe matarão, & mais de oitocentos homẽs, em q̃ entrou muita gente nobre. Dos noſſos forão feridos dez, ou doze, ſem morrer algũ: & os principaes q̃ naquelle feito ſe moſtrarão bẽ deſatados dos ligamẽtos da feiticeira forão Iurdão de Freitas Tanadar mòr, Fernão Ferreira, Paio Rodriguez de Araujo, Miguel Froes, Baſtião Lopez Lobato, Ioão Rapoſo, Belchior Botelho, Fernão de Lemos, Vaſco Fernandez, Galvão Viegas, Bartholomeu Biſpo, Matheus Fernandez.[a] Alcançouſe eſta vittoria à vij. dias de Fevereiro d'aquelle anno de M.D.XXXVI.[b] & foi a mais notavel que atè eſte tempo os noſſos ouverão naquellas terras firmes, ſem perigo delles, & tãta morte de ſeus inimigos. E dos Canarijs foi celebrada com grande feſta, por Soleimã Agà ser hum homem de ſua condição cruel, & tyranno. O qual ſobre ſeguro vindolhe fallar vintecinco Naiques das aldeas de Bailin, os mandou enforcar cada hum em ſua arvore, com q̃ eſcandalizou todo o Gentio da terra. Outra couſa mui mal recebida de todos, foi tomar toda a fazenda de Abedechan, que por o ajudar morreo no arraial, dizẽdo, q̃ elle o desbaratara, porque a primeira gente que fugira fora a ſua, & mãdou q̃ ſeu corpo não foſſe enterrado, & q̃ ficaſſe no cãpo para ſer

a. *Demais dos nomeados, ſe acharão neſta batalha Vicente Colaço, & Iorge Garcès Vereadores de Goa d'aquelle anno, Galàs Viegas, irmão de Galvão Viegas, Pero Preto ſogro de Dõ Diogo de Almeida Freire, Sebaſtião da Fonſeca, Gregorio Martiz, Franciſco de Mendoça, Manoel de Vaſconcellos, Afonſo Pirez do Valle.*
Diogo do Couto cap. 5 do liv. 10.

b. *Antes deſta vittoria eſcreve Frãciſco de Andrade, q̃ alcançou outra Dõ Ioão Pereira do meſmo Soleimã Agà, de que nenhũ outro Autor faz menção.*
Cap. 9. da 3. parte.

ser comido dos cães, não lhe lembrando que Abedechan mo rreo pelejando por elle como cavalleiro, & elle se salvou fugindo como covarde. Por os quaes feitos, & por outros, algũs homẽs principaes se ajũtarão, & forão à Bilgan à fazer queixume delle à Mir Mujale Capitão do Açadachan por elle não ser presente, pedindolhe que mandasse à aquelle homem que não fizesse guerra aos Portugueses, porque a terra se perdia, & não tinha a gente com que pagar os dereitos. O que logo Mujale fez, per hum requerimento que mandou fazer à Soleimam, ameaçandoo com o Hidalchan, & com o Açadachan, se atè o Governador Nuno da Cunha vir, elle bulisse consigo. Ao que elle obedeceo. E como anojado se saio de Pondà, & se foi metter em hũa Mesquita, onde esteve atè a vinda do Açadachan, de quem agora tornaremos fallar.

CAPITVLO. XIII.

Como o Açadachan se partio per mandado do Hidalchan cobrar as terras firmes de Goa, & o que passou neste caminho, & despois com Nuno da Cunha.

O Açadachan partido do Hidalchan para ir cõquistar as terras firmes de Goa, foisse dereitamente à cidade de Meriche, onde Mahamed Barin Capitão della, que fôra seu criado, o não quis acolher por as razões que atras dissemos. E passadas sobre isso muitas pratticas, respondeo por derradeiro, que tinha recado do Hidalchan, que o não recolhesse, nem obedecesse. Disto ficou o Açadachan mui indinado, & bem entendeo, que os recados que elle tinha do Hidalchan, não erão sem causa, pois aquelle seu criado, & feitura que elle alli pusera lhe fallava tam soltamente. E desejando tomar vingança delle, mandou logo trazer de Bilgan muita artelharia para combater a cidade, como fez, de que derribou hum lanço do muro. Mas quando quis cõmetter a fortaleza, como elle mesmo a tinha fortalecido pouco tempo avia, detevesse muito nisso. E antes que começasse a bateria, espedio à gram pressa hum messageiro ao Cota Maluco, fazendolhe saber o que achara em Meriche, & o engano que lhe o Hidalchan fizera no seu despacho, que lhe pedia muito que apertasse com elle

elle pela entrada de ſuas terras, que entam tinha tempo; porque elle pela ſua parte lhe daria bem que fazer. E outro tanto fez ao Nizamaluco. O ſeu criado Barin como vio ſua determinação, & o querer entrar per combate, fez ſaber ao Hidalchan o eſtado em que ficava, & o que mandava que fizeſſe. O Hidalchan como eſtava apercebido para eſte caſo, eſpedio à gram preſſa hum ſeu Capitão Capado com dez mil de cavallo, & muita peonage, que ſe vieſſe lançar à viſta do arraial do Açadachan, mas que não pelejaſſe com elle atè ver recado
10 ſeu. O Açadachan tinha cõſigo tres mil de cavallo, & nove mil de pè, & como vio vir eſta gente tã preſtes, entendeo q̃ o Hidalchan não tardaria muito. E logo lhe vèo recado da Corte pelas intelligencias que nella tinha, como o Hidalchan ficava de caminho. Com eſta nova diſſe o Açadachan publicamente: *Se querem que me vaa d'aqui ſem primeiro tomar vingança deſte traidor, eu o farei, mas não para metterme dentro em Bilgan: porque não ſou eu o homem que ha de morrer encerrado em caſa, ſenão no campo.* Mas com todas eſtas razões dittas em publico, como era manhoſo, & cheo de artificios, ſaltou em outro propo
20 ſito, dizendo, que pois o Hidalchan ſeu Senhor lhe eſcrevia q̃ deſcercaſſe Meriche, & ſe foſſe para Bilgan, & d'ahi para onde o mandava, que queria mais comprir ſeu mandado, que ſeu proprio deſejo, que era caſtigar aquelle traidor, & revel criado. Mas elle não fez mais caminho que deſabafar Meriche, & pôſſe entre ella, & Bilgan, eſperando a mudança que o Hidalchan fazia. D'ahi mandou recado à Soleimam Agà Capitão de Pondà, que em nenhũa maneira fizeſſe guerra aos Portugueſes, antes deixaſſe correr livremente o cõmercio de todas as couſas para Goa, porque aquelle negocio elle o avia
30 de acabar per cartas ſuas com o Governador Nuno da Cunha, & não per o modo que elle atè entam tivera.

Não ſeria o Açadachan apoſentado no lugar, que tomou para eſperar o que o Hidalchan fazia de ſi, que erão ſette legoas de Meriche, quando o Hidalchan per outro recado que lhe o Capitão cercado mandou, partio ſòmente com duzentos de cavallo, como pela poſta, & em dous dias andou vinte oito legoas, que ſão da cidade de Biſapor à Meriche. E quando chegou, ſe foi apoſentar no arraial do ſeu Capitão Capado, não ſe fiando de entrar na cidade. Da qual mandou ſair ao
40 Capitão Barin, & o levou conſigo, tornandoſe para Biſapor

com todo o exercito. D'alli mandou recado ao Açadachan q̃ mandasse pôr cobro na cidade, porq̃ elle lha deixava livre, & levava cõsigo Mahamed por lhe não fazer mal com a indina ção q̃ delle tinha: ao qual não devia de culpar, porque tudo o q̃ fizera fora per seu mandado. E que a causa de elle lho mãdar fazer forão mexericos que delle Açadachan lhe disserão nas costas da prattica que com elle tivera. O que elle tinha sabido serem cousas de homẽs q̃ lhe tinhão enveja à merce q̃ lhe fize ra das terras firmes que lhe mandara conquistar: mas como soubera a verdade, fizera aquelle caminho tã apressado à fim de o vir metter em posse do seu: que se fosse em boa hora à fa zer o que lhe mandava, por quanto lhe era ditto que os Portu gueses tinhão trattado mal à Soleimam Agà. O Açadachan por este recado lhe mandou beijar os pès, & dizer, que elle se partia logo à fazer o que lhe mandava: mas não se fiava delle, nem o Hidalchan descansava em suas cousas: porque per hũa parte era hum escravo seu muito subjeito, & humilde, & per outra via erão tudo traições, & maldades não pensadas, postas em effeito: como logo vio tanto que chegou à Bisapor, onde lhe vèo recado que o Cota Maluco entrava per suas terras, o que entendeo ser per incitamento do Açadachan: o qual sendo tornado à Meriche se pôs à reformar o dãno que lhe fizera, & d'ahi se vèo à Bilgan provèr do necessario para a conquista das terras firmes, o que fazia algum tanto de vagar.

Neste tempo sesta feira antes de Ramos chegou o Gover nador Nuno da Cunha à Goa, deixando as cousas de Dio no estado q̃ dissemos, quãdo tratamos d'el Rei de Cambaia, & lo go mandou dizer ao Açadachan da sua vinda, & q̃ estava espã tado das cousas q̃ achava feitas nas terras firmes, das quaes ain da q̃ soubera em Dio per cartas q̃ lhe escreveo o Capitão de Goa, não lhe parecia ser tãto o mal, como sendo presente via, q̃ se maravilhava muito de elle consentir q̃ andassem aquellas terras tam revoltas, & tam destroidas com os dãnos que a gen te tinha recebido, que antes de muitos dias não averia quẽ as cultivasse, nẽ habitasse. E que segundo tinha sabido, a maior parte deste mal procedera de hum homem tam cruel como era Soleimam Agà, que fez muitas cruezas à gente mesquinha. E o de que mais se espantava era de lhe dizerẽ (o que não cria) q̃ elle em pessoa vinha novamente sobre aquellas terras.

Que não sabia à que? por estarẽ tam enfermas, & feridas dos dãnos passados, que nem para pastar as ervas o poderião soffrer, tanto mais as obras que fazem os Soldados por mui comedidos que sejão: porque naturalmente he gente que vive do sangue dos lavradores. E que à lhe dizer verdade, à elle lhe fazia pouca cobiça aquellas terras, sòmẽte as queria para que a sua gente d'armas tivesse onde ir montear, porque com as cousas de Cambaia (como elle sabia) ficava tam ociosa, que era necessario para se não amollescerem, & corromperem cõ o ocio, darlhe algũa honesta occupação como he a caça. E q̃ se de Dio escreveo ao Capitão que as não soltasse, era à este fim, & por o concerto que com elle se fez, como sabia. Por tãto lhe pedia, & rogava, que a amizade, & paz que entre elles era assentada, não se rompesse, pois de a tèr o Hidalchan com os Portugueses, recebia mais proveito do que à elles lhe vinha. E bastava para saber quam proveitosos amigos erão os Portugueses em o negocio presente, que ora estava à vista de toda a India, não achar Soltam Badur outro amparo, & segurança senão nelles.

O Açadachan como fora o autor de Nuno da Cunha mãdar tomar as terras pelo modo q̃ atras se vio, não se quis descubertamente mostrar culpado na sua vinda, nem menos escuso della, & mandoulhe confessar o que tinha ditto, mas que bem via elle quantos trabalhos tinha atè entam passados cõ o Hidalchan, por inimigos seus que lhe andavão à orelha: & que alli onde estava o não deixavão assessegar, & q̃ elle muitas cousas lhe concedia, & em muitas lhe obedecia, não por lhe parecer bem, mas por ser homem mancebo, appetitoso, & desconfiado, & contrariarlhe qualquer cousa em que elle mostrava gosto, era total destroição sua. E que como o Hidalchan nesta vinda sobre as terras firmes, era a em que ao presente mais appetite tinha, não podia elle tam descubertamente deixar de ir avante, & comprir sua vontade: mas que faria este caminho de vagar, porque por ventura neste meio tempo lhe veria outra võtade. E asi o mostrou o Açadachan logo nos apercebimentos da guerra, indo mui vagoroso nelles. Mas tudo isto era artificio para fazer com o Hidalchan seus negocios melhor, & não por respeito de Nuno da Cunha. Porque a verdade deste vagar era, que entendia per avisos de seus amigos que trazia em casa do Hidalchan, q̃ como

andasse

andasse envolto na guerra com os Portugueses, lhe avia de ir tomar Bilgan, que era o seu coração, por tèr alli sua fazenda, & segurança de todo seu ser. O Hidalchan lhe dava ainda ma ior sospeita, porque o apertava muito com cartas que fosse avante, & ainda lhe convèo escreverlhe muitas palavras de mimo, & seguralo, atè lhe mandar hum Capitão Abexij cha mado Rahen, dizendo, que se o deixava de fazer, porque não tinha tanta gente como queria, para acõmetter aquelle feito, elle lhe mandava aquelle seu Capitão cõ quatro mil homẽs, & com elle mandou tambem Genetechan, que estava preso em Pondà, à quem elle dava aquella Tanadaria, & mandava que se fosse della Soleimam Agà seu inimigo, por a mà infor mação que tinha de como alli se ouvera. Com estes quatro mil homẽs que de novo vierão ao Açadachan, ajuntou elle em Bilgan doze mil, em que entravão quatro mil de cavallo, & dozentos espingardeiros.

Estando asi algũs dias levando as cousas de vagar, vèolhe recado como os Mogoles entravão pelas terras de Madre Maluco, o qual o mandou ao Hidalchan, dizẽdo, que se fizessem ambos em hum corpo para lhe defender a entrada. Com esta nova, dizem que o Hidalchan mandou ao Açadachan q̃ não passasse à baxo às terras firmes, atè saber em que parava este aviso dos Mogoles. Outros dizem, que o Açadachan fazia a nova mais verdadeira do q̃ era, por tèr escusa no vagar que levava, porque tendo elle ja mandado fazer largos caminhos nos passos de Gate atè Pondà, por ser cousa mui trabalhosa de passar hum tam grande exercito como elle trazia por elles, & muitas peças d'artelharia, que era ja posta em caminho para estar na fortaleza de Pondà, mandou que não fosse por diante. E elle tambem estando no campo fora de Bilgan com suas tendas armadas, & o arraial assentado, tornouse à re colher à cidade, & ao Genetechan que tinha espedido para Pondà, & estava ja em hum lugar chamado Chocolà, que he no Gatè, mandoulhe que se detivesse, & não passasse avante.

Finalmente com grandes intervallos, fingindo ora hũa cousa, ora outra, chegou à Pondà com vinte mil homẽs, à xvij. de Maio, de aquelle anno de M.D.XXXVI.

* * *

CAPI-

CAPITVLO. XIIII.

Como chegando o Açadachan à Pondà mandou hũa carta do Hidalchan à Nuno da Cunha, & da resposta que à ella deu, & do que mais succedeo entre elles.

TANTO que o Açadachan chegou à Pondà, logo aos xx. dias do mes de Maio, mandou à Nuno da Cunha hũa carta do Hidalchan com o messageiro que trazia, cuja substancia era, que elle mandava o Açadachan com vinte mil homẽs à cobrar as terras firmes que elle tinha usurpadas; & que aquella carta não era para mais, que dar creença ao que lhe mandava dizer per aquelle messageiro. Nuno da Cunha o mandou receber, & despois de tèr lida a carta, ouvio o que da parte de seu Senhor lhe dizia, que foi hũa grande arenga, começando do tempo de Afonso de Alburquerque, & das pazes que fizerão com o Sabaio seu avò, [a] & a cõtinuação d'aquella amizade, entre seu pai, & todos os Capitães que governarão a India, atè elle Nuno da Cunha. E que elle como herdeiro de seu pai queria continuar esta paz pela maneira que sempre tiverão, & não queria que ouvesse cousa entre elles para se quebrar. E sobre isto outras muitas palavras, cuja conclusão era, que lhe soltasse as terras, & pagasse os rendimentos que tinha recebidos dos Gançares. Nuno da Cunha como ja com todos os Capitães, & pessoas notaveis do conselho da governança da India, tinha assentado a substancia da resposta que avia de dar, por tèr sabido à q̃ o messageiro vinha, logo em publico onde elle fez sua falla, lhe disse, que elle não queria dilatar respostas, como outros usavão, trazẽdo os messageiros em dilações, nẽ traria razões dos tempos tam atras, como era o de Afonso de Alburquerque, mas somente do presente, despois que o Hidalchan fora mettido em posse de seu Estado. E que a resposta seria para à elle dar ao Açadachan que estava em Pondà, como elle dizia, cõ vinte mil homẽs, o qual se vinha com desejo de pelejar com os Portuguesses, elles erão homẽs que não avião de negar a lutta: & que isto dissesse ao Açadachan. E que quanto ao Hidalchan, elle lhe escrevia largamente sobre o negocio: & com isto o espedio.

a. *Segundo o que escreve Diogo do Couto, ouvera de dizer, com o Cufo Hidalchan seu avò.*

dio. A substancia da carta para o Hidalchan foi, que quando se tomarão aquellas terras dos Gentios que as roubavão, foi per conselho do Açadachan, cujas cartas tinha, por elle Hidal chan estar naquelle tempo mui occupado em cousas do seu Estado, à que lhe convinha primeiro acodir; & como cousa que estava devoluta, & vaga lançara mão dellas. E que como marco, & padrão da posse mandara fazer aquella força, sobre o qual negocio escrevera à el Rei seu Senhor, & por isso elle não podia sem seu mandado soltar o que hũa vez tomara. Antes lhe parecia que elle Hidalchan como pessoa que novamẽ te succedia no Estado de seu pai, que fora tam grande amigo d'el Rei seu Senhor, como elle dizia, divera de folgar de o tèr por esse: porque os Estados da India, não estavão tam seguros, que não ouvessem mester por amigo hum tal Principe como el Rei de Portugal. E que bem presente estava nos olhos de todos a prosperidade d'el Rei de Cambaia: o qual vindo à cair della, nem em vassallos, nem em vezinhos do sua seita, achou ajuda, & amparo, senão em seu Governador da India, contra o qual antes se mostrava tam isento, que pedindolhe as terras de Baçaim, não lhas quis dar: & despois não sómente lhas deu sem requerimento (o rendimento das quaes he dobrado do das terras firmes de Goa) mas ainda hũa fortaleza na cidade de Dio, que elle tanto tempo negou, sómente por tèr o favor dos Portugueses, & não outro mais certo remedio, & amparo em sua presente necessidade. Tanto poder tinha a fortuna varia dos homẽs, que dos inimigos faz amigos, & em os acharem se tem por benaventurados. E que quanto ao desfazer da fortaleza, sobre que lhe seu messageiro fallara, ella tinha custado tanto trabalho, & sangue aos Portugueses, que antes todos morrerião sobre ella, que tal consentir. Quando o messageiro vèo buscar esta carta, & despedirse do Governador, lhe pedio que lhe fizesse hũa merce, que elle teria por mui grande, que era mandar que não fizessem guerra atè elle ir, & vir do Hidalchan, o que lhe o Governador prometteo. Mas como elle conhecia as astucias do Hidalchan, por o não tomar descuidado, mandou armar certos catùres, & bateis, que andassem em Capitanias per todos os rios, & esteiros que vẽ tèr à Goa, vigiando o que se fazia em terra, & se ordenavão os Mouros algũas jangadas de madeiras em que elles costumavão à passar gente à Ilha.

O Aça-

O Açadachan passados algũs dias que dissimulou este caso, por causa da vinda do messageiro do Hidalchan, quando vèo à sete de Iunho, despedio dous Capitães, Rahen que lhe mandara o Hidalchan com quatro mil homẽs, & Soleimam Agà Capitão passado com outros quatro mil, & que se fossem às terras de Salsete. Nuno da Cunha, porque isto não respondia ao petitorio do messageiro do Hidalchan, que lhe pedio não fizesse guerra atè sua tornada com resposta, mandou hum Naique Capitão da terra denunciar ao Açadachan a
10 guerra, o qual o reteve preso. Como Nuno da Cunha soube que o Naique era reteudo, mandou à Rui Diaz Pereira, Capitão mòr dos navios de remo, fazer entradas pelos rios, & esteiros da Ilha de Goa, & em terra fazer todo o dano que podesse nas aldeas, & lugares: o que elle fez, matando, & cattivando muitos moradores das Tanadarias, principalmente em hum pagode, onde tomou trinta & tantas pessoas, & os mais se forão lamentar ao Açadachan deste dano, com a qual nova, elle mandou logo soltar o Naique que tinha preso, desculpandose à Nuno da Cunha, que a causa de o detèr tantos dias fora
20 por ser homem com que folgava de fallar, por o achar pessoa de substancia em sua prattica, como por elle podia saber. E porque elle tinha mandado aos dous Capitães que levassem certas peças d'artelharia grossa pára pôr contra a nossa fortaleza, onde elle esperava de fazer hũa defensão, tornoulhes à mandar dizer que a não levassem adiãte. E cada dia fazia hũa mudança, & mil artificios, para que Nuno da Cunha perdesse o rastro do que elle queria fazer. Mas elle entendia bem que tudo era tèr o Açadachan mais o sentido no que fazia o Hidalchan, temendo que lhe viesse tomar Bilgan, que vontade
30 de nos fazer entam guerra. E à tanto chegou este seu temor, que algũas vezes se fazia doente na fortaleza de Pondà, & não se deixava ver, & de noute como pela posta com cavallos em paradas, per sua pessoa, sendo homem de muita idade, dava hũa vista à Bilgan, & d'ahi à Bisapor onde estava o Hidalchan, & onde tambem tinha os que lhe davão os avisos do que se passava sobre elle. Com estes temores não assessegava, nem se sabia determinar: porque às vezes partia de Pondà para as terras de Salsete, & no caminho fingia infirmidade, ou impedimento, de maneira que elle mesmo se não entendia.
40 Os seus Capitães o mais que fazião era dar hũa vista à nossa

fortaleza,sem os nossos sairẽ,por asi lho tèr mandado Nuno da Cunha,atè q̃ elles se enfadassem.E asi foi, porq̃ por as terras per q̃ elles andavão serẽ alagadiças,& não as poderem andar,se não com muito trabalho, a gente enfermava, alem da fome q̃ passavão,por não acharẽ q̃ comer;porq̃ os lavradores cõ a continuação da guerra forãose recolhendo para cima cõtra o Gate,& deixarão de cultivar as terras,& alẽ da gente,lhe adoecião,& morrião os cavallos,& elefantes q̃ elle muito estimava.E temẽdo perder mais cavallos,mandou algũs q̃ elle tinha mais mimosos à Bilgan.Neste tẽpo em algũas entradas q̃ os Portugueses fizerão pelos rios,matarão muita gente da terra,& por desastre de hũ catùr dos Portugueses ficar em seco com gente,carregarão alli tantos Mouros, que matarão os mais delles,de q̃ os principaes forão Enrique Ribeiro, Vasco de Moura,Lopo Bugalho,& Iorge de Lemos.

CAPITVLO. XV.

Das cousas que succederão na guerra das terras firmes de Goa, & da entrada que nellas fez Dom Ioão Pereira, & do bom successo que teve.

AZIA o Açadachan a guerra remissamente com o tento que tinha no Hidalchan,occupandose em fazer caminhos largos para seu exercito,& ameaçando ora aqui,ora alli,como quem esgrime em vão.Nuno da Cunha pelo mesmo modo,como quem entendia os receos do Açadachan, tambem o entretinha com algũs saltos per esses rios, ora em hũa parte,ora em outra,fazendo o dãno que podia, atè que o Hidalchan lhe mandou resposta da carta que lhe escrevera. A substancia della,era remetter ao Açadachan todos aquelles negocios,pois Nuno da Cunha dizia ser elle muita parte de tomar aquellas terras, & que averia por bem tudo o que elle fizesse.Sobre isto ouve muitos recados entre Nuno da Cunha, & o Açadachan, mas tudo se vinha resolver em cada hum querer ficar com as terras,& não desistir da conquista, & posse dellas. Neste tempo vèo nova ao Açadachan, que o Hidalchan estavava em Bisapor, sem ousar de se mover d'alli,por tèr novas q̃ hũs Mogoles q̃ andavão em Cambaia

tinhão

tinhão concertado cõ o Madre Maluco, que lhe desse passagem per suas terras para ir às delle Hidalchan, & d'ahi se passarem à Narsinga, onde elles muito desejavão entrar, por a fama das grandes riquezas que naquelle Reino avia. Estas novas tinha o Açadachan por suspeitas, & pareciáolhe fingidas pelo Hidalchan, para disimular com elle. E com ellas tambem lhe vinhão outras, que era ser muito culpado ante o Hidalchan, & seus Capitães, por quam pouco tinha feito despois que viera à aquella empresa, promettendo elle quan-
10 do da Corte partio, que as suas barbas brancas avia de levar vermelhas do sangue dos Portugueses, em que as avia de tingir, & que atè entã mais as tinha cheas de injuria, que do sangue que dizia.

Nuno da Cunha per este tempo ia cevando a fortaleza de Rachol, mandando em modo de Capitanias algũs fidalgos, & gente nobre, como foi Manoel de Macedo, & Ioanne Mendez seu irmão, com trinta homẽs per hũa vez; & per outra à Fernão de Lima, & Paio Rodriguez de Araujo, com muitos espingardeiros, & despois Gonçalo Vàz Coutinho. A causa
20 de Nuno da Cunha ir cevando esta fortaleza com gente, era, porque os Mouros cada dia davão mostra de si sem cõmetterem, & receava que hum dia com grande impeto dessem nella de subito. E principalmente se temia, porq̃ foi aquelle anno o inverno tam grande em dous meses delle, que andavão os homẽs mortos, & não podião aturar o trabalho por os maos gasalhados que tinhão, & asi se perderão com as muitas chuvas todas as novidades, & sementeiras da terra, & em Goa cairão muitas casas. E porque na outra parte onde estava Vasco Fernandez por Tanadar, hum Capitão do Açadachan o
30 vinha muitas vezes cõmetter, mandou Nuno da Cunha à Antonio Correa com algũs navios de remo, & vierãose à revolver com os Mouros de maneira, que lhe matarão os nossos muita gente, & o Capitão delles escapou à pè, perdendo o cavallo em hum lamaçal per onde se foi metter cõ pressa da fugida.

Despois por vir nova à Nuno da Cunha per espias que là trazia, como se ajuntava no mesmo lugar muita gẽte em dãno nosso, à x. de Agosto, dia de S. Lourenço, fez passar à aquella parte Dom Ioão Pereira Capitão da cidade com cento &
40 trinta de cavallo,[2] & seiscentos Portugueses de pè, de que foi

[2]. Acõpanharão à Dõ Ioão nesta jornada Dõ Pedro de Meneses, Ioão de Mendoça, Christovão de Sousa, Lisuarte de Andrade, Martim Correa da Silva, Ioão Izsarte Tição, Manoel de Sousa de Sepulveda, Francisco de Gouvea, Pero da Cunha, Manoel de Vasconcellos, Galvão Viegas, Galaz Viegas, Antonio de Reboreda, & hum filho seu, Pero Godinho, Diogo Fernandez o Adail, Paio Rodriguez de Araujo, Rui Diaz da Silveira.

Fernão Lopez de Castanheda cap. 138. do liv. 8. & Francisco de Andrade cap. 32. da 3. parte.

Capitão Gonçalo Vàz Coutinho, & mil piães Canarijs da terra, de que era Capitão Crisnà Gentio honrado. Os Mouros quando souberão que esta gente entrava meia legoa pelo sertão, recolherãose mais ao pè de hũa Serra, & fizerãose fortes em hum teso, por estarem mais seguros, onde Dõ Ioão os foi buscar. E como per Galvão Viegas, que levava diante por adail, soube do estado em que estavão, ordenou sua gente per esta maneira. Os Gentios, de que era Capitão Crisnà, por serem mais ligeiros, costumados à terra, ião na dianteira, tras elles ia logo Gonçalo Vàz Coutinho com a pionage Portuguesa. A gente de cavallo foi repartida em duas partes, hũa levava o Adail, & a mais principal ficou com Dom Ioão. Indo nesta ordem, porque o monte onde os Mouros estàvão era hum pouco espesso com arvoredo, & fazia hum passo estreitto, que lhe podia perjudicar, vindo por alli algũs Mouros à lhe dar nas costas, com algũa cilada de que não soubessem, mandou Dom Ioão que ficasse alli Manoel de Vasconcellos, com algũa gente de cavallo, & de pè. Chegados os nossos tam perto, que erão vistos dos Mouros, em lugar de a gente Canarij que levava Crisnà aver de subir pelo teso acima à dar nos Mouros, começou à recear, atè que sem vergonha tornarão para tras, & forão dar com impeto em Ioão Rodriguez Homem, o qual por se querer mostrar que o era no animo, como no nome, com seu cavallo se metteo tam desenfreadamente entre os Mouros, que logo foi morto. E com a furia desta perda, Dom Ioão chamando por Santiago rompeo os Mouros com tanto impeto, que começarão à fugir, & descer à hũas semeadas de arrozes, que estavão ao pè do teso da outra parte. E como estavão cheas d'agoa, onde os nossos não ousavão entrar, repartirãose em duas partes, hũs tinhão aquella entrada, tomando o caminho aos Mouros para não sairem, outros forão rodear à tomarem hũa ponte de hum esteiro perque se acolhião, na qual matarão muitos, delles com o temor do nosso ferro ficarão enterrados naquelle tremedal dos arrozes, entre os quaes foi o seu Capitão Ianebec, que ja levava duas lançadas. Finalmente dos Mouros de cavallo ficarão alli vinte, & muitos de pè: os cattivos forão cinquoenta, entre os quaes foi Sarnabote, que era Adail de Ianebec. Dos nossos morrerão quatro, alem de Ioão Rodriguez Homem, & algũs feridos,

ridos, de que os principaes forão Pero da Cunha, & Diogo Vàz de Aragão. E os peor trattados forão os Gentios da terra, por ser gente mal armàda. Per esta maneira ficarão os Mouros que andavão naquellas terras de Bardès tam amedrentados, que se quiserão passar às terras de Caporà, mas os moradores dellas os não consentirão, dizendo, que temião que os Portugueses os fossem destroir, polo que se alongarão mais para as terras de Bandà.

10

CAPITVLO XVI.

Como o Açadachan andou em requerimentos com Nuno da Cunha sobre assento de pazes, & de se verem ambos, o que não ouve effeitto, & das vittorias que ouverão Antonio da Silveira nas terras firmes, & Gonçalo Vàz Coutinho na costa.

NAO tardarão muitos dias despois que Dom João Pereira Capitão de Goa ouve aquelle bom successo nas terras firmes, que o Açadachan escrevesse ao Governador Nuno da Cunha, pedindolhe por não andarem em ir, & vir com recados, & respostas, que lhe mandasse algũa pessoa, para practicar com elle algũas cousas que convinha à ambos, & o Governador lhe mandou Christovão de Figueiredo, com quem o Açadachan se desenvolvia bem, & entre ambos se concertou que o Açadachan, & Nuno da Cunha se vissem. Mas isto não ouve effeito, porque o Açadachan hum dia se fez doente, outro anojado, dizendo, que lhe viera nova q̃ os Mogoles matarão hũ filho do Madre Maluco em hũ recontro que teve com elles, querendo entrar nas terras de seu pai. E segundo se despois soube, o Açadachan queria ganhar a vontade à Nuno da Cunha, em lhe descobrir per meio de Christovão de Figueiredo, o que el Rei de Cambaia andava ordenando com o Hidalchan, & com os Capitães do Reino do Decan, & todos os outros Principes da India contra Portugueses, como adiante diremos. Toda via passados oito dias, o Açadachan vèo à hum outeiro do passo de Benestarin, & per derradeiro não forão mais as vistas, que ir Christovão de Figueiredo ao Açadachan, & Aga Mamud

 criado

criado do Hidalchan vir à Nuno da Cunha,& por remate do negocio ficarão no estado em que antes estavão,& Nuno da Cunha com maior escandalo. O qual por se ja despedir o inverno, mandou lançar ao mar todas as vellas. O Açadachan tambem por a mesma causa, antes que as armadas dos Portugueses navegassem,& fossem fazer algũ dáno pelos seus portos de mar, queria tomar mais algũa conclusão sobre a fortaleza que elles tinhão feita,& mandoulhe dar algũas vistas, cõ grande numero de gente tam perto della, escaramuçando em hum campo à modo de desprezo, que indinados os nossos, là os forão pescar com duas, ou tres peças d'artelharia, com que ficarão no campo vinte. Os Mouros escandalizados disto, forão dar no passo que chamão Carambolij,& apertarão tanto com o Tanadar Luis Castanho, q̃ o fizerão recolher à Goa.

Nuno da Cunha a primeira armada que lançou ao mar foi de duas fustas, & tres bargantijs, & tres catùres, cuja Capitania deu à Gonçalo Vàz Coutinho, que fez muito dáno por todos os Portos em que entrou. E tendo Nuno da Cunha conselho para em pessoa passar à Salsete, chegarão cartas d'el Rei de Cochij,& do Doctor Pero Vàz Veedor da Fazenda, dizendo, que importava muito sua ida à Cochij, por as guerras que os Reis de Cochij, & Calecut entre si tinhão desde o principio do inverno. E como Fernand'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor por estar perto d'alli tinha soccorrido cõ dez vellas de remo,& dozentos homẽs, q̃ aproveitarão muito. Tambẽ lhe escrevia o Veedor da Fazenda q̃ per terra lhe vierão novas q̃ em Choromandel se levantava gẽte da terra contra os Portugueses que là estavão, por razão de hũa nao que Antonio da Silva tomara passando para Bengala com sua armada. Com esta necessidade, aos xix. de Settembro despachou Nuno da Cunha à Martim Afonso de Sousa Capitão mòr do mar com onze navios, para ir concertar estes dous Reis de Calecut, & de Cochij, & fazer nisso o q̃ lhe parecesse, atè lhe mandar recado, do estado, & proposito com que os achava. Partido Martim Afonso (do qual adiante escreveremos) Nuno da Cunha por mostrar ao Açadachan, q̃ queria tomar cõclusão cõ elle,& não andar perdẽdo tẽpo, como atè entã tinha feito, por causa do inverno, no mesmo dia que Martim Afonso partio, mandou lançar pregões, q̃ toda a gente de cavallo, & de pè se apercebesse para passar às terras firmes

firmes cõ Antonio da Silveira de Meneses. O qual passou cõ dozentos de cavallo,[a] & setecentos de pè Portugueses, & do Gentio da terra mil, & não se contentou com entrar pela terra firme menos de tres legoas. Na qual ida ouve tal vittoria dos Mouros, que matou trezentos, em que entravão dous Capitães do Açadachan,[b] & Coge Mugor seu estribeiro, que elle muito sentio, & de feridos foi hum grande numero. Dos Portugueses forão mortos oito, de que os principaes forão Francisco da Silva, Belchior Velho, Bastião Paez, Diogo Zambujo, Pero Chamiço, & feridos cinquoenta, os mais delles homẽs nobres, porque a peleja foi em lugar que os Mouros lhe tinhão muita ventagem. E em hum certo passo, onde estava por Tanadar Vasco Fernandez, mandou Nuno da Cunha fazer hum forte, o qual sitio elle per sua pessoa foi ver, & em quanto se fazia estava Antonio da Silveira em sua guarda.

Sobre esta vittoria chegou hũa nao de presa, que Gonçalo Vàz Coutinho tomou no mar de Dabul, a qual por ser da mãi do Hidalchan, segundo Nuno da Cunha foi certificado, mandou soltar o Capitão della, & pôr a fazenda em boa recadação, para lha entregar como elle trouxesse carta do Hidalchan, à quem Nuno da Cunha o mandou com sua carta, dandolhe conta particularmente d'aquella guerra das terras firmes, & como o Açadachan o demovera à isso, por as aver tomadas dos Gentios, sem culpar ao Açadachan nos artificios que tinha usado, & dito contra elle, por o não metter em odio com o Hidalchan. E porque lhe pareceo que o Açadachan podia entretèr este homem, se soubesse que levava cartas suas, o mandou per mar para entrar per Dabul, o que aproveitou muito, porque achou là nova dos dános que Gonçalo Vàz alli tinha feito, tudo por causa desta guerra que o Açadachan fazia. Porque Gonçalo Vàz tinha entrado pelo rio acima, queimando todos os navios que achou, & lugares, de q̃ trouxe muita artelharia, & quando entrou em Goa, foi cõ mais de trezẽtas pessoas cattivas, & muitos mantimẽtos q̃ tomou per esses rios, de q̃ em Goa avia muita necessidade. E parece q̃ cõ aquelle dáno q̃ Gonçalo Vàz lhe fez, & cartas de Nuno da Cunha q̃ levou o Mouro, & principalmẽte porq̃ os Tanadares dos portos de mar, forão neste tẽpo encãpar as Tanadarias, clamando tanta perda de molheres, filhos, & paren-

a Forão cõ Antonio da Silveira Ioão de Mendoça, Francisco de Mendoça, Ioão Iusarte Tição, Antonio de Lemos, Manoel de Macedo, Francisco de Gouvea, Lisuarte de Andrade, Pero da Cunha, Ianne Mendez de Macedo, Manoel de Vasconcellos, Francisco da Silva de Alcobaça, Dõ Ioão Lobo, Rui Diaz Pereira, Diogo Botelho de Andrade, Christovão de Sousa de Lamego, Pero Rodriguez Porras, Manoel de Azambuja, Antonio Cabral de Santarem, Iorge de Mello Punho, Alvaro de Mendoça, Luis Coutinho, Pero Barriga, Francisco Pacheco, Diogo Pereira, Antonio da Fonseca, Diogo Lobato, Rui Diaz da Silveira, Christovão Pereira, Duarte de Sousa, Antonio Caldeira, Alvaro de Figueiredo, Duarte Rodriguez Mousinho, Francisco de Sousa, Galvão Viegas, Diogo Fernandez Adail, Antonio de Freitas, Ioão Gomez, Duarte de Taide, & outros

Fernão Lopez de Castanheda cap. 139. do liv. 8. & Francisco de Andrade cap. 22. da 3. parte.

b. O Capitão geral dos Mouros se chamava Carnabeque, homem de grandes forças, como se virão nos golpes que deu nesta batalha em q̃ foi morto, a qual escreve com particularidade Castanheda, & Francisco de Andrade nos Capitulos acima referidos.

tes, hũs mortos, & outros cattivos; teve o Hidalchan conselho com seus Capitães, os quaes todos culparão ao Açadachan d'aquelles dãnos causados da sua contumacia, com que tinha indinado o Governador da India, sem lhe fazer guerra, mas levando boa vida na fortaleza de Pondâ, donde não ousava sair, com o qual procedimento tinha feito mais perda, que proveito; & lançada bem a conta, mais importavão as entradas, & rendimentos dos portos do mar, que o Governador podia impedir, que quanto valião as terras sobre que se contendia. A estas queixas se ajuntou vir o proprio Tanadar de Dabul emcampar a cidade ao Hidalchan, & contar particularmente quanto dãno Gonçalo Vàz deixava feito, dando muitas razões quanto importava à seu Estado, & rendimentos estar com os Portugueses em paz. Para isto dava por exemplo o que os Portugueses fizerão à hum Reino tam poderoso como o de Cambaia, que em menos de cinco annos lhe tinhão queimados quasi todos os seus portos de mar, atè el Rei com seus trabalhos se vir à entregar nas mãos do Governador. E que tam grandes cousas como estas erão, não as avia de deixar no parecer, & vontade do Açadachan, cujo officio erão modos, & artefícios de enriquecer, & fazerse temido. E que quando o Governador soltasse as terras, que não era de crèr, avião de ficar na mão do Açadachan, sem elle Hidalchan tèr algum proveito.

CAPITVLO XVII.

Como o Hidalchan mandou ao Açadachan que desistisse da guerra com os Portugueses, & elle se escusou: & como Dom Gonçalo Coutinho foi desbaratado no passo do Borij, & o Açadachan vèo assentar pazes com Nuno da Cunha, por evitar os dãnos que recebia.

S Queixas dos Tanadares, & a carta de Nuno da Cunha obrarão tanto ante o Hidalchan, que sem dilação algũa mandou recado ao Açadachan, que deixasse de fazer guerra, & se fosse à elle, por estar de caminho para as tèrras do Cota Maluco. Disto se escusou Açada-

Açadachan, dizendo, que tamanha empresa como elle tinha tomado, & em que tinha gastado mais de trezentos mil pardaos, & posto nella sua honra, não era para deixar. E que elle era velho, & usado na guerra, & que aquelle pomar em que elle cavava era delle Hidalchan, & para elle o queria, que deixasse pôlo no estado que desejava, & entam faria o que fosse seu serviço. Sobre este recado mandou ao Hidalchan duas peças mui fermosas à vista, hum cavallo, & hum terçado guarnecido d'ouro, & pedraria, o qual sendolhe appresen-
10 tado, & querendo elle desenvolver de hũs pannos de seda, em que ia, não o consentio sua mãi, que estava presente, & mandou que o desenvolvesse hum moço, que em acabando de o tirar dos pannos caio morto. Polo qual caso o Hidalchan não quis subir no cavallo, sem primeiro outrem tomar a salva, & tambem morrerão dous que fizerão a experiencia. Vendo a mãi do Hidalchan estes dous subitos casos de morte, disse: *Aqui vejo eu filho ser verdade, que este traidor matou vosso pai, como eu sempre tive para mi.*

Por este tempo como Nuno da Cunha soube que o Àçada
20 chan fizera pouca conta do q̃ o Hidalchan mãdara, sobre desistir da guerra, mandou Gonçalo Vàz Coutinho com trinta navios de remo, & trezẽtos homẽs Portugueses, & outros tantos Canarijs da terra, & foi queimar o lugar de Bandà, cuja fũmaça se via de Goa, em q̃ ardeo muita fazẽda q̃ elle não quis recolher, por lhe não acontecer algũ perigo à embarcação. E asi mesmo queimou quantos navios achou, & fez todo o dãno que pode, de q̃ trouxe mais de trezentas pessoas cattivas.

O Açadachan como homẽ indinado por os dãnos q̃ tinha recebidos, & furioso de suas cousas lhe não succederẽ como
30 elle desejava, & tãbẽ por acodir à sua hõra, por o q̃ dizião delle ante o Hidalchã os outros Capitães, q̃ não ousava sair de Põdà, passouse às terras de Salsete, onde tinhamos nossa fortaleza de Rachol, de que naquelle tempo era Capitão Iurdão de Freitas, & da qual cada vez que os Mouros lhe davão vista, ião escalavrados. E vendo o Açadachan que lhe convinha tolher a serventia, que esta fortaleza tinha pelo rio acima, mandou em hum lugar delle mais estreito fazer hũa força, & pôr nella artelharia, para com ella tolher a passagem dos bateis. [a] Sobre esta força ouverão tanta contenda os Mou-
40 ros em a querer fazer, Nuno da Cunha em lha impedir, que

a. Esta força se fez em hum passo do rio q̃ se chama Borij, sobre hum grande penedo que pendia sobre a agoa, o qual cõ hũa ponta de area da outra banda chamada Letilin estreitava de maneira o rio, q̃ não avia passagẽ das nossas embarcações para Rachol; senão ao longo do penedo. E porq̃ cõ todo o risco da artelharia, & arcabuzaria da força passavão os nossos, atravessarão os inimigos aquelle pequeno espaço cõ fortes cadeas de ferro, presas em grossas traves mettidas na vassa, com q̃ a passagẽ, & soccorros de Rachol ficarão de todo impedidos. Polo q̃ o Governador mãdou Dom Gonçalo Coutinho à cortar a ponta de Letilin, o que se fez cõ immenso trabalho, & perigo, & ficou aberto hum canal, porque de marè chea podião passar embarcações pequenas, que todo aquelle inverno soccorrerão Rachol com grande risco. Diogo do Couto cap. 7. do liv. 10. da 4. Decada.

34

que passarão asi os Mouros, como os Portugueses grande trabalho. Neste tempo vèo hũ Mouro principal do Hidalchan, por nome Sangerichan, & o que a fama de sua vinda publicava era à tratar paz, & que isto queria seu Senhor. Mas tudo isto erão ardijs do Açadachan, para em quãto fossem, & viessem recados à Nuno da Cunha, elle ir com sua obra por diante. A qual era tal, que foi necessario acodir Nuno da Cunha com mais defensão, mandando Manoel de Vasconcellos cõ bateis, & navios que podião tirar cõ peças d'artelharia grossa. Mas como na obra andava muita gente, cresceo tanto à pesar dos Portugueses, que mandou Nuno da Cunha à Dom Gonçalo Coutinho, Capitão que entam era de Goa, que a fosse desfazer. E porque os mais dos homẽs andavão ja muito enfadados dos rebates de cada dia, de que não tinhão mais premio, que o trabalho grande que passarão aquelle inverno, & os moradores, & casados da cidade erão os que mais contrariavão esta guerra, porque não tinhão vida sem as terras firmes, & à elles era esta guerra mui dãnosa; foise Nuno da Cunha pôr em o passo de Agazim, & d'alli fazia embarcar todos ös homẽs, quasi em modo de repique, & soccorro. Os principaes desta ida, & que primeiro chegarão à tranqueira, forão Dom Gonçalo Coutinho com gente que o seguio, Gonçalo Vàz Coutinho, Dom Ioão Lobo, Martim de Castro, Lionel de Lima, Manoel de Vasconcellos, Gaspar Paez. Estes com toda a gente que levavão, onde lhe tomou a sorte, sairão em terra, hũs abaxo, & outros acima, asi desembarcarão, mais furiosos que ordenados, sobindo por a ribanceira do rio à força que os Mouros tinhão feito. O primeiro sinal desta desordẽ foi quebrarem hum braço ao Capitão Dom Gonçalo Coutinho com hum espingardão, & à voz da gente meuda foi logo que era morto. Cõ o qual rumor os nobres quiserão mostrar tanto de suas pessoas contra o grande numero dos Mouros que de cima se defendião, que cairão logo em baixo Lionel de Lima, & Simão de Lima seu irmão, ambos tam mal feridos, que levados d'alli forão morrer à Goa, & alli ficarão morros Dom Francisco de Lima, Dom Luis, Gonçalo Vàz de Moura, Diogo Botelho de Andrade, Pero de Lemos, Ioanne Mendez de Macedo, Ieronymo de Mello, Thome de Brito, Francisco Aires, Vicente Pirez, Ioão Carvalho, Lopo Sarrão, & outros homẽs nobres, que por todos forão trinta, & da

& da gente pequena morrerão muitos. E os que eſcaparão deſte furor, embarcarãoſe quaſi à nado, porque com o alvoroço de ſubir pelas tranqueiras, & cada hum ſe moſtrar ſer dos primeiros, deſampararão os bateis em que ſaitão, & como não tinhão quem os governaſſe, andavão à vontade da agoa, de maneira que quãdo os tornarão à buſcar eſtavão no meio do rio. Dos Mouros forão mortos naquelle acõmettimento quatrocentos, em que entrarão quatro Capitães.[a]

Nuno da Cunha, poſto que eſta era hũa grande perda de gente nobre; não podia deixar aquella fortaleza que eſtava feita, & temendo que com eſta vittoria o Açadachan poſeſſe todo ſeu poder para a tomar, & que para a poder defender, & ſoſtentar convinha fazer outra no meio do rio, mandou algũs Capitães, & peſſoas intelligentes que lhe foſſem ver o ſitio para eſta obra, de que foi deſenganado; que ſe não podia fazer. O Açadachan aſsi por o grande eſtrago da ſua gente q̃ neſte combate os Portugueſes lhe fizerão, como porque ſentia que Nuno da Cunha tomava ja eſte negocio à peito, mandoulhe cõmetter pazes per vezes, atè eſcrever ſobre iſſo aos Capitães, que elle ſabia ſerem contra eſta fortaleza eſtar alli feita, & principalmente à Pero de Faria, que ja fora Capitão de Goa, & ſeu amigo, & à Camara da cidade, o que lhe Nuno da Cunha não concedeo, atè que elle per ſi meſmo, ſem ſer conſtrangido de alguem a mandou derribar à cinco dias de Ianeiro do anno de M.D.XXXVIII.[b] E tambem por meio de Pero de Faria, que foi algũas vezes ao Açadachan, aſſentarão pazes, ficando porem no meſmo eſtado em que eſtavão antes que começaſſem a guerra, ſem mais acreſcentar, nem diminuir couſa algũa, por entender o Governador quanto lhe compria acudir à Dio, & o perigo em que ficava Goa, eſtando de guerra com o Açadachan. E iſto ſe fez em nome de Nuno da Cunha, & não d'el Rei, porque tinha o Governador eſcritto à S.A. como fizera aquella guerra às terras firmes, & tomara poſſe dellas, & não ſabia ſe el Rei ſeria contẽte de deſiſtir dellas, & approvar as pazes. Cõ eſte cõcerto o Açadachan ſe foi de Pondà cõtẽte, & por a cidade de Goa eſtar desfallecida de mãtimẽtos, mãdou à Nuno da Cunha para a feſta de Natal cẽ vacas, trezẽtos carneiros, & grãde numero de galinhas, arroz, & manteiga. E neſta paz acabarão os trabalhos da guerra de todo aquelle inverno.

a. O penedo em q̃ eſtava a força dos Mouros, como entrava pela agoa, fazia nella duas calhetas, nas quaes podião entrar embarcações, & lançar gente em terra: & porque por ellas temião os inimigos ſerẽ acõmettidos, em hũa abrirão na terra grandes cavas, q̃ taparão por cima cõ canas, palha, & terra, & na outra enſevarão hũa ponte, em que ſe avia de deſembarcar, & em ambas poſerão muitos arcabuzeiros, & frecheiros.

Dõ Gonçalo levava ſeiſcentos Soldados em muitos navios grandes, & pequenos: chegando ao Borij, ordenou q̃ Lionel de Lima, & Diogo de Azãbuja cõ trezentos homẽs deſembarcaſſem na calheta da ponte, & elle na outra cõ o reſto da gẽte. E deſpois q̃ ao outro dia ſe deu das barcaças hũa grande bateria à fortaleza dos Mouros, Lionel de Lima, & Diogo da Azambuja acõmetterão de ſalto a ponte, q̃ como eſtava enſevada eſcorregando della cairão ao mar, onde ſe afogarão cõ o peſo das armas, & pelo meſmo modo, & às arcabuzadas, & frechadas forão mortos outros cento & cinquoenta Soldados, q̃ deſembarcarão no meſmo poſto Dom Gonçalo Coutinho paſſou adiante à outra calheta, onde nas covas perecerão dozentos homẽs, & Dõ Gonçalo q̃ não caio nellas, com algũs q̃ o ſeguirão foi cercado dos Mouros, & poſto q̃ pelejarão todos valeroſamente, forão mortos, & Dom Gonçalo cõ trabalho recolhido cõ hũ braço quebrado. E aſsi neſta deſgraciada jornada acabarão quaſi quatrocẽtos homẽs, muitos delles fidalgos, & forão cattivos mais de quarenta.

Diogo do Couto cap. 8. do liv. 10.

Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 152. do liv. 8. & Franciſco de Andrade cap. 35. da 3. parte, referẽ eſte ſucceſſo do Borij differentemente.

b. O modo q̃ teve Pero de Faria em derribar eſta fortaleza de Rachol, eſcreve Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 153. do liv. 8. & Franciſco de Andrade cap. 35. da 3. parte.

CAPITVLO XVIII.

Como o Samorij de Calecut à inſtancia d'el Rei de Cambaia vèo com muita gente à Cranganor, fingindo hũa certa viſitação, por tèr azo de fazer guerra aos Portugueſes.

ACABADOS os trabalhos que aquelle inverno Nuno da Cunha paſſou em Goa, começarão em Cochij outros, por razão de outro vezinho tam perſeguidor das couſas dos Portugueſes como o Açadachan. Eſte era o Samorij de Calecut, o qual por a preeminencia que tem entre os Reis do Malavar, que he (como ja diſſemos) Emperador entre elles, queria tèr ſuperioridade ſobre todos, principalmente ſobre el Rei de Cochij, por cauſa da noſſa amizade. Polo que naquelle inverno por hũa couſa leve, quis paſſar pelas terras de Cochij, dizendo, que avia muitos annos que não erão viſitadas, & queria elle em peſſoa ir fazer correição, como era obrigado por antigo coſtume. A voz da ſua jornada era eſta, mas a principal cauſa era ſer elle incitado per cartas d'el Rei de Cãbaia, que andava armando o laço em que deſpois caio, & pela meſma maneira era o Açadachan convidado. Eſtes Mouros, & Gentios quando hão de mover algũa guerra contra os Portugueſes, o fazem mais no inverno, que no verão, porque no inverno não ſe pode navegar toda a coſta da India, aſsi por os mares ſerem mui grandes, como porque ſe cerrão as barras dos rios, com que as noſſas fortalezas ſe não podẽ ajudar hũas das outras, & aſsi ficão quaſi em cerco todo aquelle tempo, como ſe vio pelo diſcurſo deſta hiſtoria. Pelo que o Samorij favorecido da conjunção do tempo, & movido per aquelles noſſos inimigos, partio de Calecut com muitos mil Naires, & vèo aſſentarſe na Ilha de Cranganor, fronteira à outra chamada Vaipim, q̃ era d'el Rei de Cochij, as quaes Ilhas não ſão mais que as que acerca de nos ſe chamão Leziras, que ſão hũas terras baxas repartidas com eſteiros do mar, & rios d'agoa doçe que vem da Serra, com que toda a terra do Malavar he retalhada. E eſtà dividida em tres Senhorios, como ja eſcrevemos. E porque os Reis d'aquellas partes tem por grã-deza,

Sendo os Chijs antigamente Senhores de todo o maritimo do Malavar, por onde fundarão povoações, de q̃ ainda oje ha algũa memoria, reduzirão o governo, & Senhorio d'aquelle Eſtado à duas cabeças, hũa com todo o poder temporal com titulo de Samorij, q̃ quer dizer imperar ſobre todos, & outra com toda a jurdição eſpiritual com titulo de Bramane mòr, cujo aſſento poſſerão os Chijs na cidade de Cochij, deixando por lei, que todos os Emperadores do Malavar foſſem tomar a inveſtidura do Imperio em Cochij da mão do Bramane mòr: para o que deixarão naquella cidade hũa pedra, com obrigação q̃ nella aquelles Emperadores ſe coroaſſem. Eſta ceremonia ſe foi guardando, & continuando muitos annos, atè q̃ o Rei de Calecut (o qual entre os Reis do Malavar ficou com a dignidade de Samorij, quando Perimal Rei de todo Malavar repartio ſeus Reinos, & ſe embarcou para Meca) q̃ deſtroio ao de Cochij, por a amizade q̃ tinha com os Portugueſes (como eſcreveo Ioão de Barros na primeira Decada) lhe tomou a pedra da coroação, & a levou à Repelim.

O Samorij preſente ſucceſſor de ſeu tio, que morreo no anno de M.D.XXXVI. querendo ſe ir coroar ſobre aquella pedra, porq̃ não podia paſſar à Ilha de Repelim ſem conſentimento d'el Rei della, confederouſe com elle, o q̃ ſabendo el Rei de Cochij, receando q̃ d'aquella liga reſultaſſe ſua ruina, pedio à Pero Vàz do Amaral Veedor da Fazenda, & Capitão de Cochij, q̃ o ajudaſſe a defender os paſſos, de q̃ ſe ſeguio a guerra q̃ neſtes Capitulos ſeguintes eſcreve Ioão de Barros.

Diogo do Couto cap. 1. livro. 1. da 5. Decada.

deza, & decoro de suas pessoas caminharem pelas estradas Reaes, sem por caso algum deixar seu caminho, sob pena de serem avidos por covardos, & cõmetterem cousa indigna da Magestade Real, porque em tornarem atras, confessão ser outro mais poderoso que elles; determinou o Samorij de levar aquelle caminho, & ir pôr a mão em hũa pedra, per costume mui antigo de seus passados, em que elles poem sua religião, & honra. Com este fundamento chegado à Cranganor quisera passar à Vaipim, ao que acudio Pero Vàz Veedor da Fazenda, que era Capitão de Cochij, para lho impedir, provocando tambem à el Rei de Cochij à isso. E por elle ser homẽ avaro, & que não queria despender seu dinheiro, por saber que este negocio importava tanto aos Portugueses, como à elle, queria que o custo d'aquella defensão ficasse à custa delles, & de sua Feitoria; natural aleijão de avarentos, que sempre tem mais conta com a fazenda, que com a honra, & a vida. Mas toda via movido pelos seus, & pelo Veedor da Fazenda, mãdou pôr nos lugares onde os nossos ordenavão essa gente que tinha. E porque todo aquelle inverno se passou em fazer hũa força de madeira com sua artelharia no lugar per onde o Samorij avia de passar, na fabrica destas defensões levarão os homẽs mais trabalho, & na invernada grande que succedeo, do que puderão levar pelejando. E como se temião, segundo andava fama, que el Rei de Calecut mandasse vir hũa armada grossa per dentro do rio Chatuà, que era cousa mui perigosa para defensão dos nossos, mandou Pero Vaz à Vicente da Fonseca (que ja estivera por Capitão em Maluco) com seis catùres, & hum batel grande com grossa artelharia à impedir esta passagem do rio. E para defender a barra delle, se a armada viesse de mar em fora, mandou armar hũa caravella, & hũa barcaça grande tambem com artelharia grossa, das quaes deu a Capitania à Francisco de Sousa, que se afastou meia legoa abaxo do passo, perque o Samorij avia de passar.

E porque hũa das cousas de que se Pero Vàz mais guardava, era romper guerra com o Samorij, por razão da paz que com elle tinha assentada, sempre nestes apercebimentos mais tratava de se defender, q̃ de offender. E ainda para o Samorij não tomar algum achaque, mandou à elle Gomez Carvalho, pedindolhe não quisesse fazer aquelle caminho, & lhe lembrasse a paz que tinha assentada com Nuno da Cunha, & que

não era muito esperar por elle atè a sua vinda, que seria acabado o inverno, pois avia vinte annos, segundo dizia, que aquellas terras não erão visitadas. Mas como elle não respondeo à proposito, mandou Pero Vàz à Pero Froes com hũa galè, & dous catùres à se pôr no rio de Chatuà à impedir tambem se alguem quisesse vir por alli de Cranganor. E asi mandou fazer em modo de baluartes hũas defensões de palmeiras onde poserão artelharia.

Neste tempo Fernand'eanes de Sotomaior, Capitão de Cananor, sabendo aver necessidade de soccorro, o mandou com seu filho Antonio de Sotomaior em seis catùres, por serem navios sutijs, para poderem andar polos rios. Ao qual Pero Vàz despedio, por não ser necessario ao presente, porque (como dissemos) seu intento era entretèr el Rei. O qual por sua parte tambem com industria dos Mouros, de fronte donde estavão os nossos baluartes, & forças, mãdou fazer outros com sua artelharia. Era isto hum pouco afastado da casa do benaventurado S. Thome, & quasi ao amparo della estava hum seu Capitão chamado Pate Marcar com dezasete vellas de remo, & doze dos Colamutes, afora outras que andavão pelo rio. E porque os nossos lhe fazião dano com a artelharia grossa, a qual dando nas palmeiras com as rachas que escodeava os matava, emparandose elles detras dos pès dellas, atrombarão a casa do Apostolo Santo, & outra Igreja junto della da invocação de Santiago, & poserãolhe o fogo; mas os mesmos Santos tiverão cuidado de sua defensão, porque nunca se pode accender. E posto que os Mouros virão aquella impotencia de fogo, não deixarão de ir avante com sua obra, tirando telha & telha, pao & pao, atè a descobrirem, o que foi para seu dano, porque acodindo os Portugueses à lho defender, ouve entre elles hum jogo de tiros de polvora, & de frechas, em que os nossos não receberão offensa, & elles ouverão o pago de sua infidelidade. Finalmente toda a peleja do inverno acabou aqui,[a] sem aver outro sangue, & tudo forão cõmettimẽtos, que os nossos não querião proseguir por causa da paz. E os que à custa de suas pessoas, & fazenda defenderão todo o inverno com grande trabalho as estancias que lhes couberão per sorte, forão Lopo de Almeida Feitor de Cochij, Simão Botelho, Bartholomeu Diaz, Ioão Pereira, Antonio Carvalho, Antonio Chanoca, & Frãcisco Rodriguez.

Vendo

a. Francisco de Andrade escreve no c. 21. da 3. parte, q̃ querẽdo o Samorij passar à Ilha onde estava a gẽte d'el Rei de Cochij, mandara embarcar mais de dez mil homẽs, em jangadas, tonès, & almadias, amparadas da nossa artelharia, com vinte fustas de Pate Marcar, & sendo ja desembarcados na Ilha mais de tres mil, Vicente da Fonseca fez com a artelharia das suas embarcações tal estrago na gente q̃ ja estava em terra, & nas jangadas de q̃ o rio estava cuberto, q̃ ficarão alli mortos mais de mil homẽs, & outros muitos feridos, & tres das fustas mettidas no fundo. E o Principe de Cochij com dous mil Naires, & oitenta Portugueses, derão na gente desembarcada com tãto impeto, q̃ a fizerão fugir, & embarcar tanto sem ordem, q̃ se afogou hum grande numero delles, sem os q̃ matarão em terra: & q̃ o Samorij cõmetteo a passagẽ aquelle inverno algũas vezes, em q̃ sempre foi desbaratado.

E no cap. 24. tratta da morte da mãi d'el Rei de Cochij, & das ceremonias do seu enterramento: pela qual causa el Rei se foi à Cochij, & sepultada sua mãi, tornou continuar a guerra.

Vendo o Samorij que se vinha o verão, em que o Governador podia acodir, converteo sua indinação em danarlhe a carga da pimenta; & o modo que para isso teve foi induzir para este effeito aos Reis de Paraù, & de Viamper, & à outros, os quaes temendo a potencia do Samorij, em quanto o negocio não vèo à mais rompimento, estiverão neutraes. Sendo ja fim de Agosto, que o mar deu lugar, vèo Fernád'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor com dezaseis fustas, & catùres, em que trazia dozentos homẽs, de que os cento & 10 cinquoenta erão espingardeiros, com que pela costa de Calecut vèo fazendo algum dáno. E porque Vicente da Fonseca avia muito tempo que estava no lugar que dissemos, foi repousar do trabalho do inverno, & ficou alli Fernand'eanes, atè que vèo Martim Afonso de Sousa, que (como atras fica ditto) Nuno da Cunha despedira de Goa, para vir remediar este negocio.

CAPITVLO. XIX.

20 *Como Martim Afonso de Sousa indo acudir à Cochij desbaratou os Colemutes, & lhe queimou o lugar, & defendendo d'el Rei de Calecut o passo do vao, el Rei se foi, & o não esperou, & do castigo que deu á el Rei de Repelim.*

A Dezanove de Settembro, de M.D.XXXVI. se partio de Goa Martim Afonso de Sousa com cento & cinquoenta homẽs em quinze vellas: elle ia em hũa caravella; & dos outros navios 30 erão Capitães Vasco Pirez de Sampaio, Dom Diogo de Almeida Freire, Francisco Pereira do Porto, Manoel de Sousa de Sepulveda, Fernão de Sousa de Tavora, Martim Correa da Silva, Gaspar de Lemos, Dom Pedro de Meneses, Francisco de Sà, Francisco de Barros, Francisco de Mello Pereira, Iorge Barroso de Almeida, Iorge de Figueiredo, Ioão de Sousa Rates, & Diogo de Reinoso, Francisco de Reinoso, & Antonio de Sotomaior, filhos de Fernand'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor, que estavão com seu pai naquella estancia que dissemos, & se ajuntarão à Martim Afonso. 40 E antes que elle chegasse à Cochij, de passada deu hũa vista

ao lugar de Calamutè,onde achou dous mil Naires,q̃ lhe qui ſerão defender a ſaida,mas elle à põta de ferro ſe vingou delles cõ morte de muitos,& lhe queimou o lugar,& lhe tomou ſette fuſtas.Chegando Martim Afonſo de Souſa à Cochij cõ o bõ ſucceſſo do caſtigo q̃ deu aos dCalamute,foi mui bẽ recebido d'el Rei,& do Veedor da fazenda Pero Vàz,& de Iorge Cabral Capitão da armada de cinco annos q̃ enrã fora de Portugal,em q̃ ião por Capitáes das outras naos Duarte Barreto, Ambroſio do Rego,Gaſpar de Azevedo,& Vicente Gil.

Frotta da India do Anno de M.D.XXXVI.

Aos iiij de Settembro chegou à barra de Goa a nao de Ambroſio do Rego,a que em Guinè quebrara o maſto grãde,& tornara à Canaria à concertallo, & partindo della, deſpois de tantas detenças,chegou à India primeiro que as outras quatro naos. Franciſco de Andrade cap.32. da 3. parte.

Vendo el Rei de Cochij os muitos Portugueſes q̃ alli eſtavão,inſiſtio muito,que Martim Afonſo de Souſa foſſe per terra à trãqueira que el Rei de Calecut tinha feita, para lha desfazer,& defender que não paſſaſſe o paſſo do vao. Iſto pareceo bem à todos,& ſendo aſsi aſſentado,Martim Afonſo partio para là com perto de mil homẽs , em que entravão todos os fidalgos,& peſſoas principaes que em Cochij ſe acharão.E o Mangate de Caimal,que he hum dos principaes Senhores do Reino , & o Regedor delle ião por Capitáes da gente da terra,que ſerião mais de dous mil. Tanto que el Rei de Calecut ſoube,que Martim Afonſo de Souſa ia , não ſe atreveo à pelejar,& deſamparou a tranqueira,& ſe foi. Sabido iſto per Martim Afonſo,caminhou per terra na ordem que levava, à dar hum caſtigo à el Rei de Repelim,por comprazer à el Rei de Cochij , que muito lho pedio , & por ver ſe lhe podia cobrar delle certa pedra de ſua religião,que lhe tinha tomada.E para iſſo mandou cõ Martim Afonſo ao Principe de Cochij, q̃ o acõpanhaſſe com todos os Naires q̃ avia na terra.Entrou Martim Afonſo pelo Reino de Repelim,que he hũa Ilha , ou Lezira das que temos ditto que ha no Malavar,toda cercada de cannaveaes das cannas que dà aquella terra , que ſão mui groſſas,& por ſerem baſtas , eſtavão tecidas de maneira q̃ fazia hũa cerca & muro mui defenſavel,& em algũas partes per onde ſe entrava eſtavão feitas tranqueiras de cannas , & madeira,& terra,& eſtancias com muita artelharia , & acompanhadas de muita gente de guerra que as defendia.

Martim Afonſo ordenou q̃ Antonio de Brito foſſe diãte cõ trezẽtos eſpingardeiros,& elle ficou na retraguarda cõ toda a gẽte.Chegãdo Antonio de Brito à hũa trãqueira d'aqllas, o vierão receber muitos Naires,que pelejarão per hum eſpaço mui esforçadamente.Mas as eſpingardas dos Portugueſes

os

os fizerão recolher à estancia, onde de novo se tornou à travar a peleja, que durou atè a chegada de Martim Afonso de Sousa, com que todos forão acabados de desbaratar, & os q̃ ficarão se poserão em fugida para a parte do mar, onde estavão outras duas estancias, sobre que Iorge Cabral à este tempo estava, acabando de as desbaratar. O que sabido per el Rei de Repelin, mandou que deixassem as estancias, & se recolhessem na cidade, em que averia seis mil homẽs de peleja, de que muitos erão espingardeiros.

10 Sendo desbaratadas as tranqueiras, aquelle dia quis Martim Afonso descansar, & ao outro se partio para à cidade, levando diante Francisco de Barros de Paiva, com perto de dozentos espingardeiros, que ia defendendo que os inimigos que detras dos vallos vinhão à tirar, não fizessem mal aos nossos; à pôs elle ia Antonio de Brito com outros: & detras Martim Afonso com toda a mais gente. Com esta ordẽ chegarão perto da cidade, onde acharão hum Capitão com muita gente, & por o lugar ser de caminhos estreitos, & cercados de vallos, donde os Naires tiravão muitos tiros, recebião os

20 nossos muito dãno, sem se poderem ajudar bem das armas. Neste lugar foi todo o trabalho da peleja que os nossos tiverão. Mas Deos os ajudou de maneira, que os inimigos se desbaratarão, & começarão à fugir para a cidade. Os que estavão nella fizerão o mesmo, sem el Rei os poder detèr por mais que os reprendia, & ameaçava. Em fim elles desampararão de todo a cidade, & as casas d'el Rei, o qual foi dos derradeiros que della sairão, & logo foi dos nossos entrada. Francisco de Barros de Paiva seguio o alcance d'el Rei cõ os seus, ferindo, & matando nelles. E el Rei se vio tam apertado, que

30 caindolhe o sombreiro (que se tem por grande afronta perdelo na guerra, por ser insignia Real) não o pode cobrar com a pressa de salvar sua pessoa, em hũa almadia, em que se embarcou com poucos. Martim Afonso chegando à hũa Mesquita, vèo à elle hum tropel de Mouros que nella estavão, determinados de o matar, segundo hum delles com grande furia, & ousadia arremetteo à elle cõ hũa cutilada, que Martim Afonso tomou na rodella, & lhe pagou a vontade que trazia, com o passar de hũa parte à outra com hum zarguncho, com que o derribou à seus pès, & os seus o acabarão de matar, & asi

40 morrerão os mais companheiros, pelejando como muito valentes

lentes homẽs. Na peleja morrerão muitos Mouros, & feridos forão tantos, q̃ se lhe não soube o numero. Dos nossos morrerão pelejando sòmente Duarte de Miranda, & Estevão Gago, & dez, ou doze homẽs plebeos, que se desmandarão à roubar pela cidade.

Desbaratados os inimigos, & fugidos, foi saqueada a cidade, & as casas d'el Rei, em que foi achada a reliquia d'el Rei de Cochij, que era hũa pedra branca como outra qualquer cõmum, da feição, & tamanho de hũa meia moo de atafona, na qual estavão abertas hũas letras Malavares.[a] Tambem forão achadas hũas tavoas de metal com hũas serpes esculpidas nellas, & hũas letras dos Chijs, que el Rei de Repelim tinha en grande veneração. Despois que a cidade se saqueou, & foi queimada toda, se tornou Martim Afonso à Cochij, onde foi recebido com grande festa, & muito mais d'el Rei, por a pedra que lhe restituiò, & por o presente das tavoas, & sombreiro d'el Rei de Repelim, que era tanto como trazerlhe a coroa de sua cabeça, alem da vingança que delle lhe deu.

a. Esta pedra era de marmore branco, roliça, de grossura de hum homẽ, & de altura de hũa braça. Estava em pè posta sobre hũa lagea. As letras nella entalhadas dizião o tempo em que alli fora posta, que segundo a sua conta, passava de dous mil & oitocentos annos, & estavão nella escrittos os nomes dos Samorijs q̃ nella se coroarão.

Francisco de Andrade cap. 37. da 3. parte.

10

CAPITVLO. XX.

20

Como Martin Afonso de Sousa foi ao passo do vao defender que el Rei de Calecut o não passasse, & como pelejou com elle, & o desbaratou, & el Rei lhe fugio.

AVIDA aquella vittoria em tempo que ainda a gente não descansara, vèo recado à el Rei de Cochij, que el Rei de Calecut vinha com todo seu poder para passar pelo passo do vao de Cambalão, que he nas terras do Mangate Caimal, que està duas legoas acima do outro passo de Cranganor. E porque por o passo de Cambalão ao vazãte da marè podia passar, como ja tentara o Samorij antecessor deste, em tempo de Duarte Pacheco que lho defendeo, *Martim Afonso de Sousa não esperando mais se embarcou à pressa, & com elle perto de cem Portugueses, de que os mais erão fidalgos, & Capitães, & à Antonio de Brito mandou que o seguisse cõ a mais gente que podesse, com o qual foi logo o Regedor de Cochij com algũs Naires. E à Francisco de Barros de Paiva, mãdou que com hũa galè, & dous bargantijs se fosse à guar-

30

** Como escreve Ioão de Barros nos Capitulos. 5. 6. 7. 8. do liv. 7. da primeira Decada.*

40

dar

dar o passo do rio de Cranganor, para que não entrassem per elle as fustas d'el Rei de Calecut, que se dizia mandara ir à aquelle lugar, para que os catùres não levassem soccorro aos nossos. A qual lembrança, & providencia se Martim Afonso não tivera, de nenhũa maneira se podera tolher a passagem à el Rei de Calecut.

Ao outro dia pola manhãa se achou Martim Afonso nas terras do Mangate Caimal, o qual não tinha consigo mais de tres mil Naires, & delle soube que el Rei de Calecut com
10 quarenta mil homẽs estava d'ahi à duas legoas, & que d'ahi à tres dias daria batalha, segundo seu costume, que era quando chegava à terra do inimigo dar batalha ao terceiro dia, no ultimo dos quaes mandava tocar hum atambor de tam excessiva grandeza, que quatro homẽs o não podião abalar, cujo som se ouvia duas legoas, sem o qual sinal nunca dava batalha. Martim Afonso não curando dessas abusões, como Capitão prudente que se não queria descuidar, foise logo ao passo, & nelle desembarcou: & por os tonès em que ia não ficarem em seco, mandou os afastar para o rio, & elle se pôs no campo
20 com sua gente. E estandolhe o Mangate, & o Regedor dizendo que se cansava de balde, que el Rei não daria a batalha sem aquelle costumado sinal, nem antes do terceiro dia, começou apparecer hum corpo de gente dos inimigos, que serião cinco mil homẽs, que com grandes gritas remetterão ao passo, & começarão de passar. Apos isto começou apparecer o exercito d'el Rei, & sua bandeira Real, perque se mostrava vir elle alli. E a razão porque não usou de suas ceremonias, & sinaes que costumava mandar fazer com aquelle grande atãbor, foi, por tomar os Portugueses de subito, & desbaratalos
30 logo; o que na verdade fizera, se Martim Afonso com sua vigilancia, & bom aviso o não desviara. Quando a bandeira, & insignias d'el Rei de Calecut forão vistas dos Naires de Cochij, foi tanto seu pavor, que se afastarão hum pedaço de Martim Afonso, para fugirem se vissem que os Portugueses levavão o pior. O que sentindo Martim Afonso, os entreteve por fazer corpo com elles, & não dar animo aos inimigos vẽdo tam poucos Portugueses, dizendolhes, que não ouvessem medo, que elle esperava em Deos cõ aquelles poucos q̃ tinha, q̃ não serião mais de sesenta, desbaratar aq̃lla multidão q̃ vião
40 dos d'el Rei de Calecut. Mas algũs dos nossos desconfiados

d'aquillo poder ser, lhe aconselharão que se recolhesse às embarcações, porque era temeridade esperar tam grossa gente. Porem elle, porque ja grande numero dos inimigos tinhão passado o vao, & segundo erão ligeiros antes de os nossos chegarem às embarcações os matarião todos: & alem disto, porque Gaspar de Lemos (à que elle mandou com trinta espingardeiros, se posesse detras de hum vallo que estava perto do vao, para d'alli fazer rostro aos inimigos) estava ja cercado delles, & em estado de perecerem todos, sem mais esperar razões, deu Santiago nelles, os quaes ferio de maneira, que sendo cinco mil, que todos tinhão passado o vao, os fez retirar, & tornar passar per onde vierão com grande sua afronta, & morte de trezentos homẽs que ficarão no campo, & os mais que ião feridos, ao que ajudarão hũs tres berços, que de dous bateis os varejavão. Quando o Mangate, & o Regedor, & os seus Naires virão feito de tanto esforço que elles chamavão milagre, afrontados da covardia que mostrarão, remetterão tambem com grandes gritas onde era a batalha, em que ja acharão pouco que fazer por os inimigos serem passados.

El Rei de Calecut cõ este descredito seu, se tornou à seu arraial mui anojado, & os d'el Rei de Cochij se esforçarão tanto, q̃ por a nova q̃ correo acodirão logo aquella noute ao Mangate mais de quatro mil Naires; & ao outro dia seguinte da batalha chegou Antonio de Brito com quatrocentos Portugueses, o qual vèo à tempo q̃ os d'el Rei de Calecut tornavão à provar passar o vao, para o q̃ dando Martim Afonso a dianteira à Antonio de Brito, pelejou cõ elles, & os fez tornar cõ maior pressa, & afronta q̃ da outra vez, & lhes matou muita mais gente. E porque o Principe de Cochij era chegado com vinte mil Naires, de que muitos erão espingardeiros, vendo Martim Afonso a muita gente que alli estava junta, & quanto importava acodir elle a armada d'el Rei de Calecut q̃ andava no mar, deixou a guarda d'aquelle passo à Antonio de Brito com os quatrocentos Portugueses que consigo trouxera, & os vinte mil Naires. O qual em vinte dias que alli ficou, vèo à batalha seis vezes com a gente d'el Rei de Calecut, & de todas os venceo, & desbaratou, fazendo nelles grande estrago. Polo que el Rei levantou seu arraial, & com menos gẽte, & menos honra se tornou para suas terras, & com grande prazer d'el Rei de Cochij.

CAPI-

CAPITVLO. XXI.

Como Martim Afonso de Sousa desbaratou à Cutiale Marcar Capitão mòr da armada d'el Rei de Calecut, & como foi ao passo do vao para pelejar com el Rei, & elle se recolheo, & desfez seu exercito.

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 148. do liv. 8.

TANTO que Martim Afonso de Sousa chegou â Cochij, com muita brevidade se embarcou para ir em busca da armada de Calecut com trezentos Portugueses. Dos navios que levava erão Capitães Vasco Pirez de Sampaio, Dom Diogo de Almeida, Manoel de Sousa de Sepulveda, Fernão de Sousa de Tavora, Martim Correa, Francisco de Barros de Paiva, Iorge Barroso de Almeida, Francisco Pereira, Gaspar de Lemos, Ieronimo de Figueiredo, Francisco de Sà, & outros, & correndo a costa achou em Chale Diogo de Reinoso com cinco fustas que se recolhera alli, fugindo de Cutiale Capitão mòr da armada de Calecut, cō quē pelejou, & esteve em termos de se perder, & lhe foi tomada hūa fusta das que trazia, & os inimigos o seguirão atè aquelle porto. Recolhido Diogo de Reinoso à conserva de Martim Afonso, ao outro dia indo a nossa armada a la mar com as galès, & fustas maiores, & as ligeiras ao longo da terra, appareceo a frotta de Cutiale tambem ao longo da terra da parte de Calecut, a qual era de vintecinco fustas, em q̃ andavão mil & quinhētos homēs, muitos delles espingardeiros. E como apparecerão de subito, & os nossos ião desejosos de os achar, remetterão à elles Diogo de Reinoso, & Antonio de Lima, & Antonio de Sotomaior, Capitães de fustas, & outros q̃ ião em navios ligeiros, & derão cō elles entre os Ilheos de Pādarane, tirandolhes muitas bombardadas. Cutiale sabendo q̃ Martim Afonso andava ja no mar, & q̃ elle devia de vir alli, & da vittoria q̃ ouvera d'el Rei de Calecut, receou o muito, & não o querendo esperar, determinouse em se ir à vella, & à remo o mais q̃ podesse para dobrar a pōta de Coulette. Martim Afonso q̃ vinha mais ao mar cō os navios d alto bordo, tirouse d hū galeão em q̃ vinha, & metteose em hūa fusta ligeira, & a sua gente mādou metter na fusta de Ieronimo de Figueiredo, &

tomar a dianteira aos inimigos,para que não dobrassem a pō ta, & consigo levou Francisco de Barros de Paiva, por a sua fusta ser das mais pequenas. Diogo de Reinoso, & Antonio de Lima alcançarão hũa fusta dos inimigos, & afferrandoa saltarão dentro com tanto esforço, que nenhum dos inimigos ficou vivo,mas dos nossos forão muitos feridos, & cinco mortos. Cutiale vendose cercado, porque Martim Afonso lhe tinha tomada a dianteira, & as outras fustas lhe ião nas costas, & as galès lhe fazião rostro, & que não podia escapar, antes de o cercarem de todo pôs a proa em Tiracole, lugar d'aquella costa, que tem hum arrecife de penedos diante do porto com duas entradas, & os seus seguirão apôs elle, & enseccando as fustas quanto puderão saltarão em terra. Martim Afonso entrou no porto com Francisco de Barros, & Ieronimo de Figueiredo pela entrada da parte do Sul, por não caberem todos dentro, & começarão à pelejar com os inimigos, & querendose chegar Martim Afonso muito à elles, ficou em seco no rolo do mar, o que vendo os inimigos, remetterão algũs à sua fusta com grandes gritas de prazer, por lhes parecer que a tinhão tomada, & tanto se chegarão à ella, que lhe lançarão mão da appellação, querendoa ensecar de todo, sobre que ouve hũa grande peleja, de que ficarão muitos Naires mortos, & a fusta em nado. E tanto se chegarão Francisco de Barros, & Ieronimo de Figueiredo às fustas dos inimigos, que lhes queimarão algũas com panellas de polvora, & das tres horas do dia em que começarão atè a noute sempre pelejarão, em que fizerão grande dãno nos inimigos, & nosso muito pouco.

Sendo noute repartio Martim Afonso a armada em duas partes, & com hũa mandou à Manoel de Sousa de Sepulveda que guardasse a entrada do arrecife da banda do Norte, & à Francisco de Barros com a outra parte da frota, que guardasse a outra bocca do Sul, porque receava que por aquelle arrecife tèr duas entradas, por hũa dellas se lhe acolhessem os inimigos, com tenção de dar nelles pela manhãa. Mas elles com esse receo, temendose que lhe queimassem as fustas, vigiarão toda a noute, & fortalecerãose com estancias em que poserão a artelharia, & na mesma noute acodirão os de Coulette, Termapatão, & de outros lugares da costa, cõ que se ajuntarão mais de seis mil homẽs.

O que

O que visto dos nossos, tratou Martim Afonso em conselho do modo que teria em os cõmetter, & considerandose a disposição do porto, que não dava lugar para toda a nossa armada poder entrar dentro; & posto que todos fossem juntos erão muito poucos para pelejarem com tanta gente tambem fortificada. E por à este tempo chegar hũa carta d'el Rei de Cochij, porque pedia muito à Martim Afonso que lhe acodisse sem dilação, porque el Rei de Calecut tornava à cõmetter o passo do vao, & que sem duvida não vindo elle o passaria, porque trazia todo seu poder, assentouse no conselho, que deixassem Cutiale, & fossem soccorrer el Rei de Cochij. Polo que mandou logo Martim Afonso dar à vella, & entrando cõ toda a armada per o rio de Cranganor, achou ahi Antonio de Brito com os mais que com elle estavão guardando o passo, os quaes festejarão muito a sua vinda, porque cada hora esperavão por el Rei de Calecut. O qual sabendo que Martim Afonso era chegado, que elle cuidou não podia vir tam à pressa, & por isso rornara ao passo, ficou tam desgostoso, & quebrado do animo, que não cõmetteo mais passar à Repelim, & recolhendose para dentro da terra, desfez o campo, despedindo a gente. O que entendido por Martim Afonso, se tornou outra vez à correr a costa, onde tambem não achou a armada, que cõ medo delle se recolheo, & ficou a costa aquelle anno despejada, polo que nelle não foi especearia ao Estreito. E no Maio seguinte se foi Martim Afonso para Cochij à invernar, no que el Rei levou muito gosto, & se mostrou muito obrigado.

CAPITVLO. XXII.

Como Madune Pandar Rei de Ceitavaca, com ajuda de hũa armada de Malavares, cercou à el Rei Boenegobago seu irmão na cidade da Cota, & Martim Afonso o foi soccorrer, & pelejou com a armada, & a desbaratou.

NÃO deixarão as cousas de Ceilam descansar Martim Afonso de Sousa muito tempo em Cochij, porque perseverando Madune Pandar Rei de Ceitavaca em suas imaginações, & continuando na pretensão do Senhorio de toda a Ilha

Diogo do Couto cap. 6. do liv. 1. da 5. Decada.

,, Ilha de Ceilam (como atras dissemos) soccedeo irem em
,, Agosto deste anno de XXXVI. hũs sette paraòs de Mala-
,, vares à Columbo, à tempo que Nuno Freire de Andrade
,, Alcaide mòr, & Feitor d'aquelle porto estava na cidade da
,, Cota, com sette, où oito Portugueses. Os Mouros dos pa-
,, raòs mandarão pedir à el Rei Boenegobago Pandar, que
,, lhes enviasse logo aquelles Portugueses; resentido el Rei
,, de tamanho atrevimento, determinou de o castigar, de
,, que deu conta à Nuno Freire, que polo que lhe tocava pe-
,, dio à el Rei aquella jornada. Elle lha concedeo, & seiscentos 10
,, homẽs com Samlupur Arache seu Capitão, que o acompa-
,, nhassem. Partio de noute Nuno Freire com elles, & com os
,, oito Portugueses, & foi amanhecer à Columbo, onde toman
,, do os Malavares em terra descuidados, os desbaratou, matou
,, muitos, & os que puderão escapar, hũs se metterão pelos ma-
,, tos, & forão parar à Ceitavaca, & outros se lançarão ao mar,
,, & se acolherão em tres paraòs, ficando os quatro em poder
,, dos nossos.

,, Madune Pandar pezaroso do successo, recolheo, & aga-
,, salhou os Malavares que fugirão para Ceitavaca, os quaes 20
,, tendo noticia de seus intentos, lhe aconselharão, que man-
,, dasse pedir soccorro ao Samorij, com que conseguiria fa-
,, cilmente sua pretensão, & lhe offerecerão encaminhar, &
,, acompanhar seus Embaxadores. Madune aprovou o conse-
,, lho, escolheo entre os seus os Embaxadores, & os espedio lo-
,, go com hum rico presente para o Samorij, & peças para seus
,, Regedores, pedindolhe hũa boa armada, cuja despesa paga-
,, ria largamente.

,, Recebeo bem o Samorij os Embaxadores de Madune,
,, & persuadido dos Mouros, & vencido do interesse, man- 30
,, dou logo recolher os navios que andavão fora, & armar ou-
,, tros, & com muita pressa apercebeo hũa armada de qua-
,, renta & cinco navios, em que mandou embarcar dous
,, mil homẽs, & por Capitão della Ali Abrahem Marcà,
,, Mouro grande cossairo, & muito cavalleiro. Chegou esta
,, armada à Columbo na entrada de Outtubro, & como
,, Madune estava ja no campo com hum grande exercito,
,, ajuntandose com elle os Mouros, forão todos pôr cerco à
,, cidade da Cota. Esta cidade està situada em meio de hũa
,, grande alagoa, & per hum passo estreito, perque se serve, 40

se ajunta

ſe ajunta com a terra. Eſte paſſo fortificou Nuno Freire „ com hum baluarte,& tranqueiras, em que pôs a artelharia q̃ „ ſe tomou nos quatro paraòs dos Malavares, & ordenou que „ ouveſſe embarcações para defender a paſſagem aos inimi- „ gos,ſe em outras,ou em jangadas a intentaſſem. „

El Rei Boenegobago deſpidio logo hũ meſſageiro ao Go „ vernador,pedindolhe o mandaſſe ſoccorrer naquelle aper- „ to em que eſtava,pois era vaſſallo d'el Rei de Portugal,& ou- „ tro mandou à Martim Afonſo de Souſa,que ſabia eſtava em „ 10 Cochij, rogandolhe que com a armada vittorioſa da em- „ preſa de Repelim o vieſſe livrar d'aquelles inimigos co- „ mũs. Madune entretanto continuou o cerco, dando gran- „ des aſſaltos, & cõmettendo os paſſos muitas vezes, que lhe „ forão com muito valor defendidos, ſendo os poucos Por- „ tugueſes que alli avia os primeiros nos perigos, de que ſai- „ rão muitas vezes feridos, os quaes el Rei mandava curar „ com grande cuidado, porque nelles tinha a ſua maior de- „ fenſão, & aſsi ſe foi o cerco dilatando por eſpaço de tres „ meſes. „

20 O inviado que ia ao Governador chegou à Cochij, onde „ achou Martim Afonſo de Souſa,à quem deu a carta d'el Rei, „ & outra de Nuno Freire,& repreſentou o aperto em que el „ Rei ficaua. Conhecendo Martim Afonſo a obrigação que „ lhe corria de ſoccorrer aquelle Rei vaſſallo da Coroa de Por- „ tugal,apreſtouſe com diligencia, & deixando as galès da ſua „ armada na coſta do Malavar para guarda della, com as fuſ- „ tas ſe fez na volta do cabo de Comorij, o qual paſſado, & „ correndo a coſta atè os baxos de Manar, delles atraveſſou „ à Ceilam, & foi demandar Columbo, donde quando che- „ 30 gou ja erão idos os Malavares. Porque tendo elles aviſo „ da partida de Cochij da noſſa armada, temendo per- „ der os navios, ſe deſpedirão de Madune Pandar, & em- „ barcados ſe paſſarão à outra coſta,& Madune levantou tam- „ bem o cerco da cidade primeiro que Martim Afonſo che- „ gaſſe,& ſe reconciliou com el Rei ſeu irmão. „

Vendo Martim Afonſo, que ſem elle arrancar a eſpada „ deſcercarão os inimigos à el Rei,pareceolhe conveniente, & „ devida corteſia veſitallo: polo que deſembarcando, par- „ tio para à Cota,onde el Rei o recebeo com grandes moſtras „ 40 de agradecimento d'aquelle ſoccorro. Martim Afonſo lho „ offereceo

35

,, offerèceo por parte d'el Rei de Portugal, & do seu Governa-
,, dor da India, sempre que lhe fosse necessario, o que el Rei es-
,, timou muito, entendendo quam certo tinha o favor dos Por
,, tuguescs, & conhecendo a vontade, & diligencia com que a-
,, cudião à sua defensão.

,, Despediose Martim Afonso d'el Rei, por não aver alli oc-
,, casião de mais detença, & embarcado se passou à outra costa,
,, & em breves dias chegou ao Malavar, onde soube, que não
,, erão ainda recolhidos os paraòs de Ali Abrahem. E porque
,, duas fustas da nossa armada, de que erão Capitães Francisco 10
,, de Mello Pereira, & Ioão de Sousa Rates, tomarão na paragẽ
,, de Monte Delij hum paraò de Malavares, & delles souberão
,, que a armada de Ali estava em Mangalor; com esta nova vol
,, tou Martim Afonso em busca do inimigo, & indo hum pou
,, co afastado da terra, ouve vista delle perto de Coulete. Os
,, Mouros tanto que conhecerão a nossa armada, voltarão para
,, terra, com tenção de se salvarem nella, mas os nossos navios
,, ligeiros apertando o remo os atalharão, & afferrando com os
,, paraòs dos inimigos, os embaraçarão, & entretiverão, em
,, quanto chegou toda a nossa armada, que mettendolhes logo 20
,, algũs navios no fundo, & desaparelhando outros, despois de
,, hũa porfiada peleja, os desbaratarão de todo, & renderão a
,, maior parte, com perda de mais de mil & dozentos Mouros,
,, & muita pouca nossa, com que ficou a vittoria mais gloriosa.
,, O Samorij ficou com a perda desta armada mui quebranta-
,, do, & os Mouros de Calecut mui pobres, porque elles forão
,, os armadores da maior parte destes navios. E Martim
,, Afonso de Sousa andou na costa todo o resto
,, do verão, atè ser tempo de
,, se recolher.

* * *

LIBRO

LIVRO OCTAVO DA QVARTA DECADA DA ASIA,

DE IOÃO DE BARROS.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITVLO PRIMEIRO.

Como o Governador Nuno da Cunha foi avisado per muitas vias do que el Rei de Cambaia movia contra os Portugueses, para lhes tomar a fortaleza de Dio, & os lançar da India, & do que sobre isso fez.

NÃO estava ainda Nuno da Cunha „ descansado em Goa dos trabalhos que „ passou sobre a defensão das terras fir- „ mes, quando teve novas de cousas que „ o Soltam Badur Rei de Cambaia mo- „ via, para restituirse da fortaleza de „ Dio, & lançar os Portugueses de seu „ Reino, & de toda a India, se podesse. „ E como os meios que para isso buscava, erão muitos, & os ne „ gociava com muitos, vierão facilmente à descobrirse, & tèr „ Nuno da Cunha por certo, o de que antes estava duvidoso. „ Porque posto que quando o Açadachan lhe mandou pedir „

„ as pazes que assentarão, para o mais mover à ellas, o avisou
„ dos intentos d'el Rei de Cambaia, que o incitava à fazer gue
„ rra aos Portugueses, como à outros Potentados da India; & o
„ mesmo soubera o Governador do Hidalchan: ainda lhe pare
„ cia que serião artefícios, & invenção do Açadachan para lhe
„ outorgar a paz que pedia, ou que el Rei de Cambaia mudaria
„ a vontade, & proposito que entam tinha. Porque poderia ser
„ que (como muitas vezes acontece) com indinação, ou escan-
„ dalo que tivesse, como homem voluntarioso, & mudavel que
„ era, acõmetteria o que despois não traria à effeito. Mas toda
„ via como elle conhecia bem a pouca constancia d'el Rei, &
„ ser homem mui audaz, & que (como dizem) vivia de pressa,
„ mettendose sempre nos perigos, atè que acabou nelles, temia
„ se delle, como de Principe que era tam poderoso, & rico de
„ tantos tesouros, que são o nervo da guerra, & que buscava
„ ajuda de tantos Principes Mouros, cuja causa ficava cõmum
„ à todos, por ser contra Christãos, que os querião dominar,
„ começou tambem proverse para o não tomarem desaper-
„ cebido.

Diogo do Couto na 5. Decada liv. 1. cap. 8. Fernão Lopez de Castanheda no cap. 155. do liv. 8. & Francisco de Andrade no cap. 34. da 3. parte.

„ Estando o Governador nestas duvidas, deu el Rei hũa in-
„ considerada mostra do que determinava em seu animo, per
„ que pudera correr perigo de sua pessoa, querendo segurar à
„ Manoel de Sousa Capitão da fortaleza de Dio. E foi, que vin
„ do elle à aquella cidade despois de dar fim à suas guerras, à
„ x. de Outubro, d'aquelle anno de M. D. XXXVI. logo no
„ mesmo dia à noute hum Mouro se foi à porta da fortaleza, di
„ zendo, que queria dar hũa palavra ao Capitão que importa-
„ va. E estando elle sò da banda de dentro à portas fechadas, &
„ o Mouro de fora, lhe disse, que se ao outro dia el Rei o man-
„ dasse chamar, não fosse, porque o avia de matar, & que porq
„ não tivesse para si, que lhe dizia isto por algum interesse, não
„ se nomeava quem era. Isto não descobrio Manoel de Sousa à
„ pessoa algũa, atè ver em que parava. Ao outro dia seguinte o
„ mandou el Rei chamar, & não embargante o que o Mouro
„ lhe dissera, determinou de ir, lançando conta que se se escu-
„ sasse, el Rei tomaria achaque para romper em guerra, o que
„ elle muito queria evitar, & que o aviso do Mouro poderia ser
„ falso, porque el Rei por o matar à elle não ganhava a fortale-
„ za. Polo que encomendando a guarda, & defensão della ao
„ Alcaide mòr, & deixando toda a gente armada, & a artelharia

posta

posta em ordem, se foi à el Rei, não levando consigo mais q̃ „
os de sua guarda, & seus criados. El Rei recebeo à Manoel de „
Sousa com muito gasalhado, & despois de lhe perguntar co- „
mo estava, em sinal de honra, & amizade ao seu costume, lhe „
mandou dar hũa cabaia rica; & Manoel de Sousa lhe deu de „
presente hum montante bem guarnecido, & hũs estribos, & „
esporas do mesmo teor. E por ser a primeira vez que via à el „
Rei, não lhe tocou na morte de algũs Portugueses, que os „
Mouros na cidade, sem razão, tinhão morto, & se tornou à „
10 fortaleza, mostrando el Rei que ficava seu amigo. „

Mas el Rei, cuja natureza era não estar ocioso, nem quie- „
to em hũa vontade, determinandose em tomar a fortaleza, o „
pôs em conselho com os seus. Os quaes todos forão de pare- „
cer que o não fizesse, & sua mãi, que era molher prudente, lho „
rogou muito, imposibilitandolhe aquelle negocio, & mos- „
trandolhe, que o que ganharia d'ahi seria tèr os Portugueses „
por inimigos, que lhe destroirião a cidade, & lhe farião ou- „
tros dános, como ja fizerão à elle, & à outros Reis, de que re- „
ceberão offensas. O conselho de Ioão de Santiago, que ja se „
20 chamava Rumechan, de quem el Rei fazia muita conta, foi „
que se desenganasse de tomar a fortaleza, por ser tam forte, & „
bem provida d'artelharia, & munições. E que os Portugueses „
erão taes, que primeiro todos avião de morrer, que a perdes- „
sem. Que o remedio para a tomar seria fazerse mui amigo cõ „
Manoel de Sousa, & com este pretexto ilo ver algũas vezes à „
fortaleza, para o tirar de sospeitas. E que vindo o Governa- „
dor à Dio, com esta mesma amizade, & conversação conti- „
nuasse ir à fortaleza, & que asi poderia matar nella o Gover- „
nador, & que morto elle, os Portugueses não terião animo pa „
30 ra se defenderem. „

Este parecer contentou à el Rei, & como elle era precipi- „
tado, & impaciente em seus appetites, quando vèo aos xiij. de „
Novembro, sendo ja oito horas da noute, sem nenhum pro- „
posito, & sem tèr mandado recado à Manoel de Sousa, bateo „
à porta da fortaleza. E sabendo Manoel de Sousa como era el „
Rei, mandou tocar as trombetas, & os Portugueses como an „
davão receosos da guerra, & dos movimentos que se sentião „
em el Rei, em hum momento forão todos armados, os quaes „
fazião numero de novecentos, & postos no terreiro da for- „
40 taleza em hũa rua, com muitas tochas entresachadas, fazião „
hũa

húa fermoſa viſta com o reſplandor das armas. Abrindo Manoel de Souſa o poſtigo da fortaleza, entrou el Rei ſò com o Rao, & dous grandes Senhores, mandando à outra gente toda ficar de fora. E logo diſſe, que ſe fechaſſe o poſtigo, por Manoel de Souſa não ter algum receo. E vendo tantos armados tam de ſubito, perguntou à que fim ſe armavão, ſendo elle tam amigo d'el Rei de Portugal, & dos Portugueſes? Manoel de Souſa lhe reſpondeo, que aquillo era coſtume dos Portugueſes, quando os ſeus Reis entravão nas fortalezas de Portugal. Quando el Rei entrou no apoſento de Manoel de Souſa, porque o Rao lhe tinha deſcuberto o odio que el Rei tinha aos Portugueſes, receandoſe que hi o mataſſe, em vòz baxa lhe diſſe: *Capitão prende, & não mates.* Ao que Manoel de Souſa reſpõdeo, que não faria húa couſa, nem outra. E eſtãdo el Rei em practicas com Manoel de Souſa, lhe gabou aquellas caſas; & dizendolhe elle, que as caſas, & a fortaleza erão de S. A. diſſe el Rei: *As caſas ſão tuas, & a fortaleza he d'el Rei teu Senhor.* E detendoſe com elle eſpaço de meia hora, ſe ſaio, levandoo per húa mão Manoel de Souſa, & pela outra o Rao, & ſe foi para ſua caſa, cuidando que deixava Manoel de Souſa fora de ſuſpeitas. Mas como elle conhecia a condição d'el Rei, nunca ſe tanto temeo delle.

Succedendo deſpois algũas couſas, perque Manoel de Souſa entendeo o animo dánado que el Rei trazia contra os Portugueſes, eſcreveo tudo ao Governador, & como el Rei fora à fortaleza, onde o não prendeo, por não ſaber ſua vontade, & como ſoubera do Rao, que el Rei determinava de tomar a fortaleza, & que com brevidade acodiſſe à Dio, porque eſperava ſer cercado. O Governador lhe eſcreveo logo de ſua mão, eſtranhandolhe não prender el Rei tendoo na fortaleza ſò, & deſacompanhado, & que elle iria mui em breve; mas que ſe entretanto el Rei tornaſſe, o prendeſſe. Eſta carta mandou Nuno da Cunha per hum Pero de Chaves criado ſeu de confiança, q̃ a levava coſida no gibão, & foi em hum catùr eſquipado. E como Nuno da Cunha era mui prudente, & eſtava neſte tempo em concerto de pazes com o Açadachan, as quaes fazia de mà vontade, ſò por receo da guerra com el Rei de Cambaia, & dos Principes do Decan, que o avião de ajudar, quis com mais fundamento ſaber de ſeus propoſitos. E porque ſabia que el Rei era em ſuas acções mal attentado, & que

Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 156. do liv. 8.

& que com pessoas que o aprazião era mui descuberto, mandou diante à Dio Manoel de Macedo, [a] com algũa gente (o qual sabia que era mui aceito à el Rei) para o tirar de algũas paixões, & ver se podia descobrir seus intentos, porque cria que se abriria com elle. Mandoulhe que dissesse à Manoel de Sousa que como elle chegasse à Dio, fizesse desparar toda a artelharia, & mostrasse grande festa, dizendo, que chegarão catorze naos de Portugal com muitos mil homẽs: & assi foi feito, perque el Rei mudou o conselho de tomar a fortaleza
10 per outra maneira, & não per prisão do Governador.

a. Ou Diogo de Mesquita, como diz Diogo do Couto, & Francisco de Andrade.

Indo Manoel de Macedo ver el Rei na primeira prattica, entendeo delle desejar muito de se ver livre da sojeição dos Portugueses, & verse Senhor enteiro de Dio, & entre muitas cousas, em que se descobrio com Manoel de Macedo foi fazerlhe queixume de Manoel de Sousa de quam mal se avia com elle. Porque chegando elle à Dio, para ir contra Ramugij, que se lhe alevantara, & se acolhera aos Resbutos, para que avia mester toda sua armada que tinha em Dio, na qual quisera mandar Coge Sofar seu Capitão mòr, & ir elle per
20 terra, Manoel de Sousa lho impedira, & sòmente lhe concedera tirar dezoito fustas, & bargantijs, como se elle não fora Rei, & Senhor de Dio, sendo elle o que deu lugar para se a fortaleza fazer, & ajuda, & dinheiro para ella, & dera Baçaim, & suas terras por a amizade d'el Rei de Portugal. E que fazendo com Nuno da Cunha pazes com condições de se ajudar hũ ao outro, & com especial promessa do mesmo Nuno da Cunha lhe dar ajuda contra os Mogoles, nunca lha dera. E agora era impedido per Manoel de Sousa ir castigar hum seu vassallo rebelde, o que elle não cria que vinha de Nuno da Cunha
30 que tinha por seu amigo, & por homem agradescido, & Capitão prudente. Alem disto soube mais Manoel de Macedo, como fora certo que el Rei de Cambaia fora a principal causa, perque el Rei de Calecut movera guerra no Malavar contra el Rei de Cochij (por a amizade que tinha com os Portugueses) & o Hidalchan, & Açadachan nas terras firmes de Goa. E que o mesmo Rei de Cambaia escrevera à el Rei de Xael em odio dos Portugueses, perque se elle atreveo prender à Dom Manoel de Meneses, de que adiante diremos. Tornando Manoel de Macedo em fim de Dezembro d'aquelle
40 anno de M.D.XXXVI. & contando ao Governador o que com

com el Rei de Cambaia passara, se resolveo em fazer paz cõ o Açadachan cõ as condiçõe s q̃ dissemos: & para se melhor cer tificar, determinou ir à Dio, & não se fiar de juizos alheos, se-não do seu, em julgar as cousas d'el Rei de Cambaia, cuja paz & guerra tanto importavão ao Estado dos Portugueses na India, & ver o procedimento que com elle avia de tèr.

CAPITVLO II.

Da embaxada que Soltam Badur Rei de Cambaia mandou ao Governador, pedindolhe se fosse vèr com elle, & como sabendo elle da traição que lhe el Rei ordenava partio logo, & do que mais succedeo. 10

ESTANDO Nuno da Cunha tam informado dos movimentos d'el Rei de Cambaia, & em proposito de ir à Dio, chegou à Goa hum seu Embaxador por nome Mur Mahamed filho de Luchan Senhor principal do Reino de Guzarate, & homẽ de grande autoridade, com q̃ el Rei cõmunicava seus conselhos mais secretos, & q̃ sabia a traição q̃ el Rei ordenava, cõ o qual vinha Xacoez q̃ ja el Rei mandara à Nuno da Cunha cõ outra embaxada. Os quaes elle recebeo cõ muita honra, & gasalhado, & para os acõpanhar lhes deu por companheiro hum Persiano, que avia muitos annos que estava em Goa, per nome Coge Percoli, homem honrado, de que Nuno da Cunha fiava muito por ser amigo leal dos Portugueses. A sustancia da embaxada era, mandar el Rei dizer ao Governador, que por quanto elle estava de caminho para hũa comprida jornada, & não sabia o tempo da sua detença, desejava muito cõmunicar com elle algũas cousas, que lhe importavão muito à segurança de seu Estado, que lhe pedia muito por amor delle o quisesse ir à ver, & q̃ receberia muito prazer em ser o mais em breve que ser pudesse. Agasalhados os Embaxadores, Nuno da Cunha rogou à Coge Percoli, que soubesse per algum modo do Embaxador Mur Mahamed a determinação d'el Rei, & da mesma maneira rogou à Xacoez q̃ tinha por amigo, & lhe tinha descuberto como el Rei trattava de cõprar todo o arroz, & mãtimẽtos q̃ ouvesse em Baçaim, & em sua comarca, para q̃ os Portugueses os não achassem,

20

30

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 157. do liv. 8.

40

achassem,& que nisso lhe parecia que el Rei pretendia fazer „
guerra à fortaleza de Dio. Elles se derão nisto tam boa ma- „
nha,que dando hum dia hum banquette com bõos vinhos „
ao Embaxador,despois de ficarem todos tres sôs sobremesa, „
Percolim,& Xacoez começarão de praguejar dos Portugue- „
ses,por as semjustiças,& males que fazião aos Mouros, & pa „
ra assegurarem mais ao Embaxador,& tirarem delle o que sa „
bia,culpavão a fraqueza de animo de Soltam Badur, que sen „
do tam grande Senhor,& tam rico,os não deitava da India, „
10 & que em húa hora acabaria el Rei tudo se prendesse ao Go- „
vernador,porque preso elle,facilmente lhe podia tomar a ar- „
mada,& a fortaleza.E que avendo o Governador às mãos pre „
so,o devia mandar ao Turco mettido em húa gaiola,para sua „
fama se estender per todo o Mundo,& que esta seria mòr hõ „
ra que ser Senhor do Guzarate.Como estes todos erão Mou „
ros,& pela conversação da pousada,& mesa ja amigos, o Em „
baxador quen' ,& alegre com o que avia bebido, rindose pa „
ra elles,lhes disse,que el Rei o tinha assi determinado, & que „
para isso avia de dar hum banquette ao Governador,& à seus „
20 Capitães na quintáa de Melique,em húa horta que tinha cer „
cada de forte muro, & hi prendelos. E que quando não pu- „
desse ser o mataria na cidade em seus paços.Estas palavras do „
Embaxador ouvio hum Portugues que sabia a lingoa que es- „
tava em húa camara pegada com a do banquette, o qual es- „
creveo tudo o que alli passou, & o deu à Nuno da Cunha. „
Quando o Governador acabou de certificarse d'aquillo que „
não acabava de creer, determinou consigo de fazer todo o „
possivel por prender à el Rei,ou na fortaleza,ou em seus pro „
prios paços,levando consigo algús fidalgos, homés de feito, „
30 armados secretamente. Tendo em segredo o que sabia, & o „
que determinava,propôs em conselho,que sobre isso teve cõ
os Capitães,& pessoas notaveis que estavão em Goa, algúas
razões gereaes que avia para ir à Dio,& muito mais ao presen
te,sendo chamado,& rogado por el Rei.Mas não declarou o
modo que com elle avia de tèr se lhe achasse o animo dánado,
nem que sabia delle algúa cousa mais que o que se dizia
geralmente:porque entendia quam perigoso era trattar com
muitos,o que se requeria ser posto em effeito per poucos. E
o que mais movia ao Governador abbreviar sua ida, era por
40 não deixar à el Rei criar mais forças no mar, das que tinha.

Porque

Porque cada dia mandava fazer mais navios de remo: & tardando elle, podia vir algũa armada de rumes, para o que dizião el Rei mandara muito dinheiro à Meca, como se despois vio. Polo que a resposta que deu aos Embaxadores de Cambaia, foi, que por servir, & comprazer à el Rei se faria logo prestes, & partiria o mais em breve que pudesse, sem embargo de sua infirmidade, & lhe ser a cidade de Dio mui contraria à ella, por ser terra de campina desabrigada, & mui ventosa. Os Embaxadores se quiserão detèr para ir em sua companhia. Mas Nuno da Cunha os espedio com dadivas, & não 10 consentio que se detivessem mais por estar avisado per carta de Manoel de Sousa, que elles avião de cõmetter ir em sua cõpanhia à fim de notar todas as cousas que fizesse naquelle caminho, & avisar disso à el Rei. Partidos os Embaxadores, Nuno da Cunha ordenou hũa armada de quarenta vellas, [a] de q̃ muitas erão naos grossas, galeões, & galès, & mandou recado à Martim Afonso de Sousa que andava no Malavar, que logo à pressa partisse para Dio, porque importava ser assi, o que elle logo fez. Nuno da Cunha partio de Goa à ix. de Ianeiro de M.D.XXXVII. mas como a armada era grande, & não 20 pode toda sair aquelle dia, deixou Manoel de Macedo para levar os navios que ficavão, & o seguir com elles. Os Capitães das vellas grossas erão Lisuarte de Andrade filho de Simão de Andrade do galeão S. Mattheus, em que Nuno da Cunha ia. Os mais erão Dom Ioão Lobo, Rui Vàz Pereira, Enrique de Mello, Fernão de Sousa, Antonio da Cunha, Antonio da Fonseca, Manoel Ribeiro, Antonio de Sà, Manoel de Macedo, Antonio Cardoso, Antonio Correa, Diogo de Lemos, Rodrigo do Couto, Antonio de Figueiredo, Gil Pinto, Gonçalo Martinz, Francisco Rodriguez, Lourenço Botelho, Bastião 30 Nunez, Gaspar Rodriguez, Diogo Paez, Garcia Alvarez, Garçia Anes Patrão mòr, Ascensio Fernandez, Afonso Bernaldez, Aleixo do Monte, Vicente Fernandez, Francisco Gonçalvez, Afonso Fialho, & Lopo Pinto, que com quatro catùres ia ordenado para entrar no Estreito saber novas dos Rumes: mas succedeo de outra maneira, por esta ida com o Governador.

a. A armada diz Diogo do Couto q̃ era de cinco juncos grandes de Malaca carregados de mantimentos, oito naos do Reino, catorze galeões, duas galeaças, doze galès Reaes, dezaseis galeottas, & mais de duzentas & vinte fustas, catùres, & bargantĩjs: & sem estas vellas, ião naos, zambucos, & cotias de taverneiros da gente da terra, representando hũa grande povoação. Cap. 9. livro. 1. Decada 5.

***

CAPI-

CAPITVLO. III.

Do que o Nizamaluco tinha passado com Simão Guedez em Chaul, antes que Nuno da Cunha alli chegasse, & dos indicios que achou dos propositos d'el Rei de Cambaia.

TENDO Simão Guedez nova, no mes de Abril do anno passado de M.D.XXXVI. que o Nizamaluco vinha com exercito à Chaul, posto que a terra,& comarca fosse de seu Estado,tomou delle mà presunção por ser cousa q̃ nunca fazia,& parecialhe que seria sobre algũs recados que entre elle,& Nuno da Cunha ouve, querendo o Nizamaluco tomar as duas fortalezas Carnà,& Sanguesà,que el Rei de Cambaia tinha dadas aos Portugueses quando deu Baçaim, as quaes avião sido do Nizamaluco,& el Rei de Cãbaia lhas tomara quando cõ elle teve guerra,sobre o qual negocio Nuno da Cunha chegou à tanto,que lhe queria mandar queimar a sua povoação de Chaul, que està acima da nossa fortaleza. Polo que o Nizamaluco se desceo disso: mas como elle era o mais malicioso d'aquelles Capitães do Decan, Simão Guedez se proveo de maneira,que quãdo elle chegou à Chaul na fim de Maio,tinha pouco temor delle,posto q̃ estivesse acõpanhado de tres mil homẽs de cavallo, & cinco mil de pè. E como soube que elle estava junto da povoação da cidade, o mandou visitar per Fernão Mendez Feitor d'el Rei, fazẽdolhe os geraes offerecimẽtos. Ao q̃ elle respondeo cõ palavras de agradescimento. E por lhe dizerẽ q̃ Simão Guedez se acautelava de sua vinda,como de inimigo,lhe mandou dizer, q̃ não tinha razão de o fazer,porque elle era grande amigo, & servidor d'el Rei de Portugal,& por folgar de tèr sua amizade cõsentira de se fazer a fortaleza que alli tinha feita. E que sua vinda não fora mais que à folgar,& querer comprazer à suas molheres,que desejavão ver o mar,& que lho vinha mostrar, q̃ lhe pedia lhe mandasse dar algũa embarcação para andarem folgando pelo rio. Simão Guedez nestas duas cousas se ouve mui bẽ, porq̃ per hũa parte sem algũ alvoroço segurou a fortaleza,& per outra,asi no mar,como na terra,o festejou

muito,atè lhe mandar jugar cannas ao longo da ribeira, que elle,& suas molheres as estavão vendo do mar nos catùres, & navios de remᶜ que lhe Simão Guedez mandou concertar, como para serviço de hum grande Principe. Mas não lhe consentio com toda a amizade que elle entrasse na fortaleza como elle quisera,senão com cinco,ou seis de seus Capitães. E como isto soube não quis ir à ella,dizẽdo,que por não descontentar os seus,em deixar fora hũs, & levar outros, o não fazia.E entam deu licẽça que seus Capitães de dous em dous, & de tres em tres entrassem na fortaleza para verem como estava provida. E para mais segurança de Simão Guedez, mandou quatro molheres suas que a fossem ver,a qual estava de maneira que se o Nizamaluco trazia algum mao pensamento, elle se lhe tirou, & por derradeiro se foi com os seus oito mil homẽs,que asi no rastro que de si deixarão, como em não restituirem todos os escravos que para elles fugirão da fortaleza, se ouverão tam vilmente, que Simão Guedez ficou desavindo com o Nizamaluco.

Isto tudo era passado, quando Nuno da Cunha chegou à Chaul,à quem Simão Guedez o contou por extenso, posto que per patamares,que são correos de pè, lho tinha escritto, & como o Nizamaluco estava d'alli doze legoas dentro pelo sertão com gente d'armas.Quando o Nizamaluco soube estar Nuno da Cunha em Chaul, por encobrir sua estada tam perto,& não dar mà suspeita de si,por o que ja tinha passado, mandou o visitar, & dizerlhe, que elle viera contra aquella parte por razão da fortaleza de Galeana, & outras terras que lhe Soltam Badur tinha tomadas nas differenças passadas que com elle tivera,para com este fingimento mostrar que não estava tam corrente com Soltam Badur como cuidavão. E a verdade era,que elle estava alli esperando seu recado, por o que ambos tinhão concertado de virem sobre Chaul. Nuno da Cunha não lhe querendo dar à entender a mà suspeita que delle tinha,lhe respondeo palavras de agradescimento da visitação,& outras geraes.

Partido Nuno da Cunha de Chaul,chegou à Baçaim, onde estava por Capitão Antonio da Silveira seu cunhado, que poucos dias avia alli mandara em lugar de Garcia de Sà, que aquelle anno avia de ir à Portugal,por el Rei asi o mandar,por informação falsa,q̃ delle lhe derão homẽs de animo

dãnado,

dânado, sendo elle hum fidalgo em que cõcurrião grandes, & honrados serviços, & muita bondade, & liberalidade exercitada no serviço d'el Rei, perq̃ não faltarão outros homẽs mais verdadeiros que informarão à el Rei do contrario, com que elle ficou na India, & despois a governou per successão de Dõ Ioão de Castro Visorrei della. E como Nuno da Cunha assi por o que Manoel de Sousa lhe escrevera, como por a estada do Nizamaluco tam perto de Chaul, & per outros muitos indicios, ia achando sinaes da mà vontade d'el Rei de Cambaia,
10 quis levar consigo hum homem de tanta importancia como era Antonio da Silveira, para o que lhe podia acontecer, & principalmente para servir de Capitão da fortaleza de Dio, & tirar della à Manoel de Sousa para Capitão de Ormuz, em lugar de Dom Pedro de Castelbranco, por algũas culpas que lhe davão, & por sentir que entre Manoel de Sousa, & Soltam Badur avia algũs queixumes que elle queria evitar, & Antonio da Silveira, quando Nuno da Cunha chegou à Baçaim, como ja tinha seu recado, estava prestes.

Estando Nuno da Cunha em Baçaim, onde se deteve cin
20 co dias provendo a armada de algũas cousas, vèo alli tèr hum Capitão d'el Rei de Cambaia com dezasete fustas, & outros navios de remo, & vindo elle à ver Nuno da Cunha, lhe perguntou mui dissimuladamente, à que era sua vinda cõ aquella armada, ao que elle respondeo, que el Rei lhe mandara dar hũa vista à aquella enseada, por tèr nova que andavão alli algũs ladrões de Onor, & em Baroche algũs Mogoles. Nuno da Cunha dissimulando o que entendia d'aquella sua vinda (da qual conheceo mais descubertamente a tenção d'el Rei de Cambaia) offereceolhe qualquer cousa que ouvesse mes-
30 ter para serviço d'el Rei, acerca da sua vinda. E provida a fortaleza, segundo a suspeita que lhe estas cousas davão, deixou por Capitão della à Rui Vaz Pereira, & partiose à seis de Fevereiro, & em sua companhia o Capitão d'el Rei de Cambaia com suas fustas. E sendo tanto avante como à Maiij, que he seis legoas acima de Baçaim, espediose este Capitão de Nuno da Cunha, dizendo, que ia à terra fazer agoada, & elle foise à enseada de Cambaiet, esperar recado de Coge Sofar, cujo Capitão era, segundo se despois soube.

(***)

CAPITVLO. IIII.

Como el Rei de Cambaia mandou visitar à Nuno da Cunha ao caminho, & como por vir doente, o foi ver ao galeão chegando à Dio.

ABENDO Nuno da Cunha antes que partisse de Baçaim, como el Rei Badur andava à caça ao redor de Dio, mandou visitalo per Diogo de Mesquita, mas el Rei se anticipou, mandandoo primeiro visitar per seu privado Ioão de Santiago, o qual quando chegou à Baçaim, soube que era ja Nuno da Cunha partido: polo que vèo tras elle, atè o tomar em Madrefabat. Nuno da Cunha quando soube da vinda de Santiago, se fez ainda mais doẽte do que vinha, vindoo elle muito, & deitouse em cama, parecendolhe que com esta nova de sua infirmidade, remittiria el Rei algũa cousa de seu furor, & elle teria tempo de pratticar primeiro com Manoel de Sousa, & Antonio da Silveira, por quem esperava, que tardava ja, por vir em hum galeão mui mao de vella. E por Ioão de Santiago ser Christão, & aver tido muita cõmunicação Nuno da Cunha com elle, lhe fez grande gasalhado, & por ser tam grande a valia que tinha com el Rei. E trattando com elle muitas materias, assi de graças, & boa conversação, como de cousas d'el Rei, para o tirar à terreiro, Santiago lhe disse: *Senhor el Rei não tem ainda unhas, mas como as elle tiver, crede que vos ha de arranhar.* Desta palavra, & d'outras que elle soltou, acabou Nuno da Cunha de assentar que el Rei tinha o animo mais dànado do que elle cuidava, posto que ja o conhecia por homem não são, & mui vario, & inconstante em seus dittos, & feitos.

Despedido Santiago, vèo aquella noute Manoel de Sousa fallar com Nuno da Cunha, sem alguem saber que estava fora da fortaleza, & entre muitas cousas que lhe contou do que el Rei dizia, foi, que quando o prendesse o avia de mandar de presente ao Turco, & que isto soubera do Rao Capitão da cidade de Dio, que era muito seu amigo. Ao da prisão, disse Nuno da Cunha rindo: *Esperança tenho eu em Deos, que dara essa sentença ao contrario, & que seus maos pensamentos*

mentos lhe fiquem quebrados em sua cabeça. E posto que Manoel de Sousa moveo alg[ū]as cousas, que quisera que Nuno da Cunha logo determinara, elle espaçou a resolução para despois que fosse em Dio, & viesse Antonio da Silveira, por quem esperava, & com isto despedio à Manoel de Sousa.

Ao outro dia, que erão catorze de Fevereiro, quarta feira de Cinza, Nuno da Cunha se fez à vella de vagar, por esperar por Antonio da Silveira, que ainda não viera, & chegou ante à cidade de Dio às duas horas despois de meio 10 dia. E ainda não era surto, quando vèo hũa fusta d'el Rei com hum presente que elle lhe mandou à Madrefabat, & quando o messageiro achou ser partido Nuno da Cunha, o vèo alli tomar. O presente erão vinte & tantos veados, & gazellas com este recado. Que elle andara monteando o dia passado, & que na boa ditta da sua vinda fizera aquella montaria, que lha mandava, porque os homẽs que andão no mar folgão com carne fresca. Chegado Nuno da Cunha à bordo do galeão ver o presente, vio a veação alastrada per toda a fusta, esfarrapada das 20 unhas, & dentes das onças que a tomarão, porque como são feras na maneira de prear, não deixão a caça enteira, & asi não dava deleitação à vista. Neste tempo estava Ioão de Paiva Feitor da armada com Nuno da Cunha, à que era mui aceito, & sem saber o que dizia, lhe disse: *Prazerà à Deos que asi verà V. S. cedo seus inimigos mortos, como està aquella triste veação.* As quaes palavras forão hũa prophecia, que antes de duas horas se comprio na propria fusta em que vinha a caça. E no recado que el Rei mandava dizer da monteria que fizera, dizia verdade, porque como Nuno da Cunha 30 chegou à Chaul, pelas espias que el Rei trazia no mar, despois que d'alli partio para Baçaim, & d'ahi para Dio, cada hora lhe levavão nova de quantas voltas dava. No qual tempo el Rei andava ao longo da costa monteando com suas onças, de que os Principes d'aquellas partes muito usão. E a noute que Nuno da Cunha chegou à Madrefabat, vèo el Rei dormir à Novanaguer quintãa de Melique, que està cinco milhas de Dio.

Acabando Nuno da Cunha de despedir o messageiro d'el Rei, q̃ lhe levou o presente, à q̃ fez merce, chegou Manoel de Sousa ẽ hũ catùr, & disselhe, como el Rei viera à quintãa đ Me 40 liq̃ mui alvoroçado cõ sua vinda, & à Manoel đ Sousa mãdou

 Nuno

Nuno da Cunha, que tanto que el Rei entrasse na cidade o fosse visitar de sua parte, & dizerlhe, que por vir mui doente de infirmidade, que não era para estar entre Principes, não desembarcava logo, que ao outro dia trabalharia de o fazer, dandolhe ella lugar para isso. Não seria partido Manoel de Sousa quando vèo Coge Sofar, & hum filho de hum dos principaes Capitães de Soltam Badur, que da sua parte o vierão visitar, aos quaes elle se mostrou doente, & dandolhe graças da visitação, mandou per elles dizer à el Rei o que tinha ditto â Manoel de Sousa. E pareceo que asi o tinha Deos ordenado, que vindo el Rei da quintãa de Melique, & querẽdo passar o braço da agoa que se mette entre a cidade, & a terra firme, chegou a fusta que trouxe a veação à Nuno da Cunha, & juntamente Manoel de Sousa, & os dous visitadores, & dandolhe nova, como o Governador vinha mal desposto, & à desculpa de logo não sair em terra, disse el Rei à Manoel de Sousa: *Com os amigos quando são doentes, em quanto os homẽ não ve, não cumpre com sua amizade, eu quero ir ver o Governador*: & deixando a embarcação que lhe trazião para sua passagem, se metteo na fusta da veação com oito, ou nove Capitães,[a] & sòs dous pagés, hum que lhe levava o terçado, & outro o arco, & as sètas.

a. Os Capitães que ião cõ el Rei erão treze, & todos grandes Senhores. Lopo de Sousa Coutinho no trattado do cerco de Dio.

Manoel de Sousa quando vio aquelle subito, não pode mais fazer que metterse com el Rei, & dizer à hum pagem seu que fosse correndo naquelle catùr, & dissesse ao Governador que el Rei o ia ver. El Rei foi tam à pressa, que apenas o recado era chegado, quando elle chegava, que não ouve tempo para o Governador cõmunicar cousa algũa, nem aver conselho sobre o que se avia de fazer, nem mais espaço que para alcatifar o lugar da nao per onde el Rei avia de passar, & deitar sobre a cama de Nuno da Cunha hum cobertor de cetim avellutado carmesim, & elle tomar hũa loba aberta de chamelote. Tanto que el Rei começou à chegarse, foi o estrondo das charamelas, trombettas, & atabales tamanho que se não ouvião. Nuno da Cunha o vèo receber ao bordo do galeão,[b] & como era homem grande de corpo, & a infirmidade o tinha debilitado, em o el Rei vendo tam desfigurado, lhe disse: *Se eu soubera que tam mal trattado o tinha a infirmidade, eu lhe mandara dizer que se não levantara da cama, mas ja que asi foi, vamonos assentar na vossa camara.* E tomãdoo pelo braço, o levou à ella, sem

b. Escreve Diogo do Couto q̃ o Governador aguardou à Soltã Badur na camara do seu galeão, deitado em hũa camilha, armado secretamente, & com hũa espada ao longo de si, & que alli o recebeo acompanhado de Antonio da Silveira, Gonçalo Vàz Coutinho, Antonio de Sà o Rume, Ioão Iusarte Tição, & Dõ Manoel de Lima.

sem entrarem mais que os seus Capitães, nem com Nuno da Cunha mais que dous pagés seus, & Ioão de Paiva que fechou a porta sobre si. Assentado el Rei em hũa cadeira que para elle estava posta, & Nuno da Cunha em hũas almofadas de seda, & os Capitães em alcatifas, começou el Rei de lhe perguntar per sua disposição, & viagem que trouxera, & outras cousas geraes, em que ambos gastarão hum bom espaço.

Manoel de Sousa por o animo dãnado que conhecia d'el 10 Rei, & que tambem sabia de Nuno da Cunha que determinava prendelo, começou agastarse sobre a resolução que se avia de tèr com el Rei, naquella conjunção de o teré na nao, & tam sò; & porque lhe pareceo necessario fazerlhe lembrança, mandou Iorge Barbosa pagem de Nuno da Cunha, que per fora da nao pela exarcea fosse à varanda della, & entrasse onde estava Nuno da Cunha, & lhe dissesse à orelha de sua parte que lhe mandava que fizesse. Entrado este pagem, chegouse em giolhos à Nuno da Cunha que estava mais perto da varanda, para lhe dar o recado, & em lho querendo dar à 20 orelha, el Rei como o seu animo culpado tudo o que via fazer lhe parecia suspeitoso, & em seu dãno, começou de se confranger, & acodio com a mão à hũa adaga, & a pôs mais adiante do lugar onde a trazia. Ioão de Santiago, que servia de lingoa, & sabia a tenção d'el Rei, disse apressadamente à Nuno da Cunha: *Senhor não ouçaes recado algum; olhae para el Rei que vos falla.* Polo que Nuno da Cunha deu de mão ao moço, & o não quis ouvir, & voltandose para el Rei, tornou à enfiar sua prattica, por assentarlhe a alteração que lhe vio, & mui bem entendeo, como quem estava prompto nos 30 gestos que el Rei fazia. O qual não se detendo muito, levantouse, & chegando à porta, como de outras naos erão vindos os Capitães, & fidalgos, & elle conhecia algũs, em os vendo lhes fallou, & agasalhou à seu modo. Levantado el Rei, Nuno da Cunha chamou à Ioão de Paiva, & como que se ajudava à levantar ao ombro delle, indo assi arrimado, lhe disse: *Dizei logo à Manoel de Sousa, que se và apòs el Rei, & que trabalhe muito por o levar à fortaleza para lha mostrar como a tem apercebida para seu serviço, & que eu mando todos os Capitães tras elle para o seguirem, & que o não deixe sair atè eu ir, né entrar mais gente q̃* 40 *a que leva, & quando não quiser, q̃ no mar o entretenha: & dizei aos*

Capitães que lhes mando que acompanhem á el Rei com seus catùres, & bateis, & à Manoel de Sousa atè à fortaleza. Dittas estas palavras, deixou Nuno da Cunha o ombro de Ioão de Paiva, & foise tras el Rei, atè que à bordo se despidio delle. E deixouse alli estar sempre com os olhos em sua pessoa por cortesia, & tambem por o segurar, que não tinha que mandar em a nao, nem fallava com alguem.

Em quanto se el Rei embarcou per este bordo, em que Nuno da Cunha estava, se embarcou Manoel de Sousa pelo outro no seu catùr, por o recado que lhe Ioão de Paiva deu, 10 & dandolhe a mão ao descer, sentio que as tinha frias, & lhe disse: *Que he isto Senhor, à cousa tam quente, como levais as mãos tam frias?* Ao que Manoel de Sousa respondeo: *São mãos de homem que ha oito dias que come dieta; mas eu espero em Deos que oje vos parecerão bem quentes.* As quaes d'ahi à pouco espaço de hora se tornarão de todo frias, com a morte que lhe sobrevèo. Tam ignorante he a mente humana dos casos que lhe estão por vir. Nuno da Cunha despois que el Rei desappareceo de sua vista, & olhou para tras, & vio os fidalgos, & Capitães que estavão ao redor delle, disse: *Senhores que fazeis, que não is acompanhar à el Rei como mandei? Embarcaivos, & ide tras Manoel de Sousa.* O que cada hum fez à grande pressa. 20

» Quando os fidalgos que estavão nos navios vierão ao galeão do Governador, por se acharem presentes à visita d'el Rei, tendo ouvido geralmente dizer que elle desejava tomar a fortaleza de Dio, & fazer todo o mal que pudesse aos Portugueses, parecialhes que cumpria prendelo, ou matalo, & que nenhũa occasião avia melhor que telo o Governador em seu poder tam sò como vèo ao galeão. E assi forão de parecer cõ Manoel de Sousa que mandassem perguntar ao Governador 30 por aquelle seu pagem, que ordenava que fizessem. E à saida d'el Rei, tambem poserão os olhos nelle, dandolhe à entender que estavão prestes para o que lhes mandasse. Mas à Nuno da Cunha não pareceo tempo, nem conjunção de executar entam seu proposito, ou porque lhe não parecia honroso feito, nem fidalguia, prender hum tam grande Rei, não declarado por inimigo, vindoo visitar como amigo à seu galeão, & afastado hũa legoa de sua cidade, acompanhado sòmente de nove homẽs, fiandose delle, & dos Portugueses; ou porque lhe parecia, que cousa de tanta importancia, & perigo não se 40

avia

avia de executar sem conselho dos principaes Capitães, asi „
dos que esperava cada hora, que erão Antonio da Silveira, & „
Martim Afonso de Sousa, como dos que alli tinha, à que por „
a subita, & não cuidada vinda d'el Rei, não teve tempo de „
fallar, porque à ninguem tinha descuberta sua tenção senão „
à Manoel de Sousa, com o qual ainda não tinha assentado o „
modo perque avia de prender à el Rei. Ou perque lhe não pa „
receo seguro prendelo no mar, polo que podia acontecer an- „
tes que chegasse à cidade, onde el Rei tinha cinquoenta mil „
10 homẽs d'armas, & hũa tam grande armada, deixando a execu „
ção do que determinava para à fortaleza de Dio; onde tinha „
por certo que el Rei o fosse visitar estando doente, pois à ella „
ia ver ao Capitão Manoel de Sousa sendo são. Ou tambem se „
dilatou aquella obra (o que he mais de crer) porque quis Deos „
que el Rei não fosse preso, como Nuno da Cunha determina „
va, senão morto, por o que à serviço seu, & à salvação dos Por „
tugueses compria, que não estava segura com sua prisão. „

CAPITVLO. V.

20

Como forão mortos Soltam Badur Rei de Cambaia, & os Senhores que com elle ião, & Manoel de Sousa Capitão de Dio.

O galeão de Nuno da Cunha, donde el Rei saia, avia hũa legoa à cidade, & como a fusta d'el Rei ia melhor remada que o catùr de Manoel de Sousa, ja quando elle chegou aonde po dia ser conhecido de longe, começou acenar,
30 como que levava algum recado à el Rei: O qual entendendo que Manoel de Sousa ia à elle, mandou entretèr o remo, atè que o podesse ouvir. E elle tomando com a mão hũa ponta de hũa alcatifa, como quem a queria concertar, disse em alta voz à Ioão de Santiago que era o interprete: *Dizei à el Rei, que se queira passar à este meu catùr que vai mais limpo de sangue, & de caminho lhe irei mostrar como tenho apercebido a fortaleza para seu serviço, porque asi me manda o Governador que o faça.* Quando Santiago ouvio estas palavras, não ficou contente, & respondeo: *Não he isso cousa para eu dizer à el Rei,* mostrando indinação por
40 ouvir aquellas palavras, & entendẽdo serẽ peores do q̃ erão.

Ao que el Rei perguntou, que dizia o Capitão? & sabendo q̃ palavras erão, como cousa de que não fazia muita conta como João de Santiago, nem tinha duvida em ir à fortaleza, disse: *Porque não irei lá? Sabeis Senhor por que* (disse Santiago) *porque me parece que vos querem prender. Prender?* (disse el Rei) *dize ao Capitão que entre cà dentro nesta minha fusta.* Em chegando Manoel de Sousa à fusta d'el Rei, deu de pancada com seu catùr nella, & como estava no bordo para saltar, forãose lhe os pès, & caio ao mar, tras o qual se lançou hum pagem seu, & tornando à surdir acima, o pagem, & Diogo de Mesquita que ia no mesmo catùr, o metterão dentro da fusta d'el Rei, como elle mandava; & asſi molhado como estava foi levado per seus Capitães ante elle. Naquelle instante acertou de chegar hũa fusta em que ia Lopo de Sousa Coutinho, Pedr' Alvarez de Almeida Ouvidor geral, & Antonio Correa, que vendo a caida de Manoel de Sousa, por lhe soccorrerem, per cima do seu catùr, de que fizerão ponte, passárão adiante, & cõ aquella pressa entrarão na fusta d'el Rei. O qual quando os alli vio entrar asſi com impeto (porque sua consciencia lhe fazia temer tudo) disse aos seus Capitães que estavão mais junto delle, que levarão Manoel de Sousa, que o matassem. Diogo de Mesquita entendendo esta palavra, por aprender algũa cousa da lingoa no tẽpo que foi cattivo em poder do mesmo Soltã Badur, & vendo que Xabardin Agar,* genro de Coge Sofar, punha o ferro em Manoel de Sousa, com que o matou,[a] arremetteo à el Rei, & tomandoo pelos peitos, lhe deu hũa ferida, à que elle bradou: *Matẽ os, matẽ os.* Por estes brados d'el Rei ouve hũ bravo jogo de cutiladas entre os Capitães d'el Rei, & os nossos, dos quaes o primeiro morto foi o Ouvidor geral Pedr' Alvarez de Almeida, defendendose mui esforçadamente em quanto a vida lhe durou, cujo corpo lançarão ao mar com o de Manoel de Sousa. Os outros tres que ficavão, que erão Lopo de Sousa Coutinho, Diogo de Mesquita, & Antonio Correa, sòmente com as espadas andavão entre aquelles Capitães com tanto esforço, quanto era o perigo em que estavão postos. E posto que o animo lhes não faltava, tẽdo ja mortos sette dos Mouros, como elles erão muitos, os lançarão à braços no mar mal feridos, mas pelos nossos, que em suas fustas, & catùres chegarão, forão salvos.

El Rei neste tempo asſi estava cortado cõ temor da morte, que

* *Asetchan lhe chama Diogo do Couto.*

a. *Desta maneira foi morto Manoel de Sousa, fidalgo de grande valor, & esforço, como mostrou nesta occasião, & na passada quando foi à casa de Soltam Badur, estando avisado que o chamava para o matar.*

que como atonito não fazia mais que olhar a peleja. O pagem que lhe trazia o arco, & frechas, que era hum moço de dezoito annos Abexij, de grande animo, quando o vio asi pasmado, tirando com o arco tam ameude, que parecia que punha as frechas de duas em duas, matou logo Antonio Cardoso, & Afonso Fialho, & ao pagem de Manoel de Sousa, & ferio à Ioão Iusarte Tição, & à Martim de Castro, & outros dez, ou doze, & matara todos, se o não acertarão de matar cõ hũa espingardada, do qual asi avião medo os remeiros dos
10 catùres, em que os fidalgos vinhão, que não ousavão chegar à fusta d'el Rei. A maior cousa que elle fez, foi mandar aos seus que remassem para a cidade.

No meio desta revolta acertarão de vir tres navios de remo de gente d'armas da que el Rei tinha em Mangalor. E quando virão a requesta dos nossos sobre sua fusta, que conhecerão, & ouvião a grita da gente da cidade, que estava posta sobre os muros, & lugares altos, à grande pressa remetterão aos nossos, & como era gente d'armas, & vinha bem apercebida dellas, principalmente de espingardas, & frechas,
20 travarão com elles outra nova, & mais perigosa peleja. Mas Deos ajudou os nossos de maneira abalroando com elles, que não tiverão espaço de armarem os arcos, & cevarem as espin gardas, & em breve espaço matarão hum bom numero de Turcos, & os outros se lançarão no mar para escaparem: no qual tempo por os nossos andarem envoltos com elles, se alar garão da fusta d'el Rei. O qual vendose desabafado, apressava aos remeiros da fusta para se acolher à cidade, & se salvar nella. Mas atravessouse diante neste tempo hum impedimen to que o entreteve, que foi hum catùr que vinha da nossa for
30 taleza à grande pressa, como quem acode à arroido, de que era Capitão Bastião Nunez, à que chamavão Pantafasul. O qual com hum berço que trazia fez hum tiro à fusta d'el Rei que se ia acolhendo, & levoulhe tres, ou quatro remeiros, cõ que a fusta se estorceo, & ficando atravessada, & impedida, sem ir mais por diante, a marè que vazava lançou a fusta sobre os nossos, que se ião desembaraçando dos Mouros à custa do seu sangue. El Rei quando se vio naquelle estado, confiando que à nado se poderia melhor salvar que na fusta, porque acodião dos nossos muitos bateis, & catùres à ella, lançou
40 se ao mar, & outros que com elle ião: mas o peso da agoa que o impe-

o impedia surdir, o detinha, & ja de cansado começou de se nomear, dizendo, *Badur, Badur*, parecendolhe q̃ quē o ouvisse o salvaria. Tristão de Paiva hum cavalleiro de Santarem, quando o conheceo, fez chegar a sua fusta à elle, & dandolhe hum remo para se pegar, & o recolher, vèo hũ homē da mesma fusta, executor da divina justiça, & deulhe com hũa chuça pelo rostro, & sobre este vierão outros que o acabarão de matar, ficando sobre a agoa hũ bom espaço, atè que foi ao fundo, sem mais apparecer elle, nē o corpo de Manoel de Sousa, por muita diligencia que Nuno da Cunha sobre isso mandou fazer per toda aquella costa, para dar à cada hum sua devida sepultura, & tambem por memoria d'aquelle feito. 10

Ioão de Santiago, que foi autor de toda aquella tragedia, tambem nadando foi tèr ao nosso baluarte, que està na bocca da barra, onde bradou que o recolhessem: mas como elle não merecia tornar mais à terra, naquelle mar o matarão. Sòmente dos homēs de nome que ião com el Rei escapou Coge Sofar, o qual andando tambem nadando foi tèr à hũa fusta em que ião Antonio de Sotomaior, Francisco de Barros de Paiva, & Antonio Mendez de Vasconcellos, & por ser conhecido de Antonio de Sotomaior, lhe deu a mão, & recolheo, ja com hũa cutilada que lhe derão na fusta, com que se elle lançou ao mar. E quanto proveitosa foi sua vida naquelles dias para dar luz à algũas cousas das d'el Rei de Cambaia, tanto trabalho deu despois aos Portugueses, como se ao diāte verà. 20

Finalmente esta revolta custou as vidas das pessoas notaveis dos nossos que ja dissemos, & asi a de Alvaro Mendez, hum cavalleiro mancebo, que por se mostrar quē era entrou em hũa fusta de Mouros, onde cō outros dous cōpanheiros q̃ o seguião pelejou tã valerosamente, q̃ matou os mais delles, & outros fez saltar ao mar, & foi morto de hũa frechada pelo estomago, & em todos os catùres, & fustas ouve muitos feridos. Dos Mouros segũdo se despois soube morrerão mais de cēto & quarēta, dos quaes algũs corpos vierão tèr à praia da costa cō a marè, mas não de pessoas notaveis. Dos Capitães da fusta d'el Rei q̃ morrerão, q̃ todos erão grandes Senhores, forão os principaes delles Escandarchan natural do Reino de Mandou, Languerchan filho de Maluchan, Xabardin Agar, genro de Coge Sofar, que chamavão por sua valentia Tigre do Mūdo, Minacem Camareiro mòr d'el Rei, Gulpao 30 40

Rao

Rao Gentio, irmão de Nina Rao Capitão de Dio, & tio d'el Rei, & outros Senhores de grandes Estados, & rendas.

Este foi o fim d'aquelle Rei tam poderoso em Estado, em ,, terras, em gentes, & em tesouros, com que podia competir ,, com Dario, & com os maiores Principes que ouve naquelle ,, Oriẽte. Mas como a prospera fortuna q̃ em seus negocios tive ,, ra o embebedara, & lhe faltou a prudencia para se bem gover ,, nar nella, vèo à não sofrer a boa, como sofria a mà, quando ,, feito Calandar andava peregrinando pelo Mundo. Era Sol- ,, 10 tam Badur de sua condição homem fragueiro, & que sofria bem os trabalhos da guerra, para que teve excellentes Capitães, perque viera tèr ainda maiores Estados dos que teve, se seguira, o parecer dos bõos conselheiros; mas os de que se cõtentava erão os que tinhão mais vicios que virtudes, mais jactancia que animo, mais astucia que verdade, & dos em que achava mais lisonjas q̃ desenganos, como forão Rumechan, & Franguechan, que antes se chamava Ioão de Santiago, que o poserão no estado de sua perdição, & este no artigo da morte. Foi Soltam Badur de meãa estatura, & por ser de largos, & 20 grossos membros parecia mais pequeno do que era. Da côr era baço por sua mãi ser Resbuta da nação do Gentio da terra, que geralmente são baços. Tinha o rostro largo, os olhos grandes, & esbugalhados, & sempre inquietos, mas em sua acatadura não era mal assombrado. Foi mui ligeiro em saltar, & correr, & prezavase muito de hũa liviandade, que nem em pessoa particular merecia louvor, que era correr com grande ligeireza per cima das ameas de altos muros, & torres, & cõvidando à isso outros, à que porque o não fazião chamava covardos. Fallava mui bem tres, ou quatro lingoas. De sua con- 30 dição foi liberalissimo, & que não sabia dar pouco; & assi tinha algũs Capitães, & homẽs nobres estrangeiros em seu serviço, à que deu grandes terras, & Estados: & à outros de mui baxa condição fez muito grandes. Era tam vão, que lhe pesava de gabarem em sua presença à Alexandre Magno. E na verdade os espiritos tinha mui grandiosos, se usara bem delles. Por se mostrar magnanimo, a primeira vez que Nuno da Cunha se vio com elle, querendoo consolar de seu desbarato com os Mogoles, respondeolhe, que a guerra era jogo, que sem cabedal às vezes hum homem per hũa boa sorte ficava 40 rico de Estados, & às vezes perdia os que tinha, & despois os

tornava

tornava à cobrar com dobrado ganho: & dizia, que naquella sua desgraça sò per hũa cousa era triste, & o seria toda sua vida, que foi perder hum musico, que era todo seu gosto, que se não podia cobrar como os Estados, q̃ a fortuna trazia em almoeda. E despois vindolhe nova que este seu musico era vivo, alegrouse com Nuno da Cunha, dizendo, que folgasse com seu bem, que era vivo o seu musico. Tudo isto era por mostrar que não fazia conta de perder, ou ganhar Reinos. Finalmente pesando bem suas obras, nelle avia mais audacia que fortaleza, mais temeridade que audacia, & asi, se metria muitas vezes nos perigos, sem causa, nem frutto; como foi ir ver à fortaleza de Dio à Manoel de Sousa de noute, & desacompanhado, onde arriscou sua liberdade, & à Nuno da Cunha ao galeão acompanhado sòmente de nove homẽs, per onde perdeo a vida.

CAPITVLO VI.

Do que se fez na cidade de Dio com a morte de seu Rei, & do que Nuno da Cunha ordenou para conservar a mesma cidade em paz, & quietação dos moradores della.

AO Tempo que a peleja que dissemos foi no mar, toda a gẽte da cidade estava posta nos muros, & lugares altos de que se podia ver a nossa armada, & tambẽ o seu Rei. E antes disso quando souberão q̃ el Rei era ido ao galeão do Governador, & virão a sua tornada, o fim da peleja, & ouvirão a morte d'el Rei, foi tamanho o terror na gente, que todo seu intento era em salvar suas vidas, sem o marido tèr conta com a molher, nem as mãis com os filhos, todo o parentesco, & toda razão se esquecia, sòmente nos pès tinhão toda a lembrança. Tanta era a pressa com que fugião, que por não caber o concurso da gente pelas portas da cidade, muita se afogou, principalmẽte a que era fraca, como velhos, meninos, & molheres, com que obrigarão à outros lançarse per cordas per cima dos muros. E porque o Capitão da cidade mandou logo tomar todas as embarcações para a mãi d'el Rei, & para si, & os principaes da cidade fazião outro tãto, hũs caminhavão

vão para certos passos que tem a Ilha, perque se passa à terra firme de marè vazia. Outros se lançavão à nado, passando para a villa dos Rumes, dos quaes com pressa algũs se afogarão. Tanto poder tem o temor, que tira à esperança de salvação, onde a pode tèr, & vai pelos perigos da morte. Finalmente como na imaginação de todos era cuidar que tanto que viesse a manhãa Nuno da Cunha avia de entrar na cidade, & não avia de perdoar à ninguem, & dar saco nas fazẽdas, ninguem levava mais peso, que quanto lhe podia caber na mão. Os
10 presos forão soltos, porque para fugir todos erão desembaraçados: mas a gente d'armas, como era mas odiosa aos Portugueses, receando que por este odio avião de fazerlhe mais cruezas, pasaráose à terra firme, fugindo para os lugares mais longe da cidade. Nuno da Cunha, porque entendeo quanto desmancho se avia de fazer na cidade com a morte d'el Rei, per meio de Coge Sofar, q̃ elle recebeo com muitas palavras de esperança de lhe fazer bẽ, mandou lançar pregão per todas as naos, que estavão no porto, que serião cinquoenta vellas, que elle segurava à todos, & não lhe seria feito aggravo, an-
20 tes averião bom despacho, & lhe darião seus cartazes quando se fossem, sendo certos que partindose sem licença os mandaria tomar por cattivos, & perderião suas fazendas.

Quando vèo pela manhãa, per meio do mesmo Coge Sofar, mandou lançar outros pregões na cidade, que cada hum estivesse em sua casa, & se não fosse, nem temesse. E se algũs moradores naturaes da terra, ou mercadores, que alli erão vindos por razão de fazer seus cõmercios, aquella noute erão idos para a terra firme, podião tornar à suas casas, & pôr cobro sobre sua fazenda: porque por serviço d'el Rei Dom João
30 seu Senhor, & em seu nome elle os avia à todos por seguros; mas à gente d'armas, cujo officio era viver da guerra, elle os amoestava que dentro de dous dias se saissem da cidade, & que sendo despois achados, a pena seria perderem as vidas. Outros pregões mandou tambem lançar, que nenhum Portugues, de qualquer qualidade, & condição que fosse, ou pessoa que vencesse soldo d'el Rei de Portugal, entrasse na cidade, nem fizesse mal, & dãno aos moradores della, nem lhe fosse tomado o seu, per qualquer via que fosse, sob pena de morte. Com estes pregões ficou tudo tam assessegado, que d'ahi
40 à tres, ou quatro dias a mais da gente se tornou à suas casas. E

posto

posto que algũs acharão muitas cousas menos, & asi do que lhe caia pelas ruas com pressa da fugida, forão furtos dos proprios seus, sòmente hum bombardeiro dos nossos Framengo, por tomar hum pedaço d'ouro per força à hum Guzarate, o mãdou Nuno da Cunha enforcar, & tornar o ouro à seu dono. O que fez assessegar a gente, vendo o castigo que elle mãdava dar à aquelles que offendião aos naturaes da terra. Isto foi muito louvado dos Mouros, & Gentio da cidade, & d'ahi notarão que a morte de Soltam Badur mais fora culpa sua, que cobiça nossa, pois tanta justiça, & moderação se teve em hũa cidade orfãa de seu Rei, & chea de todo o tesouro q̃ avia em Cambaia. Porq̃ por razão da guerra dos Mogoles, & de se el Rei alli recolher, & os Capitães que andavão com elle, tinhão recolhido no mesmo lugar o melhor de sua fazenda. E para Nuno da Cunha mostrar a pouca cobiça que avia nelle para tomar a fazenda d'el Rei, & que sua morte não foi industriada à esse fim, sòmente causada por sua pouca prudencia, logo ao dia seguinte saio em terra em tres catùres, sem estrondo de gente d'armas, mandando ficar toda nas naos, por não assombrar a gente da cidade, & foise metter na fortaleza, onde averia mil & dozentos homẽs, que erão da guarda della, à cuja porta, & à da cidade mandou pôr guarda por ninguem entrar, & sair, & não aver algũa cousa de escandalo.

CAPITVLO. VII.

Do razoamento que Nuno da Cunha fez aos Capitães, & pessoas principaes da armada, & do comprimento que teve com a Rainha mãi d'el Rei Badur: & como mandou pòr cobro na fazenda d'el Rei, & do que se lhe achou per sua morte em seu tesouro, & almazẽs.

AQVELLA manhãa que o Governador Nuno da Cunha se metteo na fortaleza, depois de ouvir Missa, mandou chamar todos os Capitães, & principaes pessoas da armada, à que propos estas palavras.

Querervos Senhores repetir o que he feito sobre esta cidade de Dio, que ora tèmos em nosso poder pola morte de seu Rei, não servirà de mais

mais, que para vos trazer à memoria vossos trabalhos, pois quantos aqui estaes presentes, per elles, & per o suor de vosso rostro, atè derramar vosso sangue o tendes em lembrança, que à todos deve ser doce, & deleitosa, pois tudo o que fizestes foi per honra, & gloria de Deos, acrescentamento do Estado de nosso Rei, & louvor do nome Portugues. Porque se vemos tanto numero de escrittores porem tanto estudo, & trabalho em escrever a expedição de Alexandre, que partindo de Grecia, vezinha à esta Asia, com tam alto estilo celebrarão a guerra que teve com Dario Rei de Persia, & com Poro Rei de hũa
10 parte do Delij, & encarecem tanto a navegação de seu Capitão Nearcho * por ir pelo rio Indo abaxo, atè as suas fozes, que aqui temos por vezinhas, & passar pelo nosso Estreito de Ormuz, & entrar pelas boccas dos rios Tigris, & Euphrates, atè Babylonia, cujas historias nos deleitão: que poderão escrever de nos, que vindo de tam remotas regiões, per mares nunca vistos, nem navegados, nos fizemos Senhores desses mesmos mares, & da navegação, conquista, & cõmercio delles, & contendemos per mar, & per terra, com tantos Reis, & Principes, de que ouvemos tam assinaladas vittorias, & entre elles com Soltam Badur, mais poderoso em gente, & em armas, & artelha-
20 ria, & elefantes, & mais rico em ouro, prata, & pedraria, & todas as delicias Orientaes, do que erão Dario, & Poro? Certo que se os escrittores disserem verdade, contarão, que não sendo nos Gregos vezinhos da Asia, mas Portugueses, mais remotos de todas as gentes, vindos do ultimo do Mũdo, donde o Mar, & a Terra, & o Ar fazem sua demarcação, não peregrinando per terra, como os Gregos, gozando dos refrescos, & delicias della, repousando em partes, onde os homẽs tem paciencia para sofrer o frio, & a calma, & alterações dos tempos, mas que navegamos per mares de climas differentes, atravessando toda a grandeza do mar Oceano, comendo o duro, & podre biscouto, & salgada
30 carne, bebendo agoa corrupta, & mal cheirosa, com mais frio, & ardor do Sol do que a natureza dos homẽs pode sofrer: & para alivio destas cousas, padecendo assombramentos de tempestades, que não obedecem aos homẽs, nem temem suas armas, & ardijs, nem algum artificio humano, à que se não pode fugir, nem buscar acolheita. Chegados à este Oriente, achamos os inimigos mui mais contrarios, & infestos do que os acharão os Gregos, que adorando Iupiter, Apollo, ou Bacho, achavão os inimigos que adoravão os mesmos, & assi erão todos confrades de hũa seita. E confessando nos hum Criador do Ceo, & da terra, achamos Gentios remotos do conhecimento
40 deste mesmo Deos, em todas suas opiniões contrarios, & nas vontades

* Esta navegação escreve Arriano no livro. 8.

muito mais. Achamos Mouros professores da torpe, & abominavel seita de Mafamede, cujo preceito he perseguir com armas os servos de Christo, & morrer por os extinguir. Achamos Iudeus que blasfemão seu santo nome, per cuja Fè nos offerecemos à padecer martyrio. Pois se somente a esperança que pomos na misericordia de Deos nos salva de tantos perigos, & nos fez poderosos para amansar tam soberbo inimigo como era Soltam Badur Rei de tantos Reinos, mais poderoso, mais cavalleiro, & mais rico, que todos os Reis do Oriente, devemos dar muitas graças à Deos vermos sua morte per permissão divina, mais ordenada por ella, que procurada per nos, com que ficamos vencedores de sua fortuna, que foi a maior que se vio em Principe algum, em tam breve tempo. Porque sendo hum filho menor, desprezado de seu pai, & por isso desterrado, & feito Calandar, lhe matou Deos à seu pai, & elle à seus irmãos maiores, & herdeiros da casa Real, perque em mais breve tempo que elle desejou vèo ser herdeiro do Reino de seu pai, & de seus grandes tesouros, juntos per tantos Reis passados. E não contente com tam opulento Reino, como he o de Guzarate, conquistou, & ganhou os grandes Reinos do Mandou, & de Chitor. E se tivera governo em sua pessoa, como tinha bõos Governadores, & Capitães, vencera à Omaum Patxiah Rei do Delij, & dos Mogoles, que era hum grande Emperador. Mas como a justiça de Deos muitas vezes per algum tempo dissimula com as culpas dos maos, & os deixa gloriar dos triumphos de seus desejos, para os castigar no maior prazer delles, & sentirem mais o castigo. Assi este Rei tam glorioso de suas vittorias, no primeiro encontro com Omaum Patxiah tam quebrantado ficou de sua soberba, que vèo buscar nosso amparo, & fazendolhe nos tanto beneficio, por sua inquieta natureza, & inconstancia, ordio hũa tea, & armou laços em que elle em fim vèo à cair, perque ficamos Senhores desta cidade requestada de tantos annos. Da qual se sua morte não fora, não somente foramos lançados, mas de toda a India, por estar concertado com os mais dos Potentados della, onde tinhamos nossas fortalezas, que contra nos, por seu respeito, estavão conjurados. Polo que à Deos mais que à nossa industria devemos o inteiro dominio que agora temos nesta cidade tam desejada d'el Rei Nosso Senhor. E os que nisto somos o instrumento perque Deos nos fez entrega della, devemos esperar de S.A. aquella merce que de sua grãdeza se espera, & elle costuma fazer. Quis Senhores propor vos estas cousas para dellas tirarmos hum novo

conselho,

conſelho ſobre o que devemos fazer deſta cidade, que nos Noſſo Senhor tem dado: Porque não merece menos quem bem, & fielmente acõſelha, que quem animoſamente peleja.

Acabãdo Nuno da Cunha de fazer eſta prattica à ſeus Capitães, entrou em outra acerca do governo da cidade, & couſas q̃ convinha ſerem logo providas. E ſobre diverſos pareceres vierão os mais dos Capitães à concordar cõ o de Nuno da Cunha. A couſa em q̃ primeiro entẽdeo, foi entregar a Capitania d'aquella fortaleza à Antonio da Silveira de Meneſes, 10 não tanto por ſer ſeu cunhado, como por cõmum voto de todos, por as qualidades de ſua peſſoa, de cuja eleição ſe deſpois não acharão enganados, como adiante veremos. Apôs o Capitão, nomeou logo por Alcaide môr da fortaleza à hum fidalgo avido por mui bom cavalleiro, per nome Paio Rodriguez de Araujo, por Iuiz da balança à Manoel de Vaſconcellos, que era o officio mais proveitoſo, & honrado da cidade; à Franciſco Enriquez de Aguiar Teſoureiro, à Iorge Barboſa Eſcrivão. E para deſpacho das naos q̃ alli eſtavão cõ mercadorias, fez Gaſpar Paez Iuiz da alfandega da cidade, & na da 20 villa dos Rumes, pôs Gaſpar Preto para recadação dos dereitos dos mantimentos, fez Iuiz, & Teſoureiro Diogo Rodriguez de Azevedo, & Eſcrivão Rui Lopez; & das couſas que vinhão da terra firme, pôs por Iuiz, & Teſoureiro Franciſco Pacheco, & Eſcrivão Andre Villella.

Ordenados os officios, quis logo fazer cõprimento com a Rainha mãi d'el Rei, q̃ eſtava em Novanaguer, & cõ o Rao Capitão de Dio q̃ eſtava cõ ella; & mandou a viſitar, diſculpãdoſe da morte de ſeu filho, q̃ fora mais culpa delle meſmo, & accidẽte, por cauſa da morte de Manoel de Souſa, q̃ induſtriada 30 per elle Governador. Porq̃ ſe elle tivera tẽção de o matar, na camara do ſeu galeão o tinha mais à ſua vontade, pedindo lhe que ſe não moveſſe donde eſtava, em quãto o Reino não tomava algum aſſento. E que querendoſe ella vir para à cidade à ſua caſa, elle a teria em ſua guarda, com aquella lealdade, & reſpeito, como à hũa Princeſa mui conjunta per parenteſco d'el Rei Dom Ioão ſeu Senhor. A Rainha não quis ouvir o recado, do que o Rao a mandou deſculpar, que com o grande nojo que tinha o não ouvira.

Paſſado aquelle dia; tendo ja Nuno da Cunha mandado 40 lançar cadeados, & ſellos nas caſas d'el Rei, & aſsi nas caſas da

Rainha, alem dos que ja tinha, ao outro dia ſeguinte mandou Antonio da Silveira, Fernão de Souſa de Tavora, o Secretario Ioão da Coſta, & Eſtevão Toſcano Feitor da armada com ſeus eſcrivães fazer inventario de toda a fazenda que eſtava nas caſas d'el Rei, & da Rainha, a qual toda ſe entregou ao Feitor Antonio da Veiga. O que ſe em caſa d'el Rei, & da Rainha achou, em moeda d'ouro, & prata, & algum metal por lavrar, dizem que ſerião dozentos mil pardaos, afora algũas joias, & pannos de brocado, & ſeda. Mas os que ſabião os grandes teſouros d'ouro, prata, & pedraria, baixellas, arreos de cavallos d'ouro, & pedraria, & outras riquezas que ficarão de ſeu pai na Serra de Champanel, afora o que o meſmo Badur acquirio nas conquiſtas dos Reinos de Mandou, & Chitor, & de outras partes, eſpantavãoſe do pouco que ſe lhe achou. E como os homẽs naturalmente ſão pronos ao mal, & como dizem dos maos vezinhos, ſabião o que entrou em poder d'el Rei Badur, & não inquirirão o que ſaio, attribuião ſer muita parte de ſeu dinheiro, & moveis roubada pelos miniſtros que lhe fizerão o inventario, & tomarão entrega do que ſe achou, atè não perdoarem à peſſoa de Nuno da Cunha. Porem os que virão ſeu teſtamento, & ſua fazenda deſpois de ſua morte, & o pouco que em ſeus herdeiros ſe enxergava, & outros muitos ſinaes de ſua limpeza, tinhão aquillo por calumnia. Mas a verdade era que não foi achado mais, porque el Rei vèo aforrado à Dio, & muita parte do que tinha deixou em Mangalor. E per algũas addições dos livros de ſua deſpeſa ſe ſoube per informação de ſeus officiaes, que nas guerras que fez no Decan, & quando foi ao Reino de Mandou gaſtou cinco contos d'ouro. Os Mogoles lhe tomarão no arraial que deſamparou tres contos & meio d'ouro, afora muita pedraria, & toda ſua recamara de joias, & movel de grande preço. Seu tio Nina Rao quando lhe foi fazer gente em Chitor contra os Mogoles, lhe gaſtou hum conto & meio d'ouro. Outro Capitão perque mandou fazer gente aos Resbutos, lhe deſpendeo hum conto d'ouro. Para lhe trazer gente de guerra, mandou per Safchan ao Cairo tres contos d'ouro, & ſegundo outros quatro & meio, afora joias d'ouro, & pedraria, q̃ valião ſeiſcentos mil cruzados em preſente ao Turco. Fugindo de Chãpanel no caminho

caminho, alem de muitas joias, perdeo hum conto & meio. A mãi quando ſe foi de Dio para Novanaguer, levou (ſegundo ſe dezia) dous contos d'ouro, afóra muitas joias. Deſtas poucas addições, que montão dezanove contos d'ouro, ſe pode collegir, o que gaſtaria em outras guerras, & em dadivas exceſsivas, & merces que cada dia fazia, que era couſa ineſtimavel.[a]

Mas o que per morte d'el Rei Badur ſe achou em ſeus almazés de polvora, materiaes para fazer outra, muitos artificios de fogo, eſpingardas, arcos, & frechas ſem conto, & todas outras munições, grande numero de ſellas, & ricas cubertas de cavallos, & armas de todo genero, & tantos mantimentos de toda ſorte, foi couſa maravilhoſa, & que em vinte annos parecia ſe não poderião gaſtar. A armada que ſe achou era de cento & ſeſenta vellas, em que avia muitas, & fermoſas galès, galeões, & naos de carga, & fuſtas todas mui bem aparelhadas.[b] A artelharia, aſsi dos navios, como dos almazés, era de grande numero de peças de metal mui grandes, em que avia tres baſiliſcos de admiravel grandeza, dos quaes hum que fora do Soltam de Babylonia, que Rumechan trouxe quando vèo à Dio, por ſer peça notavel, Nuno da Cunha mandou à el Rei à Portugal,[c] & as peças de ferro erão ſem numero, & dellas mui fermoſas, & grandes.

a. *Pelo que ſe refirio do teſouro de Soltam Badur na nota do cap. 8. do liv. 6. & do preſente que elle mãdou ao Turco per Saſchan, como ſe eſcreveo na nota do cap. 11. do meſmo livro, ſe poderà colligir a grandeza dos teſouros deſte Rei.*

b *Erão dezoito galès, & galeottas, trinta fuſtas, & catùres, tres galeões, quatro naos de carga, & quatro taforeas. Francisco de Andrade cap. 42. da 3. parte.*

c. *He o que oje eſtà no caſtello de Lisboa, à que chamão Tiro de Dio.*

CAPITVLO. VIII.

Da juſtificação que Nuno da Cunha moſtrou aos Mouros, & Gentios acerca da morte do Soltam Badur.

AO Tempo que ſe fez inventario da fazenda d'el Rei Badur, entre papeis, & cartas que ſe acharão em ſua caſa, & em caſa de Abdelcader ſeu Teſoureiro mòr, ſe acharão algũas cartas, em que o Saſchan, que era irmão do Teſoureiro, eſcrevia à Soltam Badur o que là em Meca onde eſtava negociava, ſobre os Turcos que mandava buſcar para a guerra contra Portugueſes. E outras que erão reſpoſta das q̃ o meſmo Soltam eſcrevia aos Reis de Adem, & de Xael em dano dos Portugueſes, & o que ordenava ſobre iſſo. As quaes

cartas,& húa inquirição que Nuno da Cunha mandou tirar, per Iacome Pirez Ouvidor de Baçaim, testemunhada per Mouros,& Christáos, jurando cada hum sobre sua lei, lhe deráo motivo para por abono,& honra sua,& lealdade dos Portugueses, mandar chamar Coge Sofar, de que naquelle tempo usou, como de hum instrumento necessario para assentar as cousas d'aquella cidade, por a muita autoridade que tinha entre Mouros,& Gentios. E per seu meio se ajuntaráo os principaes mercadores, Cacizes da cidade, à que o povo dà grande credito por lhe administrar os preceitos, & ritos de sua seita.

A estes todos fez Nuno da Cunha hum razoamento, dizendo: Que elle mandava logo despachar toda a mercadoria que estava na alfandega, asi dos naturaes, como estrangeiros, para se irem em boa hora com seus retornos, com todo favor,& justiça, sem lhe ser feito aggravo algum. E que a causa porque mandara lançar pregóes, que ninguem se fosse sem seu mandado, fora por náo levarem as orelhas, & os olhos cheos de escandalo, do que era passado naquelle desastre da morte de Soltam Badur, nem irem denunciando mal dos Portugueses injustamente. E que como elle era Governador d'aquellas partes da India, por o mais Christáo, & virtuoso Principe da Christandade, & que nenhúa cousa mais encomendava em seus regimentos aos Governadores, que verdade, & fè no promettido, & lealdade na cõmunicação que tivessem com todo genero de homẽs, do mais pequeno mercador, atè o mais alto Principe da India, elle se queria justificar de suas obras,& que tinha comprido com o que lhe el Rei seu Senhor mandava, principalmente nas cousas que tocaváo à Soltam Badur. Sobre o qual S. A. particularmente escrevia, mandandolhe que trabalhasse per todo modo,& arte de assentar paz com elle,& nunca dar causa de se quebrar. E que quando elle fosse tam duro,& mal attentado, que náo quisesse tèr esta paz, & aceitasse antes a dos Turcos, & Rumes seus inimigos,& competidores nas cousas da India, em tal caso lhe fizesse guerra à fogo,& à sangue. Porque isto era o que convinha ao Rei que tivesse alma, & honra, & nunca cõmettesse cousa contra alguem per modo de traição; & aos seus amigos, & aliados ajudasse quando de suas armadas, & gente tivessem necessidade. As quaes cousas despois que elle

entrara

entrara na India no anno de M.D.XXIX. atè o presente de M.D.XXXVII. tinha usado com Soltam Badur. Primeiramente fazendo muitos comprimentos para trattar com elle paz, sem o poder chegar à conclusão della. Do que se causou fazer per muitos annos guerra publica, & descuberta, como lhe el Rei seu Senhor mandara, sem nunca per modo algum lhe armar traição, ou enganno, atè que suas fortunas o tratarão de maneira com traição de hum Turco de que elle confiava, que foi Rumechan (como à todos era notorio) que
10 vèo el Rei Badur à dar Baçaim, & aquella fortaleza de Dio em que estavão: a qual o mesmo Badur tomou por abrigo, & amparo de seus trabalhos. E que todos sabião, que se el Rei Badur não confiara sua pessoa d'aquella fortaleza, & dos que nella estavão, elle se sáira fora de seu Reino para Meca. E não sòmente com ella ficou seguro de não perder a posse de seu Reino: mas ainda por esta paz concorrerão à aquella cidade de Dio tantas naos, & mercadorias, que se tornou à restaurar todo o Reino de Guzarate, com os rendimentos das entradas, & saidas dellas, de quam perdido, &
20 destroido estava das guerras dos Mogoles. E com todos estes beneficios, & proveitos tam manifestos que Soltam Badur via, como homem inimigo de seus proprios naturaes, & por seu pouco discurso, movido de seus impetos, & não per conselho de homẽs nobres, & que amassem seu Estado, mas per gente baxa, & vil, sempre com elle Nuno da Cunha andou em manhas, & cautelas, desejando quebrar a paz que cõ elle tinha assentada. E (o que peor era) movendo à todos os Principes do Decan, & à el Rei de Calecut, & aos Reis da costa da Arabia, q̃ cada hum no q̃ pudesse se levantasse contra os
30 Portugueses, porq̃ elle ordenava de os lançar fora da India. E por não parecer à elle Coge Sofar, & aos mais q̃ estavão presentes, que isto era assacado, lhe mostrava alli aquellas cartas, cujos sinaes conhecião, que se acharão entre os papeis de Soltam Badur, & de Abdelcader, & asi naquella inquirição q̃ mandara tirar, do q̃ Soltam Badur tinha ordenado. E q̃ sòmẽte à fim de prender, ou matar à elle Nuno da Cunha, & à quantos Capitães podesse em hum banquette que lhe avia de dar, o mandara chamar à Cochij. E sabendo elle muita parte destas cousas, quando foi ao galeão visitalo, onde pudera fazer ao Soltam, & aos Capitães que consigo levava,
40

o que elle esperava de lhe fazer, tudo sofrera por comprir cõ os mandados d'el Rei seu Senhor, que era não fazer contra elle cousa algũa per engano, ou mà fè. Mas parece que permitio Deos de matar elle à Manoel de Sousa da maneira que elle Coge Sofar vira, para que se armasse o arruido em que foi morto, para se comprir a justiça de Deos. E porque elle queria dar boa conta de si à el Rei Dom Ioão seu Senhor, & asi denunciar à todos os Principes Mouros, & Gentios d'aquellas partes Orientaes, com que os Portugueses tinhão cõmunicação, que a morte de Soltam Badur foi mais accidente de culpa sua, & juizo de Deos, que industria delle Nuno da Cunha, pois sem morte de Capitães o pudera elle prender no seu galeão, elle os mandara chamar como à testemunhas de vista, para lhes mostrar aquellas cartas, & a inquirição, que per mãos de Mouros, & Christãos tam honrados estava asinada, & jurada, para que do que el Rei ordenava fazer lhe dessem instrumento: & como despois de elle vir do seu galeão aonde o foi ver, tornando para a cidade, mandãdolhe elle Nuno da Cunha recado per Manoel de Sousa Capitão da fortaleza, elle o mandara matar ante si, sem tèr causa para isso, antes muita para lhe fazer muitas merces, por a verdade, & lealdade que lhe Manoel de Sousa tinha guardado, por as vezes q̃ Soltã Badur o foi ver à fortaleza, & encostado na sua cama, lhe dizer: *Capitão agora tẽes el Rei em teu poder, faze o que quiseres.* Da morte do qual Manoel de Sousa se levantou o arroido entre quatro fidalgos que com elle ião, & os Capitães delle Badur, no qual elle se metteo, & foi ferido, & per si mesmo se lançou no mar, onde se afogou. As quaes certidões que pedia per muitas vias asinadas per elles, & pelos Cacizes, avia de mandar à Portugal, & aos Principes Mouros, & Gentios, para ser à todos notorio, que os Portugueses ainda que fazião crua guerra à seus inimigos, não erão cõmettedores de traição: mas mui leaes em seus feitos, & esta fama tinhão em toda a Christandade, onde erão conhecidos. E que com estas certidões, queria mandar pelas mesmas naos estrangeiras q̃ hi estavão, denunciar à todos os que com suas mercadorias quisessem vir à aquella cidade de Dio, que o podião fazer, onde lhe seria guardada sua justiça tam inteiramente como em vida de Soltam Badur. E que os que viessem dereitos para aquella cidade, posto q̃ não trouxessem cartazes, não lhe seria

feito

feito dáno algum per as armadas dos Portugueses. Porem que quando tornassem os levarião, para saber como vinhão alli como mercadores, & não como gẽte d'armas, de que os Turcos usavão por cautela sua.

Desta maneira justificou Nuno da Cunha entre aquelles Mouros a causa da morte d'el Rei Badur ser por sua culpa, & não ordenada per elle. E nas lingoas Arabica, & Persiana ouve muitas cartas, como testemunhaveis, segundo as elle pedio asinadas per Coge Sofar, & per os principaes mercado-
10 res, & pelos Cacizes, das quaes hũa mandou aos Principes do Decan, à el Rei de Narsinga, & ao de Ormuz, & outras à costa de Arabia, atè à el Rei de Adem. E alem desta justificação que Nuno da Cunha quis mostrar de sua pessoa, & da verdade dos Portugueses, acerca da morte d'el Rei de Cambaia, tambem o fez por quebrar o animo d'aquelles que com Soltam Badur estavão confederados em dáno dos Portugueses, principalmente por desfazer algum fundamento, que as galès de Suez terião no favor de Badur, & se ver como aquelles que armando laços de morte aos Portugueses, vinhão à cair
20 nelles, por juizo de Deos, com mais favor seu do que esperavão.

CAPITVLO IX.

Do mais que ordenou Nuno da Cunha para bom governo, & quietação do povo, & como mandou à Portugal a nova da morte de Soltam Badur, & da vinda de Mir Mahamed Zaman ao Reino de Cambaia.

30

EM Quanto Nuno da Cunha ordenava as cousas do assento, & governo da cidade, & dava ordem para despacho dos negocios correntes, tambem entendia em outros à que convinha logo acodir, por acquietar, & alegrar os animos dos Guzarates da terra. E o principal que fez, foi mandar que todas as cousas ordenadas per Soltam Badur na cidade corressem como d'antes, como foi acudir cõ mantimento ás pessoas à que o el Rei dava, & que se alumiassem as alampadas
40 das Mesquitas, provèr de esmola aos pobres, como el Rei fa-

zia, & pela ordem que elle ordenara, & q̃ tudo ſe pagaſſe das rendas da cidade, por quanto elle avia por ſerviço d'el Rei de Portugal, & conſervação d'aquella cidade não ſe mudar couſa algũa das q̃ ſe fazião antes da morte de ſeu Rei, & tinha muito tento em não eſcandalizar os animos dos Mouros. E entre outros que ante Nuno da Cunha vierão à requerer confirmação das tenças, ou mantenças que Soltam Badur lhes dava, foi hũ homẽ monſtruoſo de idade de trezentos & trinta annos, ſegundo affirmavão todos os principaes da cidade, & o meſmo Badur q̃ como couſa rara o fez vir ante ſi, & moſtrara à Nuno da Cunha quando o foi ver à Dio. Lembravaſſe eſte homẽ ſer toda Cambaia de Gentios, & não aver povoação em Dio. A prova q̃ avia de elle ſer de tãta idade era dizerẽ homẽs muito velhos moradores de Dio, q̃ ouvirão à ſeus pais, q̃ ouvirão à ſeus avòs, q̃ ja em ſeu tempo eſte homẽ era avido por muito velho, & não ſabẽdo lèr, nẽ eſcrever, contava couſas mui antiguas de Dio q̃ avia eſcrittas, dizẽdo aver ſido preſente à ellas, & aſsi as relatava como teſtemunha de viſta, & não como quẽ as ouvira. Tinha hũ filho de noventa annos, & outro de doze. Dizia q̃ quatro, ou cinco vezes lhe cairão os dentes, & lhe tornarão à naſcer, & outras tantas vezes lhe cairão as cãas, & lhe naſcerão cabellos pretos de novo. Em ſeu aſpecto parecia homẽ de ſetenta annos. Era de pequenna eſtatura, magro, & de pouca barba, de nação Bengalla, & homem ſimplez naturalmente, à que os longos annos não fizerão ſabedor. De Gentio q̃ era, ſe fizera Mouro avia pouco tẽpo. O Governador lhe mandou ver o pulſo per hũ Medico, q̃ lho achou mui esforçado, & lhe confirmou a tença que o Soltam lhe dava.[a] Deſta maneira compria o Governador com as obrigações d'el Rei Badur. E quanto à juſtiça, & demandas que os Mouros tinhão entre ſi, mandou q̃ elles meſmos elegeſſem juizes, ſegũdo ſeu coſtume, mas q̃ não julgaſſem à morte peſſoa algũa, ſem darẽ razão do delicto à elle Nuno da Cunha. E para iſto melhor ſer, mandou q̃ os juizes foſſem cõſultar ſobre eſtes taes caſos cõ a Rainha mãi de Soltã Badur, & cõ o Rao Capitão de Dio, q̃ eſtava em Novanaguer. Mas a Rainha eſtava tal, que nunca acudio aos comprimentos de Nuno da Cunha; antes entendendo que elle eſtaria eſcandalizado della, por não reſponder à ſeus recados, & offerecimẽtos, temeo ſua indinação, & q̃ foſſe à ella, & lhe tomaſſe o que

a. Era vivo eſte homem no anno de M.D.XLVII. porque deſpois do ſegũdo cerco de Dio, em tẽpo do Viſorrei Dom Ioão de Caſtro, o virão naquella Ilha, & não ſe ſoube de ſua morte. Diogo do Couto cap. 12. liv. 1. Decada. 5.

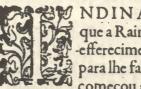
o que levou quando se saio de Dio. Pelo que se foi de Novanaguer para hũa fortaleza chamada Talajâ, do que se ella despois arrependeo, como se ao diante dirà.

Neste mesmo tempo soube Nuno da Cunha que as vinte fustas que achou em Baçaim, quando elle per hi passou, que o Capitão dellas era criado de Coge Sofar, pelo que fez com o mesmo Sofar que lhe escrevesse hũa carta que entregasse as fustas à Gonçalo Fernãdez, & Nuno da Cunha lhe escreveo outra. Mas o Mouro que naquelle tempo estava em Surat, como sagaz que era, beijou as cartas, dizendo, que obedecia à ellas, & que o notificaria à gente. Porem com a nova da morte d'el Rei Badur, que entam souberão, se alvoroçarão de maneira que lhe não quiserão obedecer. E quando Gonçalo Fernandez se vio salvo do alvoroço, & no seu catûr em que ia, ouve que escapara de hum grande perigo, & tornou dar recado à Nuno da Cunha do que achara. O qual mandou là Thome Gonçalvez da Frotta, com tres catùres, & dinheiro para tomar gente que remasse as fustas: mas os Mouros as tinhão ja mettidas tanto pelo rio adentro, & a terra estava tam levantada com a morte d'el Rei Badur, que não ousou metter o negocio à força por não levar poder para isso, & tornouse para Dio. Nuno da Cunha não quis perfiar, esperando que passasse aquelle impeto do nojo da morte d'el Rei, & de as aver despois à mão à pouco custo, como ouve. E mandou per terra a este Reino hum Iudeu per nome Isac do Cairo, com nova à el Rei da morte de Soltam Badur, ao qual el Rei deu de alviceras hũa grossa tença em sua vida.

Antes que esta nova da morte d'el Rei Badur fosse tèr ao Reino de Mandou à Mirhan Mahamed Xiah, seu sobrinho filho de sua irmãa, era partido de là para Dio Mir Mahamed Zaman, cunhado de Omaum Patxiah Rei dos Mogoles, o qual trazia cartas deste Mahamed Xiah de rogo para el Rei Badur seu tio, em que lhe encomendava este Zaman que o favorecesse, & sostentasse com a honra com que o soia trattar. Porque posto que elle o tinha servido bem, & lealmente contra Omaum Patxiah seu cunhado, despois que Badur foi por elle desbaratado, & que a principal causa da guerra, que entre elle, & Omaum se fez, fora o mesmo Zaman, tinhalhe Badur tamanho aborrecimento, que o não podia ver. E sentindo Zaman este desgosto em Soltam Badur, foise à Mãdou, onde

onde andava seu sobrinho Mirhan Mahamed, parecendolhe que com os serviços que lhe là fizesse, tornaria restituirse em sua graça. E achando elle no caminho nova da morte d'el Rei, & que sua mãi, & o Capitão Nina Rao erão saidos de Novanaguer para a fortaleza de Talajà, fez para là seu caminho. E como elle levava dous mil homẽs de cavallo que o seguião naquella guerra, como à hum principal Capitão, & cavalleiro de sua pessoa; o Rao que estava com a Rainha o não quis recolher dentro, & vèo lhe fallar fora da fortaleza. Elle disse ao Rao a causa de sua vinda, & que sabẽdo no caminho a nova da desastrada morte d'el Rei, que para elle fora a mais triste que na vida se lhe pudera dar, se vinha appresentar à Rainha para saber della que mandava que elle fizesse; porque sua vontade era offerecer a vida em vingança da morte d'el Rei seu Senhor, por tal traição. O Rao lhe agradeceo os offerecimentos, & lhe disse daria disso conta â Rainha sua Senhora. E deixandoo no campo, lhe tornou dar as graças da parte da Rainha do que dizia, mas que ella ao presente não entendia em mais que em lagrimas por seu filho, que elle se podia tornar em boa hora para Mandou donde viera.

CAPITVLO. X.

Como Mir Mahamed Zaman foi nomeado por Rei do Guzarate cõ favor de Nuno da Cunha.

NDINADO Zaman por a sequidão com que a Rainha o tratou, & lhe respondeo à seus efferecimentos, não lhe querendo dar entrada para lhe fallar, nem a ver, desconfiando delle, começou à imaginar como della tomaria vingança. Polo que fingindo que se tornava para o Mandou, se foi lançar em hum passo, per onde soube que a Rainha avia de passar para outro lugar maior, não se tendo por segura naquelle em que estava, no qual passo Zaman a esbulhou de quanto ella salvou quando se foi de Dio, que dizem seria em dinheiro, & ouro por lavrar, afora joias, dous contos d'ouro, deixandolhe somente o movel, por se não embaraçar com elle. A mais da gente que ia em companhia da Rainha erão Persas, Arabios Abexijs, & outras nações, que seguem mais o soldo

o soldo que lhes dão, que o Senhor à quem servem. Zaman conhecendo a natureza d'aquella gente, denunciou soldo dobrado, com que todos o seguirão, que fazião numero de cinco mil homẽs, os quaes movidos da utilidade presente, & da que esperavão, intitularão logo à Zaman por Rei do Guzarate. Com aquelle nome se vèo metter em Novanaguer: & por lhe parecer que proceder em tamanha empresa, não poderia ser sem favor dos Portugueses, & que delles se podia muito aproveitar, mandou hum messageiro à Nuno da Cu-
10 nha, pedindolhe pois ja com seu cunhado Omaum Patxiah tivera prattica sobre as cousas de Soltam Badur, & viera à partido com elle de lhe pedir certos portos de mar do Reino de Guzarate, & elle estava intitulado por Rei delle, per consentimento de mais de seis mil homẽs, & el Rei Badur não tinha filhos; & posto que os tivera, era tam grande o odio q̃ todos tinhão aos de sua linhagem, por suas cruezas, que antes tomarião por Senhor que os governasse à hum estrangeiro, que à algum de seu sangue, que o quisesse aceitar por amigo, & favorecer naquelle nome que lhe derão. Quanto mais,
20 que per justiça à elle pertencia a successão d'aquelle Reino, por ser da Coroa do Reino de Delij, & elle descender dos Reis delle, pola qual razão (como elle Governador sabia) Omaum Patxiah seu cunhado pretendeo aver aquelle Reino. Mas como elle não queria perseverar na posse em que estava, sem vontade delle Governador, & o queria tomar nisso por favorecedor, lhe pedia que na Mesquita da cidade mandasse que seu nome fosse encomendado com titulo de Rei do Guzarate, & elle lhe faria qualquer partido dos que queria fazer com Omaum Patxiah. Nuno da Cunha tendo recebido
30 este messageiro honradamente, lhe respondeo com palavras de seu contentamento. E travada mais prattica sobre este negocio, per recados que ião, & vinhão entre Zaman, & Nuno da Cunha, com conselho que elle teve com seus Capitães, em que se examinarão muitas razões, que per hũa parte, & outra se derão, assentou com Zaman estes Capitulos.

Que elle Mir Mahamed Zaman Rei do Guzarate dava à el Rei de Portugal todas as terras da costa do Reino de Guzarate, começando da cidade de Mangalor atè à Ilha de Beth, com todos os portos, & povoações que nellas ouvesse, & entrando pelo sertão duas legoas. E pe-
40 lo mesmo modo lhe dava a villa de Damam na enseada de Cambaia,
atè

atè Baçaim, com todas as terras, & Paraganas, com toda a jurdição, & rendimentos, assi como estavão encabeçadas, segundo se continha nos foraes dellas.

Que se el Rei de Portugal quisesse naquelles lugares mandar bater moeda, para correr entre os Guzarates, fosse o proveito seu, mas o cunho seria com a chapa, & sinal delle Mir Zaman.

Que todos os navios de guerra de Soltam Badur, & asi os de carga, com fazenda, ou sem ella, onde quer que fossem achados, ou vindo de fóra, os mandaria entregar.

Que em nenhum de seus portos consentiria fazer navios de guerra, somente se farião naos de carga para mercadoria. 10

Que os cavallos que viessem per mar, pagariao os dereitos que pagavão em Goa, & os dereitos delles serião para el Rei de Portugal.

Que os escravos dos Portugueses que fugissem para terra firme aos Mouros, & asi os que ja lá estavão, os mandasse entregar.

Que qualquer Portugues que lá andasse sem licença do Governador da India, ou do Capitão de Dio, ou Baçaim, o mandasse entregar preso.

Que os mercadores não fossem impedidos de ir, & vir com suas mercadorias, ainda que ouvesse guerra entre os Portugueses, & Guzarates, antes averião todo favor, & ajuda, nem lhe serião levantados os dereitos que ordinariamente pagavão. 20

E que Mir Zaman daria à el Rei de Portugal a quintãa de Melique, que està em Novanaguer.

Estes apontamentos feitos em lingoa Portuguesa, & na Parsea, forão asinados, & sellados com o sello de Zaman, segundo nos vimos donde tiramos estes Capitulos. E para confirmação de tudo, deu logo de boa entrada cinquoenta mil pardaos d'ouro, para pagamento dos soldos da gente d'armas, que Nuno da Cunha mandou entregar ao Secretario Ioão da Costa, & da sua mão se despenderão em soldos da mesma gente, & compra de pimenta. 30

Por esta amizade, & paz que assentarão Nuno da Cunha, & Zaman, se atreveo elle confiadamente mandar pedir conselho à Nuno da Cunha, sobre o que faria para levar avante esta sua pretensão, & ficar obedecido pelos Guzarates. Ao que Nuno da Cunha respondeo, que por a morte de Soltam Badur, a primeira cousa em que os grandes do Reino avião de entender era elegerem Rei, para terem cabeça à que seguir. E que segundo lhe tinhão ditto, todos os principaes do 40

Reino

Reino,eráo ja para isso juntos, & queriáo levantar por Rei hum moço de doze annos sobrinho de Badur, per nome Ma mud,como seu pai Soltam Mamud,que Badur matou,como elle tinha sabido,& isto por se dizer que era fallescido Mirhan sobrinho d'el Rei,que elle deixou no Mandou. Que seu pare cer era,asi como estava, antes q̃ estes Grandes levantassem Rei,ir elle dar nelles, & os espalhar de maneira, que lhe náo desse repouso,nem tempo para se ajuntarem. E per esta maneira,como a gente segue à quem tem posse,& elle ao presen
10 te era Senhor das armas,com que se a guerra faz,que he o dinheiro,facilmente levaria os animos da gente tras si. E q̃ náo perdesse a conjunção do tempo,porque quem sabia usar della,tinha a fortuna de sua parte. Mir Zaman, posto que este conselho de Nuno da Cunha lhe pareceo bem, algũs lho interpretaráo mal,& deixouse estar em Novanaguer, no qual tempo os Principes do Reino levantaráo por Rei o moço Mamud que dissemos,nomeádo por Governadores do Reino Madre Maluco,Luchan,& Driachan,que naquelle tempo eráo os mais principaes homẽs do Reino de Guzarate.
20 Estes souberáo logo do titulo que Mir Mahamed Zaman tomara de Rei do Guzarate, & que com o favor de Nuno da Cunha,na Mesquita de Dio,era nomeado por esse. Mas que elle como homem que náo sabia sair de seu abrigo, se deixava estar em Novanaguer.E posto que determinaráo de ir sobre elle, náo quiseráo logo entender nisso, temendo que estando Nuno da Cunha em Dio,d'alli lhe podia mandar ajuda,com que elles náo podessem conseguir seu proposito, & determinaráo de esperar,atè ver se o Governador ia invernar à Goa.

30 Nuno da Cunha, posto que por o caso da morte d'el Rei de Cambaia quisera invernar em Dio,com a frol da gente da India,por tèr bem providas as cousas do Malavar com Martim Afonso de Sousa Capitáo mòr do mar,toda via sua doença o apertou de maneira, que per conselho de fisicos, & requerimento de Capitáes,& fidalgos,lhe foi necessario irse para Goa,por ser terra mais quente, & apropriada para sua infirmidade, que Dio, a qual he mui fria, & sujeita à ventos Nortes,pelo que no inverno estava em risco de perder a vida.Mas primeiro que partisse,mandou diante Martim Afon
40 so de Sousa, com algũs navios de remo dos que foráo de Soltam

Soltam Badur,& lhe deu dinheiro para pagamento da gente d'armas,que avia de trazer nelles. Tambem espedio à Fernão Rodriguez de Castelbranco, Veedor da Fazenda, os quaes juntos erão vindos à Dio(por Nuno da Cunha lhes escrever quando partio de Goa, que se fossem ambos tras elle) aonde chegarão despois da morte de Soltam Badur cinco dias. E asi mandou Manoel de Macedo à servir de Capitão da fortaleza de Baçaim,& à Rui Vàz Pereira que se viesse à Dio,à que mandou dar dozentos homẽs,& que tivesse na cidade cuidado dos Mouros. 10

Frotta da India do Anno de M.D.XXXVII.

Neste anno de D.XXXVII. partio deste Reino hũa armada de cinco naos, [a] que ião para trazer a carga de especearia,das quaes erão Capitães Dom Pedro da Silva, filho do Conde Almirante,para Capitão de Malaca, Iorge de Lima para Capitão de Chaul, Lopo Vàz Vogado,& Martim de Freitas,que todos chegarão à salvamento à India. Martim de Freitas,com Diogo da Silva, filho de Francisco de Faria, & outro Diogo da Silva seu primo,& outros fidalgos,& pessoas nobres,com desejo de se ir à Baçaim vèr hũs amigos seus, deixando a nao, se metterão em hũa fusta, & teverão naquella 20 pequena travessa tal tempo, que forão tèr â villa de Damam,& com necessidade de fazer agoada, saindo no rio, forão os mais delles mortos,& os outros cattivos, em hũa cilada que lhe os Mouros armarão. Do qual desastre se mandou desculpar o Tanadar da villa à Manoel de Macedo Capitão de Baçaim, que não fosse causa de se quebrarem as tregoas que o Capitão de Dio tinha assentado com os Governadores do Reino,& que mandasse pelos cattivos. Manoel de Macedo mandou logo hum bargantim armado com cinquoenta homẽs, que tornou sem elles, por os terem ja mandados à 30 Corte d'el Rei. Nestas quatro naos tornarão Lopo Vàz Vogado, Antonio de Brito, Manoel de Castro, & na de Martim de Freitas, que foi hum dos mortos, vèo Dom Ioão Pereira.

a. Diz Diogo do Couto, que as naos erão cinco,das quaes ia por Capitão mòr Iorge de Lima, & o Capitão q̃ Ioão de Barros não nomea era Dom Fernando de Lima. Estas duas naos, & a de Lopo Vàz Vogado chegarão juntas à Goa: as outras duas de Dõ Pedro da Silva, & de Martim de Freitas forão tomar Dio,como lhe el Rei mandara,onde deixarão a gente,& munições q̃ levavão para provimento d'aquella fortaleza. De Dio partirão para Goa. Dõ Pedro chegou à ella no fim de Settembro, & Martim de Freitas foi demandar à costa de Damam. Surgio de fronte della, & embarcado no batel, com hũa soma de veludos, & damascos, para os ir vender à Surat, desapareceo neste caminho, de que se não soube nunca cousa algũa.
Capitulo. 13. livro. 2. Decada. 5.

(?)

CAPI-

CAPITVLO. XI.

Como ido Nuno da Cunha para Goa, os Capitães dos Guzarates derão batalha à Mir Mahamed Zaman, & do mais que fizerão despois de elle ser ido ao Cinde, & como Nuno da Cunha tornou à Dio.

VINDO o mes de Abril, em que Madre Maluco, & Luchan Principes do Guzarate souberão que Nuno da Cunha fora invernar à Goa, ajuntarão mais de sesenta mil homẽs de cavallo, & de pè, & vierão buscar à Mir Mahamed Zaman, & fizerão seu assento em Vnà, que serà hũa legoa de Novanaguer onde elle estava. Os Capitães do exercito erão Luchan, & Mujatechan, homẽs de muita prudencia, & autoridade, os quaes vendo que Mir Zaman tinha consigo a flor da gente de guerra de que Soltam Badur se servia, que erão d'aquellas nações que nomeamos, & asi os Mogoles exercitados em pelejar com Guzarates de que fazião pouca conta, & que os seus seis mil homẽs valião mais que os seus sesenta mil que trazião, temerão de o cõmetter, & determinarão de corromper com dadivas os Capitães d'aquella gente estrangeira que Zaman trazia, para que no tẽpo que dessem batalha, elles não pelejassem, & se deixassem estar quedos. Neste negocio se detiverão mais de cinquoenta dias sem o poderem acabar: mas como o dinheiro vence toda lealdade de Mouros, lhe foi concedido.

Mir Zaman que era homẽ prudente, & muito cavalleiro, & que sabia de ardijs de guerra, vendo q̃ os inimigos estavão hũa legoa, & com sesenta mil homẽs, posto q̃ conhecia a differença dos seus poucos em comparação dos muitos, suspeitou, que a detença que fazião era algum modo de engano. E como homem que se começava ja à temer da gente estrangeira que consigo trazia ser corrompida pelos inimigos, teve conselho secreto com os seus, & determinouse de não esperar mais tempo, & dar batalha. E para animar os seus Mogoles, que erão mil & quinhentos, repartio o dinheiro & ouro que tinha avido, q̃ cada hũ levasse aquella soma derredor de si que podesse, porq̃ não sabião a vẽtura da batalha; &

& fazendolhes hũa prattica para os animar, disse, que elle faria duas batalhas delles, & de todos os estrangeiros hũa, nos quaes tinha pouca confiança, que cada hum trabalhasse por o seguir, porque o animo determinado era o que rompia todos temores, & passava levemente os perigos, & vinha à fim vittorioso. Algũs dos seus principaes, cujo animo não era tam confiado, vendo o grande numero dos inimigos, erão de parecer que se fossem metter em Dio, & se abrigassem ao favor dos Portugueses, atè que o tempo lhes mostrasse outro caminho para proseguirem sua empresa. Ao que elle respondeo, que não queria experimentar novos amigos, & que para a opinião que a gente tinha delle, em fazendo isso, ninguem o seguiria, & perderia quanto atè entam avia ganhado. Finalmente elle se pôs no campo, & foi buscar os inimigos para lhes dar batalha. Para isso dividio os seus Mogoles em dous esquadrões, elle tomou hum de oitocentos homẽs, & outro de settecentos deu à hum seu Capitão, & da gente estrangeira toda fez hum batalhão. Estes como estavão corrompidos com dinheiro, quando vèo o tempo de romper, não quiserão pelejar, & se deixarão estar quedos. Zaman com seus oitocentos de cavallo todos carregados d'ouro, & no meio delles hum elefante, que não levava outra cousa, rompeo hum esquadrão da mais limpa gente dos contrarios, tam furiosamente, que deixou per onde foi feita hũa estrada alastrada de corpos mortos, como que dera nelles algum corisco. Mas foi logo tam fechado do grande numero da gente, o lugar entre elle, & seu Capitão dos settecentos, que cuidou aquelle Capitão, que Zaman seu Senhor era sumido entre os inimigos. E como homem desesperado de o mais poder ver, tomou por remedio ir buscar o abrigo dos Portugueses na villa dos Rumes, de fronte de Dio, onde estava Ioão de Mendoça por Capitão. Os Guzarates seguirão à estes de vencida, deixando à Mir Zaman, parecendolhe ser ardil delle, fugirẽ hũs para hũa parte, & elle para outra: & temião q̃ elle os ia à metter em algũa cilada, de que não sabião parte, por serem estes Mogoles grandes homẽs de ardijs neste seu modo de fugir. Toda via estes que seguião os Mogoles, que se vinhão acolhendo à villa dos Rumes, não deixarão de os perseguir atè que a artelharia da mesma villa os entreteve, que não chegassem ao muro, onde

onde ficavão abrigados os que atè alli chegarã cõ vida, porq̃ no caminho, & no campo ficarão grande parte delles. E se não fora que os Guzarates achavão nelles que roubar, & fazião nisso detença, por ventura não chegarão tantos em salvo.

Ioão de Mendoça porque não tinha ordem de Antonio da Silveira Capitão de Dio, para recolher esta gente na villa vindo armada, posto que de Mir Zaman fosse, mandoulhe dizer o que passava; ao que Antonio da Silveira respondeo,
10 que recolhesse algũs entregando primeiro as armas, & os outros ficassem de fora amparados ao muro. Em quanto estes recados forão, & vierão, algũs destes Mogoles que trazião suas molheres segundo seu uso, & outros sem ellas, à que o temor da morte muito apertou, vierão à comprar a entrada à peso d'ouro, do que tinhão avido de Mir Zaman, & roubado na guerra. E hum casado que entre elles vinha, porque o porteiro de hum postigo, que vendia estas entradas, como homem pouco caridoso, lhe pedia por deixar entrar à elle, & à sua molher mais do que elle tinha, vendose naquelle a-
20 perto, disse que recolhesse a molher, que elle queria ficar de fora. Quando se ella vio dentro sem seu marido, tornou muito de pressa à elle para fora, & com hum amor honesto lhe lançou os braços, dizendo: *O lugar de minha salvação he estar comvosco, & não dos muros adentro sem vos*; & asi ficou com elle. Vindo ordem de Antonio da Silveira forão todos recolhidos, & os que vinhão feridos bem curados, como se forão nossos naturaes, & à todos fez Ioão de Mendoça muito gasalhado & lhes deu embarcação para Goa, Chaul, & Ormuz, como lha pedirão.

30 Mir Mahamed Zaman naquelle furioso rompimento da batalha perdeo somente trinta dos seus, & quando se achou sò, & entendeo que os outros o não quiserão seguir, com os que lhe ficarão pôs o rostro na terra do Cinde, que he alem dos Resbutos. E ainda que o caminho era comprido, & avia de passar por as terras delles, que he gente bellicosa, elle se governou cõ tanta prudẽcia, & esforço, & a fortuna o favoreceo de maneira, que com todos os seus salvos chegou ao Cinde. Despois de là ser, escreveo à Nuno da Cunha, mostrando esperança de tornar cedo poderosamente à cõprir
40 o que lhe tinha prometido. Mas o amor da molher, & filhos

que tinha no Delij, o desviarão desta empresa, principalmente Omaum Patxiah seu cunhado, o qual movido das lagrimas de sua irmãa, de que Zaman tinha dous filhos, lhe escreveo q̃ fosse fazer vida com ella, que elle lhe perdoava o passado. Despois o fez Rei de Begalla, mas no Estado durou pouco, como adiante diremos.

Os Capitães Guzarates que ouverão aquella vittoria de Zaman, per corrupção de peitas, & não per armas, asi como estavão com seu exercito se vierão aposentar em Novanaguer, & d'alli mandarão recado à Antonio da Silveira, perguntandolhe que causa tiverão os Portugueses para matarẽ seu Rei? Ao que elle respondeo, que seus peccados o matarão, & por elle o tèr merecido por a morte de Manoel de Sousa, que elle matou sem causa, sendo Capitão d'aquella fortaleza. Despois trattarão de outras cousas, atè virem à fallar em paz, pois avia tantos annos que tinhão guerra; ao que elle respondeo, que não tinha para isso comissão do Governador. Porẽ, que dandolhe elles de Mangalor atè Dio, & de Damam atè Baçaim, como Mir Zaman, que se intitulava Rei do Guzarate, tinha dado ao Governador, com outras cousas que se continhão em hum contratto que ambos fizerão, elle escreveria ào Governador, & sem isso não entenderia nas pazes. Com esta resposta não tornarão mais fallar em negocio de paz, & aquelle grande exercito se desfez, ficando alli em Novanaguer Luchan com dez, ou doze mil homẽs, como em fronteira, & guarnição. O qual para obrigar ao Governador à concerto de pazes, começou de tolher os mantimentos à cidade, que erão carnes, & fruttas, porque o mais vinha de Chaul, & Baçaim. E como entrou a força do inverno, que impedio não virem d'aquellas partes, ouve entre os Portugueses tanta falta, que valia hũa gallinha dez tangas, que são seiscentos reaes da moeda de Portugal. Isto durou atè o mes de Iulho, em que Antonio da Silveira fez tregoas com Luchan, atè a vinda de Nuno da Cunha: que avisado das cousas de Dio, entendendo que o novo Rei Mamud não avia de querer perder hũa Ilha tam rica, & tam importante ao seu Estado como era a de Dio, & tendo novas da armada q̃ aprestavão os Rumes em Suez para irem à India: pareceolhe necessario acodir em pessoa à prover muitas cousas, de que aquella fortaleza, & as de Chaul, & Baçaim tinhão necessidade, porq̃ por descuido

não

não acontecesse algũa desgraça. Polo que despachou as naos do Reino para irem tomar carga à Cochij, & espedio Martim Afonso de Sousa, com quatro galès, & trinta & seis navios para guardar a costa do Malavar, tẽdo hũa armada prestes de oitenta vellas, nella se embarcou para Dio, onde chegou em Fevereiro do anno de M.D.XXXVIII.

CAPITVLO. XII.

Do que fez Martim Afonso de Sousa Capitão mòr do mar, indo em busca de hũa armada d'el Rei de Calecut, de que era Capitão mòr Pate Marcar.

OS maiores inimigos q̃ na India tem os Portugueses, & cõ q̃ mais se illustra a nossa conquista naquellas partes são os Mouros, que povoão a costa da India, desde Chaul, atè o cabo de Comorij, q̃ serà de cento & noventa legoas. E nesta fralda do mar ha mais Mouros para nos dãnar, & offender, assi per terra, como per mar, do q̃ ha desde a cidade de Cepta no Estreito de Gibraltar, atè a cidade de Damiata situada na mais Oriẽtal foz do rio Nilo, & principalmẽte em Cananor, & Calecut. Porq̃ como à estes dous portos, antes q̃ nos entrassemos na India, cõcorrião as naos do Estreito de Meca à buscar especearia, parece que deste cõmercio de Mouros estrangeiros, vierão à multiplicar tanto, q̃ neste espaço de costa de cento & noventa legoas averia mais de sesenta mil homẽs de guerra, todos gente esforçada, à quem a prattica da nossa guerra, os tem feito mais ousados, & mais destros nella. Tambem na costa de Calle, & Callecarè, q̃ he alẽ do cabo de Comorij, na pescaria do aljofar, por causa della, cõcorreo alli outro grãde numero delles; & se os Portugueses não entrarão na India, ja forão Senhores de toda a sua costa, & de Ceilã, mas à custa do nosso sangue temos desinsado muita parte desta mà semẽte. E tẽ estes Mouros (principalmente os de Cananor) hũa vẽtagẽ aos de Berberia, q̃ estes não tẽ de pobres hũ alquice para se cobrir, nem ousadia para navegar, & vivem das criações, & agricultura, & os d'aquella parte de Cananor são muitos delles cossairos tam poderosos, que fazem armadas, & tẽ animo de competir com os nossos navios, principalmente

quando no verão navegão aquella costa de fortaleza à fortaleza. De maneira que sempre em Cananor os ouve, como no discurso desta historia se pode ver. E porque neste tempo florecia muito hum Mouro por nome Pate Marcar, * que poderosamente andava espancando aquelles mares, & fazendonos algũs dános, será necessario tratar hum pouco delle.

** O seu proprio nome diz Diogo do Couto que era Paichi Marcà, cap. 4. do liv. 2 da Dec 5.*

Vivia este Mouro em Cochij, & com duas naos que tinha tratava grossamente em muitas mercadorias que carregava para Cambaia, com cartazes de salvocondutto dos Capitães de Cochij. Estas naos lhe forão tomadas per Portugueses, sem lhe valer os cartazes que trazia. E porque desta perda não foi restituido, querendose restituir della, como homem escandalizado que estava, se passou à Calecut com sua casa, & se fez cossairo, para o que el Rei de Calecut vendo que os negocios de Cambaia ainda nos occupavão, lhe armou navios, alem dos que elle tinha, & com ajuda de outros Mouros ricos, que desejavão de offender aos Portugueses, fez hũa armada de quarenta & sette navios de remo, para ir ajudar à Madune Pandar contra seu irmão el Rei de Ceilam. Com este Rei tinhão os Portugueses grande amizade, & pagava à el Rei de Portugal o tributo que ja escrevemos nas cousas do tempo de Lopo Soarez, quando governava a India, & fez fortaleza naquella Ilha. E como Madune Pandar vio, que alem do grande poder que tinha seu irmão, nossa amizade lhe dava grande ajuda; porque sempre em Columbo onde elle residia, tinhão os Portugueses sua Feitoria, por a canella que d'aquella Ilha vinha: & tambem sabia a guerra que tinhamos com el Rei de Calecut, & que Pate Marcar naquelle tempo andava poderoso, mandoulhe secretamente recado, que o fosse ajudar contra seu irmão. E o concerto que fizerão foi, que elle não queria mais que ficar com o titulo de Rei, & livre de dar canella aos Portugueses, & que todo o tesouro de seu irmão lhe daria, de que avia fama ser mui grande. Isto obrigou à el Rei de Calecut à mandar lá Pate Marcar com a frotta das quarenta & sette vellas [a] que dissemos, em que levaria mais de dousmil homẽs, com grande numero de peças d'artelharia, tam apercebido em tudo, & com a gente tam destra, & esforçada, que lhe não chegavão os Turcos do mar de Levante em concerto, & animo de pelejar.

a. Esta armada era de cinquoenta vellas, das quaes cinco erão galeottas Latinas de Coxia, que jugavão por proa meias esperas: levava mais de quatrocẽtas peças d'artelharia, a maior parte della de bronzo. Os Soldados desta armada erão oito mil, mui bem armados com espingardas, arcos, & lanças: & todos os remeiros levavão arcos, & frechas debaxo dos bancos para pelejar quãdo fosse necessario.
Diogo do Couto cap. 4. liv. 2. Dec. 5.

Neste

Neste tempo Martim Afonso de Sousa Capitão mòr do mar andava com quarenta vellas guardando a costa do Malavar. E como a ordem de a guardar, he fazer hũa volta ao Norte atè Baticalà, & outra ao Sul atè Coulam, fazendo volta ao Norte, quando tornou, soube que Pate Marcar era saido de Panane com sua armada, de que era Capitão mòr, & levava seu irmão Cutiale Marcar* por segunda pessoa, & por terceira Ali Abrahem hum valente Capitão d'el Rei de Calecut, natural de Panane.

*Cunhale Marcà lhe chama Diogo do Couto.

10 Pate Marcar com grande confiança do poder que levava, passou per Cochij, estando as nossas naos tomando carga, com tenção que se podesse cõmetter algũa, de o fazer. Mas ellas forão logo providas de maneira, que não ousou de chegar à tiro de bombarda dellas. E seguindo seu caminho para Coulam, achou na sua barra hũa nao nossa [a] à carga de pimẽta. Pate Marcar a cõmetteo, & rodeandoa com a sua armada, a começou à bater. Nicolao Iusarte, que estava por Capitão della, a defendeo mui esforçadamente, desaparelhou muitos navios dos inimigos; & por remate da pelleja foi elle morto 20 de hũa bombardada, & Pate Marcar se afastou da nao polo dãno que recebia, & foi continuando sua viagem. E indo adiante tomou hum navio nosso que vinha de Ceilam com a carga de canella para as naos que avião de ir ao Reino. Deste navio era Capitão, & Feitor Antonio Barreto, que na peleja morreo, & todos os nossos que nelle vinhão. Alem do cabo de Comorij deu Pate Marcar em hum lugar dos Christãos da terra, chamado Tucucurij, que tomou, & destruiò, matando muita gente. Finalmente correndo aquella costa de passagem, foi fazendo estas obras, de que Mar30 tim Afonso de Sousa, que lhe ia no alcance, soube, ao qual não pode alcançar à quem do cabo de Comorij. Antes tanto que alli chegou, por ser no tempo em que naquella paragem cursão os ventos, à que elles chamão Vara de Choromandel, que são contrarios, & mui forçosos à quem quer ir adiante, foilhe necessario deixar as seis galès, & ir nas fustas, & catùres, à que os Capitães das galès se passarão, por serem com Martim Afonso naquelle feito, que ia cõmetter. Mas não ouve entam effeito; porque Martim Afonso como teve o tempo contrario, 40 & soube que Pate Marcar não era passado à Ceilam,

a. Esta nao se chamava S Pedro, aquelle anno se fez em Cochij para vir ao Reino, & andou na carreira da India vinte dous annos, & acabou na ribeira de Lisboa servindo de cabrea: & agora não faz hũa nao tres viagẽs, tal he a madeira, tal a fabrica, & taes os officiaes. Diogo do Couto cap. 4. do liv. 2. da 5. Decada.

determinou de ir avante atè dar com elle,& à força de remo quasi debaxo da agoa correo a costa, atè chegar ao porto de Calle ja noute, onde dormio.

Naquelle tempo acertou Pate Marcar de estar mettido em hum rio detras de Calle,& parece que foi logo avisado da chegada de Martim Afonso, porque quando vèo pela manhãa, como tinha o vento em seu favor, se fez à vella, sòmente com os traquettes. Martim Afonso tambem como soube de sua vinda, com as suas dezanove vellas à remo, quanto os homẽs podião, por o vento lhe ser contrario, o foi receber. E sendo hũs dos outros obra de meia legoa, abaxarão os Mouros os traquettes que trazião, & se deixarão estar. O que parece fizerão para ver o que os nossos fazião. Mas como Martim Afonso desejava de lhe chegar, mandou que fossem avante. E vendo Pate Marcar que o ião demandar, virou as costas, & à força de remo, como que algũas cousas lhe erão impedimento, começou alijar ao mar, para se acolher melhor. Martim Afonso não deixando o seu curso remou quatro legoas, & sendo ja noute, tanto avante como o lugar de Tucucurij, o perdeo de vista, & alli parou, onde teve conselho sobre o que farião. E visto como deixavão as galès no cabo de Comorij, & quam mal apercebidos ião do necessario para pelejar, & faltos de mantimentos, & que sobre tudo as galès corrião risco de serem tomadas, por a pouca gente que nellas ficava, se Pate Marcar com o bom tempo que tinha viesse dar sobre ellas aquella noute, acordarão, que se tornasse para as assegurar, & d'ahi irem â Cochij à aperceberse do que avião mester, para tornar sobre Pate Marcar, & assi se fez.

CAPI-

CAPITVLO. XIII.

Como Martim Afonso de Sousa com quatrocentos Portugueses pelejou com Pate Marcar, estando em terra com sette mil homẽs de peleja, & o venceo, & desbaratou, & lhe tomou a armada, com morte de muitos Mouros.

10 APERCEBIDO Martim Afonso, tornou com vinte tres navios de remo, de que erão Capitães elle, Manoel de Sousa de Sepulveda, Martim Correa da Silva, Dom Diogo de Almeida, Fernão de Sousa de Tavora, Vasco Pirez de Sampaio, Iorge Barroso de Almeida, Francisco de Sà, Francisco Pereira, Gaspar de Lemos, Ioão de Mendoça, Ieronimo de Figueiredo, Simão Rangel, Antonio de Lima, Antonio de Sousa, Miguel de Aiala, Ioão de Sousa Rates, Diogo de Mello, Francisco de Barros, Antonio Mendez de Vasconcellos, Simão Galego, Gomez Carvalho, Rui de Moraes, Rui
20 Lobo, Francisco Fernandez o Moricale, Francisco de Sequeira Malavar, Diogo de Reinoso. E posto que de Cochij partio com algũas galès, foi porque temia que fosse recado por terra à Pate Marcar das pequenas embarcações que levava; mas chegado à Coulam as deixou. Em quanto Martim Afonso foi à Cochij à se aperceber, Pate Marcar, parecẽdolhe que se fora por razão do mao tempo, ou porque temia pelejar, foise metter em hũ porto que chamão Beadalà. A terra deste lugar quer parecer hum dedo polegar, porque na banda de
30 fora delle, quasi na primeira juntura onde elle se adjunta à mão, està a povoação, & da outra parte de dentro se faz hũa enseada grande, como a pode figurar quem apartar todos os outros quatro dedos deste polegar, os quaes fazem a costa que vai tèr à ponta, & cabo à que chamão Canhameira. No fim deste polegar sobre a unha està fundado hum sumptuoso templo de Gentios, per nome Ramanancor, & he tam delgada a terra, deste mar de fora, ao de dentro da enseada, onde està Beadalà, que Ioão Fernandez Correa Capitão que foi da pescaria do aljofar que se pesca naquella parajem,
40 esteve para cortar aquella terra. E o proveito deste rompi-

mento era ser aquella passagem d'alli atè Canhameira chea de muitas ilhetas, restingas, & baxos, & no tempo do vento para a navegação he mui perigosa. E passando por este rompimento que elle queria fazer, entravão os navios na enseada grande, & com a terra firme que tinha da parte de cima, ficavão mais abrigados, & era melhor navegação, & tambem seria proveitoso para os Capitães da pescaria que alli andassem.

Pate Marcar, como homem que d'alli avia de atravessar à Ilha de Ceilam, que tinha de fronte, estava alimpando suas fustas, & as que ja tinha espalmado com as popas em terra, & as proas ao mar: entre as quaes se mettia hũa corda de baxos ao longo do dedo que figuramos, de maneira que não as podião entrar de mar em fora, senão per hũa calheta pegada à povoação. E elle estava aposentado em terra em hũ palmar, q̃ corria ao longo do dedo contra o pagode de Ramanancor, & tinha hũa tenda armada, & apparato de Principe em seu arraial, em que teria sette mil homẽs. Porque como elle ia à aquelle feito de metter de posse do Reino de Ceilam à Madu ne Pandar, ajuntou todos os Mouros que por aquella costa vivião, que he hum grande formigueiro delles, por razão da pescaria do aljofar, como atras escrevemos. Martim Afonso com esta armada ligeira, em que não levava mais que quatrocentos homẽs d'armas, passou o cabo de Comorij, sabendo que os inimigos estavão em Beadalà, chegou hũa tarde à entrada da sua barra, onde surgio: & por razão dos baxos que dissemos, & alli não aver pilotos delles, errarão o canal, & ficarão muitos navios em seco, que foi grande prazer para os Mouros, porque em tornar à sair, tiverão os nossos grande trabalho, por a artelharia que os Mouros tinhão em terra, com que os varejavão de maneira, que matarão hum marinheiro na fusta de Martim Afonso.

Saidos todos dos baxos, ordenou elle com conselho dos Capitães de ir pelejar com os Mouros em terra, dentro do palmar onde estavão alojados, & o acõmettimento avia de ser ante manhãa, & o caminhar com as fustas, & catũres avia de ser de noute, que o não sentissem os Mouros. E porque os descuidassem deste lugar, deixou Gaspar de Lemos, & Antonio de Sousa com sette catũres no lugar de Beadalà (por onde elles intentarão a entrada quando encalharão) & que cõmettesse

tesse entrar por alli com grande estrondo, ao tempo que elle mandasse fazer hum sinal per hum tiro de berço. Dada esta ordem à Gaspar de Lemos, & à Antonio de Sousa, como avião de acõmetter esta entrada, para que acodindo os Mouros à aquella parte, Martim Afonso com o peso da gente lhe desse nas costas pela outra parte da terra, fez elle seu caminho com as fustas atè o lugar ordenado. E aconteceo, que por desastre, ou descuido de hum bombardeiro, foi tirar com hum berço, que ouvio Gaspar de Lemos, como quem tinha o tento neste sinal que esperava, o qual foi de sua morte. Porque sendo mais tẽporão do que devera ser, por ainda não ser chegado Martim Afonso ao lugar donde o avia de mandar fazer, cõmetteo a entrada Gaspar de Lemos, sobre o qual acodirão os Mouros, parecendolhes que per alli os querião entrar. E como erão muitos, & Gaspar de Lemos era cavalleiro de sua pessoa, & os que com elle ião erão desejosos de ganhar honra, quando Martim Afonso ja deu per sua parte, era elle morto, & Antonio de Sousa, & seis, ou sette Portugueses. Mas Martim Afonso vingou bem a morte delles, ferindo, & matando os Mouros per tam grande espaço, que era ja alta manhãa, & os Mouros como erão muitos pelejavão valentemente, sem mover pè. Francisco de Sequeira de nação Malavar, Capitão de hum dos catùres, como era natural da terra, & cavalleiro de sua pessoa, & homem prudente, & sabia a cõdição d'aquella gente, & o modo de sua peleja, quando vio que os Mouros não deixavão o campo por mais que atassalhavão nelles, disse à Martim Afonso: *Senhor se quereis vittoria destes Mouros, mandailhe pòr fogo às embarcações, que em quanto as virem, terão esperança de se salvar nellas.* Tomãdo Martim Afonso este conselho, & mandandoo executar, arderão algũas embarcações, & os Mouros começarão de fugir pela terra dentro, & os nossos à seguir seu alcance, atè que de todo deixarão o campo, com que ficou Martim Afonso Senhor delle, & da tenda de Pate Marcar, & de tudo o mais que em seu arraial avia.[a] Morrerão dos Mouros, que logo ficarão estirados naquelle sitio, mais de seiscentos, afora os feridos que forão morrer entre os seus. Dos nossos serião mortos trinta, entre os que morrerão com Gaspar de Lemos, & Antonio de Sousa, sem muitos feridos, por a batalha ser em terra, & os Mouros serem sette mil, & os Portugueses sòmente quatrocentos.

a. Neste arraial de Pate Marcar se acharão tres Portugueses carregados de ferros, & muitso escravos de outros Portugueses, que forão cattivos, & hũa molher solteira, que cattivarão os Mouros em hũa champana com hum seu amigo: & porq̃ era de bom parecer, Pate Marcar trabalhou pola tornar Moura, com todas as promessas, & ameaças que pode, atè lhe pòr a espada na garganta para a degollar, & mandar arrastar diante del'a à seu amigo. Mas nada bastou para acabar com ella o q̃ desejava, polo q̃ a trazia carregada de ferros, com os quaes andava ella contente, & exortava de contino aos Christãos cattivos à morrer constantemente pola Fè Santa que professavão. Exemplo raro da feminil constancia, digno de tanto maior louvor, quanto se esperava menos do mao estado em que esta molher andava. Francisco de Andrade cap 48. da 3. parte.

centos.[a] Esta batalha foi húa das mais bem pelejadas que se derão na India, a qual succedeo à xv. de Fevereiro do anno de M.D.XXXVIII. Como o fogo chegou à queimar vinte cinco paraòs, mandou Martim Afonso apagalo, & forão tomados vinte tres. Da artelharia se ouverão mais de quatrocentas peças, de que as settenta erão de metal, & mil & quinhentas espingardas, & porque este feito foi mui honrado, armou alli Martim Afonso muitos cavalleiros.

a. Pate Marcar, & seu irmão, & Ali Abrahem vẽdo tudo perdido, se metterão em dous navios ligeiros, em q̃ se salvarão.
Diogo do Couto no cap. 4. do liv. 2. da 5. Decada.

Diogo do Couto nos cap. 4. & 5. do mesmo livro.

„ Aconteceo nesta jornada hum caso digno de se notar, &
„ foi, que indose embarcar Martim Afonso em Cochij, para
„ vir em busca de Pate Marcar, atravessouse diante delle com
„ muitas lagrimas húa molher, dizendo: *Senhor por amor de Deos*
„ *que me tragais meu filho moço de doze annos, per nome Marcos, que*
„ *està cattivo em poder d'aquelle que vos is buscar.* Ao que Martim
„ Afonso respondeo: *Eu espero em Deos de o achar vivo, & tam-*
„ *bem de nos dar vittoria para volo trazer.* E aconteceo que estava
„ este moço na tẽda de Pate Marcar, & o trouxe Martim Afon
„ so, & o entregou despois pela mão à sua mãi em Cochij.

„ Entre os despojos desta batalha se tomou hum sombrei-
„ ro que o Samorij mandava ao Madune, o qual Martim Afon
„ so enviou de presente à el Rei de Cochij per Miguel de Aia-
„ la, à quem ordenou que de Cochij passasse à Dio com cartas
„ para o Governador, em que lhe dava relação d'aquella vitto-
„ ria. Miguel de Aiala chegou à Cochij, apresentou à el Rei o
„ sombreiro, que estimou muito, & muito mais as novas da
„ vittoria, que tanto foi festejada naquella cidade, quanto la-
„ mentada no Malavar. Partio logo Miguel de Aiala de Co-
„ chij para Dio, & perto de Challe encontrou húa galeotta de
„ Malavares que o investirão, lançandolhe gente no seu catùr,
„ em que não levava mais que quinze Soldados, os quaes de
„ tal maneira pelejarão com os Mouros, que sendo elles mais
„ de duzentos, despois de durar a briga todo o dia, ouve tama-
„ nho estrago de ambas as partes, que hús, & outros ficarão es-
„ tirados nos navios, ou mortos, ou feridos. Os marinheiros do
„ nosso catùr derão à vella, tomarão Cananor, onde desembar
„ carão os mortos para lhe darem sepultura, & os vivos, que
„ não erão mais de cinco, com Miguel de Aiala, para os cura-
„ rem. O Capitão de Cananor espedio o catùr com as cartas
„ de Martim Afonso para o Governador, que festejou muito
„ as novas della, & pelo mesmo catùr escreveo à Martim Afon-

so,

so,& aos fidalgos da sua companhia,dandolhe os parabẽes da vittoria,& os louvores que ella merecia.

CAPITVLO. XIIII.

De outras vittorias que Martim Afonso de Sousa ouve na costa do Malavar.

VIttorioso Martim Afonso de Sousa, partio d'aquelle lugar de Beadalâ,& vèo à Tucucurij,onde estava o Feitor Portugues da Feitoria do Aljofar, & d'alli mandou à Cochij a maior parte dos navios que tomou com o despojo que ouve da artelharia muniçoes,& cattivos. E elle com a mais gente se passou à Ilha de Ceilam,que serà de travessa vinte quatro legoas, tudo per baxos,onde se faz a pescaria. Chegado ao porto de Columbo,achou el Rei com o nosso Feitor,& Portugueses na sua fortaleza,à que elles chamão Cota, cercado de Madune Pandar irmão d'el Rei, que estava esperando à Pate Marcar,& todos com grande alvoroço, quando virão nossas vellas,cuidando serem as suas. Mas certificados da verdade deixarão logo o cerco que tinhão posto, & se recolherão para hũa Serra, onde se Madune fez forte, temẽdo què os Portugueses o fossem buscar.[a] El Rei com muito prazer recebeo os nossos,quando conheceo que ião em sua ajuda, o que logo se vio no gasalhado que mostrou à todos,& no recebimento que fez à Martim Afonso Os dias que o alli teve, o banqueteou,per hum novo modo segundo sua usança, que foi servirse à mesa de molheres derreadas todas pelos lôbos, para que andando asi mais baxas,pareção mais humildes, & reverentes em sinal de cortesia. A tanto chega a ambição de hum homem que se honra de males alheos. Martim Afonso offereceo sua armada à el Rei,& lhe deu conta da destroição de Pate Marcar,& que à nenhũa outra cousa partio de Cochij, senão à tirarlhe aquelle trabalho em que o tinhão posto naquelle cerco. El Rei por mostrar o contentamento que tinha d'aquelle successo que Martim Afonso por o ajudar tivera,lhe deu peças,& joias,& à todos os Capitães,& lhe mãdou dar vinte mil cruzados * emprestados,para ajuda de pagar o soldo à gente que levava, & com muitas palavras de grande

a. *Escreve Diogo do Couto, q̃ sabendo Madune Pandar do desbarato de Pate Marcar, & chegada da nossa armada à Columbo, mandara pedir pazes à el Rei seu irmão, que lhas concedeo.*

* *Quarenta mil diz Diogo do Couto.*

grande obrigação. Martim Afonso se despedio delle, & partio para Cochij, onde chegou, com aver dado tam glorioso fim à aquella empresa.

E por tèr nova, que muitos paraòs de Calecut erão idos à carregar de mantimentos à Mangalor, & Braçalor, determinou de não descansar atè ir acabar de desinçar aquella ladroeira de paraôs, & totalmēte lhe tolher a navegação. E por não ser visto dos da terra, que podião dar aviso aos que ia buscar, passou per Chale, & Cananor ao mar delles. E sendo tanto avante como entre o monte Delij, & Fermoso, apparecerão seis paraòs, de que tomou quatro, & hum dos dous que escaparão foi dar com Ioão de Sousa que vinha detras em hũa fusta, o qual tambem foi posto no estado dos outros. A maior parte dos Mouros morrerão à ponta da espada, & outros se lançarão ao mar, & delles se entregarão à cattiveiro. Seguindo mais adiante, ao outro dia em amanhecendo ao monte Delij, vierão dar com elle dezasette paraòs, os quaes enganados com algũs dos seus paraòs que Martim Afonso tomou, parecendolhe que erão de sua gente, forãose metter entre elles. Mas como sentirão o engano, empegarãose no mar, por Martim Afonso se metter entre elles, & a terra, por se não acolherem à ella. Mas isto lhes não valeo, antes foi causa de maior destroição sua, posto que com algum sangue dos nossos. Porque vendo elles que o seu braço os avia de salvar, & não tinhão modo para se acolherem, & vararem em terra, pelejarão tam valentemente, que morrerão algũs dos nossos, & forão muitos feridos: mas elles forão quasi todos perdidos, hũs mortos à ferro, outros afogados no mar, onde se lançarão, & muitos forão cattivos. E ao outro dia pelo mesmo modo tomou seis, & hũa nao carregada de mantimentos, em que matou grande numero d'aquelles Mouros, por castigo dos de Cananor, q̃ favorecião estes, & armavão com elles. E por os mais assombrar, sendo tomado hum Mouro honrado naquella peleja, que era mui aparentado, & davão por elle seis mil pardaos, não os quis aceitar Martim Afonso, & o mandou enforcar, avendo que à serviço d'el Rei, & honra de Portugueses convinha mais o castigo de hũ mao homem, que todo o dinheiro que podia dar por si.

Em Cananor se deteve Martim Afonso de Sousa algũs dias, por não tèr novas de mais paraòs inimigos, & tanto que

que algũs dos seus Soldados feridos forão sãos, partio d'alli para ir invernar à Cochij; & no caminho lhe foi dada hũa carta do Governador Nuno da Cunha (que ja estava em Goa da volta de Dio) perque lhe fazia saber, que erão chegados Turcos com hũa grossa armada à aquella cidade. Com esta nova deixou Martim Afonso hum galeão em que ia (que elle mandara fazer para ir nelle esperar as naos de Meca) & se metteo em hum catùr do meirinho da sua armada, & com os navios de remo com toda a diligencia que lhe foi possivel,
10 à vella & remo, tomou o caminho para Goa, no qual encontrou hum galeão da armada dos Turcos (que se apartou della com o temporal, com que se apartarão outros navios) sobre o qual arribou Martim Afonso, & de tal maneira se vio acossado o galeão d'aquella cachorrada de catùres, que ainda que parecia hum lião bravo entre elles, em artelharia, armas, & numero de gente, foi tamanho o temor nos Turcos, que derão com o galeão à costa, & se acolherão à terra, & delle se carregarão os catùres, & navios de remo de muita fazenda que lhe acharão. Estas vittorias que nestes annos ouve
20 Martim Afonso de Sousa, ainda que entam forão grandes, parecerão ao diante muito maiores, por destroir com ellas as armadas de Calecut, em que se matarão tantos dos inimigos, que se forão crescendo pelo tempo, ou estiverão inteiros, quando os Turcos vierão à Dio, ellas fizerão tanto dáno aos Portugueses, que a costa do Malavar se não pudera navegar, & as nossas naos correrão muito risco de serem tomadas: & ainda que não fizerão mais que ajuntarense aquellas armadas à do Turco, fora muito grande dáno para os nossos.

***

CAPI-

CAPITVLO. XV.

Como Dom Manoel de Meneses foi preso em Xael, & da causa porque el Rei o prendeo, & do mais que succedeo em seu livramento.

NTES que Nuno da Cunha partisse de Goa para Dio, vèo alli hum Mouro chamado Abedelà messageiro d'el Rei de Xael, que trazia dous Portugueses dos que estavão cattivos em seu poder com Dom Manoel de Meneses, filho bastardo de Dom Tello. Ao qual Abedelà Nuno da Cunha levou consigo atè Dio para o despachar. Este messageiro vèo à pedir pazes de parte de seu Rei, & desculpalo do cattiveiro em que tinha à Dom Manoel, de cuja prisão foi este o fundamento,

Como todos os annos os Mouros da India em nosso odio levantão hũa nova com que nos ameação, que he fazer se armada de Rumes no Mar roxo. Os Governadores ordinariamente, alem de outras intelligencias que tem per pessoas particulares, sempre mandão ora armadas grossas como as passadas que escrevemos, ora dous, ou tres navios de remo, como espias para entrarem dentro das portas do Estreito, & tomarem alguem per quem saibão o que là vai. E à fim de tèr noticia destas cousas, mandou Nuno da Cunha à Manoel Rodriguez Coutinho no anno de M.D.XXXV. com tres catùres, dandolhe por regimento o que avia de fazer, & que da costa de Fartaque espedisse hum dos catùres, de que era Capitão hum que se chamava de Alcunha o Artilheiro, o qual fosse ao Xeque de Socotorà, & lhe pedisse o que devia de hũa nao que se hi perdera. E que tambem lhe encomendasse os Christãos da Ilha, porque el Rei Dom Ioão de Portugal seu Senhor, lhe escrevera sobre isso, & que o mesmo escrevesse à el Rei de Fartaque, que o mandasse assi à aquelle seu Xeque, pois mostrava querer amizade com os Portugueses. Tornando Manoel Rodriguez do Estreito ja no fim de Maio d'aquelle anno, por os tempos serem mui verdes, & não poder ir invernar à Ormuz, como lhe ordenara o Governador, ficou em Xael, onde recebeo d'el Rei muita honra, porque não somente

sòmente à sua pessoa, mas ainda à todos que forão com elle fez gasalhado, & lhe mandou varar os catùres em terra, & serem vigiados, temendo que de noute os Mouros Baduijs, que he gente vil do campo, lhe viessem pôr fogo, & passados dous meses & meio, ja meado Agosto, Manoel Rodriguez se partio, mandando el Rei com elle hum messageiro, & hum presente de seis cavallos, & outras cousas da terra à Nuno da Cunha, pedindolhe ouvesse por bem de lhe dar paz, porque desejava muito de a tèr com elle, & 10 com todos os Portugueses, & que para assentar esta paz, mandasse là hũa pessoa honrada com seu poder para a jurar com elle.

Chegado à India Manoel Rodriguez com este messageiro em Novembro, foi logo sabido da vinda delle, & do Embaxador que levava, & o que el Rei de Xael pedia, & desejava. E porque os homẽs estavão desejosos de navegar contra aquellas partes por razão de fazerem seus proveitos, sem licença do Governador, mas escondidamente, como cada hum podia, forãose algũs à aquelle porto de Xael, mais à dannar à si, & à 20 outros, que à fazer seu proveito. Porque nos homẽs que per cobiça entra a desobediencia de seu Capitão, & que tem mais respeito à ella, que à verdade, & fè que lhe devem, logo ficão postos em caminho de cõmetter toda maldade. E o primeiro que a cõmetteo, & errou contra el Rei de Xael, foi o Capitão Artilheiro, por lhe pagar o bom gasalhado que delle recebera. O qual espedido de Manoel Rodriguez Coutinho, foise lançar em hũs ilheos que são de Xael obra de doze legoas à esperar os navios q̃ saião do Estreito, & fazer nelles presa, deixando o caminho de Socotorà onde Manoel Rodri 30 guez o mandava, ao q̃ acima dissemos. Estando elle hi esperãdo a presa, vèo tèr com elle hũa galvetta, em q̃ vinha hũ primo d'el Rei de Xael, & hũ seu Feitor, & outro Mouro honrado, aos quaes o Artilheiro robou, & deu tormẽtos fortes pendurandoos per partes desonestas, à fim que mostrassem o q̃ trazião. E despois de roubados, & atormentados, os vèo lançar em terra junto de Xael, os quaes se forão appresentar à el Rei com os sinaes de seus tormentos, do que elle ficou mui escandalizado, mais por as injurias que fizerão aos seus, que por a quantia da fazenda perdida. E se queixou mui- 40 to de Manoel Rodriguez cõprir cõ elle tam mal sua palavra.

Porque ſabendo elle como d'alli avia de deſpedir aquelle catùr para ir à Socotora, temendo que eſte catùr quiſeſſe fazer algũas preſas, pediolhe que não foſſe na ſua coſta; & tambem que não foſſe naquelles ilheos, porque eſperava aquella galvetta que tinha mandado ao Eſtreito, por ſer lugar que todos os que vem d'aquellas partes, o vem demandar, por eſtarem ſeguros de boa navegação.

A eſte queixume, ſuccedeo logo occaſião de outro, cauſado per hum navio de Gonçalo Vàz, que partio de Baticalà furtado do Governador, & (ſegundo dizião) com algũa pimenta. O qual não ſe contentando de ir com ſuas mercadorias, junto de Xael topou hũa nao carregada de outras, das quaes a maior parte erão de Mouros de Fartaque, & de Xael, & tomada vèo alli à vender tudo, o que el Rei ſofreo com paciencia por tèr Embaxador ſeu cõ Nuno da Cunha; & tambem porque ja à eſte tempo erão tantos os Portugueſes em ſeu porto, & importavãolhe tanto os dereitos que pagavão de ſuas mercadorias, que diſsimulava a injuria, & dàno que recebião ſeus vaſſallos, poſto q̃ ſe queixavão à elle. Sobre tudo iſto, hum Alvaro Madeira que andava levantado no rio Sinde com algũs companheiros, vindo alli tèr, foi apposentado em caſa de hum Mouro honrado, & caſado. E parece que não ſe contentando de entender cõ hũa manceba do Mouro, & deſpois cõ ſua molher, ainda ſobre iſſo o eſpancou, por ſe ir queixar à el Rei: & vendo o Mouro como el Rei iſto diſsimulava, deixou a caſa de todo à Alvaro Madeira. Acreſcentouſe mais à eſtas offenſas, que indo hũ dia el Rei folgar em caſa de hum fuão Godinho Portugues, por ſer homẽ dado à prazer, & à banquetes, entre algũas palavras que ſobre cea teve cõ el Rei, lhe chamou bebado. E poſto q̃ el Rei algũ tanto eſtiveſſe alegre com o vinho, não eſtava tam fora de juizo, q̃ não ſoubeſſe conhecer, & diſsimular aq̃lla offenſa, & deſpedido delle ſe foi para ſua caſa cõ a palavra injurioſa no peito. Succedeo alem de tudo iſto, que hũs catorze Portugueſes que andavão levantados na coſta do cabo de Guardafù, tomarão hũa nao de gente conhecida do meſmo Rei, & vierão vender a nao cõ toda a mercadoria ao porto de Xael: & andando em pregão, lançou el Rei nella, & ſobre elle lançou hum Araujo Portugues que alli eſtava avia muitos dias. Eſte tinha tanto credito entre os Portugueſes, que per ſua mão fazião muita

fazenda,

fazenda, & era entre elles & os Mouros chamado Feitor. El Rei parecendolhe aquillo desacato seu, disse ao Araujo, que elle era Senhor d'aquella terra, & quando elle entendia em algũa cousa, que ninguem ousava de olhar para ella; & que sua tenção em lançar em aquella nao, não era para fazer fazenda, mas ganhar amigos, porque a queria comprar para a restituir à seus donos por aquelle preço, por serem homẽs de que tinha conhecimento. E que pois elle Araujo pretendia ganhar, lhe daria quinhentos cruzados, que lhe logo
10 mandou dar em ouro de moeda Veneciana, para que desistisse da nao. Outras muitas cousas escandalosas fizerão algũs Portugueses que alli andavão, as quaes el Rei, como homem mais prudente que accelerado guardava em seu peito, atè vir resposta do que per seu messageiro mandara dizer à Nuno da Cunha.

Não tardou a resposta muito tempo, porq logo cõ o messmo messageiro mandou o Governador em hũ galeão Dõ Manoel de Meneses cõ settenta homẽs, ao qual deu comissão para assentar pazes com el Rei. Dom Manoel q̃ estava innocen
20 te do q̃ os Portugueses tinhão feito em offensa d'el Rei, folgou muito de achar naquella terra estranha sesenta seus naturaes, que nella andavão com muita liberdade, parecendolhe, que com elles ficava mais seguro. Com a chegada de Dõ Manoel se mosttou el Rei mui contente, & o mandou visitar ao galeão cõ muitos carneiros, & fruttas da terra. Ao segũdo dia, para assentarem as capitulações, & concerto das pazes, saio Dom Manoel em terra, & foi aposentado em hũas casas das melhores da cidade, & d'ahi à tres dias fez cõ el Rei seu assento, segundo os apontamẽtos que trazia. Feito isto, hũ Domin
30 go pela manhãa, querendose Dom Manoel recolher ao seu galeão, mandoulhe el Rei dizer, que elle tinha informação que algũs Mouros Baduijs do campo estavão para entrar nos arrabaldes da cidade, & roubar hũa cafila que alli era vinda, q̃ lhe pedia muito que dos Portugueses q̃ tinha consigo lhe mãdasse là vinte espingardeiros para defenderem aquella cafila. Dom Manoel como estava para se embarcar, & tambem porque lhe disserão os seus, que ao redor de suas casas se ajũtavão mais Mouros que os outros dias, escusouse dos espingardeiros, & mui à pressa mandou que lhe trouxessem
40 o batel do galeão, & que não viessem nelle marinheiros

Arabios, se não todos Portugueses. Mas como a malicia estava ja determinada, a primeira cousa que os Mouros fizerão, foi acudir à praia à tomar o batel, & hum bargantim que hi estava dos alevantados. E despois derão na cidade pelas casas, & pelas ruas onde achavão Portugueses matando nelles à sua vontade: no qual insulto morrerão trinta & cinco. Dõ Manoel ouvindo a revolta querendo sair era ja cercado, & começarão de o combatter, & pelejarão desde pela manhãa atè hũa hora de Sol, em que matarão cinco Portugueses: & porque os Mouros os achavão duros de entrar, trouxerão certas peças de artelharia para atirar à casa, na qual avia pouca defensão, porque as casas erão de adobes. Em toda esta revolta nũca el Rei appareceo, & o assestar das bombardas mais parece que foi para terror dos nossos, para que se dessem, que para outro fim: porque a vontade d'el Rei não era, se não avelos vivos à mão, Porque logo à este tempo mandou dizer ao Capitão, que lhe fosse fallar, porque queria pratticar com elle algũas cousas sobre a paz que tinha assentada, & q̃ para seguramente o poder fazer lhe mãdaria duas ou tres pessoas das principaes, que estivessem em arrefẽs com os seus, atè elle ir à Mesquita onde o esperava. Avendo precedido sobre isto muitos recados de parte à parte trouxerão os Mouros, & entregues aos Portugueses foi Dom Manoel à Mesquita onde el Rei estava, o qual se começou de desculpar, dizendo que aquelle caso fora furia do povo, por quanto nelle avia muita gente, que tinha recebidas muitas injurias, & dannos d'algũs Portugueses que alli estavão. E para mais justificação sua, começou à propor, & contar as cousas de que atras fizemos menção, & disse, que pois ja o mao recado era feito, & que os mortos que ouvera de parte à parte, parecia satisfazerem parte das culpas cõmettidas, que elle não queria, que hum bem tam principal, como era a paz & amizade que estava contrattada ficasse quebrada. Mas que outra vez de novo se tornasse à ratificar, & reformar. Porque elle jurava por o Moçafo da sua lei, em que punha as manos, que nenhũa cousa mas desejava que a paz dos Portugueses, & que isto era o que queria, & outra cousa não. Dom Manoel lhe respondeo, que elle era ignorãte de todas aquellas cousas que lhe contara: & que na verdade se as elle soubera, antes que com elle tratasse a paz à que era vindo, primeiro ouvera de

de trattar do castigo que avia de dar à aquelles culpados, porque elle trazia poderes do Governador para castigar malfeitores. E em quanto isto não fizera, não ousara de confiar sua pessoa de gente escandalizada, & desejosa de vingança: Mas que como vio os culpados de que se elles queixavão estarem na mesma terra, de quem podião tomar vingança antes de sua vinda, que temor podia elle tèr, pois era chamado à bem de paz, & não de guerra? E pois o negocio estava naquelle estado, elle não sabia mais que notificarlhe, que a nação Por-
10 tuguesa muito mais temia fazer hũa cousa contra sua honra, que contra a vida. E que se lhe à elle parecia, que por os tèr cercados & postos em perigo, avia com elles de trattar de pazes, menos do que tinha assentado, podia estar seguro que elle o não faria. E que avia de estar em sua liberdade para as poder fazer, & não da maneira que elle estava. El Rei lhe respondeo, que elle dizia mui bem, & que assi queria que fosse, & elle se tornasse para onde estavão os seus; & practicasse cõ elles nisto que lhe dizia. Porque por sua livre vontade queria que de novo assentassem as pazes, pois as passadas por
20 aquelles insultos dos seus erão quebradas.

Despedido Dom Manoel del Rei, & os seus que estavão em arrefés tornados, ouve grande confusão entre os Portugueses. Porque Dom Manoel temendo o que despois succedeo, dizia, que ou pelejádo livrassem suas pessoas, ou acabassẽ de todo. Os mais d'aquelles q̃ erão alli vindos buscar fazenda & não honra, dizião que o melhor era salvarem hũa vez as vidas, q̃ o mais era trato de mercadoria, q̃ em hũa parte se perde & em outra se ganha. E quando el Rei lhe mantivesse tá pouca fè, que os cattivasse, que parentes & amigos tinhão na In-
30 dia para os resgatarem. E os que mais insistião em não pelejar, erão os casados na India. Finalmente Dõ Manoel consentio no que lhe el Rei mandou dizer, q̃ elle com todos os Portugueses fosse aos seus paços, para de novo publicamente assentarem as pazes, onde elle mandava, q̃ os principaes fossem presentes, para satisfazer à seu povo, & o aquietar d'aquella indinação q̃ tinhão. Vindo D. Manoel, tanto q̃ entrou em hũ grãde terreiro das casas d'el Rei, cõ a gẽte que levava, q̃ serião settenta homẽs, el Rei lhe mandou dizer, que elle sòmente com hũa pessoa, que elle quisesse, subisse à hũa casa, on-
40 de o esperava, & que os outros aguardassem atè elle os

 mandar

mandar ir. Ao que Dom Manoel satisfez, subindo à hũa ca-
sa em que el Rei estava, & elle mandou levantar hum seu pa-
rente que tinha acerca de si, & em seu lugar fez assentar à Dõ
Manoel. E pratticando com elle o danno que os Portugue-
ses tinhão feito, lhe mostrou o seu parente & criado à que o
Artilheiro roubara & atormentara, dizendo que fazer pazes
verdadeiramente elle o desejava: porem que não sabia se o
Governador averia por firme o que alli trattassem: porque
por elle Dom Manoel estar em estado de cattivo mais que de
livre, não parecião valiosas as pazes. Polo que era necessario
que elle, & todos os seus estivessem alli, atè elle mandar noti-
ficar ao Governador a causa de os reter. E por quanto os que
estavão no galeão, & nos navios dos Chatijs que alli erão vin
dos, podião fazer algum nojo à cidade com sua artelharia, sa-
bendo como elles estavão reteudos, lhe rogava que lhes es-
crevesse, que se fossem em boa hora, sem atirar com a arte-
lharia à cidade, & que na sua costa não fizessem algum dan-
no. Ao que Dom Manoel respondeo, que elle em sua liber-
dade era Capitão d'aquella gente, & lhe obedecia: mas que
no estado de cattivo, em que o elle tinha, não cresse que elles
farião se não o que quisessem, & não o que lhes elle man-
dasse. Porem pois alli estava faria o que lhe mandava: & pe-
dio papel & tinta, & fez duas cartas, hũa para a gente do mar
do galeão & dos outros navios, & outra para Nuno da Cu-
nha, dandolhe conta do estado em que ficava, & das causas
per onde à elle viera: as quaes cartas el Rei mandou que lhe
lessem. Os que ficarão em baxo no patio, quando virão D.
Manoel preso, por o que elles tinhão feito, & que o tẽpo não
dava à outra cousa remedio, entregarãose com esperança de
sairem d'alli com elle, os quaes poucos & poucos forão logo
postos à bom recado. A gente do galeão & dos outros navios
vendo a carta de D. Manoel, por não serẽ causa de maior mal,
pacificamente se partirão caminho da India. El Rei porque
de nenhũ dos cattivos estava mais escandalizado que do Go-
dinho, que lhe chamou bebado, ante si o mandou descabeçar
per hũ seu escravo. Dos outros que ficarão, os trinta & qua-
tro mandou de presente ao Turco com offerta de sua pessoa,
por a nova de sua armada que se fazia em Suez, vendo que
por o que fizera à Dom Manoel ficava posto em odio com
os Portugueses, & cõ o presente ficaria mettido na graça do

Turco.

Turco. Entre estes cattivos que mandou foi o Alvaro Madeira, o qual fugio de Constantinopla, & vèo à este Reino no anno de M.D.XXXVI. & deu à el Rei nova da armada que o Turco fazia em Suez para mandar à India como adiante diremos.

CAPITVLO XVI.

Do que Nuno da Cunha aßentou com o meßageiro d'el Rei de Xael 10 *sobre as pazes que pedia, & como mandou à Dom Fernando de Lima que ia por Capitão à Ormuz, que fosse por Xael tirar à Dom Manoel de Meneses de cattiveiro.*

DE todas estas cousas que erão passadas em Xael, Nuno da Cunha tinha informação: & porque a prisão de Dom Manoel procedeo dellas as disimulou, & como foi em Dio, aonde trouxe o messageiro d'el Rei de Xael, 20 assentou com elle pazes com estas condições.

Que el Rei de Xael entregaria logo Dom Manoel, & os Portugueses que com elle estavão, & todos os seus escravos, & pagaria a perda de sua fazenda per esta maneira. Que Nuno da Cunha mandaria à Xael hum feitor & hum escrivão, & os dereitos que as partes ouvessem de pagar na alfandega se farião em tres terços, hum delles para pagamento destas fazendas, outro para el Rei de Portugal, & o outro para el Rei de Xael. E que este feitor & escrivão darião cartazes para navegarem as naos seguramente com suas mercadorias. E que em sinal de pareas el Rei de Xael daria em cada hum anno à el 30 *Rei de Portugal cem quintaes de Cisa, (que he azeite de pexe) para os seus almazẽs da India. E que Nuno da Cunha lhe mandaria entregar dous Mouros honrados naturaes de Xael, que forão presos em Ormuz, como represalia, por causa de Dom Manoel. E assi daria favor & seguro aos navios que fossem achados na costa do seu Reino dẽtro dos limites nomeados.*

Feito este contratto, porque Dom Fernando de Lima, filho de Diogo Lopez de Lima, que ahi estava, & viera de Portugal na armada do anno passado, ia para Ormuz à servir de Capitão d'aquella fortaleza, [a] ordenou Nuno da Cunha, 40 que fosse por Xael à ver jurar el Rei este assento das pazes, & recceber

[a] *Estava neste tempo D. Pedro de Castelbranco por Capitão de Ormuz, donde mandarão à Dio ao Governador Capitulos de grandes queixas cõtra D. Pedro, as quaes erão de qualidade, que pareceo necessario à Nuno da Cunha para quietação da terra mandalo tirar da fortaleza, ao que enviou à Ormuz o Doutor Pero Fernandez Ouvidor gèral, que o suspendeo do cargo, & o mandou preso à India. E com esta occasion deu o Governador a Capitania de Ormuz à Dõ Fernando, que elle não possuio mais de tres meses, fallescendo nella de hũas febres, com grande sentimẽto de todos, pelas muitas partes de que Dom Fernando era ornado.*

Diogo do Couto capitulos 6. & 8. do liv. 2. da 5. Dec.

receber entrega de Dom Manoel de Meneses, & dos outros Portugueses. Chegando Dom Fernando à Xael, foi recebido d'el Rei com muita honra, & comprio cõ elle tudo o que seu Embaxador contrattou, & deulhe dous cavallos: & alem de entregar Dom Manoel, & todos os que com elle estavão, que em hum navio se forão para a India, entregoulhe certa fazenda que hi tinha Ioão de Santiago, à que chamavão Franguechan, por saber que ja era morto. E passando Dom Fernando per Caxen, lhe entregou tambem el Rei outra pouca de fazẽda do mesmo Santiago que ahi fora tèr em hum zambuco; tudo por apprazer à Nuno da Cunha, & desejar sua amizade, & dos Portugueses: & assentou tambem pazes com Dom Fernando. E por estes Reis comprazerem à Nuno da Cunha, lhe mandarão novas, como não avia entre elles noticia algũa dos Rumes virem à India aquelle anno.

Chegado Dom Fernando de Lima à Ormuz, escreveo à Nuno da Cunha o successo de sua viagem, & como de Baçorà avia vinte tres dias que era chegado hum Bartholomeu Rodriguez, que là mandara Dom Pedro de Castelbranco à saber novas dos Rumes, & conformava o que dezia com o que lhe disserão os Reis de Xael, & de Caxen. E afora os avisos que estes Reis mandarão à Nuno da Cunha, os teve de outros muitos, como foi d'el Rei de Dofar: os quaes todos tratavão de o grangear. Porque como vião el Rei de Cambaia morto, & Dio em poder de Portugueses, & todos os Arabios vivião do trato que naquella cidade tinhão, competião hũs com outros à qual o obrigaria com maiores beneficios, por o favor que pretendião para suas navegações. Mas Nuno da Cunha, ainda que aquella nova vinha per tantas vias, & não sò per Mouros, mas per algũs Portugueses, & lhe parecia que aquelle anno não virião Rumes, com tudo para segurança da fortaleza, deixou começada a grande cisterna que nella ha,[a] & mandou fundar hum baluarte na villa dos Rumes,[b] & derribar a maior parte della, por ser mui perigosa aquella povoação, & sòmente deixou algũas casas para os officiaes que hi avião de residir: & asi ordenou outras cousas para a defensão da fortaleza, no qual negocio elle levou maior trabalho que no governo, & foraes da terra. E deixando provido tudo o que era necessario, quando vèo o mes de Março, que he o principio do inverno, se recolheo para Goa.

a. Esta cisterna he de tres naves, tem vinte cinco palmos de alto, & tam capaz, que cada palmo da sua altura recolhe mil pipas d'agoa.
Diogo do Couto cap. 3 Liv. 2. Dec. 5.

b. Deste baluarte deu o Governador a Capitania à Francisco Pacheco.
O baluarte do mar proveo d'artelharia, & munições, & nelle pòs por Capitão à Antonio de Sousa Continho com trinta Soldados.
A Capitania mòr da armada q̃ deixava no rio, deu à Francisco de Gouvea, & Alcaidaria mòr da fortaleza à Paio Rodriguez de Araujo, & a Feitoria à Antonio da Veiga. E os fidalgos, & Capitães que deixou cõ Antonio da Silveira, forão Lopo de Sousa Coutinho, Gonçalo Falcão, Luis Rodriguez de Carvallo, Gaspar de Sousa, Manoel de Vasconcellos, & Rodrigo de Proença.
Diogo do Couto cap. 6.

Partido Nuno da Cunha, chegou à Dio hum navio, de que era Capitão Fernão de Moraes, que partio deste Reino em Novembro em cõpanhia de outros dous navios, de que erão Capitães Fernão de Castro para ir à Ormuz, & Diogo Lopez de Sousa o Traquinas à Goa, indo asi ordenados para estas fortalezas se proverem, por o aviso que el Rei Dom Ioão tinha da armada do Turco, que estava feita em Suez. A qual nova se soube não sòmente por aquelle Alvaro Madeira, que dissemos fugira para Portugal de Constantinoplà, aonde el 10 Rei de Xael o mandara com outros cattivos, mas de outras pessoas de credito. Do que el Rei avisava à Nuno da Cunha por estes tres Capitães, & que logo para Março mandava fazer hũa grossa armada. E no mesmo mes de Novembro, em que elles partirão, partirão tambem para a India em dous navios Aleixo de Sousa, & Enrique de Sousa Chichorro seu irmão, filhos de Garcia de Sousa, os quaes forão à Moçambique, de cuja Capitania ia provido Aleixo de Sousa, porque se receou el Rei que fossem tèr à ella algũas galès dos Turcos, & per este modo quis tèr provido tudo. E porque das cousas do 20 Reino de Bengalla, sendo de nos mui frequentado, atè agora não temos dado noticia, nem do successo de duas armadas que Nuno da Cunha mandou à aquellas partes, deixando com o fim deste libro as cousas da India, começaremos no seguinte com as de Bengalla, como mais vezinhas que as de Malaca, & Maluco, de que tambem nelle avemos de escrever, por irmos proseguindo nossa natural ordem, & caminho de Oriente.

LIVRO NONO DA QVARTA DECADA DA ASIA, *DE IOÃO DE BARROS.*

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITVLO PRIMEIRO.

Da descripção do Reino de Bengalla, & dos costumes da gente delle.

ORQVE na geral descripção, que „ em summa fizemos da costa da In- „ dia na nossa primeira Decada, * não „ demos mais noticia do Reino de Be- „ galla, que da dimensão da sua ensea- „ da, & da entrada nella do Rio Gan- „ ges (a que os naturaes chamão Gan- „ ga) pareceonos que aqui onde avia- „ mos de trattar do que aos nossos aconteceo n'aquelle Reino, „ deviamos dar maior noticia delle, & dos costumes das gentes „ que o habitão. A situação pois do Reino de Bengalla he na- „ quella parte onde o rio Gãges descarrega suas agoas per dous principaes braços no Oceano Oriental, & onde a terra reti- rádose mais de suas ondas, faz a grande enseada à que os Geo- graphos

* Liv. 9. cap. 1.

Este Cap. estava no quaderno de João de Barros mui desordenado, trocadas as cousas, & todas fora de seu lugar, com que ficavão inintelligiveis.

graphos chamarão Gangetica, & agora lhe chamamos de Bengalla. Nas fozes dos dous braços do Ganges se mettem dous notaveis rios, hum da parte Oriẽtal, & outro da Occidẽtal, ambos limites deste Reino. A hum delles chamão os nossos de Chatigam, por entrar na foz Oriental do Ganges em hũa cidade deste nome, que he a mais celebre & rica d'aquelle Reino, por razão de seu porto, no qual concorrem as mercadorias de todo aquelle Oriente. O outro rio entra no braço Occidental do Ganges à baxo de outra cidade que se chama Satigam, tambem grande & nobre, mas menos frequentada 10 que Chatigam, por o porto não ser tam commodo para a entrada & saida das nãos. O rio de Chatigam nasce nas serranias dos Reinos de Avà & de Vagarù, & fazendo seu curso do Nordeste para o Sudueste, divide o Reino de Bengalla das terras do Codovascan, & ao longo das correntes deste rio ficão os Reinos de Tipora & de Bremma Limma, que rodeão Bengalla da parte Oriental. Pela do Norte cingem este Reino hũas serranias, que o apartão do Reino de Barcunda: nas quaes abrio a natureza o caminho à aquelle illustre rio Gãges 20 para levar suas agoas ao mar: & nesta abertura que he no estremo deste Reino tem o Rei hũa fortaleza chamada Gorij, para defensão das gentes que habitão aquellas serras & partes montuosas por onde o rio Ganges sae, paraque não possão entrar per terra nem per agoa. Voltando estas mesmas serras ao Ponente, apartão os Bengallas dos povos Patanes, & mais abaxo contra o Meodia do Reino de Orixà, ficãdo desta parte entre as serras & a corrente do rio Ganges as campinas de Bengalla. Outro rio que entra no Ganges abaxo de Satigam, corre pelo Reino de Orixà, & tem suas fontes nas costas da serra, à que os Indios chamão Gate, naquella parte 30 que ella vezinha com Chaul, & por ser este rio grande, & correr per muitas terras, os naturaes à imitação do Ganges, em que se elle mette, chamãolhe tambem Ganga, & tem suas agoas por santas como as do Ganges. Desta maneira jaz o Reino de Bengalla pela sua parte maritima, que he a Austral entre os dous rios, este de Satigam ao Ponente, & o de Chatigam ao Oriente, & os dous braços do Ganges, em que elles entrão, formão a figura da letra Delta dos Gregos, como fazem todos os rios grandes que per bocas entrão no mar.

Toda a terra entre hum braço & o outro he dividida em 40 Ilhas

Ilhas ou Leziras, que estão retalhadas com a agoa do mesmo Ganges, & dos outros rios grandes, que nelle entrão. Das quaes começando da foz Oriental são estes os nomes das que vierão à nossa noticia, Tranqueteâ, Sundivà, Ingudià, Merculij, Guacalá, Tipurià, Bulnei, Sornagam, Angarà, Mularãgue, Noldij, Cupitavaz, Pacuculij, Agrapara, & outras muitas. Dentro dos limites com que comprehendemos o Reino de Bengalla estão estes Reinos à elle sujeitos: Caor, que vezinha com o Reino Cou; & foi em outro tempo parte del-
10 le, & os Bengallas o usurparão, & mais abaxo delle contra o mar, o Reino de Comotaij, & outro chamado Sirote, onde se fazem todos os capados que vem à Bengalla, & vão à outras partes, de que ha grande numero: O estado do Codovascam (que he hum Principe Mouro grande Senhor, & se mette entre Bengalla, & o Reino de Arracam) tambem os Bengallas o contão dentro dos termos do seu Reino; & asi o de Tipòra: mas como estas terras são montuosas, dizem os Bẽgallas, que certos Senhores poderosos se levantarão com ellas contra el Rei de Bengalla. E como entre os Tiporitas, & os
20 Bengallas ouve sempre odio, & emulação, como pela maior parte soe aver entre Reinos vezinhos, quando algum delles pretende ser maior, que o outro, ou superior, fizerãose em liga os Tiporitas com os do Reino de Cou, tambem inimigo de Bengallas, com que lhe levantarão a obediencia. E segũdo este Reino de Cou he grande, & tem mais gente de cavallo que nenhum de seus vezinhos, & he aspero por as muitas serranias que tem, pudera por si sò conquistar Bengalla, quãto mais ajudado dos Tiporitas, que he gente mui bellicosa. Mas como estes dous Reinos amigos & confederados são
30 Gentios, sem entre si consentirem Mouros, que com artelharia, & artificios de guerra de que usão, tem feito o Reino de Bengalla poderoso, vem estes dous Reinos amigos à perder por falta da disciplina militar dos Mouros, que a vierão dominar, o que lhe sobrelevão de esforço, de animo, & valentia. Da outra parte do Ponente contra o Reino de Orixà tem os Bengalas o Reino de Cospetir, cujas campinas no tẽpo das crescentes do Ganges, são cubertas quasi ao modo das do rio Nilo. E porque Bengalla a maior parte do tempo cõtende com dous Reinos vezinhos, com o de Orixà, que he
40 Gentio, & com os Patanes, de que a maior parte são Mouros,

ficava

ficava aquelle Reino Cospetir trilhado da passagem delles quando entravão em Bengalla, atè que os Patanes totalmente se fizerão Senhores delle, como adiante diremos.

Deste Reino de Bengalla, & de outros quatro seus vezinhos, dizem os Gentios, & Mouros d'aquellas partes, que à cada hum delles deu Deos seu particular dom. A Bengalla gente de pè sem numero: ao Reino de Orixà elefantes: ao de Bisnagà gẽte mui destra na espada & adarga: ao Reino do Delij muitas cidades & povoações: & ao de Cou grande numero de cavallos. Aos quaes asi nomeados nesta ordem elles dão estoutros nomes, Espatij, Gaspatij, Noropatij, Buapatij, & Coapatij.

A terra de Bengalla, como jaz entre vinte dous, & vinte sette Graos da parte do Norte, & a maior parte della he de cãpos, que se regão de quatro rios notaveis, & he retalhada em leziras (como dissemos) toda he mui fertil, não sòmente de arroz, que he seu geral mantimento, mas de muitos legumes, hortalizas, & fruttas, dellas como as de nossa Espanha, & de outras que cà não temos, que são naturaes à aquellas regiões do Oriente: fazse em todo este Reino muito & bom açucar, que se leva em fardos para outras partes: nasce nelle muita pimenta longa, & he abundante de todo genero de gado meudo & grosso, & animaes monteses, & aves de ribeira de toda sorte: crianse muitos cavallos do tamanho de facas de Inglaterra, & se colhe tanto algodão, & ha tantos officiaes que tecem finissimos pannos, que pode dar de vestir com elles à toda Europa. Porque não sòmente de Malaca por diãte, em que ha hum infinito numero de Ilhas naquelle Arcipelago, mas ainda à toda a India, em cuja costa em todos os lugares fazem infinitos pannos de algodão, por o geral da gente não se vestir de outra cousa, quem se quer vestir de pannos finos os ha de aver de Bengalla. E nas cousas de lavores de agulha, & differenças de tecedura à todas as gentes os Bẽgallas levão ventagem, como se vè nos lavrados das colchas riquissimas, & de outras cousas que de là vem.

A gente natural da terra pela mòr parte he gentia, & fraca para pelejar, mas à mais maliciosa, & atreiçoada de todo aq̃lle Oriente. Pelo que para injuriar hum homem em qualquer parte, basta dizer, que he hum Bengalla. Mas tem hum bem este povo, que como he gente que não tem mais de seu, que

quanto

quanto ganhão para comer aquelle dia, nesta pobreza estão mais seguros da vida, que os Grandes: porque à estes como lhe sentem fazenda, logo lhe achão hũa culpa, perque lhe he tomada para el Rei, & muitas vezes com ella perdem a vida: & quando morrem naturalmente, el Rei he herdeiro, assi do rico, como do pobre. Vsa el Rei de outra tyrannia, que como os seus officiaes da justiça, & da fazenda estão hum pouco de tempo nos officios, & à elle lhe parece que algũ està ja grosso em fazenda, por qualquer achaque o manda chamar, & à po-
10 der de açoutes lhe tira a que pode, & despois lhe vestem hũa cabaia que el Rei lhe manda dar, com a qual vai mais honrado, que injuriado com os açoutes, por ser sinal que fica ja reconciliado com el Rei, & que com aquella honra da cabaia lhe manda que torne à servir seu officio, no qual torna de novo à roubar, porque sabe que assi lhe convem para quando vierem outros açoutes.

A principal cidade deste Reino he chamada Gouro, situada nas correntes do Gange, & dizem tèr de comprido tres legoas das nossas, & dozentos mil vezinhos. De hũa parte tem
20 o rio por cerca, & da banda da terra hum muro de pedra & cal mui alto, & na parte onde o rio lhe não chega, tem hũa cava chea d'agoa, em que podem nadar grandes bateis. As ruas são largas & dereitas, & as principaes tem arvores postas em ordem ao longo das paredes, para fazerem sombra à gente que passa. E como o povo he tanto, são as ruas tam frequẽtadas com o trafego, & serviço da gente, principalmente as que vão demandar os paços d'el Rei, que não podem nellas romper hũs per outros, pelo que os que acertão de cair entre gente de cavallo ou de elefantes, em que vão os Senhores, &
30 homẽs nobres, alli ficão muitas vezes mortos, ou esmagados dos pès das bestas. Grão parte das casas desta cidade são nobres, & bem lavradas: & a riqueza & grossura do tratto desta cidade, & de todo o Reino de Bengalla era tanto, antes que os Patanes o tomassem (como adiante diremos) que dizia Soltam Badur, sendo elle hum Rei dos mais ricos d'aquelle Oriente, & muito arrogante, que elle era hum, & el Rei de Narsinga dous, & el Rei de Bengalla era tres, querendo dizer, que el Rei de Bengalla tinha sò, quanto elle, & el Rei de Bisnagà tinhão juntamente.

40

CAPI-

CAPITVLO. II.

Perque maneira os Reis de Bengalla vierão à ser Mouros.

EM tempos passados, segũdo dizem, averà cem annos, acertou de vir hũa nao do Reino de Adem, que està na boca do Estreito do Mar roxo, ao porto da cidade de Chatigam, de que vinha por Capitão hum Mouro Arabio, homem nobre, & abastado, que trazia consigo dozentos homẽs. Vendo este o estado da terra, como sagaz, & curioso, à quem a fortuna chamava para maiores cousas, começou à inquirir o estado do Rei, & do Reino, & seu governo, & como se informou bem de tudo, começou conceber em seu animo maiores esperanças das com que elle alli vèo. Carregada sua nao cõ o retorno do que trouxera, a tornou à mandar para Adem, deixandose elle ficar em Bengalla em figura de Feitor de parentes ricos que tinha, disimulando sua intenção. Aos quaes mandou a nao, & a fazenda, & lhe escreveo que logo o anno seguinte lhe mandassem outra nao cõ aquella, & nellas a mais gente que pudesse vir; pelo qual ardil, em tres, ou quatro viagẽs, dobrando as naos, & a gente, se achou com quinhentos homẽs. E por elle ser ja conhecido dos Mandarĳs, que são os Governadores, & avido por homem proveitoso à terra, por os muitos dereitos que pagava, era tido como natural. Esta reputação em que estava lhe deu ousadia de se elle ir offerecer à el Rei para hũa guerra que se moveo entre elle, & el Rei de Orixà seu vezinho, o que lhe el Rei acceitou. Mas nesta jornada o Arabio cõ sua pessoa, & gente q̃ levava servio de pouco; porque o Capitão geral do exercito que era Bengalla, como homem que se afrontara de lhe el Rei dar o Arabio em maneira de ajuda, não o metteo em cousa em que elle mostrasse seu animo, & industria; antes se ouve este Capitão mòr tam desconcertadamente em hũa batalha que deu ao inimigo, que perdeo muita gente, & lhe tomarão muitos elefantes que el Rei muito sentio. O Arabio vendo o modo que este Capitão com elle tinha em o desprezar, & quanto se el Rei enojara da perda d'aquella batalha, pedio à el Rei q̃ o deixasse

ir

ir com a mesma gente, com que o seu Capitão fora desbaratado, porque com ella, & com a pouca Arabia que tinha lhe daria vingança de seus inimigos. El Rei lho concedeo, & elle o fez de maneira que ouve hũa grande vittoria delles, & lhes tomou dobrados elefantes. Finalmente elle servio naquelle officio da guerra tãbem, que em satisfação disso, o fez el Rei Guarda mòr de sua pessoa.

Neste officio vèo elle à comprir seu desejo, que foi matar à el Rei, & apoderarse da casa Real, & do Reino. Polo que tan 10 to que o matou, se deixou estar nos paços que naquella cidade de Gouro el Rei tinha, que erão maiores que hũa grande villa, & erão a fortaleza da cidade, em que estavão seus tesouros, suas armas, cavallos, elefantes, & mantimentos. Destes paços saia o novo Rei com seus Arabios, & outros Mouros estrangeiros que recolheo, & com algũs Bengallas que para elle se vierão, & tanta guerra fez aos da cidade, que se fez Senhor della, & de todo o restante do Reino. E para sua defensão, & conversão d'aquelle Gentio mandou vir muita gente de Arabia, pela qual como se vio Rei pacifico repartio 20 os officios, & governo do Reino, como lhe pareceo: & por este modo ficarão os Mouros Senhores de Bengalla. E este foi o principio de os Reis della virem à ser Mouros, sendo antes elle, & o povo Gentio. Deste tyranno, & dos seus vem todos os Reis que despois delle succederão em Bengalla, não per successão de pai â filho: porque para succeder no Reino, tem os Bengallas hum cruel, & barbaro costume, dos antigos tempos introduzido, que se algum dos servidores d'el Rei, dos que elle tem naquelles paços, o matar, & estiver tres dias assentado em 30 sua cadeira Real, sem alguem o mover d'alli, he Rei sem mais contradição. E a razão que para isto dão, he, que pois Deos sustenta aquelle na cadeira Real aquelles dias, o approva por Rei para governar melhor que o passado, que per elle foi morto. E Martim Afonso de Mello Iusarte, por cuja causa viemos contar as cousas de Bengalla, dizia, que no tempo que elle estivera naquelle Reino, ouvira dizer, que em espaço de quarenta annos se fizerão treze Reis per aquelle modo, entre os quaes foi hum escravo seu Abexij de nação, & outro que lhe ser- 40 via de lhe trazer o andor em que andava. E o que reinava

em tempo que Martim Afonſo de Mello là foi; & que o prendeo (como diremos) ſe chamava Mamud Xiah, que na conjunção de ſua chegada matara hum ſeu ſobrinho, filho de Nancarote Xiah ſeu irmão, o qual o deixara por tutor do filho à hora de ſua morte, por ſer de pouca idade. E por parecer à Mamud Xiah que não ficava ſeguro com a morte do moço, por ſe aſſegurar dos grandes do Reino, acreſcentando hũa maldade à outra, mandou matar mais de dozentos homẽs, & tomarlhe as fazendas, das quaes ſão Senhores os Reis d'aquella terra, não ſòmente dos que ſão mortos por culpas, 10 mas dos que morrem ſem ellas.

Eſte tyranno Mamud eſtava com eſtas cruezas recolhido na fortaleza d'aquelles paços de Gouro, como à quem tudo era ſuſpeito: & não tinha couſa de que ſe fiaſſe mais que de quatrocentos homẽs da guarda das portas que avia antes que entraſſem à elle, repartidos em quatro Capitanias. Os Capitães deſta gente vigiavão à quartos, & todas as noutes avião de ſer mudados demaneira que nenhum avia de ſaber que porta avia de guardar a noute ſeguinte, ſenã quando era poſto nella. Sòmente hum Ca- 20 pado que tinha cargo das molheres d'el Rei, que ſe affirmava ſerem mais de dez mil, & tinha a porta mais interior onde eſtava a peſſoa d'el Rei, não era mudado della, como os outros erão das outras. Eſte era Capitão de quatrocentos Capados que avia das portas adentro para ſerviço das molheres, os quaes nunca ſaião fora, & os que fora ião erão moços pequennos tambem Capados. D'aquellas molheres d'el Rei, quatro erão as principaes, & da primeira deſtas quatro os filhos erão herdeiros. Finalmente o Eſtado d'aquelles Reis de Bengalla era tam grande naquel- 30 le tempo, que aviamos meſter muito para poder eſcrever ſuas couſas.

E porque a cauſa que nos moveo eſcrever o que atè aqui diſſemos, foi tèr eſte tyranno preſo Martim Afonſo de Mello Iuſarte na ſua cidade de Gouro, ſerà neceſſario repetir de longe a razão porque o prendeo, & contar quam proveitoſo lhe foi tèr conſigo Martim Afonſo ja ſolto. E como elle, & os outros Portugueſes que com elle forão preſos, livrarão à Mamud Xiah da guerra que lhe os Patanes fazião. Em a qual narração ſe verà, que não ouve 40

guerras

guerras naquelle Oriente de hũs Principes com outros, em que algũs dos noſſos ſe acharão, que a parte que elles favorecerão, não ouveſſe vittoria de ſeus inimigos. E tambem ſe verà, em quam breve eſpaço ſe trocão os Eſtados, por grandes que ſejão de hũs povos em outros, quando os Principes delles os poſſuem com tyrannia.

CAPITVLO. III.

10 *Como Martim Afonſo de Mello foi à el Rei de Bengalla, requererlhe amizade, & cõmercio com Portugueſes, & do que ſobre iſſo lhe aconteceo.*

ATRAS temos ditto no ſegundo livro deſta Decada, como Coge Sabadim Mouro reſgatou Martim Afonſo de Mello, & ſeus companheiros de poder do Codavaſcam, os quaes per hum Coge Sucurulà ſeu parente mandou à India em hũa ſua fuſta no anno de M.D.XXIX. à Nuno da Cu-
20 nha, que ja à aquelle tempo governava. O que moveo à eſte Mouro fazer eſte beneficio, foi tẽr elle negocio com o Governador Nuno da Cunha, & era eſte. Como ordinariamente os mais dos annos os Governadores da India mandão à Bengalla hum Capitão, à que querem aproveitar com hũa armada, em que entrão navios de homẽs que vão à aquellas partes fazer cõmercio, de que eſte fidalgo he Capitão mòr, & leva jurdição ſobre elles, como ſobre os navios d'el Rei. Deu Lopo Vàz de Sampaio eſta Capitania à Rui Vàz Pereira (como atras diſſemos) que era hum fidalgo de ſerviço. Eſte che-
30 gado à Chatigam, que he a cidade de Bengalla, onde concorrem todos os navios que vão tratar à aquelle Reino; achou alli ao Mouro Coge Sabadim, que era Parſio de nação, & avia annos que eſtava naquella cidade de Chatigam negociando ſua fazenda, & de algũs Mouros de Ormuz, & fizera hũa galeotta à noſſa uſança, ſendo defeſa na India polos Governadores, & por el Rei de Bengalla no ſeu Reino, à inſtancia de Raphael Pereſtrello, quando alli eſteve. E a cauſa porque ſe defendião galeottas na India aos Mouros era, porque algũs delles ſe fazião coſſairos, & an-
40 davão roubando com os navios da feição dos noſſos,

& as partes roubadas se queixavão, que os Portugueses os roubavão.

Avendo esta defesa, como Coge Sabadim tinha muito favor dos Governadores de Chatigam, por os peitar grossamente, para bem fazer seus negocios, teve em pouco impedir lhe Rui Vàz Pereira usar da galeotta que tinha feito à nossa usança. Polo que Rui Vàz lhe tomou hum galeão que no porto tinha carregado. Queixandose disto Sabadim à Nuno da Cunha que ja governava, & pendendo demanda na India sobre isso, fez o resgate de Martim Afonso, & dos mais Portugueses, por obrigar ao Governador à lhe fazer justiça, & mãdou juntamente com Martim Afonso à seu parente Coge Sucurulà, para andar na demanda do galeão (que lhe foi tornado com toda a fazenda) & practicar algũas cousas de importancia com o Governador, alem de Martim Afonso as trazer em lembrança. Erão algũas do serviço d'el Rei de Portugal, & outras em beneficio delle Sabadim, para libertar sua pessoa da violencia que os Governadores de Chatigam lhe fazião em o não deixarem ir d'aquella cidade para a Persia sua terra natural. Porque por o muito tempo que este Mouro esteve naquella cidade, & o grande tratto que tinha d'alli para Ormuz, enriqueceo tanto, & era sua estada alli tam proveitosa às rendas d'el Rei, & à toda a terra, com a entrada & saida das mercadorias em que tratava, que o não querião deixar ir para sua terra, dizendolhe, que el Rei o mandava assi. Coge Sabadim porque conhecia a natureza dos Bengallas, & a tyrannia d'el Rei, com que lhe tomaria toda a fazenda, & mais que o trazião ja preso per olho que se não fosse, deu conta de tudo à Martim Afonso de Mello, & de quam assombrado vivia, temendo de perder a fazenda, & com ella a vida. E não sòmente lhe deu conta dos desejos de sua liberdade, & salvação, mas lhe deu muitas razões, de quanto compria ao serviço d'el Rei de Portugal tèr alli hũa fortaleza, & quam leve seria de a mantèr, & defender: & quanto serviço elle poderia fazer à S. Alteza em Ormuz, se o Governador ordenasse como podesse sair d'aquelle cattiveiro. Finalmente pedia ao Governador mandasse Martim Afonso de Mello à Chatigam com hũa armada à fazer fazenda d'el Rei, para o que elle daria muita ajuda, & na envolta della recolheria sua fazenda, & sua pessoa. E despois

despois que se visse com elle, daria ordem ao mais que promettia. Nuno da Cunha pratticou com Coge Sucurulà todo aquelle negocio, & lhe deu muita esperança, que como fosse tempo mandaria Martim Afonso à Bengalla, & asi o espedio contente com a promessa, & com o galeão, & fazenda de seu primo.

Nuno da Cunha que estava determinado de executar o que offerecera à Coge Sabadim per seu primo Sucurulà, se moveo mais per hũa carta que lhe el Rei Dom Ioão 10 escreveo, em que lhe encomendava aquelle negocio. Porque Martim Afonso querendo gratificar o beneficio que de Sabadim recebera em o resgatar, escreveo à el Rei nas primeiras naos que à este Reino vierão, & tambem lhe escreveo Coge Sabadim, dandolhe grandes esperanças de o servir bem naquelle particular, & em outros. Polo que no anno de M.D.XXXIIII. mandou Nuno da Cunha à Martim Afonso de Mello (como atras escrevemos *) com dozentos homẽs, em hũa armada de cinco vellas, de que erão Capitães, Christovão de Mello de Sampaio de hum 20 galeão em que ia Martim Afonso como Capitão mòr, & dos outros navios erão Antonio Pacheco, Francisco Bocarro, Antonio Gramaxo, & Antonio Diaz. E o regimento que Martim Afonso levava, era sómente para cõmunicar com Coge Sabadim, a vista, sitio, & disposição da terra, & tentar se por ventura el Rei de Bengalla daria lugar para se fazer no porto de Chatigam hũa casa forte, para os Portugueses assentarem hũa Feitoria, & ser azo de terem trato pacifico, & cõmercio, sem temor de alevantamentos que avia naquelle porto. Para effeito disto, lhe deu Nuno da Cu- 30 nha cavallos, & peças ricas, para mandar à el Rei de Bengalla à sua cidade de Gouro, onde continuamente tinha sua Corte, ao costume d'aquellas terras, onde se não vai ante el Rei com as mãos vazias.

*No capitulo.22.do livro.4.

Chegado Martim Afonso ao porto de Chatigam à salvamento do mar, parece que na terra lhe estavão guardados seus perigos de cattiveiro, como já naquellas partes tivera. E conforme ao regimento que levava de Nuno da Cunha, ordenou logo de mandar à el Rei as cartas que levava para elle, com o presente, que em aquelle Reino chamão 40 Adiá, onde na offerta dos presentes se tem esta ordem per

costume mui antigo. Tanto que algum presente he levado ante el Rei, elle o manda avaliar pelos preços da terra, & per os mesmos preços se paga às partes. De maneira que qualquer presente ante el Rei de Bengalla, he húa cómutação de húa cousa por outra: & mais se contenta el Rei de lhe ser apresentado per este modo o melhor que cada hum leva, que serlhe dado de graça, por as partes não esconderem o bom para o vender à outrem. E com terem por certo que lho ha el Rei de pagar, não tem receo de o appresentarem. O presente que Martim Afonso mandava erão algũs cavallos fermosos, & peças de brocado, & de seda, & outras cousas que se estimavão em Bengalla. E para autorizar as cartas, & o presente, ordenou em modo de Embaxador que o levasse hum cavalleiro que se chamava Duarte de Azevedo, & em sua companhia doze homẽs, de que estes erão os principaes Ioão de Villalobos, Lopo Cardoso, Diogo Ferraz, Nuno Fernandez Freire, Iurdão de Moraes, & Diogo Cabaço.

Quando chegarão com o presente, não forão tambem recebidos como elles esperavão, por ser em conjunção que o Mamud tinha morto pouco avia à seu sobrinho, fazendose Rei de Bengalla, & com temor desta maldade, & da que cómettera na morte dos nobres, estava recolhido em seus paços, & toda a novidade lhe era entam suspeitosa. E para maior desdita dos Portugueses, acertarão à levar no presente certos caixões com bartilinhos d'agoa rosada, segundo os Mouros os navegão do Estreito de Meca, & Ormuz, como mercadoria em que fazem proveito naquellas partes, por os Mouros dellas serem mui deliciosos em cousas de cheiros. Estes caixões forão tomados em húa nao de Mouros per hum Damião Bernardez Portugues,[a] que andava levantado, & feito cossairo, sem Nuno da Cunha o poder aver à mão. E no proprio porto de Chatigam, onde estava Martim Afonso de Mello, tinha elle tomada húa fusta de hum Turco (que hi andava em Bengalla) com a qual tinha roubada a nao. E conhecendo este, & os outros Mouros os numeros, & marcas dos caixões serem de Mouros Mercadores, à quem a nao fora tomada, despois d'el Rei tèr acceitado o presente, & cartas de Nuno da Cunha, taes cousas disserão ao Tyranno Mamud

a. Damião Bernardez tendo licẽça de Nuno da Cunha para ir em hum navio seu trattar à Bengalla, se levantou, & fez cossairo. Em Baleacate tomou muitas chãpanas de Mouros, & Gentios amigos dos Portugueses: & na Ilha de Negamale hũa galeotta de Rumes cõ muita fazenda: & em Chatigam roubou muitos dos seus moradores. E voltando para a India, em seguimento da galeotta q̃ lhe levava Nuno Fernandez Freire, foi preso em Negapatam, & levado à Goa, onde na cadea sallesceo sentẽciado em dez annos para a Ilha de S. Elena.

Fernão Lopez de Castanheda nos Capitulos 47. & 48 do liv. 8. & Francisco de Andrade no cap. 77. da 2. parte.

Mamud Xiah, que faltou pouco para os mandar matar. E para melhor effettuar seu desejo o Senhor da fusta roubada, & outros à que muito pesava da paz, & amizade que Nuno da Cunha queria, tomarão por atiçador deste fogo hum Capado chamado Agà Abdelà, o mais acceito que Mamud Xiah tinha, fazendolhe crèr muitas suspeitas de que Mamud se podia temer dos Portugueses, dizendo, que seu officio era espiar as terras, & com nome de amigos vinhão despois à poder de ferro tomar posse do alheo; & que esse modo
10 tiverão em Ormuz, & Malaca. E que não era tempo, nem conjunção para se fiar delles, estando em Chatigam hũa armada sua, & virem em requerimento de amizade, cousa que atè entam não tinhão feito. Vltimamente se os Portugueses não tiverão algũs Mouros por sua parte, hum dos quaes era Alfachan, homem que tinha grande autoridade ante el Rei, por ser Aio, & Mestre dos moços fidalgos que servião ante elle, & asi hum Elche Valenciano, que naquellas partes se fizera Mouro, os nossos perderão as vidas. Mas asi neste primeiro impeto d'el Rei, como no tempo que
20 estiverão presos, sempre lhes forão bõos amigos, principalmente hum Gentio homem virtuoso moralmente, que como tal era avido entre elles por santo, & que dezião ser de idade de mais de dozentos annos. Porque este polo credito que tinha ante el Rei o desviou da morte dos Portugueses, & acabarão com elle que se contentasse com os prender: & que achando que erão os que lhe dizião, entam lhe ficava tempo para os castigar. E lhe lembrarão que não estava em tempo para ganhar inimigos; & que o Governador da India era Senhor do mar, & os Portugueses erão homẽs
30 que em breve se vingavão de quem lhes fazia dãno. El Rei movido com estas razões, & com outras, ou por fazer maior presa, ou porque asi teria ao Governador da India mais sugeito à seus requerimentos, secretamente espidio hum seu Guazil de muita qualidade, que fosse à Chatigam, & prendesse à Martim Afonso, & aos principaes que com elle estavão. E isto de modo que não viessem às armas, por ser gente bellicosa. E para que os Portugueses não fossem avisados, mandou, que nem per agoa, nem per terra passasse homem algum para Chatigam, & sendo achado fos-
40 se logo preso. E em quanto este Guazil ia, não curou

de mandar prender à Duarte de Azevedo,& ſeus companhei
ros,atè lhe vir recado da obra que o Guazil tinha feito.

CAPITVLO. IIII.

Como Martim Afonſo de Mello,& os Portugueſes que com elle ião forão preſos per mandado d'el Rei de Bengalla.

O Guazil d'el Rei de Bẽgalla como foi em Cha
tigam,fingio que vinha muito de preſſa à nego
ciar certas couſas para ſe logo tornar à Corte
donde viera.E acertou ao tempo de ſua chega-
da,Martim Afonſo, & ſeus companheiros eſ-
tarem poſtos em hũa afronta com os officiaes da alfandega:
porque como nella ſe pagavão por entrada das mercadorias
grandes dereitos,algũs dos Portugueſes quando deſembarca
rão ſonegarão algũas couſas das que levavão para vender,pa-
ra não pagarem tantos dereitos. O que ſabendo os officiaes,
tomarãolhe toda a fazenda per modo de embargo, atè paga-
rem tudo,o que erão obrigados per ſeu regimento. Sabendo
o Guazil deſte embaraço, folgou com aquella occaſião para
entender cõ os Portugueſes,& Martim Afonſo muito mais
com ſua vinda,parecendolhe que por ſua interceſſão, por ſer
peſſoa tam principal, teria mais favoravel deſpacho. Sendo
apoſentado o Guazil,Martim Afonſo acompanhado de mais
de cem homẽs bem ataviados, & armados para paz, & para
guerra, o foi viſitar de ſua chegada. Deſte apparato ficou o
Guazil confuſo:mas com aſtucia de homem de Bengalla lhe
moſtrou bom roſtro;& tocandolhe Martim Afonſo nas dif-
ferenças que com elle tinhão os officiaes da alfandega, com
boas palavras lhe fez o caſo leve,& lhe diſſe, que ſe informa-
ria dos officiaes proprios,& logo o deſpacharia, porque tam-
bem elle ſe avia logo de tornar para el Rei.Mas elle foi entre-
tendo o deſpacho atè ſe aperceber para o feito à que era man
dado:& como vio tempo, mandou dizer à Martim Afonſo,
que elle eſtava de caminho, & tinha ſeu negocio acabado,
que ſe foſſe com ſeus Capitães,& peſſoas principaes à jantar
com elle, porque ſe partia ao outro dia. Martim Afonſo não
cuidando a traição q̃ ſe lhe armava,& lembrãdolhe as cartas,
& pre-

& presente que tinha mandado à el Rei, sem receo algum se
apercebeo, como homem que ia à hum banquette mais de
festa que de guerra, levando somente as armas que os homẽs
na paz costumão trazer. E acompanhado de quarẽta pessoas
das mais principaes, se foi à casa do Guazil, onde forão recebi
dos com tanta festa, & gasalhado, quanto podião receber de
hum parente, ou grande amigo. E sem mais detença se assen-
tarão à comer em hũa varanda terrea, que cercava hum gran
de patio descuberto. Estando quasi no fim do comer, fingio
10 o Guazil que lhe tomava hum accidente, & se levantou, dizẽ-
do, que lhe perdoassem, que logo tornava. E os Mouros que
erão presentes per modo de cortesia se forão com elle, deixan
do os Portugueses sòs. Não tardou muito que per cima das pa
redes, & partes que caião sobre o patio appareceo grande nu
mero de Mouros frecheiros, & espingardeiros, que atiravão
aos Portugueses, sem lhes fallar cousa algũa.

Martim Afonso vendose sobresaltado, & em tamanho pe
rigo, mandoulhes perguntar per hum moço que lhe servia de
lingoa, que porque os frechavão? ao que elles responderão q̃
20 dissesse ao Capitão d'aquella gente da parte do Guazil que
lhe pagassem dez mil pardaos que lhe tomara o Capitão de
Malaca. A isto replicou Martim Afonso, q̃ dividas de dinhei-
ro, ainda que fossem verdadeiras, não se requerião d'aquella
maneira, & mais à quẽ se vinha metter em casa de hũ homẽ
tam honrado como era o Guazil: & que mal correspondião
aquellas obras ao que elle vinha à aquella cidade com cartas,
& presentes à el Rei de Bengalla sobre a paz, & amizade que
o Governador da India queria tèr com elle. A estas palavras
lhe foi respondido com muitas espingardadas, com que derri
30 barão à Christovão de Mello sobrinho de Lopo Vàz de Sã-
paio Governador que fora da India, que logo morreo. Vendo
Martim Afonso morto a Christovão de Mello, disse aos que
estavão com elle: *Senhores mais he isto que divida de dez mil par-
daos; venhamos á verdade, mouramos com a espada na mão como ca-
valleiros, & não com ella na bainha, matemos quem nos quer matar.*
E todos juntamente se arremesarão à hũa porta do pateo, pa-
ra sairem per onde entrarão: mas estava tudo tam trancado, q̃
não aproveitarão suas forças. E porque estando ahi ficavão
mais descubertos para os frecharem, tornarãose à encantoar
40 no alpendre onde comerão, & nelle matarão às frechadas

Gonçalo Gomez de Azevedo, Antonio de Mesquita, Antonio Gramaxo, & hum page de Gonçalo Gomez sobre seu Senhor, que querendoo ir ajudar à levantar quando o vio cair, o ficou acompanhando na morte. No qual tempo estando ja Martim Afonso, & outros mui frechados, enfraquecerão tanto por o sangue que se lhe ia, que cairão. E vendose tam feridos, & postos ao modo de gado em curral, & q̃ poucos à poucos os iāo matando, disse Martim Afonso: *Senhores aqui não ha outra cavallaria, pois estamos decepados, senão pòrnos em estado de Christãos, pedindo à Deos perdão de nossos peccados; porque nestes taes casos, mais obra a limpeza da alma, que a força de braços; quanto mais que não ha que esperar senão a misericordia de Deos. E primeiro que venhamos ao artigo da morte, em quanto temos alento, & lingoa, quero perguntar à esta gente, se quer outra cousa de nos; porque se com dinheiro podemos remir as vidas, leve remissão he, & bem o podemos fazer; & se querẽ a mesma vida, protestemos morrer como fieis Christãos, & martyres debaxo do ferro destes infieis.* Ditas estas palavras se poserão todos em giolhos, protestando a Fè que confessavão, & mandou ao moço que lhe servia de lingoa, que dissesse ao Capitão d'aquella gente, que fosse perguntar ao Guazil, que queria dos que ficavão vivos. O moço tornou com recado do Guazil dizendo, que a culpa dos mortos fora sua, pois se não quiserão entregar à prisão, & que dos vivos não queria mais que entregarense para os levar à el Rei, que os mandava prender, para darem de si razão das culpas que contra elles pedião justiça: porque elle como Rei era obrigado de a fazer à quem lha pedia. E que se elles se querião entregar para os levar à el Rei, mandaria cessar os tiros: & para isso ouvessem seu conselho. Martim Afonso quando ouvio esta resposta disse aos que com elle estavão: *Pareceme Senhores ser esta a verdade, que a causa do danno q̃ temos recebido, he mais mandado d'el Rei, que a divida dos dez mil pardaos, que o Guazil dizia dever o Capitão de Malaca: porque por tam pouca cousa, não se avia de atrever o Guazil fazer tamanho excesso, senão fora ordem d'el Rei. E pois assi he, q̃ fara dos outros que tem consigo? Peçovos que cada hum de vos cuide o que deveis fazer, porque eu não quero tomar sobre mi a morte alhea. Nem sou tam barbaro que queira morrer como amouco, como estes Gentios fazem, pois somos aqui vindos por serviço d'el Rei Nosso Senhor, por cujo respeito avemos de cortar pola cavalleria, & não pola vida. Porque segundo entendo, el Rei não quer nossa morte, senão*

nossa prisão, para algum interesse seu, que lhe importa mais que morrermos todos. Practicado este negocio entre todos, assentarão em se entregar, jurando o Guazil em sua lei que os levaria vivos à el Rei. E para isso vèo à hũa janella do pateo, onde o jurou no seu Moçafo.

Per esta maneira Martim Afonso, & seus companheiros, que serião poucos mais de trinta, se poserão nas mãos do Guazil, os quaes logo forão mettidos em hũa casa com as mãos atadas, & esbulhados de quanto trazião pelos ministros de 10 sua prisão.[a] Da qual escaparão Francisco Pacheco, & Ioão Iusarte Tição, porque o Pacheco não foi ao banquette, por ficar na pousada de todos por guarda della. E o Iusarte por ser grande monteiro, naquelle mesmo tempo era ido à monte. Os quaes sabendo o caso, & prisão de seus companheiros, se acolherão aos navios, & se poserão em salvo. O que não puderão fazer outros Portugueses, & os escravos Christãos dos que forão presos. El Rei foi logo avisado per cartas do Guazil da prisão dos Portugueses, & ao mesmo tempo o foi Nuno Fernandez Freire per hum Gentio seu amigo per nome 20 Darindà, que o conhecia já do tempo que estivera em Chatigam. O que Nuno Fernandez logo comunicou com Duarte de Azevedo, & consultando todos, se os quisessem prẽder, o que farião, como sabião o que Martim Afonso passara antes de ser preso, assentarão de se não deixarem prender. Mas despois que estando elles juntos na pousada, se virão de subito acõmettidos de quinhentos homẽs espingardeiros, lhes pareceo que seria soberba, & temeridade quererse defender, & serem homicidas de si mesmos, disserão que se entregarião pois el Rei o mandava: polo que não forão tam enxo-30 valhados dos ministros, como Martim Afonso, & seus companheiros.

(?)

a. Esta prisão de Martim Afonso escreve d'outra maneira Francisco de Andrade nos Capitulos 80. & 81. da 2. parte.

CAPI-

CAPITVLO. V.

Como Martim Afonſo de Mello, & ſeus companheiros forão levados à el Rei à cidade de Gouro, & do que paſſou Antonio da Silva indo reſgatar à Martim Afonſo.

TANTO que Martim Afonſo foi preſo com os ſeus companheiros, forão mettidos em hũa caſa eſcura, ſem ſerem curados de ſuas feridas. E quando vèo a noute vierão muitos miniſtros de ſua priſão, & apartando hũs dos outros, os principaes delles poſerão em andores, & os levarão todos acompanhados de gente de guerra, & caminharão com elles toda a noute. E quando vèo ao outro dia, acharãoſe em hũa povoação chamada Mavà, q̃ ſeria ſeis legoas donde partirão. Eſte lugar era porto de mar: & porque o Guazil ſe temeo que embarcando logo alli em Chatigam, podião aquelles preſos ſer tomados pelos Portugueſes q̃ eſtavão nos navios, os mandou de noute à aquelle lugar, onde eſtavão certos navios de remo ao uſo da terra, nos quaes mettidos, com as mãos atadas aos peſcoços, os levarão à cidade de Gouro.

A gente dos navios como ſoube que Martim Afonſo era levado preſo, & outros cõ elle, & q̃ no banquette forão mortos outros, ſairãoſe do porto de Chatigam, temendoſe de outro tal perigo, & como foi tẽpo forãoſe caminho da India dar novas à Nuno da Cunha d'aquelle deſaſtre, de q̃ elle foi mui anojado, por ſe lhe abrir de novo aquella guerra de Bengalla em tempo que tinha na India muitas couſas à que acudir. E dizia, que a priſão de Martim Afonſo fora em penitencia do que elle lhe diſſera, & eſcrevera à el Rei de Portugal em abonação de ſua ida à aquellas partes, & dos bẽs que ſe podião conſeguir em fazer fortaleza em Chatigam. E ſegundo os trabalhos que elle paſſou, bem purgou eſta informação, de que Nuno da Cunha ſe queixava: porque elle, & ſeus companheiros não forão tratados como homẽs racionaes, mas como beſtas feras. A priſão em que os metterão eſcura, nos paços d'el Rei, de fronte de outra em que eſtava Duarte de Azevedo, com os mais da embaxada, era hũa ſemelhança do

do inferno, sem tèr algum modo de refrigerio, mais que a consolação que recebião dos amigos que dissemos, em suas necessidades.

Nuno da Cunha como a prisão destes homẽs o atormentava, tanto que vèo a monção para Bengalla, à grande pressa fez prestes hũa armada de nove vellas (como atras dissemos *) em que irião atè trezentos & cinquoenta homẽs, & por Capitão Antonio da Silva de Meneses. O regimento que lhe deu foi, que como apportasse à Bengalla, a primeira cousa que fizesse fosse mandar notificar à el Rei, como elle o mandava para saber a causa da prisão d'aquelle Capitão, per quem lhe mãdara tratar de paz, & amizade: porque fazendo elle cousa per onde merecesse castigo, o seu delle Nuno da Cunha bastava para o el Rei não mandar prender quando lhe notificara sua culpa, por el Rei não violar o dereito das gentes, que he não prender, nem matar Embaxador, ainda que seja de inimigos, quanto mais sendo seu, que representava à el Rei de Portugal seu Senhor, com quem elle Rei tinha paz, & cõmercio. Mas quando elle Antonio da Silva visse que el Rei não respondia com paz, nem lhe entregava à Martim Afonso, & aos outros cattivos, entam lhe fizesse guerra à fogo, & à sangue. E porque todos estes Principes Orientaes tem grande vaidade nos presentes que lhe levão com as embaxadas, & he meio mui costumado para bem negociar com elles, ordenou Nuno da Cunha que com Antonio da Silva fosse Iorge Alcoforado com hum presente para el Rei em modo de messageiro, para mais levemente poder ir à cidade de Gouro, onde el Rei estava. E acertou que estando Antonio da Silva para partir de Goa, vèo hi tèr hũa nao de Ormuz, & nella hum criado de Coge Sabadim, que de Chatigam fora là vender sua fazenda, & lhe levava outra por retorno. E porque Coge Sabadim fora a principal causa de Nuno da Cunha mãdar Martim Afonso à Bengalla, lançou mão Nuno da Cunha de sua fazenda, & deste seu criado, & entregou tudo à Antonio da Silva em modo de represalia, com tal ordem, que não avendo per meio de Coge Sabadim o que pedia, retivesse sua fazenda, & criado, & não mandasse Iorge Alcoforado à el Rei.

Antonio da Silva partido de Cochij, como soube que em Coulam estava hũa nao de Mouros à carga de pimenta, passando per alli, a tomou. E chegando à Chatigam, ordenou logo

*No capitulo .23. do livro .4.

logo,como per cartas Martim Afonſo de Mello ſoubeſſe de ſua vinda. E à elle, & aos outros cattivos pareceo bem que devia logo de mandar Iorge Alcofarado com o preſente a el Rei,parecendolhe que com ſua ida acabaria a ſoltura de todos. Mas el Rei eſtava tam duro por os maos intentos que tinha,que não reſpondeo ao propoſito da liberdade, ſòmente que ſe tornaſſe à Antonio da Silva, dandolhe húa carta para Nuno da Cunha, em reſpoſta da que lhe levou, em que lhe mandava pedir certos pedreiros,armeiros,& ourivezes,quaſi em modo do reſgate dos cattivos. Antonio da Silva, porque tinha aſſentado com Iorge Alcoforado, que dentro de hum mes ſe tornaſſe, porque paſſado elle, como deſeſperado do pouco que acabara com el Rei,avia de fazer guerra aos lugares do Reino da fralda do mar,vendo o tempo ſer paſſado, & mais algũs dias que lhe deu de falhas, parecendolhe ſer preſo como os outros,queimou grande parte da cidade de Chatigam,por ſer de cannas; & pela meſma maneira fez entradas em tres,ou quatro lugares,fazendo quanto danno podia, em que cattivou,& matou muita gente da terra: mas eſſe danno pagarão Marcos Barboſa, Gonçalo Fernandez, & Manoel Lobo de Sequeira, que morrerão, & outros que forão feridos na peleja que teve. Chegada eſta nova à cidade de Gouro,mandou el Rei apôs Iorge Alcoforado, que avia tres dias que era partido: mas quis Deos que eſcapou apreſſandoſſe o mais que pode,por no caminho ſaber o que Antonio da Silva fazia,que o vèo tomar eſtando ja de verga d'alto para a India. El Rei com a indinação do que Antonio da Silva fizera mandou ameaçar à Martim Afonſo, & os outros preſos, & tirarlhe a metade do comer,& apartalos de dous em dous, & ſe deixou de lhe fazer mais mal,foi por lhe parecer que Nuno da Cunha por ſua carta lhe avia de mandar os officiaes que pedia.

CAPI-

CAPITVLO VI.

Como Xerchan Capitão d'el Rei dos Mogoles se foi de seu serviço para el Rei de Bengalla, o qual o fez seu Capitão mòr, & despois se levantou contra elle, & se tornou ao mesmo Rei dos Mogoles.

ESTANDO Martim Afonso de Mello, & seus companheiros na dura prisão que dissemos; como Deos Nosso Senhor acode com suas misericordias nos tempos desesperados de remedios humanos, em hum momẽto mudou as cousas ao reves do estado em que estavão. Porque à el Rei Mamud pôs em tanta necessidade, que não sòmente cessou do furor que tinha contra Martim Afonso, & seus companheiros, mas com mimos, & favores os começou à contentar, & amimar. E para que se veja melhor quam pouca seguráça os tyrannos tem no tempo do maior seu repouso (se elles nesta vida o podem tèr) traremos algum tanto de longe a causa perque vèo à aquelle Estado, que he hum dos maiores exemplos de nossos dias.

No tempo que Babor Patxiah Rei dos Mogoles conquistou o Reino de Delij, hum dos Capitães que naquella conquista o servirão foi Xerchan (como atras dissemos*) por os quaes serviços Babor lhe deu a cidade de Chinao, & outras terras que comesse. E com a mesma reputação em que Babor o tinha ficou per sua morte em serviço de Omaum Patxiah seu filho. Acabada a guerra do Delij, em que elle fora Capitão destes dous Reis, como os Principes acabado de não averem tanto mester os homẽs, os desestimão, & esquecem, & se não dão por tam obrigados por os serviços passados, como por os que esperão de futuro. E ou porque el Rei o mandou, ou porque o consentio, aconteceo hum dia, que querendo Xerchan entrar onde estava el Rei, como cada dia fazia, não sòmente lhe defendeo a porta o official della, mas ainda dos Capitães que presentes estavão recebeo mao tramento. Do qual caso fazendo elle queixume à el Rei, foi a sua resposta tal, que delle se ouve por mais injuriado que dos outros. Polo o que entendeo que lhe tinha avorrecimento, que ja avia dias sentia

*No capitulo. 3. do livro. 6.

ſentia nelle. Tinha Xerchan hum irmão ſeu por nome Hede-
delechan, homem esforçado, & de muitos merecimentos, cõ
que cõmunicou ſua afronta. E vendo ambos, que com as gue
rras do Delij acabadas, el Rei os eſtimava em pouco, & que
os ſeus Capitães Mogoles os deſejavão deſtroir por ſerem na
turaes da terra, ordenadas ſuas couſas ſecretamente, ſe forão
para el Rei de Bengalla. Xerchan ficou com elle em Gouro,
& Hedelechan cõ cento & oitenta de cavallo que tinha ſeus
foi tomar hũa cidade de Gentios chamada Rotàz per hum ar
dil, avendo muitos dias que el Rei de Bengalla a pretendia 10
aver, o qual mandou logo muita gẽte à preſſa com que ficou
Senhor da cidade. Com eſta boa entrada ficarão eſtes dous ir-
mãos mettidos no ſerviço d'el Rei, & acreditados: dos quaes
Hedelechan ficou naquellas partes de Rotàz, & à Xerchan
mandou el Rei que foſſe por Capitão de certa gente debaxo
da Capitania de Mocadam Olam (que quer dizer Capitão
do Mundo) o qual el Rei trazia na parte do Reino dos Pata-
nes, vezinhos aos Mogoles do Reino de Delij, com grande
poder de gente, por ſer ſeu cunhado, caſado com hũa ſua 20
irmãa.

Correndo o tempo, vèo eſte Mocadam Olam à morrer an
dando no campo com ſeu exercito, em cujo lugar a gente de
guerra levantou por Capitão mòr à Xerchan, pór o grande
credito que ja naquelle tempo tinha por os honrados feitos
d'armas que naquella guerra lhe virão fazer. No qual cargo
el Rei de Bengalla o confirmou. Xerchan como vio morto à
Mocadam, & que elle ficava com a potencia d'aquelle gran-
de exercito, per hum tempo diſsimulou o que trazia guarda-
do em ſeu peito, que era vingar a morte do Rei minino, &
dos Grandes que Mamud matou. E aſsi deſpois de tèr avido 30
algũas vittorias dos Mogoles, que deſcião do Delij ao longo
do rio Ganges à roubar, com as quaes ganhou grande credi-
to entre os Bengallas, & muito mais por ſua liberdade para
todos, parte neceſſaria para ganhar as vontades da gente, co-
meçou à tomar a voz contra o Tyranno Mamud, chaman-
doſe vingador do ſangue do menino Rei innocente.

Não paſſarão muitos dias, que eſcandalizado Omaum
Patxiah de Xerchan, por o danno que fizera à ſeus Capitães,
vèo ſobre elle, & o desbaratou. Mas Xerchan não ficou tam
quebrado, que Omaum ſenão contentaſſe do concerto de 40
paz

paz que Xerchan lhe cõmetteo, dizendo, que elle fazia guerra à aquelle tyranno tam justa como elle sabia, pois matara seu Rei, & aos principaes homẽs do Reino. Mas que elle o serviria como Capitão que ja fora seu tam leal, como elle sabia. E que não queria mais delle que darlhe algũa parte do que ganhasse para se mantèr. E para segurança de tudo, lhe daria em arrefẽs seu filho maior Gilalchan, que o andasse servindo com algũa gente de cavallo. Este concerto aceitou Omaum, vendo que à custa de Xerchan, sem
10 pôr cabedal de sua casa, podia acquirir em Bengalla algũa cousa, avendo tambem respeito que Xerchan servira à seu pai, & à elle lealmente, & que tivera justa causa de se ir delle, & de seu serviço. E que a guerra que fizera aos seus Mogoles fora como Capitão d'el Rei de Bengalla, & debaxo de sua bandeira como soldado que ia ganhar vida, & não como inimigo em modo de se vingar delle. E tambem naquelle tempo tinha Omaum seu intento nas cousas de Cambaia, de que atras escrevemos, & por isso deixou Xerchan no estado em que estava, que despois o pôs à
20 elle, no que adiante diremos. Nesta guerra de Cambaia, seu filho Gilalchan que andava com Omaum em arrefens, se lançou com Soltam Badur, o qual sabẽdo cujo filho era, & o modo como andava, o mandou à seu pai mui honradamente, do qual beneficio não resultou pouco proveito ao Reino de Cambaia, como adiante se dirà.

Como Xerchan teve seu filho em seu poder, ficou com mais animo, & menos receo de Omaum para fazer guerra à Bengalla, sem tèr com elle conta, para o que teve duas causas principaes; a primeira andar Omaum algum tanto
30 quebrado d'aquella grande potencia de gente com que entrou em Cambaia, porque là perdeo muita, & algũs grandes Capitães que naquelles despojos se fizerão ricos, forão comer com repouso suas presas, por andarem mui descontentes delle. Porque vendose com tantas vittorias, & tam poderoso, concebeo tanta opinião de si, que não lhe fallecia mais que mandarse adorar, o que lhe causava o Anfiam que tomava (que he o Opio) com que os Indios se embebedão mais, do que faz o vinho por forte q̃ seja, [a] perq̃ Xerchan o vèo à tèr em menos. A outra causa de se elle não te
40 mer de Omaum, era, que Rumechan, que deixando o serviço

 d'el Rei

a. Ao Anfiam chamão os Arabes Ofiom, & Afiom, pouco corrupto de Opio, nome q̃ os Gregos lhe derão. Fazse o Anfiam da goma, ou lagrima de dormideiras, as quaes crescẽ tanto em Cãbaia, q̃ ha casca de dormideira capaz de hũa canada d'agoa Ha muitas differenças de Anfiam, o do Cairo, a q̃ chamão Meceri, he o mais estimado, & de mòr preço Vai tambẽ à India de Adem, & de outros lugares vezinhos do Mar roxo, & se faz nos Reinos de Cãbaia, Mandou, & Chitor. He tanta a frialdade do Anfiam, q̃ usando delle incõsideradamente mata, & os q̃ de ordinario o comẽ, se o não continuão, correm perigo de morte: adormesce aos q̃ o tomão, com q̃ não sentẽ seus trabalhos, nem cuidão delles, & embebeda.

Garcia d'Orta no livro dos simples, & drogas da India, no Coloquio 41.

d'el Rei de Cambaia se vèo para elle, ouve por galardão de seus serviços a morte, acabando de lhe fazer hum mui grande serviço, & foi este.

Tomada per Omaum a cidade de Laor, ficavalhe o castello, situado sobre hũa pena viva, pelo pè da qual corria o rio à que os da terra chamão Ravè. E avendo dous meses que se defendia, vendo Rumechan à el Rei agastado, & enfadado de esperar alli tanto tempo, disselhe, que não levasse mà vida, que se fosse, & o deixasse à elle com aquelle cargo, que elle lhe daria o castello, ou a vida. Partido el Rei d'alli para hũa cidade perto, deixou dous irmãos seus quasi com todo o exercito, & mandoulhe que deixassem usar à Rumechan de seu ardil, com que esperava tomar aquelle castello, o que assi se fez, per este artificio. Foise Rumechan pelo rio acima obra de tres legoas, & là ordenou hum castello de madeira sobre barcos, tam alto, que podesse igoalar com o outro da cidade situado sobre a pedra. E como este rio Ravè he grande, & cabedal, por ser o segundo braço de que se faz o Indo, trouxe por elle Rumechan esta poderosa machina, com a qual tomou de noute o castello, elle sò com os seus Turcos, de que era Capitão, sem nesta entrada elle consentir Mogoles. Os irmãos d'el Rei quiserão logo entrar dentro, mas elle o não consentio, dizẽdo, que elle promettera à el Rei de lhe fazer entrega delle, ou de sua cabeça, por tanto à elle o avia de entregar. El Rei sabendo a nova da tomada do castello, & o proposito de Rumechan, o vèo receber delle. E por sentir nas palavras com que Rumechan lho entregou, que esperava que elle lhe desse aquella peça, pois a ganhara per aquelle modo, por o não descontentar deu a cidade à seu irmão Camiran Mirzà, dizendo, que lha tinha promettida. Toda via Rumechan soltou algũas palavras em abonação de seu saber, & esforço, & quam mal o fazião com elle: & que per menos serviços tinha el Rei dado à Capitães Mogoles maiores cousas, não chegando à pessoa delle Rumechan com muita parte. Estas palavras com outras desta qualidade não satisfizerão à algũs Capitães que as ouvirão, & as aggravarão muito à Omaum Patxiah, chamando à Rumechan alevantadiço, & que não seria muito cõmetter algũa traição: porque entre palavras de sua abonação, & de seus Turcos, dissera: *Ah quem me dera dez mil Turcos comigo, para ser*

Senhor

Senhor do Mundo? desfazendo em as outras nações. Donde se siguió que antes de muito tempo Omaum secretamente lhe mandou dar peçonha, & asi acabou Rumechan.

CAPITVLO. VII.

Da guerra que Xerchan fez à el Rei de Bengalla, em que os Portugueses intervierão, & do concerto com que desistio della.

10 TORNANDO à Martim Afonso de Mello, è à seus companheiros, que estavão presos com tanta aspereza, vèo Xerchan apertar tanto à el Rei Mamud de Bengalla, que delle estava bem descuidado, que o temor que tinha desta guerra, lhe fez mudar o odio que tinha à Martim Afonso, & aos Portugueses em amizade, polá opinião de elles, com conselho, & obra o poderem ajudar. E ainda por mais de pressa terem termo os seus trabalhos, acertou de chegar 20 ao porto de Satigam (que he o outro porto do braço Occidental do Ganges) Diogo Rebello Capitão da pescaria do aljofar, que he no cabo de Comorij, onde chamão Callecarè. A este Capitão mandou Nuno da Cunha encomendar que fosse ver se per algum modo podia per aquella parte tirar à Martim Afonso, & aos outros cattivos. O qual quando foi visto no porto com duas fustas, & hũa atalaia que levava, causou tanto temor ao Capitão d'aquelle lugar, que logo mandou recado à el Rei, dizendo, que temia, que por causa dos cattivos Portugueses que não soltava fizesse aquelle Capitão 30 outro tal danno na terra, como o anno passado fizera o outro Capitão Portugues nas partes de Chatigam. Diogo Rebello por sentir este temor, & querer levar aquelle negocio per outro modo, disselhe, que queria mandar hũ messageiro à el Rei, & hum presente, q̃ convinha elle dar ordem à isso; o que logo fez, O presente mandou Diogo Rebello per Diogo de Spindola seu sobrinho, & cõ elle Duarte Diaz, os quaes chegarão à cidade de Gouro à tempo que estava el Rei tam apertado de seu inimigo Xerchan que não tinha outro descanso senão mandar trazer ante si à Martim Afonso (porem pre-40 so, & com grande guarda, temendo que lhe fugisse para

Xerchan) & com elle pratticava nas cousas d'aquella guerra, & como queria mandar hum Embaxador ao Governador da India, que lhe mandasse algũs officiaes que avia mester. Mas esta simulação de officiaes era liança de amizade que elle pretendia, com pedir ajuda de Capitães contra seu inimigo, por elle tèr entendido que Soltam Badur Rei de Cambaia por fim de seus trabalhos, no Governador achara amparo de vida, & por se metter em suas mãos o livrara de seu inimigo Omaum Patxiah.

Finalmente chegado Diogo de Spindola à Corte, el Rei o recebeo mui bem, & mandou à grande pressa ao Capitão de Chatigam em resposta da carta que lhe escreveo sobre a vinda de Diogo Rebello, que lhe fizesse muito gasalhado, & lhe dissesse que logo despachava o messageiro que lhe mandara, & asi o fez, despachando mui bem à Diogo de Spindola. Com elle mandou seu Embaxador, com requerimento à Nuno da Cunha de amizade, & paz. [a] E em sinal della dava esperança de dar em Chatigam lugar para fazer hũa casa forte, quasi ao modo d'el Rei de Cambaia quando deu Dio. Porque como Martim Afonso não ia à outro fim, senão de tentar se el Rei de Bengalla daria licença para se fazer a fortaleza, & para ver o sitio em que se faria, como vio à el Rei na necessidade, & temor em que estava, & quantas vezes o mandava chamar, foilhe dando à entender quam seguro teria seu Estado se obrigasse à Nuno da Cunha à fazer alli hũa casa forte, por os muitos insultos, & incendios que os Portugueses padecião quando à Bengalla vinhão à seus cõmercios. E que tendo alli este recolhimento seguro, sempre teria atè quinhentos Portugueses prestes para qualquer necessidade sũa, alem de pôr elles obrigar à Nuno da Cunha à lhe mandar toda ajuda. E que do que o Governador fazia por elle, & por os Portugueses, se veria o que faria quando estivesse obrigado por tanta gente, tudo em proveito delle Rei de Bengalla, por razão dos rendimentos que avia de tèr dez vezes dobrados na entrada, & saida das mercadorias: porque com temor dos roubos que alli acontecião muitas vezes os mais dos Portugueses não ousavão cõfiar suas fazendas da guarda de hũa casa edificada de cannas. Finalmente com estas, & outras razões enfiadas à este propo-

a Este Embaxador chegou à India antes q̃ Nuno da Cunha fosse a ultima vez à Dio, donde tornando à Goa espedio logo Vasco Pirez de Sãpaio cõ hũa armada de nove vellas, para ir á soccorrer el Rei de Bengalla, como per seu Embaxador lhe mãdara pedir. Os Capitães destes navios erão Antonio de Mello, Francisco de Barros de Paiva, Manoel Mascarenhas, Christovão d'Oria, Diogo Rabello, & outros. Vasco Pirez partio de Cochij em Maio, levãdo consigo o Embaxador.
Fernão Lopez de Castanheda no cap.187. do liv.8.

proposito da fortaleza, asi tinha Martim Afonso movido à el Rei naquelles seus temores, que não sómente despachou mui bem à Diogo de Spinola, & com elle seu Embaxador, mas ainda mandou à Nuno da Cunha vinte dous dos cattivos, como penhor de sua amizade, desculpandose de não man dar Martim Afonso, & os outros q̃ ficavão por razão de folgar muito de os tèr junto consigo. E ainda por mais adoçar a vontade de Nuno da Cunha, para o q̃ lhe mandava requerer, fez que Martim Afonso lhe escrevesse hũa carta em favor de
10 seus requerimentos.

Neste tempo fazia el Rei tanta conta de Martim Afonso, que querendo seu inimigo Xerchan entrar per hum certo passo da fortaleza de Gorij, que dissemos estar na quebrada per que o rio Ganges sae para as terras de Bengalla, per seu cõ selho mandou lá doze Portugueses, quaes elle nomeou, para darem ordem aos Bengallas, como defendessem o passo, os quaes ião em duas fustas, de que forão Capitães Ioão de Villalobos, & Ioão Correa. E ja confiava tanto nelle, & em seu conselho, que o trazia solto: mas o temor o fazia per outra par
20 te desconfiado de o perder, & asi per olho o trazia preso, posto que mimoso de vestidos, & dinheiro, quanto elle, & os companheiros avião mester.

Xerchan por lhe ser impedido o passo pelo esforço, & industria dos nossos per onde determinava de tomar a cidade de Ferranduz, que está vinte legoas da cidade de Gouro, onde el Rei estava, foi buscar outra quebrada da Serra, pela qual vèo à cidade de Gouro, & affirmase que trazia quarenta mil de cavallo, & mil & quinhentos elefantes de peleja, & dozentos mil homẽs de pè; & pelo rio abaxo trezen-
30 tas almadias, cada hũa com dous remeiros, & tres frecheiros. Tanto que Xerchan passou a Serra per outro porto, & não per onde os nossos estavão, o Capitão Bengalla que com elles estava na cidade de Ferranduz, desamparou aquelle lugar, com que o Capitão de Xerchan que alli estava com aquellas almadias, se vèo pelo rio abaxo tèr à cidade de Gouro, entre a qual, & o exercito de Xerchan, se mettia o Ganges, no qual tinha el Rei oitocentos paraos, para lhe defender a passagem. Nesta defensão oito Portugueses em hum parao, de que era Capitão Duarte de Brito, fizerão ma-
40 ravilhas, principalmente por tomarem hum elefante que

vinha pela agoa abaxo, que el Rei muito desejava, & mandou que lho tomassem per modo de vittoria, estando elle vendo a peleja de lugar bem alto, que caia sobre o rio. Este elefante custou a vida de Ioão de Villalobos, de Afonso Vàz, & de Manoel Vàz, que erão dos oito do parao. Mas toda via Xerchan asi apertou a cidade, que vèo el Rei assentar pazes com elle, com tenção, que da India esperava que o seu Embaxador lhe trouxesse gente para se defender deste inimigo que o apertava. O concerto das pazes foi, que Xerchan do arraial donde estava avia de fazer hũa adoração, ou humilhação à el Rei de Bengalla, à que elles chamão Sumbaia, & se fosse logo. E que el Rei de Bengalla, para pagar aquella gente que alli trazia, lhe desse hũa somma de dinheiro. Mas no cõselho de el Rei dar este dinheiro, não foi Martim Afonso, antes o contrariou, dizendo, que com elle lhe faria despois a guerra. Porẽ como Mamud se levantara com o Reino, & não era Rei legitimo, se não tyranno, não sòmẽte se temia dos inimigos, mas dos seus vassallos, & domesticos, & andava tam assombrado, que alem d'aquella somma d'ouro que dera em publico, deu secretamente outra tanta por se aquietar.

CAPITVLO. VIII.

Como el Rei de Bengalla deu liberdade à Martim Afonso de Mello, & licença que se fosse para a India. E como Xerchan vèo contra el Rei, & lhe tomou a cidade de Gouro, & el Rei se foi à Omaum Patxiah, & do que lhe succedeo.

EL Rei Mamud de Bengalla como se vio desassombrado de Xerchan, & começou à tèr esperança que Nuno da Cunha o ajudaria por a embaxada que lhe mandou, deu licença à Martim Afonso, & aos seus cõpanheiros, q̃ se fossem para a India, & q̃ sòmente ficassem em modo de arrefẽs Afonso Vàz de Brito,[a] Antonio Paez, Nuno Fernandez Freire, & Ioão Adão. E fez Deos merce à Martim Afonso em ser logo partido, porq̃ nas costas delle vèo recado à el Rei para o entretèr, por tèr novas q̃ Xerchan vinha outra vez mais poderoso sobre

a. Este Afonso Vàz de Brito despachou de Cochij Martim Afonso de Sousa, per ordẽ do Governador Nuno da Cunha, em hũa fusta, para Bẽgalla, à resgatar Martim Afonso de Mello Iusarte. Chegou Afonso Vàz à Chatigam, & d'alli foi ao Gouro, onde deu à el Rei hũa carta de Martim Afonso de Sousa, em q̃ lhe dava razão dos successos passados de Cambaia, que estorvorão ao Governador mandarlhe aquelle anno o soccorro de gente q̃ per seu Embaxador lhe mandara pedir, a qual lhe enviaria o anno seguinte: & pedialhe Martim Afonso de Sousa, q̃ desse liberdade à Martim Afonso de Mello. Por esta carta, & promessa deu el Rei licença à Martim Afonso de Mello, & à seus cõpanheiros para q̃ se fossem para a India, os quaes se embarcarão na fusta de Afonso Vàz de Brito, & chegarão à salvamẽto à Goa. Fernão Lopez de Castanheda nos Capitulos 173. & 180. do livro. 8

ſobre a cidade de Gouro. E ſua vinda era por ſer paſſado hum anno deſpois q̃ recebeo aq̃lla grande quantia de dinheiro, pedindolhe q̃ lhe deſſe outro tanto por ſer paſſado o tẽpo, dizendo q̃ era tributo annual. E porq̃ el Rei o negava, elle vèo, & cercou a cidade, & à ferro, & à fogo a tomou, não perdoando à couſa viva, atè chegar às caſas d'el Rei.[a] Das quaes lhe à el Rei cõvèo ſair, & pelejar cõ a mais eſcolhida gente q̃ tinha cõ ſigo, atè receber tres, ou quatro feridas com q̃ ſe ſalvou trabalhoſamẽte, ao qual ſeguirão algũs ſeus familiares, & com elles paſſado o Ganges foi em buſca d'el Rei dos Mogoles Omaũ Patxiah, à lhe pedir o vieſſe reſtituir em ſeu Reino. A quem jà quando paſſou a primeira afronta cõ Xerchan tinha mandado ſeus Embaxadores cõ grãdes preſentes, & promeſſas do q̃ lhe daria vindoo à ſoccorrer. Omaũ movido de cobiça das promeſſas, ſabendo ſer eſte o mais rico Rei d'aquelle Oriẽte, mandou logo hũ ſeu Capitão diante, q̃ vèo encõtrar à el Rei ſette, ou oito jornadas de Gouro, indo ainda com as feridas abertas da batalha, de q̃ morreo, deſpois q̃ ſe vio cõ eſte Capitão Mogol. O Capitão por honra de ſeu Rei o mandou embalſamar, & poſto em andas com toda a pompa & ceremonia que elle pode fazer, o levou caminho de Gouro, dizendo, que ia entregar aquella cidade ao corpo de ſeu Rei, onde com toda a ſolemnidade o avia de ſepultar.

No tempo que eſtas couſas paſſavão, Xerchan aproveitandoſe de ſua vittoria, esbulhou o mais precioſo do teſouro, q̃ o Rei morto tinha nos ſeus paços. A ſomma de pedraria, perolas, aljofar, ouro, & prata, foi couſa tam grande, q̃ ſe não pode ſaber. Os Portugueſes q̃ ſe acharão naquelle tẽpo no meſmo esbulho, não ſouberão dar diſſo mais razão, que per eſpaço de dezaſette dias andarem trezentos calaluzes, que ſão navios de remo grandes, carregados d'aquelles teſouros, aos paſſar da banda d'alem do Ganges, & que foi o maior teſouro que ſe ſabia naquellas partes de Oriente. E era fama que paſſava aquella preſa de ſeſenta milhões d'ouro. Nõ fim deſte recolhimento de Xerchan com eſte deſpojo, chegou Omaum Patxiah, por lhe ir nova da morte d'el Rei Mamud. Ao qual Xerchan mandou offerecer hum conto d'ouro, & que não entraſſe na cidade, por o povo della não receber algum danno da ſua gente d'armas. E vendo que ſe não contentava Omaum com eſta promeſſa, como hum

a. No tempo q̃ Xerchan tomou a cidade do Gouro, chegou à Chatigam Vaſco Pirez de Sãpaio cõ hũa armada que o Governador mandava em ſoccorro d'el Rei de Bengalla. Achou aquella cidade mui alvorotada com as guerras, & diſcordia q̃ entã avia entre Codavazcam, & Amarzacam, pretendendo cada hum ſer Senhor da cidade. Della ſe pudera facilmẽte apoderar neſta occaſião Vaſco Pirez, como lhe aconſelhava Nuno Fernandez Freire, & offerecião algũs Bengallas, mas elle attendeo à fazer muita fazenda em Chatigam, onde invernou, & d'alli foi à Pegù, & nelle falleſceo.

Em quanto eſteve em Chatigam, apportou em hum rio quatro legoas d'aquella cidade, hũa galeotta com ſeſenta Turcos, q̃ ſe derrotarão da armada de Soleimão Baxia: o q̃ ſabendo Vaſco Pirez, mandou Franciſco de Barros na ſua fuſta, & algũs calaluzes cõ gente, q̃ foſſe tomar a galeotta dos Turcos, mas elles ſe deſenderão de maneira q̃ voltarão os Portugueſes eſcalavrados: & poſto que Vaſco Pirez pudera tomar ſatisfação deſta afronta, o não quis fazer: porem Chriſtovão de Oria vingou à Franciſco de Barros, tomãdo aos Turcos a galeotta, com toda a artelharia, & riqueza que nella tinhão, q̃ era muita.

Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 201. do livro. 8.

estava de hũa parte,& outro da outra do rio Ganges,& Xerchan se podia ir com a presa em salvo, se foi cõ ella. Omaum porque o não podia seguir como desejava, quis primeiro fazer as honras ao Rei morto,& como seu herdeiro tomou posse da cidade:& asi dos mercadores,como de algũa gente nobre della, ouve hũa boa somma de dinheiro para o pagamento da gente que trazia. Tomada posse da cidade, deixou por Rei della à Mir Mahamed Zaman seu cunhado,cõ quem ja estava reconciliado. E assentadas todas as cousas,& ordena da gente para sua defensão, tornouse para seu Reino de Delij. Mas Mir Mahamed Zaman não durou muito no Senhorio da cidade,porque Xerchan,como pôs o dinheiro,& riquezas que della tirou em as Serranias da cidade de Rotàz, onde tinha suas molheres,& filhos,per armas o lançou de Gouro.

CAPITVLO. IX.

Como se ajuntarão Xerchan, & Omaum Patxiah Rei dos Mogoles na cidade de Canose junto do rio Ganges,& foi desbaratado Omaum.

OMAVM Patxiah não podendo sofrer os mimos q̃ a fortuna lhe fazia cõ tantas vittorias, determinou de perseguir à Xerchan,& tẽtar sua fortuna contra elle. Polo q̃ buscãdoo Omaũ se encontrarão junto do rio Ganges antes que cõ elle se incorpore o rio Iamonà, no lugar onde da parte do Ponente do rio està hũa cidade que se chama Canose, das principaes do Reino de Delij. Xerchan estava alẽ do rio, na comarca à que os naturaes chamão Purbà;& sabendo que Omaum o ia buscar,chegouse junto do rio Ganges, hum pouco per elle acima,apartado da cidade de Canose,o qual lugar elle escolheo para se melhor defender,porque de hũa parte lhe ficava o rio,& da outra o sitio da terra,que elle por mais defensavel escolheo. Omaum como soube que Xerchan se fazia alli forte,subiose acima, & pôs seu arraial de fronte do outro de Xerchan,sem aver mais entre elles que a agoa do rio,que tambem lhe servia de beber tamanho exercito como trazia,ficando elle da parte de Ponente do rio, & seu inimigo da de Levante,& para passar ordenou hũa põte de madeira assentada

ſobre barcos, & foi tomar ſua eſtancia mui vezinho à Xerchan, & para lhe dar batalha repartio ſua gēte em tres eſquadrões, dous deu à dous ſeus irmãos Hildan Mirzà, & Aſcarij Mirzà, cada hũ de trinta mil homẽs de cavallo, & elle tomou o terceiro que era de quarenta mil: porque ſe affirma, que de cavallo erão cem mil, & de pè cento & cinquoenta mil, afora a gēte do ſerviço do arraial, q̃ ſeria de mais de dozētas mil almas. Xerchan per o meſmo modo repartio quarenta & cinco mil homẽs de cavallo que trazia em tres batalhas, dando à ſeu filho Gilachan dez mil, & outros dez mil à hum ſeu Capitão Capado per nome Avazchan, & elle ficou com o reſto. Vindo hũa manhãa Omaum demandar o campo de Xerchan para pelejar, elle não quis ſair do ſeu arraial, & deixouſe eſtar eſperando que o cõmetteſſe dentro das forças que tinha, polo que Omaum ſe tornou. E d'ahi à dous dias o meſmo Xerchan fez outro tanto de ir demandar à Omaũ às portas de ſeu arraial, à quem tambem Omaum não ſaio, atè que ao outro dia poſtos em campo ſe derão batalha. O Capitão Avazchan a noute que precedeo o dia da batalha ſe foi pelo rio acima, levando conſigo dous mil de cavallo, que elle eſcolheo dos dez mil que tinha, deixando com os oito mil hum ſeu Capitão de confiança, ao qual mandou que rompeſſe no tempo em que eſtava ordenado que a ſua gente avia de romper, ſem alguem ſaber que elle era auſente, porque aſsi convinha para averem vittoria dos inimigos. Chegado eſte Avazchan à hum lugar perque elle ſabia que o rio ſe vadeava, o paſſou da outra banda, & vèo per elle abaxo, atè ſer na ponte que Omaum fizera, & trabalhou por vir à tempo que as batalhas ja andaſſem travadas, & paſſando por ella deu nas coſtas dos inimigos, & acertou de ſer na gente de Aſcarij Mirzà irmão de Omaum. O qual como ſe não temia d'aquella parte, recebeo tanto dãno naquelle primeiro impeto que derão nelle, que começarão de ſe pôr em fugida demandando a ponte, a qual acharão quebrada per Avazchan, por eſte ſer o ſeu ardil. E quando ſe virão tam apertados dos inimigos, & a ponte quebrada, lançarãoſe à nado por ſalvar as vidas. Xerchan ſentindo a vittoria, & ſendo aviſado do que paſſava, começou de apreſſar, & appellidar os ſeus, dizendo: *Ao rio com elles.* E pondoſe as outras batalhas de Omaum tambem em fugida, per o meſmo caminho, foi couſa laſtimoſa de ver lançarſe tanta gente ao rio,

que andava coalhado della, & fazia represar a agoa: porẽ nāo levantava tanto que os ajudasse para tèr a saida chãa, porque avia hũas ribanceiras, por o rio ir alli fundo, perque os cavallos não podião sordir, & se afogavão à si, & à seus Senhores, que por se salvar os sofreavão mais do necessario. No trabalho desta passagem esteve Omaum quasi afogado, se lhe não valera hum seu escravo Abexij, homem grande de corpo, & forçoso, que por saber bem nadar o salvou, tirandoo fora do cavallo, de que se não sabia desembaraçar. Finalmente elle deixou seu arraial, sem fazer mais conta que pôrse em salvo com vinte cinco de cavallo que o seguirão, & não parou menos que na cidade de Laor, onde seu irmão Camiran Mirzà o recolheo, com mais gasalhado, & amor do que elle teve quando com peçonha o quis matar, de que ainda Mirzà nãoesta va sem perigo.

E a causa desta peçonha foi, que sendo este Camiran Mirzà filho segundo de Babor Patxiah, & irmão deste Omaum, quando seu pai vèo à aquella conquista do Reino de Delij (como atras escrevemos) deixou à este Camiran por Governador do seu Reino de Mogostan, o qual partido seu pai, lhe fez logo guerra Abiethan Rei de Samarcant, que era seu vezinho, vendo que Babor andava occupado na guerra do Delij. Camiran por ser bom cavalleiro se defendeo de maneira, que sendo Abiethan Emperador de Tartaros Vsbeques, & Chacatais, vèo à fazer pazes com Camiran, por se lhe abrir outra guerra com Xiah Ismael, pela parte do Reino de Horacan, que confinava com elle. Acabada esta guerra Camiran Mirzà, sendo ja seu pai fallescido, & sabendo tèr Omaum seu irmão mais velho, & successor do Reino necesidade de gente contra Xerchan, o vèo ajudar. E como Camiran em todas as vittorias que Omaum ouve se mostrou bom cavalleiro, & era liberal, & affabil à gente, que são as partes perque os Principes mais vontades acquirem, todas as cousas que naquella guerra succedião bem, erão attribuidas à elle, & não à Omaum. Polo que Omaum lhe começou à tèr enveja, & odio. De que se causou, que indo Omaum em busca de Xerchan, que o desbaratou, tendo para si que tinha vittoria certa por a desigoaldade de seu poder ao do outro, por não dizerem

que

que seu irmão Camiran fora causa de sua vittoria, determinou de o não levar consigo. E por mais disimulação o levou tres, ou quatro jornadas, & alli lhe mandou dar peçonha leve que lhe impedisse ir mais adiante. Disto se afrontou muito Mirzà, & entẽdẽdo a tenção de seu irmão, se tornou para à cidade de Laor, que lhe elle tinha dada, & quando Omaum à elle vèo desbaratado, ainda se estava curando da peçonha que obrava.

Tornando à Xerchan, tanto que soube que Omaum se posera em fugida por salvar sua pessoa, mandou à seus Capitães que ninguem o seguisse, nem aos seus, & que os deixassem ir em boa hora, pois no arraial deixavão a honra, que erão suas molheres, & a fazẽda que tinhão, que com isso se devião por entam de cõtentar: porq̃ o mais era tentar de indinação a fortuna, que tam levemente lhe dera a vittoria delles. E como Principe politico, & não como homem barbaro, achando no arraial as molheres de Omaum, elle as mandou tratar com toda a honestidade, & fez tanta honra à principal dellas, chamada Begiun, como se fora hũa Rainha sua Senhora, asi no tratamento de sua pessoa, como em todo o seu serviço. Outro tanto mandou fazer à irmãa de Omaum, molher de Mir Mahamed Zaman seu cunhado, que naquella batalha morreo. E por não trazer no campo estas molheres nobres, & outras de sua casa, em quanto se andava segurando dos Mogoles, as mandou mui acompanhadas à cidade de Rotàz, que seu irmão tomara aos Gentios, onde elle tinha sua molher, por ser cousa mui forte. Passado hum anno, Xerchan mãdou estas duas Princesas com algũas suas criadas à Omaũ Patxiah, dandolhe maiores joias, & mais ricas peças do que ellas tinhão. Omaum chegando à cidade de Laor no estado q̃ dissemos, com sós vinte cinco de cavallo que o seguião, seu irmão Camiran Mirzà o recebeo, como se delle tivera recebido obras de muito amor, & não o bocado de peçonha que o chegara à morte. E asi o servio, & proveo de todo o necessario tam perfeitamente como se elle estivera em sua casa com toda sua prosperidade.

CAPI-

CAPITVLO X.

Como Omaum Patxiah foi buscar soccorro de algũs amigos, & vassallos seus, & lho não derão, & o foi pedir ao Xiah Tamas que lho deu.

A Gente do arraial de Omaum Patxiah como soube que elle era salvo, & os inimigos o não seguião, como cada hum pode, hũs per hũa parte, & outros per outra, se vierão ajuntar na cidade de Laor, onde sabião que seu Rei estava: & os que se acharão nella juntos, dizem q̃ erão dozentos mil homẽs, de que os vinte mil erão de cavallo. Mas não se atrevendo Omaum naquelle estado, & com aquella gente esperar alli, antes que Xerchan o viesse buscar, determinou de deixar por entam o Reino de Bengalla, por não estar poderoso para o conquistar, & vencer seu inimigo, à quem os Patanes avião antes de querer obedecer, por ser seu natural, que à elle que era Senhor estrangeiro, & asi se resolveo de descer ao Reino de Cinde, onde estavão tres, ou quatro vassallos seus, & que ja forão Capitães de seu pai, & se intitulavão Reis, & pedirlhes ajuda para tomar outra vez o Reino de Cambaia, entrando pelos Resbutos, q̃ ficão entre o Cinde, & o Guzarate. Para esta empresa lhe pareceo boa occasião as divisões, & desassessegos, que entre os Grandes do Reino avia pola recente morte de seu Rei Badur. E por a prattica que ja tivera com Nuno da Cunha, pareciaalhe, que dandolhe os portos de mar que em Cambaia quisesse (como ja lhe offerecera) elle o ajudaria, & com esta ajuda dos Portugueses esperava não somente ganhar o Reino de Cãbaia, & asseguralo, mas tornarse à restituir, & reformar em tudo, para se vingar de Xerchan, de quẽ elle sempre fez pouca cõta; mas menos a fizerão delle aquelles em quem elle esperava.

Porque chegando Omaum perto da cidade de Moltan, situada ao lõgo do Rio Indo, cujo Senhor fora Capitão de seu pai, sabendo elle que vinha Omaum desbaratado, ao costume do Mundo que favorece aos que estão mui prosperos, & despreza os que vè descaidos, por o não agasalhar em Moltan, lhe mandou per bateis à hum certo passo algũs mantimẽtos, para

para com elles escusar Omaum de ó ir buscar à cidade, temendo que a necessidade o obrigasse à isso. O mesmo desengano achou Omaum em Mirza Xiah Hocen seu vassallo Senhor de Tatà (cidade assentada em hum cotovello, onde o rio Indo se parte em dous braços principaes, cõ que se mette no mar, & distante delle pouco mais de vinte cinco legoas, & polo sitio mui celebre, por ser hũa escala de quanto sobe, & desce per aquelle famoso rio, ao longo do qual occupa hũa legoa & meia) porque caminhando Omaum para esta cidade, sabẽdo Mirzà Xiah Hocen de sua vinda, o não quis ver, & para isso mandou recolher todas as embarcações que andavão no rio, porque não achasse em que o ir buscar à cidade de Tatà, & nella se fez forte, para que vindo Omaum lhe não pudesse fazer danno.[a] O qual chegando junto desta cidade com a maior parte da sua gente morta de fome, sede, & trabalho do largo, aspero, & despovoado caminho, que ha de Laor à Tatà per distancia de cento & quarenta legoas, vendo à ingratidão d'aquelles seus Capitães, & vassallos antigos, frustrado das esperanças que o alli trouxerão de melhorar seu Estado, determinou de se ir para o seu Reino de Mogostam. E aconselhandolhe seu irmão Camiran Mirzà, que primeiro pusesse cerco à aquella cidade, & destroisse à Hocen, como merecia sua rebellião. Patxiah lhe respondeo: *Parecevos que ganharei bom nome entre os Principes da terra, que vencido de hum meu Capitão poderoso, venho empregar minhas forças em outro tam fraco como este he? Deixaio, que ja pode ser que asi como eu ora o venho buscar para me ajudar com elle, asi buscarà ella ajudas em outrem que me vingarà do que me ora faz.* O que succedeo asi: porque os Portugueses lhe destruirão aquella cidade, por suas malicias, mandandoos elle buscar para sua ajuda.[b] Resoluto Omaum na jornada de Mogostam, fez volta pelo rio acima para passar à cidade de Bacar, que atras dissemos estar no meio do rio Indo, per onde passão as cafilas, que vem da Persia para a cidade de Candar. Este caminho fez com não menor trabalho, porque da cidade de Bacar atè Candar ha algũs dias de deserto sem agoa, onde de sede lhe morreo muita gente.

Chegado Omaum à cidade de Candar, que era de seu Senhorio, mandou d'alli hum Embaxador ao Xiah Tamas Rei da Persia, à lhe pedir licença para o ir ver, & lhe dar conta de seus trabalhos. Ao qual elle respondeo, q̃ nenhũa cousa mais desejava

a. *O contrario escreve Diogo do Couto no cap. 3. do liv. 10. affirmando q̃ Mirzà Xiah saio à receber Omaum cõ muita honra, & o consolou de sua desgraça, offerecendolhe seus Estados, & tesouros: & por Omaum querer passar à Persia, lhe deu Mirzà muitos camelos, joias, & dinheiro para a jornada.*

b. *Esta cidade de Tatà destruiò Pero Barreto, em tẽpo q̃ governava a India Francisco Barreto seu tio.*

desejava, que velo para lhe pagar quanta honra elle tinha ditto que lhe avia de fazer quando fosse ante elle. Esta resposta foi em modo de remoque, por o que Omaum dissera delle. Porque estando hum dia torvado do Anfiam (ao costume d'aquella gente que o tomão para certos fins, & se embebedão com elle, sem se disso afrontarem, como as gentes Septentrionaes fazem quando com o vinho se emborrachão) entre muitos desvarios, & desconcertos que disse, foi contar per ante algũs de seus Capitães que elle tinha por nova, q̃ tres Principes o querião ir ver, como ao maior Principe que avia no Mundo. Hum delles dizia que era Abiethan Rei de Comarcant, o outro era o Xiah Tamas Rei da Persia, o terceiro o grã Turco. E porque elle desejava de lhes fazer honra, lhe dissessem como lha faria, & dizendo os Capitães que ninguem podia tèr nisso melhor parecer que elle, que per Estado, grandeza, & cavalleria, era Senhor de toda a honra do Mundo. Omaum enlevado da vãa gloria, & torvado do Anfiam, disse, que quando aquelles Principes viessem à elle, avia de assentar à sua mão dereita a Abiethan Rei de Comarcant, por ser Chacatai, & de sua nação; & à Xiah Tamas Rei da Persia, porque seus pais forão grandes amigos, & era bom cavalleiro, o assentaria à mão esquerda; & que ao gram Turco por aver alcançado muitas vittorias de Christãos, posto que era de baxa origem, o mandaria assentar na entrada da casa, entre si, & seus cavalleiros. Desta prattica foi sabedor o Xiah Tamas, & por isso lhe respondeo d'aquella maneira, o que Omaum não entendeo; porque lhe lembrava pouco do que dezia, & fazia naquella torvação. E com a resposta do Xiah Tamas, determinou de se ir ver com elle, & asi despedindo d'alli Astarij Mirzà seu irmão, que se fosse para Cabol cidade principal do Reino de Mogostan, lhe mandou, que em quanto elle fazia aquella viagem, lhe ajuntasse a mais gente que pudesse, para que quando tornasse estivesse prestes; para ir com ella à cobrar o que tinha perdido, & com mil de cavallo fez seu caminho para a Persia.

Xiah Tamas como teve nova de sua ida tres jornadas primeiro que chegasse à elle, lhe mandou tres Capitães, com grãde apparato de todas as cousas para o irem receber, & lhe fizessem o custo do caminho. Chegado Omaũ à hũ cãpo onde

o Xiah

o Xiah Tamas tinha assentadas suas tendas[1], ao seu costume,
que sempre anda no campo,& não reside em cidades, dando
à entender que andava à caça per alli,o recebeo dẽtro em sua
tenda,com toda a magestade,& pompa que pode; porque os
Mouros nestas visitações,& recebimentos são mui vãos, &
mostrão nisso todo seu poder. Omaum Patxiah, que era cor-
tesão,& bom poeta na lingoa Parsea,de que se prezava, & ti-
nha graça no que dizia nella,quando vèo à se abraçar com o
Xiah Tamas,abaxouse tanto,que quasi ficou aos seus pès, &
aludindo o seu proprio nome ao do passaro das Ilhas de Ma-
luco,[2] à que os Persas chamão Omaum (o qual os Principes
d'aquellas partes trazem na cabeça por penacho ao modo das
plumas de que cà usamos) disse em verso ao seu modo: *Omaum
que nasceo para andar na cabeça dos Principes, vello aqui està posto
aos teus pès.* O que foi mui celebrado entre os Persas,por mos-
trar neste ditto hũa grande soberba,& hũa grande humilda-
de. O Xiah Tamas despois de lhe fazer grande honra, sem
querer saber a causa de sua vinda,deteve se hum pouco em lhe
perguntar como vinha de sua indisposição de tam comprido
caminho,& se despidio delle,dizendo, que se ia para seu apo-
sento,pois elle ficava no seu,deixandolhe tendas,camas, & to
das as cousas de seu serviço mui abastadamente, & elle foise
à outra tenda,que ja para aquelle effeito tinha ordenado. Pas-
sados dous dias Xiah Tamas o vèo visitar,& saber delle o que
mandava: & passada muita prattica entre elles,em q̃ Omaum
lhe deu conta de seus trabalhos, lhe disse que o vinha buscar
para remedio delles,confiado na grande amizade que seu pai
Soltam Babor tinha com o Xiah Ismael, pai delle Xiah Ta-
mas; & que a entrada que fizera na India, & conquista do
Reino do Delij,tudo fora per seu conselho. E pois ambos fi-
cavão herdeiros d'aquella amizade de seus pais, & elle tinha
perdida a herança do seu,vinha buscar à elle Xiah Tamas pa-
ra o ajudar à cobrala. Xiah Tamas despois que o consolou de
seus trabalhos,approvandolhe a confiança que delle tinha pa
ra o ajudar nelles,por causa da grande amizade que ouve en-
tre seus pais se despidio delle. E a primeira cousa em que mos-
trou o que por elle avia de fazer,foi mandarlhe dozentos ca-
vallos sellados de sellas guarnecidas d'ouro,& pedraria,& ou-
tras de prata, & no arção de cada hũa sella seu arco, coldre, &
terçado que dizia com ellas. Estes cavallos levavão dozentos
escravos

2. Estes passaros que algũs chamão passaros do Paraiso: achãose nas Ilhas do Maluco,aonde vem da Ilha Arus. De Maluco os trazẽ à India ja mortos, & escalados pela barriga,secos,& sem pernas, sòmente cõ cabeça, & costas. A sua pẽna he de cor amarella,mui graciosa à vista: & no cabo q̃ he comprido, tem hũs tres,ou quatro fios mui delgados como nervos,que lhe saem das outras pẽnas: & como se lhe não vejão pernas,he opinião (posto q̃ errada) q̃ as não tem,& q̃ per aquelles fios se pẽdurão nos ramos das arvores quando querem repousar. Estes passaros por ser cousa rara, & vir de partes mui remotas,são mui estimados dos Principes Orientaes,para os trazerem na cabeça por penacho,guarnecendolhe a cabeça, & pescoço d'ouro,cõ pedraria, & enchendo os fios, ou nervos de perolas, com que fica hũa joia rica,& galante.

escravos vestidos de seda, cada hum com sua gomia na cinta, & terçado guarnecidos de prata. O qual presente cõ suas ten das, & movel de todo seu serviço que lhe deixou, foi avaliado em hum conto d'ouro. Sobre isso disse à seus Capitães todos, que no que cada hum mandasse à Omaum Patxiah avia de ver o amor que lhe tinhão. Com esta palavra, como os homẽs naturalmente se desejão de insinuar na benevolencia dos Principes, & dos melhores da terra, forão tantos os presen tes de cousas diversas que lhe mandarão, que dizião valerem mais de quinhentos mil xerafijs. E Xiah Tamas o ajudou cõ doze mil homẽs de cavallo pagos à sua custa por dous annos, & licença para que todo homem de seus Reinos, que o quisesse ir servir, podesse ir com elle. E por mais o honrar, vendo que Soltam Xiah Colij Rei de Quereman seu vassallo se escusou de ir por Capitão mòr d'aquella sua gente, dizendo, que nunca Deos quisesse que elle fosse pelejar debaxo da bãdeira de outro Principe, senão delle Xiah, que era seu Senhor, ou de algum de seus filhos, mandou Xiah Tamas com elle hũ filho seu menino, que ainda andava no collo de sua ama, & que Soltam Xiah Colij fosse com elle por Governador de sua casa, & de seu exercito que levava.

CAPITVLO XI.

Do que fez Omaum Patxiah cõm o soccorro que lhe deu o Xiah Tamas, & da morte de Xerchan.

MAVM cõ os doze mil homẽs de cavallo q̃ Xiah Tamas lhe deu, & com dez mil mais que o quiserão seguir, a primeira cidade em q̃ entrou do seu Estado foi a de Candar; donde se elle despedio de seu irmão Astarij Mirzà quan do foi à Persia, na qual não pode entrar senão per força d'armas, & combate de muitos dias, porque seu irmão se tinha in titulado por Rei d'aquelle Reino Mogostan. Como esta cidade foi tomada, a deu Omaum à aquelle Principe menino filho de Xiah Tamas, para sua criação, que elle mui pouco lo grou, por fallescer por o trabalho do caminho tam cõprido, porque como era de tam pouca idade, não pode aturar os grã des cursos que os Mogoles tẽ em seu caminhar, & cõquistar.

E porque

E porque o Xiah dera ao Soltam Xiah Colij hũa provisão, per que lhe mandava, que tanto que Omaum tomasse per armas a primeira cidade, como começo de posse de seu Estado, elle se tornasse com o menino, & ficassem cõ Omaum os doze mil de cavallo que lhe dera em ajuda, & os quatro Capitães que ião com elles à tres mil por Capitania, para andarem là o tempo dos dous annos. Vendo Xiah Colij o menino fallescido apressouse mais em sua partida, para o ir enterrar em hũa cidade cabeçá do Reino de Oracan, onde jazem enterrados algũs Reis da Persia. Da morte do Principe Persa, & partida deste Rei pesou muito à Omaum, por ser homẽ mui notavel de cujo cõselho muito se aproveitava. Mas como vio a carta q̃ lhe elle mostrou do Xiah Tamas, & sobre isso a necessidade do enterramento d'aquelle Principe menino o sofreo.

Os quatro Capitães que ficavão, porque Omaum se deteve algum tẽpo em andar esperando recado de algũs Capitães que andavão com os irmãos, parece que enfadados d'aquella vida, pedirãolhe licença para se tornarem para a Persia, sòmente suas pessoas, & a gente de seu serviço, & que a outra que era ordenada para o ajudar, ficaria. Isto sentio Omaum, & porque insistirão muito lhes deu licença, mas elles não ficarão sem castigo. Porque o Xiah, quando os assi vio tornar sem acabar o à q̃ ião, os mãdou cavalgar em asnos virados às avessas, com corochas nas cabeças, & outros sinaes de infamia, & que fossem assi levados cõ pregão per todo o arraial, & per sentença os ouve por inhabiles para nunca servirem em cousa de honra, pois deixarão de comprir seu mandado no tẽpo que os mandou andar com Omaum Patxiah. Dizendo mais que nenhũa morte pudera seu filho morrer mais honrosa, que nos braços de sua ama, em ajuda de hum tam valeroso Principe como era Omaum Patxiah.

E para que acabemos esta tam varia tragedia de tantos Principes, deixando Omaum em guerra com seu irmão, de que os successos não tocão à esta nossa quarta Decada, tornaremos à fortuna de Xerchan, de que começamos fallar. O qual sendo tam grande Principe em Estado, & riqueza cõ estas vittorias que ouve de Omaũ, assombrou todas aquellas partes da India, que se comprehendem entre o Indo, & o Gãges. E como o favor dos homẽs se inclina aonde se inclina a fortuna, não ouve Principe Mouro, nem Gentio

naquellas regiões, que lhe não mandasse seus Embaxadores. Affirmase, que por os grandes tesouros, & despojos que acquirio das vittorias de tam ricos Principes; trazia em campo quatrocentos mil homẽs de cavallo. Finalmente elle foi na India hum terror de todos os Estados della. E se deixou de fazer guerra ao Reino de Guzarate, per onde elle quisera entrar para vir ao Reino de Decan, foi porque em tempo de Soltam Badur tinha recebido delle grandes obras de amizade. A primeira foi a honra que fez à seu filho Gilalchan. O qual (como atras dissemos) Omaum Patxiah trazia em arrefés consigo: & quando saio do Reino de Guzarate com a vittoria que de Soltam Badur ouve, Gilalchan se lançou com o mesmo Badur, que despois o mandou à seu pai mui honradamente. E a segunda, o mesmo Badur dera o titulo de Rei à Xerchan; porque por antigo costume dos Mouros d'aquellas partes do Oriente, de que escrevemos, està introduzido, que nenhum Principe não lhe vindo per herança, se pode intitular Rei, por mui poderoso, & rico que seja, senão per concessão de hum de quatro Principes, à que os Mouros sòmente dão titulos de soberanos, como Emperadores, pelo gram Turco que pode dar aquelle titulo aos Principes de Ponente, pelo Rei da Persia, que pode fazer Reis aos do rio Euphrates atè o rio Indo, pelo Tartaro Vsbeque Rei de Samarcant do rio Geum contra a Tartaria, & el Rei de Cambaia atè o rio Ganges. E não contente Xerchan com a dignidade à que chegou, quistambem accrescentado o Estado accrescentar o nome, & deixando o de Xerchan, se começou à chamar Xiah Olam, que na lingoa dos Patanes quer dizer Senhor do Mundo. Mas neste titulo durou poucos annos: porque tendo sitiado hũa cidade de Gentios Resbutos, per nome Calija, não tanto para se fazer Senhor della, quanto para roubar hum templo que nella estava, em que avia grandes tesouros de offertas, que os Reis Gentios de longo tempo alli offerecião, & asi toda a mais Gentilidade d'aquellas regiões, sendo ja tomada a cidade, por querer elle matar com hum tiro de bõbarda hum elefante que servia naquelle templo, a bombarda rebentou de maneira que fez Xiah Olam em tantos pedaços, que sòmente foi conhecida sua cabeça entre outros muitos, que tambem a bombarda espedaçou, que erão dos

mais

mais nobres Capitães que consigo trazia. E assi se acabou como cousa que era vãa, & caduca a gloria de Xiah Olam, & toda sua felicidade. Deixou dous filhos Soleimechan, & Eidelechan, que despois contenderão sobre a herença, & do Reino de Bengalla se fez Senhor hum Patane por nome Mahamedchan.

Esta longa digressão fizemos por acabarmos a historia de Mamud Rei de Bengalla, & de Xerchan, que começamos sobre o cattiveiro, & resgate de Martim Afonso de Mello Iusarte, que na guerra destes dous Principes intervèo. E tambẽ por ser notavel exemplo para todos os que mal obrão, saberẽ que como Deos faz nascer o Sol sobre os bõos, & os maos, assi he à todos igoal sua justiça, ainda que infieis sejão, em não dissimular culpas notaveis sem castigo.

CAPITVLO XII.

Como Dom Paulo da Gama Capitão de Malaca, mandou Bastião Vieira visitar a el Rei de Vjantana, o qual o matou, & aos Portugueses que o acompanharão, & como Dom Paulo foi morto pelejando com hũa armada do mesmo Rei.

EM Malaca não faltarão desgraças, em quanto passarão as de Bengalla. Porque Dom Paulo da Gama (que o Governador Nuno da Cunha despachou para ir servir de Capitão d'aquella fortaleza, na ausencia de Dom Estevão da Gama seu irmão, o qual não passou à India o anno de M.D.XXXII. que partio deste Reino) como chegou à Malaca, mandou hum Bastião Vieira, natural da Ilha Terceira, à Vjantana visitar à Aladudim Rei della, filho do Rei de Bintam que Pero Mascarenhas destruio, & à darlhe conta da sua vinda à aquella fortaleza, como à hum vezinho tã chegado, & saber delle se o avia de tèr por amigo, ou inimigo, para lhe corresponder com as obras que estes dous nomes merecião. E que lhe mandava fazer esta pergunta como homem novo na terra, à quem convinha saber que vezinhos tinha, por alguas cousas que os moradores de Malaca dezião, à que elle não dava credito, atè o entender da sua resposta. A que

el Rei deu foi mandar matar à Baſtião Vieira,& à cinco Portugueſes,[a] que iáo em ſua companhia,provocado por el Rei de Pacem,que lhe perſuadio que aquelle meſſageiro era eſpia que ia reconhecer o rio, & aſſento da ſua cidade. Dom Paulo ſoube deſte ſucceſſo que ſentio muito, & quiſera ir tomar vingança de tam grande maldade,mais foi aconſelhado que o não fizeſſe,por Malaca eſtar mui deſapercebida de gente, & de embarcações para cõmetter tamanho feito, & & que para o acabar eſperaſſe navios, & gente da India, que não podião tardar. Outra embaxada mandou Dom Paulo per Manoel Godinho aos Reis de Panda, & de Pate, com os quaes elle aſſentou paz, que foi mui proveitoſa para Malaca, porque d'alli ſe provia de mantimentos, poſto que com trabalho, por cauſa das armas d'el Rei de Vjantana.

Neſte eſtado eſtavão as couſas de Malaca, quando chegou à ella em Iunho de M.D.XXXIIII. Dom Eſtevão da Gama: o qual entregue da fortaleza, a proveo logo de mantimentos,& munições, de que eſtava falta, & para a ordinaria proviſão mandou concertar navios, ſem os quaes ella ſe não pode fazer. Porque como tudo lhe vem de fora, & o mais do tempo eſtà de guerra com os vezinhos, convem ſempre ter embarcações preſtes para mandar buſcar mantimentos, & para os defender dos inimigos que os querem tolher. Andando neſta occupação lhe vierão dizer, que no rio de Muar virão entrar lancharas,& calaluzes. E porque a gente da terra que lhe deu eſta nova não ſe affirmava no numero delles, para o ſaber mandou Simão Sodrè com oito balões (que ſão hũs barcos leves) em cada hum dos quaes levava tres eſpingardeiros. E avendo ſeis horas que erão partidos, vioſe hum fumo contra a Ilha Grande, duas legoas de Malaca, que parecia ſer de bombardas. E era de hũa armada de lancharas,& calaluzes de Tuam Caba tio d'el Rei de Vjantana,[b] que à ſeu rogo com algũa gente da Iaoa era alli vindo para dar hũa viſta à Malaca,& quando a teve de Simão Sodrè, foiſſe tras elle, ladrando as bombardadas, cuja fumaça era a que ſe vio, indoſe Simão Sodrè recolhendo, por não poder reſiſtir com os balões à tam groſſa armada. Dom Eſtevão parecendolhe, polo fumo que vira, que Simão Sodrè pelejava, acodio apreſſadamente à ribeira para lhe mandar ſoccorro, onde ja achou

a. A eſtes Portugueſes mãdou matar eſte tyranno cõ hũ exquiſito,& cruel genero de morte, porq̃ os mandou pôr nuos em hũ campo atados de pès, & mãos, & lançarlhes encima tanta agoa fervendo, atè que ficarão meios cozidos,& deixados aſsi, forão comidos dos adibes.
Franciſco de Andrade no cap. 83. da 2. parte.

b Eſta armada era de ſettẽta vellas, de q̃ vinha por Capitão mòr Lacximena (como eſcreve Diogo do Couto no cap. 11. do liv. 8.) o qual ſe foi lançar em cilada detras da Ilha das Naos, q̃ os naturaes chamão Pongor, duas legoas de Malaca, & d'alli deſpedio dez lancharas, para q̃ correſſem atè a noſſa fortaleza, contra as quaes mandou Dõ Eſtevão algũs Bantis, & tres bateis grandes das naos, em hum dos quaes ſe embarcou Dõ Paulo, & nos outros dous Andre Caſco, & Simão Sodrè, & nas outras embarcações, q̃ ſerião quinze, ião Ioão Rodriguez de Souſa, Baltaſar Leite, Iuſarte Freire, & outros nobres. Os navios dos inimigos ſe forão retirando atè perto da Ilha, da qual ſaindo Lacximena cõ toda ſua armada, pelejarão cõ ella os Portugueſes tam esforçadamẽte, q̃ poſto q̃ a maior parte delles forão mortos na peleja, fizerão tal eſtrago nos inimigos, q̃ não ouve entre elles quẽ ſe apoderaſſe das noſſas embarcações deſemparadas de ſeus defenſores. Lacximena ſe recolheo mal ferido, cõ grande numero de ſua gente morta, & a maior parte das ſuas lancharas mettidas no fundo,& deſtroçadas. Dõ Paulo cheo de honroſas feridas vèo morrer à Malaca,& ſem os q̃ nomea Ioão de Barros, morrerão Andre Caſco, Sancho Sanchez, filho do Comendador de Calatrava Luis Alvarez, & outros. Foi eſta batalha tã celebrada dos Malaios, pelo danno q̃ nella receberão, q̃ ainda oje a lamẽtão elles com grande ſentimento nas ſuas cantigas.
Fernão Lopez de Caſtanheda cap. 80. liv. 8. & Franciſco de Andrade cap. 93. da 2. parte, eſcrevẽ o meſmo q̃ Ioão de Barros. Dizẽ porẽ q̃ os inimigos levarão Dom Paulo ſem ſentido quaſi morto na lanchara q̃ elle abalroou, não ſabendo os Mouros q̃ o levarão, ſenão ao dia ſeguinte q̃ morreo, & o conhecerão.

achou Dom Paulo seu irmão embarcado em hum batel, & sem lhe poder estorvar a ida, mandou metter Manoel da Gama em outro, & com elles se embarcarão Ioão Rodriguez de Sousa, Dom Francisco de Lima, Vasco da Cunha, Gonçalo Baião, & outros homẽs nobres.

Partidos elles mais apressada que prudentemente, mandou Dom Estevão nas suas costas Antonio de Abreu, em hum paraò, & apôs elle Enrique Mendez de Vasconcellos. E como os bateis de Dom Paulo, & de Manoel da Ga-
10 ma levavão à estes ventagem, forão os primeiros no perigo, & na desgraça: porque indo ja hũa legoa de Malaca, toparão os balões de Simão Sodrè que vinhão fugindo à dez, ou doze lancharas de Mouros, sem o seu Capitão, nem Dom Paulo os poderem entretèr para voltarem sobre as lancharas. Dom Paulo vendose sò, & que corria mais perigo em ir tomar o soccorro da terra, que em pelejar com os inimigos, por virem ja mui perto delle, por conselho dos que levava consigo, envestio com a lanchara dianteira, & tendoa quasi rendida, acodio outra, na qual
20 sem nenhum temor se lançou Dom Paulo, & com elle Bernardo Queimado, Miguel Freire, Gonçalo Baião, Antonio de Farão, & Iorge Fernandez Borges, onde pelejando mui esforçadamente forão mortos. A Manoel da Gama, que com o seu batel chegou à este tempo, derãolhe hũa ferida pelo pescoço, & outra na mão dereita. Dom Francisco foi ferido pouco no rostro, & Vasco da Cunha muito na cabeça, & Ioão Rodriguez de Sousa morto. Dos inimigos forão tantos os mortos, & feridos, que não ousarão as outras lãcharas chegar aos nossos bateis, os quaes com tam desestrado
30 successo se recolherão à Malaca, onde ouve o sentimento que merecia a morte de taes pessoas. Desta perda nossa tomarão os Mouros ousadia para virem com suas lancharas mui perto da cidade à tomar os navios que vinhão de fora. O que sentia muito Dom Estevão, por não tèr navios para castigar seu atrevimento, & andando em pressa de concertar algũs, vèo Tuam Mahamed, enteado de Sinaia, que Garcia de Sà mandou lançar da torre abaxo, com vinte cinco lãcharas dar vista à cidade tam perto, que com hũa espera lhe meterão hũa manchua no fundo. E resentido Dom Estevão
40 da soberba deste Mouro, mandou à Manoel da Gama com

 treze,

treze, ou quatorze navios (dos que ja tinha prestes) que o fosse castigar, mas elle foi tam sesudo, que não quis fazer experiencia de seu poder.

CAPITVLO XIII.

Como Dom Estevão da Gama foi contra el Rei de Vjantana, & lhe destruio, & queimou a fortaleza.

OM Estevão da Gama desejoso de vingar a morte de Dom Paulo seu irmão, & deitar de Vjantana aquelle Rei, que se ia fazẽdo mui poderoso, & temido, por causa do sitio da sua cidade, fundada na garganta do Estreito de Cingapura,* pelo qual como mais principal que o de Sabà, se navegava de Malaca para todo aquelle Arcipelago, & regiões que ficão ao Oriente della, determinou de lançar este Mouro do lugar, de que tanto danno se podia seguir. E para se assegurar do animo d'el Rei de Pam, cunhado do de Vjantana, mandou là Simão Sodrè em hũa nao, não tanto à comprar mantimentos, como se dizia publicamente, quanto à descobrir com destreza a tenção d'aquelle Rei, & o que se podia esperar que fizesse em quanto Dom Estevão estivesse ausente de Malaca, occupado na guerra d'el Rei de Vjantana. Proveo el Rei mui largamente a nao de mantimentos, & significou com verdade à Simão Sodrè, que era grande servidor d'el Rei de Portugal, & que nessa conta o podia tèr o Capitão de Malaca, para tudo o que lhe à aquella cidade comprisse, & que folgaria muito que destruisse à seu cunhado, porque o merecia como hum grande traidor que era.

*Que por outro nome se chama o Canal de Varela.

Quieto, & assegurado com esta resposta Dom Estevão, estando ja apercebido para a jornada, partio de Malaca em Outubro, com hũa armada de vinte seis vellas, das quaes erão duas naos, & Capitães dellas Dom Francisco de Lima, & Diogo Botelho (nesta ia Dom Estevão) hũa caravella de Fernão Gomez, de que era elle Capitão, a qual, & a nao de Dom Francisco, mandou Dom Estevão que se adiantassem, & se fossem lãçar na bocca do rio de Vjantana, & q̃ não deixassem entrar, nẽ saír cousa algũa. As outras embarcações

erão de remo fustas,lancharas,catùres,& balões, & Capitães dellas Dom Christovão da Gama, irmão de Dom Estevão Manoel da Gama,Enrique Mendez de Vasconcellos, Simão Sodrè,Vicente da Fonseca,que viera de servir de Capitão de Maluco,Pero Barriga,Antonio Grandio., Fernão Sodrè, & outras pessoas nobres,& moradores de Malaca,que todos fazião numero de duzentos & cinquoenta hom̃es.

E para que se tenha noticia do sitio da cidade de Vjantana,que Dom Estevão ia cõmetter,& o que aquelle Rei escolheo para sua morada,& a defensão que nella tinha. He de saber que Vjantana he hũa ponta a mais Austral, & Oriental da terra firme da costa deMalaca,a qual desta ponta(que dista da Equinoccial quasi hum Grao,& de Malaca pouco mais de quarenta legoas)volta para o Norte ao Reino de Siam, onde fazendo a costa hũa enseada bem penetrante, na qual entra no mar o rio Menam, cuja bocca està em altura de treze Graos & hũ terço,torna à terra à correr para o Sul ao Reino de Camboja.Na parte Occidental desta ponta, sae ao mar hũ rio* tam alto,que entrão per elle naos atè quatro legoas da barra, & ao longo delle bem adentro tinha el Rei Alaudim feito hũa grande povoação,cujas casas erão de madeira, como são todas as d'aquella regiáo,& abaxo della pouco mais de tres legoas,onde a terra fazia hum cotovello, estava fundada hũa tranqueira como fortaleza com muitas peças d'artelharia para defender o passo,que era alli tam estreito,& delle para cima atè a cidade,que às frechadas, & com zarguncho se podia defender, nem podia passar hum barco por pequeno que fosse,que desta fortaleza senão mettesse no fundo, & ao longo della tinhão os Mouros alagados juncos, & muitas arbores cortadas, & atadas, para que chegando alli as nossas embarcações, as soltarem, & impedir com ellas a passagem.

*Este rio se chama Ior.

Chegado Dom Estevão com toda armada à bocca do rio de Vjantana, onde achou Dom Francisco, & Fernão Gomez, como delle não levasse piloto prattico, elle mesmo fez o officio, guiando as náos pelo rio acima atè onde puderão subir, & chegar mais perto da fortaleza, em que gastou seis dias, por o rio tèr muita correnteza, & muitas voltas. Antes que chegassem à fortaleza com as embarcações menores, porque tudo ao longo do rio era

cuberto de mato, & delle frechavão os Mouros à nossa gente, posto que com algum danno seu, mandou Dom Estevão Pero Barriga, & Antonio Grandio com sesenta espingardeiros em duas lancharas per hũa margem do rio, & pela outra com outras duas lancharas Dom Francisco de Lima, & Enrique Mendez de Vasconcellos, que fizerão retirar os Mouros, & ficou desafrontada a gente que ia nos navios. Os quaes surgirão perto da fortaleza detras de hũa ponta da terra, onde a artelharia lhes não podia fazer algum mal. E para q̃ os Mouros não entendessem per onde os avião de acõmetter, mãdou Dom Estevão pôr de fronte da fortaleza, da outra banda do rio, quatro peças d'artelharia à cargo de Enrique Mendez de Vasconcellos, com as quaes fez muito danno, ferindo muitos Mouros, & matando quinze, ou vinte, & entre elles dous Capitães. 10

No mesmo tempo intentou Dom Estevão entrar a fortaleza per outra parte, & chegandose à ella, vendo que não podia ser por alli sem notavel perda da gente, se retirou. E mudado de parecer, mandou fazer hũ baileu à caravella de Fernão Gomez tam alteroso que ficasse igoal da fortaleza, para se acõmetter, & entrar, pondolhe suas arrombadas, que podessem sofrer toda a artelharia que lhe tirassem. A Capitania deste assalto, deu à Dom Christovão da Gamma seu irmão, acõpanhado de Simão Sodrè, como de homẽ que d'aquelle exercicio era mais prattico naquellas partes. Esta caravella levava aos lados hũa fusta, & hum batel com suas arrombadas, nos quaes ião Vicente da Fonseca, & Fernão Sodrè com muitos espingardeiros: mas forão tantos os impedimentos de tranqueiras, & juncos alagados, que não puderão estas embarcaçÕes chegar à fortaleza como determinavão, & della lhes fizerão os Mouros muito danno (posto que tambem o receberão) ferindo algũs homẽs, & matando à Fernão Gomez Capitão da caravella. Polo que vendo Dom Estevão os estorvos, & perigos do mar, se resolveo de bater da terra a fortaleza, para o que mandou Francisco Boccarro Feitor de Malaca, que fosse reconhecer o sitio onde se podia plantar a artelharia, & per sua informação se elegeo hum teso, que ficava cavalleiro à fortaleza, onde mandou Dom Estevão pôr artelharia em duas estancias, que entregou à Enrique Mendez de Vasconcellos, & à Antonio Grandio, das quaes se bateo a fortaleza 20 30 40
por

por eſpaço de oito dias, com morte de muitos Mouros. Mas vendo os Portugueſes que durava o cerco mais do que elles eſperavão, & que os mantimentos, & munições começavão à faltar, & os inimigos eſtavão mui inteiros, & com grande determinação de ſe defender, & receando mais a infirmidade por ſer o lugar mui doentio, que as bombardadas, & eſpingardadas dos Mouros, começarão à tratar de alevantar o cerco. O que ſabendo Dom Eſtevão, pôs o negocio em conſelho, no qual todos ſe forão com o voto de Pero Barriga, aprovan- 10 do as razões que elle deu, como de homem mui experimentado na guerra, para ſe não alevantar o cerco, que era o que deſejava Dom Eſtevão, porque lhe parecia menoscabo do valor Portugues, tornar para Malaca ſem caſtigar aquelle Rei, & aſsi mandou que todos ſe apercebeſſem para de novo cõbater, & aſſaltar a fortaleza dos inimigos. Os quaes brioſos com nova gente de ſoccorro que trouxe Tuam Mahamed ſairão das tranqueiras, & acõmetterão as noſſas eſtancias, & dellas ſe retirarão com tantos Mouros mortos, & feridos, que não ouſando eſperar outro combate, no ſilencio da noute ſeguin- 20 te deſampararão as tranqueiras, & fortaleza, & el Rei ſe metteo pela terra dentro com ſeu teſouro, & molheres. Os noſſos o ſouberão pola manhãa, querendo proſeguir a bateria, & aviſado logo Dom Eſtevão que eſtava no mar, deſembarcou com toda a gente, & ſe foi metter na fortaleza, que de todo eſtava deſpejada, & recolhida a artelharia que achou nella, & nas tranqueiras, & as melhores embarcações que eſtavão no rio, à tudo o mais ſe pos fogo. [a] Com eſta vittoria ſe tornou Dom Eſtevão para Malaca, onde foi recebido cõ muita feſta, & univerſal contentamento, por quam neceſſario era caſti- 30 gar aquelle Mouro dos males que tinha feito aos Portugueſes, para exemplo dos vezinhos, que tinhão poſto os olhos no ſucceſſo d'aquella empreſa, para aſsi ſaberem o como ſe avião de aver com noſco.

***

a. Fernão Lopez de Caſtanheda nos capitulos. 87. 88. 89 90. do liv. 8. & Franciſco de Andrade no cap. 6. da 3. parte, conformãoſe com Ioão de Barros, poſto q̃ eſcrevem eſta deſtruição de Vjantana mais particularmente.

Diogo do Couto a conta em ſuma no cap. 12. do liv. 8. com algũa differença, dando por razão, q̃ não achou quem deſta jornada o podeſſe informar. E que chegado Dom Eſtevão vittorioſo à Malaca, entendeo logo na carga da nao S. Caterina, q̃ avia de vir à Portugal, de q̃ era Capitão Vaſco da Cunha, o qual partio em Dezembro ſeguinte, & chegou à Lisboa à ſalvamento.

CAPITVLO. XIIII.

De outra jornada que Dom Estevão da Gama fez contra el Rei de Vjantana, & das pazes que lhe concedeo. E como foi cõmetido duas vezes dos Achẽs.

Francisco de Andrade no cap. 27. da 3. parte, & Fernão Lopez de Castanheda no cap. 131. do liv. 8.

NÃO cessou el Rei de Vjantana com as perdas que recebeo na guerra passada, de continuar cõ ella cõtra Malaca, procurando per todas as vias que pode de restaurar os dannos, & vingar as offensas recebidas. De que resentido Dom Estevão da Gama, & não esquecido da morte de Dom Paulo seu irmão, de que se não dava por satisfeito com a destruição da fortaleza de Vjantana, aprestou hũa armada de tres fustas cõ lancharas, calaluzes, & balões, em que embarcou quatrocentos Portugueses, com que partio de Malaca. Chegando ao Estreito de Cingapura, lhe deu hũa trovoada de vento tam impetuoso, que se não se coserão com a terra, nenhum remedio humano os pudera salvar; & ainda assi correrão risco os navios de serem çoçobrados com as arvores, que arrancadas do vento, com raizes, & terra vinhão à cair encima das embarcações. Dom Estevão ia em hũa fusta velha, que abrio per baxo, & se foi ao fundo, em que se afogarão quatro Portugueses, & algũs remeiros, & elle se salvou no baileu da fusta, que o vento arrancou enteiro, & lançou ao mar. Passada a trovoada que durou pouco, chegou Dom Estevão à bocca do rio de Vjantana, pelo qual acima, cinco legoas alem da fortaleza que elle destroira tinha el Rei a sua povoação, em que estava mui fortificado; & no sitio em que esteve a fortaleza, avia outras tranqueiras com muita artelharia, & cinco mil homẽs para sua defensão, & dentro dellas varadas quarenta lancharas, que os Mouros tirarão em terra, para melhor as poderem defender. A este sitio chegou Dom Estevão em nove dias com grandes difficuldades, porque quando enchia a marè, era com tanto impeto, que a grande corrẽte atravessava as embarcações, com que não podião fazer caminho, senão com a vazante, atoandose com cabos às arvores que estavão ao longo do rio, per onde ião os nossos cortando, & desfazendo muitas estacadas, à pezar dos inimigos, q̃ com muitas frechas o impedião.

Vendo

Vendo os Portugueses a multidão dos Mouros, & sua fortificação, não deixarão de recear o feito, & avello por duvidoso de acabar, porem o esforçado animo de Dom Estevão tudo lhes facilitou, & assegurou. E surgindo detras de hũa ponta que o rio fazia, onde estava livre da artelharia das tranqueiras, determinou de as cõmetter na madrugada do dia seguinte; para o que ordenou, que os Malaios que levava, & remeiros fossem diante com panellas de polvora, & apôs elles os espingardeiros, & elle com a mais gente os avia de seguir. Dada esta ordem, desembarcãdo antes que amanhecesse, cõmetterão as tranqueiras, em que lançarão os Malaios, & remeiros grande multidão de panellas de polvora, com que se accendeo tanto fogo per todas as partes, que chegou às lancharas que estavão varadas, nas quaes se ateou com grande furia.

Dom Estevão chegou à este tempo às tranqueiras, & subindo per hũa de taboado, teve hũa mui travada peleja com os Mouros que acudirão à defenderlhe a entrada com muitas espingardadas, & frechadas; porem os nossos per meio dellas apertarão de maneira com elles, que os desbaratarão, & puserão em fugida, sendo ja manhãa clara. Morrerão nesta peleja sômente tres Portugueses, & dos Mouros mais de quinhentos. El Rei estava à este tempo em hum outeiro, hũa legoa das tranqueiras, do qual se descobria o fogo dellas, & das lancharas, onde forão tèr os seus abrasados, que lhe derão a nova de ser queimada a sua armada, tomadas as tranqueiras com a artelharia, & desbaratada a sua gente, polo q̃ se retirou à pressa com suas molheres, & tesouro para o mato, onde se avia por mais seguro que na cidade.

Dom Estevão não quis passar adiante atè que a gente repousasse do trabalho, & que fossem curados os feridos, & enterrados os mortos, o que feito, mandou que marchassem para a cidade. Sabendoo el Rei, & vendose sem gente, sem armada, & sem artelharia, arrependido das guerras passadas, conheceo que para viver quieto & seguro lhe convinha tèr paz cõ os Portugueses, & concederlhes tudo o que elles quisessem, & com esta resolução mandou dizer à Dom Estevão, que lhe pedia não passasse d'alli, porque queria tèr paz com elle, para o que lhe enviaria seus Embaxadores. A Dom Estevão pareceo conveniente assentar pazes com este Mouro, para quietação, & beneficio de Malaca, & assi lhe respondeo, que

„ não ouviria fallar nellas sem refés. El Rei os mandou logo, &
„ forão hum seu tio homem velho, & de muita autoridade, cõ
„ suas molheres, & familia, com os quaes Dom Estevão se tor-
„ nou para Malaca, onde foi recebido com grande festa, & triũ
„ fo, & o tio d'el Rei de Vjantana agasalhado na fortaleza, &
„ tratado com muita honra. Despedio el Rei logo por Emba-
„ xadores Curutaule da Raja, Lacximena, Taucam da Raja,
„ & Turcam Marcar filho do seu Bandarà, os quaes chega-
„ rão à Malaca em oito, ou dez embarcações embandeiradas,
„ com grandes sinaes de alegria. Dom Estevão da Gama os re- 10
„ cebeo com grande aparato, & ouvio tudo o que lhe disserão
„ da parte de seu Rei cõ rostro alegre, & os mandou agasalhar,
„ & cõmunicando o negocio com os Capitães, & casados de
„ Malaca, assentarão que lhes devião conceder as pazes com
„ condições honestas, para asi ficar aquella cidade desasombra
„ da, & desapresada d'aquelles maos vezinhos: pelo que se con-
„ cluirão, com as condições seguintes.

Diogo do Couto no cap. 6. do liv. 10. da 4. Decada.

„ *Que toda a artelharia q̃ ouvesse per todo o Reino de Vjantana com*
„ *as armas d'el Rei de Portugal, de muitas embarcações q̃ por suas costas*
„ *se perderão, seria logo tornada, & trazida à Malaca.*
„ *Que nunca mais el Rei de Vjantana faria em porto algum dos seus* 20
„ *lancharas, nem outras embarcações de guerra, & todas as que se fizes-*
„ *sem sem o el Rei saber, tanto que fosse à sua noticia, as mandaria à Ma*
„ *laca cõ os donos dellas. E que todas as que ao presente estivissem feitas,*
„ *asi suas, como de seus vassallos, mandaria logo entregar à pessoa que*
„ *com os Embaxadores para isso avia de ir.*
„ *Que nunca jamais faria tranqueiras, nem fortes algũs em Bintam,*
„ *nem em Vjantana, & que se passaria logo para o rio de Muar, por fi-*
„ *car mais perto de Malaca, para delle conversarem, & cõmercearem*
„ *como amigos. E que naquelle lugar tambem não faria tranqueira, nem*
„ *forte algum.* 30
„ *Que todas as dividas que Tuam Mafamede devia aos mercado-*
„ *res de Malaca, das fazendas que tinha tomadas antes da guerra, as*
„ *tornaria logo à seus donos, & não podendo ser tudo, fosse parte, & a*
„ *demasia para o anno, de que elle Rei ficava por fiador.*
„ *Que todos os escravos de Portugueses que estavão fugidos de Ma-*
„ *laca, & d'alli por diante fugissem, se tornarião logo, & se algum ja fos-*
„ *se Mouro, o pagarião à seu dono, & o mesmo se faria em Malaca aos fu*
„ *gidos de Vjantana. E se ainda ouvesse em seu Reino algũs filhos de*
„ *Portugueses, que se perderão avia annos na sua costa em hũ junco que* 40

ia de

ia de Borneo para Malaca, se tornarião logo, com todos os seus escravos, & escravas. ,,

Que deixaria navegar livremente todas as embarcações de quaesquer partes que fossem para Malaca, com fazendas, ou mantimentos, sem as obrigar à tomarem seus portos, & que entrando algũas nelles com tempo fortũito, el Rei lhes daria toda a ajuda, & aviamento para irem para Malaca. ,,

Que mandaria à seus vassallos que fossem com suas fazendas à Malaca, para as venderem, & comprarem outras como amigos, à quem se faria favor, & amizade: & o mesmo se faria em seus portos aos Portugueses. ,,

Estes Capitulos de pazes jurarão os Embaxadores em nome de seu Rei, & Dom Estevão os mandou apregoar pela cidade, com universal alegria de todos. E despedidos os Embaxadores, contentes com as peças que lhe deu, mandou com elles os que avião de ver jurar as pazes à el Rei, que os festejou muito, & as mandou publicar, & fez logo entrega das cousas capituladas. Mudouse el Rei para Muar, aonde fundou nova cidade, começando à correr em grande amizade com os Portugueses, com que ficou Malaca em muita quietação, & se ennobreceo tanto com a frequencia de mercadores que nella concorrião, navegando seguros por causa das pazes, que nunca em outro tempo esteve em maior prosperidade.

Fernão Lopez de Castanheda nos Capitulos 181. & 182. do liv. 8. & Francisco de Andrade no cap. 55 da 4. parte.

Despois da destruição de Vjantana, & pazes assentadas cõ o seu Rei, vierão os Achẽs duas vezes acometter Malaca no anno de M.D.XXXVII. A primeira mãdou el Rei hum Capitão com tres mil Achẽs em hũa armada, & sem terem della aviso os Portugueses, desembarcarão os Mouros de noute, & entrarão na povoação dos Quelis pelo baluarte de Bandorà sem serem sentidos. E mortos muitos Quelis, encaminharão para a ponte. Dom Estevão da Gama saio à ella com duzentos soldados, acompanhado dos fidalgos que estavão em Malaca, sabendo da entrada dos inimigos; com os quaes pelejou tam esforçadamente, que os fez recolher ao baluarte de Bandorà, donde os deitou Tristão de Taide (que avia pouco que chegara de Maluco) & retirados à hum espesso mato, em que se defenderão todo o dia, na noute seguinte se embarcarão na sua armada, que estava na Ilha das Naos, com menos quinhẽtos companheiros, que ficarão mortos em Malaca: dos nossos forão feridos Tristão de Taide, Dom Francisco de Lima,

Antonio

„ Antonio Pereira, Francisco Boccarro, & outros, & nenhum
„ morto. Idos estes Achés, fez Dom Estevão cercar de taipa a
„ povoação dos Quelijs, que era cercada de madeira, & sabẽdo
„ que el Rei de Achem aprestava outra maior armada para mã
„ dar contra Malaca, ordenou a defensão da cidade, & fortale-
„ za como experto capitão; no baluarte de Bendarà pôs Paulo
„ da Gama com dozentos homẽs; à Tristão de Taide, à Dom
„ Francisco de Lima, à Dom Manoel de Lima, & à Manoel da
„ Gama, deu à cada hum vinte cinco homẽs para que corres-
„ sem a nova cerca, & acodissem onde fosse necessario, & elle 10
„ com outros cento se pôs junto da fortaleza. Os Achẽs que
„ erão cinco mil desembarcarão, & assentarão seu arraial em
„ Tanjaquelim meia legoa da cidade, & cõmetterão tres nou
„ tes a cerca, o baluarte, & a fortaleza; mas de tal maneira lho
„ defenderão os Portugueses, que desconfiados de consegui-
„ rem seu intento, com muitos mortos, & feridos, se embarca-
„ rão com tanta pressa, que Tristão de Taide que foi apôs elles
„ com hũa armada os não pode alcançar.

CAPITVLO. XV. 20

Do que aconteceo à Francisco de Barros de Paiva em Patane, & à Enrique Mendez de Vasconcellos na peleja que ambos teverão com hũa armada de Iaos.

O tempo que Dom Estevão da Gama mandou Simão Sodrè à Pam à descobrir o animo d'aquelle Rei, mandou tambem Francisco de Barros de Paiva à Patane, com a mesma ordem 30 de intentar se os Patanes estavão firmes na paz que tinhão com os Portugueses. Chegado Francisco de Barros à barra de Patane, estando nella surto, o vèo cõmetter Tuam Mahamed Capitão da armada d'el Rei de Vjantana com algũas quarenta vellas, de quem se defendeo Francisco de Barros como Capitão esforçado que era, despois de hũa larga peleja, em que lhe matarão algũs Portugueses de vinte que tinha no navio. Afastados os Mouros com muitos mortos & feridos para tomar algum repouso, vendose os nossos tam cansados, & feridos, q̃ tornando os Mouros à elles se não 40

poderião

poderião defender, requererã à Francisco de Barros, que no batel do navio se recolhessem à terra, o que não querendo elle conceder, tendo por melhor morrer em defensão do navio, elles se forão no batel à terra, & com Francisco de Barros ficarão sòmente Ioão Ferreira, & Bastião Nunez, os quaes mostrandolhe que era temeridade aguardar mais alli os inimigos, o persuadirão à que se fosse à terra, salvando primeiro a artelharia, & queimando o navio. Em Patane achou Francisco de Barros bom acolhimento, onde esteve atè que Dom
10 Estevão acabada a jornada de Vjantana voltou à Malaca, & despachou Enrique Mendez de Vasconcellos à Patane para o trazer, & mandar d'alli à China hum junco â sentar o trato que antes tinhão os de Malaca com os Chijs, que entam estava quebrado.

Chegado Enrique Mendez ao porto de Patane, despois de aprestar, & partir o navio para à China, & aviar outro em q̃ viesse Francisco de Barros, & os Portugueses seus companheiros, estando para se tornar para Malaca, teve novas de hũa armada de Iaos cossairos, de que era Capitão mòr Ericatin, o
20 qual trazia vinte calaluzes, que remavão com duas ordẽs de remos, hũs de galè, & outros de pangaio, com muita gente de guerra, artelharia, & artificios de fogo. Estes forão demandar o porto de Patane, de que sendo os nossos avisados se fizerão à vella; mas porque Francisco de Barros não tinha toda a sua gente dentro no junco, surgio perto da terra esperando por ella, & Enrique Mendez se fez na volta do mar. Os Iaos avendo vista dos nossos navios, os acometterão repartidos em duas esquadras. Dez calaluzes, porque o vento era calma, chegarão a abalroar com muito esforço o navio de Enrique Mẽ
30 dez, cercandoo por todas partes; mas acharão tal resistencia nos nossos, que despois de durar a peleja hum grande espaço se afastarão os Iaos, com perda de muita gente, & calaluzes espedaçados, ficando tambẽ no navio tres Portugueses mortos, & muitos feridos, & caido Enrique Mendez sem acordo de hũa frecha de peçonha, de que não tornou em si, senão despois de afastados os inimigos, polos remedios com que lhe acodirão.

Francisco de Barros com sòs dezaseis Portugueses que tinha no seu junco se defendeo com tanto valor de oito calaluzes que o investirão, que sem o poderem entrar se afastarão
40 delle,

delle, & com frechas de peçonha, & com a artelharia começárão de novo à pelejar com os nossos, & foi tanta a bombardada, que todo o navio era aberto dos pelouros, que sò na camara de popa lhe meterão cinquoenta, & hum q̃ foi dar em hum barril de polvora, queimou tres homẽs. Os Mouros vendo o fogo, & fumo, dando grandes gritas remetterão ao junco para o abalroarem, cercandoo per todas partes, & pondo nelle escadas para sobirem. Mas Francisco de Barros, posto que ferido de hũa frechada d'erva que lhe atravessou hũa perna, com Bastião Nunez, & o Mestre do navio, que ainda estavão vivos, fizerão tantas maravilhas com artificios de fogo, que os mais dos que intentarão sobir forão queimados. Porem não puderão deixar de ser entrados, se à este tempo não chegara o navio de Enrique Mendez de Vasconcellos, que tornando em seu acordo, & refrescando o vento, dando todas as vellas vèo soccorrer o junco, & rompendo pelo meio dos calaluzes com a artelharia metteo no fundo tres, & espedaçou outros, & dos q̃ estavão per popa do junco alcançou dous, em hum dos quaes vinha o Capitão mòr, que se salvou à nado em outro, & se foi logo para terra, seguido dos outros calaluzes, & o navio tras elles, tirandolhe muitas bombardadas. E porque em quanto Francisco de Barros pelejou, lhe fugirão para terra todos os marinheiros, & nella estavão algũs Portugueses, lhe foi forçado tornar ao porto tomar a gente que là tinha, & proverse do necessario para a viagem de Malaca, onde chegarão estes dous Capitães à salvamento, encontrando no caminho outra armada de Iaos cossairos, de que andava por Capitão Paribara, & trazia consigo settenta vellas, de que não forão acomettidos por levarem muito vento, & irem muito ao mar.

***

CAPI-

CAPITVLO. XVI.

Como Antonio Galvão que el Rei fizera Capitão de Maluco, foi por mandado do Governador à succeder à Tristão de Taide, & do alvoroço, & festa com que foi recebido de todos.

EM quanto em Malaca avia estas inquieta- ,,
ções, em Maluco ouve outras muitas, à que ,,
derão causa os excessos que Tristão de Tai- ,,
de fez no seu cargo, com os quaes pôs mui- ,,
tas vezes à risco perderse aquella fortaleza, ,,
com todos os Portugueses que nella avia. Aquella soltura ,,
causava, assi nelle, como nos que o precederão, o respeito ,,
que tinhão mais à seu proveito particular, que ao d'el Rei, ,,
& do cõmum, & a grande distancia que ha d'aquellas par- ,,
tes à India, perque o Governador não somente os não podia ,,
castigar, mas nem saber de suas culpas. E Tristão de Taide to ,,
mava ainda mais licença, por a confiança que tinha na mui- ,,
ta amizade que entre elle, & o Governador Nuno da Cunha ,,
avia, & no parentesco com Dom Estevão da Gama, que em ,,
Malaca estava por Capitão, que era seu sobrinho filho de sua ,,
meia irmãa. Mas sendo Nuno da Cunha informado por Lio ,,
nel de Lima, que à Goa chegou com el Rei Tabarija, & sua
mãi, & padrasto, que Tristão de Taide lhe mandou presos; &
ouvindo os clamores d'aquella gente, de cuja innocencia lhe
constou, determinou de mandar aquelle anno à Maluco An-
tonio Galvão por successor de Tristão de Taide, porque por
el Rei tinha a Capitania de Ternate.

Antonio Galvão, posto q̃ se lhe representava quã arduo ne ,,
gocio era naquelle tẽpo acceitar a Capitania de Maluco por a ,,
terra estar quasi levãtada, assi os Mouros, como os Christãos, ,,
por as muitas vexações q̃ os Capitães lhes fazião, q̃ estavão ,,
postos em foro de não serẽ castigados por suas insolencias, & ,,
por a terra estar falta de mantimẽtos, de homẽs, & de armas. ,,
Porẽ como elle era mui zeloso do serviço de Deos, & d'el Rei, ,,
determinou de ir, & de maneira q̃ remediasse as necessidades ,,
em q̃ aquella fortaleza estava. E porq̃ o Veedor da Fazenda ,,
não tinha tanto dinheiro q̃ lhe dar, quãto elle avia mester, cõ ,,

Fernão lopez de Castanheda no cap. 127. do liv. 8.

„ toda a fazenda que tinha,& cõ a q̃ pode aver de seus amigos
„ se apercebeo do necessario. E porq̃ para Maluco se achava gẽ
„ te cõ difficuldade, de q̃ là avia muita necessidade, cõ dadivas,
„ rogos, & promessas ajũtou a mais que pode, alẽ da q̃ lhe o Go
„ vernador deu. E para levar esta gente, q̃ era a mais concertada
„ q̃ nunca foi à Maluco, fretou outra nao à sua custa. Alẽ desta
„ gente de guerra, levou algũas molheres, à que fez grandes par
„ tidos, para là casarem com Portugueses, & formar hũa colo-
„ nia para arreigar a gente na terra, & saberem os Mouros que
„ os Portugueses fazião em Maluco sua habitação de assento: 10
„ levou tambem instrumentos de cortar, serrar, & metaes para
„ fazer outros, & muitas alfaias para os homẽs viverem naquel-
„ la terra cõmodamente.

Provido Antonio Galvão desta maneira, partio de Cochij aos viij. dias de Maio d'aquelle anno de M.D.XXXVI. & chegou à Malaca aos xviij. de Iunho cõ suas duas naos, & ou-

Fernão lopez de Castanheda no cap. 158 do liv. 8.

„ tros navios de sua conserva. Alli lhe vierão cartas de Maluco,
„ de muitos que lhe pedião cõ grande efficacia appressasse sua
„ ida para ir remir aquella terra, que estava falta de justiça, &
„ de gente, & tanto de mantimentos, que perecião à fome. Ou- 20
„ tra carta teve do Feitor da nao Santo Spirito, chea de queixu
„ mes de Tristão de Taide, que lhe não quisera deixar carregar
„ cravo para el Rei, & o detivera dous annos, por elle o com-
„ prar, & carregar para si. Polo que estando ainda mui mal de
hũa doença que o chegou à morte, & em grande perigo, quis partir contra conselho de Dom Estevão da Gama.

Castanheda.

„ E porque a salvação d'aquella gente de Ternate consistia em
„ elle lhes levar mantimentos, & o Feitor da nao d'el Rei não
„ podia comprar senão mui poucos, elle comprou tantos à sua
„ custa com que carregou a sua nao que levava fretada: & por- 30
„ que não se satisfazia com estes, deixou em Malaca hum Anto
„ nio Soarez, q̃ fosse cũ hũ jũco à Iaoa, & hi o carregasse delles,
„ & por ja não tèr dinheiro, lhe deu para isso sua prata lavrada.
E assi tam doente como estava partio aos xviij. de Agosto, & surgio no porto de Ternate à xxv. de Outubro, onde foi visto da gente com tanto alvoroço, como hum homem de que

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 159. do liv. 8. & Francisco de Andrade no cap. 43. da 3. parte.

„ esperavão ser remidos do duro jugo que tinhão. E a primeira
„ cousa que os homẽs principaes que o forão visitar lhe disse-
„ rão, forão grandes queixumes de Tristão de Taide, attri-
„ buindolhe toda a culpa da guerra que os Mouros lhe fazião, 40

& do

& do odio que lhe tinhão, & que tam escandalizado estava ,,
delle o povo, q̃ ja o tiverão mandado preso ao Governador da ,,
India, se Dõ Estevão da Gama seu sobrinho não estivera por ,,
Capitão em Malaca onde avia de ir à parar. Tãtos forão os ma ,,
les q̃ de Tristão de Taide recõtarão, q̃ Antonio Galvão os não ,,
podia crèr, & parecialhe q̃ por o grangearẽ à elle os accrescen ,,
tavão. E como elle era humano, & de spiritos nobres, tinha ,,
por cousa vergonhosa à Portugueses, q̃ os Capitães de Malu- ,,
co todos q̃ vinhão de novo, prendessem aos passados: & deter ,,
10 minava (se posivel fosse) não prender à Tristão de Taide, sal- ,,
vo se as culpas fossem taes, q̃ não podesse al fazer. Tristão de ,,
Taide o mandou visitar à nao, & pedirlhe fosse logo tomar ,,
posse da fortaleza. Mas Antonio Galvão querendo apagar a- ,,
quelle impeto q̃ via na gente contra elle, & por o favorecer, ,,
não quis sair logo em terra, mas se deteve algũs dias, parecen- ,,
dolhe q̃ se vissem q̃ o favorecia de algũa maneira, se reconci- ,,
liarião cõ elle, ou ao menos não se queixarião com tanta effi- ,,
cacia como algũs tinhão feito. E como os da fortaleza esta- ,,
vão desejosos de ver Antonio Galvão por os bẽes q̃ de seu go ,,
20 verno esperavão, & mui escandalizados de Tristão de Taide ,,
por o mao tratamẽto q̃ lhes fizera, murmuravão d'aquella di- ,,
lação, & a atribuião à medo q̃ Antonio Galvão tinha do tra- ,,
balho em q̃ entrava. Porq̃ a gente da fortaleza era mui pouca, ,,
a falta dos mantimentos muita. Os Reis Mouros vezinhos to ,,
dos contrarios, sendo algũs de antes muito amigos dos Portu ,,
gueses, a gẽte divisa entre si, & mui pouco obediẽte; porq̃ co- ,,
mo erão poucos, & se ião à India cõtra võtade dos Capitães, ,,
quãdo vinhão jũcos de Malaca, ou de Bãda, os Capitães ainda ,,
q̃ não quisessem sofrião os excessos dos q̃ ficavão, porq̃ se os ,,
30 castigassẽ, ou prẽdessẽ, ficaria a fortaleza sò, & em grãde peri- ,,
go cõ os Mouros. Mas sabendo Antonio Galvão quã mal in- ,,
terpretavão sua dilação saio logo em terra, onde foi recebido ,,
cõ procissão, & cantico de Te Deũ Laudamus, cõ grande pra ,,
zer, & acclamações de todos, dizẽdolhe publicamẽte q̃ os ia ,,
remir do cattiveiro em q̃ estavão, & da fome com q̃ perecião. ,,

Antonio Galvão como entrou, pôs logo taxa nos manti-
mẽtos, abaxandoos aos preços de antes. E para q̃ entẽdessem
assi os Christãos q̃ os cõpravão, como os Mouros q̃ os vẽdião,
q̃ os preços se não avião de alterar, começou logo pelos mãti-
40 mentos d'el Rei, q̃ estavão na fortaleza. E para metter a gẽte ,, *Castanheda, & Francisco de Andrade.*

 em

,, em ordem, & policia, & viverem como homẽs de razão, & os
,, enfrear com leis, levou os cinco livros das ordenações do
,, Reino, para per elles se governarem; & para os clerigos as
,, constituções do Arcebispado de Lisboa, que o Cardeal In-
,, fante Dom Afonso fizera. Instituiò para execução das leis, &
,, administração da justiça hum juiz ordinario, & dous almota-
,, cès, que atè entam não ouvera. Apos isto entendeo logo em
,, repairar a fortaleza d'artelharia, de que a achou mui falta, por
,, que a que avia boa, deraa Tristão de Taide aos juncos dos
,, mercadores, para segurança do cravo que lhe levavão de gra 10
,, ça, & a artelharia que hi achou estava toda desaparelhada, nẽ
,, achou ferreiro que a concertasse; porque à hum que avia deu
,, Tristão de Taide licença que se fosse à Malaca. Mas Antonio
,, Galvão fez tanta diligencia, que descobrio hum ferreiro, que
,, andava encuberto, & em outro foro, à que deu tanto de sua
,, fazenda, que o obrigou à tornar ao officio, o que relevava
,, tanto, que d'outra maneira não avia artelharia, & sem ella
,, não avia fortaleza. Tambem não achou polvora, pelo q̃ logo
,, mandou fazer muita, & para fazer carvão, & trazer madeira
,, para os repairos das bõbardas, ia Antonio Galvão mesmo ao 20
,, mato cõ todos os fidalgos, & cada hũ trazia às costas a mais q̃
,, podia, de q̃ Antonio Galvão trazia sempre o maior cargo pa-
,, ra os animar, o que tudo se não pudera fazer, se Antonio Gal-
,, vão não levara a ferramenta, & instrumentos que dissemos.

CAPITVLO. XVII.

Do memoravel feito que Antonio Galvão fez em ir buscar com cento & vinte Portugueses à oito Reis Mouros, que cõ grande exercito estavão em Tidore, & como os desbaratou, & destruiò a cidade, & a queimou. 30

OS Mouros de Maluco, como com as vittorias passadas cobrassem coração, & estivessem juntos em Tidore oito Reis, q̃ cõtra os Portugueses estavão conjurados, os quatro delles de Maluco, & os outros quatro dos Papuas, com innumeravel gente de guerra, não passava momẽto q̃ os Portugueses não fossẽ delles salteados cõ suas armadas cõ q̃ os corrião, polo q̃ lhes era necessario à todas horas estarẽ cõ as ar- 40
mas

mas vestidas. E parecendo à Antonio Galvão, que por elle ser
novamente vindo, & Tristão de Taide, de quem se elles da-
vão por offendidos se aver de ir, quererião paz com elle, lha
mandou pedir per Gonçalo Vàz Sarnache Capitão mòr do
mar. E elles se desculparão à Gonçalo Vàz da guerra que fa-
zião, com os males que Tristão de Taide tinha feitos. E des-
pois de consultarem entre si, assentarão tregoas por algũs
dias, para nelles saberem o estado da fortaleza, & a determina
ção de Antonio Galvão. Mas esta tregua guardarão elles mal
porque saindo algũs escravos da fortaleza ao campo à buscar
lenha, tomarão tres, & forãose com elles. Antonio Galvão se
lhes mandou queixar, & dizer, que pois assi passava, que elle
lhes faria guerra descuberta, & não a traição, ao que elles res-
ponderão que fizesse o que quisesse. Polo que Antonio Gal-
vão se determinou em hum façanhoso feito, que era ir sobre
Tidore, onde aquelles oito Reis estavão com infinita gente,
& muito esforçada, & cõ esses poucos q̃ tinha darlhes bata-
lha, que era cousa que o Governador com todo o poder da In
dia, não faria pouco em a acõmetter. E posto q̃ entendia bẽ o
grande risco à que se punha da vida, & ainda da honra, porq̃
não lhe succedendo bem, poderia ser julgado por temera-
rio, parecialhe que era necessario tentar a fortuna. Porque pa-
ra esperar mais gente, não lhe podia vir senão da India, &
que por ella avia de esperar dous annos, à lhe não acontecer
no caminho algum desastre. E que para a gente que ao pre-
sente tinha, não avia mantimentos para a terceira parte desse
tempo, nem de outra parte os podia aver, & sem tèr manti-
mentos não se podião sostèr. Polo que o melhor conselho lhe
pareceo aventuraremse em hũa batalha, com a esperança
posta em Deos, que irse consumindo com a fome poucos &
poucos. A isto teve Antonio Galvão muitos que o con-
tradisserão, mas em fim seu parecer se seguio. E sem mais de-
mora se partio para Talangame, onde estavão quatro vellas
em que avião de ir, & em duas que erão naos avia de ir elle,
& Gonçalo Vàz Sarnache, & em hum navio Francisco de
Sousa Alcotorado, & em hum calaluz el Rei Cachil Aeiro
de Ternate, & o Samarao com cinquoenta Mouros, & os
Portugueses erão cento & settenta. Na fortaleza de Ternate
deixou Tristão de Taide, por ser o mais idoneo para isso, por
seu esforço, & experiencia, & por ser tio de Dom Estevão

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 160. do liv. 8.

da Gama Capitão de Malaca, que o soccorreria logo, se elle Antonio Galvão morresse na batalha.

Castanheda, & Francisco de Andrade no cap. 44. da 3. parte.

„ Querendo Antonio Galvão partir de Talangame, lhe saio
„ ao encontro hũa cilada de dous mil Mouros, com que ouve
„ hũa escaramuça, na qual foi tomado hum Mouro homem
„ d'espiritos, à quem Antonio Galvão perguntou por o que
„ os Reis determinavão, & elle sem nenhum medo, livremen-
„ te lhe disse toda a verdade, que era estarem em Tidore os oito
„ Reis que dissemos com tantas gentes que se não podião con
„ tar, & que determinavão de o tomar vivo à elle, com todos
„ os Portugueses, para matarẽ cõ graves tormẽtos à Tristão de
„ Taide, & aos q̃ cõ elle estavão, & à elle Antonio Galvão, &
„ aos que trouxe consigo resgatalos. E que a cidade de Tidore
„ estava fortisima com muros, & baluartes, & muitos estre-
„ pes, que per nenhũa parte podia ser entrada, & com hũa forta
„ leza sobre hũa rocha talhada, para onde subião per hum tam
„ estreito caminho, que às pedradas se defenderia a subida à to-
„ do o mundo, & para ella avião de subir mais de hũa legoa, per
„ caminho muito fragoso, & cercado de arvoredo. E cõ tudo o
„ Mouro lhe prometteo de o levar lá; porque (segũdo elle dizia)
„ quanto mais cedo o levasse, tanto mais cedo se veria à si livre,
„ & à Antonio Galvão cattivo. Isto lhe sofria Antonio Galvão
„ porque o guardava para guia, se o ouvesse mester.

Ao seguinte dia em q̃ Antonio Galvão determinava partir, em rõpendo a alva appareceo ao mar hũa frotta dos Mouros de mais de trezentas vellas de remo, em q̃ vinhão passante de trinta mil homẽs de peleja, cõ os remeiros, q̃ tambem se

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 161. do liv. S. & Francisco de Andrade.

„ contão por homẽs d'armas. Porque costumão naquella terra
„ os filhos dos Sãgages, & dos Mandarijs, & dos mesmos Reis,
„ em quanto são mancebos, andarem ao remo, & prezarense
„ disso, porque d'alli vèm à ser mais destros nas armas. Aquel-
„ la mostra d'armada quiserão os Mouros dar, sabendo que An
„ tonio Galvão estava de partida para o espantarem, porẽ não
„ se chegarão muito para elle, com medo de sua artelharia. Mas
„ entendendo Antonio Galvão que tudo aquillo erão feros,
„ não deixou de partir, & juntamẽte partio a armada dos Mou
„ ros indo sempre à la mar.

„ Chegando à Tidore, forão logo as praias cubertas de gen-
„ te que o saio à ver com grandes gritas. E começando à desco-
„ brir a cidade, começou à disparar a artelharia della, mas como

os

os pelouros paſſavão por alto, não lhe fazião danno. E para
conſultar com os ſeus perque parte daria na cidade, ſurgio ao
pè da rocha onde eſtava a fortaleza, por d'alli poder melhor
esbombardear a cidade, & eſtar mais amparado da ſua artelha
ria. Alli tiverão grande altercação ſobre a maneira com que
a eſcalarião. Hũs querião que ſe eſcalaſſe per qualquer par-
te que podeſſem: outros erão de parecer que pela parte que
era mais forte, porq̃ nella averia menos gente, que a defen-
deſſe: outros erão de opinião que ſe tomaſſe a fortaleza pri-
meiro, porque poſto que foſſe difficultoſa couſa, era de
menos perigo, por quanto não tinha artelharia, nem ti-
nha gente que a defendeſſe; porque os Mouros tinhão
por impoſsivel tomarſe couſa tam agra, & tam forte; &
que ſe a tomaſſem d'ahi farião tanta guerra à cidade, q̃ os ini-
migos a deixarião, ou farião pazes. E que certo eſtava que ga
nhada a fortaleza avião os Mouros de perder o animo. E ſe to
maſſem primeiro a cidade, os Mouros ſe avião acolher à for-
taleza, & que alli lhes não poderião fazer danno. A eſte pare-
cer ſe acoſtou Antonio Galvão, & todos acordarão, que para
aquelle feito levaſſem cento & vinte Portugueſes eſcolhidos;
& os cinquoenta ficaſſem na armada para a defenderem, &
para em amanhecendo darem viſta de ſi nos navios todos ar-
mados, tãgendo as trombetas, & atambores, como que que-
rião deſembarcar, para que aſsi acodiſſem os inimigos à to-
lherlhe a deſembarcação, & entre tanto Antonio Galvão cõ
os mais eſcalarem a fortaleza.

No quarto da modorra do dia do Apoſtolo S. Thome, quã
do os inimigos eſtavão mais aſſeſſegados, deſembarcou An-
tonio Galvão com os ſeus cento & vinte Portugueſes, com
ſuas eſpingardas, & lanças que eſcravos lhes levavão, que cõ
os Senhores fazião numero de trezentos. Tornados os bateis
para a armada, abalou Antonio Galvão para a fortaleza per
hũ caminho q̃ eſtava afaſtado da cidade, & ia para cima da ro
cha que diſſemos. Na dianteira ião Gonçalo Vàz Sarnache,
Diogo Lopez de Azevedo, Iorge de Brito, Antonio de Tei-
ve, Dom Fernando de Monroi, Iorge de Taide, & outros ho-
mẽs fidalgos, & hũ Antonio Carneiro, que levava o Mouro
que os guiava. No meio ia Antonio Galvão cõ a bandeira, &
na traſeira ião Franciſco de Souſa, Ioão Freire, & outros. Anto
nio Galvão por os ſeus não canſarẽ ia de vagar, & aſsi às oito

 horas

horas de dia chegou meia legoa da fortaleza,& apropinquandose mais à ella,foi sentido das atalaias dos inimigos, que lhes logo derão aviso de quam poucos erão os Portugueses. Sabendoo os Reis,com grande alvoroço derão rebate aos seus, & com cinquoenta mil homẽs que se juntarão, sairão logo à pressa para onde Antonio Galvão vinha. O qual ouvindo o estrepito de tanta gente, por se não embaraçar com ella, antes de chegar à fortaleza,deixando o caminho que seguia, se metteo pela espessura grande do mato, onde se encobrio tanto dos inimigos, que o perderão de vista. E por parecer 10 aos Mouros,que com medo se retirarão os nossos, com prazer derão grandes apupadas,que naquelles valles, & lugares concavos retumbavão com tamanho eco, que à qualquer homem de grande coração fizera muito pavor. Mas aquelle pequeno exercito Christão,com as esperanças postas sò em Deos,ia mui esforçado.

El Rei Cachil Daialo, que era hum valente cavalleiro, & levava a dianteira,â que era encarregado que fosse o primeiro que desse nos Portugueses,trabalhou por os atalhar antes que chegassem à fortaleza.E chegando com sua gente à hum 20 escampado que se fazia entre elle, & a fortaleza, foi alli tèr à caso Antonio Galvão, com quem elle quisera fallar, para o detèr em palavras,em quanto os outros Reis com o resto do exercito chegavão, para os tomarem vivos às mãos, porque não se contentavão matalos em peleja. Antonio Galvão que o entendeo,não curou de pratticar, senão de vir às mãos, & mandando toccar as trombettas, arremetteo aos Mouros, chamando por Santiago. Neste primeiro encontro el Rei Cachil Daialo,que armado com hũa saia de malha, & hũa celada na cabeça pelejava com hũa espada de ambas as mãos, 30 caio de feridas que lhe derão. Mas como era mui esforçado, se levantou logo, dizendo, que não era nada, posto que lhe saia muito sangue. A batalha foi mui travada, trabalhando os Mouros por cercarem os Portugueses,& os consumirem. O que sem duvida fora, se el Rei Daialo não tornara à cair desmaiado do muito sangue que se lhe ia das feridas mortaes, de que d'ahi à pouco morreo. O qual em caindo bradou,que o tirassem da batalha, para que os Portugueses não se alegrassem com sua cabeça. Quando os Mouros o virão asi levar ja quasi morto,perderão o coração,& sem poderẽ mais pelejar, 40

come-

começarão à fugir quanto mais cada hum podia, de que algũs por irem mais despejados deixavão as armas. E encontrandose com a gente dos outros Reis, que os vinhão ajudar, se embaraçavão hũs aos outros com a pressa, indo hũs para a fortaleza, outros para os matos. Antonio Galvão seguindo os que fugião para a fortaleza, se envolveo com elles, & entrou nella com todos os seus, & os Mouros que entravão, & os que lá estavão tornarão à sair, & lha deixarão. Antonio Galvão mandou logo pôr fogo à fortaleza, & por as casas se-
10 rem de madeira, & de cannas, & a cobertura de ola, facilmente foi tudo queimado. Os Reis se acolherão per esses matos; & o de Tidore tomando suas molheres, & tesouro, com guarda de quatro mil homẽs que o ajudavão, deu consigo em hum profundo valle. Como o fogo foi bem entregue da fortaleza, Antonio Galvão desceo à cidade, & entrando com grande grita, & estrondo de trombettas, & atambores, os Mouros a desampararão, & toda a fazenda que nella tinhão, à que tambem foi posto o fogo, com que ardeo muita riqueza: porq̃ como os Mouros estavão confiados no forte sitio em
20 que estava, & difficuldade de ir à ella, tinhão alli todas suas fazendas. Dos Mouros forã muitos mortos, & muitos cattivos, & os feridos sem conto. Da parte dos Portugueses não » morreo pessoa algũa, tirando hum sò escravo. O que parece- » rà duro à quem o ouvir, como perigoso à quem o escreve, » se senão lembrarem quam poucos Portugueses acabarão ja » maiores cousas contra mais numero de inimigos, à que ti- » rarão as vidas, & os Estados. Acabando a cidade de arder, » mandou Antonio Galvão derribar os muros, & baluartes della, & entupir as cavas, & assi ficou tudo tam raso, como se nunca alli estivera cidade.

CAPITVLO XVIII.

Como os Reis Mouros se forão para suas terras, & o de Tidore fez pazes com Antonio Galvão.

INDINADOS os Reis Mouros por a vittoria que os Portugueses delles ouverão, com a gente que tinhão determinarão de tomar Antonio Galvão quãdo das naos aonde vinha dormir, tornasse para à cidade. Sendo disto sabedor Antonio Galvão quis lhe contraminar seu disenho, & armar lhe hũa cilada de algũa gente ao longo da terra nos navios de remo que tomara, para que vindo os inimigos lhes ficassem os da cilada detras, & elle diante. E para que os Mouros de melhor vontade saissem, se embarcou em amanhecendo à som de trombettas, & atambores. E como os Mouros estavão prestes, sairão logo à elle para lhe tomarem a dianteira antes q̃ chegasse à terra, & indo assi, forão de subito dar com a cilada, de que logo começarão à esbõbardear, & chegarse aos Mouros, & aferrarão hũa coracora d'el Rei de Bacham carregada de gente, que não ousando à pelejar, se lançou toda ao mar, ficando a coracora em mão dos nossos. Vendo isto os Mouros que atras ficavão, se retirarão, & assi não receberão mais perda. Mas os Reis se affrontarão muito vendo quam pouco mõtarão seus ardijs, polo que determinarão de per mar, & per terra darem em Antonio Galvão, o que vindo à sua noticia, foi sobre elles per terra, & indo per caminhos encubertos, ouvera de tomar os inimigos repentinamente, se hũs soldados que ião na dianteira não disparárão as espingardas indo ja perto delles. Mas toda via com aquelle sobresalto se puserão em fugida: dos quaes ainda Antonio Galvão alcançou os que ião na retraguarda, de que ferio, & matou algũs, & outros cattivou; dos mortos foi hum parente d'el Rei de Geilolo, que era mui esforçado cavalleiro, & de que fazia muita conta, cuja perda os Mouros sentirão muito, & fizerão por elle grãdes prantos.

Os Reis de Bacham, & Geilolo, & os das Ilhas Papuas vendose desbaratados per tam poucos Portugueses, sendo elles tantos, & que perdião tẽpo em tentar mais a fortuna contra

Portugueses,

Portugueſes, imputavão ſeu desbarato à ira de ſeu Mafoma, & ſe forão para ſuas terras, deixando o proſeguimento da guerra para outro tempo mais felice. Os Portugueſes quando virão a partida dos inimigos tam ſubita, ſendo tantos, receavão q̃ foſſem ſobre a fortaleza de Ternate, & com grande inſtancia requerião à Antonio Galvão que lhe acodiſſe, ao que elle reſpondeo, que quem não defendia ſua caſa, mal poderia tomar a alhea; & que d'alli ſe não iria atè fazer pazes cõ el Rei de Tidore, ou o matar. Para pôr iſto em execução, lhe 10 eſcreveo hũa carta toda chea de deſculpas por a guerra que lhe fizera, & tambem de queixumes, por a occaſião que elle, & os mais Reis de ſua liga à iſſo derão com lhe engeitar a paz que lhe pedira, ſendo os Portugueſes taes, que onde quer que chegavão, os maiores Reis lha cõmetterão ſempre, & com offertas de tributos, & vaſſallagem à ſeu Rei, & elle em vez de pedir paz & amizade, lha negou, & mandou afrontar com ſuas armadas, fazendo liga, & conjuração com os outros, ſem elle atè entam lhe tèr feito aggravo algum, antes dado muitas moſtras, de quem deſejava ſua amizade. E que pois pela 20 experiencia vira quantos males trazia a guerra, quiſeſſe com elle fazer paz. A qual lhe pedia não por temor algum que tiveſſe: porque os Portugueſes erão homẽs, em cujos animos não entrava medo; mas por a boa fama que delle Rei de Tidore corria, com quem folgara tèr amizade, & vezinhança. Cõmunicando el Rei eſta carta com os do ſeu conſelho, todos ſe inclinarão à fazer pazes com Antonio Galvão, por a differença que delle vião à Triſtão de Taide; & porque na maneira que procedia lhes parecia ſer homem humano, & modeſto, & que lealmente lhes cõſervaria a paz. Porque nos 30 encontros que tiverão, nunca conſentio que lhes cortaſſem ſuas palmeiras, nem arvores outras, & que atè a ſua Meſquita, que os Chriſtãos tinhão por couſa abominavel, lha guardou illeſa, ſem lhes tocar nella. Polo que à todos pareceo, que a paz ſe avia de fazer: & entretanto que ſe capitulava, ſe fizeſſe tregoa de algũs dias, com condição que ſe foſſem logo de ſeu porto, & que a paz ſe aſſentaria tanto que Triſtão de Taide ſe foſſe de Maluco. Entendendo Antonio Galvão, que ſe ſe foſſe d'aquelle porto, não ficava o concerto fixo, & não ſe contentando da dilação que averia atè a ida de Triſtão 40 de Taide, mandou dizer à el Rei, q̃ antes de tratar ſobre pazes ſe

Fernão Lopez de Caſtanheda no cap. 163. do liv. 8. & Franciſco de Andrade no cap. 45. da 3. parte.

„ se aviáo ambos de ver. El Rei o recusou, por o costume dos
„ Reis d'aquellas partes, que o vencido não vè o rostro do ven
„ cedor antes de passarem seis meses, & em seu lugar mandou à
„ Cachil Rade seu irmão, que era pessoa de grande autoridade.
„ E por Antonio Galvão estar bem informado delle, & de suas
„ qualidades, & querer grangealo para o tèr de sua parte contra
„ os outros Reis, antes de entrarem em prattica sobre as pazes,
„ lhe cõmetteo que o faria Rei d'aquelle Reino de Tidore, se
„ elle quisesse: porque seu irmão, por se levantar contra a forta-
„ leza de Ternate, o tinha perdido, & por não querer paz, sen- 10
„ do requerido com ella, & sobre isso lhe fazer guerra. Cachil
„ Rade não aceitou a offerta do Reino, dizendo, que nunca
„ Deos permittiria que elle fizesse traição à seu irmão. E de Ca
„ chil Rade lhe não aceitar aquella offerta, & de não lhe pro-
„ metter que faria com el Rei seu irmão que lhe fallasse, foi An
„ tonio Galvão tam descontente, que com elle não quis tratar
„ cousa algũa. E assi ficou de guerra com el Rei de Tidore, co-
„ mo de antes. Mas receando el Rei de escandalizar à Antonio
„ Galvão, como experimentado polo passado, quebrou o uso
„ dos Reis de Maluco, & sem esperar por os seis meses, se vio cõ 20
„ elle, levando consigo seu irmão Cachil Rade, & muitos no-
bres. E assentarão paz, com condição que el Rei entregaria
à Antonio Galvão toda a artelharia que tinha, & todas as ar-
mas que forão de Portugueses. E que por o preço da Feitoria
d'el Rei daria todo o cravo, que em sua terra ouvesse, & q̃ não
Castanheda. „ ajudaria à Rei algũ contra Portugueses. Ficou el Rei tam con
„ tente da arte, & brandura de Antonio Galvão, a qual parecia
„ ainda sendo maior opposta à aspereza & sequidão de Tristão
„ de Taide, que muitas vezes, assi elle, como seus irmãos, &
„ Mandarijs o ião visitar, & comer com elle, como se toda a vi- 30
„ da se conversarão. Mas Cachil Rade, em pago da boa conta
„ em que Antonio Galvão o tinha, & de o querer fazer Rei, o
„ avisou que se não partisse d'aquelle porto de Tidore atè as pa
„ zes ficarem bem firmes. Porque el Rei seu irmão era tam im-
„ portunado dos Reis de Geilolo, & de Bacham, que receava,
„ que tanto que se d'alli partisse, lhe movesse guerra, em vingan
„ ça da morte de Cachil Daialo, que fora morto à ferro, que to
„ dos estavão obrigados por juramento de vingar, & que assi
„ lho pregavão seus Cacizes. Polo que Antonio Galvão se de-
„ teve algũs dias mais, & assentadas as pazes prometteo à el Rei 40
de

de lhe mandar reedificar a cidade de Tidore no meſmo lugar onde eſtava, & aſsi o comprio, começandoa antes que d'alli ſe partiſſe para a fortaleza de Ternate, onde com grande feſta foi recebido; por hũa tam glorioſa vittoria que d'aquelles Mouros alcançara.

CAPITVLO. XIX.

Das muitas inquietações que ſempre ouve em Maluco entre os Portugueſes, & ſeus Capitães, ſobre a compra do cravo, & do trabalho que niſſo paſſou Antonio Galvão.

FEITAS as pazes com os eſtranhos, começarão as diſcordias com os domeſticos, ſobre a cõpra do cravo: porque como para a viagem do Maluco, ſempre na India ſe achou gente com difficuldade, aſsi por o lugar ſer tam remoto, como por não aver outro cõmercio, nem tratto nelle, ſenão o do cravo, & os homẽs que à aquellas partes querião ir erão plebeios, & de pouca conta, tirando os Capitães, & officiaes d'el Rei, ouve ſempre entre elles amotinações, & alvoroços, pelo que convinha aos Capitães diſsimular as offenſas, & às vezes as injurias que delles recebião, por os não deixarem ſòs na fortaleza, como muitas vezes acontecia. E como el Rei de Portugal não tinha na Ilha de Ternate, & conquiſta della renda para ſuprir os gaſtos que fazia, no preſidio que hi tinha, & nas armadas que à ella mandava: o Veedor da Fazenda Afonſo Mexia enviou à Maluco hum regimento, em tempo de Dom Iorge de Meneſes, perque mandava que o Feitor compraſſe quanto cravo ouveſſe naquellas Ilhas, & carregaſſe o mais que pudeſſe para el Rei, & o mandaſſe a India, & que o que ſobejaſſe da carrega o vendeſſe aos moradores da fortaleza com ganho moderado, & que deſſe dinheiro ſe pagaſſem os ſoldos, & mantimentos dos Capitães, & gente d'armas, & outros gaſtos da fortaleza. Mas eſte regimento ſe não aceitou, nem ouve effeito, por a grande contradição, que aſsi entre os Portugueſes, como entre Mouros ouve. E determinando Dom Iorge de Meneſes quando foi à Maluco de executar aquelle regimento, mandou apregoar com grandes penas

que

que se guardasse. Mas os Portugueses vendo que se el Rei soubesse o muito que ganhava em aver o cravo todo à sua mão, que nunca mais o alargaria, & elles ficarião perdidos, sem terem mais que o mantimento, & o soldo, que se lhes pagava tarde, & mal, determinarãose em não consentir, & valerãose de Cachil Daroes Governador do Reino de Ternate, à que pedirão o estorvasse. E como elle desejava occasião de os Portugueses o averem mester, o fez asi, & mandou, que pois aos Mouros se lhes tolhia a liberdade de venderem o seu à quem quisessem, que tambem elles não vendessem seus mantimentos aos da fortaleza. A discordia da gente, & a falta de mantimentos foi tal, que comprio à Dom Iorge por entam disimular, ja que não podia perseverar na defesa que fizera.

A execução deste regimento esteve suspensa, atè que Antonio Galvão vèo: porque os outros Capitães como tinhão o tento no cravo q̃ avião de tirar de Maluco para levar à India, mais favorecião a causa dos que cõpravão, que a dos officiaes d'elRei que o defendião. E como este negocio do cravo importava tanto à fazenda d'el Rei, & à sustentação da mesma fortaleza, nunca Antonio Galvão afroxou de fazer a diligencia posivel, por se não ir contra o regimento, com grande trabalho de sua pessoa. E vindo a monção para ir à Malaca mandou concertar a nao de que viera por Capitão Francisco de Sousa, & a outra em que elle mesmo viera, para nella mandar cravo d'el Rei. E porque Tristão de Taide se avia de ir naquella monção, mandou tirar devassa delle, como se faz dos Capitães que acabão. Mas Tristão de Taide, como homem que sabia quantos tinha offendido com sua aspereza, perque não podia dar boa residencia, & que os mais dos que em Ternate avia o accusavão, pedio à Antonio Galvão ouvesse delle piedade. E como Antonio Galvão era homem pio, & inclinado à fazer à todos bem, lhe prometteo que asi o faria, onde não interviesse cargo de sua consciencia, ou deserviço d'el Rei. E asi muitos homẽs que com Tristão de Taide estavão mal, & delle tinhão recebidas muitas màs obras, os reconciliou com elle, & fez seus amigos antes de tirar delle devassa. O que Tristão de Taide agradeceo tam mal, que começou secretamente amotinar a gente, asi para resistirem à defesa do cravo, como para irem em sua companhia para a India, sendo a gente da fortaleza tam pouca, que ficaria sem tèr quem a defen-

Fernão Lopez de Castanheda nos capitulos 164. 165. 166. do liv. 8. & Francisco de Andrade no cap. 45. da 3. parte.

defendesse. E chegou isto à tanto, que por Antonio Galvão „
querer executar o regimento, & defender as compras do cra- „
vo, esteve muitas vezes em risco de o matarem. Polo que ten- „
tou se com brandura de palavras os podia pacificar, & acabar „
com elles que se contentassem de comprar o cravo ao Feitor „
d'el Rei, que era muito mais barato, que o que querião com- „
prar dos Mouros, & que melhor era dar hum pouco de ganho „
à seu Rei, para o gastar na defensão d'aquella fortaleza, & del- „
les mesmos, à que mantinha, & dava soldo, que darem tam „
10 excessivo ganho aos Mouros, que desejavão de os destroir. „
Com isto lhes jurou em hum Missal, de não comprar algum „
cravo para si d'aquelle para que el Rei lhe dava licença, & mã „
dou à seus criados que fizessem o mesmo. E certo cravo que „
de presente lhe mandarão el Rei de Tidore, & Cachil Rade, o „
mandou levar à Feitoria para a carga das naos. Tudo isto não „
pode movelos, mas juntos em assuada, tomando por sua cabe „
ça à Tristão de Taide, compravão dos Mouros todo o cra- „
vo que achavão, & todo carregavão em hum junco, em que „
Tristão de Taide tinha parte, & não nas naos d'el Rei. Polo q̃ „
20 receando Antonio Galvão que se fosse Tristão de Taide cõ „
os mais sem sua licença, & lhe levasse a gente, fez vir o junco, „
& as naos de Talangame, onde estavão à hũa calheta perto „
da fortaleza, & aos Capitães deu juramento que se não fos- „
sem sem sua licença, nem lhe levassem gente, o que elles não „
determinarão guardar; mas com o favor de Tristão de Taide „
se ajuntarão armados, dizendo à grandes vozes contra Anto- „
nio Galvão, que estava recolhido na fortaleza, que avião de „
comprar cravo, & o avião de defender às lançadas. Finalmen „
te Tristão de Taide com os que levou da fortaleza se embar- „
30 cou, & mandandolhe Antonio Galvão requerer, q̃ não levas- „
se gente, elle não curou disso, mas soltou palavras descorteses „
contra Antonio Galvão. O qual indo ao outro dia em busca „
de Tristão de Taide, & dos outros para os prender, não achou „
mais que Dinis de Paiva no junco, o qual se pôs à bordo com „
toda a gente armada, & espingardas cevadas para lhe resistir. „
E por o mar andar grosso, & o vento ser fresco, escapou. Pelo „
que Antonio Galvão fez autos, perque os ouve à todos por „
alevantados, & os condenou em perdimento das fazendas; & „
logo mandou os autos ao Governador da India, aonde não „
40 chegarão, com o favor de Manoel da Gama que estava por „
Capitão

„ Capitão em Banda,& de Dom Estevão da Gama Capitão de
„ Malaca. Polo que na India, nem em Portugal se pode saber
„ dos excessos de Tristão de Taide, nem do bom serviço que
„ nisso fizera Antonio Galvão, como acontece onde os
„ Reis não são presentes, & a cousa fica em officiaes, & mi-
„ nistros.

CAPITVLO. XX.

Como Antonio Galvão assentou pazes com os Reis de Geilolo, & Bacham, & assessegou os Ternates, que não querião tèr por Rei à Cachil Aeiro. 10

Fernão Lopez de Castanheda no cap.183. do liv.8.

„ Achaõse os Reis de Geilolo, & Bacham tam a-
„ frontados por a perda passada, & porque sen-
„ do elles tantos, & com tam innumeravel exer-
„ cito forão desbaratados per hum Capitão com
„ tam poucos Portugueses, que como forão em
„ suas terras se começarão logo à aperceber, & buscarem no-
„ vas ajudas para virem contra Antonio Galvão, & se satisfaze 20
„ rem d'aquella perda, & da morte de Cachil Daialo, que por
„ ser morto à ferro erão obrigados, segundo costume d'aquel-
„ les Mouros, à tomarem delle vingança. Polo que achandose
„ Antonio Galvão muito falto de gente, por se lhe aver ido pa
„ ra a India a mòr parte della com Tristão de Taide, como aci-
„ ma dissemos, tratou todos os meios, que pode para fazer paz
„ com aquelles Reis. A qual não querendo elles acceitar, An-
„ tonio Galvão determinou de tomar o risco todo sobre sua
„ pessoa, por a pouca gente que consigo tinha, & os mandou
„ desafiar, para ambos se matarem com elle, pois elle sò era o 30
„ de que dizião receber offensa. Sendo acceitado o desafio
„ pelos Reis de Geilolo, & Bacham, el Rei de Tidore, & seu
„ irmão Cachil Rade, se metterão de por meio, & fizerão
„ com que o desafio não fosse por diante, concertando os Reis
„ com Antonio Galvão. E como elle era homem tam inteiro
„ em suas cousas, & tinha fama de homem virtuoso, forão as
„ pazes tam aventajadas, que não sòmente os Reis se fizerão
„ seus amigos, mas lhe mandarão os Portugueses que tinhão
„ cattivos, & as armas, & artelharia que aos nossos tinhão to-
„ mado. E pela mesma maneira lhes mandou Antonio Galvão 40
algũs

algũs preſentes de couſas de Portugal, em ſinal de amiza-
de. A qual eſtes Reis tambem guardarão, que andando en-
tre aquellas Ilhas dos Papuas duas naos de Caſtelhanos, os
não conſentirão deſembarcar em ſeus portos, & lhes man-
darão requerer da parte de Antonio Galvão, que ſe foſſem
à fortaleza, que nella ſerião providos de todo o neceſſario.
O que os Caſtelhanos não quiſerão fazer; & por virem as
naos mui abertas da larga navegação, com hum tempo rijo
& contrario que lhes ſobrevèo, derão com ellas à coſta, on-
de os mais acabarão, & os poucos que eſcaparão mandou
Antonio Galvão reſgatar, & ſoube delles que partirão de
Nova Eſpanha, & vinha por Capitão mòr Fernão de Grijal-
va, & hum Alvarado.[a]

Com todas eſtas pazes não eſtava quieto em Ternate An-
tonio Galvão, pelas differenças, & ſedições que avia entre
os meſmos Ternates, ſobre o Reinado de Cachil Aeiro, em
que os Sangages, & Mandarijs não querião conſentir, dizen-
do que era baſtardo, & que o Reino pertencia per legitima
ſucceſſão à Tabarija, filho legitimo d'el Rei Boleiſe, q̃ Triſ-
tão de Taide mandara preſo à India ſem cauſa. Polo q̃ com
grande inſtancia requerião à Antonio Galvão, que eſcre-
veſſe ao Governador da India lhes mandaſſe ſeu legitimo
Rei, que injuſtamente fora privado do Reino per Triſtão de
Taide, como forão indevidamente feitas outras muitas cou-
ſas per elle. Incitavaos ainda mais à inſiſtirem neſte requeri-
mento ſer o Samarao Governador do Reino, homem de q̃
elles não erão contentes, por a razão que diſſemos. Tinha à
eſte tempo Antonio Galvão tam pouca gente na fortaleza,
que à nenhũa ſedição dos Mouros que ouveſſe ſe atrevia re-
ſiſtir. Polo que vendo que a ſeguridade d'aquella fortaleza,
& do Senhorio que el Rei de Portugal tinha em Maluco,
conſiſtia em pacificar os Ternates, que andavão dividi-
dos, trabalhou quanto lhe foi poſſivel, por procurar a a-
mizade com elles, & ficar Rei Cachil Aeiro. Os San-
gages, que de nenhũa maneira querião tirar o Reino à
Tabarija, & deſejavão com muitas veras privar do go-
verno ao Samarao, commettião partido à Antonio Gal-
vão, que privaſſe do Reino à Cachil Aeiro, & que elle
ſerviſſe de Rei em quanto Tabarija não vinha. O que An-
tonio Galvão não quis acceitar, como homem zeloſo

a. Eſcreve Diogo do Couto, que Fernãdo Cortes Marques del Valle mãdou ao Perù Fernando de Grijalva no anno de MDXXXVII. em dous navios, hũ dos quaes elle tornou à mandar à nova Eſpanha, & com o outro partio à deſcobrir hũas Ilhas, que dezião ficarem à Poniente, & ſerem mui ricas d'ouro. Correndo Grijalva per diverſas derrotas, chegando de hũa dellas à xxix. Graos da parte do Sul, & d'outra à xxv da parte do Norte, cuidando de tomar à California, não achou terra: polo que requerendolhe os do navio que arribaſſe à Maluco por curſarem para là os tempos: & não o querẽdo elle fazer por não entrar na demarcação d'el Rei de Portugal, o matarão, & à Lopo de Avalos ſeu ſobrinho, & elegerão por Capitão ao Meſtre, que logo tomou a derrota de Maluco. No qual caminho acharão tantas calmarias, que quãdo chegarão aos Papuas não hião mais que ſette homẽs vivos. Alli derão à coſta com o navio, que vinha todo desfeito de x. meſes de viagẽ, & mettidos no batel chegarão à hũa Ilha, que ſe chama Creſpei, onde os cattivarão, & algũs forão tèr à Ternate, que Antonio Galvão recolheo, agaſalhou, & proveo de tudo, que lhes era neceſſario.
Cap. 5. do livr. 6. da Decada 5.

Caſtanheda.

,, do serviço d'el Rei, & pouco ambicioso como elle era, re-
,, ceando tambem, que por elle ser Christão, o povo não
,, perseveraria em querer ser regido per elle. A bondade que
,, Antonio Galvão nisto mostrou; & à pouca cobiça que
,, os Mouros nelle virão, ganhou grande fama entre elles,
,, vendo que engeitava a governança de hum Reino, de
,, que tanta honra, & proveito lhe pudera vir, & não aca-
,, bavão de o louvar. E assi tanto pode com elles a virtude de
Antonio Galvão, & o favor que el Rei de Tidore, & Ca-
chil Rade seu irmão nisso derão, que os Sangages, & 10
Mandarijs do Reino, reconhocerão por seu Rei à Ca-
chil Aeiro, & ao Samorao por Regedor, & os obedecerão
como taes.

Castanheda. ,, Com este assento de concordia que Antonio Galvão
,, fez; todos aquelles Ternates que por as sedições, & tra-
,, balhos passados do tempo de Tristão de Taide, & de
,, seus antecessores na Capitania, andavão espalhados per
,, outras Ilhas, por aggravos, ou medo, se tornarão à re-
,, colher, & povoar a terra, & gozar dos bẽs que a paz traz
,, consigo. Polo que hũs, & outros confessavão tèr grande
,, obrigação à Antonio Galvão, & punhão suas cousas no 20
,, Ceo, quando comparavão o bom tratamento, que nel-
,, le achavão, com o mao que receberão dos que o precede-
,, rão no cargo.

CAPITVLO. XXI.

Como Antonio Galvão mandou ao Morò contra hum levantado, que foi morto, & desbaratado, & da muita diligencia que fez sobre a conversão dos Gentios das Ilhas de Maluco. 30

ACABADAS as differenças que Antonio Galvão trazia com os Reis Mouros de Malũco, vindo à sua noticia, que no Moro andava hum Capitão alevantado, que asoberbava aquella terra com hũa grande armada que trazia, ameaçando que avia de correr à Ternate, mandou hũa armada de certas coracoras, que lhe el Rei de Tidore emprestou, & por Capitão dellas hum clerigo per nome 40
Fernão

Fernão Vinagre, homem audaz, & de bõos espiritos, com sòs quarenta Portugueses, que fosse em busca delle, para o amansar do orgulho que trazia. O clerigo pelejou com aquelle Capitão, & lhe deu batalha em que o matou, & à hum seu irmão, & a gente foi desbaratada, & posta em fugida.

Avida esta vittoria, Fernão Vinagre pacificou a terra, & fez muitos Christãos. Antonio Galvão vendo tam bom successo, o tornou là mandar, para ganhar a vontade d'aquellas gentes, & os persuadir se convertessem à Fè de Christo, o qual com sua pregação, & persuasões, fez muitos mais Christãos, cujos filhos trouxe consigo à Ternate, para se hi criarem, entre os Portugueses. Os quaes Antonio Galvão mandava doutrinar nas cousas da Fè, & ensinalos à lèr, & escrever. E para os nossos serem mais seguros com os filhos d'aquelles homẽs nobres, que tinha como arrefẽs de sua Christandade, & amizade. E aos pais quando os vinhão ver, dava peças & dadivas. Polo que era Antonio Galvão tam acreditado com aquellas gentes, por a justiça, & equidade, com que procedia com os homẽs, que entendião, que o Deos que elle adorava, era o que se avia de crèr: & a religião, que elle professava, se avia de seguir. Tanta efficacia tem a virtude, & o bom exemplo, do que quer incitar, ou converter à outros à bem viver. Sobre a conversão destes Gentios ouve outras muitas occasiões que Antonio Galvão buscou. Porque à todos negocios, à que mandava, sempre encomendava em primeiro lugar, o de salvar almas. Como foi quando mandou Diogo Lopez de Azevedo Capitão mòr do mar de Maluco, em busca de hũa armada mui grossa de juncos, da Iaoa, Banda, Macaçar, & Amboino, que soube vinhão buscar cravo à Maluco, à cujo troco trazião para dar aos Mouros muitas armas, & artelharia em nosso danno, donde despois serião maos de lançar, por cuja vinda & commercio se tolheria averse o cravo para el Rei de Portugal. Polo que Diogo Lopez com sua armada, que era sòmẽte de quarenta Portugueses, & dozẽtos Ternates, & outros dozentos homẽs, que lhe emprestou el Rei de Tidore, com os quaes ia Cachil Rade seu irmão, os foi buscar, & achou a armada em Amboino, onde pelejando com elles, os desbaratou, & fez fugir com morte de muitos: & nos juncos, que

Fernão lopez de Castanheda no cap. 203. do liv. 8.

tomou achou muitas armas, & artelharia, & dinheiro que levavão para emprego do que ião buſcar. Indo Diego Lopez ao longo d'aquella coſta, aſſentou paz, & amizade com toda a gente della, & aos moradores de tres lugares, que ſe chamão Ativà, Matelo, & Nucivel, fez tornarſe Chriſtãos. E deſtas partes trouxe conſigo hum irmão d'el Rei de Ternate que là andava retraido do tempo de Triſtão de Taide, que o perſeguia: & à Cachil Vaidua, à que Dom Iorge de Meneſes mandara afrontar, como attas diſſemos.

Caſtanheda.

Naquelle meſmo tempo vierão à Ternate dous irmãos Macaçares,[2] homẽs nobres, que ſe fizerão Chriſtãos, de que hum ſe chamou Antonio Galvão, como ſeu padrinho, & outro Miguel Galvão. Eſtes tornarão à ſua terra, & querendo deſpois vir viſitar ſeu padrinho, trouxerão certos navios carregados de Sandalo, & algum ouro, & mercadorias, que diſſerão avia nas ſuas Ilhas, & nas dos Celebes, aonde ſe os Portugueſes foſſem, ſe converterião muitos, & farião proveito em ſuas mercadorias. Com eſtes vinhão algũs mancebos fidalgos, com tenção de ſe fazerem Chriſtãos, como de feito fizerão. Vendo Antonio Galvão que de hum caminho ſe podião ganhar almas, & fazenda, mandou à aquellas partes hum cavalleiro honrado chamado Franciſco de Caſtro, & com elle dous Sacerdotes, à que deu hum regimento, para que aſſentaſſe amizade com os Reis d'aquellas terras, & que os induziſſe à tomarem noſſa Fè, & lhes deu peças, & preſentes Partido Franciſco de Caſtro de Ternate, deulhe hum tempo tam rijo, que lhe foi forçado correr à vontade dos ventos, & no cabo de algũs dias foi dar com hũas ilhas ao Norte de Maluco mais de cem legoas, atè entam não deſcubertas, nas quaes ſoube, que aquella à que aportou ſe chamava Satigano, cujo povo, & Rei erão Gentios. Aſſentou logo Franciſco de Caſtro com elle amizade, & para firmeza della, ſe ſangrarão ambos no braço ao coſtume d'aquella gente, & bebeo hum o ſangue do outro. El Rei ſe fez Chriſtão d'ahi à poucos dias, & com elle ſe baptizarão a Rainha, & hum ſeu filho, & tres irmãos d'el Rei, & muitos fidalgos, & gente popular. E gaſtando niſſo vinte dous dias, ſe partio Franciſco de Caſtro, deixando à todos muita ſaudade. E paſſando ao longo da Ilha de Mindanao, chegou à hum rio, ao longo do qual

Diogo do Couto cap. 2. do liv. 7. da 5. Decada.

2. Eſtes Macaçares, ou Macaças como outros lhes chamão, ſão naturaes de hũa Ilha do meſmo nome, q̃ com outras muitas juntas, os Geographos erradamente fazẽ de todas hũa ſò, com nome de Cellebes, prolongada do Norte ao Sul, deſde hũ Grao da Equinocial da parte Septentrional, atè cinco & meio da parte Auſtral. São eſtas Ilhas ſenhoreadas de muitos Reis differentes nas lingoas, ritos, & coſtumes. O Reino dos Bogis occupa a parte mais Septentrional, cuja cidade principal ſe chama Savito, grande de caſas nobres de madeira. O Reino de Macaça he vezinho à eſte, ſua cidade principal ſe chama Goà. Segueſe o Reino Dirapa, & à eſte o de Chirranà, & o ultimo & mais Auſtral he o dos Cellebes. Tẽ eſtas Ilhas outros muitos regulos ſojeitos à eſtes Reis, & nellas ha Sãdalo, Aquila, Lacre, algodão, cobre, ferro, chumbo, & & muito ouro, de q̃ as molheres fazem manilhas para os braços. Tẽ pedraria vermelha, de q̃ fazẽ joias. Tecenſe nellas muitos pannos de ſeda. São mui abaſtadas de arroz, legumes, frutas, ſal, tẽ cavallos, elefantes, carneiros, bufaros, veados, porcos, galinhas, perdizes, & toda a mais caça do mato, mas não tem vacas. Navegão os naturaes deſtas Ilhas em hũas embarcações chamadas Pelan, eſtas ſão de remo. & de guerra: as de carga chamão Lopi, & Iojoga. São todas eſtas gentes de cor baſſa como os Malucos: os homẽs bem diſpoſtos, & gentishomẽs: as molheres fermoſas, & de grande ſerviço. Diogo do Couto Deca. 5. liv. 7. cap. 2.

qual estava hũa cidade chamada Soligano,[a] cujo Rei se fez
Christão,& com elle a Rainha, & duas filhas suas, & muitas
pessoas outras. Na mesma Ilha se fez Christão el Rei de Bu-
tuano(à que chamarão el Rei Dom Ioão o grande) & el Rei
de Pimilarano, que tomou o mesmo nome de Dom Ioão, &
el Rei de Camisino, que se chamou Dom Francisco, & assi se
converterão as molheres, & filhos destes Reis, & muita par-
te de seus vassallos. Querendo Francisco de Castro passar des-
ta Ilha à de Macaçar, foilhe o vento tam cõtrario, que se ou-
10 vera de perder, tentandoo muitas vezes. Polo que os que con
sigo levava, não quiserão que tornasse à tentar caminho tam
perigoso,& voltou para Ternate com muitos filhos d'aquel-
les que se tornarão Christãos. Para os quaes ordenou,& fun „
dou Antonio Galvão com muito gasto de sua fazenda hum „
Seminario, que foi o primeiro de todas aquellas partes Orien „
taes, em que criandose aquelles moços no leite, & doutrina „
Christãa, podessem vir à servir na cõversão de seus naturaes, „
meio que para a reformação de toda a Igreja Catholica, o sa- „
grado Concilio de Trento despois approvou, & escolheo. „
20 Vendo os Cazices, quãto se dilatava a Christandade naquel- „
las Ilhas, & q̃ se abalava todo Maluco para receber, & seguir „
a nossa Fè Santa, requererão aos Reis q̃ acodissem pola hon- „
ra, & seita do seu Propheta, sob pena de ella, & elles por lhe „
não valerem acabarem mui de pressa, nem cessarão atè os „
Reis de Maluco mandarẽ per suas provisões, cõ pena de con- „
fiscação da fazenda, & desterro, & cattiveiro da pessoa, q̃ ne- „
nhũ da mà seita a deixasse. Mas não puderão as ameaças dos „
Reis, & brados dos Cazices impedir à muitos q̃ não corresẽ „
ao sagrado Bautismo, entre os quaes Cachil Colão do conse- „
30 lho d'el Rei de Ternate, trabalhãdo el Rei polo tirar de seu bõ „
proposito, fugio para a nossa fortaleza, onde foi logo cõ todos „
os de sua familia bautizado, tomando por nome Dõ Manoel „
Galvão. Vèo apos este hũ sobrinho d'el Rei de Geilolo, q̃ sem „
respeito do tio, trocou sãta, & animosamẽte a falsidade Maho „
metana pola verdade da Fè. Mas a cõversão de hũ Mouro Ara „
bio avido por parẽte em sangue do mesmo Mafamede, homẽ „
đ tãta autoridade entre todos aq̃lles Principes, q̃ o respeitavão, „
& veneravão como à seu proprio Califa, foi a q̃ maior gloria „
rẽdeo à Christo. Este cõ grãdes đmõstrações d'alegria, & festa „
40 de todos os Christãos, foi polo S. Bautismo cõtado entre elles, „

a. Diogo do Couto diz q̃ Soligano he Ilha, & assi o são Butuano, Pimilarano, & Camisino, & que no anno de M.D XLIII chegou à ellas, & à de Mindanao Bernardo de la Torre, Capitão da frotta de Rui Lopez de Villalobos, o qual se tem por o primeiro descobridor de Mindanao, porem que o foi Francisco de Castro. Cap. 2. do liv. 7. da 5. Decada.

Diogo do Couto no cap. 2. do liv. 7. da 5. Decada.

„ E à todos recebeo, amparou, & honrou Antonio Galvão, cõ
„ tanto amor, & liberalidade, q̃ pouco mais que durara o tẽpo
„ da sua Capitania, ou se lhe perpetuara (como pedião à el Rei
„ Dõ Ioão os Reis, & povos de todas aquellas Ilhas) sem duvi-
„ da todas ellas, alem dos grandes interesses da Coroa deste Rei-
„ no, receberão nossa santa lei. Mas nem nos, nem ellas merece
„ mos hũa tam grande merce de Deos.

CAPITVLO XXII.

Como Antonio Galvão soltou el Rei Cachil Aeiro da prisão em que estava, & dos muitos beneficios que fez aos Ternates.

VENDOSE Antonio Galvão assessegado, & em paz com os Ternates, & cõ os Reis seus vezinhos, converteo o animo à fazer aos Ternates tantos beneficios, com que se cõpensassem as afflições, & dannos, q̃ da aspereza dos Capitães passados tinhão recebidos. E primeiro q̃ tudo, parecendo lhe grande ingratidão a q̃ se usara com el Rei Boleife, em lhe prenderem todos seus filhos, & os terem como cattivos, sendo aquelle Rei o que agasalhou aos Portugueses, & os acceitou por hospedes, & amigos, & lhes deu lugar em sua terra pa ra fazerem a fortaleza, soltou da prisão à el Rei Cachil Aeiro, & o deixou ir livremente para a cidade, & lhe entregou inteiramente à administração do seu Reino, & lhe deu licẽça que casasse, o q̃ aos Reis de antes se não permitio, despois q̃ a fortaleza se fez. Por esta liberdade que Antonio Galvão deu à
„ el Rei, lhe ficou elle tam obrigado, & o povo todo, que o no-
„ me que entre todos tinha era de pai, & como tal o amavão, &
„ obedecião. Nem el Rei, & seus Mandarijs fazião cousa algũa
„ sem seu conselho. E para as cousas de Antonio Galvão fica-
„ rem entre elles em perpetua lembrança, fazião os Ternates
„ cantares em seu louvor, q̃ ao seu modo são as Chronicas, per-
„ que se sabem nos tempos vindouros o que fizerão seus passa-
„ dos, & quem forão. Da mesma maneira era Antonio Galvão
„ bem quisto dos Portugueses, & à todos obrigou com muitos
„ beneficios q̃ lhes fez. Porq̃ devẽdolhes os Mouros muitas di-
„ vidas de seus contrattos, & distrattos q̃ fazião entre si, que os

Fernão Lopez de Castanheda no cap. 202. do liv. 8.

Capitães

Capitães passados nunca forão poderosos para lhas fazer co- „
brar, elle fez cõ q̃ de boa võtade, & sem cõtenda lhes pagassẽ. „
E devendo el Rei de Portugal muitos soldos, & mantimẽtos „
aos Portugueses q̃ estavão em Ternate, não tendo seus Feito „
res dinheiro, elle o emprestava cõ grande perda sua. Da mes- „
ma maneira gastava do seu cõ os doentes, q̃ curava à sua cus- „
ta, & em outras obras pias q̃ fazia aos q̃ caião em necessidade. „
E como hũ dos fruttos da paz, he o ornamẽto, & cõcerto das
cousas publicas, naquelle tempo em que se vio quieto reedifi
10 cou a fortaleza de edificios, & officinas necessarias de pedra,
& cal, que antes ao costume da terra erão de cannas, & mate-
riaes fracos, & tudo cercou de muro. Aos Portugueses fez edi
ficar suas casas de pedra, & cal, & com chamines ao nosso mo-
do, com que aquella povoação ficava parecẽdo de Portugal.
E por a entrada do porto ser difficultosa, por hum penedo q̃
estava no meio da barra, mandou quebrar este penedo, & le-
vantar tanto o arrecife, que ficou feito hum molle, com que
o porto ficou facil, & seguro. E porque o que à aquella forta-
leza mais compria era tèr gente arreigada, que por qualquer
20 leve causa se lhe não fosse, como muitas vezes se fazia, fican-
do a fortaleza sò, sem tèr quem a defendesse, formou hũa no-
va colonia, fazendo com el Rei Cachil Aeiro que desse terras
aos Portugueses que lavrassem, & plantassem, com que fize-
rão quintãas, em que trazião muito genero de gado, & aves.
E para ornamento da cidade trouxe agoa de tres legoas per
canos, de que a gente, & os gados bebião, & se regavão as hor
tas, & pomares E assi incitou com seu exemplo aos Mouros,
que occupados em lavrar, & semear as terras, & criar gados,
se esquecião das guerras em que de contino andavão, & de
30 soldados se tornavão lavradores. El Rei de Ternate vendo o
ornato da nossa cidade, cobiçou fazer outro tanto à sua, &
com ordem de Antonio Galvão a ennobreceo de edificios,
& outras cousas. Muitas outras fez Antonio Galvão, per-
que com razão lhe puderão os Ternates chamar Pai da
Patria.[a]

*a. Foi Antonio Galvão o quinto filho de seu pai Duarte Galvão, & o menor de seus ir-
mãos, que todos morrerão em serviço de seu Rei. Levou à Maluco fazenda que valia dez
mil cruzados, que todos gastou em defender, reedificar, & conservar em paz a fortale-
za de Ternate, em reduzir os Reis d'aquellas Ilhas à obediencia, & amizade d'el Rei
40 de Portugal, & em procurar que todo o cravo dellas viesse à mão de S. A. que lhe rende-
ria*

ria mais de quinhentos cruzados cada anno: com grande danno da fazenda d'elle Antonio Galvão: porque fazendo cravo para si, como fizerão todos os outros Capitães de Ternate, viera à Portugal muito rico, & não sem. fazenda como veo, cheo de confiança, que pelo que tinha feito avia de ser mais favorecido, & honrado, que se trouxera cem mil cruzados. Mas elle não achou outro favor senão o dos pobres miseraveis, que he o hospital, onde se recolheo, & morreo. Do hospital lhe derão a mortalha, & a Confraria da Corte, como à Cortesão pobre, & desamparado, lhe fez o enterramento, deixando dous mil cruzados de dividas, parte que trouxe da India; & parte que algũs seus amigos lhe emprestarão para se manter dezasette annos que viveo no hospital: porque em todos elles, nunca d'el Rei ouve merce algũa para se remediar, nem de dez livros das cousas do Maluco que deixou escrittos, que se entregarão per mandado d'el Rei à Damião de Goes, se deu satisfação para descarregar sua alma. Fez hum trattado dos descubrimentos das Antilhas, & India, que Francisco de Sousa Tavares seu testamenteiro imprimio em Lisboa no anno de M.D LXIII. & dedicou ao Duque de Aveiro Dom Ioão: & esta foi a satisfação dos assinalados serviços de Antonio Galvão, à quem nunca as prosperidades das vittorias de Maluco ensoberbecerão, nem as adversidades, & continuos desprezos de Portugal desanimarão.

LIVRO DECIMO DA QVARTA DECADA DA ASIA,

DE IOÃO DE BARROS.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITVLO PRIMEIRO.

Das causas que ouve para Soleimão Emperador dos Turcos mandar à India hũa grande armada contra os Portugueses.

NO Sexto livro desta Decada * fica dito, como vindo Soltam Badur Rei de Cambaia à Dio desbararado d'el Rei dos Mogoles, mandou pedir soccorro ao gram Turco per Safchan: & que pa ra ganhar sua amizade, & favor, lhe mandara hum riquisimo presente, & dinheiro para pagamento da gẽte que lhe mandasse. Este Safchan foi apportar ao porto de Iudà, dõ de da sua chegada avisou à Soleimão Baxia Governador do Cairo, de cuja vinda & causa della Soleimão o escreveo logo ao Turco. O qual cobicoso de ver tam rico presente, mandado per hum Principe tam poderoso, & de terras tam remotas,

* cap 11.

mandou à Soleimão, que a fazenda de mais sustancia, & de menos volume lhe levassem per terra ao Cairo, & a outra per mar. E para trazer a que avia de vir per terra, mandou Ianà Hamed Zaoi seu Veedor da Fazenda com trezentos de cavallo, por causa dos Alarves, & cinquoenta azemalas. E para a que avia de vir per mar mandou hum Hamed Raez, que despois per desgostos que teve de Soleimão Baxia em Cambaia, se saio da armada, & per terra foi à Goa, onde se fez Christão, & se chamou Garcia de Noronha, por amor de Dõ Garcia de Noronha que entam era Visorrei. Esta fazenda toda esteve no Cairo em poder de Soleimão Baxia, & Safchan, atè que foi recado ao Turco, como Soltam Badur Rei de Cãbaia era morto pela maneira que contamos. Com esta nova, que para elle não foi mui triste, escreveo logo à Soleimão Baxia, q̃ lhe levasse a fazenda per terra, & cõ elle fosse Safchan, & Ianà Hamed Zaoi, que a fora buscar à Iudà. Esta fazenda toda dizia o Turco que lhe pertencia per dereito, & que cõ justiça a podia tomar: porque quando Mustafà, que despois se chamou Rumechan fugira para Cambaia, sendo seu Capitão, em navios, munições, & dinheiro dos rendimentos das terras de Zeibid levara quasi outra tanta contia, & que se descontava hũa cousa por outra. E que em el Rei Badur recolher tamanho roubo, fizera hum grande peccado, que não pudera pagar com menos que com a maldade que lhe Rumechan fizera, atè vir ao estado da morte que ouve, & elle d'aquella maneira aver pagamento do seu.

Com o tesouro partirão Ianà Hamed Zaoi, & Safchan, & tudo levarão fechado, & sellado como viera. E porque o Turco o queria ver com Soleimão Baxia, o mandou vir; & para o Cairo não estar sem Governador, mandou que ficasse em seu lugar Vcaraf Baxia, & Soleimão partio para Constantinopla, aonde chegou à tempo que avia quatro dias que os outros erão chegados com o tesouro; o qual não quis o Turco que se abrisse senão perante o mesmo Soleimão, por razão do sello que lhe elle tambem posera. Quando o Turco vio tam grande riqueza d'ouro, pedraria, perolas, & moeda, & tanta policia de peças de diversos usos d'aquelle Principe do Oriente, cujos feitios erão de mais preço que a mesma materia, ficou maravilhado, & entendeo a ventajem, que as terras donde aquillo vinha, tinhão às suas, que ficavão parecendo pobres

pobres em sua comparação, & accẽdeose em grande desejo de conquistar a India; à cuja conquista determinou mandar logo hũa armada. E quem fazia isto mais facil era Iorge o arrenegado, que fora de Dio com Safchan, que por ser homem mui importante à navegação Soleimão Baxia o fez vir de Suez, aonde viera com a fazenda que vèo per mar. Este lhe deu muitas razões, desfazendo no poder dos Portugueses, & dizendolhe quam leve cousa era ser S. Magestade Senhor do Estado que elles na India tinhão. E que como isto tivesse, ficava Senhor do Mundo: porque a India era hum Sol que o alumiava todo. Estas razões abonava o Alvaro Madeira piloto Portugues, que fora enviado ao Turco per el Rei de Xael, com os outros Portugueses que tomou com Dom Manoel de Meneses, como atras dissemos.* Este lhe promettia de ir por piloto mòr da armada, mostrando ser muito experto na navegação da India. O que elle dizia, não por tèr o animo tam dannado, que esperasse de fazer o que promettia, quanto por lhe darem algum favor em seu cattiveiro, atè lhe Deos dar modo com que se livrasse. E asi foi, que fugio, & vèo à Portugal, & deu conta à el Rei dos grandes apparatos que se fazião para hũa armada que o Turco queria mandar à India.

*No cap. 14 do liv. 8.

CAPITVLO. II.

Como o grão Turco mandou hũa grossa armada à India, de que fez Capitão mòr Soleimão Baxia, das qualidades de sua pessoa, & cruèldades que fez antes de sua parcida, & despois della.

DETERMINADO o Turco em cõquistar a India, & tirar aos Portugueses (se podesse) a posse que della tinhão, cuidando quem mandaria por Capitão geral para tam importante empresa, succederão muitos meios para Soleimão Baxia o ser, que como era homem grandemente ambicioso, & cobiçoso das riquezas da India, de que vira tam grãde mostra, per todas as maneiras possiveis trabalhou por impetrar o que pretendia, não sendo elle o mais sufficiente que outros para aquelle cargo. Mas de hũa parte a mãi do Turco, que queria bem à Soleimão por aver sido criado antigo de Selim

Selim seu marido,& de outra parte a molher legitima do presente Turco Soleimão, que lhe tinha odio secreto,& o deseja va fora do Cairo, por favorecer à Mustafà seu enteado, à que o Baxia tinha perfilhado, o ajudarão em sua pretensão, & asi o Turco, posto que tinha homẽs de grande experiencia na guerra,& muito mais aptos para esta empresa que Soleimão Baxia Governador do Cairo, elegeo à elle, & não aos outros, porque alem de o tèr por leal,& estava delle seguro que se lhe não levantaria, como outros fizerão, era homem menos custoso (o q̃ os Principes pela maior parte tẽ por mais proveitoso) & sendo mui rico, tudo o que acquiria era para Mustafà seu filho,& se offereceo à fazer esta armada à sua propria custa, sem querer mais delle que a gente, & artelharia. Asi que avendo estes differentes respeitos, todos forão em lançar Soleimão Baxia na India, sem aver mais causa que o appetite, & interesse destas partes. Dos quaes respeitos particulares nascẽ acerca dos conselhos dos Principes geraes dannos seus, como veremos que succedeo à este.

Era este Soleimão Capado, de nação Grego Ianiçaro, natural da Morea, que ao gram Turco Selim servira de porteiro da Camara,& ao presente Soleimão seu filho de guarda de suas molheres. As feições de sua pessoa erão correspondentes à fealdade de seus costumes. Sendo pequeno de corpo, era gordo em demasia, & com a gordura tinha hũa papada tam grande, que lhe caia sobre os peitos, & a barriga tam lançada por diante, que parecia mais largo que comprido, & como era de mais de oitenta annos,& cõ a velhice tinha as sobrancelhas,& pestanas muito brancas, o fazião mais disforme, & terrivel em seu aspetto,& com a muita carne era tam decepado, que dõde se assentava não podião quatro homẽs levanta-lo. Mas tudo o que lhe faltava nas forças do corpo, sobejava na malicia, & crueldade, condição natural de Capados covardes.

Tanto que Soleimão Baxia se vio eleito para esta empresa, partio de Constantinopla, mandando primeiro madeira diante ao Cairo, para d'ahi a levarem per terra à Suez,& se fazerem vinte quatro galès, com que quis acrescentar a armada que là estava avia tantos annos, que os Governadores do Cairo seus antecessores mandarão fazer para se levantarem. Chegado Soleimão à aquella cidade, despedio para Suez os officiaes

os officiaes,& mais cousas necessarias para a armada que avia de levar,& elle ficou no Cairo recolhendo a gente que tinha mandado fazer. E como se vio tam favorecido do Turco, à cuja cobiça,& ambição ia satisfazer, com pretexto de bom servidor, fez gravissimas extorsões,& cruezas, assi nos moradores do Cairo, como de outras partes, dos quaes ouve a fazenda com morte de suas pessoas: como foi a de hum grande Senhor de nação Arabio, per nome Mir Daud, que tinha titulo de Rei da Provincia de Thebaida acima do Cairo, à que os naturaes agora chamão Saida, que era o homem de maior Estado, & poder que avia no Egypto. A causa da morte deste, foi mandarlhe Soleimão Baxia pedir cinco mil homẽs seus para remar as galès,& elle se desculpar que seus vassallos não erão homẽs para poderem servir no mar, por não serem costumados à isso. O qual por não parecer que recusava servir às cousas de seu Senhor o Grão Turco, vèo vèr Soleimão com mil escravos negros dos Nubijs comprados por seu dinheiro, cuidando q̃ por aquelle serviço o Turco lhe faria merce,& Soleimão lhe daria agradescimẽtos: & elle em lugar delles o mandou enforcar, cõ achaque q̃ o pão que pagava de tributo ao Turco cada anno, de que se fizera o biscouto para a armada,& os mais legumes vierão muito mesturados com terra. A morte deste homem foi causa de grande escandalo em todo o Egypto, por ser cabeça dos Arabios delle, cujo Estado era tam grande, que o Tributo que dava cada anno ao Turco, em trigo, cevada,& legumes de toda sorte (porque a terra não era de tratto,& tinha pouco dinheiro) era em tanta quantidade que se affirmava, que quasi igoalava ao quinto do que rendião as novidades de todo o Egypto, alem de dozentos quiçaes d'ouro, que cada anno pagava ao mesmo Turco, de que cada hũ valia seiscentos & quinze cruzados. O Estado deste Mir Daud deu Soleimão à Mansor parente do mesmo Daud (que estava preso avia quinze annos em modo de arrefẽs, por se o parente não levantar) parecendolhe que com esta eleição ficaria quieta aquella Provincia; porem outros parentes,& os criados,& mais familia de Mir Daud, se recolherão com hum parente poderoso per nome Abumazà,& sendo em numero de mais de cinquoenta mil casas, forão habitar junto das Catadupas do Nilo, à que elles chamão Cobel Elavat, que são as Serras que dividem aquella região dos Reinos de Egypto.

Mandou

Mandou tambem Soleimão Baxia, como homẽ fero, & sem lei, matar no mesmo dia Ianà Hamed Zaoi Veedor da Fazenda do Turco, & à hum seu filho per nome Cide Iuçuf com muita crueldade, & lhe tomou a fazenda, & despois tres naos q̃ tinha em hum dos portos do Estreito, cõ q̃ acrescentou sua armada, por saber que elle escrevera hũa carta ao Turco dos roubos, & males, que elle Soleimão fazia, a qual carta o Turco mandou ao mesmo Soleimão para que a lesse. E asi matou outros tres homẽs principaes, por lhe não concederem o que pedia, & deixou ordem à Vçaraf Baxia, que ficou em seu lugar por Governador do Cairo, para q̃ matasse à Abedeliuab Mouro rico, Senhor de mais de cinquoenta lugares cõtra Damiata, porque o não podia aver às mãos para o matar. Estes forão os sacrificios, & oblações que fez, & esmolas que deu por lhe Deos dar prospera viagem. 10

Do Cairo partio Soleimão para Suez, & chegado à aq̃lle porto, deu pressa à armada, de q̃ ja achou a mòr parte no mar, & em breve espaço ajuntou settenta & duas vellas, das quaes erão quinze gales bastardas, de trinta & tres bãcos cada hũa, vinte cinco galès Reaes de trinta bãcos, dez galès sutijs, quatro albetoças, seis galeões de duas gaveas, quatro naos de carga, oito navios menores para munições. A gẽte de guerra que nesta armada ia erão mil & quinhentos Ianiçaros, dous mil Turcos, quinhẽtos Mamelucos da guarda do Baxia, q̃ elle fez no Cairo, & outros tres mil homẽs q̃ se levãtarão na Natolia, Alexãdria, Damiata, & outros portos do mar Mediterraneo. Hia esta armada mui bem chusmada, & mui provida de marinheiros, comitres, calafates, carpinteiros, & bõbardeiros: a maior parte destes officiaes forão cattivos nas galès Venecianas, q̃ à este tẽpo acertarão estar em Alexãdria, as quaes mandara represar o Baxia, por o Turco rõper nesta conjunção as tregoas q̃ Baiato fizera cõ a republica Veneciana.[a] E porq̃ Soleimão per sua muita idade, & indisposição não poderia supprir todos os encarregos de Geral, fez Capitão mòr do mar à Iuçuf Mouro Arabio, q̃ era Capitão de Alexãdria, reservãdo elle para si o supremo mãdo, & governãça de tudo. Tãbẽ levou cõsigo para o ajudarẽ cinco Capitães antigos Barharã Bec, Içà Bec, Mahamed Bec, & Mustafà Bec, Queuã Bec, todos homẽs experimentados na guerra de mar, & terra, ordenados para naq̃lla jornada servirem de Capitães de quaesquer fortalezas que 20 30 40

a. Esta paz fizerão os Venecianos cõ Baiazeto, no anno de M.D.III. & no de M.D.XXXVII. a rompeo Soleimão neto de Baiazeto, filho de seu filho Selim.

Pedro Bembo na Historia de Veneza

que Soleimão tomasse: & como a gente foi junta, forneceo a armada de muita, & mui grossa artelharia, & de todas as munições, & mantimentos necessarios; & mandou antes da sua partida, que se embargassem todos os navios que hi estavão; assi dos naturaes, como de estrangeiros Malavares, & Arabios que tratavão na India; & o mesmo fez nos outros portos do Mar roxo, para que não podesse saberse na India dos apercebimentos que elle fazia. De maneira que todo aquelle anno em que elle se aprestou, & partio, nenhum barco podia
10 navegar que não fosse tomado. E esta foi a causa porque na India se não pode saber deste grande apparato, senão despois de feito à vella, tendo o Governador Nuno da Cunha feitas muitas diligencias per muitas vias para saber das galès dos Rumes, que estavão em Suez, de que tanto avia que se temião na India.

CAPITVLO. III.

Como Soleimão Baxia partio de Suez para a India, & do que
20 *passou no caminho atè chegar à Dio.*

FORNECIDA a armada de todo o necessario, começou Soleimão Baxia alojar a gente em seus lugares, no que ouve hum grande motim entre os soldados, causado da aspera condição, & pouca fè de Soleimão. Porque trazendo elle do Cairo muitos homẽs tomados à soldo para servirem de homẽs d'armas, tomou grande numero delles, & os mandou metter à banco per força. Os quaes como não fossem
30 cattivos, nem asoldadados para remeiros, & os officiaes das galès os tratassem como taes, soffrião mal aquella força, & engano, & quatrocentos delles se amotinarão, dizendo, que não avião de servir senão no officio para que forão conduzidos: polo que destes quatrocentos forão descabeçados per mandado de Soleimão mais de dozentos: & a severidade deste exemplo fez à outros soldados sofrer o jugo, & tomarem o remo mal de seu grado. Feita prestes a armada, & embarcada a gente, partio Soleimão de Suez à xxij. de Iunho. Do dia que partio à tres dias chegou ao Toro, & d'ahi à cinco foi ao
40 porto Iubo, & d'elle à outros tantos dias à Iudà. Como alli chegou

chegou quisera Soleimão Baxia aver el Rei à mão per manha; mas elle que bem conhecia a pouca fè dos Turcos, principalmente de Soleimão, cuja crueza, & tyrannia era bem sabida, despejou a cidade, & se pôs em salvo. De Iudà fez sua derrota à cidade de Zebit, situada na costa da Arabia, de que era Rei Nacodà Hamed Turco, que succedera à Mir Escander, que levantandose da obediencia dos Governadores do Cairo, senhoreou algũs annos. E assi por o ditto alevantamẽto de seu antecessor (como se nelle tivera culpa Nacodà) como per lhe dizerem que aquelle Senhor era rico, sem embargo dos presentes, & refrescos que lhe mandou à armada, o mãdou Soleimão descabeçar,[a] & deu seu Estado à Mustafà Naxar Mameluco.

Estando ainda Soleimão no Cairo, dizem que mandou hũ messageiro à el Rei de Adem, fazẽdolhe saber como o Gram Turco o mandava vir cõ aquella armada, & que avia de passar per seu porto, que lhe pedia lhe tivesse prestes os mantimentos que lhe bastassem, que elle compraria por seu dinheiro. E quando se Soleimão partio do porto de Iudà, onde esteve algũs dias, vèo à Ilha de Camaram, & chegando mandou logo per terra o mesmo messageiro à el Rei de Adem, apercebelo de sua vinda, & pedirlhe de sua parte que lhe mandasse dar hũas casas em que se agasalhassem algũs doentes que trazia, para se curarem. El Rei que não era tam suspeitoso como fora o de Iudà, nem tinha tanta noticia da pessoa de Soleimão, lho concedeo de boa mente. Chegada a armada ao porto de Adem, lhe mandou el Rei muitos refrescos, & mantimentos. Soleimão começou à mandar entre algũs poucos enfermos que trazia, muitos soldados rijos, & valentes, fingindo que erão doentes, com tenção de metter muita gente na cidade para se levantarem com ella. E a invenção era, que os doentes verdadeiros, & os fingidos ião cada hum em seu leito às costas de quatro soldados, & nos leitos levavão suas armas escondidas, & com cada hum doente ficavão em casa dous para o curarem: & asi trazidos hũs, tornavão buscar outros. Per esta maneira, & com gente das naos que ia à cidade buscar os mantimentos que se compravão, erão entrados nas casas dos doentes, sem os da cidade sentirem o engano, quinhentos homẽs dos mais esforçados d'aquella armada para qualquer feito, à quem Soleimão tinha ditto que como

[a] *Escreve Diogo do Couto, q̃ el Rei de Zebit mandou hũ presente ao Baxia de espadas, & punhaes guarnecidos d'ouro, & prata, com algũs rubijs, turquesas, & perolas, rodellas, & cofos mui ricos, & outras peças curiosas, & lhe mandou dizer, que fosse fazer a jornada contra os Portugueses, & q̃ da volta o esperaria para o servir em tudo o q̃ lhe mandasse, E q̃ quando Soleimão Baxia voltou para Suez, desembarcara junto de Zebit, para castigar à el Rei Nacodà, polo recado q̃ lhe mandou quando à ida passou por alli, & q̃ desemparado el Rei dos seus se viera apresentar ao Baxia cõ hũa touca atada ao pescoço, em sinal de culpado, & lançado à seus pès lhe pedira misericordia, q̃ como no Baxia a não ouvesse, lhe mandou logo cortar a cabeça. Cap. 5. liv. 3. & cap. 4. liv. 5. da 5. Decada.*

vissem

viſſem certo ſinal, ſaiſſem à cercar as caſas d'el Rei, & ſaquealas, & aſsi meſmo a cidade. Como aquella gente entrou, mandou Soleimão dizer à el Rei, que porque elle não podia ſair em terra, lhe pedia ſe foſſe à galè, para ſe verem, & cõmunicarem algũas couſas que lhe relevava trattar com elle. E poſto que el Rei receou muito verſe com Soleimão, toda via ſentindo o poder de tam grande armada, foiſſe à elle com tres homẽs principaes, aos quaes todos em chegando, Soleimão mandou enforcar nas antenas das galès.[a] E feito ſinal aos quinhentos ſoldados que tinha na cidade, metterão a gente della à eſpada, & com ajuda de outros que logo entrarão, foi ſaqueada, & poſta em poder dos Turcos. E como o Baxia era cobiçoſo, & cruel, mandou apregoar que ſob pena de morte, todo o deſpojo ſe levaſſe ante elle para o repartir. E poſto em hũa porta da cidade, que ſò avia aberta, mandou ſair à todos os ſoldados, & lhes tomou todo o ouro, prata, & joias que levavão, & mandou entregar tudo à ſeu teſoureiro, & lhes deixou para repartirem os Mouros, & fato, de que elles tinhão pouca neceſsidade por o officio em que andavão, do que todos ficarão mui eſcandalizados. Em Adem ſe deteve dezaſeis dias em provèr couſas da armada, & da ſegurança da cidade, deixando nella para ſua guarda quinhentos homẽs, & por Capitão Barahan Bec, hum dos cinco Capitães que atras nomeamos. E elle ſe partio na volta da India, fazendo ſeu caminho à Dio.[b] E a razão porque ſe moveo à ir à aquelle lugar mais que à outro algum da India, foi por Coge Sofar muitas vezes tèr eſcritto à Nacodà Hamed Senhor de Zebit, que era ſeu parente, & amigo, que ſe a armada dos Turcos ouveſſe de vir, vieſſe dereito à Dio: porque quem a India pretendeſſe conquiſtar, convinhalhe muito tèr aquella cidade, por ſer forte, & de bom, & ſeguro porto, & à balravento de toda a India. E por eſta razão vèo Soleimão ſurgir à Dio aos iiij. dias do mes de Settembro d'aquelle anno de MDXXXVIII.

O conſelho de Coge Sofar, parece que foi couſa ordenada por Deos, para ſe não arriſcar o Eſtado da India; porque ſe aquella armada dos Turcos fora à Goa no tempo em que là podia chegar, per boa conta ouvera de ſer aos quinze, ou vinte dias do ditto mes de Settembro ao mais tardar.

a. Eſcreve Diogo do Couto, que chegado o Baxia à Adem, el Rei o mandara viſitar com muito refreſco, & peças de preſente, & que o Baxia lhe enviara hũ ſalvo conduto do Turco, paraque ſeguramente ſe vieſſe ver com elle à galè: o que recuſando el Rei, o Baxia ordenara que deſembarcaſſem os Ianiçaros em terra, mandando diante quem perſuadiſſe, & ſeguraſſe el Rei, o qual vendo a reſolução do Baxia, acompanhado dos mais principaes da ſua caſa, o fora vèr, & recebido com honra, & gaſalhado do Baxia, o deſpedira com cabaias ricas. E chegado el Rei à proa da galè, para ſe embarcar, o tomarão os Ianiçaros, & o enforcarão na entena da galè, & junto delle quatro dos que o acompanhavão. Cap. 5 do liv. 3.

b. Seis navios ſe apartarão deſta armada com algũas trovoadas, q̃ tevẽ atraveſſando de Adem à Dio. Deſtes ſeis navios hũa galè quaſi deſtroçada foi tomar a enſeada de Iaquette, onde os Mouros da terra lhe tomarão o batel, & matarão ſeſenta peſſoas, & os poucos que ficarão largãdo a amarra, ſe acolherão. Hum galeão foi tèr aos Ilheos de S. Maria na coſta do Canarà, onde eſtava Antonio de Sotomaior com hũas fuſtas; cõ as quaes pelejou todo hum dia cõ o galeão, & o rendeo com morte da maior parte dos Turcos, & muito ſangue dos Portugueſes. Hũa nao, & outra galè chegarão à Madrefavat, onde a nao ſe perdeo ao entrar da bara: outro galeão fez dar à coſta Martim Afonſo de Souſa, & hũa fuſta foi parar à Bengalla.

,, & a armada de Portugal em que foi Dom Garcia de Noro-
,, nha chegou ao mesmo porto de Goa aos onze dias, & segun-
,, do outros à quatorze do mesmo mes, que vinhão à ser qua-
,, tro, ou seis dias, ou pouco mais antes da armada dos Turcos
,, chegar. E não ouvera que fazer em se perderem as naos com
,, aquella repentina vinda dos Turcos. E à qualquer fortale-
,, za das nossas à que entam chegara, lhe não podera resistir
,, tres dias, segundo estavão mal repairadas, & fracas, mòr-
,, mente que ja com as novas dos Turcos algũs dos Principes
,, da India nossos vezinhos estavão em proposito de se bandea
rem com elles. Da entrada dos Turcos daremos despois ra-
zão, porque agora convem primeiro escrevermos em que
estado tomou os nossos quando chegou.

CAPITVLO IIII.

Como Coge Sofar se foi secretamente de Dio, & persuadio à el Rei de Cambaia fazer guerra aos Portugueses, & veo cercar a cidade, & dos apercebimentos que Antonio da Silveira fez para se defender.

NVNO da Cunha por a obrigação em q̃ lhe pa
receo que estava à Coge Sofar, por a boa or-
dem que com sua prudencia, & autoridade deu
em pacificar a cidade de Dio, pola morte d'el
Rei de Cambaia, & por ser grande ornamen-
to d'aquella cidade, tèr hum homem tam abalisado, em ri-
quezas, & credito entre os Mouros: quando de Dio se par-
tio, o deixou mui encomendado ao Capitão Antonio da Sil-
veira. O qual vivendo em muita prosperidade, & reputação,
& sendo acatado de todos, & mui favorecido do Governa-
dor, & de Antonio da Silveira, propôs em seu animo por cau
sas à que ninguem soube dar saida, de se ir de Dio com sua ca-
sa. E mais espanto causou em todos o segredo, & silencio de
sua ida, que a mesma ida, tam sabedor, & disimulado era.
Porque tendo tanta fazenda, & tanto numero de molhe-
res, & criados, que não podia fazer mudança sem grande es-
trondo, senão soube da sua ida, senão despois de partido.[a]
Porque em hũa noute dos ultimos dias de Abril, se foi em
hũa

a. Antes da ida de Coge Sofar, se foi seu filho, q̃ estava na fortaleza em refẽs: o qual indo algũas vezes à cidade vèr sua mãi, cõ a licença q̃ lhe deixou o Governador, o dia q̃ determinou fugir lhe trouxerão hum cavallo, para aq̃lle seu intento experimentado, no qual chegando ao Caez da alfandega acompanhado de algũs soldados de guarda, pondose à borda d'agoa, como q̃ estava vendo as embarcações, apertou as pernas ao cavallo, & arremessandose ao mar, em breve espaço passou o esteiro, & posto da outra banda na villa dos Rumes, se foi à Cambaiet, onde el Rei o recebeo cõ gasalhado. Avisado Antonio da Silveira da fugida deste moço, mandou trazer diante de si à Coge Sofar seu pai, q̃ com tanta segurança lhe deu suas razões, q̃ lhe pareceo ao Capitão q̃ estava sem culpa, & por não alterar a cidade o não prendeo, & lhe mãdou q̃ continuasse com o serviço d'el Rei de Portugal, como tinha per obrigação. Diogo do Couto cap. 9. do livro. 2. da Decada 5.

hũa ſua nao,em q̃ tinha embarcado ſeu fato,que como merca
doriã das que mandava para muitas partes, ſe não eſtranha-
vão as idas,& vindas dos ſeus à nao. E para ſe não attẽtar niſ-
ſo,& aſſegurar à todos de ſua eſtada em Dio,começou à fabri
car hũas caſas mui nobres. O lugar que foi demãdar era a ſua
cidade de Surat, della ſe paſſou à cidade de Abmadabad do
Reino de Cambaia, onde el Rei com ſua Corte eſtava, ao
qual ſe deſculpou do tempo que eſtivera entre os Portugue-
ſes,ſem fazer mais cedo o que entam fizera, dizendo, que cõ
10 ſerviços que lhe eſperava fazer, ſe compenſaria a demora
paſſada.

E por achar à el Rei abalado para fazer guerra aos Portu- ,,
gueſes, com muitas palavras o exortou ao proſeguimen- ,,
to della, pondolhe diante, quam grande ignominia era ,,
para hum Rei tam poderoſo como elle, ver ſua terra ſu- ,,
jeita à hũs homẽs eſtrangeiros, que não tinhão terra em ,,
que ſe recolher ſenão a que com mao titulo, & força uſur- ,,
parão, por fraqueza dos Principes que tal ſofrião, ſendo ,,
elles tam poucos em numero, & tam alongados da terra ,,
20 donde vierão. E que era afronta, & maſcabo de ſeu Real ,,
ſangue, vezinhar, & tèr cõmercio, com os que tam cruël- ,,
mente matarão ſeu tio, de que herdara tantos Eſtados, & ,,
potencia, & que os muitos aparelhos que tinha de gente de ,,
armas, d'artelharia, de mantimentos, de cavallos, & teſou- ,,
ros, & a liga que podia tèr com os Principes ſeus vezinhos, ,,
que à elle ſe poderião ajuntar, accuſavão ſeu deſcuido. E ,,
que mui facil ſeria debilitar tam pequenas forças, como ,,
erão as dos Portugueſes. Os quaes ſe começaſſem deſcair, ,,
não ſe poderião mais levantar, por não terem donde lhes ,,
30 podeſſe vir ſoccorro, nem de quem ſe poder valer, nem ,,
aonde ſe ir, ſe ſe viſſem desbaratados. E que ſe algũas reli- ,,
quias delles eſcapaſſem, nem tornarſe poderião à ſuas terras, ,,
ſendo ellas na mais alongada parte do Mundo. Para o mais ,,
animar offereceolhe ajuda de ſua peſſoa, & fazenda, & gen- ,,
te, que logo faria preſtes, & que o meſmo farião muitos Prin- ,,
cipes ſeus comarcãos por honra de ſua lei, & por livrar à ſi, & ,,
as terras em que naſcerão, que aquelles poucos coſſairos ti- ,,
nhão opprimidas, & eſperavão de ſujeitar. E como quem ti- ,,
nha conhecimento do eſtado em que eſtava Dio, & ſua for- ,,
40 taleza, punhalhe tambem diante a boa occaſião que en- ,,

„ tam se offerecia para lançar d'alli os Portugueses: porque es-
„ ravão naquelle tempo mui faltos de mantimentos, & prin-
„ cipalmente de agoa, porque hũa cisterna que começarão fa-
„ zer na fortaleza, não era ainda acabada, nem se poderia aca-
„ bar d'ahi à hum anno, por o grande fundamento em que a
„ começarão. E que o baluarte da villa dos Rumes, que o Go-
„ vernador mandara fazer, estava ainda mui baxo, & não
„ tinha defensão. Lembrava mais, que nem a Ilha, nem a
„ cidade poderião os Portugueses defender, por serem pou-
„ cos, & na cidade aver muitos Mouros de guerra, que dis- 10
„ simulados em habito de mercadores andavão nella. E que co
„ mo os Portugueses alargassem a Ilha, & a cidade, não se po-
„ dião sostentar na fortaleza por a ditta falta d'agoa. E que
„ alem disso, elle Coge Sofar tinha per nova certa, que a ar-
„ mada dos Turcos estava prestes no Mar roxo, & não tar-
„ daria muitos meses que não fosse na India; com cujo favor
„ poderia acabar tudo. Estas, & outras razões dava Coge So-
„ far para incitar à el Rei. Ao qual como não faltavão espiri-
„ tos, & se criara em odio dos Portugueses, que se acrescen-
„ tou por a morte de seu tio, não ouve mester tantas palavras 20
„ para o indinar à procurar vingança della. Polo que man-
dou logo formar hum exercito em Champanel de cinco
mil homẽs de cavallo, & dez mil de pè escolhidos, de que
fez Capitão geral à Aluchan, que era grande Senhor, & hum
dos tres Governadores do Reino, que os Mouros elegerão
per morte de Soltam Badur. Coge Sofar se fez primei-
ro prestes com tres mil homẽs de cavallo, & quatro mil
de pè.

Esta gente se levantou o mais encubertamente que po-
de ser para de sobresalto darem em Dio. E tanto que a no- 30
va deste apparato vèo à noticia de Antonio da Silveira, &
como aquelles Capitães vinhão à cercar Dio, por tèr por
acabar algũas cousas, que Nuno da Cunha mandou come-
çar para defensão da cidade, acodio às mais importantes.
Primeiramente mandou à grande pressa acabar a cisterna,
por na fortaleza não aver outra algũa agoa, para o que
metteo muita gente atè que se acabou, & nella mandou
lançar quanta agoa poderão acarretar mais de trezentos
bois per muitos dias. Asi mesmo mandou recolher mui-
tos mantimentos, & as mais cousas de que podia tèr ne- 40

cessidade,

cessidade, se o cerco durasse. E para segurança, & defensão da cidade, mandou muita gente à villa dos Rumes, para se acabar hum baluarte que Nuno da Cunha mandara fazer, de que era Capitão Francisco Pacheco Iuiz da alfandega da mesma villa, que logo là foi dormir com algũs homẽs ordenados para sua defensão. Apôs isto mandou quantos navios tinha que andassem no esteiro que cerca a terra, em que a cidade està situada, o qual faz que fique em Ilha, & d'aquella armada fez Capitão Francisco de Gouvea. Neste meio tempo que Antonio da Silveira se apercebia para resistir à Aluchan, & à Coge Sofar, por os quaes esperava, foi tam grande medo nos Guzarates, principalmente nos que chamão Baneanes Gentios, que como gente fraca, & medrosa que são, começarão à fugir. Ao que Antonio da Silveira acodio com rigurosos pregões de morte, que ninguem se fosse. E porque não deixavão de se ir, mandou enforcar algũs, com que outros se detiverão.

CAPITVLO. V.

Como Coge Sofar vèo à villa dos Rumes, & deu assalto ao baluarte, & como Antonio da Silveira proveo os passos da Ilha, & o que mais succedeo.

EM Quanto Antonio da Silveira se apercebia para o cerco que esperava, lhe vèo recado que Coge Sofar viera diante dos seus com vinte cinco homẽs de cavallo sòmente, & estava em Novanaguer, mas que deixava perto d'ahi seu exercito. E quando vèo ao seguinte dia, que erão vinte seis de Iunho d'aquelle anno, antemanhãa, de subito com toda sua gente, que erão os que dissemos todos escolhidos, de que os mais erão espingardeiros Arabios, Turcos, & Abexijs, deu na villa dos Rumes, & roubou tudo o que achou da gẽte que alli vivia, que erão Guzarates, & matou algũs, de que Andre Villella escrivão da alfandega com outros tres Portugueses q̃ cõ elle estavão, escaparão, & se acolherão ao baluarte de Frãcisco

Pacheco, q̃ consigo tinha doze homẽs espingardeiros, cõ os quaes se pôs em defensão. E sendo dado rebate à fortaleza, acodio Antonio da Silveira deixandoa à recado. E temendose que aquelle assalto fosse principio para se dar outro maior na fortaleza, onde se faria mais danno, posto que para passar à Ilha, em algũs passos della tinhão posto guardas, mandou Lopo de Sousa Coutinho, de cujo esforço, & aviso muito confiava, aos muros da cidade d'aquella parte q̃ responde ao cãpo da dita Ilha. Neste tempo Coge Sofar apertava com os do baluarte, os quaes tomando esforço com a vinda de Antonio da Silveira, q̃ ja vião abalar, se defenderão mui valerosamẽte. E sendo de hũa parte, & outra a cousa mui pelejada, do baluarte saio hũ pelouro de espingarda, q̃ deu à Coge Sofar em o bucho de hum braço, em que lhe ficou mettido, de que esteve mui mal, & com a dor da ferida, & vinda de Antonio da Silveira, se afastou com algũa perda dos seus.

Este subito acõmettimento de Coge Sofar, & preambulo de guerra, com a nova dos inimigos que vinhão, metteo à Antonio da Silveira em maior cuidado de provèr em toda a Ilha. E como avia na cidade (como ja dissemos) muitos Mouros de guerra, que nos trajos andavão disimulados em figura de mercadores, que algũas vezes ja avião tentado de dar algum desassessego. Antonio da Silveira vendo que com as cousas que se movião, se mostrarião os Mouros da cidade inimigos mais à descuberta, os despojou à todos das armas, & algũs dos principaes prendeo, por evitar ajuntamentos, & tumultos. E logo sem mais dilação proveo os lugares do esteiro que divide a Ilha da terra firme, que erão fracos, & se podião facilmente vadear. E onde a agoa era mais baxa avia dous baluartes que Soltam Badur mandara fazer no tempo que se temia de os Mogoles virem à Dio. Em hum delles mandou estar Manoel Falcão com cinquoenta homẽs, & em o outro Luis Rodriguez de Carvalho com vinte cinco, bem providos d'artelharia. Em outro passo que não era tam secco, porem era mui estreito, mandou estar Lopo de Sousa Coutinho com hũa galeotta, hũa barcaça, & duas fustas. E à Francisco de Gouvea Capitão mòr d'aquelle mar de Dio, mandou que se fosse pôr com cinco navios no cabo da Ilha, que està contra o Norte em hum certo passo; porque alli avia hum banco de area, perque com baxa mar podia passar a gente

gente à pè da terra firme para a Ilha. E alem destes, avia mais de vinte navios em que andavão mais de trezentos espingardeiros para tolher a passagem, os quaes passos o Capitão Antonio da Silveira per sua pessoa vigiava muito ameude. Estes apercebimentos pode fazer no tempo que Coge Sofar se retrahio para se curar de sua ferida, no qual se acabou o que ficava por fazer na fortaleza, & no baluarte da villa dos Rumes, que se pôs em quatenta palmos de alto. E nelle sendo fornecido de muita artelharia, & munições, se recolheo Francisco Pacheco com settenta homẽs escolhidos.

Feitos estes repairos, aos xiiij. dias do mes de Agosto chegou Aluchan com seu campo, em que avia cinco mil homẽs de cavallo, & dez mil de pè, gente escolhida, & bem concertada, & se foi alojar ao longo do esteiro nos passos perque Gonçalo Falcão, Antonio da Veiga, & Francisco de Gouvea andavão. Coge Sofar com sua gente se vèo assentar sobre o passo de Lopo de Sousa, que se chama Palerin, & assestou cõtra elle tres bombardas grossas, com que lhe fazia muito danno, & Lopo de Sousa lhe fazia à elle tambem assaz com sua artelharia, asi na gente de pè, como na de cavallo. Como estes Capitães se virão alojados nos lugares perque esperavão passar a Ilha, todo seu cuidado foi virem com terra em modo de vallos pouco & pouco atè a borda d'agoa, amparandosse da artelharia de nossos navios, atè que de todo ficarão com estes repairos encubertos. Polo que elles offendião os nossos de maneiraq̃, não ousavão, nem podião passar per alli, sem receberem dos Mouros muito danno da sua artelharia grossa, & espingardaria, que era muita. Antonio da Silveira vendo que era por demais poder longamente defender o rio, & que cada dia perdia gente, & munições, & a defesa da Ilha ficava em offensa dos seus, avido conselho com os Capitães, & pessoas principaes, assentou de despejar os baluartes, & alargar a Ilha, & defender a cidade, & pôr nella toda a artelharia, que para defensão da Ilha estava espalhada. E assi aos que nos passos andavão mandou que se viessem aquella noute, & que Paio Rodriguez de Araujo Alcaide mòr da fortaleza tomasse a barcaça de Lopo de Sousa Coutinho, & recolhesse nella a artelharia do baluarte de Gonçalo Falcão. E mandou hũa fusta grande à Luis Rodriguez de

Carvalho, para que tambem em ella embarcasse a artelharia que no seu baluarte tinha. E como isto era de noute, & tal q̃ parecia abriremse os Ceos com chuva, & a marè vazava, vindo ja a barcaça atoada per hum catùr que a trazia, com o grãde peso da artelharia deu consigo em secco, & alli foi mui vazejado dos Mouros, & lhe convèo deixar a barcaça com dez peças d'artelharia que trazia, & salvarse no catùr. Per o mesmo modo derão em secco aquella noute a fusta em que vinha Luis Rodriguez de Caravalho, com tudo o que tirara do seu baluarte, & tres galeottas, à que os nossos poserão fogo, por se os Mouros não aproveitarem dellas, as quaes meias queimadas forão tomadas dos Mouros, com a artelharia que nellas vinha. E sendo os Mouros muitos, & os Portugueses sós vinte, tiverão bem que fazer em se livrar delles, pelejando mais de duas horas, sem os nossos serem entrados, atè que forão soccorridos de almadias nossas, em que se salvarão. Lopo de Sousa fezse á vella em sua galeotta, & a tormenta o lançou da parte da terra firme, & como a marè ja entam vazava, ficou em secco, & asi esteve atè a manhãa, que lhe fez vèr a muita distancia que avia delle à agoa, & em breve foi cercado de grande copia de Mouros, dos quaes se defendeo com muita perda delles, atè que vèo a marè; & a galeotta nadou, posto que a tormenta nã cessava, & se foi para a cidade.

CAPITVLO. VI.

Como Antonio da Silveira alargou a Ilha, & a cidade, & se recolheo á fortaleza, & do que fez despois de estar nella.

Desempedidos os passos do esteiro, ao outro dia foi a Ilha entrada dos Mouros, asi da gente de pè, como de cavallo. E vendo Antonio da Silveira como a artelharia que estava na Ilha com que elle determinava defender a cidade, era perdida, & não somente ficava elle com essa falta, mas os inimigos que a cobrarão, com melhoria, chamou à conselho os Capitães, & pessoas principaes, & lhes propôs, como elle ja que lhe não foi possivel defender a Ilha, com a artelharia que na defensa della estava, determinava defender a cidade, & que como

como viāo, a artelharia, & os navios (por assi Deos o permittir) erāo em poder dos inimigos, que seu parecer era (se elles o approvassem) que a cidade se deixasse, porque para a defender convinha tirar da fortaleza parte da artelharia que nella estava, & se nāo podia escusar. A qual como nāo era muita, se ainda della tirassem, nāo se seguiria disso mais proveito que enfraquecer muito a fortaleza, & ajudar pouco a cidade, porque era tam grande, & os nossos tam poucos, & mal armados, que facilmente se poderia perder, & apôs ella a fortaleza, como ordinariamente acontece, quando cousas grandes, & unidas se separāo, que cada hūa fica fraca. E que alem disso, era cousa sabida, que na cidade avia muita gente de guerra disimulada, de que algūs posto que se lhe tirarāo as armas, à suas vontades dannadas nāo faltariāo outras. E que sò com gritas que dessem em favor dos de sua lei, fariāo grande torvaçāo. Por estas razões, & outras que se alli lēbrarāo o voto de todos, sem algum discrepar, foi, que a cidade se alargasse. E como ja os inimigos estivessem na Ilha, vierāo perto da cidade à dar vista tres mil de cavallo, & muita gēte de pè; & como os Mouros da cidade os vissem tam perto, forāo logo em algūas partes della levantadas bandeiras, fazendo sinaes aos de fora que cōmettessem a entrada, & ouve entre elles alvoroços, & ajuntamentos de gente, pelos quaes se vio claramente a gran de copia de inimigos que dentro dos muros avia, dos quaes os nossos senāo podiāo guardar. E por ja ser assentado o recolhimento à fortaleza, mandou o Capitāo algūs homēs q̃ queimassem certos navios de remo que na ribeira estavāo varados, por se delles nāo aproveitarem os inimigos, & que tambem queimassem o enxofre, & salitre, que em hum dos almazēs tinha, para o que levavāo artificios de fogo convenientes. Mas com aquelles materiaes serem tam promptos para tomarem fogo, os ministros que à isso forāo com a pressa de se recolherem à fortaleza, o fizerāo de maneira que nada ardeo, & de tudo se aproveitarāo os inimigos em danno nosso. Antonio da Silveira somente com cem homēs se metteo pela cidade, & aonde achava ajuntamentos, principalmente de homēs com armas, os mandava alancear, & enforcar. E d'alli mandou levar presos à fortaleza quatro mercadores principaes da cidade, nāo porque nelles achasse culpa algūa d'aquelles ajuntamentos, mas para com suas pessoas remir algūa

Lopo de Sousa Coutinho no trata do q̃ fez deste cerco de Dio, o qual dedicou a el Rei Dō Ioāo III & se imprimio em Coimbra no anno de MDLVI.

,, algũa necessidade se a occasião a offerecesse, por o muito cre-
,, dito que tinhão, por serẽ honrados, & ricos. Os quaes forão
,, mui bem tratados no tempo do cerco, & despois delle postos
,, em liberdade. Desta maneira se saio o Capitão da cidade a-
,, quelle dia, com os seus, & se recolheo à fortaleza. E quando
,, vèo a noute, sendo pelos de dentro avisado aos inimigos, co-
,, mo a cidade era despejada dos nossos, entrarão nella, onde fo-
,, rão recebidos com grandes festas, & luminarias: & toda a nou
,, te gastarão em andar visitando as Mesquitas, dando louvo-
,, res à seu falso propheta, por cobrarem a cidade sem sangue. 15
,, Aluchan se alojou nas casas da Rainha mãi de Soltam Ba-
,, dur, que estavão em hum alto à maneira de fortaleza, porque
,, sua idade, que era muita, não sofria estar em lugar inquieto cõ
,, rebates. Coge Sofar fez sua estancia junto com a fortaleza,
,, em hum lugar que chamão Mandovin. E antes que fosse ma-
,, nhãa assentarão algũas bombardas junto à hum caez que està
,, no mesmo Mandovin, & fica defronte do baluarte do mar,
,, não tanto por fazer danno ao baluarte, quanto à galeotta de
,, Lopo de Sousa, & outras fustas das que escaparão, que esta-
,, vão ao socairo da fortaleza. E assi como foi de dia atirandolhe 20
,, bombardadas, metterão no fundo duas fustas, & matarão al-
,, gũs marinheiros dellas; mas na galeotta de Lopo de Sousa fi-
,, zerão pouco danno. No proprio dia saio Gaspar de Sousa per
,, mandado do Capitão com algũa gente, para valer à algũs dos
,, nossos que moravão fora da fortaleza em casas vezinhas à el-
,, la, que com a pressa de se recolherem, deixarão parte de sua fa-
,, zenda, o que ainda aproveitou à muitos. E como ja os inimi-
,, gos andassem per aquellas casas, matou Gaspar de Sousa mui-
,, tos, & à elle lhe matarão hum, & ferirão outros. A Lopo de
Sousa mandou o Capitão que desse guarda aos que ião buscar 30
agoa aos poços que estavão na cidade, & aos que mettião na
fortaleza a lenha, que se tirou das casas vezinhas à ella, que se
derribarão, porque lhe podião fazer danno: as quaes não se
poderão assolar tanto, que quãdo vèo o tempo do cerco dos
Turcos, deixassem de fazer dellas muito mal. Nestas saidas
que Lopo de Sousa fazia indo dar guarda à gente meuda, que
saia buscar agoa, & lenha, ouve muitos recontros com a gen-
te de Coge Sofar, em que os nossos sendo poucos lhe mata-
rão bom numero dos seus. E o dia xiiij. de Agosto, saindo Lo-
po de Sousa com cinquoenta homẽs, que repartio per as 40
boccas

boccas de algũas ruas, para ſeguridade dos q̃ ião buſcar agoa, & lenha, ficando elle ſò com quatorze em hũa rua eſtreita, determinou de pelejar com os Mouros, poſto que o numero era tam deſigoal, & deſpois q̃ os viò mais entrados pela rua, ajudandoſe da cõmodidade do ſitio, os acometteo, & matou trinta, & ferio outros tantos. E volvendo elles às coſtas os ſeguio, matando nelles. Deſta volta ſaio Lopo de Souſa ferido de hũa cutilada em hũa perna, & hum page ſeu com hum olho quebrado; & outro home com hũa eſtocada per hũa perna; ſem
10 outro dãno algum. Outras vezes ſairão à meſma guarda, ora Gaſpar de Souſa, ora Gonçalo Falcão; o qual tomou hum Mouro homem de reſpeito, & aviſado, que ſendo perguntado per Antonio da Silveira per novas do exercito que na cidade eſtava, & vinda dos Rumes, reſpondeo, que do exercito não avia que dezir mais, que eſtarem nelle juntos dezoito, ou dezanove mil homẽs; & que a cauſa de fazerẽ guerra, era eſperarem a vinda dos Rumes, & que de ſua vinda não ſabia mais que dizerſe no arraial, que do porto de Mangalor cidade de Cambaia, viera nova, que na cidade de Adem ficava hũa grã
20 de armada de Rumes. Naquelles dias que reſtavão de Agoſto, não ſe fez outra couſa mais que eſtas ſaidas da guarda, em que ſempre dos inimigos ſe matarão algũs, & da fortaleza, & do baluarte da villa dos Rumes fizerão algum danno cõ tiros perdidos aos inimigos, mas com muito gaſto de polvora, per que deſpois polo tempo foi poſta a fortaleza em muito riſco por falta della. Sendo chegado o fim de Agoſto, por o inverno não ſer muito aſpero, & ſe poder navegar, fez Antonio da Silveira ſaber ao Governador Nuno da Cunha o que atè entam era ſuccedido. Polo que elle deſpachou logo de Goa on-
10 de eſtava algũs fidalgos, & cavalleiros que foſſem a Dio, hum dos quaes foi Fernão de Moraes, de que deſpois faremos menção.a

a Polo galeão dos Turcos q̃ Antonio de Sotomaior tomou nos Ilheos de S. Maria, ſoube elle da armada turqueſca, de q̃ em hũ catùr mui ligeiro aviſou ao Governador, q̃ cõ grande diligencia mandou logo apreſtar a armada cõ determinação de ir pelejar cõ os Turcos. E no meſmo dia q̃ eſta nova chegou à Goa, ſe embarcarão em tres catùres Fernão de Moraes, Simão Rangel de Caſtello-branco, & Antonio de Araujo com ſeu irmão Gaſpar de Araujo, & partirão para Dio. Levava cada hum deſtes Capitães vinte ſoldados, & os principaes de q̃ ſe ſoube o nome forão, Lançarote Pereira, Rodrigo Homem, Antonio Marhoz, Triſtão da Silva, & Fernão Correa. O Governador eſcreveo por Fernão de Moraes (q̃ foſe deſpedio delle) à Antonio da Silveira, como ſe ficava apercebendo para o ir ſoccorrer.
Diogo do Couto cap 6. liv. 3.

CAPI-

CAPITVLO. VII.

Como Soleimão Baxia vèo com sua armada ao porto de Dio, & da mostra que derão de si algũs Ianiçaros, & do aviso que Antonio da Silveira mandou à Nuno da Cunha.

AS cousas de Dio estando no estado que contamos, o Capitão Antonio da Silveira suspeitando a vinda dos Rumes, asi por o acõmettimento que el Rei de Cambaia fazia, que lhe não parecia ser sem causa, como por a fama que ja se rompia, mandou hũa fusta para a parte de Mangalor, de que ia por Capitão, & como atalaia hum cavalleiro per nome Miguel Vàz, homem mui esforçado, à descobrir novas da armada dos Rumes. O qual tornando à pressa, as deu à Antonio da Silveira, como divisara hũa grande armada. E ao tempo de sua chegada ja dos lugares mais altos da fortaleza se virão vir pelo mar distantes da terra duas legoas quatorze galès em hũa batalha, & de longo da terra outra de sette galès na mesma ordem, & que apôs estas duas batalhas, vinhão todas as mais galès, & navios, trazendo ante si as naos de carga. E Miguel Vàz certificou serem de Turcos, & que contara quarenta & cinco galès, afora outras que divisara, com outros muitos navios de toda sorte. Antonio da Silveira à grande pressa escreveo logo hũa breve carta à Nuno da Cunha, fazendolhe saber o estado em que ficavà, & a deu ao mesmo Miguel Vàz, que logo fosse na volta de Goa, & lha levasse, & lhe dissesse de palavra o que vira. Outra tal carta escreveo à Simão Guedez à Chaul. Miguel Vàz por o recado que avia de dar à Nuno da Cunha ser a relação do que elle mesmo vira, querendo affirmarse mais na verdade, fez o caminho tam chegado à armada, que os Turcos querendo castigar aquelle atrevimento, forão com duas galès seguindoo às bombardadas, & mettendo os bastardos por o alcançar. E se o vento não acalmara, o tomarão sem duvida, mas como a fusta era leve, se salvou. E chegando à Chaul, achou que hi viera entam Martim Afonso de Mello Iusarte em hũa galè com gente q̃ Nuno da Cunha mandava em

em soccorro de Antonio da Silveira, porque quando Aluchan lhe pôs o cerco, elle escreveo sobre isso à Simão Guedez, & Simão Guedez à Nuno da Cunha, à quem a carta se deu à viij. de Agosto, & nesse mesmo dia escreveo à Antonio da Silveira, que logo o proveria, & elle em pessoa com toda a gête nobre que podesse, iria após a carta. E apercebeo à Simão Guedez que lhe tivesse muitos mantimentos, & prestes todos os casados que tivessem cavallos, porque elle tambem avia de levar os de Goa, & esperava de naquelle verão dar algum castigo à Cambaia. Sobre este recado mandou logo à Martim Afonso de Mello para entrar em Dio com a gente que levava, & com a que Simão Guedez lhe avia de dar. E tinha ordenado em quanto elle não ia com toda a força da India, de mandar tras Martim Afonso à Antonio da Silva de Meneses com outras vellas de remo, para entretèr os cercados com a esperança da sua ida, & assombrar a armada dos Turcos com aquelles corredores. Mas quando Miguel Vàz lhes disse o estado, & perigo em que estava o porto de Dio, não pareceo bem à Martim Afonso, nem à Simão Guedez fazer mudança de si, atè não ir Miguel Vàz com aquelle recado à Nuno da Cunha.

Sendo pois quatro dias de Settembro, naquelle dia, & noute seguinte acabou de chegar toda a armada dos Turcos. A qual asi por o muito numero de vellas, & força d'artelharia que trazia, como por ser tam esperada, & temida, & que tantos annos avia que ameaçava, não sòmente pareceo temerosa aos Portugueses contra os quaes vinha, que em numero, & apercebimento se vião tam desiguaes, mas pôs tristeza, & espanto aos mesmos Mouros da cidade, que esperavão por os Turcos, como por hũs remidores da sojeição em que os tinhão postos os Portugueses. O que se vio logo no seguinte dia, em que nenhum dos Mouros de Dio foi à armada visitar algum Turco. Sò Coge Sofar como homem criado entre elles, & que com elles tinha prattica sobre sua vinda à India, foi à galè de Soleimão Baxia darlhe os parabẽs da sua chegada. E para o contentar, lhe encareceo o espanto em que a subita vinda de tam poderosa armada mettera os nossos. Polo que parecendo à Soleimão Baxia que os assombraria verem algũa mostra de sua gente, ao dia seguinte mandou sair em terra settecentos Ianiçaros espingardeiros, & frecheiros mui ricamente

mente vestidos de brocadilhos, & cetĩjs cremesĩjs, & de outras sedas, & cores, os quaes com os feltros que nas cabeças trazem guarnecidos d'ouro, & ricas plumagẽs, perque são conhecidos por Ianiçaros, parecião em seus sembrantes mais soberbos, & altivos.[a] Estes começarão à caminhar para à cidade, & prepassando ao longo do muro da fortaleza desparavão seus arcabuzes, & frechas, com que matarão seis homẽs dos nossos, que por os ver se poserão no muro cõ pouco resguardo, & assi forão vinte feridos. Mas trezentos espingardeiros dos nossos lhes responderão de maneira que lhes fizerão mudar o soberbo meneo de suas pessoas com que vinhão, quando virão aos pès os da sua companhia: porque como em aquella grande multidão delles não se podia perder tiro, forão mortos cinquoenta, & muitos feridos, que lhes fizerão tèr mais tento em si, que no compasso, & pompa com que passavão. Como chegarão à cidade, os principaes delles quiserão ver a pessoa do Aluchan, q̃ pousava nos paços d'el Rei, & os esperava com apparato, & atavio conforme à sua dignidade, assentado em hũa rica cadeira. Mas sette, ou oito destes Capitães Turcos chegando à elle com muito desprezo o tomarão pela barba, & lhe derão hum par de avanaduras nella, tendoa elle mui veneravel, & branca, por ser de muita idade, & de tal aspecto, que todo homem lhe tivera acatamento. Algũs dos seus criados vendo esta descortesia, & soltura, quiserão logo castigalos: mas como elle era homem prudente o impedio, dizendolhes, que não fizessem movimento de si, q̃ aq̃lles homẽs erão estrangeiros, & na sua terra usavão aquillo em modo de saudação. E entendendo elle da soltura d'aquelles Turcos, que se os muito comunicasse virião à mais, fingindo que como à hospedes os queria agasalhar bem, lhes deixou as casas, & com sette, ou oito mil homẽs se passou à terra firme, & se aposentou em hum palmar, que està junto da villa dos Rumes, por se afastar bem delles. E a mais gente deixou à Coge Sofar, para os adestrar no que devião fazer.

Ao seguinte dia que os Turcos derão aquella mostra de si, que era aos seis de Settembro logo pela manhãa, por ser o tempo ainda verde para aquelle porto, começou aventar Sul mui rijamente, trazendo grandes, & oscuras nuvẽs, & relampados, & como o lugar em que a armada estava surta ficasse em travessia, comprio ao Baxia levantarse d'alli com toda sua frotta,

a. Antes que estes Ianiçaros dessem vista à fortaleza, entrarão na cidade, & a metterão à sacco, roubando o melhor della, & desbourando as molheres, & filhas de seus moradores.

Diogo do Couto cap. 7. do liv. 3. da Decada.

frotta,& metterse no porto de Madrefabat,que està d'ahi cin co legoas. Naquelle porto perdeo quatro navios de carga cõ algũas munições, entre as quaes se acharão muitas sellas de cavallo,com suas guarnições,de que o mar lançou boa parte, & forão às mãos dos Guzarates, o que lhes à elles pareceo mal,& à Aluchan peor: porque se mostrava claro que a tenção dos Turcos era fazer guerra asi no mar, como na terra, & quererem se apoderar da India, & logo ouverão por suspei tosa sua vinda,& mais sabendo à natureza dos Turcos,& o q̃ fizerão em Adem.Esta suspeita,& outros sinaes q̃ Aluchan, & Coge Sofar nelles virão,aproveitarão ao diante muito aos nossos cercados.Asi que aquelle movimento da armada foi felice successo,alem de declarar a tenção dos inimigos, por a detença que em Madrefabat fizerão de vinte dias.

CAPITVLO. VIII.

Dos apercebimentos que Antonio da Silveira, & Coge Sofar fazião em quanto a armada foi, & tornou de Madrefabat, & como vèo nova que era chegado à Goa o Visorei Dom Garcia de Noronha.

EM Quanto a armada esteve em Madrefabat, onde gastou vinte dias,pôs Antonio da Silveira as cousas da fortaleza em ordem, provendo primeiro as faltas dos muros, que não estavão de maneira que podessem sofrer tiros de basilisco,& outras peças furiosas que os Turcos trazião para baterem a fortaleza.Polo que mãdou repairar as paredes, engrossando em partes o delgado,& levantando o baxo,asi no muro,como nos baluartes,de maneira que as paredes ficarão de dobrada grossura,do que antes estavão. As estancias repartio desta maneira.O baluarte grande chamado S.Thome,deu à Gonçalo Falcão,& no de Garcia de Sà pôs à Gaspar de Sousa,& no lanço do muro que corre de hum ao outro pôs Francisco Enriquez Tesoureiro da alfandega,& Fernão Peleja,& o muro que vai do baluarte S.Thome para o mar, deu à Rodrigo de Proença escrivão d'alfandega,& à Antonio Foreiro escrivão da Feitoria.No outro panno do muro que estava da parte do rio alem das casas do Capitão,que era bem fraco, & mal

mal repairado desdo fundamento da fortaleza por falta de cal pôs à Lopo de Sousa Coutinho, & mais adiante na Feitoria velha ao Feitor Antonio da Veiga, & o muro da couraça que sae ao mar deu à Paio Rodriguez de Araujo, & no baluarte da entrada do mar onde estavão os Almazés pôs à Francisco de Gouvea Capitão mòr do mar: os quaes todos repairarão com grande diligencia suas estancias, & quanto ao outro pano do muro que vai ao lõgo da costa brava por ser inexpugnavel, não teve necessidade de mais que de vigias. O Capitão Antonio da Silveira ficou sobresalente com os seus para vigiar, & soccorrer todas as estancias. E para dar exemplo aos outros se recolheo em hũa tenda que mandou armar no baluarte de S. Thome.

Em quanto a armada se deteve em Madrefabat, os Turcos que ficarão em Dio tambem gastarão o tempo em assentar suas estancias per industria de Coge Sofar, como de homem de casa, & que sabia cõmo a fortaleza estava de dentro para a bateria lhe fazer danno, & o lugar onde as assentarão foi este. Avia ao redor da fortaleza muitas casas que no tempo da paz servião aos nossos de terem suas provisões de mantimentos, & cousas de grande volume, que não podião caber dentro da fortaleza. Estas casas em quanto os Guzarates tiverão cercados os nossos, deixarão estar em pè, por lhe servirem de reparo da nossa artelharia. Dellas os Turcos tambem se aproveitarão, atè que assentadas alli suas estancias, as derribarão, ficádo entre ellas, & a fortaleza hum terreiro despejado que teria de largo cem pès. Coge Sofar despois que deu esta ordem aos Turcos, por tèr concertado com o Baxia, que a primeira cousa que fizessem fosse combater o baluarte da villa dos Rumes, por se vingar da ferida que nelle ouve, passouse là. E para o effeito do combate mandou pedir ao Baxia algũa artelharia grossa, o qual mandou desembarcar tres basiliscos com outra artelharia meuda para lha mandar por terra com Barharan Bec, & algũa gente, & como o caminho era longo para tam grandes peças, & de area solta a maior parte, com grande trabalho levarão hum basilisco, & as outras peças tornarão à embarcar. Chegado Barharan Bec, começou com Coge Sofar à preparar as cousas necessarias para as baterias que querião dar à aquelle baluarte da villa dos Rumes, & à fortaleza, trabalhando nos repairos, & trincheiras de noute, & de dia. E

como

como ſua tenção era começar pelo baluarte da villa dos Rumes, entre as couſas que para eſte effeito fizerão foi fabricarẽ ſobre hũa grande barcaça, que ſervia de deſcarregar das naos as mercadorias que levavão à alfandega, hũa machina de taboado à maneira de caſtello de grande altura, que ſe igoalaſſe com as ameas do baluarte; & entulhada de muitos materiaes differentes, aptos à receber fogo, como ſalitre, enxofre, rama, & couſas que de ſi lanção grandes fumaças, & fedores, a poſerão em meio do rio à quatro amarras, para com agoas vivas a acoſtarem aos muros, & lhe darem fogo, creendo que com aquelle fumo poderião afogar os que no baluarte eſtavão. Antonio da Silveira entendendo o artificio, logo no principio o diſsimulou, & como o vio em eſtado para poder ſervir, mandou Franciſco de Gouvea Capitão mòr do mar, que de noute lho foſſe queimar, o que elle executou logo com muito riſco de ſua peſſoa. Porq̃ dentro d'aquella machina eſtavão eſpingardeiros q̃ a guardavão, & aſsi chegando à ella lhe deu fogo per muitas partes cõ que os que eſtavão dentro ſaltarão no rio, & deſpois de bẽ queimada, poſto q̃ dos Mouros foi varejado de ſua artelharia, ſe tornou à recolher à fortaleza.

A eſte meſmo tẽpo, que forão xiij. de Settembro, chegou Fernão de Moraes em hum catùr que vinha de Goa, [a] com recado de Nuno da Cunha, por tèr ja nova da vinda dos Rumes, & em ſua companhia Pero Vàz Guedez em outro catùr, com algum provimento q̃ Simão Guedez Capitão de Chaul mandava à Antonio da Silveira, o qual logo ſe tornou, & querendo fazer o meſmo Fernão de Moraes, Antonio da Silveira lhe rogou o não fizeſſe, porque por ſua idade, & muita experiencia das couſas da guerra tinha neceſsidade delle. Era Fernão de Moraes grande amigo de Franciſco Pacheco Capitão do baluarte da villa dos Rumes: & aſsi por o ver, como por lhe levar novas do ſoccorro que o Governador avia de mandar, aceitou ir em hum catùr com quatorze homẽs, à levarlhe algũs mantimentos, que per eſte meio, delles o provia de noute Antonio da Silveira. E porque Coge Sofar abrio hũa cava que das ſuas eſtancias chegava atè o mar, para defender della eſta proviſão de mantimentos; & por eſta cauſa Franciſco Pacheco mandara tapar de pedra & cal a ſerventia da porta do baluarte, como couſa de que não tinha neceſsidade para entrada, ou ſaida, não pode Fernão de Moraes

a. Com eſte catùr de Fernão de Moraes, chegarão os outros dous de Simão Rãgel, & de Antonio de Araujo, q̃ em ſua cõpanhia partirão de Goa. Diogo do Couto cap. 10. liv. 3.

darlhes os mantimentos que levava; mas estando à falla com elle, do seu catùr, lhe sairão da cava hũa fusta, & duas almadias com muitos Turcos, & pelejarão com elle atè virem à bote de lança, com os quaes Fernão de Moraes com os seus se ouve tam esforçadamente, que lhe arrombou a fusta com hum berço, & por derradeiro os fez fugir, & elle saio da briga com morte de hum Portugues, & algũs remeiros Canarijs feridos. A estes dous amigos Fernão de Moraes, & Francisco Pacheco acontecerão duas cousas sobre pontos de honra, que à hũs derão materia de escandalo, & à outros de riso, sendo ambos avidos por bõos cavalleiros, & que o tinhão mostrado em casos perigosos, & tinhão dado sempre mui boa conta de si. E foi, que vindo ao outro dia Francisco Pacheco à fortaleza em hum catùr, que de noute lhe levara mantimentos, dando por razão de sua vinda, que era quererse cõfessar, & fazer testamento, & ordenar algũas cousas de sua alma, Antonio da Veiga Feitor da fortaleza requereo ao Ouvidor o obrigasse à lhe pagar certo dinheiro que devia à el Rei. Deste requerimento feito em tal tempo, & per aquella maneira, se ouve Francisco Pacheco por tam injuriado, que se determinou em não tornar à villa dos Rumes. E vindo à Antonio da Silveira lhe disse que elegesse outro Capitão para o baluarte, porq̃ elle não tornaria là em maneira algũa. Antonio da Silveira sofrendolhe muita sobegidão de palavras que soltou, podendoo obrigar à servir em tempo de cerco, lhe rogou que tal não fizesse, porque daria à entender que não era verdadeira a opinião que se delle tinha. E que pois elle viera à descarregar sua consciencia (como dizia) ouvera de agradecer à quem lhe lembrasse descargos della, como era pagar o que devia. E não o podendo persuadir o Capitão com suas boas razões, mandou à Fernão de Moraes que o tirasse d'aquelle erro, como tirou, & o fez tornar ao baluarte, vendo que por elle o recusar, se offerecia à isso Lopo de Sousa Coutinho, que com mui grande instancia pedia à Antonio da Silveira a defensão d'aquelle baluarte.

Aos xxvj. do mes de Settẽbro, chegou hũ catùr de Goa, [a] com novas como era hi chegado o Visorei Dõ Garcia de Noronha cõ grande armada: o qual escreveo à Antonio da Silveira, dandolhe muitas esperanças de o soccorrer mui em breve.

a. Vinha neste catùr Ioão de Cordova, q̃ o Visorei Dom Garcia de Noronha despachou de Goa com cartas à Antonio da Silveira, avisãdoo de sua chegada à India. E ao dia seguinte despedio Antonio da Silveira o mesmo navio, respondendo ao Visorei, com relação de tudo que era passado. Diogo do Couto cap. 11. do liv. 4.

Desta

Desta nova forão todos mui alegres, tirando Fernão de Moraes, que perguntando ao messageiro se trazia tambem carta do Visorei para elle, & dizendolhe que não, disse que pois o Visorei lhe não escrevia, se queria ir para Goa. E assi o fez, sem aproveitarem rogos do Capitão, que lhe não deu outro castigo, nem reprensão mais que ver à mà reputação em que ficou tido de se anojar por lhe não escrever o Visorei à elle, sendo hum cavalleiro de hũa lança, onde estavão muitos homẽs fidalgos, que mais podião esperar aquelle comprimento, & irse em tempo que ouvera de vir à fortaleza, se fora della estivera. E desejando o Capitão, que os do baluarte da villa dos Rumes soubessem as novas que erão vindas do Visorei Dom Garcia, Lopo de Sousa Coutinho se offereceo à lhas levar, & se metteo em hũa fusta com a gente necessaria com grande risco da vida, & foi à vista do baluarte, onde por a porta ser tapada não desembarcou, & bradando por Francisco Pacheco, lhe fallou, & deu as novas que levava. Mas sendo sentido dos Mouros, à ida, & à vinda, descarregarão nelle tanta artelharia, que foi milagre tornar sem receber danno.

Lopo de Sousa Coutinho.

CAPITVLO. IX.

Como Soleimão Baxia tornou de Madrefabat, do combate que se deu ao baluarte da villa dos Rumes, & como Francisco Pacheco se entregou.

SENDO passados vinte dias que Soleimão Baxia se fora à Madrefabat à espalmar, & provèr do necessario sua armada, hum dia pela manhãa, que erão vinte sette de Settembro, começou à apparecer a armada, que com vento prospero, & de bonança entrava toda embandeirada de muitas bandeiras de seda, & com seus tendaes de ricos paramentos, arrojando pela agoa, com a gente, que nas apparencias, & ornamentos de suas pessoas mostravão virem de festa, & com grande roido de clarões, & atabales, & outros instrumentos. As galès seguindo hũa fusta em que ia Iuçuf Hamed Capitão mòr do mar, entrarão em ordem hũa ante outra: & emparelhando cõ a lagea que està no rostro do baluarte da

da barra, de que era Capitão Francisco de Gouvea, desparavão, & lançarão dentro da fortaleza grande numero de pelouros. E deste baluarte, & da torre de S. Thomè lhe respondião com grossa artelharia, de que hum tiro lhe metteo hũa galè no fundo, & della se salvarão poucos. Mas cõ os tiros que os nossos fizerão, se lhes seguio mais dano que com os dos Turcos: porque estes não matarão mais que hum soldado,[a] & algũas das nossas bombardas arrebentarão, que ferirão muitos Portugueses, & matarão algũs. Isto causou a polvora não ser à que devia: porque como a mais que na fortaleza estava, fora da que se achou nos almazẽs d'el Rei de Cambaia, & essa esti vesse per erro, & pouco tento mal embarrilada, a de espingarda que era fina estava em vasos que servião para as bombardas, & sem os bombardeiros attentarem nisso, carregavão as peças per sua medida, & asi a fineza della as fazia arrebentar. Em quanto as galès entrarão, que foi desque o Sol saio atè as dez horas do dia, durou este esbombardear, & hũa nuvem de fumaças que occupava grande espaço. Entrada asi a armada, foi surgir junto à hũa Mesquita, que està em hum alto sobre o mar, defronte do baluarte de Diogo Lopez de Sequeira, que fica no angulo da cidade que respeita ao Sul.

Coge Sofar que todo este tempo não avia cessado de bater o baluarte da villa dos Rumes, com o basilisco que trouxe de Madrefabat, & com outras peças, tendo ja com ellas arrasado por cima o baluarte, & cega a artelharia, aquella tarde que entrou a armada, deu o assalto cõ dous mil homẽs, dos quaes settecentos Ianiçaros à som de muitos instrumentos, seguindo à hũ Alferez que os guiava com hũa bandeira vermelha, arremetterão com muita furia, subindo per aquella ruina da bateria, & paredes derrubadas, quanto per aquelle lugar podião caber, aos quaes os que entretanto não subião favorecião com suas espingardas, & frechas, & defendião aos nossos apparecerem, & lhe resistirem. Estando ja os Turcos como vencedores em lugar que se igoalava com o mais alto, & crendo q̃ a cousa era vencida, tentando arvorar sua bãdeira, vierão às mãos cõ algũs dos nossos, que vivos com muitas feridas tinhão escapado da continua bateria, os quaes às lançadas, & com panellas de polvora os rebaterão, & lançarão em baxo, com morte de cẽto & cinquoenta, afora muito numero

a. *Chamavase este soldado Christovão, mancebo de dezanove annos mui esforçado, filho de hũa Barbara Fernandez Portuguesa viuva q̃ vivia em Dio. Esta molher mostrou na morte deste filho hũa rara fortaleza, & digna de perpetua memoria. porq̃ tendo ella em seus braços este filho (nos quaes elle espirou) espedaçado de hum pelouro, & sostentandolhe com as mãos as espalhadas entranhas, sentindo nas suas maternaes hũa tamanha dor, com tam enteiro, & igoal animo a sofreo, q̃ foi admiração aos circunstantes banhados em lagrimas (que Barbara Fernandez não derramava) vendo em hũ peito femenil hũa tam nova & Christãa cõstancia em caso tam lastimoso. E porq̃ esta dor não parasse na morte deste filho, aconteceo q̃ ao outro dia se perdesse o baluarte da villa dos Rumes, onde esta matrona tinha outro filho maior, q̃ se chamava Luis Francisco, para q̃ com a perda deste se lhe dobrasse a magoa de os perder ambos, & a fortaleza com q̃ a sofreo. Lopo de Sousa Coutinho.*

numero delles que forão feridos. E os que este furioso assalto mais sostiverão, forão dous mancebos, que acertarão de estar em hum andaimo que ficava fora da parede do combate, os quaes primeiro às lançadas, & despois com panellas de polvora, que os de dentro lhes davão, fizerão o que à todos os de dentro era difficultoso, & perigoso. E assi pelejarão atè a noute os apartar, sendo elles sòs os que sostinhão o peso de tanta gente, & à que os inimigos todos assestavão seus tiros, que como erão muitos, não deixarão de lhes acertar algũs, de que forão mui mal feridos. Em fim elles fizerão tanto, que os inimigos desesperados alargarão o combate, & se recolherão à suas estancias, espantados do esforço d'aquelles dous homẽs. Dos quaes hum avia nome Antonio Pinheiro, mancebo de vinte cinco annos, filho de hum cavalleiro da cidade de Faro.

Naquella mesma noute vèo à fortaleza hum Antonio Falleiro, que estava no baluarte, com hũa carta de crença de Frãcisco Pacheco para Antonio da Silveira, dizendo, que estava tam mal do combate, que lhe não pudera escrever, que lhe mandava Antonio Falleiro, para lhe dar cõta do que passava. E tudo o que disse foi recontar estarem todos em tal estado, que se ouvesse outro cõbate, serião tomados às mãos, & mortos, porque ja se não podião defender. E que Coge Sofar lhes cõmettia que se entregassem, & os deixaria com as vidas para se irem à fortaleza, que por tanto visse elle Antonio da Silveira o que devião fazer. Practicado este negocio cõ as principaes pessoas, assentarão, q̃ pois o baluarte não tinha defensão, & não podia ser soccorrido da fortaleza, melhor era salvarẽse aquelles homẽs, que padecerẽ todos ao cutello sem frutto algũ, porq̃ vivos podião ajudar à defender a fortaleza. Esta foi a resposta q̃ se deu à Antonio Falleiro, & q̃ quando assentasse as condições de sua entrega com Coge Sofar, fosse de maneira q̃ ficassem confirmadas por Soleimão Baxia; & ainda para mais segurança lhas trouxessem primeiro mostrar à elle Antonio da Silveira. Mas parece que o temor occupou tanto à Francisco Pacheco, & aos q̃ com elle estavão, q̃ quando amanheceo virão os nossos da fortaleza hũa bandeira brãca posta no baluarte, em sinal de paz, & outras no Caez da mesma villa dos Rumes. Quãdo vèo à horas đ meio dia, embarcarão todos os Portugueses q̃ estavão no baluarte, & foi nelle posta hũa bãdeira vermelha das insignias do Turco; em cujo levantamẽto

& abatimento da bandeira da Cruz de Nosso Senhor IESV Christo, que he a insignia de sua milicia, & ordem, hũ Ioão Pirez homẽ velho, indinado d'aquelle feito, abateo a bandeira do Turco, & sobre este abater, & levantar cada hum a sua, entre os Turcos, & seis Portugueses que com o mesmo zelo se ajuntarão com Ioão Pirez, ouve tal debate, que por os Turcos serem muitos, & os nossos poucos, vierão todos sette à morrer, & padecer martyrio, zelando a honra de Christo, & sua Fè Santa.[a]

[a] Os corpos destes sette Portugueses forão lançados pelos Turcos no rio à tempo q̃ a marè enchia, & querẽdo Deos mostrar quam aceito fora diante delle o sangue d'aquelles cavalleiros seus, per sua honra derramado, no mesmo instante q̃ os corpos tocarão a agoa, refreando o mar seu ordenado curso para cima, tornou com igoal impetu para baxo, & levou aquelles corpos juntos atè os pòr na porta da couraça da fortaleza, onde postos tornou a marè que enchia à continuar seu ordinario curso para cima. Notarão os da fortaleza o milagre, recolherão os corpos, & levados com grande honra à Igreja os enterrarão de fronte da Capella mòr, & de crèr he que suas almas sobirião triunfantes diante da Magestade divina, onde recibirião a gloriosa coroa de martyrio. Lopo de Sousa Coutinho.

Quando vèo ao seguinte dia despois da saida destes homẽs, sem Antonio da Silveira saber as condições cõ q̃ se derão, chegou Antonio Falleiro ao pè do baluarte de Gaspar de Sousa ja vestido à Turquesca, & mandou à Antonio da Silveira hũa carta de Francisco Pacheco, em que lhe dizia, como elle se entregara per hum seguro do Baxia, & que lhe não derão tempo para lho mandar mostrar, pelo qual lhes dava as vidas, fazenda, & escravos, tirando as armas, & artelharia, com tanto que lhe fossem fazer a salema à galè onde elle estava. E que quando os levarão à cidade, os dividirão per essas casas de dous em dous. E que elle, & Gonçalo de Almeida seu primo, & Antonio Falleiro forão levados à galè do Baxia, o qual os recebera bem, & lhes dera sendas cabaias. E que pedindo elle à Soleimão que lhe comprisse o que lhe promettera, no formão do seguro que lhe dera, lhe respondera, que se não agastasse, que elle compriria o que ficara, mas q̃ por quanto queria combater a fortaleza per mar, & per terra, o tempo que nisso gastasse os avia de retèr consigo. E que tomando a fortaleza, os mandaria à India. E que sendo pelo contrario, os soltaria para se irem à fortaleza. E que lhe dissera que escrevesse à elle Antonio da Silveira, que se entregasse logo, & que à todos daria as vidas, & embarcações para suas pessoas. E que fazendo de outra maneira, todos avia de metter à espada. E que sobre isso ouvessem seu conselho, em quanto carregava hum basilisco, & certas peças d'artelharia furiosas para combater a fortaleza. Acabando Antonio da Silveira de lèr a carta, sem consultar a resposta, escreveo logo à Francisco Pacheco, que de Soleimão Baxia não comprir com elles, não se espantava, porque os Turcos nunca mantiverão fè, nem palavra. E que às ameaças que lhe Soleimão fazia, lhe não dava mais resposta, senão que descarregasse quantos basiliscos quisesse, que

costu-

costumados erão à isso, & que por a mais pequena pedra d'aquella fortaleza avião todos de morrer. E que elle, nem Antonio Falleiro não fosse mais ousado de lhe trazer, nem mandar taes recados, porque como à hum Turco, que elle ja era, lhe mandaria tirar às bombardadas. O preciso termo que Soleimão deu aos Portugueses para lhe alargarem a fortaleza, & as ameaças que fez como homem vittorioso, por a tomada do baluarte da villa dos Rumes, & confiado na grande armada, & gente que trazia, em vez de diminuir os animos aos cercados, foi grande incitamento para tomarem novos espiritos, & os animar à lhe resistirem: porque por aquella quebra de sua palavra, & pouca fè que mostrarão à aquelles poucos homẽs cercados, & enganos que com elles usarão, virão que nelles não podia aver esforço, nem constancia: polo que ja desejavão de virem às mãos com elles, tam animosamente, como se elles forão gente sem numero, & bastecidos de todo o necessario, & os inimigos não forão tantos, nem tam armados.

CAPITVLO. X.

Como os Turcos derão bateria à fortaleza de Dio vinte cinco dias continuos, & do muito danno que nella fizerão.

AOS cinco dias do mes de Outtubro, estando as galès dos Turcos derramadas pelo porto, entrarão dous catùres nossos per entre ellas, em hum vinha Francisco Sequeira Malabar de nação (que por seus serviços el Rei de Portugal lhe mandou deitar o habito de Christo com tença) ao qual o Visorei Dom Garcia de Noronha mandava com cartas à Antonio da Silveira, & à os Capitães que com elle estavão; & em sua companhia vèo no outro catùr de Baçaim (onde estava Garcia de Sà) Dom Duarte de Lima filho do monteiro mòr, que por sua vontade com dez, ou doze homẽs se vinha metter naquella fortaleza para a ajudar à defender. Expedido logo Francisco de Sequeira com nova do estado em que ficava, ouverãose os Turcos por mui injuriados de passarem os catùres per entre elles, & ordenarãose logo para

não poder entrar, nem sair embarcação algũa. E como Soleimão Baxia era ja senhor do baluarte da villa dos Rumes, & estava indinado por à pouca conta que Antonio da Silveira mostrou fazer delle, na resposta que deu à Antonio Falleiro, determinou não dilatar mais o combate da fortaleza, pelo que mandou assestar a artelharia em seis estancias, que lhe Coge Sofar ordenou, que como mais domestico sabia os cantos da fortaleza, posto que não tinha noticia dos repairos, & contramuros que Antonio da Silveira per dentro tinha feitos. A somma da artelharia ordenada para bater a muralha erão nove basiliscos de desacostumada grandeza, dos quaes cada hum deitava pelouro de noventa atè cem arrateis de ferro coado, cinco espalhafatos, que lançavão pedra de cinco, & seis, & sette palmos em roda, quinze liões, & aguias, quatro colobrinas, & algũs canhões de bater, que erão para espedaçar hũa rocha maciça. D'outra artelharia averia oitenta peças entre esperas, salvagẽs, meias esperas, & falcões. E pelo cerco adiante tirava hum quartao, que era hum temeroso instrumento. Desta artelharia erão Capitães Coge Sofar, que ordenara o assento della, & Iuçuf Hamed Capitão de Alexandria. E para sua guarda avia dous mil Turcos repartidos per Capitanias nos lugares que lhes forão ordenados, afora a gente Guzarate de Coge Sofar. Soleimão Baxia esteve sempre na armada em sua galè, sem ir à terra ver cousa algũa, ou por sua idade, & aleijão de muita gordura, ou por estar mais seguro para fazer algũa cousa de si, se a nossa armada viesse, mas à galè lhe ião dar razão do que se fazia, & d'alli provia, & ordenava o necessario. A situação desta artelharia para nos combater era, que a que mais longe estava da fortaleza, não passava de cento & cinquoenta passos, & a mais chegada estava à sesenta, & toda amparada com mantas grossas. Entre esta artelharia, & os muros da fortaleza estavão hũas estancias de gente, para logo arremetter, como ouvesse cousa aberta, ou derribada para poder entrar, & toda mettida per cavas em tal ordem, que a nossa artelharia não lhe podia fazer nojo, & a sua tirava per cima delles às ameas dos baluartes, & muros, que por ser pontaria alta estavão debaxo seguros de receber algum danno.

Com esta ordem, & concerto começarão os Turcos à bater a fortaleza hũa segunda feira quatro de Outubro, em

 saindo

ſaindo o Sol, no qual, & no ſeguinte em nenhũa outra couſa
trabalharão ſenão em cegar noſſa artelharia. No qual tempo
elles dos noſſos receberão pouco danno, & os noſſos delles
muito, por o grande eſtrago que fazião nas ameas, & no mu-
ro, & em toda a outra parte aonde apontavão per onde deſe-
javão entrar; & aſsi procuravão de nos quebrarem algũas pe-
ças, à que de propoſito apontavão: porque erão tam grandes
officiaes, que ſempre acertavão no lugar em q̃ querião dar.
Do que hum dos noſſos ſoldados querendo fazer experien-
10 cia, tirou o chapeo da cabeça, & o pôs de induſtria em hum
pao, o qual cuidando os artilheiros que era cabeça de homem
o levarão logo com hum pelouro. E nos lugares onde desfa-
zião parede, amea, ou outra couſa, que convinha aos noſſos
reparar, tinhão eſta aſtucia, que como ſentião que trabalha-
vão, de novo tornavão à tirar ao proprio lugar. O que enten-
dido dos noſſos, batião de dentro em outra parte ſãa, quando
repairavão algũa quebrada, & aſsi trabalhavão mais ſegura-
mente. Eſta ordem tiverão os Turcos em dar ſua bateria per
eſpaço de vinte cinco dias continuos ſem ceſſarem. A parte
20 onde fizerão maior danno foi no baluarte em que eſtava
Gaſpar de Souſa: porque como não tiveſſe traveſes de que
ſe podeſſem temer, o baterão os primeiros cinco dias de ma-
neira que ficou raſo, derrubandolhe todas as ameas. E abaxo
dellas forão comendo tanto a groſſura da parede do baluar-
te, que chegarão ao entulho delle. Quando Antonio da Sil-
veira vio tanto danno, atalhou o baluarte quaſi hum terço,
& d'alli foi criando hũa parede de pedra, & barro da banda
da bateria, & veo deſcendo pela parte de dentro em de-
graos, para os noſſos terem per onde ſubir,
& defender ſe vieſſem com
eſcadas à cómet-
telos.

CAPITVLO XI.

Como os Turcos perseverarão em combater o baluarte de Gaspar de Sousa, & da resistencia que se lhes fez, & como foi morto Gonçalo Falcão.

ACABADOS os repairos, & atalho que Antonio da Silveira mandou fazer no baluarte de Gaspar de Sousa, cõ a pedra, & caliça que caia do que se derribava ao pè delle, fabricarão os Turcos hũa subida, que sem escadas facilmẽte podião subir, & vir tèr à parede que os nossos tinhão feita, para virem com elles às mãos. Pelo que passados cinco dias do combate, ao sexto, à horas de meio dia, quando lhes pareceo que seria o repouso dos nossos (o qual elles não tinhão de dia, nem de noute) subirão por aquelle lugar cinquoenta Turcos bem armados, que mais não cabião por a estreiteza do sitio, ficando porem grande numero delles mettidos na nossa cava, porque os não vissem do muro, para succederem aos que morressem, ou cansassem. E com piques, partesanas, & panellas de polvora forão à cõmetter Gaspar de Sousa, que com os seus se defendeo valerosamente, acodindolhe tambem os das outras estancias vezinhas, porque esta ordem tinha dada Antonio da Silveira em todas, q̃ quando ouvesse pressa em hũa, lhe acodisse a mais vezinha, & elle com sua pessoa acodiria à todas, segundo a necessidade de cada hũa; & este era o mais certo lugar em que o achavão. Com este soccorro matarão os Portugueses tantos dos Turcos, posto que derribados os de cima, subião outros em seu lugar dos da cava, que os fizerão afastar mal de seu grado. E nesta porfia morrerão dos nossos sómente dous, mas forão muitos feridos.

Deste dia em diante em quanto o cerco durou, sempre se pelejou neste repairo, sem intermissão algũa, todos os dias duas, & tres vezes, avendo sempre dos Portugueses algũs mortos, & muitos feridos, & dos Turcos muitos mais, posto que se enxergava nelles menos, que nos nossos. No lugar da peleja nos tinhão elles grande ventagem, porque pelejavão de cima para baxo, porqne o seu arremesso ia com força natural, & os nossos passavão maior trabalho.

E como

E como a continua bateria tivesse gastado, & derribado o repairo que se fez naquelle baluarte de Gaspar de Sousa, levantouse outra parede de terra, & pedra detras da derribada. E porque ja no pouco espaço que ficava aos nossos do baluarte, se não podião revolver quarenta homẽs, que para resistirem à algum peso de gente erão mui poucos, nem avia lugar onde se fizesse outro repairo; foi Antonio da Silveira criando de dentro junto ao baluarte hũa torre de pedra, & barro tam alta que igoalou a altura do baluarte, da qual com menos peri
10 go, & descommodidade podião os nossos pelejar, & defenderse.

No mesmo tempo vierão os Turcos melhorando suas estancias, chegandoas atè as pegar cõ a cava, sem se lhe poder defender; porque fizerão de couros de bois grandes ballas, & fardos cheos de terra, & de algodão, os quaes os vinhão rolando homẽs detras delles em giolhos, encubertos com a grossura destas ballas: & posto que do muro trabalhassem os espingardeiros de lho defender, matando, & ferindo muitos, não forão parte para estorvar que não chegassem à cava: onde com
20 enxadas, & alviões cavando fizerão vallos tam altos, que podião à seu salvo andar em pè cubertos, & seguros da nossa espingardaria. E destas suas estancias fizerão outras cavas, pelas quaes ião, & vinhão seguramente, engrossando os dittos repairos com muita pedra solta, & terra, & rama, & desta manei ra acõmettião os do muro sem perigo cada vez que querião. E como a terra, & caliça da bateria do baluarte empedia baterse no vivo delle, destas estancias compelião à gente de Cambaia, que com Coge Sofar estava, que com enxadas, & cestos despejassem o pè do muro. E porque Antonio da Sil
30 veira mandou tirar a artelharia d'aquelle baluarte, por estar toda cega, & não servir ja nelle senão braços de cavalleiros, que à mão tente o defendião, & os Turcos tinhão sua estancia perto, & não receavão a artelharia por a não aver alli, vierãose ao pè do baluarte, & minarão tanto por dentro delle, que ficava hum grande sombreiro de parede sobre elles que os encobria, & não lhes podião os nossos fazer algum danno. E para ver aquelle lugar, mandou Antonio da Silveira estes quatro homẽs, Fernão Rodriguez, Rodrigo Alvarez, Duarte Pinto, & hum homem mulato de Alcunha de Silva, que
40 fossem saber se fazião mina, porque sentia bater no muro.

E descidos

E descidos per cordas acharão quatro Turcos que estavão com gente de serviço tirando pedra,& caliça ja quebrada do baluarte,dos quaes Turcos matarão dous, & os outros se poserão em salvo,& elles se tornarão à recolher: & porque estes homēs com a revolta da morte dos Turcos, não poderão ver bem o que lhe mandarão,& Antonio da Silveira não perdia d'alli o sentido,mandou lá Paio Rodriguez de Araujo Alcaide mòr da fortaleza,à ver se fazião algũa mina per baxo da terra,o qual desceo abaxo per cordas, levando consigo quatro homēs,& vio que não era mina,sòmente despejavão a pedra & caliça das ruinas do baluarte. 10

Aos dezaseis de Outtubro, trabalhando Gonçalo Falcão no seu baluarte,em que os Turcos tinhão feito muito danno com sua artelharia,& embaçada a nossa com caliça, andando elle dando ordem para se açalhar hũa bombarda, como era o dianteiro que encaminhava os outros, tanto que foi descuberto,vèo hum pelouro de bombarda dos inimigos que lhe levou a cabeça pelos àres, ficando o tero do corpo entre seus companheiros,aonde logo Antonio da Silveira acodio, provèndo de Capitão d'aquelle baluarte à Paio Rodriguez de Araujo. A morte de Gonçalo Falcão foi de todos mui sentida,assi por as boas qualidades de sua pessoa,como por a ajuda que nelle achavão de cõselho,& de obras em todos negocios, & porque naquelle cerco à sua custa sustentava muita gente. Naquella mesma manhãa tornarão os Turcos outra vez cõmetter à Gaspar de Sousa,à que logo na primeira arremettida matarão tres homēs,& ferirão sette,ou oito: dos quaes foi hum Ioão de Fonseca, que de hũa espingardada que lhe entrou pelo collo do braço,& lhe saio pelo sangradouro, ficou com a mão dereita aleijada,& inutil,& mudando a lança para a esquerda,& a adarga para o ombro do braço aleijado,tornou à pelejar como valente homem que era, & como se nelle não ouvera falta de sua mão dereita. E por o lugar ser estreito em que não cabião mais que doze homēs, de que elle era o dianteiro,& ficavão muitos detras esperando vagāte. Duarte Mendez de Vasconcellos vendoo tam ferido, & o muito sangue de que se vazava, tirou por elle dizendo que se fosse curar;mas como Ioão de Fonseca tinha mais tento nos Turcos,que nos cõpanheiros,não lhe acodio: & tornando Duarte Mēdez dizerlhe em modo de reprensão,que se tirasse d'alli 40

pois

pòis não podia governar seu braço dereito, & lhe desse o lugar, elle anojado lhe respondeo: *Em quanto eu tenho braço esquerdo, não hei mester o dereito, & vos não sejais tam desarazoado que me peçaes meu lugar.* Lopo de Sousa Coutinho que era presente, & ouvio que aquillo fora ditto com colera, com palavras brandas lhe rogou que se fosse curar, o que elle entam fez, mais por cortesia, que por a dor do braço, de que de todo ficou aleijado.

Neste combate porque foi mui rijo acodio Lopo de Sousa com sua gente, segundo era ordenado que acodissem os das 10 estancias vezinhas hũs aos outros. E como os Turcos per andarem escaldados dos nossos afroxassem os combates, mãdou Antonio da Silveira à Lopo de Sousa, que com sua gente descesse à cava, & desse nos Turcos q̃ nella estavão, porque lhe fazião mais dãno irem de vagar no cõbate, q̃ de pressa, por lhe impedirem trabalhar na torre que dissemos q̃ levantava, por ser ja a maior parte do baluarte tomada, & tambẽ porq̃ estando muita gente no baluarte impedião o serviço, & os Turcos achavão sempre em q̃ empregar seus tiros. Recolhendo Lopo 20 de Sousa sua gente, se foi com seu guião ao baluarte S. Thomè, & per hum recanto delle contra o mar, ainda que o lugar era perigoso por ser mui alto, & a cava alli mais profunda, per hũa corda que se atou em hũa amea se desceo ao releixo entre a cava, & o muro, & d'alli lançando hũa escada de corda de quarenta degraos se calou à baxo. E sendo lhe ditto de cima, que de hũa mesquita fora visto de hum Mouro que ia corrẽdo dar o rebate de sua ida aos das estancias, cõ esses homẽs que ja erão descidos, q̃ serião trinta cinco, sem esperar por os mais, por não ser sentido foi cõmetter os Mouros, de q̃ mui- 30 tos estavão encima do baluarte, & outros pelas quebras delle descansando, & incitando aos nossos q̃ se descobrissem, para cõ sua artelharia os pescarẽ. E como Lopo de Sousa chegasse aquelles que mais baxos estavão, fizerão rostro; mas como os elle apertasse às lançadas, empuxandoos, ficarão seis mortos; & os que encima estavão, vendo como os debaxo erão tratados, derribãdose pelas quebras vinhão mui de pressa cair em suas lanças, & delles morrerão outros poucos, & assi se despejou o lugar para os nossos fazerem sua obra. E para se evitarem estes pequenos combates, com que se per- 40 dia trabalharẽ nos repairos, mandava Antonio da Silveira muitas

Lopo de Sousa Coutinho.

muitas vezes gente à cava,& hum dia mandou à hum Simão Furtado,homem valente, & ſeſudo, com outros da companhia de Lopo de Souſa,com elles foi hum ſeu criado per nome Ioanne,de idade de dezoito annos, com ſua eſpada, & hũa eſpingarda. E feito ſinal pelos do muro,quando foi tempo para darem nos Mouros da cava arremetterão com elles: o moço deſparando a eſpingarda em hum Mouro, & arrancando a eſpada ſeguio à outro,não ſendo parte Simão Furtado para lho eſtorvar: & antes que o Mouro ſe podeſſe recolher às eſtancias que eſtavão pegadas na cava, lhe chegou o moço,& o picou de maneira que o Mouro não ſe atrevendo à defender delle,nem menos deitarſe nas eſtancias, pôs o roſtro no rio,determinando de ſe ſalvar na agoa, na qual ſe metteo atè lhe dar pelos hombros. E como o moço o ia ſeguindo atè lhe dar a agoa pelo peſcoço,por ſer pequeno de corpo, & o Mouro ſe não atreveſſe à metterſe mais dentro, porque a corrente do rio o não levaſſe,& o moço lhe não podeſſe bem chegar para o ferir,Lopo de Souſa bradou do muro ao moço que lhe deſſe de ponta:o moço que eſtava tanto em ſi,que conheceo na falla ſeu ſenhor,& o entendeo,começou à lhe tirar eſtocadas: & como a agoa onde o moço eſtava foſſe muito alta para ſua pequena eſtatura, querẽdoſe melhorar para ferir o Mouro,ſe lhe forão os pès,& caio,ficando mergulhado. O q̃ vendo o Mouro,vèo ſobre elle, & lançandoſelhe encima, o queria afogar,ſem atè aquelle tempo lhe lembrar que trazia eſpada. Mas ao moço não falleceo eſpirito, porque poſto que da agoa ſalgada em que eſtava tiveſſe bebida muita quantidade,& eſtiveſſe canſado,& hũa das mãos occupada com a eſpingarda que nunca alargou, lembrandoſe melhor da ſua eſpada,que o Mouro da ſua, lha metteo tres, ou quatro vezes pela barriga, & o matou, & elle ſe levantou cheo de ſangue do Mouro. E tirandolhe os inimigos grande ſomma de eſpingardadas, & frechadas, ſem nenhũa dellas lhe tocar, ſe ſaio da agoa ſeus paſſos contados,com a eſpada em hũa mão, & a eſpingarda na outra,& pegado aos Turcos paſſou com o roſtro nelles,como quem os tinha em pouco, & aſsi entrou na cava ſem ferida algũa.[a]

Outra vez mãdou Antonio da Silveira à Manoel de Vaſconcellos per duas vezes à entrar neſta cava, por ſe achar bẽ do dãno que per alli ſe fazia aos Mouros. E da primeira, poſto que

a Eſte moço ſe chamou deſpois Ioão Gil de alcunha o pequeno, & viveo deſpois muitos annos caſado em Dio, rico,& abaſtado, onde o conheceo Diogo do Couto, como o eſcreve no cap 9 do liv 4. Dec. 5.

que elle,& os ſeus pelejarão mui valentemente, matarãolhe Chriſtovão de Souſa, homem fidalgo,& mancebo, em grande maneira esforçado,& de grandes eſperanças, que neſte cerco tinha ſervido muito:& aſsi lhe ferirão algũs homẽs outros. Mas da ſegvnda vez por ir com mais ordem, fez muito danno aos inimigos, ferindo,& matando muitos delles. Lopo de Souſa Coutinho tambem teve ſua hora de danno: porque cabendolhe ir vigiar no quarto da alva o baluarte dos combates, vindo a manhãa o acõmetterão os inimigos,& como
10 lho defendeſſe, de hum traves foi ferido de hum pelouro de meia eſpera pelo ombro,& eſpadoa dereita, de que recebeo hũa grande ferida,& das laminas das couraças que tinha veſtidas ouve outras feridas pelas coſtas, das quaes foi levado à curar à ſua eſtancia. E tudo o que ſuccedeo atè o ferimento de Lopo de Souſa diz elle meſmo em hum trattado que deſte cerco fez, que de tudo foi teſtemunha de viſta,& o que d'ahi em diante eſcreveo, foi do que ſoube,& ouvio à peſſoas dignas de fè. Do qual trattado no que toca à eſte cerco, como de autor tam autentico, nos aproveitamos em muitas
20 couſas.

CAPITVLO. XII.

Da doença grande que ſobrevèo aos cercados: & como as molhères ajudarão à trabalhar nos repairos.

ERA vinda à tanta diminuição a fortaleza com » a continua bateria que os Turcos davão avia »
30 tantos dias,& com as ſaidas que os noſſos fa- » zião para lançarẽ os Turcos das cavas, q̃ fazia » parecer à muitos, que ſe não poderia defender; » porq̃ vião mortos muitos homẽs valeroſos,& grãde numero » de feridos, q̃ cõ ſuas curas occupavão os ſãos. A polvora de eſ- » pingarda,& bõbarda eſtava quaſi acabada,& da meſma ma- » neira todas as mais munições,& artificios para a defenſão. As » lãças dos cõtinuos tiros as mais erão cortadas. A eſperãça emq̃ » a gẽte cõmũ ſe ſoſtẽtava de ſoccorro do Viſorei iaſe perdẽdo. » Ajũtavaſe à iſto q̃ as fortalezas vezinhas à q̃ o Capitão mãda- »
40 ra pedir algũas couſas neceſſarias, đ nenhũa maneira acodião. »

E man-

E mandando sò Simão Guedez Capitão de Chaul certa polvora, teve tam mao recado nella o que à trazia, que em a desembarcando, cairão os vasos em que vinha na agoa, & se perdeo toda. Outro infortunio que à aquelles cercados miseravelmente trattava, & que era intoleravel, foi a doença geral que à todos sobrevèo da bocca danada, & gingivas corruptas. Esta infirmidade era tam excessiva, que lhes caiáo os dentes, & com as grandes dores lhes era forçado vigiarẽ esse pouco espaço, que algũa hora do trabalhar nos repairos, ou de pelejar com os inimigos, lhes ficava para poderem dormir, ou repousar: porque todo o passavão em gemidos. E sobre tudo, de nenhũa maneira podião comer, & da bocca tornavão à deitar muitas vezes esse pouco arroz que comião. Esta doença lhes causou a agoa q̃ bebião da cisterna, porque como cõ a pressa da guerra, deitarão nella agoa, estando de fresco guarnecida com hum betume que se faz em Ormuz, que se chama Charù, corrompeose a agoa, & causou aquelle trabalhoso mal. Polo que com o continuo trabalho das baterias, & rebates dos inimigos, & da pouca sustancia do mantimẽto, & por andarem desvelados os homẽs de tanto tempo, andavão tristes, & debilitados, mas não que por isso se vissem ir com menos esforço à pelejar.

Lopo de Sousa Coutinho.

» Avia na fortaleza de Dio entre as mais molheres que à ella » se recolherão da cidade quando se começou a guerra, hũa Do » na Isabel da Veiga, filha de hum nobre cidadão de Goa cha- » mado Francisco Ferrão, juiz que foi da alfandega d'aquella ci » dade, & molher de Manoel de Vasconcellos, muito bom ca- » valleiro, & homem fidalgo, natural da Ilha da Madeira, que » foi juiz da alfandega de Dio, a qual por suas muitas virtudes, » & animo heroico se não deve pôr em esquecimento o muito » que no trabalho deste cerco ajudou, com muitas molheres q̃ » à isso incitou. Era esta Dona na idade ainda moça, & mui gen » til molher, & de tam honesto, & autorizado aspecto, que nin- » guem averia que lhe não tivesse grande acatamento, & reve- » rencia: & ja no principio deste cerco tinha ella dado hũa gran » de prova de seu valor; porque quando Antonio da Silveira » despedio o catùr em que vèo Ioão de Cordova com a nova » da chegada à Goa do Visorei Dom Garcia de Noronha, Ma- » noel de Vasconcellos a quisera mandar naquelle catûr à Goa » à seu pai, receando que se perdesse a fortaleza, & que fosse sua

molher

molher despojo dos Turcos, & cõmunicando com ella esta „
sua determinação, lhe respondeo, que não permitisse Deos „
que ella se ausentasse donde elle ficava, que se tinha conhe- „
cido nella algũa fraqueza, ou descuido em seu serviço, que lho „
dissesse, & que se enmendaria; mas darlhe tam aspera pena, „
como era apartalla de si, ella o não merecia: & que não cui- „
dasse que a segurava apartandoa d'aquelles perigos, porque „
em sua companhia lhe não parecião taes, o que lhe não acon- „
teceria estando ausente, porque seu espirito seria sempre ator- „
10 mentado de grandes receos, & temores, & que cuidando elle „
que a tinha segura dos inimigos, a matarião imaginações, pe- „
lo que lhe pedia que ouvesse por bem que ficasse ella alli, ao „
menos para ser sua enfermeira quando lhe fosse necessario. „
Mas por que tivesse menos de que cuidar, mandasse à Goa „
hũa filha pequena que de entrambos avia, porque se Deos „
d'aquella fortaleza algũa desaventura tivesse ordenada, por „
sua pouca idade se não perdesse. Poderão estas honestas, & „
discretas razões de Isabel da Veiga tanto com seu marido, „
que desistindo elle de sua determinação, quis antes sua com- „
20 panhia com temores, que sem elles apartalla de si. Conti- „
nuandose o cerco, & vendo Isabel da Veiga que o numero „
dos cavalleiros, & soldados que alli avia era vindo à muita „
diminuição, & que lhes era necessario dividirẽse hũs para pe- „
lejarem, & outros para servirem nos repairos, & acarretos „
da terra, & pedra, & outras achegas, em que consistia sua „
defensão, & que dividindose, não ficava delles numero „
bastante para bem acudir à hũa cousa, & outra. E que o „
ajudar à tirar, & à carretar a pedra que ia, sendo muita, „
podião fazer molheres, que não era obra viril, nem de ar- „
30 teficio, com que ellas não podessem, determinouse de ella, „
com as molheres que na fortaleza avia tomarem sobre si „
esse cargo, & desoccupar outros tantos homẽs para seu „
officio das armas. E communicando isto com hũa Anna „
Fernandez, molher honrada, de idade velha, casada com „
o Bacharel Ioão Lourenço Physico, a qual era de grandes „
espiritos, & fora da commum medida das outras molheres, „
& que naquelle cerco usou de grande charidade com os feri- „
dos, & enfermos, ambas incitarão todas as outras molheres de „
toda qualidade, a accarretarem em suas alcofas, & vasilhas „
40 terra, pedra, agoa, & outras cousas necessarias, sendo go- „
VV vernadas

„ vernadas pelas duas Isabel da Veiga, & Anna Fernandez,
„ & com sua diligencia, & exemplo obrigavão aos homés so-
„ frer dobrado trabalho.
„ Não se satisfazia o espirito de Anna Fernandez com estes
„ exercicios, porque sem tomar repouso como anoutecia ia co-
„ rrer as estancias das vigias, & quando avia assaltos acodia à el-
„ les, & com animo varonil se mettia em meio dos soldados,
„ animandoos, & vendo pelejar algũs froxamente, os repren-
„ dia, & esforçava. Vesitando ella hum dia o baluarte dos com
„ bates, achou nelle morto de húa espingardada pela cabeça à 10
„ hum filho que tinha de dezoito annos mui bom soldado, ao
„ qual com grande inteireza tomou nos braços, & recolheo, &
„ como se acabou a briga, lhe fez dar sepultura com húa segu-
„ rança, & sofrimento que espantou à todos, não deixando
„ de continuar com seus piadosos exercicios, encobrindo a
„ dor de tal perda por não entristecer à todos, que como mãi a
„ amavão.

CAPITVLO XIII.

20

Como os Turcos tentarão minar o baluarte dos combates, & como Gaspar de Sousa foi morto.

SENDO o baluarte de Gaspar de Sousa o que os Turcos mais combatião, que nehum outro, por o terem ja tam raso, que do chão subião per elle, como quem vai per húa costa acima, não se contentarão senão de irem melhorando tanto suas estancias, atè que derão 30 com ellas na borda da nossa cava: & como as alli tiverão, começarão de minar o baluarte, em que muitos dos seus perderão a vida. Para o que usarão de húa machina da forma que são os cavallos de pôr sellas, os quaes erão de taboado cubertos de couro de boi, & asi erão altos por cima, & largos per baxo, que em cada hum delles vinhão mettidos cinco, & seis homés, de que hũs ião à minar o baluarte, outros subião encima delle à pelejar com os nossos, sem aver entre hũs, & outros mais que húa parede. Mas como os Turcos virão que esta invenção lhe servia pouco, porq̃ os 40
nossos

nossos com panellas de polvora, ola, azeite, & lenha meúda, lhe queimavão estes cavallos, tornarãose às ballas, com as quaes tiverão encuberta para irem pegar suas estancias em a nossa cava. Antonio da Silveira como não perdia o sentido deste lugar, & sempre temeo ser minado, por se tirar desta suspeita, mandou à elle Cide de Sousa, & Rodrigo de Proença, ambos escoteiros, por elles serem pessoas de que podia cõfiar isto, os quaes trouxerão recado que o baluarte se minava. E porque Luis Neto que ja là fora antes destes, porfiava que 10 não podia ser mina, dando sobre isso muitas razões, não descansou Antonio da Silveira atè q̃ là mandou Gaspar de Sousa Capitão do mesmo baluarte, q̃ desceo pelas roturas, & quebradas cõ settenta homẽs bẽ armados, & prestes para tal acõmettimento, & q̃ hũs fossem acõmetter as estancias dos Mouros, para q̃ em quanto estes dessem, & entendessem cõ elles, outros à quem o cargo ia encõmendado vissem bẽ o q̃ elles fazião, & se minavão, ou não. E q̃ nas costas destes ficassem outros prestes para acudir de dentro da fortaleza. Descido Gaspar de Sousa antemanhãa à este feito, os que levavão as bom 20 bas, & lanças de fogo tiverão cuidado de as logo pegarem nas ballas que os Mouros tinhão por repairo. Os quaes como gente confiada, q̃ os nossos não ousarião chegar à aquelle lugar, estavão tam descansados, q̃ se vingarão os nossos bem delles, matando, & ferindo, como se fora gado sonorento. Neste tẽpo aquelles à que foi dado cargo de verem a mina, avirão, & medirão quanto entrava pelo corpo do baluarte.

Dado cõ este alvoroço rebate nas outras estãcias dos Turcos, acordarão ao appellidar d'aquelles feridos, onde logo forão juntos mil & quinhentos delles, & seguirão à Gaspar de 30 Sousa, o qual vinha ja perto da bocca da cava, recolhendo os seus, & fazendo os andar. E porque vio dous homẽs à q̃ quis acodir, ficando elle sò detras de todos, como sempre fazia no recolher dos seus, foi acõmettido de grande numero de Turcos. E como elle era homem de grande animo, & primor, não querendo salvarse apressando o passo, fez rostro à elles com grande valentia, & asi os acõmetteo, que sendo o lugar estreito, fez tornar atras os que diante ião, atè vir ao largo com elles onde foi cercado de todos, & defendendose valerosamente, foi deceppado das pernas, & asi se defendeo quãto lhe foi posivel, atè que com o muito sangue que se lhe 40

ia,& multidão dos inimigos, foi derribado. Os Turcos lhe cortarão os pès,& mãos,& a cabeça posta em hũa comprida lança trouxerão com triunfo per todas as estancias, & o corpo lançarão na praia, onde despois foi achado, & conhecido enterrado com muitas lagrimas de todos, por sua grande bondade,& valentia. Recolhidos os que com Gaspar de Sousa forão,& sabido per Antonio da Silveira como a mina dos Turcos entrava ainda mais que ao meio do baluarte, mãdou com muita diligencia fazer hũa contra mina,cavando o entulho delle,& levantar a torre que fazia. E do baluarte deu a Capitania à Rodrigo de Proença, homem esforçado, & sofredor de trabalho. 10

Nestes mesmos dias os Turcos combatião outras partes, como forão a casa do Capitão, & estancia de Lopo de Sousa Coutinho. E como as paredes erão delgadas, com dez, ou doze tiros vierão ao chão; mas logo de dentro forão reformadas com outra parede mais grossa de muro terraplenado,& outros entulhos. E de tal maneira acõmetterão os Turcos a estancia de Francisco Henriquez, que era de muro delgado,que não ficou amea sobre ella,de maneira que não podião andar per elle de raso;mas logo reformarão os nossos outras dobradas em largura,em parte que quando os inimigos combatessem estes lugares,podião receber danno do baluarte do mar,em que estava Antonio de Sousa, ao qual tambem combatião, & asi a torre de homenagem, que era do mesmo baluarte,onde todos, asi os de dentro, como os de fora, sempre recebião danno de homẽs mortos, & feridos. O que se enxergava mais nos nossos, que erão poucos, por os mais serem mortos,& feridos,& esses dos principaes em que consistia a defensão. 20

* *
*

CAPI-

CAPITVLO XIIII.

Do ardil com que os Portugueses tratarão de impedir os combates que se davão ao baluarte, & do soccorro que o Visorrei mandou à Dio, & da confusão que causou aos Turcos.

SENDO os assaltos, & combates que os Tur„ 10 cos davão à fortaleza tam continuos de dia, & „ de noute, sem intermisão algũa, estavão os Por„ tugueses tam cansados, & desvelados, por não „ terem hora de repouso, que se não podião tèr „ em pè, & tinhão perdido muito de suas forças, se as do animo „ lhes não valerão. Porque como os inimigos erão muitos mil, „ & quando cansavão hũs, succedião outros em seu lugar, que „ estavão folgados, podião continuar os combates, sem o tra„ balho que os cercados padecião: os quaes erão tam pou„ cos, que começando em seiscentos, vèo o numero diminuir„ 20 se tanto, por os mortos, & feridos, que era necessario aos mes„ mos pelejarẽ sempre em hũ tempo, & em todos lugares, & re„ pairar o q̃ os Turcos derribavão, & asi não tinhão sossego de „ hũ momento. Polo q̃ para terẽ algũ repouso, inventarão hum ardil de guerra nunca visto, não para desalivarem de todo do trabalho, mas para o diminuirẽ em algũa parte, tomando por remedio o q̃ outros poderão tèr por danno. E o ardil era este. Ao pè do baluarte q̃ defendião no lugar dos atalhos, & quebras delle, se fazia hum terreiro, em que os Turcos se punhão, & pelejavão com os que estavão no baluarte. E para os nos30 sos os desviar que não podessem vir à meude aos combater, como fazião, lançarão naquelle terreiro muita quantidade de lenha seca acesa, que com outra mais seca ião acrescentando, com que fizerão hũa grande fogueira, cujas brasas com ganchos, & instrumentos de ferro espalhavão per todo o campo do terreiro. Este fogo vèo à ser tam grande, que os inimigos não se podião chegar à elle, nem com grande parte desviados o sofrer. E os nossos mesmos, que entre o fogo, & o lugar onde estavão se não mettia mais que hũa parede, là sentião seu trabalho de excesiva quentura sobre 40 a do Sol, que entam era mui grande. Mas tinhão nisto

algũa maneira de descanso do continuo trabalho. E ainda este lhe durou pouco: porque os inimigos vendo esta invenção, perq̃ os nossos lhes impedião chegar à elles, a bateria que ouverão de dar ao baluarte, davão aos tições, & brasido, que às bombardadas começarão de o desfazer, & esborralhar de maneira q̃ os mettião dentro do baluarte, de q̃ os nossos recebião muito mao tratamento, não deixando toda via Rodrigo de Proença de acrescentar o fogo cõ copia de lenha com que o ia cevando; mas foi sem frutto, porque o fogo se afogou de todo, & os Turcos tornarão dar grande oppressão aos nossos. 10

Aos xxvj. dias d'aquelle mes de Outubro, sendo ja o fogo de todo acabado, hũa grande multidão de Turcos bem armados, cõmetterão a entrada do baluarte, lançando dentro muitas panellas de polvora, & artificios de fogo. Das quaes os nossos se livrarão com mandar banhar a parte do eirado, q̃ elles occupavão de muita agoa, que mandavão acarretar, para que a polvora das panellas não tomasse fogo. Finalmente os Capitães das estancias saindo com os Turcos ao chão que sobre os repairos se fazia, resistirão de maneira ao furor, & impeto cõ que os Turcos os cõmetterão, que despois de hũa grande, & 20 bem perfiada peleja os empuxarão, & lançarão do lugar. Dos quaes forão mortos quarenta, & feridos grande numero, & dos nossos mortos quatro, & feridos vinte cinco, entre os quaes Francisco de Gouvea saio queimado de pès, & mãos, & rostro, que se não conhecia, & feridos Manoel de Vasconcellos de duas frechadas pelo rostro, & Duarte Mendez em hũa perna, os quaes naquelle combate mostrarão bem seu esforço, & outros homẽs honrados, que posto que mal feridos, não deixarão de pelejar, & trabalhar como os mais sãos.

Ao dia seguinte, que forão xxvij. do mes, ante manhãa entrarão pela barra quatro catùres, que o Visorei Dom Garcia 30 mandara de Goa para favorecer a gente, de que erão Capitães Gonçalo Vàz Coutinho, Martim Vàz Pacheco, com Gabriel Pacheco seu primo, Antonio Mendez de Vasconcellos, & Francisco Mendez de Vasconcellos, & com elles vinte oito homẽs, taes quaes avia mester aquelle acõmettimento. E posto que não trazião polvora, que era a cousa de que na fortaleza mais falta avia, nem outras munições, por serem conhecidos em suas obras, alegrarão à todos. E por a entrada destes catùres ser às duas horas despois da meia noute, 40 usou

usou Antonio da Silveira de cautela, que por os inimigos não saberem quam poucos erão, porque per hi poderião collegir a gente que entrava, mandou que logo antes de amanhecer se tornassem a ir. Os Turcos por o luar que fazia ouverão sentimento dos catùres, ainda que não vista do numero delles. E ouvindo a festa que ia na fortaleza, julgavão que lhe viria grã de soccorro, a qual suspeita fez nelles grande alteração, posto que Coge Sofar, & os seus lhes mostravão fazer pouco caso da gente da fortaleza. Porque lançavão conta que ao tempo
10 da chegada de Soleimão Baxia, era sabido não aver nella mais de seiscentos homẽs de peleja, que com o longo cerco estavão cansados, & em numero muitos menos, por nos combates serem muitos mortos, & feridos, sem lhes tèr vindo soccorro mais que aquelle, que era de crèr seria de pouca gẽte, pois os navios erão sòmẽte de remo. E que a artelharia que tinhão era pouca, & dessa lhe arrebentara algũa, por à principio os vião tirar mais que ao presente.

O que tambem fazia confusão à Soleimão Baxia, era ver que elle tinha perdida muita gente, & de quantas vezes acõ-
20 metterão a fortaleza, sempre forão lançados dos combates cõ muito danno seu. E que mão por mão hum dos Portugueses era para dez dos seus Turcos. Tãbẽ começou tomar desgosto de Coge Sofar, porque fora causa de elle quebrar a furia, & força de sua armada em cercar aquella fortaleza, fazendolhe crèr que em dous combates à levaria nas mãos, & despois iria à pelejar cõ nossa armada; o que elle tudo vira ao contrario. E que em seguir o conselho de Coge Sofar, estava dando tempo à que o Visorei viesse mais poderoso contra elle, polo que lhe dizião da grande armada que ajuntava A isto se chegava,
30 segundo se tinha por certo, q̃ o regimento que trazia do Turco seu Senhor, era quebrar as forças do mar aos Portugueses, por tèr sabido que estas lhes tinhão dado serem Senhores da India: & que o modo que elles tiverão para a senhorear, esse lhe cõvinha à elle tèr. Esta indignação que trazia vèo à quebrar na cabeça de Antonio Falleiro, o qual sendo perguntado por Soleimão Baxia, quando tomou a villa dos Rumes, quanto poderia tardar o soccorro do Visorei com sua armada, porque lhe disse que não poderia passar de certo termo per razões que deu, & não succedeo assi, lhe mandou cortar a
40 cabeça.

CAPITVLO XV.

Dos aßaltos que os Turcos derão ao baluarte do mar, & ao dos combates: & referese hum caso de hum esforçado soldado.

AVião peraquelles dias os Turcos batido o baluarte do mar, & aberto nelle grande caminho para ser acõmettido da gente. Polo que à terça feira seguinte, que forão vinte nove do mes, forão juntas cinquoenta barcas das galès, & galeões que na armada vinhão, & embarcados nellas settecẽtos homẽs, & Mahamud Queuan Bec por Capitão delles. E em rõpendo a manhãa à som de muitos clarões o forão acõmetter. E antes de chegarem ao baluarte, os nossos lhes tirarão da fortaleza certos tiros, com que lhe metterão no fundo duas barcas. E saindo das outras a gente de que o desembarcadouro era capaz, acõmetterão a subida, que ja lhes era facil. Ao q̃ os que nas barcas ficavão ajudavão, defendendo com seus arcos, & espingardas apparecer ninguem nos repairos. Subindo asi os inimigos, Antonio de Sousa, & os companheiros os vierão receber, lançando nelles muitos artificios de fogo, & apôs isso pondolhes as lanças, os fizerão descer, em que lhes pesou, matando algũs delles. E sendo feridos pelos das barcas tres, ou quatro dos do baluarte, cuidando os inimigos que era maior o danno, tornarão à subir, & insistir na entrada: o que tam rijo lhes foi resistido, que em fim mui de pressa tornarão à se descer, & embarcandose se tornarão. E pratticando entre si que fora afronta para elles desistirem do que acõmetterão, sendo tam poucos os que lhe resistião, derão todos volta, & tornarão à combater o baluarte. Antonio de Sousa, & os que nelle estavão vendo a volta dos Turcos, derãose por perdidos, & como taes determinarão de vender as vidas. E antes q̃ os inimigos desembarcassem, ja erão com elles, fazendolhes tal resistencia, que poucos puderão desembarcar. E asi por a pressa que Antonio de Sousa, & os seus lhes davão, como por serem varejados da fortaleza, cheos de medo, & de vergonha se tornarão à embarcar, levando muitas apupadas dos da fortaleza. Vendo Queuan Bec, que era Capitão mui esforçado, o pou-

o pouco que tinhão feito naquelles dous acõmettimentos,& quanto lhes tinha custado, os fez tornar, & pôndose elle na dianteira em chegando ao baluarte, foi ferido mortalmente de hum berço, de que ao outro dia morreo. E de outros tiros de bombardas forão as barcas arrombadas, per que com dobrada vergonha se tornarão, deixando quarenta mortos, & levando muito numero de feridos. Dos do baluarte morrerão dous, & forão feridos cinco. Das barcas que a nossa artelharia arrõbou, como a marè entam vazava, forão pela agoa algũs
10 Turcos, q̃ as outras suas barcas não puderão tomar, aos quaes Antonio da Silveira mandou hũa almadia, & em ella algũs homẽs, para que os trouxessem: mas ellesescandalizados dos males que dos seus tinhão recebidos, os matavão, & à poder de brados, que do baluarte da barra lhe davão, trouxerão sós dous vivos.

Os feridos nossos mandou Antonio de Sousa à fortaleza para se curarem, entre os quaes vinha hum Fernão Penteado, homẽ mancebo mui esforçado, natural da Covilhãa, mui mal ferido na cabeça de hũa racha de pedra de bombarda. E
20 porque ao tempo que estes feridos vierão, os Turcos afrontados de asi serem mal tratados dos nossos aquella manhãa no baluarte do mar, querendo logo vingarse, cõmetterão o baluarte dos combates, & asi apertavão como quem queria cobrar o perdido. Durando a peleja, aconteceo à Fernão Penteado, de que atras fallamos, hum caso que he para lembrar: & foi, que chegando ao cirurgião que o curasse da ferida q̃ dissemos, achou occupado na cura d'outro ferido, dos q̃ do cõbate vinhão, & ao redor de si tinha outros dez, ou doze esperando por vez para serem curados: & ouvindo Fernão Pen-
30 teado os gritos, & estrondo que o combate causava, não lhe sofrendo o coração não acudir là, & acharse presente, não esperãdo ser curado, disse ao cirurgião, que curasse outro, & correndo como pode se foi ao combate, & envolvendose na peleja, que foi mui brava, ouve outra grande ferida tambem na cabeça, & apertado asi de duas, tornou ao cirurgião, ao qual achou muito mais occupado. E como à aquelle tẽpo os Turcos apertassem muito os nossos, & elles com dobrado esforço, & fervor lhes resistissem, ouviasse fora hum horrendo estrondo, & concorrencia de vozes: o que sentindo Fernão Pẽ-
40 teado, deixando o que compria à sua saude, & vida, parecen-

Lopo de Sousa Coutinho.

„ dolhe que lá acquietaria mais seu espirito, tornou à peleja,
„ não como ferido, mas com novas forças, & espiritos, onde re
„ cebeo outra ferida de hum pique que lhe encravou o braço
„ dereito, & entam impedido delle, se vèo curar de todas tres;
„ dando mostra de seu grande animo, & valentia, das quaes sen
„ do todas mui perigosas escapou. Durou aquelle combate hũ bom espaço, em que dos nossos morrerão tres, & forão feridos muitos. Dos Turcos morrerão mais de vinte, & forão feridos mais de cento. A este tempo se achavão dos nossos para pelejar dozentos & cinquoenta homẽs, pouco mais, ou menos, & desses muitos feridos, & os mais erão mortos; avia mais settenta homẽs que em nenhũa maneira podião tomar armas. E dos inimigos (segundo se soube per tormento dos dous Turcos que se tomarão das barcas) erão mortos à aquelle tempo mais de oitocentos, & estavão feridos mais de mil.

CAPITVLO. XVI.

Do grande assalto que os Turcos derão à fortaleza com quatorze mil homẽs de peleja, & do grande aperto em que a poserão, com morte de muitos dos nossos.

Lopo de Sousa Coutinho.

Este assalto que foi o ultimo que os Turcos derão à fortaleza, não estava escritto nos quadernos de Ioão de Barros, nos quaes avia duas folhas em branco para se escrever.

„ VENDO os Turcos que nos passados combates não tinhão aproveitado mais que gastarem o tempo, & diminuirem suas forças, & temendose do soccorro que os nossos esperavão do Visorei, quiserão dar hum assalto com toda a sua gente, & averigoarem de hũa vez o que podião fazer contra os Portugueses, & não iremse desfazendo pouco & pouco, como a experiencia lhes mostrava. Para isto determinarão de usar de manha, fingindo que se querião ir, & deixar Dio, para tornarem com granpe poder, & tomarem a fortaleza de improviso. E quando vèo ao outro dia, que forão trinta de Outubro, não curarão de continuar a peleja cõ os nossos, sòmente tirarão algũs tiros aos muros, como sempre fazião, com que de todo tinhão roto o repairo do baluarte, & desfeitas as casas do Capitão, & parte das de Lopo de Sousa Coutinho. Mas aquelle dia à tarde para maior disimulação sairão de suas estancias à vista da fortaleza mais de mil homẽs com sua bandeira, & passando pela villa dos Rumes se vierão pela

praia embarcar na armada,que estava à aquella parte, para q̃ „
os nossos cuidassem,que levantavão o cerco,& fizeraõse logo „
à vella doze galès,& forão na volta do mar, para q̃ os nossos „
mais se descuidassem Mas Antonio da Silveira,que por seu en „
tẽdimẽto,& grãde providẽcia antevèo o engano,nũca se tãto „
temeo como entam,& com muita diligencia proveo todo o „
necessario para resistir à todos engenhos, & machinas com q̃ „
os inimigos o podião acõmetter.E andando vigiando tudo o „
que compria,quando acabava a segunda vigia,em que a Lũa „
10 ja era posta,hũa das vigias que no baluarte dos combates vi- „
giava,disse sentir ao pè do mesmo baluarte,& per outros luga „
res gente que com muito silencio movia madeira.Para o que „
Antonio da Silveira mandou que deitassem hũa panella de „
polvora,&vissem o que era.Cõ a claridade que a polvora fez, „
se virão muitas escadas que os inimigos punhão nos lugares „
onde avião de servir.O Capitão vendo tanto numero de es- „
cadas,creo que por suas casas,& pela estancia de Lopo de Sou „
sa querião os inimigos acõmetter,porque hũas,& outras es- „
tavão batidas.E para que elles não podessem arvorar as esca- „
20 das,mandou que nenhũ espingardeiro fizesse tiro, senão aos „
inimigos que viessem pegar dellas.E que os das lanças, & ou- „
tras armas se oppossessem aos portaes &roturas das paredes ba „
tidas. „

Os Turcos que de dia na vista de todos se embarcarão,co- „
mo foi noute desembarcarão todos, & se vierão para as estan „
cias onde os Mouros estavão,& juntamente os mais dos Capi „
tães de toda a armada. E sendo postos em ordem por Iuçuf „
Hamed Capitão do mar,& por Barharan Bec, homẽs esforça „
dos,& pratticos na guerra, quando começou a manhãa se ap- „
30 presentarão ante a fortaleza em tres batalhas de mui luzi- „
da gente,em que averia quatro mil homẽs.Tras estes estavão „
dez mil,das companhias de Aluchan,& de Coge Sofar,derra- „
mados,que com innumeraveis tiros esperavão o assalto. An- „
tes de outra cousa desppararão toda a sua artelharia nos luga- „
res per onde esperavão entrar, & cessando as bombardas, a „
primeira d'aquellas tres batalhas,seguindo hũa bandeira ver „
melha, à som de muitos atambores, & clarões, rompendo o „
àr com gritos, arremetterão hũs ao baluarte, & os outros às „
escadas,que tentarão levantar pelas casas do Capitão.Mas co „
40 mo os nossos estavão de aviso para sò nellas empregarẽ seus „
tiros,

„ tiros,& nos que dellas ſe quiſeſſem aproveitar, deſparavão,
„ & tratavão os inimigos de maneira que quantos à ellas vie-
„ rão cairão mortos,ou gravemẽte feridos, ſem algũ tiro ſe per-
„ der:porque como o lugar era pequeno para tamanho corpo
„ de gente,não ficava tiro algum em vão. Polo que morrendo
„ quantos nas eſcadas ſe occupavão, ſe ajuntarão todos em hũ
„ corpo para a entrada do baluarte,o que aos noſſos foi menos
„ trabalhoſo por ſe não dividir o combate,ſendo elles tam pou
„ cos.Naquelle inſtante,aſsi a gente das batalhas, como os de
„ Coge Sofar,começarão à deſparar innumeravel copia de ti- 10
„ ros de eſpingardas,& de frechas,com que ſe cobria o àr,& fa-
„ zia hum horrendo eſpectaculo,por ſer a gente tanta, & junta
„ em pequeno eſpaço.Os noſſos da outra parte com muitos ar
„ tificios de fogo,& panellas de polvora, que lançavão em lu-
„ gar tam cheo de gente,cauſavão, que de hũa parte, & outra,
„ ouveſſe hum immenſo eſtrondo, & confuſão de vozes, gri-
„ tando hũs que morrião, & outros incitando que mataſ-
„ ſem,hũs atraveſſados das frechas dos arcos,& pelouros das eſ-
„ pingardas,& outros apparecendo queimados feitos braſa, &
„ em tudo brados,& gemidos,& varias imagẽes de morte. No 20
„ meſmo tempo vierão quatorze galès Reaes,& baſtardas che
„ gandoſe à eſtacada,& deſcarregarão muitas vezes ſua artelha
„ ria na fortaleza,mas ſem effeito algum, das quaes Franciſco
„ de Gouvea de algũas bombardadas que do ſeu baluarte da
„ barra lhe tirou, deſapparelhou duas, matandolhe algũa gẽ-
„ te,& as fez afaſtar.E ſendo ja dos Turcos mais de dozẽtos en-
„ cima do baluarte com ſua bandeira levantada, ſe ajuntarão
„ dos noſſos vinte cinco, ou trinta homẽs na praça que ja
„ diſſemos que ſe fazia ſobre o repairo do baluarte,às lançadas,
„ & com artificios de fogo,matando muitos,& com elles o Al- 30
„ ferez,os fizerão perder o que tinhão ganhado, & com iſto ſe
„ reforçou a peleja, & ſe foi embravecendo mais. Achandoſe
„ em ella Martim Vàz Pacheco cavalleiro mui esforçado, que
„ com muito animo ſoſtinha o impeto dos inimigos, & tendo
„ mortos muitos delles,foi ferido de hum pique por baxo da fal
„ dra do coſſolete,de que caio logo morto.O que vẽdo Gabriel
„ Pacheco ſeu primo,& grande amigo,que nunca ſe delle apar-
„ tava,que era hum mancebo mui esforçado,& de grandes eſ-
„ peranças,movido de grande dor,& deſejos de vingar ſua mor
„ te,ferindo,& matando nos inimigos,foi ferido de duas gran- 40

des feridas no rostro com que dobrou o pelejar: & sendolhe „
ditto per hum da companhia que se fosse curar, & não quisses- „
se que seu esforço, & mocidade se perdesse tam em breve, „
respondeo, que pois seu primo, & grande amigo era morto, „
a vida lhe não servia ja de nada, & perseverando na peleja foi „
ferido na cabeça de húa espingardada, de que caio logo mor- „
to sobre o corpo de seu primo, dando em idade de poucos an- „
nos grande exemplo de esforço, & de amizade. Durando esta „
revolta, do baluarte do mar, & da torre de S. Thomè dispara- „
10 rão algũs tiros de camelettes, que como por a multidão da gẽ „
te junta, & apinhoada não podião dar em vão, lhes fizerão „
grande danno. Estando pois os Turcos nesta contenda de „
entrar, & os nossos de lho defender, hum homem que estava „
mettido em húa rasgadura do repairo tirando com húa espin „
garda, & aquella descarregada, dandolhe outra, matou mui- „
tos sem perder tiro, & de hum matou o segundo Alferez, que „
ao primeiro succedeo. „

Sendo desta primeira batalha mortos os melhores, & mui „
tos feridos, comeÇarão os nossos à apertalos muito. Os da se- „
20 gunda batalha, em que vinhão homẽs escolhidos, vendo esta „
quebra, fizerão afastar os primeiros, & subirão ao baluarte cõ „
quatro bandeiras que levantarão, & com grande furia aperta „
vão aos nossos, q̃ lhe arremesavão, muitos zargũchos, pedras, „
& artificios de fogo, & os de fora infinito numero de espin- „
gardadas, & frechadas, com que as lanças, & as mãos dos nos- „
sos que as tinhão, & as rodellas, & os rostros encravavão. „
Muitos dos nossos feridos, & com suas faces cheas de sangue „
descião do muro, & lugares da peleja à curarse. Outros abrasa „
dos, & queimados do fogo da polvora, com o desassessego das „
30 dores, corrião como furiosos, de que algũs que em lugares da „
fortaleza acharão tinas d'agoa salgada, se mettião nellas, cui- „
dando de mitigar aquelles ardores cõ a frialdade d'agoa, mas „
como era salgada lhes acrescentava mais a dor, & alli expira- „
vão. O Capitão Antonio da Silveira, que em seu animo pade „
cia o mal de todos, não assessegava, & esforçando à hũs, & „
exhortando à outros, & consolando à todos, & provendo à „
todos os lugares, mandava aos espingardeiros que continuas- „
sem em seus tiros, porque em todo lugar podião os inimigos „
ser feridos. O que bem guardou hum, que tendo deitada a pol- „
40 vora na espingarda, não achando pelouro, com o fervor da „
peleja

,, peleja,lançou mão à hũ dente(que per ventura teria abalado)
,, & arrancãdo o atacou à espingarda com elle,& atirou aos ini
,, migos.Esta segũda batalha tinha ganhado mais que a primei
,, ra,posto que tinha ante si mui esforçados cavalleiros, entre
,, os quaes se acharão Antonio Mendez de Vasconcellos, Gon
,, çalo Vàz Coutinho,Manoel de Vasconcellos, Cide de Sou-
,, sà,Francisco de Gouvea,que despois de fazer afastar do ba-
,, luarte as galès se vèo ao combate,Rodrigo de Proença Capi-
,, tão do mesmo baluarte,Duarte Mendez,Simão Furtado,Ro
,, drigo Alvarez,Manoel Moreno, Francisco Mendez de Vas- 10
,, cõcellos,Lançarote Pereira,Antonio Coelho, Lourenço de
,, Mello,Antonio Foreiro,Paio Rodriguez de Araujo,Manoel
,, de Aguiar,Bartholomeu Freire, Diogo da Silva Almoxarife,
,, Bartholomeu Correa,Manoel Rodriguez,Gil Thomè, Fran
,, cisco Serrão,Francisco Enriquez Tesoureiro, & outros mui
,, valentes homẽs:os quaes como trabalhassem por sostèr o pe-
,, so de tantos inimigos,Rodrigo de Proença cavalleiro mui es-
,, forçado,q̃ alli tinha pelejado mui valentemẽte,& tinha mor-
,, tos muitos per suas mãos,tirando a vista à hũ elmette q̃ tinha
,, na cabeça, lhe deu hũa frecha pelos olhos,q̃ voltando ao ce 20
,, rebro,o matou,q̃ todos sentirão muito por perder tal homẽ
,, em tal tẽpo.No mesmo lugar Antonio de Vasconcellos sen-
,, do ferido de duas feridas,de q̃ hũa era mortal,não cessando de
,, pelejar,sobre ellas foi ferido de hũ tiro de berço pelo ombro
,, esquerdo,& passado da outra parte, de que nesse dia morreo.
,, E assi morrerão,& forão feridos outros muitos.Durando a fu
,, ria desta peleja,hũ Ioão Rodriguez mancebo valẽte natural
,, das Ilhas,trazendo às costas hũa jarra de polvora tapada,em q̃
,, averia hũa arroba, q̃ para aquelle effeito tinha guardada,segũ
,, do a falta avia della, subindo ao baluarte, & fazẽdo afastar 30
,, os q̃ defendião a entrada aos Turcos,lhes disse, q̃ o deixassem
,, passar,q̃ à seus ombros levava a morte para si,& para os con-
,, trarios.E rõpendo per entre elles arremetteo aos Turcos, &
,, ajudandose das mãos,lançou a jarra entre elles, & com muita
,, presteza se recolheo entre os nossos A jarra posto q̃ mui rija
,, era,como caio em pedras quebrou,& tomou fogo à polvora,
,, com q̃ levou pelos ares mais de vinte Turcos feitos brasas,&
,, chamuscou outros muitos. O q̃ sendo favorecido dos nossos
,, cõ outros artificios de fogo,& panellas de polvora, dãdo o fo
,, go nos alferezes,arderão elles,& as bãdeiras,& dãdo os nossos 40

às

às trõbettas,& nomeando vittoria,& ferindo,& matádo nelles,os forão empuxando. Os espingardeiros Portugueses não cessavão de mui à pressa despararẽ seus tiros,de q̃ nenhũ ficava em vão. A aqlle mesmo tẽpo o baluarte do mar desparou hũa bõbarda,q̃ dádo o pelouro ao pè do baluarte,em q̃ o cõbate se dava,como tudo o em q̃ deu fosse gẽte,matou,&despedaçou muitos.Não tardou outro tiro q̃ disparou do baluarte de S. Thomè,q̃ dando o pelouro no mesmo lugar,fez outro tãto dáno,perq̃ a furia dos Turcos começou à remittirse. E como os nossos de cima tratassem da mesma maneira aos q̃ debaxo pelejavão,lhes derribarão outras duas bandeiras q̃ ficavão, & aos Alferezes que as tinhão,começarão à levalos de vencida.

A terceira batalha vendo o fim que ouvera a segunda, fazendo apartar os feridos,& cansados, com novas bandeiras, se poserão no lugar delles. Mas como estavão à vista do que os nossos fizerão d'aquellas duas batalhas, que tam animosamente pelejarão,parecia q̃ o não fazião com tanto calor. Andava entre elles no mais aspero da peleja ferindo com grande esforço,& incitando os seus à outro tanto Carahacen genro de Coge Sofar, q̃ dezião ser Ianiçaro de nação, ao qual por ser differente dos outros,assi na disposição,& esforço, como nas ricas armas q̃ trazia, lhe foi deitada hũa grande panella de polvora,que dando nelle o abrasou, queimandolhe o rostro, pernas,& braços, o qual com grandes gritos se saio, ficando todo feo,& aleijado,do q̃ se elle despois gloriava. Com a falta deste homem,q̃ era cabeça d'aquella batalha,afloxarão muito os inimigos,posto que entre elles avia outros muito esforçados.Os nossos avendo tanto tempo que com seus desfallecidos,& feridos corpos sostinhão o peso da peleja, cobrando novos espiritos, & renovando a peleja, fizerão aos Turcos descerem do baluarte,& volver as costas retirandose, & deixar o que tinhão acquirido,com morte de tantos bõos cavalleiros seus,& nossos.Durou este grande,& perfiado combate mais de quatro horas, sem os Portugueses tomarem folego, porque sempre pelejavão os mesmos, o que não era nos inimigos,que por serem tantos se renovavão.

Lançados assi os Turcos do baluarte, se forão às suas estancias com grande silencio,como acontece aos que receberão algum grande mal, deixando tinto de sangue todo o sitio que pelejando occupavão,& dos seus mortos naquelle

combate

„ combate mais de quinhentos dos mais esforçados, & levan-
„ do feridos mais de mil. Este combate por ser o que mais espa
„ ço durou, & dado per tantos mil homẽs juntos em hum cor-
„ po, foi o que chegou aos nossos ao ultimo da affliçáo, & des-
„ troição total, se Deos lhes não valera. Porque nelle foráo mor
„ tos dos nossos quatorze homẽs esforçados, & feridos mais de
„ dozentos de crueis feridas: polo que não ficavão mais que
„ quarenta homẽs para poderem pelejar. Passado o meio dia, cõ
„ meçarão os Turcos de recolherse às galès, levando a artelha-
„ ria meuda, que com menos abalo seu, & sem vista dos nossos 10
„ podião levar, esperando por a noute para recolherẽ a grossa. E
„ para mais facilidade de a embarcarẽ, chegarãose as galès mais
„ à villa dos Rumes do que estavão, & por encobrirem sua de-
„ terminação, não deixou por isso sua artelharia de tirar à forta-
„ leza, como fazião de antes.

CAPITVLO. XVII.

*Da que o Capitão Antonio da Silveira fez quando os Turcos cessa-
rão dos combates, & das causas per que tam de subito
levantarão o cerco.* 20

Lopo de Sousa Coutinho. „ AO tempo que os Turcos se retirarão, & desisti-
„ rão de seus combates, estava a fortaleza no mais
„ infelice, & miseravel estado que podia ser: por-
„ que da gente que a defendia grande parte era
„ morta, & toda a mais ferida, sós ficavão quaren
„ ta homẽs (como dissemos) que podião tomar armas. As muni
„ ções erão todas desfeitas. A polvora de bombarda, em que
„ consistia a principal defensão era acabada, & as vasilhas della 30
„ varridas. Da de espingarda não avia mais que a que cada es-
„ pingardeiro trazia em seu frasco mal cheo. As lanças erão to-
„ das quebradas, que não servião se não para bordões, em que
„ se arrimavão os feridos, & aleijados. Ver o edificio da forta-
„ leza era hum triste, & medonho espectaculo: porque pela par
„ te de fora da continua bateria estava toda arruinada, & pela
„ de dentro, com a necessidade que avia de pedra para os repai-
„ ros que continuo fazião os nossos, desfizerão muitas casas, &
„ paredes, & parecião ruinas de casas que com algum terremo-
„ to cairão. Em nenhũa cousa punhão aquelles cercados os 40

olhos,

olhos; de que pudessem esperar remedio, nem defensão, se não no invencivel animo de seu Capitão Antonio da Silveira o qual tanta seguridade mostrava em seu rostro, & assi esforçava à todos, que lhes dava esperança, não sòmente de se defenderem com aquelle pouco, mas de offenderem aos inimigos, & com tanta confiança o affirmava, que parecia não faltar cousa algũa das necessarias, & que tudo se reformara. Mas elle consigo de nenhũa maneira se assegurou na desistencia que os Turcos fizerão de seus costumados combates, & de mostrarem que se embarcavão. Porque tinha para si, que era outro tal estratagema, & ardil, como o do dia atras passado. Polo que com muita vigilancia mandou prover esse pouco que avia, esperando ser combatido. E vendo que na casa da polvora não avia algũa, mandou descarregar certas bombardas que estavão carregadas, & esta polvora repartio per certas panellas que se buscarão; porque tambem isso era acabado nos combates. Os lugares que estavão fracos fez repairar, & ajuntar nelles muita pedra solta para arremessar. Pelos muros mandou pôr os poucos espingardeiros que avia em seus lugares. E para que parecessem mais dos que erão, vierão aos muros muitos dos feridos que podião andar, & se punhão entre os sãos, para fazer volume, & gente. E muitos dos que em cama estavão, se mandavão levar aos muros, parecendolhes que acabavão mais honradamente, morrendo no lugar, onde ouverão de morrer sendo sãos. Com este pequeno apparato estava o Capitão esperando o successo que Deos ordenasse. A gente estava tam leda em seu aspecto, como quem do estado em que estava esperava em breve glorioso fim, ou morte santa, & honrada, que como caliz de sua ultima determinação tinhão bebido. O que não sòmente mostravão os homẽs, mas as molheres, que para tal empresa dizem que algũas se armarão. Aquella noute para que a gente estivesse vigilante, & não se descuidassem algum momento, mandou o Capitão dar algũs rebates falsos em que se vio o que farião quando de verdade vissem os inimigos consigo.

Polo contrario nos Turcos começou à crescer novo receo. Porq̃ como no combate passado, onde metterão o resto de tudo o que podião, lhe succedeo tam mal, morrendo tãtos homẽs da flor da sua gente, & ficãdo todos os outros feridos,

lhes pareceo que deviáo mudar o conselho, & tornaremse pa ra suas terras. Isto não foi medo que inconsideradamente tomarão Soleimão Baxia, & os seus; más discursos que fizerão, & cousas que concorrerão, perque vierão entender que lhes compria asi. Porque como se elles forão fazendo tantos menos, & as munições, & os mantimẽtos lhes iáo faltando, com que os da terra ja lhe acodiáo de mà vontade, não se fiava o Baxia do Aluchan, de Coge Sofar, & dos Guzarates que tinha armados consigo, & em cuja terra estava, & que sabia lhe não terem sãa vontade, receava que vendo sua fraqueza emprenderiáo contra elle algũa novidade. Isto nasceo da soberba de Soleimão, & dos seus, que logo na entrada tratarão tam mal à Aluchan (como temos ditto) perque se vèo ausentar delles. Chegouse à isto saberse por as sellas que se lhe perderão em Madrefabat, & por os selleiros que traziáo, ser sua determinação (como dissemos) per terra conquistarem o Reino de Cambaia. O que se mais entendeo, por mandar Soleimão Baxia, quando logo vèo, hum seu Faratebec por Embaxador à el Rei de Cambaia, & à seus Governadores, noteficandolhes sua vinda, que dizia ser à fim de vingar a morte de Soltam Badur, & encarregar à este seu enviado que lhe comprasse em Abmadabad os mais cavallos que podesse. O què sentindo os Governadores, o detiverão quarenta, ou cinquoenta dias, sem lhe dar lugar que fallasse à el Rei, nem licença para comprar cavallo algum, antes se defendeo, que ninguem lhos vendesse, avendo muitos na cidade. E por as novas q̃ Aluchan, & Coge Sofar escreviáo à el Rei, & aos Governadores, do q̃ sentiáo da tenção de Soleimão, lhes respõderão, q̃ se a fortaleza de Dio se podesse tomar da mão dos Portugueses, para ficar cõ el Rei de Cambaia, q̃ trabalhassem nisso; mas não para ficar em poder dos Turcos: porque antes queriáo nossa sojeição que a soberba delles. Coge Sofar per outra parte que de Soleimão andava mui escandalizado, ainda que o disimulava, por o pouco respeito com que o chamava, & mandava como hũ seu escravo, determinava de o não deixar sem algũa vingança, a qual Deos permittio que elle intentasse para a fortaleza se não acabar de perder.

Avia naquelles dias proximos, q̃ em Chaul estava parte da armada q̃ de Goa vinha em soccorro de Dio, & erão as vellas que atras dissemos que Nuno da Cunha mandara per

Martim

Martim Afonso de Mello. E vendo Coge Sofar naquelle dia do grande assalto, & ultimo combate, que dando outro segundo combate, estando a fortaleza desfeita como estava, sem duvida seria entrada, & sabendo o temor que ja Soleimão tinha, com grande pressa mandou per terra hum seu criado, de que muito fiava à Madrefabat, dandolhe hũa carta, a qual elle fingia que lhe escrevia Cide Acut seu Capitão que tinha em Surat. E nella se continha, que à aquelle porto erão chegados trinta navios da nossa armada que ficava em Baçaim, que era de cento & cinquoenta vellas, em que vinhão seis mil soldados, & que mandava o Visorei aquellas diante em soccorro à fortaleza de Dio, que lhe fazia à saber esta nova pot o muito que lhe importava. A este seu criado mandou Coge Sofar, que em Madrefabat tomasse hũa galvetta, que he hum barco mui leve, & se mettesse pelo meio da armada dos Turcos, & se o tomassem, dissesse como era seu, & vinha de Surat com aquella carta de Cide Acut seu Capitão para elle. Este criado vèo na galveta, & tanto que foi no porto de Dio, os Turcos o tomarão, & levarão ao Baxia, o qual sabendo que trazia recado à Coge Sofar, o mandou chamar, appresentandolhe o criado, que lhe deu a carta. Coge Sofar à leô entre si, & no fim della se mostrou triste, & deu conta ao Baxia do que lhe seu Capitão escrevia, por o muito que importava saber aquella nova para se aperceber. Soleimão como era sabedor disimulou a nova, & para fazer o que esperava, espedio à Coge Sofar, & aquella noute fez grande matinada, dando à entender, qne era para ao outro dia dar combate. E para se Soleimão mais apressar em sua partida, acertou de ouvir muitos tiros de bombarda, que se tiravão em Madrefabat, que erão de certas fustas que o Visorei Dom Garcia mandara per Antonio da Silva, para de longe com ellas favorecer nossa fortaleza, & crèrem os Turcos, que tras ellas vinha a armada do Visorei. Com isto ficou tam acreditada a carta de Coge Sofar, q̃ pareceo à Soleimão que pela manhãa seria a armada com elle. Polo que cõ grande pressa recolheo aquella noute à mais artelharia que pode, & a outra entregou à Coge Sofar, & juntamẽte as estancias, em q̃ lhe mandou q̃ posesse sua gente, para q̃ a sua ida se não sentisse, & os nossos lha não impedissem, como quẽ ignorava o q̃ na fortaleza passava, & as faltas

que nella avia de tudo. De maneira que ja se temiáo os Turcos de os nossos cõmetterem. Tantas são as mudanças que ha nas cousas humanas.

Lopo de Sousa Coutinho. „ Ao outro dia, que era dia da festa de todos os Santos, que „ os nossos esperavão fosse o derradeiro de sua vida, & em que „ com morte honrosa darião fim à seus trabalhos, estando com „ as armas prestes para o que viesse, lhes amanheceo hũa bem „ assombrada, & quieta manhãa, sem as costumadas alvora- „ das de tanta artelharia, de que perpetuamente erão persegui- „ dos, & sem verem nenhũa da inimiga gente de que estavão 10 „ cercados, que parecia cousa de encantamento, & que os nos- „ sos cuidavão que era sonho em que estavão. Os inimigos „ no mesmo dia, estando ao longo da praia meia legoa da forta „ leza, com outros seis dias seguintes que mais estiverão, fize- „ rão sua agoada, & tomarão o necessario para sua viagem, „ que os naturaes da terra, vendoos destroçados, ao costume „ do Mundo, lhes impedião, matandose algũs de hũa parte, & „ outra.

„ Nestes dias não se descuidava Antonio da Silveira, nem „ dormia, antes como se as mostras dos Turcos fossem falsas fa 20 „ zia officio de Capitão vigilante, repairando os lugares rotos, „ & levantando mais a torre que detras do baluarte fizera, & „ ajuntando muita pedra para novos repairos, se necessarios „ fossem. E no mesmo dia de todos os Santos à tarde, em que „ claro se vio a ida dos Turcos, & como a gente de Coge Sofar „ occupava o lugar que elles deixarão, mandou o Capitão dar „ algũs rebates, não tanto por o danno que lhes podia fazer, co „ mo porque os Mouros não conhecessem nossa fraqueza, & „ quisessem proseguir o que pelos Turcos não podera ser aca- „ bado: & para que lhes derribassem as trincheiras, que dentro 30 „ em nossa cava tinhão plantadas. Para o que mandou Anto- „ nio da Veiga Feitor da fortaleza com vinte cinco homẽs, o „ qual dando nas estancias, matando algũs, & afugentando „ muitos, derribou as mais vezinhas à nos. Em quanto isto se „ fez, hum dos soldados chegou à hum bastião que achou des- „ pejado, com hũa bandeira ainda arborada, que com a pressa „ os Mouros nelle deixarão, & hũa grande peça d'artelharia de „ metal: & tomando a bandeira, tornouse para Antonio da Vei „ ga, à quem deu relação da bombarda que vira, & elle a deu à „ Antonio da Silveira, & lhe pedio licença para a ir recolher, 40

que

que com grande importunação lha concedeo. Saio Antonio da Veiga da fortaleza mui galante de medalha, & plumas com algũs soldados, & chegado ao lugar onde estava a bombarda, vio que era arrebentada, & querendòa asi mandar levar, foi morto de hum pilouro de hũa espingarda que de mui longe hum Mouro tirou à montão à aquella parte, & deu na cabeça à Antonio da Veiga, que estava no meio de seus soldados, & era o mais pequeno de corpo de todos elles. Foi este caso mui sentido do Capitão pola perda d'aquelle homem, 10 & por succeder contra sua vontade, forçado da importunação de Antonio da Veiga: o que deve ser aviso para se não aver nenhum lugar por seguro, pois està o perigo tam certo onde se elle menos espera.

Os Turcos feita sua agoada, & deixando mortos tantos, & tam valentes homẽs, & gastadas innumeraveis munições, & com muito menos vellas das que trouxerão, que per diversos casos se lhes perderão, & desbaratados se fizerão à vella aos cinquo dias d'aquelle mes de Novembro do anno de MDXXXVIII. E como vẽtasse o Levante rijo, & se achas- 20 sem carregados com tanto numero de feridos, tornarão à surgir no mesmo lugar, aonde ao outro dia à tarde q̃ era o sexto dia do mes, desembarcarão dos feridos os mais perigosos, que não podião sofrer o trabalho de tam longa viagem, & se tornarão logo a fazer à vella. E como o vẽto abrandou mais, saírão à hũa ponta que està hũa legoa & meia da fortaleza contra a enseada de Cambaia, & alli surgirão, para como a marè da noute vazasse darem às vellas. Aquella mesma noute chegarão à fortaleza de Dio duas fustas das sette da cõpanhia de Antonio da Silva de Meneses, que (como dissemos) estava 30 em Madrefabat. Em hũa dellas vinha Dõ Luis de Taide, em outra Dõ Martinho de Sousa, que trazião homẽs bem armados, & outras cousas necessarias.[a] Na mesma noute às onze horas pôs a gente de Coge Sofar fogo à cidade per muitas partes, & queimada a desampararão, & se forão. E ao mesmo tempo as galès dos Turcos, & os mais navios seus derão às vellas, & seguirão o caminho do Mar roxo, & forão deixando pelas terras onde aportavão mais de quatrocentos feridos, à que não podião acodir.

Este foi o fim d'aquelle grande, & memoravel cerco de 40 Dio, que soou per todo o Mundo, & perque de Antonio da

a. Escreve Diogo do Couto no cap. 4. do liv 5. que na madrugada do dia primeiro de Novembro chegara à fortaleza Francisco de Sequeira o Malavar cõ aviso da vinda de Antonio da Silva, o qual aos vj. de Novembro sobre a tarde, avendo vista da terra, & da armada Turquesca; se fora detẽdo para de noute cõmetter a barra de Dio, o q̃ não quiserão fazer Dom Luis de Taide, & Dom Martinho de Sousa, q̃ vinhão na sua companhia: & q̃ na manhãa seguinte, sendo partida d'aquella noute antes a armada, entrara Antonio da Silva com todas as suas fustas em Dio, onde no Caez o esperou; & recebeo com grandes mostras de alegria Antonio da Silveira, & q̃ aquelle proprio dia escreverão ambos ao Visorei tudo o q̃ avia passado, despachando com as cartas o mesmo Francisco de Sequeira.

„ Silveira, & dos que com elle forão, ficarà ſempre perpetua
„ lembrança.

CAPITVLO XVIII.

Do que aconteceo à Soleimão Baxia, como foi em Conſtantinopla, & do fim que ouve.

„ AVENDO recontado ſobre a vinda dos Ru-
„ mes à India, as grandes crueldades, & tyrannias 10
„ nunca viſtas, que Soleimão Baxia ſeu Capitão
„ uſou com os homẽs de ſua meſma lei, & vaſſal-
„ los de ſeu meſmo Senhor, de quem não recebe
„ ra aggravo, mas ſerviços, & hoſpitalidade, pareceonos que pa
„ ra exemplo dos que os feitos d'aquelle homem ouvirão, ſe
„ devia tambem fazer menção do fim que ouve, para que ſe
„ ſaiba que nunca a divina juſtiça ſe eſquece do caſtigo que
„ aos maos ſe deve, ainda que por ſeus ſecretos juyzos dilate a
„ execução delle.[a] Proſiguindo pois Soleimão Baxia ſua via-
gem pelo Mar roxo, pelos meſmos caminhos que trouxe, 20
tornou à Conſtantinopla per grandes trabalhos do tempo
que levou, onde na terra achou outros peores. Porque como
a molher do Gram Turco lhe tinha odio por a criação que
fez em Muſtafà filho de Soleimão ſeu marido, que tinha
perfilhado: tanto que elle foi em Conſtantinopla, fez com
Vcerà Baxia (que eſtivera no Cairo por Governador em
auſencia de Soleimão Baxia) que contra Soleimão mo-
veſſe algũa culpa das que cõmettera no Cairo, em tempo
de ſeu governo, perque vieſſem à màs razões: & avendo mo
do para iſſo, o mataſſe, que ella o livraria, & faria com ſeu 30
marido lhe deſſe à elle o cargo do ſello que elle tinha; & ſeu
lugar. Aſſentado iſto, eſtando elles, & outros Baxias fallan-
do, trouxe Vcerà propoſito para vir fallar em couſas do
Cairo, & dizer à Soleimão, que de hũs certos tributos que
elle levantara no Cairo, não ouvera o gram Senhor couſa
algũa. Deſta prattica ſe eſcandalizou Soleimão Baxia tanto;
por ſua idade, & autoridade, & muita valia, q̃ ſoltou muitas pa
lavras mui feas, & injurioſas contra Vcerà; & mui anojado
ſe foi para ſua caſa. O Gram Turco ſabendo o caſo, mandou
chamar Vcerà, & lhe perguntou, que palavras forão as que 40
diſſera

a. Da põta de Iaquette atraveſſou Soleimão à coſta da Arabia, onde aos xxviij. de Novẽbro foi tomar Acer lugar d'el Rei de Dofar, o qual mãdou preſentar ao Baxia quarẽta Portugueſes q̃ alli eſtavão fazendo ſuas mercadorias, q̃ ſe aferrolharão logo nas galès.

Aos xvj. de Dezembro ſurgio no porto de Adem, na qual deixou por Capitão Emir Muſtafà com quinhentos Turcos, guarnecendo a fortaleza de cem peças d'artelharia, & provendoa de muitas munições, & mantimentos, & de cinco fuſtas para ſerviço da fortaleza. Na praia de Zebit (onde degollarão à el Rei Nacodà) mãdou cortar as cabeças, narizes, & orelhas aos Portugueſes que levava, entre os quaes foi Franciſco Pacheco, & ſeus companheiros: o que tudo fez ſalgar, & enviou de preſente ao Grã Turco, para moſtrar as grandes cruezas que deixava feitas nos Portugueſes.

Diog. do Couto cap. 4. liv. 5.

dissera à Soleimão, porq̃ elle se anojara. Vcerà lhas contou, & para o indinar contra Soleimão, lhe descobrio outras culpas. O Turco em algũa maneira desculpou à Soleimão, dizendo, q̃ tudo o q̃ elle acquiria era para Mustafà seu filho, q̃ tinha feito seu herdeiro. Mas ainda q̃ não culpou muito à Soleimão, toda via se indinou contra elle, por se ir para casa sem primeiro lhe fazer queixume de Vcerà. Com este impeto lhe mandou pedir o sello per hum seu porteiro de Camara, com algũas palavras, de que Soleimão ficou descontente. E mandandolhe o sello, se foi para hũa sua quintãa, aonde o Turco o mandou chamar, o qual crèndo que este chamado era para o mataré, por não dar esse gosto ao Turco, se matou elle com peçonha, & o Turco mandou recolher sua fazenda, & ao Vcerà deu seu sello, & lugar. De maneira, que aquelle que tantos roubos fez à outros, fazendose Senhor de suas fazendas, lhe forão confiscadas suas grandes riquezas, & o que à outros tirou os Estados, & os officios, & a honra, em hũa hora se vio privado da honra, & da grandeza de seu officio. E o que foi matador de tantos homẽs sem culpas, foi elle o matador, & algoz de si mesmo por as suas.

CAPITVLO. XIX.

Como Dom Garcia de Noronha chegou à India, & foi entregue do governo della, & da armada que ajuntou para ir soccorrer Dio.

OR não interrõper o processo q̃ contavamos do cerco em q̃ os Turcos, & Guzarates tinhão à fortaleza de Dio, que começara em tempo de Nuno da Cunha, & q̃ cõ a ordẽ q̃ à elle dera se acabou, não fallamos atè agora na vinda, & entrega do governo do Visorei Dõ Garcia de Noronha, q̃ ainda não era chegado à India. Porq̃ começãdo o cerco dos Turcos à iiij. dias de Settẽbro de MDXXXVIII. & o de Luchan, & Cõge Sofar muitos dias antes. Dõ Garcia de Noronha chegou à xiiij do mesmo mes de Settẽbro. E à xxvj. se soube em Dio a nova da sua chegada. Tornando pois à elle, & à sua armada, sendo elRei Dõ Ioão certificado de diversas partes da armada dos Turcos, que estava em Suez para ir à India, determinou

 de

de mandar à ella na Primavera d'aquelle anno por Visorei Dom Garcia de Noronha, asi polas partes, & qualidades de sua pessoa, como per sua prudencia, & esforço, mostrado em todas as occasiões em que se na India achou em companhia do grande Afonso de Alburquerque seu tio. Partio Dom Garcia de Noronha deste Reino no anno de MDXXXVIII. cõ hũa armada de doze naos com tres mil homẽs d'armas, em q̃ entravão muitos fidalgos, & moradores da casa d'el Rei, & outra gente limpa, & honrada.

Os Capitães erão estes, Dom Ioão de Castro cunhado do mesmo Visorei, filho de Dom Alvaro de Castro Governador da casa do Civel, que despois foi por Governador à India, & là foi feito Visorei della.[a] Dom Garcia de Castro filho de Dom Francisco de Castro, que ia para Capitão de Goa, Dom Christovão da Gama filho do Conde Almirante Dom Vasco da Gama, provido da fortaleza de Malaca. Rui Lourenço de Tavora filho de Alvaro Pirez de Tavora Senhor do Mogadouro, que levava a Capitania de Baçaim, Dom Ioão Deça filho de Dom Pedro Deça Alcaide mòr de Moura, despachado com Goa, Dom Francisco de Meneses filho de Dõ Enrique de Noronha, irmão do Marques de Villareal, que ia para Capitão de Baçaim, Luis Falcão filho de Ioão Falcão, provido da mesma fortaleza, Ioão de Sepulveda filho de Diogo de Sepulveda, Francisco Pereira de Berredo, & Bernardim da Silveira filho de Francisco da Silveira Coudel mòr, que se perdeo sem saber onde, nem como,[b] indo todos os outros à salvamento.[c] Dom Garcia chegou com as onze naos à Moçambique, donde despedio para o Reino com as novas da sua boa viagem Enrique de Sousa Chichorro, na nao em que alli viera com seu irmão Aleixo de Sousa, & partido de Moçambique chegou à Goa, como dissemos, à xiiij. de Settembro, de MDXXXVIII. onde Nuno da Cunha estava, que lhe logo entregou a governança com as solennidades costumadas. E como as causas porque el Rei Dom Ioão mandou à India Dom Garcia de Noronha por Visorei, com tantas naos, & tanta gente nobre, & escolhida, era o receo que tinha de ir de Suez hũa grande armada de Turcos, à fim de lançarẽ os Portugueses da India. Tanto que Dom Garcia chegou à Goa, se começou à fazer prestes, & com mais diligencia, por os Turcos estarem ja sobre Dio, & terem em cerco a fortaleza. E posto

Frotta da India do anno de MDXXXVIII.

[a]. Despachou elRei à Dõ Ioão de Castro para ir à India cõ a fortaleza de Ormuz, q̃ elle não aceitou, dizendo, q̃ a não tinha merecido, q̃ como a merecesse lhe faria S. A. merce della, o q̃ elRei estimou muito, & lhe fez merce de quatrocẽtos mil reaes de tẽça, em quãto andasse na India.

[b]. Nesta nao de Bernardim da Silveira embarcarão todos os homiziados, degradados, & condenados à morte, que se tirarão das cadeas do Reino, parece q̃ quis Deos fazer justiça delles, ja q̃ em Portugal se não fizera.

[c]. Os fidalgos aventureiros q̃ se embarcarão nesta armada, forão Dom Alvaro, & Dõ Bernardo filhos do Visorei Dom Garcia, Dõ Martinho de Sousa filho de Dõ Iorge, Dõ Ioão Manoel o Alabastro filho de Dõ Nuno, Dõ Luis de Taide, q̃ despois foi Conde de Atouguia, & Visorei da India duas vezes, filho de Dom Afonso de Taide, Dõ Antonio de Noronha Catarràs, Fernão da Silva Commendador, & Alcaide mòr de Alpalhãa, Dõ Diogo de Almeida o Alfenim, Dom Ioão Mascarenhas, Francisco Lopez de Sousa, & Pero Lopez de Sousa seu irmão, Dõ Ioão Enriquez, Dõ Duarte Deça, Manoel de Mendoça, Ioão de Mendoça, & Diogo de Mẽdoça, irmãos, filhos de Antonio Furtado de Mendoça, dos quaes Ioão de Mendoça governou a India, Dõ Iorge de Meneses, q̃ despois se chamou Barochè, & outros muitos fidalgos, & cavalleiros.

„ Foi tambẽ nesta armada Dõ Frei Ioão de Alburquerque segũdo Bispo de Goa, frade da ordem de S. Francisco da Provincia da Piedade de Portugal, varão de grande virtude, & religião, q̃ succedeo à Dõ Francisco de Mello primeiro Bispo d'aquella cidade (q̃ oje he Metropolitana) o qual morreo antes de passar à India.

posto que tratarmos da armada que ajuntou para a ir socco-
rrer, pode parecer à algũs que he tirar a materia aos que hão
de continuar esta historia da India, & escrever as cousas do
mesmo Dom Garcia, considerado bem, não he asi. Porque
como aquella armada se apercebeo para soccorro d'aquelle
cerco, que nos proposemos contar atè o fim, & o cerco se co-
meçou em tempo do Governador Nuno da Cunha, & per
sua ordem, sem Dom Garcia nisso poder intervir, por elle che
gar do Reino quando os nossos estavão ja cercados, & com
10 as armas nas mãos: & porque sobre a ditta armada, & partida
della deu Nuno da Cunha seu parecer per cartas que aqui re-
feriremos, não he defraudar o que se ao diante per outros es-
crever, pois desta armada não resultou effeitto algum, por pri
meiro se acabar o cerco, que Dom Garcia se acabasse de de-
terminar.

Vindo pois a armada, como Dom Garcia foi mandado por
Visorei, principalmente para resistir aos Turcos, & em Portu
gal, & outras partes engrandecião mais a potencia da arma-
da, do que na verdade era, determinou Dom Garcia de fazer
20 outra tam grande, com que se defendesse Dio, & assegurasse o
Estado da India, em que o Turco tanto desejava metter o pè.
Polo que elle ajuntou cento & settenta vellas, em que avia
dezasette galeões, de que erão eleitos Capitães Dom Bernar-
do de Noronha seu filho, em que avia de ir o Visorei seu pai,
Antonio de Lemos, Dom Paio de Noronha, Dõ Iorge Tel-
lo, Dom Ioão Lobo, Luis Xira, Dom Garcia de Castro, Enri
que de Sousa, Balthasar da Silva, Vasco da Cunha, Dõ Fran-
cisco de Lima, Fernão de Moraes, Bernabè Drago, Fernão de
Castro, Pedralvarez de Mesquita, Dom Iorge de Castro, &
30 Francisco Pereira o moço.

Quinze naos, de que os Capitães erão estes, Dom Ioão
Deça, Pero de Faria, Francisco Pereira de Berredo, Gonçalo
Pereira, Rui Lourenço de Tavora, Christovão da Gama,
Luis Falcão, Dom Manoel de Meneses, Tristão Fogaça, Fer-
não Rodriguez de Castellobranco Veedor da Fazenda, Mi-
guel Froes, Ioão Iusarte, Garcia de Sà, Luis Coutinho, & Fran
cisco Freire.

Sette caravellas, de q̃ erão Capitães Antonio Correa, Ma-
noel de Mello, Diogo de Sousa, Christovão de Mello, Frãcis-
40 co de Barros de Paiva, Frãcisco da Cunha, & Bastião de Sousa.

Oito galès, de que iáo por Capitáes Martim Afonso de Sousa, Dom Pedro de Castelbranco, Dom Ioão de Castro, Dom Alvaro de Noronha, Ioão de Mendoça, Fernão de Lima, Diogo Lopez de Sousa, & Ioão de Sousa.

Dezoito galeottas, Capitães dellas, Dom Diogo de Almeida, Martim Afonso de Mello, Martim Correa, Antonio da Silva, Manoel de Sousa, Francisco de Sá, Fernão de Sousa, Iorge de Lima, Antonio Mendez de Vasconcellos, Dom Ioão de Meneses, Bernardim de Sousa, Vicente Pegado, Dõ Tristão de Monroi, Francisco de Meneses, Iorge de Mello de Sousa, Dom Manoel de Lima, & Pero Vàz Guedez. 10

Nove bargantijs, de que erão Capitães Antonio de Sà, Alvaro de Mendoça, Valençuela, Dom Diogo de Almeida, Diogo de Mesquita, Gaspar Rodriguez, Lopo de Sousa, Bras Fernandez, & hum Tanadar mòr.

Trinta & tres fustas, Capitães dellas Dom Christovão da Gama, Afonso Bernardez, Antonio Pereira, Dom Manoel de Lima, Diogo Fernãdez, Moniz Sardinha, o Patrão môr, Gaspar de Sousa Freire, Dom Francisco de Noronha, Francisco Mendez de Vasconcellos, Dom Luis de Taide, Dom Martinho de Sousa, Francisco de Ilhes, Matheus Pereira, Gaspar Mendez, Pero Barriga, Thomè Velloso, Francisco Mendez, Fernão de Lemos, Alvaro de Sequeira, Francisco Velho, Ieronimo de Figueiredo, Balthasar Pimentel, Gonçalo Alvarez, Iacome Tristão, Thomè Gomez, Antonio Fernandez Malavar, Antonio Iorge, & outras quatro que vierão de Cananor em companhia de Manoel Sodrè. 20

Treze catùres, Capitães Lourenço Botelho, Frãcisco Martiz, Mañoel Afonso, Philippe Rodriguez, Thomè Nunez, Iorge Fernandez, Duarte Pereira, Francisco Diaz, Antonio Boto, Antonio Fernandez, Francisco de Sequeira, Ioão de Cordova, & Afonso Luis. 30

Avia mais vinte catùres, & fustas d'el Rei, & de partes que andavão no caminho de Goa para Dio com recados, & afora estas vellas, avia outras de mantimentos, & munições, que per todas fazião a ditta somma de cẽto & settenta, nas quaes estavão para embarcar quatro mil & quinhentos homẽs d'armas, afora a gente do mar, & remeiros da terra.

**
*

40

CAPITVLO. XX.

Como o Visorei Dom Garcia estava indeterminado sobre a maneira perque acõmetteria os Rumes, & do conselho que nisso lhe deu Nuno da Cunha.

TENDO ja o Visorei Dom Garcia prestes de tudo a armada, & a gente que nella se avia de embarcar em ordem, não se acabava de determinar sobre o modo perque avia de acõmetter os Turcos, & como as naos, & navios avião de pelejar. Polo que se ia perdendo a occasião de acudir à tempo aos cercados de tantos inimigos. E tendo sobre isso muitos conselhos, quis saber o parecer de Nuno da Cunha, por lho el Rei mandar asi, quando do Reino partio, por a muita experiencia que tinha da guerra d'aquellas partes, & do governo dellas. E alem de Dom Garcia tèr muitas vezes pratticado com Nuno da Cunha sobre isso, estando elle ainda em Goa, aos xv. dias de Outubro, lhe mandou o Visorei pedir seu parecer per escritto, mostrandolhe hũa carta que Antonio da Silveira lhe escreveo de Dio, dandolhe conta do estado em que estava: & o voto de Nuno da Cunha, sem acrescentar, nem diminuir cousa algũa referiremos aqui, por ser de homẽ tam insigne, & tam prudente.

Senhor, eu vi a carta que me V.S. mandou mostrar de Antonio da Silveira, que agora Dom Duarte trouxe de Dio. E na primeira parte della se agasta muito da bateria que lhe dão, & de como o apertão, & que lhe fizerão cerrar as ameas do baluarte de Garcia de Sà, & asi que lhe tinhão derribado hũa amea nelle, & outra sobre a porta, & que Dio he mui fraco. E torna logo abaxo à dizer, que ha seis dias que batem nelle, principalmente no baluarte de Garcia de Sà, & que lhe tem feito pouco nojo: & que a artelharia com que diz que lhe tirão são tres basiliscos, & tres espalhafatos, & muitas esperas, & meias esperas, & falcões, & berços, & que isto lhe tirão todo los dias manhãa, & tarde continuadamente. E não aponta que lhe tenhão morto, nem ferido homem, donde parece que não he Dio tam fraco, como elle o faz na primeira parte da sua carta. E asi vi o que escreveo à V.S. per Sequeira, & tenho eu esperança que os quatro catùres que V.S. tem mandado com hũs homẽs fidalgos, se entrarem em Dio, que não sòmente esforçarão

çarão os que là ora estão fracos, & cansados, mas segurarão a fortaleza que não aja medo dos Rumes. E quanto ao que diz do baluarte do mar, tambem ei que lhe he feito muito pouco nojo: porque se V. S. soubesse quam pequena cousa he, & quam fraca, espantarse ia como podem nelle estar quarenta homẽs, que Antonio da Silveira diz que tem, sem os matarem todos, com mui pouco nojo que lhe fizessem. Asi Senhor, que a fortaleza não me parece que està tam fraca como dizem, & mais està nella Antonio da Silveira, que he tam especial cavalleiro, & outros fidalgos, à que V. S. sabe o nome, que todos sobre ella hão de morrer. Quanto a mingoa da polvora que diz que tem, & da q̃ poderão tèr, & tambem de mantimentos, não indo V. S. tam prestes, à isto não posso eu mais dizer do que sempre disse: quanto compre vossa ida d'aqui ser mui cedo. E ainda q̃ se faça prestes com tanta pressa quanta pode, vejo eu lançar mão de tantos navios, que serão causa de tardardes muito, & tambem de espalhardes a gente, artelharia, & munições, donde ficareis mais fraco. E pareceme à mi, que se poderão escolher entre todas estas vellas oitenta mui boas, & para em qualquer parte da Christandade serem de receber, & para as temer, & recear, que para cinquo mil homẽs que V. S. podera levar, esta armada bastava, porque iria ella mui chea de gente, & mui bem aparelhada para tudo o que comprisse. E eu cada vez que fiz fundamento de pelejar com os Rumes, nunca pus ponto em mais que settenta, ou oitenta vellas, & asi se acharà per minhas cartas, que à el Rei Nosso Senhor tenho escritto, & esta me parecia que era a força da India, porque a mais avia eu por fraqueza. Esta armada se poderà aparelhar mui prestes, & as mais naos, & navios de Chatijs, & todalas outras serão necessarias para vos levarem mantimentos, polvora, & outras cousas, de que tereis necessidade: & he bem que cada dia vos và soccorro do que comprir, asi para vossa armada, como para bastecerdes a fortaleza cada vez que quiserdes. E eu ei segundo as novas dos que vem a armada, de quam mal aparelhada ella està, & tambem Antonio da Silveira escreve, que a maior parte da vittoria està na presteza da ida de V. S. E tambem valerà muito sua ida para esforçar os Guzarates que não fação partido com os Rumes para os recolherem na terra, & falob ão com V. S. para os destruir. Se V. S. tam cedo não pode ir por algũs negocios, ou impedimentos que terá, pode fazer hum feito mui honrado nelles, & com muita segurança, q̃ he tomar quinze, ou vinte fustas, & catùres, os mais leves, & melhores que para isso

isso se acharem, com hum homem principal que vá nelles por Capitão, à que dará a mais honra que pode dar à nenhũa pessoa, & escolheitos tambem Capitães para os outros navios, homẽs que saibão a guerra, & valentes cavalleiros que aqui hà; & com muitas panellas de polvora, & espingardas, não duvido eu, que indo estes navios, que podem levar trezentos, ou quatrocentos homẽs, que dando nas galès de noute, ou antemanhãa, que lhe não fiquem meia duzia nas mãos tomadas, ou queimadas. E isto tudo Senhor são passos seguros, porque elles não tem navios, que se remem para lhe fazer nojo, se se delles quiserem sair, nem podem estar apercebidos para saberem parte da armada que vai, nem o que vai fazer. E polos hão em tanta confusão, pela esperança que tem que ha de ir V. S. cada hora, que ficarão meios desbaratados. E podeis Senhor isto julgar, polo alvoroço em que vos porião, se dessem na vossa armada de noute outros tantos navios: & quiça que alargarão Dio desta maneira, ou o soccorrereis, com que não aja medo à todo Mundo. E assi podem ir em companhia destes, tres ou quatro fustas grandes de Chatijs, que aqui ha muitas boas, carregadas de biscouto, & polvora, para que em estes dando, na volta possão ellas passar, & entrar em Dio, & darlhe o que levarem. Esta gente, & armada que V. S. manda, não desfaz na vossa; porque là a tem diante, & estam prestes, & se està mal esquipada, irse ha esquipando pelos rios. Eu lhe digo isto como seu servidor, & com aquellas salvas com que lhe ja disse outras cousas: & tambem por me parecer serviço d'el Rei Nosso Senhor. E peçolhe por merce, que não queira que nisto lhe ponhão muitos inconvenientes diante, porque as cousas da guerra não se perdem senão per inconvenientes, & em cousa que tanto importa, como he tomar Dio, ou salvar Dio, muito mais se deve aventurar, quanto mais que isto que eu digo são passos mui seguros, indo nisso homem que o saiba mui bem fazer, & escolhendo bõos homẽs. Este Senhor he o meu parecer, que V. S. quis que lhe desse per escritto.

A este parecer respondeo o Visorei Dom Garcia à Nuno da Cunha com esta carta.

Senhor vi este parecer de V. S. & por minha salvação, & assi me Deos valha, que fico tam contente delle, como fiquei de mi de acertar de ir per estes passos cà no parecer que tomei com estes Senhores. E para saber que todos somos desta volta, ordenamos de mandar seis fustas as melhores, & mais remeiras, & quatro catures com ellas, & Antonio da Silva por Capitão mòr, & vão dar rebate de noute ou de dia, como melhor poderem nas galès. E porque os quatro catures, que são diante, os hão de metter em muita confusão, & vendo agora outra volta de fustas

fustas sobre si, ha lhes de parecer que eu devo estar perto: Asi Senhor que seguimos o parecer de V.S. que me à mi parece mui bem, & temos nos bem acertado, em tèr mandado taes cavalleiros naquelles catùres, q̃ certo hão de entrar dentro: & eu dou oje este dia os Rumes por venci dos, tanto q̃ nos elles virem, que aquelle apresarse à cõbater a fortaleza per muitas partes, não he senão saber que sua salvação està em tomar a fortaleza. Quanto à minha ida d'aqui, este foi sempre meu proposito, porme no mar com esta armada que aqui tenho, & lhe beijo as mãos por essa lembrança que me faz, & asi o farei. E o que he feito atè agora, parece obra de São frei Gil, nem se fez mais na calçada dos galhardos, pois atè oje que são dezoito de Outtubro não temos mais que dous mil fardos de arroz, que ontem chegarão, trabalhando tanto por aver mantimentos, que isto he o que nos aqui estorvou, com acharmos esta armada de todo desapercebida, que a pouca esperança que V.S. tinha de virem estes homẽs à esta terra, & que em Portugal asi tambem se cuidava: este foi o engano que Nosso Senhor permittio que tivessemos; mas ha nolo de pagar na honra que avemos de levar em os desbaratar. Beijo as mãos de V.S. oje xviij. de Outtubro, de MDXXXVIII.

CAPITVLO. XXI.

Do aggravo que o Visorei Dom Garcia fez à Nuno da Cunha sobre sua embarcação: & como apercebendose em Cochij para se vir para o Reino, escreveo hũa carta ao Visorei em resposta de algũas suas.

ESTAS cousas, & outras desta qualidade, passarão entre o Visorei, & Nuno da Cunha, em q̃ ambos estavão conformes. Mas como he costume do Mundo, mòrmente de Portugueses, que não são hũs amigos das honras dos outros, & muito mais dos que andão na India, que aos Governadores que acabão tratão mal, & com ingratidão, ainda aos que o melhor fazem, por grangearem aos que vem; não faltarão homẽs que ante Dom Garcia calumniarão à Nuno da Cunha de descuidado, de não tèr feitos maiores

iores apercebimentos; [a] para tamanha armada como era a que eſparava dos Turcos, & outras couſas, & mexericos, que podeſſem dannar a vontade à Dom Garcia. Mas Nuno da Cunha por furtar o corpo à aquellas calumnias, ſendo o tempo em que Dom Garcia tinha mais neceſsidade de ſeu conſelho, por ſua muita prudencia, & experiencia, ſe foi à Cochij, à ſe fazer preſtes para vir à Portugal. E tendo elle proviſão d'el Rei, para em quanto eſtiveſſe em Cochij, deſpois de alargar a governança, uſar dos poderes de Governador, que antes tinha, & fazer a carga da pimenta, & tomar para ſua peſſoa qualquer nao que quiſeſſe, Dom Garcia lha não guardou, nem lhe quis dar algũa nao das d'el Rei, & chegou à aver cartas, & requerimentos de parte à parte, atè Nuno da Cunha pedir à Dom Garcia, que pois lhe não queria dar nao d'el Rei das que de cà do Reino ião para trazer pimenta, lhe deſſe a nao de hum Armador para vir nella. Ao que Dom Garcia deu por reſpoſta, que elle lha não podia dar por ſer de Armador, à que por razão de ſeu contratto lhe não podia tomar a Capitania. E que alem diſſo que elle Nuno da Cunha avia de occupar tanta parte da nao com ſua peſſoa, & familia, que viria mal carregada: que ſe elle quiſeſſe obrigarſe à pagar todas as perdas, & dános que o Armador pediſſe contra a fazenda d'el Rei, por elle vir naquella nao, o podia fazer, mas que elle lha não podia dar. Finalmente o Feitor do Armador requereo à Nuno da Cunha, que não vieſſe naquella não ſem ſe obrigar às perdas, & dannos que por iſſo o Armador contra elle pediſſe. Com eſtas obrigações, ouve Nuno da Cunha embarcação, ao cabo de dez annos que governou a India, onde alem de muitos, & grandes ſerviços perque merecia mui grande remuneração, fez as fortalezas de Challe, Baçaim, & Dio, que forão de tanta importancia ao Eſtado da India, & do Reino, quanto ſão Ormuz, Goa, & Malaca, que deixou feitas Afonſo de Alburquerqne, à quem tambem no fim de ſeu governo mais o enterrarão ingratidões, que trabalhos, & idade. Eſte pouco reſpeito que à peſſoa de Nuno da Cunha ſe teve na terra, que elle governara tanto tempo, pedindo embarcação para o Reino, que à nenhum homem de grande, ou pequeno eſtado ſe negou, ſentio elle tanto, que ſe crè que junto iſto à ſuas indiſpoſições, lhe cauſou a morte: porque lhe lembrava tambem que em Portugal, para onde elle ia, tinha tantos

emulos,

a. Eſcreve Diogo do Couto no cap. 9. do 3. liv. que o Governador Nuno da Cunha entregou ao Viſorei Dõ Garcia hũa armada que eſtava ja de verga de alto, de oitenta vellas, das quaes as quarenta erão galeões, naos, & caravellas, & as demais galès, & fuſtas, & os almazẽs cheos de muita artelharia, muitas munições, & mantimentos, como quem tinha tudo apercebido para ir buſcar os Rumes, & pelejar com elles.

emulos, & tam poderosos, que farião q̃ se não estranhassem aggravos, que na India se lhe fizerão, mas os terião por gloria. E porque pertence à historia de Nuno da Cunha hũa carta sua, que foi a derradeira que elle escreveo de Cochij ao Visorei, queremos pôr aqui a copia della.

Senhor em Goa mandei à V. S. hũa lembrança, por me parecer que devia eu isto ao serviço d'el Rei Nosso Senhor, por S. A. assi mo mandar per hũa sua carta, que em toda las cousas vos desse meu parecer, & V. S. me disse tambem, que isso mesmo vos mandava S. A. & hum pouco tambem o fazia pola amizade do paço, & pousada que tevemos. E verdadeiramente esta me obrigou à fallarvos verdade, como me obrigara à tomar as armas por vos quando comprira, contra a pessoa à que eu não tevera maiores obrigações. Tambem disso vos fiz Senhor outro escritto de mi à vos, & respondestes à elle mais aspero do que me parecia que convinha, à quem vos tambem aconselhava, & pela resposta que me mandastes, vi eu, que estaveis com tantos receos, & temores, que era escusado respondervos naquelle tempo, nem tambem me parecia serviço d'el Rei Nosso Senhor, & por tanto me calei. Nem agora menos o fizera de Cochij, senão vira outra resposta, & lembrança que fiz à V. S. quando me parti de Goa. Bem vos deve Senhor lembrar, que sempre vos disse quam fracos os Rumes vinhão, & quantas razões para isso vos dei, & que se vos quisereis fazer armada prestes, que bastàra pelejar com estes homẽs, & em que toda a gente que na India tinheis coubera muito bem, vos podereis fazer duas cousas mui grandes, ganhar a mais honra que nunca homem ganhou, & fazer o maior serviço à el Rei Nosso Senhor do que nunca homem fez. Mas pareceme, que folgaveis mais de tomar o conselho d'outros homẽs que o meu, que certo não entendião o negocio tambem como eu entendia. Deverame V. S. à mi de crêr, por aver dez annos que esta terra governava, & conhecia a gente della, & as cousas como se avião de ordenar, & fazer: & se vos nisso fallava verdade, ou não, a saida do negocio o mostrou. Eu sempre Senhor vos disse, & à todos os homẽs com que fallei, q̃ pois se os Rumes punhão à cõbater Dio, q̃ não avião de pelejar com vossa armada; pois se desejaveis de pelejar com elles, devera lhe à V. S. lembrar, que tinhão elles sesenta & tres vellas, nas quaes trazião seis, ou sette mil homẽs de peleja, & vos fizestes cento & settenta para levardes quatro mil & quinhentos, atè cinco mil. E pois tendo tantas vellas, & tam grandes, peçovos por merce, que me digais como avieis de repartir vossa gente, & artelharia, tendo disto mui pouco; & mais que tam grande armada, & desnecessaria vos gastava

tava o tempo, & o dinheiro. Asi que eu à estas cousas lhe não sei pôr o nome: & porque eu via isto tudo, lembrava à V. S. que mandasse duas naos à S. A. que desfazião mui pouco em vossa armada, & acrecentaveis muito no credito, asi do Reino, como deste Malavar, que quasi estava levantado por isso. E quem com os Rumes quiser pelejar, não avia de ser com muitas vellas, & sem gente, senão com navios escolhidos, & cheos de gente que lhe bastasse. E quanto ao que Senhor dizeis, que tinheis a espada dos Rumes sobre vosso pescoço, antes que V. S. chegasse ja eu sabia que erão vindos, & não avia que me tinhão
10 elles tanto a espada sobre o pescoço; antes me parecia, que ficando eu nesta terra, & vindome a gente que cõ vosco veio, que era hũa das maiores merces que me Deos neste Mundo podia fazer, pelejar eu com elles: porque esperava eu nelle que me desse vittoria. E quando disso não fora servido, não sei eu jornada em que melhor podera acabar, nem mais honradamente, que nesta. Porque asi como vos Senhor dezião, que erão tantas as galès de Turcos, & tantos medos, com isso mettião tambem dizeremlhe todos os que os virão, & os que escrevião de Dio, quam desesquipadas erão, & como se não podião bolir; & os homẽs que de là vierão fugidos, confessavão, que escaçamente podião virar a popa
20 com o remo. Pois à estes se devera dar credito, porque o medo faz parecer que os inimigos trazem asas para voar, & pois lhas elles não achavão, ainda o mal não era muito. Asi Senhor, que por estas razões vos podereis tèr armada mui grande, & mais mandar para o Reino carga que bastara para S. A. sostèr os gastos, & o credito que ha mester que tenha. E quanto ao offerecimento que lhe eu agora fiz do dinheiro, & cravo, não era de nenhũ homem desses que querião ir ao Reino, nẽ vos requeria que mandasseis pessoa nenhũa, & pois vos achaveis offerecimento disso per outras pessoas, sereis vos muito de culpar em o não aceitardes para soccorrer à S. A. cõ carga de tres naos: sendo cousa q̃ quan-
30 do me elle mais lembrança fazia dos Rumes, me mandava, que não perdesse o cuidado da carga q̃ avia de ir para o Reino. Mas tornando â fallar no dinheiro que eu dava, eu vos juro por vida de meu pai, que nenhũa pessoa aqui mettia dinheiro, senão eu q̃ o queria emprestar, & meus criados, asi algũs q̃ na India ficavão, como os que comigo levo. E quanto ao que V. S. diz, que algũas pessoas lhe aconselhavão que me fizesse requerimentos para que eu ficasse na India, per ventura o não farião esses homẽs, senão per lhe parecer que era para hũa cousa de tamanho peso, como esta era, & teria eu muitas qualidades para terem de mi necessidade. E quando me vos Senhor requerereis, ou elles,
40 não ouvera de ser para ficar per homem d'armas, que não me pario

minha mai senão para Capitão, & não vosso lascarim; senão se fora para tomar parte do trabalho, de mandar, & pelejar, & me ser dado muito credito para aconselhar. Ora vos Senhor para esta primeira não me destes disso nenhũa parte, nem ma offerecestes: & para a segunda, que he o conselho, vos nunca o tomastes meu, & agora nesta vossa resposta me dizeis, que vos dou conselho sem mo pedirdes. Assi que não sei para que minha ficada fosse na India, senão fosse para testemunha de muitas cousas que me não parecião bem. E deveraa vos de lembrar, que Dom Francisco de Almeida em Cananor topou vosso tio que vinha de Ormuz, & lhe offereceo a metade da armada, & da honra, & que fossem aos Rumes, & elle o não quis fazer. E eu com menos comprimento que me fizerão, folgara de servir à Deos, & à el Rei Nosso Senhor. Quanto à pôr fazenda, & criados por serviço de Deos, & de S. A. isso sem vosso conselho fiz eu ja muitas vezes: & que he o que eu fiz dez annos ha nesta terra, onde me são mortos tantos? não fallo em irmãos, que tambem morrerão em seu officio. E que vos Senhor pelejaseis muitas vezes, & eu algo tenho feito disso, & se me não ferirão, dou eu muitas graças à Deos, que não foi por me não pôr em lugar, onde se os cavalleiros, & Capitães devião pôr. E assi tambem me diz V. S. que me não quisestes fazer requerimentos, acerca de me pedirdes dinheiro, como el Rei Nosso Senhor mandava, se o eu tevera, bem escusado erão os taes requerimentos, porque eu o dera com mui boa vontade, & não dera a minha prata por prata quebrada, & a de Frandes por prata baxa, de que vos agora servis à vossa mesa, & assi vos dava toda a minha dourada, que a quebrasseis, & fizesseis della o que quisesseis. Mandai Senhor olhar as contas dos Feitores de Goa, & das outras fortalezas, & achareis quanto dinheiro emprestei à el Rei Nosso Senhor para suas necessidades. E não sómente lhe emprestei o meu, mas ainda me não paguei de meus ordenados, & levo por arrecadação para o Reino dez mil cruzados de meus proprios vencimentos. Ora vede vos Senhor, se fez nunca isto Governador da India. E quanto ao que me V. S. diz, que como não tinha eu sentimento da perda do baluarte da villa dos Rumes, & do cerco de Dio, que era cousa que eu fizera, por isso me ia eu para Portugal polos não ver perder ante os meus olhos, sem lhe poder valer. Porque não aproveitavão as lembranças que vos fazia para soccorro de Dio, & me dissestes muitas vezes, que vos não avieis de ir senão com toda a armada junta. Ora quem quer V. S. que estivesse nesta terra, vendo isto que tanto magoava. E pois eu não podia aproveitar em

coũsa algũa, ouve por melhor irme, que ficar nesta terra, vendo mais
verdadeiramente a espada sobre os pescoços dos que estavão em Dio,
que dos que estavão em Goa. E o que pior era, que os homẽs com que
fallava, todos me dizião, que ninguem ousava de volo dizer. Tambem
me dizeis, que me deixastes trazer todos meus criados, & outros que
o não erão, avendo quem vos dissesse à orelha que erão muito ricos, &
que vos poderião emprestar vinte mil cruzados se na India ficassem.
Por estas, & outras cousas que vos Senhor disserão, & V. S. ouvia,
vos mudarão do bom proposito que me dizião que trazieis do Reino, &
10 à mi dannarão a vontade de ficar nesta terra com vosco. Bem se sabe,
que todolos criados que levo, todos erão meus criados, senão hum só,
que vos mandei dizer per Ioão de Paiva, que se quisesseis que ficasse
que ficaria. Pois à serem tam ricos como isso, perguntem à matricola,
& acharse ha, que do meu dinheiro lhe mandei repartir hum conto de
reaes para poderem comprar camisas, & se aperceberem para o Rei-
no. E se algũs cà tenho que tenhão algũa cousa, na India ficão, hũs por
serem officiaes em Baçaim, & outros por estarem em Dio: & outros
porque vos não quisestes que lhes tomassem suas contas, nem os des-
pachassem. E estes criados que eu levo, S. A. mos deu per sua carta,
20 que levasse todos os que me fossem necessarios para segurança de mi-
nha nao. E não sei como tanto caso fazeis disso, porque nestas naos
que ora cà vierão vi eu muitos criados, que vos Senhor destes à ho-
mẽs que nunca tiverão tantos como eu: & alem destes homẽs, muitos
mancebos, que se vão para o Reino pedir satisfação à el Rei Nosso Se-
nhor de serviços que elles nunca fizerão. E assi se vão cà de Cochij ou-
tros muitos, à que se dão licenças, & se pagão muitos soldos aos que se
forem. E mais verdade he isto, que outras muitas cousas que vos à vos
disserão. E ao que me mais dizeis que eu folgava de levar muita car-
ga de pimenta para ser bem recebido no Reino; se vos eu Senhor
30 mal quisera, bem folgara eu de ir sò em hũa nao, como me manda-
veis: porque ahi veria S. A. a differença das cargas que lhe eu sem-
pre mandei, da que lhe mandastes em chegando. Não levo eu para
Portugal para me receberem bem, senão dez annos de muitos servi-
ços que eu nesta terra tenho feitos à S. A. & tam bõos, que tarde vi-
rà à ella Governador que me ponha o pè diante: & vos entreguei à
India de maneira, que polo que eu tenho feito, se desbaratarão os Ru-
mes, sem mais ninguem pelejar com elles, & se tornarão per onde vie-
rão. E tam bastecida de navios, & munições, que de cento & setten-
ta vellas que vos nella ajuntastes, todas achastes na India, & munições
40 para ellas: & não se comprarão outras, senão as que eu tinha nos

almazẽs, aſsi em Goa, como nas outras fortalezas. Não vos peze Senhor de vos responder à toda las couſas meudamente deſta maneira, porque he bem que as ſaibais por mi, pois volas outrem não ha de dizer: porque derredor de V. S. não andão homẽs que me querem bem, & os que cà eſtavão na India, eu lhe tenho feito muitas hõras, & boas obras, & ſei que mo agradecem mal; & por iſſo lançae as barbas em remolho, & fiaivos mais de voſſa diſcrição, & bondade, que da ſua delles.

Ao tempo que Nuno da Cunha eſcreveo eſta carta ao Viſorei, em reſpoſta de outras ſuas, era o negocio de Dio acabado, como atras eſcrevemos, & o Viſorei tinha deſpachado à Martim Afonſo de Souſa para vir em hũa nao, & Vicente Pegado vèo per Capitão de outra com a carga de eſpecearia: os quaes vierão à eſte Reino à ſalvamento, deſpois que chegou a nao de Nuno da Cunha, & diante delle mandou o Viſorei hum navio, de que Antonio da Silva vèo por Capitão, com nova à el Rei da ida dos Rumes. E parece que permittio Deos que antes que Nuno da Cunha partiſſe da India, viſſe duas couſas, os Rumes idos, da maneira que ſe forão, & hum grande numero de cartas que lhe eſcreverão homẽs que ficavão na India, muitos dos quaes tinha elle caſtigado por ſuas culpas, confeſſando todos, quanto ſentião ſua partida. Fallamos neſta particularidade por nos ſerem entregues duas arcas de ſeus papeis, de cuja relação nos composemos o diſcurſo de ſeus feitos. E as feſtas que eſte Reino tinha ordenadas para o receber, mais por enveja, que por culpas ſuas, eſtas calarà a noſſa pena, por honra do meſmo Reino. O que Deos per honra de Nuno da Cunha, & por não dar gloria aos miniſtros dellas, atalhou com ſua morte, da maneira que logo diremos.

(?)

CAPI-

CAPITVLO. XXII.

Como Nuno da Cunha partio da India para Portugal, & no caminho fallesceo.

NVNO da Cunha partindo de Cochij pelo mes de Ianeiro de MDXXXIX. na nao de Duarte Tristão, como dissemos, tam descontente, como à India o espedio, por as razões que lhe fizerão escrever a carta atras, vèo tèr à Cananor mal desposto entre paixão do espirito, & trabalho de sua embarcação. E alli em Cananor saio em terra à se confessar, & tomar o santo Sacramento da Comunhão, onde Fernand'Anes de Soutomaior Capitão da fortaleza, por elle vir asi mal disposto, & agastado, o recebeo com muito prazer, & agasalhado, como homem agradecido à seu Capitão. Partido d'aqui, foi sua mà disposição crescendo de maneira que cada dia se achava peor. A principal infirmidade forão hũas camaras, & sendo passados cinquoenta dias que navegava, desejou de comer hum pouco de leite de cabras que levava, & posto que lho derão ferrado por sua infirmidade, elle o corrompeo de todo, & chegou à estado, que começou à entender na sua alma, mais que em outra cousa. E alem do testamento que tinha feito, fez per sua mão hũa cedula, na qual disse entre outras palavras, que jurava por aquella hora em que estava, não tèr da fazenda d'el Rei mais que cinco moedas d'ouro, que tomara da fazenda de Soltam Badur Rei de Cambaia, para as mostrar à el Rei em Portugal, por serem fermosas, & grandes. E asi disse outras palavras igoaes à estas, acerca da limpeza de sua pessoa nas obrigações de seu officio. Vendo os seus familiares o estado em que estava, principalmente hum seu Capellão, perguntoulhe se avia por bem que levandoo Nosso Senhor, o trouxessem salgado em hũa pipa, para cà no Reino lhe darem sua sepultura; & elle respondeo: *Que pois Deos avia por bem de o levar no mar, que o mar fosse sua sepultura; pois a terra o não quisera. E se ella tam mal recebia seus serviços, não lhe queria entregar seus ossos.* E vendose apressado da hora da morte, chamou o mesmo Capellão, & lhe disse, que porque podia ser, que não estaria

ainda com defunto que fosse cavalleiro do habito, o que avia de fazer era, que tanto que Nosso Senhor o levasse, tomasse o seu manto da ordem, & lho vestisse, & lhe posesse a espada na cinta, & lhe atassem hum par de camaras de ferro aos pès, porq̃ seu corpo se fosse logo ao fundo, & o lançassem pela varanda no mar, por não fazer torvação na gente da não. O Capellão quando lhe ouvio fallar naquelle estado de sua morte, mostrou em lagrimas, & palavras o sentimento que tinha de lhe ouvir aquellas, ao qual Nuno da Cunha con solou com hũa constancia de animo Christão, & olhando pa ra hum crucifixo que tinha pendurado ante dos olhos, que elle alli mandara pôr, disse: *Senhor pois vos appraz que eu vos và dar conta de minha vida, eu aceito o que vos aveis por vosso serviço, & recebo em grande merce ser antes neste lugar onde estou, que na terra, que não tem os serviços que lhe fiz por taes, que della possa esperar algum galardão. Vos Senhor que soes o galardão verdadeiro, eu volo peço, & vos mo dae, não per justiça, que per ella serei condenado, mas por vossa misericordia, que nunca fallesceo, à quem nella confiou.* Finalmente com estas, & outras palavras de varão prudente, & Catholico, conformandose com a vontade de Deos, lhe entregou sua alma.

Foi Nuno da Cunha filho de Tristão da Cunha, & de sua molher Dona Antonia de Alburquerque. Era à este tempo que fallesceo em idade de cinquoenta & dous annos: foi homem grande de corpo, bem apessoado, & tendo hum olho quebrado, que lhe quebrarão em hum jogo de cannas, em que el Rei Dom Ioão III. jugava, não era nelle fealdade. Foi mui suave, & gracioso na conversação, tendo muita magestade em mandar, & no governo de cousas de sustancia. Era mui humano, & paciente nas paixões que os homẽs tinhão, & mui facil em recolher em sua amizade aquelles que elle sabia que se aggravavão, & murmuravão delle. Foi mui zeloso de fazer bem aos homẽs, & com os que lhe erão ingratos disimulava, & trabalhava por os não perder de ami gos. Na justiça era mui inteiro, sem algũa paixão, & mui limpo em seu officio, sem se enxergar nelle modo algum de cobiça. Teve algũas letras Latinas, & muita discrição em qual quer prattica, como homem que era universal em muitas cousas. Foi inclinado à molheres, de que foi mais notado, por razão do officio que tinha, & autoridade de sua pessoa, que

por

por cõmetter nisso cousa que redundasse em injuria, ou offensa de alguem. Tinha cà no Reino muitos emulos, mais por enveja de o terem por muito rico, que por elle fazer cousas para o ser. Os quaes lhe fizerão muito dauno ante el Rei, por a muita autoridade que tinhão ante elle. Mas o galardão com que ouvera de ser recebido, não quis Deos que o elle visse, & vingou suas injurias com sua morte, por não dar gloria aos que fazião à el Rei crèr mal delle. E ainda permittio, que despois de sua vida, viessem as cousas da India à 10 tal estado, que os dez annos que elle governou fossem sempre lembrados, & seus proprios inimigos que teve na vida louvassem sua pessoa, & obras despois da morte.

(*.*)

FIM DA QVARTA DECADA.